

Maria Tereza Amado

*A Língua do Ver* na Espanha dos Áustrias:  
criação de memória e fixação de ideais.



Évora, 1997

Maria Tereza Amado

*A Língua do Ver* na Espanha dos Áustrias:  
criação de memória e fixação de ideais.

Dissertação de Doutoramento  
em Historiografia



86 111

Universidade de Évora,  
1997

*“ Tienen los libros sus hados ”*  
*Sigalón, fl.2.*

Ao apresentar esta dissertação, quero exprimir o meu melhor agradecimento às entidades e pessoas que, com a sua valiosa ajuda e conselho, o tornaram possível.

À Universidade de Évora, e de forma especial ao Departamento de História, pelas facilidades e estímulo que me deu, testemunho a minha gratidão, consciente de que a compreensão que sempre encontrei foi elemento essencial para oportuna conclusão deste trabalho.

À Fundação Calouste Gulbenkian, que, durante três anos, tão generosamente me ajudou, tornando possível a maior parte da investigação feita em arquivos e bibliotecas estrangeiras, igualmente exprimo o meu grande reconhecimento.

E à Real Academia de la Historia de Madrid, e à Biblioteca da Fundação Severo March, que tão generosamente me permitiram a consulta e transcrição de valiosos reservados, aqui testemunho o meu melhor agradecimento, extensivo à Biblioteca Nacional de Madrid e à Casa de Velásquez, pelas muitas facilidades que me foram dadas.

Quero igualmente expressar público agradecimento ao Senhor Prof. Doutor José Esteves Pereira, que tão generosamente e proficientemente orientou esta obra, contribuindo de modo decisivo para a sua elaboração.

Ao Senhor Prof Doutor Antonio Truyol y Serra, da Universidade Complutense, que com tanta generosidade orientou e referendou a minha investigação em Madrid, aqui deixo também o mais sincero “muito obrigado”

Devo ainda uma palavra de muito reconhecimento ao Senhor Prof. Doutor Fernando Bouza Alvarez, pelo constante e qualificado apoio e orientação que me deu, concorrendo para a concepção do plano definitivo do trabalho.

Igualmente os Senhores Padres Henrique Rema e Professor Doutor José Luis Santos Diéz e o Senhor Dr. Henrique Barrilaro Ruas me deram ajuda preciosa na tradução de numerosos textos latinos - auxílio que devo e quero publicamente agradecer.

E, a finalizar, um “muito obrigado” caloroso a todos os Amigos que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram na elaboração e realização desta obra, sem cujo apoio e ajuda ela não estaria concretizada.

## ÍNDICE

	pág.
Agradecimento	3
ÍNDICE	5
INTRODUÇÃO	13
<b>I - A BIBLIOTHECA NA CONSTITUIÇÃO DA DISCIPLINA HISTÓRICA MODERNA: humanismo, erudição e utilidade política.</b>	<b>25</b>
1. A Ideia de Saber.	27
2. Bibliotheca-Livraria.	45
2.1. Biblioteca Real.	
2.1.1. Mosteiro de San Lorenzo, el Real, de el Escorial.	
- <i>Memorial</i> , de Paez de Castro a Filipe II (1555-1556).	
- <i>Memorial</i> , de Juan Cardona a Filipe II (<1563).	
2.1.2. A Fortaleza de Simancas: Arquivo Central.	
- <i>Instrucción para el gobierno del Archivo</i> (1588).	77
3. Bibliotheca-Catálogo.	
3.1. A Língua como nova Arquitectura.	85
3.1.1. Bibliografia universal: <i>Junta de Libros</i> , de Tomás Tamayo de Vargas.	105
3.1.2. Bibliografia temática: <i>Epitome</i> , de Pinelo&Cocco &Barcio.	109
3.1.3. Bibliografia singular: <i>Bibliotheca</i> , de Joseph Pellicer.	115
3.2. Os Rostos do Saber.	
3.2.1. Um conhecimento universal: Tomás Tamayo de Vargas, Jesuíta e Cronista Mayor.	121
3.2.2. Uma <i>História</i> : Joseph Pellicer, Letrado, Genealogista e Cronista de Espanha.	219
3.2.3. Conclusão.	223

29. Especificação das obras manuscritas e impressas, dentro do conjunto de obras referidas como escritas por autores de textos manuscritos e impressos.	202-203
30. Relação entre a classificação dos autores, e respectivas obras, segundo o suporte material referido em <i>Junta de Libros</i> .	202-203
31. Ciência do Culto: Distribuição das Obras.	204-205
32. Ciência do Culto: Impressos e Manuscritos.	204-205
33. Ciência do Culto: Distribuição das Obras Impressas (Teologia Geral).	204-205
34. Ciência do Culto: Distribuição das Obras Impressas.	206-207
35. Ciência do Culto: Distribuição das Obras Impressas (Sermonário e Bíblia).	210-211

Referentes a *Bibliotheca*.

36. Distribuição das Obras Impressas.	220-221
37. Distribuição das Obras por Temas.	220-221
38. Distribuição dos Temas por Tipo de Obra.	220-221
39. Distribuição das Obras por subtemas específicos: Apologias, História das Antiguidades e Genealogias	220-221

II- Parte

40. Representação de <i>De Institutione</i> , de S. Fox Morcillo, segundo a matriz conceptual que estrutura os tratados.	232-233
41. Representação de <i>Da Historia</i> , de L. Cabrera de Cordoba, segundo a matriz conceptual que estrutura os tratados.	232-233
42. Representação de <i>Arte de Historia</i> , de Pierre Moyne & Francisco Garcia, segundo a matriz conceptual que estrutura os tratados.	232-233
43. Representação de <i>Genio de la Historia B</i> , de Jerónimo de S. José, segundo a matriz conceptual que estrutura os tratados.	232-233
44. Concepção de obra ou a <i>força do dizer</i>	268-269
45. Formação-base de um orador.	270-271
46. Formas-tipo de argumentação.	276-277
47. Cotejo dos exercícios narrativos analisados por Teon, Aftonio e Hermógenes com os processos narrativos apresentados pelos tratadistas de história.	280-281
48. Estrutura dos exercícios narrativos.	284-285
49. Formas de expressão integradas em processos argumentativos.	286-287
50. Esquema caracterizador e formas de distribuição dos elementos de distinção.	294-295
51. Esquema caracterizador e formas de distribuição dos pronomes criadores de sentido identificativo, concreto e particular.	296-297
52. Formas de presença do autor no texto.	296-297
53. Esquema dos elementos constituintes da <i>Frase</i> .	298-299

Índice de Figuras	entre pág.
Introdução	
1. A <i>Palavra</i> como criadora de sentido histórico, para o outro.	16-17
I. Parte	
2. Estrutura da base de dados de <i>Junta de Libros</i> .	108-109
3. Portada da primeira edição de <i>Epitome</i> (1629).	111-112
4. Portada da edição setecentista (1737).	111-112
5. Estrutura da base de dados de <i>Bibliotheca</i> .	116-117
6. Estrutura da base de dados do <i>Dicionário de Autores de Espanhol Antigo</i> .	118-119
Referentes a <i>Junta de Libros</i> .	
7. Distribuição das obras por temas.	138-139
8. Comparação entre Obras Manuscritas e Impressas.	138-139
9. Temática Religiosa (Ciência do Culto e História do Divino).	144-145
10. Temática Religiosa versus Temática Mundana.	146-147
11. Distribuição dos impressos por Período	150-151
12. Arte de Memória: Distribuição das Obras	158-159
13. Arte de Memória: Impressos e Manuscritos.	158-159
14. Arte de Memória: Distribuição das Obras Impressas. (História profana e História do divino).	158-159
15. História Profana: Distribuição por Subtemas.	160-161
16. História do Divino: Distribuição por Subtemas.	164-165
17. Artes de Governação: Distribuição das Obras.	176-177
18. Artes de Governação: Impressos e Manuscritos.	176-177
19. Artes de Governação: Distribuição das Obras Impressas (Política, Milícia, Direito e Da Riqueza).	178-179
20. Comédia: Distribuição das Obras Impressas.	184-185
21. Artes de Governação: Distribuição das Obras Impressas (Rotinas Mundanas).	184-185
22. Arte: Distribuição das Obras.	186-187
23. Arte: Impressos e Manuscritos.	186-187
24. Arte: Distribuição das Obras Impressas (Clássicas, Instrumentos de Humanidades, Poesia e Linguagens de Verossimilhança).	186-187
25. Ciências: Distribuição das Obras.	198-199
26. Ciências: Impressos e Manuscritos.	198-199
27. Ciências: Distribuição das Obras Impressas (Total e Medicina).	198-199
28. Distribuição das obras (manuscritas e impressas) estabelecida em função da forma material de autoria.	202-203

Índice de Mapas	entre pág.
1. Distribuição dos lugares figurados nos diferentes mapas.	122-123
2. Distribuição das tipografias em actividade entre 1453 e 1624 referidas em <i>Junta de Libros</i> .	122-123
3. Distribuição das obras impressas, referidas em <i>Junta de Libros</i> , por local de edição (1453-1624).	122-123
3.A. Distribuição das obras impressas, referidas em <i>Junta de Libros</i> , por local de edição (1453-1535).	122-123
3.B. Distribuição das obras impressas, referidas em <i>Junta de Libros</i> , por local de edição (1536-1602).	122-123
3.C. Distribuição das obras impressas, referidas em <i>Junta de Libros</i> , por local de edição (1603-1624).	122-123
4. Itinerário de algumas casas impressoras referidas em <i>Junta de Libros</i> .	128-129
5. Distribuição das naturalidades dos autores referidos em <i>Junta de Libros</i> .	214-215

#### Índice de Figuras Extra Texto

- I. Matriz conceptual que estrutura os tratados e elementos que a integram.
- II. Representação de *De Institutione*, de S. Fox Morcillo, segundo a ordem sequencial de capítulos.
- III. Representação de *De Institutione*, de S. Fox Morcillo, com indicação das citações de outros autores, segundo a ordem sequencial de capítulos.
- IV. Representação de *De Institutione*, de S. Fox Morcillo, com discriminação de citações, segundo a ordem sequencial de capítulos.
- V. Representação de *Da Historia*, de L. Cabrera de Cordoba, segundo a ordem sequencial de capítulos.
- VI. Representação de *Da Historia*, de L. Cabrera de Cordoba, com indicação das citações de outros autores, segundo a ordem sequencial de capítulos.
- VII. Representação de *Da Historia*, de L. Cabrera de Cordoba, com discriminação de citações, segundo a ordem sequencial de capítulos.
- VIII. Representação de *Genio de la Historia B*, de Jerónimo de S. José, segundo a ordem sequencial de capítulos.
- IX. Representação de *Genio de la Historia B*, de Jerónimo de S. José, com indicação das citações de outros autores, segundo a ordem sequencial de capítulos.
- X. Representação de *Genio de la Historia B*, de Jerónimo de S. José, com discriminação de citações, segundo a ordem sequencial de capítulos.
- XI. Representação de *Arte de Historia*, de Pierre Moyne & Francisco Garcia, segundo a ordem sequencial de capítulos.
- XII. Representação de *Genio de la Historia B*, de Jerónimo de S. José, segundo a ordem sequencial de capítulos e subcapítulos, com indicação de igualdades, semelhanças e diferenças em relação a *Genio de la Historia A*.
- XIII. Distribuição por temas das obras referidas em *Junta de Libros*.



## CAPÍTULO II

54. Estrutura da base de dados de análise da <i>Frase</i> .	306-307
55. Esquema de formas de organização do Nome.	314-315
56. Esquema de formas de organização do sintagma nominal.	314-315
57. Esquema de formas de organização do sintagma verbal.	318-319
58. Esquema do verbo no modo nominal.	324-325
59. Esquema de formas de organização dos pronomes.	330-331
60. Esquema de formas de organização dos pronomes determinativos.	330-331

## CAPÍTULO III

61. Representação comparativa dos tratados segundo a matriz conceptual que os estrutura.	348-349
62. Estrutura da base de dados de <i>Genio de la Historia</i> .	370-371
63. Análise comparativa da versão manuscrita de <i>Genio de la Historia</i> (A) com a versão impressa (B), segundo a ordem sequencial de capítulos.	372-373
64. Representação de <i>Genio de la Historia A</i> , de Jerónimo de S. José, segundo a ordem sequencial de capítulos.	376-377
65. Comparação da sequência de capítulos de <i>Genio de la Historia A</i> com matérias equivalentes em <i>Genio de la Historia B</i> .	376-377
66. Comparação da sequência de frases de <i>Genio de la Historia A</i> com as frases de matérias equivalentes em <i>Genio de la Historia B</i> .	376-377
67. Representação de <i>Genio de la Historia A</i> , de Jerónimo de S. José, com indicação das citações de outros autores, segundo a ordem sequencial de capítulos.	378-379
68. Representação de <i>Genio de la Historia B</i> , de Jerónimo de S. José, segundo a ordem sequencial de capítulos, com indicação de igualdades, semelhanças e diferenças em relação a <i>Genio de la Historia A</i> .	380-381
69. Representação de <i>De Institutione</i> , de S. Fox Morcillo, com indicação dos capítulos que integram diálogos.	402-403
70. Representação percentual das falas das principais personagens de <i>Sigalión</i> , de Pedro Fernandez del Pulgar.	404-405
71. Representação de <i>Sigalión</i> , de Pedro Fernandez del Pulgar, segundo a ordem sequencial do diálogo, com discriminação das principais personagens: Sigalión, Candido, Luciano, Hunnibaldo e Annio.	404-405
72. Representação percentual das personagens que integram a 2ª cena de <i>Sigalión</i> , de Pedro Fernandez del Pulgar.	406-407
73. Representação de <i>Sigalión</i> , de Pedro Fernandez del Pulgar, segundo a ordem sequencial das falas da 2ª cena, com discriminação das principais personagens: Sigalión, Candido, Argaiz, Barleth, Quintanilla, Sota e Roig.	406-407

## ANEXOS

### ANEXO I

#### 1. A BIBLIOTHECA

1.1. *Junta de Libros*, de Tomás Tamayo de Vargas - transcrição do manuscrito existente na Biblioteca Nacional de Madrid, reconvertido para Base de Dados (Access) e materiais de análise.

1.2. *Bibliotheca*, de Pellicer - transcrição do documento reconvertido para Base de Dados (Access) e materiais de análise.

### ANEXO II

#### DISCURSOS ACERCA DA NATUREZA DA HISTÓRIA

##### 1. Regras de análise do *Corpus*.

1.1. Critérios de transcrição paleográfica e códigos usados na informatização dos textos.

1.2. Lista dos morfemas gramaticais e formas de flexão verbal.

##### 2. *Corpus*

2.1. *Genio de la Historia*, de Gerónimo de S. José - transcrição do manuscrito, anterior a 1639, existente na biblioteca particular da Fundação Severa March, em cotejo com *Genio de la Historia*, versão de 1651, e materiais de análise.

2.2. *Da Historia*, de Luis Cabrera de Cordoba - texto introduzido em “scanner” e trabalhado em Base de Dados (Access) e materiais de análise.

2.3. *De Historiae Institutione*, de Sebastião Fox Morzillo - tradução do texto latino editado em Paris, em 1557.

2.4. Tabela dos autores nomeados em *Genio de la Historia*, *Institutione* e *Da Historia*, sem transcrição dos seus textos.

2.5. *Sigalión*, de Pedro Fernandez del Pulgar - transcrição do manuscrito existente na Real Academia de la Historia, de Madrid, reconversão para Base de dados (Access) e materiais de análise



## INTRODUÇÃO



Este trabalho, que estuda os primeiros tratados sobre a escrita da história surgidos na Península Ibérica, pretende analisar a história enquanto palavra criadora de sentido, para o Outro, reflectindo portanto sobre o seu valor na *representação de sucessos*, sublinhando o carácter profundamente simbólico e elaborado desses relatos, originários de uma concepção e de uma matriz retórica, de modo a entender como a história, enquanto estrutura narrativa e saber, vai integrando a análise do real, e como essa nova conceptualização vai re-organizando, ou subordinando, o *dizer* retórico.

Sendo os tratados em análise *textos* que ensinam a escrever histórias, eles reflectem explicitamente sobre os aspectos de âmbito historiográfico, sintetizando o termo *Res* a conceptualização que cada autor apresenta. Usa-se *Res*, no sentido de *Arte*, regras e conhecimento de *coisa*, exprimindo o próprio conceito a ambiguidade essencial ao conhecimento histórico. No entanto, tratando-se de um dizer HISTÓRIA do início da modernidade e da génese de um saber, os tratados pretendem, sobretudo, ensinar a dissimular o efeito representativo da sua leitura, identificando-se as palavras com o próprio passado como materialidade histórica.

Esta aparente indiferenciação entre o sucedido e a sua memória é conseguida porque as regras de construção argumentativa do enredo são alargadas à própria concepção de obra, assim fundada em idênticos princípios de verosimilhança - e que, ao integrar na sua textualidade autor e leitor, logra um mais directo diálogo com o leitor extra-discursivo.

A retórica, ou a *força do dizer*, reunindo concepção de obra, teoria da argumentação e da expressão - e, ainda, pelo menos até ao barroco, teoria da criação, integrando-se por isso nela a poética renascentista - transforma-se também na força dinamizadora e no elemento aglutinador do discurso histórico.

Assimilando e subordinando-lhe as regras do pensar e do falar, verifica-se que muitas narrativas, e algumas concepções, apesar de falarem de história ou defenderem a sua autonomia e necessário reconhecimento, eram coincidentes em termos de enunciação com as regras da *força do dizer*. Palavra analisada enquanto enunciado e enquanto prática discursiva, não só para os tratados serem avaliados pela

força do que dizem, mas para melhor serem compreendidas as regras que preconizam, pois foram concebidos enquanto artes e exercícios, segundo o modelo de imitação clássico<sup>1</sup>.

Esta concepção está sintetizada num conjunto de figuras (nº1, *Concepção de obra*<sup>2</sup> e *Estrutura dos exercícios narrativos*<sup>3</sup>), através do qual se procurou definir e concretizar um rigoroso processo de análise.

*A palavra como criadora de sentido histórico, para o Outro* (fig.1) pretende mostrar os vários elementos e níveis em que se baseou a análise dos tratados enquanto discursos, sendo a organização desses elementos apresentada na figura referente à *Concepção de obra ou a força do dizer*, que estabelece os processos de criação e os sentidos advindos da composição hierárquica da obra - e que reproduz ainda o modelo preconizado pelos tratadistas para a história<sup>4</sup>.

*Força do dizer* de cuja concretização resulta história (verosímil), pela subordinação das faculdades retóricas às condições de conhecimento e aos caracteres que fundam os lugares de argumentação, e portanto o real

- esta estrutura de análise textual dos tratados está sistematizada na figura 43, que representa a *estrutura dos exercícios narrativos*, evidenciando como a concepção de ser e de escrita condiciona a força e o contentimento da obra e das frases.

Se a pragmática veio chamar a atenção para o facto de o sentido resultar não apenas da informação semântica, mas do elo morfosintáctico e semântico que cada palavra estabelece com os restantes elementos da frase, dependendo assim predominantemente dos processos argumentativos desenvolvidos, verificou-se que as histórias, cuja escrita os tratados regulavam, eram elaboradas segundo as regras de criação, muitas delas neles definidas, sendo necessário analisar os aspectos lógico-gramaticais integrados na correspondente estrutura.

E verificou-se, posteriormente, que algumas dessas regras (tal como as da verosimilhança, da qualidade e da quantidade) revelavam determinada eficácia por serem participantes numa mesma concepção de realidade e de conhecimento.

---

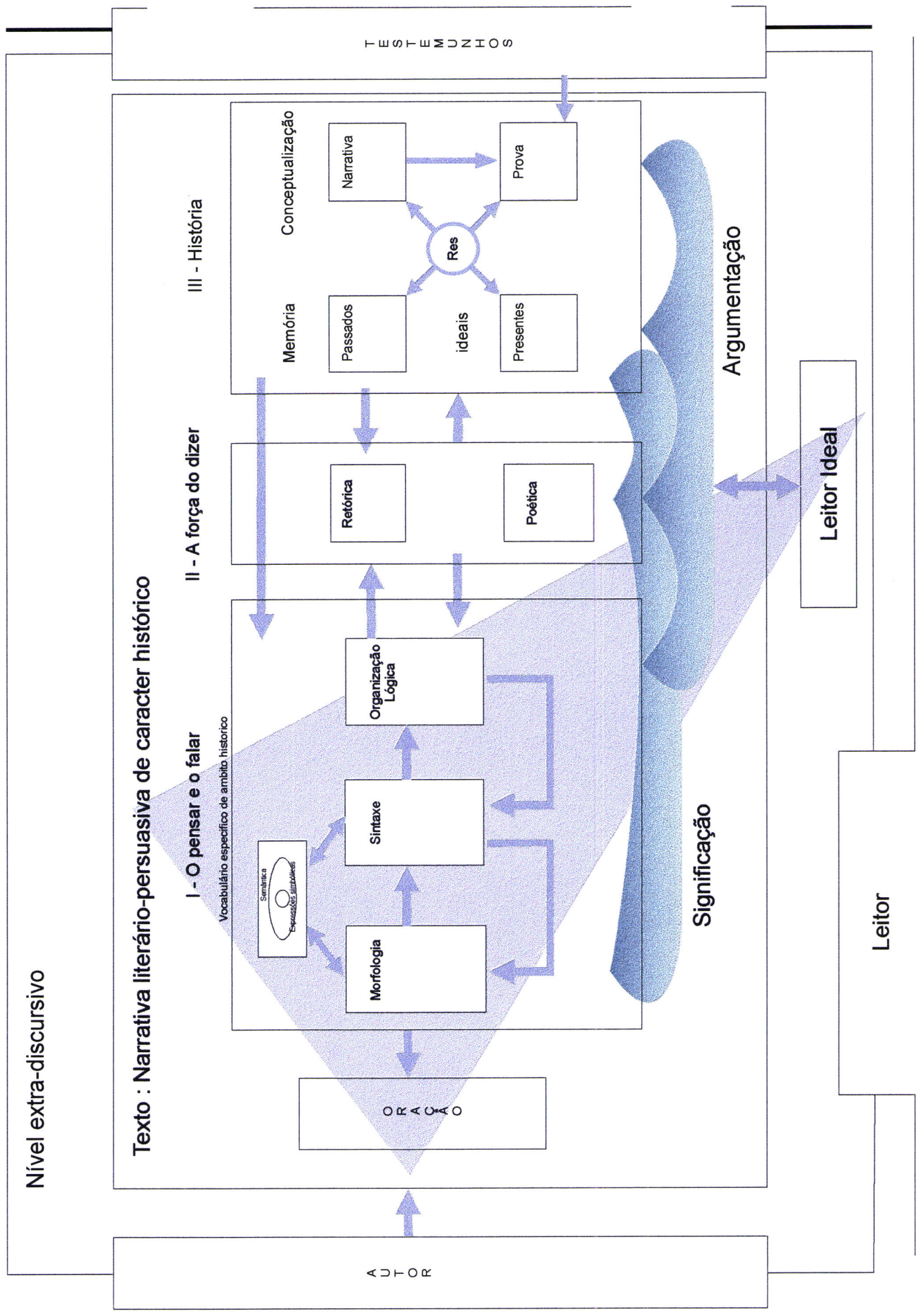
<sup>1</sup> Na figura anexa sombreou-se o espaço correspondente predominantemente à fala, não apenas por ser ela o objecto de análise, mas também por ser o objecto de que *falam* essas frases.

<sup>2</sup> Figura nº44, entre pp.268-269.

<sup>3</sup> Figura nº48, entre pp.284-285.

<sup>4</sup> Como se pode ver pelas figuras II, V, VIII e XI fora de texto.

A palavra como criadora de sentido histórico, para o outro





Em consequência, a análise dos tratados e das histórias exigiu a prévia definição dos vários níveis que enformam o sentido das suas palavras.

Por tudo isto se considerou que o título *A língua do Ver* exprime um conjunto de características que definem a História Moderna: a *Língua* como primeiro elemento criador de conhecimento, constitutiva do saber moderno e por ele da história; enquanto elemento provocador de comunicação; enquanto língua da fala, que exprime e fixa a diversidade do *sucedido* em inúmeras e extensas memórias; e, enquanto língua do *Ver*, como conhecimento do real exterior, intuitivo, moral, experiencial e analítico, e sua expressão narrativa. *A Língua do Ver* liga portanto os dois núcleos do debate historiográfico moderno: o da conceptualização da história, enunciada nos discursos acerca da sua natureza e da sua escrita; e o do conhecimento do facto histórico, concretizado com a acção dos antiquários, eruditos e falsários, processos sintetizados em *Sigalíon*, (1683), de Pedro Fernandez del Pulgar, e cuja análise é o epílogo deste estudo. *Sigalíon*, tratado barroco, excepcional na historiografia moderna, por integrar as regras para o conhecimento do passado (exegése do texto e cronologias), numa teorização lúdica sobre a História, limites do seu saber e conhecimento que permite, remete ainda, ao enquadrar a verdade do conhecimento histórico e a doutrina historiográfica na problemática da linguagem, para reflexões sobre o valor da criatividade no conhecimento da realidade empírica e da adequação que se obtem pela sua explicação aparentemente estruturada em linguagem alusiva e metafórica - problemática mais comum na nossa modernidade.

*Língua do Ver* ainda, porque a força impositiva do discurso histórico assenta numa ideia visual, muitas vezes com forma emblemática; e em artificialismos vários<sup>5</sup>, sintetizáveis na figura de estilo *evidência*, que exprime a sua originária estrutura retórica e o integra nas características das formas de expressão da época.

Finalmente, *Língua do Ver* que funciona como metáfora de *história*, é ao mesmo tempo uma caracterização do tipo de saber que é o

---

<sup>5</sup>"el historiador, el cual de tal manera debe escribir las cosas, que sólo en ellas ponga su atención y acuerdo el que las va leyendo. Entonces cumplirá con su precisa obligación, si las dejare de tal modo escritas que le parezca al lector no leerlas, sino verlas, sin acordarse del autor que las escribe. Así dijo Agustín hablando del texto de los Hechos Apostólicos, que leyéndose en ellos la pasión de San Esteban, no sólo se oía, sino que se veía con los ojos: tan viva era la representación de su Historia," Jerónimo de S. José, *Genio de la Historia*), Çaragoça, Diego Dormer, 1651, p.389.

conhecimento histórico, uma explicitação da sua ambiguidade e ainda uma consagração ao seu *fazer*, segundo o modelo de imitação enunciado por Gracián.

Se a reflexão sobre as características e a função representativa das criações de Memória, e portanto do seu valor construtivo e explicativo do real, pode ser entendida como um problema essencialmente teórico; e o debate acerca do conhecimento histórico, das formas de apreender o real e da validade da sua teorização, como uma questão de carácter gnoseológico; pela inserção dos tratados na produção histórica renascentista em Espanha esclarece-se a sua função sócio-cultural, ao mesmo tempo que se integra o debate historiográfico na história cultural espanhola e, em certa medida, nas contingências da modernidade peninsular.

Histórias, que na Espanha dos Áustrias - onde o *castelhano* é considerado o *espanhol*, numa atitude de centralização linguística - correspondem e se associam a um recente discurso de saber, legitimador e criador de poder, avaliadas neste trabalho pela estudo das *Bibliothecas*, entendidas enquanto espaço criador e reconhecido de conhecimento que, pelo número e títulos das obras, pela língua e forma material<sup>6</sup>, vai informando da concepção de enciclopédia do saber, ajudando a calcular a divulgação do ensino das regras enunciadas naqueles tratados e da sua aplicação na cultura coeva. Esta informação acerca da biblioteca permitiu ainda um conhecimento sobre a formação dos autores, ou leitores, das possíveis fontes da sua memória, e dos âmbitos de divulgação das obras que a constituem, verificando-se semelhança entre histórias e outros tipos de narração, e havendo mesmo grande coincidência de autoria na escrita de histórias e de artes, inclusive por parte dos cronistas.

Do enquadramento da *Memória* e das *Artes* no espaço do saber, objecto da primeira parte da dissertação, resultou a escolha dos tratados a analisar na segunda parte, que foram seleccionados por permitirem, também, a compreensão da força da história como criadora de memória na modernidade, nos outros dois grandes núcleos da reflexão historiográfica espanhola, entre finais de quinhentos e meados de setecentos: os movimentos polémicos relacionados com as *Falsas Crónicas* e *Relíquias de Granada*, e com a publicação da nova *História*

---

<sup>6</sup>Texto manuscrito ou impresso.

*Geral de Espanha*, do Padre Juan de Mariana. Por o primeiro, que reflecte a progressiva necessidade da comprovação material na demonstração de um sucesso (acontecido ou inventado), com o respectivo aperfeiçoamento dos instrumentos críticos e elaboração dos vestígios, estar sintetizado, com ampliação da problemática e inovação na apresentação de métodos, em *Sigalíon*, de Pedro Fernandez del Pulgar; e o debate gerado à volta da *Historia*, de Mariana, exigir um prévio conhecimento das regras do conhecer e do dizer histórico, enquanto desenvolvimento argumentativo, ou narrativa-refutação de um facto, considerou-se que a análise dos tratados, na perspectiva inicialmente referida, era a mais completa forma de entender a expansão historiográfica renascentista<sup>7</sup>.

Tendo-se estabelecido o *Corpus* de análise a partir de enunciações teóricas sobre o fazer história, versando particularmente a temática da escrita; obras e textos com explícitas e sistemáticas reflexões de carácter historiográfico, em que se debatem temas concretos relacionados com o processo de investigação, nomeadamente no que à crítica se refere; textos mais difusos, sobretudo prólogos, introduções, dedicatórias e comentários, onde estão presentes preocupações sobre a natureza da história e o problema do conhecimento; e discursos de carácter prático e concreto, que se apresentam como respostas a histórias e geralmente integradas em estruturas polémicas, estudaram-se todos os tratados conhecidos escritos em *espanhol*, de carácter sistemático, sobre a natureza e a escrita da história<sup>8</sup> traduzindo-se ainda *De Institutione*, de S. Fox Morcillo<sup>9</sup>, e lendo-se *De Conscribenda*, de Juan Costa<sup>10</sup>. A

---

<sup>7</sup>Actualmente considera-se que não é significativo um *corpus* com menos de 20 milhões de palavras, com características sintáctico-semânticas similares, exigência mais fácil de conseguir com textos de tipo normativo como são os tratados de história.

<sup>8</sup>*Genio de la Historia*, em versão manuscrita, anterior a 1639 (obra transcrita em apêndice final) e na versão publicada em 1651, de Jerónimo de S. José. *Génio de la História* passará também a ser designado por *Genio*, considerando-se *Genio A*, ou designação equivalente, a versão manuscrita (anterior a 1639) e *Genio B*, a impressa (1651).

*Historia para lerla e entenderla*, de Luis Cabrera de Cordoba, impresso em 1611, e que passará a ser referido como *Da Historia*; *Arte de la Historia* (1670), de P. Moyne, traduzida para castelhano pelo também jesuíta Francisco Garcia e impressa em 1676; *Preceptos Historiales que observa, escribe y muestra el capitan* Francisco Fuentes y Gúzman, escrito na década de 80, na Guatemala e citado como *Preceptos*; e *Sigalíon ó chiton delos chronicones fabulosos, y supuestos que se han publicado en España*, de Pedro Fernandez del Pulgar, manuscrito também transcrito em apêndice final, datado de 1683, e que passará a ser referido como *Sigalíon*.

<sup>9</sup>*De Historiae Institutione Dialogus* (citado ao longo deste estudo como *De Institutione*). Editado simultaneamente em Paris e Basileia (1557) foi posteriormente integrado nas duas versões (1576 e 1579) de *Artis Historical Penus*, antologia de textos historiográficos organizada por Wolff.

finalidade é, apreendendo a matriz conceptual em que se fundam<sup>11</sup> os tratados, e suas variações (objecto do primeiro capítulo da segunda parte), detectar a força e os sentidos, teóricos e práticos, das histórias, a partir de um discurso conceptualmente indiferenciado ao discurso historiográfico barroco, razão pela qual o estudo das obras dos tratadistas (correspondendo ao terceiro capítulo) não é apresentado cronologicamente. Mas este estudo necessitaria de previamente estabelecer um processo de experimentação integral das fontes narrativas (que passariam a constituir o *Corpus* de análise<sup>12</sup>), segundo um contínuo sequencial<sup>13</sup>, o que exige tratamento automático do documento.

Com base na nova teoria da argumentação de Perelman<sup>14</sup>, nos contributos da análise automática do discurso, e na metodologia preconizada por Krippendorff<sup>15</sup>, concebeu-se uma possível forma de

---

Fox Morcillo, filósofo, sevilhano de nascimento mas desde cedo a viver além-Pirineus, comentador de inúmeras obras de Aristóteles e Platão, morre quando regressava a Espanha, ao aceitar o convite de Filipe II para ser preceptor de Filipe III. Como autor de história apenas escreveu *De Institutione*, obra nunca editada na Península e cuja tradução se apresenta em apêndice final.

<sup>10</sup> *De Conscribenda Rerum Historia, libri duo*, [Çaragoça], Lourentij Robles, 1591, citado como *De Conscribenda*, não foi objecto de análise textual sistemática por ela implicar, tal como se fez no caso de *De Institutione*, a sua integral tradução e preparação informática. Esta obra, segundo Pelayo, inspirada na de Morcillo, parece estar na base dos capítulos referentes às regras da disposição e da elocução histórica de *Da Historia* (toda a segunda parte da obra) e de *Preceptos*, de Fuentes y Gúzman (4º, 5º e 6º capítulos).

Juan Costa, também tradutor de Aristóteles, jurista de formação e cronista do Reino de Aragão escreveu, para além de um retrato de Carlos V e de uma descrição de Zaragoza, actualmente perdidos, mas a que se refere inúmeras vezes no tratado, uma história sobre as revoltas de Aragão, cuja primeira parte se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid, Mss. 1762, fl.101-116.

<sup>11</sup> Explicar os tratados é explicar a estrutura conceptual de que emanam.

<sup>12</sup> Entendido *Corpus* no sentido de base de dados, construída segundo explicitos critérios, previamente definidos em função de determinados objectivos, que reúne um conjunto homogêneo de textos, transcritos e codificados integralmente em formato electrónico. O seu objectivo não é apenas dar a conhecer obras originais em forma legível, mas disponibilizá-los com técnicas e ferramentas internas que sistematizem e caracterizem o documento, revelando a sua estrutura. Este sistema de codificação armazena a informação, transformando-o numa base de dados textual de livre e múltiplo acesso, mas permitindo a total recuperação da versão primitiva.

<sup>13</sup> Quando se iniciou este estudo recorreu-se aos *softwares* de análise textual na altura disponíveis: Tact (versão 1.0, de 1989) e Oxford Electronic Text, tendo-se revelado a sua aplicação em texto integral morosa e difícil, com resultados limitados e insuficientes. Limitados, porque não se podiam estudar integralmente os textos, mas apenas trabalhar com amostras e comparar resultados, o que impedia relacionamentos factoriais básicos. Insuficientes, porque não se distinguindo partes na frase ou na obra, dificilmente se aprendiam unidades mínimas de significação superior à palavra, ou se aglutinavam palavras semanticamente idênticas, mas escritas com grafias diferentes. Se os problemas relacionados com a análise textual se revelam complexos, de difícil e lenta resolução, por se prenderem directamente com os da inteligência artificial e os do processamento de linguagens naturais, quando se pretendem estudar documentos originais da época moderna, nomeadamente anteriores ao século XVIII, a situação complica-se por, para além de distintas regras gramaticais, não haver padronização ortográfica, sintáctica, nem muitas vezes semântica.

<sup>14</sup> *Tratado de la Argumentación*, Madrid, Gredos, 1989 e *O Império Retórico*, Porto, Asa, 1993.

<sup>15</sup> *Metodología de Análisis del contenido*, Barcelona, Paidós, 1990.

análise dos discursos, em que um analisador semântico, aplicado ao nível morfosintáctico, avaliasse o sentido das frases pelo valor e relações das palavras, revelando sentidos latentes e partes de alguma forma diferenciadas da totalidade do documento e evidenciasse efeitos perlocutivos e aspectos cognitivos da narrativa, permitindo ainda a avaliação de padrões de sentido e graus de construção da obra - processos explicitados no capítulo *Fontes como instrumento criador de metodologia*.

Este título, correspondendo à parte mais ambiciosa do trabalho, não pretende pois sugerir a atitude empirista de olhar sobre o real e teorizá-lo, mas fazer ressaltar um conjunto de aspectos característicos dos textos pré-racionalistas modernos, que obrigaram a problematizar as metodologias vulgarmente usadas na análise de discursos, e sugerir uma via de exploração que permita transformar em fontes textuais os discursos historiográficos do início da modernidade em língua romance.

Uma primeira análise dessas obras evidencia o facto de o conhecimento histórico nessa época ser um processo realizado quase exclusivamente pela linguagem. E que, nesse processo, ela não era concebida primordialmente com função referencial<sup>16</sup>, nem com uma finalidade e funcionalidade estritamente comunicativa, apesar de se tratar de textos normativos. Assentando numa estrutura predominantemente racional, mas que integrava a utilização dos factores irracionais humanos,

(por, entre outras razões, estar fundada na concepção triangular de obra, que adiante se caracterizará), estes textos, para além do carácter simbólico da sua linguagem, obedecem ao sistema de códigos inerentes à língua e à estética renascentistas. Estruturados com base em palavras e imagens integradas num sistema de argumentação e em mundividência absolutamente hierárquicos, definidos e profundamente valorativos, em que a referida concepção triangular exige uma disposição integrada das partes, com funções e finalidades estabelecidas *a priori*; construídos sobre o modelo de imitação clássica, com formas de expressão, níveis de linguagem e de composição próximos do que actualmente se entenderia por metalinguagem, linguagem referencial e linguagem poética, são um resultado cultural de tal forma complexo e, sobretudo, distante da nossa forma de pensar e de valorar, que só uma análise sistemática, sequencial

---

<sup>16</sup>Não se considera o nível referencial como objectivo e imparcial, mas pretende-se apenas chamar a atenção para a carga valorativa, codificada e simbólica que estes textos contém, e que as suas regras supõem.

e contínua das estruturas discursivas, na sua integralidade, incorporada no sistema antes definido, permitirá uma aproximação ao sentido do texto.

Genericamente, quer as tradicionais análises semânticas feitas pela Escola Francesa, recorrendo a exemplos discursivos da época contemporânea e a situações comunicativas de tipo referencial (mesmo nos casos em que se estuda a retórica política, quer actual, quer da Revolução Francesa<sup>17</sup>); quer os mais recentes estudos, com base nos contributos da linguística computacional, nomeadamente pelo recurso aos analisadores sintácticos, que permitem a observação do texto como uma narratividade, baseiam as suas técnicas de análise nas actuais estruturas lógico-sintácticas e semânticas, desvalorizando a ideia de que o nível conotativo do signo se integra num sistema de valores que tem de ser previamente captado e definido. Sendo igualmente desvalorizado o seu carácter relacional, com as inerentes implicações provocadas no respectivo efeito morfossintático da frase<sup>18</sup>.

Concluindo, o processo de análise que o capítulo *Fontes como instrumento criador de metodologia* pretende descrever é o da captação do texto enquanto duração lógica.

Finalmente, quanto à delimitação espacial do *Corpus*, a falta de referência a tratados de história e textos historiográficos sistemáticos em Portugal deve-se a não serem conhecidas publicações de fontes - nem em impressões coevas, nem em edições posteriores - e à ausência de uma inventariação geral dos fundos arquivísticos. O que impede a edição de repertórios bibliográficos específicos neste domínio, semelhantes aos recentemente divulgados em Espanha<sup>19</sup>. Aliás, a referida ausência faz

---

<sup>17</sup>Com a notável excepção de Charles Muller e André Robinet, que analisou o pensamento filosófico francês seiscentista, já estruturado numa lógica argumentativa e conceptual, assente no sistema de relações racionais moderno.

Cfr. *Recherches sur le XVIIeme siècle*, Paris, CNRS, 1976 e *Le Langage à L'Age Classique*, Paris, Klincksiek, 1978, e A.A.V.V., *Hommage Charles Muller*, 2 vol., Geneve, Slatkine, 1986.

Em Portugal foi pioneiro Aires Augusto Nascimento, *Livro de Arautos*, 2 vol, Lisboa, 1977 e, posteriormente, José de Azevedo Ferreira, *Afonso X - Foro Real. Edição e Estudo linguístico*, 2. vol., Lisboa, I.N.I.C., 1987.

<sup>18</sup> Mesmo os programas que introduziram a possibilidade de observar o comportamento semântico das palavras em contexto (a nova versão de TACT) têm-se mostrado insuficientes, por não lograrem penetrar na estrutura argumentativa.

<sup>19</sup> J.M. ABAD, *Manuscritos de España*, Madrid, Arco, 1989.

com que nas bibliografias e estudos actuais sobre história da historiografia não se citem tratadistas portugueses<sup>20</sup>; e, por maioria de razão, as bases de dados bibliográficas de ciências sociais em *cd-rom*, que têm vindo a ser construídas na Europa<sup>21</sup>, e nomeadamente em Espanha<sup>22</sup>, também não encontram equivalência no caso português<sup>23</sup>.

Tal situação obrigou a um inicial enquadramento peninsular, tendo-se para isso recorrido a obra de estudiosos como Ballester y Castell<sup>24</sup>, Vinaza<sup>25</sup>, Menendez Pelayo<sup>26</sup>, Sanchez Alonso<sup>27</sup> e, mais recentemente, Simon Diaz<sup>28</sup>, Sanchez Mariana<sup>29</sup> e Cepeda Adán<sup>30</sup>, que disponibilizaram informação sobre os títulos historiográficos da época moderna actualmente existentes nas maiores Bibliotecas europeias, assim potencializando a historiografia espanhola no âmbito internacional<sup>31</sup>. No entanto, cedo se verificou que os tratados, se eram referidos, não estavam estudados, nem muitos deles publicados. A integral transcrição paleográfica das obras manuscritas<sup>32</sup>, com a respectiva introdução de

---

<sup>20</sup> Cfr. Jean-Michel DUFAYS, "Théories et pratiques de l'historiographie à l'époque moderne. État de la question.", in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.9-41, e Astrid WITSCHI-BERNZ, "Main trend in historical method literature:sixteenth to eighteenth centuries", *History and Theory*, 1972, beiheft 12, pp. 1-51.

<sup>21</sup> Cfr. *Social Sciences Index, Historical Abstracts, Humanities Index, Bibliographie Nationale Française, British National Bibliography, CD Marc Bibliographic* (Library of Congress).

<sup>22</sup> Cfr. Bases de Datos (C.S.I.C.), Catálogo Colectivo dal Patrimonio Bibliográfico Español, REBIUN.

<sup>23</sup> "Bibliografia de Textos Antiguos Portugueses", in *ADMYTE*, vol.0.

<sup>24</sup> Rafael BALLESTER Y CASTELL, *Las Fuentes Narrativas de la Historia de España durante la Edad Moderna*, Barcelona, [s.n.], 1927.

<sup>25</sup> Conde de la VIÑAZA, *Los Cronistas de Aragon*, Zaragoza, 1986,[1924].

<sup>26</sup> Marcelino MENENDEZ Y PELAYO, *Historia de las Ideas Estéticas en España*, vol.2, Madrid, C.S.I.C. 1947, e *La Ciencia española*, vol.III, Santander, C.S.I.C., 1953.

<sup>27</sup> B. SANCHEZ ALONSO, "La literatura histórica en el siglo XVI.", e "La literatura histórica en el siglo XVII.", *Historia General de las Literaturas Hispánicas*, vol.3, Barcelona, Barna, 1953, respectivamente pp.297-319; e pp.323-337; *Historia de la Historiografía Española*, 3 vol., Madrid, C.S.I.C., 1944.

<sup>28</sup> J. SIMÓN DIAZ, *Bibliografía de la Literatura Hispánica*, Madrid, C.S.I.C., 15 vol, 1960-

<sup>29</sup> *Inventario General de Manuscritos de la Biblioteca Nacional*, Madrid, M.E.N., 12 vol., 1953-

<sup>30</sup> J. Cepeda ADÁN, "La historiografía", in *Historia de la Cultura Española Ramón Menéndez Pidal. El siglo del Quijote (1580-1680)*, vol.1, Madrid, Espasa-Calpe, 1996, pp.695-833.

<sup>31</sup> Cfr. Ignacio OLÁBARRI GORTÁZAR, "El peso de la historiografía española en el conjunto de la historiografía occidental (1945-1989).", *Hispania*, 175, 1990, pp.417-437.

<sup>32</sup> Apenas *Preceptos*, de Fuentes y Gúzman, foi editado pela primeira vez neste século. Com uma primeira edição na Guatemala, em 1957, por Henrich Berlin, foi publicado em Espanha - conjuntamente com *Recordación Florida o Historia de Guatemala*, a sua obra histórica mais importante e que permanecia inédita - por Carmelo Saénz de Santa Maria.

Cfr. *Obras Historicas de Don...*, Madrid, Atlas, 1969, pp.5-51.

Quer *Genio de la Historia*, quer *Da Historia*, reeditadas neste século já tinham sido objecto de impressão na Espanha de seiscentos. A não existencia de edições *pos-off-set* quase impossibilitou o recurso ao *scanner*.

todos os documentos em sistema de hipertexto<sup>33</sup>, e a sua posterior reconversão para base de dados<sup>34</sup>, processos específicos, complexos e morosos, bem como ainda a sua difícil compreensão e análise, inviabilizaram qualquer posterior tentativa de comparação com a realidade historiográfica portuguesa.

Para superar a actual situação de desigualdade entre o conhecimento dos "séculos de ouro" das culturas portuguesa e espanhola projecta-se proceder à inventariação bibliográfica normalizada específica de tratados e textos sobre história, com o estabelecimento de um *Corpus* historiográfico de âmbito peninsular, a integrar numa biblioteca electrónica de cultura portuguesa.

---

<sup>33</sup>Pelo seu carácter técnico as regras de transcrição paleográfica e os critérios de codificação dos textos para posterior tratamento informático serão referidas em apêndice final, antes da transcrição dos referidos manuscritos. Refira-se apenas que depois da transcrição informatizada dos textos segundo os originais, tornou-se necessária a sua preparação com vista à elaboração do *Corpus* em suporte electrónico, o que implicou a prévia codificação dos elementos estruturantes e formalmente identificadores do documento, de acordo com as normas definidas pelo *Text Encoding* (TEI) e pelo SGML (*Standard Generalized Markup Language*).

Para uma informação genérica sobre as condições necessárias à constituição de um *Corpus*.

Cfr. Francisco Marcos Marin, *Informática y Humanidades*, Madrid, Gredos, 1994, a quem agradeço a ajuda na fase inicial da investigação.

<sup>34</sup> Os manuscritos mais importantes e respectivos materiais de análise são apresentados em apêndice final.

No entanto, fora de texto, facultar-se a representação gráfica dos tratados que constituem o *Corpus*, de modo a visualizar a sua estrutura, apresentando assim um elemento auxiliar à análise da dissertação.



A “BIBLIOTHECA” NA CONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA  
HISTÓRICA MODERNA:

humanismo, erudição e utilidade política na HISPANIA





## 1. A IDEIA DE SABER

Na primeira parte deste trabalho pretende-se ver como, através do espaço Bibliotheca, se cria, organiza e divulga o saber, e as funções que os poderes centrais vão desempenhando, quer na elaboração e institucionalização desse saber, quer na constituição da sua imagem. Espaço do Conhecimento, simultaneamente veículo e suporte material da Sabedoria reconhecida e permitida, e seu organismo constitutivo, ele é revelador da consciência e da utilidade que os Poderes descobrem na cultura.

O culto do livro, na dupla Saber e Poder do Saber, será analisado através de Bibliothecas que cronistas de Sua Magestade conceberam ou elaboraram, quer entendidas como Livraria, quer como fórmula arquitectónica universal do conhecimento, materializada em índices bibliográficos. As informações fornecidas nestes catálogos permitirão reconstituir as disciplinas, matérias e tipo de obras que esses mesmos historiadores reconhecem e consideram recomendáveis, integrando assim os livros de história numa visão geral do conhecimento. Para melhor entender o sentido desta representação mental, que pretende ser a divulgação da ordem das coisas, compararam-se os resultados obtidos com análises já efectuadas em realidades histórico-culturais espanholas<sup>1</sup> (estudo da produção tipográfica em cidades<sup>2</sup>, ou regiões, de livrarias privadas<sup>3</sup>, de inventários posmortem<sup>4</sup>, etc).

---

<sup>1</sup>Pedro CATEDRA, (org.), *El Libro Antiguo Español*, Salamanca, Univ. Salamanca, 1992.

Jaime MOLL, "Para el estudio de la edición española del Siglo de Oro", in *Livres et Libraires en Espagne et au Portugal (XVIe-XXe siècles)*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1989, pp.15-26.

François LOPEZ, "La Librairie madrilène du XVIIe au XVIIIe siècle", in *Livres et Libraires en Espagne et au Portugal (XVIe-XXe siècles)*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1989, pp.39-60.

Para enquadrar as bibliotecas espanholas na cultura do Livro do Antigo Regime, ver em especial a obra dirigida por Claude JOLLY, *Histoire des bibliothèques françaises. Les Bibliothèques sous l'ancien régime 1530-1789*, vol.2, Paris, Promodis, 1988.

<sup>2</sup>Julián MARTÍN ABAD, *La Imprenta en Alcalá de Henares (1502-1600)*, Madrid, Arco/Libetossa, 1991.

Jesus VEGA GONZALEZ, *La Imprenta en Toledo. Estampas del Renacimiento*, Madrid, Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos, 1983.

Anastasio ROJO VEGA, *Impresores, Libreros y Papeleros en Medina del Campo y Valladolid en el Siglo XVII*, León, Junta de Castilla Y León, 1994.

Philippe BERGER, "Quelques observations sur la production imprimée à Valladolid au Siècle d'Or", in *Livres et Libraires en Espagne et au Portugal (XVIe-XXe siècles)*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1989, pp.27-38.

<sup>3</sup>Joaquín ENTRAMBASAGUAS, *La Biblioteca de Ramirez de Prado*, 2 vol., Madrid, C.S.I.C., 1943.

Se a linguagem não é entendida como mero agente de comunicação, mas elemento criador de conhecimento, e portanto de realidade, também a biblioteca não deverá sê-lo como exclusivo veículo de armazenagem e transmissão de informações e memórias, permitindo verificar o modo como os novos profissionais, os novos espaços, instrumentos e suportes materiais, quer de divulgação, quer de controle, foram, também eles, elementos criadores (e condicionantes) destas novas áreas do saber.

Propondo-se pois este trabalho reflectir sobre o processo de constituição da disciplina histórica em Espanha, tendo como núcleo documental os tratados e textos de carácter historiográfico quinhentistas e seicentistas, considerou-se metodologicamente mais esclarecedor articular o estudo acerca da natureza da história (objecto da segunda parte deste trabalho), com a análise da sua progressiva institucionalização.

E não só por Biblioteca e História se identificarem quanto ao objectivo, função e finalidade, pois partilham da ideia geral de que a compilação de memórias significa saber e que este pode ser usado como poder, por a biblioteca ser o veículo da criação e do desenvolvimento da história e da ciência moderna, por disponibilizar os “papeles” necessários à sua escrita, e conservar posteriormente as narrativas a partir deles elaboradas, coincidindo os cargos de cronista de Sua Magestade e de bibliotecário real quase sempre na mesma pessoa. E também porque a análise do processo de constituição da Biblioteca, como instituição representativa do saber moderno (com o seu símbolo máximo na Livraria Real, em que a apresentação de uma estrutura de saber recomendável debaixo daquela chancela transforma livros e a própria Livraria em objecto do culto) e da História, revela que ambas se foram elaborando em função de uma mesma construção lógica de pensamento, de semelhante sensibilidade face às novas realidades culturais e ao

---

Antonio RODRÍGUEZ-MOÑINO, “La colección de manuscritos del Marqués de Montealegre (1677)”, in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, vol.CXXXVI, 1950, pp.127-192.

J. DOMÍNGUEZ BORDONA, “La Biblioteca del Virrey Don Pedro Antonio de Aragón (1611-1690)”, in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, vol. CXXIX, 1951, pp.385-416.

<sup>4</sup> Maxime CHEVALIER, *Lectura y Lectores en la España de los Siglos XVI y XVII*, Madrid, Turner, 1976.

Ángel WERUAGA PRIETO, *Libros y lectura en Salamanca: Del Barroco a la Ilustración (1650-1725)*, Salamanca Junta de Castilla y León, 1993.

Genaro LAMARCA LANGA, *La Cultura del Libro en la Época de la Ilustración Valencia, 1740-1808*, Valencia Generalitat Valenciana, 1994.

reconhecimento da necessidade da eficiência do saber. E denota ainda uma comum concepção de conhecimento, em que *ver* e *experiência* são sinónimos de verdade<sup>5</sup>, que se torna complexa no século XVII, quer nas crónicas que se escrevem, quer na ideia de biblioteca - já não entendida como arquivo de experiências, mas de doutrina -, quer ainda na sua própria concepção orgânica de distribuição de livros, em que o critério classificativo deixa de ser a língua, o formato ou as características do suporte material, surgindo assim um outro domínio técnico, o das "regras" da biblioteca<sup>6</sup>, que exige um bibliotecário, misto de funcionário e douto, historiador, filósofo, ou religioso.

Pretende-se pois, através da análise de descrições acerca de Bibliotecas, escritas por cronistas, ganhar sensibilidade sobre o ambiente cultural e mental que vai desde a Biblioteca Real, humanista, à Biblioteca Real, pública, do "depósito legal" de Filipe V, à criação da Academia da Língua e de História, passando pelo cargo de Cronista Mayor de Espanha<sup>7</sup>. Ao longo destes 150 anos os mecanismos e veículos político-culturais não só se alargaram e diversificaram, com a multiplicação dos cargos de cronista, o aumento de bibliotecas e a tomada de inúmeras medidas de controle e fomento do livro impresso, como se foram complexizando e desenvolvendo no sentido de um maior dirigismo por parte dos poderes centrais castelhanos.

Com efeito, em meados do século XVI, em Castela, a ideia de biblioteca era a de um espaço do saber manuscrito e original, sacrário da cultura "cult", do saber antigo e cristão, associada ao valor do ócio, estando desligada das realidades e necessidades sócio-culturais coevas. Por isso a memória dos homens, escrita em romance, não integrada nas disciplinas definidas pela "ciência aristotélica", não podia ter acesso ao espaço do Saber, quer livraria, quer catálogo bio-bliográfico.

---

<sup>5</sup> Guardar memórias na livraria ou num livro de sucessos ou crónica são registos de tipo semelhante, fixados apenas em materialidade diferente.

<sup>6</sup> As primeiras enunciações teóricas sobre esta recente profissão são escritas pela congregação de Saint Maur "Regles communes et particulieres pour la congregation de S. Maur", s/l, s/n. Louis DESGRAVES, "Naissance de la "Science" des Bibliothèques", in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, 1991, pp.11-13.

Cfr. Já para o início do século XVIII J.-B. COTTON DES HOUSSAYES, *Des devoirs et des qualités du bibliothécaire. Discours prononcé dans l'assemblée générale de la Sorbonne...*

Só neste século traduzido do latim para o francês e impresso (Paris, 1951).

<sup>7</sup> Kagan refere um manuscrito existente na Biblioteca Nacional de Madrid (Mss. 8369) em que Olivares já pretendia instituir esse cargo, Cfr. Richard Kagan "The European City View in the New World: a comparative perspective" Sep. conferência realizada F.C.S.H. U.N.L., 1995 p.83.

Progressivamente a biblioteca, mantendo a ordem do Saber tradicional, foi-se apropriando da cultura presente (aprendendo a incorporar nessa cultura o sentido da utilidade), quer pela introdução de novos títulos e de novos temas, quer pela língua que passa a ser usada, quer pelos suportes materiais arquivados (manuscritos), que passam a ser vistos como o material original em que deve basear-se a narrativa histórica, cada vez mais divulgada (e controlada) pelo livro impresso. Esta re-organização do sistema de classificação e de catalogação dos livros acabou por, imperceptivelmente, alterar a ordem tradicional da biblioteca. Também em termos de enciclopédia dos saberes, estudá-la é ver como a história vai passando de ausente a presente sem nome, até constituir parte integrante e nuclear nas tipologias organizadoras e criadoras do conhecimento, reconhecido e divulgado.

Neste sentido, a disciplina histórica pode ser entendida como uma metonímia de Biblioteca: esta integra-a, representa-a, acabando por ser condicionada no sentido da História.

No caso de Espanha tal interdependência foi ainda mais forte do que em França, Holanda ou Inglaterra, pois a ausência na Hispânia de um pensamento reflexivo e de gosto pelas ciências fez com que esses novos saberes ocupassem um reduzido espaço na Bibliotheca, acabando esta por ser uma grande depositária de registos, memórias e experiências humanas.

Se esta ausência de conhecimento reflexivo hipertrofia a história, acaba por, num segundo momento, mantê-la também numa quase exclusiva linha de utilidade, na linha da história exemplar - que é ainda visível na valorização do tacitismo -, permanecendo a Espanha quase alheada dos debates pirronistas ou de crítica das fontes que se faziam naqueles países.

O estudo da biblioteca permite pois iluminar aspectos do âmbito interno da disciplina histórica, quer através da concepção que os cronistas revelam dos vários saberes, e da forma como neles integram e referem a história e os historiadores; quer pela possibilidade de visualizar o valor que os relatos de memórias e de experiências (reais, fabulosas, ou exemplares) ocupam no todo; quer ainda pelo peso e significado das relações de osmose da memória humana, passada e presente, da política e das artes do bem dizer, possibilitando assim o melhor entendimento do processo de constituição da história como um espaço relacional, em que esses saberes estão incorporados ao nível do seu próprio objecto interno.

E como os livros são feitos por homens, através da biblioteca é ainda possível ver o que os historiadores e cronistas, de diferentes formações, dignidades e actividades profissionais, escreveram para além de histórias.

Os livros e a sua ordem, na Hispânia dos Filipes, eis do que pretende falar esta primeira parte do trabalho.

A Biblioteca, espaço institucional do Conhecimento - com a sua forma mais emblemática na Biblioteca Real<sup>8</sup> -, veículo e o suporte material da Sabedoria reconhecida e permitida, e organismo constitutivo desse mesmo conhecimento, é reveladora da consciência e da utilidade que os Poderes encontram nele. E, insista-se, em Espanha, vai-se assistindo, desde meados do século XVI e ao longo do século XVII, ao aparecimento desta nova instituição, ao seu reconhecimento e prestígio cultural, baseado na sua imagem de ostentação e na utilidade política dela retirada.

Quando se pode, então, falar de emergência da moderna disciplina histórica na Hispânia? Com as primeiras bibliotecas modernas? Com a reflexão em torno das Humanidades? Com as investigações sobre os documentos originais de meados de quinhentos ou apenas a definição de um método heurístico? Com as polémicas historiográficas centradas na discussão de temas bíblicos e eclesiásticos, usando uma argumentação e uma linguagem recorrente, quer segundo estilo clássico (ciceroniano e horaciano), quer de gosto mais cultista? Ou com o início dos debates historiográficos que surgem no seio das Academias, na Europa dos finais de seiscentos? Apenas com as primeiras recensões no final do século XVIII? Ou desde que se elaboraram os primeiros catálogos e repertórios bibliográficos?<sup>9</sup>

Estabelecendo como marcos delimitadores da moderna disciplina histórica o aparecimento da Bibliotheca Real, aqui estudada através dos textos dos cronistas Paez de Castro e Cardona, e o do género recensão, representado pela obra *Sigalión*, de Pedro Fernandez de Pulgar, veja-se como se foram criando e institucionalizando os referidos veículos.

Uma recensão é um comentário original a um texto de um outro autor, que um leitor elaborou e decide tornar público: discurso sobre outro discurso, análise e reflexão sobre aspectos "maiores" do escrito base, em que se critica geralmente a sua estrutura e organização, concepções doutrinárias ou questões teórico-metodológicas. A leitura do texto original foi pretexto, serviu de motivação, para este novo autor

---

<sup>8</sup> Para uma panorâmica das bibliotecas no Antigo Regime, diferentes tipos e funcionalidades, ver a obra dirigida por Claude JOLLY, *Histoire des bibliothèques françaises .Les Bibliothèques sous l'ancien régime 1530-1789, vol.2* Paris, Promodis, 1988.

<sup>9</sup> O rigor e a capacidade conceptual necessários à escrita de uma história relacional e explicativa são também exigidos para a elaboração da Bibliotheca-catálogo, assente em sistemas unitários de organização e classificação.



apresentar, implicitamente, por sugestão, ou explicitamente, por confronto, os seus princípios e sistemas normativos, as escolhas metodológicas, os objectivos, comparando a sua visão com as do texto em análise. Comentar uma organização discursiva significa, pois, relacionar e questionar o pensamento e os valores de um outro com os meus princípios. Significa que existe um sistema de referenciais prévio, que me serve de norma.

Em síntese, uma recensão é uma comparação do pensamento do Outro com o meu. Comento em função dos padrões e modelos que assimilei. Por intermédio deste confronto vão-se revelando as estruturas lógicas e ideológicas, reforçando-se ou negando-se as verdades apresentadas no texto inicial.

Próxima do género ensaio, é um discorrer pessoal e criativo sobre um tema e a forma como ele foi apresentado, revelando as ideias do Eu, a originalidade e a confiança no meu pensar, as convicções das minhas propostas e a capacidade em o afirmar. A autoridade está, em termos da apresentação discursiva, centrada sobretudo no recenseur e no seu pensamento, ainda que quase sempre implicitamente. É um discurso na primeira pessoa do singular<sup>10</sup>. Este novo tipo de autor - que não deve ser confundido com o autor-comentador, nem com o que se dedica a escrever controvérsias - não existia na classificação dos tipos de escritores modernos<sup>11</sup>. Pretendendo fazer a fotografia ideológica do primeiro autor, também identifica o leitor-autor. Género activo, de forte personalidade, onde duas concepções dialogam com convicção, é em certa medida uma metalinguagem, com a qual o novo leitor ganha capacidade e reflexão. Vendo-se confrontado com a leitura dupla de um problema, de um objecto, que passa a apresentar plurais objectivos<sup>12</sup>, exercita-se na prática de não fixar uma verdade.

A recensão exige, tal como o pensamento científico, um quadro sócio-cultural de produção e de receptividade. Não consegue surgir

---

<sup>10</sup> Mesmo que utilize a terceira pessoa do singular, assumindo a posição de autor implícito, recorrendo a tempos verbais de carácter subjectivo e imperativo.

<sup>11</sup> Segundo Gellrich existiam 4 tipos de autores: o scriptor, com uma função semelhante ao escriba; o compilador, que agregava num só texto excertos de várias procedências; o comentador, que acrescentava notas e reflexão própria, algo semelhante à glosa; e, finalmente, o autor, entendido num sentido "próximo" do actual.

Cit. por Fernando ALVAREZ, *Del Escribano a la Biblioteca*, Madrid, Sintesis, 1992, p.60.

<sup>12</sup> Por isso não se devem fazer recensões de aspectos secundários, ou de textos informes, mas apenas eruditos, ou informativos. Pelo contrário, quanto mais crítico e de sólida formação e raciocínio forem o autor e o discurso em análise, mais vivas e úteis elas serão.

apenas com escritos pessoais de autores isolados. Individualmente, existiam, nos finais da época moderna, literatos e eruditos opinativos - o barroco é uma cultura de afirmação do Eu - com forte pensamento, personalidade e vontade de acção "verbal", mas não estava culturalmente institucionalizado o papel activo, afirmativo e independente deste novo escritor, crítico e formalmente um pouco diletante. Por isso *Sigalion*, escrita em 1683, permanece até hoje manuscrita.

Tornou-se necessário um autor com um sistema e crença na sua capacidade de pensamento, que substituísse a noção de autoridade, medieval ou renascentista, por uma visão crítica, individual, confiante do pensar. Este movimento, que despertou a partir de Descartes e das Academias, tem já, na concepção e no modelo, em alguns dos artigos da *Enciclopédia* a atitude subjacente à ideia de recensão.

Mas esta alteração das formas de pensar concretiza-se se existir um envolvimento estimulante. O livre pensador, para ser aceite ou permitido socialmente, não pode ser visto como a-normal.

A *Enciclopédia*, com o que simboliza, surgiu em Paris, também porque desde o século XVII se vinham desenvolvendo mecanismos e veículos que permitiriam este tipo de comunicação: uma certa noção de identidade entre produtores e leitores (entre si e entre eles) face a um saber que se vai agregando em termos de objecto, com uma linguagem cada vez mais comum, e com espaços também cada vez mais institucionalizados, de aprendizagem (a biblioteca) e de discussão (a Academia). E com meios específicos de difusão e de diálogo (a Publicação Periódica e as Memórias das Academias).

Assim foi surgindo um público especializado e interessado, com capacidade, acesso e autoridade para participar nesse diálogo, e por isso competência para transitar de leitor a autor, continuando a existir "auditores" com preparação para acompanhar esse segundo nível de reflexão.

O que significa que, para além dos conhecimentos específicos, há uma linguagem acerca do conhecimento em activação, que vai alargando o seu âmbito, o público, e continua a impor-se. Linguagem que é cada vez mais uma fala auto-reflexiva e fáctica quanto ao seu próprio domínio. A definição do âmbito da linguagem sobre o conhecimento, estabelecendo maior distância entre Autor e texto, ajuda a alterar a concepção de autoridade tradicional. Esta, tendo como critério de verdade do escrito a autoridade do Autor, era impeditiva da própria

conceptualização e da realização do processo de recensear, porque os argumentos seriam entendidos como ataque pessoal.

A "realidade" e o diálogo deixam de ser vistos como duas verdades transparentes, mas passam a sê-lo como apropriações do ser por sujeitos, conhecimento que é uma visão e, como tal, pode ser questionado.

O debate de ideias no seio de uma disciplina constrói-a, revelando o seu grau de identidade, de autonomia e de diferenciação.

Delimitado e caracterizado o ponto de chegada concretizado em *Sigalion*, como se foi desenvolvendo o processo? Quais os mecanismos institucionais e culturais que o possibilitaram?

Em Espanha, de modo simples, pode sintetizar-se em três grandes momentos a constituição da Biblioteca, entendendo-a na pluralidade semântica da época, e na dupla vertente de saber institucionalizado, associado a um poder, que passa a ser também, progressivamente, a imagem do saber.

Com os Reis Católicos é criado o cargo de cronista do Reino<sup>13</sup>. Com Carlos V é feita a primeira nomeação do Cronista das Índias. E com Filipe II, a do primeiro cronista do Reino de Aragão (Zurita, em 1567). Este último cria a Biblioteca Real e o cargo de Bibliotecário Real, passando a ser nomeado para ele, até finais do reinado de Filipe IV, geralmente um Cronista. Com Filipe III é criado o cargo de Cronista Mayor<sup>14</sup>, mas só com Carlos II surge a denominação de Cronista Mayor

<sup>13</sup> Inicialmente tinha sobretudo um valor de cargo honorífico, pois a tença de 80.000 maravedis (contra 40.000 no início do reinado de Carlos V) era vitalícia. O cargo, entendido como uma espécie de dignidade, não estava dependente da escrita de nenhum texto histórico ou historiográfico.

<sup>14</sup> A necessidade de dar pareceres sobre obras que pretendiam imprimir-se, parece ter estado na génese da criação do cargo de Cronista Mayor. Simon Diaz transcreve um manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid (mss. 18.731/43) em que o Inquisidor se queixa ao Rei da lentidão e pouco cuidado com que são feitas as censuras aos livros.

Em 1598 pensa-se criar o cargo de censor geral, que deve ter estado na origem do de Cronista Mayor, por Filipe III. Com efeito, o inquisidor Pacheco, em Memorial ao Monarca, lamenta:

"Señor. = Después que entré en este officio he visto por experiencia ser mucha la necesidad que ay de que se ponga más cuydado en la aprobación de los libros antes de imprimirse porque cada día vienen al Santo Officio testificaciones contra libros impresos y aprobados que obligan a mandarlos recoger, o expurgar, lo qual es mucho lo que embaraça y tanto que de ordinario están ocupados hartos calificadores en sólo ello, y es gran nota de los autores darles por una parte licencia para que sus obras salgan en público y después prohibírselas, y en realidad de verdad reciben agravio con el descuido que ay en no lo mirar antes de la impresión más atentamente, y el mayor inconveniente es que anden semejantes obras en público el tiempo que tardan en venir a noticia del Santo Officio errores por el peligro de tropezar los que los leen.

El remedio que se me ofrece para atajar este daño es que el Real Consejo de Justicia a cuyo cargo está el mandar veer y aprobar lo que se imprime tuviesse personas señaladas para esto de mucha satisfacción, y que se les señale algún premio a costa de los auctores de los libros, porque es mucho lo que se debe trabajar para aprobar o reprobár; y sin premio es dificultoso hallar quien trabaje, y tan de ordinario." (...) Tendo o Monarca, em nota lateral informado:

de España (Pellicer). Com Filipe V são criadas as Academias da Língua e da História e a Biblioteca Pública, que não é mais o espaço exclusivo do manuscrito, ou do documento original<sup>15</sup>, em latim. É uma biblioteca que reflecte as necessidades vivenciais da época e que por isso está em sintonia com os interesses, os padrões e o movimento cultural, num sentido amplo.

Entretanto, em 1502, iniciara-se, com os Reis Católicos, a política de controle na definição e difusão cultural, através de uma pragmática sobre Livros que exigia aos autores do reino de Castela a submissão dos seus escritos à censura oficial<sup>16</sup>. Os bispos de Burgos, de Salamanca e o arcebispo de Granada eram as individualidades responsáveis pela autorização de impressão de livros.

No reinado de Filipe II ganha-se consciência - para o que terá contribuído a sua explicitação teórica em textos sobre bibliotecas (escritos por historiadores-cronistas) - da necessidade de criar uma biblioteca real, que em espaço próprio e de maneira conveniente reunisse e organizasse o saber útil ao poder, fundando-a no Mosteiro do Escorial. Filipe II centraliza ainda no Conselho Real, em 1558 - tal como Carlos V o fizera já em 1554 -, as actividades relacionadas com a licença, passando a exigir a sua inclusão, e a das aprovações, nos elementos paratextuais das obras, ficando livres desta tramitação os livros de teologia e de religião, por terem já sido objecto de autorização eclesiástica<sup>17</sup>. Medida que foi alargada por Filipe IV aos "pliegos,

---

"Siempre me pareció lastimoso el no hacerse esto que aquí se apunta: i aun debieran los libros embiarse en secreto a quien los avía de ver para que sus Autores no pudiesen agenciar la aprobación, ni escandalizarse de no ser aprobados", cit. por José SIMÓN DÍAZ, *El Libro Español Antiguo: Analisis de su Estructura*, Kassel Reichenberger, 1983, pp.24-25.

<sup>15</sup>A primeira normativa romana que define o universo da leitura aconselhável, permitida e proibida, data de 1501.

<sup>16</sup>"Otro sí mandamos, y defendemos, que ningún librero, ni impressor de molde, ni mercaderes, ni factor de los susodichos, no sea osado de hazer imprimir de molde de aquí adelante por vía directa ni indirecta ningún libro de ninguna facultad, o lectura, o obra que sea pequeña, o grande, en Latin, ni en Romance, sin que primeramente tenga para ello nuestra licencia, y especial mandado, o de las personas siguientes: en Valladolid, y Granada los Presidentes que residan, o residieren en cada una de las nuestras Audiencias que allí residen: y en la Ciudad de Granada, el Arçobispo de Granada: y en Burgos, el Obispo de Burgos: y en Salamanca, y Zamora, el Obispo de Salamanca; ni sean asimismo osados de vender en los dichos nuestros Reynos ningunos libros de molde, que truxeren fuera dellos de ninguna facultad, (...)", cit. por José SIMÓN DÍAZ, *El Libro Español Antiguo: Analisis de su Estructura*, op. cit., p.6.

<sup>17</sup>"(...)Mandamos, que la obra, y libro original, que en nuestro Consejo se presentare, auíéndose visto, y examinado, y pareciendo tal, que se deve dar licencia, sea señalada y rubricada en cada plana, y hoja, de uno de los nuestros escriuanos de Cámara, que residen en el nuestro Consejo, qual por ellos fuere señalado: el qual al fin del libro ponga el número, y cuenta de las hojas, y lo firme de su nombre, rubricando, y señalando las emiendas, que el tal libro ouiere, y saluándolas al fin: y que el tal libro, o

relaciones", sermões e obras menores, que até aí circulavam sem licença e muitas vezes anonimamente.

Com Filipe IV intensificam-se os debates académicos relacionados com a História<sup>18</sup> e elaboram-se índices bibliográficos. Surgem as Bibliotheca-catálogo em língua castelhana, onde o saber está ordenado (e controlado) a partir de uma unidade, quer temática, quer de autor, quer de língua.

A partir de meados do século XVII existem núcleos académicos de tendência ainda literária, formando redes de contactos mútuos, de que os mais importantes são os de Nicolau António, em Valência, e os de Pedro Fernandez del Pulgar e do Marquês de Montejár, em Madrid. Não sendo

---

obra assí rubricado, señalado, y numerado, se entregue para que por éste y no de otra manera se haga la tal impresión; y que después de hecha, sea obligado el que assí lo imprimiere a traer al nuestro Consejo el tal original, que se le dio, con uno o dos volúmenes de los impresos, para que se vea y entienda si están conformes los impresos con el dicho original: el qual original quede en el nuestro Consejo: y que en principio de cada libro que assí se imprimiere, se ponga la licencia, y la tassa, y priuilegio si lo huuiere, y el nombre del Autor, y del impressor, y lugar donde se imprimió: y que esta misma orden se tenga y guarde en los libros, que auiendo sido ya impresos se tornare dellos a hazer nueva impresión: y que esta nueva impresión no se pueda hazer sin nuestra licencia", Ley XXIII, fl.34r, cit. por José SIMÓN DÍAZ, *El Libro Español Antiguo: Analisis de su Estructura*, op. cit., pp.8-9.

<sup>18</sup>O primeiro grande debate, iniciado ainda no reinado de Filipe III, gira em torno da Historia de España, de Juan de Mariana. Inicialmente escrita e editada em latim, em 1595, foi em 1601 traduzida e acrescentada pelo próprio autor, tendo sido objecto de sucessivas edições: Juan de MARIANA, *Historia General de España. Compuesta Primeiro en Latin, Buelta al Castellano por...*, Toledo, Pedro Rodriguez, 1601; Juan de MARIANA, *Historia General de España. Compuesta Primero en Latin, Buelta al Castellano por...*, Madrid, Luis Sánchez, 1608.

Integrando-se na linha das tradicionais histórias gerais, e pretendendo substituir a História General de España de Afonso X, é fundamentalmente um trabalho de compilação de crónicas espanholas da época moderna, especialmente das de Ocampo. Esta pouca preocupação pela crítica das fontes, que se reflecte na narrativa fabulosa sobre a origem de Espanha (cuja edição teve o patrocínio e a protecção real), dará origem a uma forte polémica, que terá em Mantuano o seu principal oponente, e como defensores Deza e Tomás Tamayo de Vargas, uma vez que Mariana não se envolve directamente no debate, corrigindo, no entanto, em posteriores edições alguns erros factuais e cronológicos: *Historia General de España comqvesta, emendada, y añadida por...* I.vol., Luis Sánchez, 1623; *Historia General de España Comqvesta, Emendada, y Añadida por...*, II.vol., Toledo, Diego Rodríguez, 1623.

O debate inicia-se com um folheto anónimo editado em Milão, em 1607, [Pedro, MANTUANO], *Aduertencias a la Historia del Padre Iuan de Mariana*, [Milão],[s.n.](Diciembre 1607); reeditado em 1611, e desenvolvido em Pedro MANTVANO, *Advertencias a la Historia del P. Juan de Mariana...*, Madrid, Imprenta Real, 1613.

Estas obras serão objecto de resposta por parte de DEZA( Lope de Deza), *Defensa a la Historia General de España que en latin y castellano escrivio el P. Iuan de Mariana*, B.Nac. Madrid., mss.6.946, 94 fol.; e de Thomas TAMAYO de VARGAS, *Historia general de España del P. D. Iuan de Mariana defendida... contra las advertencias de Pedro Mantuano*, Toledo, Diego Rodriguez, 1616; e *Racon de la Historia del P.D.Iuan de Mariana: de las advertencias de Pedro Mantuano contra ella: de la defensa del Doctor Don Thomas Tamaio de Vargas*, Toledo, Diego Rodriguez, 1616. Obras que serão objecto de nova resposta, em obra anónima, também atribuída a Mantuano:[Pedro, MANTUANO], *Antirespvesta a lo que escriuio Iuan de Mariana contra las Aduertencias que salieron a su Historia*, [s.l.],[s.n.],[s.d].

espaços institucionais de discussão histórica - mantêm-se mesmo numa situação marginal, ignorados pelos poderes centrais -, debatem e criticam as concepções historiográficas oficialmente vigentes, assentes num discurso legitimador e pouco crítico, divulgado através do veículo nobre, que era o livro impresso. Desses debates resultaram diversos discursos e algumas obras, a maior parte das quais permaneceu manuscrita. As mais características, que chegaram até nós, são: *Censura Fabulosa*<sup>19</sup>..., de Nicolau António, editada pelo movimento erudito valenciano, no século XVIII, *Dissertaciones*, de Ibanez de Segovia, Marquês de Montejár e *Sigalion*<sup>20</sup>, de Pedro Fernandez de Pulgar, que permanece manuscrita, e será objecto de análise na terceira parte deste trabalho, como se disse já.

Filipe V, em 1711, exigirá aos tipógrafos a devolução, depois de impressa a obra, dos manuscritos originais base da Real biblioteca, ou Libreria Pública de Madrid, fundada em 1716<sup>21</sup>. Ordena ainda, no mesmo ano, que um exemplar dos livros impressos, ou reimpressos, "en todos mis dominios", seja enviado para a referida Biblioteca. Esta exigência tinha valor retrospectivo até 1711, ano considerado pelo Rei como o da sua verdadeira fundação. É criada também a Real Academia de la Lengua e a Real Academia de la Historia, com a institucionalização da discussão historiográfica, reunindo-se assim, num mesmo espaço, informação compilada, erudição, crítica e difusão literária.

Publicam-se de forma mais sistemática repertórios bibliográficos, quer elaborados no século XVII - na versão original, ou aumentados e corrigidos -, quer coevos, sendo ainda impressas séries de fontes que permaneciam manuscritas.

Todos estes meios propiciam o aparecimento de novos autores e de um público que participa cada vez mais na reflexão e no debate.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> *Defensa de la Historia de España Contra el P. Higuera*, manuscrito que corresponde a *Censura de Historias Fabulosas*, editado por Gregorio Máyans i Siscár, em Valencia, Antonio Bordazàr de Artàzu, 1742.

<sup>20</sup> *Sigaliòn, ó chiton de los chronicones fabulosos, y supuestos, que se han publicado en España, desde el año 1594 con título de historiadores antiguos. Manifestase que son ficciones de autores modernos, y en especial el Chronicon de Auberto Hispalense. Fantasia en diálogo jocoserio, dividido en dos partes, ante Sigalion Critico severo de Athenas...*, de Pedro Fernandez del Pulgar, manuscrito que se encontra actualmente na Real Academia de la Historia.

<sup>21</sup> Referindo-se à mesma pragmática, Alonso Javier Paredes, *Cuatro siglos de Historia de la Hermandad de San Gerónimo*, Madrid, F.G.S.R., 1988, data-a de 1716, enquanto Agustín MILLARES CARLO, *Introducción a la historia del libro y de las bibliotecas*, México, F.C.E., 1986, p.294, a refere como sendo de 1714.

<sup>22</sup> Em Portugal, a Real Academia da História foi criada em 1720, por D. João V, com o objectivo de escrever a história do Reino "e porque as noticias necessarias não se acharão só nos livros impressos, e manuscritos, mas estarão nos Archivos: ordenarey por cartas firmadas da minha Real mão se participem à Academia todos os papeis, que delles se pedirem, communicandolhe os Catálogos dos

Considera-se pois que a ideia de Biblioteca aglutina e concentra os elementos mais importantes deste longo processo, por ter sido o veículo e o meio material de desenvolvimento da disciplina histórica. Ao revelar a ordem do saber e o seu processo, quase imperceptível, de transformação está a revelar também as concepções de conhecimento subjacentes.

Tendo o saber um valor analógico ao de verdade, a *bibliotheca* surge no Renascimento associada aos valores humanistas, à ideia de original, do espaço-sacrário, do raro, do antigo e valioso, sendo entendida ao longo dos séculos XVI e XVII numa pluralidade semântica<sup>23</sup>: como sinónimo de Livraria Pública<sup>24</sup> (que incluía a ideia de

---

mesmos Archivos, e Cartorios" cit por Luís AMARAL, "A edição de fontes históricas em Portugal no século XIX" (no prelo).

Esta ideia e prática é comum em França no século XVII e, embora em menor grau, em Espanha a partir dos finais do século: No caso português, a Academia interrompe a sua actividade em meados do século, só voltando a activar-se no início do século XX. A Academia Real das Ciências de Lisboa (com três grandes áreas de actividades e interesses: belas-artes, ciências naturais e ciências exactas) foi criada em 1779. A história passa de bela-arte para se desenvolver mais no campo da ciência auxiliar, começando a publicar-se entre 1790 e 1824 a "Collecção de livros inéditos de história portugueza", onde se editam pela primeira vez, entre outros documentos legislativos, administrativos e jurídicos, textos historiográficos (como as crónicas de Fernão Lopes, Zurara, Rui de Pina).

<sup>23</sup>Diego de Arze, em *De las librerías: de su antigüedad y provecho...*, no capítulo I "De los nombres con que diuersas naciones llaman las Librerías y en especial los nombres e q. usamos los latinos", associando linhagem, nobreza e bibliotecas, começa por apresentar a etimologia grega e latina das palavras: Bibliotheca deriva das palavras gregas, Beth (casa) e Sepher (livros);, Librarium, em latim (caxon de libros); archivia ou tabularia, ("lugar donde se guardan las escrituras públicas), considerando em seguida: "Y de este Vocablo con que estos Doctores llaman a las Librerías, si es que con cuydado lo advertimos, sacaremos, que el fin principal, que en instituyr las tuvo la Iglesia; fue para que sirviessen de Archivos de los Libros sagrados, y de los sanctos Doctores intérpretes de ellos, y de las actas de los Concilios, y Bulas Apostólicas, de quien oy se ve grande guarda en la **Libreria Vaticana**. Y de aqui me vengo a persuadir (y es particular conjetura mía) que el no usar comunmente los Autores eclesiásticos de la voz ARCHIVIUM, o, LIBRARIA, o, SCRINIUM language tambien de S. Gregorio, que escriuiendo al obispo Secundino, dize: Quadraginta Homilias suas in scrinio S.R.E. detineri; sino de la griega BIBLIOTHECA, no estanto por el pundonor, que dixes, de los Latinos, que quieren probisar. Las voces griegas a la Lengua Latina, y asi enriquecerla quanto: para significar, que las librerías eclesiásticas si bien sirven para guardar, todos los Libros sanctos, empero principalmente fueron instituydas como archivos delos Libros sagrados, dichos vulgarmente Biblia. (...) De manera que nuestros maestros, que gustan mas de la fruta, que de las hojas ni flores, de las cosas digo, que del language y palabras, si llamara las Librerías BIBLIOTHECAS, no es tanto por ser lugar de libros segun su ethymologia, quanto *por nombrarlas del principal libro que conservan, que es la santa Biblia*, que algunos sanctos tienen tambien por Bibliotheca, tal es el thesoro de mysterios que encierra. in Diego de ARZE, *De las librerías: de su antigüedad y provecho...*, (s.l.), (s.n.), (s.d.)[1608], p.6-7.

E Pinelo: "Bibliotecas se llamaron propriamente, las numerosas Librerías, donde la curiosidad estudiosa depositó noticia dilatada, juntando con expensas liberales, materias diversas, para que fuesen las Obras de los Escritores, maravillas del Mundo, i las Letras de los Sabios, Tesoros de los Reies (...) tambien se llama (...) un libro que contiene Obras insignes de diversos Autores(...)los que juntaron Escritores de diversos assumptos, no desdeñaron este nombre", *Epitome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Náutica i Geográfica*, vol.1, Barcelona, ed. Horácio Capel, P.U.B., 1982, p. 3.

arquivo e de museu<sup>25</sup>); como de repertório bibliográfico, ou biobibliográfico<sup>26</sup>; ou ainda, embora com menor frequência, como sinónimo de catarpácio<sup>27</sup>, flores, margaridas, isto é, antologia de textos de autores diversos, ou compilações de ditos e sentenças.

Sintetizando: ligada a várias formas e níveis de identificação e suportes materiais, cujos registos passam a memória, exprimindo quer o modelo de conhecimento, quer os seus vários níveis, quer os próprios rostos do saber, a *bibliotheca* é instrumento e suporte criador da formação e desenvolvimento da história e do saber modernos pela acumulação de informação e informações novas que agrega; pelas quase imperceptíveis e sucessivas modificações que as novas informações vão

---

<sup>24</sup>Sebastián Cobarruvias, *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*", Madrid, Turner, 1979. A Biblioteca é a livraria pública, aberta à divulgação. A Bíblia é o livro, o saber, daí Biblioteca derivar de Bíblia, saber alargado a mais do que um livro, necessitando-se agora que se defina a ordem dos novos livros, que já não se reduzem às Ciências Sagradas. Cfr.p.765. Este dicionário será referido ao longo do trabalho como *Tesoro de la Lengua...*

<sup>25</sup>Diz Paez de Castro: "En las Librerías tenían también antiguamente otras cosas muy preciadas, como estatuas de diversos metales, y pinturas antiguas; todo de grandísimos Maestros; y se compraban tan caro, que en estos tiempos no parece creíble: como otros muchos gastos, que se escriben de aquel tiempo. Assi vemos el gran cuidado, que Attico, y Tulio muestran, en allegar no solamente Libros; sino también los aderezos, y ornamentos de las Librerías. Los principales vultos, y retratos, que se ponían, siempre eran de hombres muy excelentes en letras, cuyos Libros allí estaban.", "Memorial al Rey Don Felipe II sobre la Formación de una Librería, por el Doctor Juan Páez de Castro", *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1887, ano 9, p.168. Esta obra passará a ser referida ao longo do trabalho como *Memorial...*

Vai concretizar esta ideia na segunda sala da Biblioteca Real, que deverá guardar pinturas, cartas de marear e cosmografia do que se conhece, globos, cartas de províncias, pinturas de cidades, relógios e instrumentos vários, espelhos de perspectiva, etc. A biblioteca continua a ser concebida como o espaço do conhecimento total, do monumento, do valioso, raro e "exquisito" Juan PAEZ DE CASTRO, *Memorial ...*pp.172-173.

Cfr. ainda José Maldonado y Prado, *Museo o Biblioteca selecta del Excelentísimo señor Don Pedro Núñez de Guzmán...*, Madrid, 1677.

Antonio RODRÍGUEZ-MOÑINO, "La colección de manuscritos del Marqués de Montealegre (1677)", in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 1950, vol..CXXVI, pp.127-192, e vol.. CXXVII, pp.307-344, e 427-491.

<sup>26</sup>Também Chartier, citando o respectivo artigo do *Dictionnaire de Furetière*, refere "(...)Bibliothèques, les livres qui contiennent les Catalogues des livres des Bibliothèques (...) Le Père Labbé Jésuite a fait la Bibliothèque des Bibliothèques en un livre in-8 qui contient seulement le Catalogue des noms de ceux qui ont écrit des Bibliothèques" cit. por R, Chartier, *L'Ordre des livres*, Paris, Alinea, 1992, p.72.

Alguns dos repertórios portugueses do século XVII que incluem o termo no seu título: Bernardo, *Radius. Bibliothecae regalis Archicaenobii Alcobaciensis*; David Nunes Torres, *Bibliotheca Lusitana*; P. Francisco da Cruz, *Bibliotheca Lusitana.*; Francisco Galvão de Mendanha, *Bibliotheca Portugueza*; João Franco Barreto, *Bibliotheca Portugueza*; Jorge Cardoso, *Bibliotheca Lusitana*; Menasses Ben Israel, *Bibliotheca Rabinica*; Pedro de Castro, *Bibliotheca medici eruditi*.

<sup>27</sup>" Catarpacio, el libro de mano en que se escriben diversas materias y propositos y el quaderno en que uno va escribiendo lo que dicta su maestro desde la cátedra. Antonio Nebrisenca: cartapacio, albiolus, codex eceptorius, Brocense, carphilacium...", Sebastián Covarrubias, *Tesoro de la Lengua ...*, op. cit., p.313.



provocando na arquitectura tradicional da ordem dos conhecimentos; e pela exigência de organizar as várias informações.

Ao deixar de se recorrer, na ordenação dos livros, exclusivamente às tradicionais tipologias do saber (quer assentes na Bíblia ou na classificação aristotélica dos saberes), cria-se um vazio, quer em termos de núcleo organizacional, quer quanto à sua própria ordem.

Face a esta ausência de norma, surgem as primeiras novas classificações, assentes no critério do *ver*.

Os índices e os catálogos<sup>28</sup>, e os livros distribuídos no espaço da livraria, organizam-se em função do tamanho, da letra, ("de mano" ou impressa) e da língua em que foram escritos. Só posteriormente, dentro de cada uma destas divisões, é a obra agregada às da mesma matéria, não sendo considerado relevante o nome do seu autor.

O caminho a percorrer na Biblioteca torna-se labiríntico e mais enigmático. A sua totalidade é apenas conhecida pelo Bibliotecário, que passa a deter o cargo de chaveiro-mor do espaço do saber<sup>29</sup>. Ele torna-se peça indispensável da biblioteca moderna, por ser o único que conhece a distribuição dos livros no espaço, estabelecendo-lhe as divisões e atribuindo a cada um o seu lugar. Cabe-lhe portanto o papel de sábio "prático", por conhecer o que existe, estabelecer as condições, e orientar os conteúdos do saber a utilizar.

Esta distribuição dos textos de uma mesma temática pelo espaço da biblioteca, reflectindo as modificações que estão a ser introduzidas na enciclopédia dos Saberes, provoca a verificação da necessidade de "arrumar" os livros de maneira não exclusivamente coincidente com os aspectos exteriores da sua materialidade. Só assim as informações se podem transformar em saberes. Indexar, classificar, ordenar e catalogar,

---

<sup>28</sup> Por exemplo, os primeiros índices do Escorial, ou de algumas livrarias privadas de diversos humanistas e eruditos espanhóis, cujo espólio foi integrado naquela biblioteca, estão ordenados pelo tamanho. É o caso da livraria de Paez de Castro, de Zurita, de Ponce de León, ou dos livros do Mosteiro de Serojas, Bib.Nac.de Madrid, mss.5734, fl.207-393.

O critério que vai prevalecer ao longo do século XVII revela já uma maior sistematização: separação de manuscritos e impressos; em seguida, dentro de cada grupo, distribuição por línguas; e finalmente organização alfabética (caso, por exemplo, da *Bibliotheca Selecta* de Olivares,) ou por temas (caso da *Bibliotheca Selecta* de Pedro Núñez de Guzmán,).

Cfr. José Maldonado y Prado, *Museo o Biblioteca selecta del Excelentísimo señor Don Pedro Núñez de Guzmán...*, Madrid, 1677. A parte do catálogo correspondente aos manuscritos foi publicada neste século por Antonio RODRÍGUEZ-MOÑINO, "La colección de manuscritos del Marqués de Montealegre (1677)", in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, vol.CXXVI, 1950, pp.127-192.

<sup>29</sup> Por exemplo, Velásquez em "As Meninas", auto-retrata-se exibindo o chaveiro correspondente à sua dignidade de chaveiro-mor.

palavras de ordem da moderna biblioteca<sup>30</sup>, revelam uma outra concepção e prática de conhecimento. Foram-se assim criando formas de raciocínio que geram espírito analítico, expresso em quadros conceptuais que passam a pré-definir a arquitectura da informação.

Finalmente, esta consciência de que a análise executa um processo de selecção e de organização é alargada à dimensão da utilidade política desse saber. O que vai provocar um outro tipo de análise e de selecção da informação, já não ao nível da aplicação das ferramentas lógicas na conceptualização e organização desse saber, mas sobre o valor e ideologia dessas obras, sobre os rostos do saber.

O conhecimento da realidade passou a exigir a sua racionalização, a vários níveis; e o conhecimento político pede a sua hierarquização, definindo etapas de acesso ao conhecimento, que se transforma afinal na “realidade”. Esta conservação da memória é ainda uma construção ao nível da divulgação. O que passa a ser conhecido e omitido define-se e organiza-se em função dos diferentes públicos, assentando por isso, também, num trabalho de selecção e de gestão do espaço, quer arquitectónico, quer do livro, seja através do formato, da mancha tipográfica, ou do tipo de letra.

A osmose destes elementos, e marcos de evolução, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, foi o que se encontrou paradigmaticamente exemplificado nas *Bibliothecas*<sup>31</sup> que a seguir se apresentam: conceptualização da Biblioteca Real, traduzida na construção do Mosteiro do Escorial e na regulamentação do Arquivo Central de Simancas; e elaboração dos primeiros catálogos bibliográficos em língua *espanhola*.

Se ao longo do século XVI, a *bibliotheca-livraria*, espaço físico, foi estabelecendo a organização do saber, entendido este como o do manuscrito e de todas as preciosidades originais, ao longo do século XVII a *bibliotheca-catálogo*, espaço mental que se pretende universal, foi criando e assumindo a unidade da ordem do saber (e mesmo, às vezes

---

<sup>30</sup>Cfr. André STEGMANN, “Comment constituer une bibliothèque en France au début du XVIIe siècle: examen méthodologique”, in *Le Livre dans l'Europe de la Renaissance, Actes du XXVIIe Colloque international d'Etudes humanistes de Tours*, Tours, Cercle de la Librairie, 1988, pp.467-501.

Louis DESGRAVES, “Naissance de la “Science” des Bibliothèques”, in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, op. cit., pp.11-13; e Robert, DAMIEN, *Bibliothèque et État. Naissance d'une raison politique dans la France du XVIIe siècle*, Paris, P.U.F., 1995.

<sup>31</sup>Pretende-se analisar a evolução da concepção de Biblioteca através de dois momentos: a *bibliotheca-livraria*, no século XVI, e a *bibliotheca-catálogo*, no século XVII.

da sabedoria), ao controlar a produção manuscrita e a impressa, e apresentando-a contida num livro.



## 2. BIBLIOTHECA-LIVRARIA

### 2.1. BIBLIOTECA REAL

#### 2.1.1. Mosteiro de San Lorenzo, el Real de el Escorial

- *Memorial*, de Paez de Castro a Filipe II (1555-1556)

- *Memorial*, de Juan Cardona a Filipe II (<1563)

A ideia fundamental deste capítulo será ver como os veículos receptores e divulgadores de saberes, normalizando a leitura e o conhecimento, acabam imperceptivelmente por serem modificadores da ordem estabelecida.

Tentar-se-á entender a ideia, o valor e a finalidade da Livraria Real a partir do estudo dos memoriais que Juan Páez de Castro<sup>32</sup> e Juan Baptista Cardona<sup>33</sup> ofereceram a Filipe II; e da ordenança elaborada pelo próprio Monarca<sup>34</sup>, em que define o regimento do Arquivo Central de Simancas.

Os dois memoriais completam-se. Páez de Castro conceptualiza a necessidade da criação de uma Biblioteca Real<sup>35</sup> e da organização do

---

<sup>32</sup> Foi editado no século XVIII, por Blas Antonio de Nassarre, que o dedicou a Francisco Rávago, prefeito da Real Biblioteca (Juan PÁEZ DE CASTRO, *Memorial...* [s.d.\1749] [s.l.], [s.n]); e duas vezes no XIX ("Memorial. Al Rey Don Felipe II sobre la Formación de una Librería, por el Doctor Juan Páez de Castro", *Revista de Archivos Bibliotecas y Museos*, 1887, 9, pp.164-178; e "Memorial dirigido al Rey Don Felipe II sobre Formación de una Librería. Por el Doctor Juan Páez de Castro", *Revista de Madrid*, 1883, 5, pp.488-497, pp.618-627, - publicado com anotações de Juan Catalina García).

Trata-se do Memorial sobre escrever história, Páez de Castro já anteriormente tinha dedicado a Carlos V, um tratado sobre escrever história que também ficou inédito, e de que existe uma cópia na Biblioteca do Escorial (Mss. Q-18).

Foi publicado, também, no século passado pelo agustiniano Fr. Eustasio Esteban, na revista do Escorial, *Ciudad de Dios*: "De las cosas necesarias para escribir Historia", 1892, XXVIII, pp.601-610, e XXIX, pp.27-37. Cotejada a versão impressa com uma cópia, manuscrita, do século XVIII, existente na Biblioteca Nacional de Madrid, verificou-se que o texto impresso estava incompleto, faltando-lhe a parte final. Ver: Tratado sobre Librerías, mss 5578, fl.130-131v.

<sup>33</sup>"Traza de la Librería de San Lorenzo el Real del Escorial por el Doctor Juan Baptista Cardona, Canónigo de Valencia", *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1887,nº10, pp.364-377. Esta obra passará a ser citada como : Cardona, *Librería de San Lorenzo...*

<sup>34</sup> *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, 1588.

<sup>35</sup>"Teniendose por cosa cierta. que los Libros, y Escrituras antiguas son menester generalmente para la vida humana, segun creo, que mostré bastantemente en aquel Memorial de las cosas necesarias para escribir Historia; por fuerza se ha de conceder ser necessario, que haya una fuente, de la qual salgan los Libros, y á la qual tornen, quando fuesse necesario enmendarlos; ó se dude, si están bien, ó no (...)", Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., p.170.

espaço e dos livros na livraria. Não se tendo ainda iniciado a construção do Palácio, sugere Valladolid<sup>36</sup> como o local indicado. Cardona, tendo como modelo quer a recente conclusão da biblioteca do Vaticano (que elogia e descreve em Memorial próprio e editado na época<sup>37</sup>), quer a organização da de Henrique III (modelo também para Maine<sup>38</sup>), apresenta um projecto concreto de governo e de administração daquele espaço, subordinando-o aos Poderes Centrais. Ao associar o Escorial a estas bibliotecas, está a articular objectivos de erudição humanista e de prestígio político, ao mesmo tempo que pretende integrar a Espanha na rede das grandes livrarias europeias, conferindo-lhe um lugar de distinção.

Os memoriais são textos normativos, sugerindo ao Monarca concepções e organizações do conhecimento em geral e do conhecimento político, só fornecendo secundariamente informações sobre os livros que as devem integrar. Por isso este capítulo é completado com a sistematização e o estudo de alguns catálogos de livrarias privadas, de cronistas - inclusive do próprio Páez de Castro -, de humanistas e eruditos, cujo espólio foi adquirido por Filipe II para integrar a do Palácio<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup>"Otro exemplo tenemos de los Doctores principales en Derecho; los quales contendiendo sobre la verdadera letra de un texto, fueron á Pisa, donde estaban las Pandetas, que agora están en Florencia, para saber la verdad. De manera, que los lectores de Universidades, cada uno en su facultad tiene necesidad de este socorro, para enmendar los Libros, que lo han bien menester, segun imprimen negligentemente, y segun que muchos los corrompieron antiguamente, y los corrompen agora. No sólo son menester las Librerías Reales, para enmendar lo publicado; pero tambien para suplir muchos pedazos, que les faltan, y tratados enteros en todas profesiones; porque ni Theólogos, ni Juristas, ni Médicos, ni Philósophos, ni Mathematicos tienen todos los Libros de sus facultades."Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., p.170.

Por outro lado, a referência ainda a Valladolid como o melhor local para a construção da Biblioteca Real, pela existência da universidade e de colégios maiores, da audiência real e de mosteiros, remete o Memorial para data anterior a 1563.

<sup>37</sup>Em 1587, escreveu também um memorial sobre esta Biblioteca: *De Regia Sancti Laurentii Bibliotheca. De Pontificia Vaticana. De expugnendis haereticorum propriis nominibus. De diptychis*, Tarracona.

<sup>38</sup>La Croix du Maine, bibliotecário de Henrique III, foi ainda um dos primeiros autores de bibliografias - *La Bibliothèque du Sieur de la Croix du Maine*, Paris, A.L'Angelier, 1584.

<sup>39</sup>Para além da livraria de Páez de Castro, de Pero Ponce de León, Inquisidor geral (fl.337-359) e do Prior de Roncesvalles, Don Diego González (que refere uma lista de livros manuscritos, todos de história, fl.398-400), estudou-se ainda a "Relação dos livros que o rey manda vir da Capela real de Granada para o Escorial", fl. 325-335v; e o "Catálogo dos livros que estavam em poder das "Serojas" [e que vieram para o Escorial], fl. 400-448., Bib.Nac. de Madrid, mss.5734.

Dentro da vasta literatura sobre livrarias, privadas, nobres, e religiosas em Espanha<sup>40</sup> e em particular sobre a *Laurentina*, seleccionaram-se estes dois textos, também, por serem reflexões (as primeiras) elaboradas por historiadores - cronistas do rei. A Biblioteca Real que ambos preconizam é algo insólita, um misto de livraria privada, ainda de matriz providencialista, e de biblioteca pública renascentista (caso da Ambrosiana, ou da Mediceo-laurenziana<sup>41</sup>). E poucas semelhanças se encontram com as Bibliotecas Reais do Século XVII, fundadas na teorização da biblioteca política, de Naudé, posteriormente concretizada por Luís XIII.

A Vaticana, iniciada com Nicolau V e, na época, em fase de conclusão, será o modelo da do Escorial<sup>42</sup>, inclusivé ao longo do século XVII<sup>43</sup>: biblioteca humanista católica, por oposição à biblioteca universal e política, de Mazarino.

A Biblioteca Real do Mosteiro do Escorial, com objectivos políticos já de características modernas e com uma concepção de saber e de poder mesclada de sentido da eficiência e de visão política ainda de finalidade providencialista, vai criar desde o início uma certa fisionomia contraditória e enigmática que, se a individualiza, também a integra no espaço cultural do renascimento. Por exemplo, o seu bibliotecário, José de Sigüenza, publica, em 4 volumes<sup>44</sup>, a história dos Jerónimos - a cuja ordem a biblioteca tinha sido entregue - conjuntamente com a história do Escorial, fazendo sucessivas analogias entre a fundação da ordem e a do mosteiro. Para isso agregou aos textos elaborados para o efeito

---

<sup>40</sup> Cfr. Fernando Huarte Morton, "Las bibliotecas Particulares Españolas de la Edad Moderna", *Revista de Archivos y Museos*, pp. 555-576; e António Rodríguez-Moñino: *Catálogos de libreros españoles (1661-1840). Intento bibliográfico*, Madrid, 1945, pp.13-20 y 21-24.

<sup>41</sup> Sobre a riqueza destas bibliotecas ver: Agustín MILLARES CARLO, *Introducción a la historia del libro y de las bibliotecas*, op. cit., pp.260-290, e 294.

<sup>42</sup>"(...) y yo por exemplares de la librería vaticana he enmendado más de quatrocientos lugares en las obras de San Hilario (...)", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.365

Simbolicamente, Filipe II enviará ao Papa algumas preciosidades da sua livraria.

Cfr: Carlos ALONSO, "Felipe II envía unas láminas de El Escorial al papa Sixto V.", *La Ciudad de Dios*, J-A, 1, vol. 205, 1992, pp.183-194.

<sup>43</sup>Em 1608, Diego de Arze, *De las librerías: de su antigüedad y provecho...*, refere, para além de Mutio Pansa, *Della Libreria Vaticana ragionamenti*, impresso em Roma, em 1590, e Angelo Roccha, *Bibliotheca Apostolica Vaticana Sixto v Pontifice Maximo in splendidiorem commodioremque locum translata*, Romae, em 1591, Onuphrio Panuino Verones, que "tradujo un tratado de la Libreria Vaticana, y aunq. no ha salido para comun uso de los estudiosos, estando aun manuscrito en algunas librerías de Roma, empero gozamos de un fragmento del, q. nos dio impresso el muy docto Obispo Joan Baptista Cardona", fl.3 e Pedro Gregorio, no cap.7, liv.16, da *República*", op. cit., fl.4v.

<sup>44</sup> A *Quarta parte de la Historia de la Orden de San Jerónimo...*, só foi publicada em 1680, por Francisco de los Santos, que a concluiu (Madrid, Imprenta de Villa Diego).

(correspondentes aos volumes 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup>, em que narra o processo de construção do Edifício, descrevendo posteriormente o Monumento) textos sobre a Ordem, já publicados, seus (é o caso do 1<sup>o</sup> volume<sup>46</sup>) e de outros autores<sup>47</sup> (o 2<sup>o</sup> volume é uma adaptação dos manuscritos de Pedro de la Vega e de Juan de la Cruz).

Voltando aos memoriais, Páez de Castro, tal como fizera já com Carlos V,<sup>48</sup> dedica a Filipe II, no início do seu reinado, novo memorial sobre a Biblioteca. Este discurso, tal como o de Cardona, permaneceu manuscrito. Foi publicado no século XVIII, tendo sido posteriormente reeditado em 1883 e 1887. Discorre, de forma desenvolvida, sobre o valor e a importância da criação de uma majestosa livraria. É um texto de concepção, onde justifica as razões por que considera necessária a construção de uma biblioteca real, apresentando, em seguida, o seu modelo<sup>49</sup>.

Essa concepção baseia-se no princípio de que a conservação da memória, passada e presente (isto é o saber organizado, a Livraria) é, como a justiça, um dos pilares da "salud universal" da monarquia, tal como a milícia o é da expansão, que inclui agora o conhecimento do Novo Mundo<sup>50</sup>; e um factor de "honra, y provecho, para todos Vuestros Reinos y Estados".<sup>51</sup>

---

<sup>45</sup>*Tercera Parte de la Historia de la Orden de San Geronimo. Doctor de la Iglesia*. Dirigida, al Rey nuestro señor. Don Philippe III, Madrid, Imprenta Real, 1605.

<sup>46</sup> *Vida de San Gerónimo Doctor de la Santa Iglesia*, Tomas Iunti, 1595.

<sup>47</sup> *Segunda parte de la Historia de la Orden de San Geronimo. Dirigida Al Rey nuestro Señor Don Philippe III*, Madrid, Imprenta Real, 1600.

<sup>48</sup> Apesar de o manuscrito não estar datado, pode considerar-se escrito durante os primeiros tempos do reinado, pelo carta que envia a Zurita, de Bruxellas, datada de 1556: "(...) resultare, haber una cédula para no residir por algún tiempo y enviar lo que aquí tengo a España e irme por Italia a recoger mis cajas y buscar otras cosas que tocan a la historia e irme con todo a España, si Dios fuere servido. Si pudiese hacer que mi ida a Italia fuera con alguna comisión de buscar libros para su Majestad o para una librería regia como yo he dado Memorial, op. cit., en que lo trato largamente y el rey lo ha visto y aprobado, holgarme he mucho; si no iré a mi costa y despacharé presto," cit. por Gregorio de ANDRES, "31 Cartas Ineditas de Juan Páez de Castro Coronista de Carlos V", *Boletín de la Real Academia de la Historia*, CLXVIII, Cuaderno III, p.515.

<sup>49</sup> Páez de Castro tinha já oferecido a Carlos V um Memorial, sobre a importância de conservar os livros e sobre como escrever história.

No presente discurso o cronista vai desenvolver o tema, tratando de quatro aspectos relacionados com a conservação do saber: 1 "Antiguidade de las librerías"; 2 "Honra y provecho que viene al Reyno, y a toda la Nación"; 3 "donde se labrará, e como se repartirá el edificio"; 4 como "se juntaran los libros y las otras "cosas" - quer dizer, os documentos.

<sup>50</sup> "(...) es cosa cierta, que concurrirán todos los que tienen conocimiento, y experiencia de los negocios, y partes, que constituyen la República, á pedir lo que piensan convenir á la salud universal. Unos suplicarán, que la Milicia se reforme; para que se industriem, y exerciten muchos, y tenga V.M. copia de grandes Capitanes, y hombres de gobierno, para que se alcance aquella parte tan



Ambos se enquadram na perspectiva humanista do desenvolvimento da República a partir da aquisição do raro, do fomento das letras e do prestígio que daí resulta para o Príncipe<sup>52</sup>. Procuram no livro antigo não apenas a emenda para os textos corrompidos pelos copistas, ou mal impressos na actualidade<sup>53</sup>, mas também novas ou mais completas informações. Os livros conservam a memória. São a base do conhecimento e por isso devem estar reunidos num local único, guardados e protegidos, mas também com fácil consulta, pois deles "penden todas las artes, y industrias humanas"<sup>54</sup>!

Ambos consideram as bibliotecas factor de aceleração cultural: atraem sábios, que, criando em seu redor um corpo de discípulos, produzem novo saber<sup>55</sup>; permitem o florescimento de imprensas (reais), à

---

principal de los Romanos, que puso más temor, y espanto á Anibal, que los Soldados, y provisión de dineros. Y era, que muriendo en reencuentros, y batallas cada día tantos Capitanes Romanos, se le ponían delante otros tantos á la improvista tan diestros, ó más que los pasados. Otros serán de parecer, que se atienda principalmente á las cosas de la Mar, con exemplo de los mismos Romanos, que nunca fueron Señores, hasta que entendieron, que consistia su grandeza en ser poderosos por la Mar; y con exemplo de los Athenienses, que se libraron de Xerxes, dejando la tierra, y metiéndose en el agua. Y cierto está bueno de vér cuánto importa tener Ciudades armadas, y bastecidas, las cuales sean movibles, y se puedan llevar con sus fundamentos á las partes que convinieren. No faltará quien avise de las cosas de justicia, y consejo para la concordia, y igualdad entre todos estados. Algunos havrá, que consideren lo uno, y lo otro juntamente; y quieran que las cosas de guerra por todas partes se enderecen á la paz pública, como á fin principal: de manera, que nos armemos, como naturaleza á algunos animales mansos, para assegurarlos de las injurias, y no para ofender á otros. Al erizo puso las espinas, y púas tan espesas, y agudas por todo el cuerpo, que quando se cierra en figura de una pella, parece que está cercado de piqueros. Assi que les parecerá, que se provean, y fortifiquen las fronteras, de manera, que dentro del reino se tenga sossiego; y se alcance lo que dice el Evangelio, que entonces está en paz todo lo que hay en la casa, quando el valiente armado guarda la entrada. Tambien platicarán lo que toca al Nuevo Mundo de las Indias; y buscarán manera, como no se puedan levantar tyranos, y sean gratificados los Conquistadores, y sus descendientes, sin daño de la Corona de España: que será menester mirarse con gran prudencia, según la fuerza, que los climas tienen, para mudar las complexiones. Todas estas cosas son de altos entendimientos; y yo, como más ratero, pondré á V.M. un negocio, que, aun quanto á la sobre haz parece menor; tanto es más importante, mirando lo que de él se seguirá. Porque, si no me engaña la afición, por ser cosa de mi exercicio, creo, que es de honra, y provecho, para todos Vuestros Reinos y Estados; y con esto de muy poco gasto, conforme á la grandeza de animo de V.M.", Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., pp.165-166.

<sup>51</sup>Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., pp.165-166.

<sup>52</sup>"Con esta va la memoria que vmd. me embió de los libros, y enmendados algunos nombres de auctores que estaban errados, y señalados los libros que estaban doblados, y aun tres doblas, y los que estaban ya impresos: mas por esto no se debía de tener los exemplares antiguos en menos: antes las librerías principales debrian estar proveidas de libros de mano en todas lenguas, por que estos les dan nombre, fama y estima." "Carta del Doctor Juan Páez de Castro al secretario Matheo Vásquez, sobre el precio de libros manuscritos", *Revista de Archivos Bibliotecas y Museos*, 1887, 9, p.165.

E, no *Memorial* : " He mostrado quan grandes Príncipes hicieron semejantes gastos; y la honra, y provecho, que causará en los Reinos de V.M.R., y la facilidad con que se podrá hacer", op. cit., p.177.

<sup>53</sup>Páez, *Memorial...*, op. cit., p.170 e Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.365.

<sup>54</sup>Páez, *Memorial...*, op. cit., p.166.

<sup>55</sup>Páez, *Memorial...*, op. cit., p.171.

semelhança de França, Florença e Roma<sup>56</sup>, que impulsionam os mecanismos de divulgação; promovem riqueza<sup>57</sup> e são ainda embaixadoras pacíficas, pois permitem que, pela via das letras, haja concórdia entre subditos e nações.

O memorial de Páez de Castro é sobretudo uma teorização sobre a Biblioteca Real e a utilidade política do saber, num sentido amplo. Apesar de explicitamente considerar que a memória e a cultura ficam nos livros antigos, de "mano", há nele uma valorização da livraria, tanto como agregadora de conhecimentos como na formação de uma utilidade política presente.

O memorial de Cardona, sem questionar o de Páez de Castro, e aceitando-o implicitamente<sup>58</sup>, pretende apresentar soluções práticas referentes ao Livro e ao papel inovador do Bibliotecário.

---

<sup>56</sup>" Sería de grande provecho y reputación que V.M. instituyese un sueldo suficiente y honrado con el qual pudiese sustentarse un célebre estampador con sus oficiales, y que tuviese toda manera de caracteres escogidísimos y algunos correctores muy doctos, y este podría vivir en Madrid, á cuyo cargo fuese estampar y sacar á luz libros griegos y latinos que nunca se hubiesen estampado, diciendo en todos ellos *Ex Bibliotheca Regia catholica S. Laurentii*, y por empresa y señal fuese el escudo de V. M., y capitulando con el que cada libro que se sacase de la librería de V.M. la tercera parte fuese suya y lo demás sirviese y se aplicase á lo que V.M. mandare, con tal que cediese aquello en sustento y beneficio de la librería.", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.370.

Só no século XVIII, 1754, o rei vai concretizar a sugestão da imprensa real, directamente ligada à publicação de manuscritos valiosos do seu espólio (preciosidades que não arderam no devastador incêndio de seiscentos). Na Biblioteca Nacional de Madrid (mss.18662\25(5)) existe uma cédula do rei, em que ordena se imprima a Biblioteca de Nicolau Antonio, as obras de Morales, e se reedite a monumental *Historia General de España*, de Mariana.

<sup>57</sup>"Exemplo de esto tenemos en Roma, y Venecia, donde por causa de las Librerías hay gran copia de buenos Escribanos. Tambien irán tras la Librería las impresiones muy buenas y baratas. Assí vemos en Francia, que con la Librería del Rey se hicieron impresiones, que llaman Reales, y las concede el Rey por via de merced. Tambien se hace en Florencia; y se hiciera en Roma, si viviera el Papa Marcelo.(...)Quien consideráre la suma de dineros, que sacan los que ván fuera de España á estudiar; y lo que llevan Libreros Franceses, y de otras Naciones, por causa de Libros , y Papel, verá la importancia que es tener Librerías Reales; porque todo vá eslabonado, como tengo dicho. Tras los Libros ván los hombres sabios; y tras ellos los que quieren ser discipulos; y estos han menester á los Escribanos, y estampas; y estas los materiales, que son papel, y pergamino, y lo demás.", Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., pp.170-171.

Atrai a vinda de sábios e de discípulos, facilitando a criação de uma república de letras. Idéia comum a Cardona.

<sup>58</sup>"1. Primeramente yo no pretendo proponer á V. M. el beneficio público y utilidad grande que resultará á toda España y aun por eso á toda la christiandad en fundar una librería tan rara, copiosa y escogida, obra verdaderamente digna de un príncipe tan grande y tan cathólico, pues es cierto que con el tiempo es bastante para producir los mayores y mas eminentes letrados que hubiere en el mundo que como algunos escriuieron, la librería que hizo el Rey Ptholomeo Philadelpho en Alexandria de Agypto fue la causa que saliesen della Origenes, Clementes, Dionysios, Cillos y otros muchos que fueron los mas insignes varones que en las letras tuvo aquella era, los quales con su doctrina sembraron y defendieron la fe contra los herejes que en aquellos tiempos se levantaron: ni pretendo tratar del asiento que debe tener, ni de otras cosas muchas que se ofrecen en el formar librerías, sino solamente acordar á

Nestes memoriais, a Biblioteca é, simultaneamente e a vários níveis, o símbolo da **Autoridade do Saber**. Primeiro, pelo que possibilita, como sinédoque (real e simbólica) de *Razão* e processo de conhecer, revelando o que cada autor considera ser o instrumento máximo do conhecimento. Segundo, pelo espólio reunido, como sinónimo do Saber -aconselhavel ao Rei, à Corte e aos Outros. Conselho em que a hierarquia de níveis é coincidente com uma diferenciação de espaços: a arca<sup>59</sup>, que guarda a informação rara, ou proibida; a sala secreta, espaço privado, do Rei e seus "autorizados", que guarda "os segredos e as raridades"<sup>60</sup>; e a de Leitura pública, embora nem a todos acessível. Terceiro, pela "imagem" que transmite no seu todo, quer como espectáculo-ostentação de riqueza, quer de dignidade institucional, como encarnação do Saber-Poder, independentemente do seu valor de uso (reforçada pela associação palácio-mosteiro e por ter sido entregue aos prestigiados religiosos Jarónimos).

Vejamos alguns exemplos: para Paez de Castro, que concebe a Livraria integrando três salas, correspondentes aos três tipos de conhecimentos que a devem caracterizar, a segunda sala é "saber la Verdad", no sentido de memória-experiência, já seleccionada e purificada - quem vir as salas "Puede pensar que ha peregrinado lo más principal del mundo"<sup>61</sup>. Biblioteca e História são assim para o cronista quase coincidentes no objecto e na finalidade. Concebe pois a experiência como o estádio último do processo de conhecimento, pela qual se chega à verdade da realidade.

Para Pinelo, no final do primeiro quartel do século XVII a biblioteca já é conhecimento de nível superior ao experiencial: "Si la experiencia bastàra; tantos Príncipes, i Estudiosos, no huvieran

---

V. M. algunos advertimientos acerca de los libros que han de entrar en esta, y de la buena orden y concierto que es bien tenga para conservarse con auctoridad, reputación y provecho de todos;". Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.364.

<sup>59</sup>"(...) donde se tengan encerrados libros de mucho peso y valor, los cuales por su mucha antigüedad ternán el pargamino tan delicado y tan delgado y las letras tan comidas que no converná sean manoseados por toda manera de gente(...)", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.366.

<sup>60</sup>"Si bien la del Escorial, con lo manuscrito, impreso, i prohibido, luciendo Real cuidado del prudente Salomon", Antonio de León PINELO, - *Epítome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Náutica i Geográfica*, vol. 2, ed.Horacio Capel, op. cit., p.2.

<sup>61</sup>"Tendrãse perpetua noticia de las navegaciones, y conquistas de Índias: de los terminos de los Reynos, y Señorios: de los tributos, y de los gastos ordinarios: con las quales cosas, no solo se escusarán grandes pleytos; pero tambien guerras. Tendránse presentes los rostros, y disposiciones de Vuestros Passados, y sus descendencias, y hechos principales(...)será utilissimo para muchas cosas, será un gran socorro para los Historiadores. De manera que quien viere aquellas Salas, puede pensar, que ha peregrinado lo mas principal del Universo. Cómo se causarán estos provechos veráse claramente en la parte que sigue.", Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., pp.170-171.

trasmutado en el espacio de mas de dos mil años, lo superfluo (i algunos aùn lo preciso) de sus Riqueças, en el opulento Patrimonio de la Sabiduria ni V. Mag. en su Real Bibliotheca: Pero advirtiendò los riesgos à que vâ expuesto el ignorante experimentado, han reconocido los aciertos desiguales, è inciertos, sin la Doctrina, I Reglas de las Facultades, I Ciencias, que impelen el deseo de saber, I lisongèar el genio, para cumplir sus obligaciones.”<sup>62</sup>.

Tendo uma ideia divergente de Biblioteca, de acordo com as suas concepções de conhecimento, ambos defendem o princípio de que o saber se obtém com organização: só através da inventariação das obras, do cotejo de cópias, da sua sistematização por matérias, autores, tamanhos e antiguidade, da sua distribuição pelos diferentes espaços da biblioteca, da sua conservação (que implica cópia fiel dos manuscritos antigos e restauro das obras que se vão deteriorando) se consegue transformar informação em conhecimento útil. E uma adequada divulgação<sup>63</sup>, quer dentro da biblioteca, quer no exterior.

Ambos partilham a concepção da livraria como o espaço do Livro antigo<sup>64</sup>, raro, original, e de cópias não deturpadas e fidedignas. O que implica, por um lado, procura de textos, exigindo o acesso aos catálogos das grandes bibliotecas, trato e correspondência com os eruditos europeus (a informação bibliográfica funcionava via Epistolário<sup>65</sup>),

---

<sup>62</sup>Antonio de Leon PINELO, - *Epítome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Náutica i Geográfica*, op. cit., p.3.

<sup>63</sup> Esta catalogação, se ajuda a divulgar, também ajuda a conservar, no sentido de se não perder informação, e ser mais fácil controlar os livros existentes:

<sup>64</sup>“(…)sea en qualidad y rareza dellos, y esta consiste en que sean libros manuscriptos antiguos de todas lenguas y particularmente griegos, latinos y hebreos scritos en pergamino.”, Cardona, *Libreria de San Lorenzo...*, op. cit., p.364.

<sup>65</sup>O Epistolário entre eruditos era o meio mais rápido e rendoso de ter acesso e juntar informação. Gesner, como se verá no próximo capítulo, conseguiu elaborar o primeiro catálogo universal, inventariando cerca de 12000 obras, em grande parte através das informações obtidas por carta.

As redes sócio-culturais que as relações individuais, através da correspondência, iam criando, importantes até ao século XIX, são fundamentais em Espanha durante o período do Império. Através da carta se fazem algumas reflexões mais críticas, e se difundem informações, que transitam rapidamente de Itália para Flandres, ou Castela. Os humanistas de pendor menos ortodoxo, simpatizantes de alguns ideais erasmistas, mantêm uma larga correspondência entre si. A primeira grande publicação de cartas de eruditos e humanistas espanhóis quincentistas e seiscentistas foi feita por DORMER, *Progressos de la Historia en el Reyno de Aragon, y elogios de Geronimo Zvrta, sv primer coronista...*, Zaragoza, Herederos de Diego Dormer, 1680. Do mesmo autor ver ainda [*Cartas y Apuntamientos varios*], Bib.Nac.Madrid, Mss. 9094.

Publicado neste século, para além do já referido em notas anteriores: Cfr.J., LÓPEZ GAJATE, "Cartas Inéditas de Pedro de Valencia al P. José de Siguenza.", *La Ciudad de Dios*, 43, 1897, pp.364-503.

conhecedores da localização dos manuscritos e o desenvolvimento de uma política de simpatia para com esses sujeitos culturais, que permita ir transferindo lentamente tais fundos. Implica, por outro, a investigação dos menos deteriorados, seu estudo, cópia, ou transcrição dos caracteres antigos e desdobramento de abreviaturas. A propósito, Cardona refere não existirem já em Espanha eruditos e técnicos com conhecimentos paleográficos sobre letras e abreviaturas antigas, pedindo por isso ao prestigiado humanista e maior antiquário espanhol da época, Antonio Agustín, que já tinha escrito sobre decifração de moedas e de "medalhas", que elaborasse um manual, com letras e desenhos, onde sistematizasse, por séculos, os diferentes tipos de letras e siglas<sup>66</sup>. A impressão desta obra permitiria a rápida criação de um competente corpo de oficiais bibliotecários.

E implica, por último, a criação de um sistema claro de classificação dos livros, com índices anexados às prateleiras da biblioteca. Cada códice, em latim legível, deve indicar a proveniência dos manuscritos, nome do autor, datação provável, seu valor e raridade,

---

Este género vai desenvolver-se, sendo um forte elemento de coesão e de criação de sentido de grupo e de circulação cultural - atingindo a sua maturidade como discurso de reflexão no século XVII.

Cfr: Nicolás ANTONIO, *Cartas a Diego José Dormer*, 1675-1684. Bib.Nac. Madrid, Mss 8385; *Cartas a Juan Francisco Andrés de Uztarroz*, Bib.Nac.Madrid, Mss. 8391 ; e *Cartas de ...*,i de Don Antonio de Solis..., editadas por Gregorio MAYANS Y SISCAR, Léon de Francia, 1733.

Gaspar IBÁÑEZ DE SEGOVIA, *Noticia y juicio de los mas principales Historiadores de España...Con algunas Cartas al fin, escritas a dicho Señor Marqués*, Madrid, Pantaleón Aznar, 1784; *Advertencias a la Historia del P. Juan de Mariana...Van añadidas algunas cartas: cuyas obras publica de orden, i a expensas de la Academia Valenciana*, Don Gregorio Mayans y Siscar, Valencia, Viuda de Antonio Bordazar de Artazu, 1746.

Jeronimo de SAN JOSE, [Cartas], in *Colección de Cartas de eruditos españoles del siglo XVII*, Bib.Nac. Madrid, Mss 8389, fl. 258-397; e "Cartas de fray Gerónimo San José al cronista Juan Andrés de Ustarroz", editado por Jose Manuel Bleuca, *Archivo de Filologia Aragonesa*, Zaragoza, 1974, pp. 33-150.

Thomas TAMAIO DE VARGAS, [Cartas], in *Colección de cartas de eruditos españoles del siglo XVII*, Bib.Nac. Madrid, Mss 8389, fl. 160-192.

Em relação ao século XVIII, ver sobretudo:

G. MAYANS Y SISCAR *Obras Completas*, I, Valencia, Oliva, 1983; e Antonio, MESTRE, *Influjo Europeo y Herencia Hispánica. Mayans y la Ilustración Valenciana*, Valencia, Oliva, 1987.

<sup>66</sup>"(...) Arçobispo de Tarragona se desocupe de sus ordinarios estudios, que lo hará en poco más de un mes y con mucha facilidad y junte un libro desta manera, que diga letras y caracteres que se usaban ahora mil años en los libros griegos y latinos, y luego ponga por exemplo dos ó tres hojas de pergamino de escriptura de aquel tiempo para que se aprenda y conciba bien: luego despues diga letras y caracteres con que se escrevía ahora setecientos años ha y luego poner otras tantas hojas de aquellos libros antiguos y proseguir adelante, y para la institución de los ignorantes y claridad de los que leen y trasladan en librerías, sería bien destas formas de letras hacer un abecedario y nota de las abreviaciones(...)", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.368.

tipo de letra, e ter incorporado um índice dos textos que o integram<sup>67</sup>. Far-se-ão dois catálogos-gerais da Biblioteca, com os livros da "livraria pública", um por autores e outro por temas, cuja organização se baseia na distribuição dos livros por Faculdades, matérias e temas, do mais original para o glosado, e do antigo para o mais recente.

Esta é a maior diferença entre a concepção moderna de biblioteca e a humanista. Aquelas - vejam-se os casos das Bibliotecas concebidas por Maine e Naudé - são o espaço público, aglutinador do saber, de todo o conhecimento<sup>68</sup>, portanto também do impresso e do folheto; enquanto estas são ainda o espaço do culto do raro e do único. Comum é a noção de hierarquia, de acesso ritualizado e de segredo. Também para Naudé as informações sigilosas sobre o governo devem ser guardadas em "armários secretos"<sup>69</sup>.

Tal capacidade de estabelecer regras e prever um conjunto alargado de situações, que integradas resultem numa transformação de informação em conhecimento, é também usada ao serviço da divulgação da Biblioteca, potenciando o seu valor: assim Cardona defende a edição de um Monumental-Catálogo<sup>70</sup> das preciosidades da Biblioteca, para uso

---

<sup>67</sup> "(...) se asienten de muy buena letra y fielmente las cartas con que los enviaron á V.M., porque de allí constará quien le dió y de la carta se entenderá qué rareza tiene; de qué trata; de qué autor es; de dónde vino y se sacó y qué antigüedad tiene, que será grandísima luz.", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.368.

<sup>68</sup>"(...) "aucun moyen plus honneste et asseuré pour s'acquérir une grande renommée parmy les peuples, que de dresser de belles et magnifiques Bibliothèques, pour puis après les vouer et consacrer à l'usage du public." (...) "C'est pourquoi j'estimeray toujours qu'il est tres à propos de recueillir pour cet effect toutes sortes de Livres, (sous quelques précautions neantmoins que je déduiray cy-après) puisqu'une Bibliothèque dressée pour l'usage du public doit estre universelle, et qu'elle ne peut pas estre telle si elle ne contient tous les principaux Autheurs qui ont escrit sur la grande diversité des sujets particuliers" (...) Toutesfois pour ne laisser cette quantité infinie ne la définissant point, et aussi pour ne jeter les curieux hors d'espérance de pouvoir accomplir et venir à bout de cette belle entreprise, il me semble qu'il est à propos de faire comme les Médecins, qui ordonnent la quantité des drogues suivant la qualité d'icelles, et de dire que l'on ne peut manquer de recueillir tous ceux qui auront les qualitez et conditions requises pour estre mis dans une Bibliothèque. (...) Gabriel Naudé", cit. por *Bibliothèque et État. Naissance d'une raison politique dans la France du XVIIe siècle*, Paris, P.U.F., 1995, p.31.

<sup>69</sup> Gabriel Naudé, *Considerations politiques sur les coups d'Etat* (Roma, 1639), cit. por, Robert DAMIEN, *Bibliothèque et État. Naissance d'une raison politique dans la France du XVIIe siècle*, op.cit., p.37.

" Mas, que algunos libros que tratarán de jurisdicciones y derechos de España y de otros negocios graves y tocantes á los Reyes ó de indultos y privilegios de los Pontifices, conviene estén encerrados y no públicos ni patentes, ni que se puedan dar á leer sin particular licencia como se hace en la Vaticana de Roma.", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.366.

<sup>70</sup>"Ordenada que fuere la librería y puestos los libros en aquella forma que han de quedar, mandase estampar un índice della con mucha diligencia y cuidado; asi como andaba estampada la de los reyes de Francia y de Inglaterra y otros, y al cabo un privilegio de V.M. cómo se dará licencia á qualquier

sobretudo fora de Espanha, pelo prestigiado impressor Plantin (o qual viria a imprimir a *Bíblia Poliglota* de Arias Montano<sup>71</sup>).

Aproveitando os meios existentes, a oficina de copistas, os eruditos, que à Biblioteca chegarão e os instrumentos de crítica, preconiza ainda a criação de uma Imprensa Real, que iniciaria a publicação dos tesouros do Escorial, ficando Filipe II eternamente associado ao Livro. Por ser o patrocinador daquelas edições, o Rei, participando assim como co-autor, é especificamente nomeado (e a chancela real gravada) em cada obra que divulga, promovendo a multiplicação do seu nome. Conseguir-se-ia deste modo uma divulgação do conteúdo das obras, e da sua fama, que cresceriam exponencialmente, pois, se os livreiros europeus quisessem imprimir esses textos, teriam de o fazer segundo a edição original. Esta ideia é importante, porque o Rei ficaria ligado à imagem de Mecenas, e a Espanha seria vista como uma república das letras. Biblioteca e imprensa associadas são factor de recuperação e de multiplicação cultural.

Apresenta-se assim uma ideia ambígua, aparentemente contraditória, de livraria: sendo a sua conceptualização ainda a tradicional, assentando no livro antigo e original, a perspectiva cultural onde ela se integra já é moderna. Reflectindo a realidade presente, e ao seu serviço<sup>72</sup>, incorporou as vantagens da tipografia, quer a nível de aumento e alargamento de conhecimentos, quer como instrumento privilegiado de divulgação.

Se na compra de livros, e de outros vestígios de memória, o antigo é o mais valioso, o considerado, e o prestigiado<sup>73</sup>; o conhecimento do

---

que quisiere trasladar libros della, de cualquier lengua y materia que fuere, sin poner embargo alguno; y destes exemplares se enviarán á Italia, Flandes, Francia, &.y sería bueno que la primera vez estampase este Índice Christóval Plantino, criado de V.M., y misere cómo se hace, porque es menester le emprenda, porque es hombre muy docto, curioso, polido, elegante y que no haga las cosas á prissa sino muy despacio y á pie de plomo.", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.374.

<sup>71</sup> O último volume foi publicado em 1572. Arias Montano, humanista de influência erasmiana, tradutor de Tácito, foi, tal como Páez de Castro, prior do Mosteiro e Bibliotecário do Escorial em 1576.

<sup>72</sup>Esta perspectiva de Páez de Castro é interessante, também por corresponder à prática cultural de Filipe II. Como se verá no próximo capítulo, no século XVII, quer através dos índices das livrarias (cfr. Conde-Duque, Arce; Ramirez Prado, etc), quer das bibliotecas-catálogo, a ideia moderna de biblioteca já domina. Ela incorporou a viragem cultural que o impresso provocou.

<sup>73</sup>Por exemplo, Cardona considera que um manuscrito moderno pode ser mais verdadeiro que um antigo, o que para além de significar erudição e capacidade de análise crítica, revela a ideia de que o passado pode ser corrompido - "(...) pero es cosa muy posible y ordinaria observada por hombres doctos, de que pudo tener el que los trasladó algunos buenos exemplares tan buenos, tan antiguos y tan bien enmendados que habiendose trasladado con fidelidad, podrá ser que sean mejores que otros muy

presente, pela sua utilidade, também já entra no espaço da biblioteca, sobretudo o relacionado com as Novas Realidades, e com o conhecimento geográfico e topográfico de Espanha.

E se, na concepção da biblioteca, a ordem dos saberes e a classificação das Faculdades é a tradicional, a sua organização assenta já numa eficiência que passa pela inserção nesse espaço de informação moderna, pela ideia de que a conservação exige o novo, ainda que sem dignidade expressa<sup>74</sup>.

Se a fundamentação e a finalidade última, em termos de princípios enunciados, continua a ser Deus e o sentido providencialista, em termos de análise discursiva dos memoriais o que se observa é uma valorização do presente e da sociedade civil e do homem. Aliás, algo parecido com o verificado nas representações dos presépios renascentistas: o tema é religioso, mas a sua concretização representa a vivência e o quotidiano coevo, desde o vestuário à urbanística, passando pela flora.

Na hierarquia dos saberes não há ainda espaço para a História como Faculdade. A ordem do conhecimento continua a assentar na Teologia, Línguas, Medicina, Direito e Matemática (que Páez de Castro conhece e estuda, pois encontraram-se dele vários catarpácios de Matemática<sup>75</sup>, onde, bem à maneira humanista, integra a perspectiva e a arquitectura, base do equilíbrio do cosmos). Mas, se a História, entendida como ampla fixação de memórias, não tem dignidade reconhecida, ela não deixa de ser omnipresente na segunda e terceira salas da Biblioteca de Páez de Castro, tendo um valor quase onisciente e *autónomo* em relação às realidades humanas: "Primeramente, no querría que mi edificio estuviese pegado a otro ninguno del cual pendiese. Porque podría ser que cayéndose, o hundiéndose, llevase el mío tras sí. Por esto querría comenzar historia que tuviese **pies y cabeza**, como suele decirse. Después de esto, por quanto qualquiera cosa que haya pasado en el mundo va encerrada **en tiempo y lugar** (las cuales dos cosas quiere

---

más antiguos y sean de mas provecho , así que no se han de cansar en rescibir libros manuscritos por multiplicados que sean y por mucho número de exemplares, dado caso sean de un mismo auctor y de un misma materia, con tal que sean de scriptores antiguos y insignes.", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.365.

<sup>74</sup>"(...) y como no convenga que estos se mezclen entre los otros, porque sería poca reputación de la librería, y como también convenga honrar à esta manera de gente y agradescelles sus trabajos y su buena inclinación animándoles à tan honesto y provechoso exercicio, es bien se ponga rigurosa ley que los tales libros no puedan tener lugar ni asiento entre los autores antiguos, sino que se pongan en esta pieza de por sí dedicada para solo esto, estén con mucha orden, y esta de ordinario ó siempre ha de estar encerrada.", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.367.

<sup>75</sup>B.N.Madrid, mss 5734, fl.375.



luego saber el entendimiento humano, que son dónde y cuándo), *será necesario, hablando de las cosas de España, hacer una descripción de toda ella; siguiendo la marina, y montes, y ríos, y lenguajes. Después, dividirla en las partes principales según la memoria más antigua que hallaremos; y así de mano en mano, conforme a los que la señorearon y la partieron diversamente.*(...)Veremos los **lenguajes** que se han usado, declarando la mudanza de los hombres, de ciudades, y montes, y ríos, y juntamente los trajes y leyes, y costumbres y religiones. *Trataremos de los Reyes y diversos estados, de los linajes y nobleza, y orden de caballería; cuántos años duraron las más de estas cosas, con las causas de sus principios y fines; qué ciudades se han perdido, y dónde estaban, cuáles son nuevas, y quién las hizo, y cuándo; qué cosas lleva la tierra de frutos, y animales, y minerales, y cosas hechas por artificio, con más las personas memorables en letras, religión y armas, y con los hechos dignos de memoria de aquellas ciudades y tierras; qué artes son antiguas, y cuáles nuevas en aquellos Reinos; qué cosas, así de costumbres, como de trajes, y lenguas han quedado hasta agora...*<sup>76</sup>.

Para ele, as matérias vivenciais, conhecidas pela resposta às categorias aristotélicas, transformam-se em memória coincidindo com o seu ideal máximo de conhecimento. A História, assim entendida no sentido de memória (passada e presente), é fixação de experiências vividas, que, disponibilizadas em espaço próprio (na segunda e terceira salas), se transformarão pela leitura e visualização em fonte de experiência dos leitores "autorizados" da Biblioteca: "Como escribir historia no sea cosa de invención, ni de solo ingenio, sino también de trabajo y fatiga, para juntar las cosas que se han de escribir es necesario buscarlas. Primeramente ver toda España con curiosidad, haciendo memoriales del sitio para poder pintar los lugares donde pasaron las cosas que tratamos, como tenemos dicho; después, para las cosas de V.M. ver muchas partes de Italia y Alemania, y plugiese a Dios que pudiese ver todas las partes donde han llegado las banderas de V.M., para dar el lustre que yo deseo a esta obra; ir tomando relaciones de personas antiguas y diligentes...Dilatarnos hemos, no solo a muchas partes de nuestra Europa, y Asia, y Africa, donde han llegado las armas y los estandartes de V.M., pero a los Nuevos Mundos descubiertos, no

---

<sup>76</sup>Juan Páez de Castro, "De las cosas necesarias para escribir Historia", cit. por P<sup>a</sup>. Miguelez, *Catálogo de los Códices Españoles de la Biblioteca del Escorial, I- Relaciones Históricas, Madrid, Imprenta Helénica, 1917, p.XLI.*

*creídos de los antiguos*, a lo menos para que se pudiese pasar a ellos...Pintaremos nuevo cielo nunca visto de nuestros pasados, nueva tierra nunca imaginada, con la extrañeza que tiene, donde no hallaremos cosa que parezca a las nuestras; nuevos árboles, yerbas, fieras, aves y pescados; nuevos hombres, costumbres y religión; grandes acontecimientos en la conquista y la posesión de lo conquistado..."<sup>77</sup>.

Esta articulação da concepção humanista e da ideia de utilidade política permite criar um saber, e usá-lo a vários níveis: primeiro, o "saber" como imagem. A biblioteca vale como ideia-representação e ostentação de riqueza, de cultura e de dignidade institucional, com a gravidade do mosteiro, associando estudo e contemplação. Neste caso, o isolamento, o secretismo e a austeridade do Escorial ajudam a reforçar a imagem de autoridade-distância do Rei. O mistério cria força, impõe respeito, ampliando o valor. A Biblioteca Real, no Mosteiro do Escorial, não foi construída para ser pública, mas para o poder dos livros e dos "monumentos" raros e valiosos reverter em poder do Rei, dentro e fora do Império.

O poder de Deus é saber, por isso os primeiros patriarcas foram, metaforicamente, fundadores da *Biblioteca*. A génese desta, associada a entidade sagrada ou religiosa, é o argumento de legitimação recorrentemente usado em Espanha (ao contrário, por exemplo, de França, que a associa a Alexandre e Carlos Magno).

Segundo, "saber" que é conhecimento global, permitindo uma maior eficiência política. Mas que para isso tem também de saber ser usado a vários níveis: um privado, *arcana imperii*, reunindo um conjunto de informações referentes à acção sigilosa de governar<sup>78</sup>; outros, não

---

<sup>77</sup> Juan Páez de Castro, "De las cosas necesarias para escribir Historia", cit. por Pe. Miguez, op. cit., p. XLII.

<sup>78</sup> Que devem ser resguardadas dos "olhares" na Biblioteca, podendo apenas ser esses documentos consultados por funcionários que o Rei expressamente, por cédula pessoal, autorizar. É o caso de Ambrosio Morales, para a biblioteca do Escorial, (carta do secretário de Filipe II, Matheo Vásquez, autorizando-o a consultar o arquivo de Simancas, B.N.Madrid, mss 5734, fl.208) ou de Zurita, *Cédulas Reales Concedidas a Jerónimo Zurita Secretario del Consejo Supremo de la General Inquisicion de la Camara del Reyno de Aragon, para registrar, y componer las Escrituras del Real Archivo de Simancas*, Bib.Nac.Madrid, mss. 9094, [s/p]; ou de Pinelo, "que ha sacado de quinientos manuscritos, que ha leído, de las dos Secretarias de el Perú, i Nueva-España, que iá mas docta mano comunicò à la estampa; el Archivo de la Fortaleza de Simancas, que por Cédula Real (para que nada se le ocultase) reconociò.", como se verá em transcrição próxima, *Epítome...*, op. cit., fl.12, nota 137.

Também Dormer, através de inúmeras petições, reclama a necessidade de ter acesso aos arquivos para poder escrever a história do Reino. Cfr: Diego José DORMER, "*Memoriales al Reino y Consejo de Aragón sobre las diligencias de reconocer los Archivos de Simancas, Barcelona y otros para escribir sus Anales* (folha impressa, sem paginação, incluída no Mss. 9.094, Bib. Nac. de Madrid);

secretos, com diferentes matizes de divulgação, mas onde domina o livro manuscrito, versando temas bíblicos ou de Humanidades<sup>79</sup>.

Outra ideia inovadora associada a este novo espaço institucional é a de que a concepção de biblioteca como sistema cultural alargado exige técnicas específicas novas e isso implica profissionais especializados e competentes e "não apenas doutos", "nem só religiosos"<sup>80</sup>. Para a sua criação Cardona recomenda a contratação de um bibliotecário (sugerindo inclusivamente nomes), de conselheiros<sup>81</sup> e de vários oficiais ajudantes<sup>82</sup>, conhecendo cada um deles uma das principais línguas clássicas: hebraico, persa, grego ou latim. Estes técnicos, seguindo aqui o modelo da Vaticana, assegurariam a vigilância e o funcionamento da Livraria.

E estes profissionais da biblioteca seriam também os conhecedores de como "juntar livros e onde se devem ir buscar"<sup>83</sup>, onde os comprar e

---

*"Informe sobre que el Coronista del Reyno de Aragón no puede continuar los Anales de su Corona sin reconocer los Reales Archivos, y otros puestos donde se hallan las noticias que se requieren para obrar de esta calidad."*(Folheto impresso, sem paginação, incluído no Mss.8330, Bib. Nac. de Madrid); e *"Sobre que el Coronista del Reyno de Aragón no pvede continvar los anales de sv corona sin reconocer los reales Archivos de Simancas, y Barcelona, la Cancelleria del Consejo Supremo de Aragón, y otros puestos donde se hallan las noticias que se requiere, Zaragoza, 1681,* (sem paginação, incluído também no Mss. 9.094, Bib. Nac. de Madrid).

<sup>79</sup>"Puesto que la librería es bien en cantidad y copia de libros sea muy grande y crecida, lo que mucho más se ha de mirar es que lo sea en qualidad y rareza dellos, y esta consiste en que sean libros manuscritos antiguos, de todas lenguas y particularmente griegos, latinos y hebreos escritos en pergamino", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p. 364.

<sup>80</sup>Nem Páez de Castro nem Cardona, quando falam das qualidades do bibliotecário ou dos seus técnicos, referem a necessidade de estes possuírem atributos religiosos ou cristãos (de bondade, ou piedade). "Conviene que en esta librería haya un superintendente que llaman Bibliothecario, el sea hombre docto y buenas letras, y que tenga particular inclinación à libros; y que sea hombre de mucho juicio y prudencia en esto y la eleccion deste suppuesto importa mucho, porque de ordinario estos suelen salir gravísimos hombres y muy eminentes, porque tomando amor á la librería trabajan mucho (...) lo es hoy el cardenal Guillermo Sirleto. Y este oficio habría V. M. de ponerle en mucha reputación, encargándole á hombres insignes y para más acreditarle levantarles con premios como hubiesen trabajado, que si residieran en sus iglesias solamente por sus partes se sirviera V. M. hacerles mucha merced. Presupuesto de formarse esta librería como conviene, el sustentarse y acrecentarse despues con autoridad y reputación depende (de) los ministros que V.M. pusiere en ella, y presupuesto que no basta se busquen hombres doctos, sino juntamente con esto sean versados en libros y tengan ornamento de otras cosas y pulicia y curiosidad natural y amor á esto, suplico á V. M. los mande buscar con aquel cuidado que todo lo demás; y dado caso que los que están más de la Real persona de V. M." *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p. 374.

<sup>81</sup>"(...) Arias Montano, (...) Benedicto Girgos, (...) Pedro Chacon, (...) Pedro Núñez, (...) Bautista Pérez", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., pp.374-5.

<sup>82</sup>A escolha deve ser feita pela competência, sugerindo que se chamem vários candidatos, a quem se pediria para, depois de estudarem a biblioteca, fazer um memorial informando como a governariam. Da sua leitura se escolheriam os funcionários adequados aos cargos, Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., pp. 374.

<sup>83</sup>Veja-se a forma como é preconizada a sua aquisição: Conhecendo-se os espólios das bibliotecas, e os traços psicológicos e as condições de vida dos seus proprietários, consegue-se, com tempo e através de

como proporcionar a sua oferta, aumentando assim o valor da Livraria, não pela quantidade, mas sobretudo pela rareza do seu espólio<sup>84</sup>.

Finalmente, se a manutenção da nova instituição requer identificação das obras e divulgação, exige também a sua conservação. Cardona preconiza a existência de uma excelente oficina de restauro, que possa inclusivamente cuidar dos livros de livrarias estrangeiras. Surge associado ao bibliotecário um corpo de funcionários "curiosos" que integram conhecimentos técnicos específicos e do domínio da utilidade política. É o início da "bibliotecologia", a arte que organiza esse saber, e que se transformará em técnica no século XIX.

É o Rei que sabe escolher quem deve ser nomeado como Bibliotecário. Este, e o seu corpo de funcionários, acabam por actuar e se assumirem como os detentores do Saber, substituindo assim, ainda que de maneira muito subtil e implícita, no caso do Escorial, mas

---

um habilidoso jogo diplomático, e de algumas "mercês e pensões", que venham para o reino essas preciosidades: "La librería de Don Antonio Agustin, arzobispo de Tarragona, es de las buenas que y he visto y digna que entre en la de V. M. por los muchos exemplos griegos y latinos originales que tiene, y así será de mucha importancia V. M. mande tratar con tiempo della para que despues no se pierda ni destruya. Mandará V. M. se envien listas y relaciones de los libros manuscritos que tiene la librería de Venecia, Florencia, Vaticana en Roma, la de Fontanableo del Rey de Francia y la de los Reyes de Inglaterra y la del Rey Mathias de Hungria, si están en pié, la del Archimandrito de Secilia, la que en Augusta hicieron unos mercaderes, y otras listas que darán el Arzobispo de Tarragona, el doctor Francisco de Torres llamado el Juriano y Achilles Stacio, y mandar de todas estas hacer un libro escripto á mano, con una margen muy grande, y poco a poco con el tiempo muchos dellos vernan á la librería de V. M. (por) (sic) la buena industria de sus ministros, y en la margen irán asentados los que ya se tienen, y verán por allí los que faltan, que para muchos particulares podrá aprovechar; y este libro ha de estar atado por el cabo del libro, donde estuviere el índice de toda la librería Real de Sanct Lorenzo; y con esto tambien se echará de ver quan mayor y dequanta más qualidad es esta librería que todas las demás que tienen hechas todos los príncipes(...)

" 49. Podranse haber algunos libros griegos y latinos de la librería de un portugués, que vive muchos años ha en Roma de asiento, llamado Achilles Staçio. Seria bueno pedirle el original manuscrito de los libros *De S. Trinitate* que compuso Gregorio bético, español, obispo que fue de Granada, del qual hace mencion S. Hieronymo, y habrá más de dos mill y ducientos años que fue, los quales libros halló él en la Pomposa de Ferrara, y pues le hizo estampar, podia con facilidad dar el original para la librería de V.M. Tiene otros buenos libros: es viejo, no vive sano, y pobre, pero muy tenaz y enemigo de comunicar ni dar cosa; es uno de los hombres que sería bueno con alguna pensión y regalándole servirse V.M. dél para uno de los custodes de la librería, y siendo portugués y teniéndole ellos en mucha veneracion y estimacion, seria de algun provecho en estos tiempos acariciarle y ganarle por este camino.", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., pp. 375,371, e 376.

<sup>84</sup>Páez, *Memorial...* pp.175-177 e Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., pp.375-377.

Como se verifica, ambos denotam um profundo conhecimento das bibliotecas europeias, particularmente das italianas, quer religiosas, quer privadas.

Páez de Castro refere as bibliotecas do Levante, de França, de Florença, Veneza e Roma, e dos mosteiros da Sicília e Calábria;

Cardona refere as de eruditos espanhóis, Antonio Agustín, Miguel Thomás, que segundo ele poderiam ser incorporadas na do Escorial, pela quantidade de manuscritos originais gregos, latinos e textos antigos, que possuíam. Em Roma, a do Cardeal Guillermo Sirleto, a do Cardeal Sforza, a de um português, Achilles Staçio. Em Nápoles a do cardeal Siripan, em Pádua a de Vicencio Pinello.

assumidamente e com toda a evidência, no caso de Simancas, o lugar de Deus, agora retirado.

No Escorial o Bibliotecário coincide na pessoa do Prior do Convento, tornando-se assim Deus presente na ordem dos Saberes. Ajuda a encontrar o caminho da Biblioteca, e a estabelecer a ordem do Catálogo, que, ao ser fixada, passa a memória, que é Razão, ordem do Mundo. Voltando a usar o sentido-base extraído da monumental obra de Siguenza - "Deus ama a ordem e é o seu criador" -, o homem só tem de a redescobrir. Esta teoria "estética", de raiz agostiniana, articula ser e saber moral: a ordem do catálogo é uma metáfora do Todo.

Como instituição oficial do saber e *espaço-autorizado de conhecimento* (e hierarquizado, tal como na Basílica), para além da divisão interna em biblioteca pública e livraria privada, e em ligação com a concepção que está na base dessa divisão<sup>85</sup>, há uma manifesta diferenciação entre o modo de referir os documentos e livros modernos e a forma de nomear o saber tradicional, verdadeiramente reconhecido como tal. Enquanto aquelas, consideradas já como imprescindíveis na arte da governação, fazendo assim a sua entrada no espaço do culto e, implicitamente, numa (nova) ordem dos saberes,<sup>86</sup> não são referidas, sendo apenas nomeados os saberes para que remetem, os livros e manuscritos antigos, que simbolizam e ainda significam de facto o saber (correspondendo à primeira sala) são identificados, registada a sua proveniência, custo, etc. Têm corpo e alma, apresentando Cardona e Páez de Castro uma tipologia de classificação assente na enciclopédia dos saberes humanista, considerando primeiro a teologia e as obras religiosas, e, dentro dela, primeiro O LIVRO (a Bíblia), depois os

---

<sup>85</sup> Que tem também a Vaticana como modelo para o erudito Antonio Agustín:

"Parece-me que se podría hacer lo que se ha hecho en Roma en la Vaticana: dos suertes de librerías, una pública y otra secreta. En la pública haya libros latinos, partidos conforme a las facultades en diversos bancos o armarios y éstos sean libros buenos de leer para que aproveche a los estudiantes. También en otra parte de la librería pública haya bancos o armarios de libros griegos modernos buenos de leer, partidos por sus profesiones. En la librería secreta habrá libros hebreos, siriacos, arábigos y de otras lenguas menos usadas y los ejemplares raros o viejos de libros griegos y latinos. Esta librería estará partida por lenguas y no por facultades. En esta puede haber armarios de mapas y de instrumentos de astrología o geometría, de medidas y pesos antiguos y de medallas y tablas de leyes o de otras inscripciones y si de estas cosas se quisiere hacer cuadra por sí será mejor.

Bien me parece que de los libros raros o viejos se sacasen copias modernas para poner en la librería pública y que toda la librería tuviese tan buenos índices o registros que con gran facilidad se supiese dónde está cada libro.", Parecer de Antonio Agustín sobre a Biblioteca do Escorial cit. por Fernando BOUZA ALVAREZ, *Del Escribano a la Biblioteca*, op. cit., p.143.

<sup>86</sup> Correspondendo à 2ª e 3ª salas, na classificação de Páez de Castro.

comentários, antigos e modernos (desde que autorizados por Roma, e em latim), as obras de Direito, de Medicina e Filosofia<sup>87</sup>. Também as línguas têm uma hierarquia: hebraico, grego e latim.

Aliás, para Páez de Castro<sup>88</sup>, como para Cardona, Siguenza, Morales, e todos os religiosos ligados à Biblioteca do Escorial, o valor

---

<sup>87</sup> " Han de disponerse por facultades, y en una misma facultad por materias, como en una parte los de medicina, en otra los de mathematicas, en otra los de teología, en otra los de humanidad y de historia profana, y assi descurrir por todas las demas disciplinas, como por exemplo los testos de los médicos antiguos en primer lugar, despues los intérpretes y comentarios en una parte, todos los que tratan de yervas en otra, en otra de peces, en otra de aues &. En teología primeramente todas las maneras de biblias que hubiere, de quantas lenguas se hallaren, y en primer lugar la que V.M. mandó hacer en Flandes, y que sea una de las de pargamino; despues todos los intérpretes sanctos, griegos y latinos, que más vecinos fueron á los Apóstoles con los de más autoridad y estimacion; en otra parte todos los que escribieron reglas, phrases, idiotismos y cosas tocantes á la intelligencia de la Sagrada Escritura, como el aparato de Arias Montano y otros libros que tratan de lo mismo; en otra parte todos los que escribieron contra herejes; en otra todos los scholásticos; en otra todos los que contienen concilios generales, nacionales, provinciales, sinodales; en otra todos los que han tratado de ceremonias y ritos ecclesiásticos; en otra los que han tratado historias y vidas de sanctos & y assi en lo demas mandase mirar si conuerná estos dividirse por lenguas." Cardona, *Libreria de San Lorenzo...*, op. cit., p.366.

<sup>88</sup> A livraria de Paez de Castro, cujo indice foi feito pelo cronista Ambrosio de Morales a pedido de Filipe II, revela a preocupação e a formação de um erudito religioso, com uma forte cultura humanista. O livro é o da cultura clássica, escrito na lingua original, que o leitor comenta, glosando. Embora colecionando obras relacionados, quer com o Quadrivium, quer com o Trivium, sobressaem duas grandes temáticas: exegese bíblica e línguas clássicas. Apesar de extenso, considerou-se vantagoso transcreve-lo, por duas razões: primeira, pela forma cuidadosa com que Morales comenta os livros, verifica-se como grande parte deles estava glosada por Paez de Castro, o que mostra o papel interveniente do leitor-autor, sobretudo no livro antigo, para além de revelar ainda a vocação humanista de Paez, no sentido original da palavra. Por outro lado, o índice e a concretização prática e em miniatura dos livros que Paez de Castro considerou deverem integrar a Biblioteca Real.

A sua leitura deve ser complementada com a do índice dos livros "emprestados" que constava também na sua livraria (ver nota seguinte) e com a dos livros glosados por Paez (cerca de 5 páginas).

"Con los libros que logro adquirir en Venecia, Roma, Mesina, Bruselas, etc., se equipo de una magnifica biblioteca que fue la admiracion de sus contemporaneos, como reconocia Ambrosio de Morales al adquirirla por orden de Felipe II para el Escorial, "que se han hallado muchos libros que autorizaran la dicha real libreria y la haran muy insigne por ser originales muy antiguos, escritos de mano, los cuales principalmente son los que autorizan mucho y hacen insignes y nombradas las librerias"

" [Papeles Varios relacionados com a Biblioteca do Mosteiro do Escorial], Bib. Nac. Madrid, Mss 5734, fl.381-385.

"(...) y son de la Libreria del Doctor Paez defunto.

Biblia en pergamino de mano en folio enquadernada en becerro.

Codigo escripto de mano con glosa e iluminado.

Sermones de Sanctos escriptos de mano en pergamino de letra antigua.

Libro de matematicas escripto de mano donde hay algunas tablas Astronomicas.

Omiliario de Bordiano escripto de mano en pergamino.

Aristolis de Animalibus escripto de mano en pergamino.

Flos Santorum escripto de mano en pergamino.

Un Libro de Historias escripto de mano en papel, y algunas ojas en pergamino, entitulase Coronica Martini.

Liber variarum Casiodeori escripto de mano en pergamino.

Un Libro de Philosophia sobre las problemas de Aristolis, escripto de mano en papel.

---

Un Libro de Matematicas escrito de mano en pargamino.  
 Todos estos Libros eran en folio.  
 Historia Ecclesiastica escrita de mano en pargamino en 4°.  
 Un Libro de teulugia escrito de mano en pargamino en 4°.  
 Cicero de Senectute escrito de mano en pargamino en 4°.  
 Un Cartapacio de cosas de Filosofia escrito de mano en papel en 4°.  
 Un libro de matematicas escrito de mano en papel en 4°.  
 Instituciones de la Republica de Venecia escritas de mano y del Doctor Paez en papel y en octavo.  
 Un Libro escrito de mano que comienza por la interpretacion latina sobre el libro de Job en 4°.  
 Platon en griego escrito de mano en papel en folio.  
 Sentencias de Estoveo escritas de mano en papel en folio.  
 Pespectiva y otras obras de Euclides escritas de mano en papel y en folio.  
 Algunas oraciones de San Gregorio escritas de mano en griego en 4° y otros diversos tratados impresos.  
 Reglas de la Orden de San Benito, escritas de mano en latin en pergamino y en octavo.  
 Tratado del Oficio de la Misa escrito de mano en pergamino y en latin, y otros tratados desta calidad en 4°.  
 Un Libro en frances de Historias, que se llama libro de batallas, escrito de mano en papel en folio.  
 Libros impresos en latin.  
 Plinio de Natural historia con glosas del Doctor Paez en marca mayor.  
 Dicionario Hebreo de Juan Fostero en folio en latin.  
 Morales de Plutarco con algunas glosas y correcciones del Doctor Paez.  
 Vida del Papa Leon por Paulo Jovio con otras obras de historia en folio.  
 Vida del Emperador Carlos quinto por Guillermo Cenocaró.  
 Constituciones del Colegio de Alcala por enquadernar.  
 En quarto en latin.  
 Cesano Scaligero con glosas del Doctor Paez.  
 Aboali de Medicina con algunas glosas.  
 Epistolas Regie Christianisimi  
 Un Ferencio glosado.  
 Petro Nimio de crepusculis historia tropica de Eliodoro.  
 Epistolas del Rey de Francia en latin.  
 Quadriparticio de tholomeo con otras obras de latin e griego escritas de mano e impresas.  
 Ynterpretacion Caldaica sobre algunos Profetas.  
 Fray Miguel de Medina sobre tres Lugares  
 Deuteronomio, y otras obrecillas escritas de mano e impresas.  
 Leon Bastida de Architectura en latin.  
 Oracion del Rey de Francia a las Ordenes del Ymperio.  
 Gramatica Hebrea de Juan Ysac.  
 Gramatica Caldea de Sabastian Mustero.  
 Cantares y Proverbios en hebreo en 16. En Octavo.  
 Daniel Barbaro sobre la Retorica de Aristoteles con glosas.  
 Dicionario hebreo de Sebastian Mustero.  
 Dicionario hebreo y caldeo del mismo.  
 Plautuo con glosas del Doctor Paez.  
 Quintiliano con glosas del mismo.  
 Evangelio de Sant Matheo traducido en hebreo y en latin.  
 Romberto Clodoneo de historia frugum  
 Dialogos de oratore con glosas del Doctor Paez.  
 Gramatica hebrayca de Alonso de Zamora  
 De Reportensi libelus.

do livro está primariamente associado aos saberes humanistas, à sua antiguidade, e ao ser "de mano" (manuscrito), podendo no entanto, em termos materiais, uma cópia moderna ser mais fidedigna, valiosa e verdadeira do que uma antiga<sup>89</sup>.

Na vasta correspondência que Páez de Castro mantém com Zurita<sup>90</sup>, acerca dos livros que vai adquirindo, sobretudo em Itália, das

---

Arte hebreo de Marco Fabricio Cappan.

Gramatica hebrea de Elias Levita.

Psalterio en hebreo en decimo sexto.

Otro Salterio en decimo sexto con glosas del Doctor Paez.

Libros Griegos impresos.

Diodoro Siculo, con impresion del rico Estefano in folio.

Opusculos de Plutarco con glosas del Dotor Paez in folio.

Ynstituciones de theofilo con glosas del mismo en 4º.

Canones Apostolorum, con interpretacion latina, escrita de mano y anotaciones del Doctor Paez en 4º.

Mercurio trimexisto en Griego y en latln y otros opusculos en 4º.

Dionisio Alicarnaseo y otros auctores Griegos en octavo.

Pindaro con glosas del Doctor Paez en octavo Epigramas Griegas de impresion de Aldo en octavo.

Rectorica de Aristoles glosada del Doctor Paez en octavo.

Teocrito glosado del Doctor Paez en octavo.

Horas de Nuestra Seiora en Griego y en hebreo escriptas de mano en papel y en otavo.

Libros de Espanol en folio.

Historia de las Indias de los Portugueses en tres cuerpos por Fernan Lopez de Castaneda en portugues.

Cronica del rey D. Juan el segundo de la rublica colorada.

Cronicas del Rey D. fernando el tercero y Don Fernando el 4º con glosas del Doctor Paez, y con ello al cabo estaba enquadernada una historia del Arzobispo Don Rodrigo escripta de mano.

Historia del Rey Don Rodrigo, y otra historia de las tierras del Preste Juan.

Cronicas de Espana de Mosen Pedro Miguel Catalan.

Cronicas desde el Rey Don Alonso el onceno, hasta el Rey D. Juan el primero, con glosas del Doctor Paez.

Cronica de los Frayles de Sant Hieronimo.

Historia de Valencia por Antonio Beutur en Valenciano.

En quarto.

La Relacion de Alvar Nunez Cabeza de Vaca. En Octavo.

La Cronica de las Yndias de Pedro de Civa en tres cuerpos.

Gregorio de ANDRES, "31 Cartas Ineditas de Juan Paez de Castro Coronista de Carlos V", Cuaderno III, p.5 18.

<sup>89</sup> Daí a importância em escolher copistas competentes: "Habrà diez y siete años que por mandado del Illustríssimo Señor Cardenal de Burgos concerté un escribiente Griego de nación para trasladar algunos libros raros en Roma, como fueron los dos libros de Phocio, que llamo Myrobiblos, y otros de Sexto Empírico: pagabasele medio real por cada hoja, sin que el pusiese papel ni enquadernacion."

"Carta del Doctor Juan Páez de Castro al secretario Matheo Vásquez, sobre el precio de libros manuscritos", *Revista de Archivos Bibliotecas y Museos*, 1887, 9,p.164

<sup>90</sup> Enquanto está em Itália e depois em Bruxelas, Páez de Castro mantém constante correspondência com Zurita. Parte foi editada, na época, por Dormer, tendo recentemente Gregorio ANDRES publicado algumas cartas inéditas: "31 Cartas Inéditas de Juan Páez de Castro Coronista de Carlos V", *Boletín de la Real Academia de la Historia*, CLXVIII, Cuaderno III.



---

A relação entre o Cronista de Sua Majestade e o Cronista de Aragão deve ter sido de grande estima, pois encontrava-se na livreria de Paez um valioso acervo de obras de Zurita.

No Memorial de Cardona a Filipe II, refere ter informação de que Zurita possui na sua biblioteca documentos antigos e originais: " tengo entendido que Hieronimo Çurita tiene algunos originales exquisitísimos", *Libreria de San Lorenzo...*, op. cit., p.377. Filipe II acabará por adquirir esta livreria particular, que é integrada no Escorial. Dela constam **documentos originais e Bulas**.

Deste autor e de Diogo de Mendonça (de quem Páez de Castro tinha sido secretário em Itália) e de outros eruditos, há também um inventário, que estava na livreria de Páez de Castro, feito por Ambrósio De Morales. Estes livros, aquando da morte de Páez de Castro, deram entrada na biblioteca do Escorial: " Los papeles y libros de mano impresos, Griegos, y Latinos, y en vulgar, que son del Secretario Gerónimo Zurita, y de otras personas de quien el los tenía prestados, è los dejó en la Librería del Doctor Juan Páez Capellan y Coronista de S. M. que se han de cobrar de sus herederos son los siguientes.

Primeramente un gran emboltorio de ligajos de cartas y **papeles originais antigos del tiempo de los Reyes Don Hernando el primero de Aragon, y Dn. Alonso, y Dn. Juan sus hijos, que tocan y pertenecen à la Historia de Aragon.**

Ytem una **Bula original del Papa Juan XX** y sobre la disensión que hubo entre los Arzobispos de Toledo y Zaragoza, por la primacia, con unos **papeles originais** que tratan de la misma materia.

Ytem tres valas de libros impresos de los annales de la Corona de Aragon, que hay en cada vala ocho mazos, y cada mazo tiene quatro libros que son treinta y dos libros por vala, excepto que de la una vala se sacaron dos ò quatro libros.

Libros de mano, griegos.

El testamento nuevo en Griego de mano en pergamino pequeño, cubierto en carmesi de enquadernacion antigua.

Ytem un Bocabulario Griego de mano en pergamino.

Otro libro en quatro de enquadernación muy antigua de griego y de mano en pergamino, que es Dioscorides.

Otro libro de mano en pergamino muy antiguo, que es un Coronico Griego de letra muy antigua.

Ytem las Obras de Ptolomeo en Griego en papel de marca grande, de mano, enquadernado en pergamino que se le prestò **Don Diego de Mendoza**, y el le dejó en prendas unas obras de Sant Cipriano de mano en pergamino de letra mayuscula.

Los Libros latinos de mano.

Primeramente el Psalterio en pergamino de marca muy grande de mano, con los traslaciones enquadernado en pergamino.

Ytem las obras de Lactancio Firmiano en pergamino en tablas.

Ytem las Epistolas de Sant Geronimo en pergamino de mano enquadernado en tablas.

Ytem un Plinio en pergamino grande de mano en tablas, y la una tabla està desenquadernada.

Ytem otro Plinio en pergamino de mano grande enquadernado en tablas de quartones.

Ytem las obras de Varron, Caton, y Columella en papel de mano en tablas.

Ytem Donato sobre Terencio en pergamino de mano en tablas.

Ytem Serbio sobre Virgilio en pergamino en tablas.

Ytem las Epistolas ad Atticum, Brutum, et Quintum fratrem en pergamino de mano en tablas.

Ytem dos Suetonios de mano, el uno en pergamino.

Ytem dos Valerios Maximos de mano y el uno en pergamino.

Ytem los estratagemas de Julio Frontino en pergamino de mano de marca grande en tablas.

Ytem dos Claudianos en ochavo de mano en pergamino en tablas.

Ytem Jubenal y Persio en pergamino en ochavo de mano en tablas.

Un libro en pergamino en quarto y en tablas, intitulado Telus Christi contra los Judíos, cuyo autor fue Micer Pedro de la Caballeria.

Ytem el Metamorphosis de Ovidio en pergamino grande de mano en tablas.

Ytem algunas Comedias de Plauto en quarto de mano en pergamino.

Ytem las Epístolas de Plinio de mano en pergamino en quatro en tablas.

Ytem Solino en quatro en pergamino.

Ytem Quintiliano de mano en pergamino grande en tablas.

preciosidades que reconhece e que aconselha o rei a comprar, quase nunca refere obras modernas. Como excepção há alguns textos de História, nomeadamente apontamentos sobre a vida de Carlos V. Aliás compreensível, pois foi nomeado cronista expressamente para narrar a história do Imperador<sup>91</sup>. Por outro lado, na lista que Morales fornece dos

---

Ytem las Epístolas varias de Casiodoro en pargamino en quarto en tablas con cuero negro.

Las etimologias de Sant Ysidro en quarto en pargamino, en quartones.

Ytem el Fuero Juzgo en pargamino en tablas, y la una partida por medio.

Ytem otro libro en quarto en pargamino de mano en Hebreo, que es un Calendario.

Ytem Cornelio Tacito de mano en pargamino, escrito el año de MCCCCXY encuadernado en pargamino nuevo.

Ytem la **Historia Compostelana de mano muy antigua** en pargamino en tablas de cuero colorado: es del Señor Fuen Mayor, del Consejo de S.M. que se la prestò, u el la embió al Doctor.

Ytem la **Historia del Rey Dn. Pedro de Aragon en Limosin**, de mano encuadernado en quarton con cuero envesado.

Los Libros impresos en Latín y en vulgar.

Cuyaceo sobre los tres libros del Codigo encuadernado en quartones de cuero negro.

Ytem la **Historia de Carbonel en Catalan** encuadernado en pargamino.

Otro volumen en que estan las **Historias del rey Don Jayme y de Montaner en Catalan** encuadernado en pargamino.

La Historia del Rey Dn. Juan el segundo en tablas de carton en becerro.

Ytem Plinio de la natural historia, grande, de impresión antigua, en tablas, que tiene los once libros conferidos con el Codice Toledano de mano del dicho Secretario Zurita.

Los Poetas Christianos de Aldo en quarto y en tablas.

Ytem Marcial de la **primera impresión** de marca grande en tablas, con ciertos Índices de mano al principio.

Ytem Pierio Valeriano sobre Virgilio, impreso por Roberto Stephano.

Ytem Diodoro Sículo en Griego de marca grande.

Ytem los Digestos impresos en Florencia encuadernados en pargamino en cinco tomos.

Ytem la Paulina en tablas de becerro.

Ytem otro libro intitulado Valnea en tablas con becerro.

Ytem Probo Grammatico en quarto en pargamino = Gerónimo Zurita."

[Papeles Varios relacionados com a Biblioteca do Mosteiro do Escorial], Bib. Nac. Madrid, Mss 5734, fl.361-364.

<sup>91</sup> Apesar de referir estar a compilar informação para a escrita da história de Carlos V, pedindo, de Bruxelas, que Zurita lhe envie informações e materiais sobre o monarca, de modo a poder escrever a sua história - "Cuanto a lo que yo tengo de escribir en mi historia tengo tanta confianza en lo que v.m. tiene allegado y de antigüedad y libros raros y relaciones que *puto me rem factam habere*; y así lo entienda v. m. para que comience a apartar algunas cosas que me hagan a propósito y porque se han impreso muchas cosas después que yo salí de España; v.m. la hará de juntar las que fueren necesarias, etc. Yo procuro que el Emperador me dé copia de una historia que él ha escrito de sus cosas que harán mucho al caso. Todo lo comunicaremos, placiendo a Dios. Un luterano ha publicado una historia que llama *De statu Religionis sub Carolo V*; dicen que es bien curiosa en las cosas del imperio desde la coronación de su Majestad.", Gregorio de, ANDRES, "31 Cartas Inéditas de Juan Páez de Castro Cronista de Carlos V", *Boletín de la Real Academia de la Historia*, CLXVIII, Cuaderno III, p.561 - parece nunca a ter elaborado. Apenas lhe são atribuídos dois cartapácios de história, onde anotava sucessos e comentários: "Apuntes para la historia de Carlos V", Bib. Nac. de Madrid, Mss. 6425 e "Apuntamientos de Vario Argumento", Bib. Nac. de Madrid, Mss. 5734. Como se pode ver pelo índice da livraria, glosou uma série de crónicas e histórias, possuindo ainda alguns cartapácios de temática estritamente histórica.

Veja-se o comentário que Ambrosio de Morales envia a Filipe II: "(...)Cedula de S.M. y de las dos partes de su comisión que en ella se contienen, le parece lo siguiente. Que no hay ningunos otros

livros da livraria de Páez que ele próprio adquiriu para o Escorial quase não estão indicados textos modernos, nem escritos em castelhano, com exceção de algumas crônicas de Reis Peninsulares, em Romance.

O mesmo se passa com a livraria particular de Ponce de León, inquisidor e bispo de Palência, com a do Mosteiro das Serojas, ambas adquiridas por Ambrosio de Morales, a mando de Filipe II, para o Escorial<sup>92</sup>.

---

papeles tocantes à la Coronica que el dicho Doctor Juan Páez escrebía ò habia de escrebir, por que solo se hallò el prólogo de la dicha Coronica en el libro ya dicho escrito tantas veces como alli se declarò y especificò, y de tal manera estaba enquadernado con otros papeles que no estaba para continuar nada despues del, sino para guardarlo alli entre aquellos otros papeles; y los memoriales que para escrebir la dicha Coronica el dicho Doctor tenía juntados, ya và arriva especificado y declarado como estaban, y de la manera que se hallaron".

Morales acrescenta não ter encontrado na casa de Páez nenhum texto relacionado com a crónica de Carlos V, que estava encarregado de escrever; recolhendo dos vizinhos a informação de que passava o tempo glossando e estudando a Bíblia " (...) y cerca de la mesa donde el se ponía a estudiar en la pieza de la dicha Librería que es muy grande, estaba una **Biblia impresa** muy grande de volumen, por que tiene mucho papel blanco enquadernado entre medias, y esta Biblia esta muy glosada, y anotada por las margenes, y en alguna parte del papel blanco, de la mano del dicho Doctor Juan Páez à lo que parece y se reconoce. Yten se hallaron **alli junto de la dicha Biblia dos cartapácios donde el anotava y escrebia algunas cosas tocantes à la dicha Biblia**, y estos se puede creer eran los que èl agora antes que muriese tratava y leía y escrebia de ordinario.(...)Por todo lo qual parece quel dicho Doctor se ocupaba en estos estudios de sagrada escriptura y que atendía mas à ellos que à escrebir su Coronica, y Juan de Celada vecino de Guadalaxara casado con sobrina del dicho Doctor, y con otros su heredera que estaba presente por todos los herederos dijo que era asi verdad que en aquella Biblia estudiava mucho, y en ella era su ordinaria lección y anotación: así que se puede creer sin duda que no falta su Coronica entre sus papeles, sino que nunca escribio nada della (...)", Bib.Nac.de Madrid,mss 5794, fl 378.

Aliás com Páez de Castro vê-se bem quanto a nomeação do cargo de cronista do Rei era ainda uma forma de conferir prestígio, tendo simultaneamente valor honorífico e de recompensa material, pois era-lhe atribuída uma tença vitalícia, de 80.000 maravedis. Foi nomeado cronista real conjuntamente com Bernardo Busté ainda em vida de Ocampo, seu antecessor:" "Mi asiento de cronista no fue en lugar de Florián sino llanamente; pero como se decia que era muerto, trataron que yo continuase su historia; también procuro la licencia para no residir y creo que me la darán", Gregorio de, ANDRES, "31 Cartas Inéditas de Juan Páez de Castro Coronista de Carlos V", *Boletín de la Real Academia de la Historia*, CLXVIII, Cuaderno III, p.559.

Também Ambrosio Morales será nomeado sucessor de Páez de Castro ainda em vida deste.

Páez de Castro, mais tarde nomeado também prior do Escorial, esteve em Itália como observador no concílio de Trento. Com gosto e formação humanista, gasta o seu tempo no estudo das línguas, tradução de obras clássicas, verificação da originalidade dos documentos através da análise filológica, e do estudo e exegese bíblicas.

Pela sua correspondência, (especialmente com o cronista de Aragão, Zurita,) pela análise da sua biblioteca e dos manuscritos que se conservam, deduz-se quanto o estudo da história é uma área secundária dentro das suas preocupações eruditas e bibliófilas, aliás na tradição dos humanistas antiquários.

<sup>92</sup> Para estes religiosos, a julgar pelos catálogos das suas livrarias, o livro é o dos saberes humanistas - Bíblia, Retórica, Direito, Medicina, Matemática, em grego, hebraico e latim; sobre os Textos Sagrados, doutrina perene, ou englobada na tradicional tipologia das Faculdades - com exceção de textos relacionados com as origens e história de Espanha. Com efeito, no inventário da livraria do mosteiro

Repita-se, em termos abstractos, de conceptualização de uma biblioteca ideal, o livro ou o vestígio continua a estar associado ao valor antiguidade, que incorpora os de rareza, originalidade<sup>93</sup> e verdade - e também por isso a biblioteca-arquivo se dilui no Museu. A busca e a aquisição de manuscritos originais, fidedignos, ou cópias antigas, em línguas clássicas - factor de prestígio cultural e de ostentação económica - é a medida prioritária para a constituição de uma livraria. Esta forma de acção é recomendada por Cardona e Páez de Castro, fazendo eles próprios, como se tem vindo a documentar ao longo deste estudo, consultas e diligências no país, e no estrangeiro, sobretudo em Itália.

Filipe II ouve o conselho, encarregando, no estrangeiro, Páez de Castro e Bernardo Busté, e em Espanha o cronista-mór, Ambrósio de Morales<sup>94</sup> e outros humanistas e cronistas, como Zurita, de adquirirem

---

das Serojas e do Padre de Roncesvalles, selecção de títulos, feito por Morales, para ingressar na biblioteca do Escorial, são referidos vários textos de história, crónicas e livros de apontamentos. Refere ainda ter o humanista Ponce de León um catarpácio com a História de Carvajal, cronista dos Reis Católicos (fl.350).

Cfr: Bib.Nac.Madrid, Mss 5734, fl.325-448.

<sup>93</sup> O Marquês de Montalegre, depois de distribuir os seus livros por três grandes grupos: latinos, em romance e manuscritos, caracteriza e valora estes últimos da seguinte forma:

“Y así, aunque de los manuscritos se haze grande estimación, no debe ser igual de todos; primero lugar se da a los originales, escritos de mano del Autor; y él mismo toca a los que escritos de agena mano enmendó el Autor de la propia; los exemplares y traslados, conforme la antigüedad tienen la prerrogativa; advirtiendo, que no dexan de tenerla los traslados en nuestros tiempos, pues suelen ser los más enteros, y añadidos, como sacados de los exemplares más aprobados.

Los manuscritos desta Biblioteca son tan singulares, raros y fidedignos, que muchos dellos se desean, y de otros apenas hasta aquí avrá sido común la noticia; su número pudiera componer vna Librería, pues llega a quinientos cuerpos: comprehende Autores que tratan de toda doctrina, assí de Teología, Iurisprudencia y Filosofía, como de História Política, Buenas Letras y Matemáticas, y algunos manuscritos Hebreos; en todos se hallan muchos originales, los demás no menos ciertos que si lo fuessen.”, cit. por Antonio RODRÍGUEZ-MOÑINO, “La colección de manuscritos del Marquês de Montalegre (1677)”, in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, vol. CXXVII, 1950, pp.451-452.

<sup>94</sup> Filipe II, devido aos pedidos que os Povos, desde Carlos V, vinham fazendo para “recopilar las corónicas viegas e antiguas destes reinos”, encarrega Ambrósio de Morales de ir pelas Provincias de Leão, Galiza, Astúrias, a fim de procurar antiguidades, crónicas e documentos vários, que transitariam para a Biblioteca do Escorial.

Cfr: Ambrósio de Morales, *Las antigüedades de las ciudades de España que van nombradas en la Crónica con las averiguaciones de sus sitios y nombres antiguos con un discurso general donde se enseña todo lo que a estas averiguaciones pertenece para bien hacerlas y entender las antigüedades*, Alcalá de Henares, 1575; *Viaje de Ambrosio de Morales por orden de Phelipe II a los Reinos de León y Galicia y Principado de Asturias...* Dale a luz con notas, con la Vida del autor y con su Retrato el Rmo. P. Fr. Henrique Florez del Orden del Gran P. San Agustín, Madrid, Antonio Marín, 1765; e *Opúsculos castellanos de Ambrosio de Morales cuyos originales se conservan inéditos en la Real Biblioteca del Escorial. Ahora por primera vez impresos, ordenados y anotados con varias noticias históricas por el P.Fr. Francisco Valerio Cifuentes, Bibliotecario del dicho Real Monasterio y Catedrático de lengua Hebrea*, 3 vol., Madrid, 1793.

Ao mesmo tempo encarregava-o de adquirir preciosidades para a nova biblioteca. Em memorial ao rei, escreve este cronista: “En lo que toca à la segunda “parte de la comisión” de escoger y apartar

cópias e livros antigos para a Biblioteca do Escorial. É dentro desta orientação que Filipe II compra inúmeros manuscritos gregos a Patrizi<sup>95</sup> e a biblioteca do Inquisidor bispo de Palência, Ponce de León, a do próprio Páez, e a do convento de Oviedo, etc. são incorporadas no fundo do arquivo.

Voltando ao Escorial, os livros antigos mais raros, valiosos, ou com doutrina menos recomendável, são guardados no espaço não-público, tal como as obras, e os materiais de política moderna. Temos assim, na Biblioteca Real, três Livrarias: uma representante ideal do

---

libros que parezcan convenientes para la Librería (...) se han hallado muchos libros que autorizarán la dicha Real Librería, y la háran muy insigne, por ser originales muy antiguos escritos de mano, los quales principalmente son los que autorizan mucho y hacen insignes y nombradas las Librerías; y por esto la Vaticana del Papa y la de la Señoría de Venecia, y la de Florencia son tan celebradas, por que hay en ellas gran copia destos originales antiguos, y en la Librería del real Monasterio de San Lorenzo yá comienza à haber harto desto, por lo que S.M. hà mandado recoger de las Librerías del Cardenal de Burgos, del Obispo de Osma, y de otros; pues vuelve à decir que en esta Librería del Doctor Juan Páez que haya gloria hay muchos libros destos y muy insignes como son aquellos Griegos del Cason que particularmente se señalaron, y tambien los Latinos, tambien los Arábigos, siendo tantos juntos y tan bien escritos como aquellos estan, ninguna duda hay sino que son cosa excelente y rara y de mucha estima para este fin que decimos, pues se puede muy bien creer que en ninguna de las Librerías señaladas arriva dichas, se hallará tanta copia de tan buenos libros Arábigos como aquellos son.

Bien sè que podría decir alguno como hartas veces yo he oído replicar, que para Librería de Religiosos no son menester estas curiosidades y estrañezas: Yo respondo que no tengo cuenta con otra cosa sino con que la Librería del Real Monesterio es razón que sea tan insigne y señalada como todas las otras cosas del; y que para que sea ansi celebrada conviene que tenga tales libros como S. M. le procura, y en esta Librería de Juan Páez que haya gloria se hallan, que cierto hay muchos incógnitos en los manuscritos, y otros muy antiguos y por eso muy preciados, y buen exemplo tenemos en el fruto Christiano que à esto se puede sacar, pues por haberse hallado en la Librería de Guadalupe un original griego antiguo Euthimio sobre los salmos, un Religioso de allí lo trasladò y tiene la Yglesia Latina aquel libro por beneficio de la Librería de Guadalupe; y tantos exemplos se podrían traer desto quantos buenos libros tiene la Yglesia de Dios, que por conservarlos originales de mano las Librerías de los Monasterios, los tenemos agora y los gozamos "y cada día mas corregidos y emendados, por hallarse diversos originales por donde se emendaron las impresiones, y qualquier hombre docto que fuese al real Monasterio, y no hallase copia de tales originales, no estimaría la Librería, y se espantaria como no se hizo diligencia por buscarlos.

En los Libros impresos hubo muchos entre los de Juan Páez raros y esquisitos y que yá no se hallan, y todos estos se apartaron, y otros tambien que pareció podía ser no los habría aun en la Librería del Real Monasterio, teniendo siempre respecto à poner antes mas que menos, por que no se quedase alguno que allà hiciese falta. Si yo tuviera acà la Lista de los Libros que ya hay en San Lorenzo, pudiérame gobernar mejor en esto, mirando los que allà había para no ponerlos aqui. Mas en defecto desto convernà, ò que se me embie la dicha lista para asi conferirla, ò que allà se confiera con esta, para que se entienda quales libros se deben tomar y quales no. Esto se entiende de los impresos, por que de los manuscritos lo muy rico y excelente es que haya muchos originales de un mismo autor.

En los Griegos impresos carguè mas la mano y casi puse todos los que hallé, por que yá no se imprimen libros griegos, y agora, y mucho mas de aqui à pocos años no se hade hallar uno solo à comprar entre los Libreros; y me pareció sería bien quedase dende luego el Real Monasterio bien proveído;" [Papeles Varios relacionados com a Biblioteca do Mosteiro do Escorial], Bib. Nac. Madrid, Mss 5734, fl.379-380.

<sup>95</sup>Cfr. Luis González Seara, *El Poder y la Palavra*, Madrid, Tecnos, 1995, p. 159.

Saber, a imagem de biblioteca que se elabora e se impõe, associada à ressurreição das civilizações passadas, e ao mais valioso do coevo, referente ao modelo clássico. Esta ideia de livraria será objecto de divulgação e causa de prestígio, através da realização de índices-cátálogos, da sua impressão por uma casa tipográfica de renome e excelente qualidade, "Plantin", pela edição de originais latinos e gregos, raros, nela existentes, e pelo fomento de um movimento livreiro, de erudição e estudo, de modo a preparar edições fidedignas, cotejar manuscritos, cópias, etc. Há assim um conhecimento não sigiloso que serve o Rei, pela divulgação da sua imagem e de conhecimentos antigos, podendo ainda legitimá-lo através da feitura de relações, crónicas, "Vidas" e histórias. Outra, parcelar, para o Estado, onde se guarda a documentação relacionada com a acção de governar e os "arcana imperii"; e a pública, de acesso mais ou menos restrito, conforme a raridade e o valor dos livros.

Juntando estes elementos, confirma-se que, nos finais do século XVI, ainda domina a tendência para não citar o livro moderno. O que, se dificulta actualmente a reconstituição do espólio de bibliotecas públicas dessa época, também chama a atenção para o carácter selectivo e construído na organização da Livraria-pública e do seu Catálogo, que se pretende seja coincidente com a realidade do Saber. E convém ter presente que ela, ao disponibilizar, orienta, no duplo sentido de memória e esquecimento.

*Memória-conhecimento* que no caso da Biblioteca do Mosteiro do Escorial se vai fechando cada vez mais, passando o acesso aos livros, na sala pública, a não ser feito directamente, mas através do bibliotecário, que se transforma no mediador do saber. Processo relacionado com sistemas de vigilância e controle (neste caso mais mental que efectivo), as obras passaram a ser catalogadas por tamanhos, ou por um agregado de matérias<sup>96</sup>, o que impossibilita a visão global de um tema, ou mesmo de uma matéria.

---

<sup>96</sup> É o caso da classificação feita por Arias Montano, para a Biblioteca do Escorial, em que distribui os livros por 65 matérias: "Gramatica, Vocabularia, Elegantiae, Fabulae, Poesis, Historia, Antiquarii., Dialectica, Rhetorica, Venatio, Aucupium, Piscatio, Colymbitica, Militaris, Architectura, Pictura & Sculptura, Agricultura, Idilia Opuscula, Naturalis Philosophia, Philosophi Privati, Chymica, Metaphisica, Medicina, Sitica, Ethica, Aeconomica, Política, Declamatio, Oratores, Epistolae, Ars Memoriae, Mathematica, Geometria, Aritmetica, Musica, Aulica, Civile Ius, Civilis Iuris interpretes, Giromice, Praeceptiones, Mechanica, Stromata, Encyclica, Catholica Biblia Sacra & Patres, Cosmographia, Geographia, Topographia, Astrologia, Astronomia, Divinatio, Perspectiva, Principes Philosophi, Concordantiae, Biblorum Conentaria, Canones Concilia Canonicumius, Doctores Integri Homiliae Orationes, Doctrinales, Apologiae Disputationes, Privata Revelationes, Historia

Na parte final do seu memorial Páez de Castro, através do tópico renascentista "ut poesis pictura", em que palavra e imagem são duas manifestações da mesma Ideia - esta sim, anterior e poderosa: "ao principio era o Verbo" - e da analogia Deus-Rei, ao discorrer sobre os espaços da Biblioteca concretiza o seu projecto de associação Saber-Poder. Transitando do espaço do conhecimento para o da acção política<sup>97</sup>, dá a Filipe II um conselho, que é simultaneamente missão e legitimação do seu poder:

Na primeira sala, a que chama Templo (espaço da sabedoria, isolado, zona de culto com acesso), devem guardar-se os livros de religião raros, as Sagradas Escrituras, os doutores gregos e latinos, Concílios, Direito Civil e Filosofia. Como ornamento devem colocar-se nas paredes retratos de teólogos notáveis.

A pintura principal, que dará o nome à sala, será o retrato de **Jesus ensinando os doutores**<sup>98</sup>, numa clara metáfora de Deus como Sabedoria

---

Ecclesiastica, Escholasti Theologia, Sumistae", cit. por F. Bouza, *Del Escribano a la Biblioteca*, op. cit., p.132.

<sup>97</sup>Esta ideia é reforçada com duas referências explícitas, - no início e no fim do *Memorial...*, à necessidade e esperança de uma adequada acção governativa, e à nomeação do novo Rei como o novo Salomão, filho de David. Aliás este tópico retórico vai ser frequente na retórica sacra da época. Iniciando o discurso, sauda o Rei e, sugerindo-lhe o caminho, faz votos de bom governo, prognosticando-lhe o maior proveito- o remédio do universo: "Mostré, como de los libros penden todas las artes, y industrias humanas; y en quanto peligro están de perderse, si no se dá algun medio para que se guarden en lugar seguro.

**Agora que Dios nuestro Señor tuvo por bien de poner á V.M. al gobernalle de la mayor, y mejor parte del mundo**, por las causas, que la Magestad Cesárea declaró; y por otras, que como á persona prudentissima le movieron, á querer gozar en su vida, de vér en toda la grandeza posible V.M., y se tiene por muy cierto, que será el remedio del Universo".

Concluindo o *Memorial...*, assumindo-se, aliás com reconhecido mérito, como historiador do Sábio: "ó como Varron, y Pompeyo Macro, que ayudaron á los Césares Romanos; á lo menos no me faltará la voluntad, y diligencia tan cumplida, como ellos pudieron tener, como leal vassallo, y criado. Principalmente que **la gloria no será menor en servir á V.M. que á qualquiera de aquellos Príncipes**; antes muy mayor, pues muchos de ellos fueron inferiores en todo: y si algunos se pueden comparar con V.M. en grandeza de Imperio, no podrán competir en Religion, ni en valor y bondad de ánimo. Y junto con esto **me es necessario peregrinar por algunas partes, para proveerme de algunas cosas, para la historia de la Magestad Cesarea**; pues con las mercedes que he recibido, me bastarán para todo: y **servirá para començar la de V.M.R.**, que plega á Dios sea felicissima con muy grandes victorias, y acrecentamientos de Reynos," "(...) cumpliendo en V.M. la bendición de Vuestro Invictissimo Padre, de la fortaleza de David, y sabiduría de Salomon;(...)", Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., pp.166 e 178.

<sup>98</sup>"El ornamento de esta primera Sala serán retratos de Santos Doctores Theologos, sacados al propio de Retablos antiguos de Roma, y de pinturas Griegas; y juntamente de los otros Sabios principales, conforme á las estatuas antiguas, y medallas, y á lo que de ellos, y de sus facciones se escribe en sus vidas. Y porque cada Sala es menester que tenga una pintura principal, que le pueda dar nombre; parece me que en esta primera no se puede poner cosa mas á propósito que Christo N.S. quando enseñaba á los Doctores en el Templo.", Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., p.172.

e Vida, a ensinar os que querem ser sábios, nas matérias em que devem procurar o saber.

Na segunda<sup>99</sup>, devem guardar-se cartas de marear, cosmografias, mapas, com a delimitação dos reinos e outros territórios, e grande variedade de instrumentos modernos. Esta sala corresponde à ideia de biblioteca-museu.

Deverá estar ornamentada com o retrato dos antecessores do rei e de outros príncipes.

Como pintura principal, que dará nome à sala, a **Criação do mundo**, com as particularidades dos 6 dias (os Trabalhos), para que se veja a sabedoria divina e o seu grande poder, numa analogia entre o Conhecimento de Deus e os trabalhos da Criação, e o governo do mundo. O Príncipe tem de governar, que é também um trabalho de criação, de conhecimento e vontade.

Na terceira sala será o arquivo, a parte mais secreta, onde se guardam as *cosas* relacionadas com o Estado e o governo<sup>100</sup>. Pode ser decorada com retratos antigos e a melhor denominação será a da **parábola do senhor que distribui pelos criados os bens** - "mejor se entiende, que yo sabré declarar"<sup>101</sup>. Há aqui uma implícita alusão aos talentos que Deus quer que Filipe II ponha a render: *a quem mais foi dado, mais será pedido*.

---

<sup>99</sup>"En la segunda Sala se pondrá lo siguiente. Cartas universales de marear, y Cosmographia de todo lo que hasta oy se sabe del mundo, hechas con mucha diligencia; en las cuales estén señaladas las particiones con los Reyes vecinos, y sus demarcaciones, y derrotas para todo lo descubierto. Principalmente se hará una de las Indias Occidentales muy grande, á imitación de la Tabla de la Europa, que está en el Palacio de Sant Marcos en Roma, que labró el Papa Paulo Segundo. (...)

Árboles de Genealogía, en forma grande, de los Reyes de España Vuestros Antecessores; y de otros Reynos, que se han juntado por sangre.

Algunas antiguallas principales, que suelen tenerse en mucho.

Cosas naturales maravillosas; como partes de animales estraños, y peces, y árboles hechos piedra, y lo demás, que Augusto solía tener en su Estudio, como diximos.

Vasos y urnas antiguos de Griegos, y Romanos, que tambien se pueden contar por antiguallas.", Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., pp.172-173.

<sup>100</sup>"Quanto á las cosas de la tercera Sala, yo creo, que deben ya estar todas juntas: parte en los Archivos, y Recamaras de V.M. y parte en poder de los Secretarios de V.M. y de los Consejos, y Chancillerías: y se puede tener atención á suplir lo que faltare por via que se entiende, mejor que aqui se puede tratar.", Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., p.176

<sup>101</sup>"Para nombre de esta Sala última se pintará la Parábola de aquel Varon ilustre, de quien dice el Evangelio, que estando para hacer una muy larga jornada, llamó á sus principales criados, y le repartió su hacienda, entregando á cada uno aquellos talentos; y encomendandoles, que negociassen muy bien, mientras él tornaba; y despues la cuenta que les toma, quando viene á juicio. Quanto convenga esta pintura, á lo que en esta Sala estará, mejor se entiende, que yo sabré declarar.", Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., p.175.



A reunião no mesmo espaço de livros e retratos - de rei, príncipes, doutores - associa, num primeiro nível, o saber aos seus primitivos detentores e aos actuais utilizadores (ideais), que lhes continuam a linhagem e se mantêm os representantes vivos daqueles arquétipos.

Mas a associação do texto à imagem pode ser entendida numa dimensão mais profunda<sup>102</sup>: explica a biblioteca, templo e reliquário da sabedoria, ao mesmo tempo que preconiza a forma da sua organização e a sua finalidade.

As linguagens da palavra e da pintura completam-se, tornando mais perfeita a transmissão da ideia, pois a imagem introduz uma outra dimensão, apelativa e simbólica, que faz despertar níveis cognitivos diferentes dos traduzidos pela palavra: sensibilidade, gosto, harmonia.

Aquelas imagens têm ainda subjacentes padrões e modelos éticos e metafísicos que pela imposição visual sugerem associações que remetem para o desejo de comportamentos, numa linha de dever-ser.

Na construção do processo argumentativo do espaço da livraria, Páez de Castro usa um recurso análogo ao silogístico: ligando determinados textos a determinadas imagens, conclui pelo imperativo de uma conduta individual, coerente, tendo sempre presente o Rei como fiador do Bem-comum.

Os livros passam de suporte de conhecimentos a Verdade e Bem.

Concluindo, a Biblioteca Real, sem se imaginar ainda como biblioteca pública, deixa de considerar-se biblioteca particular - a mais rica.

Já não se concebe apenas como uma colecção, mas como entidade que define e cristaliza o arquétipo do Saber. E como constitui esse arquétipo?

O seu núcleo organizacional mantém-se inalterado: a Bíblia e as Ciências Sagradas, não tanto em termos de saberes concretos, mas da origem do saber e finalidade do conhecimento humano, e por isso da governação. No entanto, a biblioteca, embora associada a um valor ético, ganha uma dimensão polifacetada e de acesso plural. Este carácter plural tem a ver com ela ser o espaço consagrado de guarda dos livros proibidos, dos raros, dos modernos, dos secretos e dos públicos, mas

---

<sup>102</sup>Com um sentido e uma funcionalidade próxima do emblema, que, não se esqueça, tem no Renascimento por base o hieróglifo, considerada a primeira forma de linguagem escrita. Jean-Marc, Sebastian CHATELAIN, "Livres d'emblèmes et livre du monde", in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, 1995, n° 84-85, pp. 2-27.

hierarquizando e estabelecendo o critério da divulgação. A cada pessoa, em função do seu valor representativo, sócio-cultural, é dado acesso à sua verdade.

Este princípio de acção é constantemente afirmado, quer para a Biblioteca do Escorial (à semelhança da Vaticana, como diz Cardona), quer para a de Simancas.

A dimensão polifacetada do Saber, que revela a concepção de Poder, é paradigmaticamente apresentada através da dupla-livraria: a Biblioteca Real no Mosteiro do Escorial; e a regulamentação do Arquivo central na Fortaleza de Simancas, com Filipe II. Ambos são sacrários do raro, antigo, original e exibição do rico, mas os cultos e os templos, esses já não pretendem ser coincidentes.

A Biblioteca Real integrada dentro do espaço (real e simbólico) do palácio-mosteiro (onde, como sublinhou Checa Cremades<sup>103</sup>, não havia porta de acesso principal e seria o prior, coincidente com a pessoa do bibliotecário, quem recebia, pela Igreja, os convidados reais, entrando a nobreza sem qualquer cerimonial por uma porta lateral) auto-representasse e pretende ser reconhecida, dentro de Espanha (e é-o) e fora, como a Imagem do saber oficialmente reconhecido. E do Bem e Verdade, o que exige também mistério e recolhimento.

O Livro desdobrou-se na Biblioteca (real), que transmite uma mensagem coincidente com a Unidade (inclusive através do uso da linguagem metafórica e simbólica, com a associação de poesia-pintura), Função e Imagem daquele.

Afinal Cardona sugerira a Filipe II que através de Plantin deslumbrasse a Europa com alguns dos tesouros do Escorial. E o Rei Prudente, ou o Novo Salomão, acabou por escolher a *Bíblia Poliglota*, publicada pelo seu Bibliotecário Régio Arias Montano. Fonte Sagrada e inesgotável de Sabedoria, revelada aos homens, e onde se reúnem os saberes (teóricos e práticos), tem de ser completada com um novo desdobramento de livros, correspondentes aos novos saberes.

Assim, num jogo de dupla face do saber, como que em contrafracção, está Simancas, realização efectiva de Filipe II, como se verá no capítulo seguinte. O Rei regulamenta uma biblioteca-arquivo de modo a que funcione servindo um poder político já entendido à luz de

---

<sup>103</sup>Fernando CHECA CREMADES, "Felipe II en El Escorial: la representación del poder real.", *El Escorial: Arte, Poder y Cultura en la Corte de Felipe II*, El Escorial, Univer. Complutense Madrid., 1988, p.21

critério positivo, assente na compilação de documentos resultantes da acção governativa, na legitimação do poder baseada no direito, nas linhagens, da realeza e dos Grandes, e na conservação e fixação de memórias.

Simancas não pretende fazer ostentação com o Saber. O arquivo deve apenas resguardar e organizar a bibliografia política que permite a cultura política.

Surge assim o agir prudente, modelo da virtude, sugerindo-nos, como em alguns dos seus cronistas, a evocação do Rei Salomão<sup>104</sup>: "Si bien la del Escorial, con lo manuscrito, impreso, i prohibido, luciendo Real cuidado del prudente Salomon, Filipo Segundo, acaba de hacer octava Maravilla à San Lorenzo. Què bien parece una Magestad estudiosa! La gloria del reinar, es el deseo de saber: acariciar letras, es asegurar aciertos: la inclinación sabia, hace la naturaleza superior.(...) Como si fueran índices del poder, tanto los muchos Soldados, en los Campos, como los numerosos Libros, en las Bibliotecas. Alabança es de esta edad, ver la Nobleça bien ocupada, i los maiores Príncipes con Camarines, no solo vestidos de Pinturas, sino adornados de Libros.(...) Los Libros hermoSean un Retrete con gala, i divierten una ociosidad con aprovechamiento; siendo tan nobles hijos de sus Autores, que los juzgò Platòn mas hidalgos, que los naturales, por ser su padre el Entendimiento, i ser de linage de Espiritu: i conosece en lo que afectan de inmortalidad, pues faltando à la vida el ingenio, sobra al tiempo el libro, quedando en èl la voz del que le engendrò, sucesor de estudios, i vigiliass."<sup>105</sup>

A Sabedoria do autor do *Cântico dos Cânticos*, a sua prudência, ligada ao saber governar rectamente, as suas justas sentenças, o esplendor ligado à riqueza, de que o Templo é a alta expressão, e o Poder, definem inicialmente o modelo da concepção de governo de Filipe II, que com a força da representação política e da definitiva imagem, passa retoricamente ao plano da analogia.

E o rei afirma-se porque o estar vivo e politicamente presente (governa, decide, preconiza medidas e toma iniciativas, fazendo-se ver e

---

<sup>104</sup>Torna-se um tópicoo denominar O Mosteiro de "oitava maravilha do mundo", associando a figura de Filipe II ao Rei Justo.

Cfr: Fr. Juan ALONSO DE ALMEIDA, "Description de la octava marauilla del mundo", memorial oferecido a Filipe II, parcialmente editado por Gregorio Andres, *Documentos para la historia del monasterio de san Lorenzo el Real de el Escorial*, 1.vol., Madrid, 1962.

Ver ainda Gregorio Lopes, *Excelencias da Monarquia*, op.cit., p.21.

<sup>105</sup> Pinelo, *Epitome...*, op. cit, p.2.

sentir) permite, no plano da linguagem, renovadas criações, ultrapassando a recordação fixada, e impondo-se assim em todos os níveis do plano existencial.

## 2.1.2. A Fortaleza de Simancas: Arquivo Central - *Instrucción para el gobierno del Archivo* (1588)

A conceptualização de um Arquivo Central, fundado em 1540 por Carlos V<sup>106</sup>, dependente e ao serviço de uma administração central<sup>107</sup>, parece ser, pela consciência que revela da necessidade da burocratização, e das exigências e alterações políticas que ela necessariamente provoca, tão importante como as consequências resultantes da sua criação<sup>108</sup>.

Filipe II, depois de ter pedido ao Arquivo da Torre do Tombo cópia dos documentos referentes à fundamentação dos direitos da Coroa de Espanha ao trono de Portugal, e de ele próprio ter estado em Lisboa, redige, em 1588, "Instrucción al Archivero del Archiuo de Simancas y a sus oficiales"<sup>109</sup>, regulamentando o funcionamento do Arquivo Central e definindo a sua primeira missão<sup>110</sup>: compilar livros e escrituras referentes

---

<sup>106</sup>Esta instituição pretendia, em relação ao Reino de Castela, passar a controlar a informação jurídica, política e administrativa, até aí fragmentada por arquivos particulares e religiosos, pelo Tribunal da Corte de Castela e Chancelarias de Granada e Valladolid. Filipe II tomará medidas que irão permitir a concretização deste plano. Em 1563 cria o Arquivo de Cortes, estabelecido em Madrid, que passa a arquivar e centralizar os documentos respeitantes ao governo central. Esta medida integra-se na vontade política de, mantendo a unidade governo-justiça, articular o controle administrativo e territorial (criando para isso os Conselhos territoriais, na sua dupla vertente: de governo, através dos **Conselhos**, e da justiça, através dos **Tribunais**).

<sup>107</sup> Em 1588, através de cédulas pessoais dadas a funcionários, o Monarca ordena aos particulares e aos arquivos privados e locais que passem a depositar no arquivo central a documentação respeitante ao governo e aos direitos reais.

<sup>108</sup> Cfr. "Real Decreto de S. Mag. para que se informe del Estado de los Papeles [de la] Monarchia", Bib. Nac. Madrid, Mss.4.368, 16\6\1726 (apesar de na última página estar indicada a data de 1787).

Este manuscrito faz a sinopse histórica do Arquivo até ao século XVIII, explicando a sua relação com os vários Conselhos. Refere ainda a história de diversos arquivos dos reinos, indicando a antiguidade e proveniência de "papeles antiguos", nomeadamente do arquivo de Aragão e de Barcelona.

Sobre a preocupação de conhecer e controlar os arquivos centrais dos vários reinos, ver também: María de los Dolores MATEU IBARS, "Cartas de Carlos I y Felipe II a Juan y Antonio Viladamor, archiveros de la Corona de Aragón, coetáneos de Zurita (1534-1556-1560)" *Jerónimo Zurita. Su Época y su Escuela*, Zaragoza, Inst. Fernando Católico, 1983, pp.413-423.

<sup>109</sup>A ordenança do Arquivo estabelecida por Filipe II em 1588, definindo a forma de organizar a nova instituição detentora do saber político, integra-se no mesmo género de discursos normativos e judicativos dos tratados de história e dos memoriais que se analisaram.

Enquanto nos memoriais anteriores Cardona e Páez de Castro se assumiam como os doutrinadores, aqui é Filipe II que define a concepção e o funcionamento do arquivo, assegurando ainda o seu controle.

<sup>110</sup>"El rey\ Por quanto el emperador y rey, mi señor, que este en gloria, teniendo consideración a que en las escripturas consiste la memoria de la antiguedad, y viendo que los tiempos passados no hauía auido tanto cuydado (como conuenia) en la conseruación de las que tocauan al patrimonio, estado y corona real destos reynos y al derecho de su patronazgo, prouecho y mando que en la fortaleza de la uilla de Simancas..." fol.1, encarregando o arquivero-mor que "(...) tiene dada muy buena orden en la composición y hornato de nuestras escripturas particulares, pertenecientes a nuestro estado, corona y

a "las escrituras particulares, pertenecientes a la corona, estado, patrimonio y patronazgo" e às "escrituras generales y libros de reino y vasallos", isto é, memória da acção governativa presente, passada e dos direitos da Coroa<sup>111</sup>.

Para isso "mandamos despachar cédulas nuestras para los Tribunales de nuestra corte y Chancillerías de Valladolid y Granada y para algunos secretarios y ministros nuestros, y para los herederos de otros que hauían fallecido, mandando por ellas que entregassen al dicho secretario Diego de Ayala (que quedó solo en el dicho cargo por fallecimiento del dicho licenciado Sanz [funcionário do Conselho de Estado, expressamente nomeado Secretário do Bibliotecário, da confiança do Monarca]) las escrituras que huuiesse en su poder, que se deúan recoger y guardar en el dicho archiuo, como en efecto se le entregaron, y las lleuó a él juntamente con otros papeles que él halló de cosas importantes a nuestro seruiçio en casas particulares de Valladolid, de que hizo inuentarios y nos dio relación dellos"<sup>112</sup>.

Segundo Rodríguez de Diego, Filipe II, ao definir uma estrutura fixa de arquivo, com funções pré-definidas<sup>113</sup> e um quadro permanente de

---

patrimonio real y al derecho de nuestro patronazgo, y assí le encargamos y mandamos haga lo mismo de todas las demás que se fueren recogiendo desta calidad, (...)”, p.97

Transcreveu e publicou recentemente a ordenança, com um estudo introdutório, José Luis Rodríguez de Diego, Madrid, Ministerio Cultura, 1988. Foi esta a edição utilizada, que passará a ser referida como *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*.

<sup>111</sup>“Y porque queremos tener particular noticia de las cosas que tocan a nuestro estado, patrimonio y corona real y a nuestro patronazgo y de todo y qualquier derecho y accion que nos perteneçe y puede perteneçer, y algunas cosas dellas podrian estar ocultas por no hauerse tenido el cuydado necessario en tiempos passados de la guarda y conseruación de nuestras escrituras y libros de nuestras Contadurias Mayores de Hazienda y Quentas, mandamos al dicho secretario Diego de Ayala que desde luego haga / fol.4r sacar vna relación no menos sustancial que breue de todo lo que huuiere y hallare en el dicho archiuo tocante al dicho nuestro estado, corona y patrimonio real y al derecho de nuestro patronazgo y de otros y qualesquier derechos y acciones que nos pertenezcan y podamos pretender en qualquier manera y por qualquier causa y razón.”, *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., pp.104-105.

<sup>112</sup> *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., p.99.

<sup>113</sup> A concepção do Arquivo foi bem definida por Rodríguez de Diego: “La organización de los fondos documentales deriva directamente del concepto de archivo patrimonial. Los documentos existentes en el archivo y los que con posterioridad se incorporasen se dividían en dos grandes bloques: las escrituras particulares pertenecientes a la corona, estado, patrimonio y patronazgo, y las escrituras generales y libros de reinos y vasallos (cap.3 y 11). Hasta tal punto esta doble clasificación fue perdurable que en un informe de Pedro de Ayala en 1666, después de la visita de Francisco y Antonio de Hoyos, afirma que las escrituras de Simancas se reducen a dos géneros: patrimonio y patronazgo, y de partes, subdivididas en tantos apartados cuantos Consejos. No es exagerado decir que la clasificación actual responde a su idea originaria; la sección de patronato conservaría las “escrituras particulares” y las restantes secciones las escrituras generales. Desde luego coincide con la clasificación de Pedro de Ayala. Este esquema clasificatório determina otra dicotomía documental: escrituras y libros. A las primeras se refieren los capítulos 3-9; a los segundos el capítulo 11 cuyas

profissionais<sup>114</sup>, com tarefas e obrigações bem específicas, está a estabelecer o primeiro regulamento de arquivos moderno.

Associada ao desenvolvimento e controle dos poderes centrais, surge a defesa, quer pela sua enunciação explícita, quer pelas práticas preconizadas de uma nova sabedoria política (considerando-se que sabedoria inclui conhecimento e ética), gerida a partir de “papeles”<sup>115</sup>.

A consciência de que o poder da burocratização, e o saber extrair-lhe sentido político amplo, assenta no conhecimento e na conservação seleccionada dos papéis, será o princípio organizador do Arquivo. Para isso ordena que, a seguir à compilação, se façam cópias dos documentos<sup>116</sup>, encadernados em livros temáticos<sup>117</sup>, e, posteriormente,

---

materias son: Contadurías de Hacienda y Cuentas, Casas Reales, (libros de Cámara y Relación) y Corte (registros). Son escrituras generales, relativas a reinos y vasallos. El término libro se emplea para designar un conjunto de pliegos que guardan un orden e interdependencia entre ellos, por lo que deben estar siempre agrupados aunque no se hallen encuadernados. Libro está en contraposición a escritura suelta, independiente.”, *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., p.66.

<sup>114</sup>“Y despues hauiendo yo succedido en estos nuestros reynos y viendo que hauía cessado el dicho recogimiento de papeles por no hauer persona que residiese en el dicho archiuo, y que conuenia a nuestro seruiçio proueer algunas de experiencia que (desocupadas de otros negocios) tuuiessem cargo de las dichas escrituras y de juntar las que mas huuiesse, por la confiança y satisfacción que tuuimos de Diego de Ayala, nuestro secretario, le proueymos del dicho cargo, para que juntamente con el licenciado Sanz, relator del nuestro consejo (a quien assimismo nombramos para ello), entendiessen en recoger, ordenar y assentar las dichas escrituras conforme a la instruccion que les hauíamos de mandar dar.(...)Y visto que se hauían recogido tantos papeles y que conuenia edificar aposentos sufficientes, en que pudiessen estar aquellos y los que mas se recogiessem, se traçaron (por nuestro mandado) en la dicha fortaleza de Simancas y se han edificado y van edificando con el dinero que para este efecto hemos mandado proueer y de ordinario se prouee con nombre de nuestro archiuo, donde las dichas escrituras puedan estar con comodidad y tener / fol. *lv* tener (sic) lugar conocido de manera que se hallen quando se buscaren, porque nuestra voluntad es que el dicho archiuo no se mude sino que quede y permanezca en la dicha fortaleza de Simancas. Y agora hauiendosenos hecho relación por parte del dicho Diego de Ayala que él esta ya viejo y con algunas indisposiciones, porque ha cinquenta y quatro años que nos sirue en el exercicio de la pluma en cosas de confiança, y que despues que le mandamos tener cuenta con los papeles del dicho archiuo por su industria y trabajo se an ydo aumentando mucho, y que por nuestro mandado ha exercitado en ellos en su compañía a Antonio de Ayala, su hijo, de que tiene ya mucha pratica y noticia, y suplicindonos fu’rssemos seruido de passar en él el dicho officio, por vna nuestra carta y prouisión, (...)” *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., pp.97-99.

<sup>115</sup>Por isso escreveu o seu cronista, Cabrera de Córdoba: "por medio dellos [os papéis] meneaba el mundo desde su real asiento"., Cabrera de Cordoba, *Filipe II Don Filipe Segundo Rey de España*, Madrid, Luis Sanchez, 1619, fl.505.

<sup>116</sup>“(…) mandamos que de todas las dichas escrituras originales, tocantes a nuestros patronazgos y gracias concedidas por los Sumos Pontífices a los reyes de Castilla y de Aragón, y de las bulas y breues de la administración perpetua que tenemos de los maestrzgos de las tres ordenes de Santiago, Calatraua y Alcantara, y de las bulas y breues y priuilegios perpetuos de fundaciones de encomiendas, instituciones y establecimientos de las dichas tres ordenes militares y capitulos dellas, y de las bulas y breues de nuestras capillas reales, y assimismo de las bulas y breues tocantes al Sancto Officio de la Inquisición desde que se fundó, y de las bulas tocantes a las Indias desde que se descubrieron, y de otras qualesquier bulas, gracias y jubileos concedidos a los reyes de Castilla, y de las bulas y breues de reformación de monasterios y de la incorporación del reyno de Nauarra, con las bulas contra

um índice por títulos e por temas dos documentos existentes no arquivo<sup>118</sup>, com duas cópias<sup>119</sup>, ficando uma em seu poder<sup>120</sup>.

A regulamentação do arquivo de Simancas<sup>121</sup> é assim a concretização, num espaço próprio e fixo, e numa instituição

---

scismáticos, y de las inestiduras apostólicas del nuestro reyno de Nápoles y priuilegios a él tocantes desde que le començaron a poseer los reyes de Aragón, nuestros predecesores, y de la aprouación y nuevas concessiones de la monarchía de Sicilia y otras escripturas tocantes a ella, y de los priuilegios de inestiduras de Milán, y priuilegios y capitulaciones de Sena, y de capitulaciones con Summos Pontífices y con reyes christianos y moros y con grandes y caualleros de Castilla, de trueques de ciudades, villas y lugares y fortalezas perpétuas con recompensas, y de las bulas y breues y anexiones tocantes a la fundación del monasterio de San Lorenço el real y compras de haziendas para el dicho monasterio, y de otras escripturas de compras perpétuas tocantes a nuestra hazienda / fol. 3v y patrimonio real, y de las sentencias y cartas executorias dadas en fauor de nuestra corona real, y de los poderes e intruciones de nuestros visoreyes y embaxadores, y de las escripturas tocantes a los nuestros estados de Flandes, y de las declaratorias pertenecientes a nuestro patrimonio real, y de otras escripturas que aya de la misma calidad e importancia, que de todo lo susodicho se saquen copias y dellas se vayan formando y enquadernando libros, como por nuestro mandado lo ha començado a hazer el dicho secretario Diego de Ayala”, *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., pp.102-104.

<sup>117</sup>“ que sean en muy buen papel y escritos de muy buena letra assentada con la distinción y claridad que es necessario, haziendo en cada libro su tabla por al orden del A B C con sus números, para que con facilidad se pueda hallar lo que se buscare en ellos.”, *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., p.104.

<sup>118</sup>“(…) de todo género de escripturas que al presente ay en el dicho archiuo con muy particular y breue relación de lo que cada una contiene y con el número y caxon donde la tal escriptura se hallara; y que este se intitule “Libro de inuentarios”., *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., p.105.

<sup>119</sup>“Las dichas copias que se an de sacar de todas las dichas nuestras escripturas particulares, de que se an de formar y enquadernar libros, y tambien los otros tres libros que se han de hazer (como está dicho) se han de escriuir de muy buena letra por personas que lo sepan bien hazer, a los quales se ha de pagar por cada hoja que escriuieren en latín tres reales y en castellano real y medio, siendo escritas en papel bastardo de las partes y ringlones que se acostumbra y conforme a la muestra que el dicho Diego de Ayala nos ha traydo de lo que se ha començado a copiar.”, *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., p.106.

<sup>120</sup> A utilidade política directa que o Monarca retirava do arquivo torna-se evidente, com esta exigência de que uma das duas cópias do inventário geral do arquivo ficará em seu poder. Por isso é tão dirigista e normativo quanto à organização e sistemática dos documentos.

Facto ainda de sublinhar, por reforçar este sentido de eficiência e pragmatismo político, alheio agora a cultos ou manifestações de ostentação, é a expressa ordem de que as cópias serão feitas em papel bastardo. A redução de custos era dupla: no papel e no pagamento ao escriba, pois o pergaminho exigia outro tipo de instrumento de escrita e a letra já não podia ser a denominada "bastarda".

Como se sabe, Castela vai ter até ao século XVIII enormes problemas com a qualidade do papel, pois, por não o saber produzir com qualidade, tem, devido às condições geográficas, de o importar a um elevado preço, ao contrário de Aragão ou Valência.

Até finais do século XVIII vai-se assistir a queixas constantes por parte de tipógrafos e livreiros, devido à venda de livros a preços mais baixos nos reinos de Aragão e Valência. Os monarcas tentarão, através do Privilégio, controlar o preço dos livros em Castela. Política difícil, por ser o Privilégio Real exclusivo deste Reino. Muitas vezes, imediatamente a seguir à edição de um livro em Castela, surgia a publicação do mesmo, no reino vizinho. Como o preço de custo tinha sido aqui mais baixo, era vendido mais barato.

<sup>121</sup> A importância efectiva e simbólica de Simancas, e da sua constituição, torna-se tão sensível que Covarrubias, no Diccionario de la Lengua, define arquivo associando-o ao arquivo Central:" (...)



independente (recorde-se que os arquivos de Cortes, com uma função próxima à do de Simancas eram móveis), das ideias defendidas pelo "doutrinador- bibliotecário" Páez de Castro, para a terceira sala ("archivo político ") da Biblioteca Real.

A *Instrucción*, no que se refere às regras da biblioteca <sup>122</sup> e à formação do Bibliotecário (incluindo-se nesta designação um corpo de funcionários<sup>123</sup>, que profissionaliza), é ainda a aplicação da doutrina apresentada por Páez de Castro e Cardona nos memoriais acabados de analisar<sup>124</sup>.

O bibliotecário régio é agora o novo administrador laico do saber, que reúne em si sentido político e saber técnico. Por isso, no Escorial, esta função coincide geralmente com a de cronista do rei; e em Simancas o bibliotecário trabalha conjuntamente com um Secretário, funcionário do Conselho de Estado, directamente nomeado por Filipe IV.

Esta administração do saber exige as novas tarefas de recensear, classificar, seleccionar e catalogar, sintetizando saber técnico e ideologia. Associando a componente normativa à ordem dos valores, e comunicando-os através de uma linguagem metafórica e alusiva, consegue um forte nível impositivo.

---

archivo los caxones donde estan las escrituras públicas y de alguna comunidad. Los archivos de Simancas contienen en si todos los recaudos, así de los Reies como de los señores y de particulares", Sebastián Cobarruvias, *Tesoro de la Lengua...*, op. cit., p.139.

<sup>122</sup>Que se pode sintetizar nos seguintes termos: recolher, conservar, inventariar, descrever, difundir.

A organização - recolha, descrição, ordenação no espaço, por temas, a sua cópia e a inventariação, com a criação do respectivo índice - exige também a sua conservação (limpeza, e restauro dos livros), cfr. *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., pp. 108-109.

<sup>123</sup>Cardona, como se verificou no Memorial, considerava dever a escolha passar por razões estritamente profissionais, explicitando pormenorizadamente os critérios em que assentaria a selecção.

Filipe II fará algo semelhante, ao estabelecer uma distinção entre o cargo de confiança política e o de administrador da biblioteca: o arquivista, Diogo de Ayala e depois o seu filho, António de Ayala e o relator do "nosso conselho"; e o corpo dos funcionários. Todos estes serão escolhidos pelo arquivista, de quem se tornam totalmente dependentes, mas cujas tarefas são minuciosamente regulamentadas por Filipe II, desde as do limpador e reparador de livros até ao cronista, passando pelo copista, pelo que deve ser copiado, preços a pagar (quer por folha em romance, quer em latim), horário de funcionamento, etc,etc.

O cargo de arquivista sucede de pai a filho, como se viu, por razões de confiança, mas também profissionais, devido à qualidade do trabalho executado.

(O primeiro arquivista foi António Catalán, nomeado por Carlos V em 1545).

<sup>124</sup>Nesta pequena instrução, o monarca concilia a definição dos objectivos e finalidade do arquivo (compilação dos direitos reais, que foram agrupados sob os temas de património, estado e patronato), com uma rigorosa e pormenorizada definição do seu funcionamento: como se disse, desde os critérios de recolha e organização dos papéis (p.98), até ao que se deve copiar (p.102), e quanto se paga (p.114), quer por folha transcrita em língua romance, quer em latim; passando pela justificação da necessidade de inventariação temática (pp.104-106), da forma de elaborar e organizar o livro de índices, pela ordem dos livros, atribuições do porteiro (p.108), obrigações do limpador e do reparador de livros, (p.109) e funcionamento e condições de acesso ao Arquivo (pp.110-112).

O poder do saber vai propondo uma nova ética, de utilidade política, fortemente moralizadora, de integração pelo exemplo, individual ou social. Que este exemplo seja de carácter religioso ou laico é secundário, por ser parte integrante de uma atitude que se concretiza, também, numa literatura e cultura fortemente moralizadoras.

Ligadas às exigências modernas, desenvolvem-se em Espanha as regras da biblioteca, surgindo a figura do bibliotecário-funcionário<sup>125</sup>, "entidade" associada à de "cronista", ambos instrumento e símbolo de uma reforma mais profunda, de base político-ontológica, que foi atravessando a modernidade e que corresponde à constituição das disciplinas histórica e política.

Se os livros ordenados governam o mundo, quem ordena os livros<sup>126</sup> - neste caso, o Rei e o Bibliotecário - tem maior controle sobre esses dois mundos,<sup>127</sup> sobretudo se se encarar quase todo o conhecimento político como secreto:

“Assimismo mandamos al dicho secretario Diego de Ayala y al dicho Antonio de Ayala, su hijo, y a las personas que *despues dellos succedieren* en el dicho cargo de archiuero que no den traslado de priuilegio, registro, cédula ni prouisión ni de otra qualquier escriptura de qualquier genero y calidad que sea, que estuuere en el dicho archiuo, a *ninguna persona* que lo pidiere por prouisiones libradas por ningun Tribunal de nuestra corte ni de las nuestras Audiencias ni Chancillerias ni por memorial decretado ni por otro recaudo alguno, *saluo por cédula nuestra firmada de mi mano*, imbiando los tales treslados a poder de la persona que por tales cédulas se ordenare sin los entregar a las partes. Y no se trata aqui de las escripturas originales, pues está claro que no se ha

---

<sup>125</sup>Estes técnicos, ao conservarem, seleccionarem, organizarem e classificarem os documentos e monumentos, estão a transformá-los em conhecimento. E, ao fixarem essa ordem em índices internos e em catálogos impressos, rentabilizam e potencializam tal utilidade, pois divulgam uma imagem de competência, ao mesmo tempo que integram a biblioteca num sistema universal de conhecimento e de valores.

<sup>126</sup>Daí a importância da ordem do catálogo, pois ela não só corresponde à ordem da biblioteca, mas à da "realidade" Entendendo-se *realidade* simultaneamente como visão (realidade mental do bibliotecário) e realidade exterior (à Biblioteca).

<sup>127</sup>Cardona, Páez e Pinelo assumem-se simultaneamente como doutrinadores e bibliotecários. Aconselham o rei, mas aconselhar é aqui entendido num sentido mais elevado do que definir acções, ou conselhos específicos. Eles sabem dos princípios e da organização do saber, numa relação do saber com o poder, e sabem como o poder se pode manter pelo saber: "que bien parece a una Magestad estudiosa! La gloria del reinar, es el deseo de saber: acariciar letras, es asegurar aciertos: la inclinación sabia, hace la naturaleza superior" Pinelo, *Epítome*., op. cit., fl.2.

de dar priuilegio ni papel original a ningun ministro nuestro ni a otra persona en manera alguna.”<sup>128</sup>.

A Ordenança vê a História<sup>129</sup> - de novo, entendida como *memória* em sentido alargado -, como a principal fonte de saber e de prudência política. Esta memória, agora estritamente humana e profana, ordenada e sistematizada em três vertentes - papéis sobre a acção de governo, Direito e História<sup>130</sup> - produz um conhecimento e uma utilidade política não apenas eficientes na acção imediata, mas também na fundamentação da origem e legitimação do poder.

Posteriormente, o Monarca nomeará um cronista para, a partir desses documentos, escrever uma história oficial dos reinos, criando-se assim, através de adequada memória<sup>131</sup>, a génese de uma opinião pública sobre o Estado.

<sup>128</sup> *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., p.110.

<sup>129</sup> Aliás, desde" las Cortes de Valladolid de 1523 hasta las de Madrid de 1563, año del nacimiento del archivo de Cortes, se insiste en la necesidad de recopilar todas las ystorias y coronicas y grandes cosas y hazañas hechas por los rreyes de Castilla...y es bien que se sepa la verdad de las cosas pasadas. Esta finalidad histórica se reflejará en la instrucción." *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., p.33.

<sup>130</sup> "Otrosi mandamos que se haga otro tercero libro de las cosas curiosas y memorables que ay y huuiere en el dicho archiuo, de que tambien se podría sacar sustancia leyendo en él como en historia, y que se escriua con la misma distincion, claridad y números que está dicho en los de arriba, sacando solamente lo sustancial; y que este se intitule "Relación de cosas memorables y curiosas"", *Instrucción para el gobierno del Archivo de Simancas*, op. cit., p.105.

<sup>131</sup> Tendo nomeado expressamente para o efeito o primeiro cronista de Aragão, Jerónimo Zurita, e o cronista real, Ambrosio de Morales, e dando-lhes para isso autorização (excepcional) de acesso ao arquivo e investigação nos documentos, como já se disse.

A valorização da história política, com a sua reabilitação para ensino do príncipe, útil como exemplo, corresponde a uma história-conhecimento de primeiro nível. Fixação do passado recente, em registos e anotações singelas e variadas (cartas, correspondência, mapas, etc), deve guardar-se de forma sistemática, em local adequado.

Num segundo momento, torna-se conveniente escrever (sobre) essas situações. Quer divulgando-as, quer explicando alguns mecanismos profundos.

A este nível poderá estabelecer-se alguma tensão entre os interesses e as vontades do Monarca e as dos seus cronistas, pois o historiador vê-se e assume-se como o doutrinador do príncipe, o primeiro na hierarquia dos saberes, com a responsabilidade de **fazer ver** e orientar, no sentido de serem tomadas as decisões convenientes: "ó como Varron, y Pompeyo Macro, que ayudaron á los Cesares Romanos; á lo menos no me faltará la voluntad, y diligencia tan cumplida, como ellos pudieron tener, como leal vassallo, y criado. Principalmente que la gloria no será menor en servir á V.M. que á qualquiera de aquellos Príncipes; antes muy mayor, pues muchos de ellos fueron inferiores en todo: y si algunos se pueden comparar con V.M. en grandeza de Imperio, no podrán competir en Religion, ni en valor y bondad de ánimo. Y junto con esto me es necessario peregrinar por algunas partes, para proveerme de algunas cosas, para la historia de la Magestad Cesarea; pues con las mercedes que he recibido, me bastarán para todo: y servirá para comenzar la de V.M.R., que plega á Dios sea felicíssima con muy grandes victorias, y acrecentamientos de Reynos, cumpliendose en V.M. la bendición de Vuestro Invictíssimo Padre, de la fortaleza de David, y sabiduría de Salomon; para que de todo resulte paz perpetua en la tierra, y gloria á Dios en los Cielos.", Páez de Castro, *Memorial...*, op. cit., p.178.

Ao seleccionar-se e divulgar-se uma ordem exemplar de conhecimentos está-se a condicionar uma verdade - e a época moderna continuará a identificar Conhecer com Ser e com Bem.

Concluindo: por analogia com Deus, duplamente autor (ao conceber a criação e ao realizá-la), Filipe II vai assumir-se, através da sua acção governativa, como criador, para o qual a cultura é fomentada numa dimensão de dupla criatividade. Ao assumir-se como arquitecto, ao concretizar e desenhar a ordem dos saberes, ao definir como se organiza a biblioteca e se elabora o catálogo, ao fomentar, com privilégios e a sua própria chancela, edições de obras antigas, traduções e obras modernas (participando ainda, muitas vezes, no próprio livro, através de dedicatórias, elogios ou prólogos), está como autor a aperfeiçoar a ordem da criação e a perpetuar a sua memória<sup>132</sup>. E é exactamente através da perpetuação dessa memória que se vai transmitindo a noção da perfeição do seu autor. E assim vai transitando a imagem da pessoa de Filipe II de autor-administrador para co-autor, não lhe faltando, segundo o cronista, a escrita de um livro "de las alabanzas de Dios"<sup>133</sup>.

Esta complexização de sentidos faz, no entanto, com que a ideia de ordem, proporção e equilíbrio que ele pretende realizar não resulte, para o observador, em *clareza*, nem sequer no sentido de Quintiliano, de obscura claridade.

---

<sup>132</sup>Para Cobarruvias, memória "del nombre latino memoria: est firma animi rerum et verborum dispositionis perceptio; item recordatio, aetas, antiquitas. Algunas vezes se toma memoria por lo que dexan instituido nuestros mayores, por lo qual tenemos memoria dellos, como hospitales y obras pías. Y estas son las boas memorías. Otros las dexan en mayorazgos o en suntuosos edificios...", *Tesoro de la Lengua...*, op. cit., 798.

<sup>133</sup> Siguenza informa ter Filipe II escrito um livro, *De las Alabanzas de Dios*, e Páez de Castro refere ter lido uma obra de Filipe II: *El orden de las criaturas y admirable artificio del Creador*, cit por P<sup>a</sup>. Miguelez, Catálogo de los Códices Españoles de la Biblioteca del Escorial, I- Relaciones Históricas, Madrid, Imprenta Helénica, 1917, p.XXX.

### 3. BIBLIOTHECA - CATÁLOGO

#### 3.1. A Língua como nova Architectura

Se o Renascimento se caracteriza culturalmente pelo domínio do naturalismo e do enciclopedismo, com o desacreditar progressivo do sistema tradicional do saber e com a valorização do *ver novo*; com o fixar das novas experiências e preparação de grandes tipologias e sistemáticas, surgindo novos saberes, novas disciplinas e novos meios, novas capacidades; se é eclético e aglutinador, registando, reunindo e organizando novas informações de ciências naturais, geográficas, astronómicas, médicas, e de costumes; porque não considerar idêntico procedimento para a elaboração de livros, de Bibliothecas, e compilações bibliográficas, cópia ou impressão de fontes e de textos que continuavam apenas a circular manuscritos? A aquisição de espírito sistematizador, associado ao gosto pela erudição, integrado na tradicional estrutura retórica de pensar, comportar-se e discorrer, fomenta e possibilita que se organize e disponibilize um manancial de factos que, sendo necessários à elaboração da História, e indirectamente à sua constituição como área diferenciada, são fundamentais também para a arte da governação:

"Maior aplauso merece esta Obra, por el motivo à que debió su origen; pues el particular encargo de una *Lista de Libros de Indias*, que le pidió el Duque de Medina de las Torres, produjo la utilidad de todos, i conociendola el Autor, la hiço en la Prensa comun à todos diciendo: Quando V. Exc. se sirvió de mandarme escribir una memoria de Libros de Indias, para añadir **noticia Histórica, à Ciência Política** de aquel Nuevo Mundo, no me pareció, que **obedecía reconocido, sino estudiaba empeñado**, ni que satisfacía al concepto de tan especial favor, **sino excedía los límites de la posibilidad**, i asi determinè dar à las Prensas **un trabajo, cuias idèas temia, cuias execuciones dudaba; porque atreviendome à imaginarle, pareció mas que difícil conseguirle**, por no haver en España curiosidad particular, que me advirtiese, ni hasta aora afición superior, que me alentase, tan duramente se halla quien pretenda saber cosas de otro Mundo. Pero el mandato de V. E. **animò tanto mi cobardia, que venció la obediencia los recelos del estudio, siendo Epitome de maior Obra, la que havia de ser breve Catalogo de Libros. Y acabando en pocos dias, lo bosquejado en muchos años, que tales alientos influie en el Criado, el gusto del Señor, à quien con**

**afecto sirve.** Y es de V. E. este **dibujo**, felizmente trabajado, en tanto, que con menos imperfectas noticias, se dilata à maior conocimiento de los **Autores**, división de las **Materias**, i **Censura de los Libros**. Sirvase V. E. de permitirle protección, i perdonar lo que se ha dilatado; pues no ai linea, que no aia costado la letura de muchas, i si la Obra, por el patrocinio se hace de los Guzmanes, merezca quien la escribe ser de los criados de V. E. "<sup>134</sup>.

A imprensa e a visão humanista do mundo fomentam a existência e o aumento progressivo das livrarias particulares e religiosas, e de bibliotecas reais, ou ligadas a órgãos centrais, multiplicando as cópias manuscritas e a difusão do livro. Este alargamento da informação e a aceleração na produção de conhecimentos fazem com que surja, por parte dos eruditos e dos poderes, a necessidade e o interesse não apenas em registrar e transcrever os livros e as obras que compõem as suas bibliotecas, mas em inventariar o seu próprio conhecimento. Surge assim o repertório bibliográfico geral, ou temático, pois face à multiplicidade de registos só com sistematização se evita o esquecimento e se vai aumentando a memória.

O Índice-catálogo da livraria (cujo modelo, para os teóricos das bibliotecas espanholas é ainda no século XVII a Vaticana), que está na génese do repertório bibliográfico, foi um instrumento acelerador do conhecimento interno da biblioteca e da sua divulgação. Foi em grande parte através dele que se conseguiu estabelecer uma rede de circulação de informação, na Europa, a partir de meados do século XVI, entre as grandes bibliotecas centrais, religiosas e privadas<sup>135</sup>. Sendo ainda estas listas uma forma de controle e vigilância.

Não correspondendo exactamente ao conjunto das obras existentes na biblioteca, indicam a sensibilidade do bibliotecário quanto ao que as circunstâncias lhe parecem indicar como aconselhável.

---

<sup>134</sup> Pinelo, *Epítome...*, op. cit., fl.5.

O uso da informação como instrumento de conhecimento e como instrumento de governação está bem presente, também, na realização destas "Bibliotecas-Catálogo". O prólogo citado, e escrito segundo o modelo e com os argumentos retóricos próprios do exórdio, para além de pretender produzir os comuns efeitos de merecimento e prestígio do autor, torna evidente como a inventariação, a sistematização e a divulgação da informação, integradas na biblioteca, são meios do saber histórico moderno. Estes catálogos permitem simultaneamente (no caso presente, em especial a de Pellicer e de Pinelo) ver como a *Bibliotheca* foi alicerce da Razão de Estado e da sociedade política do Antigo Regime.

<sup>135</sup> Dominique VARRY, "Grandes Collections et Bibliothèques des élites", in (Dir.) Claude JOLLY, *Histoire des bibliothèques françaises. Les Bibliothèques sous l'ancien régime 1530-1789*, vol.2, Paris, Promodis, 1988, pp.235-268.

Conhecer a bibliografia de determinada matéria, e apresentar essa informação no prólogo do livro, quando se está a fazer o discurso autorizado e agradável para o leitor ideal, passa a ser uma forma de ostentação cultural, que se converte em reforço de autoridade<sup>136</sup>. Pinelo em *Epítome* inventaria as bibliografias existentes, acrescentando-lhes a sua própria autoridade, afirmando que viu (para além de saber da existência das outras) pessoalmente os textos que catalogou: “que se consiguieron, sino muchos libros, que era necesario verlos, para comprehenderlos hasta formar una nueva Escuela, República literária, com tantas Bibliothecas Latinas, I Vulgares, (...) se repiten sumários, Diários, ò Efemérides con Titulos especiosos de Reinos, Provincias, Villas Literarias, I aùn de los mismos escritos de los autores”.

É ainda Pinelo que indica, numa tradição humanista, as bibliotecas e catálogos a que recorreu para elaborar a sua obra - cerca de 1000 autores, na versão do século XVII, e de 17000, na do século XVIII: para além da sua biblioteca pessoal, que integrava todos os elementos de experiência que tinha reunido, nomeadamente quando estivera na América; as do arquivo do Conselho das Índias e sua secretaria; do Escorial, do Palácio Real, de Simancas (explicitando ter conseguido, para nele entrar, cédula especial do monarca), do Colégio Imperial de Madrid; e ainda as particulares do Duque de Sessa, de Lorenzo Ramírez del Prado (protector do historiador e embaixador em França e que possuía um espólio superior a 10.000 exemplares<sup>137</sup>), de Juan Bautista Valenzuela Velásquez (regente do Conselho de Itália), a do condestável de Castela, a do Conde-Duque, do jesuíta Juan Nieremberg, dos cronistas das Índias

---

<sup>136</sup>“Para atreverse à ilustrar esta Biblioteca, bastò el superior mandato, que le diò aliento, hallandose rico para la obediencia, con la noticia , que ha sacado de quinientos manuscritos, que ha leído, de las dos Secretarias de el Perú, i Nueva-España, que ià mas docta mano comunicò à la estampa; el Archivo de la Fortaleça de Simancas, que por Cédula Real (para que nada se le ocultase) reconociò. Porque en Escritores impresos pudo hallar apenas los primeros crepúsculos de esta luz, en la poca, que dàn de Autores de Índias, Abraham Ortelio, Antonio de Herrera, Fr. Alonso Fernandez, i el Lic. Don Francisco de Herrera Maldonado; en cuias Obras alegados, con mas confusión, que noticia, aun no son los nombres conocidos ; que como de las Indias solo se apetece Plata, i Oro, estàn sus Escritores tan olvidados, como sus Historias poco vistas: siendo ocupación Estrangera, la que debiera ser natural de España; i assí de nuestras mismas Conquistas saben mas las Plumas ajenas, que las Curiosidades propias. Bien lo pueden mostrar Gualtero Raleg, con lo que juntò de la Guaiana, ò Dorado; Juan Baptista Ramusio, con las Traducciones impresas en tres Tomos; Gaspar Barleo, con el Nuevo Orbe; i con el mismo Título, Juan de Parvo, Galeoto de Prato, i Juan Hervagio; Geronimo Bençono, i Levino Apolonio, con sus Historias; Teodoro de Bry, i sus Hijos, con las Navegaciones; Juan Botero Benés, con las Relaciones; i Antonio Magino, i Gerardo Mercator, con las Descripciones, aun mas copiosas en Cornelio Wytfliet: así afectan la ciencia que tienen, de aquel Nuevo Mundo, siendo primero Estudiantes de su Geografía, que Piratas de su Riqueça.”, Pinelo, *Epítome...*, op. cit., p.12.

<sup>137</sup>Joaquín ENTRAMBASAGUAS, *La Biblioteca de Ramírez de Prado*, 2 vol., Madrid, C.S.I.C., 1943.

Tomas Tamayo de Vargas<sup>138</sup> e Luis Tribaldos, entre outros Para além desta investigação directa, ainda consultou uma série de catálogos bibliográficos que refere<sup>139</sup>.

Um segundo tipo de índices-catálogos, mais sistemático, porque inclui geralmente índice de matérias, é a edição do **catálogo-índice** de livrarias, elaborado já não para uso interno, mas para fixar, ou divulgar uma (ideia de) biblioteca. Por isso estes índices também não devem ser vistos como transcrição integral dos títulos de uma livraria<sup>140</sup>, mas como obras que vão imortalizar livros, tornando perene aquela biblioteca. Tal foi o que se passou com a do Conde-Duque, a de Lorenzo Ramirez del Prado, ou a de Diogo de Arce, cujas bibliotecas-livraria foram vendidas e dispersas após a morte dos seus proprietários. Quanto à de Olivares, e apesar de ele ter deixado indicações expressas para que se não

---

<sup>138</sup>"I Valerio Taxandro, Catalogus clarorum Scriptorum Hispaniae: que fuera mas copioso, si alcançara la Librería de D. Juan de Saldierna, en que havia, en Lengua Castellana, quatro mil Vol. umenes. De los quales, i de otros muchos, darà docta noticia (como suele) Don Tomàs Tamaio de Vargas, Coronista de su Magestad, en el Catálogo de los Escritores, que hai en la Lengua Castellana, que tiene para sacar à luz, i que comunicò à nuestro Autor, en sus primeros borradores". Pinelo, *Epítome...*, op. cit., p.7.

<sup>139</sup>"Entre todo lo referido, sale por Indiana, rica esta última Biblioteca, adonde juntò el trabajo diligente, lo que apenas pudiera el deseo imaginado, probando una curiosidad incansable, que tenía noticia de las Provincias, Ciudades, Naciones, Usos, i Costumbres de un Mundo entero, que con Título de Nuevo, parece que aun oi lo es para muchos, segun la poca noticia, que de èl tienen los mas, sin atencion à su grandeça, ni reparo à su milagroso descubrimiento. Parecerà facil en los Quadernos el estudio, i ha sido increíble en las Vigilias el cuidado.(...)que dividirà con mas precisión las materias, censurará los escritos, advertirà lo apocriso, señalarà lo verdadero, i lucirà lo autoriçado(...sino que viò , i leiò con atento cuidado lo que contienen las Historias, Derroteros, Viages, Cartas, i Relaciones, que en quarenta Lenguas, i mas de mil Autores forman este Epítome: que à la menos afecta consideracion parecerà portento, i à la mas docta Ciencia será asombro: porque no le digan, como Séneca, à Dídimo, que fuera infelicidad, leer mucho, i aprovechar poco: Quatuor millia Librorum Didymus Grammaticus scripsit, miser, si tàm multa supervacua legisset." Pinelo, *Epítome...*, op. cit., p.XVI.

<sup>140</sup>Veja-se, por exemplo, o caso da *Bibliotheca Selecta* do Conde-Duque Olivares. Já alguns eruditos asseguraram que ela não continha o inventário de todas as obras da sua biblioteca, referindo livros seus encontrados na biblioteca do Escorial e não nomeados no catálogo.

Apesar de este catálogo não referir todos os títulos da sua livraria, considera-se que a reproduz, não apenas pelos livros que menciona, mas também pela estrutura organizativa da obra, e lógica da distribuição dos livros. Na primeira folha, depois de esclarecer qual o critério usado nesta classificação, informa como podem ser procuradas: "El orden de hallarlos es que los caxones de los impresos tiene cada uno una letra del alfabeto latino. Y los caxones de los manuscritos, otra del mismo alfabeto, con un puntillo en medio o al lado. Los caxones del entresuelo tienen duplicado el alfabeto. Los dos estantes grandes del camarín estas señas: Z, etc. Y los caxones nuevos de las redecillas, tienen por señales los números guarismos. En estos caxones se hallarán los libros por sus números, y si alguno estubiera con el número castellano, es por ser de a cuarto o octavo, por no confundirlos con los de a folio." G. MARAÑÓN, *El Conde-Duque de Olivares (la pasión de mandar)*, Madrid, Espasa-Calpe, 1936, p. 416.



vendesse<sup>141</sup>, a viúva preferiu convertê-la em dinheiro, que aplicou na celebração de missas.

O mesmo aconteceu com a de Lorenzo Ramírez del Prado, embaixador de Filipe IV na corte de Luís XIII, Membro do Conselho de Castela, e um dos maiores bibliófilos espanhóis do século. Recebia os seus convidados e embaixadores na livraria, por considerar ser a parte mais valiosa da casa. A sua mulher, para a vender, mandou fazer um catálogo, que foi impresso na época<sup>142</sup>. Como Lorenzo Ramírez del Prado possuía diversos textos proibidos e defesos, foi longo o processo de selecção dos livros que se poderiam vender, por parte da Inquisição, tendo o Conselho retido os considerados menos próprios<sup>143</sup>.

Existe um exemplar na Biblioteca Nacional de Madrid, com anotações nas margens dos considerados menos ortodoxos, e dos "recogidos"<sup>144</sup>.

Também os sobrinhos do inquisidor Diogo-Arce - que, conta a tradição barroca, teve um êxtase místico na sua biblioteca<sup>145</sup> -, a venderam, tendo o tipógrafo francês Claudio Burgéa elaborado previamente o seu catálogo-inventário.

---

<sup>141</sup>“Y es mi vola untad que la librería que yo he juntado quede vinculado, y yo desde luego la vinculo, en virtud de las facultades que para ello tengo, y la uno, incorporo y agrego al mayorazgo de mi casa de San Lúcar y a los demás que yo deajo fundados, para que no se pueda vender, donar ni enajenar toda ni parte de ella y se ponga en el lugar que yo deajo señalado para mi entierro. Y para que conste la estima que tengo de ella y lo que deseo que ese vínculo y unión en ningún tiempo se disuelva, mando que el señor que fuere heredero de la dicha Casa, a el tiempo de tomar posesión de la dicha librería, que se la dará jurídicamente el Asistente de Sevilla o el Corregidor de la parte donde quedare o un Caballero del Hábito a quien Su Majestad lo cometiére, en presencia de las personas a quien yo cometiére el nombramiento de bibliotecarios, haga pleito homenaje de no enajenar, como se ha dicho, toda ni parte de ella, antes añadirla y enriquecerla. Y todo el tiempo que faltare sucesor de la Casa de San Lúcar, por no haber llegado ni sucedido los casos que yo dispongo en su fundación, esta entrega se hará a el prior que fuese del convento de San Gerónimo que yo mando fundar en mi villa de San Juan de Alfarche, para que él la tenga; y habiendo sucesor, se la entregue en la forma y con las solemnidades dichas;” G. MARAÑÓN, *El Conde-Duque de Olivares (la pasión de mandar)*, op.cit, p.417.

<sup>142</sup>Joaquín Entrambasaguas, *La biblioteca de Ramírez de Prado*, op.cit, p.viii.

Segundo Claude Jolly estes catálogos surgem em França por volta de 1630, tornando-se muito frequentes no século XVIII.

cfr. D. Varry, "Grandes collections et bibliothèques des élites", in *Histoire des bibliothèques françaises. Les Bibliothèques sous l'ancien régime 1530-1789*, vol.2, op.cit., pp.235-268.

<sup>143</sup>Todo este processo, bem como a reedição do inventário seiscentista, foi feito por Entrambasaguas, que distribuiu as obras por 4 classes: eclesiásticas e letras sagradas; jurídicas; artes liberais e "historias universales, y particulares, sacras, y profanas, de todas lenguas, y naciones, anales, y genealogias".

<sup>144</sup>Existem dois exemplares na Biblioteca Nacional de Madrid (com as cotas 2/60387 e R/5760). O livro com a cota 2/60387 tem anotadas nas margens laterais as obras que não se podiam vender publicamente, devendo integrar os fundos da Inquisição.

<sup>145</sup>Ángel WERUAGA PRIETO, *Libros y lectura en Salamanca: Del Barroco a la Ilustración (1650-1725)*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 1993, p.121.

Deste conjunto de livrarias de homens de Estado seiscentistas, analisaremos a *Bibliotheca selecta*, do Conde-Duque Olivares (comparando-a com a livraria de Richelieu<sup>146</sup>), porque, sendo o inventário da livraria do Privado, é também uma parte do arquivo de Estado (aliás o autor deste inventário foi o P. Alaejos, bibliotecário do Escorial<sup>147</sup> e posteriormente também seu prior). Com efeito, o rei Filipe autorizou-o a guardar documentos de Estado no arquivo secreto<sup>148</sup> que é o espaço da sua biblioteca. Trata-se de uma preciosidade bibliófila e bibliográfica,

---

<sup>146</sup>Jean FLOURET, "La bibliothèque de Richelieu", in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, 1979, pp.611-619. Richelieu via a sua biblioteca como um misto de livraria pública e privada, pois no seu testamento refere: "Mon dessein est de rendre ma bibliothèque la plus accomplie que je pourray & la mettre en estat qu'elle puisse non seulement servir à mon famille mais encore au public", cit. por P.Gasnault, "De la bibliothèque de Mazarin à la bibliothèque Mazarine", in Claude JOLLY, *Histoire des bibliothèques françaises. Les Bibliothèques sous l'ancien regime 1530-1789*, vol.2, op. cit., pp.135-146.

<sup>147</sup> Prática comum na época. Quer Richelieu, quer Colbert encarregaram o bibliotecário do rei de organizar as suas coleções particulares. Será Carcavy, em 1663, quem organizará a coleção de Colbert.

<sup>148</sup> Cédula de Filipe IV permitindo ao Conde guardar documentos originais na sua biblioteca: "El Rey.- Por quanto vos Don Gaspar de Guzmán, Duque de San Lúcar la Mayor, del mi Consejo de Estado y mi sumiller de Corps y caballerizo mayor, Gran Canciller de las Indias, habéis recogido y vais recogiendo por mi orden muchos libros y papeles que andaban esparcidos en diferentes partes, de que se seguían y podían seguir adelante algunos inconvenientes, porque los más dellos son tocantes a materias graves y de importancia que se trataron en tiempo del Emperador Carlos quinto, mi bisabuelo, y de los reyes mis señores, abuelo y padre que santa gloria hayan, que algunos de ellos son originales y también por mi mandado se os han entregado algunos libros tocantes a la Casa de Austria y otras materias, que trujo el Archiduque Carlos, mi tío. Y porque os ha costado mucho cuidado y trabajo el descubrirlos, recogerlos y componerlos por tiempos y materias, movido con el celo de mi servicio, y porque papeles de tal calidad no anden en diferentes manos y en todos tiempos se puedan hallar juntos y en tales como las vuestras y las de vuestros sucesores, teniendo consideración a esto y a los muchos buenos y agndables servicios que me habéis hecho y continuamente hacéis con entera satisfacción mía, y a los que vuestros antecesores han hecho siempre a esta Corona en la fidelidad y buenos efectos que es notorio y porque los dichos libros y papeles en ninguna parte pueden estar con más seguridad ni más bien dispuestos que en vuestro poder y en los Archivos de vuestra casa, tengo por bien, que así los que ahora tenéis recogidos, como los que adelante fuéredes recogiendo de ministros míos y de otras cualesquier personas y los que por mi orden se os entregaren los tengáis en vuestro poder y los dejéis vinculados en vuestra casa, estado y mayorazgo para que anden en ella y estén guardados en sus archivos, o donde vos lo dejáredes dispuesto, con las condiciones que en la forma y manera que lo ordenáredes en vuestro testamento o en papel aparte sin que se os puedan pedir o mandar por causa o razón alguna que sea o ser pueda. Y mando a los de mi Consejo, Presidentes y Oidores de mis Audiencias y Chancillerías y a otros cualesquier jueces y justicias de estos nuestros reinos y señoríos que guarden y cumplan y hagan guardar y cumplir (a vos y a los dichos vuestros sucesores) esta mi cédula y lo que en ella contenido y contra su tenor y forma no vayan y pasen, ni consientan ir ni pasar en manera alguna. Fecha en Madrid a treinta de Octubre de mil y seiscientos y veinte y cinco años.- Yo el Rey.- Por mandato del rey nuestro Señor, D. Sebastián de Contreras.- V. md. lo mandó.", G MARAÑÓN, *El Conde- Duque de Olivares (la pasión de mandar)*, op. cit., p.419.

quer pelo valor da informação dada, quer pelo cuidado e rigor com que é sistematizada, tematizada e indexada<sup>149</sup>.

Talvez a maior diferença entre os índices quinhentistas referidos no capítulo anterior e os índices-catálogos do século XVII seja as respectivas concepções de biblioteca: na do Escorial e na ideia de Filipe, o livro é o original; nos inventários do século XVII, o livro e a biblioteca são já progressivamente o espaço, cada vez mais, do impresso. Para o Conde-Duque, Lastanossa, marquês de Montalegre, e o próprio Ramírez Prado, exemplos-modelo do bibliófilo espanhol, o livro impresso, nas várias línguas, antigas e coevas, tem alto valor e corresponde a uma grande parte da biblioteca.

Para Tomas Tamayo de Vargas, como se verá, além do mais, nomear o impresso é referir o autorizado, algo que já foi objecto de juízo e aprovação pelos vários poderes. Em Junta de Livros, 4\5 das obras são impressas. Para Pellicier, no final do século, o livro é já o impresso. Na sua *Bibliotheca*, que considera ser uma "recopilacion de lo servido<sup>150</sup> [a su Magestad]", uma inventariação das suas obras, quase só indica títulos estampados, e textos que foram integrados em obras colectives ou em

<sup>149</sup> A *Bibliotheca Selecta* está organizada segundo três grandes divisões: de autores (fl.1-78); de manuscritos e monumentos (fl.159-178); e de matérias (fl.179-240). A ordem de apresentação dos títulos é a do livro impresso, seguida do manuscrito. Dentro de cada grupo estão ordenados pelas seguintes línguas: latim, espanhol, italiano e francês. A obra tem ainda um índice dos títulos de matérias (fl.180-182).

Nas primeiras páginas da *Bibliotheca*, explica a forma como o catálogo foi elaborado e pode ser consultado: "en este primer tomo están lo primero todos los autores, por alfabeto, ansi latinos como de lenguas vulgares, impresos y manuscritos, por este orden: En primer lugar los latinos impresos. En segundo, los españoles. En tercero, los toscanos. En quarto, los franceses.

En los latinos se comprenden los griegos y hebreos. En los españoles, los castellanos, portugueses, valencianos, catalanes. En los franceses, los alemanes, flamencos; y por el mismo orden, los toscanos.

En esto se emplea el primer alfabeto de los impresos, verbigracia; A latina, A española, A toscana, A francesa. Por el mismo orden van los libros manuscritos que están en el segundo alfabeto. Andese de buscar los autores en sus nombres propios. Después se sigue el catálogo de las materias que hay en todos los autores impresos y manuscritos, por alfabeto".

*Bibliotheca Selecta*, Real Academia de la Historia, mss. 9\5729, s/pg [p. 2].

Refira-se que este esquema de classificação múltipla é bastante inovador e pouco comum na época. Apenas é conhecido um texto, editado pela congregação de Saint Maur, em que se definem as regras de fazer catálogo, considerando que devem ser elaborados dois, um por temas, outro alfabético, pelo nome de autor.

Cfr: *Règles communes et particulières pour la congregation de S. Maur*, s\l,s\m.

<sup>150</sup>"Los servicios han sido tan Notorios como Continuos, sin que Necesiten de otra Comprobacion, que la desta bibliotheca. Pues han quedado Perpetuos a la posteridad, en los propios libros...". Joseph Pellicer y Tovar, *Bibliotheca de Don Ioseph Pellicer de Ossau Y Tovar*, Valencia, Jerónimo Vilagrassa, 1671, [1676], fl.4.

paratextos (poesias, prólogos, elogios, censuras etc) de livros de outros autores.

O impresso, enquanto **livro** (fixação de registos num espaço conveniente e institucionalizado), perpetua a realidade, incluindo o imaginário que dela se cria. Pellicer, ao considerar que a (sua) Biblioteca torna perene a lembrança dos favores feitos à Monarquia, está a tentar persuadir (e, na prática, perpetuar a persuasão) da ideia de serviço de um Senhor (que nunca se assume como vassalo) e, implicitamente, de justa recompensa. E, enquanto **multiplicidade-repetição**, consegue uma muito maior quantidade de *perpetuações*. Por outro lado, esta alargada divulgação faz com que muitas pessoas ilustres e *calificadas* citem e elogiem a obra<sup>151</sup>, reforçando-se assim o valor das acções nela preconizadas. Há como que uma valorização que é recorrente, onde a palavra é usada, sobretudo nos prólogos, dedicatórias, e nos vários discursos preparatórios e iniciais, com uma funcionalidade fáctica.

Ainda pela via dos elementos paratextuais, através do sistema de co-autores, o livro integra-se num sistema de autoridade, que reforça a imposição da mensagem. Para Pellicer, o manuscrito é o estádio anterior e preparatório do impresso (privado: que deve ocultar-se do leitor), incluindo por isso apenas na sua *Bibliotheca* obras "mayores i menores" impressas<sup>152</sup>.

O único livro manuscrito tão digno como o livro impresso é agora o códice antigo ("actas antigas", fingidas ou em cópia coeva). Semanticamente associado ao documento histórico, passa a ser entendido

---

<sup>151</sup> Em apêndice à *Bibliotheca*, refere o nome de cerca de uma centena de pessoas respeitáveis que elogiam as suas obras. Reparte-as pelas seguintes categorias socio-profissionais: Arcebispos; Obispos; Grandes, i Titulos; Consejeros; Inquisidores; Abades; i Eclesiasticos; Iuris Consultos; Médicos;

Como prestigiados Cronistas cita:

Maestro Gil González Dávila, Cronista Mayor de las Indias, i Cronista de Castilla.

Don Antonio de León Pinelo

Don Francisco Diego de Sayas, Cronista de su Magestad, i el Mayor del Reyno de Aragón

Doctor Iuan Francisco Andres de Vztarroz, Cronista de su Magestad, i de Aragón su Antecesor

Don Alonso Núñez de Castro, Cronista de su Magestad, en la Historia de Guadaluara

Rodrigo Mendez Silva (genealogista)

Historiadores de Ciudades:

Licenciado Geronimo de Quintana (de Madrid)

Bernabè Moreno de Vargas (de Merida)

Francisco Cascales, Historiador de Murcia

Don Francisco de Eguia, i Beaumantes (de Navarra)

Don Pedro de Marca (de Bearne);

"de los grandes varones destes tiempos que han hecho Memoria en sus Escritos, de los de Don Joseph Pellicer y Tovar", en *Bibliotheca...*, op.cit., fl.152-166.

<sup>152</sup> As manuscritas, "por no estar acabadas i perfectas no quedan comprehendidas en aquel catálogo", Joseph Pellicer y Tovar, *Bibliotheca...*, op.cit., fl.12, apesar de, no final referir alguns títulos.

como instrumento que permite o conhecimento e a escrita de livros modernos.<sup>153</sup>

Em relação à noção de *bibliotheca-catálogo*, vão pois estudar-se os primeiros índices, em língua castelhana, em cada um dos respectivos sub-géneros: o de Tomas Tamayo de Vargas<sup>154</sup>, primeiro dicionário bio-bibliográfico de autores que escreveram em espanhol, escrito também em castelhana, concluído em 1624, e que permanece manuscrito; o de Pinelo<sup>155</sup>, de carácter temático (histórico, geográfico e náutico) sobre as Índias Ocidentais e Orientais, impresso em 1629; e o de Pellicer<sup>156</sup>, *Biblioteca Singular* - como lhe chama, em *Epítome*, Pinelo - uma inventariação bibliográfica das suas próprias obras, publicada em 1676.

Escolheram-se estas três bibliothecas por terem sido elaboradas por historiadores-cronistas do rei (das Índias e Cronista-mayor; das Índias; e do Reino de Aragão e Cronista Mayor); serem as primeiras escritas em castelhana (não em latim, como a maior parte dos repertórios quinhentistas<sup>157</sup> ou seiscentistas); e ainda, em Espanha, as primeiras

<sup>153</sup> Pellicer refere cerca de tres dezenas de manuscritos antigos, que encontrou, explicitando que os copiou de "mano".

<sup>154</sup> *Junta de libros...*, não saiu à estampa, existindo actualmente uma cópia do século XVIII na Bib. Nac. Madrid, mss 9752-53.

<sup>155</sup> Antonio de LEÓN PINELO, - *Epítome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Náutica i Geográfica*, Madrid, Juan Gonzalez, 1629.

Pinelo considera que o uso do latim é a grande razão de surgirem autores "fingidos", e de uma série de erros dos títulos de obras e de informações deturpadas que vão sucessivamente sendo transmitidas.

De facto, actualmente, uma das maiores dificuldades em encontrar obras referidos nesses repertórios resulta de, muitas vezes, a transcrição não estar correcta, tendo sido traduzido em versão livre.

<sup>156</sup> Maine, em 1579, foi o primeiro autor a publicar uma obra que é o catálogo dos títulos dos seus livros impressos (cerca de 500), cit. por R. Chartier, *L'Ordre des Livres*, Paris, alínea, 1992. p.92.

Estas listagens tornam-se frequentes a partir do século XVII, sobretudo através da introdução de um índice no início do livro com a discriminação dos títulos até aí escritos.

<sup>157</sup> Ao contrário de França, onde no século XVII a maior parte dos repertórios já está escrito em língua romance, em Espanha, ao longo do mesmo século, os repertórios continuavam a ser redigidos em latim - e não apenas os religiosos. O caso mais significativo é a obra do erudito Nicolao Antonio, que, acrescentada e aumentada, no Século XVIII, por Gregorio Mayans, será ainda publicada em latim (apesar de, devido aos factores político-geográficos, resultar preocupação, nos sectores autonomistas, pela independência cultural face a Espanha-Castela).

O mesmo não acontecia em Portugal, onde a maioria dos repertórios existentes para o século XVII, nomeadamente o mais completo - Franco Barreto, *Bibliotheca Lusitana Portugueza*, anterior à *Bibliotheca Nova* - era escrita em língua romance. Cfr: D. Antonio de S. Caetano, *Catalogo dos Authores, que escreverão da Historia de Portugal*; Fr. Antonio de Araújo, *Index dos livros da Livraria de Alcobça*; Fr. Cypriano de Mendonça, *Catalogo dos Escriutores da Congregação de S. Bento de Portugal*; David Nunes Torres, *Bibliotheca Lusitana*; P. Francisco da Cruz, *Bibliotheca Lusitana*; Francisco Galvão de Mendanha, *Bibliotheca Portugueza*; João Franco Barreto, *Bibliotheca Portugueza*; Jorge Cardoso, *Bibliotheca Lusitana*; Joseph Martins Ferreira, *Relação dos Authores, que*

dentro de cada um do seu sub-género: universal, organizada por ordem alfabética de autores; temático e singular.

Uma língua não é apenas o instrumento de fixação e de comunicação. O seu uso, quando aplicado à reflexão sobre o conhecimento, acaba por revelar, na obra criada, não só as formas de pensar e as concepções, os valores e a hierarquia do saber de quem a está a usar, como as modificações que o pensar uma e numa (neste caso, nova) língua implica na alteração da ordem do saber tradicional. Por isso na utilização do castelhano como nova língua de transmissão cultural<sup>158</sup> deve ver-se a valorização desse idioma como agregador das diferentes nações da Hispânia<sup>159</sup>, com a afirmação da superioridade do momento presente e de uma mais directa intervenção na realidade político-cultural<sup>160</sup> que a introdução do uso de uma língua provoca.

---

*escreveraõ cousas tocantes a Portugal*; Manoel de Faria e Sousa, *Catálogo dos Escritores Portuguezes*; Fr. Manoel de Moraes, *Index dos livros da Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça*; Fr. Manoel de Sá, *Memorias Históricas dos Escritores da Provincia do Carmo de Portugal*.  
Cfr. Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, 4 vol., Coimbra, Atlantida, 1960.

<sup>158</sup> Nestes autores, sobretudo em Tomás Tamayo de Vargas, que estava a elaborar uma bibliografia geral, tradicionalmente escrita em latim, a recusa da utilização da língua-norma da escrita da biblioteca-catálogo implica uma explícita transgressão.

<sup>159</sup> Neste período, a defesa da superioridade da língua castelhana em relação às outras línguas e dialectos torna-se uma preocupação obsessiva, que deve ser entendida como forma de legitimação e afirmação do poder central face aos outros reinos.

A teoria do castelhano primitivo baseia-se na ideia da existência do castelhano desde a romanização, com os seus antecedentes em Tubal. Apesar de Aldrete ter mostrado a falsidade de tal hipótese, esta ideia foi ainda defendida no século XVII por Gregorio Lopes Madera, *Discurso de la certidumbre de las reliquias descubiertas en Granada desde el año 1588 hasta el de 1598*, Granada, 1601, tendo posteriormente Tomás Tamayo de Vargas, Luis de Cueva e Paton, entre outros, mantido viva a controvérsia ao longo do século.

<sup>160</sup> É o caso da justificação apresentada no prólogo ao catálogo da livraria do Marquês de Montalegre: "Es tan grande la excelencia de nuestra lengua Española, que hablada y escrita sin afectación y con el adorno y limpieza que corresponde a la pureza de su origen, no sólo puede competir con las demás tan alabadas en el mundo, sino que en muchas cosas las aventaja. Los Romanos honraron tanto la suya, que no perdieron punto en pulirla y dilatarla, según antes hizieron los griegos en su natural idioma:(...)

Siendo esto cierto y que los Romanos escribieron en su lengua vulgar Latina y trasladaron a ella los más señalados y ilustres Escritos de la Griega, se muestra claramente cuánto se deben estimar los libros puestos en nuestro vulgar, siendo tan capaz para comprehender y tratar, no sólo las materias de gobierno, administración de justicia, historias y otras; mas también los Altísimos Misterios de nuestra Fe y Sagrada Teología, como lo muestran los libros de la ilustrada Doctora Santa Teresa de Jesús y otros muchos grandes varones (...) el aprecio que se debe hazer de los libros escritos en language Castellano, sin duda no menor que el que se haze de los Hebreos, Griegos y Latinos.

Hállanse en esta librería tanto número de libros en lengua Española, assí de historias sagradas, y profanas, como de política, y gobierno, y otras materias, que apenas se podrán juntar más. Irán puestos por las mismas classes que los Latinos, empeçando por las historias para poderlas vnir con las que hasta aquí se han puesto en Latin, y algunos irán escritos en lengua Portuguesa, y Catalana; que no se separan, por considerarse vna misma cosa en lo principal", José Maldonado y Prado, *Museo o Biblioteca selecta del Excelentísimo señor Don Pedro Nuñez de Guzmán...*, Madrid, 1677, cit. por.

Tal como na divisão do espaço da biblioteca, onde a classificação das Faculdades e a hierarquia das matérias é a tradicional, mas a sua organização assenta já em critérios de necessidade e eficiência política, assistindo-se por isso a uma introdução de informações modernas dentro do espaço do culto, também nos repertórios bibliográficos há uma imagem tradicional e uma valorização do conhecimento, relacionados com o prestígio e antiguidade das disciplinas. Estas disciplinas, não sendo formalmente questionadas, perdem peso relativo e são reorganizadas, ao introduzirem-se registos relacionados com novas matérias e temas.

Se ao inventariarem-se os livros latinos, criando memória, se está a cristalizar o saber na concepção antiga, como é o caso de Andres Schotto, em *Bibliotheca Hispaniae* (1608), a única bibliografia espanhola anterior a Tomas Tamayo de Vargas, em que o saber é distribuído pelas faculdades de Filologia, Filosofia, Teologia, Medicina e Jurisprudência, ao usar-se a língua da fala para fixar a produção literária escrita, está-se a alargar o campo do saber, tornando-o mais coincidente (reconhecido e digno) com o das práticas discursivas. Tamayo de Vargas introduz, pela via do sermão, homilias, comédias, orações fúnebres e panegíricos, diferentes níveis de oralidade literária, *esquecendo-se*, no entanto, de toda a área da literatura dita "de cordel". Esquecimento que terá duas razões: a falta de dignidade das informações e dos textos, aliás, sem função de integração social, ou moralizante; e a não indicação de autoria. Este cronista, em *Junta de Libros*, refere sempre obras com rosto, citando apenas 5 livros anónimos<sup>161</sup>. O jesuíta Cronista-Mayor, encarregado de aprovar, por Decreto do Conselho, inúmeras obras, não poderia contrariar as normativas da Inquisição. Com efeito, o Index de Valdés, de 1559, passa a não permitir a publicação de obras sem expressa nomeação do autor. Por isso muitas vezes surge o nome do impressor na portada como o responsável pela obra que "sacó a luz", havendo assim progressivamente cada vez mais uma associação da obra a um só autor, o do texto, que passa a coincidir com o primeiro nome da portada do impresso.

---

Antonio RODRÍGUEZ-MOÑINO, "La colección de manuscritos del Marqués de Montealegre (1677)", in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, vol. CXXVII, 1950, pp.307-344, e 427-491, p.412.

<sup>161</sup> Duas delas impressas: (Nº ordem-98) *Vocabulário do Peru*, publicada pelo impressor, e um *Manual Espiritual* (Nº ordem-110), e três manuscritas: *Bíblia Sacra* (Nº ordem-109), cuja versão herética circulava impressa nos Países Baixos; uma *Historia* (Nº ordem-107) e *Alboraque*, um livro, narrando os costumes dos judeus conversos (Nº ordem-106).

Voltando aos problemas da Língua: o dizer é a primeira mas muito importante forma de valorização, por isso Tomás Tamayo de Vargas, ao recorrer ao castelhano para fazer o inventário dos livros escritos em Espanha, está a ser duplamente inovador. Por um lado, eleva-o a língua do saber, tornando-a exclusiva e restringindo-lhe assim os conhecimentos, pelo que, ao seleccionar dentro da bibliografia de um autor a produção em vernáculo, ignorando as obras escritas noutras línguas, está a anulá-las como realidade de conhecimento.

Por outro lado, introduz no universo da memória escrita e da divulgação a poesia, o sermão, a comédia, a milícia e a riqueza, e diversos sub-géneros históricos e religiosos, considerados menores, que usavam a língua romance como forma de expressão, não estando por isso registados, até aí, nos repertórios bibliográficos escritos em latim. Esta alteração de concepção acaba por modificar a própria arquitectura das faculdades tradicionais, e portanto a visão que se tem do conhecimento<sup>162</sup>.

Para além de que a inventariação de estas "novas" obras escritas em "espanhol", significa privilegiar a produção (manuscrita e impressa, pois Tomás Tamayo refere sistematicamente ambos os casos) e os autores modernos em desfavor dos antigos, acabando, também desta forma, por inverter as quantificações tradicionalmente apresentadas<sup>163</sup>.

Esta bibliotheca-catálogo deixa de coincidir, em temas, em autores e na enunciação de conteúdos, com os índices da biblioteca-livraria. O presente, o seu registo, de modo a ser memorizado e usado, passa a ser prioritário. A nova *Junta de Libros* incorpora outros níveis de saber, outras referências informativas, e outra atitude: como se disse, a

---

<sup>162</sup> Assim dentro dos tratadistas da história, Tomás Tamayo de Vargas não cita, as obra latinas de Juan Costa, cronista de Aragão: *De Conscribenda rerum historia libri duo*, nem o início da narrativa dos movimentos de revolta aragoneza, *Apuntamientos de Sucesos Ocurridos en el Reino de Aragón Durante los años 1591 y 1592*, texto que permanece, como se disse, manuscrito no Bib. Nac. Madrid, Mss 1762, fl. 101-116. Refere, no entanto, deste autor, *El Regidor o Ciudadano... Trata de como se ha de Regir a si, su casa, y republica*, Salamanca, Antonio de Lorençana, 1578. Esta obra, um comentário ao texto aristotélico, foi sucessivamente reeditada ao longo do século XVI. (*Gobierno del Ciudadano. Agora Nueuamente en esta Tercera Edición por el mismo Auctor y Emendado*, Zaragoza, Ioan de Altarach., 1584). Não cita igualmente, de Sebastião Fox Morcillo, *De Historiae Institutione. Dialogus*, Paris, 1557, ou Baltazar de Céspedes, *Ars Rhetorica*, [1608] Bib. Nac. Madrid, Mss 8075, fl. 1-88. Na Biblioteca da Fundação Severa March existe um manuscrito com o mesmo título, mas com partes novas, uma delas versando sobre história, que será objecto de estudo no próximo capítulo.

<sup>163</sup> Cfr. Andreas Schott, jesuíta, *Hispaniae bibliotheca illustratae, seu de academiis ac bibliothecis. Item Elogia Nomenclator clarorum Hispaniae Scriptorum, Qui Latine disciplinas omnes illustrarunt Philologiae, Philosophiae, medicinae, iurisprudentiae, ac theologiae*, Francofurti, Apud Claudium Marnium & Haeredes Ioan. Aubrii, 1608. O primeiro catálogo sistemático de autores hispânicos.



biblioteca não é apenas o espaço do original, do único, do valioso e antigo, é o espaço do útil (digno e eficiente), que não é já concebido como sinónimo de universal.

Pinelo continua esta linha de inovação linguística temática e de defesa da modernidade, ao compilar a primeira bibliografia europeia, *Epítome* geográfico e histórico sobre as Américas, de onde estão ausentes referências a obras latinas: " ha formado tan hermosa perspectiva, de Leies, Costumbres, Propriedades, Navegaciones, Conquistas, Descubrimientos, Guerras, Fundaciones, Descripciones Geográficas, è Hydrográficas, con no pequena gloria de sus autores ..." - dedicatória de Barcio.

Finalmente, verifica-se que Pellicer em *Bibliotheca* quase não recorre à língua latina, excepto para duas obras de Direito<sup>164</sup>, traduzindo inclusivamente textos do latim para castelhano.

*Bibliotheca* é, como se referiu um extenso memorial de auto-reconhecimento de valor social e profissional, acabando por funcionar como obra de coesão cultural e de legitimação de um grupo social, o dos *Grandes*, a que Pellicer pertence. Cerca de metade dos 200 textos que escreveu são discursos de valorização da nobreza de sangue<sup>165</sup>. Pellicer, aragonês, é o historiador-genealogista a que os nobres, de Castela e Aragão, recorrem para fazerem prova e divulgarem a antiguidade e *calidad* das suas origens. Para efeitos de comprovação social, em meados do século XVII, a antiguidade e pureza da língua latina não acresce valor às linhagens, funcionando antes como limitadora de públicos.

Pode sintetizar-se dizendo que quando o saber se apresenta também como poder, a eficiência sobrepõe-se à dignidade, e escreve-se em romance. Quando se escreve para um público erudito, ou se tem como objectivo prioritário o "puro" conhecimento (como é o caso de Nicolau António<sup>166</sup>), escreve-se em latim - com excepção dos repertórios bibliográficos respeitantes a ordens religiosas, que usam a sua língua universal (excepto se o objectivo for "cura de almas" como se verá a propósito do número de obras de teologia moral que se editam em vernáculo).

---

<sup>164</sup> *Apophysis de Protectoribus, & Praepofitis e De Praestensa Lege* in *Bibliotheca*, op. cit., pp. 13 e 27.

<sup>165</sup> Em 150 obras, cerca de 90 títulos são discursos sobre memórias de casa e qualidade (38), linhagens (27), e elogios (19).

<sup>166</sup> O autor inicia em Roma, em 1671, a publicação, em latim, de *Bibliotheca Vetus e Nova*, a mais completa biobibliografia espanhola até ao século XIX.

De forma simplista pode-se considerar que em Espanha (pouco sensível aos problemas da crítica e da modernidade), a utilização da língua romance está sobretudo relacionada com o sentido cívico do autor e a utilidade que ele procura com a sua obra. Tornando-se, no entanto, mais fácil usá-la nas temáticas sem o peso da tradição dentro da enciclopédia dos saberes, assiste-se, como é evidente, a uma progressiva substituição do latim pelo castelhano,<sup>167</sup> verificando-se como este ao longo do século XVII se transformou na legítima língua do conhecimento e da divulgação, e na pretendida língua da Hispania.

As Bibliotecas-catálogo<sup>168</sup>, como Livrarias públicas portáteis, compilação de registos de textos e de livros existentes em diversas bibliotecas, privadas, reais, ou religiosas, quer de carácter geral, quer temáticas, nem sempre são a compilação erudita e integral que pretendem parecer. Devem ser entendidas como Bibliotecas Universais, que apresentam uma Ordem dos Livros. As referências bibliográficas apresentadas valem por si, mas simbolizam também, no seu todo, a ordem do saber universal e a ordem do saber nas diferentes Faculdades.

Por isso não é mentalmente possível ao autor de seiscentos, que está a organizar uma bibliografia, referir textos ideologicamente proibidos, menos recomendáveis<sup>169</sup>, ou apenas contrários aos seus grandes princípios.

Cada texto e livro é nomeado prioritariamente como o livro ideal.

Assim como no espaço da Livraria os livros têm diferentes níveis de acesso (o público, o secreto e o proibido, sendo guardados, neste caso,

---

<sup>167</sup>Tomas Tamayo de Vargas, na *Junta de Libros*, e a *Bibliotheca Selecta*, do Conde Duque, com a maioria dos escritores-criados do Rei, castelhanos, referem o espanhol como sinónimo de línguas hispânicas.

Em *Junta de Libros*, Tomas Tamayo de Vargas cita o castelhano, o catalão e o português. E o Conde-Duque, o valenciano, o português, o basco, e outros idiomas peninsulares. Aliás, na sua *Bibliotheca* integra as obras alemãs e italianas no idioma francês, e as gregas e hebraicas no latino. Cfr. *Bibliotheca Selecta*, Real Academia de la Historia, mss. 9\5729, s/pg [p. 2].

<sup>168</sup>Naudé define Bibliotheca-catálogo: "Ils nous sauvent en premier lieu la peine de rechercher une infinité de livres grandement rares et curieux; secondement parce qu'ils font place à beaucoup d'autres, et soulagent une Bibliothèque; tiercement parce qu'ils nous ramassent en un volume et commodément ce qu'il nous faudrait chercher avec beaucoup de peine en plusieurs lieux; et finalement pour ce qu'ils tirent apres eux une grande espargne, estant certain qu'il ne faut pas tant de testons (monnaie d'une valeur de dix sous) pour les acheter, qu'il faudrait d'escus si on voulait avoir separement tous ceux qu'ils contiennent." cit. por Roger Chartier, *L'Ordre des livres*, op. cit. pp.72-73.

<sup>169</sup>Na Biblioteca Nacional de Madrid, o mss. 5734 contém extensa lista de livros proibidos, no todo ou em parte, quer pelo Catálogo do Concílio, quer pelo de Espanha, especificando a origem da proibição. O índice espanhol é mais restrito do que o romano.

na arca<sup>170</sup>), também no catálogo, para além dos livros proibidos, há outros que não são lembrados - no caso de Tomas Tamayo de Vargas, são sobretudo os relacionados com controvérsias religiosas, com o culto da Virgem e o molinismo.

Aplicando-se o mesmo princípio que Cardona defendia para a Biblioteca, *ordenar, buscar, expurgar e fazer catálogo*, tem-se de novo, na memória fixa que é o livro dos livros, a criação de uma memória que não coincide com o conhecimento existente. Mas a memorização dessa realidade seleccionada permite que a "realidade-conhecimento" vá coincidindo com ela.

Mas façamos um breve historial do catálogo na Europa<sup>171</sup> e em Espanha:

As quatro primeiras bibliografias, na prática, listas de autores que escreveram sobre determinada disciplina, são as de: Johann Trithem, que em 1494 publica *Liber de scriptoribus ecclesiasticis*; Symphorien Champier, médico, que publica em Lyon, em 1506, *De medicina claris scriptoribus in quinque partibus tractatus*, e em 1533, *Catalogus illustrium medicorum ac novitiorum qui temporibus nostris scripserunt* (reeditado em Paris, no ano de 1541); Giovanni Nevizzano, jurista, que edita também em Lyon, em 1522, *Inventarium librorum in utroque jure hactenus impressorum*; e, finalmente, Conrad Gesner, filósofo e naturalista, protestante, autor da *primeira bibliografia universal*, *Bibliotheca universalis sive Catalogus omnium scriptorum locupletissimus in tribus linguis, latina, graeca et hebraica*, (Zurique, 1545) onde inventaria cerca de 12.000 obras. Em 1548, elabora *Pandectarum sive partitionum universalium libri XXI*, um índice onde classifica esses títulos em cerca de 20 temas. E em 1555 edita *Appendix Bibliothecae*, com uma adição de mais de 3.000 títulos<sup>172</sup>. Após a sua morte, uma série de edições aumentadas e corrigidas surgiram por toda a

---

<sup>170</sup> "Mas, es menester un Breve de su Santidad perpétuo para que quando se prohibiesen libros ó por Roma ó por el Santo Oficio ó de otra manera, no se entienda comprehender los de la librería de V.M., sino que en tales casos el Bibliotecario visite la librería y topando con tales, los quite de aquel lugar público donde los hallaré, substituyendo otros allí, porque no haya vacio, y que los recoja y ponga en alguna cámara que habrá señalada y condenada para estos libros, donde no pueda entrar á estudiar nadie sin particular y expressa liçencia del Inquisidor general.", Cardona, *Librería de San Lorenzo...*, op. cit., p.369.

<sup>171</sup> Obra fundamental, pela informação e sistematização, embora datada de 1960, é a de Malcles, *La Bibliographie*, Paris, P.U.F., 1960, especialmente pp.11-40.

<sup>172</sup> Em vida foram publicadas oito resumos da obra.

Cfr. Macles, op. cit., p.17. Para o estudo dos catálogos em França, ver ainda Stegmann, "Comment constituer une bibliothèque...", *Le livre dans l'Europe de la Renaissance*, pp.467-500, com uma lista das principais e primeiras bibliografias nas últimas páginas.

Europa. Em relação a Espanha, existe a informação de que um frade sevilhano, Alonso Chacón (que Cardona considera excelente bibliófilo), estava a "limpar" a obra, de forma a poder-se imprimir<sup>173</sup>.

Em relação às bibliografias temáticas ao longo do século XVI e XVII, continuam a publicar-se catálogos respeitantes às três áreas da "Razão", as conservadoras da ordem do mundo: Teologia<sup>174</sup>, Direito e Medicina<sup>175</sup>.

Enquanto em Itália<sup>176</sup> e em França<sup>177</sup> surgem, a partir de meados do século XVI, em língua romance, as primeiras Bibliotecas-repertórios bio-

---

<sup>173</sup>" (...) otro bibliotecario como Demetrio Phalereo que tenga otros hombres doctos debajo de sí con algún número de escritores latinos y griegos y el principal distribuya a los otros lo que han de hacer y mire lo que han hecho y avise de lo que falta (...). De la Bibliotheca de Conrado Gesnero (...) se podría sacar traza para concertar las facultades y sacar de los nombres propios de autores y de los libros que han hecho y de qué tratan y por materias saber qué libros hay en cada materia, así de los que tienen nombre como de los que no tienen. Un fray Alonso Chacón de Santo Domingo, natural del Andalucía, me dijo una vez que tenía cargo de enmendar esta Bibliotheca de Gesnero, podría se saber y darle cargo que la acabe y servirse para este negocio.", Parecer de Antonio Agustín, op. cit. por Fernando Bouza ALVAREZ, *Del Escribano a la Biblioteca*, op. cit., p. 143

De facto, *Bibliotheca et scriptores ferme cunctos ab initio mundi ad annum MDLXXXIII* só será publicada no século XVIII, em Paris, em 1731, e posteriormente em Basileia.

Em parecer sobre a Biblioteca do Escorial, Antonio Agustín refere "Un fray Alonso Chacón de Santo Domingo, natural del Andalucía, me dijo una vez que tenía cargo de enmendar esta Bibliotheca de Gesnero, podría se saber y darle cargo que la acabe y servirse para este negocio", cit. por F. Bouza, *Del Escribano a la Biblioteca*, op. cit., p. 143.

<sup>174</sup>Merece aqui especial referência a obra que substitui a de Tritheim, *Bibliotheca Sancta ex praecipuis catholicae ecclesiae autoribus collecta*, da autoria de um dominicano de Siena. Publicada em Veneza, em 1566, foi objecto de sucessivas reimpressões em Lyon, 1575 e 1593; Frankfurt, em 1576, e Colónia, em 1586. A popularidade e a utilização deste catálogo decresce - tendo-se apenas voltado a reeditar em Colónia (1626), Paris (1610) e Nápoles (1742) - com a publicação, em Roma, em 1590, de *Bibliotheca theologicae et scripturalis Epitome*. É seu autor Angelo Rocca, secretário da biblioteca do Vaticano -escritor muito citado e elogiado pelos coevos espanhóis, como já se referiu no início do capítulo.

<sup>175</sup>Excepções a esta tendência podem ser consideradas as *Bibliotheca clássica e Bibliotheca exótica*. Em 1610 e 1611 um pastor luterano, Draud, publica em Frankfurt, sistematizando (inventaria cerca de 7000 títulos) as obras publicadas desde 1500 a 1610. Na prática, valoriza a segunda metade do século, o que actualmente permite um conhecimento pormenorizado dos debates e polémicas geradas em torno das controvérsias religiosas (sendo rigoroso na datação, na indicação de locais de edição, tipografias, etc, é, no entanto, pouco sistemático na classificação e ordenação dos títulos e dos temas).

A primeira bibliografia filosófica, *Bibliotheca philosophorum classicorum authorum chronologica*, só será impressa no final do século, no ano de 1592, em Zurich. O seu autor, Hans Jacob Fries, é discípulo de Gesner.

Só em 1654 surgirá em Paris a primeira *Bibliotheca Chimica seu Catalogus librorum philosophicorum hermeticorum*.

<sup>176</sup> Francesco Doni publica em 1550 *La Libreria*, Veneza, Gabriele Giolito de Ferrari, referindo 159 italianos que publicaram obras impressas. No ano seguinte imprime *La Seconda Libreria*, catalogando manuscritos, ou textos ainda não impressos. Esta obra constitui a primeira bibliografia nacional em romance, e vai servir de modelo a La Croix du Maine e Antoine Verdier. Cfr. R. Chartier, *L'Ordre des Livres*, op. cit., pp.79-81.

bibliográficas (de carácter geral, regional, ou temático), que se expandem por toda a Europa ao longo dos séculos XVII e XVIII, a Península vai muito lentamente elaborando as suas Bibliothecas-catálogos.

Apesar de Chartier<sup>178</sup>, Mckitterick<sup>179</sup> e Jolly referirem a *Bibliotheca*, de Nicolau António, como o primeiro repertório peninsular, no século XVI foi publicado um pequeno catálogo *De Adserenda Hispanorum eruditione, sive De Viris Hispanae doctis Narratio apologetica*<sup>180</sup>, de García Matamoros, professor de retórica e de gramática na Universidade de Salamanca, e autor de um texto sobre história. Trata-se de um opúsculo em que refere autores castelhanos (não registando exclusivamente religiosos) e as suas obras mais importantes.

Valerii Andrea, no início de seiscentos (1608<sup>181</sup>) publica, em Francfurt, uma obra sobre escritores ilustres espanhóis<sup>182</sup>, antigos e modernos. Para cada autor faz uma pequena biografia, com caracterização do cargo e actividade profissional, naturalidade (com uma implícita valorização dos autores e das ordens religiosas, pois cada uma tem uma independência e um tratamento semelhante ao de uma área de saber), obras escritas, respectivo local de impressão, tipografia e data, distribuindo-as por classes de matérias, e acrescentando índices finais.

Este catálogo é, como o título desde logo explicita, uma inventariação exclusiva dos textos que compõem as áreas tradicionais do saber, assentando num sistema classificativo e numa divisão formal (e que se reflecte nos títulos incluídos) "quase" arcaicos<sup>183</sup>: o Trivium não surge ainda autonomizado, e os temas relacionados com a *História*

<sup>177</sup> *La Bibliothèque du Sieur de la Croix du Maine*, Paris, A.L'Angelier, 1584; e *La Bibliothèque d'Antoine du Verdier*, Lyon, 1585.

<sup>178</sup> *L'Ordre des livres*, op. cit. pp.78 e 111. Chartier, citando Furerière refere ainda Andreas Schott.

<sup>179</sup> David Vaisey and David Mckitterick "Bibliography, Bibliophily, and the Organization of Knowledge", in *The foundation of scholarship: libraries and collecting 1650-1750: papers presented at a Clark Library Seminar, 9 March 1985*, (Los Angeles William Andrews Clark Memorial Library, 1992), pp. 31-61.

<sup>180</sup> Alcalá, 1554. Foi reeditado em 1736 e no século XX, em edição bilingue, por J. Lopez de Toro, Madrid, 1943.

<sup>181</sup> Andreas Schott, jesuíta, *Hispaniae bibliotheca illustratae, seu de academiis ac bibliothecis. Item Elogia Nomenclator clarorum Hispaniae Scriptorum, Qui Latine disciplinas omnes illustrarunt Philologiae, Philosophiae, medicinae, iurisprudentiae, ac theologiae*, Francofvrti, Apud Claudium Marnium & Haeredes Ioan. Aubrii, 1608.

<sup>182</sup> No sentido de hispânicos, pois cita obras de portugueses, como por exemplo Damião de Góis.

<sup>183</sup> Não refere nenhum tratadista de história, com obras escritas em latim, como por exemplo, João Costa, *De Conscribenda rerum historia libri dvo, qvibus Continenturtotius Historiae Institutionis Breuissima, e Absoluta Praecepta*, (s.d.)[Zaragoza], Laurentij Robles, 1591; ou S. FOX MORCILLO, *De Historiae Institutione. Dialogus*, Paris, 1557, já referidas.

Aliás, nenhuma obra deste humanista filósofo é citada.



apenas são referidos num sub-título do 2ºtomo, integrados na sequência dos poetas sacros - autonomizados na classe X do 2ºtomo, que tem por título "hispanitorum praesertim ecclesiasticorum"<sup>184</sup>- sendo nomeados 18 historiadores (cronistas do Reino e de Aragão).

De facto, vai-se assistir, ao longo dos séculos XVI e XVII, prioritariamente a uma divulgação de bibliografias de temática religiosa, quer directamente relacionadas com as ordens religiosas e a elaboração da sua história<sup>185</sup> (impressas e manuscritas), quer indirectamente através de uma sobrevalorização da perspectiva moral e catequizadora.

Pode-se considerar ainda como integrando os repertórios temáticos, os relacionados com as cidades e seus fundadores<sup>186</sup>, ou com saberes profissionais, desde as matérias mais tradicionais, como é a jurídica<sup>187</sup> e a médica<sup>188</sup>, até à histórico-geográfica e náutica, já referidas. Bibliografias históricas ou políticas semelhantes às francesas do século XVI<sup>189</sup> ou XVII<sup>190</sup> não são conhecidas.

---

<sup>184</sup>Com um apêndice sobre os legítimos historiadores "De legitimis Hisp. Historicis iudicium".

<sup>185</sup>Das religiosas, Nicolau António refere as seguintes, que funcionam mais como catálogos informativos do que como repertórios: Alphonsus Fernandez, *De Scriptoribus Ord. Praedicatorum*; Alphonsus a Matre Dei, *Indice de los Escritores Del Carmen*; Antonius de Conceptione, *Bibliotheca Script. Ord. Praedicatorum*; Josephus Pérez, *De Scriptoribus Ord. S. Benedicti*; Petrus de Alva, *Bibliotheca Conceptionis(mss)*; Petrus a Ribadeneira de *Scriptoribus Societatis Jesu*; Thomas de Herrera, *Alphabetum Augustinianum*; Nicolau ANTONIO, *Bibliotheca Hispana Nova. Sive Hispanorum Scriptorum qui ab anno MD ad MDCLXXXIV florere Notitia*, vol.2, Matriti, Viudam et Heredes Joachimi de Ibarra Typographi Regii, 1788 vol.2, pp.620-667.

A grande temática, quer de produção, quer de impressão, continua a ser a religiosa, acrescida em Espanha pela importância que a instauração do movimento da Reforma católica teve na catequização, organização, disciplina e controle da vida civil. Como se verá no próximo capítulo, as obras de temática eclesiológica e relacionadas com o culto são as que mais se produzem e imprimem.

<sup>186</sup>*Historia de la Insigne Ciudad de Segovia y Compendio delas Historias de Castilla*, de Diogo Colmenares, Segovia, reeditada em 1969, (1ª edição, em Segovia, por Diego Díez, 1637, o 1º vol. e o 2º vol., Madrid, por Diego Díez, 1640).

Henricus Vaca de Alfaro *De Scriptoribus Cordubensibus*,(mss)

<sup>187</sup>Ignacio Quintela, *Bibliotheca Jurisconsultorum Lusitanorum*, e Ludovicus Gomezius, *Elenchus Scriptorum Juris*.

<sup>188</sup>Pedro de Castro, *Bibliotheca medici eruditi*.

<sup>189</sup> Simbolicamente pode considerar-se que o processo de autonomia da disciplina política, e em certa medida histórica, se iniciou com Bodin, em 1566, terminando com Naudé que em 1627, edita *Advis pour dresser une bibliothèque présenté à Monseigneur le Président de Mesme*, Paris (com reedição em 1644, *Advis pour dresser une bibliothèque*), em 1633, *Bibliographica Politica*, Veneza utilizando pela primeira vez o termo "bibliographica", que passará a indicar um dos sentidos de Bibliotheca; e finalmente, em 1642 *La Bibliographie politique du Sieur Naudé, contenant les livres et la méthode nécessaires à estudier la politique*, Paris.

Ver ainda: de Maine, já citado, ou Antoine Du Verdier, *Prosopographie ou description des hommes illustres, & autres depuis la création du monde jusque à ce temps*, 2 vol., Lyon, Barth. Honorat, 1598.

<sup>190</sup> Em 1618, André Du Chesne, geógrafo e historiador do rei, edita em Paris, com reedição em 1627, *Bibliothèque des auteurs qui ont escript l'histoire et topographie de la France divisée en deux parties selon l'ordre des temps et des matières*.

Relacionadas com o universo da Memória existem *Epítome*, de Pinelo, de carácter temático sobre os Novos Mundos, e a obra de Tomás Tamayo de Vargas, *Junta de Libros*. Esta, apesar do seu carácter universal (talvez por o seu autor ser um jesuíta historiador, cronista do reino e cronista Mayor), refere cerca de 900 obras de história em 3000 títulos.

Finalmente, ainda com carácter universal, há a *Bibliotheca* de Nicolau António<sup>191</sup>, já citada; e, respeitante a autores lusitanos, a de Franco Barreto<sup>192</sup>.

---

<sup>191</sup> *Bibliotheca Hispana Nova. Sive Hispanorum Scriptorum qui ab anno MD ad MDCLXXXIV florere Notitia*, vol.2, Matrini, Viudam et Heredes Joachimi de Ibarra Typographi Regii, 1788, edição a cargo do erudito valenciano Gregorio Mayans. Esta *Bibliotheca* tinha sido publicada em Roma, em 1671.

<sup>192</sup> *Bibliotheca Lusitana Portugueza*, que permanece manuscrita (Biblioteca da Casa Cadaval, existindo um exemplar fotocopiado na Biblioteca Nacional de Lisboa). No entanto, Barbosa Machado refere, para o século XVII, vários catálogos, que permanecem também manuscritos.

A diferença entre a Península e a França ou Itália não está tanto na elaboração destas obras, mas numa atitude e doutrina menos política. O facto social e cultural mais relevante, e que talvez se deva associar à ausência de Academias não literárias na Península, é a não impressão de quase todos os manuscritos, pelo menos, até ao século XVIII.





### 3.1.1. Bibliografia universal: *Junta de Libros*, de Tomás Tamayo de Vargas<sup>193</sup>.

Antes de apresentar os resultados da análise dos dados da *Junta de Libros*, de Tomás Tamayo de Vargas e da *Bibliotheca* de Pellicer, far-se-ão algumas considerações sobre as obras, de modo a compreender-se melhor o contexto daquelas informações.

Concluída em 1624, *Junta de Libros* não saiu à estampa, continuando actualmente por editar. Existiu, na época, um exemplar na Biblioteca do Vaticano, que Nicolau António refere ter usado. Actualmente o único manuscrito conhecido encontra-se na Biblioteca Nacional de Madrid. Trata-se de uma cópia, do século XVIII, sem nenhum elemento paratextual, nem introdutório. Apenas um índice final por nomes de autores e cargos, de letra posterior. A obra é dedicada ao Almirante de Castela<sup>194</sup>, seguindo-se imediatamente o início das referências bio-bibliográficas, ordenadas por ordem alfabética de autores, que são assim o elemento organizador e estruturante do saber.

Reunindo cerca de 3000 títulos escritos em castelhano, de 1700 autores, abarca desigualmente todos os tipos de conhecimento. Quase não cita obras sobre história das Américas, talvez por Pinelo, também cronista das Índias e jesuíta, estar a elaborar um repertório bibliográfico sobre os Novos Mundos, e Tamayo de Vargas lhe ter dado material para a compilação da obra, que aquele cronista aliás, refere ter usado<sup>195</sup>.

Para além destas inovações, *Junta de Libros* tem ainda outra característica que a torna um excelente e fácil documento de estudo, e um imprescindível instrumento de trabalho: a sua extensão, organização sistemática, e completa citação dos títulos, associada à citação na língua em que foram escritos, evitando necessariamente muitos erros e deturpações, com indicação da data, da tipografia e do local de

---

<sup>193</sup> Tomás Tamayo de Vargas, cronista das Índias, cronista do Reino e Cronista Mayor de Filipe IV, isto é censor régio, jesuíta de Toledo, é amigo de Juan de Mariana e de Pinelo.

<sup>194</sup> Segundo Pellicer, em *Bibliotheca*, em 1631, o grande almirante de Castela é Don Juan Alfonso Enríquez de Cabrera.

<sup>195</sup> A este, encarregado de elaborar uma bibliografia sobre a América, entrega-lhe "borradores" de partes de *Junta de Livros* respeitantes a obras sobre tal temática.

Posteriormente, na qualidade de Censor "Coronista de el Rei Nuestro Señor", aprovará os referidos *Epítome*.

impressão, do formato,<sup>196</sup>, tornando possível uma completa reconstituição dos títulos impressos<sup>197</sup> e das redes tipográficas.

A análise da *Junta de Libros e Bibliotheca* requeria tratamento estatístico, exigindo a introdução daquela informação em ficheiros de base de dados. Mas a variedade e a extensão de notícias fornecidas impediam o uso de um software standard.

Sendo o principal objectivo metodológico deste estudo o de trabalhar informação em regime de texto integral, optou-se no caso do manuscrito *Junta de Libros*, de Tomás Tamayo de Vargas, pela sua completa transcrição paleográfica, segundo a ortografia original. Pretendia-se analisar esse documento através de um ficheiro importado do hipertexto.

No entanto e apesar de, posteriormente à transcrição paleográfica, o texto também ter sido codificado informaticamente, segundo as regras do hipertexto, não foi possível, por questões de programação, completar o trabalho<sup>198</sup>, tendo-se acabado por exportar o ficheiro para Access<sup>199</sup>.

---

<sup>196</sup> Makenzie chamou a atenção (Chartier, op. cit., p.22) para o facto de uma obra em 4º, 8º, ou 16º transmitir mensagens diferentes. A introdução de mais branco na página, de títulos de capítulos, e parágrafos ajuda à inteligibilidade da mensagem. O tamanho do livro não está apenas associado ao factor divulgação, está muitas vezes dependente do tipo e formas dos caracteres tipográficos. Caracteres arcaicos, demasiado grandes, não suportam folhas de pequena dimensão. É o que acontece com as tipografias espanholas, em que só tardiamente surgem obras em 12º ou 16º (que são de catequese, literatura moral e gramáticas, como se pode ver em anexo final).

<sup>197</sup> O que não acontece com a *Bibliotheca* de Nicolau Antonio que, ao traduzir para latim os títulos das obras, os adaptou, o que muito dificulta a sua actual identificação. Por outro lado, Pellicer, ao recorrer a um processo narrativo contínuo na descrição biobibliográfica, dificulta-lhe a tarefa de noticiar sempre, e de modo sistemático, o mesmo tipo de informações.

Actualmente só é possível uma informatização da obra em sistema de hipertexto, morosa, pois, sendo a edição do século XVIII, ainda não existe adequado software de reconhecimento óptico.

<sup>198</sup> O que implicou uma revisão total do documento, e a respectiva reconversão da informação (13 campos) em cada registo (3.000).

O facto de não haver na época padronização ortográfica, nem de acentuação, acrescido de o autor escrever indiferentemente de *Sevilha, vecino de...*, *sevilhano*, etc...etc... , trocar a ordem das palavras e das expressões na frase, se indiferente em sistema de hipertexto, não o é numa base de dados tradicional, que exige padronização ortográfica e homogenização de critérios.

Não se actualizou, nem alterou a ortografia dos nomes (apelido e nome) do autor, apesar de alguns parecerem duvidosos. Também não foi alterada a ortografia dos títulos das obras, parecendo alguns manifestamente erro do copista.

Como se disse no início deste estudo, tendo-se optado por uma transcrição diplomática (que apenas se actualizou numa cópia de trabalho), não se corrigiram informações detectadas como erróneas. É o caso, por exemplo, do 3º volume da obra *História dos Jerónimos*, de Fr. José de Siguenza, que Tamayo refere como manuscrita e já tinha sido publicada, ou a de Lope de Deza, que indica os manuscritos correspondentes à obra impressa como se de três textos diferentes se tratasse..

O ficheiro, que mantém a informação dada pelo autor para cada registo, estruturado a partir dos núcleos, BIOGRÁFICO e BIBLIOGRÁFICO<sup>200</sup>, tem a seguinte arquitetura:

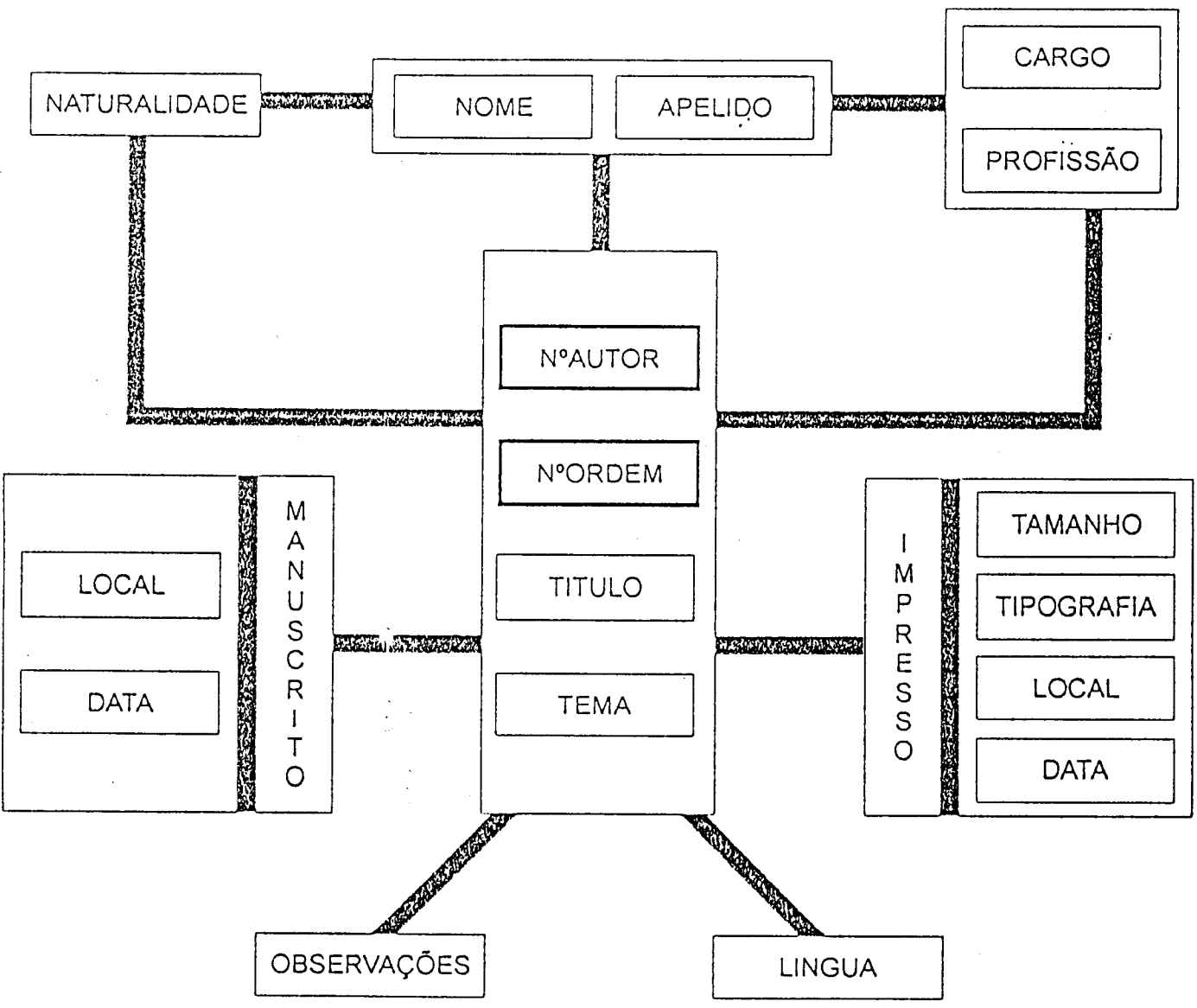
---

<sup>199</sup>A extensão dos campos e o número de variáveis não numéricas a relacionar exigiu a propositada programação de subrotinas.

Este trabalho, bem como toda a programação informática que esta dissertação exigiu, foi feito pelo Sr. Miguel Brito, a quem se agradece a valiosa colaboração. Igualmente se agradece a colaboração da Sra. Dra. Alexandra Belas.

<sup>200</sup>BIO E BIBLIOGRÁFICO, os núcleos organizadores de todos os ficheiros deste trabalho, que se integram na base de dados Dicionário de Autores de Espanhol Antigo (DAEA).







### 3.1.2. Bibliografía temática: *Epítome*, de Pinelo&Cocco&Barcio<sup>201</sup>.

Otra obra, absolutamente original quanto à tematica, é o *Epítome de la Bibliotheca Oriental, Occidental, Náutica, i Geográfica*<sup>202</sup>, que, como o nome indica, pretende ser o (primeiro<sup>203</sup>) índice histórico-geográfico e náutico de uma grande compilação analítica: "Aora es breve Epítome, despues será copioso Libro, lo que se diere à la segunda estampa: porque los Autores, que vãn reducidos à sucinto Catálogo, quedan conocidos en dilatada Obra; que dividirà con mas precisión las materias, censurarà los escritos, advertirà lo apocrifo, señalarà lo verdadero, i lucirà lo autoriçado: ocupación, que tiene ià vencidos mas de docientos pliegos; con que haver declarado el Autor, que no solo juntò nombres de Escritores, para esta Biblioteca, sino que viò , i leiò con atento cuidado lo que contienen las Historias, Derroteros, Viages, Cartas,

---

<sup>201</sup>Tal como Tamayo, Pinelo também é jesuíta e será Cronista Mayor das Indias, a partir de 1658, sucedendo a Dávila. Com preocupações teológico-jurídicas, escreveu, paralelamente com as obras de temática americana, vários textos em defesa dos direitos dos índios e sobre o culto de Maria, que foram editadas em sua vida:

Antonio de LÉON PINELO, - *Discurso sobre la importancia, forma y disposición de la Recopilación de las Leyes de Indias Occidentales*, Madrid, 1623.

*Tratado de Confirmaciones Reales de Encomiendas, Oficios i casos en que se requieren para las Indias Occidentales*, Madrid, Iuan Gonzalez, 1630.

*Tablas Cronológicas de los Reales Consejos Supremos y de la Cámara de Las Indias Occidentales*, Madrid, Tipografia de Manuel Ginés Hernández, 1892.

*Oración Panegírica de la Sacratíssima Virgen i Madre de Dios, María. Dirígese al Supremo i Real Consejo de las Indias. Postrado ante la Milagrosa imagen de N.S. de Atocha. Celebrando la Fiesta Votiva y Anual en su Real Capilla y Santuario*, Madrid, Diego Díaz, 1650.

*Vida del Ilustríssimo y Reverendíssimo D. Toribio Alfonso de Mogrovejo. Arçobispo de la Ciudad*, Madrid, 1653.

*Aparato político de las Indias Occidentales. Deducido i formado de su derecho Real, y decisiones de su Real y Supremo Consejo, en Leyes, Ordenanzas, Provisiones, Cédulas, Cartas acordadas, etc*, Madrid, 1653.

De história escreve, para além do *Epítome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Náutica i Geográfica*, editado em 1629, Madrid, Juan González; e Madrid, Francisco Martínez Abad, 1737; *El Paraíso en el Nuevo Mundo. Comentario apologético, historia natural y peregrina de las Yndias occidentales, Yslas y Tierra Firme del Mar Océano*. Esta obra já terminada em 1655, e *Anales de Madrid. Reinado de Felipe III, Años 1598 á 1621*, só foram editadas actualmente (Madrid, Estanislao Mestre, 1931).

<sup>202</sup> " En la Nautica; que es la más util, è importante de las Ciencias Matematicas, que abrió primero dudosa, despues atrevida, i finalmente artificiosa, los inciertos, i espantosos caminos, que prohibió la Naturaleça à los hombres, para comunicar, como Vecinos à los mas remotos", *Epítome...*, op. cit., (s/p.,fl.2).

<sup>203</sup> Trata-se do primeiro repertório bibliográfico temático, editado em Espanha sobre obras não religiosas e, na Europa, da primeira bibliografia de temas relacionados com o Novo Mundo. Por desconhecimento, o livro de Barthélemy d'Herbelot, *Bibliothèque orientale ou Dictionnaire universel contenant tout ce qui regarde la connaissance des peuples de l'Orient, (...) des extraits de tous leurs ouvrages, de leurs traitez, (...) et de tous les livres écrits en arabe, en persan ou en turc sur toutes sortes de sujets*, editado em Paris, em 1697, é comumente referido como o primeiro catálogo no género.

i Relaciones, que en quarenta Lenguas, i mas de mil Autores forman este Epítome"<sup>204</sup>. Esta segunda impressão corresponderia à História monumental das Índias, texto que, apesar de posteriormente referido como impresso, deveria estar ainda em fase de elaboração<sup>205</sup>.

Se, possivelmente, essa grande obra sobre a América nunca chegou a ser publicada, ou mesmo terminada, a compilação e a recolha de informação que lhe serviu de base documental foi usada para a elaboração deste Epítome e para a redacção de *Paraíso en el nuevo Mundo*, considerado o mais elaborado escrito do autor, concluído em 1655, mas só editado no século XX<sup>206</sup>. Enquadra-se na linha das grandes utopias renascentistas, ao mesmo tempo que exalta o Novo Mundo em termos da sua riqueza.

EPITOME é uma espécie de dicionário histórico-geográfico, antropológico e de náutica, organizado alfabeticamente por temas, em que são referidos os autores que escreveram sobre as várias matérias relacionadas com as Américas<sup>207</sup>, com a valorização das temáticas relacionadas com os índios e a sua missão.

Mais do que as referências bibliográficas, que são sintéticas e abreviadas (apesar de Pinelo as considerar rigorosas e cuidadas, evitando por isso as comuns deturpações), a organização em temas e sub-temas, completada com um sistemático e exaustivo índice de matérias, torna este catálogo num espelho do que a Europa (do século XVIII) conhecia do mundo americano, e do empenho com que procurava comunicar e dominar essas novas regiões. Há que sublinhar a sistemática e a capacidade analítica revelada na técnica de organização do livro, nomeadamente no que à ordenação dos temas e matérias diz respeito.

---

<sup>204</sup>Pinelo, *Epítome...*, op.cit., p.XVI.

<sup>205</sup> Segundo Barcio, o manuscrito já se teria perdido no século XVIII: "Esta Obra maior, que no falta quien diga haverla acabado (i en el continuo trabajo del Autor, es verisimil) no han podido descubrir las mas eficaces diligencias, que solo han servido de encontra algunos Papeles Originales, i copias del Autor, (que van añadidos), i discurrir en el suceso, que havrà tenido, es ocioso; pues iace sepultada en el olvido, sin haver hallado, ni hoja del borrador."Pinelo, *Epítome...*, op.cit., p.XVIII.

<sup>206</sup>Em 1942, por Raul Porras Barrenechea.

<sup>207</sup> A estrutura do repertório bibliográfico sobre as novas terras descobertas e os novos conhecimentos e instrumentos que permitiram essas descobertas é a seguinte: América ocidental e oriental (que incluía África e Ásia); Geografia (descrição da terra e obras de cartografia) e Náutica (cosmografia e navegação). Em cada área estabelece uma subdivisão de assuntos, e em cada um, não por ordem alfabética, (refere os) autores que trataram do tema, cargo e actividade profissional (sobretudo no caso de ser religioso), com a indicação da obra, se está impressa, ano de impressão, local e página da referência. Esta estrutura não é aplicada sistematicamente em todas as entradas.



Refere-se a Europa setecentista e não a seiscentista, época em que a obra foi escrita e impressa, porque se desconhece a existência de exemplares dessa primeira impressão, sendo as edições actuais<sup>208</sup> reedições da obra setecentista, publicada por Barcio.

Como este erudito refundiu os artigos, acrescentando-lhes cerca de 15000 novas referências, e os índices abarcam toda a obra, parece legítimo considerar que também os reformulou (alías, a sua exaustividade, com cruzamentos múltiplos de informação, assemelha-os formalmente aos elaborados pelos autores setecentistas).

Este processo de construção da obra e da autoria, a partir de um texto-base e ao longo de mais de cem anos é, na perspectiva da análise deste trabalho, que não estuda aspectos culturais ou historiográficos relacionados com o novo Mundo, o aspecto relevante de *Epítome*.

António González de Bárcio, historiador e erudito, e um dos maiores bibliógrafos do século XVIII<sup>209</sup>, trabalhou conjuntamente com Gregorio Mayans na publicação das obras de Nicolau Antonio, que ficaram manuscritas, e na edição, em Espanha, da *Bibliotheca Novae Hispanae*. Faz ainda parte da tertúlia que criará a Real Academia de la Lengua, de que é também membro fundador, em 1713. Escreve *Ensayo cronológico para la Historia General de la Florida*, sob o pseudónimo de Gabriel de Cárdenas Cano, publica várias Crónicas da Conquista das Índias, e várias relações e cartas sobre a conquista americana - *Historiadores Primitivos de las Indias Occidentales*.

Elabora ainda um índice das obras sobre os descobrimentos editadas na Europa e reedita a Crónica-Década, *Historia General de los Hechos de los Catellanos, en las Islas y tierra firme de el Mar Océano*, de Antonio Herrera. Com base nesta, e com a ajuda de Gregório Mayans, corrige, reformula e acresce *Epítome*, compilando mais 15691 referências<sup>210</sup>. Assim passa *Epítome*, de Pinelo, que já tinha sofrido

---

<sup>208</sup> Ao contrário da maioria dos repertórios bibliográficos espanhóis, que permanecem manuscritos, ou não foram reeditados contemporaneamente, esta *Epítome...*, pela sua riqueza informativa foi neste século estudado e editado por Agustín Millares Carlo, *El Epítome de Pinelo, primera bibliografía del Nuevo Mundo*, Washington, D.C., Union Panamericana, 1958, e posteriormente, em 1982, por Horário Capel, *Epítome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Náutica i Geográfica*, 2 vol., Barcelona, 1982, PUB, já citada.

<sup>209</sup> A sua biblioteca foi objecto de estudo por Rodríguez-Moñino, Antonio, *Catálogos de libreros españoles (1661-1840). Intento Bibliográfico*, Madrid, 1945.

Sobre a biografia de Pinelo e Barcio:

Cfr:Horacio Capel, "Antonio de León Pinelo y su *Epítome*", in *Epítome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Náutica i Geográfica*, op. cit., pp XI-XXVII; e Agustín Millares Carlo "Estudio Preliminar", in *El Epítome de Pinelo, primera bibliografía del Nuevo Mundo*, op. cit., pp.II-XXVII.

<sup>210</sup> *Epítome*, op.cit.,p.3.



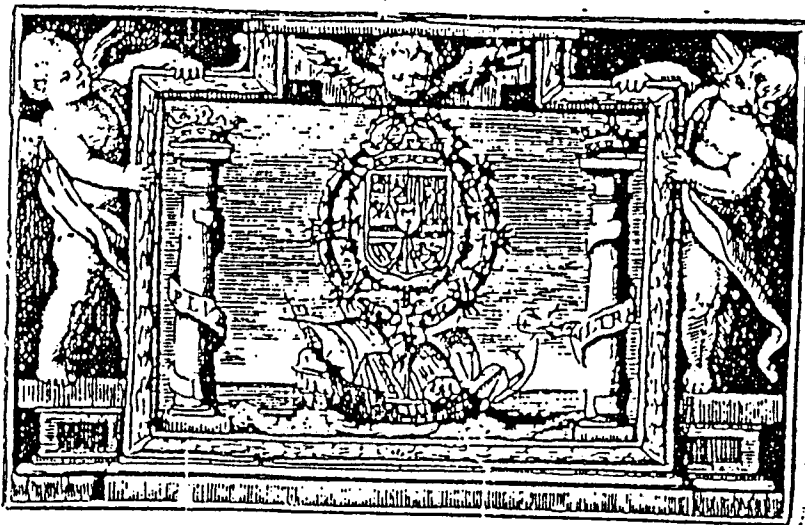
Enquanto esta portada, do séc. XVII, apresenta um carácter descritivo, recorrendo aos símbolos das imagens e às palavras, a seguinte, do séc. XVIII, tem já carácter simbólico, bem expresso na imagem da figuração central e na unidade estética da distribuição e composição das palavras, resultando do conjunto a sugestão do poder de um Estado de dimensão planetária.

# EPITOME DE LA BIBLIOTHECA

ORIENTAL, Y OCCIDENTAL, NAUTICA, Y GEOGRAFICA:  
DE DON ANTONIO DE LEON PINELO,  
DEL CONSEJO DE SU MAG. EN LA CASA DE LA CONTRATACION DE SEVILLA,  
Y CORONISTA MAIOR DE LAS INDIAS,  
AÑADIDO, Y ENMENDADO NUEVAMENTE,  
EN QUE SE CONTIENEN  
LOS ESCRITORES DE LAS INDIAS  
ORIENTALES; Y OCCIDENTALES, Y REINOS CONVECINOS  
CHINA, TARTARIA, JAPON, PERSIA, ARMENIA, ETIOPIA, Y OTRAS PARTES.  
AL REY NUESTRO SEÑOR.

POR MANO DEL MARQUES DE TORRE-NUOVA, SU  
Secretario del Despacho Universal de Hacienda, Indias, i Marina.

TOMO PRIMERO.



CON PRIVILEGIO.

En Madrid: En la Oficina de FRANCISCO MARTINEZ ABAO, en  
la Calle del Olivo Baxo. Año de M. D. CC. XXXVII.

adições por parte de Luis Cocco, de uma primeira versão de cerca de 1000 referências, para a de Barcio, agora composta de três grossos volumes, tornando-se num dos grandes *monumentos* eruditos do século XVIII.

Por isso se atribuiu a obra à tripla Pinelo &Cocco&Barcia<sup>211</sup>.

Quer seja um discurso grave e eloquente - cujo arquétipo são as *Décadas* de Tito Lívio -, crónica de conquista, ou relação de sucessos, de reduzidos recursos literários, simulando assentar no registo espontâneo do *ver*, quase todas os títulos relacionados com história das Índias permanecem manuscritos, só se assistindo em Espanha a um efectivo início do processo de impressão a partir do século XVIII (as primeiras relações de viagens e de histórias são publicadas ainda no século XVI, em Itália e Holanda<sup>212</sup>).

O percurso deste catálogo, e das obras históricas de Pinelo, é exemplar da prática historiográfica, do processo de elaboração daquele tipo de Livro e de Saber em Espanha: escrito por razões aparentemente mais políticas que historiográficas - a pedido do Marquês Torre-Nueva, genro do Conde Duque, para ensino de Filipe IV, a quem é dedicado - e integrando-se na linha de erudição acima referida, será ampliado e reeditado no século XVIII, com novos elementos paratextuais (entre eles outra dedicatória a Filipe V) e portanto repetida funcionalidade política e

---

<sup>211</sup>A historiografia relacionada com a América, denominada história de experiências, era, paralelamente à de temática religiosa e urbana, das que mais interesse provocavam. Associando informação e legitimação, de evidente utilidade política, tem muito menos divulgação impressa do que a religiosa. Na época, em termos de historiografia oficial, apenas a obra de António de Herrera teve os favores de publicação. Como se disse, Carlos V cria o cargo de cronista das Índias, geralmente acumulado com o de cronista do reino de Castela, mas dissociado em termos de Função. O Cronista das Índias, ao contrário dos outros, que não eram obrigados a escrever a história do Reino, tinha como encargo prioritário a narrativa dos factos relacionados com o Novo Mundo.

<sup>212</sup>"Desde el siglo XVI varios editores europeos se habían lanzado a publicar grandes colecciones de viajes: la de Gian Battista Ramusio, *Delle Navigazioni e Viaggi* (Venecia, 1550- 1556, 3 vols., con reediciones en 1565-83 y 1606); la de Richard Hakluyt, *Principal navigations, voyages and discoveries of the English nation, made by sea or over land to the most remote and farthest distant quarters of the earth within the compass of these 1500 years* (Oxford, 1589, 3 vols., y reedición aumentada en 1598-1600), continuado en 1625 por Samuel Purchass; magna colección de Theodore de Bry, *Collectiones peregrinatorum in Indiam orientalem et occidentalem* (Frankfurt, 1590-1634, 25 vols.); la de Levinus Hulsius, *Sammlung von 26 Schiffahrten nach Ost und West Indiam* (Frankfurt 1598-1663, 69 vols.); y la de Jan Huyghen Van Linschoten, *Navigatio et Itinerarium in Orientalem sive Lusitanorum Indiam* (Amsterdam y Frankfurt, 1596-1601)". Horacio Capel, *Epitome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Náutica i Geográfica*, op.cit., p.3.

histórica<sup>213</sup>.

---

<sup>213</sup>Também Gregorio Mayans editará no século XVIII as obras de Nicolau António e Ibañez de Segovia.



### 3.1.3. Bibliografia singular: *Bibliotheca* de Joseph Pellicer<sup>214</sup>.

Se a *Junta de Livros*, de Tomas Tamayo de Vargas, revela o saber ideal de um jesuíta, cronista do rei Filipe IV e cronista Mayor do Reino, a *Bibliotheca* de Pellicer pretende mostrar o que deve ser a prática historiográfica de um *Grande*, letrado, cronista dos Reinos de Aragão e Castela e escritor-criado do Soberano<sup>215</sup>.

Neste estudo, o valor da *Biblioteca singular*, como a denomina Pinelo, está em disponibilizar um conjunto de dados que permitem integrar as informações existentes sobre o universo da produção do livro, com informação sobre os conteúdos e sobre os autores. O conhecimento dos produtores e directos responsáveis por essas obras ajuda a entender melhor o processo de formação do Autor na época moderna e dos mecanismos de receptividade inerentes aos grupos.

Pellicer fornece poucas referências sobre o mundo material do livro, informando especialmente sobre quem está directamente envolvido na criação desse objecto doutrinar. Se a *Bibliotheca* de Pellicer é omissa em referências bibliográficas<sup>216</sup>, ela já lhe indica cronologicamente e de modo sistemático a actividade como escritor, registando, embora nem sempre correctamente, os títulos das obras que escreveu e dos livros em que participou, quer com textos, quer com elogios, censuras, prólogos. O valor deste catálogo está ainda no carácter bastante sistemático e completo com que refere os elementos paratextuais: a quem dedicou a obra, quem a elogiou, a pedido de que *grande* foi feita, por quem é citada, elogiada ou contestada, etc. Sendo estes elementos aplicações das regras do discorrer barroco (lugares

<sup>214</sup> Pellicer não foi cronista das Índias, nem jesuíta, nem religioso. Jurista, formado em Salamanca, é um dos *Grandes* de Espanha. Foi cronista de Aragão, sucedendo a Francisco Urrea, em 1639; cronista de Castela e Leão e cronista Mayor, sucedendo a António Herrera em 1629 (este também Cronista das Índias); e em 1640, por morte de Argensola, nomeado por Filipe IV também Cronista Mayor do Reino De Aragão, apresentando-se já em *Bibliotheca* (1671) e *Tropheo de la Verdad* (1676) como Cronista Mayor de Espanha.

<sup>215</sup> A sua actividade historiográfica centrou-se nos estudos sobre a origem e antiguidade de Espanha. Considera ter esclarecido as linhagens dos primitivos reis, quer através da crítica às crónicas que são falsas; quer do restabelecimento de cópias verídicas e escrevendo a história verdadeira; e feito a defesa dos seus Reais interesses. Finalmente, publicando "largo numero de generaciones, i casas illustres, em estados ou Sangue", e revendo, a pedido do Conselho Supremo do Rei (e, por vezes também do eclesiástico) livros, juízos, censuras, fl.3. Aliás actividades merecedoras de recompensa real, em 1640, como amplamente relembra à Rainha, na *Bibliotheca* que lhe oferece em 1676.

<sup>216</sup> As informações dadas por Pellicer não são sistemáticas, nem obedecem a critério uniforme, fornecendo mais ou menos dados a respeito de cada obra, em função de razões que não justifica.

comuns), ajudam a entender, uma vez mais, como o autor do livro, não é coincidente com o Autor, pessoa física, que escreveu o texto que servirá de base à edição da obra<sup>217</sup>.

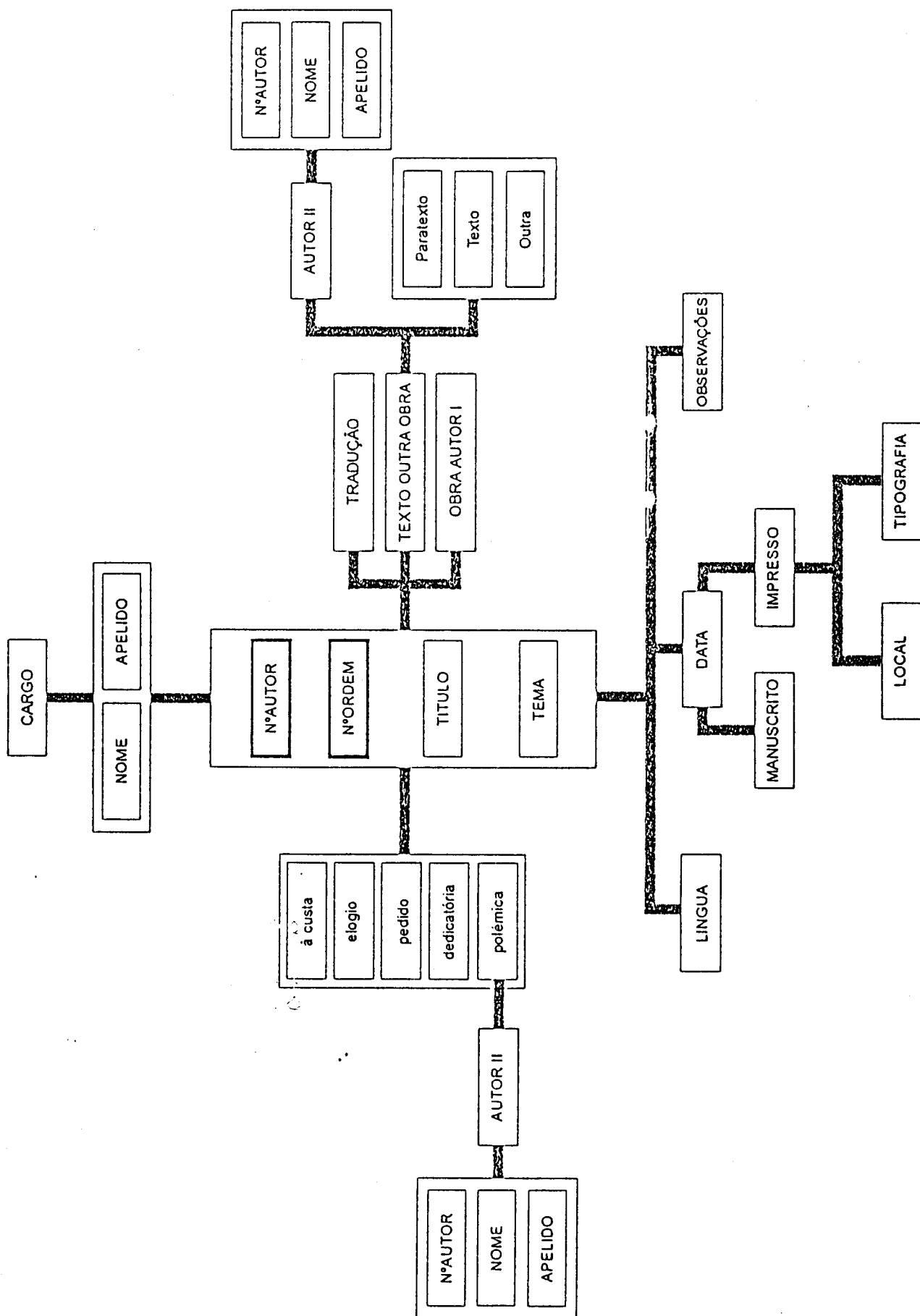
Finalmente, como a *Bibliotheca* foi redigida durante o período da polémica em torno dos "falsos cronicões", Pellicer acaba por fazer um relato minucioso das formas como se foi desenvolvendo a controvérsia dos eruditos, que estavam quer contra, quer a favor, dos argumentos "menores" usados. A pequena história ajuda a contextualizar e dar significado ao discurso académico em tom jocoso que é característico de *Sigalión, ó chitón*. Aliás, já depois de concluída a *Bibliotheca*, em 1676, Pellicer publica *Tropheo de la Verdad*, onde expõe as suas ideias historiográficas, assumindo publicamente nesta obra a crítica aos falsos cronicões, tentando anular assim a sua imagem como falsário.

Já no caso da *Bibliotheca*, de Pellicer, obra impressa, de variadas notícias e extensos relatos, de narrativa solta, aparentemente não definida, optou-se pelo prévio desenho de um ficheiro (também em ambiente Access). A informação seleccionada foi distribuída pelos seguintes campos:

---

<sup>217</sup>Aliás, através do processo de análise automática do discurso, o registo de vários nomes próprios e apelidos na página do rosto permite a imediata verificação do autor como um colectivo.







A complexidade deste ficheiro - aliás, a maior diferença em relação ao de Tamayo de Vargas, - está relacionada com o campo autor(es).

Embora para ambos os cronistas a obra já não seja, nem anónima, nem manuscrita, para Tomas Tamayo de Vargas o autor era entendido como o escritor do texto, sendo este coincidente com a ideia de obra, impressa ou manuscrita, enquanto que para Pellicer o autor é um participante do livro, cuja estrutura assenta agora num sistema de co-autoria, que reforça, pela autoridade dos autores, a verdade do texto.

Com efeito, a importância e o valor atribuído por Pellicer aos elementos paratextuais, está bem expressa na especificação com que refere essa informação, quer tratando-se de textos (censuras, elogios, poesias, prólogos) por ele escritos, para serem integrados em livros de "outro-autor", quer quando se trata de nomear "outros escritores", participantes no livro de que ele é o autor principal. Esta explicitação corresponde a uma concretização das normativas de controle, régias e eclesiásticas, ao mesmo tempo que revela serem esses autores (ele e o seu grupo) os representantes do poder real e dos poderes eclesiásticos<sup>218</sup>.

As aprovações e censuras, sendo disposições legais, e tendo por isso um inequívoco elemento de carácter administrativo e coercivo, são complementares das disposições de carácter literário, acabando por nelas se integrarem. Esta agregação de textos, reforçada pela aceitação de muitos *autorizados* numa prática discursivo-literária, provoca um forte "pathos" persuasivo.

---

<sup>218</sup>No reinado de Filipe IV era exigida, para a publicação de um texto, aprovação e licença das autoridades civis e eclesiásticas, necessitando ainda de uma aprovação (e licença) suplementar, do Superior da Ordem, no caso de o autor ser um religioso regular.

Simon Diaz enumera o conjunto de textos que compunham os elementos paratextuais de uma obra (e que faziam parte integrante do livro impresso nos séculos XVII e XVIII): "Dedicatoria, Privilegio, Aprobación o aprobaciones dimanantes de la autoridad civil, Licencia de la autoridad civil, Aprobación o aprobaciones dimanantes de la jerarquía eclesiástica, Licencia de la jerarquía eclesiástica, Aprobación o aprobaciones de superiores del clero regular,, Licencia de la Orden religiosa, Escritos en prosa de otros autores, Poesías del propio autor, Poesías Laudatorias de otros autores, Prólogo, Protestas o protestación de Fe, Tablas e índices." Cfr. *El Libro Español Antiguo*, op. cit., p.31.

Quando se iniciou este trabalho, optou-se por ir introduzindo as referências biobibliográficas dos autores que serviriam de fontes a este estudo em ficheiro de base de dados, com posterior reconversão para *txt* e exportação para *word*, por tais referências serem omissas, deturpadas, sem critério de homogeneidade<sup>219</sup>, nem padronização ortográfica, sobretudo no que diz respeito ao nome do autor.

Assim, criou-se um campo de nome de autor (com o respectivo número de identificação -I.D.), em que o seu registo é feito segundo critérios bibliográficos actuais. Este, independentemente do nome escrito na folha de rosto da obra<sup>220</sup>, será o ordenador de todos os textos atribuídos àquele escritor, e o elemento de ligação dos vários ficheiros.

Finalmente, por uma parte significativa das obras não ter sido impressa na época, estabeleceu-se um campo de novo-autor, em que se introduz o nome da pessoa responsável pela edição póstuma.

Devido ao carácter difuso e complexo do Livro Antigo, e à necessidade de adquirir maior sensibilidade em relação ao mundo daqueles autores e livros, decidiu-se iniciar, posteriormente, o registo das disposições legais contidas nas diferentes obras e dos nomes dos vários autores que integram o livro, com anotação dos respectivos títulos, dignidades e actividade profissional (processo ainda em curso). Este procesimento teve a vantagem de revelar a importância dos elementos paratextuais no livro do século XVII e do limitado círculo dos historiadores-cronistas, no entanto com múltiplos cargos e desdobradas actividades profissionais e literárias.

Este ficheiro, que corresponde basicamente às referências biobibliográficas dos historiadores em análise, foi ligado com o de Pellicer, o de Tamayo de Vargas e o de Olivares (através dos campos nome-autor<sup>221</sup> e\ou I.D.), criando-se assim uma única base de dados para os autores seiscentistas.

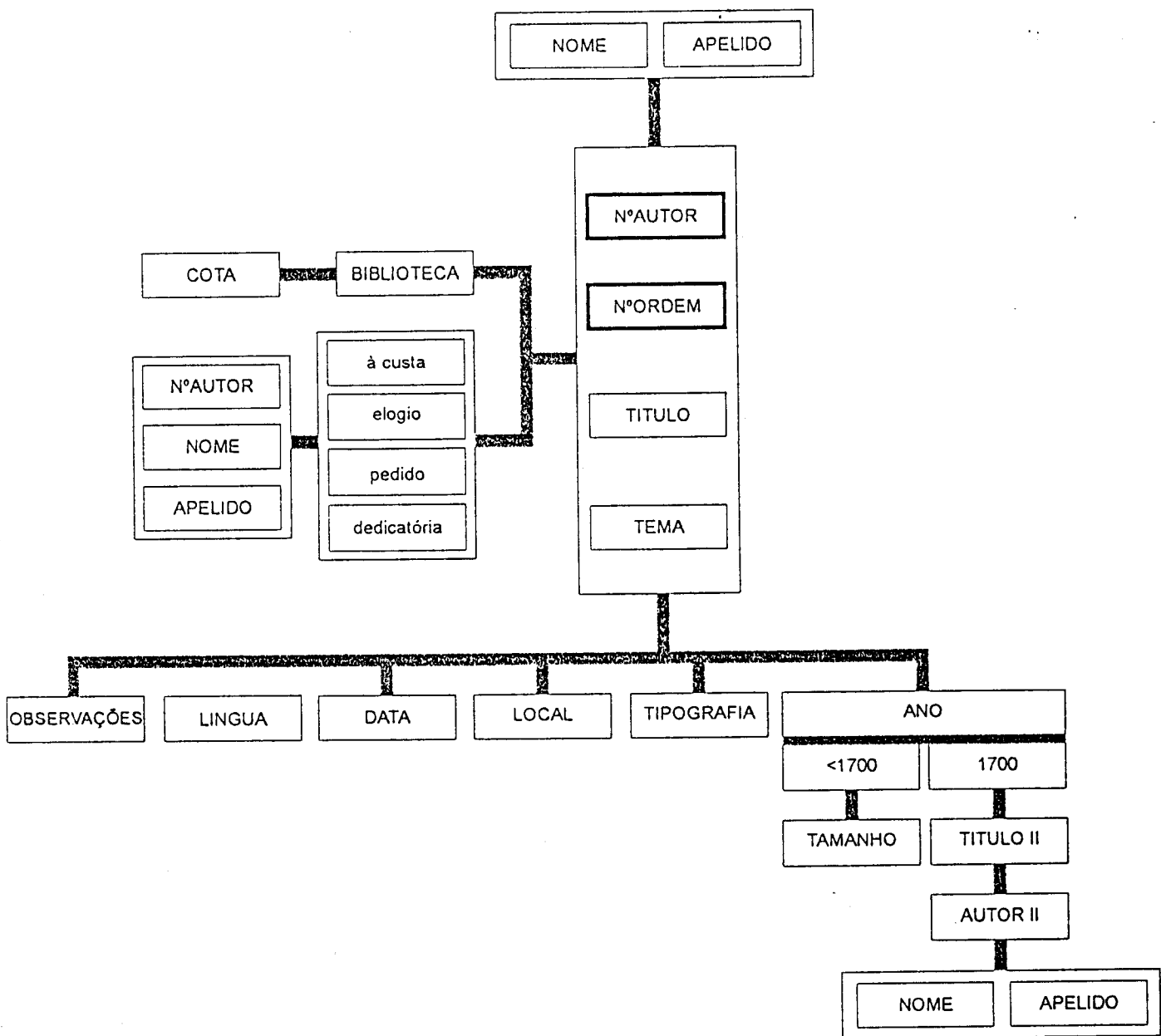
A articulação das informações fornecidas pelos autores da época, com informação coeva vária, completada com elementos obtidos através de pesquisa actual, permite ir completando os campos biográficos da base de dados, de modo a elaborar-se um Dicionário de Autores de

---

<sup>219</sup> O mesmo autor surge com nomes diferentes, com ortografia distinta, em versão latina e espanhola, manuscritos integrados em livros impressos, para além das normais variações em livros "de mano".

<sup>220</sup> Introduzido no campo de nome do autor-livro.

<sup>221</sup> Apesar de o elemento identificador do saber em Tamayo de Vargas ser o Autor, em Pinelo o tema, e em Pellicer a data de publicação da obra (numa clara significação do livro como obra impressa, com todas consequências daí inerentes), decidiu-se estabelecer como elemento organizador da base de dados o nome e o número de identificação do autor.





Espanhol Antigo, que está associado ao Corpus Historiográfico de Espanhol Antigo.





## 3.2. OS ROSTOS DO SABER

### 3.2.1. Um conhecimento Universal: Tamayo de Vargas, Jesuíta e Cronista Mayor

Nesta segunda parte pretende-se reconstituir a concepção de saberes de cronistas de Sua Majestade, apresentados e divulgados nas respectivas Bibliotecas, de modo a entender melhor as práticas culturais relacionadas com o universo do conhecimento, aconselhável e dignificante, na Hispânia de seiscentos: da língua, do livro e do (s) seu autor(es), do suporte material do texto, enciclopédia de saber subjacente e conhecimentos divulgados, especialmente no que ao domínio da História e do historiador diz respeito.

Esta informação não foi analisada como correspondendo objectivamente ao movimento cultural seiscentista espanhol, no seu todo, mas tendo o valor de registo de historiadores-cronistas do reino, respectivamente, de formação religiosa e jurídica, que entre 1614 e 1676 observaram e integraram o grupo dos escritores-criados da Casa Real castelhana<sup>222</sup>, fixando representações naquelas obras. A análise dos dados fornecidos nestes repertórios permite-nos pois ver pelos olhos de quem viu, desde que conheçamos os olhos de quem vê<sup>223</sup>.

---

<sup>222</sup>Como se verá na última parte deste capítulo, em Pellicer há uma conjugação de interesses castelhanos e aragoneses, unidos na perspectiva de valorização da linhagem e do escol dos Grandes.

<sup>223</sup>Tomas Tamayo de Vargas é jesuíta, da escola de Toledo, amigo de Juan de Mariana e defensor oficial da História de Espanha daquele cronista: *Historia general de España del P.D. Juan de Mariana defendida... contra las advertencias de Pedro Mantuano*, Toledo, Diego Rodriguez, 1616; *Racon de la Historia del P.D. Juan de Mariana: de las advertencias de Pedro Mantuano contra ella: de la defensa del Doctor Don Thomas Tamaio de Vargas*, Toledo, Diego Rodriguez, 1616. Como cronista das Índias, tem acesso à informação do Conselho das Índias. O ser censor do Rei, dando sistematicamente parecer sobre a produção de obras de história e religião, possibilita-lhe um razoável domínio da produção histórica na Hispânia, tendo ainda acesso ao recém-criado Colégio Imperial de Madrid, uma das melhores bibliotecas (agora jesuítica) do reino. O desempenho, durante várias décadas, destes cargos criou-lhe uma rede de contactos que lhe permitiam ter acesso a uma vasta informação, a qual lhe possibilitou compilar as cerca de 3000 referências bibliográficas que compõem a sua Junta de Libros - recorde-se que a Bibliotheca, de Tomas Tamayo de Vargas, por ser a primeira no género, foi elaborada a partir da pesquisa e consulta directa dos textos, tendo só lateralmente recorrido a listas particulares. Será a partir da segunda geração de bibliófilos que se vai generalizando a prática de recorrer aos catálogos anteriores, completando-os. É por exemplo o caso, já referido, de Pinelo e de Nicolau Antonio, em que ambos afirmam terem usado a Junta de Tamayo de Vargas. Esta prática, se facilita o trabalho de compilação, faz aumentar os erros e as deturpações informativas.

Ao contrário da obra de Pellicer, que não dá praticamente referências de carácter bibliográfico, revelando despreocupação pelo rigor e pelo pormenor (por exemplo, refere *Genio de la Historia*, de S. José como Tratado de Método, o que impossibilita a identificação de muitas obras), a de Tomas Tamayo de Vargas é das bibliografias com referências mais cuidadas, completas e sistemáticas

*Junta de Libros*, de Tomas Tamayo de Vargas, como já se disse, permite, pela sistematização e pelo rigor com que apresenta os dados, reconstituir a "sua" visão, acerca do saber em geral e especificamente acerca da história e da religião, gostos e mesmo sensibilidade, relacionando posteriormente essas informações com dados retirados de outros tipos de fontes: catálogos de tipografias, pragmáticas permitindo venda de livros, registos notariais, listas de livreiros, inventário post-mortem.

Ao transcrever, quase sempre sem deturpação e integralmente, o título das obras, com a indicação do seu autor, formato, local, data e impressora<sup>224</sup>, naturalidade e estatuto sócio-profissional dos respectivos autores, Tomas Tamayo de Vargas está a permitir a identificação (de autor, temática, cronológica e espacial) das obras impressas, tornando *Junta de Livros* um documento único para a análise da cultura moderna em Espanha

Como *Junta de Libros* é uma biblioteca maioritariamente de obras impressas, que abranjem 130 anos, é possível atribuir-lhes autoria, enquadrá-las espacio-temporalmente, e visualizar a evolução das preferências e as modificações culturais ao longo do período.

---

conhecidas para seiscentos. Rigor acrescido ou facilitado pelo facto de ser escrita em castelhano e por isso não traduzir nomes, nem apelidos, nem os títulos da obra. O cuidado bibliográfico só é comparável ao encontrado no P. Arejo, redactor do catálogo *Bibliotheca Selecta*, do Conde Duque de Olivares, já citado.

<sup>224</sup> A ausência de rigorosas referências bibliográficas, com a usual omissão da referência ao nome do autor, acrescida do facto de, na época, muitos dos títulos das obras de uma mesma temática serem idênticos, são dos maiores impedimentos para o conhecimento da história do livro na época moderna.

Analisando os mapas<sup>1</sup> das obras impressas por períodos, referidas em *Junta de Libros*, verifica-se uma descontinuidade na distribuição das tipografias, que é constante, e um desaparecimento progressivo da pulverização inicial, com concentração em Madrid.

Comparando os mapas da totalidade das obras impressas (nº 2) com o da distribuição das tipografias (nº 3), verifica-se que, com excepção de Madrid, há uma proporção inversa entre o número de tipografias e o número de livros editados, o que mostra o carácter precário da actividade tipográfica.

A contrariar esta tendência, o mapa nº 5<sup>2</sup> (Itinerário de algumas casas impressoras) exemplifica, com redes de tipografias em quatro localidades, a concentração da actividade tipográfica na zona centro-norte de Espanha, estabelecendo uma malha que apenas tem um prolongamento a Sevilha (com origem em Cuenca e o maior centro de actividade - 14 referências - em Madrid). Há também que registar a rede *Mei*, com centro principal em Valência (32 obras inventariadas em *Junta de Libros*) e extensão a Valladolid.

Quanto ao mapa das naturalidades dos autores referidos por Tamayo de Vargas (nº 5, p.214-215), há que sublinhar o seu valor relativo, pois entre os 1700 autores de que fala apenas indica o lugar de nascimento de cerca de 800<sup>3</sup>. Sobressai grande informação sobre os naturais dos centros que melhor conhece: Toledo e Madrid.

---

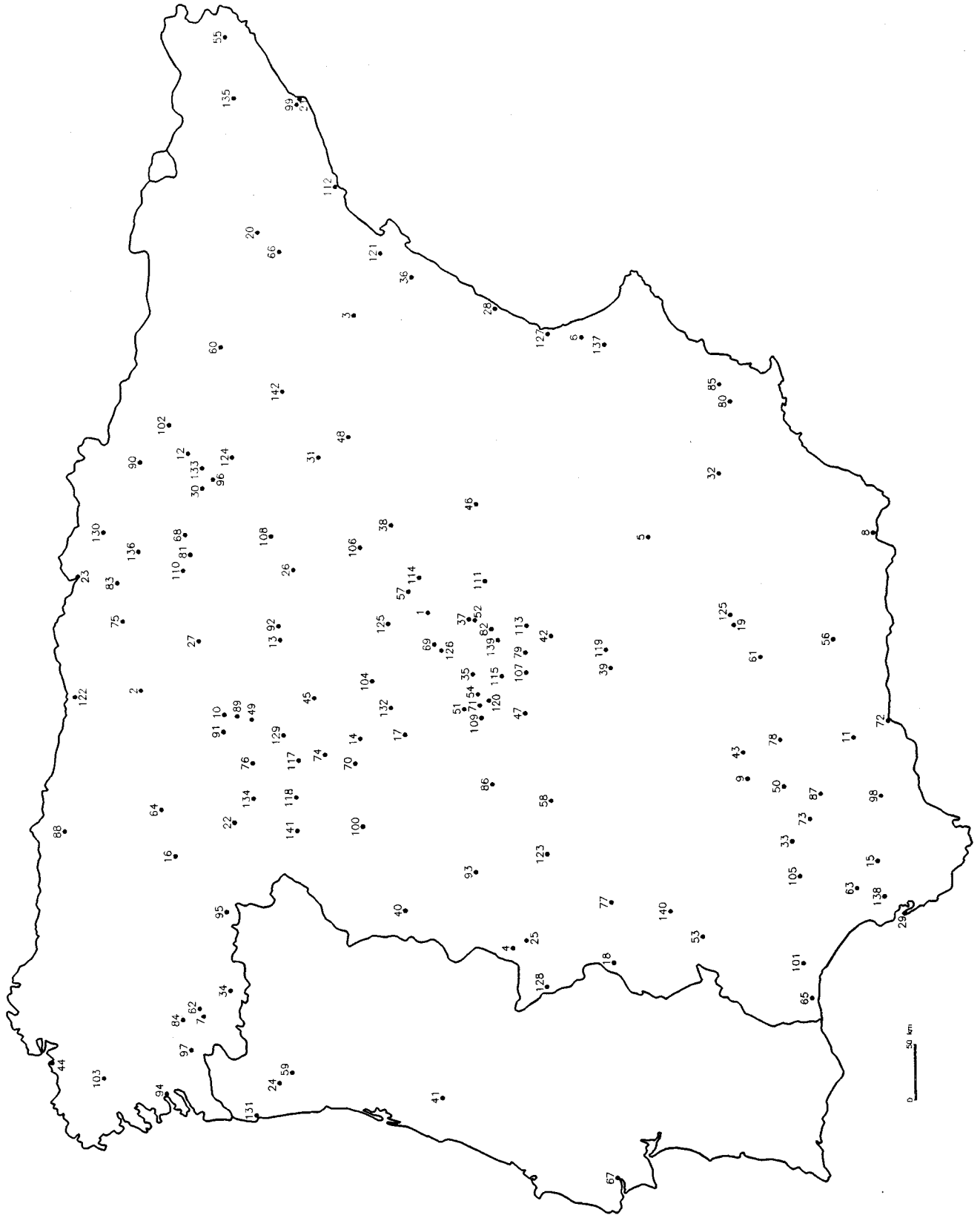
<sup>1</sup> Agradeço ao Senhor Dr. Rui Pimenta ter-me realizado estes mapas.

<sup>2</sup> Este mapa deve ser analisado em confronto com a lista das tipografias com actividade em mais de um local, incluída em Anexo I.

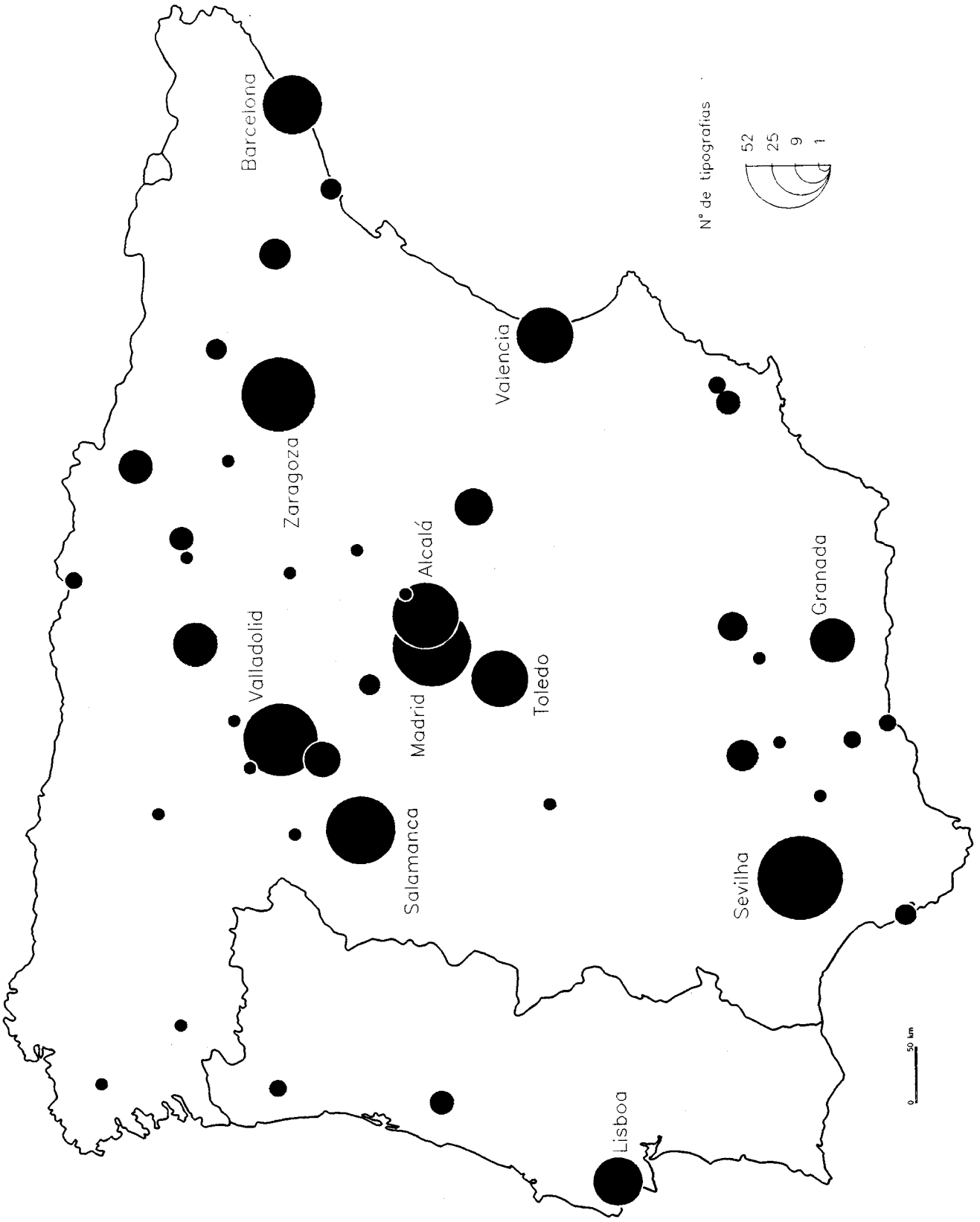
<sup>3</sup> Cfr. Lista dos autores e respectiva naturalidade, também incluída em Anexo I.

1	Alcalá	44	Coruña	81	Najera	121	Tortosa
2	Aguilar de Campoo	45	Cuellar	82	Ocañá	122	Trezeno
3	Alcañiz - Aragon	46	Cuenca	83	Orduña	123	Truxillo (Trujillo)
4	Alcantara	47	Cura de la Nava	84	Orense	124	Tudela
5	Alcaraz	48	Daroca	85	Orihuela	125	Ubeda
6	Algesnesi	49	Duenas	86	Oropesa		
7	Allariz - Galicia	50	Ecija (Ecija)	87	Ossuna	126	Valdemoto
8	Almeria	51	Escalona	88	Oviedo	127	Valencia
9	Almodovar	52	Estremera	89	Palencia	128	Valencia de Alcantara
10	Anusco	53	Fregenal de la Sierra	90	Pamplona	129	Valladolid
11	Antequera	54	Fuensalida	91	Paredes de Nava	130	Vergara
12	Aragon	55	Gerona	92	Peñaranda de Duero	131	Viana, de Lima (do Castelo)
13	Aranda de Duero	56	Granada	93	Plasencia	132	Villacastin
14	Arenalo	57	Guadalajara (Guadalajara)	94	Pontevedra	133	Villafranca
15	Arcos de la Frontera	58	Guadalupe	95	Puebla de Sanabria	134	Villalpando
16	Astorga	59	Guimarães (Guimarães) - Portugal	96	Rincon de Soto	135	Vique (Vic)
17	Avila	60	Huesca	97	Ridavia	136	Vitonia
18	Badajoz	61	Jacú	98	Ronda	137	Xativa (Jativa)
19	Baeza	62	Junquera (de Ambia)	99	S. Cugat del Valle - Barcelona	138	Xerez de la Frontera (Jerez)
20	Balaguer	63	Lebrixa (Lebrija)	100	Salamanca		
21	Barcelona	64	Leon	101	San Juan de pie del Puerto		
22	Benevente (Benavente)	65	Lepe	102	Sanguessa	139	Yege
23	Bilbao	66	Lerida	103	Santiago		
24	Braga	67	Lisboa	104	Segovia	140	Zafra
25	Brozas (Brozas)	68	Logroño	105	Sevilla	141	Zamora
26	Burgo de Osma	69	Madrid	106	Siguença (Sigüenza)	142	Zaragoza (Saragoça)
27	Burgos	70	Madrid	107	Sonseca		
28	Buriana (Burrina) - Valencia	71	Magueda	108	Soria		
29	Cadiz	72	Malaga	109	Sia. Olalla - Toledo		
30	Calahorra	73	Marchena	110	Sio. Domingo de la Calzada		
31	Calataiud	74	Medina del Campo	111	Tarancon		
32	Caravacca	75	Medina del Pumar	112	Tarragona		
33	Carmona	76	Medina del Rioseco	113	Temblecuc		
34	Carzoza	77	Merida	114	Tendilla		
35	Casarrubios del Monte	78	Montilla	115	Toledo		
36	Cati	79	Mora	116	Tordelaguna		
37	Chinchon	80	Utiel	117	Tordesillas		
38	Cifuentes			118	Toro		
39	Ciudad Real			119	Torrilba - Calatrava		
40	Ciudad Rodrigo			120	Tortosa		
41	Coimbra						
42	Consuegra						

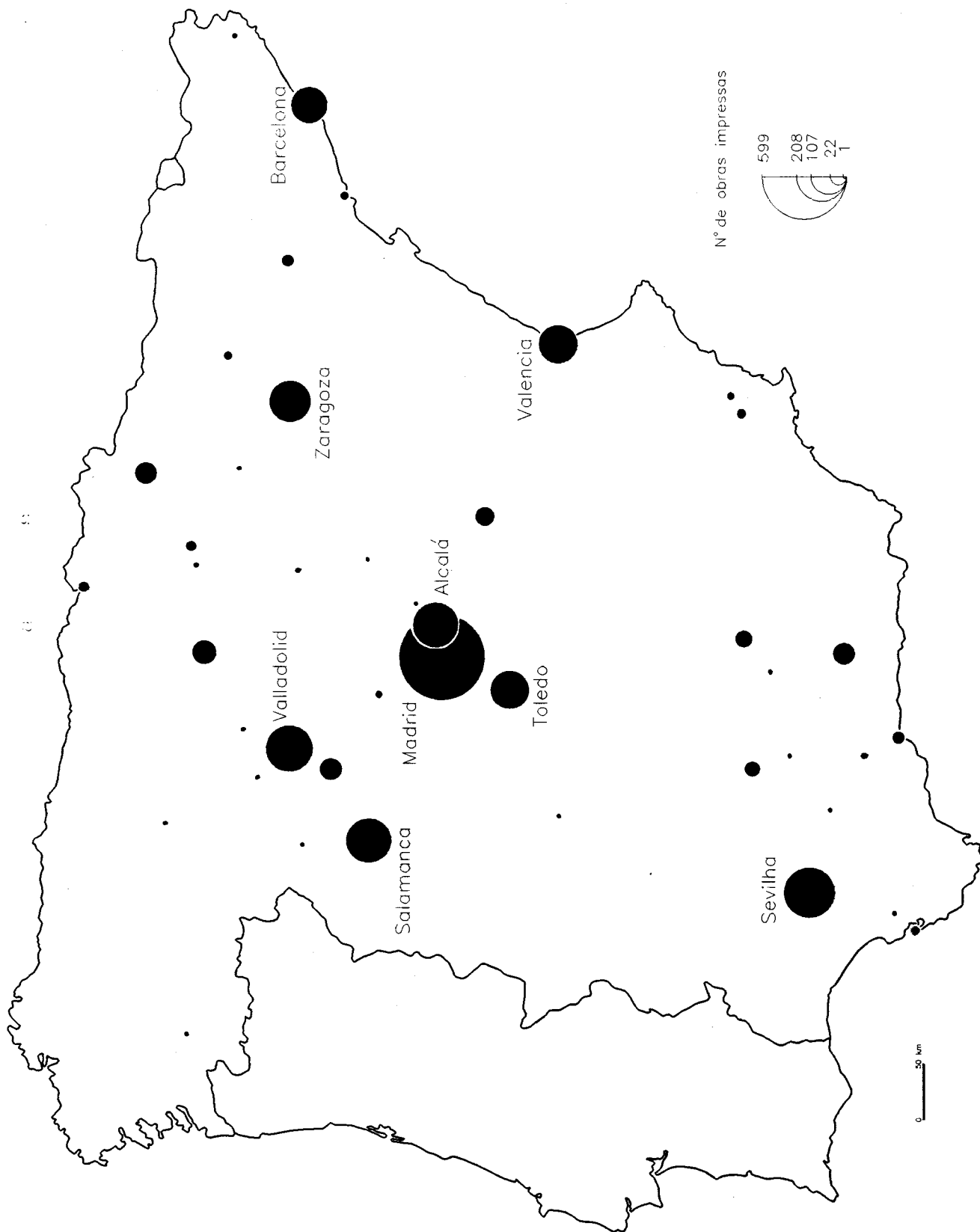
Fig. 1 - Distribuição dos lugares figurados nos diferentes mapas



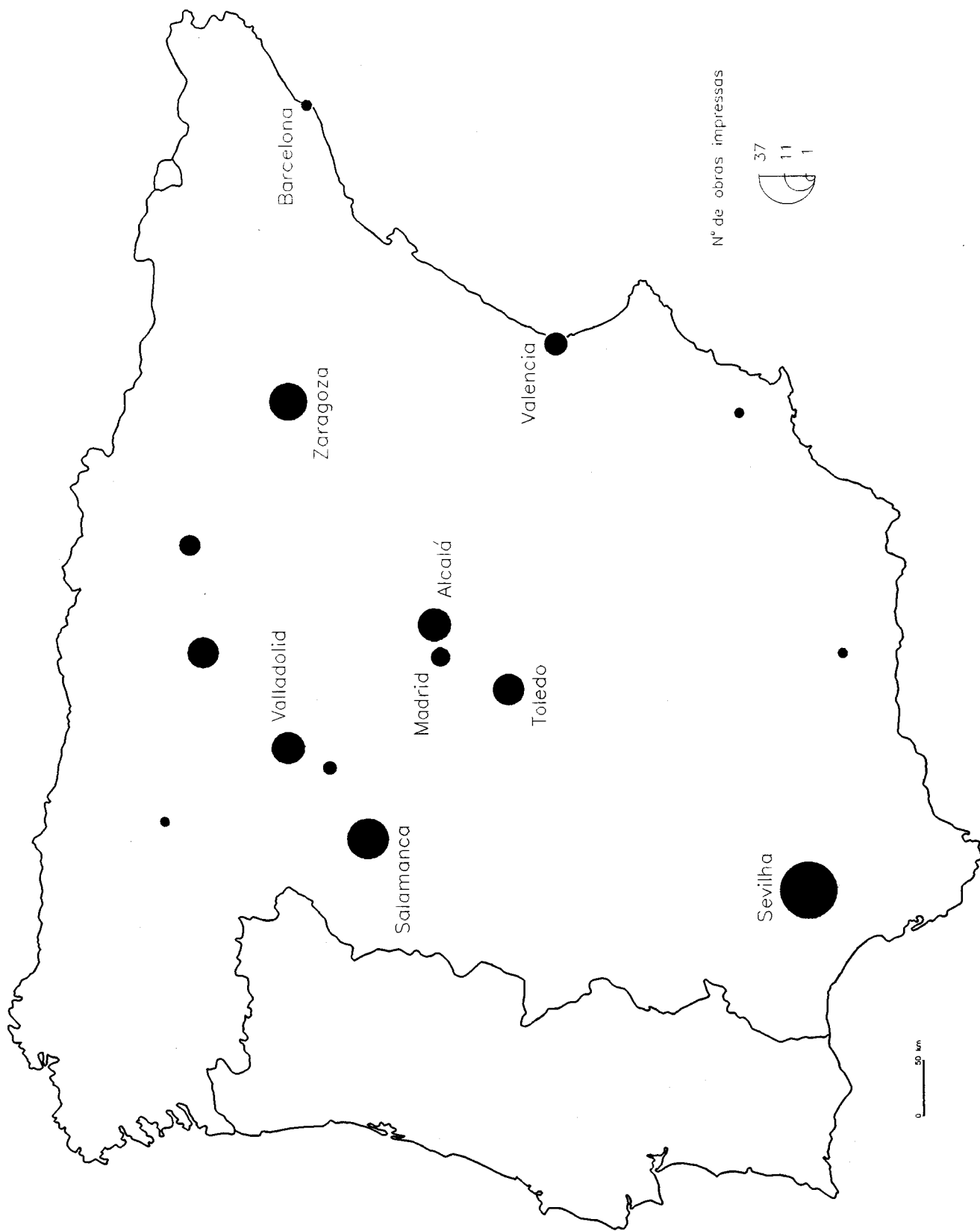
Nº 2 - Distribuição das tipografias em actividade entre 1453 e 1624 referidas em Junta de Livros



Nº 3 - Distribuição das obras impressas, referidas em Junta de Livros, por local de edição (1453-1624)

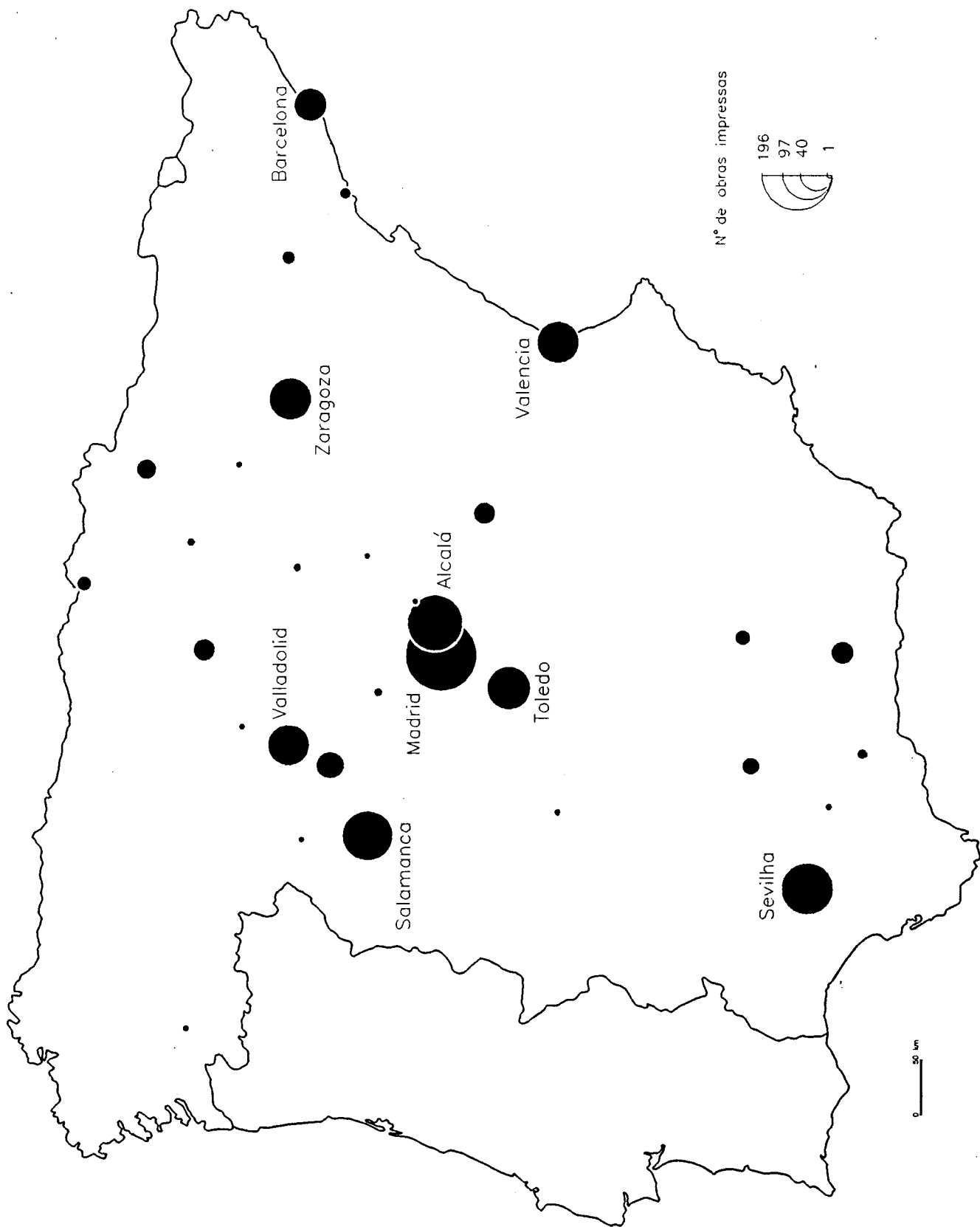


Nº 3A - Distribuição das obras impressas, referidas em Junta de Livros, por edição (1453-1535)

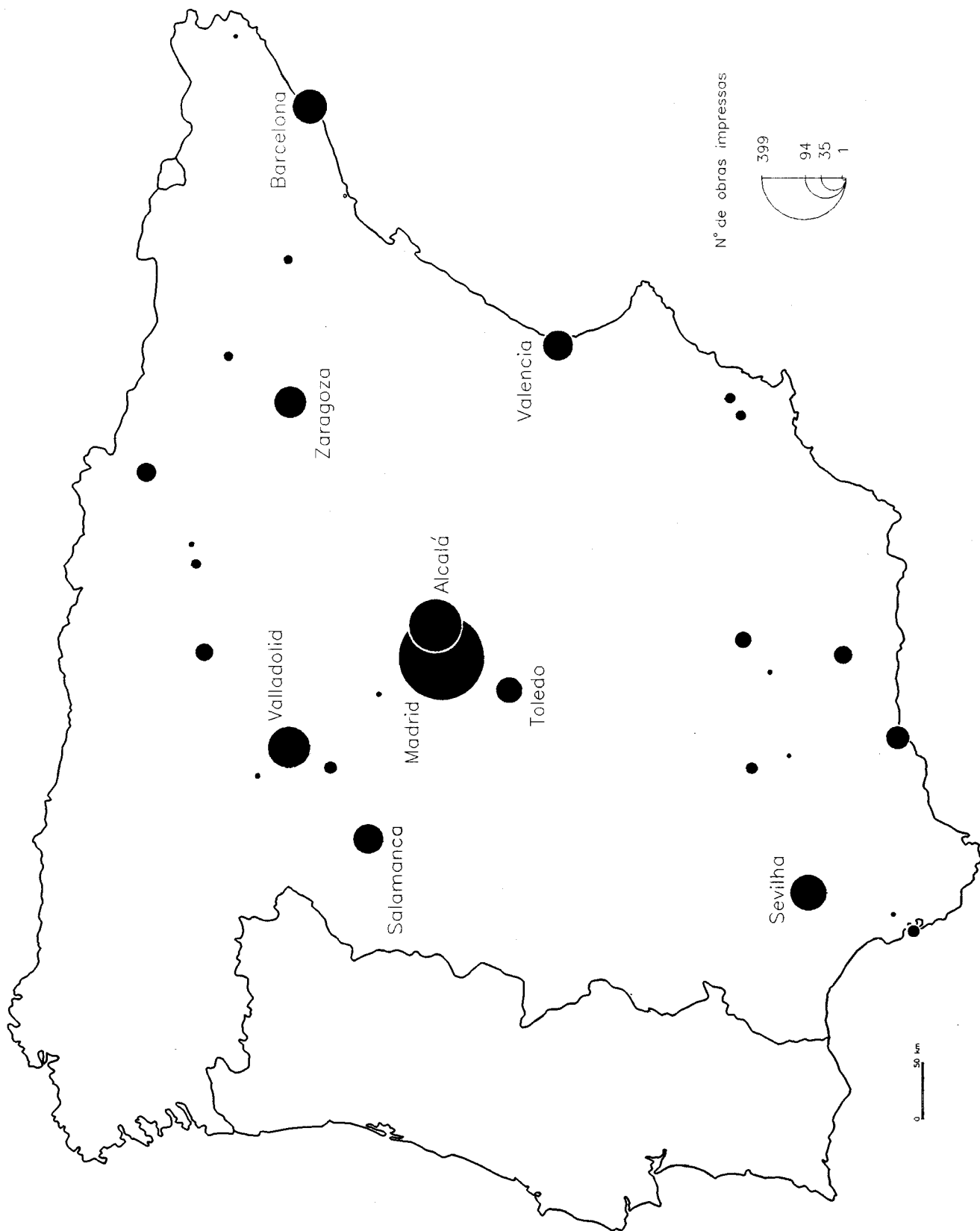




Nº 3B - Distribuição das obras impressas, referidas em Junta de Libros, por local de edição (1536-1602)



Nº 3C - Distribuição das obras impressas, referidas em Junta de Libros, por local de edição (1603-1624)



## Obras Impresas em localidades hispano-americanas

LOCAL	Qtd. Total	Fase A	Fase B	Fase C	S/data
Madrid	599	2	196	399	2
Sevilla	208	37	100	69	2
Valladolid	175	12	64	94	5
Alcala	168	12	117	37	2
Salamanca	164	19	97	47	1
Zaragoza	137	16	68	53	
Valencia	120	6	66	48	
Toledo	119	11	70	35	3
Barcelona	107	1	40	65	1
Burgos	45	11	17	16	1
Medina del Campo	38	2	28	8	
Granada	36	1	18	17	
Pamplona	36		14	19	3
[s.l.]	32	1	7	9	15
Cuenca	27		11	15	1
Baeza	22		8	13	1
Cordoba	18		11	7	
Mexico	17		10	7	
Lerida	10		6	4	
Malaga	10			10	
Logroño	8	5	2	1	
Bilbao	7		7		
Cadiz	7			7	
Lima	7		2	5	
Murcia	6	1		5	
Huesca	5		1	4	
Tarragona	5		4	1	
Tolosa	4	3			1
Perpiñan	3		3		
Segovia	3		2	1	
Antequera	2		2		
Burgo de Osma	2		2		
Callar	2		2		
Gerona	2			1	1
Irache	2			2	
Mallorca	2		1	1	
Najera	2			2	
Orihuela	4			4	
Ucles	2			2	
Agrigento	1		1		
Argentina	1		1		
Estella	1		1		
Guadalupe	1		1		
Jaen	1			1	
Leon	1	1			
Montilla	1			1	

Fase A 1453-1535

Fase B 1536-1602

Fase C 1603-1624

Muris	1	1		
Orense	1		1	
Osuna	1		1	
Palencia	1		1	
Ramona	1	1		
Rioseco	1			1
S. Lucar	1		1	
Sanctiago	1			1
Santiago de Latiluco	1		1	
Sigüenza	1		1	
Tudela	1		1	
Xerez	1			1
Zamora	1		1	
Guadalaxara	1		1	
TOTAL	2184	143	989	1013

2145 39

### Impressos em localidades fora de Espanha

Local	Qtd. Total	Fase A	Fase B	Fase C	S/data
Lisboa	46	1	19	25	1
Anvers	40	1	31	7	1
Napoles	19		7	12	
Milan	17		9	8	
Roma	17		10	7	
Bruselas	15		3	12	
Paris	15		5	10	
Venecia	11		10		1
Leon - Francia	8		8		
Coimbra	6		5	1	
Braga	3		1	2	
Colonia	3		2	1	
Burdeos	2		1	1	
Palermo	2		1	1	
Turin	2	1	1		
Basilea	1				1
Ebora	1		1		
Florenzia	1		1		
Genova	1		1		
Italia	1			1	
Lieja	1		1		
Lovaine	1		1		
Maguncia	1			1	
Manila en las Philippinas	1			1	
Praga	1		1		
TOTAL	216	3	119	90	4

A comparação destas informações com resultados revelados em estudos monográficos sobre o Livro e o movimento tipográfico espanhol<sup>225</sup>, elaborados a partir da identificação de casas impressoras e das respectivas publicações, permite aferir do tipo e dos níveis de representatividade das informações fornecidas por este autor.

Distribuição das tipografias em função da quantidade de obras impressas.

nº de tipografias por período

Livros	1453-1535	1536-1602	1603-1624
[1-11]	54	265	191
[12-21]	0	17	13
[22-31]	0	1	4
[32-41]	0	1	0
[42-51]	0	1	1
[52-61]	0	0	0
[62-71]	0	0	1
[72-81]	0	0	1
[82-91]	0	1	0
[92-101]	0	0	0
[102-111]	0	0	0
[112-121]	0	0	0
[122-131]	0	0	1
Total	54	286	212

Intervalo	1453-1535	1536-1602	1603-1624	Total
[1]	38	135	102	275
[2]	5	54	20	79
[3]	2	25	23	50

<sup>225</sup>Na época, poucos catálogos de livrarias, índices de livros, ou mesmo bibliografias, nomeiam o tipógrafo, o que parece significar algum desprezo por parte dos eruditos e bibliófilos por estes novos artesãos. Cardona e Paez de Castro, nos respectivos memoriais ao rei, consideravam obrigatória a conservação dos originais das obras impressas, por estas saírem à luz com mais erros e gralhas do que os textos manuscritos. Também o Marquês de Montalegre, na obra atrás referida, crítica e ironiza os tipógrafos, considerando que eles alteram os originais, deturpando-lhe o espírito e a letra. Por detrás desta posição adivinha-se um mal-estar relacionado com o facto de o Autor sentir que deixa de ser o possuidor, o último detentor da sua obra, que assim lhe escapa, apagando-se assim o seu papel pioneiro e primeiro. Esta será uma das causas dos múltiplos textos que surgem na época contra a imprensa, e não apenas a má impressão e os erros feitos pelos tipógrafos: “Y no sólo los libros que no han gozado la impresión tienen esta estimación, mas también de los que corren impresos, los antiguos manuscritos; porque muchas veces la ignorancia, descuido y no pocas la malicia en las Imprentas, suelen trocar, añadir o quitar a los libros, como cada día se experimenta esta falta, con grande incomodidad de la República literaria; y para averlos de corregir, y reducir a la pureza, y claridad de su primer origen, han sudado muchos insignes varones, cuyos escritos acreditan esta proposición, y sin estos antiguos Códices manuscritos carecíéramos de la primera y verdadera doctrina de muchos Padres de la Iglesia Católica, que restituidos a ella, leemos, y lo mismo se reconoce en la Jurisprudencia, Filosofía, buenas letras, y otras.”, Montalegre, op. cit., p.448.

O que provoca actualmente apenas o conhecimento das casas impressoras a partir de listas com as suas publicações, de pragmáticas e outros textos jurídico-administrativos, significando, na prática, encontrar informação referente sobretudo a médias e grandes tipografias.

As indicações dadas em *Junta de Livros*, ao permitirem conhecer de forma mais completa e sistemática a rede de tipógrafos espanhóis entre meados de quinhentos e seiscentos, possibilita uma perspectiva nova sobre o carácter artesanal e precário daquela actividade.

Com actividade ao longo do período em análise, abrangendo as três fases, há apenas quatro tipografias: Emprenta Real (Madrid), Juan Iniguez Lequerica (Alcalá), Diego Fernandez Cordoba (Burgos) e Pedro Cuesta (Medina del Campo). Apenas 14 publicam entre 1453 e 1603 e 64 entre 1536 e 1624 (ver lista nºVII em Anexo I).

Assiste-se a uma progressiva concentração do movimento tipográfico em Madrid e ao desaparecimento da pequena oficina<sup>226</sup>, como se pode verificar pela observação dos mapas nº3, com a distribuição por períodos das obras impressas.

Não pretendendo, obviamente, *Junta de Libros* ser uma compilação exaustiva das tipografias espanholas na época, e muito menos um inventário completo dos títulos publicados, ela permite, no entanto, verificar a existência de um grande número de tipografias (cerca de 350), com um movimento editorial na ordem da 1-2 publicações por centúria. Se estes números, para a maioria das tipografias, não podem ser considerados como absolutos, são um índice da pequeníssima edição e do carácter artesanal em que assentava o movimento tipográfico espanhol - aliás visível comparando a lista nºVIII do Anexo I e o mapa nº2, com a distribuição das tipografias, com os mapas nº3, com a distribuição das obras impressas por períodos. Carácter artesanal reforçado pela verificação de que um considerável número de casas tipográficas (ou a mesma caixa de caracteres) têm actividade em diversas localidades, com médias anuais de produção muito baixas, como se exemplifica no mapa nº 4, através dos itinerários de algumas casas impressoras referidas em *Junta de Libros* e na lista nºX, em Anexo I. E que é ainda confirmada pelo formato das obras, de grande dimensão até meados de quinhentos.

Como se verifica pela lista nºVI em Anexo I, em que só um reduzido número de livros é, aliás tardiamente, referido por Tamayo de

---

<sup>226</sup> Apenas se refere o caso de Castela, por as indicações dadas por Tamayo de Vargas não permitirem concluir sobre a evolução do movimento tipográfico nos outros Reinos, como se comprova pelos gráficos anexos.

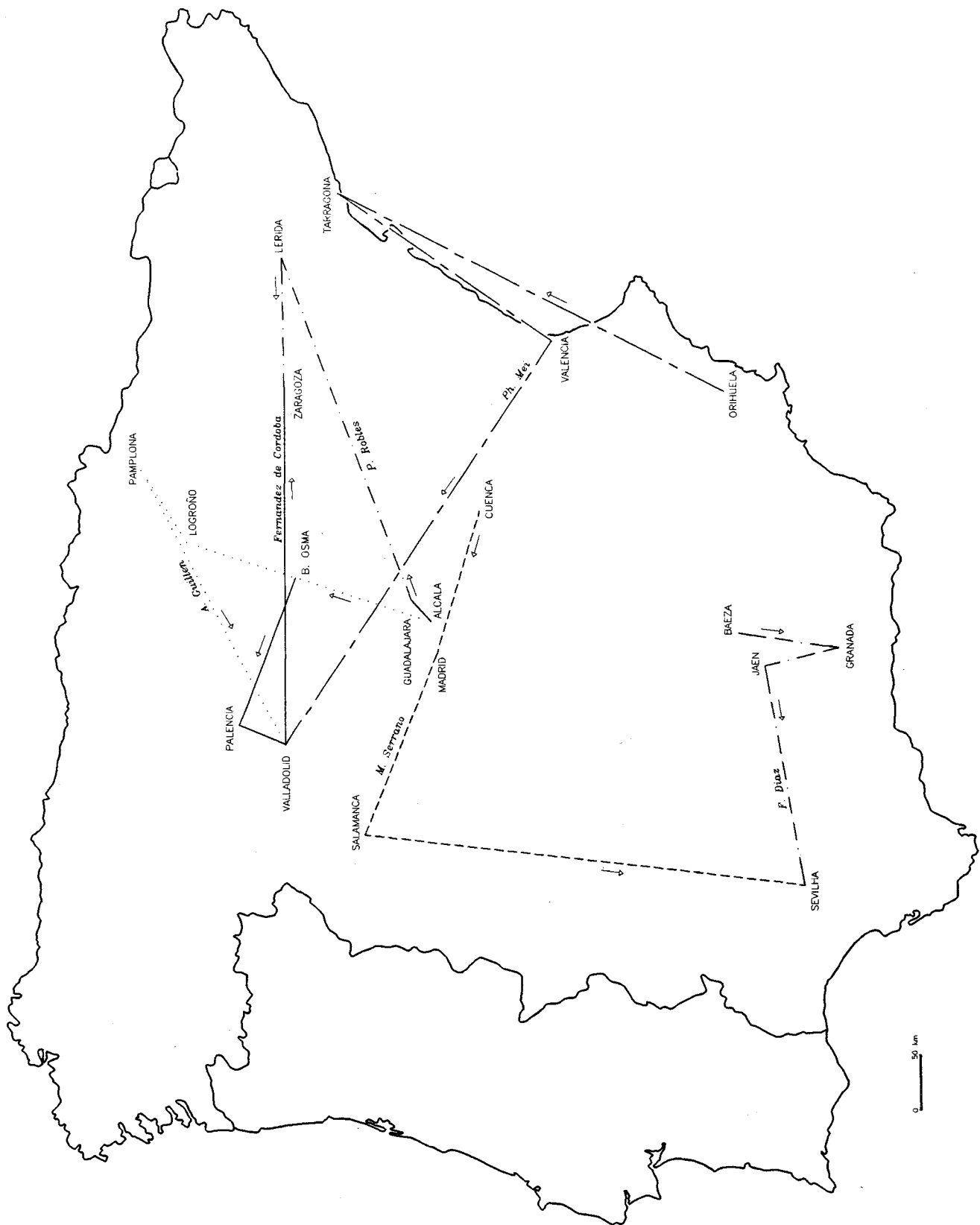
A primeira crise de impressão valenciana (de livros ainda em latim) não se sente em Junta (1510). Já a de Sevilha é detectada, pelo aumento da produção tipográfica que provoca em Salamanca, com o seu apogeu entre 1540-1575, altura em que a imprensa em Madrid começa a florescer.

Como Roja Vega verificou, a partir de 1600 muitos dos tipógrafos de Valladolid entram em crise, deslocando-se alguns deles para Madrid (caso de Varez de Castro), empregando-se outros a "soldo". O Autor refere vários tipógrafos que não deixaram testamento, devido à sua pobreza.

Cfr. Roja Vega, *Impresores, Libreros y Papeleros en Medina del Campo y Valladolid en el Siglo XVII*, León, Junta de Castilla Y León 1994, pp.63-66.

Vargas como sendo publicado em 12° e 16° (sobretudo livros didáticos: gramáticas e obras de doutrina).

Nº 4 - Itinerário de algumas casas impressoras referidas em Junta de Livros







A sua pequenez editorial, possivelmente associada a uma reduzida tiragem, ligada ao facto de a maior parte dos catálogos e listas de livros coevas (mesmo quando impressas<sup>227</sup>) não referirem o nome da casa tipográfica, provocaram o actual desconhecimento de grande parte dessas impressoras. Tamayo de Vargas, ao inventariar 2600 títulos de obras impressas<sup>228</sup>, acaba por nomear cerca de 50 tipografias até agora desconhecidas dos estudiosos do movimento tipográfico espanhol durante o Antigo Regime<sup>229</sup> (ver lista nºXI, de tipográficas ignoradas no século XX, em Anexo I).

Mas ao citar também títulos de obras manuscritas está a alargar o âmbito cultural da análise, possibilitando uma reconstituição do movimento livreiro e do livro impresso enquadrada no contexto geral da produção literária castelhana, entre meados de quinhentos e meados de seiscentos.

E, ao indicar a origem geográfica (ver mapa nº5) e social de cada autor e os seus cargos sócio-profissionais mais relevantes, está ainda a possibilitar uma leitura sociológica do autor, ainda que simples e muito rudimentar, mas que auxilia a compreensão da funcionalidade do texto e sua temática.

Por outro lado, o facto de Tomas Tamayo de Vargas ter já concluída em 1624 a obra, e de citar apenas títulos em língua espanhola (cerca de 3000), tem a vantagem prática de concentrar, entre 1535 e 1624, a informação sobre as diferentes temáticas. Reduzindo assim a sua própria falha quanto ao número de títulos até então escritos pelos diversos autores e por ele não referidos, permite a comparação actual da sua informação com outros estudos sobre o Livro no contexto Hispânico<sup>230</sup>, estudo impossível de concretizar se o objecto de análise fosse mais extenso.

---

<sup>227</sup>Caso de *Museo*, de Maldonado, de *Bibliotheca Selecta*, de Olivares, de *Epitome*, de Pinelo, ou da *Bibliotheca*, do próprio Pellicer.

<sup>228</sup>Estas obras, 80% das referências de *Junta de Libros*, não pretendem ser a reconstituição, nem da edição em romance, nem da totalidade da produção, nem sequer correspondem sistematicamente às primeiras edições.

<sup>229</sup> Marcelino Gutiérrez del Caño, "Ensaio de un catalogo de impresores españoles desde la introducción de la Imprenta, hasta fines del siglo XVIII", *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1899, t.3, pp.662-671; 1900, t.4, pp.77-85; pp-267-272; pp-667-678, pp-736-738.

<sup>230</sup> Em relação ao movimento tipográfico (tipografias, sua mobilidade e localização) e ao mundo do livro impresso, de uma forma mais ou menos sistemática, apenas se irão comparar os dados de Tomas Tamayo de Vargas com estudos de casos para o Reino de Castela: Alcalá, Salamanca, Valladolid, Burgos, Toledo, Madrid, por política e geograficamente corresponderem ao núcleo do objecto de análise. Aliás quase todos os membros dos Altos Cargos de Espanha passaram pelas Universidades de

Concluindo, as informações dadas por Tamayo de Vargas, pelas perspectivas que possibilitam, poderão ajudar a uma melhor identificação desses livros, objecto da "Bibliotheca", apresentando simultaneamente a sua concepção de biblioteca ideal.

Tentar-se-á compreender o processo do nascimento da disciplina histórica moderna na Hispânia integrando os dados sobre história, omitidos e fornecidos em *Junta de Libros e Bibliotheca*, de Pellicer, nas representações coevas da enciclopédia dos saberes.

Que livro, e que temas, devem ser recomendados para constituir uma biblioteca? Quais os que devem integrar o perfeito repertório universal? Quais os seus autores? O que é livro manuscrito? E o que deverá circular impresso?

As informações dadas por Tamayo de Vargas vão ser analisadas a partir do núcleo organizador Tema, com três relações: os temas dos livros; os livros: estampados e de "mano"; e os livros de história (e os seus autores) na sua integração na "Bibliotheca".

Como nem a *Junta de Libros*, de Tomas Tamayo de Vargas, nem a *Bibliotheca*, de Pellicer, têm índices de matérias, nem qualquer subdivisão ou classificação, tornou-se necessário criar uma organização temática - que foi o elemento relacionador e unificador dos vários campos, e um dos aspectos nucleares da análise. Tal classificação pretendeu, sem deturpar a ordem do saber destes autores, relacionar simultaneamente campos vários dentro de uma disciplina (cruzamento vertical), e articular géneros discursivos ou temáticos próximos (cruzamento horizontal), de modo a compreender qual o domínio da *história* e das suas relações e (imbricações) com outras disciplinas e matérias.

A organização temática, que adiante se apresenta, foi elaborada, retrospectivamente, a partir: 1- da tipologia "iluminista" de Gabriel Martin (1705)<sup>231</sup>, explicitada no século seguinte por Brunet<sup>232</sup>, passando

---

Alcalá, Salamanca e Valladolid. Só secundariamente, e em temática específica (ciências e medicina), se irão comparar as referências da *Junta* com a produção de Valência, Sevilha, Barcelona e Zaragoza. Segundo Rojo Vega, para o século XVI, Valladolid edita 642 impressos, Salamanca 598, Burgos 114 e Medina 40, não explicitando tratar-se de obras em latim ou em romance.

<sup>231</sup> Gabriel Martin, em 1705, dividiu a Biblioteca em obras de teologia, direito, ciências e artes, bellas-lettras e história (eclesiástica e profana).

a ser universalmente conhecida como a "classificação dos livreiros de Paris", continuando a ser actualmente ainda a mais usada - é o caso, por exemplo de F.Furet<sup>233</sup>, ou da classificação de Prieto<sup>234</sup>, esta mais próxima da enciclopédia aristotélica e portanto mais adaptada à ordem dos saberes seiscentista; 2- da observação da sistemática dos índices das bibliothecas hispânicas coevas, quer através de repertórios-catálogos (caso de Nicolau António<sup>235</sup>, Franco Barreto<sup>236</sup>, ou Barbosa Machado<sup>237</sup>), quer de bibliotecas-livrarias (particulares<sup>238</sup> ou reais<sup>239</sup>); 3- e finalmente da

---

Além das classificações de Naudé e Cláudio Clemente, de que já se falou, Jolly apresenta ainda, para o século XVII, a tipologia de Lucas d'Achéry, monge de S. Mauro, que, apesar de sobrevalorizar as temáticas religiosas e teológicas, considera já disciplinas autónomas, para além da Jurisprudência, Filosofia, Matemática, a História, a Gramática, a Poesia e a Oratória.

Cfr. Claude Jolly, op. cit., pp.382-384.

<sup>232</sup> Com efeito, será em 1810, Jacques Charles Brunet, em *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, quem normalizará a classificação.

<sup>233</sup> F. Furet classifica-os por cinco grandes temas: Religião, Direito, História, Ciências e Artes, Letras e Filosofia.

Cfr. *Livre et Société dans la France du XVIIIème siècle*, 2 vols., Paris\Haia, Mouton, 1965-1970, p.30, e ainda João Luís Lisboa, *Ciência e Política*, Lisboa, I.N.I.C., 1992, pp.70-83 e Jorge Borges de Macedo "Livros impressos em Portugal no século XVI. Interesses e Formas de Mentalidade", in *Os Lusíadas e a História*, Lisboa, Verbo, 1979, pp.49-55.

<sup>234</sup> Prieto organiza o saber pelas seguintes áreas: Religiosidade e Teologia; Direito e Política; Ciências (História Natural, Matemáticas e Astronomia, Medicina e Técnica) e Humanidades (História Civil, Filologia, Filosofia, clássicos greco-latinos, literatura e emblemas).

Cfr. Angel Weruaga Prieto, *Libros y lectura en Salamanca: Del Barroco a la Ilustración (1650-1725)*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 1993, pp.114-115.

<sup>235</sup> Nicolau António, *Bibliotheca Hispana Nova*, op. cit., p.535.

Teologia, Filosofia, Medicina, Direito, Política, Matemática, Traduções, Humanidades: Gramática, Retórica, Filologia, Studiorum Ratio. História, Poética, Vária Miscelânea, Fábula, Poesia Prosaica.

<sup>236</sup> *Biblioteca Lusitana Portuguesa*, Mss. Casa Cadaval (foi usada a fotocópia existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, B-1211, 6 vol.).

Bíblia (com discriminação dos livros), Teologia Escolástica, Teologia Moral, Teologia Parenética ou Homílias, Teologia Catequética ou Doutrina Cristã, Teologia Polémica, ou Controvérsia, ou Hereges, Teologia Ascética, ou Livros Espirituais, Teologia Mística, ou Orações, Teologia Exemplar, ou Vida de Santos, Teologia Positiva (inclui decretos; concílios; sínodos pontifícios), Vida de Santos, Vida de N.S. Jesus e Louvores, Padres e outros Escritores, Padres e Escritores Savios traduzidos, Obras Savias tiradas a luz, Philosophia, Logica, Phisica, Metafisica, Ética ou Política, Matemática, Aritmética, Corografia, Geografia, Astrologia, Música, Arquitectura, História Eclesiástica, História Profana, Fábula, Vidas, Panegírica de Varões Ilustres e Mulheres, Nobiliários ou Livros Genealógicos, Diálogos, Epistolário, Retórica, Oratória, Manifestos, Apologia, Historiadores e Oradores Ilustrados ou Traduzidos, Poesia Latina, Poesia Vulgar, Prosa e Verso juntamente, Cómicos, Poetas Ilustrados ou Traduzidos, Direito Civil e Canónico, Medicina e Cirurgia, Alveitaria, Eologia e Crítica, Humanidades, Gramática Oratória, e Obras Várias.

<sup>237</sup> *Biblioteca Lusitana*, 4 vol. Coimbra, Atlântida, 1969.

<sup>238</sup> Matheo Vasquez: *Orden por la cual tengo de poner mis libros: Teologia; Derechos; Filosofia; Historia; Poetas; Latinidade e Gramatica; Medicina; Griego; Vocabularios castellanos; catalanes, portugueses, italianos, franceses, todos por la misma orden*, in *Notata quaedam ex libris quos ad unguem perlegi, eo qui lecta sunt, ordine descripta*, Bib. Nac. de Madrid, Mss.9226, fl.237.

análise da conceptualização coeva de bibliotecas e distribuição dos seus livros pelas respectivas faculdades (como é o caso de Cláudio Clemente e Francisco Araoz<sup>240</sup>, para Espanha).

Esta observação permitiu verificar a existência de três grandes tipos de lógica organizativa: um, que tem ainda como núcleo singular a Bíblia e os Textos Sagrados<sup>241</sup>; outro, de matriz aristotélica acrescida de uma sobrevalorizada ordem teológica e religiosa, e uma excessiva esquematização das subdivisões temáticas (Nicolau António, ou Francisco Araoz); e um terceiro, de acumulação mais ou menos dispersa de temas (caso de Arias Montano), ou ordenada (caso das bibliothecas de Lorenzo Ramirez de Prado<sup>242</sup>, do Marquês de Montalegre<sup>243</sup> e do Conde

<sup>239</sup> Ver a já referida classificação elaborada por Arias Montano para a Biblioteca do Escorial em que estabelece uma primeira divisão entre manuscrito e impresso uma segunda, por línguas e tamanhos, fazendo finalmente uma distribuição, dispersa, por 65 temas. Não sendo a Bíblia já organizativa, não parece haver ainda núcleos temáticos polarizadores, antes um agregado de matérias.

<sup>240</sup> Francisco Araoz, *De Bene Disponeda Bibliotheca*, Matriti, Frãcisci Martinez, 1631.

"que trata del orden i disposiciõ para cõponer los libros de los estudios para el mejor conocimieto de las materias, i lugar que han de tener, que ha compuesto...Alguazil, mayor da Real Audiencia de Sevilla" distribui-os pelas seguintes Categorias:

1º- Tipógrafos e livros de impressão;	9º Políticos e juristas;
2º - Dicionários e gramáticas;	10º Canonistas;
3º- Retórica ;	11º Traduções e teologia (obras religiosas)
4º- Historiadores profanos, verdadeiros e falsos (inclui nestes Cervantes);	12º- Bíblia e comentários;
5º- Poetas profanos; cómicos;	13º-historiadores eclesiásticos;
6º-Geometria; Aritmetica; Música e Astronomia;	14º-Padres e doutores da Igreja ;
7º-Filosofia natural, Medicina, Agricultura, condições de Alimentos;	15º- Poetas espirituais e traduções.
8º-Philosofia moral, discursos, fábulas morais, hieroglifo, emblemas, símbolos, provérbios	

Em cada tema e sub-tema refere, como é prática na época, apenas os nomes dos autores que escreveram sobre aquele assunto.

<sup>241</sup> O exemplo modelo é, em pleno século XVII, a obra de Cláudio Clemente *Musei sive bibliothecae tam private quam publicae exstructio instructio cura, usus libri iv*, Lugduni, 1635, em que a Biblioteca é ainda estruturada em função da Bíblia e dos saberes sagrados.

Neste catálogo é de realçar o facto de os códices manuscritos serem referidos autonomamente, como matéria, significando que já são entendidos como documento, fonte de estudo.

<sup>242</sup> Cfr. Joaquin Entrambasaguas, *La biblioteca de Ramirez de Prado*, 2 vol., Madrid, C.S.I.C., 1943.

<sup>243</sup> Os índices-catálogo das livrarias de Lorenzo de Prado, do Marquês de Montalegre e do Duque de Olivares têm duas características comuns: a divisão, no espaço da biblioteca, dos livros latinos, dos escritos em romance, dos manuscritos, e a valorização da temática histórica, que se concretiza, quer na abundância de livros referidos, quer pela desmesurada multiplicação de títulos de materias introduzidos nos índices. Como se pode verificar pela transcrição seguinte, a história, que se estuda e colecciona, é sobretudo a profana de carácter institucional e político, com inúmeras divisões geográfico-nacionais.

Voltando ao catálogo da biblioteca do Marquês de Montalegre é de salientar o facto de os livros latinos serem ainda classificados segundo as tradicionais áreas do saber, de matriz aristotélica,

enquanto as obras escritas em romance são já organizadas em função da valorização da memória histórica, quer eclesiástica, quer político-profana, como se comprova observando o quadro anexo.

"[Índice de matérias dos] LIBROS LATINOS

1. Ex Sacra Theologia.  
Biblia Sacra.
2. De Ivrisprudentia.
3. De Philosophia.
4. De Politica.
5. De Litteris Hvmianioribvs.
6. De Poesi.
7. De Symbolis hieroglyphicis, et emblematicis.
8. Grammatici avthores, qvi tam Hebraicae, quàm Chaldaicae, Graecae, Latine et Orientalium linguarum, viam ediscendi aperiunt, simulque nostrae Hispanicae, Italicae, Gallicae, et aliarum iungimus Grammaticas.
9. De Medicina.
10. De Geometria, Perspectiva, Mechanica, Arithmetica, Musica, atque Horographia.  
Qvi de Geographia, et Cosmographia tractarunt.  
De Astronomia, atqve Astrologia.  
Magiae vniversalis scriptores, vbi quidquid de optica Diuinatoria, Physiognomia, Chiromantia, et alijs naturae, et artis, quae Religioni Catholica non opponuntur, et qui prohibitam Magiam impugnant.
11. De Historia Ecclesiastica.  
Historia Ecclesiastica Generalis.  
Historia Ecclesiastica Hispana.  
Ecclesiastica historia Mediolanensis.
- 12.- De Historiis prophanis.  
Historiam Mvndi Vniversalem scribentes.
  - De Historia Graeca.
  - De Historia Romana.
  - De Historia Byzantina.
  - De Historia Hispana.  
Hispaniarvm Historiae a variis Auctoribus ordinatae per Regna Castellae, Aragonum, Nauarrae, et Portugaliae, cum Indijs Occidentalibus, et Orientalibus diuisae, et primum de Hispania Generali, et Regni Castellae.  
Indiarvm Occidentalivm.  
Aragonvm Historiae.  
Sardinia, et Corsica.  
Vasconiae, et Navarra.  
Lusitaniae.  
Indiae Orientalis.  
Abassinorum in India Orientali.
- De Historia Italica.
- Belgii eivsque Provintiarvm Historia.
- De Imperii Germanici Historia.
- Historia Septentrionalis, scilicèt Hungariae, et Bohemiae, Daniae, siue Danemarchia, et Noruegiae, Sueciae, Gothiae, et Filandriae, Poloniae, et Lituaniae, Moscobiae, et Rusiae.
- De Daniae, sive Danemarchiae, Noruegiae, et Holstiae, Sueciae, Gothiae, et Filandriae Historia.
  - De Poloniae, et Litvaniae, Moscobiae, et Rusiae historia.
  - De Magnae Britaniae hoc est Angliae, Scotiae, et Iberniae historia.
  - De Historia Galliae.
  - De Historia Asiatica.

- De Historia Africana Turcica.
- De Nvmismatibvs.
- De variis Bibliothecis per diuersos Auctores collectis.
- De libris iconvm.

Libri elegantissimas ostendentes imagines, tam Regum Principum, quam aliorum illustrium virorum, qui omnibus saeculis florere, et nonnulli ad picturam pertinentes.

## LIBROS EN LENGUA CASTELLANA

### I. De los libros en lengua Española.

- Historia Eclesiástica general.
- Historia Eclesiástica de los Reinos y Provincias de la Christiandad.
- Historia Eclesiástica de España y especial de Castilla.
- Historia Eclesiástica de las Indias Occidentales.
- Historia Eclesiástica del reino de Aragón y sus Coronas.
- De Navarra.
- De Portugal.
- India Oriental.
- De Italia.
- Sicilia.
- Milán.
- De Francia.
- De Inglaterra y Irlanda.
- Historia Eclesiástica Regvlar. Orden de San Benito.
- Del Cister de San Bernardo.
- San Basilio.
- De la Cartuxa.
- Se San Gerónimo.
- Orden de Predicadores de Santo Domingo.
- De la Religión de San Francisco.
- De los Capuchinos.
- Orden de San Agustín.
- Historia de la Religión del Carmen.
- De la Orden de la Santísima Trinidad, Redempción de Cautivos.
- De la de Nuestra Señora de la Merced, Redempción de Cautivos.
- De la Orden de los Mínimos de San Francisco de Paula.
- De la Religión de la Compañía de Iesús.
- De San Cayetano.
- De los Padres Agonizantes.
- De la Religión de Hospitalidad de San Iuan de Dios
- De la de San Antonio Abad.
- Historias de las Ordenes Militares:
- De la de Santiago.
- Calatrava.
- Alcántara.
- De San Iuan.
- De la Monstesa.
- De la Orden de Christo.
- Historia general.
- De historia griega.

Historia romana.  
Historia byzantina o Constantinopolitana.  
Historia de España, dividida por los Reinos que en sí comprehende, y primero de la general de España y especial de Castilla.  
Historia de las Indias Occidentales.  
Historia de los Reinos de Aragón, Valencia, Cataluña, Cerdeña y Mallorca.  
Del Principado de Cataluña.  
Del Reino de Valencia.  
Del Reino de Sardeña.  
Del Reino de Mallorca.

Historia del Reino de Navarra.  
Historia del Reino de Portugal.  
Historia de la India Oriental.  
Nobiliarios o genealogías de los Reyes, Señores y Cavalleros destos Reinos de España y de algunos de Italia.  
Historia de Italia, dividida por sus Provincias.  
De Roma.  
De Milán.  
Historia del Reino de Nápoles y Sicilia.  
Parma.  
Malta.  
Historia de Flandes.  
Historia del Imperio de Alemania.  
Historia Septentrional de los Reinos de Vngría, Bohemia, Suecia y Polonia.  
De Bohemia y Vngría.  
De Suecia.  
De Polonia.  
Historia del Reino de Inglaterra, Escocia y Irlanda.  
Historia del Reino de Francia.  
Historia asiática de la China, Persia, Egipto, Syria, Arabia, Etiopía, del Preste Iuan y otras Provincias Orientales.  
Historia africana, sarracena y demás de los Turcos y Moros.  
2. Varios libros de Teología, assi Escolástica como Moral, Expositiva y Predicable.  
Libros de Teología mística o espiritual.  
3. Libros de Philosophía natvral, Moral y Lógica.  
Philosophía o Historia natural.  
De Filosofia Moral.  
De la Lógica.  
4. Libros de Política, Gobierno y razón de estado.  
5. Libros de Bvenas Letras y Humanidad.  
Poetas castellanos, y despvés dellos los Portugueses, y traducidos.  
Poetas Portugueses.  
Poetas Griegos, y Latinos, y demás, traducidos en Castellano.  
Libros de Cavallería y Novelas.  
Varias Novelas.  
Varias Empresas, y Emblemas, y libros de Medallas.  
Medallas.  
Libros de Gramática Española, y otras.  
Libros de Medicina.  
Libros Matemáticos.  
De la Geometria, Arithmética, Música, Architectura y Pintura.  
De la Destreza de las Armas a pie y a cavallo, vso de la Gineta y Brida, y exercicio de Torear.



Duque de Olivares - de que se tratará mais adiante), predominando a valorização da história profana, europeia de carácter geral. As divisões e subdivisões estão relacionadas com a história política e nacional, e com a divisão pelos estados coevos.

Com base nestes diversos tipos de concepção, e a partir de uma primeira distribuição geral, elaborou-se a tipologia que a seguir se apresenta, tendo considerado como grandes temas<sup>244</sup>:

- 1.00 Arte de Memória(s) e Ideais
- 2.00 Artes de Governação
- 3.00 Arte: Linguagens e Escrita
- 4.00 Ciências (De Natureza Humana)
- 5.00 Ciência do Culto e Governo das Almas

De Geografía y Cosmografía. De Astrología."
--

José Maldonado y Prado, *Museo o Biblioteca selecta del Excelentísimo señor Don Pedro Nuñez de Guzmán...*, Madrid, 1677, cit. por Antonio RODRÍGUEZ-MOÑINO, "La colección de manuscritos del Marqués de Montealegre (1677)", op. cit., pp.307-344, e 427-491, pp.434-442.

<sup>244</sup> A tabela está duplicada, em folha solta, para facilitar o seu manuseamento na análise do capítulo e consulta dos apêndices.

<b>Código</b>	<b>Distribuição das obras por temas</b>	<b>Num Livros</b>
	<b>TOTAL DE OBRAS</b>	<b>3087</b>
<b>1</b>	<b>TOTAL TEMA</b>	<b>894</b>
1.00	ARTE DE MEMÓRIA(S) E IDEAIS	0
1.01	TOTAL	506
1.01.00	HISTÓRIA PROFANA	0
1.01.01	Total	136
1.01.01.00	A VISÃO DO TEMPO: Histórias Gerais e Mitos de Origem	0
1.01.01.01	Historia Universal e Geral do Mundo	28
1.01.01.02	Historia Universal e Geral de Espanha	38
1.01.01.03	História das Antiguidades: Origens, Fundações de Reinos, Províncias e Cidades	39
1.01.01.10	Acerca da Natureza da História: sua escrita, de várias antiguidades e controvérsias	31
1.01.02	Total	276
1.01.02.00	VER NO TEMPO: Crónicas e Relações	0
1.01.02.01	Crónicas: de Reis, Reinos e Províncias	105
1.01.02.02	Corografias, Descrições e Relações de Viagens	32
1.01.02.03	Memórias, Discursos e Relações de Sucessos	100
1.01.02.04	Historiadores Clássicos e Obras de Inspiração Humanista	39
1.01.03	Total	94
1.01.03.00	PERPETUAR O TEMPO: Honra, Calidad e Servicio	0
1.01.03.01	Vidas de Ilustres e Grandes	61
1.01.03.02	Nobiliários ou livros genealógicos	33
1.02	TOTAL	388
1.02.00	HISTÓRIA DO DIVINO	0
1.02.01	Total	83
1.02.01.00	HISTÓRIA DO SAGRADO	0
1.02.01.01	Vida de Maria e Mariologia	26
1.02.01.02	Vida de Cristo e Cristologia	45
1.02.01.03	Vidas de Personagens Bíblicas	12
1.02.02	Total	305
1.02.02.00	HISTÓRIA ECLESIASTICA	0
1.02.02.01	Vidas de Santos e Religiosos	155
1.02.02.02	Da História Eclesiástica Secular	35
1.02.02.03	Ordens Religiosas e Congregações	98
1.02.02.10	Controvérsias	17
<b>2</b>	<b>TOTAL TEMA</b>	<b>339</b>
2.00	ARTES DE GOVERNAÇÃO	0
2.01	TOTAL	69
2.01.00	POLÍTICA	0
2.01.01	Tratados de Educação, Regras de Cortesão e Corte	25
2.01.02	Do Governo da Res-Pública	44
2.02	MILÍCIA	43
2.03	TOTAL	20
2.03.00	DA RIQUEZA	15
2.03.01	Agricultura	5
2.04	TOTAL	74
2.04.00	DIREITO	0
2.04.01	Direito Canónico	23
2.04.02	Direito Cível	34
2.04.03	Direito Político	17
2.05	RELAÇÕES DE SUCESSOS E DECLARAÇÕES	26
2.07	MEMORIAIS	14
2.08	TOTAL	81
2.08.00	ROTINAS MUNDANAS E RELIGIOSAS	17
2.08.01	Festas	39
2.08.02	Cântico e Música	25
2.10	CONTROVÉRSIAS	12

3	TOTAL TEMA	615
3.00	ARTE: Linguagens e Escrita	0
3.01	POESIA	121
3.02	DO ESTUDO ( e traduções) DOS CLÁSSICOS	119
3.03	TOTAL	215
3.03.00	LINGUAGENS DE VEROSIMILHANÇA	0
3.03.01	Literatura Moral: Histórias Fingidas, Novelas e Diálogos	131
3.03.02	Comédia	56
3.03.03	Panegíricos e Orações Fúnebres	28
3.08	EPISTOLÁRIO	16
3.10	MISCELÂNIA VARIA	13
3.19	INSTRUMENTOS DE HUMANIDADES: Dicionários e Gramáticas, Retórica e Poética	131
4	TOTAL TEMA	249
4.00	CIÊNCIAS (De Natureza Humana)	2
4.01	QUADRIVIUM	30
4.02	FILOSOFIA (inclui reflexão moral e metafísica)	23
4.03	MEDICINA, CIRÚRGIA E FARMÁCIA	130
4.04	FILOSOFIA NATURAL	18
4.05	ARQUITECTURA	10
4.06	COSMOGRAFIA, ASTRONOMIA E NÁUTICA	36
5	TOTAL TEMA	990
5.00	CIÊNCIA DO CULTO E GOVERNO DAS ALMAS	0
5.01	TOTAL	557
5.01.00	TEOLOGIAS	0
5.01.01	Teologia Geral e Doutrina Moral	190
5.01.02	Teologia Dogmática, dos Sacramentos e Catecismo	134
5.01.03	Ascética e Mística	233
5.02	TOTAL	165
5.02.00	TEXTOS SAGRADOS E INTERPRETAÇÕES	0
5.02.01	Bíblia e Comentários	57
5.02.02	Sermonário e Homilias	108
5.03	LITURGIA E ECLESIOLOGIA	268

Sendo uma classificação ponto de chegada, foi entendida como um percurso que possibilita várias ligações, e diferentes tipos de coesões entre os subtemas, desde a ampla distinção entre artes<sup>245</sup> e ciências<sup>246</sup>, a cruzamentos horizontais (entre géneros discursivos próximos), ou verticais (entre conteúdos do mesmo tipo), e ainda o enquadramento institucional dos saberes e respectiva utilização.

Esta construção, permitindo uma visualização de vários agrupamentos possíveis, ajuda a um entendimento do que seria (deveria ser) para Tamayo de Vargas, o texto e o Livro de historia na Espanha de seiscentos, e qual o seu peso, valor relativo e função na Bibliotheca

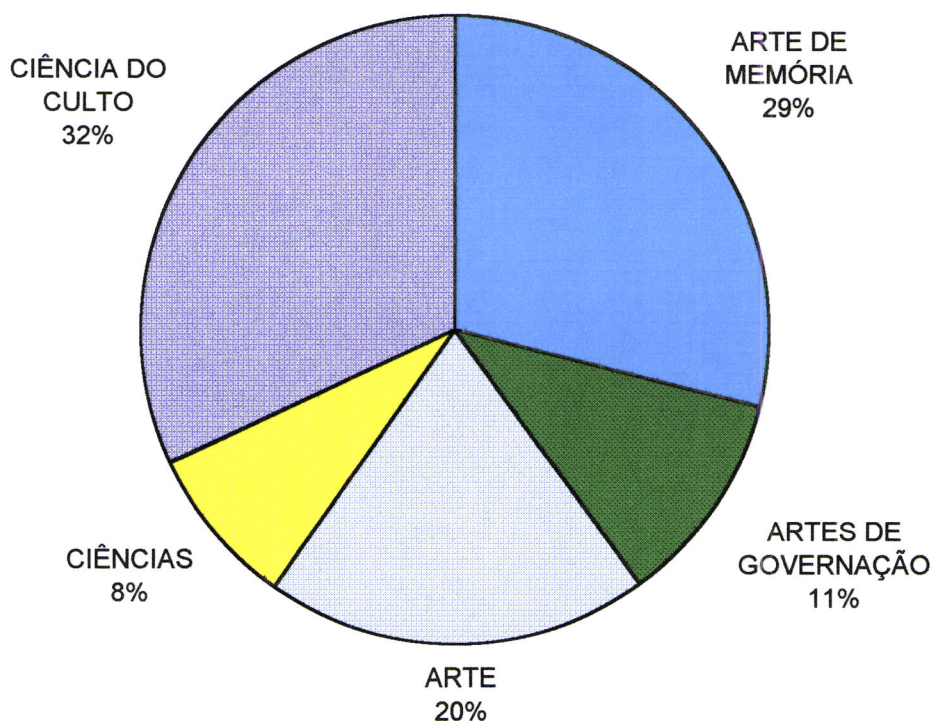
Finalmente, como já repetidamente se referiu, *Junta de Libros* tem valor pelo conjunto de livros que reúne, por se apresentar como um registo da totalidade, sabendo o Autor que a totalidade não é para

<sup>245</sup>" Ars est recta ratio rerum faciendarum; y assi toda cosa que no lleva su orden, razón y concierto, dezimos que está hecha sin arte", Sebastián Cobarruvias, *Tesoro de la Lengua...*, op. cit., p.153.

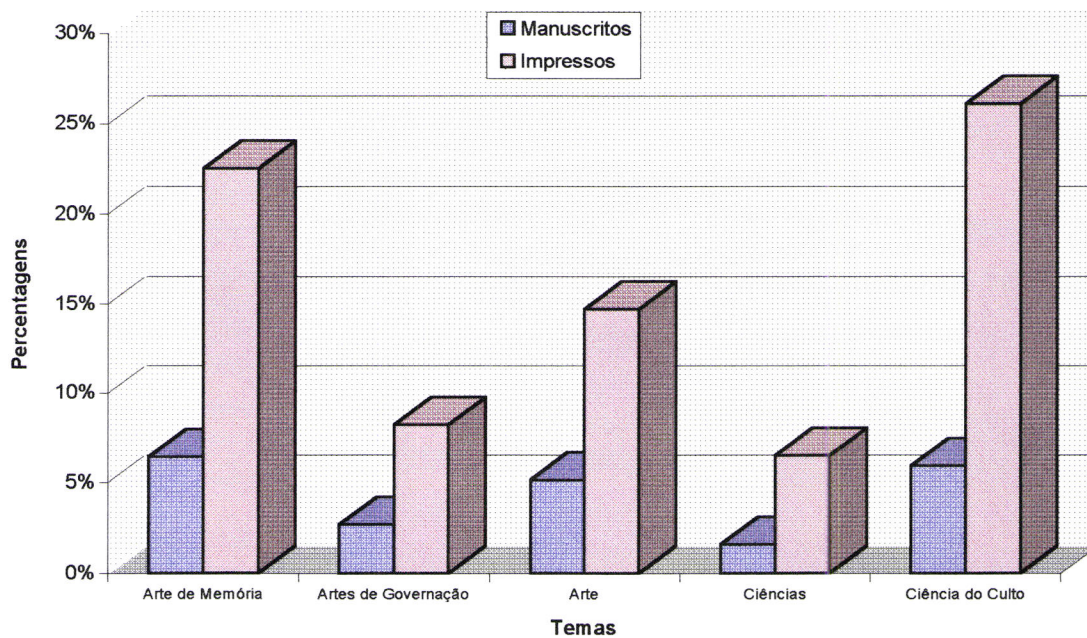
<sup>246</sup>Sebastián Cobarruvias, *Tesoro de la Lengua...*, op. cit., p.415:"el conocimiento cierto de alguna cosa por su causa".

Deriva de *scio*, saber com certeza.

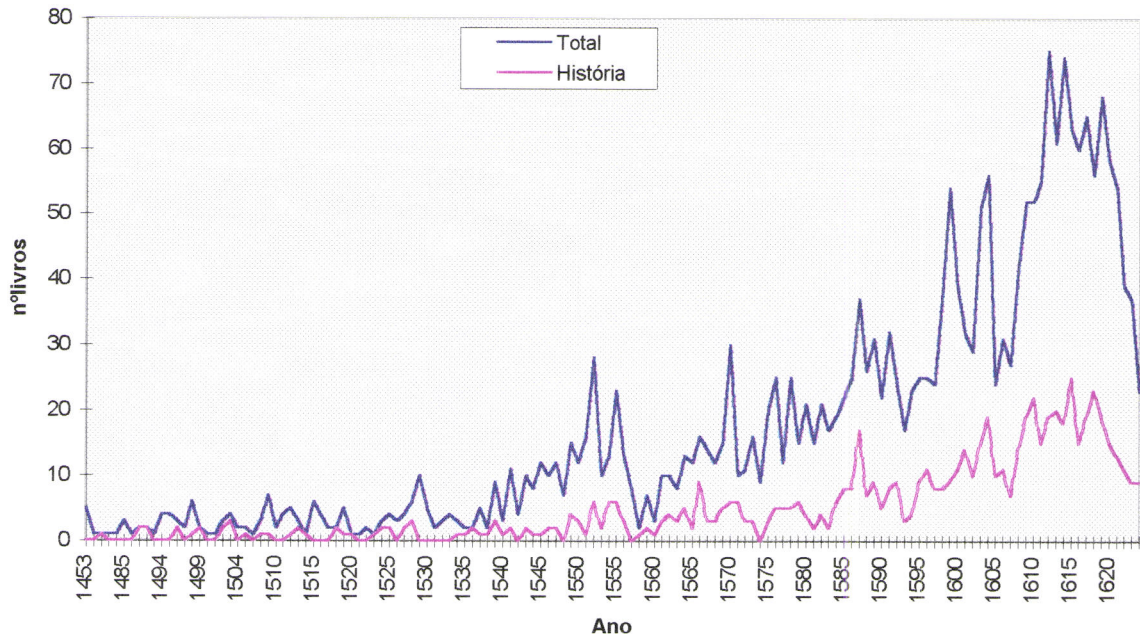
### DISTRIBUIÇÃO DAS OBRAS POR TEMAS



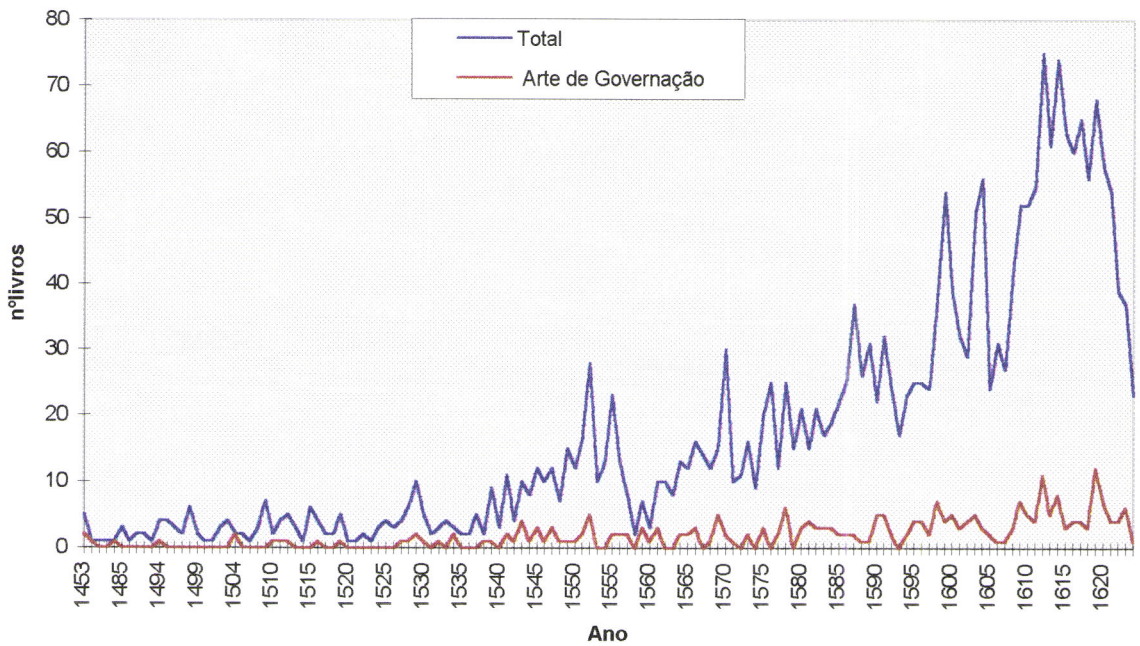
### Comparação entre Obras Manuscritas e Impressas



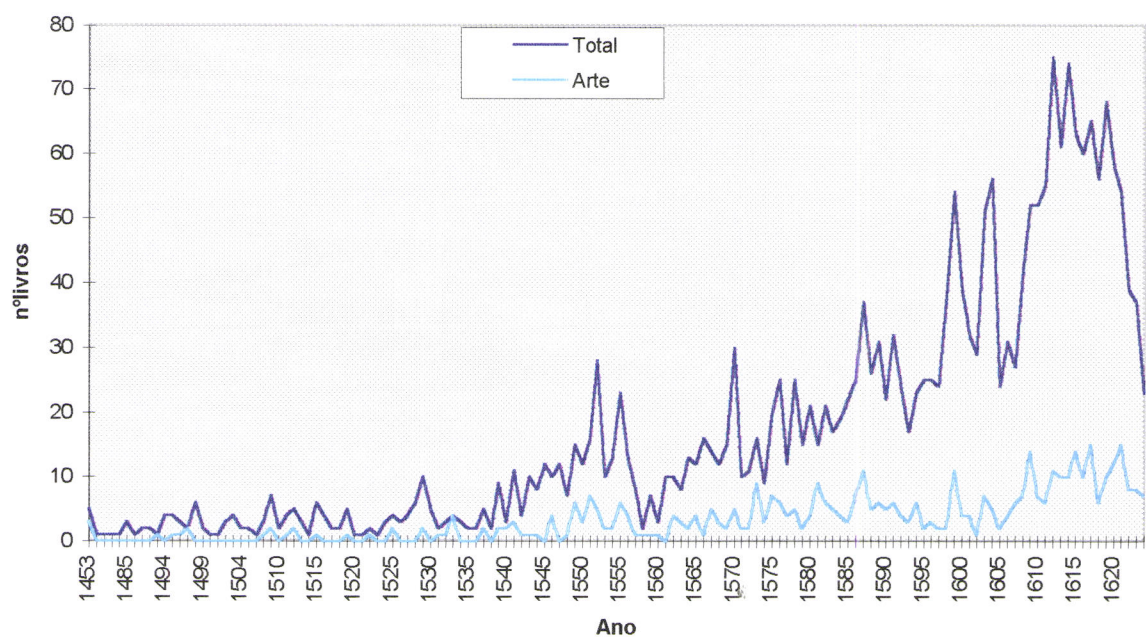
Referência às Obras impressas por Tema



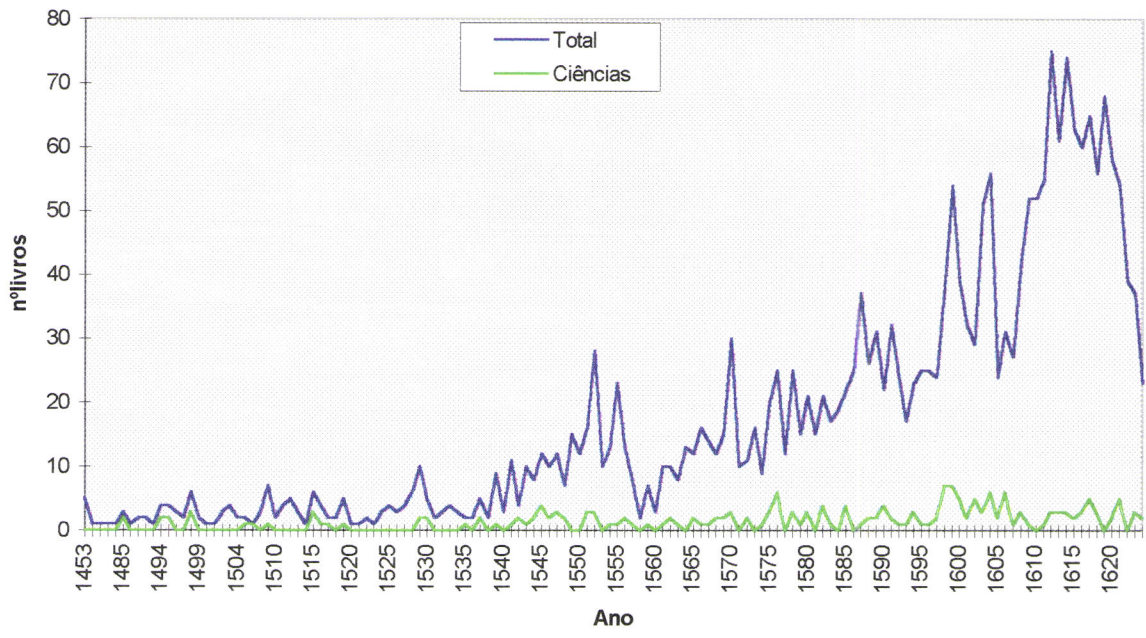
Referência às Obras impressas por Tema



Referência às Obras impressas por Tema



Referência às Obras impressas por Tema



conhecer, que a totalidade de "conhecimento" não é coincidente com a "totalidade da existência". Por isso selecciona um razoável (cerca de 3000) conjunto de obras que simultaneamente apresenta e divulga como representativas dos conhecimentos da época, em língua romance, e recomendáveis para nosso conhecimento e acção.

	Nº Obras	
<b>Autores só com Manuscritos</b>	140	179
<b>Autores só com Impressos</b>	1299	1806
<b>Autores com Manuscritos e Impressos</b>	259	1102
		497 Man.
		605 Imp.

Total M.	Total I.	% M.	% I.
676	2411	21.9%	78.1%

<b>TOTAL</b>	3087
--------------	------

Pela finalidade de *Junta de Libros* e sua função neste estudo, não pareceu justificar-se fazer uma análise minuciosa dos dados, mas apenas a indicação das grandes tendências.

A distribuição dos títulos pelos temas e subtemas foi a seguinte:

Tema	Manuscritos	Impressos	Manuscritos	Impressos	Impressos
História	6%	23%	22%	78%	29%
Artes de Governação	3%	8%	25%	75%	11%
Arte	5%	15%	26%	74%	19%
Ciências	2%	7%	20%	80%	8%
Ciência do Culto	6%	26%	19%	81%	33%
	22%	78%			100%

Distribuição das Obras por Temas segundo a forma material  
(impresso e manuscrito)

CODIGO	TEMAS	Total M.	Total I.	% M.	% I.
<b>1</b>	<b>ARTE DE MEMÓRIA</b>	<b>198</b>	<b>696</b>	<b>22%</b>	<b>78%</b>
1.01	História Profana	146	360	29%	71%
1.01.01	<b>A VISÃO DO TEMPO</b>	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>26%</b>	<b>74%</b>
1.01.01.01	H.G.Mundo	8	20	29%	71%
1.01.01.02	H..G.Espanha	13	26	33%	67%
1.01.01.03	H.Antiguidades	4	35	10%	90%
1.01.01.10	Natureza da História	12	19	39%	61%
1.01.02	<b>VER NO TEMPO</b>	<b>72</b>	<b>204</b>	<b>26%</b>	<b>74%</b>
1.01.02.01	Crônicas	28	77	27%	73%
1.01.02.02	Corografias	8	24	25%	75%
1.01.02.03	Relações	24	77	24%	76%
1.01.02.04	H.Humanista	12	25	32%	68%
1.01.03	<b>PERPETUAR O TEMPO</b>	<b>38</b>	<b>56</b>	<b>40%</b>	<b>60%</b>
1.01.03.01	Vidas	20	42	32%	68%
1.01.03.02	Nobiliários	18	15	55%	45%
1.02	História do Divino	52	336	13%	87%
1.02.01	<b>HISTORIA DO SAGRADO</b>	<b>7</b>	<b>76</b>	<b>8%</b>	<b>92%</b>
1.02.01.01	Vida de Maria	4	22	15%	85%
1.02.01.02	Vida de Cristo	2	43	4%	96%
1.02.01.03	Vidas P.Bíblicas	1	11	8%	92%
1.02.02.01	Vidas de Santos	22	133	14%	86%
1.02.02.02	H.Eclesiástica	4	31	11%	89%
1.02.02.03	Ordens Religiosas	16	82	16%	84%
1.02.02.10	Controvérsias	3	14	18%	82%
<b>2</b>	<b>ARTE DE GOVERNAÇÃO</b>	<b>84</b>	<b>255</b>	<b>25%</b>	<b>75%</b>
2.01	Política	12	57	17%	83%
2.01.01	TRATADOS	7	17	0%	1%
2.01.02	Do Governo	5	38	12%	88%
2.02	<b>MÍLICIA</b>	<b>7</b>	<b>36</b>	<b>16%</b>	<b>84%</b>
2.03	<b>DA RIQUEZA</b>	<b>7</b>	<b>13</b>	<b>35%</b>	<b>65%</b>
2.03.00	DA RIQUEZA	3	12	20%	80%
2.03.01	Agricultura	4	1	80%	20%
2.04	<b>DIREITO</b>	<b>25</b>	<b>50</b>	<b>33%</b>	<b>67%</b>
2.04.01	Direito Canónico	7	16	30%	70%
2.04.02	Direito Cívil	8	26	24%	76%
2.04.03	Direito Político	10	8	56%	44%
2.05	<b>DECLARAÇÕES</b>	<b>8</b>	<b>20</b>	<b>29%</b>	<b>71%</b>
2.07	<b>MEMORIAIS</b>	<b>7</b>	<b>7</b>	<b>50%</b>	<b>50%</b>
2.08	<b>ROTINAS MUNDANAS</b>	<b>11</b>	<b>70</b>	<b>14%</b>	<b>86%</b>
2.08.00	ROTINAS MUNDANAS	2	15	12%	88%
2.08.01	Festas	7	32	18%	82%
2.08.02	Cântico e Música	2	23	8%	92%
2.10	<b>CONTROVÉRSIAS</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>64%</b>	<b>36%</b>



<b>3</b>	<b>ARTE</b>	<b>160</b>	<b>455</b>	<b>26%</b>	<b>74%</b>
3.01	POESIA	30	91	25%	75%
3.02	CLÁSSICOS	56	64	47%	53%
3.03	LING.VEROSIMILHANÇA	47	168	22%	78%
3.03.01	Literatura Moral	33	97	25%	75%
3.03.02	Comédia	7	49	13%	88%
3.03.03	Orações Fúnebres	7	21	25%	75%
3.08	EPISTOLÁRIO	5	11	31%	69%
3.10	VARIA	4	9	31%	69%
3.19	INST.HUMANIDADES	18	113	14%	86%
<b>4</b>	<b>CIÊNCIAS</b>	<b>49</b>	<b>200</b>	<b>20%</b>	<b>80%</b>
4.00	CIÊNCIAS	0	2	0%	100%
4.01	QUADRIVIUM	4	28	13%	88%
4.02	FILOSOFIA	4	19	17%	83%
4.03	MEDICINA	31	99	24%	76%
4.04	F.NATURAL	3	15	17%	83%
4.05	ARQUITECTURA	0	10	0%	100%
4.06	COSMOGRAFIA	8	28	22%	78%
<b>5</b>	<b>CIÊNCIA DO CULTO</b>	<b>185</b>	<b>805</b>	<b>19%</b>	<b>81%</b>
5.01	TEOLOGIAS	108	449	19%	81%
5.01.01	Teologia Geral	37	153	19%	81%
5.01.02	Teologia Dogmática	28	106	21%	79%
5.01.03	Ascética	43	190	18%	82%
5.02	TEXTOS SAGRADOS	29	136	18%	82%
5.02.01	Bíblia	9	48	16%	84%
5.02.02	Sermonário	20	88	19%	81%
5.03	LITURGIA	47	220	18%	82%

Da distribuição dos 3087 títulos pelos diversos temas e subtemas, três primeiras conclusões se evidenciam: a introdução, no espaço da biblioteca, de obras e temas até aí não considerados conhecimento (relações sobre festas, entradas régias, canto e música, comédia, sermão, poesia e abundante literatura moral); a excessiva valorização da temática religiosa e histórica, em comparação com um reduzido número de obras sobre política, milícia e riqueza; e a quase inexistência de títulos relacionados com a ciência (de natureza humana).

A relação obra impressa-manuscrita é bastante homogénea nas várias áreas, com excepção dos livros de temática religiosa (História do divino, e Ciência do culto e governo das almas), que são impressos.

As oscilações verificam-se ao nível dos subtemas:

Ser *Instrumentos de humanidades*, subtema relacionado com o estudo da língua e afirmação do castelhano como idioma universal, um dos grupos com maiores índices de impressão, e *Estudo (e tradução) dos clássicos* dos sub-temas com menores índices, é revelador do empenhamento da Monarquia na divulgação dos assuntos relacionados com a língua e da descoberta da função multiplicadora da imprensa - atitude comparável com a sistemática publicação de livros de doutrina e catequese (sendo aliás significativo, no caso das Índias, o mesmo autor publicar gramática e catecismo), por um lado; e com o reduzido interesse no legado clássico, que foi assimilado individualmente, como instrumento de reflexão e desenvolvimento literário, por outro.

Quanto aos temas de maior percentagem manuscrita (livros de linhagens, memoriais, controvérsias<sup>247</sup>, epistolário), pelo seu carácter intimista, caracterizado por uma organização discursiva de relação individual e directa (eu-tu), só a partir de meados do século deixaram essa forma de divulgação.

Estes indicadores da relação entre suporte material do texto, tipo de discurso e sua função, tem duas excepções: o sermão e a comédia. Representações orais por natureza, fixadas em papel para se memorizarem, Tamayo seleccionou textos impressos para integrarem a sua biblioteca.

---

<sup>247</sup>Se as controvérsias políticas (67%) e os memoriais(50%) ainda são maioritariamente obras manuscritas, as de controvérsia religiosa já são impressas (82%), o que mostra o sentido planificado e unitário na acção da Igreja.

Com Pellicer, em meados do século, serão de divulgação impressa, revelando como a nobreza, e em particular os Grandes, já interiorizaram o poder da imprensa.

Por razões diferentes: em relação ao sermão, parece ter escolhido os que se diferenciavam, ou pelo seu valor literário-doutrinário, ou pela distinção das personagens de quem tratavam. Quanto à comédia, porque, sendo também género muito apelativo e empático, gerador de emoções (pelo carácter profundamente verosímil dos conteúdos, re-criados em imagem do quotidiano, através de linguagens directas e cómicas), podia exercer um profundo efeito condicionador de comportamentos, sendo elemento de integração social, ou produzir exactamente o efeito contrário. Considerado género potencialmente pernicioso e subversivo, a censura eclesiástica passou a exigir, a partir de 1559, a identificação do autor da obra, bem como a prévia aprovação do texto.

Estes mecanismos de controle (eclesiástico e, posteriormente, régio), vão impondo a impressão das obras, influenciando Tamayo de Vargas a registar quase exclusivamente comédia impressa<sup>248</sup>, de escritores duplamente autorizados (pela doutrina do que escrevem e pela formação e actividade religiosa que exercem): Lope de Vega, Alonso Geronymo de Salas Barbadillo<sup>249</sup>, Christoval de Figueiroa<sup>250</sup>, J.de Timoneda<sup>251</sup>, Lope de Barrientos<sup>252</sup>.

---

<sup>248</sup> Comédias manuscritas, apenas 5 em 56:

I.D.- 759, 1040, HENRIQUEZ DE GUZMAN, *Tragicomedia, Los Jardines, i campos Sabios*, (Mss).

I.D.- 1679, 210, VILLEGAS, SELVAGIA (*Comedia*), (Mss).

I.D.- 798, 2290, HURTADO DE TOLEDO, *Comedia de Preteo y tibaldo, disputay remedio de Amor*, (Mss).

I.D.- 715, 1863, GRAJALES, *Comedia dela Sangre encontrada*, (Mss).

I.D.- 1434, 2187, RUEDA, *Registro de representantes*, (Mss).

I. D.- corresponde ao número de identificação do autor na base de dados, e o nº seguinte ao nº da obra. A referencia bibliográfica completa, conforme surge em *Junta de Libros*, está em listagem transcrita em apêndice final.

<sup>249</sup> I.D.- 657, 108, GERONYMO DE SALAS BARBADILLO, *Rimas Castellanas*, 1618;

70, *La ingeniosa Elena hyja de Celestina*, 1614;

119, *Casa del placer Honesto*, 1622;

120, *El necio bien afortunado*, 1622;

109, *El Caballero puntual*, 1614;

110, *Segunda parte del Caballero puntual i la Comedia delos prodigios de Amor*, 1619;

112, *La Escuela de Celestina. 1ª parte*, 1620;

113, *El sagaz Estacio, o Marido examinado*, 1620;

114, *El Caballero perfecto*, 1620 ;

115, *El Subtil Cordobes Pedro de Urdemales*, 1620;

116, *El Cortesano descortes*, 1621;

117, *La sabia Flora mal sabidilla*, 1621;

121, *Don Diego de noche*, 1623;

118, *Los triumphos dela B. Soror Juana dela Cruz*, 1621.

<sup>250</sup> I.D.- 1536, 756, SUAREZ DE FIGUEIROA, *Historia i relacion delas cosas que hiçieron los Padres dela Compañia en Oriente*, año 1607, 1608, 1614;

761, *Echos de Don Garcia Hurtado de Mendoza. 4º Marques de Cañete*, 1613;

Num total de 56 títulos, Lope de Vega<sup>253</sup> é nomeado como autor de 18 livros de comédias, dois dos quais manuscritos (12ª Parte, 1619, e 13ª Parte, 1620), no entanto já com autorização de publicação.

--

Algumas conclusões imediatas:

A distribuição cronológica dos títulos impressos revela como a Bibliotheca é sobretudo a do livro impresso recente, especialmente versando temas coevos, já religiosos, já relacionados com a memória e actividades humanas.

Este excesso de informação não tem apenas a ver com o facto de se conhecer (e valorar) melhor o tempo em que se vive, mas está também relacionado com a actividade profissional de Tamayo de Vargas. Por ser jesuíta, do Colégio de Toledo, tem acesso à biblioteca da Companhia, referindo maioritariamente obras escritas por religiosos. Sendo cronista de Sua Majestade, das Índias e de Castela, tem autorização para aceder às respectivas bibliotecas. Como Cronista Mayor e censor, tem o explícito encargo de dar pareceres a autorizar a publicação de obras.

Quanto à súbita baixa de títulos em 1623-1624, ela é artificial, correspondendo apenas à conclusão da escrita da obra, ainda que com algumas referências posteriores<sup>254</sup>, ignoradas no gráfico para não deturpar a análise dos dados.

---

759, *España defendida*, 1612;

760, *La constante Amaryllí*, 1600;

758, *El Pastor Fido*, 1609;

757, *La Praça universal*, 1615;

762, *El pasajero, advertencias ala vida humana*, 1617.

<sup>251</sup> I.D.-1573, 2082, TIMONEDA, *Buenaviso y porta quentos*, (Mss);

2080, *1ª Pte. delas patrañas*, 1576;

2076, *Tres Comedias en prosa*, 1559.

<sup>252</sup> Com 3 comédias:

I.D.- 937, 2135, 2136, 2137.

<sup>253</sup> I.D.-525. Tamayo refere 38 títulos da autoria de Lope de Vega, correspondendo apenas 7a textos manuscritos.

I.D.- 525, 2162, FELIX DE VEGA CARPIO, *Vida y muerte dela Serenissima Dª Maria Reina de Escocia*, (Mss);

2159, *Nuestra Señora dela Almudena*, (Mss);

2158, *Relacion delas fiestas de Lerma*, (Mss);

2154, *Relacion delas fiestas que Toledo hiço al nacimiento de D. Philippe 4º Principe delas Españas*, (Mss);

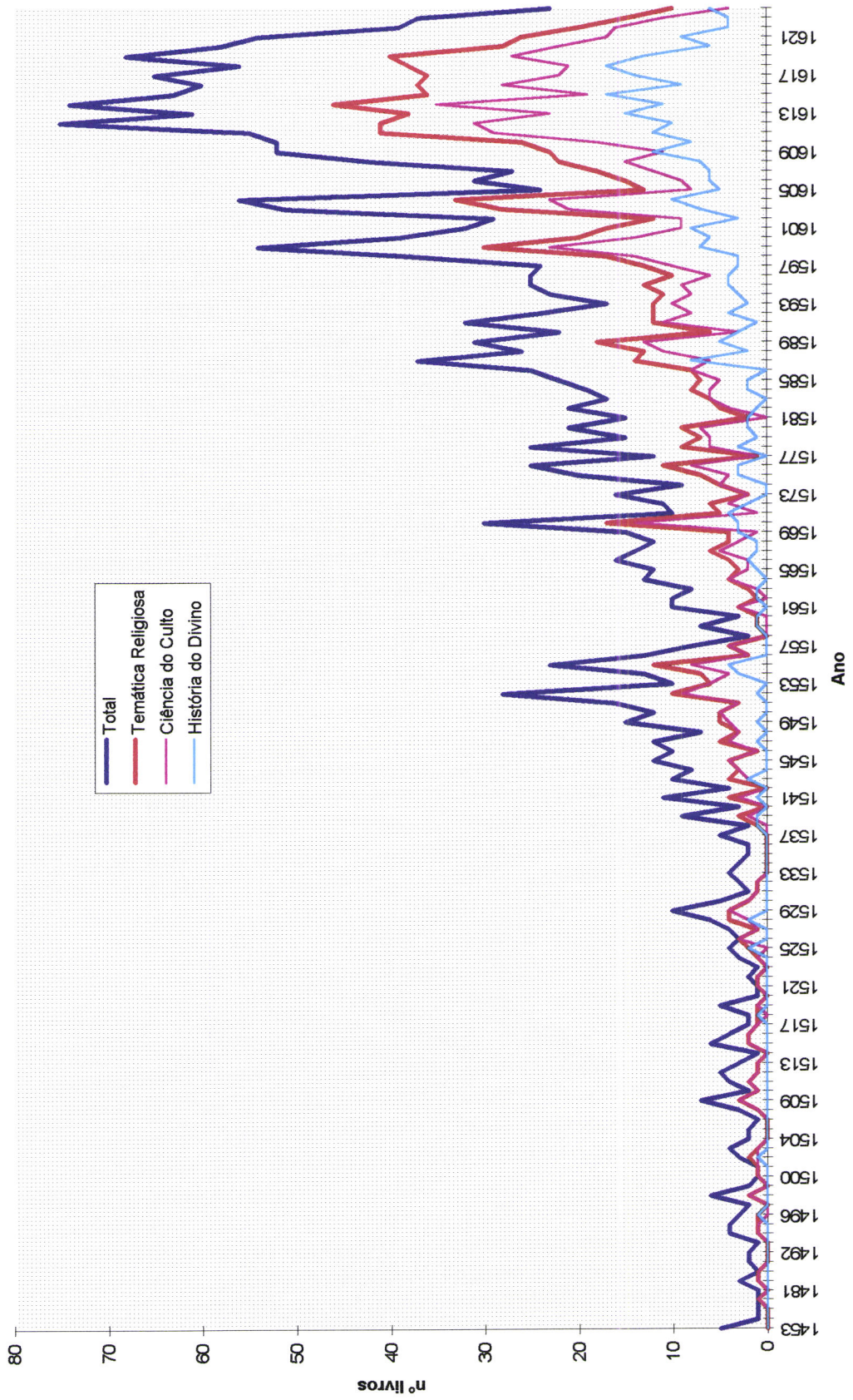
2149, *Rimas y arte de Comedias*, (Mss);

2172, *12ª Parte*, 1619, (Mss);

2173, *13ª Parte*, 1620, (Mss).

<sup>254</sup> Cerca de 4 para 1625, 5 para 1626, com a referência à edição de *Política de Dios*, de Quevedo, terminando em 1627 com 3 títulos.

# Temática Religiosa





Observando a distribuição temática, mesmo sem leitura dos seus títulos e análise dos conteúdos, verifica-se que *Junta de Libros* pretende ser uma biblioteca de divulgação, no sentido que Naudé atribuía a "pública".

A concepção subjacente não só está longe da livraria humanista de que se falou no capítulo anterior, como o está do gabinete de colecionador, correspondendo à nova biblioteca moderna.

*Junta de Libros* não é o espaço do raro, do precioso e original, é antes uma biblioteca de sentido utilitário, fortemente moralizadora.

Os livros de temática religiosa definem a tendência da Biblioteca — cerca de 40% dos títulos, correspondendo a 50% das obras impressas — mostrando a intenção e a planificação da acção pastoral, doutrinária e de condicionamento de condutas, por parte da Igreja.

Realizando um primeiro arranque na segunda fase do Concílio de Trento, impondo-se definitivamente a partir do fim do Concílio, consegue desencadear os meios e os veículos para concretizar rapidamente as respectivas directrizes — de que esta biblioteca é um exemplo.

Em consequência deste arranque tardio (em relação aos parâmetros cronológicos definidos por Tamayo para elaboração da lista dos livros abrangidos pela Junta), os números devem ser entendidos como indicadores reforçados, pois dizem respeito a um sub-período da biblioteca, que se torna assim nuclear. Em cerca de trinta anos, verifica-se um aumento muito acentuado das obras de temática religiosa, que passam a controlar a biblioteca de Tamayo (dominando também a impressão, pelo menos em centros tão importantes como Alcalá ou Salamanca).

Havendo uma interligação entre os interesses da Igreja e os da Corôa; retendo o Rei a aplicação de qualquer medida papal que não julgasse conveniente; cabendo ao Conselho de Estado decidir sobre a chefia dos altos cargos eclesiásticos, com a coincidência na mesma pessoa, muitas vezes, da dignidade de arcebispo e do título de vice-rei<sup>255</sup>, não há até cerca de seiscentos, por parte do poder político, a consciência

---

<sup>255</sup> Como foi o caso do principado da Catalunha, e da Nova Espanha, onde, além de mais, o clero está totalmente dependente do Conselho das Índias, sendo por seu exclusivo intermédio que tem acesso à Cúria Romana.

da importância de criar (o que implica divulgar) uma cultura política. Essa limitação é agravada pela fragmentação de poderes entre Castela e Aragão (com o principado da Catalunha), que impede a constituição de uma perspectiva unitária.

Quanto aos veículos e meios desenvolvidos pela Igreja, a justificação para este domínio, de perspectiva unitária, parece estar na coesa malha de centros difusores de conhecimento, nomeadamente colégios universitários para preparação de presbíteros (cerca de 45 em meados do século XVI, com a criação de mais 20 seminários - designação que passara a usar-se para esses colégios - até 1600<sup>256</sup>), interligados por um forte comando ideológico central, que define e controla uma ampla e homogênea estratégia em termos de acção, e que se concretiza em *Junta de Libros* em títulos<sup>257</sup> que sugerem uma seca apresentação de verdades.

A visualização cronológica dos títulos impressos imediatamente demarca três períodos: um primeiro (A), com início anterior a 1453 e que se prolonga até quase meados do século XVI; um segundo período, até 1603 (B), de desenvolvimento e afirmação da tendência, e um último (C), desde 1603 a 1624, com uma aceleração e um volume de referências desproporcional em relação ao período anterior.

As obras escritas entre meados de quatrocentos e meados de quinhentos estão insignificamente representadas: correspondendo ao início da imprensa em Espanha, edita-se quase exclusivamente em latim<sup>258</sup>; por outro lado, Tamayo de Vargas, elaborando a *Junta de Libros* por volta dos anos 20 de seiscentos, tem menos informação sobre os títulos escritos nessa fase; finalmente, um tempo mais longínquo retira-lhe utilidade, desvalorizando por isso o seu tratamento.

Não esquecendo que o autor de *Junta de Libros* refere expressamente ir compilar os modernos, sendo estes na época entendidos como os autores posteriores a 1500 - Nicolau Antonio também tomou essa data como a fronteira entre antigos (*Bibliotheca Vetus*) e modernos (*Bibliotheca Nova*).

---

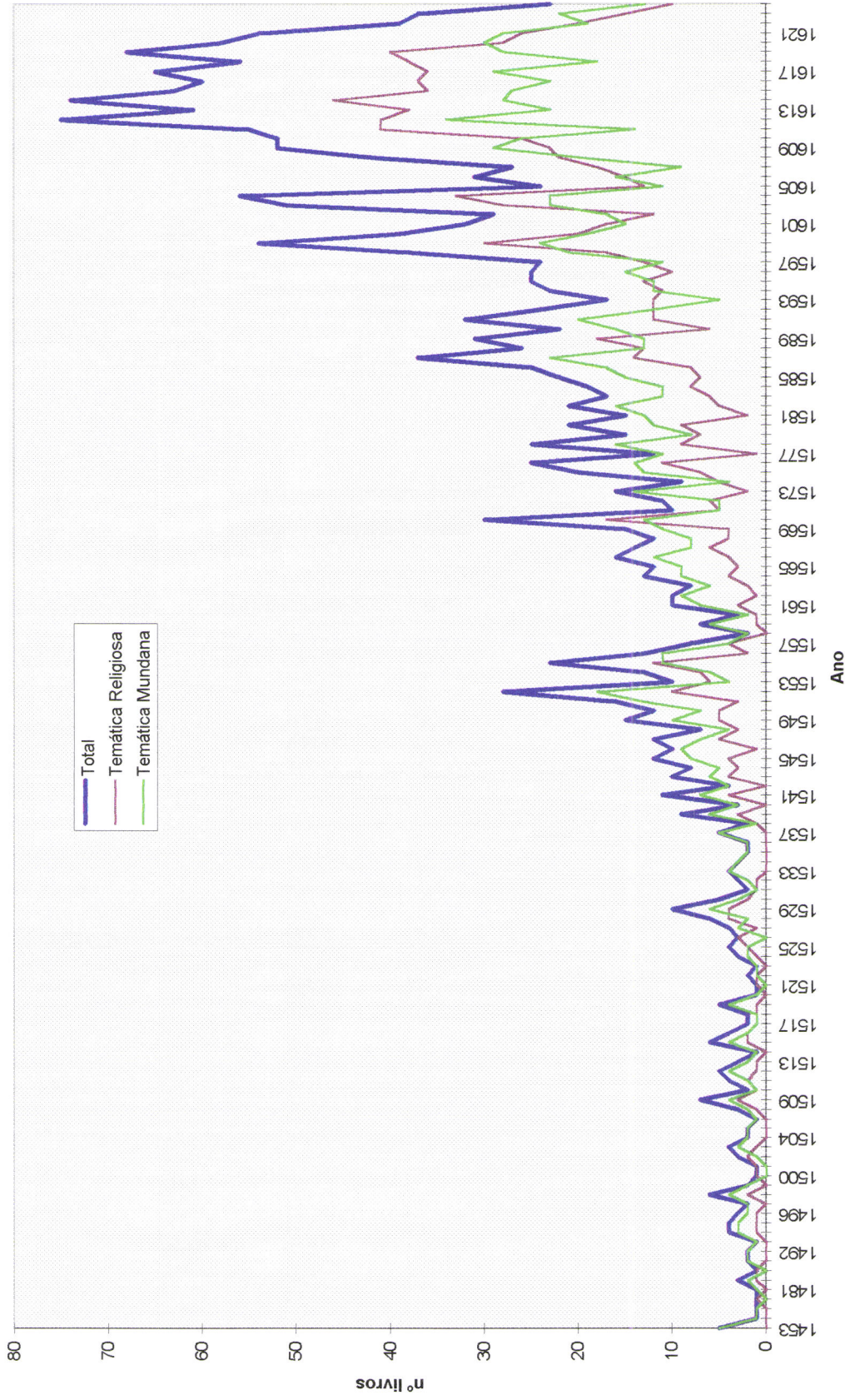
<sup>256</sup>Cfr. Manuel Teruel Gregorio de Tejada, *Vocabulário Básico de la História de la Iglesia*, Barcelona, Critica, 1993, p.395.

<sup>257</sup>Sobretudo nos temas 5.01.02 (teologia dogmática), 5.01.03 (teologia ascética) e 5.03 (eclesiologia).

<sup>258</sup> Cerca de 70% dos títulos, segundo o cálculo feito a partir dos catálogos de impressores de Alcalá, Toledo, Salamanca e Valência, já referidos. A partir de meados do século a percentagem de impressão de livros latinos desce para cerca de 50%.



### Temática Religiosa versus Temática Mundana





Quanto à definição dos períodos, estabeleceu-se a primeira fase a terminar em 1535 e não 1558, ano da quebra mais visível, por se considerar que o início do arranque cultural e tipográfico se dá na década de trinta, a partir das já referidas medidas de incentivo e controle por parte da corôa; coincidindo com o início da afirmação e publicação da escrita literária e oficial, em romance, e com o florescimento do estudo da Língua espanhola (correspondendo ao código 3.19).

Em relação à baixa de 1558, ela pode simbolicamente ser entendida como a despedida do Império, com a vitória de S. Quintin, ou do mundo cultural, acompanhando Carlos V na sua morte em Yuste. Podem facilmente encontrar-se outras razões: o ambiente paralisador, que provoca em 1557 a condenação do judaísmo (caso do arcebispo Carranza) pela Inquisição, com autos de fé em Sevilha e Valladolid e a posterior liquidação, nas mesmas cidades, de protestantes e a perseguição de erasmitas; ambiente que provocou, segundo Kamem<sup>259</sup> a medida de censura mais rigorosa no período, com o decreto, em 1558, que proibia a tradução castelhana de livros estrangeiros, que tinham de ser previamente autorizados pelo Conselho de Castela, e é completada com o Índice do Inquisidor Valdes<sup>260</sup>, publicado em Valladolid, em 1559 - catálogo de livros proibidos que Tamayo não pode deixar de citar, apesar de não referir os de Quiroga (1583-84) e Sandoval (1612).

Aliás, de 1557 a 1566 quase não se editam obras, nem de temas religiosos, nem de história do divino (apenas 11 títulos), talvez também por se esperar normativas de Trento.

Sendo o objectivo do estudo de *Junta de Libros* entender as grandes tendências do movimento cultural espanhol, dos Reis Católicos a Filipe IV, nomeadamente no que se refere ao processo de autonomização do pensamento acerca da história, torna-se necessário integrar o pensamento e a acção da nova Igreja nesse contexto: 1557-1560 corresponde à viragem ideológico-política, em Espanha, com o efectivo

---

<sup>259</sup>Cfr. Hency Kamem, *Vocabulário Básico de la Historia Moder* Barcelona, Crítica, 1986, pp. 43-47.

<sup>260</sup>I.D.- 1604, 1077, D. VALDES, *Catalogo i expurgatorio delos libros prohibidos*, 1559.

O primeiro índice conhecido é o Lovaine, 1546. A inquisição espanhola imprime-o com um apêndice para os livros em espanhol, editando posteriormente o de Valdés.

Cfr. Manuel Teruel Gregorio de Tejada, *Vocabulário Básico de la Historia de la Iglesia* op. cit., p.220.

O inquisidor Valdes, bispo de Oviedo, Sigüenza y arzobispo de Sevilha, Presidente da Chancelaria de Valladolid e do Conselho de Castela, será o instrumento de Filipe II na perseguição e submissão dos "menos ortodoxos", os alegados protestantes de Sevilha e Valladolid.

Cfr. F. Bouza Alvarez, *Historia de España. Los Austrias Mayores. Imperio y monarquia de Carlos I y Filipe II*, Madrid, Temas de Hoy, 1996, pp.72-73.

início do governo de Filipe II, e a afirmação de uma política sistemática por parte da Igreja, acção visivelmente reforçada na década seguinte, após a conclusão do Concílio, e que dará os seus frutos a partir da década de 80.

Se exceptuarmos 1558, as outras áreas temáticas não têm baixa acentuada, mas para este ano há sucessivas queixas de livreiros sobre o preço do papel, problema que aliás vai afectar Castela durante todo o Antigo Regime.

No período de 1535 a 1603 assiste-se a um crescimento geral e contínuo nas várias temáticas, não representando as quebras pontuais significativas alterações de tendência, já que a amplitude de variação em números absolutos é reduzida.

O terceiro período corresponde à dominância dos títulos de temática religiosa, que passam a ser em número superior aos profanos<sup>261</sup>.

Iniciou-se a terceira fase em 1603, e não em 1601, ano da primeira diminuição de registo de obras, por entendê-la como uma baixa artificial, correspondendo à reposição da ordem, que a morte de Filipe II, com a proliferação de sermões, orações e relações (cerca de 24 títulos), tinha alterado<sup>262</sup>. Aliás, a morte de Filipe II é o sucesso que aglutina maior número de títulos em toda a *Junta*, ao passo que a recente celebração da morte de Filipe III (1621), bem mais próxima da época de Tamayo, apenas fica assinalada pelo registo de 4 sermões.

Em relação ao ano de 1603, verifica-se uma descida de publicações em certas temáticas (sobretudo a 2 e a 3), porque Madrid sofre perda de importância, com a ida da corte para Valladolid, não conseguindo Salamanca ou Valladolid, já com níveis de produção reduzidos, compensá-la - apesar de a publicação na nova capital ter tido um aumento significativo na primeira década de seiscentos<sup>263</sup>.

---

<sup>261</sup>No período de 1603 a 1624, a média anual de impressão é de 50 livros, sendo 30 de temática religiosa (cerca de 20 obras relacionadas com a ciência do culto e governo dos homens, e 10 de história do divino), distribuindo-se da seguinte forma os restantes títulos: história profana, 6,5; humanidades, 9 (em que 4,38 são para a comédia e literatura moral); artes de governação, 5. Sobre ciências, publicam-se apenas em média 2,71, correspondendo metade da impressão a obras relacionadas com a saúde dos homens (1,38).

<sup>262</sup> Sendo a tendência de *Junta* definida pela temática religiosa, a observação dos gráficos respeitantes à distribuição das obras teológicas e de eclesiologia revela uma tendência constante de crescimento, reforçada por movimentos oscilatórios no âmbito do sermonário.

<sup>263</sup> Valladolid

Neste período, apesar das tendências de publicação de obras de temática religiosa e profana serem substancialmente diferentes, verifica-se uma certa autonomização da literatura política, visível nos títulos de obras de doutrina, militares e de governação.

---

<b>Data</b>	<b>Nº Títulos</b>
1603	9
1604	14
1605	6
1607	0
1608	2
1609	7

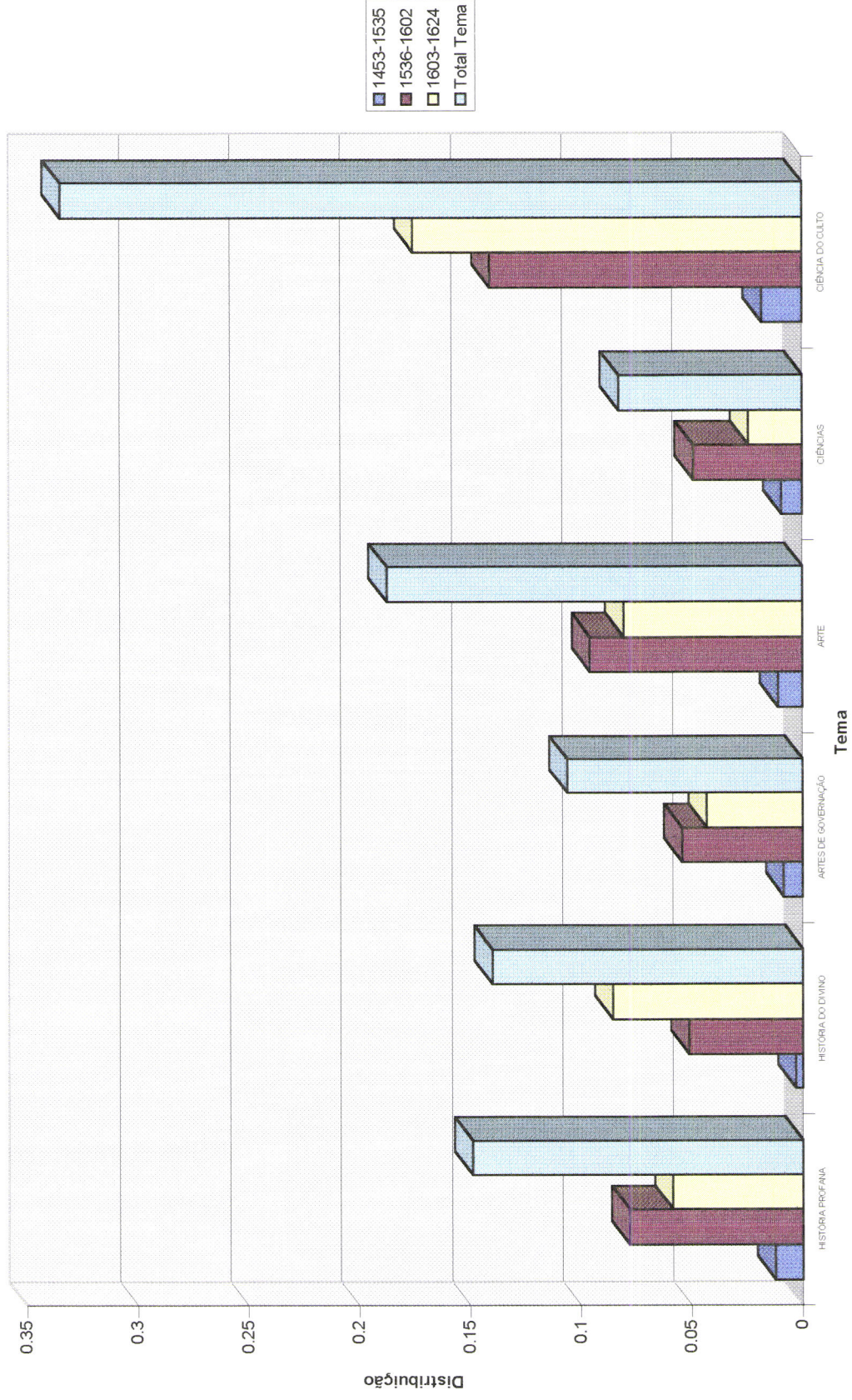
Valladolid é referido como centro impressor de 175 obras, 94 das quais correspondentes ao período que vai de 1603 a 1624. Entre 1603 e 1609, *Junta de Livros* indica 41 livros, sendo 11 títulos de História profana, 7 de do Divino, 5 de Artes de governação, 6 de Artes, 4 de Ciências do homem e 8 de Religião.

DISTRIBUIÇÃO DOS IMPRESSOS POR PERÍODOS

Tema		1453-1535	1536-1602	1603-1624	Total	Total Tema
1.01	HISTÓRIA PROFANA	29 1.23%	184 7.81%	138 5.85%	351	
1.02	HISTÓRIA DO DIVINO	7 0.30%	121 5.13%	202 8.57%	330	681
Total		36 1.53%	305 12.94%	340 14.43%		
2.01	POLÍTICA	2 0.08%	27 1.15%	27 1.15%	56	
2.02	MÍLICIA	2 0.08%	24 1.02%	10 0.42%	36	
2.03	DA RIQUEZA	1 0.04%	7 0.30%	5 0.21%	13	
2.04	DIREITO	2 0.08%	25 1.06%	20 0.85%	47	
2.05	DECLARAÇÕES	1 0.04%	12 0.51%	5 0.21%	18	
2.07	MEMORIAIS	1 0.04%	2 0.08%	4 0.17%	7	
2.08	ROTINAS MUNDANAS	11 0.47%	29 1.23%	29 1.23%	69	
2.10	CONTROVÉRSIAS	0 0.00%	2 0.08%	2 0.08%	4	250
Total		20 0.85%	128 5.43%	102 4.33%		
3.01	POESIA	2 0.08%	39 1.65%	48 2.04%	89	
3.02	CLÁSSICOS	8 0.34%	41 1.74%	12 0.51%	61	
3.03	LING. VEROSIMILHANÇA	9 0.38%	62 2.63%	92 3.90%	163	
3.08	EPISTOLÁRIO	0 0.00%	6 0.25%	4 0.17%	10	
3.10	VARIA	2 0.08%	4 0.17%	3 0.13%	9	
3.19	INST. HUMANIDADES	5 0.21%	74 3.14%	31 1.32%	110	442
Total		26 1.10%	226 9.59%	190 8.06%		
4.00	CIÊNCIAS	0 0.00%	2 0.08%	0 0.00%	2	
4.01	QUADRIVIUM	0 0.00%	19 0.81%	7 0.30%	26	
4.02	FILOSOFIA	4 0.17%	8 0.34%	5 0.21%	17	
4.03	MEDICINA	14 0.59%	54 2.29%	29 1.23%	97	
4.04	F. NATURAL	2 0.08%	6 0.25%	7 0.30%	15	
4.05	ARQUITECTURA	0 0.00%	8 0.34%	2 0.08%	10	
4.06	COSMOGRAFIA	2 0.08%	19 0.81%	7 0.30%	28	195
Total		22 0.93%	116 4.92%	57 2.42%		
5.01	TEOLOGIAS	29 1.23%	202 8.57%	206 8.74%	437	
5.02	TEXTOS SAGRADOS	6 0.25%	50 2.12%	80 3.39%	136	
5.03	LITURGIA	8 0.34%	80 3.39%	128 5.43%	216	789
Total		43 1.82%	332 14.09%	414 17.56%		
TOTAIS		147 6.24%	1107 46.97%	1103 53.20%	2357	

Tema	1453-1535	1536-1602	1603-1624	Total Tema	Total (Imp. - Man.)
1.01 HISTÓRIA PROFANA	1.2%	7.8%	5.9%	14.9%	
1.02 HISTÓRIA DO DIVINO	0.3%	5.1%	8.6%	14.0%	29.0%
2 ARTES DE GOVERNAÇÃO	0.8%	5.4%	4.3%	10.6%	11.0%
3 ARTE	1.1%	9.6%	8.1%	18.8%	20.0%
4 CIÊNCIAS	0.9%	4.9%	2.4%	8.3%	8.0%
5 CIÊNCIA DO CULTO	1.8%	14.1%	17.6%	33.5%	32.0%

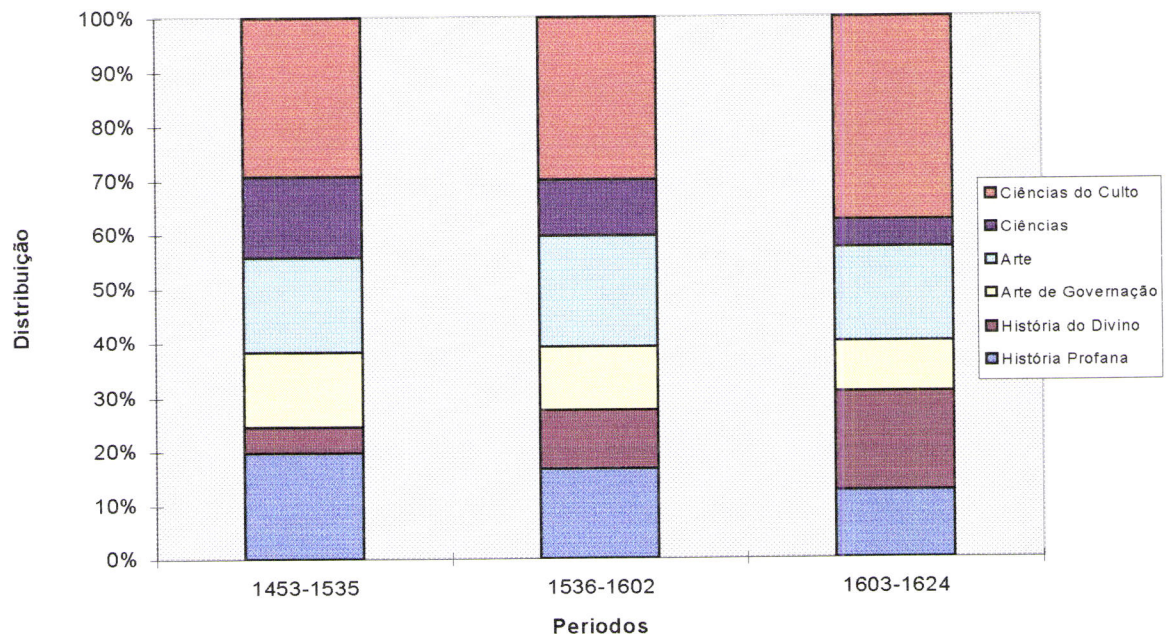
Distribuição dos Impressos por Período







### Distribuição das Obras por Temas e por Periodos





Da leitura destes dados ressaltam duas grandes conclusões:

1. Quase todas as áreas do saber estão representadas na biblioteca<sup>264</sup>, mas com espaços, funções e finalidades bem diferenciadas. Aliás, o mesmo se passa ao nível do conteúdos, em que quase todas as correntes doutrinárias e pensadores são referidos, desde os primitivos renascentistas, como Juan de Mena, os cronistas dos Reis Católicos, Nebrija e Marineo Sículo<sup>265</sup>; o Cardeal Cisneros<sup>266</sup>, Boscon<sup>267</sup>, e Garcilaso de la Vega, pais da poética italianizante; Jaime Vergara, tradutor de Aristóteles<sup>268</sup>; aos cronistas D. Frances<sup>269</sup>, autor de uma crónica de Carlos V, plágio de António Guevera, Pedro Mexia, cronistas e novelistas, Pedro Simon Abril, historiador, filósofo e filólogo, de inspiração platónica; aos Cronistas Mayores de Filipe III, Cabrera de Córdoba, Argensola, a historiadores e retóricos como Cascales e Francisco Sanchez (Brozas)<sup>270</sup>; ou poetas, como Ercilla, Lope de Vega, tradução de Dante<sup>271</sup>, Tasso<sup>272</sup>, Petrarca<sup>273</sup> e Camões<sup>274</sup>;

---

<sup>264</sup>O que torna *Junta de Libros* um documento importante para o estudo da cultura espanhola, em diferentes fases e gerações, desde os Reis Católicos e a formação de Carlos V em Aragão, até ao início do reinado de Filipe IV. E isto tanto nas letras, como na língua, na história, na medicina, na política, na doutrina e religião, pois, para além das indicações bibliográficas completas, refere dados biográficos dos autores, como se disse a propósito da arquitectura da base de dados.

<sup>265</sup>I.D.- 1052, 2235, MARINEO, *Summario delos hechos delos Reyes Catholicos*, 1587, e 2234, *Cosas memorables de España*, 1539.

<sup>266</sup>I.D.- 564, 1317, Frei D. FRANCISCO DE CISNEROS, *Meditaciones dela vida de Christo de Landulpho Cartuxano*;

1316, *Vida de Sto. Thomas Cantuariense*;

1313, *Tratados de Sta. Angela de Fulgino, i Sta. Matildis*;

1318, *El Tostado sobre Eusebio*;

1312, *Las epistolas de Sta Catherina de Sena*;

1315, *Instituciones de S. Vicente Ferrer, i Sta. Clara*

1314, *Grados de S. Juan Clymaco*.

<sup>267</sup>Tamayo refere-o em reedição, de 1581, (nº1771). Deste autor refere ainda "sus obras en verso", em manuscrito (nº1770).

<sup>268</sup>I.D.- 1647, 2108, VERGARA, *Dos Coloquios pastoriles*, 1567

e 2107, *Ocho questiones del Templo de Salomon propuetos por el Illmo. Duque de El Infantado*, 1552.

<sup>269</sup>I.D.- 559, denominado por Tamayo como "Truban del Emperador".

<sup>270</sup>Discipulo de Pedro Ramus, denominado Sanctius.

I.D.- 1471, nº1262, nº1263, nº1264, nº1265.

<sup>271</sup>I.D.-543, nº2639

<sup>272</sup>I.D.-1508, nº2055

<sup>273</sup>I.D.-628, nº1589 e I.D.-1209, nº433

<sup>274</sup>I.D.-628, nº1588

terminando, no ano da rendição de Breda, com, ainda em versão manuscrita, o Buscon<sup>275</sup>, de Quevedo, e D.Quixote<sup>276</sup>.

2. Se todas as temáticas estão presentes, para de facto organizar e divulgar uma biblioteca de carácter universal, abarcando praticamente os três períodos, algumas estão escassamente apontadas, outras abundantemente citadas. Estas diferenças de níveis representativos, não deixando de ser consequência do que se publica, são também resultado da escolha do autor: *Junta de Libros* não é uma biblioteca do impresso, nem da totalidade da produção literária, não se enquadrando também na linha das livrarias imaginárias, de gosto sarcástico, surgidas no Renascimento.

Listagem "verdadeira" de obras, impressas e manuscritas, a sua organização assentou num critério de verosimilhança, construído sobre um triplo processo de selecção: 1º) redução do número de títulos de temática religiosa<sup>277</sup> que, sem alterar a representatividade e dominância, impedem a *Junta* de transmitir uma visão monocromática; 2º) referência sistemática dos títulos impressos na área das ciências (de natureza humana), com introdução complementar de manuscritos<sup>278</sup> e sobrevalorização, face às outras temáticas, de autores apenas de obras manuscritas (algumas das quais traduções de textos latinos, feitas por escritores espanhóis, que não quer deixar de integrar<sup>279</sup>); e 3º) omissão de textos relacionados com a prática de governo, no sentido de administração do quotidiano político, como sejam cédulas, constituições sinodais (em romance), cadernos de Corte, declarações, pragmáticas, etc.

O carácter massivo da biblioteca é dado pelas obras religiosas e de criação de memória, que a vão invadindo ao longo dos séculos XVI e XVII, correspondendo o maior crescimento à

---

<sup>275</sup> I.D.\_1357,nº1244

<sup>276</sup> I.D.-351, nº-2502

<sup>277</sup> Redução que é dupla, pois ao não referir as obras editada em latim está também a ignorar parte significativa das obras religiosas.

<sup>278</sup> A maior percentagem de autores de obras manuscritas diz respeito aos temas *Arte de Governação*, *Ciência* (de natureza humana, com excepção da Medicina) e Traduções e estudos dos clássicos, como se pode ver na tabela anexa.

<sup>279</sup> Como é o caso de Vives, Leon Hebreu, Juan de Mariana, Seneca, Ortelio.

história do divino, que surge e se afirma<sup>280</sup>. O segundo lugar de crescimento verifica-se na edição de obras de eclesiologia e liturgia, e o quarto nas obras de teologia.

---

<sup>280</sup> A média anual de impressão de obras de história profana é a seguinte: 1453-1535: 0,35; 1536-1602: 2,76; 1603-1624: 6,78.

## Média de Obras Impressas por Período

		82 Anos	66 Anos	21 Anos
Tema		1453-1535	1536-1602	1603-1624
1	ARTE DE MEMÓRIA	0.44	4.62	16.19
1.01	HISTÓRIA PROFANA	0.35	2.79	6.57
1.02	HISTÓRIA DO DIVINO	0.09	1.83	9.62
2	ARTES DE GOVERNAÇÃO	0.22	1.94	4.87
2.01	POLÍTICA	0.02	0.41	1.29
2.02	MILÍCIA	0.02	0.36	0.48
2.03	DA RIQUEZA	0.01	0.11	0.24
2.04	DIREITO	0.02	0.38	0.95
2.05	DECLARAÇÕES	0.01	0.18	0.24
2.07	MEMORIAIS	0.01	0.03	0.19
2.08	ROTINAS MUNDANAS	0.13	0.44	1.38
2,10	CONTROVÉRSIAS	0.00	0.03	0.10
3	ARTES	0.31	3.42	9.05
3.01	POESIA	0.02	0.59	2.29
3.02	CLÁSSICOS	0.10	0.62	0.57
3.03	LING.VEROSIMILHANÇA	0.11	0.94	4.38
3.08	EPISTOLÁRIO	0.00	0.09	0.19
3,10	VARIA	0.02	0.06	0.14
3.19	INST.HUMANIDADES	0.06	1.12	1.48
4	CIÊNCIAS	0.26	1.76	2.71
4,00	CIÊNCIAS	0.00	0.03	0.00
4.01	QUADRIVIUM	0.00	0.29	0.33
4.02	FILOSOFIA	0.05	0.12	0.24
4.03	MEDICINA	0.17	0.82	1.38
4.04	F.NATURAL	0.02	0.09	0.33
4.05	ARQUITECTURA	0.00	0.12	0.10
4.06	COSMOGRAFIA	0.02	0.29	0.33
5	CIÊNCIA DO CULTO	0.52	5.03	19.712
5.01	TEOLOGIAS	0.35	3.06	9.81
5.02	TEXTOS SAGRADOS	0.07	0.76	3.81
5.03	LITURGIA	0.10	1.21	6.10

O terceiro aumento na média anual de obras impressas corresponde à literatura moral, tendo a comédia um peso relevante (sem nenhum título até 1539, e apenas 11 até 1603, surge com 40 referências entre 1604 e 1624).

Apesar de o grupo ARTE (linguagens e escrita) triplicar a sua produção impressa no século XVII, fá-lo porém por um processo de tendências contraditórias: a literatura moral quadruplica<sup>281</sup>, assistindo-se simultaneamente a um decréscimo na publicação de obras de inspiração humanista, estudos e traduções clássicas(3.02), em simultâneo com o estacionar da impressão de títulos relacionados com a língua e instrumentos de humanidades (3.19).

Em relação às artes de governação, há um triplicar dos títulos referentes ao Direito (em que o direito canónico tem um peso de cerca de 50%), Política e rotinas mundanas, associada a uma modificação das temáticas e dos conteúdos, que se tornam mais utilitários, e versando temáticas mais concretas em termos de governação e de doutrina política.

Quanto à falta de pensamento filosófico e de reflexão, que se faz sentir na *Junta*, sendo dupla, não corresponde, apesar de tudo, à realidade peninsular: porque não cita "studia humanitatis", nem escolásticos, textos de reflexão filosófica, teológica e metafísica, ou "de anima", em latim, sendo os textos de ciência (aristotélica) e de estudo, e os textos de reflexão em romance, numa estrita concepção ortodoxa "de saber", quase inexistentes.

No entanto, ela é reveladora da falta de pensamento de sentido moderno.

A referência a obras impressas na área das ciências mantém uma tendência constante, com uma descida no século XVII, citando quase exclusivamente títulos de autores de pensamento de matriz aristotélica e de valorização da realidade empírica, em áreas de saber aplicado. Esta talvez seja uma das maiores conclusões do estudo desta Biblioteca, por redimensionar a utilidade da História e a sua limitação reflexiva e filosófica no quadro do conhecimento espanhol. A mentalidade utilitária, de profundo sentido moralizante, que, com a implantação das directrizes contra-reformistas, vai reduzindo o sentido do texto e da exegese humanista, vai condicionar a modernidade do pensamento peninsular.

---

<sup>281</sup>Tamayo de Vargas indica a edição de 140 títulos, num total de 190 para o período compreendido entre 1603-1624. Para o período anterior citava 100, obras num total de 227, sendo 115 respeitantes a *Estudos clássicos* e de *Língua*.

Da leitura dos títulos de temática religiosa resulta uma formalista visão doutrinária, onde não se pretende despertar conhecimento, mas catequisar, no sentido amplo de usar o livro como meio para convencer e levar à prática da verdade.

Mas o conhecimento geral desta Biblioteca, de vulgarização e de aplicação de saberes, não criadora de conhecimentos, não significa uma valorização do Homem, nem do seu canto, mas do seu enquadramento e aprendizagem do saber fazer. Por isso o resultado final é de grande sentido moralizante, prático, de apego ao real, visível até na literatura: a comédia é de verosimilhança, a novela é exemplar e o sermão edificante.

A sabedoria renascentista, a integração de conhecimentos, doutrinas, vivências e culturas diferentes, num objecto e num projecto humano,<sup>282</sup> não parece ter marcado a sensibilidade cultural oficial espanhola, que perpetua a convicção na primazia do conhecimento empírico, a qual vai alargando aos vários níveis da realidade.

E este dominante sentido empírico, de matriz aristotélica, associado a verdades (físicas e metafísicas) definidas, e sistematicamente divulgadas, dificulta a sensibilidade à curiosidade e à investigação, base de um pensamento reflexivo, ou teoricamente inovador.

Em que sentidos se desenvolveram as Artes, de Memória e de Linguagem, como cresceram e com elas se relacionaram as Artes de Governação, e através de que livros se impôs a Igreja?  
Observem-se um pouco mais de perto as grandes áreas da Bibliotheca:

---

<sup>282</sup> Se é verdade que Castela conheceu o pensamento clássico e o de humanistas italianos e do Norte da Europa, sobretudo de influência erasmiana, e Aragão, pela sua ligação política estabeleceu maiores contactos com Itália, os humanistas espanhóis parece terem assimilado em relação individual, de exegese solitária do texto, as doutrinas e ideais renascentistas, comportando-se culturalmente sobretudo como tradutores e glosadores, pois a receptividade cultural ao humanismo parece ter sido limitada a indivíduos e grupos muito circunscritos.

O mundo do pensamento eclético que integrava Aristóteles, Avicena, cristianismo, judaísmo e pensamento árabe, com o seu grande centro difusor (e tradutor) em Toledo, e de que é expressão a primeira Crónica Geral de Espanha, já não se nota nesta Biblioteca.



## 1.00 ARTE DE MEMÓRIA(s) E IDEAIS

Quer na definição dada por Sebastião Covarrubias<sup>283</sup>, em *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, o primeiro dicionário em romance, quer na de Luis Cabrera de Córdoba<sup>284</sup>, em *Da história para escribirla e entenderla*, o primeiro tratado-texto em romance de exclusiva reflexão sobre a natureza da disciplina, impresso em livro autónomo, ambos publicados em 1611, em Madrid, pelo impressor real Luiz Sanchez<sup>285</sup>, a história é entendida como amplo registo de memórias moralizantes, narrativa de factos verdadeiros, ou verosímeis, quer de dimensão estritamente humana, quer de relação com o divino, mediada, ou não, pela Igreja, mas sempre escrita com a autoridade de quem presenciou ou pode saber.

Assim a primeira subdivisão que se estabeleceu baseia-se na divisão clássica entre história profana e história do divino, que inclui história sagrada e história eclesiástica<sup>286</sup>, dando relevância aos aspectos relacionados com a reflexão acerca do fazer da história.

---

<sup>283</sup> História "Es una narración y exposición de acontecimientos passados, y en rigor es de aquellas cosas que el autor de la historia vió por sus ojos y da fee dellas, como testigo de vista, según la fuerça del vocable(...) quod est spectarevel cognoscere. Pero basta que el historiador tenga buenos originales y autores fidedignos de aquello que narra y escribe, y que de industria no mienta o sea floxo en averiguar la verdad, antes que la assegure como tal. Qualquiera narración que se cuente, aunque no sea con este rigor, largo modo se llama historia." Sebastián Cobarrubias, *Tesoro de la Lengua...*, op. cit., p.692. Alguma verdade o era mais do que a da fé? E os melhores originais não seriam os do Livro?

<sup>284</sup> Segundo Cabrera de Córdoba, a história divide-se "en divina y humana. La diuina en sagrada, que trata de la religión y de 'lo que le toca, como la escritura santa, y teología positua; y en eclesiástica, como son los cánones, determinaciones de concilios y pontífices, sus vidas, las de los santos y el gouerno de la Iglesia. La historia humana es natural, como la que escriuieron de los animales y plantas Aristóteles y Plinio, y es moral, que es narración de los dichos y hechos. Esta es particular que narra la vida, virtudes y vicios de alguno, y pública, que los hechos de muchos. La diuina enseña religión, la humana, prudencia, la natural, ciencia, y todas deleitan. Subdiuidese la historia en clásica o uniuersal, que trata de todo el mundo, llamado vniuerso, y de allí vniversal, como Nauclero, Filipe Borgomense, Surio y otros; y en especial o genealógica, que es razón de vn linage, como Beda, Angelo, Sigisberto Gemblacense, Estrabón y otros; y en tópica o prouincial, que trata de un reino, prouincia, o república o de alguna comunidad, como Iosefo, Libio, Polidoro y el Veronense," Cabrera, *Da Historia...*; op. cit., pp.34-35

<sup>285</sup> Tamayo refere ambos os títulos, citando no entanto a obra de Cabrera de Córdoba sem indicação de tipografia, data ou local de edição.

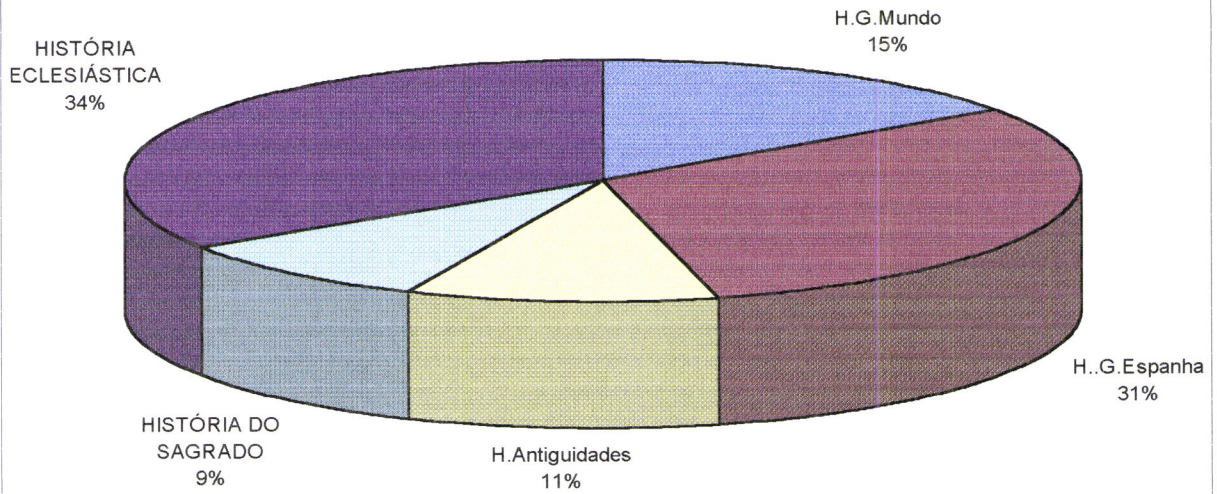
I.D.- 286, 2248, CABRERA DE CORDOBA, *Tratado para entender historia y escriuirla*.

I.D.- 1221, 2896, D.OROZCO Í COVARRUVIAS, *Thesoro dela Lengua castellana*, 1611.

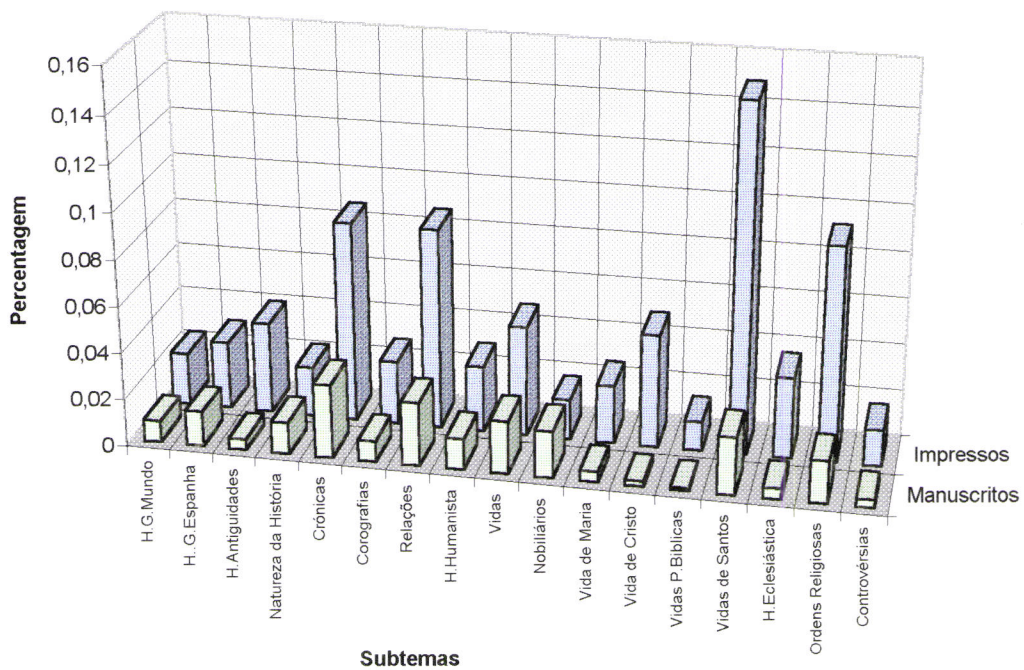
<sup>286</sup> Este tema foi integrado no grupo das Ciências por a referência a história natural dentro da disciplina ser um tópico da argumentação, de modo a sobressair o sentido unitário humano.

A história profana afirma-se em três grandes linhas: uma, de concepção do tempo, do mundo e da sociedade, que dá espessura e perspectiva ao presente; outra, relacionada com a memória presente, dominada pela enorme valorização (muitas vezes exemplar) do quotidiano humano, privado, particular e público, de narrativa elaborada, ou singela descrição dos factos, coincidindo, muitas vezes, com o tipo de discurso da memória política; e finalmente, uma terceira, de fundamentação e legitimação social, através da integração de vidas (Casas nobres) nessa sociedade, que se vai elaborando, na base e na perspectiva da História das Antiguidades, embora em *Junta de Libros* essa ligação apenas esteja esboçada.

### Arte de Memória: Distribuição das Obras



### Arte de Memória: Distribuição dos Impressos e dos Manuscritos





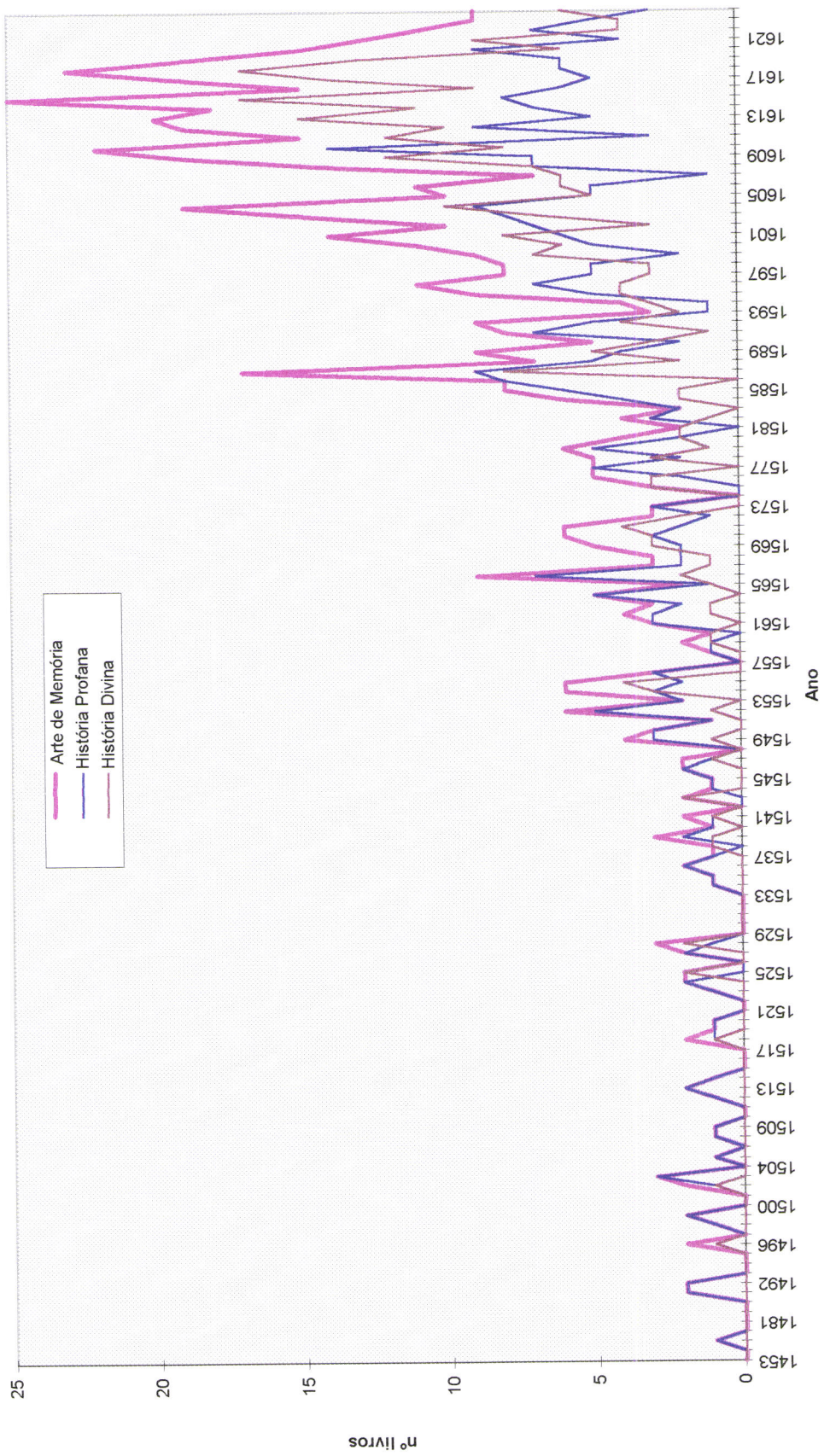
# 1.00 ARTE DE MEMÓRIA(S) E IDEIAS

## Distribuição das Obras segundo a forma material (impresso e manuscrito)

	Obras		Total	% M.	% I.	Impressos por Períodos					Média de Obras Impr. por Período			
	Manusc.	Impr.				1453-1535	1536-1602	1603-1624	Total	1586/1602	1587/1603	82 Anos	66 Anos	21 Anos
						29	184	138	351					
<b>1</b>	<b>199</b>	<b>696</b>	<b>894</b>			<b>1453-1535</b>	<b>1536-1602</b>	<b>1603-1624</b>	<b>Total</b>	<b>1586/1602</b>	<b>1587/1603</b>	<b>82 Anos</b>	<b>66 Anos</b>	<b>21 Anos</b>
<b>1.01</b>	<b>146</b>	<b>360</b>	<b>506</b>	<b>29%</b>	<b>71%</b>	<b>29</b>	<b>184</b>	<b>138</b>	<b>351</b>	<b>108</b>	<b>76</b>	<b>0,35</b>	<b>2,79</b>	<b>6,57</b>
	<b>36</b>	<b>100</b>	<b>136</b>	<b>7%</b>	<b>20%</b>	<b>8</b>	<b>40</b>	<b>52</b>	<b>100</b>	<b>22</b>	<b>18</b>	<b>0,10</b>	<b>0,61</b>	<b>2,48</b>
1.01.01	8	20	28	2%	4%	0	11	8	19	8	3	0,00	0,17	0,38
1.01.01.01	8	20	28	2%	4%	0	11	8	19	8	3	0,00	0,17	0,38
1.01.01.02	12	26	38	2%	5%	1	15	10	26	9	6	0,01	0,23	0,48
1.01.01.03	4	35	39	1%	7%	1	8	26	35	3	5	0,01	0,12	1,24
1.01.01.10	12	19	31	2%	4%	6	6	8	20	2	4	0,07	0,09	0,38
1.01.02	<b>72</b>	<b>204</b>	<b>276</b>	<b>14%</b>	<b>40%</b>	<b>15</b>	<b>117</b>	<b>65</b>	<b>197</b>	<b>68</b>	<b>49</b>	<b>0,18</b>	<b>1,77</b>	<b>3,10</b>
1.01.02.01	28	77	105	6%	15%	6	38	30	74	26	12	0,07	0,58	1,43
1.01.02.02	8	24	32	2%	5%	4	10	9	23	4	6	0,05	0,15	0,43
1.01.02.03	24	76	100	5%	15%	3	49	22	74	25	24	0,04	0,74	1,05
1.01.02.04	12	27	39	2%	5%	2	20	4	26	13	7	0,02	0,30	0,19
1.01.03	<b>38</b>	<b>56</b>	<b>94</b>	<b>8%</b>	<b>11%</b>	<b>6</b>	<b>27</b>	<b>21</b>	<b>54</b>	<b>18</b>	<b>9</b>	<b>0,07</b>	<b>0,41</b>	<b>1,00</b>
1.01.03.01	20	41	61	4%	8%	3	21	15	39	16	5	0,04	0,32	0,71
1.01.03.02	18	15	33	4%	3%	3	6	6	15	2	4	0,04	0,09	0,29
<b>1.02</b>	<b>52</b>	<b>338</b>	<b>388</b>	<b>13%</b>	<b>87%</b>	<b>7</b>	<b>121</b>	<b>202</b>	<b>330</b>	<b>55</b>	<b>66</b>	<b>0,09</b>	<b>1,83</b>	<b>9,62</b>
1.02.01	<b>7</b>	<b>76</b>	<b>83</b>	<b>2%</b>	<b>20%</b>	<b>4</b>	<b>27</b>	<b>44</b>	<b>75</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>0,05</b>	<b>0,41</b>	<b>2,10</b>
1.02.01.01	4	22	26	1%	6%	0	4	18	22	1	3	0,00	0,06	0,86
1.02.01.02	2	43	45	1%	11%	3	20	19	42	13	7	0,04	0,30	0,90
1.02.01.03	1	11	12	0%	3%	1	3	7	11	0	3	0,01	0,05	0,33
1.02.02	<b>45</b>	<b>260</b>	<b>305</b>	<b>12%</b>	<b>67%</b>	<b>3</b>	<b>94</b>	<b>158</b>	<b>255</b>	<b>41</b>	<b>53</b>	<b>0,04</b>	<b>1,42</b>	<b>7,52</b>
1.02.02.01	22	133	155	6%	34%	2	43	85	130	15	28	0,02	0,65	4,05
1.02.02.02	4	31	35	1%	8%	0	6	24	30	3	3	0,00	0,09	1,14
1.02.02.03	16	82	98	4%	21%	0	41	40	81	21	20	0,00	0,62	1,90
1.02.02.10	3	14	17	1%	4%	1	4	9	14	2	2	0,01	0,06	0,43
	<b>36</b>	<b>5%</b>	<b>305</b>	<b>45%</b>	<b>340</b>	<b>50%</b>	<b>682</b>	<b>100%</b>						



### Arte de Memória: Distribuição das Obras Impressas







### 1.01.01. *Visão do Tempo*

Em *História universal e geral do mundo* incluíram-se *Reportorio perpetuo de tiempos*<sup>287</sup>, *Computo general de los tiempos*<sup>288</sup>, ou *Enchiridion de los tiempos*<sup>289</sup>, na história profana, conjuntamente com as *Chronica y historia general del hombre*<sup>290</sup>, e das *Relaciones universales del Mundo*<sup>291</sup>, por já se apresentar uma visão geral da história do mundo, apesar de numa perspectiva e num tempo de cronologia bíblica. O **tempo** e o **mundo**, são ainda concebidos como (primeira) criação de Deus, que passaram a realidades homogêneas pelo efeito da sua união criadora, com um plano de desenvolvimento para o homem.

Se as visões do tempo revelam a posição que o autor tem em face ao momento presente e a visão valorativa das épocas históricas em relação a esse presente, estes autores, com a referência ao absoluto do tempo e do mundo, revelam a finalidade moral e transcendente das criaturas. Mas o mundo, o tempo e o homem já são nomeados, apesar de ainda integrados numa perspectiva de finalidade divina, e com pouca especificidade - o que não facilita a observação e o entendimento do "hic" e do "nunc".

Os títulos integrados em *História universal e geral de Espanha*, correspondem a uma visão tradicional de história geral do mundo, de origem providencialista, de onde sairá o mito das origens fundado em Tubal (e não em heróis laicos e de criação nacional, depois sacralizados pelos seus méritos, como, por exemplo em França, com Carlos Magno<sup>292</sup>), onde o espaço geográfico, associado ao tempo cronológico, ganha efectiva dimensão (já não é a abstracção *mundo*, referindo-se

---

<sup>287</sup> I.D.- 1227, 895, OTAÑEZ ESCALANTE, *Reportorio perpetuo delos tiempos*, 1584, embora este tipo de obra se caracterize pelo seu carácter prático.

<sup>288</sup> I.D.- 1117, 2584, MERA, *Computo general delos Tiempos*, 1614.

<sup>289</sup> I.D.- 72, 198, Frei ALONSO VENERO, *Enchiridion delos tiempos*, 1587.

<sup>290</sup> I.D.- 1484, 2046, SANCHEZ VALDES DE LA PLATA, *Chronica y historia general del Hombre*, 1598.

<sup>291</sup> I.D.- 14, 785, AGUIAR, *Las relaciones universales del mundo*, 1603.

I.D.- 637, 2181, GARCIA DE SALAZAR, 1.2.3. parte *delos Summarios dela Historia del mundo*, (Mss), 1492.

I.D.- 1684, 2552, VIÑOLES, *Summa de todas las Chronicas del mundo*, o suplemento de F. Philippe de Bergamo, 1550.

<sup>292</sup> Chantal GRELL, *Les origines de Rome: Mythes et critique. Essai sur l'histoire au XVIIe siècle et au XVIIIe siècle, Histoire. Economie et Société*, vol. 2, 1983, pp.255-280.

Cfr. ainda Chantal GRELL, e MICHEL Christian, *L'École des Princes ou Alexandre Disgracié*, Paris, Les Belles Lettres, 1988.

factos de uma realidade material concreta documentada e mais circunscrita).

Estruturadas na tradição de uma narrativa de perspectiva e dimensão cristã, com agregação de elementos da tradição oral, épica, influências difusas da historiografia judaica e muçulmana, na linha das histórias-compilação medievais, as Histórias gerais de Espanha vão ser objecto de sucessivas contestações, gerando controvérsia historiográfica a partir de Ocampo, e tendo o seu auge com a do Pe. Mariana<sup>293</sup>. Com efeito, a polémica iniciada em meados do século a propósito de Ocampo<sup>294</sup>, alargada aos Anais de Zurita, vai recobrar folego (reeditando-se então nessa época não apenas a história de Ocampo, como os textos de controvérsia escritos em quinhentos) a partir de 1605-1608, ampliando-se a discussão à [nova] *História General de España*, de Juan de Mariana.

Nesta longa controvérsia não há debate, mas repetição de ideias, de factos, e sobretudo de ideais. Às Histórias de Espanha vão juntar-se histórias de cidades (1.01.01.03.) e discursos de reflexão historiográfica (que correspondem sobretudo ao subtema 1.01.02.04:), envolvendo-se na polémica um grande número de títulos e amplos sectores de historiadores.

Cada um dos subgéneros desta secção, com 20% dos títulos referentes à história profana, indica de imediato a importância e a valorização dadas ao registo do presente, representada através dos vários subgéneros, e não por indicação numérica.

1.01.02. *Ver no tempo* integra discursos e tipos de textos bem diferenciados: desde já a tradicional à menos tradicional (como seja, para o contexto peninsular, a história tacitista<sup>295</sup>) história política, de crónicas de reis e de reinos, à história geográfica, com as recentes corografias, relações de viagens e descobertas, de diferentes viveres, não só relacionadas com as Américas, mas também com as explorações e

---

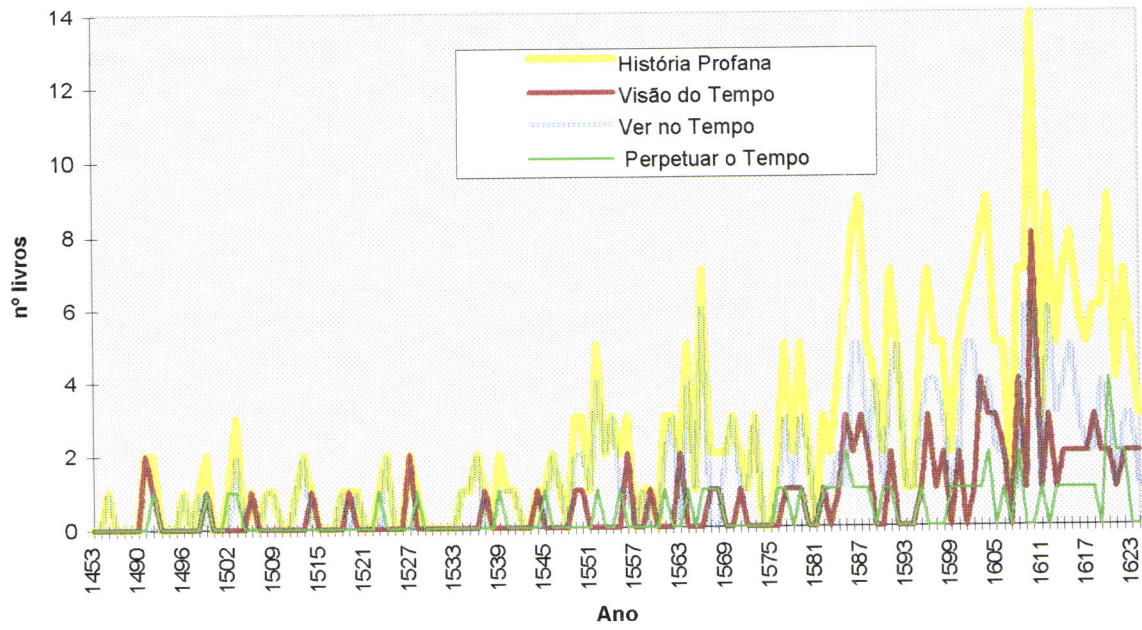
<sup>293</sup> *História General de Espana*, do Pe Juan de Mariana, que, tal como a de Afonso X, foi ainda feita em Toledo e que se tornou, até ao século XVIII, a história oficial. História-compilação, será objecto, até meados do sec. XVIII, de sucessivas controvérsias.

<sup>294</sup> I.D.- 1210, 1083, OCAMPO, *Chronica general de España en 4 lib.*, 1544;

1084, *Los cinco libros primeros dela chronica general de España que recopilaba el M<sup>o</sup> Florian de Ocampo Chronista del Rei nro (nuestro) Señor por mandado de su Mag. en Zamora*, 1578; e 3158, *La historia general de España*, 1604.

<sup>295</sup> Como é o caso de Manuel Soeiro (I.D. 1540), Alamos de Barrientos (I.D. 27), Arias Montano (I.D. 172) e Pedro Simon Abril (I.D. 5).

### História Profana: Distribuição de Subtemas





inquirições territoriais de Filipe II<sup>296</sup> (e ainda no perpetuar da linha medieval, com Jerusalém<sup>297</sup>), à história de inspiração humanista, quer numa vertente predominantemente moral e cívica, quer política<sup>298</sup>, passando pela abundante fixação das novas memórias e experiências em inúmeros memoriais e relações de sucessos.

A história de doutrina política, ou institucional, de regiões, províncias e estados, em estreita relação com as obras de "política, governo e razão de estado", referenciadas na Biblioteca do Marquês de Montalegre, ou de Olivares, não está ainda presente em *Junta de Libros*. Comparando os seus títulos com os catálogos das bibliotecas referidas ao longo do trabalho, e com as exaustivas compilações de fontes feitas por Simón Díaz, não parece ser tão profunda a distância entre a impressão de obras de história profana e do divino - mas haveria que quantificar de forma sistemática os títulos de ambos os grupos.

Independentemente dos números de impressão, e ao contrário da história humanista, que não conseguiu impor uma dinâmica, nem influenciar a prática historiográfica para além da dimensão individual, tendo ficado culturalmente ultrapassada a partir do início do século (aliás, tendência integrada na atitude geral em Espanha, em relação às

---

<sup>296</sup> I.D.-1168, o cronista Ambrosio Morales, nº243, *La Relación del Viage que hiço por Mandato de su Magestade*. O inquérito pretendia simultaneamente recolher informação sobre o património antigo de Espanha e conhecer a realidade económica e populacional coeva.

Para isso Paez de Castro e posteriormente Morales elaboraram um extenso interrogatório, cujo original se encontra na Biblioteca do Escorial.

<sup>297</sup> Cfr. I.D.-1078, nº2441; I.D.-725, nº1142, I.D.-357, nº1785, I.D.-1261, nº2645; I.D.-1654, nº3007.

<sup>298</sup> Historiadores modernos não eclesiásticos, apenas refere Guichardini (I.D.-727, nº1143) *Guerras de Itália*, em manuscrito (e duas *Horas de Recreacion* ambas impressas, I.D.-1157, nº1478 e I.D.-1144, nº3018); Pedro Matheo, cronista de Luis XIII, *Pedazos de Historia*, nº3021 (aliás obra muito acrescentada, na primeira edição, pelo seu tradutor, Pedro Vannder Hammen Gomez); e uma tradução-síntese da história de Marineo Sículo, cronista daqueles reis: *El Summario de los Reies Cathólicos* (I.D.-278, nº1773).

A ideia de moderno desenvolvida por estes autores a partir da disputa antigos/modernos e do debate relacionando com a teoria da imitação está ainda associada a uma atitude ético-religiosa: renascer. Se por um lado revela o desejo de imitar, implica também a ideia de renovação com a superioridade de quem imita. Há assim uma noção de progressão, com capacidade de distinção entre um Outro histórico (o antigo e o velho) e um Mesmo e de contínuo cronológico, que permite ver o tempo histórico numa perspectiva de herança, renegando, aceitando, regenerando e inovando. No entanto, esta concepção de moderno se contém uma noção de movimento, de mudança no momento presente, está ainda radicada no antigo.

Integrando-se na linha dos renascentistas que vêm com reserva Heródoto, por o considerarem simultaneamente historiador e contador de fábulas, os historiadores clássicos mais citados são: os modelos sem mestres, Homero, Tucídides (I.D.-105, nº713); e Tito Lívio, *Tácito, e as Vidas, de Plutarco, se for considerado historiador exemplar*, em tradução de Brickman, (I.D.-279, nº496), editado em 1553.

Diego de Mendonza será quem melhor concretizará o modelo humanista da história política, I.D.-1112, *Rebellion de Granada*, nº876.

obras clássicas e de influência humanista<sup>299</sup>), a *Arte de memória* associada a temas profanos, a partir do início do século XVII, com a unificação do espaço crítico, dinamiza-se, começando a surgir debates acerca da verdade das fontes, da escrita (ver gráfico e tabela da distribuição das obras correspondentes ao tema 1.01.01.10), relacionados com uma progressiva recriação de memórias e ideais.

### 1.01.03. *Perpetuar o tempo.*

Estas histórias-representações, de linhagens e Vidas, ao valorarem-se e definirem os atributos constitutivos do seu grupo, revelam e ajudam a estruturar a forma de conceber a organização social, a representação mental dos grupos, e as formas convenientes de comunicação aos outros, de modo a manter o equilíbrio social.

Em *Junta de Libros* a história genealógica, integrada com as Vidas no tema das linhagens, segue a linha tradicional de elaboração e de divulgação e por isso é ainda maioritariamente manuscrita.

Como se viu, a partir dos finais do século XVI o passado vai sendo apropriado pela Igreja, Monarquia e Cidades, numa construção que recua no tempo (até às origens do mundo), demonstrando-se na materialidade de um vestígio e divulgando-se pela via do impresso.

A nobreza, que inicialmente se mantém como que alheada do valor deste tipo de argumentação, vai progressivamente incorporando esse novo sentido. Para isso os Grandes recorrem a cronistas de História de Antiguidades que transpõem os mesmos valores e técnicas argumentativas para a narração das suas próprias origens. Os recursos são utilizados segundo uma perspectiva histórica da Casa, mostrando a situação não de simples vassallos, mas de origem e suporte da Monarquia.

Como se verá, Pellicer, conjuntamente com Tamayo de Salayar, um dos mais notáveis genealogistas espanhóis de seiscentos, inventaria no conjunto da sua *Bibliotheca* 38 obras de linhagens e 27 memoriais de “calidad y servicios”, em 150 obras que produziu.

Esta memória moralizada, criação, pela palavra, de (nova) experiência no leitor, tem o seu complemento em:

---

<sup>299</sup>Manuscritos 12 e Impressos 25 - Estes 25 títulos distribuem-se da seguinte forma: Fase A: 5,56%; Fase B: 6,27%; Fase C: 1,18%

### 1.02.00 *História do Divino*

que engloba 1.02.02.00 história do sagrado, centrada exclusivamente nas vidas ligadas ao divino e de personagens bíblicas e 1.02.02.03 história eclesiástica.

Para além da separação nítida da história eclesiástica, maioritariamente impressa, evidenciam-se, pelo número de títulos registados, 4 subgéneros: na história profana, crónicas e relações de sucessos; e na história do divino, vidas e crónicas de ordens religiosas<sup>300</sup> (com um reduzido número de referências à história eclesiástica secular<sup>301</sup>).

Aliás, as narrativas sobre Ordens regulares estão muito próximas das crónicas dos reis e reinos, e da história das origens - fundações míticas de cidades, por santos, ou heróis.

O mito de origens, baseado em feitos de heróis, sempre associado ao nascer de alguma instituição, cidade ou Reino - com prova documental deixada nos vestígios do corpo, ou algo que escreveram, e que se transforma, para além de objecto de verdade, em objecto de veneração - não é diferente da história de fundadores de ordens, que se santificaram; de milagres associados a criação de ordens religiosas; ou de milagres, que geram devoções, delas nascendo congregações.

Aliás, a história das antiguidades é o tema com maior percentagem de impressos dentro da história profana, correspondendo ao subtema com maior aumento de média anual de títulos.

A história profana tem em Espanha uma dupla finalidade: associada a novos grupos sociais, surgidos com o desenvolvimento urbano<sup>302</sup>, afirma as clientelas locais<sup>303</sup>. Por outro lado, está relacionada

---

<sup>300</sup> Em relação à história religiosa, vê-se que a maior temática se relaciona com as regras e histórias das ordens em Espanha, vida dos seus fundadores e cristãos exemplares (98 títulos), com apenas 35 referências a histórias eclesiásticas de âmbito secular (com o modelo na de Barónio, *Exhortación a la República de Venecia*, que Fr. Fernando Suárez traduziu, e que permaneceu manuscrita - I.D.-545, nº1076).

Esta proliferação de histórias de Ordens e suas Regras confirma o aproveitamento tridentino de uma infraestrutura já existente e conhecedora da realidade espanhola (as ordens mendicantes, transformadas em predadoras), introduzindo-a de forma disciplinada nos quadros da Igreja secular.

<sup>301</sup> Já as obras integradas em *Da história eclesiástica* secular tratam de temas não especificamente espanhóis: actividades e história da Igreja no mundo, perseguições e memórias da Igreja e sobretudo a sua actividade missionária - Japão, África, América (omitindo a Igreja europeia e Roma, como que pretendendo ignorar que as directrizes da Igreja tiveram uma origem histórica).

<sup>302</sup> Cfr. Sobre Salamanca I.D.-695, nº1511, nº1513, nº1514; Zaragoza, I.D.-310, nº2417; Pamplona I.D.-100, nº1671; Cádiz I.D.1452, nº1572; Tuy I.D.1352, nº2825.

com o problema do conflito religioso, iniciado com os Judeus e agravado com a expulsão dos Mouros - razão por que esta temática tem tão grande desenvolvimento a partir de 1605, pretendendo-se "recuperar ideologicamente" o terreno ocupado pelo inimigo, a sul, terra cristã desde imediatos descendentes de Tubal, surgindo o início da cristianização da Península com Santiago.

Este inicial conflito religioso vai provocar um amplo debate político, histórico e inclusive historiográfico, sobre o qual a *Junta de Libros* é omissa, referindo o autor apenas alguns dos títulos que na polémica defendem a evidência das relíquias.

A valorização da conduta humana moralmente exemplar e de vida edificante (Vidas, de santos e religiosos, com 155 títulos, 22 manuscritos e 133 impressos - é a subtemática com mais títulos) já não se verifica nem em relação às vidas de Ilustres e Grandes, nem em relação às vidas de Maria, Cristo ou outras personagens bíblicas (num total de 83 referências, das quais apenas 7 manuscritas, com 93% de impressos).

No caso da História do Sagrado as razões prendem-se com a dificuldade em definir o dogma pós-Trento, no que respeita à concepção de Maria, e à escrita da história bíblica em vulgata, tendo apenas no início do século XVII Clemente VIII definido directrizes, quer em relação ao culto da Virgem, quer à divulgação do dogma e dos textos sagrados em vulgata - as obras impressas estão controladas<sup>304</sup>.

De qualquer forma os três tipos de Vidas, cerca de 300 títulos, correspondem a 1/3 das obras de história, sobressaindo o carácter exemplar e os ideais (valores e comportamentos) que estiveram na base da construção narrativa e são objecto de persuasão.

Passando à análise da história profana, ela era quase coincidente, até 1586, com a arte da memória e ideais. De 1587 a 1603 história profana e história do divino parecem andar a par; a partir de 1603 a segunda ultrapassa a primeira.

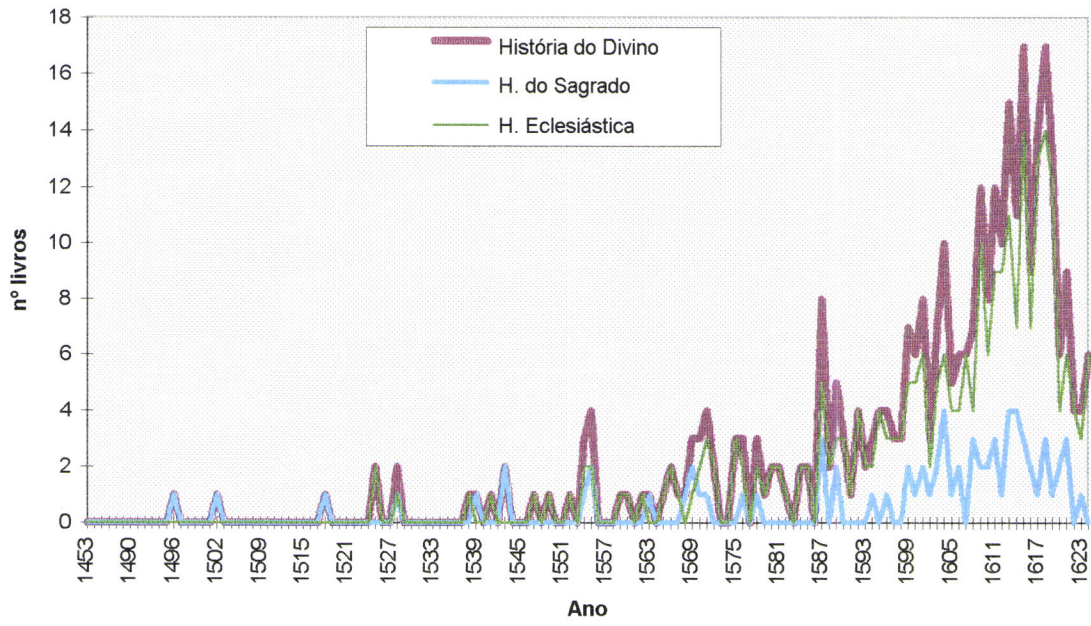
---

<sup>303</sup> Cfr. R.L. Kagan, "La Corografía en la Castilla moderna", *Studia Historica*, 1995, XIII, pp 47-59.

<sup>304</sup> Como se pode ver no quadro história do divino (1.02): história sagrada (1.02.01) e história eclesiástica, (1.02.02) as vidas, de Cristo, de personagens bíblicas, e sobretudo, de Maria, só a partir de 1587 começam a editar-se, e sempre com níveis reduzidos.



### História do Divino: Distribuição de Subtemas





O gráfico anexo mostra como o subgrupo *Ver no tempo*: crónicas e sucessos, é, dentro da história profana, o que agrega maior número de títulos e de impressos. Desde os Reis Católicos<sup>305</sup> que, numa cadência contínua de escrita e de publicação, se foram fixando memórias, independentemente do seu conteúdo verdadeiro, grau de escrita e de elaboração historiográfica, como já se referiu a propósito da reduzida receptividade da história humanista. A valorização do presente é sobretudo feita pelo seu simples registo.

A única manifestação da história política de sentido moderno é o tacitismo (misto de história e de política). Doutrina sólida, alternativa ao maquiavelismo, agrega utilidade e sentido prático. Alheia a especulações teóricas, vai ter em Espanha uma acentuada vertente de justiça, pois Justo Lípsio, um dos seus maiores divulgadores, associa ao pensamento de Tácito os de Séneca e de Plínio (a tradução espanhola dos seus seis livros de política será feita por Bernardino Mendonza).

Seguindo a linha clássica do *sine ira et studio* e de que o conhecimento da realidade permite uma melhor intervenção nela, os tacitistas dão uma importância primordial ao que conhecem através da sua própria experiência, resultante da conjugação da doutrina com a acção - portanto entendida não como simples registo de aparências, mas como conhecimento superior, obtido por ponderação racional. Os exemplos que apresentam têm assim um carácter de valor universal, de leis, explicando o passado e normalizando a actuação.

Têm pois a consciência da importância do historiador na elaboração da história, a partir de um corpo rigoroso de fontes, por ser ele que selecciona e define a sua perspectiva de análise. Não descrevendo

---

<sup>305</sup>Tamayo cita como cronistas dos Reis Católicos, I.D.-Gonçalo Aiora; I.D.-621, Galindez de Carvajal; I.D.-913, Nebrija; I.D.-1303, Hernando Perez de Pulgar; I.D.-1052, I.D.-1052, Lucio Marineo; e I.D. 1611, Monsenhor Diego de Valera.

I.D.- 621, 2195, GALINDEZ DE CARVAJAL, *Memorial, o registo breve delos lugares donde los Catholicos Reyes estuvieron cada año desde 1464 hasta su muerte*, (Mss).

I.D.- 913, nº 415, LEBRIXA, *Chronica delos reies Catholicos*, 1565;

nº 416, *Arte de Grammatica Española*, 1493;

nº 417, *Elegancias Romanzadas necessarias para la introduccion dela lengua latina*, 1576;

nº 418, *Diccionario o Vocabulario de Latin i Romance, i Romanze i Latin*, 1615.

I.D.- 1303, nº1072, PEREZ DE PULGAR, *Historia delos reies Catholicos*, (Mss);

nº1071, *Historia del Gran Capitan, i las dos conquistas del Reino de Napoles*, 1584;

nº1073, *Claros Varones de su tiempo i epistolas* e nº1074, *Glossa delas coplas de Mingo Revulgo*, 1598.

I.D.- 1052, nº2235, MARINEO, *Summario delos hechos delos Reyes Catholicos*, 1587,

nº2234, *Cosas memorables de España*, 1539;

I.D.- 1611, nº940, VALERA (Mosen.), *Chronica de España abbreviada*, 1537;

nº939, *Tratado dela Nobleza i lealtad*, 1502 e nº941, *Del duelo o tratado delas armas*, (Mss).

a realidade, mas escrevendo sobre *uma* realidade, estão a conceber a história como construção que integra a memória numa função instrumental e se separa da história-memória.

A palavra memória ganha assim dois sentidos: o da memória fixação-recordação; e o da consciência do passado, elaborada sobre os dados da memória fixação-recordação, para ser doutrina no presente-futuro. Trabalhada pelo elemento seleccionante que é a razão, a memória fixação-recordação permite chegar à história-construção, a qual dará ao Poder informação que, adaptada às novas circunstâncias, tornará possível a conveniente compreensão e orientação do presente.

Os historiadores tacitistas, ao fundarem a Política na História, subordinando-a à Política, não deixam de analisá-la como realidade autónoma, pois só uma construção em correspondência com a realidade de que trata interessa ao serviço político. Tal serviço - sendo a política coisa de homens - exige que se reconheça na história marca humana: no conteúdo da narrativa, na função do historiador e na capacidade do leitor em lhe retirar utilidade.

Apesar de o movimento tacitista, em 1624, estar na sua génese, por Saavedra e Gracián Lancina, ou Vicente Mut, os seus mais originais pensadores, não terem ainda formulado a sua doutrina, a forma como surge registado na *Junta* é reveladora da concepção, mentalidade e estratégia subjacentes à escrita desta obra.

Tamayo de Vargas refere, ainda como manuscrito, a obra do seu companheiro de religião Pedro Rivadeneira<sup>306</sup>, *Virtudes del principe Christiano contra Machiavelo i los políticos*, citando o primeiro autor que em Espanha vai assumir uma posição frontal contra Tácito, que é proibido, tal como Maquiavel (tendo a obra do jesuíta, editada em 1595, a indicação de ser manuscrita, pode ser vista como uma prova de autoridade de Tamayo, por ter acesso aos originais, em primeira mão). Refere *Heraclito contra Demóstenes*, o modelo do orador clássico, obra também anti-tacitista e vários textos de Jerónimo Gracián<sup>307</sup>, carmelita. Cita o próprio Eugenio Narbona<sup>308</sup>, cuja obra, *Doctrina política Civil...*, publicada em 1604, em Toledo, foi proibida e recolhida pela Inquisição, censurada e corrigida por jesuítas e posta de novo em circulação em

---

<sup>306</sup> I.D.-1387, em *Junta de Libros*, Tamayo atribui-lhe as seguintes obras, mostrando ser o doutrinador oficial do contra-reformismo espanhol:

<sup>307</sup> I.D.-664, nº1465, 10 *Lamentaciones del miserable estado de los Atheistas destes tiempos*, 1611; e nº1468, *El Soldado Catholico*, ambas impressas em 1611.

<sup>308</sup> Narbona, 1188, nº1029

1621, data por ele referida como a da impressão. Maravall<sup>309</sup> considera que esta correcção e nova autorização da obra pela Companhia pode ser vista como a recuperação que a Igreja faz do novo pensamento político, necessário à governação da cidade dos homens de seiscentos.

Tal parece ter sido a concepção de Tamayo, que cita cerca de oito traduções de Tácito<sup>310</sup>, inclusive em versões na época consideradas maquiavélicas, como seja a de Arias Montano (editada por Setanti, que, apesar de criticado pela ortodoxia, Tamayo de Vargas ainda refere como autor de *Frutos de História*<sup>311</sup> - publicada em 1610).

Voltando ao gráfico, e a contrariar a tendência ascendente da história do divino, verifica-se que as memórias profanas estabilizaram a sua produção impressa por volta de 1584, com excepção do pequeno período entre 1608 e 1611, altura da maior "guerra santa" na Espanha moderna. Momento da expulsão dos Mouros<sup>312</sup>, por decisão do Conselho de Estado, provocando um acrescido problema económico em Aragão, nota-se, pelos títulos referidos, tipo de obra e quantidade de impressões, um maior radicalismo religioso, que gera tensão.

Parece ser o primeiro momento em que a Igreja verifica um certo embate ideológico, desencadeando processos de actuação como que em implícita resposta<sup>313</sup>. Após uma fase de afirmação e hegemonia doutrinária eclesiástica, com intervenção nos vários campos políticos e sociais, começa a detectar-se, no início do século, a julgar pelos títulos da *Junta de Libros*, a afirmação de uma cultura política. Esta vai manifestar-se não tanto através de textos doutrinários, como de obras pragmáticas, quer de acção de governo, quer de preparação de profissionais, e sobretudo de discursos (em variadas linguagens) que criem a representação de uma Monarquia presente e evidente, em continuidade até às origens.

---

<sup>309</sup> Jose Antonio Maravall, "La corriente doctrinal del tacitismo político en España", in *Estudios de Historia del Pensamiento Español*, vol.3, Madrid, Ed.Cultura Hispánica, 1984, p.91.

<sup>310</sup> Das traduções-comentário de Tácito conhecidas a única que Tamayo não cita foi a de Figueiroa, que refere apenas como autor de uns versos, I.D.-547.

I.D.- 547, 1132, FIGUEROA, 3.01, *Obras en verso*, 1625.

<sup>311</sup> I.D.- 1517, 1681, D. SETANTI, *Frutos de Historia*, 1610.

<sup>312</sup> I.D.- 419, 778, Frei DAMIAN DE FONSECA, *Justa expulsion delos Moriscos de España, Con la instruccion, apostasia, i traicion dellos*, 1612.

I.D.- 1046, 3029, Frei MARCOS DE GUADALAJARA XAVIER, *Expulsion delos Moriscos de España*, 1613 e no 3030, *Prodicion y destierros delos Moriscos de Castilla hasta El Valle de Ricote con las dissensiones delos Xarifes, y de Alarache*, 1614, (Mss).

I.D.- 18, 1373, AGUILLAR, *Expulsion de los Moriscos por Don Phelippe III*, 1610.

<sup>313</sup> Ver apêndice sobre a produção impressa de 1608 a 1612.

Sem haver conflito, gera-se uma tensão latente, ligada ao crescimento e desenvolvimento das duas Instituições, com a necessária reorganização de espaços (físico e cultural).

Esta agitação do pensar e do viver vai encontrar na re-criação do passado a sua melhor legitimação de domínio: surgem as defesas da *Grandeza de Espanha*<sup>314</sup>, *Anteguidades de España, África, i otras provincias*<sup>315</sup>, *Grandeças y antiguidades de la Iglesia de y ciudad* (de Cádiz)<sup>316</sup>, ou *Antiguidades de la ciudad y iglesia* (de Tuy)<sup>317</sup>; da vinda de S. Tiago a predicar em Espanha<sup>318</sup>, e de outros santos mártires, em especial os padroeiros de Aragão<sup>319</sup>; e do território a *recuperar* ideologicamente - Granada<sup>320</sup>, Carthagená e Múrcia<sup>321</sup>, Cádiz<sup>322</sup>.

Estas justificações ampliam as polémicas políticas e religiosas, gerando, conseqüentemente, também controvérsias históricas, que terminam em debate historiográfico. É esta situação que está na base do aumento do número de títulos históricos, visível no gráfico, e que é ainda maior do que o representado, porque às obras impressas se devem somar

---

<sup>314</sup> I.D.- 1298, 900, PEREZ DE MESA, *Grandezas de España*, 1609.

I.D.- 1233, 2327, D. PACHECO DE HARVAEZ, *Grandezas de la España*, 1600.

<sup>315</sup> I.D. - 36, 640, ALDERETE, *Antiguedades de España, Africa, i otras provincias*, 1619.

<sup>316</sup> I.D.- 1452, 1752, SALAÇAR, *Grandeças y antiguedades de la Iglesia y Ciudad de Cadiz*, 1610.

<sup>317</sup> I.D.- 1352, 2825, Frei D.PRUDENCIO DE SANDOVAL, *Antiguedades de la Ciudad, i Iglesia de Tui*, 1610.

<sup>318</sup> I.D.- 1415, 917, RODRIGUEZ DE ALMEIDA, *Copilacion de los victoriosos milagros de Santiago*, (Mss).

I.D.- 528, 1827, FERN. DE VELASCO, *Dos discursos en que se depende la venida y predicacion de S. Tiago a España sacados de su libreria*, 1605.

I.D.- 462, 801, Frei D.DIEGO DEL CASTILLO, *Defensa de la venida i predicacion Evangelica de Santiago a España*, 1608.

I.D.- 320, 2473, D.CASTELLA FERRER, *1ª Pte. de la historia de Santiago*, 1610.

I.D.- 568, 1156, Frei FRANCISCO DE IESUS I XODAR, *Cinco discursos, en que se confirma la antigua tradicion de la venida de Santiago a España*, 1612.

I.D.- 1123, 732, MESA, *Patron de España, o historia de Santiago*, 1612.

I.D.- 1188, 883, NARBONA, EUGENIO, *De la venida de Santiago a Predicar en España*, 1614.

I.D.- 775, 1615, Frei HERNANDO DE OXEA, *Historia del glorioso Apostol Santiago Patron de España: de su venida a ella, i de las grandezas de su Iglesia i orden militar*, 1615.

I.D.- 1546, 2967, D.TAMAIIO DE VARGAS, *De la venida de Santiago a España*, (Mss).

<sup>319</sup> San Salero, bispo de Zaragoza e S. Saturnino e S. Fermin Martires, fundadores de Plamplona.

I.D.- 310, 2417, D. CARRILLO, *Historia del glorioso San Salero Obispo de Çaragoza con los martyrios de San Vicente. Sta. Engracia S. Lamberto, i innumerables martyres de Çaragoza*, 1613.

I.D.- 100, 1671, ANDUËZA, *Vida y martyrio de los Santos patrones de Pamplona S. Saturnino y S. Fermin. Tres discursos de la Cruz del Martyrio*, 1608.

<sup>320</sup> I.D.- 247, 1092, BERMUDEZ DE PEDRAZA, *Antiguedades i excelencias de Granada*, 1608.

<sup>321</sup> *Discursos de la Ciudad de Carthagená*, (nº1598) e *Discursos históricos de la ciudad de Murcia*, (nº1101), ambos de Cascales, nº318.

<sup>322</sup> I.D.- 1452, 1752, SALAÇAR, *Grandeças y antiguedades de la Iglesia y Ciudad de Cadiz*, 1610.

os manuscritos não datados, mas divulgados nesse período<sup>323</sup>, ou referidos erroneamente como manuscritos e publicados na época<sup>324</sup>.

Ainda que por um processo de reflexão não explícita, estas obras são as que mais incorporam reflexão historiográfica e debate sobre a sua natureza.

Com efeito, títulos de aparência exclusivamente erudita, integrados na linha das publicações iniciada por Valla e desenvolvida pelos humanistas filólogos e pelos antiquários de seiscentos, como seja *Los dialogos de medallas, inscripciones, i otras antiguedades*, de D. Agustin<sup>325</sup>, no final do século XVI, *Explicacion de las monedas antiguas*, de Fuente Montalban<sup>326</sup>, *Advertencias para entender las inscripciones e Delas monedas antiguas reducidas a las nuestras*, ambos de Covarrubias e Leiva<sup>327</sup>, *Promptuario de las medallas*, de Martin Cordero<sup>328</sup>, ou *Tratado para entender historia y escribirla*, escrito também pelo cronista de Filipe III, *El Chronista, su Oficio, sus qualidades..., provechos de la historia, i uso della entre los Principes*, do próprio Tamayo de Vargas, obras de carácter mais estritamente historiográfico, ganham outro sentido se estudadas a partir da sua prévia integração no ambiente polémico que as originou, de que vão simultaneamente sendo fruto e a que vão dando resposta.

Estes campos polémicos organizam-se a partir de dois núcleos doutrinários: um religioso-político e outro, de carácter nacional aparentemente quase só historiográfico, que inicialmente gira em torno do conflito latente de Aragão com Castela, originando na segunda metade do século XVII o grande debate acerca da verdade das fontes e formas de reconstituição do passado. Vai ter o seu expoente, em Madrid, com Pulgar e Hermenegildo; e no movimento erudito da escola de

---

<sup>323</sup> Cfr. por exemplo a obra de Deza (I.D.-939, n°2138; n°2139; n°2140) e os cerca de 10 tratados do próprio Tamayo de Vargas ( I.D.-1546 ).

<sup>324</sup> Caso de Luis Cabrera de Cordoba, *Da Historia...*, editado em 1611, I.D.- 286, 2248, *Tratado para entender historia y escribirla*

<sup>325</sup> I.D.- 188, 335, D. AUGUSTÍN, *Los dialogos de medallas, inscripciones, i otras antiguedades*, 1587.

<sup>326</sup> I.D.-606, n°105.

I.D.- 605, n°105.

<sup>327</sup> I.D.- 407, 811, D. COVARRUVIAS I LEIVA, *Advertencias para entender las Inscripciones*, (Mss).

I.D.- 407, 808, D. COVARRUVIAS I LEIVA, *Delas monedas antiguas reducidas a las nuestras*, 1556.

<sup>328</sup> I.D.- 1601, n°1958.

Valência, cujas grandes figuras são, no século XVII, Nicolau António<sup>329</sup> e Ibáñez de Segóvia<sup>330</sup>; e no século XVIII, Gregório de Mayans e Siscar<sup>331</sup>, editor das obras daqueles eruditos.

O primeiro núcleo, inicialmente em torno dos falsos cronicões<sup>332</sup> e da descoberta das relíquias de Granada, tem como texto "doutrinal" as obras de Gregório López<sup>333</sup>, *Excelencias dela Monarquia de España e Discurso dela certidumbre de las reliquias del Monte Sancto de Granada*<sup>334</sup>, reforçadas por toda a literatura sobre a vinda de Santiago a España, já citada. Em *Junta de Libros* este debate apenas é esboçado, uma vez que Tamayo de Vargas não refere os textos que negam a autenticidade das relíquias - mesmo quando eles são escritos por eclesiásticos, como seja Juan Baptista Perez<sup>335</sup>, Gonçalo Varcárcel<sup>336</sup>, ou Pedro Valência<sup>337</sup>.

---

<sup>329</sup>*Censura de Historias Fabulosas*, publicada por Gregorio Mayans y Siscar, Valencia, Antonio Bordazàr de Artàzu, 1742.

<sup>330</sup>IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Discurso historico por el patronato de San Frvtos. Contra la supuesta Cathedra de San Hierotheo en Segovia. Y pretendida avtoridad de Dextro.*, Zaragoza, Juan de Ibar, 1666.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Dissertaciones eclesiasticas por el honor de los antiguos tutelares, contra las ficciones modernas. Parte primera.*, Zaragoza, Diego Dormer, 1671.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Predicacion de Santiago en España, acreditada contra las dudas del Padre Christiano Lupo; y en desvanecimiento de los argumentos del Padre Nadal Alexandro*, Zaragoza, Domingo de la Puyada, 1682, 159 fl..

<sup>331</sup>IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Noticia y juicio de los mas principales Historiadores de España...Con algunas Cartas al fin, escritas a dicho Señor Marqués*, Madrid, Pantaleón Aznar, 1784.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Advertencias a la Historia del P. Juan de Mariana...Publicadas por Gregorio Máyans i Siscár*, 1746, Valencia, Viuda de Antonio Bordazar de Artazu.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Obras chronologicas... Las publica de orden, i a expensas de la Academia Valenciana*, Mayans y Siscar, Gregorio(ed.), Valencia, Antonio Bordazar de Artazu, 1744.

<sup>332</sup>I.D.-1238, nº162, 163, I.D.-1026,1645, I.D.-1599, nº1645, I.D.-1295, nº1066.

I.D.- 1546, 2975, D. TAMAIO DE VARGAS, *9 Falsedad del Berojo de J. Annio, i delos demas que andan con el*, (Mss); nº 2958, *Marco Valerio Marcial Español*, (Mss); nº 2959, *Defensa dela doctrina de Flavio Lucio Dextro*, (Mss).

I.D.- 1238, nº163, PALENCIA, (*Los libros de Flavio Josepho*) *contra Appion Grammatico*, 1491; nº 162, PALENCIA, *Los libros de Flavio Josepho delas guerras de los Judios con los Romanos*, 1491.

I.D.- 1026, 91, D. MADRIGAL (el Tostado), *Sobre el Chronico de Eusebio*, 1506.

I.D.- 1599, 1645, URRIES, *Valerio Maximo*, 1514.

<sup>333</sup> I.D.- 969, 1576, LOPEZ MADERA, *Excelencias dela Monarchia de España*, 1597.

I.D.- 969, 1577, LOPEZ MADERA, *Discurso dela certidumbre delas reliquias del monte Sancto de Granada*, 1605.

O valor destes textos é reforçado com a indicação, em nota marginal, de que a obra voltou a ser reeditada em 1624, pelo impressor real, Luiz Sanchez.

<sup>334</sup>E secundariamente o texto de Cueva.

I.D.- 414, 2254, *Dialogos de las cosas notables de Granada y lengua Española*, (Mss).



A elaboração de uma única listagem geral dos títulos de história, organizada cronologicamente, permite observar uma mudança de atitude, por volta de 1580-1585, de que a obra de Madera é um exemplo, (ver gráfico e tabela com a subdivisão da fase B).

Até aí, a memória e a visão do tempo histórico transmitida era a da história antiga de Espanha, desde Tubal, desempenhando os Godos um papel relevante (id-332, Castillo, nº2118, *História dos Reis Godos*). Não chegava a haver presente, ou este era um momento (sem projecto) face ao peso daquela memória.

A partir dos finais do século, passa a acrescentar-se-lhe um outro objecto espacial, de carácter mais circunscrito e geralmente urbano.

O segundo núcleo vai ser amplamente referenciado na Biliotheca: surge por volta de 1608-1610, como que retrospectivamente, a partir das reedições da *História General de España* de Ocampo e de Mariana, com a edição dos textos (até então manuscritos) que tinham envolvido em polémica Santa Cruz<sup>338</sup> e Ambrosio de Morales<sup>339</sup>, a propósito dos *Anales de la Corona de Aragón*, de Gerónimo Zurita<sup>340</sup>. Debate em que Paez de Castro também participara (de que existe uma cópia na Biblioteca Nacional de Madrid<sup>341</sup> e cujo texto irá igualmente ser integrado na

---

<sup>335</sup> Parecer de... sobre las laminas del Sacro-Monte de Granada. Séc. XVII-XVIII, Bib.Nac. de Madrid, Mss 12 964, e

[*Láminas y descubrimientos de Granada. Papeles antiguos y Modernos*] Séc. XVII, Bib.Nac. de Madrid, Mss. 6180, e

*Parecer sobre las planchas de plomo*, 1595, Bib.Nac. de Madrid, mss.7187.

<sup>336</sup> *Sobre dificultades que ocurren sobre el examen de las laminas y reliquias*, 1595, Bib. Nac. de Madrid, mss. 7187; y [*Sucesos Varios*], Séc. XVI - XVII, Bib. Nac. de Madrid, mss. 9198.

<sup>337</sup> *Discurso de ...sobre laminas de Granada*, Séc. XVII, Bib. Nac. de Madrid, Mss. 2316 e ainda, *Carta al Inquisidor general D. Bernardo de Sandoval y Rojas sobre el pergamino y láminas de Granada*, 1618, Bib. Nac. de Madrid, Mss. 7187.

<sup>338</sup> I.D.- 1485, 3063, SANCTA CRUZ, *Relacion que hiço al Consejo del Rei No. Sr. delos Annales de Curita*, 1610.

<sup>339</sup> I.D.- 1168, 241, MORALES, *Apologia por los Annales de Geronymo de Curita contra Alonso de San Cruz*, 1610.

<sup>340</sup> I.D.- 416, 1446, CURITA, *Annales de Aragon*, 1579, nº1447, *Indices delas cosas mas notables*, 1604 e nº 1448, *Advertencias alas diferencias delas Chronicas delos Reies Don Pedro, i Don Henrique II, i Don Juan I, i Don Henrique III*, (Mss).

<sup>341</sup> Resposta à obra de Santa Cruz, em defesa dos Anais de Zurita. O texto-base é de Morales, reforçando-lhe a autoridade Paez de Castro, escrevendo em anexo o referido memorial, a pedido de Filipe II

« Muy alto y muy poderoso señor

El doctor Juan Paez de Castro Coronista y capellan de Vuestra Alteza dize que por mandado de Vuestra Alteza ha visto las anotaciones que se escribieron contra los Anales del reyno de Aragon, que Jerónimo çurita contador general del Santo officio dela inquisicion de aquel Reyno, publico los dias passados: y cierto son indignas de averse presentado en tan alto tribunal: Porque piensa que quando

edição de 1610). E que ganha nova actualidade e impacto com a polémica iniciada pela crítica de Mantuano<sup>342</sup> à *História General de España*, de Juan de Mariana. Estando vivos os autores que são objecto de crítica, vai ela ser contestada - com o reforço da ideia de história-compilação, em que o documento está ainda marcado pela oralidade - por parte de Deza<sup>343</sup> e do próprio Tamayo de Vargas<sup>344</sup>, irmão de religião de Mariana, com nova intervenção de Mantuano e réplica de Tamayo.

Este debate prossegue na geração seguinte, com Ibáñez de Segóvia<sup>345</sup>, Sanz de Veneza y Esquibel<sup>346</sup>, passando a crítica de Mariana também aos seus continuadores, como é o caso de Ribeiro de Macedo<sup>347</sup>, que anonimamente, de França, polemiza com Varen de Soto<sup>348</sup>, arrastando-se até ao século XVIII - altura em que a *História General de España* deixa de ser considerada como História oficial.

---

Vuestra alteza manda examinar un libro, quiere que se vea si en el se contiene alguna cosa escandalosa contra la Religion, o contra el estado Real, o contra el buen gobierno destes tiempos: y juntamente si el tal libro tiene algun provecho, porque si es inutil, como los libros de burlas y vanidades, mucha razon es proveher quelos subditos de Vuestra Alteza no gasten sus dineros y tiempo en tal lectura. Mas si el autor errase en el nombre, o sitio de algun pueblo, o rio, o en nonbres propios de algunas personas o en la cuenta de algun año, y en cosas semejantes a estas, no dexaria de ser ignorancia, o descuydo: mas no para traerse a estos estados para que por ello se veden buenos libros, ni es tal intencion de Vuestra Alteza: aunque es mucho de maravillar que este censor en tanto numero de anotaciones no aciertase en cosa de quantas dize. [nota. no aqierito tarifa o razon en cosa alguna]. también es cierto ser intención de Vuestra Alteza que quando este tal a quien se cometiò semejante examen, viene a hazerle relación por escrito, o por palabra, que sea bien comedido: no viendo que habla delante de Vuestra Alteza. Porque offende mucho y parece mal, dezir esto es mentira, esto es falsedad, y por lo menos mereceria ser reprehendido, todo lo demás en que este censor yerra, en sus censuras se puede reducir a cinco cabos que son passion, presuncion, falta de historia, falta de cosmografia, Malicia en multiplicar cosas superfluas.» Biblioteca Nacional de Madrid, mss. 1767.

<sup>342</sup> I.D.- 1036, 3036, MANTUANO O DE MADRID, *Advertencias a la historia del P. J. de Mariana*, Milão, 1611.

<sup>343</sup> Este texto corresponde a *Defensa a la Historia General de España que en latín y castellana escribió el P. Juan de Mariana*, Bib.Nac.de Madrid, mss.6946.

I.D.- 939, 2142, LOPE DEZA, *Apologia por el Pe. Mariana contra los errores de su contradictor*, (Mss).

<sup>344</sup> I.D.- 1546, 2949, D. TAMAIO DE VARGAS, *Defensa dela historia general de España del Pe. Juan de Mariana*, 1616; nº 2978, D. TAMAIO DE VARGAS, *12 lerros de algunos historiadores nuestros, i agenos*, (Mss) e *El Chronista, su Oficio, sus qualidades...*, *Provechos de la historia, i uso della entre los Principes*.

<sup>345</sup> *Advertencias a la Historia del P. Juan de Mariana, publicadas por Gregorio ,Mayans i Siscar*, Valencia, Viuda de Antonio Bordazar de Artazu, 1746.

<sup>346</sup> *Relación de lo que al P. Juan de Mariana ... pone en consideracion... en nombre de la muy noble y leal villa de Fuenterrabia...*, s/l., s/n, s/a.

<sup>347</sup> *Advertencias al adicionador de la Historia de España del P. Juan de Mariana, impresso en Madrid en el año 1669*, Paris, s/i, 1676.

<sup>348</sup> Basilio Varen de Soto, a quem Nicolau Antonio atribui um tratado de historia, *Arte Historial*, foi sobretudo tradutor de obras de história: Seria *Arte Historial*, manuscrito actualmente perdido, tradução de *Ars Historica* de Voss?

Descobrir estas redes polémicas é revelar uma expressão cultural muito significativa do pensamento castelhano do século XVII, quer em relação à doutrina e valores, quer quanto ao discorrer e ouvir-se a si mesmo, negar-se e reforçar o "dito". Por outro lado, o confronto e a oposição de aspectos particulares, pouco relevantes, ao permitir entender, a um nível quase subterrâneo, como se foram cruzando ideias e confrontações políticas e religiosas, possibilita uma melhor compreensão das tensões ideológicas subjacentes ao discurso dominante. E permite ainda reflectir como, em termos globais, essa teia de conflitos e de relações de oposição possibilitou o desenvolvimento da construção do conhecimento histórico.

O estudo destas polémicas, que cruzam séculos, mostra a relevância e a actualidade dos assuntos em debate, revelando ainda algumas permanências da historiografia espanhola, que se manteve, pelo menos em termos de discussão oficial e de edição, ortodoxamente, na linha da história narrativa de estrutura tradicional, exemplar e eloquente, alheada, no século XVII, dos grandes debates de carácter filosófico, erudito e de crítica, que explodem no âmbito do saber histórico. Com excepção de *Sigalion*, não se conhecem importantes tratados teóricos com preocupações de crítica ou filosofia. Não são expressos, nem sequer de forma difusa, problemas relacionados com o cartesianismo, o pirronismo, ou com erudição monástica. É pela via da tradição erudita e filológica dos humanistas-antiquários e dos falsários, excepcionalmente pela ironia, e sobretudo pelo debate concreto, com a resposta específica a determinadas interpretações de factos, que se vai criando uma literatura historiográfica, com preocupações de reflexão acerca da natureza do seu objecto.

Esta pouca sensibilidade para os problemas do âmbito interno da História está presente na *Junta de Libros*: Tamayo de Vargas, apesar de cronista em inúmeras instituições ligadas ao poder central, ignora alguns dos não muitos textos que Espanha produz sobre como deve ser a escrita da História. Não cita vários discursos manuscritos, de historiadores que refere, como sejam o caso de João Costa<sup>349</sup>, Argensola<sup>350</sup>, Herrera<sup>351</sup>,

<sup>349</sup> Juan Costa, *Apuntamientos de Sucesos Ocurridos en el Reino de Aragón Durante los años 1591 y 1592*, B.N.Madrid, Mss1762, fl.101-116, já citado.

<sup>350</sup> Bartolomé Leonardo de Argensola, "Discurso sobre las Calidades que ha de tener un perfecto Coronista," in *Obras Sueltas. Coleccionadas e ilustradas por el Conde de la Viñaza*, vol. II, Madrid, Imprenta Real, 1899, pp.255-277

Deste autor apenas cita *Conquista de las Malucas* (I.D.-923, nº576) e *Obras en verso* (nº577).

Cespedes<sup>352</sup>, Paez de Castro; e quando se trata de textos historiográficos incorporados em obra de retórica, como seja Santayana<sup>353</sup>, Navarra<sup>354</sup>, não explicita em nota final o facto; omitindo obviamente as obras que abertamente questionem a verdade das relíquias, enunciando novas formas de crítica filológica e cronologias.

Finalmente: que representatividade têm estes livros de História, e a que tipo de livraria correspondem?

A biblioteca ideal apresentada por Tamayo de Vargas, censor, muito próximo dos sectores inquisitoriais, por isso ortodoxo cumpridor da vulgata, não é uma biblioteca religiosa, mas de um religioso, historiador, Cronista Mayor e de Sua Majestade, imbuído do espírito e da sensibilidade de Trento, que, assimilando a ideia de Santo Inácio "de todas las armas posibles para la edificacion huelga de ver proveida la companhia"<sup>355</sup>, pretende moralizar a ordem social e, por esta via, a vida humana. Assim, sem esquecer a religião e dando-lhe um peso predominante, integra-a nas outras áreas do saber, de modo a que a sua visão do mundo seja mais eficientemente transmitida.

O que ressalta pois, para além do referido formalismo doutrinário - transmitido em dezenas de títulos sobre dogma e sacramentos, liturgia e culto para leigos e eclesiásticos (e que ele pretende atenuar quando não cita todas as obras religiosas que um autor publicou) - e da definição de comportamentos, é o peso da memória humana e a valorização da vida, quase sempre enquadrada institucionalmente, numa dupla hierarquia.

E o peso da História em *Junta*, como se disse, não corresponde apenas aos títulos apresentados no tema *Arte de Memória(s)* e *Ideais*, mas integra obras de outros grupos, como sejam memórias de sucessos,

---

<sup>351</sup> Este cronista escreveu inúmeros tratados sobre história política e militar, historiografia espanhola, falsos cronições, etc, que se mantiveram inéditos até ao século XIX, e que se encontram actualmente na Biblioteca Nacional de Madrid (Primera Parte de las várias Epistolas, Mss.1035). A maior parte deles foi editado no século XIX, por António Zamácola, *Discursos morales, politicos e históricos inéditos*, Madrid, Imp.Ruiz 1804, permanecendo ainda alguns memoriais sem publicação (cuja transcrição fizemos e espera publicação).

<sup>352</sup> Baltazar de Cespedes, *Discursos de las Letras Humanas, llamado el Humanista...y que sale á luz la primera vez por Don...*, Diez Gonzalez, Santos (ed.), Madrid, Antonio Fernandez, 1784.

<sup>353</sup> I.D.-1486,nº2844.

<sup>354</sup> I.D.-1189.

<sup>355</sup> Polanco, secretário de San Ignacio em Roma, CF.Monum.Hist.S.I.Monum.Ignat., series I,3,502,cit.Hirschberger, *Historia de la Filosofia*, vol.1, Madrid, Herder,1971, p. 605.

descrições de festas e entradas reais, relações várias, poemas heróicos, e narrativas morais.

Em *Junta de Libros*, a distribuição das obras pelas grandes disciplinas não corresponde a nenhuma livraria coeva, nem do século XVIII. Nem de bibliotecas religiosas, nem de colégios jesuítas. Para Espanha, não se conhecem catálogos ou inventários de livrarias religiosas neste período, com exceção da obra *Libros y Lectura en Salamanca (1650-1725)*<sup>356</sup>, de Prieto, já referida e, para o século XVIII, o estudo de algumas bibliotecas da Galiza<sup>357</sup>. No caso francês, mesmo ainda no século XVIII, verifica-se também uma percentagem menor de referências a obras de História<sup>358</sup> do que na *Junta*.

---

<sup>356</sup> A partir dos livros encontrados, Prieto reconstituiu a biblioteca dos leitores de Salamanca, tendo apresentado a seguinte distribuição: Religião e Teologia, 23,2%; Direito 40,2% e Política, 0,7%; Ciências, 3,5%, correspondendo 1,8% a Medicina; Humanidades, 14,5%, em que a História Civil corresponde 3,7%, Filologia, 1,7%, Filosofia, 1,5%, clássicos greco-latinos, 5,7%, Literatura, 1,6%, e emblemas, 0,3%. Sem identificar 17%.

Weruaga Prieto, op. cit., p. 116

<sup>357</sup> Estuda o fundo da Biblioteca dos franciscanos e dos mercedários em Santiago de Compostela, verificando corresponder às obras de História respectivamente 8,7% (em 1761) e 13,1% (em 1802), sendo 78% de títulos religiosos, (e 7% de Direito Canónico).

Cfr: Ofelia Rey Castelo, "Las Bibliotecas Institucionales en la Galicia de Fines del Antiguo Régimen", in *Antiguo Régimen y liberalismo*, vol. 2, Madrid, Alianza editorial-Univ. Autónoma de Madrid, 1995, pp. 583-617.

<sup>358</sup> Em *Histoire des bibliothèques françaises. Les Bibliothèques sous l'ancien régime 1530-1789*, op. cit., são apresentados vários quadros com a repartição dos livros pelos diferentes temas em bibliotecas universitárias e religiosas. Nesses quadros verifica-se que só no século XVIII surgem bibliotecas com uma percentagem tão elevada de livros de História, como é o caso da Biblioteca da Universidade de Paris (1771-29,6 e 41,2 para a Teologia, correspondendo apenas 12,8 às Belas Letras e 9% às Ciências).

Em relação ao século XVII, a Universidade de Orleans tem catalogados 5252 livros, dos quais 19,9% são de História, e apenas 7,7% de Teologia. O colégio de Harcourt, com 2556 títulos, que incluem manuscritos e impressos, tem 11,5% de obras de temática histórica. E o colégio do Cardinal-Lemoine, 21,2% em 1696 e 20,8 em 1784.

A biblioteca de Ste. Geneviève, em 1790, reunia cerca de 5303 volumes, correspondendo 43,67 a matérias religiosas e 56,33% a profanas, cabendo à História 17,81% (7,43 História eclesiástica e 10,38% História profana), Cfr. Jacqueline Artier, "Les bibliothèques des universités et de leurs collèges" op. cit., pp. 45-55.

No caso de bibliotecas médias de casas religiosas, também para meados do século XVIII, estes números baixam significativamente (de jesuítas, 12,3% (sendo 6,6% de História Eclesiástica); cistercienses 14,3% (4,1% de História Eclesiástica) beneditinos, 16%; e mínimos, 13,1% correspondendo 10,2% a História Eclesiástica).

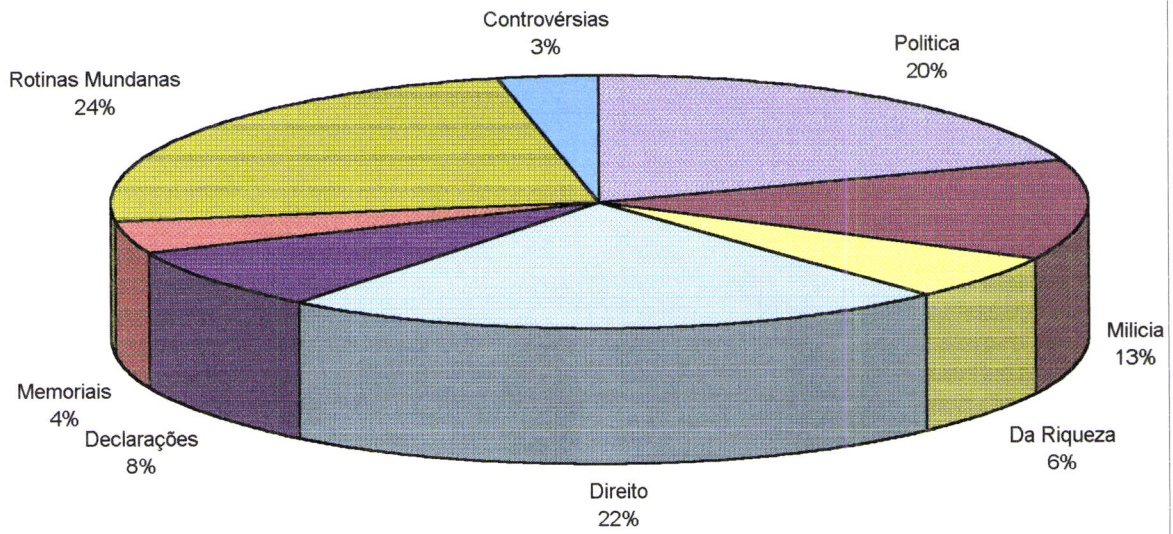
## 2.00 ARTES DE GOVERNAÇÃO

Distribuição das obras segundo a forma material (impresso e manuscrito).

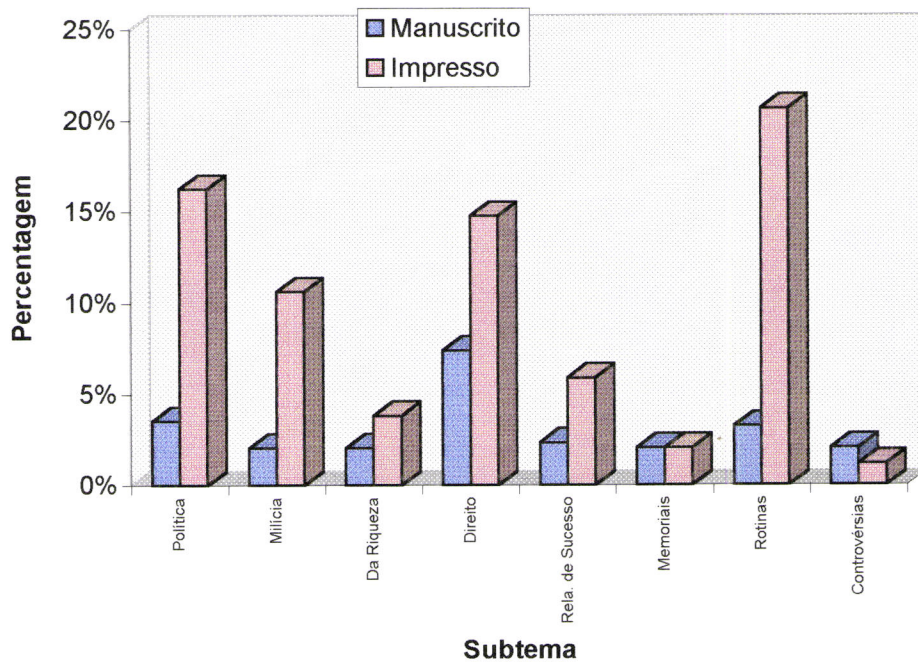
		Obras Manuscritas	Obras Impressas	% M	% I
<b>2</b>	<b>ARTE DE GOVERNAÇÃO</b>	<b>84</b>	<b>255</b>	<b>25%</b>	<b>75%</b>
2.01	Política	12	57	17%	83%
2.01.01	TRATADOS	7	17	0%	1%
2.01.02	Do Governo	5	38	12%	88%
2.02	MÍLCIA	7	36	16%	84%
2.03	DA RIQUEZA	7	13	35%	65%
2.03.00	DA RIQUEZA	3	12	20%	80%
2.03.01	Agricultura	4	1	80%	20%
2.04	DIREITO	25	50	33%	67%
2.04.01	Direito Canônico	7	16	30%	70%
2.04.02	Direito Cível	8	26	24%	76%
2.04.03	Direito Político	10	8	56%	44%
2.05	DECLARAÇÕES	8	20	29%	71%
2.07	MEMORIAIS	7	7	50%	50%
2.08	ROTINAS MUNDANAS	11	70	14%	86%
2.08.00	ROTINAS MUNDANAS	2	15	12%	88%
2.08.01	Festas	7	32	18%	82%
2.08.02	Cântico e Música	2	23	8%	92%
2.10	CONTROVÉRSIAS	7	4	64%	36%

Em *artes de governação* integraram-se todos os temas relacionados com a realidade social e o funcionamento da vida na *polis* nas diversas práticas do poder - Política, Milícia, Direito, Riqueza, relações de sucessos, declarações, memoriais e Rotinas Mundanas. Correspondendo apenas a 339 títulos, com uma tendência de subida estável ao longo de todo o período, verifica-se o aumento mais nítido nos títulos referentes a Governo da res-publica (2.01.01) e Rotinas Mundanas (2.08). À falta de referências a títulos de história política, corresponde a falta de teoria política de sentido laico, apesar de Tamayo de Vargas citar bastantes traduções de obras de Tácito, quer em versões manuscritas, quer, a partir de 1615-20, em textos comentados impressos, como se disse.

### Artes de Governação: Distribuição das Obras



### Artes de Governação: Distribuição dos Impressos e dos Manuscritos







O reduzido número de títulos não permite conclusões específicas, para além de uma relação genérica, entre si, dos vários saberes da Bibliotheca e a sua função na construção de um poder Monárquico. Esta relação pode ser de dois tipos: através de obras que ajudam à sua organização e a uma acção pragmática de governo, com a adequada criação de profissionais; e de obras que o representem, geralmente através de imagens (escritas, pictóricas, sensoriais) de forte impacto comunicativo.

Sendo todas estas criações de linguagens fixadas em papel e por isso integradas em *Junta de Libros*, são umas originariamente invenções linguísticas e outras construções de variadas linguagens.

As primeiras foram integradas em *Arte: linguagens e escrita*; e as segundas, incluídas neste grupo temático, em rotinas mundanas. Não fora esta referência (com um peso relativamente importante) a títulos sobre o cerimonial na cultura urbana e de Corte, de evidente sentido e valor litúrgico, e *Artes de governação* seria uma ainda mais reduzida área temática.

Com excepção do Direito<sup>359</sup> e da Política, disciplinas desde há muito integradas na enciclopédia dos saberes - e que foram introduzidas nesta grande área por se ter considerado que o número reduzido de títulos de cada um destes subtemas lhes retirava a autonomia alcançada em outras bibliotecas -, as outras matérias eram entendidas como práticas, quando muito "artes", sem acesso ao espaço da biblioteca. Reconhecimento que tem agora o seu início, pela via da divulgação, mediadora entre o saber e a acção.

*Artes de governação* devem ser vistas em dois períodos: um, até cerca de 1603, em que à dimensão política ainda estão subjacentes valores e uma moral de matriz cristã; e outro, desde então até 1624, no caso de *Junta de Libros*, e que se prolonga na sociedade espanhola, em que o sentido de pragmatismo de acção, ainda que moralizado e moralizante, vai emergindo, surgindo obras de carácter doutrinário de sentido pragmático - tacitismo e neo-estoicismo<sup>360</sup>, visível nas

<sup>359</sup>Em relação à "ciência" jurídica ela é apresentada de forma parcelar, pois o facto de *Junta* só referir títulos em romance limita consideravelmente o número de obras, aumentando a percentagem das manuscritas.

<sup>360</sup>Aliás, esta ausência de obras não se deve a uma omissão deliberada por parte de Tamayo de Vargas, no que diz respeito às impressas, pois o catálogo de livros impressos em Alcalá (1500-1600) quase não refere títulos de temática política, em castelhano até 1600.

Bibliotecas de Olivares, Marquês de Montalegre e Ramirez Prado, já referidas.

Em relação às tradicionais áreas de governação podem estabelecer-se dois grupos: um, com peso relativo, composto por Política, Direito e Milícia; e outro, insignificante pelo número e títulos, correspondente a Memoriais<sup>361</sup>, Relação de Sucessos<sup>362</sup>, Controvérsias<sup>363</sup>, e da Riqueza, cujo valor está no significado de ausência, associada ao facto de os títulos referidos serem maioritariamente manuscritos, como se observa no gráfico anexo.

*Memorial*, género discursivo de carácter individual e de relação directa, numa dimensão pessoal, e de âmbito temático-político circunstancial, vai manter-se até tarde associado à tradicional forma de comunicação, o manuscrito, mostrando como a nobreza se concebia numa estreita relação de senhor-soberano.

Em meados do século XVII, os memoriais, bem como as linhagens e genealogias, deixam de ser vistos como experiências isoladas. A evolução do género para o impresso mostra como o *Grande* já vê no pedido ao rei um Direito, que por isso divulga, pois a sua comunicação entre iguais e inferiores reforça o pedido e o feito, o sentido de grupo e a sua legitimação social.

Os títulos referentes à riqueza<sup>364</sup> sugerem apenas alguns focos de tensão, sendo impossível através deles vislumbrar a crise monetária e

---

Julián Martín Abad, *La Imprenta en Alcalá de Henares (1502- 1600)*, op. cit..

<sup>361</sup>Dos 14 memoriais citados, 50% são manuscritos, 5 dos quais do próprio Tamayo de Vargas. Apenas o de Mendoza e Bobadilla remete para um problema social relevante, o da reorganização do papel da nobreza na Monarquia: I.D.- 1114, 1185, D. MENDOZA I BOBADILLA, *Memorial al Rei Don Philippe 2º dela nobleza de España*, (Mss).

I.D.- 1114, 1185, D. MENDOZA I BOBADILLA, *Memorial al Rei Don Philippe 2º dela nobleza de España*, (Mss).

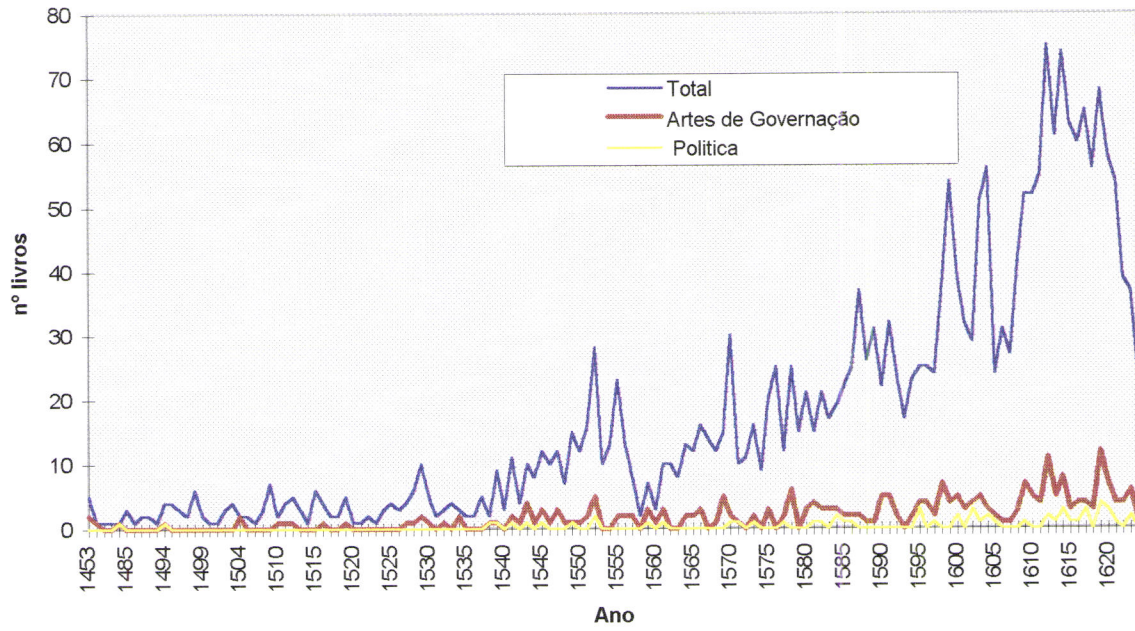
<sup>362</sup> Face ao reduzido número de títulos, acrescido do facto de serem maioritariamente textos manuscritos (sem datação), remete-se para anexo os gráficos respeitantes à sua distribuição cronológica.

<sup>363</sup> A não nomeação do autor que se contesta ou critica nas controvérsias tem a ver com o princípio argumentativo já referido, de que nomear é já elogiar, pois é dar entidade.

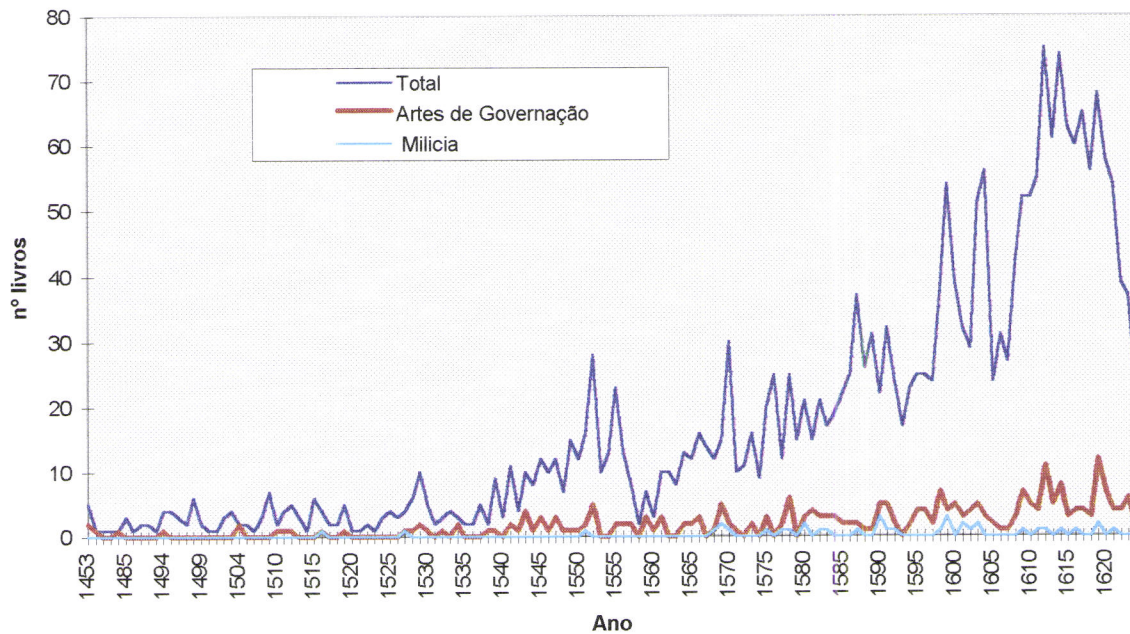
Os grandes debates e polémicas políticas vão dar-se a partir do final do governo do Duque de Lerma, e sobretudo no período do conflito entre Espanha e a Catalunha, França e Portugal - o poder já se representa autonomamente e por isso com capacidade argumentativa própria. Como se verá, a polémica política representará agora uma elevada percentagem de títulos na obra histórico-política de Pellicer.

<sup>364</sup> Os títulos referem-se maioritariamente, não à falta de trabalho, mas ao problema da ociosidade e pobreza nas cidades, com os inerentes vícios (mendicidade e jogo), e à falta de metal. Apenas um título sobre como criar seda, e 6 em defesa da agricultura e gado. De facto, estas 6 referências apenas

### Artes de Governação: Distribuição das Obras Impressas

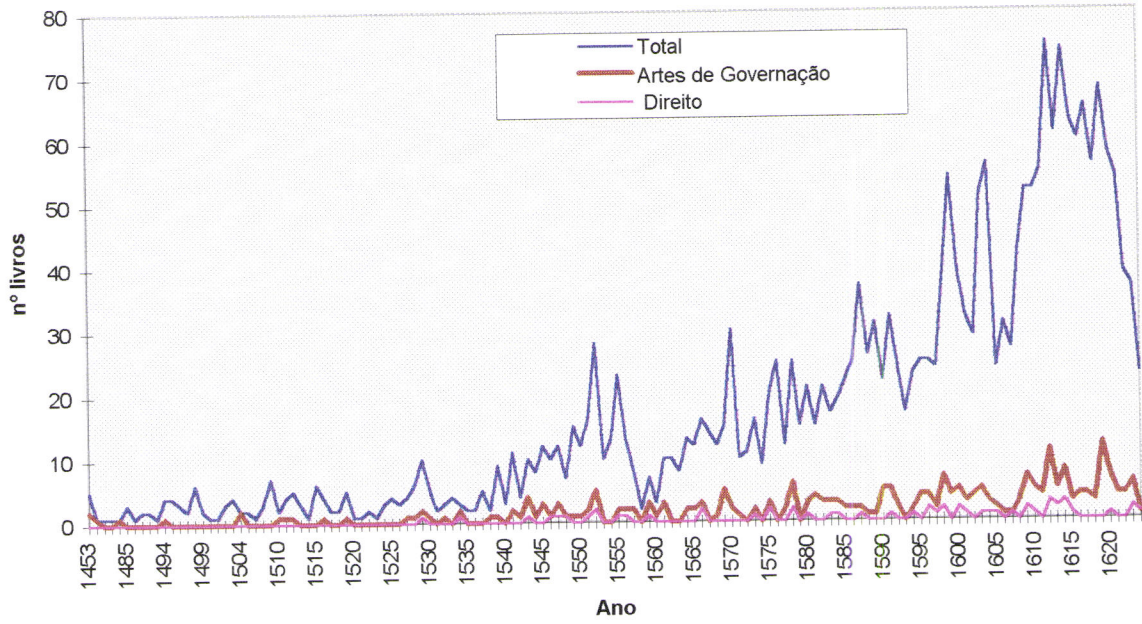


### Artes de Governação: Distribuição das Obras Impressas

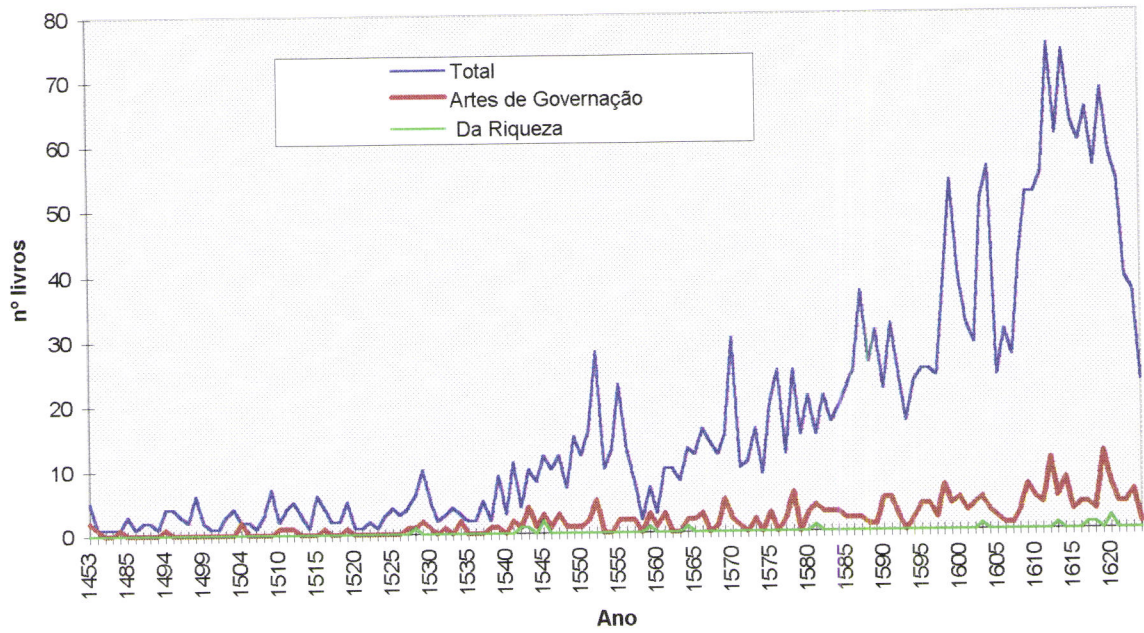




### Artes de Governação: Distribuição das Obras Impressas



### Artes de Governação: Distribuição das Obras Impressas





sócio-económica, mais perceptível através dos títulos de novelas e comédias.

Se Tamayo quase ignora a literatura arbitrista, não deixa no entanto de citar a obra de Deza, que é aquela em que, de forma mais completa e sistemática, se analisa a crise do sector agrário. Coincidindo o ano da sua publicação (1618) com o encargo de Filipe III ao Conselho de Castela da elaboração de um memorial sobre a situação e soluções para vencer a crise.

Entendidas como áreas de governo estão a Política, o Direito e a Milícia.

A Política foi subdividida em duas subtemáticas: uma correspondente a obras de educação moralizante - Tratados de Educação, Regras de cortesão e corte<sup>365</sup>; e outra em que já são referidas obras relacionadas com a acção pragmática de saber mandar, com respectivo corpo de funcionários - Do Governo da res-publica.

A primeira, com maior percentagem de manuscritos, regista maior número de títulos impressos no século XVI, e pode ter como representação mais avançada os tratados de Príncipes, em forma de apólogo, de Antonio Guevara, amplamente referido na *Junta de Libros*<sup>366</sup>.

Em *Governo da res-publica* integram-se sobretudo obras impressas<sup>367</sup>, de formação da Curia Philippica<sup>368</sup>: secretário, secretário do rei, embaixador, conselho e conselheiros, notas de escrivães, regedores fiscais, corregedores, de doutrina política e cívica de sentido tradicional, economia aristotélica, textos em que a experiência política pessoal já é considerada e referida<sup>369</sup>. É o caso de *Norte de Príncipes*, *Sobre a Verdadeira Razão de Estado*, traduções de Justo Lípsio e de Tácito,

---

correspondem a 3 obras, pois Tamayo de Vargas cita como obras diferentes o livro *Diez Remedios y las advertencias conclusiones ...*, de Lope de Deza (I.D.-939,nº2141), e nº238, 2139, 2140, correspondendo estes manuscritos a obra impressa.

<sup>365</sup> Tratados de príncipes dentro da tradicional perspectiva da doutrina cristã, tratados do cortesão, educação de nobres e filhos, doutrina política, espelho de príncipes cristãos, perigos da Corte, com um decréscimo de publicação a partir de 1603.

Num total de 24 títulos, 6 manuscritos não datáveis, 1 impresso até 1535, 11 títulos de 1535 a 1603, e 6 até 1624.

<sup>366</sup> Cerca de 10 títulos - I.D.-132, nº383 a 392.

<sup>367</sup> 5 referências a obras manuscritas e 38 a impressas. Das manuscritas, salientam-se as de Antonio Pérez, *Secretos* (I.D. -1284); (I.D. - 1320) Alexos Piamontes, *Norte de príncipes*, numa linha de política pragmática e autónoma, e a do jesuíta Pedro Rivadeneira, *Virtude de príncipe contra Machiavelo*, I.D. - 1387, de combate ao género de novos "políticos".

<sup>368</sup> *Curia Philippica*, de Hevia Bolaño, 1 volume impresso em 1609 e o 2º em 1619

<sup>369</sup> Geronymo Castillo de Bobadilla (I.D.-267), *Política*, nº1435

obras a condenarem esse pensamento e outras a adaptá-lo. Este debate revela uma mudança de atitude: o referente já não é a doutrina moral cristã adaptada ao governo da família, ou da corte, mas a adaptação de uma moralidade de utilidade política aos princípios cristãos, ou a negação dessa possibilidade, sendo neste caso uma doutrina já de resposta.

Por isso o tacitismo, único pensamento político aceite pela ortodoxia romana, devido à sua capacidade em articular utilidade política e moral cristã, vai desempenhar um papel doutrinário importante a partir de meados do reinado de Filipe IV.

Em relação ao Direito, o Canónico e o Civil são sobretudo referidos através de obras impressas, enquanto os títulos de Direito Político são maioritariamente manuscritos, o que revela a função e o valor que cada um tem na organização das respectivas instituições (e portanto da própria instituição).

Tamayo vai omitir as obras de Direito Político relacionadas com ordenações, pragmáticas<sup>370</sup>, leis, provisões, cédulas, cadernos de Cortes, petições (embora em relação ao Direito Canónico já refira constituições<sup>371</sup>, estatutos<sup>372</sup>, explicações de Bulas<sup>373</sup>, compilações dos casos ordinários de matéria canónica<sup>374</sup>, das instruções da Inquisição<sup>375</sup>,

---

<sup>370</sup> Apenas com duas referências:

I.D.- 1116, 94, MENESSES, *Reportorio de caminos i de quintas segunla nueva pragmatica*, 1614 e I.D.- 623, 69, GALLO, *Declaracion del valor del oro, conforme ala nueva pragmatica de Madrid de 1612, i el dela plata*, 1613.

<sup>371</sup> I.D.- 251, 1765, BERNAL DE LUGO, o BERNARDO, *Constituciones de su Obispado en la Synodo de Legroño de 1533, 1534*.

I.D.- 576, 1275, Frei D. FRANCISCO DE SOSA, *Advertencias cerca dela nueva constitucion de Clemente VIII de Largitione munerum sexus regularibus interdicta*, 1596.

I.D.- 1394, 2027, D. RIVERA, *Constituciones dela Capillary Colegio de Corpus Christi que instituyó*, 1605.

I.D.- 1378, 178, Frei D. RINCON DE ORTEGA, *Constituciones del Colegio dela Sta. Vera Cruz que fundó enla villa de Aranda D. Pº de Acuna, i Avellaneda Obispo de Astorga, i Salamanca*, 1623.

I.D.- 588, 1140, Frei FRANCISCO GONZAGA, *Constituciones gen monjas religiosas sujetas a su obediencia enla familia Cismontana*, 1594.

<sup>372</sup> I.D.- 1363, 2838, D. RAÍMUNDO, *Estatutos, i constituciones de su Iglesia*, (Mss).

I.D.- 1051, 1947, MARIANA, *Tratado del instituto dela Compañia*, (Mss).

<sup>373</sup> I.D.- 310, 2413, D. CARRILLO, *Explicacion dela Bulla dela suspension delas Indulgencias deste año del S. Jubileo de 1600*.

I.D.- 310, 2414, D. CARRILLO, *Explicacion dela Bula de defunctos*, 1615.

I.D.- 641, 1846, GARNICA, *Explicacion delas Bulas de Cruzada defunctos, y composicion*, 1578.

I.D.- 1042, 2388, Frei MANUEL RODRIGUEZ, *Explicacion dela Bulla dela Cruzada*, (Mss).

<sup>374</sup> I.D.- 129, 352, Frei ANTONÍO DE CORDOBA, *Tratado de casos de consciencia con addicion de 72 questiones*, 1578.

I.D.- 978, 2854, LORENZANA, *Compendio de casos hordinarios de consciencia delas materias Canonicas*, 1591.



num total de 23 títulos - metade das obras de Direito referidas em *Junta de Libros*), como que ignorando a prática de governação. Aliás, no âmbito da Política, também não vai referir praticamente títulos relacionados com a administração<sup>376</sup>. Cita apenas alguns dos códigos-base da jurisdição: *Summa de las leyes penales*<sup>377</sup>, com adições<sup>378</sup>, e princípio de direito civil<sup>379</sup>; o Tratado de Bartolomeu de las Casas, sobre a escravidão dos Índios, em manuscrito<sup>380</sup>, e a polémica por ele gerada; legislação de prática judiciária de Aragão<sup>381</sup>, leis de Castela (1529, com reedição em 1547)<sup>382</sup>, ignorando as legislações referentes a Navarra, às Américas<sup>383</sup>, e as de âmbito local, como era a de Sícia e Nápoles. Também não refere Francisco Vitória e o direito internacional.

Tal como na Política e na Milícia, inventaria sobretudo obras que preparem os respectivos profissionais: juízes<sup>384</sup>, procuradores<sup>385</sup>, escrivães<sup>386</sup>, notários<sup>387</sup>, notários apostólicos<sup>388</sup>, arte legal para "estudiar la jurisprudencia con la exposición de la Instituta"<sup>389</sup>.

---

<sup>375</sup> I.D.- 1571, 2980, Frei THOMAS TORQUEMADA, *Copilacion delas instrucciones de S. Officio de la Inquisicion*, (Mss), 1584.

<sup>376</sup> Apenas o nº773

<sup>377</sup> I.D.- 1351, 1241, PRADÍLLA VARNUEVO, *Summa de todas las leyes penales*. 1ª y 2ª Parte, 1613.

<sup>378</sup> I.D.- 223, 1088, D. BARREDA, *Addiciones alas leyes penales del Dr. Francisco de la Padilla*, 1624.

<sup>379</sup> I.D.- 424, 622, DAZA, *Las constituciones Imperiales, o principio del derecho civil*, 1614.

<sup>380</sup> I.D.- 228, 561, Frei D.BARTHOLOME DE LAS CASAS, *Brevissima relacion dela destruicion delas Indias*, 1552 e nº564, Frei D.BARTHOLOME DE LAS CASAS, *Tratado sobre la materia delos Indios, que se han hecho en ellas esclavos*, 1552, (Mss).

Gines de Sepúlveda (I.D.\_674, nº1851, *Dialogo, llamado Democrates*, 1541.) , capelão e cronista de Carlos V, vai entrar em disputa com este autor, defendendo o direito de conquista dos Espanhóis, com novas argumentações de Bartolomeu de las Casas: nº562 *Disputa entre el Obispo de Chiapa I el Dr. Gines de Sepulveda sobre si las conquistas de las Indias eran licitas*.

Paralelamente a esta polémica, Francisco de Vitória teoriza a sua doutrina sobre direito internacional.

<sup>381</sup> I.D.- 1152, 3053, MOLINO, *Practica judiciaria del reino de Aragon*, 1575.

<sup>382</sup> I.D.- 435, 1612, DIAZ, *El repertorio de las leyes de todos los reinos de Castilla*, 1547.

I.D.- 1525, 1669, SOLER, *Repertorio de todas las leyes de Castilla*, 1529.

<sup>383</sup> Em 1542 tinham-se promulgado *Leyes Nuevas para as Américas Índias*, que não refere (aliás, *Junta* omite a bibliografia sobre o continente americano, por existirem bibliotecas específicas)

<sup>384</sup> I.D.- 300, 557, CARAVAJAL, *Instruccion i memorial para Escribanos i Juezes*, 1580.

<sup>385</sup> I.D.- 1206, 1989, NUÑOZ, *Practica de Procuradores*, 1596.

<sup>386</sup> I.D.- 164, 2810, AREVALO, *Instruccion de Notarios Apostolicos, i Notas de Scrivanos*, (Mss).

I.D.- 579, 1302, Frei FRANCISCO DE VICTORÍA, *Tratado sobre si se pueden vender o arrendar los officios de Escribanos*, 1552.

I.D.- 1390, 915, RIVERA, *Instruccion i arancel delos Escribanos*, 1609.

I.D.- 1163, 1351, MONTERROSO I ALVARADO, *Practica civil i criminal i institucion de Escribanos*, 1609.

<sup>387</sup> I.D.- 191, 1649, AUGUSTIN DEL CASTILLO, *Summario delos Notarios*, 1548.

A sua biblioteca deve guardar saber sobre honra militar<sup>390</sup>, e duelo<sup>391</sup>, cavalaria de brida<sup>392</sup>, e sobretudo, de gineta<sup>393</sup>.

A Milícia na sua literatura não tem de falar de guerras e muito menos de perdas - nunca fazendo Tamayo de Vargas qualquer alusão, por exemplo, à Invencível Armada. Aliás, nas relações de sucessos, também não refere derrotas, políticas e militares, nem batalhas, terrestres ou marítimas, objecto de extensíssima literatura, quer manuscrita, quer impressa.

Os constantes conflitos militares espanhóis são, mais uma vez, referidos apenas indirectamente. No caso da milícia, observa-se, a partir de 1583<sup>394</sup>, e durante cerca de 20 anos<sup>395</sup>, a referência a títulos de avisos sobre a nova doutrina<sup>396</sup> e disciplina militar<sup>397</sup>, artilharia<sup>398</sup>, fortificação<sup>399</sup>

---

I.D.- 1462, 16, SALGADO CORREA, *Regimiento de Juezes*, 1556.

I.D.- 763, 74, HEREDÍA, *Dechado de Juezes*, 1566.

<sup>388</sup> I.D.- 164, 2810, AREVALO, *Instruccion de Notarios Apostolicos, i Notas de Scrivanos*, (Mss).

<sup>389</sup> I.D.- 247, 1090, BERMUDEZ DE PEDRAZA, *Arte legal para estudiar la jurisprudencia con la exposicion dela instituta*, 1612.

<sup>390</sup> I.D.- 1598, 1509, D. URREA, *Dialogo dela verdadera honra militar de como se ha de conformar la honra con la consciencia*, 1575.

<sup>391</sup> I.D.- 1611, 941, VALERA (Mosen.), *Del duelo o tratado delas armas*, (Mss).

<sup>392</sup> I.D.- 552, 372, FLORES DE BENAVIDES, *Reglas dela Caballeria dela brida*, 1568.

<sup>393</sup> Cerca de 10 títulos. Tamayo de Vargas escreve sempre Gineta, e não ginete. Apesar de citar 3 tratados de cavalaria para gineta (nº1051, nº2070, nº2592), considerou-se estar a referir-se à nova arma usada pela infantaria, especificando o seu uso na pessoa do capitão.

Cfr. nº2005, nº1026, nº1736, nº2637, nº2916, nº658 e nº659.

<sup>394</sup> Com uma excepção em 1577, em que refere o divulgado tratado de Bernardino de Mendoza (I.D.- 1111), nº627, *Theoria e practica da guerra*, 1577.

Está-se nas vésperas da derrota de Cádiz (1588) e, pelas descrições de batalhas e acontecimentos militares espanhóis, verifica-se ser a arte da guerra, ainda, uma prática assente em valores de honra e valentia, e não uma actividade que exige conhecimentos múltiplos, grande ponderação e decisões rápidas.

<sup>395</sup> Filipe III estabelece a paz (com a França 1598) com Inglaterra, em 1604 e Holanda em 1607, vivendo a Espanha uma trégua de 12 anos, até ao início da guerra dos 30 anos, visível na ausência de referências a títulos militares na *Junta de Libros*.

<sup>396</sup> I.D.- 497, 623, ESCALANTE, *Dialogos del arte militar*, 1583.

I.D.- 1503, 592, SCARION, *Doctrina militar*, 1598.

I.D.- 384, 2251, COLLADO, *Platica manual dela artilleria en que se trata del arte militar delas machinas delos antiguos y dela invencion dela polvora*, (Mss).

I.D.- 828, 2128, ÍSLA, *Breve tratado dela artilleria y fabrica della y artificios de fuego*, 1603.

<sup>397</sup> I.D.- 22, 506, D. AIALA, *El visño instruido enla disciplina militar*, 1616.

<sup>398</sup> I.D.- 329, 1608, CASTILLO, *Tratado de Artilleria*, (Mss).

I.D.- 384, 2252, COLLADO, *Un examen de Artilleros*, 1592.

I.D.- 219, 2924, BARBARA CAPITAN, *Tratado de toda la artilleria*, 1599.

<sup>399</sup> I.D.- 914, 725, LECHUGA, *Discurso, en que se trata dela artilleria, dela Fortificacion, i otros advertimientos*, 1611.

e mantimentos<sup>400</sup>; como formar os diversos profissionais - soldados<sup>401</sup>, sargentos<sup>402</sup>, mestres de campo<sup>403</sup>, "perfecto capitan"<sup>404</sup>; ou como controlar rebeliões<sup>405</sup>, problema de âmbito militar, mas também político, nomeando assim os escritores espanhóis coevos que veem a disciplina militar em relação com a política, como um conjunto de regras próprias, com profissionais de preparação específica.

Uma das maiores inovações de Tamayo na *Junta* foi a referência às obras que se englobou em rotinas mundanas (aliás com maior número de títulos que o Direito, a Política, a Milícia, ou a Riqueza), que pode ser entendida como o simétrico, no mundo da Corte, da liturgia e eclesiologia, também em fase de ascensão.

Rotinas por serem ritual repetido; manifestações que não são originais, antes repetem a matriz fixa e predeterminada, ganhando um valor-sentido litúrgico. Mundanas, por se referirem ao mundo social (Corte, Universidade, Igreja e Urbe), festas que são actos de amor, expressão de uma ordem social, que entretece a harmonia entre quem a compõe, transmitindo a imagem do espaço social dos seus agentes. Realidade mundana ainda no sentido de materialidade, realidade captada e usufruída através dos sentidos, apelativa de emoções e pouco interiorizada pelo conhecimento racional.

Estas artes do culto, organizadas em torno da festa - que inclui **jogos** variados (esgrima, xadrez, damas e caça, e sobretudo desporto, o banquete e o vestuário) - num espaço circunscrito, tem o seu desenlace na comédia, com dança (e música<sup>406</sup>), que começa com a representação em cena e se estende à plateia.

A representação teatral espanhola afastou-se do teatro grego, tendo como fonte inspiradora um moralista latino. Plauto, recriador de um

---

<sup>400</sup> I.D.- 671, 1510, GIL, *Macer que trata delos mantenimientos*, 1527.

<sup>401</sup> I.D.- 114, 3088, ANTONIO, *Avisos para soldados*, 1590.

<sup>402</sup> I.D.- 609, 1831, FUNES, *Arte militar enque se declara qual sea el officio de sargento mayor*, 1582.

<sup>403</sup> I.D.- 914, 727, LECHUGA, *Discurso del Maestro de Campo i de todo lo que de derecho le toca en el exercito*, 1603.

<sup>404</sup> I.D.- 28, 787, D. ALAVA I BEAMONTE, *El perfecto Capitan instruido en la disciplina militar, i nueva sciencia dela artilleria*, 1590.

<sup>405</sup> I.D.- 1614, 2360, VALLE DELA CERDA, *Avisos en materia de estado y Guerra para reprimir rebeliones*, 1599.

<sup>406</sup> Junta refere 25 obras musicais, em que apenas duas são manuscritas. Introduziu-se neste grupo o cantochão por se ter considerado que ele integrava a festa litúrgica, despertando emoções de espiritualidade, e desenvolvendo igualmente a sensibilidade.

género dramático assente em personagens-tipo<sup>407</sup>, fixou uma estrutura discursiva específica que passa a caracterizar a nova comédia: o reforço da representação é obtido simultaneamente pelo jogo das palavras e o cómico do vocabulário, numa situação ficcional verosímil. Pelo riso diverte-se o espectador, pela verosimilhança é assimilada a lição.

A nova comédia, elemento polarizador e integrador de uma série de traços (comportamentos, gostos, vivências, medos) e manifestações (música, canto, dança, corografia e elementos cénicos, fogo de artifício, comida, vestuário) será o núcleo da cultura política - a festa é mais ampla, mas tem sempre o seu desenlace na representação - que integra num objecto lúdico, um projecto doutrinal, concretizado em acções, transmitido ao espectador, difusamente, pela alegoria e verosimilhança, por entre uma mensagem e representação sensorial que faz uso de amplos sentidos.

Comédia<sup>408</sup> (sermão) e música são as linguagens sensoriais e as manifestações de sensibilidade mais referidas na *Junta*. A Música, associada de novo, na época, à poesia, é a maneira mais requintada e forte de sentir a dimensão sensorial. Desperta e faz vibrar os sentidos e a vida numa dimensão lírica. Adere-se pelo inconsciente, pela tranquilidade, e sobretudo pelo lúdico e ocasional, fora do quotidiano. Os ritmos de alegria despertam emoções e resolvem tensões.

A pintura, introduzida na *Junta* através do teórico de arte Pacheco<sup>409</sup>, não foi considerada a manifestação superior dos sentidos, porque se tornara conceptual, pela introdução da perspectiva a partir do renascimento italiano, intelectualização reforçada pelo tópico horaciano da pintura como poesia muda, associada à vontade corporativa da sua passagem a arte liberal.

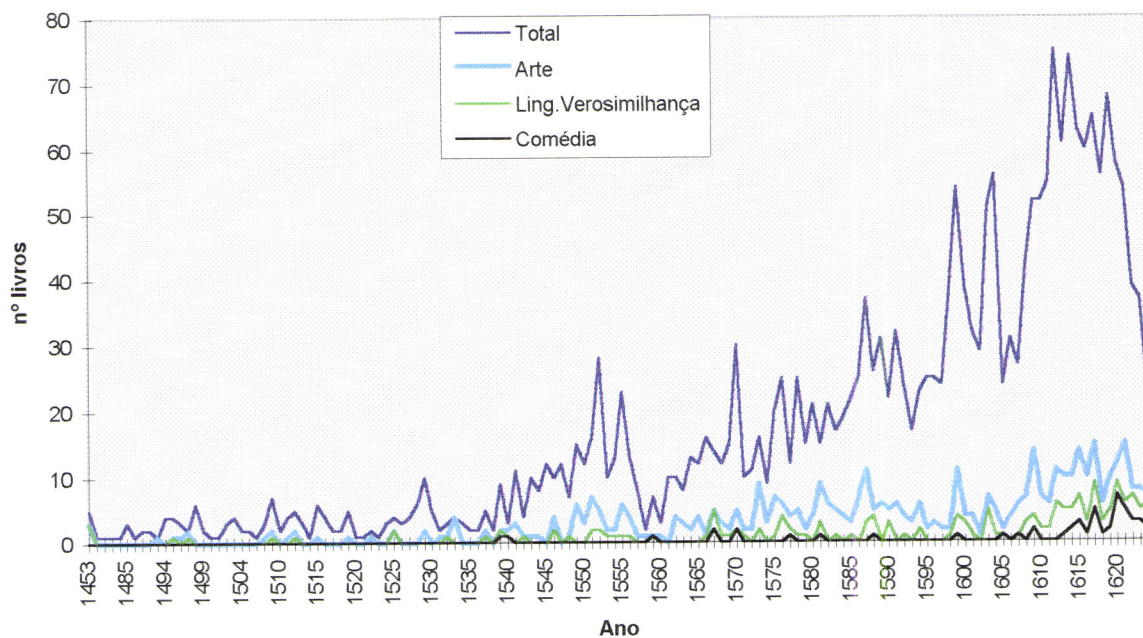
---

<sup>407</sup>A mãe de família, o velho, o jovem, o escravo (personagem dinamizadora da acção) desenvolvem uma intriga amorosa, em que o jovem se enamora de quem não deve, mas cujo desenlace é o casamento socialmente aceite.

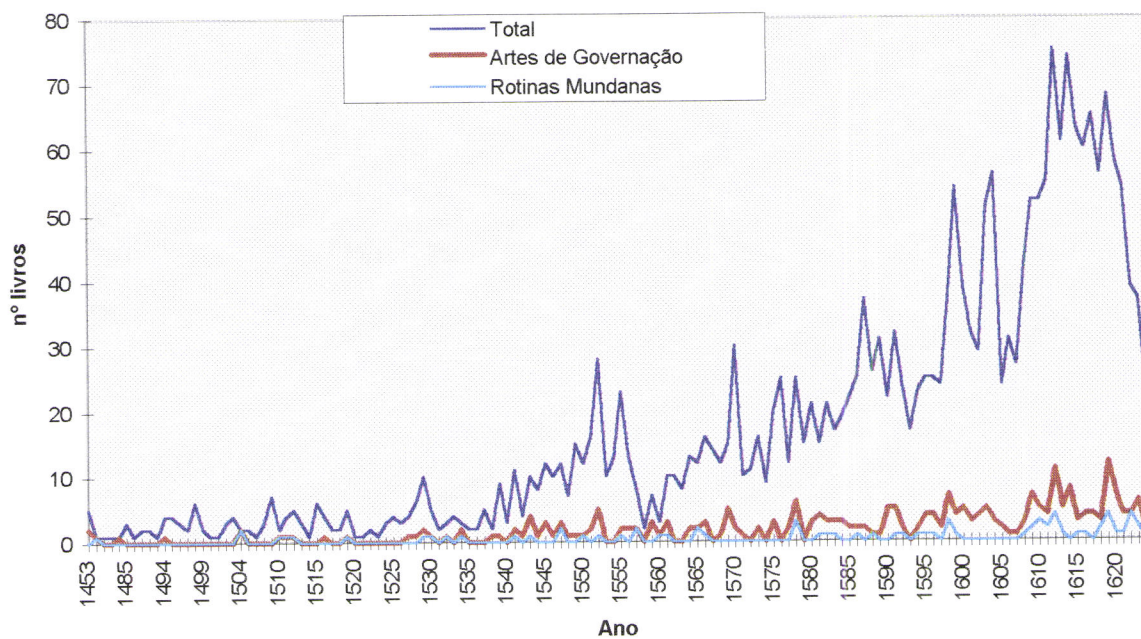
<sup>408</sup> Segundo a definição de Cobarruvias, Comédia é "cierta especie de fábula, en la qual se nos representa como en un espejo, el trato y vida de la gente ciudadana y popular; assi como en la tragedia las costumbres y manera de vivir de los príncipes y grandes señores, sus buenas fortunas y sus casos desastrados", *Tesoro*, op. cit., p.341.

<sup>409</sup>Pacheco, I.D.\_ 784, n° 1056

### Comédia: Didtribuição das Obras Impressas



### Artes de Governação: Distribuição das Obras Impressas





Rotinas Mundanas, concentrando o maior número de títulos a partir de 1605<sup>410</sup>, tal como a comédia (ver gráfico anexo), parece indiciar uma cultura política, que alguns títulos de doutrina (do governo da república, fundamentalmente a partir de 1603) fazem também antever<sup>411</sup>.

Ao referir, na *Junta de Libros*, obras de comemorações eclesiásticas e sobretudo profanas, em diversificadas situações,<sup>412</sup> Tamayo de Vargas simultaneamente reforça com títulos de concretizações práticas as regras e ensinamentos de comportamento enunciadas nas obras de temática política, tratados de Educação, regras de Cortesão e Corte, e transmite a ideia da ordem natural pelo equilíbrio do seu organismo e de superioridade daqueles que a conseguem cumprir.

Para além da força integradora deste cerimonial, a sua fixação em literatura tem ainda um suplementar efeito reprodutor: a recriação ensina a fazer, ajudando, a quem viu e não viu, a memorizar melhor, constituindo-se assim traços de uma memória colectiva em torno da Coroa.

Os rituais vivem-se, memorizam-se pela escrita e, guardados na biblioteca, servem de modelo e são fonte de experiência. Parece ainda poder concluir-se que em Espanha o poder se constrói e se impõe, num primeiro momento, pela sua imagem, isto é, por linguagens.

---

<sup>410</sup>Tendência acentuada pelo facto de os manuscritos referentes a festas (7 num total de 39), com excepção do do casamento de Filipe II com Isabel de Valois (I.D.-683), serem posteriores a 1603.

I.D.- 683, 219, GOMEZ DE CASTRO, *Recibimiento que la imperial ciudad de Toledo hizo ala Mag. de la reina N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Isabel quando entrò en ella a celebrar sus bodas con el Sr. Rei Philippe el Prudente*, (Mss).

<sup>411</sup>Sendo aliás muito próxima a relação entre média anual de produção em 2.01.02 e 2.08.

<sup>412</sup>Rotinas: xadrês e esgrima 1427, caça, dança, jogos, e vestuário, nº 307e 308.

Casamento real: 1425,

Cerimónias de beatificações: I.D. - 1454, 1059, 525, 1450, 1158.

Festa em honra de reis e celebração de aniversário: 1533 e 796

Entradas reais em cidades: 683, 952, 1033

Festas urbanas: 104, 612

Exéquias a Filipe III: 1450 e 340

Entradas em Lisboa: 161, 1088, 214 e 1634.

### 3.00 ARTE: Linguagens e Escrita

Distribuição das obras segundo a forma material (impresso e manuscrito).

		Obras Manuscritas	Obras Impressas	% M	% I
<b>3</b>	<b>ARTE</b>	<b>160</b>	<b>455</b>	<b>26%</b>	<b>74%</b>
3.01	POESIA	30	91	25%	75%
3.02	CLÁSSICOS	56	64	47%	53%
3.03	LING. VEROSIMILHANÇA	47	168	22%	78%
3.03.01	Literatura Moral	33	97	25%	75%
3.03.02	Comédia	7	49	13%	88%
3.03.03	Orações Fúnebres	7	21	25%	75%
3.08	EPISTOLÁRIO	5	11	31%	69%
3.10	VARIA	4	9	31%	69%
3.19	INST. HUMANIDADES	18	113	14%	86%

Arte<sup>413</sup>: linguagens e escrita, têm como núcleo a Língua, constituída a partir de *Instrumentos de humanidades* e *Estudo e traduções de clássicos*, que servem de modelo, embora ténue.

Em *Junta de Libros* a língua suporta, possibilita e perpetua a criação de variadas linguagens (algumas efémeras): literária (emblemática, poética, moral, epistolar, etc), oral (certames literários, sermão, orações fúnebres), dramática (comédia, entradas reais, festas), gestual (ritual da refeição e do vestuário, esgrima, e inclusive uma obra sobre a arte de ensinar mudos a falar), ou de múltiplos apelos sensoriais (música, dança, jogo, caça, pintura) - todas presentes, nesta biblioteca. As obras originalmente literárias foram integradas neste grupo e organizadas em dois núcleos, o da língua, englobando *instrumentos de humanidades* e *tradução de clássicos*; e o da literatura, polarizado em *literatura moral* e *poesias*.

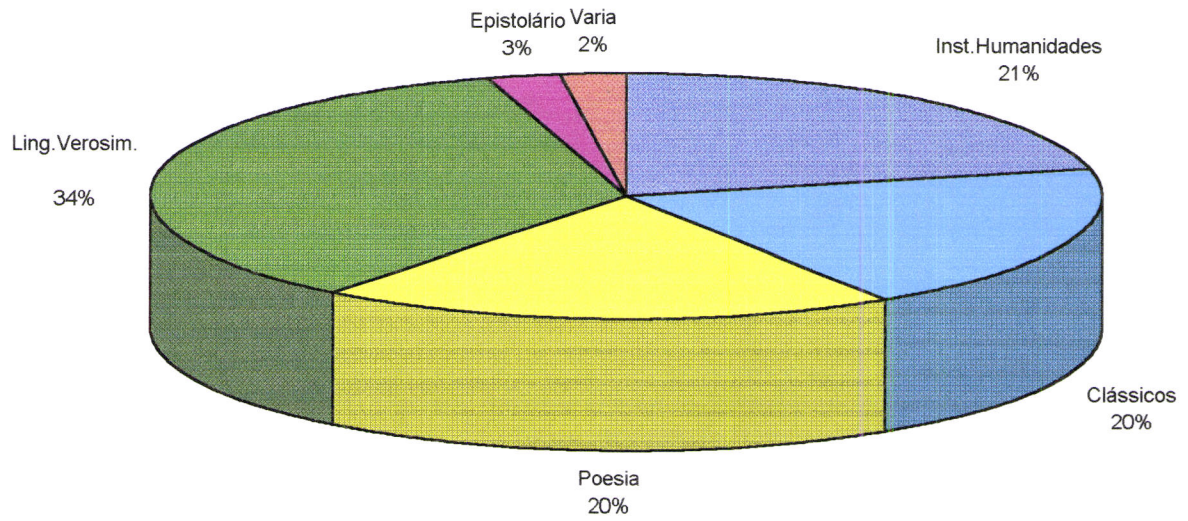
<sup>413</sup> *Buenas letras*, ainda não existia na terminologia da época. Covarrubias utiliza no seu dicionário o termo arte, language, letra, datando a primeira referência a *buenas letras* de 1600, nome dado a uma disciplina do curso de Humanidades.

Em meados do século XVII surge no catálogo da biblioteca do Marquês de Montalegre como uma subtemática da livraria, generalizando-se o seu uso no século XVIII.

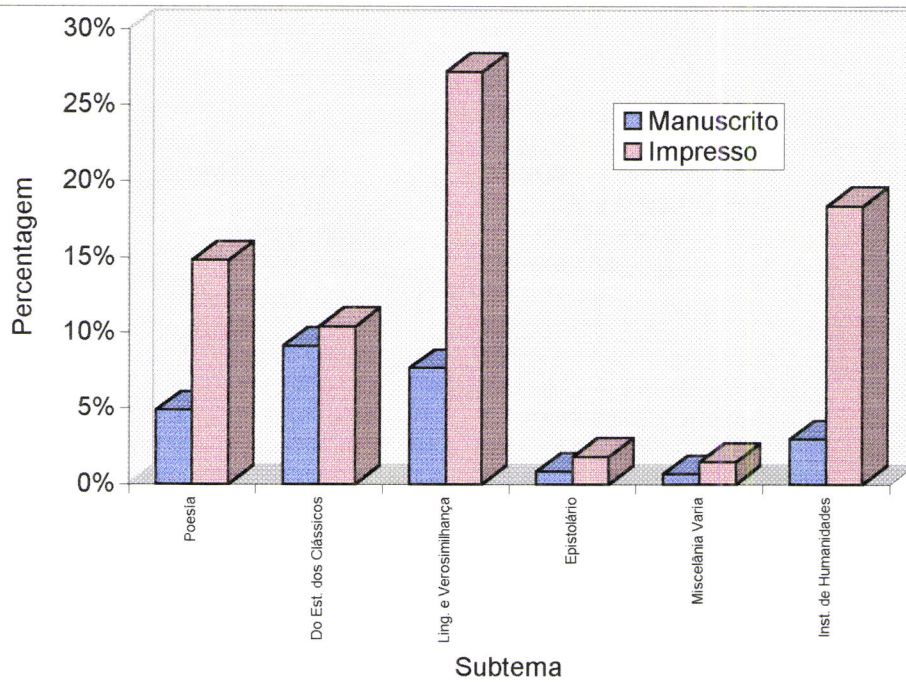
Esta a razão por que um dos manuscritos (uma cópia do século XVIII tendo o texto a data de 1600), do humanista Cespedes se intitula "buenas letras o humanista". A cópia (do século XVII) que se encontra na Biblioteca da Fundación Severa March, em Madrid, tem como título *Ars Rhetorica*.



### Arte: Distribuição das Obras

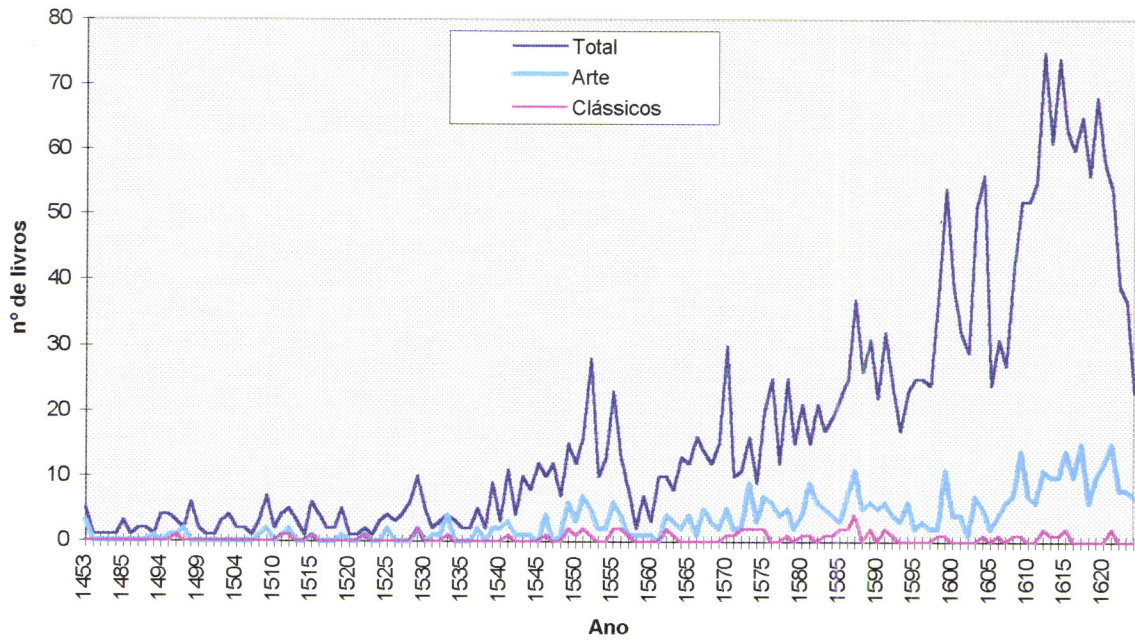


### Arte: Distribuição dos Impressos e dos Manuscritos

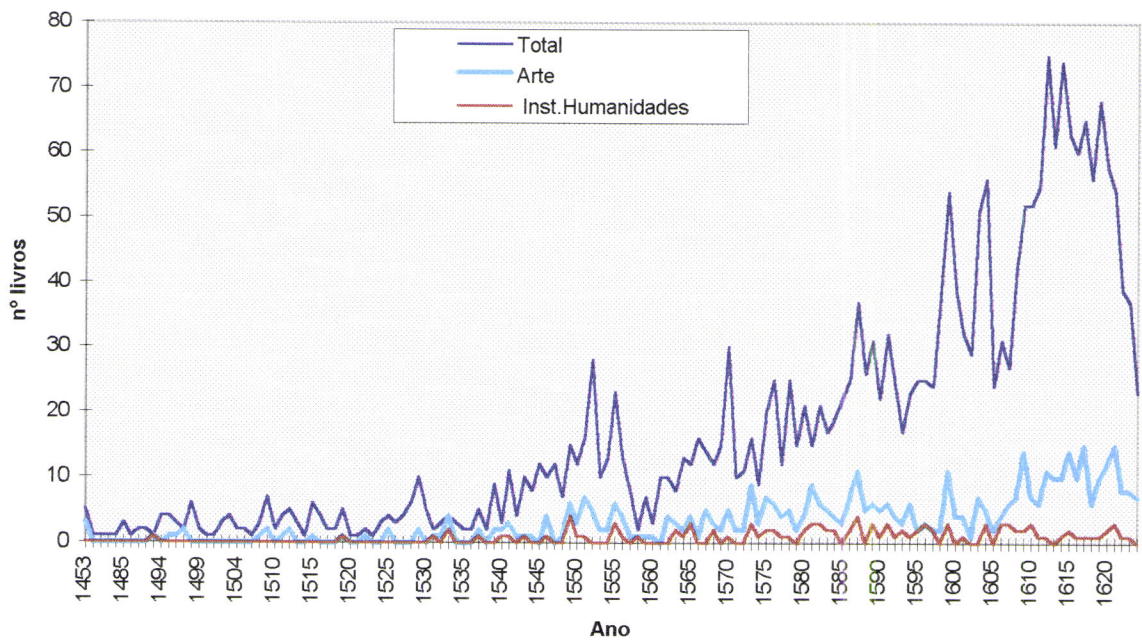




Arte: Distribuição das Obras Impressas

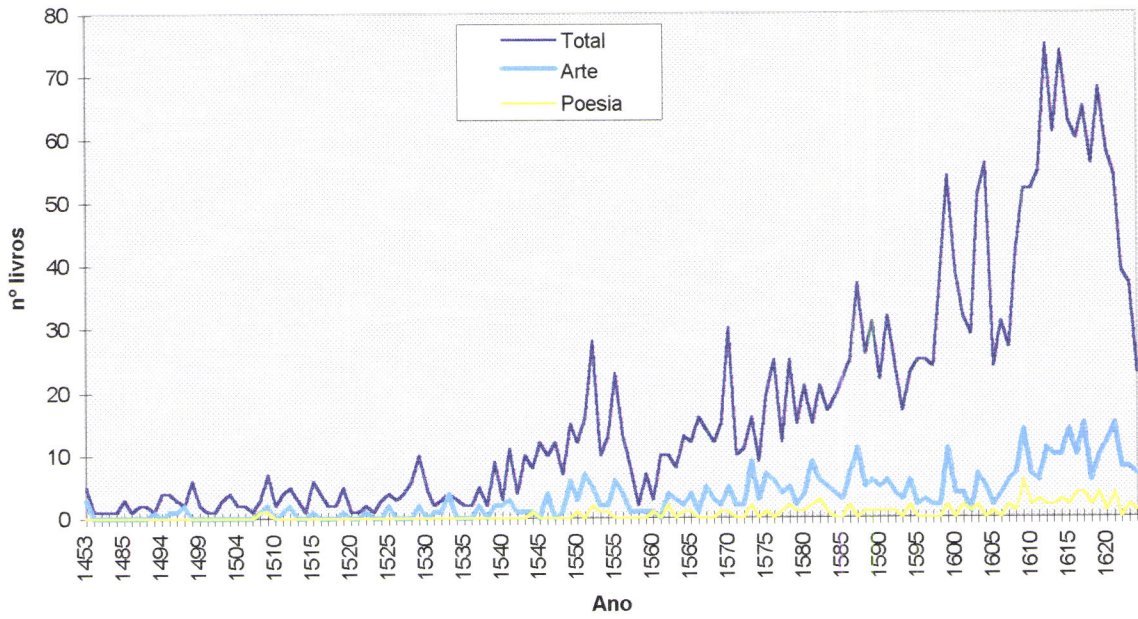


Arte: Distribuição das Obras Impressas

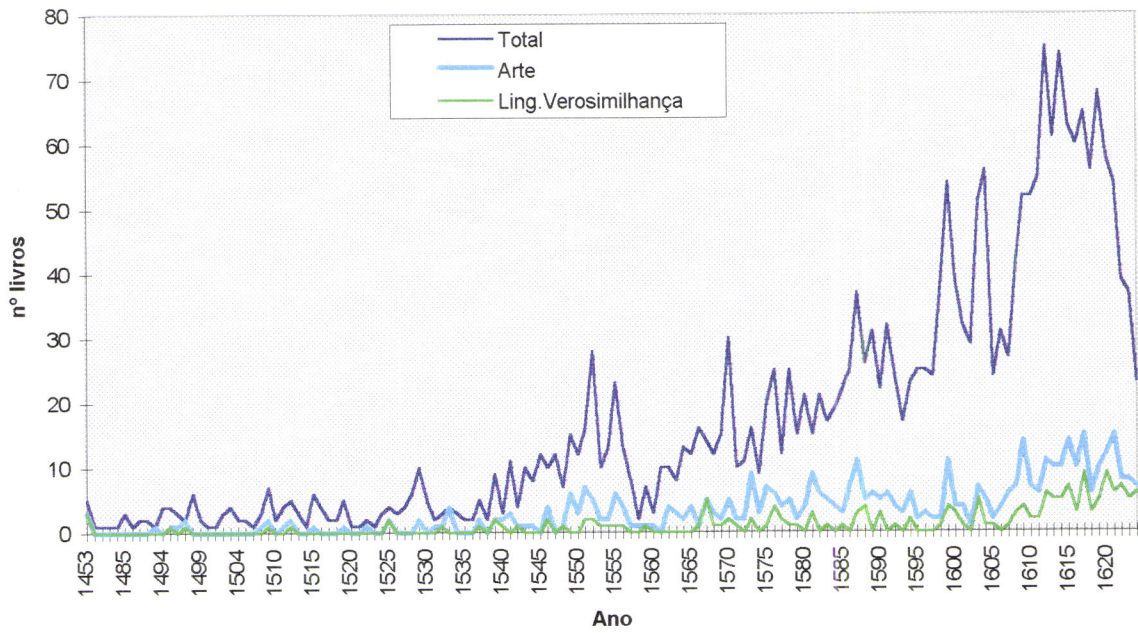




Arte: Distribuição das Obras Impressas



Arte: Distribuição das Obras Impressas





Em relação a *Instrumentos de Humanidades e Traduções (e estudos) de clássicos*, verifica-se, pela observação do gráfico, como estas temáticas (com objectivos e finalidades semelhantes) desenvolvem percursos similares em termos de afirmação, florescimento e *quebra*, mas têm na sociedade espanhola receptividade cultural, difusão, e portanto valor, distintos.

O início do arranque, ainda no século XV, pode ser estabelecido simbolicamente com Nebrija, cronista dos Reis Católicos e criador da primeira gramática da língua espanhola<sup>414</sup>, e com a tradução e impressão das fábulas de Esopo<sup>415</sup>, começando a decrescer no final do século XVI.

A primeira e maior diferença entre *Instrumentos de humanidades e Traduções (e estudos) de clássicos*, está no tipo (e interesse) de difusão: *Instrumentos de humanidades* são objecto de divulgação impressa, desde os finais do século XV, enquanto os textos sobre, ou de clássicos, permanecem em cerca de 47% manuscritos.

Estes números parecem ser um excelente indicador sobre a relação entre a afirmação da língua castelhana e a necessidade político-cultural de unificação e integração de Espanha: todas as gramáticas (cerca de 11 até 1586<sup>416</sup>) e ortografias citadas em *Junta de Libros* (cerca de 16 títulos) são impressas. Para além do facto, com valor simbólico, de Nebrija, cronista dos Reis Católicos, e posteriormente Buste<sup>417</sup>, cronista de Carlos

---

<sup>414</sup>Lebrixa (I.D.-913), como lhe chama Tamayo, por ser o local do seu nascimento, é denominado cronista, tendo escrito a *Crónica dos Reis Católicos*, nº415, que viria a ser impressa em 1565. Em relação a *Arte de Grammatica Española*, nº 416, Tamayo cita, contrariamente ao usual, a primeira edição. Talvez por 1492 ser também o ano da conquista de Granada e da pragmática de expulsão dos judeus.

<sup>415</sup>Nº1587, Quatro libros de las Fábulas de Esopo..., impresso em 1496 (tradutor D. Henrique, I.D.-754). Pedro Abril, I.D.-5, irá de novo traduzir as fábulas, *fábulas de Esopo, latinas, Hispanas*, (nº2762), que ficaram manuscritas. Se Diego de Mendoza pode ser considerado o paradigma do humanista cívico espanhol, em que a actividade bélica e política se integram num projecto integral de Homem, atribuindo-lhe Tamayo de Vargas a autoria do *Lazarillo de Tormes*, nº877, Pedro Abril é o humanista, pedagogo (nº2779- *Apuntamientos de como se deben reformar las doctrinas, i manera de enseñar...*, impressa em 1589) e gramático: (nº2758, *Quatro libros de la Grammatica en latin i Castellano*; nº2759, *Grammatica Latina en Español; Gramatica latina en griego*, nº2760), escrevendo ainda *Comparación de la lengua latina con la griega*, única obra, das acabadas de referir, que permaneceu manuscrita, sendo no entanto, a sua maior actividade a de tradutor, simultaneamente do grego e do latim. Traduz Esopo, Cícero, Terêncio, Plauto, Platão, Eurípedes, Sentenças de vários autores gregos, Tácito, a *Lógica, Ética e República* de Aristóteles, entre outros, num total de 20 obras, de que só a *República* será impressa (1584).

<sup>416</sup>Posterior a esta data Tamayo apenas cita, um pouco a despropósito, não fora o evidente elogio e valorização à sua língua, duas gramáticas espanholas traduzidas para o francês (nº696 e 697), complementadas com uma obra de *Refranes españoles traducidos en francés*, nº698, todos os títulos da autoria de César Oudin, I.D.-1228.

I.D.- 1228, 696, OUDIN, *Grammatica i observaciones dela lengua Española en Francès*, 1597.

I.D.- 1228, 697, OUDIN, *Grammatica Hispanica*, 1607.

V, escreverem simultaneamente obras de gramática, que são impressas, e crônicas, que permanecem manuscritas na época.

Aprofundando a relação entre impresso e interesses de divulgação, verifica-se ainda, no subtema instrumentos de humanidades, um movimento de publicação em três núcleos, em ligação, mas com ritmos próprios: no início do século, surgem gramáticas e ortografias castelhanas<sup>418</sup>. Continuando a publicar-se até 1615 livros sobre o ler e o escrever, em romance e nas línguas indígenas americanas (mexicano<sup>419</sup>, Chile<sup>420</sup>; Peru<sup>421</sup>; Mosca,<sup>422</sup>), deixam, a partir de 1580, de surgir novas gramáticas (com exceção da de Paton, que na *Junta* vem referida sem data), começando em 1575, a assistir-se a uma sistemática publicação de obras de poética (traduções ou adaptações da *Arte Poética*, de Horácio<sup>423</sup>, o manual dos géneros literários até Gracian) e de retórica (cerca de 10 títulos até 1624<sup>424</sup>).

Os títulos de textos sobre a língua decrescem, aumentando o número de referências a obras literárias.

Em relação a estas obras, assiste-se desde muito cedo a uma influência dos cânones renascentistas, com Mena<sup>425</sup> e Garcilaso de la

---

I.D.- 1228, 698, OUDIN, *Refranes Españoles traducidos en Francès*, 1608.

<sup>417</sup> I.D.- 284, 618, BUSTO, *Introducciones Grammaticas*, 1533.

<sup>418</sup> Cita as gramáticas de Paton-600, Busto-284, Martinez,1072,1674-Villalon, 1530-Sotomaioir; as ortografias de Arellano-1620, 1138-Miguel de Salinas, Vanegas, e a de Francisco Sanchez, (Retórico, de Broças,281). Todas estas obras são impressas.

<sup>419</sup> N°97.

<sup>420</sup> N°2357.

<sup>421</sup> N°986.

<sup>422</sup> N°648.

<sup>423</sup> Horácio vai ser mestre com a sua teoria estética, sátira e Odes. Pela associação de som, métrica e vocabulário, as ideias surgem a partir de imagens concretas que levam o leitor a recriar a experiência do poeta.

<sup>424</sup> Com data anterior a 1575 (1541) apenas indica *Rethorica* em romance, n°-1776, de Brocar, (I.D.-281).

Devido à abundância de obras impressas, Tamayo de Vargas não refere textos manuscritos, de autores que nomeia. O caso mais relevante pela originalidade da obra, é *Ars rethorica*, de Balthazar Cespedes, trata-se de um plano de estudos humanista tardio (1600), uma das poucas *paideias* elaboradas por espanhóis, inclusive tratando da escrita da história, autonomizada numa terceira parte. Deste autor (I.D.-354), apenas regista umas Relações de honras da Universidade de Salamanca, onde era catedrático.

Algumas traduções de *Arte Poética*, de Horácio são referidas como manuscritas (ver 3.20 - Estudo, e traduções de clássicos).

De Francisco Cascales (I.D.-318) apenas cita obras impressas, *Tablas poeticas*, n°1100, e duas obras de história de cidades (Múrcia, n°1101) e (Carthagena, n°1102), já referidas.

<sup>425</sup> MENA, *Las trecientas*, ainda poema em versão manuscrita (I.D.-1107, n°1971).



Vega, através da poesia pastoral<sup>426</sup>, inspirada em Virgílio<sup>427</sup> e Ovídio<sup>428</sup>; da epopeia<sup>429</sup>, conjuntamente com a novela de cavalaria, ligada aos ideais de fidelidade amorosa e honra, com a tradução de Amadis<sup>430</sup>; e da novela picaresca, que cria o anti-herói<sup>431</sup>, com Ariosto<sup>432</sup>.

Este inventário, que, face à riqueza, proliferação de géneros e de títulos, podia prolongar-se, apenas pretende mostrar como a literatura, quando floresce, atingindo uma maturidade única, em Espanha, no século XVII, com os seus géneros maiores na novela, na *Soledad*, de Góngora, em Quevedo ou Calderon, passou por um processo de grande elaboração interna, com cruzamento de tradução dos clássicos, conhecimento da língua e da literatura latina, com reflexão própria sobre o castelhano e o processo de criação da língua. Talvez também por isso Cícero seja dos escritores mais traduzidos, pois foi o romano com maior preocupação em adaptar o vocabulário filosófico grego à língua latina, falha de termos abstractos.

Há um conhecimento dos clássicos, através da sua língua e literatura, que, por servir de infraestrutura à constituição da nova língua romance, acaba por significar uma reflexão mais geral sobre a língua, linguagens e seus conteúdos, que vai possibilitar novas criações de linguagem.

---

<sup>426</sup>Tamayo cita inúmeras obras e autores continuadores desta linha: Lope de Vega, com *Arcadia*; *Galatea* de Cervantes; e Jorge de Montemaior, com 1º e 2º Parte de *Diana* -1161, nº1418.

<sup>427</sup>As Éclogas são referidas em *Junta de Libros* numa tradução de Luis de Leão (I.D.- 996, nº2296) e de Guzmán (I.D.-747, nº1871), (I.D.-529, nº1824), com mais duas referências à *Eneida* (I.D.-1123, nº736) e (I. D. 771, nº1569) e às fábulas (I.D.-942, nº859). O estudo e tradução desta epopeia torna-se de tal forma importante que Pellicer também traduziu *Los quatro Libros primeros de la Eneida de Virgilio*, *Bibliotheca*, op. cit., fl.14, registo nº6.

<sup>428</sup>"*Las transformaciones*", de Ovidio surgem referidas através de 4 traduções.

Em 4 referências a *Metamorfoses* (I.D.-1096, nº2813), 3 são intituladas *Transformaciones*, numa evidencia directa ao conteúdo fabuloso e de sucessivas mutações de animais em seres humanos. I.D.- 1096, 2814, MEÍ, *Rimas varias*, 1586.

De verso "leve" e de grande musicalidade vão exercer profunda influência no poder político e no imaginário literário (inclusivé na comédia de corte) e pictórico barroco seiscentista europeu. Aliás Luis XIV fez os jardins de Versalhes inspirado no modelo do Palácio do Sol concebido por Ovídio.

<sup>429</sup>Fernando Herrera, o poeta laico, leva o género ao limite, cantando o império de Filipe II, na linha de Ercilla.

<sup>430</sup> I.D.-1216, nº1371

<sup>431</sup>*Guzmán de Alfarache* (I.D.-37, nº2463 e nº3177), a novela picaresca mais lda a nos séculos XVII e XVIII em Espanha, ou *Lazarillo* (publicado em 1554).

<sup>432</sup>*Orlando* é das mensagens mais próximas do que se pretende seja o imaginário espanhol, como parecem prová-lo as 5 referências de Tamayo de Vargas às traduções espanholas da obra, editada em Itália apenas cerca de 100 anos antes. Poema de cavalaria, em tom épico, cantando a vitória dos cristãos sobre os mouros, associa ao espírito de cruzada o ideal de Amor e da Mulher renascentista, conseguindo pela musicalidade do verso transferir a acção do campo da batalha para os sonhos, desejos e sentimentos do poeta.

Sintetizando, a partir das referências dadas por Tamayo de Vargas em *Junta de Libros*, a língua é a única área, fora do domínio da Igreja, em que há, desde cedo, por parte da Monarquia, um manifesto interesse de desenvolvimento e a concretização de uma política coerente: definição de um projecto e acção sistemática e progressiva na sua concretização.

Segundo, a poética e, sobretudo, a retórica clássicas desenvolvem-se por mecanismos internos, relacionados com o crescimento e necessidade da língua, e por isso surgem tardiamente, numa fase já de consolidação do castelhano, simultaneamente com a passagem da arte da língua para as artes das linguagens.

Este desenvolvimento obtido ao nível do domínio da língua permite que no campo da linguagem literária haja uma receptividade e um entendimento dos pensadores clássicos sem paralelo nos outros domínios: (História, Filosofia, Metafísica, Ciências), tendo alcançado uma alta expressão quanto à criação estética, com o manual poético barroco que é a *Arte de Ingenio y Agudeza*, de Gracían.

Numa terceira fase, a língua está criada e interiorizada. Alcançou-se o seu domínio e o das suas técnicas (poética, retórica, emblemas). Definidas as suas regras e conhecido o poder da palavra, passa-se à sua prática muito mais elaborada, assistindo-se progressivamente a uma escrita que é a descoberta do poder da palavra. A língua entra numa fase subtil, concretizando habilmente os seus conhecimentos em recriações lúdicas, de grande plasticidade linguística. Ela significa, velando, negando regras, evidenciando o falso, ou o evidente, sempre através de processos em que se espraia o poder da palavra, mostrando assim o artificioso do discurso. O novo núcleo de desenvolvimento das Artes será a arte da escrita literária.

A extensa literatura de carácter moralizador e organizadora de costumes sociais que se desenvolvia desde o século anterior - numa como que continuação subterrânea dos princípios de doutrina moral e de política cristã, - estende-se a outros géneros: exéquias e orações panegíricas, alguns sermões e poesia edificante, e sobretudo comédia. Denominou-se a este conjunto de géneros *literatura de verosimilhanças*, por poder ser visto também como manifestação da descoberta do controlo social que se pode obter pela via da Cultura. Discursos que ao serem introduzidos na Biblioteca se evidenciam como agentes reconhecidos na formação das consciências individuais.

Em contraponto da palavra como poder (persuadir é a palavra com poder de transformação), desenvolve-se uma literatura académica de (aparente) tom jocoso e experimental, com valor e sentido em si, em que o dis-correr ou trocar de palavras é um ouvir a língua, um experimentá-la pelos sentidos e pela razão. É o género da palavra com poder de si mesma.

Em ambas há um processo comum: re-descoberta da força da palavra. Daí o seu estudo, situando-se a maior diferença nas recriações de estrutura verosímil, em que quase sempre o desenvolvimento argumentativo inclui o desencadeamento de meios para persuadir, fazendo aderir o leitor à prática que está a ser enunciada, e não apenas aderir ao dito, gozar, sensorialmente, o prazer do dito. Mas os limites do poder da palavra pelo desenvolvimento "natural" do processo criativo do autor, seus gostos, sensibilidades e motivações, face aos interesses da palavra como poder, nem sempre eram fáceis de estabelecer. Por vezes os sentidos metafóricos das alegorias têm tal pluralidade semântica, que o próprio poder político duvida do benefício da sua representação. É o que acontece com Lorenzo Ramirez del Prado, do Conselho de Estado, encarregado de controlar e autorizar a publicação de comédias e que, para seu esclarecimento, pede a opinião de Joseph Pellicer sobre a "utilidade política" de uma comédia, que atribui a Calderón<sup>433</sup>.

Pareceu importante referir mais pormenorizadamente este processo, porque a História vai desenvolver-se através de um movimento semelhante, atrasado no tempo cerca de 50-70 anos: primeiro, surgem, nas retóricas e artes da escrita, capítulos sobre a escrita da narrativa histórica (considerada apenas como outro género, tal como o epistolário<sup>434</sup>); posteriormente, surgem obras autónomas, definindo regras sobre a História e sua escrita; no final do século XVII, discursos

---

<sup>433</sup>"Pedi Lorenzo Ramirez de Prado, do conselho de castela, que tinha a seu cargo esta comissao, a Pellicer uma censura sobre se se podia representar en los teatros una comedia alegorica(...) [refere a carta] : "No se que he tenido, que he entrado en Desconfianza en esta Comedia, Verà V.m. Dos Aprobaciones por su Partes; No le falta Reprobacion de Persona Docta. Las apelaciones vienen a V.m. por mi Censura. Y ansi le Suplico, Me Dè su Parecer; para si conviene, ò si se Deve Representar, Porque V.m. para Mi es el que lo ha de Determinar"(...).[respondendo Pellicer:] "el auctor desta comedia era uno de los primeros que han ilustrado los teatros de España, i deseo D. Ioseph que no perdiese su Fama en esta ocasion. Pero era tan alegorico lo escrito, i tan azia las materias publicas de entonces; que le costo mucho estudio, y trabajo; el reformar algunas Scenas, i equivocos de su contenido.Finalmente se logro su cuidado: i la Comedia se representó muchos dias con aplauso.", Pellicer, *Bibliotheca*, op.cit., fl.64.

<sup>434</sup>Cfr.I.D.-1486, *Arte Retórica*, Madrid, Guillermo Drony, 1578.

historiográficos que, utilizando essas regras, reflectem sobre a disciplina, partindo do poder da palavra (na História), seus limites e valor.

Finalmente, voltando às traduções<sup>435</sup> e ao pensamento filosófico-moral de influência clássica (3.02), valorizou-se a tradução-comentário mais do que o estudo, por ter parecido ser esse o sentido de Tamayo de Vargas.

Nunca referindo duas vezes uma obra (informando ocasionalmente em observação final da data da sua reedição) no caso destes textos, nomeia como autor o tradutor, citando em observação o nome do autor primeiro, cuja obra foi objecto de tradução, o que explica a não referência, como autores, aos seguintes clássicos: Virgílio, Ovídio, Horácio (os mais impressos), Cícero com manuscritos e impressos; e ainda Tácito e Séneca, objecto de muitas traduções, mas permanecendo em versão "de mano". Tal prática evidencia que a concepção de autor em Tamayo de Vargas está fundada na teoria da imitação clássica, em que a autoria é uma cópia-criação do modelo.

Neste subtema, assiste-se igualmente a uma descida da impressão a partir de 1593<sup>436</sup>, embora com sentido cultural distinto. Enquanto as *Retóricas*, as *Odes* de Horácio, as *Éclogas* de Virgílio, as *Metamorfoses* de Ovídio, ou *Orlando* de Ariosto foram impressas, a literatura clássica de maior preocupação reflexivo-filosófica permaneceu manuscrita. Enquanto os textos clássicos sobre língua eram instrumentos necessários à afirmação do castelhano, a falta de sentido reflexivo e de crítica da cultura espanhola (agravada pelo ambiente que gerou a neo-escolástica, e o acto concreto da Expansão, que exigia apenas saberes de âmbito empírico e ao nível do sensível) não permite assimilar o sentido destas obras, que assim não deixam legado sistemático do ponto de vista sócio-

---

<sup>435</sup> Integraram-se neste subtema as traduções de obras de filosofia e moral, e de literatura, traduções de Dante, Petrarca (I.D.-1209 e I.D.-543 e I.D.-628) Camões, (I.D.-628), Tasso (I.D.-1508), sendo os textos sobre a língua introduzidos em Instrumentos de Humanidades, com excepção de retóricas, traduções literais de Horácio:

I.D.- 37, 2465, ALEMÃ, *Algunas traducciones de Horacio*, (Mss).

I.D.- 1683, 2111, VILLEN DE VIEDMA, *Horacio traducido y declarado*, 1599.

I.D.- 650, 1841, D. GAYTAN DE VARGAS, *Algunas traducciones de Horacio, Ovidio, San Geronymo*, (Mss), 1581.

<sup>436</sup> Com a primeira referência impressa de 1496 (I.D.- 754, 1587, D. HENRIQUE, *Quatro libros delas fabulas de Esopo: las extravagantes: otras dela translacion de Remicio: las de Aviano. Las collectas de Alphonso i Poggio*, 1496.), é dos poucos temas cuja média anual de impressão baixa a partir de 1603 (Fase B: 0,64 e Fase C: 0,57, o que, devido à grande percentagem de manuscritos, pode não significar diminuição de traduções).

cultural (daí a escassez de referências a edições: 56 manuscritas, para 64 impressas).

Nesta área, a Biblioteca dos finais do século XVI e do XVII vai perpetuar a forma, o modo e o sentido de estudar os clássicos da livraria humanista: traduz, comenta, glosa, numa exegese e reflexão de puro conhecimento individual.

Se as referências a estas obras na *Junta* permitem contrariar a ideia feita da ausência de conhecimento humanista em Espanha, verificando-se que os autores clássicos, gregos<sup>437</sup> (poucos e sobretudo da civilização alexandrina) e sobretudo latinos<sup>438</sup>, são estudados e glosados, também

<sup>437</sup> I.D.- 5, 2783, ABRIL, *Ethicas de Aristoteles*, (Mss).

I.D.- 5, 2777, ABRIL, *Sentencias de diversos auctores Griegos en Español*, (Mss).

I.D.- 5, 2772, ABRIL, *Aphthonio en Español*, (Mss).

I.D.- 5, 2773, ABRIL, *Oraciones de Eschines contra Demosthenes í de Demosthenes contra Eschines*, (Mss).

I.D.- 5, 2766, ABRIL, *Medea de Euripides Greco-Hispana*, (Mss).

I.D.- 5, 2765, ABRIL, *Pluto de Aristophanes Greco-Hispano*, (Mss).

I.D.- 5, 2764, ABRIL, *Cratylo í Gorgias de Platon Greco, Hispanas*, (Mss).

I.D.- 5, 2763, ABRIL, *Comedias de Terencio en Español*, (Mss).

I.D.- 5, 2781, ABRIL, *Los ocho libros de Republica de Aristoteles*, 1584.

I.D.- 5, 2776, ABRIL, *1 pte. dela Philosophia Logica, o racional Colegida dela doctrina delos Philosophos antiguos, í particularmente de Aristoteles*, 1587.

I.D.- 5, 2761, ABRIL, *Comparacion dela lengua latina con la Griega*, (Mss).

I.D.- 5, 2760, ABRIL, *Grammatica Griega en Español*, 1587.

I.D.- 713, 828, GRACIAN, *Historia de Thucydides*, 1564.

I.D.- 713, 829, GRACIAN, *Obras de Xenophonte*, 1552.

I.D.- 713, 831, GRACIAN, *Morales del mismo con la addicion ala 4ta. parte*, 1571 (Plutarco).

I.D.- 1310, 1600, PEREZ DELA OLIVA, *La venganza de Agamemnon con el argumento de Sophocles*, 1575.

I.D.- 988, 2232, LUCIANO, *Algunos Dialogos traducidos del Griego*, 1551.

<sup>438</sup> I.D.- 1103, 582, D.MELGAREDO, *Las Satiras de AULO PERSIO*, (Mss).

I.D.- 660, 2274, GERONYMO DE SEVILLA, *Las seys satyras de Aulo Persio*, (Mss)

Cúrsio I.D.428 e 319, traduzido por Castañeda.

I.D.- 428, 2611, DECIEMBRE, *Quinto Curcio*, (Mss).

I.D.- 319, 1326, CASTAÑEDA, *Quincto Curcio historia de Alexandro*, (Mss), 1534.

Horácio I.D.1221 e 1683.

I.D.- 1221, 2897, D.OROZCO Í COVARRUVIAS, *Horacio traducido en Español*, (Mss).

I.D.- 1683, 2111, VILLEN DE VIEDMA, *Horacio traducido y declarado*, 1599.

I.D.- 611, 1323, Frei GABRIEL DE AULON, *El 2º lib de las Epistolas familiares de Ciceron, í Algunas a Attico*, (Mss).

I.D.- 611, 1324, Frei GABRIEL DE AULON, *Dos de Seneca*, (Mss).

I.D.- 879, 1888, JARAVA, *Xenophonte*, (Mss).

I.D.- 879, 1887, JARAVA, *La Vejez*, (Mss).

I.D.- 879, 1885, JARAVA, *Los officios*, (Mss).

I.D.- 879, 1886, JARAVA, *La Amistad*, (Mss).

I.D.- 879, 1891, JARAVA, *Historia delas ienias y plantas sacada de Dioscovidés con los nombres Griegos, Latinos y españoles y sus effigies*, 1557.

I.D.- 1, Séneca, 2902, *De amicicia*, (Mss);

revelam que o seu estudo é feito numa dimensão individual, sem perspectiva ou difusão cultural.

Os autores platónicos e neo-platónicos não são praticamente citados, referindo Tamayo sobretudo traduções de autores romanos: Séneca, Cícero, Virgílio, Ovídio ou Horácio. Trata-se de um pensamento moralizante, de substância estoica, em que a reflexão é acção de comportamento, de carácter eclético, mesmo quando tem um pendor filosófico, de matriz mais céptica, como é o caso de Séneca<sup>439</sup>.

Com efeito, os filósofos que Tamayo de Vargas nomeia (4.02) são Platão, apenas com uma obra, Aristóteles e comentadores, S. Tomás e comentador, Stº. Agostinho, Boécio e o neo-platónico português Leão

- 
- 2904, *Del hablar*, (Mss);  
2905, *Dela dificultad*, (Mss);  
2906, *Dela Anima*, (Mss);  
2907, *Epistolas*, (Mss);  
2909, *Delas siete artes liberales*, (Mss);  
2910, *Delos preceptos i doctrinas*, (Mss);  
2901, *De Providencia*, (Mss);  
2912, *Sus Tragedias*, (Mss).  
I.D.- 1113, 3159, D. MENDOZA, *Proverbios y Sentencias de Seneca*.  
I.D.- 1473, 1408, SANCHEZ, *Phrases de Ciceron*, 1562.  
I.D.- 611, 1323, Frei GABRIEL DE AULON, *El 2º lib de las Epistolas familiares de Ciceron, i Algunas a Attico*, (Mss).  
I.D.- 611, 1324, Frei GABRIEL DE AULON, *Dos de Seneca*, (Mss).  
I.D.- 1334, 2820, PLAUTO, *El Milite glorioso*, (Mss).  
I.D.- 1334, 2821, PLAUTO, *Los Menechmos*, 1555.  
I.D.- 906, 277, LAGUNA, *Quatro Oraciones de Ciceron contra Catilina*, 1557.  
I.D.- 1240, 2211, PALMYRENO, *Phrasis de Ciceron mas obscuras reducidas a nra. lengua*, 1572, (Mss).  
I.D.- 1240, 2212, PALMYRENO, *Dialogos dela imitacion de Ciceron*, 1573, (Mss).  
I.D.- 1240, 2208, PALMYRENO, *Descuydos delos Latinos de nros tiempos emendados*, 1573.  
I.D.- 1240, 2214, PALMYRENO, *Borrador y Curtapacio*, 1587.  
I.D.- 1240, 2205, PALMYRENO, *Bocabulario del humanista de Aves peces animales, ienas, quadrupedes metales ipiedras preciossas*, (Mss).  
I.D.- 996, 2296, Frei LUIS DE LEON, *Eclogas de Virgilio*, (Mss).  
I.D.- 996, 2298, Frei LUIS DE LEON, *Algunas Odas de Horacio*, (Mss).  
I.D.- 529, 1824, FERN. IDIAQUEZ, *Las Eglogas de Virgilio*, 1574.  
I.D.- 747, 1871, GUZMAN, *Las Georgicas de Virgilio y decima Ecloga*, 1586.  
I.D.- 771, 1569, HERNANDEZ DE VELASCO, *La Eneida de Virgilio*, 1585.  
I.D.- 1123, 737, MESA, *Iliada de Homero*, (Mss).  
I.D.- 1123, 736, MESA, *Eneida de Virgilio*, 1615.  
I.D.- 942, 858, LOPEZ, *Declaracion magistral sobre Persio*, 1609.  
I.D.- 942, 859, LOPEZ, *Virgilio con anotaciones i declaracion delas fabulas*, 1614.

<sup>439</sup> Como se acabou de verificar, Séneca tem quase todas as suas obras traduzidas, e vai ser actualizado na política, sobretudo através do pensamento de Justo Lípsio. O pensamento deste autor, misto de estoicismo e taticismo, vai marcar a literatura política espanhola, pela sua analítica definição de comportamentos adequados.

Hebreu, aliás de pensamento platónico-místico<sup>440</sup>. Refere ainda Lúlio, que também se situa numa linha de "mística de verdade matematizada", em que a unificação do conhecimento pela via da lógica-matemática, tem um sentido ontológico, que o aproxima dos futuros neoplatónicos renascentistas, aliás não registados<sup>441</sup>, bem como os de inspiração céptica, como Francisco Sanches, ou Pedro Valência.

No entanto, cita traduções de Vives<sup>442</sup> e inclusive traduções de Erasmo<sup>443</sup>. Reflexão e vivência moral de sentido humano foi o máximo a que, individualmente, pensadores espanhóis chegaram no campo da filosofia.

Uma das maiores revelações de *Junta de Libros* é a confirmação do escasso pensamento crítico e reflexivo de sentido moderno. Não cita metafísicos, nem pensamento reflexivo, lógicos, críticos, pedagogos, humanistas de pendor filosófico, como Ficino, ou Pico de la Mirandola, nem empiristas. Com efeito relembre-se que em 1620 Bacon (considerado o último renascentista) já tinha criticado o saber tradicional, com o seu modelo na imitação dos clássicos, apresentando um novo instrumento para obter o conhecimento, e uma nova classificação do saber<sup>444</sup>, em que a Razão interpreta a Memória.

O apego ao real concreto, a pouca vocação, ou capacidade reflexiva está presente nas únicas obras modernas sobre o processo de conhecimento. Com efeito, é através de vários médicos que surgem especulações articulando ciência com reflexão sobre a possibilidade do conhecimento humano e sobre as suas capacidades, em função da estrutura orgânica.

Os modelos mais originais, defendendo posições materialistas, são os de Miguel Servat<sup>445</sup>, Miguel Oliva<sup>446</sup> e de Huarte<sup>447</sup> (este em *Examen de*

---

<sup>440</sup> *Philosophia Universal* (I.D.-921, nº 2133)

Na mesma linha refere *De la Natureza del Amor*, (I.D.-495,2397), e *Tratado de la hermosura i amor* (I.D.-343,nº2474).

<sup>441</sup> Os neoplatónicos mais importantes, em Espanha, para além de Leon Hebreu, foram Miguel Servet e Juan Valdes.

<sup>442</sup> I.D.-185,nº792; I.D.792, nº849;I.D. 350,nº1321, I.D.-902, nº1903; I.D.611,nº1325.

<sup>443</sup> I.D.-949,nº862 e I.D.-1547,nº1282

<sup>444</sup> Dividia, como se sabe, a enciclopédia dos saberes em *Razão*, que dava origem à ciência (teologia natural, ciências da natureza e do homem), *Memória*, à história, e *Fantasia*, à poesia.

<sup>445</sup> Miguel Serveto, de Aragão, humanista luterano, defensor de uma concepção harmónica entre homem e cosmos, que publica em Basileia *Trinitatis Erroribus* e em 1546 apresenta um descrição sobre a circulação pulmonar, editada em 1553 (a primeira teria sido elaborada por Ibn-an-Nafis), não é obviamente referido em *Junta de Libros*.

Cfr. Luis González Seara, *El Poder y la Palabra*, op.cit., p. 282-290.

*ingenios para las Ciencia*, obra síntese da reflexão humanista). Esta obra, a partir da teoria dos temperamentos baseada na combinação de humores, elabora uma tipologia das capacidades humanas para o conhecimento, distinguindo assim hábeis e inaptos. A variedade do espíritos justificaria a variedade dos estilos. Esta mesma linha explicativa será desenvolvida, no século XVII, por Gomez Pereira em *Antonina*.

Concluindo, parece ser pela via de Pedro Simon Abril, gramático e filósofo, ou de Pedro Mexia, poeta e historiador - (os maiores tradutores de clássicos que, ao desenvolverem os instrumentos da língua espanhola, por comparação com a clássica, reflectem sobre o comportamento humano) que o pensamento filosófico de reflexão "moderna" se desenvolveu em Espanha. Ainda pela tradicional teoria da Imitação.

---

<sup>446</sup>Miguel Sabugo, boticário, publica em nome da filha, Oliva Sabuco (I.D.-1148, nº2584) *Nueva Philosophia de la Naturaleza del Hombre, ni conocida, ni alcanzada*, desenvolvendo uma doutrina médica e do homem, acusada de naturalista, pois liga corpo e alma ao defender que a paixão cria alterações fisiológicas, e referindo uma espécie de fluido nervoso que sairá do cérebro, onde habita a "anima". Apresenta ainda uma série de prescrições morais para evitar males físicos.

<sup>447</sup>I.D.-793, impressa em 1594. Fumaroli refere uma edição de 1575 e diz ter sido no século XVI duas vezes editado em França, seguindo-se várias reedições no XVII *L'age de l'eloquence*, op. cit., p. 127 e seguintes.



#### 4.00 CIÊNCIAS (de natureza humana)

Distribuição das obras segundo a forma material (impresso e manuscrito).

		Obras Manuscritas	Obras Impressas	% M	%I
4	CIÊNCIAS	49	200	20%	80%
4.00	CIÊNCIAS	0	2	0%	100%
4.01	QUADRIVIUM	4	28	13%	88%
4.02	FILOSOFIA	4	19	17%	83%
4.03	MEDICINA	31	99	24%	76%
4.04	F.NATURAL	3	15	17%	83%
4.05	ARQUITECTURA	0	10	0%	100%
4.06	COSMOGRAFIA	8	28	22%	78%

Ciências engloba 251 títulos, correspondendo 130 a obras relacionadas com a Saúde, distribuindo-se os restantes (121) pela filosofia, filosofia natural, arquitectura, quadrivium, cosmografia e ciência náutica. Este escasso número de títulos é a razão por que apenas se apresenta a distribuição cronológica da impressão das obras de medicina.

Os conhecimentos tradicionalmente reconhecidos como saberes racionais, constitutivos da bibliotheca-livraria e da bibliotheca-catálogo, foram separados em dois grupos: Ciências e Ciência do Transcendente, entendido o conceito segundo a terminologia aristotélica.

A área das Ciências, integrando um conjunto heterogéneo de títulos<sup>448</sup>, engloba todas as de natureza humana, com excepção do Direito. Sem significativo aumento de títulos ao longo de todo o período, e uma estagnação no século XVII, têm em comum o facto de quase não se referirem a conhecimentos de sentido moderno.

<sup>448</sup> Ao contrário das divinas, com uma unidade, projecto e política coerente de acção, em que o livro é fundamental.

Se *Junta de Libros*, apesar de não ser muito receptiva ao movimento cultural renascentista, ainda regista saberes e matérias tipicamente renascentistas (como a arquitectura<sup>449</sup>, ou a náutica<sup>450</sup> e cosmografia, a disciplina matemática, sobretudo na vertente prática de manuais de aritmética<sup>451</sup>, ou a farmacopeia), parece propositadamente alhear-se das obras de reflexão como já se referiu. Cita um comentário-resumo da *Arte Magna*, de Lulio<sup>452</sup> mas não refere Sebastian Izquierdo ou Pedro Bermudo<sup>453</sup> que prosseguiram pensamento no sentido de encontrar uma teoria geral da ciência - aliás o "maior" centro de desenvolvimento do pensamento lógico-racional, a Escola de Matemática de Madrid<sup>454</sup> foi, no século XVII, incorporado no Colégio Imperial dos Jesuítas, tendo a ciência matemática e a arquitectura perdido muita da importância alcançada em quinhentos.

Seja no âmbito da teoria do conhecimento, quer de inspiração empirista, quer racionalista (por exemplo não cita Pedro Valência, o maior representante espanhol de raiz céptica), seja na lógica, na física ou na filosofia natural<sup>455</sup>, os pensadores latinos de inspiração estóico-céptica foram traduzidos e a sua doutrina influenciou individualmente o pensamento e a acção político-moral. No entanto, o cepticismo moderno, foi ignorado nesta biblioteca, por poder pôr em causa a ordem mental e a do visível.

---

<sup>449</sup> Todas as obras sobre arquitectura e fortificação referidas em *Junta de Libros* são impressas: 7 em Madrid, 1 em Sevilha e outra em Alcalá, a partir da segunda metade do século XVI (e com apenas 3 publicações em seiscentos). Traduz-se Alberti (I.D.-981), Vitruvius (I.D.-1451), Serlio (I.D.-1675). Este razoável florescimento do estudo da geometria do espaço está relacionado com a criação e o ensino da Escola de Matemática de Madrid.

<sup>450</sup> Em relação às temáticas relacionadas com ciência náutica, cosmografia e história das Índias *Junta de Libros* quase não referencia títulos, sendo praticamente todos anteriores a 1611, mostrando assim uma associação deste saber técnico (tratados de esfera e artes de navegação) às novas exigências da expansão.

A causa da omissão deve-se a Pinelo ter acabado de elaborar sobre essa mesma temática, *Epítome*.. Esta obra com aprovação de Tamayo de Vargas, expressa na introdução o agradecimento do autor ao Cronista das Índias pelos inúmeros dados fornecidos.

<sup>451</sup> Apenas refere 12 obras de geometria e álgebra em cerca de 30 títulos, correspondendo os outros a tratados práticos de ensinar a contar. Um dos tratados de geometria é de Pedro Nunes, I.D.-1197, "cosmógrafo maior do rei de Portugal, jubilado".

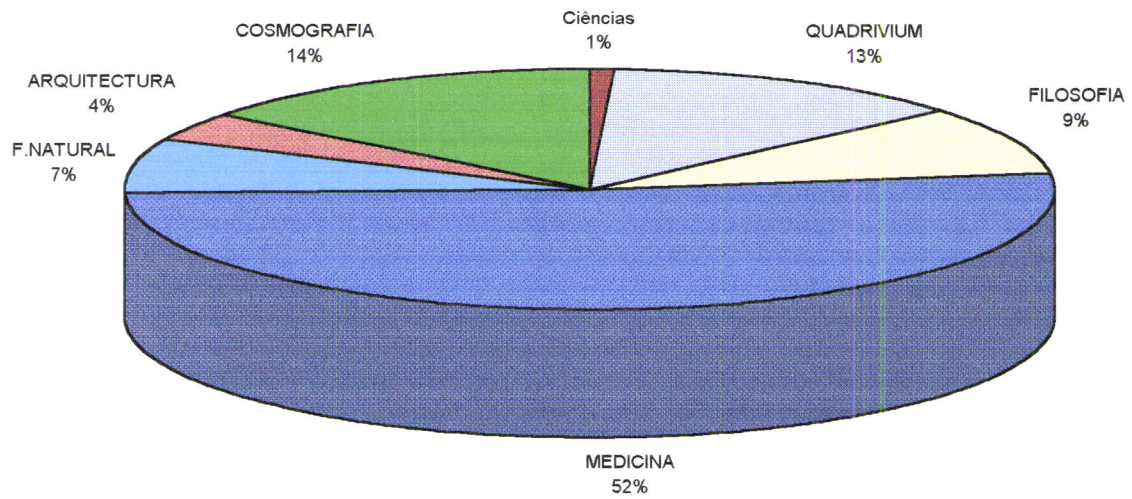
<sup>452</sup> I.D.-194.

<sup>453</sup> Formados na Escola de Matemática de Madrid, já referida.

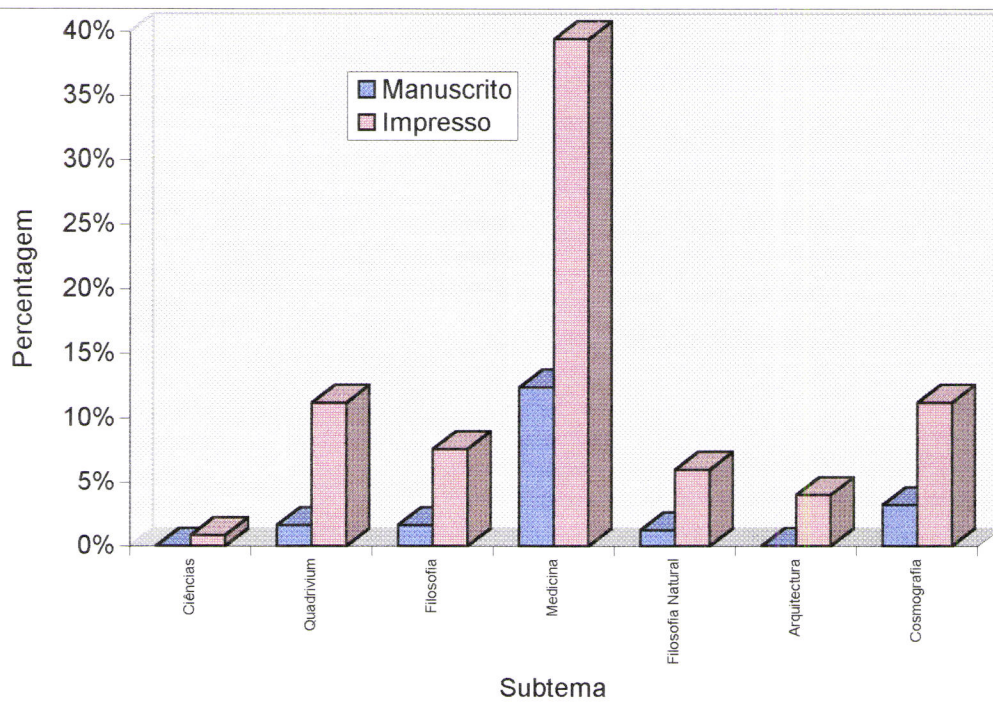
<sup>454</sup> Dentro dos autores de obras de Matemática e de fortificação militar (Rojas) Tamayo refere professores de 4 Universidades: Madrid, Rojas, I.D.-1420, autor de duas obras sobre fortificação militar, N°751 e 752; Salamanca, (I.D.-1580, Torres); Alcalá (I.D.-1298, Pérez de Mesa); e Barcelona, (I.D.-1425, Rollon).

<sup>455</sup> Os textos de filosofia natural referidos continuam a ser os de Plínio e Aristóteles.

### Ciências: Distribuição das Obras

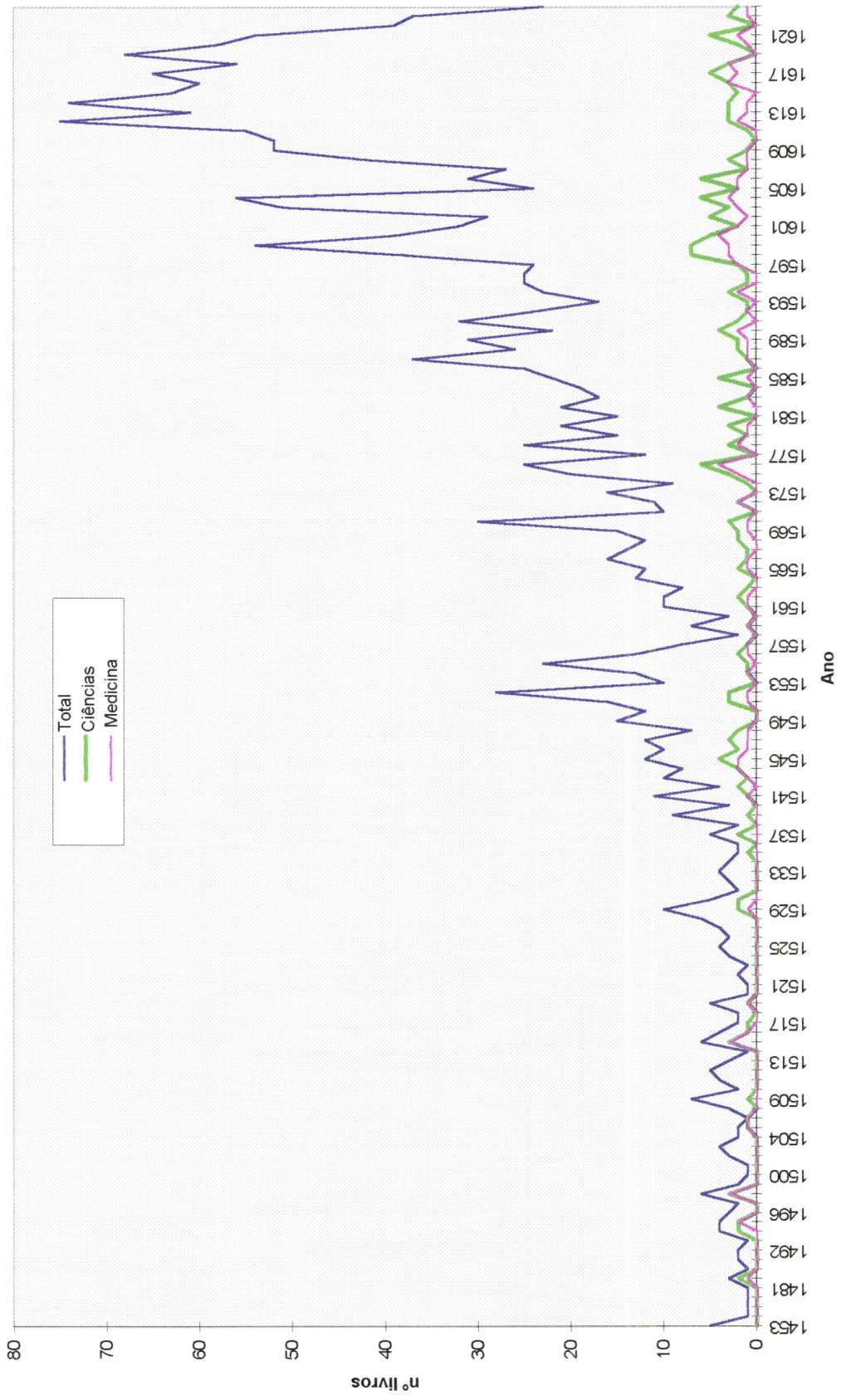


### Ciências: Distribuição dos Impressos e dos Manuscritos





Ciências: Distribuição das Obras Impressas





Omitindo em *Junta de Libros* o latim, está propositadamente a excluir os livros onde é criado o conhecimento, e a constituir uma biblioteca de memórias, poética, e de utilidade prática. O reduzido número de livros sobre ciência não se deve sobretudo ao facto de a bibliografia ser de obras escritas em língua romance, pois Tamayo de Vargas refere 300 títulos que são traduções<sup>456</sup>, mas à pouca sensibilidade face ao conhecimento reflexivo, e mesmo à simples observação do real. Esta quase sistemática omissão parece estar relacionada com o desinteresse nesta área por parte do autor, mas também com uma ausência<sup>457</sup> de estrutura cultural.

Sendo *Junta de Livros* uma biblioteca de livros-saberes recentes, *Ciências (de natureza humana)* surge não apenas reduzida em número de títulos, mas como que anacrónica, em particular nas matérias de carácter mais especulativo e abstracto de filosofia, astronomia e física. Esta ausência de referências, permite evidenciar a falta de receptividade do movimento cultural ao pensamento moderno - o que é uma das conclusões mais importantes da análise da obra.

Aristóteles<sup>458</sup>, Plínio<sup>459</sup>, Sacrobosco<sup>460</sup>, Galeno, com sucessivos comentadores, são, na área da Ciência, as autoridades recomendáveis por Tamayo de Vargas em 1624 - podendo-se incluir aqui os neo-escolásticos, apesar de fora do âmbito da *Junta* (pelo uso do latim).

A descoberta e conquista das Índias reforça a importância do pensamento empírico, diminuindo o pendor especulativo; e a linha contra-reformista, renovando o pensamento aristotélico, concorre para a fortificação do sentido do concreto.

Só nos finais do século XVII<sup>461</sup> vão surgir os "novateurs" que, tendo como modelo a Academia de Ciências francesa e o saber

<sup>456</sup> Não deixando de citar, por exemplo, Ortélio, em romance, *Theatro del orbe del mundo*, nº3, I.D.-4; ou 7 traduções em 23 títulos de filosofia.

<sup>457</sup> O cotejo de catálogos de tipografias da época, completado com as informações dadas por José López Piñero, *Ciencia y técnica en la sociedad española*, Barcelona, 1979, reforçou a verificação da falta de autores modernos.

No que diz respeito aos textos em romance, Tamayo de Vargas acaba por nomear quase todos os nomes referidos por López Piñero, sendo inclusivé mais completo por introduzir em *Junta de Libros* uma série de textos de autores de obras manuscritas.

<sup>458</sup> I.D.-1018, I.D.-1209, 1477 e na filosofia natural I.D.-1186.

<sup>459</sup> I.D.-687

<sup>460</sup> I.D.-1496, nº 2861; I.D.-1669, nº 488; I.D.-1668, nº 202; I.D.-519, nº 385 e I.D.-1403, nº 1518.

<sup>461</sup> Em 1687 publica-se *Carta filosófico-médica chymica*, de Juan Cabriada, que é o manifesto deste grupo.

filosófico-científico italiano, procuram introduzir em Espanha o pensamento moderno (e que dentro dos historiadores analisados só serão referidos por Pulgar).

#### 4.03 Medicina

A medicina, no sentido amplo da época<sup>462</sup> (que inclui cirurgia, arte da sangria e farmacopeia<sup>463</sup>), ciência do corpo, e muitas vezes associada ao equilíbrio e saúde da alma<sup>464</sup>, e mesmo da monarquia<sup>465</sup>, é em *Junta de Libros*, e na área das Ciências, a única que merece uma referência.

Saber prático e filosófico, em que Galeno, médico e retórico, será o referente, está sobretudo registado nesta biblioteca através de títulos relacionados com a realidade empírica e escritos por médicos ligados à Coroa<sup>466</sup>. Citando apenas um tratado de anatomia em cerca de 130 obras<sup>467</sup>, são as doenças de repercussão social, nomeadamente a peste a causa do aumento pontual de títulos, que mostram a preocupação de as atenuar ou evitar.

Até ao século XVIII Galeno será o modelo e fonte de inspiração, registando Tamayo de Vargas apenas uma das polémicas em torno do médico da antiguidade<sup>468</sup>. Os grandes debates irão dar-se a partir de 1628 com a publicação do tratado da circulação sanguínea de Harvey, que os pensadores espanhóis mais ortodoxos irão acerrimamente combater.

---

<sup>462</sup>"(...) barbero, enquanto sangrava, y el boticario, en quanto aparejava las medecinas, y el cirujano, enquanto curava las heridas y el medico en curar universalmente todo genero de enfermedades (...)el buen medico deve estar diestro en la teorica de todas estas artes", Cobarruvias, *Tesoro*, op. cit., p.424.

Cfr. Pedro Lopez de Leon, (I.D.-948), I.D.-557, I.D.-358 e I.D.- 410.

<sup>463</sup> I.D.-330,nº1623 e I.D.-1636,nº1297.

<sup>464</sup> I.D.- 376, Pedro Ciruelo, ou I.D.- 425, 612, DAZA DE VALDES, *Uso delos antojos para todo genero de vistas*, 1623. "En que se enseña a conozer los grados que a cada uno le faltan de su vista, i los que tienen quales quien antojos, i como se pediran en ausencia con otros i avisos..."

Por isso medicina é escrita simultaneamente por médicos e religiosos, sendo os médicos os autores mais versados em filosofia, escrevendo ainda sobre diversos temas, quer na área das ciências, quer das artes.

Cfr: 4.02=I.D.\_1120; 4.03= I.D.-1409,I.D.-121;I.D.-1154; 4.06= 4.01=I.D.-1545, I.D.-1341;I.D.-1119.

<sup>465</sup>*Republica original sacada del cuerpo humano*, I.D.-1122, nº1476.

<sup>466</sup> É o caso, por exemplo, de Francisco Vallés (I.D.-1616, nº1292), protomédico geral dos Reinos de Castela, ou de Daza Chacón (I.D.- 427, nº 964), médico de *Su Magestad*.

<sup>467</sup> I.D.-1159.

<sup>468</sup> Diego de Cortavilla i Sanabria I.D.-397, nº806, contra Galeno e Francisco Velez de Arcinieza, I.D.-1636, nº1298, a favor.



A análise temática pode ser melhor entendida se forem relacionados tema, forma material de autoria e respectivos autores (ver tabela anexa). Os respectivos números indicam simultaneamente como se valoriza na *Junta* o impresso, mas como o mundo cultural e a divulgação passa pela utilização em paralelo dos dois tipos de forma material. Referem-se cerca de 700 manuscritos e 2400 impressos, mas apenas 140 escritores são nomeados como autores exclusivamente de textos manuscritos, enquanto 259 escrevem 1103 textos (498 obras manuscritas e 605 impressas).

Às *Ciências (de natureza humana)* e *Artes de governação* corresponde a maior percentagem de obras escritas por autores só referidos em *Junta de Libros* como escritores de manuscritos, de um só tema.

Ideia reforçada pela verificação de que a essas Ciências corresponde a maior percentagem de obras feitas por autores citados exclusivamente como escritores de obras impressas, e a menor por autores de textos manuscritos e impressos. O que prova o carácter específico deste saber.

Em 251 títulos, 151 são de autores que só publicam naquela temática. E apenas 3 autores escrevem em mais do que uma ciência:

	4.01
4.03	1
4.04	1
4.06	1

	4
2	3
3	11
5	7*

\* 3 autores escrevem sobre filosofia, e 4 sobre medicina

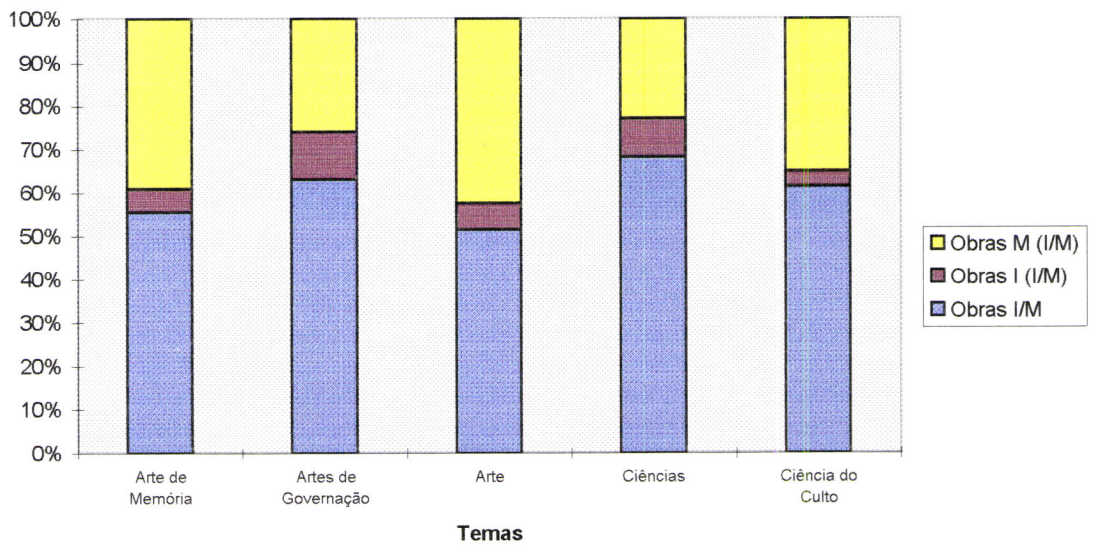
4.00	2
4.01	16
4.02	14
4.03	78
4.04	10
4.05	8
4.06	20

A maior percentagem de obras de autores que tratam de várias temáticas está concentrada nas artes de Memória e Ciência do Culto; Arte de Memória e da Linguagem; e Ciência do Culto e Artes de Linguagem, mostrando tratar-se de campos muito mais relacionais e integrados culturalmente, actuando neles os autores com grande versatilidade, fazendo-se a distinção sobretudo entre a temática religiosa e a profana, como se verá adiante.

Com uma distribuição absolutamente inversa à *Ciência de Natureza Humana* estão a *Ciência do Culto* e a *História do Divino*. Quase sem títulos manuscritos, obedecem a uma evidente lógica de divulgação - aliás os autores religiosos publicam em quase todas as áreas do saber.

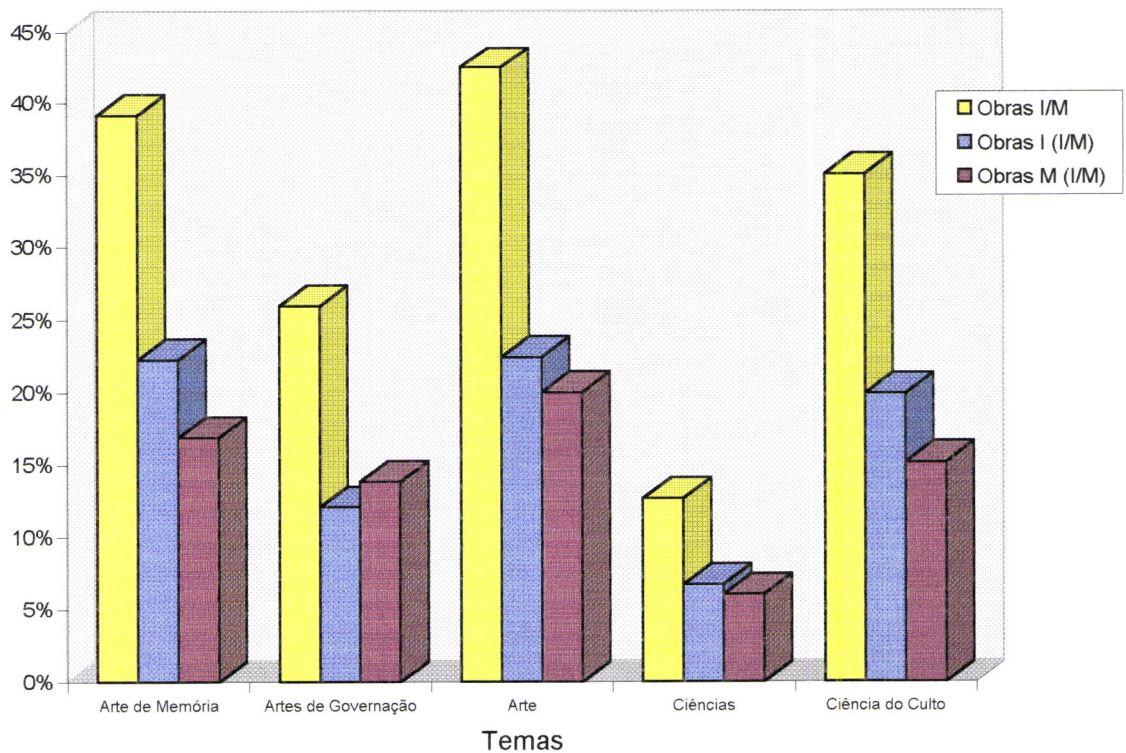
A observação cruzada dos gráficos permite visualizar as manifestações dos vários ramos do saber, quanto ao suporte material das obras, ressaltando o facto de os temas religiosos (quer de história do divino, quer doutrinarios), quase não serem tratados por autores só de obras manuscritas. A maior percentagem de textos manuscritos redigidos por autores de manuscritos e impressos (3.2) mostra a exigência dos temas religiosos serem tratados por eclesiásticos com autoridades. Por isso a maior percentagem de autores só de obras impressas surge nestas mesmas temáticas.

**Distribuição das obras (manuscritas e impressas) estabelecida em função da forma material de autoria:**



Obras de Autores referidos em *Junta de Libros* como escritores apenas de textos manuscritos (cor castanha), obras de escritores apenas de textos impressos (cor azul); e de autores referidos em *Junta de Libros* como escritores de textos manuscritos e obras impressas (cor amarela).

**Especificação das obras manuscritas e impressas, dentro do conjunto de obras referidas como escritas por autores de textos manuscritos e impressos.**





Relação entre a classificação dos autores, e respectivas obras,  
segundo o suporte material referido em "Junta de Libros".

Forma material		TEMAS							Total	Nº Autores
de autoria		1	1,01	1,02	2	3	4	5		
1 (M)	x	42	37	5	30	30	19	30	151	140
	y	48	43	5	37	37	23	34	179	
2 (I)	x	411	223	200	198	252	151	453	1465	1299
	y	497	256	241	214	317	171	608	1807	
3 (I/M)	x	136	92	68	55	94	31	129	445	259
	y	350	208	142	88	261	57	347	1103	
3.1 (I)	x	112	64	56	34	71	22	109	348	605
	y	199	104	95	41	138	30	197	605	
3.2 (M)	x	90	64	33	37	70	20	94	311	498
	y	151	104	47	47	123	27	150	498	
Total	x	589	352	273	283	376	201	612		
	y	895	507	388	339	615	251	989		

x Nº Autores  
y Nº Obras

Forma material		TEMAS							Total
de autoria		1	1,01	1,02	2	3	4	5	
1 (M)	x	28%	25%	3%	20%	20%	13%	20%	100%
	y	27%	24%	3%	21%	21%	13%	19%	100%
2 (I)	x	28%	15%	14%	14%	17%	10%	31%	100%
	y	28%	14%	13%	12%	18%	9%	34%	100%
3 (I/M)	x	31%	21%	15%	12%	21%	7%	29%	100%
	y	32%	19%	13%	8%	24%	5%	31%	100%
3.1 (I)	x	32%	18%	16%	10%	20%	6%	31%	100%
	y	33%	17%	16%	7%	23%	5%	33%	100%
3.2 (M)	x	29%	21%	11%	12%	23%	6%	30%	100%
	y	30%	21%	9%	9%	25%	5%	30%	100%

x Nº Autores  
y Nº Obras

Forma material		TEMAS						
de autoria		1	1,01	1,02	2	3	4	5
1 (M)	x	7%	11%	2%	11%	8%	9%	5%
	y	5%	8%	1%	11%	6%	9%	3%
2 (I)	x	70%	63%	73%	70%	67%	75%	74%
	y	56%	50%	62%	63%	52%	68%	61%
3 (I/M)	x	23%	26%	25%	19%	25%	15%	21%
	y	39%	41%	37%	26%	42%	23%	35%
3.1 (I)	x	19%	18%	21%	12%	19%	11%	18%
	y	22%	21%	24%	12%	22%	12%	20%
3.2 (M)	x	15%	18%	12%	13%	19%	10%	15%
	y	17%	21%	12%	14%	20%	11%	15%
Total	x	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	y	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

x Nº Autores  
y Nº Obras



## 5. 00 CIÊNCIA DO CULTO E GOVERNO DAS ALMAS

Distribuição das obras segundo a forma material (impresso e manuscrito).

		Obras Manuscritas	Obras Impressas	% M	%I
<b>5</b>	<b>CIÊNCIA DO CULTO</b>	<b>185</b>	<b>805</b>	<b>19%</b>	<b>81%</b>
<b>5.01</b>	<b>TEOLOGIAS</b>	108	449	19%	81%
5.01.01	Teologia Geral	37	153	19%	81%
5.01.02	Teologia Dogmática	28	106	21%	79%
5.01.03	Ascética	43	190	18%	82%
<b>5.02</b>	<b>TEXTOS SAGRADOS</b>	29	136	18%	82%
5.02.01	Bíblia	9	48	16%	84%
5.02.02	Sermonário	20	88	19%	81%
<b>5.03</b>	<b>LITURGIA</b>	47	220	18%	82%

Ao contrário da memória humana e do governo dos homens, que são saberes ainda sem uma organização e classificação fixa, a teologia tem desde já o seu objecto definido e distribuído por subgéneros bem demarcados.

No entanto, não sendo o objectivo deste estudo a temática religiosa, optou-se por agrupar subtemas (teologia ascética e mística; teologia dogmática e catecismo), suprimindo-se a teologia escolástica (neo-escolástica) por, apesar de florescer nesta época, ser escrita em latim - facto justificativo da sua omissão na *Junta*.

Por outro lado, foram introduzidas na história do divino algumas matérias de denominação teológica (teologia exemplar e polémica, respectivamente em *Vidas e Controvérsias*<sup>469</sup>), por se considerar que a sua estrutura é cronológica, podendo desta forma ser comparadas com os idênticos tipos de discurso, mas de conteúdo político ou histórico, de dimensão profana.

<sup>469</sup>As polémicas referidas por Tamayo de Vargas são de natureza político-religiosa, omitindo os debates relacionados com os dogmas ou princípios doutrinários, como o caso do debate em torno do problema da salvação da alma, referido adiante.

*Junta de Libros* é um transparente documento revelador do papel que o livro vai desempenhar na doutrinação dos fiéis, na formação do Corpo eclesiástico, e na normalização e coesão de uma nova Igreja.

Esta a razão por que se assiste a uma unidade de actuação, manifestada na coerência e homogeneidade do crescimento do número de títulos, em termos gerais<sup>470</sup> e nos subtemas entre si, havendo algumas oscilações, com ligeiro aumento de títulos por parte da ascética e mística<sup>471</sup>. Os momentos em que se assiste a uma explosão de orações e obras de louvor estão relacionados com oscilações no sermônário.

Verifica-se um aumento de títulos a partir da primeira fase do concílio de Trento, com uma definitiva subida, expressa pelo domínio da temática religiosa na biblioteca a partir da década de 80, como já se referiu.

O paralelismo da distribuição cronológica dos títulos respeitantes à ciência do culto e governo das almas e história do divino<sup>472</sup> mostra como a escrita de histórias, sobretudo sobre as origens e regras das respectivas Ordens, e valor e exemplo dos seus fundadores, reforça, com a autoridade da memória, a força da doutrina e o poder da instituição (ver gráfico já apresentado no início do trabalho).

Mas que se entende, depois de Trento, por obras religiosas, e sobretudo que obras se escrevem, que devam constituir a biblioteca dos crentes, de modo a eles alterarem a sua vivência?

Os livros incluídos nesta temática não pretendem representar o saber na área das ciências do sagrado, mas ser um indicador das obras necessárias à evangelização e definição da pastoral, pois os textos que

---

<sup>470</sup>O aumento de títulos de temática religiosa que se observa em 1570 corresponde a um repentino aumento do sermônário e de obras de orações que, com apenas 13 títulos impressos entre 1535 a 1569 (dos quais só 3 na década de 60), vai publicar 6 em 1570, 5 dos quais de um só autor - Frei Alonso de Oroscio I.D.-52, nº 140,141,142,143,144, da ordem de S. Agostinho e pregador de Carlos V.

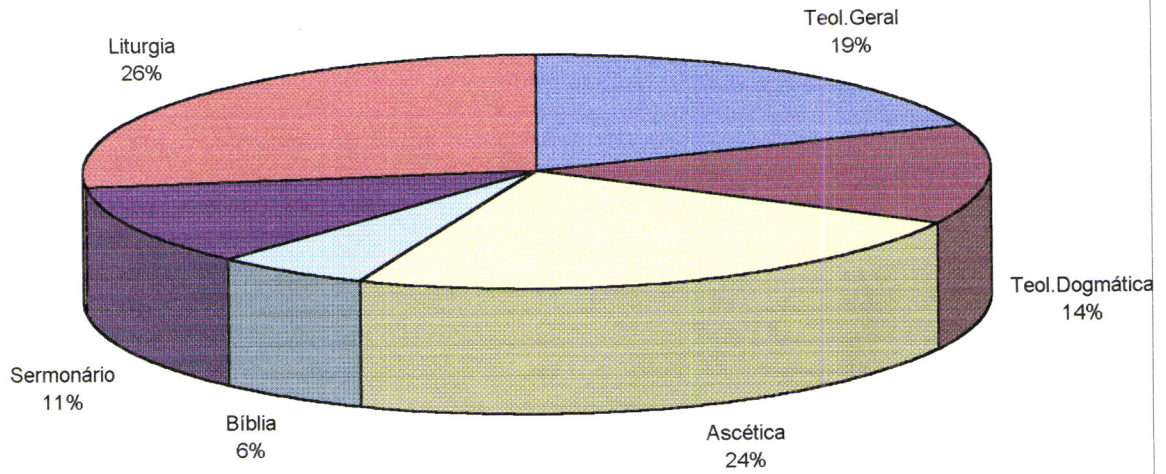
Uma razão também considerada circunstancial está na base do aumento de títulos visível em 1589, que se deve a três obras relacionadas com a festa de Sta. Maria Madalena, realizadas em Roma, escritas (e aí editadas) por Frei Juan Baptista Bru de S<sup>a</sup> Madaglena (I.D.-817, nº1777,1778,1779).

<sup>471</sup>Já a subida verificada a partir de 1609 corresponde a um período de aumento das obras de oração e mística, a que não é alheia a canonização de Inácio de Loyola (1610) e S.Teresa (1615) e que se pode associar às tensões político-religiosas de que já se falou a propósito do ambiente cultural relacionado com a expulsão dos Mouros.

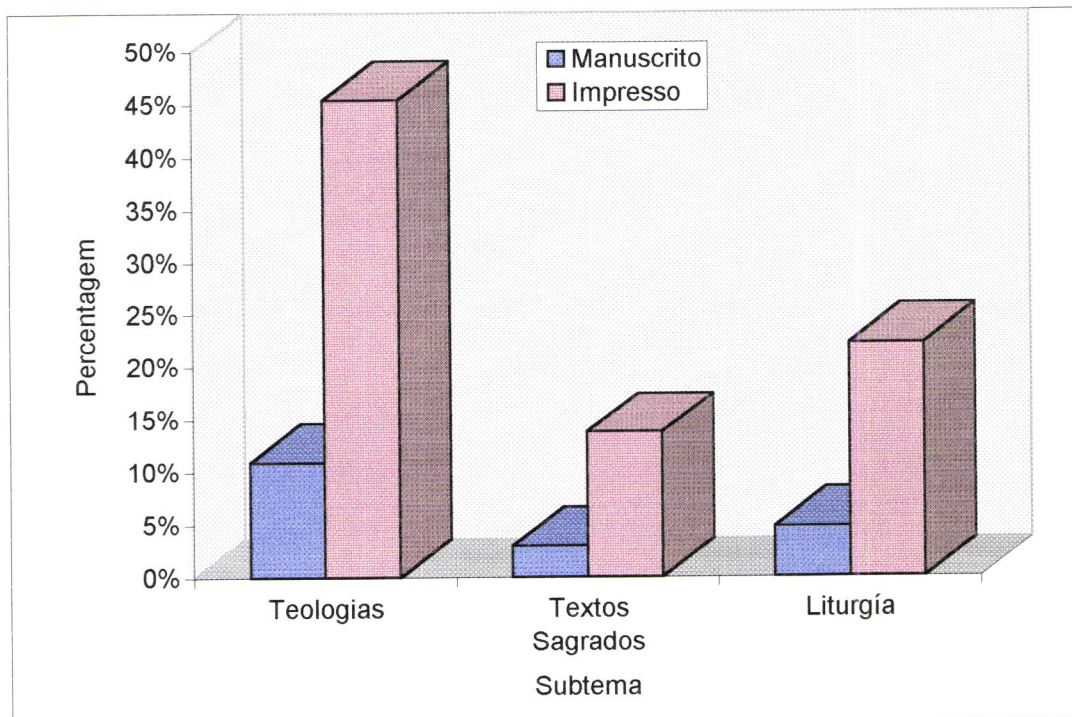
<sup>472</sup>Os aumentos de títulos observados na história do divino até 1603 estão relacionados com uma referência anormal em *Junta* a obras edificantes de personagens bíblicos, ou Santos: em 1554, 5 Vidas de Maria, Cristo e S. João Baptista; em 1587, 3 de Cristo, 1 de Maria, e 5 de Santos, das quais 2 de S.Francisco de Assis.



### Ciência do Culto: Distribuição das Obras

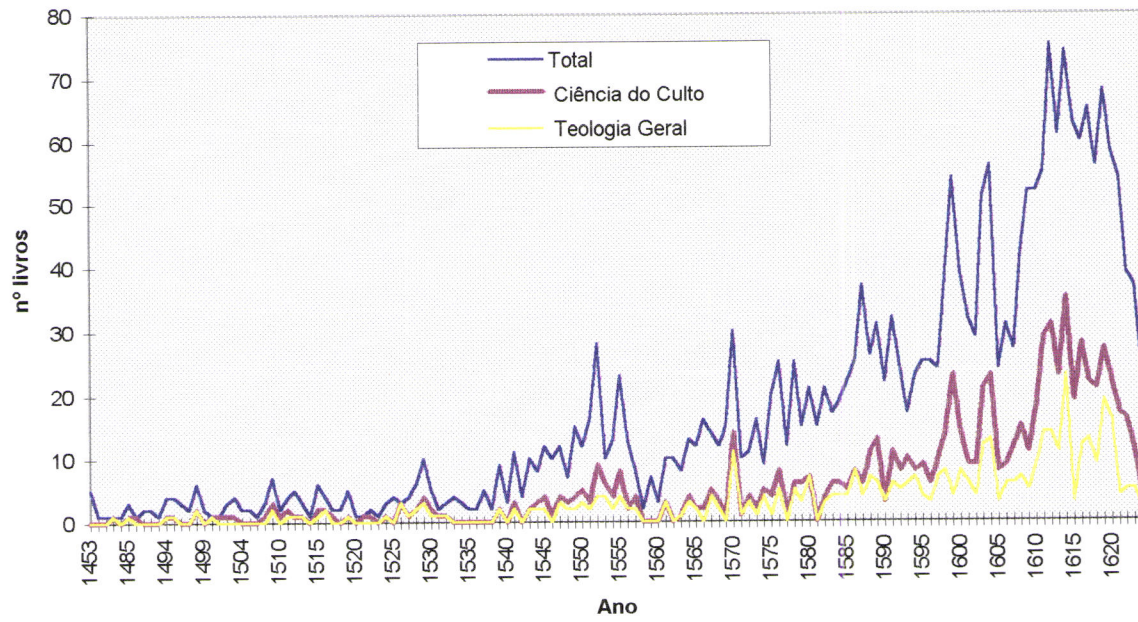


### Ciência do Culto: Distribuição dos Impressos e dos Manuscritos





### Ciência do Culto: Distribuição das Obras Impressas





tradicionalmente provaram a racionalidade de Deus, dando dimensão de ciência às interpretações sobre o divino, estão praticamente ausentes desta biblioteca.

Tamayo de Vargas omite as três grandes controvérsias que atravessam o período abarcado por *Junta de Libros*: a relacionada com a virgindade de Maria; a da vulgarização das sagradas escrituras; e a do problema da graça, que vai opor jesuítas e dominicanos durante cerca de 20 anos, criando assim uma cisão na imagem de unidade e sentido inequívoco do dogma acabados de criar pela Igreja<sup>473</sup>.

Os resultados das duas primeiras são visíveis na *Junta de Libros*, com a publicação tardia (após a definição doutrinária de Clemente VIII) de abundantes obras relacionadas com a interpretação da Bíblia e personagens bíblicas (1.02.01 e 5.02.01) e de louvores e aclamações à Virgem (a partir de 1610), que se concretizarão também em festas<sup>474</sup>.

---

<sup>473</sup>A controvérsia sobre a salvação da alma, debate interno à Igreja, iniciou-se com a publicação em Lisboa, em 1580, de "Concordia liberi arbitrii cum gratia...", do jesuíta Luís Molina, que defendia o princípio de que o homem é livre na sua salvação. Enquanto Báñez atribuía importante papel à predestinação calvinista.

<sup>474</sup>I.D.- 831, 3141, Frei JUAN BAPTISTA AGRADO TRINITARIO, *Devocioayo de Ledanias dela Virgen Nra. S<sup>a</sup>*, 1612.

I.D.- 102, 249, Frei ANGEL MANRIQUE, *Sanctoral i Dominical Christiano para todas las fiestas de N<sup>ra</sup>S<sup>a</sup> i de otros Sanctos*, 1613.

I.D.- 459, 943, Frei DIEGO DE VEGA, *Marial, o Excelencias de Nuestra Señora en sus fiestas*, 1616.

I.D.- 790, 2661, HOJEDA, *Informacion Ecclesiastica en defensa dela limpia Concepcion dela Madre de Dios*, 1616.

I.D.- 766, 2658, HERNÁNDEZ, *Delas festividades dela SSma. Virgen Madre de Díos, í lo que pertenece a su devocion*, 1618.

Ver também os títulos referidos em teologia dogmática.

Por estas razões, *Ciências do Culto e Governo das Almas* foram divididas em três grandes grupos: *Teologias, Textos sagrados e interpretações*; e *Liturgia e Eclesiologia*. Como o sentido global da temática não parece ser a Revelação, mas a acção de disciplinar individual e colectivamente, organizou-se a análise em torno da Liturgia e Eclesiologia, integrando-se as teologias numa ampla manifestação de culto.

A Teologia foi subdividida em:

#### 5.01.01. *Teologia (e doutrina) moral*

Este grupo, agregando as obras de natureza moral, integra os títulos de reflexão acerca da teoria da realidade divina (teologia geral), os da teoria da realidade divina na sua relação com o homem,<sup>475</sup> os de doutrina moral cristã, entendida na época numa dimensão prática, e os títulos de doutrina moral sem explícita referência à moral cristã, mas na qual de facto se fundamenta.

#### 5.01.02. *Teologia dogmática, dos sacramentos e catecismo*

Incluíram-se neste subgrupo os textos de doutrina elaborados a partir de verdades de fé, os de teologia dos sacramentos, e os de catecismo, que são aqui integrados por serem aplicação das duas teologias.

#### 5.01.03. *Ascética e mística*

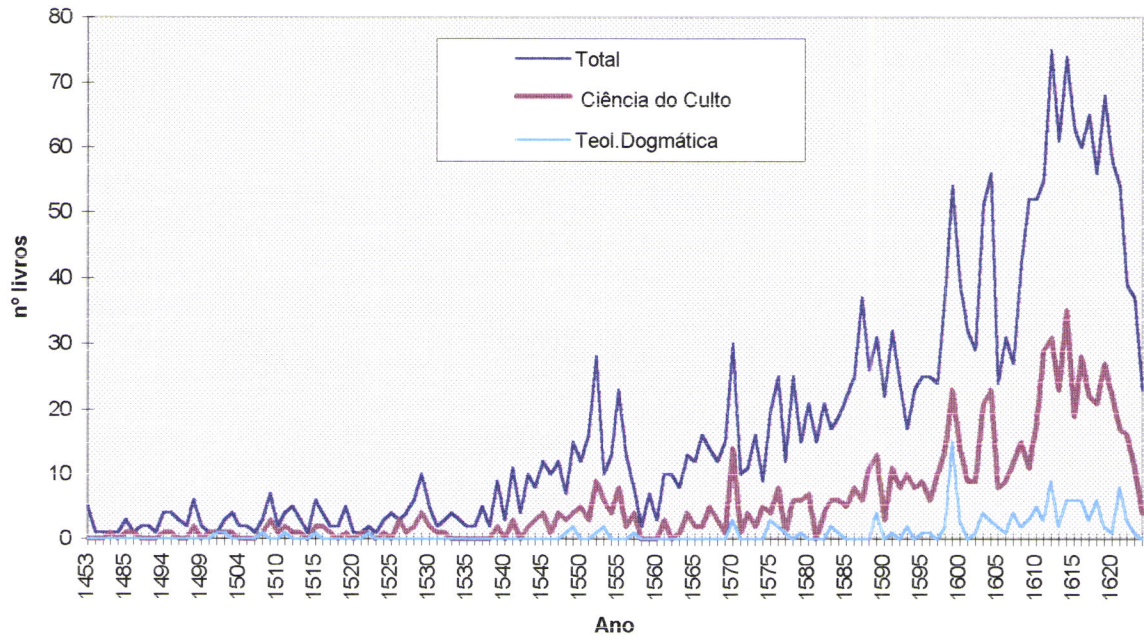
Tendo subjacentes princípios da teologia geral, moral e dogmática, correspondentes às teologias com carácter existencial, ambas conduzem à vivência de Deus pela via do Amor - quer pela renúncia, quer pela participação.

É de novo numa concretização prática que surge a fusão da teologia ascética com a mística: a oração.

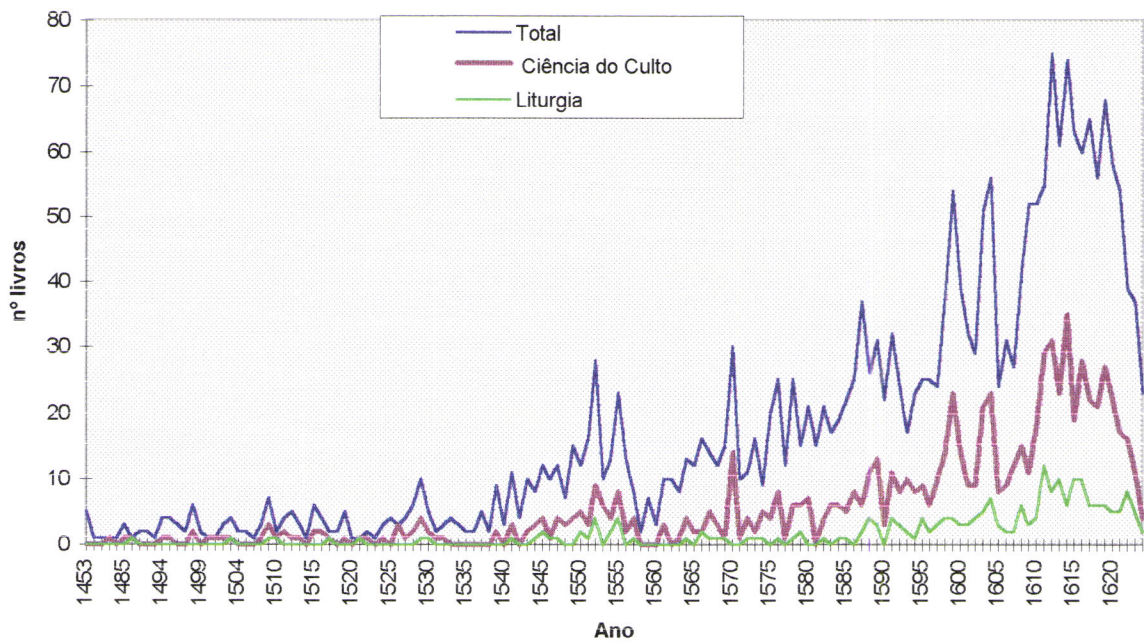
---

<sup>475</sup>A teologia moral vai ser sobrevalorizada com Trento, tomando-se então como núcleo doutrinal o debate acerca do pecado humano.

**Ciência do Culto: Distribuição das Obras Impressas**



**Ciência do Culto: Distribuição das Obras Impressas**







Os *Textos Sagrados e Interpretações* foram subdivididos em:

#### 5.02.01. Bíblia e comentários

É de sublinhar que, sendo o cristianismo a doutrina da Palavra, a Revelação manifesta-se em reduzido número de títulos e sempre já definida, interpretada.

#### 5.02.02. Sermonário e homilias

Apesar de o sermonário ser uma acção de Culto, foi autonomizado por se ter considerado que a sua essência é manifestação da Palavra.

#### 5.03. Liturgia e Eclesiologia

Agregaram-se no Culto as duas actividades que o estruturam e perpetuam, de modo a ver-se a capacidade, a força de organização e os meios da Igreja (os livros de retórica sacra foram integrados na liturgia).

Por isso a este tema corresponde o maior número de títulos, numa rigorosa expressão das normas de Trento. Mas Tamayo só refere obras que considera úteis para a integração e aperfeiçoamento dos fiéis e eclesiásticos (quase não cita textos sobre indulgências<sup>476</sup>, debate de dogmas e matrimónio<sup>477</sup>, Purgatório, Satanás), não deixando no entanto de nomear um conjunto de obras jurídicas que organiza a vida da Igreja, já referidos em Direito Canónico.

Este aspecto parece um dos mais interessantes de *Junta de Libros*, pois, ao trazer a formação dos eclesiásticos<sup>478</sup> para o mundo dos leigos está a incrementar a actualização dos religiosos que já não podem passar pelos recém-criados seminários.

Por tudo isto, a primeira observação da distribuição dos títulos é a de que Ciências do culto e governo das almas, pela quantidade de obras

---

<sup>476</sup>I.D.- 575, 1261, Frei FRANCISCO DE S.ANGEL, *Compendio delas indulgencias dela orden de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> del Carmen*, 1598.

I.D.- 150, 478, Frei ANTONIO VASQUEZ DE ESPINOSA, *Summario de Indulgencias*, 1623.

<sup>477</sup>I.D.- 480, 969, Frei DOMINGO DE BALTANAS, *Confessionario: Tratado de excomuniones de usura, matrimonio, i votos*, 1554.

<sup>478</sup>Cerca de 1/3 das obras referidas em "Liturgia e ecclesiologia" destina-se exclusivamente a religiosos, sobretudo a sacerdotes: refere maioritariamente obras sobre Instruccion de Prelados e avisos de Curas, nomeadamente para os das Índias (I.D.- 38, 2987, D.ALFONSO MOGROBEJO, *Confessionario para los Curas de Indias, i instruccion contra sus ritos*, 1603); tratados de como confessar e de organização-preparação da missa. A formação pretendida é de nível elementar, mas suficiente para curar as almas através dos dois meios mais eficientes: confissão e missa.

e pelo formalismo, revelam mais uma perspectiva eclesiástica do que religiosa.

Esta parece ser a razão por que os títulos das obras acerca de Deus são sobretudo concretizações de perspectivas teológicas práticas: tratados de vícios e virtudes e de comportamentos; confissões e catecismos; e orações.

Inclusivé as obras sobre a oração, com um peso determinante, pois são as que levam o leitor-crente a uma vivência pessoal, surgem bem definidas, a propósito de devoções, ou integradas no sacramento da confissão ou na celebração da missa.

A concretização desta vertente prática manifesta-se também no carácter exemplar (sobretudo através de Salomão, o Justo) e de conselho de que se revestem as interpretações dos títulos acerca da Bíblia que Tamayo de Vargas cita. Refere apenas uma Bíblia<sup>479</sup>, em manuscrito, e dois títulos com elementos que podem remeter para a exegese e renovação dos textos<sup>480</sup>. Esta quase ausência tem duas causas: são escritas na língua universal da Igreja, ou políglotas - caso da Bíblia de Alcalá, do Cardeal Cisneros, e da de Arias Montano<sup>481</sup> - e, a partir de 1559, Roma, opondo-se a Lutero e Erasmo, vai proibir a tradução dos textos sagrados e de obras de piedade. Só a partir do final do século a Igreja começará a divulgar, quase exclusivamente pelo impresso, comentários bíblicos<sup>482</sup>.

---

I.D.- 440, 644, D.DIAZ DE LUGO, *Instruccion de Prelados*, 1530.

I.D.- 440, 646, D.DIAZ DE LUGO, *Aviso de Curas*, 1545, (Mss).

<sup>479</sup>De comentário ou divulgação dos textos sagrados, apenas uma referência a uma Bíblia, sem nome do comentador, " anda manuscrita, en las manos de los que tienen licencia del Sto Oficio de la Inquisicion". Circulando uma cópia, mas em versão heterodoxa, no Norte da Europa (nº663).

E três textos de vulgarização: *Vergel por abecedário, uma summa em verso e um Caderno* com estampas em verso, respeitante à divulgação didáctica e moral, que Trento começa a utilizar como resposta à Bíblia ilustrada por Dürer.

I.D.-96, 268, Frei ANDRES FLOREZ, *Summa della sagrada escriptura en verso maior*, 1549.

I.D.- 97, 285, Frei ANDRES NUÑEZ DE ANDRADE, *1ª parte del Vergel dela Escriptura divina compuestos por lugares communes por el A.B.C.*, 1600.

I.D.- 1586, 2090, TOURNES, *Quadernos historicos dela Biblia con estampas y declaraciones en verso*, 1553.

<sup>480</sup>Para além destas obras de divulgação, apenas regista:

I.D.- 574, 1256, Frei FRANCISCO DE ROJAS, *Commentarios sobre la concordia delos Evangelistas*, 1621, e I.D.- 986, 2228, Frei LUCAS DE MONTOYA, *Metaphoras del sentido literal de la sagrada scriptura*, 1626.

<sup>481</sup>O último volume da Bíblia de Arias Montano foi publicado em 1572, em Anvers, altura em que o crasmismo era já objecto de perseguição em Espanha. Por isso León de Castro, professor em Salamanca, vai condenar a obra, acusando o autor, tal como a Frei Luís de León (I.D.-996) de hebraísta.

<sup>482</sup>No conjunto dos 3000 títulos da *Junta*, apenas 9 manuscritos e 48 impressos, dos quais só 12 referências até 1600.

Este sentido utilitário tem o seu expoente no sermão: concentrando num objecto de comunicação aspectos doutrinários diversos (Palavra, mas comentada, doutrina, catequese e ensino de comportamentos), integrados numa nova liturgia, cria, pelo uso da língua romance (único momento do culto em que fiel e sacerdote participam na mesma língua) e de efeitos estilísticos, de forte carga afectiva (transmitidos através de imagens, verbais e corporais do pregador) um desenvolvimento argumentativo, de carácter vivencial, que envolve os fiéis na Palavra, ao mesmo tempo que os ajuda a integrar na Comunidade da Igreja.

Esta sua força comunicativa radica na representação<sup>483</sup> (e nisso se aproxima da comédia), em que a entoação e os elementos apelativos envolvem o leitor<sup>484</sup>, associada a uma argumentação que introduz tropos e elementos retóricos numa linguagem de forte ressonância poética (e nisto se afasta da comédia). É este sentido poético que faz dos salmos a matéria bíblica a que mais recorre o sermão de temática religiosa<sup>485</sup>. Doutrina em poema, o salmo ensina de forma lírica, despertando sentimentos de espiritualidade, que elevam a alma a Deus. E este apelo a uma emotiva sensibilidade integra-se no Sermão, gerando vontade de o imitar, quer no Amor de Deus, quer na existência humana.

Finalmente, o salmo permite uma interpretação do texto, cuja oralidade tem a sua cúpula no cantochão<sup>486</sup>, que associa poesia e doutrina na palavra, continuando a despertar o sentimento de espiritualidade pela música.

Quanto à função integradora do sermão na Comunidade da Igreja, há que vê-la nos três tipos de discurso, em três planos:

Num primeiro, e considerado apenas na sua oralidade, o da comunidade de fiéis, que, num mesmo espaço físico, participam pela palavra do pregador, escolhida particularmente para aquele culto, numa comum vivência espiritual, e depois, tendencialmente, numa identidade

---

<sup>483</sup>O sermão pertence à oralidade. Se fixado em papel, para ficar na memória e ter outros públicos, não tem nessa materialidade a sua identidade interna, daí a importância dada à pronúncia, que engloba a voz e a acção.

<sup>484</sup>Se a mística pretende despertar emoções, fazer aderir pelo êxtase, o sermão pretende persuadir pela representação, através de uma retórica que apela ao vício do pecador, atemorizando-o.

<sup>485</sup>Cerca de 33. Ignora-se nesta contagem os salmos que são nomeados através de título alegórico, sem referência ao livro bíblico.

<sup>486</sup>Apesar de integrado nas rotinas mundanas, pelas razões apontadas, no momento de redacção do capítulo, com maior integração do sentido dos temas e dos títulos, considerar-se-ia preferível a sua inserção no subgrupo das interpretações bíblicas.

de comportamentos; servindo a sua versão escrita de meditação individual sobre a Palavra.

Um segundo plano de integração obtém-se pelos sermões com carácter litúrgico obrigatório (referidos na *Junta* abundantemente através de dois tempos: Advento e Quaresma), em que a comunidade participa no ritual que, naquele momento, envolve toda a comunidade cristã, organizado em volta dos grandes temas do Novo Testamento.

A propósito de um evento que se quer dignificar, e por isso fora do calendário litúrgico, revestidos de grandeza e integrados em outras celebrações festivas e fúnebres, surgem sermões de honras, profanas ou religiosas.

As participações de cada comunidade, organizada em reinos e províncias, mas com afinidades político-religiosas, num culto comum (com as respectivas divulgações), acaba por criar, ainda que tenuemente, um envolvimento entre as comunidades integrantes desse culto, provocando um sentimento de conjunto que ajuda a fixar uma imagem-ideia de coesão do império: Igreja-Monarquia.

A divulgação escrita desses discursos avulsos ou em sermonário, completada com outros textos<sup>487</sup> celebrativos do evento, se corresponde a uma fixação de memória, pode ser vista também como forma de comunicação, com reforço do sentido de coesão do império, pela participação unitária de todos num dos seus símbolos.

Esta capacidade de transmissão a vários tipos de comunidades de sentido de poder doutrinário, e de sentido de instituições, deriva da empatia comunicativa do género, mas também da distância e reserva provocada pelo cerimonial de sentido sacro em que se insere, investido na figura do seu protagonista. Tal parece ser o sentido da referência em *Junta de Libros* a cerca de quinze sermões de beatificação de Santa

---

<sup>487</sup>Esta dimensão mundana dos sermões de honras é facilmente confirmada pela publicação dessas Orações em livros de Festas, comum ao longo de seiscentos - cotejar o sermonário com títulos citados nas *relaciones* de festas(2.08) e exéquias (3.03.03).

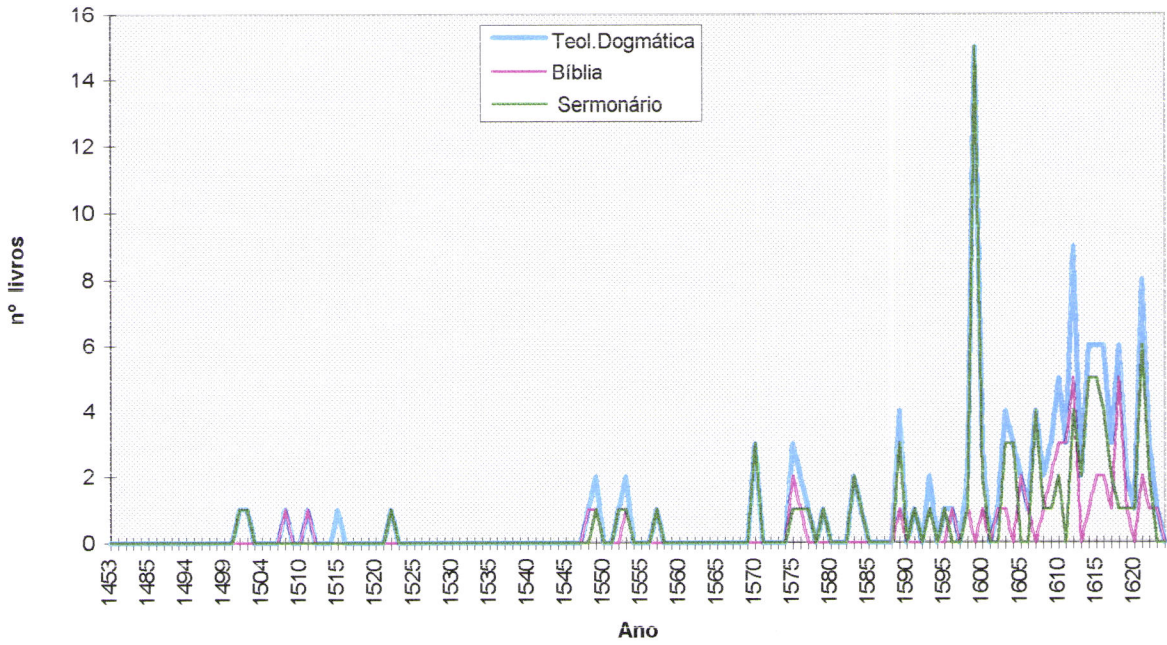
A celebração da morte de Filipe II e da princesa Margarida (1612), estendida a todo o império, foram os acontecimentos profanos mais referidos em *Junta de Libros*:

I.D.- 693, 1852, GOMEZ TONEL, *Relacion delas exequias que hizo la Real Audiencia de Galicia en la muerte dela S<sup>a</sup> Reina D<sup>a</sup> Margarita*, 1612.

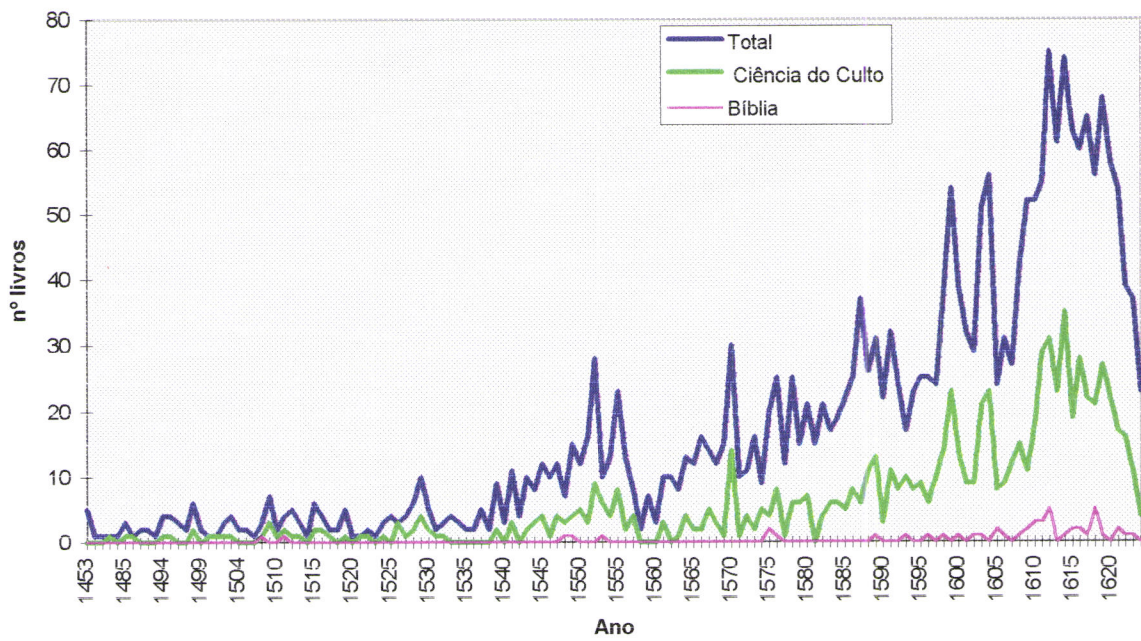
I.D.- 1386, 2857, D. RIQUELME DE MONTALBO, *Las Exequias que Murcia celebrô en la muerte dela Reina N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Margarita*, (Mss).

I.D.- 1386, 2858, D. RIQUELME DE MONTALBO, *Sermones, í versos al tumulo*, 1612.

Ciência do Culto: Distribuição de Subtemas



Ciência do Culto: Distribuição de Subtemas





Teresa, a "amazona cristã", um doutor entre os doutores, com sensibilidade mística, e de 14 em louvor de Filipe II<sup>488 489</sup>.

Aliás, nem S. Francisco Xavier, nem Inácio de Loyola<sup>490</sup>, apenas com dois sermões de honras pela beatificação, vão ser objecto de culto comparável a S. Teresa.

Comparando os gráficos referentes à distribuição das obras de ascética com o do sermonário, verifica-se que a descida do número de títulos de mística é compensada pelo aumento do sermonário, subida aliás não completamente visível na representação gráfica, pois, dos 20 manuscritos citados por Tamayo, 9 dizem respeito à beatificação de S.Teresa, situando-se por isso a sua escrita à volta de 1615<sup>491</sup>.

Concluindo: género doutrinário de força argumentativa nova, em romance, criado pela combinação de linguagens e níveis de mensagem, num objecto oral (prática de culto), de sentido poético, ou verosímil, sempre integrado em manifestações simbólicas e rituais, a sua capacidade em provocar a vivência do que se escuta, e por isso sentir o peso do pecado, desencadeia adesões de âmbito inovador, tornando-o assim instrumento essencial na cura das almas (e governo dos homens).

Pela complexidade e artifício de linguagens (que exigem arte e o seu domínio) o sermão, tal como a comédia, e as artes da linguagem, tem, em *Junta de Libros*, a sua época de florescimento no terceira período, correspondendo à comum descoberta da capacidade criativa do uso da linguagem e do seu poder, e em estreita ligação com a ascética e mística, como se pode observar nos gráficos anexos.

Como legado cultural de toda esta vasta obra religiosa, ficou-nos a literatura mística<sup>492</sup>, mas, em termos de valores e comportamentos, ficou-

---

<sup>488</sup>Inclusive um lido e editado no México, pela Inquisição da Nova Espanha, I.D.415.

I.D.- 415, 2628, CUEVA, *Dialogo del rebelion de Tunez*, 1550.

<sup>489</sup>Correspondentes ao maior número de registos anuais dentro dos subtemas desta biblioteca.

<sup>490</sup>I.D.- 1491, 3061, SANDOVAL, *Historia dela Vida de S. Francisco Xavier delo que en la India Oriental hizieron los Padres dela Compañia*, 1619.

I.D.- 1387, 2720, RIVADENEIRA, *Vida de San Ignacio de Loiola*, (Mss).

<sup>491</sup>Aliás S. Teresa, I.D.-887, vai ser objecto de vários elogios fúnebres e de narrativas históricas, aquando da sua canonização.

I.D.- 1646, 2585, VERDUGO DE CUEVA, *Vida, muerte, i fundaciones dela Sta. Madre Theresa de Jesus*, 1615.

I.D.- 455, 851, Frei DIEGO DE IEPES, *Vida dela Sta Madre Theresa de Jesus*, 1615.

I.D.- 233, 593, Frei BARTHOLOME DE SEGURA, *Amazona Christiana: Vida dela Sta. Madre Theresa de Jesus*, 1619.

nos o dogma, a teologia catequética e moral, e o culto de forte sentido litúrgico.

---

<sup>492</sup>Dos místicos até hoje lidos e conhecidos, refere, para além S.Teresa (I.D.-887), e Frei Tomás de Jesus, Frei Gerónimo Gracián, (I.D..664), Catarina de Siena, (I.D.-342), Alonso Cabrera, Juan Cruz, Luís de Granada e Luis Leon, (I.D. 996).



Finalmente, qual a representatividade de todos estes livros? E por quem foram escritos?

Em relação aos manuscritos, Tamayo de Vargas parece apenas seleccionar os que considera de maior relevância, ignorando, como se disse, muitas obras históricas e vários discursos e textos historiográficos de autores que refere.

Em relação às obras impressas em romance, elas dizem apenas respeito a menos de metade da produção tipográfica espanhola<sup>493</sup>.

Decidiu-se aferir a representatividade dos dados comparando *Junta de Libros* com o Catálogo dos impressos de Alcalá<sup>494</sup>, pelas seguintes razões: sendo a perspectiva do Autor a de um cronista de Castela, jesuíta de Toledo, para se entender as especificidades dos outros reinos (nomeadamente a produção de Zaragoza e de Barcelona, pois no período em análise Valencia<sup>495</sup> e Sevilha já tinham entrado em declínio), teria de se iniciar o estudo pela produção castelhana. Segundo, entre Salamanca (um dos mais antigos centros tipográficos de Castela)<sup>496</sup>, com maior número de impressos<sup>497</sup>, mas com uma produção culturalmente de sentido (mais) homogéneo, por ser o centro dinamizador da Contra-reforma espanhola, Valladolid, com oscilações de produção directamente relacionadas com razões políticas, ou Toledo, na época já transformado no polo da catequética jesuítica, escolheu-se Alcalá, por ser no período abarcado pela *Junta de Libros* um diversificado centro de difusão cultural, que alcançara o apogeu com a publicação da primeira Bíblia polígolota espanhola, dita de Cisneros, e o convite a Erasmo para ensinar na Universidade. Centro de fomento das artes e letras de inspiração humanista, evoluiu no sentido da cultura oficial espanhola (e a sua produção impressa regista essas mudanças ao editar os textos do Concílio de Trento), criando em paralelo com a universidade um dos mais importantes colégios universitários de preparação de presbíteros de

---

<sup>493</sup> Esta verificação foi feita cotejando as referencias de *Junta de Libros* com catálogos de Casas tipográficas de Toledo, Valencia, Salamanca, Valladolid e Alcalá.

<sup>494</sup> Julián Martín Abad, *La Imprenta en Alcalá de Henares (1502- 1600)*, op. cit..

<sup>495</sup> Os títulos indicados por Philippe Berger na sua extensa monografia sobre *Libro y Lectura en Valencia*, vol.I, Valencia, 1988 pp.122-123,194-205 coincidem com os de *Junta de Libros*, mas já não o que se refere a datas de edição e tipografias. No entanto, como Berger muitas vezes cita a partir de *Manual del librero*, de Palau y Dulcet, conhecido pelas suas gralhas e omissões, não parece aceitável concluir-se tratar-se de reedições.

Cfr: I.D.-1149,nº 1977; 1981; I.D.- 1160, nº1564, I.D.-1149,nº1978.

<sup>496</sup> A primeira referência em *Junta de Libros* a uma obra impressa (1435) é de Salamanca.

<sup>497</sup> *Junta de Libros* refere 173 títulos impressos em Salamanca.

Espanha<sup>498</sup>. Estas razões são acrescidas de uma outra de ordem prática: a recente publicação de um extenso catálogo<sup>499</sup>, com indicação do ano, tipografia, reedições da obra, e eventual tradução (para castelhano ou latim) tornou possível um sistemático cotejo.

A comparação dos títulos indicados por Tamayo de Vargas com as obras publicadas em Alcalá (faz apenas 168 registos para cerca de 1000 títulos) permite concluir que *Junta de Libros* parece representativa das obras publicadas em romance, consideradas com dignidade literária, no centro da Península. Tendo em conta os seguintes factores: Tamayo omite quase sistematicamente os textos e obras de carácter circunstancial, com objectivos imediatos e âmbito reduzido, sejam políticos, históricos, ou literários (pragmáticas, relações de sucessos, memoriais, poesias); e reduz a menos de metade a referência a livros religiosos (citando, no entanto, quase todos os autores). Ignora igualmente as reedições do mesmo texto, com excepção das traduções, sem se preocupar com o registo da primeira edição - aliás nem sempre é inteligível o critério da escolha de determinada impressão.

Se não é possível avaliar a partir de *Junta de Libros* sobre a globalidade da produção tipográfica nos outros Reinos peninsulares, o estudo de especificidades temáticas permite concluir que o Autor indica os centros difusores mais importantes de cada área do saber. Nomeadamente, no caso de textos médicos, refere como locais de edição as cidades com maior tradição peninsular desde o século XV: Zaragoza<sup>500</sup>, Valencia, Sevilha, Valladolid, Toledo e, posteriormente, Madrid.

As informações dadas revelam ainda como a guerra na Flandres afectou ali o volume das impressões espanholas, mas não alterou os circuitos comerciais estabelecidos na Europa.

---

<sup>498</sup> Manuel Teruel Gregorio de Tejada, *Vocabulario Básico de la Historia de la Iglesia*, op. cit., p.395.

<sup>499</sup> Julián MARTÍN ABAD, *La Imprenta en Alcalá de Henares (1502-1600)*, op. cit..

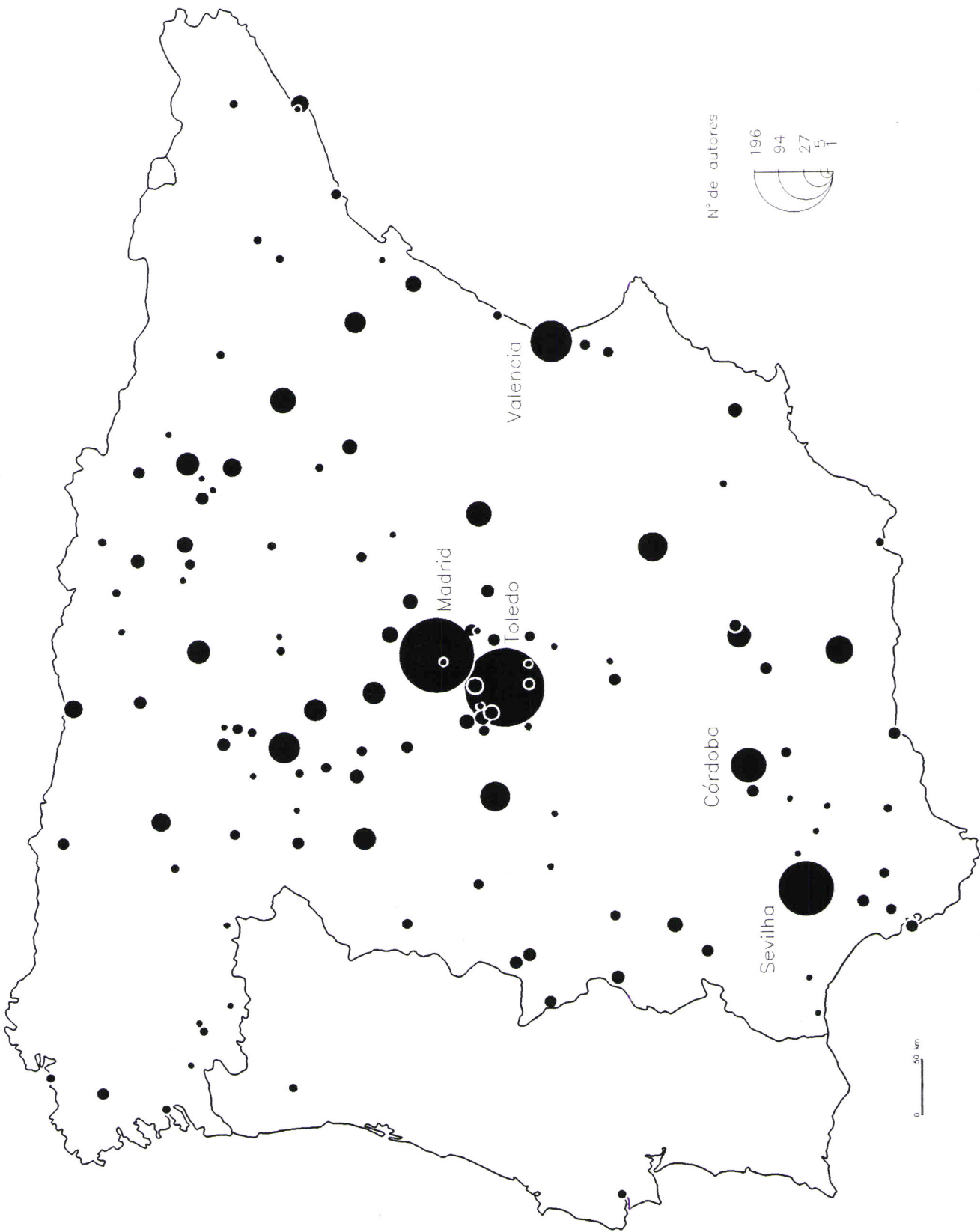
<sup>500</sup> M. Foulcaut na sua obra sobre a loucura na época clássica refere hospitais de loucos desde o século XV nas referidas cidades,

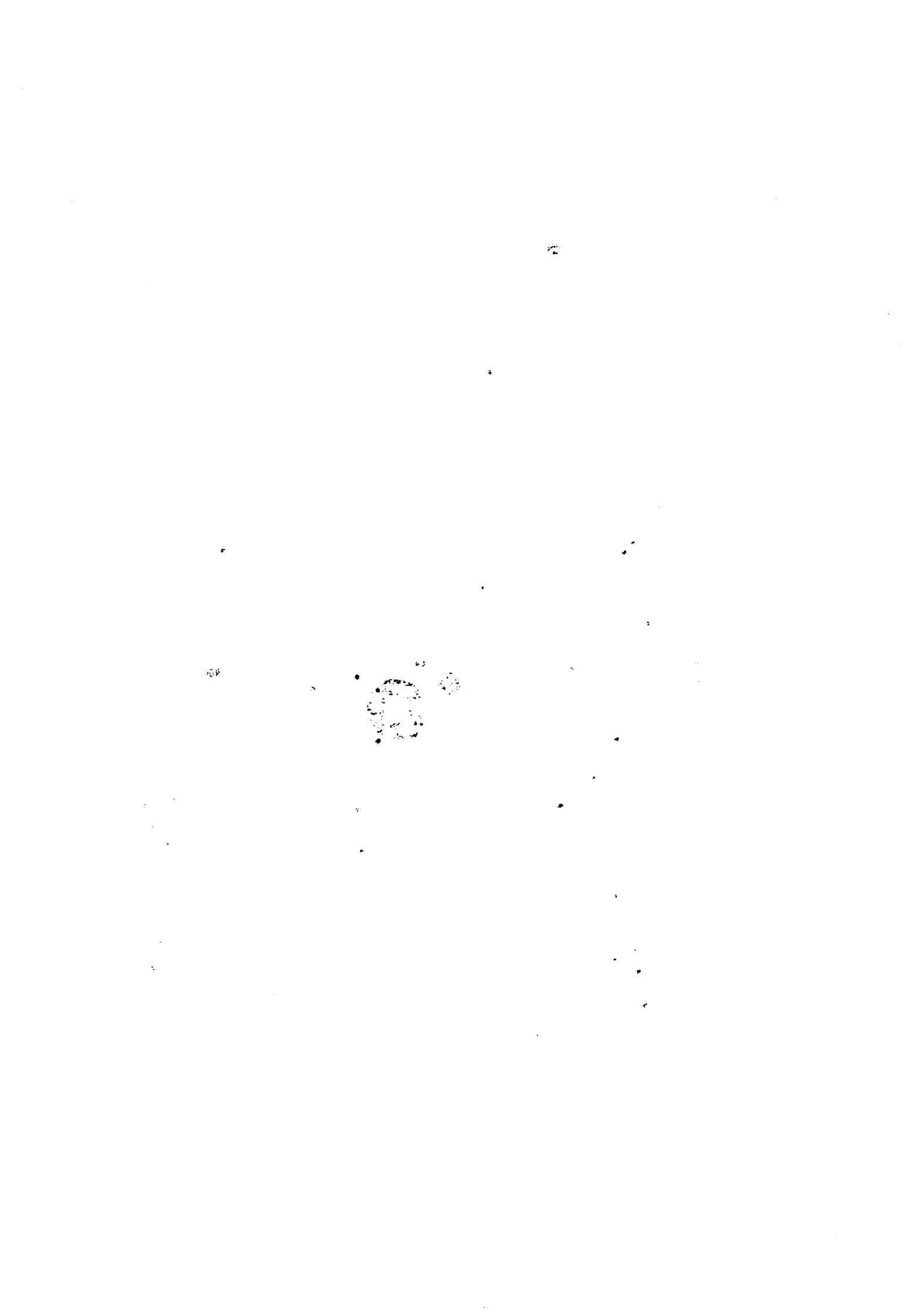
cfr. Luis González Seara, *El Poder y la Palabra*, op. cit., p. 199.

O Hospital da N.ª S. da Gracia, em Zaragoza e a Universidade de Valencia, caracterizada pelo seu empirismo, eram, a partir de meados de quinhentos, os centros mais importantes, desenvolvendo-se ao longo do século XVII os estudos médicos em Madrid.

Cfr. Luis Sanchez Granjel, *La Medicina española del siglo XVII*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1978.

Nº 5 - Distribuição das naturalidades dos autores referidos em Junta de Libros





Quem são os Historiadores e os cronistas que Tamayo de Vargas nomeia? O que escrevem, para além de história, que formação têm, e que actividades profissionais exercem?

Temas	NºAutores
1.....	387
1,2.....	28
1,2,3.....	5
1,2,3,4.....	1
1,2,3,4,5.....	3
1,2,3,5.....	5
1,2,4.....	1
1,2,5.....	9
1,3.....	39
1,3,4.....	1
1,3,4,5.....	1
1,3,5.....	15
1,4.....	12
1,4,5.....	4
1,5.....	77
2.....	192
2,3.....	11
2,3,4.....	2
2,3,4,5.....	1
2,3,5.....	2
2,4.....	3
2,4,5.....	1
2,5.....	20
3.....	242
3,4.....	11
3,5.....	36
4.....	151
4,5.....	7
5.....	431

Os autores de obras de história profana citados em *Junta de Libros* são cronista<sup>501</sup> de sua Magestade<sup>502</sup>, do Reino<sup>503</sup>, ou dos Reinos<sup>504</sup>, médico<sup>505</sup>, religioso e teólogo<sup>506</sup>, confessor e capelão dos reis<sup>507</sup>, impressor e

<sup>501</sup> I.D.-70, António Daza.

<sup>502</sup> I.D.-985, D.Lucas cronista de D. Afonso e bispo Tui; I.D.-1128, Pedro Mexia, de Carlos V; I.D.-1234, Francisco de Padilla de Henrique IV de Aragão; I.D.- 640, Estevan de Garivay, de su Magestad; I.D.-25, Gonzalo de Ayola, dos Reis Católicos; I.D. -1052, Marineo, dos Reis Católicos; I.D.- 1303, Fernan Perez de Pulgar, dos Reis Católicos; I.D.-913, Lebrija, dos Reis Católicos, 1352 (de su magestad e bispo Tui e Pamplona) 1611, dos Reis Católicos e capelão; I.D.- 621, 2195, Galindez de Carvajal, dos Reis Católicos; (Mss); I.D.-132, Antonio Guevara, de Carlos V; I.D.-1210, Ocampo, de Carlos V; I.D.-854, Frei Juan de la Puente, da ordem S. Domingo, cronista de Filipe II e Filipe III; I.D.-2248, Cabrera de Cordoba, de Filipe III; I.D.-1546, Tamayo de Vargas, de Filipe III.

<sup>503</sup> I.D.-1295 Fernan Perez de Guzman (cronista do conselho de sua magestade)

<sup>504</sup> Curita, Juan Costa e Argensola, de Aragão.

I.D.-504, Gaspar de Escolano, cronista de Valencia

I.D.- 640, Estevan de Garivay, de su Mondragon (Cantabria) e António Herrera, de Castela e Indias.

<sup>505</sup> I.D.-132, António de Guevara.

<sup>506</sup> Cronistas que escreveram obras religiosas: (I.D.-124), António Daza e António Iepes (I.D.133).

<sup>507</sup> I.D.-1611, Mons. Diego de Valera e I.D.- 674, Gines de Sepulveda.

mercador de livros<sup>508</sup>, catedrático<sup>509</sup> e maestro<sup>510</sup>, sobretudo de temas de Humanidades e Teologia, em Alcalá e Salamanca.

Observando o quadro anexo (completado com a tabela em apêndice, discriminando os temas das obras por autor), verifica-se que em 1700 escritores, 1300 publicam exclusivamente numa área do saber. Os de obras históricas são os mais versáteis, os que mais escrevem sobre variados temas, surgindo *Junta de Libros* como uma concretização prática da concepção tradicional de historiador, defendida por Carvajal, Paez de Castro, Sanctayana, ou ainda por Gerónimo de S.José, em meados de seiscentos: só o conhecedor das divinas e humanas letras, das artes e ciências e outros saberes naturais pode registar as memórias humanas, entendidas como verdade, e portanto, conhecimento universal.

Estabelecendo-se as relações privilegiadas de autoria entre história profana e as artes da linguagem, história do divino e ciência do culto, e entre esta e as artes da linguagem, não deixa de manifestar-se uma crescente relação entre o autor de textos de história e de política (embora também na tradicional linha cristã haja 10 autores de história do divino que escrevem sobre artes da governação).

Como se pode observar, publicando o escritor de memórias e de textos literários reduzido número de títulos sobre ciências, ainda menos o fazem os autores de obras religiosas, ou de temática política.

Quem são os Historiadores e os cronistas que Tamayo de Vargas nomeia? O que escrevem, para além de história, que formação têm, e que actividades profissionais exercem?

Os autores de obras de história profana citados em *Junta de Libros* são cronista<sup>511</sup> de sua Magestade<sup>512</sup>, do Reino<sup>513</sup>, ou dos Reinos<sup>514</sup>, médico<sup>515</sup>,

---

<sup>508</sup> I.D.-411 António Cuello e I.D.-1196 Martin Nucio.

<sup>509</sup> I.D.-1168, Ambrosio de Morales.

<sup>510</sup> I.D.-311, Gines Carrillo Ceron, I.D.-695, Gonçalez de Avila e I.D.-1380, Francisco de Rioja.

<sup>511</sup> I.D.-70, António Daza.

<sup>512</sup> I.D.-985, D.Lucas cronista de D. Afonso e bispo Tui; I.D.-1128, Pedro Mexia, de Carlos V; I.D.-1234, Francisco de Padilla de Henrique IV de Aragão; I.D.- 640, Estevan de Garivay, de su Magestad; I.D.-25, Gonzalo de Ayola, dos Reis Católicos; I.D. -1052, Marineo, dos Reis Católicos; I.D.- 1303, Fernan Perez de Pulgar, dos Reis Católicos; I.D.-913, Lebrija, dos Reis Católicos, 1352 (de su magestad e bispo Tui e Pamplona) 1611, dos Reis Católicos e capelão; I.D.- 621, 2195, Galindez de Carvajal, dos Reis Católicos; (Mss); I.D.-132, Antonio Guevara, de Carlos V; I.D.-1210, Ocampo, de Carlos V; I.D.-854, Frei Juan de la Puente, da ordem S. Domingo, cronista de Filipe II e Filipe III; I.D.-2248, Cabrera de Cordoba, de Filipe III; I.D.-1546, Tamayo de Vargas, de Filipe III.

<sup>513</sup> I.D.-1295 Fernan Perez de Guzman (cronista do conselho de sua magestade)

<sup>514</sup> Curita, Juan Costa e Argensola, de Aragão.

I.D.-504, Gaspar de Escolano, cronista de Valencia

religioso e teólogo<sup>516</sup>, confessor e capelão dos reis<sup>517</sup>, impressor e mercador de livros<sup>518</sup>, catedrático<sup>519</sup> e maestro<sup>520</sup>, sobretudo de temas de Humanidades e Teologia, em Alcalá e Salamanca.

Os cronistas nomeados em *Junta de Libros*, apesar de maioritariamente religiosos<sup>521</sup>, são cronistas Reais, que escrevem sobre história (ver apêndice com discriminação das obras e indicação da formação académica ou estado de religião). Apesar de Tamayo geralmente não explicitar o cargo nos historiadores que não editaram textos históricos - caso de Don Frances (ID-559), cronista de Carlos V, ou de Paez de Castro e Busté (ID-284), ambos cronistas de Filipe II - não deixa excepcionalmente de referir Frei Antonio de Navarro (ID-144), Gines Carrilo Cerron (ID-311), Lavanha (ID-214), Gines de Sepulveda (ID-674), Lopez de Velasco (ID-966), Francisco de Rioja (ID-1380) e Juan de Mena (ID-1107).

A identificação dos historiadores-cronistas (ver quadro anexo) permitiu verificar como a proliferação do cargo nos reinados dos Reis Católicos e de Carlos V foi diminuindo, sendo cada vez mais entendido como actividade e não título honorífico. São denominados cronistas de sua majestade o inquisidor geral Prudencio de Sandoval, também bispo de Tui e Pamplona (ID-1352), Zurita, secretário de Santo Ofício (ID-416), e Antonio de Guevara (ID-132), bispo de Mondoñedo, reforçando assim as relações entre a monarquia e a alta esfera eclesiástica.

Aprofundando as ligações de autoria no âmbito da *Arte de memória* verifica-se que na generalidade (com excepção de 15) os escritores de história profana não publicam sobre história do divino (em 589 autores, 215 escrevem exclusivamente sobre história profana<sup>522</sup>, e

---

I.D.- 640, Estevan de Garivay, de su Mondragon (Cantabria) e António Herrera, de Castela e Indias.

<sup>515</sup>I.D.-132, António de Guevara.

<sup>516</sup> Cronistas que escreveram obras religiosas: (I.D.-124), António Daza e António Iepes (I.D.133).

<sup>517</sup> I.D.-1611, Mons. Diego de Valera e I.D.- 674, Gines de Sepulveda.

<sup>518</sup> I.D.-411 António Cuello e I.D.-1196 Martin Nucio.

<sup>519</sup> I.D.-1168, Ambrosio de Morales.

<sup>520</sup> I.D.-311, Gines Carrillo Ceron, I.D.-695, Gonçalez de Avila e I.D.-1380, Francisco de Rioja.

<sup>521</sup> Como cronistas de ordens religiosas nomeia: I.D.- 70, Frei Alonso Remon, mercedário; I.D.- 124, Frei Antonio Daza, franciscano; I.D.-133, Fei Antonio Yepes, beneditino, I.D.-249, Frei Bernabé de Montalbo, da ordem de S. Bernardo.

<sup>522</sup> Em relação aos escritores de historia profana, com 4 ou mais títulos referidos em *Junta*, apenas 12 autores num total de 100 títulos: 6 com mais de 8 obras ( Gabriel Lasso de Vega, com 10 textos, todos manuscritos; Seneca com 11; Pedro Simon Abril, com 17; os cronistas Antonio Herrera e Prudencio Sandoval, com 10, o Autor, com 16; Argote de Molina, com 8); com 5 títulos, Diego Gracian, Martin de Roa e Ambrosio Morales; e com 4, Diego de Covarrubias, Alonso de Palencia e Manuel Soeiro.

157 sobre história do divino), enquanto muitas daquelas obras são escritas por eclesiásticos<sup>523</sup>.

Se o historiador do divino pertence quase exclusivamente ao estado de religião<sup>524</sup> - com uma sobrevalorização do clero regular, sem predominância para os jesuítas, distribuído pelas várias ordens: dominicanos, franciscanos, carmelitas, beneditinos, agostinhos, mercedários, cartuxos, cistercienses, jerónimos, beneditinos, e trinitários<sup>525</sup> -, história de inspiração humanista é traduzida e elaborada por não religiosos<sup>526</sup>. Tal como a Medicina e Instrumentos de Humanidades.

---

<sup>523</sup>Setenta e sete autores de livros religiosos escrevem também histórias.

<sup>524</sup>Sete leigos: I.D.- 220, Tristan Barbosa de Carvalho, de Portugal; I.D.-247, Francisco Bermudez de Pedraza, Granada; I.D.-700, J. Gonzalez della Torre, administrador do hospital do Rio da Prata; I.D.-969, Gregorio Lopez Madera do C. Castela; I.D.-1337, I. Bapta. Polo, advogado de Valencia ; I.D.-1234, D. Francisco de Padilla, tesoureiro de Malaga; I.D.-1593, D. J. Turiel de Rojas Angelo Flavio, cavaleiro grande cruz, I.D.-1056, D. Gutierre Marquez Careaga, tenente corregedor de Segovia.

<sup>525</sup>A única congregação não mencionada é a dos teatinos, ou ordem de S. Caetano, fundada por Paulo III. Tamayo de Vargas não refere Juan de Toledo, o organizador da ordem, conjuntamente com o seu fundador Pedro Carafe.

Na Biblioteca do Marquês de Montalegre a Ordem de S. Caetano já surge como uma das subdivisões do catálogo.

<sup>526</sup> Apenas 3 religiosos: Frei Gaspar Ruiz Montiono, da ordem de S.Bento, I.D.-648; Frei Gabriel de Aulon, I.D.-611; e Frei Luis de Leon, da ordem de S. Agostinho, I.D.-996.



### 3.2.2. *Uma História*: Joseph Pellicer, Letrado Genealogista e Cronista de Espanha.

Ao contrário de Tamayo de Vargas, que apresenta a sua biblioteca como um conhecimento universal, Pellicer organiza uma *Bibliotheca* singular, constituída pelas suas próprias obras, e que por isso pode ser considerada como uma história pessoal, sendo-o também do grupo social a que pertence.

A actividade literária de Pellicer, condensada na sua *Bibliotheca*, organiza-se em função das tradicionais áreas do saber, em que Teologia e Ciências estão ausentes (ver gráfico 2), e teve o seu início quando a compilação de *Junta de Libros* ficou pronta para publicação. Se esta pretende representar a biblioteca de Filipe II e Filipe III, terminando auspiciosamente no ano da rendição de Breda, a elaboração de *Bibliotheca* abrange as publicações<sup>527</sup> de um Cronista de Espanha<sup>528</sup> (ver gráfico 1), durante o reinado de Filipe IV e de Mariana de Austria, participante no ambiente cultural correspondente à devolução das chaves, e das sucessivas derrotas que obrigaram à Paz dos Pirineus e com Portugal.

Ao longo dos 50 anos de actividade como escritor-criado do Rei, é exactamente no período da Paz da Vestefália que se verifica uma hiperacção no seu trabalho literário. Pellicer escreve alguns textos de controvérsia política contra França, Portugal, e indirectamente Catalunha (em 1652 Juan da Austria entra em Barcelona), mas a maior produção é a de historiador-genealogista. Por encomenda publica memoriais de "calidad y servicios" de diferentes casas nobiliárquicas, a maior parte delas dedicadas ao Rei<sup>529</sup>, na tentativa de criação de uma imagem que, desvinculando a nobreza das derrotas, mostra como ela é imprescindível na *restauração* de Espanha.

---

<sup>527</sup>Como se disse Pellicer considera *Bibliotheca* simultaneamente um memorial dos seus serviços à rainha e um catálogo das suas obras impressas. Apresentando as referências bibliográficas por ordem de impressão, só em apêndice final, começando nova sequência de registos, informa dos textos manuscritos, sem lhes dar outro atributo ou fazer maior caracterização.

<sup>528</sup>O verso da folha de rosto de *Bibliotheca* é totalmente preenchido com a cópia da cláusula, em latim, de Filipe IV, dando-lhe a honra de seu Cronista Mayor, em 1640.

Em 1629 é nomeado cronista de Castela e Leão, sucedendo a Antonio Herrera. Em 1636, cronista de Aragão, após Francisco de Urrea. Respectivamente em 1640 e 1647, por morte de Argensola e Dávila, ganha a dignidade de Cronista Mayor de Aragão e de Castela. Em 1676, na portada de *Trofeo*, denomina-se também Cronista Mayor de España.

<sup>529</sup>Dos 38 memoriais que escreve, 22 são dedicados a Filipe IV e 7 à rainha.

As longínquas origens da Monarquia espanhola, possível devido à inequívoca qualidade dos seus fundadores - e que a foram progressivamente construindo ao longo de um tempo laico<sup>530</sup> - são as bases da *esperança* presente, que tem como *sol* a figura da Rainha<sup>531</sup>, a quem oferece a obra. Na dedicatória sintetiza a sua actividade de historiador-cronista do seguinte modo: descoberta da verdade e da antiguidade das origens de Espanha, quer pela crítica dos falsos manuscritos, quer pela elaboração de história verdadeira<sup>532</sup>; esclarecimento de Linhagens<sup>533</sup>, incluindo da verdadeira origem da Casa de Áustria<sup>534</sup>; e "defensas de sus Reales derechos"<sup>535</sup>, cuja produção impressa se pode visualizar no gráfico 3.

História é assim referida como uma actividade que implica investigação, a partir de "actas", crítica (pela comparação de manuscritos); e posterior definição de doutrina, em função de ideais e interesses presentes. Escrita em estilo claro e racional ("no responde a injurias, argumenta"), pretendendo ser capaz de distinguir o manuscrito verdadeiro do falso, representa-se claramente diferenciada das antigas coplas. Saliente-se que nos dois casos de verosimilhança histórica em que pretende apresentar, sem provas, a antiguidade e linhagem dos fundadores de Aragão<sup>536</sup> elabora uma narrativa em verso, semelhante às

---

<sup>530</sup> Para Pellicer o tempo da monarquia espanhola divide-se em três períodos: "Donde se aclaran la identidad, i memorias de sus primitivos reyes, en los tres tiempo, llamados, el Adelon; el Mithologico, i el Historial; descubriendo los verdaderos, i comprobando con escritores de todas naciones, i Edades, que quando el imperio de los assyrios dominava en casi los mas Reynos del Oriente; el de España era señor, i Poblador de Casi los mas esclarecidos del Occidente". Esta foi, além de Pulgar, a única referência encontrada, inclusivé ao longo do século XVIII, em Espanha, a uma concepção de tempo histórico não assente na cronologia bíblica.

Cfr. *Bibliotheca*, op. cit., fl.1.

<sup>531</sup> "Señora (...) V.M. la Eternidad, la Magestad, i la Felicidad desta Monarchia, i Unida a estas tres Calidades; (que los Philosophos constituyen como Potencias del Alma de un Imperio) la unica Esperança de su Duracion, que con dadiva de Dios, vemos cumplida(...)",(prólogo), Pellicer, *Bibliotheca*, op.cit., p.1.

<sup>532</sup> Escreve 18 história de Antiguidades.

<sup>533</sup> Organiza cerca de 30 livros de genealogias e elabora 38 memoriais sobre a qualidade e servicios de casas senhoriais aragonesas e castelhanas. A estas obras podem-se agregar as Apologias e os panegiricos a Casas e pessoas, e orações, num total de 22 textos.

Observando-se o gráfico 3 verifica-se que Pellicer nos primeiros 20 anos de actividade publicou sobretudo panegiricos, tendo apenas editado uma genealogia. A partir de 1644 inicia a escrita de linhagens e memoriais, decrescendo a publicação de elogios.

<sup>534</sup> Pellicer funda também a origem de Espanha em Pelayo, descendente de Hermenigildo, santo martir, e ancestral dos reis europeus, op. cit., fl.41.

<sup>535</sup> Para além dos livros de doutrina, publica 6 obras de Controvérsia política e 7 Manifestos. Estas grandes temáticas totalizam 117 das 158 obras que escreve.

<sup>536</sup> *Aspidio Rey,ò Principe de los Aragonés, vencido, i preso por Leovigildo Monarca de los Godos, año de quinientos i setenta,* " (...) en un romance de cien coplas, probando en la prefacion que puso al

TEMAS	AUTORES			%			%		
	Pellicer	in Obra Colectiva	Traduções	Pellicer	in Obra Colectiva	Traduções	Pellicer	in Obra Colectiva	Traduções
<b>Arte de Memória</b>	0	2	1	0,0%	4,7%	16,7%	0,0%	1,0%	0,5%
Histórias Gerais	8	1	0	5,1%	2,3%	0,0%	3,9%	0,5%	0,0%
H. Antiquidades	10	6	0	6,3%	14,0%	0,0%	4,8%	2,9%	0,0%
H. Eclesiástica	1	5	0	0,6%	11,6%	0,0%	0,5%	2,4%	0,0%
Crônicas	6	4	0	3,8%	9,3%	0,0%	2,9%	1,9%	0,0%
Genealogias	27	2	0	17,1%	4,7%	0,0%	13,0%	1,0%	0,0%
Vidas de Ilustres	4	3	0	2,5%	7,0%	0,0%	1,9%	1,4%	0,0%
Memórias	38	0	0	24,1%	0,0%	0,0%	18,4%	0,0%	0,0%
Documentos	2	4	0	1,3%	9,3%	0,0%	1,0%	1,9%	0,0%
<b>Total</b>	<b>96</b>	<b>27</b>	<b>1</b>	<b>60,8%</b>	<b>62,8%</b>	<b>16,7%</b>	<b>46,4%</b>	<b>13,0%</b>	<b>0,5%</b>
<b>Arte de Governação</b>	5	2	0	3,2%	4,7%	0,0%	2,4%	1,0%	0,0%
Doutrina	3	8	2	1,9%	18,6%	33,3%	1,4%	3,9%	1,0%
Milícia	1	1	0	0,6%	2,3%	0,0%	0,5%	0,5%	0,0%
Controvérsias	6	0	0	3,8%	0,0%	0,0%	2,9%	0,0%	0,0%
Memórias	7	0	0	4,4%	0,0%	0,0%	3,4%	0,0%	0,0%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>13,9%</b>	<b>25,6%</b>	<b>33,3%</b>	<b>10,6%</b>	<b>5,3%</b>	<b>1,0%</b>
<b>Arte de Linguagem</b>	3	0	1	1,9%	0,0%	16,7%	1,4%	0,0%	0,5%
Poesia	7	0	1	4,4%	0,0%	16,7%	3,4%	0,0%	0,5%
Literatura Moral	1	0	0	0,6%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%
Varia	6	1	1	3,8%	2,3%	16,7%	2,9%	0,5%	0,5%
Apologias	7	1	0	4,4%	2,3%	0,0%	3,4%	0,5%	0,0%
Louvres	12	2	0	7,6%	4,7%	0,0%	5,8%	1,0%	0,0%
Humanidades	0	1	0	0,0%	2,3%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>22,8%</b>	<b>11,6%</b>	<b>50,0%</b>	<b>17,4%</b>	<b>2,4%</b>	<b>1,4%</b>
<b>Direito</b>	1	0	0	0,6%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%
Direito Civil	1	0	0	0,6%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%
Direito Político	2	0	0	1,3%	0,0%	0,0%	1,0%	0,0%	0,0%
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>2,5%</b>	<b>0,0%</b>	<b>0,0%</b>	<b>1,9%</b>	<b>0,0%</b>	<b>0,0%</b>
<b>Total Geral</b>	<b>158</b>	<b>43</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>76%</b>	<b>21%</b>	<b>3%</b>

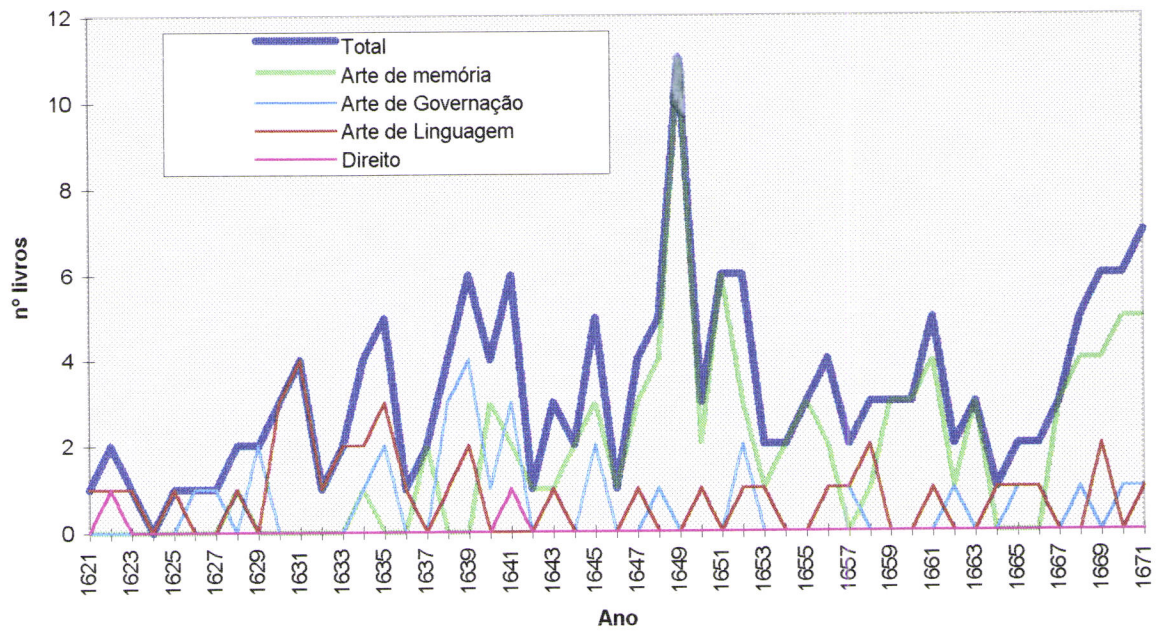
I/M	Nº Obras	%
Impresso	169	82%
Manuscrito	38	18%
Total Obras	207	100%

Autor	I/M	Tp Texto	SubTp Texto	Nº Obras
Autor Pellicier	Impresso	TEXTO		121
Autor Pellicier	Manuscrito	TEXTO		37
				158
in Obra Colectiva	Impresso	TEXTO		13
in Obra Colectiva	Impresso	PARATEXTO	Censura	26
in Obra Colectiva	Impresso	PARATEXTO	Prefácio	4
				43
Tradução	Impresso	TEXTO		5
Tradução	Manuscrito	TEXTO		1
				6
				207

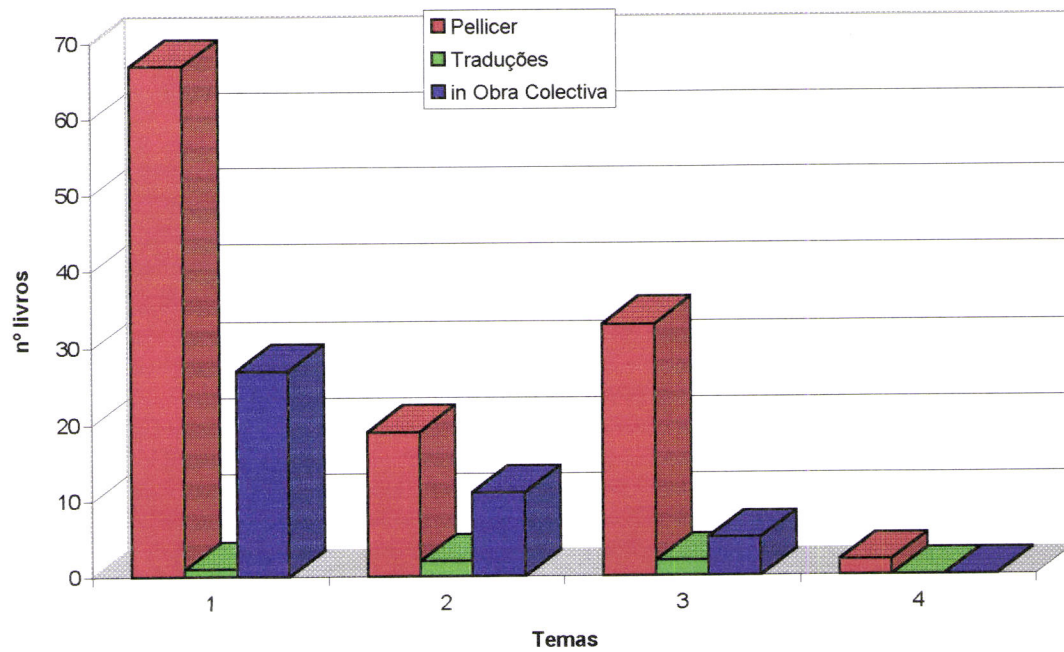
Autor	I/M	Tp Texto	SubTp Texto	%
Autor Pellicier	Impresso	TEXTO		58,5%
Autor Pellicier	Manuscrito	TEXTO		17,9%
				76%
in Obra Colectiva	Impresso	TEXTO		6,3%
in Obra Colectiva	Impresso	PARATEXTO	Censura	12,6%
in Obra Colectiva	Impresso	PARATEXTO	Prefácio	1,9%
				21%
Tradução	Impresso	TEXTO		2,4%
Tradução	Manuscrito	TEXTO		0,5%
				3%
				100%

Autor	I/M	Tp Texto	SubTp Texto	%
Autor Pellicier	Impresso	TEXTO		76,6%
Autor Pellicier	Manuscrito	TEXTO		23,4%
				100%
in Obra Colectiva	Impresso	TEXTO		30,2%
in Obra Colectiva	Impresso	PARATEXTO	Censura	60,5%
in Obra Colectiva	Impresso	PARATEXTO	Prefácio	9,3%
				100%
Tradução	Impresso	TEXTO		83,3%
Tradução	Manuscrito	TEXTO		16,7%
				100%

Distribuição das Obras por Temas

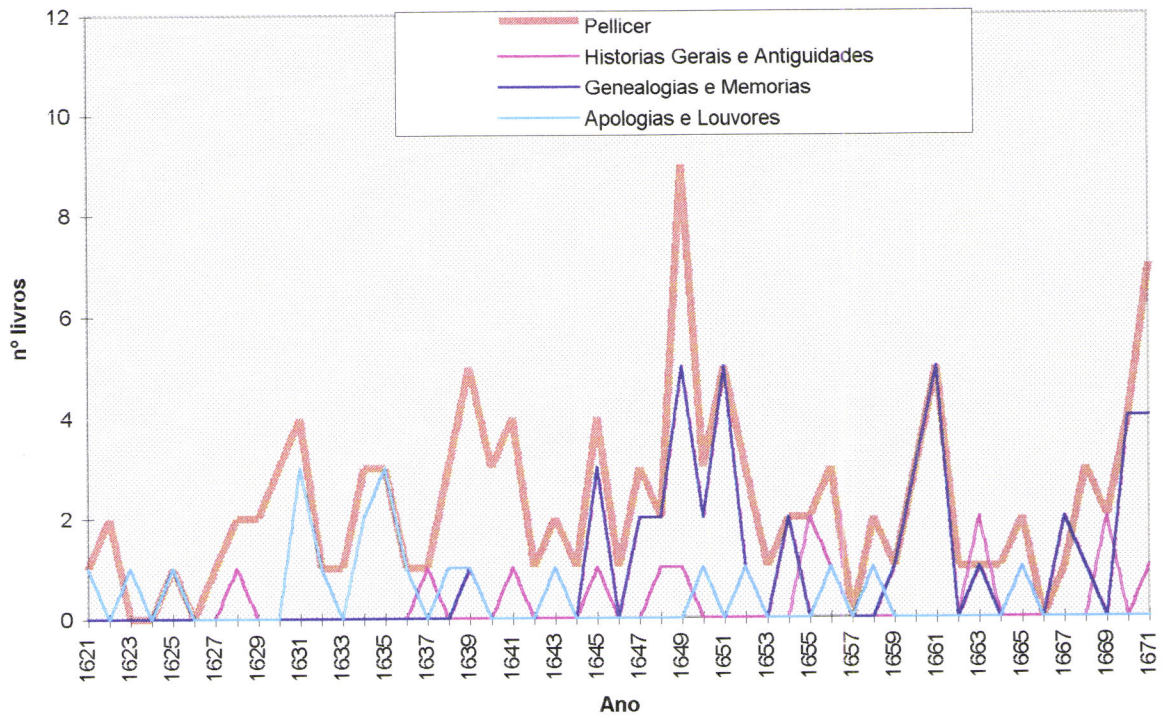
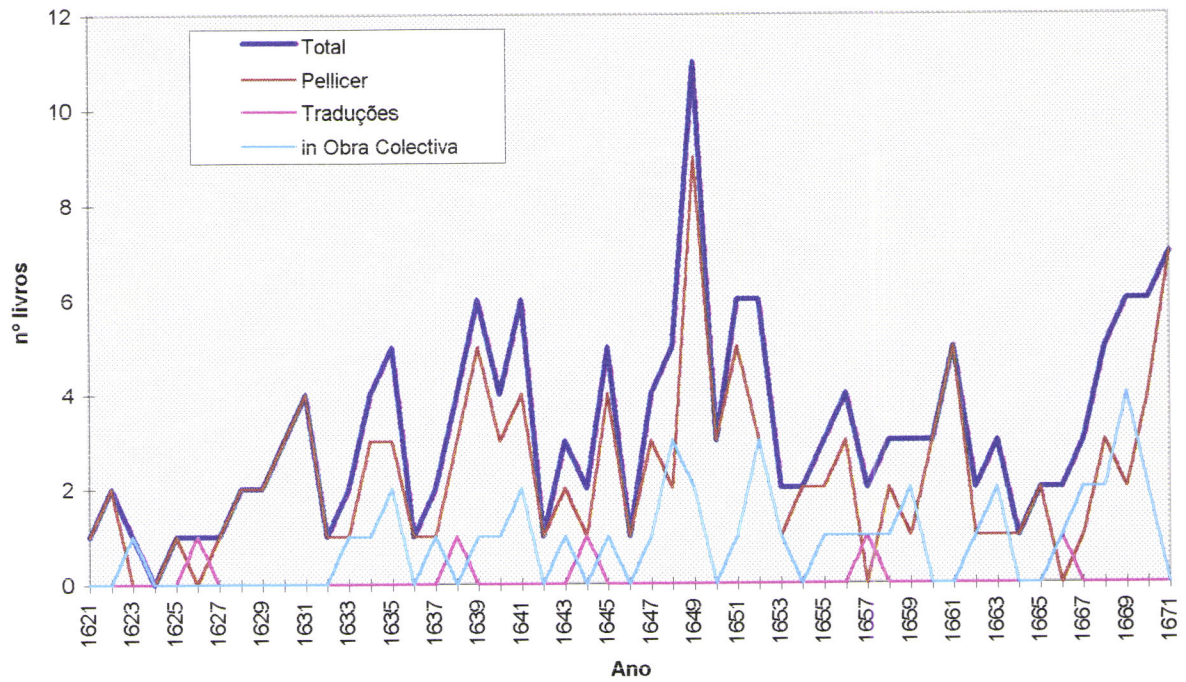


Distribuição dos Temas por tipo de obra





**Distribuição das Obras Impressas**







tradicionais crónicas medievais. Por este processo de analogias consegue transmitir a mensagem, sem poder ser acusado de falsário.

Daí parece poder concluir-se que se, nele, a história já tem espaço conceptual próprio, em que as fontes são o elemento diferenciador, o que é determinante na sua escrita á a transmissão de ideais doutrinários, recorrendo a outras formas de narração quando não dispõe de fontes verosímeis. Esclareça-se que esta sua concepção de fonte tanto integra o documento histórico idóneo, como o forjado, por ele, ou por outros historiadores.

Em Pellicer por tanto, o discurso histórico, já com objecto, método, e estilo próprio, funciona como auxiliar da governação e da manutenção da ordem social tradicional. Este serviço é duplo: pela memória funda-se o poder e legitimam-se os seus membros, e pela história doutrina-se e explicam-se as acções políticas. Os ideais e ensinamentos, ao serem divulgados em livro impresso, ganham maior força coerciva, pois a autoridade do texto reforça-se com a aprovação e repetição, por outros autores, das mesmas ideias e valores. Esta parece ser a causa da sua pouca participação, quer como censor<sup>537</sup>, quer como escritor de textos, em obras de outros autores de temática literária, e da sua grande actividade em livros de carácter histórico e político (cerca de 1/4 da produção impressa). Saliente-se no entanto que há subgéneros discursivos - memoriais, manifestos, obras de controvérsia, e mesmo genealogias - cuja força argumentativa assenta na relação de espontaneidade simulada, em diálogo do autor com o leitor, objecto do texto, e em que por isso a co-autoria é reduzida ou inexistente.

Será em função de interesses políticos que Pellicer adequa a elaboração do seu discurso histórico, assente em provas demonstradas por vários documentos, ou em provas falseadas, ou com a sua existência apenas referida, elaborando ainda textos de carácter historiográfico em que demonstra a falsidade de histórias, com a invenção das provas pelos historiadores. Os exemplos de maiores repercussões historiográficas são

---

Principio su Reyno, o Principado en Aragõ que dudaron Juan Vaseo, Ambrosio de Morales, Juã de Mariana i otros graves escritores por la novedad de nombre Aragonés..." *Bibliotheca*, op. cit., fl.76,registro 135 e *Victoria de orison el Grande, Monarca de las Españas, con la Muerte de Amilcar Emperador de los Cartagineses*. Escrivierõ esta Historia (tã olvidada de las nuestras) en l-egua Griega, Diodoro Siculo, Diõ Cassio, i Dionio Alicarnaseo, i por ellos Juan Tzetzes, por los años de 1160. Traslado a la Castellana, Dõ Ioseph, en su Poema de Cien Coplas",fl.91v, registro 139. Estas obras foram introduzidas no tema *Arte de Linguagem*

<sup>537</sup>Das 26 censuras que elabora 14 são feitas por Decreto do Conselho de Estado e 4 a mando de Filipe IV.

os referentes aos falsos cronicões e às relíquias de Granada. Desde o século XVI, com o apogeu a partir de meados de seiscentos, que alguns autores afirmavam e outros negavam a sua autenticidade, mercê do uso de elementos de crítica filológica e cronológica. No caso de Pellicer, defende primeiro a autenticidade dos cronicões, mas posteriormente nega-a, ignorando, em relação à vinda do apóstolo Santiago a Espanha, ou às origens do rei Pelayo, a atitude crítica, que apresentara em *Tropheo de la Verdad*, por estarem em jogo outras ideias e legitimações.

Se a construção da memória presente continua associada à antiguidade e a ideais com ela relacionados, recorrendo-se ainda ao modelo da imitação das origens, este cronista parece fazê-lo mais como argumento de recurso estilístico do que como figura de pensamento<sup>538</sup>. O discurso histórico, associado a valores e conteúdos laicos, desenvolve-se em estreita articulação com o pensamento político: serve-o pela sua própria estruturação nesse presente.

Se para Tamayo de Vargas a história atravessava todas as áreas e ciências, em Pellicer está associada à conservação da ordem política e social, numa estrita dimensão laica.

*A arte de linguagens*, sobretudo através da poesia, panegíricos a Casas e Pessoas, e orações (26 títulos em 36), consegue, pela recriação e louvor, para além da dimensão lúdica, um papel de reforço de um ideário e de coesão do grupo.

Concluindo: como se verá na segunda parte deste trabalho, o pensamento historiográfico moderno foi-se desenvolvendo num campo relacional que teve como núcleos estruturantes a memória (real e ficcionada, sagrada e profana) do passado e do presente, a política e a língua, entendida também como linguagem e literatura e portanto numa dimensão organizativa e criadora de verdade e de sentido.

---

<sup>538</sup>Tal como abre a *Bibliotheca* com um epigrama de San Sidonio Apolinar, e duas citações de Ovídio e de Cícero.

### 3.2.3. CONCLUSÃO

1. A biblioteca humaniza-se. Apesar de cerca de metade dos títulos de *Junta de Libros* ser de temática religiosa, há uma latente valorização do homem no seu quotidiano - ainda que explicitamente esta biblioteca não nomeie tantas vezes o Homem como Deus ou Cristo, referindo mais a Quaresma do que o Advento<sup>539</sup>, devido à ascética da disciplina e sobrevalorização do pecado impostas pela Contra-Reforma -, umas vezes mais perspectivado do presente para o passado, outras, do presente para o presente, seja profano, seja eclesiástico, em que as linguagens de recriação desempenham um papel determinante.

Este homem é concebido e representado como tendo forte vivência moral, existindo integrado em grupos.

2. A livraria, ao incorporar o viver humano, deixou de ser exclusivamente espaço fechado criador de conhecimento, ou arquivo de memórias (antigas, raras e valiosas, ou modernas, secretas), para ser também instrumento de comunicação e formação.

A *Junta de Libros* de Tamayo é de divulgação: utilizadora de um amplo conjunto de conhecimentos e criadora de saberes cujo resultado fixa em livro, agora impresso e em língua romance, pretende atingir quase todos os grupos cultos.

A *Bibliotheca* de Olivares, de estadista erudito, é de aprofundamento do saber: continuando a desempenhar importante função de ostentação, representada no seu cuidado e sumptuoso catálogo, reflecte o alargamento da realidade profana e a autonomização do saber político, funcionando ainda como arquivo (de Estado), e valiosa colecção de espécies raras, manuscritos e textos latinos - pequena livraria pública do valido, à semelhança da de Richelieu.

3. O alargamento dos conhecimentos contidos na *Bibliotheca*, potenciado pelo livro impresso em romance, arrasta a alterações na ordem do Saber, que em Espanha se pode definir pela *Memória, Linguagens, Rituais*.

---

<sup>539</sup> Cita em títulos 34 vezes a palavra Hombre, 68 Christo, 96 Dios, 57 alma, 68 morte, 22 Adviento, 32 Quaresma e 250 Vida. Estes números são um indicador por defeito, pois a contagem não considera termos no plural ou com alguma variação ortográfica.

O que não significa apenas a substituição do núcleo singular da Bíblia, mas uma complexização dos respectivos âmbitos, que advêm do embricar, na construção do texto, segundo o modelo de imitação clássica, das capacidades e práticas referidas nos pontos anteriores.

Mas se nem a Razão baconiana, nem a cartesiana, parecem estruturar a organização do saber, estas bibliotecas, no entanto, constituem-se e organizam-se com uma funcionalidade moderna: o conhecimento constrói a realidade, seja pela representação, seja pela explicação e normalização, seja pela actuação.

Agir na época moderna é usar conhecimento, que o livro permite. Por isso conhecer é usá-lo, tornando-o instrumento de poder.

4. Os primeiros a conceber o Saber nesta perspectiva foram os Reis Católicos, ao instituírem o cargo de Cronista, com a obrigação de escrever a história do reinado, tendo Nebrija feito a primeira gramática impressa do espanhol<sup>540</sup>. Ao longo do século XVI, a autonomia da Monarquia vai-se afirmando sobretudo pelas representações que cria de si, e se vão impondo. E durante o século XVII foi constituindo saberes para serem usados nas várias áreas da governação.

Mas a instituição que primeiro teve capacidade para conceber e realizar a reconversão do Saber foi a Igreja, pois soube apresentar simultaneamente uma Imagem renovada de si, nas múltiplas formas novas de divulgação, e aplicar os conhecimentos na definição de normas e na actuação social (fazendo mesmo incursões no mundo do profano).

O livro torna-se, pelo conteúdo, veículo de ensino, autorizado e reconhecido (pela Igreja e pelo Estado), bem como o seu autor, através dos elementos para-textuais, que transformam o texto em manifestação de materialidade do poder.

Esta ostentação de domínio dada pelo discurso vai sendo elaborada progressivamente pela afirmação do autor e desenvolvimento dos para-textos: com Páez de Castro, o livro é glosado, sem nomeação de autor; em *Junta de Libros*, é já referida a autoria; Pellicer, em *Bibliotheca*, regista o nome do autor do texto, juntamente com o dos co-autores, que vão ser objecto de divulgação. Os para-textos, inicialmente aprovações com exclusivo carácter abonatório e singelas dedicatórias, vão-se enriquecendo literariamente, transformando-se em peças oratórias.

---

<sup>540</sup>O Termo España surge em 118 títulos de *Junta de Libros*, Castela 19, Aragão 16 e Granada 14 (moros 5), *Historia* 222, *Historias* 16, *Cronica*, 46 e *Relaciones*, 82.

Esta autoridade transmitida à mensagem, característica do livro impresso, acaba por dominar a prática cultural seiscentista, passando os autores de textos manuscritos a imitar a estrutura do livro impresso, inventando para os seus manuscritos também elementos paratextuais, como é o caso de Pedro Fernández del Pulgar, em *Sigálion*.

Os autores de aprovações, dedicatórias, elogios, prólogos e poesias acabam por constituir um grupo que, pela participação nas obras impressas, ganha consciência do seu poder.

Na *Bibliotheca* de Pellicer, verifica-se, por parte dos Grandes, ou nobres auto-representados como tal, a utilização do livro - sobretudo de linhagens e memoriais de serviço e qualidade - tendo em vista uma dupla valorização: o conhecimento público dos seus serviços e méritos; e o reforço da sua autoridade pela integração no grupo dos co-autores, que, pelo que escrevem e pela sua presença no livro, consagram a qualidade e a indispensabilidade dos membros do grupo.

Com este género de obras, a imprensa alarga-se a âmbitos do saber reservados aos nobres, que passam ainda a criar as suas memórias e a fundamentar as origens, desenvolvendo processos argumentativos semelhantes aos utilizados na escrita de *Antiguidades e Grandezas*, ou *Histórias Gerais do Reino*.

Nesta primeira parte pretendeu-se ver como os veículos e os suportes materiais do conhecimento - e, particularmente o impresso - são eles próprios estruturantes na constituição do saber moderno.

No próximo capítulo, entrando no âmago do discurso historiográfico, procurar-se-á ver como este, ajudando a definir a disciplina histórica moderna, vai incorporando na sua própria textualidade o objecto que está a elaborar.

A criação do sentido da história passa ainda por um processo de inter-construção autor-texto: o historiador faz-se, escrevendo, deixando as suas marcas na obra. Um texto mais objecto historiográfico é também um texto com mais autoria incorporada.



DISCURSOS ACERCA DA NATUREZA DA HISTÓRIA





## 1. ESTRUTURA CONCEPTUAL

A análise da ampla variedade de narrativas históricas e da explosão de memórias, que se publicam em vernáculo, com as diversificadas descrições de personagens em adequadas circunstâncias, integrando-se na valorização do momento presente e dos ideais da sociedade coeva - e que, como se viu, não se esgota na história profana e do divino, revelando assim a dimensão persuasiva da cultura renascentista -, indicia sobre uma estrutura discursiva unitária. É assim, quer nas categorias intelectuais e estéticas subjacentes à obra, quer nas suas regras de construção, marcos de desenvolvimento do relato e formas de caracterização de agentes e situações, quer no plano das ideias e na forma de organizar e transmitir os objectivos doutrinários, e também no tratamento dos testemunhos históricos, pois noção de heurística impôs-se de tal modo que os próprios "falsários" elaboravam uma fingida crítica aos documentos "originais", que inventavam<sup>1</sup>. Essa crítica funcionava como a autoridade validadora daquelas opiniões, autoridade capaz de transformar o "dito" em verdade - é, por exemplo, o conhecido caso da descoberta das Relíquias de Granada, que originou tão alargada polémica no pensamento histórico peninsular, atravessando os séculos XVI, XVII e XVIII, só tendo terminado com a intervenção da autoridade do *dictum* papal<sup>2</sup>, ou dos falsos cronicões, que se analisará no último capítulo deste trabalho.

A elaboração do passado - que originou, também em Espanha, a querela entre antigos e modernos, relacionada com o critério de verdade e a crítica das fontes - desenvolve-se a partir de duas grandes perspectivas: a da história recente, de enfoque político, quer seja pelo "singelo" registo de factos, quer pela narrativa-licção ou explicação; e a da história das origens. A invenção de uma memória, Nobiliárquica, da Monarquia, da Urbe, ou Eclesiástica, com uma fundamentação que ultrapassa os limites dos Reinos<sup>3</sup>, de identificação assente em valores de

---

<sup>1</sup>Como foi analisado por Grafton, o grande desenvolvimento da crítica no século XVII deveu-se à fraude literária, por ter exigido aos filólogos um constante aperfeiçoamento dos seus métodos. Os falsários, ao elaborarem sucessivamente novas técnicas e novos processos de análise, acabaram por obrigar os críticos à sua imediata refutação.

Cfr. Anthony GRAFTON, *Faussaires et Critiques - créativité et duplicité chez les érudits occidentaux*, Paris, Les Belles Lettres, 1993.

<sup>2</sup>Julio CARO BAROJA, *Las Falsificaciones de la Historia (en relación con la de España)*, Barcelona, Seix Barral, 1992.

<sup>3</sup>Nem Tamayo de Vargas, nem Pellicer, em primeiro lugar cronistas mayores de Castela, referem discursos historiográficos que preconizam a superioridade e antiguidade de alguma das regiões ou reinos do todo espanhol, ignorando assim histórias do Reino de Aragão, nomeadamente crónicas catalãs e valencianas, em que às origens cristãs e autónomas se associa uma língua diferenciada.

antiguidade e de qualidade dos fundadores, é a condição do sucesso do momento presente, ou da certeza da sua restauração.

A fundamentação do Poder de Espanha vai sendo feita através de uma rede mais forte do que a resultante da simples integração ideológica dos mitos e heróis particulares no *todo*. A particularidade de cada elemento, ao mostrar que é o mais antigo, nobre, e portanto representativo, faz ressaltar a sua ligação pelo presente ao fundo comum, resolvido politicamente em Reino de Espanha<sup>4</sup>, reforçado em cada particular pelos elementos (testemunhos e vestígios)<sup>5</sup> próprios, criados ou traduzidos em espanhol, muitas vezes por cronistas, como se pôde verificar da observação dos títulos de obras históricas por eles escritas referidos em *Junta de Libros* (ver anexo). A oficialização da língua castelhana como língua espanhola obriga a *pensar* e a *dizer Espanha*. Como se verá adiante, de forma mais desenvolvida, este facto é evidente, até em Jerónimo de S. José, cronista religioso aragonês, sem nenhum cargo público, que, apesar de favorecer na sua história<sup>6</sup> o reino e os cronistas de Aragão<sup>7</sup> face a Castela, utiliza três vezes o termo espanhol, três Espanha e uma espanhóis em *Genio de la Historia*, na versão de 1639, e apenas duas vezes castelhano, dezassete España e doze espanhola na versão de 1651, referindo-se três vezes a "nuestra España".

---

Cfr. Ponç d'Icart, *Libro de las grandezas de la ciudad de Tarragona*, 1572; Marc Antoni Ortí, *Siglo cuarto de la conquista de Valencia*, 1640; ou de Gaspar Escolano, *Historia de Valencia y su Reino*.

Sobre a Historiografia e a Cultura aragonesa:

Cfr. Antonio Comas Pujol, "La Cultura Catalana en la Época del Barroco", *El Siglo del Quijote 1580-1680 Historia de La Cultura española. Las Letras. Las Artes.*, vol.2, op. cit., pp.511-574.

No entanto Tamayo de Vargas refere autores e obras em que o louvor de uma das partes da nação não questiona o valor da Monarquia, como é o caso de ID-166, Martí de Viciana, *Libro de Alabanzas de las lenguas hebreá, griega, latina, castellana y valenciana*, 1574.

<sup>4</sup>Como se verá no final deste capítulo, no raciocínio por comparação (que inclui a metáfora) o determinante da argumentação é o referente. Correspondendo ao segundo membro, neste tipo de argumentações é *Hispania*, que se resolve em Espanha. Daí a importância dada ao *como*, ao *si*, e ao raciocínio por analogia em todo o processo argumentativo, bem como às adversativas.

Cfr. Aristóteles, *Retórica*, Madrid, Gredos, 1994 p. 553. Esta obra passará a ser citada apenas como *Retórica*.

<sup>5</sup>No caso de vestígios não latinos, algum erudito se encarregava de traduzir, ou felizmente *encontrar* (*hallazgo*) tradução daquele importante documento.

Cfr. Caso dos relatos das Relíquias de Granada, traduzidos pelo Marquês de Estepa, B.N.Madrid, Mss. 205 e 2803.

<sup>6</sup>Estas obras serão objecto de análise detalhada no próximo capítulo. Mas a desproporção do tratamento dos cronistas aragoneses face aos castelhanos é visível por simples comparação, no gráfico referente a *Genio de la Historia B*, do número de palavras utilizadas em cada um dos respectivos subcapítulos.

<sup>7</sup>"(...) su Historia es luz y honor de España en contraposición de las naciones extranjeras. En la particular de las cosas de Aragón resplandece entre los historiadores españoles como entre menores astros la luna, el grave y eruditísimo Zurita, cuyos Anales en la comprensión y disposición de las materias ...", *Genio B*, p.421.

Prova ainda mais concludente é a correcção para "española", em 1651, da frase escrita em 1639<sup>8</sup>.

Neste caso a figura de pensamento por ampliação (*incrementu e congerie*), a propósito dos povos que na época falavam espanhol, não só acaba, na prática, por negar a existência do que se afirma, como apresenta o ideal como real.

Pelo processo de argumentação analógica e recorrendo ao exemplo romano, Jerónimo de S. José associa unidade de língua a unidade política, concluindo que aquela dá origem a um notável florescimento cultural e relevância política, visível no *levantado* do estilo escrito, falado, e de outras formas de linguagem.

Em Espanha, durante o período em análise, esta ligação do presente ao passado é de tal forma directa que os maiores momentos de debate historiográfico, com o respectivo aumento da produção histórica, se situam precisamente nos períodos de forte convulsão política: no início do século XVII, entre 1608 e 1614, em relação com a expulsão dos Mouros e com a necessidade de recuperar o espaço do inimigo, cristianizando-o, unificando-se assim, no passado e no presente, política e religiosamente<sup>9</sup>, a Hispânia; e, a partir de 1648, com um máximo por volta de 1660, depois da perda da Holanda, e da hegemonia europeia em favor de França - em que a antiguidade da Monarquia (provada com actas e outros vestígios) é o garante da sua soberana perpetuação. É o caso do discurso de Pellicer à Regente, em que parece da maior relevância o conceito de felicidade surgir associado à expressão verbal, usada no tempo presente: a Rainha, causa de felicidade, é a asseguradora da Ordem que vem do passado (necessidade confirmada pelo hábito, que reforça a sua autoridade); sendo através desses qualificativos que a

---

<sup>8</sup> *Genio A*: "En la nuestra lo vemos mas claro i mas de cerca; cuyo idioma antiguo es oi barbaro, i tan dificultosamente entendido de los Castellanos; por que gasta tantas clausulas el docto Moralista en averiguar el sentido destas palabras, *Debodo a Dios* escritas en las antiguas leyes Castellanas i lo mismo se ve en otras tales voçes en cuya declaracion se ostenta ya la curiosidad de muchos. Miremos lo mas de cerca casi en ñros tiempos. La elegancia de Garçilaso, q[ue] ayer se tuvo por osadia Poetica, oi es prosa vulgar, como tan bien n(vest)ra mas subida Poesia sera mañana", p.46.

*Genio B*: "(...)En la nuestra *española* lo vemos más claro y más de cerca, pues su antiguo idioma es hoy bárbaro, y tan dificultoso de entender de castellanos y aragoneses, de quienes fue propio, como su primer lemosín de los catalanes. Y si no ¿por qué gasta tantas cláusulas el docto moralista Sánchez en averiguar el sentido de estas palabras: *Debodo a Dios*, escritas en las leyes antiguas castellanas?", pp.303-304.

<sup>9</sup> A descoberta das relíquias dos falsos mártires de Granada, discípulos de Santiago, o evangelizador peninsular, cuja divulgação foi fomentada pelo arcebispo Pedro de Castro y Quiñones, concretizou-se numa encenação arquitectónica esplendorosa: uma igreja barroca ligada a um seminário, com várias capelas rupestres, covas e fornos, com cruces para as procissões, que a fazem diferente dos *sacromontes* italianos renascentistas.

Rainha é apresentada como "o garante do futuro", tornando a monarquia espanhola "eternamente presente"<sup>10</sup>.

O sentido comum deste imaginário é fortemente assimilado, desenvolvido e reproduzido, porque, numa mesma vivência do presente, os valores e princípios ideológicos que se transmitem (e que têm subjacente uma comum concepção profundamente hierárquico-valorativa do mundo, que o ordena sem espaço para o não-determinado, e uma teoria do conhecimento realista, em que pela relação analógica entre conceitos, objectos e qualidades, se estabelece participação entre a realidade e o conhecimento) são reforçados pela arte da criação, assente na teoria da Imitação (da Natureza e dos Modelos)<sup>11</sup>, e do Dizer, sobretudo público, também fundados em concepções estéticas, comunicativas e lógicas assentes nos mesmos princípios ontológicos<sup>12</sup> (o processo que se vai analisar foi sistematizado na figura 1, apresentada na introdução).

Mesmo quando esses princípios e concepção surgem criticados e negados, é, como se verá no caso da obra de Morcillo, *De Institutione*, ainda sobre eles que se estrutura o pensamento - como se pode observar nos gráficos nºII, V, VIII e XI, fora de texto, em que se apresenta a organização das obras, e nos gráficos nº40,41,42 e 43, entre páginas, com a representação dos tratados segundo a matriz conceptual que os estrutura.

Aristóteles, ao estabelecer, pela substância, analogia entre o pensar e o ser, e ao deduzir das Causas Primeiras um sistema categorial amplo, cujas qualidades não só definiam a realidade humana na sua globalidade,

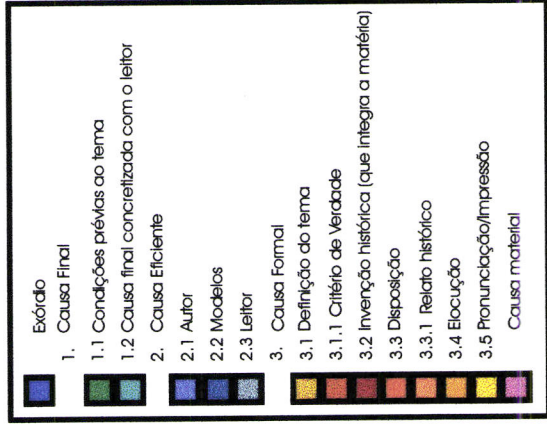
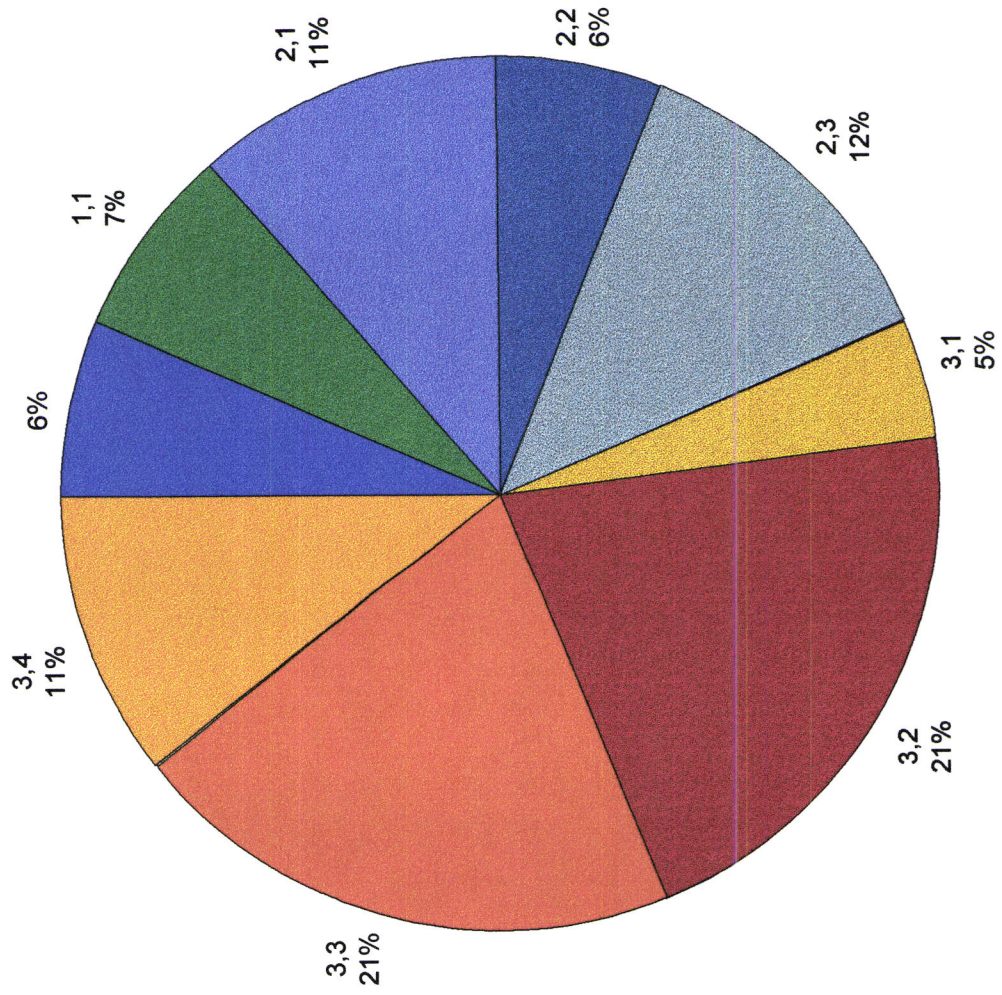
---

<sup>10</sup>Como se verá, o futuro não está apenas ancorado no passado, como é (por natureza e costume) expresso em termos de presente (presente discursivo, que envolve o presente do leitor), mostrando assim o valor constitutivo da tradição.

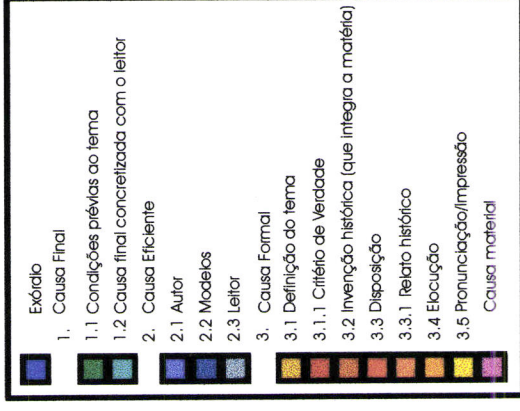
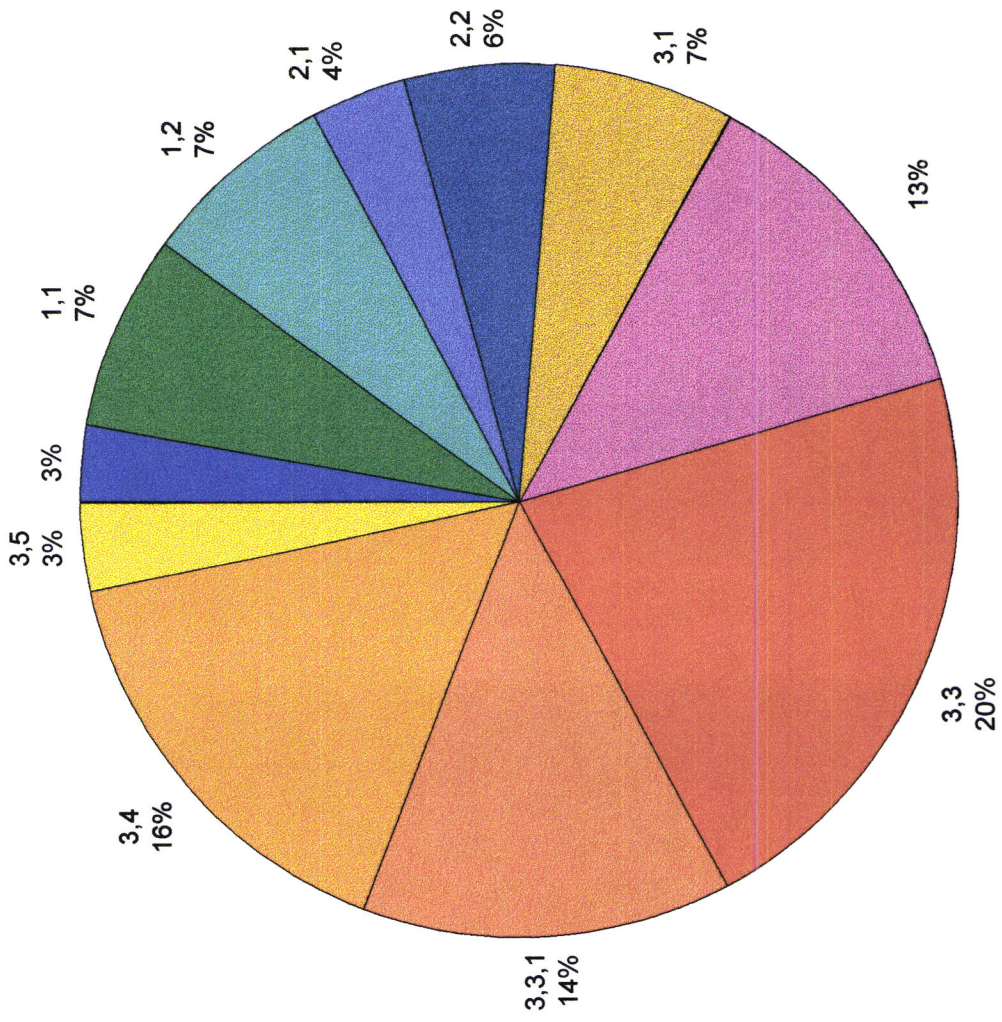
<sup>11</sup> "Contiene la imitación la naturaleza, arte y exercicio que alcançaron los eminentes. Imitando se adquiere con menor trabajo, cuidado, diligencia y vso, lo que no pudo el ingenio sin la imitación, igualando, si no excediendo a los imitados", p.149 e "La imitación, buena maestra, enseña la historia, y si la naturaleza, el artificio y el exercicio valen mucho para la perfección de las cosas; sin comparación es mayor el prouecho que de la imitación se recibe. Las relaciones, libros de moralidades y las historias, dan preceptos, sin parecer que con superioridad, menos se aplaze la real soberanía.", Cabrera, *Da Historia*, p.11-12.

<sup>12</sup>"Es así, que todo lo bueno procede y mana de Dios y que el principio de toda verdad, a donde quiera que se halle, y por cualquiera persona que se diga es el mismo Dios; el cual solo es el principal Maestro y Doctor de la verdad; pero ésa, que originalmente mana de tan alto y noble principio, se guía y encamina a los hombres por arcaduces más o menos nobles, más o menos calificados y estimados; y como el mundo en el inmediato gobierno depende también de estas causas segundas que median entre la primera y los efectos, y la influencia universal se modifica y acomoda a la particular virtud y capacidad de aquéllas, de aquí es que tengan las causas inmediatas una particular eficacia para imprimir su virtud y excelencia en los efectos que producen." *Genio B*, p.405.

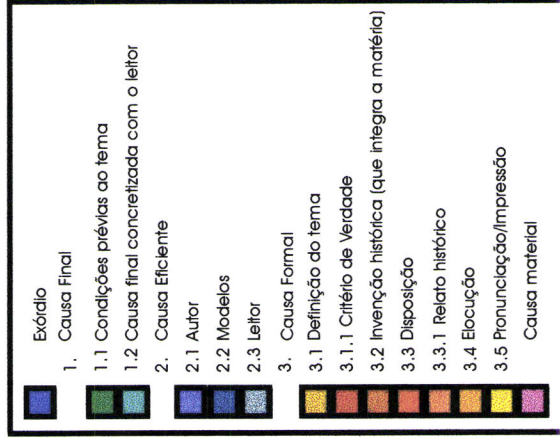
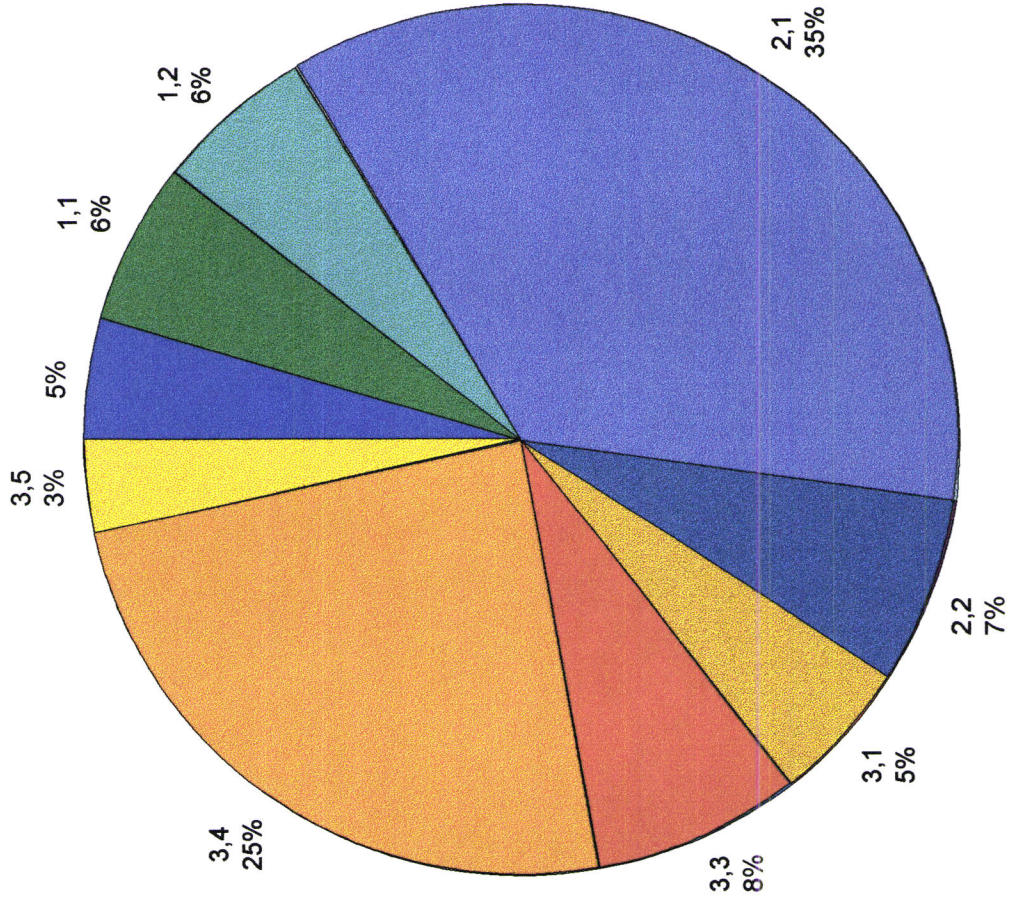
# De Institutione, de Morcillo



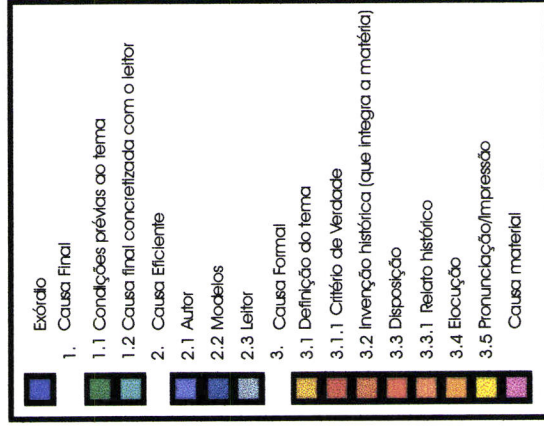
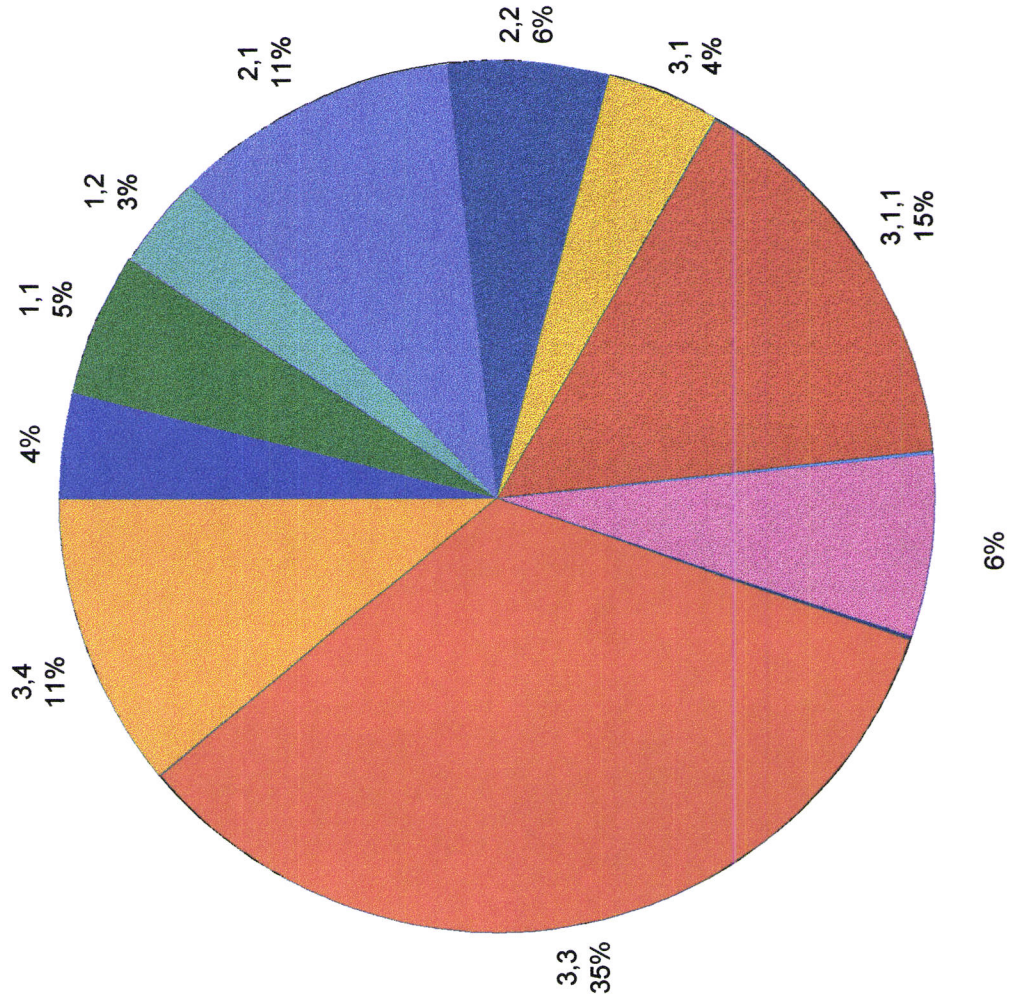
## Da História, de Cabrera



# Genio B, de S.José



# Arte de História Garcia





mas em que as predicções accidentais podiam convir ao que é próprio da substância, dando-lhe mais propriedade, estava a estabelecer o sistema universal de ordenação do real e também do próprio homem, e a atribuir-lhes um quadro de qualidades analógicas hierarquicamente definido, quer ao nível do pensamento e da linguagem, quer do comportamento e da acção. A maior inovação deste sistema categorial, fundado no Uno-Belo-Bem, estruturador do real (ontológico, lógico e de pensamento) em extractos hierarquizados - sendo que o *mais* (causa, relação, ordem, qualidade, quantidade, etc) é sempre *melhor*, nele se fundando e ordenando o inferior, e por isso sempre mais conhecido, ou mais causa, pois tem-se mais conhecimento do que é mais ordenado e determinado - foi a de ter estabelecido, pelas categorias de *habitus*<sup>13</sup>, de acção e paixão (movimento de alma de retorno sensível à natureza) uma rede completa que permitisse a caracterização do homem sensível e afectivo em situação. Ao atribuir-lhes valores qualitativos com conteúdos e gradações, possibilita que, em ligação com as outras categorias, fique definido um sistema lógico, gnoseológico e moral do pensar, que integra a globalidade humana e os diferentes níveis de apreensão do real, e é aplicável a qualquer área do saber. Inclusive aos níveis mais concretos e vivenciais do homem, em que era difícil estabelecer regras e sistemas de previsão, como no caso da área das relações entre os homens. Assim, as quatro causas primeiras e o sistema categorial, ao ampliar-se a paideia aristotélica, definiram não apenas o quadro lógico-argumentativo do pensamento necessário (dialéctica) e do possível (enunciado por Aristóteles como o tipo de pensamento que, não sendo falso, expressa o verdadeiro, ou que o pode ser), como a partir do *Organon* se fundaram os vários saberes e se deduziram métodos de argumentação aplicados às diversas áreas intelectuais, condicionando a própria relação experiencial e estética.

Voltando à História, a sua ligação e utilidade ao presente vai reforçar-lhe os nexos, quer pela via da praxis (histórias), quer da sua teorização como novo saber, às *artes narrandi*, quer através do género demonstrativo (elogios e Vidas), quer sobretudo do género deliberativo (por ser o que originariamente aconselhava sobre a decisão em causas

---

<sup>13</sup> Perfeição da alma ou do corpo, por vontade e esforço humano, podendo contariar a natureza. É esta categoria que permitirá o desenvolvimento humano segundo a virtude, criando assim uma segunda natureza (humana e social), depois também legitimada através do costume.

Cfr. F.E. Peters, *Termos Filosóficos*, Lisboa, F.C.G., 1994, p. 105.

Pierre Bourdieu define-a como " um sistema de disposições duráveis, predisposto a funcionar como estrutura estruturante da acção", cit. por A. Hespanha, " A Emergência da História", *Penélope*, 5, 1991, p.25.

No caso dos textos em análise, detectada muitas vezes através da expressão verbal *soler*.

futuras, relacionadas com temas de directo interesse cívico<sup>14</sup>, fundando essa utilidade no conceito de felicidade, definido por Aristóteles e cujos atributos nomeia e hierarquiza na Retórica (livro I), integrando assim a Ética e a Política na magna Arte da Retórica<sup>15</sup>). As histórias renascentistas proliferam e ganham capacidade de argumentação interventiva, quer como registo de factos, quer como lição, ou explicação, quer como criadoras de imaginários, desenvolvendo-se em todos estes sentidos, porque, se desde sempre se narraram histórias, agora se voltou a ter a noção do carácter construído do relato e do poder fáctico da obra artística (a pintura renascentista estrutura-se numa mesma ideia de divulgação do conhecimento como construção, que exigiu juízo): “(...) Despues de todo lo dicho; quien puede dudar a la Historia vn Arte particular, que la guie,y dirija,como se le dã a la Gramatica, Poesia,y Logica? Porque si el silogismo, que no es mas que vn pequeño artificio de tres terminos juntos, que compararon algunos a las casillas de naypes que edificam los niños sobre vna mesa,no se puede hazer sin que vn Arte particular meta la mano:como la Historia,que es vn edificio(...) La Naturaleza,que obra siempre de vna misma manera, y da las mismas formas a todas sus obras, no tiene necesidad de que las Artes metan la mano con ella. No es necessario, que la chimica la ayude a hazer el oro, ni la pintura a pintar las flores, ni la escultura a formar los hombres. Pero las obras, que por no estar necessariamente determinadas a vna forma, salen ya perfectas, ya imperfectas, segun la disposicion, y figura que reciben de la idea, ù de la mano del Artifice; no se puede dudar, que tienen necesidad de algun Arte, que las dirija. Y como las malas pinturas,opuestas a las de Mignardo, nuestro (...) nos muestran que ay Arte de dibuxar, y pintar: assi devemos aprender de las malas Historias deste tiempo, (...) que los Historiadores necessitam de Arte(...) Todas las funciones de este Arte se reducen a tres principales.A la eleccion de las cosas, que pueden servir de materiales al edificio de la Historia;a la disposicion de estas cosas, y a su adorno,por los colores, y figuras que pueden recibir de la diction Historica.Todo esto se explicará mas a la larga, y tendrá su justa extension en el discurso desta obra”<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> Cabrera inicia *Da Historia* com o seguinte parágrafo: “Vno de los medios más importantes para alcançar la prudencia tan necessaria al príncipe en el arte del reynar, es el conocimiento de las historias. Dan noticia de las cosas hechas por quién se ordenan las venideras, y assí para las consultas son vtilísimas. El que mira la historia de los antiguos tiempos atentamente, e y lo que enseñan guarda, tiene luz para las cosas futuras, pues vna misma manera de mundo es toda.” *Da Historia*, p.11.

<sup>15</sup> Para Aristóteles, o género deliberativo é o meio de criar a Felicidade, ao ajudar a deliberar sobre o conveniente.

“Pois quem há que escreva uma história isenta em todas as suas partes, e mesmo perfeita, se não for um orador de muito talento, um homem prudentíssimo e há muito tempo versado na vida pública pelo longo trato de variados assuntos? Ou estás a pensar que eu publicaria de ânimo tranquilo uma história como a que a maior parte dos estranhos e quase todos os da nossa gente publicaram até agora - sem arte, sem engenho, sem eloquência, sem ordenação, sem agrado, sem a diferenciação ou a variedade dos feitos e das palavras, sem encanto nem graça?” Morcillo, *De Institutione*, p. 4.

<sup>16</sup> Garcia, *Arte de Historia*, pp.68 - 70.

A integração numa concepção realista de conhecimento (em que também os nomes-ideias-coisas têm valor hierárquico<sup>17</sup>, sendo uns sublimes, outros medianos, outros humildes, só se relacionando com iguais, e em situações de idêntico estado<sup>18</sup>) de uma narrativa assente numa estrutura discursiva fortemente construída, arquitectada e expressa

---

<sup>17</sup>”Figurada elección de palabras es que, siendo propias, se pasan por la necesidad y ornamento a otras cosas a ellas desemejantes, como dezir, *rie el prado, inflamado el ánimo*. Para conocerlas, se distinguen los géneros de la cosas, si responden a las palabras, quantas son, tantas serán las especies de las propias palabras. Son las cosas infimas, medianas o grandes, seránlo las palabras y tres los estilos comunes a las cosas que más se tratan: y así se les acomoda el estilo de la narración, porque de la más frecuente materia se toma el nombre. A las cosas humildes sinifican palabras humildes, leues, tenues, pequeñas; a las cosas sublimes, palabras grandes; a las medianas, palabras templadas de humildes y grandes. Leues por metáfora son las palabras diminutivas, como *cerezuelo, campillo, hombrezillo, animalexo*. Grandes son, como dezir, moderación antes que modestia, caridad y no amor. Házense graues por los superlativos y con el epíteto, como dezir *de sabio, sapientissimo, singular clemencia, maldad terrible*. Humildes palabras son las que cosas humildes y baxas sinifican, dichas de *humo*, que es tierra, *humildes*, viles, baxas: tales son, *vellota, sopa, olla, casa, cebolla*, los instrumentos de los menestrales y de la labrança y criança no las palabras de las sentencias, por la excelencia del sentido. Dízese, *debaxo de piel de oueja ay malicia de raposo; debaxo de mala capa se esconde la sabiduria*. De palabras humildes se vsa en las cosas rústicas y los escritores de bucólicos, los filósofos, los oradores en lo humilde y el histórico en lo jocoso. Las palabras sublimes, dichas de *sub* y *imó*, declaran las cosas firmes, amplias, magnificas, y les dan mayor autoridad y magestad por naturaleza y juicio de los hombres, dichas espléndidas y grandes, como *animar, imperar, sacrificar, pacificar, musas, planetas*; las cosas celestes, y habitadores del cielo, *héroes, virtudes, mortales, magistrados*, de que vsa el histórico en argumento graue. Palabras leues son las que, por ser tenues las letras que las componen, apenas hieren la oreja, como *minimo, titiro, terebinto*: porque de letras se componen sílabas y destas las voces, dezimos de tenues sílabas, leues dicciones. Palabras sonantes se dizen las voces que hazen gran sonido por el beneficio de sus letras, como *acomodar, monstruo, proclamar, rimbombiar, tremendo*. En las cosas sublimes, vsa palabras sublimes el histórico; en la narración, mistas, templadas de grandes y pequeñas: éstas lo son por pocas sílabas, como *mas, haz, hez, ser, ver, ir, dar*; grandes por el número y largueza son: *dificultoso, admirabilidad, monstruosidad, aduladores*; grandes por la grandeza de las sílabas, como *graue, grande, alto, imperio, reyno, república*, por los tiempos que fuera. No vsa palabras desusadas, duras, peregrinas, bárbaras, obscuras, nueuas, ambiguas, que metió la caída de la libertad en las prouincias y están con error heredado: las que el vso dexó árbitro en esto, vician la narración”; Cabrera, *Da Historia*, 129-131.

<sup>18</sup>Por exemplo San José ao falar de história só a associa a palavras sublimes, sendo uma das formas de elevar esse saber. Ao recorrer a uma metáfora, associa história a cavalo, também nome sublime: "Causas por qué debe procurarse la brevedad. A la igualdad y proporción, de que resulta la hermosura de un escrito, le añadimos la brevedad que le corona, conservando aquel imperio y brío, con que la fuerza de razones y palabras rinde a los lectores. Limitada es la del ingenio humano, y no puede durar con vigor por mucho tiempo. Viene el discurso a cansarse, viene a desfallecer, viene a faltar, si se prolonga la carrera. En la de un caballo, si es medianamente señalada, le vemos correr y acabarla con brío y gallardía; pero en larga arremetida, o prolija retirada el caballo revienta en medio del camino, o llega ya a su fin sin obedecer, ni sentir el acicate. El impulso del brazo impreso en la saeta, y la actividad de la pólvora encendida en la bala, dura indefectible por alguna distancia breve; pero si el trecho es largo, cuando vengán a tocar el término señalado, llega ya una y otra, y se deja caer floja y cansada sin vigor alguno. Lo mismo pasa al escritor, y lo mismo al que lee su obra, que como la fuerza del ingenio se cansa en discurrir, también el gusto del lector en la atención a ese discurso; y así ambos, el que escribe, y el que lee desmayan y padecen hastío en un escrito largo. Por lo cual se debe ceñir el escritor en su obra, quanto lo sufre la materia y argumento." *Genio B*, p.341.

E associa, em vários excertos de *Genio B*, verdade, história, estilo da história e qualidades de historiador, comparação da maior relevância por ser caracter definidor de essência para a história. Cfr. *Genio*, em apêndice final, excertos com a associação de verdade e história, em especial nº 483 e 484.

de forma a desencadear no leitor os pretendidos efeitos de adesão, reforçada com a força da "prova verdadeira" (e que vai ser incentivada pelos humanistas antiquários, que, embora numa perspectiva experiencial, participam na comum ideia de vestígio como sinónimo de testemunho-verdade de passado)<sup>19</sup>, origina um tal poder sobre a realidade quotidiana que lhe confere imediata superioridade. Daí a proliferação das *histórias* e o quase geral reconhecimento da sua legítima autonomização.

Essa autonomização passa por a história, mantendo-se, como género, associada às *artes narrandi* e assim integrada nas artes liberais<sup>20</sup> - mas deixando de ser concebida exclusivamente como um dos tipos de argumentos narrativos<sup>21</sup>, por oposição aos falsos, ou verosímeis -, ganhar

---

<sup>19</sup> Cabrera valoriza da seguinte forma o contributo dos antiquários: "A los escritores dellas llaman comunmente Antiquarios, deuseles mucho, pues nos las dieron como viuas y a nuestros ojos resucitados los muros celebrados, mauseolos, pirámides, colosos, torres, alcaçares, ciudades, plaças, templos, aras, estatuas, coronas, teatros, anfiteatros, arcos, circos o hypodromos, obeliscos, puentes, termas, aqueductos, atrios, pórticos, muelles, columnas, bosques, fuentes, huertas, jardines, grutas, carros, vigas, quadrigas, maquinas, y tanta diuersidad de triclinios, mesas, sillas, podios, exedras, cátedras, tronos, vasos, comidas,..." Cabrera, *Da Historia*, p. 63, ver ainda o capítulo "*De las inscripciones*", p.115.

<sup>20</sup> "Vedes, senhores, que útil, que aprazível, que necessária, certamente, é a história e a sua utilização, ao ponto de quase se seguir que nós nem sequer somos homens se carecermos dela, pois que é extremamente próprio do homem saber e conhecer não apenas aquelas coisas que se apresentem aos sentidos, mas também as que se ofereçam à reflexão, ao entendimento, à memória. E essas mesmas que entrarem na memória e nela estiverem esculpidas, sejam como que abarcadas pela história. Conhecer e perceber as artes liberais que outra coisa é senão conhecer a história do entendimento delas?" Morcillo, *De Institutione*, p. 57

<sup>21</sup> Numa concepção retórica de influência clássica, esta aceção de história era comum entre oradores historiadores e humanistas. Por exemplo, Alberti, em *De Pictura*, refere-se sempre a história como sinónimo da narrativa representada no quadro.

A forma como caracteriza a elaboração da narrativa pictórica é coincidente com a concepção preconizada pelos retóricos de *história*: narrativa de deleite, de expressão elegante, concisa e breve, assente numa variedade proporcional e una : "Una historia que verdaderamente puedas con razón alabar y admirar, será aquella que se exhiba en sí misma tan amena y adornada que atraiga los ojos del espectador, docto e indocto, por largo rato, con voluptuosidad y movimiento del ánimo. Lo primero que en una historia produce la voluptuosidad, es la abundancia y variedad de cosas." (...) "Y así en la pintura, la variedad de cuerpos y de colores es amena . Diré que una historia abundante es aquella en la que en sus lugares aparecen mezclados ancianos, varones, adolescentes, niños, matronas, vírgenes, infantes, animales domésticos, cachorros, aves, caballos, corderos, edificios y provincias; y alabaré toda abundancia en cuanto convenga a la cosa de acuerdo con lo que en ella se trate. Pues cuando los que miran se demoran considerando las cosas, entonces la abundancia del pintor alcanza la gracia. Pero quiero que esta abundancia no vaya sólo adornada con la variedad, sino también llena y moderada de dignidad y modestia. Desapruebo a aquellos pintores que quieren verse abundantes y no dejan nada vacío, no siguen ninguna composición, sino que lo diseminan todo confusa y disolutamente, de tal modo que la historia no parece tratar una cosa, sino ser un tumulto. Pues tal vez quien busca ante todo la dignidad en la historia, debe representarla casi en vacío. Como la escasez de palabras, con tal que se entiendan sentenciosas y justas, da majestad a un príncipe, así también el pertinente número de cuerpos añade dignidad a una historia.(...) Y, a mi juicio, ninguna historia ha de tener tanta variedad de cosas, que nueve o diez hombres no la puedan expresar debidamente. (...) La historia moverá los ánimos de los que miran, cuando los hombres pintados que contiene expresan su movimiento del ánimo. Y así la naturaleza hace que nada puede ser más fuerte que ella, que lloremos con los que lloran, riamos con los que ríen y nos dolamos con los que se duelen. Pero estos movimientos del ánimo se conocen por los

definição pela espécie, em igualdade de circunstâncias, ou superioridade, com o discurso judicial, demonstrativo, ou mesmo deliberativo, de que era, até então, parte integrante. As definições de história na primeira modernidade, quer na versão sintética, de género (narrativa) e espécie (de factos verdadeiros); quer nas que englobam forma, matéria, causa eficiente<sup>22</sup> e causa final, fundam-se sempre nos Primeiros Princípios aristotélicos: "Historia es una narración llana y verdadera de sucesos y cosas verdaderas, escrita por persona sabia, desapasionada y autorizada en orden al público y particular gobierno de la vida. Contiene esta definición los cuatro géneros de causas: la formal, que es ser narración llana y verdadera; la material, que es ser de cosas y sucesos verdaderos; la eficiente, que es ser escrita por persona sabia, desapasionada y autorizada; y últimamente, la final, que es ordenarse al público y particular gobierno de la vida. Todas estas partículas deben convenir a todo género de Historia que lo sea propia y rigurosamente; y en ellas se cifran y comprenden los más principales requisitos de la Historia y del

---

movimientos del cuerpo." p.130. "Pero como la principal obra de un pintor es la historia, en la que debe haber toda la abundancia y elegancia de las cosas, hay que procurar no sólo pintar con pulcritud y veracidad al hombre, sino al caballo, al perro, a los otros seres vivos y a todas las cosas dignísimas de ser vistas, tal como plazca, digamos, por ingenio, con lo que la variedad y abundancia de cosas, sin las cuales ninguna historia es alabada, no serán echadas de menos en nuestras obras." p. 151-152 . "Cuando estamos pintando una historia, escojamos primero en qué orden y de qué modo la hemos de componer, a fin de que ésta sea muy hermosa. Y habiendo construido unos modelos de papel, comentaremos toda la historia entera y cada una de las partes de esta misma historia, y tomaremos consejo de todos los amigos íntimos sobre esta cosa. Y con respecto a estas cosas que elaboramos, debemos meditarlas de tal modo que no haya nada en la obra que no creamos que ha sido ya colocada de manera perfecta. Para que esto lo tengamos mas cierto, ayudará que los modelos se dividan en paralelos, de tal modo que habiendo unido la obra en público, según nuestros comentarios privados, puedan colocarse en sus lugares." p. 153.

Cfr. Alberti, *Da Pictura Sobre a pintura*, Valencia, Fernando Torres, 1976, p.127-130 e 151-153

<sup>22</sup> "Cuál será la más calificada y perfecta Historia. Presupongo primeramente para el acierto de esta elección de autores y de Historias, que aquella Historia será más calificada y perfecta, que según los cuatro géneros de causas fuere más excelente, es a saber, por la eficiente, que es el autor o escritor, por la material, que son las cosas y sucesos que contiene, por la formal, que es el modo, método, y estilo de escribirla, y por la final, que es el intento y blanco a que se ordena. De suerte que si el autor fuere más sabio, más diligente, más prudente, más noble, más virtuoso y tuviere en mayor y más alto grado éstas, y las demás condiciones y propiedades que arriba dejamos señaladas para el buen escritor de Historia, ésa será mejor y más calificada por esta parte. Y asimismo, si fuere la materia de ella más digna, más alta y más provechosa, más verdadera y agradable, y el estilo y composición más propio y conveniente a la materia y al autor, y todo ello ordenado a más divino y superior fin, será por todas partes más aventajada, y así más digna de elegirse para pasto del alma en la lección, y para idea de la pluma en la escritura. Con esto ahorramos de muchas advertencias, leyes y reglas que suelen darse para conocer y calificar las más dignas Historias, y escritores de ellas; porque con esta sola regla en la mano se pueden medir y examinar con infalible acierto, pues ninguna perfección o imperfección puede imaginarse en la Historia, que no se reduzca a uno de los cuatro géneros de causas que habemos señalado." Genio B, p.412.

Ver ainda *Da Historia*, pp.24-25

historiador;- y asi viene a ser como una cifra y epílogo de toda la materia que tratan, y observaciones que advierten los que escriben de Historia "23.

Esta coincidência entre história e narrativa vai manter-se no Renascimento e ao longo do século XVII em Espanha, quer nos pintores<sup>24</sup>, que se referem à narrativa do quadro como história, quer nos tratadistas da história, por exemplo Cabrera<sup>25</sup> e Jerónimo de San José<sup>26</sup>, que tanto a consideram como pintura<sup>27</sup>, como, quando estão explicitamente a referir-se às regras da narrativa, a nomeiam, inclusive em títulos de capítulos, também como história. O caso mais significativo é o de Cabrera, que na primeira parte do tratado parece referir-se a história no sentido de escrita de memória humana, que exige observação e conhecimento de testemunhos exteriores, tratando por isso das matérias da história, enquanto na segunda parte o conceito de história é quase sempre referido como sinónimo de narração,<sup>28</sup> considerando a essência da história o relato histórico<sup>29</sup>, como se pode aliás observar pelo uso

---

<sup>23</sup> *Genio B*, p.269.

<sup>24</sup> "es la pintura historia de los ojos", Francisco Pacheco, *El Arte de la Pintura*, Madrid, Catedra, 1990, p.283.

<sup>25</sup> "Para describir un ejército, pintar una batalla, representar (...)pinta fabricas i edificios, si refiere anuncios i efetos de astros i constelaciones(...). Hallado, empero, este tal censor, cual aquí le habemos pintado recto y docto, qué importaría si el escritor no fuese blando y dócil pintarse tan poco(...). Sera cordura talvez disimular un vicio; tal, el descubrirlo: para realce de un opuesto valor, para exemplo i consuelo de muchos, para comun doctrina de todos. Asi nos pinta el sagrado Historiador a Pedro temeroso, a Mateo Publicano, a Madalena pecadora." *Genio A*, pp. 20.

Cabrera: "son los hombres, por el fin, que es de ayudar, enseñando con la fresea memoria de los hechos, mejor que las estatuas, pinturas, trofeos y otros monumentos(...) El poeta obra cerca de lo vniuersal, atendiendo a la simple y pura idea de las cosas (y por esto la prefirió en su *Poética* Aristoteles), el historiador a la particular, representando las cosas como ellas son, qual pintor que retrata al natural, refiriendo las cosas como fueron hechas(...) "con tal conueniencia de las partes entre sí, según el estilo y orden, que hagan vn cuerpo gallardo y hermoso, que allí se le representará en figura y manera el sugeto que ha de contener, reduzido en suma a ciertas partes delineadas en el entendimiento, para bosquejarlas en el papel y con el dezir, colorir la pintura con el ornamento de las partes integrantes, de que luego trataremos", *Da Historia*, pp.17-18, 24 e 51.

Cfr. Ainda *Da Historia*, 2ª P , cap.1 "De las partes essenciais de la Historia" e capítulo 6 "De las partes integrantes de la Historia".

<sup>26</sup> San José, *Genio B*, 2ª P , cap. VII, 1. "El cuerpo de la historia debe de ser igual", pp. 335 e seguintes. Cfr. ainda *Genio B*, pp. 243 e 262.

<sup>27</sup> " Es vn Arte de escribir Historia;es la Pintura de el perfecto Historiador, retratado muy al vivo con los colores de la eloquencia;y vn espejo que se debe mirar quien desea acabar con felicidad vna obra de las mas altas,y dificultosas,que puede emprehender el ingenio humano.Bien merece tal Arte,tal Pintura,y tal Espejo,tener lugar en los Palacios de los Grandes Principes...como quien ofreciese un mapa.", Garcia, *Arte de Historia*, pp.13.

<sup>28</sup> "De las partes integrantes de la historia- Las partes que se llaman integrantes en la historia son nueue: Exordios, descripciones, digresiones, oraciones, elogios, discursos, juizio, pronósticos, sentencias. Son propias del cosmografo, del orador, del estadista, del filósofo; deue saberlas el historiador y cómo se hazen y vsa dellas.", *Da Historia*, p.95.

<sup>29</sup> " De las partes potenciales o essenciais de la historia - Dicho de la materia, venía en consideración el dezir de la figura o cuerpo de la historia: mas conuiene antes aduertir que tiene partes potenciales o essenciais, que son la verdad, la explanación, y el juizio(...).

diferente com que utiliza a palavra ao longo dos títulos dos capítulos da obra.

Se numa primeira leitura pode considerar-se que Cabrera, ao referir-se às partes essenciais da história, está a nomear os factos e não a história-narração, numa leitura mais atenta verifica-se que nas partes integrantes da história indica todos os exercícios narrativos considerados pelos clássicos (cap.6 a 17), ignorando o exercício fulcral da narrativa, que é o relato. É especificamente das características próprias do relato histórico que Cabrera fala nos capítulos que integra nas partes essenciais da história (1 a 5): advertindo da dificuldade da tarefa, refere o cuidado em situar os factos passados no tempo adequado, necessitando-se para isso de recorrer a cronologias; das formas de julgar as acções humanas; narração acerca de pessoas e averiguação das suas acções, enquadrando-as nos respectivos espaços e tempos, e só depois considerando as outras pequenas narrativas como "partes integrantes" (Ver gráfico nºV, fora de texto, com a representação sequencial de capítulos, cap. 1- 17).

Participando os conceitos, pela função predicativa, no ser (pois a expressão da essência é expressão de verdade<sup>30</sup>) e sendo o Género anterior, mais conhecido e determinado (correspondendo essa anterioridade a uma entidade ontológica e não lógica, como se viu), ao definir-se a essência da história como narração, está a determinar-se-lhe o género de discurso e a matriz conceptual desse saber. Esta noção de essência, parecendo participar ainda do mundo platónico, não o é por ser universal, antes é comum porque é essência - é um *a priori*. Sendo a história narração, será sobretudo pela forma como a matéria reelabora a própria narrativa histórica que ela se distinguirá das outras espécies narrativas<sup>31</sup>.

---

*De la figura o cuerpo de la historia* - La figura de la historia sea tambien auenida con la materia y buseada para sus menesteres y fines, que de qualquiera otra cosa fuera superflua o ambiciosa. La entereza de las partes tan caual y tan hermanas entre sí, que ninguna se quexe ni agrauie auerse descuidado, para que no resulte hermosura grande en todo el cuerpo de la obra. La narración es este cuerpo, exposición con juizio, ornamento y prudencia, de las cosas que, el tiempo en *qué*, el lugar *dónde*, el modo *cómo* y la causa *porqué*.(...)", *Da História*, p.76.

<sup>30</sup> "necesidad ai (...) de responder con brio(...) para que restituya a las cosas la verdad" *Genio A*, bloco 4723.

<sup>31</sup> "Verdadera difinicion de la Historia, y su pintura, segun todas sus partes.(...)Que la Historia es vna narracion continuada de cosas verdaderas, grandes, y publicas, escrita con ingenio, eloquencia, y juyzio, para instruccion de los particulares, y de los Principes, y para el bien de la compañia civil. (...) y declara el genero, la diferencia, la forma, y el fin de la Historia. Primeramente, la palabra Narracion, es termino generico, en que conuiene con todas las narraciones, (...) Lo segudo, es vna narracion continuada, que tiene sus partes juntas, y atadas con la conexion, y dependencia que deven tener las partes de vn cuerpo, ò de vn edificio regular. Y por esto se diferencia la Historia de los Annales, Diarios, Gacetas, Y semejantes narraciones, donde las partes sin atadura, (...) Lo tercero, es vna

Esta ligação da história ao género é ainda reforçada pela definição de causa eficiente, em que o historiador, por analogia com o Criador e com o princípio criador ou movimento, origina o acto introduzindo o "próprio", sem afectar a essência. Transforma - ou melhor, quase transforma a Natureza, sem alterar o Modelo -, sobretudo no caso de Morcillo, em que o sentido da narração como construção de linguagem é aparentemente subvertido por implicar uma prévia observação, análise e juízo do real, que exigiu selecção de factos, de acordo com pressupostos doutrinários<sup>32</sup>. E pela causa final, em que também é confirmado o sentido da história como utilidade<sup>33</sup>, através do cumprimento da forma. Esta explicitação da definição segundo as causas aristotélicas não só esclarece da razão por que foi tão tardiamente introduzido o elemento prova não-técnica, com uma função explicativa, na construção da intriga, como por que os antiquários, os escritores de singelas narrativas e registos históricos e os historiadores de experiências "literatura de viagens sobre a descoberta e conquista do Novo Continente"<sup>34</sup> não eram nomeados como autores de História. Sem ser desvalorizada a ligação da história ao género, será pelo grau de desenvolvimento e análise, dado à matéria (espécie) que o seu âmbito se vai alargando e identificando conceptualmente, quer pela introdução de maior juízo sobre os factos, que faz olhar mais sobre o real e sobre mais passado, ou de novos tipos de provas, quer, em consequência, pela sua finalidade, que assim vai

---

Narracion de cosas verdaderas, por lo qual se diferencia la Historia del Poema Heroico, y de la Novela (...), "Garcia, *Arte de Historia*, pp. 58 e 59.

<sup>32</sup>"Julgareis vós, de facto, que aqueles mesmos historiadores que todos vós costumais venerar como divindades - Lívio, Salústio, César, Hérodoto, Tucídides - se dedicaram à escrita instruídos apenas em eloquência, e sem a ciência de numerosíssimas coisas? Recordai-vos da sua subtilidade na arte de dizer, do seu empenho em anotar as causas e os efeitos das coisas, o seu saber a respeito de lugares e de tempos, o conhecimento da vida humana, dos costumes e disposições naturais de cada povo, a sua prudência, os seus conselhos, a disciplina, a ordem, a habilíssima distinção das coisas. Compreendeis que, em verdade, nada disso pôde fazer-se sem uma grande ciência e um perfeito conhecimento da Filosofia." Morcillo, *De Institutione*, p.9.

<sup>33</sup>Por isso a própria definição de história ignora alguns dos actuais subgéneros históricos: histórias-relações, antiquários, histórias de experiências, memórias.

<sup>34</sup>"No nos faltan Escritores de Diarios, de Gacetas, y Memorias: tenemos con que llenar vna buena libreria; y no se puede negar, que fuera libreria illustre, donde no se vieran mas que Principes, Duques, Pares, Mariscales de Francia, y Generales de Exercitos. Pero si los Comentarios de Cesar, que son tan pulidos, tan sabios, y tan modestos, no le han podido merecer el nombre de Historiador: como creemos, que Bellay Nangis, ... por faltarles poco de lo essencial a la forma de la Historia regular. Pero aunque estèn escritas con muy buen juyzio, y en muy buenos terminos, faltádoles algo de lo essencial a la Historia, no se deuen quejar de que no se viole por ellos vna regla, que no se ha violado por el primer Cesar, que alomenos era tan grande hombre como ellos." (...) "Si la Historia no estuiera (...) mas que en la simple memoria de los sucessos, se pudiera passar sin palabras, y sin caracteres, y vn Barbaro, que no supiera ninguna lengua; pudiera salir grande Historiador por solo el conocimiento de las cosas sucedidas en su tiempo. Mas no es assi; porque la Historia, como ya he dicho, es de la familia de las Musas; (...) Es, pues, necessario, que el Historiador sea eloquente, ò naturalmente, ò por estudio;" Garcia, *Arte de Historia*, pp. 14, 15, 28 e 29.



adequando a representação do passado ao presente, tornando-a mais eficaz. É o caso de Cabrera, e seguindo Fuentes y Gúzmán, com a introdução da referência, em capítulo autónomo, às inscrições<sup>35</sup> como uma das formas narrativas (ver adiante quadro com a definição dos diferentes exercícios narrativos).

A conceptualização da História como saber autónomo vai fazer-se, tendo por base o sistema de causas pré-moderno, em torno da ideia de um *discurso* sobre um facto sucedido, ou uma situação provável, que se elabora firmado em provas técnicas e não-técnicas, integrando-se, através destas (por isso numa predominante perspectiva argumentativa, de sentido dedutivo), o real na narrativa. Quanto mais fundamentados no âmbito nuclear do tema forem os argumentos e as provas persuasivas usadas (argumentação própria, segundo a terminologia aristotélica), mais original, forte, explicativo, e por isso comunicativo, o discurso se torna. O desenvolvimento da história e do objecto historiográfico vai resultando desta dupla integração numa complexa teia literário-persuasiva: pela escrita, ao nível da comunicação da história, assente em estruturas argumentativas retóricas cada vez mais específicas, e sobre as regras da criação aristotélica e horaciana; e pela conceptualização como saber, que até finais de seiscentos está fundado nos referidos princípios e categorias aristotélicas. Tal significa que, vinte séculos depois do Peripatético, os tratados de história, textos didácticos que pretendem ensinar a fixar memórias e a construir a autonomia do género dentro do quadro tradicional das *artes narrandi*, vão preconizar para a escrita da obra histórica uma estrutura semelhante à definida pela retórica para as outras espécies - integrando essa estrutura num sistema explicativo que permite criar e justificar a ordem do mundo. Como se pode verificar pelos gráficos nºII, V, VIII e XI, fora de texto com a representação dos referidos tratados segundo a ordem sequencial de capítulos.

Pode-se sintetizar dizendo que num primeiro momento, genericamente, até finais do reinado de Filipe II<sup>36</sup>, os memoriais em língua castelhana enunciam apenas a tese da nobreza e autoridade do novo saber, pelas matérias que trata e pela finalidade que serve, e da

---

<sup>35</sup> Ao nomear as partes integrantes da narrativa, Cabrera, e copiando-o, mais tarde, Fuentes y Gúzman, explicita todos os tradicionais exercícios narrativos, incluindo neles o das inscrições, que não é referido pelos outros tratadistas como forma narrativa autónoma.

Cfr. *Da Historia*, 2ª P, cap.16, pp.115-117 e Fuentes Gúzman, *Preceptos*, pp.28-29.

<sup>36</sup> Cfr. Lorenzo Galindez de Carvajal, "Anales breves del reinado de los Reyes Católicos", in *Papeles tocantes a los Rey Católicos*. Biblioteca Nacional de Madrid, Mss 1763, fl.1-10.

Cfr. Pedro Navarra, *Dialogos muy subtiles y notables...*, Çaragoça, Juan Millan, 1567.

necessária e justa recompensa do historiador - caso de Pedro Navarra e do cronista dos Reis Católicos, Galindez de Carvajal. Posteriormente, surgem memoriais e breves textos historiográficos em que se enunciam princípios retóricos gerais, sobretudo do género deliberativo<sup>37</sup>, aplicados à escrita da história (caso de Herrera e Santayana), valorizando-se os aspectos relacionados com a sua origem e dignidade, já concretizados em lugares de argumentação próprios referentes à história como saber, e ao historiador, que é caracterizado como um profissional com efectiva capacidade interventiva no governo da sociedade presente. Surgindo finalmente em finais de seiscentos *Sigalíon*, em que a história já não é enunciada como arte do domínio da escrita.

Serão humanistas-historiadores de maior sensibilidade platónica, que, afastando-se mais de um sentido utilitário da história, que a instrumentaliza, e influenciados pelo modelo discursivo de tipo judicial, a distanciam gnoseologicamente da Retórica, e, pela sua aproximação à Poética, a ligam quer à reflexão poética, quer à filosófica, valorizando deste modo a sua capacidade englobadora e explicativa. Será, pois, ou pela via dos historiadores-filósofos, sobretudo influenciados pelos pirronistas; ou dos eruditos-filólogos e antiquários, que se fará o desenvolvimento teórico da disciplina.

Como se pôde observar da esquematização dos tratados, a organização dos textos obedece à estrutura aristotélica das Causas Primeiras.

Em primeiro lugar, verifica-se que eles pretendem um reconhecimento do prestígio, da autoridade e da utilidade da história como saber comprovado na sua perenidade (causa final) e dos autores que a escrevem de modo adequado (causa eficiente<sup>38</sup>), que assim vão actualizando a causa final<sup>39</sup>. Esta, do ponto de vista lógico, pode situar-se

---

<sup>37</sup> Cfr. Antonio de Herrera y Tordesillas, "*Primera parte de las varias epístolas, discursos y tractados de diversos varones*", Séc. XVII-XVIII, B.N.Md., Mss 1035.

Rodrigo de Santayana, *Arte de Retórica*, Madrid, Drony, 1578.

<sup>38</sup> Causa eficiente (2) que correspondendo ao Autor (2.1) e aos modelos (2.2) e integra também em *De Institutione*, de Morcillo, o leitor (2.3).

<sup>39</sup> Justificada ainda conceptualmente através da categoria *habitus*, que permite a correcção da Natureza, mesmo que isso signifique a sua modificação.

"Se todos assim pensarem, se se contentarem com os antigos, se além deles nada procurarem, nem acrescentarem nem retirarem, em nada, por certo, serão diferentes de ignorantes e incultos campónios, ou de velhotes que, parados sempre nas mesmas pegadas, não contemplem a própria natureza das coisas, não estimulem nem aumentem a acuidade do seu espírito, não formem juízo sobre aquilo que estiver em uso, mas que, crédulos em opiniões sem bom senso, sejam guiados por elas e não por um juízo, não por uma recta consideração, não pela experiência (que surge todos os dias) não pela observação, não pela correcção dos erros que tenham achado nos outros, não pela adição de coisas úteis ou pela supressão das inúteis e das supérfluas (que são muitas nos antigos e sempre o serão em todos, porque nada pode fazer-se inteiramente perfeito e acabado).

entre um tempo presente (discursivo, em que o autor é a causa eficiente) e um futuro - desejável (o da acção do tratado, ou o tempo dos efeitos do tratado).

A causa final resultará da concretização possível, devido à definição da história e das regras adequadas à sua perfeita escrita (causa formal e material, ou seja, definição da história pelo género e espécie). Como se pode observar em todos os autores, a temática historiográfica e o processo de elaborar uma obra surge de um saber com reconhecido prestígio, fundado na origem do mundo, não de algo que necessita demonstração. Será através da "nova arte", "agora" normalizada<sup>40</sup>, e do trabalho do historiador, que se pode ampliar, desenvolver, aprofundar e retirar melhor lição, que se traduz em mais eficiente acção<sup>41</sup>.

Concluindo, tem-se assim uma causa final e eficiente prévias à elaboração do tratado, e que são nele concretizadas. E uma causa final ampliada, potencial, dependente da capacidade de assimilação do discurso e da vontade dos leitores<sup>42</sup>, ou seja, no limite, dependente da capacidade de persuasão do autor - no caso de Morcillo, da capacidade de análise e juízo dos leitores e da vontade política, pois todo o seu diálogo é uma crítica à falta de visão política moderna espanhola, nomeadamente no que se refere à importância da memória na constituição e divulgação de uma identidade, e à utilidade das histórias político-militares para a acção governativa<sup>43</sup>.

É esta perspectiva que vai fazer com que a obra (aliás como toda a obra de concepção retórica), seja por um lado estruturada englobando no seu próprio discurso o autor e o leitor, e por outro, com que nos tratados em análise as regras da *Arte de Historia* surjam enquadradas pela causa

---

Que é difícil alguém apresentar em público os pensamentos e sentimentos da sua alma e sujeitar-se ao juízo de muitos, realmente ninguém o nega; mas, quanto mais difícil isso é, tanto mais louvável e mais útil, e tanto mais esforçoso se há-de fazer, com maior cuidado e empenho.", Morcillo, *De Institutione*, p.60.

<sup>40</sup> "Confieso, que Philipe de Comines tiene grandes disposiciones para la vltima forma de Historiador; porque es sincero, de buen juyzi, enseña mucho, y sus reflexiones, sentencias, y digresiones son de vn Sabio consumado, y de vn perfecto Politico. Pero no auiendo tenido otro Maestro que su genio, ni otras reglas, y modelos que su entendimiento, no podia hazer a lo sumo mas que un ensaye, y como dibuxo de Historia.(...) para que teniendo patrones, y reglas delante de los ojos, no me succudiesse lo que a los Architectos ignorantes, que no guardan proporcion, ni simetria, y en lugar de Palacios edifican desproporciones de piedra, y marmol. ", Garcia, *Arte de Historia*, pp.16-17.

<sup>41</sup>"La imitación, buena maestra, enseña la historia, y si la naturaleza, el artificio y el ejercicio valen mucho para la perfección de las cosas; sin comparación es mayor el provecho que de la imitación se recibe. Las relaciones, libros de moralidades y las historias, dan preceptos, sin parecer que con superioridad, menos se aplaze la real soberanía.", Cabrera, *Da Historia*, pp.7-8.

<sup>42</sup> Por isso na decomposição das obras historiográficas em análise se subdividiu a causa final em condições prévias ao tema (1.1) e causa final concretizada com o autor e/ou leitor (1.2).

<sup>43</sup> Cfr. Morcillo, *Da Institutione*, sequência 10.4 e 11.

eficiente e final - processo simultaneamente valorizador daquele saber, seus conteúdos e Autor.

Aliás, a tendência verificada é a de que, quanto mais o Autor tiver reflectido sobre o âmbito da história, mais valoriza os aspectos relacionados com as suas causas materiais e formais, e com a construção da obra, sendo na explicitação desse processo que introduz os elementos persuasivos e os elementos reconhecedores da evidência do prestígio e da utilidade do saber.

Quanto mais própria for a argumentação sobre a conceptualização da história, menos se elogia recorrendo a argumentos genéricos assentes em virtudes morais ou qualidades do historiador<sup>44</sup>, e mais surge a sua importância como uma evidência, resultante da utilidade que a história é capaz de possibilitar, sendo o historiador o instrumento. Por isso o historiador (2.1) é muito pouco valorizado em *Da História*, de Cabrera e *Arte de Historia* de Francisco Garcia (e, muito referido em Morcillo com valorização da sua atitude crítica).

Em segundo lugar, partindo de uma comum definição de história como narração, verifica-se nos quatro autores um entendimento diverso do que é a narrativa histórica, com tratamento bastante diferenciado, observando-se que a um maior desenvolvimento dado à narrativa (grupo 3.3 dos gráficos nº 40,41, 42 e 43 e dos II,V,VIII e XI fora de texto) corresponde uma maior especificidade e definição de história, ou seja, a definição pela espécie concretiza-se sobretudo em especificidade da definição pelo género, como já se disse.

Com efeito, um maior desenvolvimento de argumentos próprios relacionados com a narrativa, não apenas a diferencia das outras formas narrativas, como revela a especificidade da disciplina, por tratarem de aspectos ligados ao real (como seja descrever acções militares<sup>45</sup>, jogos de política cortesã, ou inscrições arqueológicas), já pela capacidade de introduzir essa análise, através de juízos<sup>46</sup>, no relato, ainda que sob a forma de falas e sentenças<sup>47</sup>; já pela defesa da introdução desses juízos no

---

<sup>44</sup> Como é o caso de Pedro de Navarra, ou de San José, em que cerca de 2\3 de *Genio B* é um verdadeiro encómio, usando os mesmos atributos para definir a disciplina (1ª parte) ou as qualidades do historiador (3ª parte) - confrontar os textos em apêndice com os gráficos referentes a *Genio B*.

<sup>45</sup> Sanctayana, *Arte de Retórica*, op. cit., fl.46-60.

Cfr. Morcillo, *De Institutione*, correspondente à sequência 6.

<sup>46</sup> Cfr. Cabrera, *Da Historia*, 2ª P. cap.5 e 12; Garcia, *Arte de Historia*, discurso 5; Morcillo e Garcia são os autores que mais explicitamente afirmam a necessidade do historiador ir apresentando o seu juízo dos factos. Cfr. *De Institutione*, seq. agrupadas em 3.2., *Arte de Historia* discurso 4, pp.126-131.

<sup>47</sup> Ainda que sob a fala, em forma verosímil, de outras personagens, como recomenda Cabrera, sobretudo quando se pretende criticar alguém.

Observando-se os vários gráficos, repara-se como os capítulos referentes às falas são os mais extensos em todos os autores, o que revela imediatamente o carácter construído desse relato e a força

discurso, não como ditos de outros, mas como opiniões fundadas de quem escreve, havendo assim uma construção do espaço narrativo com distinção de planos, em que o autor se diferencia, autonomiza e eleva dos personagens históricos - como é o caso de Pulgar, em *Sigalíon*, e de Fox Morcillo, em *De Institutione*. Para este autor, a narração, associada à ideia de história perfeita, assenta na capacidade de juízo por parte do historiador: primeiro, na selecção dos factos que serão objecto narrativo e da inteligibilidade das situações a descrever<sup>48</sup>; posteriormente, na capacidade de estabelecer, pela adequada expressão, um relato contínuo coeso, explicativo e agradável<sup>49</sup>; e finalmente ainda, através do juízo do leitor, de modo a captar o sentido e a utilidade dessa narração histórica<sup>50</sup>. Situação próxima, mas sem a valorização do juízo, e por isso sem a sua integração na conceptualização da história referida é a apresentada em *Da História*<sup>51</sup>. Ao contrário, em *Genio de la Historia* as formas narrativas são pouco valorizadas, em nada se diferenciando pelas regras que preconiza das dos outros géneros, sendo sobrevalorizado o estilo, mas sem lhe definir normas específicas sobre o uso da *elocutio* na história.

Observando os gráficos, e tendo por base a análise das obras, pode concluir-se genericamente que nos tratados renascentistas (este esquema não é aplicável a *Sigalíon*, texto em que a concepção de obra retórica é integrada numa estrutura discursiva, barroca, ou pelo menos de imitação adulta de modelos, na expressão de Fumaroli, a propósito da forma como Erasmo e Lipsius transformam o epistolário num género de reflexão individual<sup>52</sup>), ao desenvolverem-se mais os aspectos relacionados com a matéria histórica, esse alargamento de concepção se expressa nas formas de composição da obra, ou seja nos processos narrativos. Devido à lógica

---

argumentativa dada à expressão que simule realidade concreta e vivencial, ou seja, forma subtil de transmitir doutrina.

<sup>48</sup> “Primeiro, sejam seleccionados os factos que hão-de ser narrados. Segundo, que esses mesmos factos sejam ordenados convenientemente e com elegância em seus lugares. Uma e outra coisa dependem da natureza, do juízo, da arte, da imitação, do desígnio e de suma prudência.” Morcillo, *De Institutione*, p.11

<sup>49</sup> “Além disso, não se há-de escrever tudo o que é verdadeiro e tudo o que aconteceu, se nem for útil nem deleitoso de modo a aliciar facilmente o leitor, pela sua utilidade e pelo seu agrado. Será útil o que for honesto, o que for verdadeiro, o que servir de modelo para orientação da vida, por exemplo, os pareceres de pessoas importantes e prudentes; os decretos dos magistrados, os estratégias dos comandantes, os sucessos das guerras, a preparação das batalhas, as conveniências dos lugares, as vicissitudes dos tempos, e, enfim, todos os outros exemplos de factos e ditos excelentes.” Morcillo, *De Institutione*, p.13.

<sup>50</sup> Apenas Morcillo ensina o processo de leitura conveniente a um adequado entendimento (sequência 9), como se tratará no capítulo terceiro ou seja, a causa final apenas se concretiza com a assimilação, por parte do leitor, do que o autor escreveu.

<sup>51</sup> Apenas no cap. 5 da 2ª parte, “Do juízo das personagens” funcionando como sentença que finaliza o discurso, no sentido de tese aristotélica ou do propósito ciceroniano, cfr. Cabrera *Da Historia*, p.109

<sup>52</sup> Cfr. Fumaroli, *La Diplomatie de l'esprit*, op.cit., p.219.

aristotélica de que o primeiro e o maior são mais, e ao princípio defendido em *Retórica* de que a explicitação com exemplos era mais convincente, a observação da ordem de apresentação das matérias e dos aspectos mais tratados, com mais frases e frases mais longas<sup>53</sup>(ver gráficos com a visualização do número de palavras por frase ao longo das obras em análise, em Anexo II) nos vários autores, permite o entendimento de quais os elementos mais relevantes na conceptualização da história para cada autor.

E, por mais genérica que seja a argumentação apresentada, ela deve ser entendida, não como uma mera demonstração baseada em tópicos comuns (caso de *Génio*, versão A), mas como argumentação própria, por ser reveladora da diferenciação e da relevância da matéria historiográfica para o seu autor. O estilo interessa a San José porque, como se verá, é através dele que se elabora uma história-representação, que é a concepção por ele preconizada, e que corresponde a uma ideia de história exclusivamente integrada nas artes da Imitação.

O estilo e os aspectos de linguagem são menos desenvolvidos em Morcillo, porque, defendendo uma narrativa histórica próxima do discurso deliberativo, considera serem da formação do historiador os aspectos retóricos, valorizando por isso mais os elementos novos e que considera específicos e necessários à formação dos novos profissionais, isto é, os aspectos relacionados com a invenção e disposição (3.2 e 3.3). Sintetizando, como se pôde observar pelas figuras anexas, que apresentam a esquematização das obras historiográficas em estudo, elas foram concebidas e estruturadas a partir da concepção de causas primeiras. Comparando *Genio de la Historia*, com *De Institutione* e *Da Historia*, que usam e preconizam para a história o modelo retórico<sup>54</sup> - entendido como método de argumentação e forma de organização e expressão do pensamento, aplicado em matéria específica - verifica-se que, ao desenvolverem mais os aspectos relacionados com a matéria histórica, esse alargamento de concepção se expressa nas formas de escrita. Em Morcillo, mantendo uma concepção de obra e de expressão retórica, há uma valorização da perspectiva da história como actividade de conhecimento, anterior a objecto de linguagem, e por isso uma valorização do juízo, quer como actividade que é exigida previamente ao historiador, antes da escrita, na selecção dos textos e sua inteligibilidade,

---

<sup>53</sup> “Constan los períodos de vn miembro, dos, tres, o quatro. Llámalos el griego monócolos, dícolos, trícolas, tetrícolas. Algunas vezes constan de más de quatro, porque las cláusulas se hazen conforme al sentido de lo que se va escriuiendo, largas o cortas. Estas hazen más graue y recogida la narración en si mesma, aunque no tan agradable ni galante, valiente y fuerte sí. Sigue cada vno su naturaleza y hace la oración neruiosa con la arte”, Cabrera, *Da Historia*, p.143.

<sup>54</sup>Morcillo usa-o, mas não só não o preconiza como o refuta.

quer ao leitor, pois só através dele a informação dada pela obra será assimilada, isto é, transmissível e, portanto, útil - informação sistematizada nos capítulos 9 e 10 da sua obra. A mesma ideia é expressa por Cabrera, mas não desenvolvida ao longo do seu tratado, como se viu ao considerar que o fim da história é a prudência política.

É esta a grande diferença entre a história e a pintura no Renascimento: ambas as representações se afirmam, tornando-se essenciais à vida pública, pela sua força interventiva no quotidiano, que é ainda a do Ver<sup>55</sup>. Força que radica na apreensão "*espontânea*" da imagem, resultado da combinação de concreto, que se torna verdadeiro, através da visão, que a imitação da natureza logra, e da representação, que transforma ideais e memórias, em coisas vistas<sup>56</sup>. Esta efectiva capacidade de intervenção na vida dos homens ("ningun artificio [a pintura] entre los mortales merezca igual estima por todos"<sup>57</sup>) faz com que ambas pretendam o reconhecimento dos seus saberes, com a respectiva autonomização, integrados nas artes liberais. Surgem, a partir do século XV, Artes da pintura e da história, que situam a disciplina no quadro da enciclopédia do saber humanista, ensinam métodos e justificam a superioridade e merecidas dignidades dos seus conhecimentos, fundando-os numa comum concepção de Verbo (palavra e imagem) que interligam nos seus objectos desde as origens desses saberes, "demonstrando" quanto é uma unidade natural e por isso necessária - a história começou por ser hieróglifo<sup>58</sup> isto é, imagem, o que lhe reforça a nobreza, quer pela antiguidade da existência, quer pela dignidade da representação visual.

---

<sup>55</sup>"Si las figuras y simulacros hechos por mano de artífices, despiertan para imitar lo representado en ellas (causa porque hizo Augusto César el teatro de las estatuas de los héroes de su república), ! cuánto mejor mouerá la historia, que muestra la compostura y delineamento del cuerpo, faciones del rostro, virtudes y passiones del animo, que hizieron a los claros varones dignos de inmortal memoria! Pues como dizen Salustio y Libio, hablando de las estatuas con elegancia, llena esta fuerça la representación de sus hazañas, que los pechos generosos enciende para imitar aquella virtud premiada con emulacion de la gloria que alcançaron" Cabrera, *Da Historia*, p.12.

<sup>56</sup>que el pincel no lo pintará mejor y delineará, las figuras y afectos de cada vno, con la figura *aposiopesis*. ", Cabrera, *Da Historia*, p.86.

Pela simulação do ver, torna-se concreta a imagem e o conceito, tornando assim vivencial o pensamento. Por isso a Contra-Reforma vai recomendar, nos exercícios espirituais, que a oração se associe a imagens, que, aproximando, tornam essa oração sensível e concreta, desencadeando empatia. Este processo, comum a todas as formas narrativas, é conseguido através de figuras de dicção, do uso de verbos de percepção e sensoriais e de expressões apelativas, que provocam efeitos de presença. Jerónimo de San José refere-se sistematicamente à sua narrativa da vida de S. João da Cruz como pintura e dibujo: "Lo mismo me sucedió en otro caso de pintura escribiendo la Vida de nuestro V. P. Fr. Juan de la Cruz".

<sup>57</sup> Alberti *Da Pictura*, op.cit., p.113.

<sup>58</sup>Cfr. *Genio B*, p.262.

A tradicional concepção de Verbo, expressão da Ideia, visualizada no nome, na imagem e na coisa, que assim liga ontologicamente história e pintura, sintetizando-as no Ver, sendo por isso a língua e as artes pictóricas duas narrativas da mesma ideia, desenvolvida e teorizada no Renascimento a partir do tópico horaciano e de Plínio, vai ajudar à fixação de uma hierarquia de sentidos e de linguagens, assentes no Ver<sup>59</sup>, tendo como consequência a conceptualização da pintura e da história como um artifício, que exige um conjunto engenhoso de regras.

A concepção elaborada de composição (integrando *inventio* e *dispositio*), a sua organização e formas de expressão estética e os pressupostos subjacentes aos estilos e formas de linguagem tornam-se semelhantes, pois a linguagem pictórica, estruturada segundo o mesmo princípio da arte como imitadora da natureza<sup>60</sup>, passa a assentar numa mesma concepção tripartida de invenção (referida como contorno em Alberti de acordo com os clássicos), disposição a que chama composição<sup>61</sup> (sobrevalorizando os pintores de influência platónica seiscentistas o conceito de desenho interno) e colorido (teorizado como tom e luz, pela primeira vez também, com Alberti).

Por estas razões, decidiu-se analisar comparativamente os tratados de história com os de pintura, tendo-se escolhido como base o

---

<sup>59</sup> "[ a maior perfeição de linguagem ] es lo que se pinta escritura sin lengua, como lo que se escribe pintura con ella. Aquí recibe perfección lo uno y lo otro, pues se escribe con tanta hermosura, como si se pintara, y se pinta con tanta pureza, como si se escribiera».

Comentário feita pelo censor, Tomás Tamayo de Vargas, a propósito de *Dibujo del Venerable Fr. Juan de la Cruz, primer Descalzo* (Madrid, 1629), de Jerónimo de San José.

<sup>60</sup> Leonardo da Vinci retoma o tópico horaciano de que a natureza e os clássicos esgotaram da *invenção*, só sendo a superação possível pela imitação: "(...)Masaccio, demostró con perfecta habilidad que los pintores que con arrogancia tomaban otros modelos que la Naturaleza, maestra de los Maestros pintores, estaban trabajando en vano (...)La pintura(...) obliga a la mente del pintor a transformarse en la mente de la naturaleza misma y a traducir entre naturaleza y arte, fijando, con la naturaleza, las causas de los fenómenos naturales regulados por las leyes naturales", Michael Baxandal, *Pintura y vida cotidiana en el Renacimiento*, Barcelona, G.G., 1982, p. 168.

<sup>61</sup> Michel Baxandal considera que o conceito de composição criado por Alberti diz respeito a uma unidade ao nível da elocução, estabelecendo-lhe analogia com o período (oração gramatical). Afirma-o em *Les Humanistes à la découverte de la composition en peinture 1350-1450*, Paris, Seuil, 1989 (1<sup>o</sup> ed. 1971), p. 161 e repete-o em *Pintura y vida cotidiana en el Renacimiento* op.cit., p. 168.

Alberti estrutura a pintura através do esquema tripartido de circunscrição, composição e recepção da luz, referindo-se deste modo à composição: "La composición es aquella razón de pintar por la que se conocen las partes en una obra pictórica. La mayor obra de un pintor no es un coloso, sino una historia; Las partes de la historia son cuerpos. Una parte del cuerpo es un miembro, y una parte de un miembro es una superficie", mostrando assim tratar-se da disposição e não da forma de ornamentação dos objectos.

Cfr., Alberti, *Da Pictura* op. cit., p. 122.

Sobre as ligações entre arte e humanismo ver ainda André Chastel, *Arte y humanismo en Florencia en la época de Lorenzo el Magnífico*, Madrid, Alianza, 1982.



de *Da pictura*<sup>62</sup> e o do sevilhano Francisco Pacheco<sup>63</sup>. Seleccionou-se este teórico por ser coevo dos tratadistas em estudo, e apresentar não só uma concepção de obra similar (valorização da disciplina, integrada num esquema de reconhecimento social e autoridade do saber, definição teórica e regras de elaboração), mas idênticos exemplos, citando os mesmos clássicos, e recorrendo aos mesmos princípios de persuasão assentes numa lógica argumentativa exclusivamente dedutiva, como os usados por San José e, embora em menor grau, por Cabrera. Alberti é escolhido por ser o primeiro que, teoricamente, e num tratado de pintura, defende a sua integração nas artes liberais, concebendo-a já, não apenas como desenho e cor, mas como ideia (contorno), composição, luz e tom, isto é como espaço geométrico, objecto de conhecimento, sujeito às leis da geometria. Aliás, o próprio tratado *Da Pintura*, desde as duas dedicatórias, a primeira ao Príncipe de Mântua, e a segunda a Brunelleschi, revela-se um modelo do discurso humanista: com linguagem simples e grave, de acordo com o exemplo de Séneca e de Tácito, em versão latina e vernácula (pois, segundo refere na dedicatória, o exemplar oferecido a Brunelleschi estava escrito em italiano, tal como Bruni fizera com a sua célebre *Historia*, e Juan de Mariana, com *Historia de España*), apresenta a pintura como um saber que integra geometria, retórica, estudo de clássicos e imitação (da natureza e de outros modelos).

A pintura, reunindo assim competência específica e genérica, agora introduzida no quadro geral dos saberes humanistas, surge, desde a primeira frase da dedicatória de *Da Pintura*, incluída nas artes liberais. Com efeito, Alberti, de forma sintética, apresenta no primeiro período do livro o ideário humanista integrado numa concepção de obra virtu: pelo protocolar envolvimento de autor e leitor (ideal<sup>64</sup>), surge com toda a naturalidade a pintura, arte liberal, como saber (necessário) à perfeita paideia. O pintor-humanista termina, como recomenda o protocolo epistolar dos exórdios, pedindo ao mecenas<sup>65</sup> protecção para o seu saber.

<sup>62</sup> Na mesma época que Alberti, Cennino Cennini escreveu *Il Libro dell'Arte o trattato della Pittura*, que permaneceu manuscrito. Texto longo, em que ensina formas concretas de desenhar diferentes tipos de objectos, considera ainda a pintura como "El fundamento dell'arte e di tutti questi lavorii di mano principio, è il disegno e'l colorire" *IL Libro dell'Arte o trattato della Pittura*. Milano, Longanesi, 1984, p.31.

<sup>63</sup> *El Arte de la Pintura* (concluída em 1641 e publicada em 1649), Madrid, Catedra, 1990.

<sup>64</sup> Um dos tópicos do exórdio é o da humildade, ficando assim demonstrada a virtude do seu autor. Por isso a obra surge quase sempre como o produto de um acto de obediência e não de amor-próprio e vaidade, pedindo em seguida o autor como recompensa do serviço a sua protecção e a daquele saber metonomizados no livro.

<sup>65</sup> "Ilustrísimo Principe de Mantua. Estos libros sobre pintura, principe ilustrísimo, deseo entregarte porque he sabido que te deleitas de modo maximo con estas artes liberales, pues con ellos entenderás,

Esta comparação de discursos normativos, potenciais produtores de conhecimento, com os seus produtos, ajudou não apenas a situar a construção da história no quadro dos saberes modernos, como a re-equacionar a funcionalidade da teoria da Imitação no Renascimento espanhol.

Ambos pretendem apresentar uma história viva, que prenda a atenção do espectador (aproximando-o da mensagem e do autor), e que o afecte espontaneamente, de modo a que o deleite se vá naturalmente revelando<sup>66</sup>. Para isso, baseiam-se nos mesmos princípios estéticos de unidade, proporção, clareza harmónica e verosimilhança, que se concretiza, a partir de uma comum ideia de invenção e de disposição em que o tema é desenvolvido, de modo às partes resultarem unas entre si<sup>67</sup> e coesamente ligadas ao todo<sup>68</sup>, e em que, através da variedade de técnicas ornamentais e de expressão<sup>69</sup>, se faz ressaltar a unidade da estrutura, visualizada na apreensão da mensagem.

Estas técnicas de ilusão narrativa são definidas, no caso da pintura, por Alberti, sobretudo no livro segundo do seu tratado, mas pressupondo os conhecimentos divulgados no livro primeiro, sobre geometria e perspectiva. Com efeito, a sua inovação face a Plínio<sup>70</sup> foi a de ter criado anteriormente (no sentido aristotélico) ao objecto-visível, e sob ele, um espaço geometrizado, sem materialidade, apenas constructo mental, possibilitador da construção de uma perfeita ilusão da tridimensionalidade. Por analogia com o conceito retórico de invenção, mas fundando-o também na geometria, Alberti introduz nesta dupla perspectiva a ideia, como elemento segundo na conceptualização da

---

cuanto ocioso los hayas leido, cuánta luz y doctrina he extraído con in Génio y trabajo de estos mismos libros. Y como tienes constituida una ciudad pacífica y bien gobernada por tu virtud (...) en la gloria de las armas y la pericia de las letras, no tengas nuestros libros negligidos en lo más mínimo", Alberti, *Da Pictura*, op.cit., p. 83.

<sup>66</sup> "La Historia esta dedicada a la enseñanza de los Grandes; y el Maestro de vn Principe necessita de diverso porte que el Ayo de vn Ciudadano. Todas (...) que la vtilidad sin adorno, y con desaliño tiene poco atractivo para ganar voluntades, y es menester componerla, y adornala, para obligar a que la sigan. (...) Y vna Historia, por muy vtil que sea, durara poco tiempo, sino tiene algun atractivo, o hechizo de el gusto, que le sea preservativo cõtra el vltirage de los años. (...) Los atavios se deven conformar con las edades, condiciones, y empleos. Vn plumage parece bien sobre la cabeça de vn Capitan, y muy mal sobre la de vn Presidente (...)." "Garcia, *Arte de Historia*, pp. 216 e 217.

<sup>67</sup> Invenção retórica que Alberti introduz na concepção pictórica com o nome de contorno.

Cfr. Alberti, *Da Pictura*, op. cit, p.110-143.

<sup>68</sup> Correspondente à disposição e composição para Alberti, estruturada segundo o principio de unidade, variedade, concisão e clareza comum a todas as *artes narrandi*.

<sup>69</sup> Através da pureza da palavra e figuras de dicção e de pensamento para os retóricos; luz e desenho para Alberti, pois chama luz à elocução .

<sup>70</sup> Para Plínio a pintura era contorno e cor.

Cfr. Plinio, *Textos de Historia del Arte*, Madrid, Visor, 1988.

pintura. Esta ideia-contorno, que corresponde simultaneamente à capacidade de desenvolver o tema através de imagens e em conseguir transferir os objectos, resultantes da observação, na justa proporção para o espaço do quadro - já previamente concebido como unidade de conhecimento que integra um potencial de superfícies - é feita pela utilização do olho como duplo instrumento de conhecimento: através da visão sensorial observa-se a natureza, e através da visão-constructo geométrico transfere-se essa imagem da realidade tridimensional para o plano, que passa assim a criar a ilusão.

A inteligibilidade do real, dada através da visão e da concepção estética do autor, associada à capacidade de representação universal dos juízos, foi conseguida pela pintura, porque logrou conciliar num mesmo objecto de conhecimento geometria aplicada ao plano e retórica: "nadie podía llegar a buen pintor si ignoraba la geometria. Luego de esto, será que se deleiten con los poetas y retóricos. Pues estos tienen muchos ornamentos comunes con el pintor(...) y los literatos, cuya principal alabanza consiste en la invención. Y esta tiene la fuerza de que es la única que deleita sin la pintura"<sup>71</sup>.

Sendo idênticas na pintura e na história a formalização da obra, a organização da narrativa, os princípios a que obedece a sua expressão, ornamentação<sup>72</sup> e estilo, a divergência situa-se na conceptualização, bem explicitada, aliás, por Alberti, ao defini-la como geometria aplicada. Ao considerar que não pertence à pintura o que não pode ser compreendido pela vista<sup>73</sup>, e que o quadro se reduz ao ponto - signo mínimo, que pode ser entendido como uma referência ao ponto visível, criador da linha, e ao ponto geométrico, fundador do ponto de fuga e das várias superfícies onde se vão desenhar os diversos membros dos corpos que compõem o quadro - está, através do conceito unitário do *Ver*, a introduzir na tradicional unidade estética (dependente da noção de Criador, de realidade, de conhecimento e de processo de imitação) uma nova

---

<sup>71</sup> Alberti, *Da Pictura*, op.cit., pp.144-145.

<sup>72</sup> A representação pictórica assenta em princípios e códigos idênticos aos da palavra. Por exemplo, a organização hierárquica de nome, reveladora da concepção ontológica de conhecimento, está presente também no quadro, quer pela selecção das coisas-imagens de acordo com a hierarquia das coisas que o compõem, como pela analogia elemento-cor (cinzento-terra-verde, água-azul-ar, vermelho-fogo, caridade- branco, pureza, negro-humildade, amarelo-dignidade, segundo os códigos estabelecidos por Alberti), como na própria materialidade das tintas, em que, por exemplo, o azul celeste, o mais caro, apenas era usado no manto da Virgem: "azul de dos florines para la Virgen y azul de un florín para el resto",acentuava a distinção teológica, o, dulia reverencia aos padres, santos e Anjos, hyperdulia para a Virgem, latria, em ouro, para a Trindade,"

Cfr. Baxandal, *Pintura y vida...*, op. cit., pp. 109-110.

<sup>73</sup> "que aquellas cosas que no son comprendidas por el ojo, nadie niega que no conciernen al pintor. Pues el pintor sólo estudia imitar las cosas que son vistas a la luz", Cfr. Alberti, *Da Pictura*, op.cit., p.86.

conceptualização. Com efeito, ver é também o ver intuitivo-geométrico de apreensão da realidade (circunscrição), a luz (Alberti substituiu a tradicional concepção de colorido pela de luz, branco e negro, que não sendo cor é a origem de todas elas). Luz real e luz ontológica, princípio das coisas, porque as torna vistas, e esplendor da verdade, estabelece a ligação entre o homem e os objectos do seu conhecimento, como entre o homem e o Criador desses objectos. Na ideia, luz do espírito, está a génese dos objectos que compõem o quadro; sendo pela experiência visual trabalhada pela mente, pela luz e sombra, que se cria o relevo, o qual imita (superando) a realidade<sup>74</sup>.

O ver relacionado com o acto material da pintura, ou da escrita, despertando emoções ao autor, provoca-lhe a adesão ao quadro, permitindo uma perfeita criação, pela visão que deleitará os leitores: “Abriose sin estrepito, y ofrecio a mis ojos una virgen hermosissima, vestida de una estola candida. Eran sus cabellos como los rayos del sol, la frente tersa, los ojos christalinos, y todas las demas facciones con tan perfecta simetria que aunquesupe admirarla, no sabre referirla. Delineada está en mi fantasia, *pero ni abrá pincel que sepa correr las lineas, ni yo podre explicar sus perfecciones con palabras*. Sea don a tus Aras, pues de ti tubo principio, y el fin deseado. Asistale tu luz; para que salga a la luz comun, que concebido en claridades no puede ocultarse en sombras” - assim é retratada, em *Sigalión*, Candida, filha de Minerva, a quem simbolicamente Pulgar dedica a obra.

Conseguir pela escrita a transmissão da ideia pictórica era um sinal da sua capacidade de criação. Tópico clássico, no Renascimento vai servir de modelo e mote, sobretudo na poesia, em que, através da imitação de Virgílio<sup>75</sup>, se pretende pela rima criar musicalidade visual<sup>76</sup>.

---

<sup>74</sup>Na linguagem verbal, tal *evidência* consegue-se pela concepção e através de figuras artificiais, sendo ainda a aplicação do princípio aristotélico *enargeia*, base da elegância e da distinção da expressão: “llamo saltar a la vista a que <las expresiones> sean signos de cosas en acto”, Aristóteles, *Retórica*, Madrid, Gredos, 1995, p.523.

As figuras artificiais são assim definidas por Garcia: “puede nacer con mayor ventaja, y modo mas noble de ciertas luces, que pasan del entendimiento del Autor a su imaginacion, y penetran las imagines que alli encuentran; y bueltas luminosas, las trasladan a la diction de donde reverberan facilmente su luz por la vista, ò por el oido al espiritu de los que leen, (...). Esta claridad es la mas bella, y la mas rica; pero es rara, y no procede, sino de ciertos ingenios luminosos, (...)”, *Arte de Historia*, p. 234.

<sup>75</sup>(...) a linguagem (...) combina com todas as coisas que nós costumamos enunciar e expor, e, desse modo, é uma só; no entanto, porque se acomoda a este e àquele variado assunto, ela mesma também é variada.(...) A música não é uma só coisa, que se ocupa da combinação e harmonia dos sons?(...) E, sendo a mesma, a que é apropriada para flautas é diversa da que se destina à cítara e à lira? (...) - Ora, que coisa há mais semelhante à linguagem do que a música? Ela, que é capaz de encantar os ouvidos e as mentes dos homens, de os comover, de os emocionar ...(...) É realmente uma só a linguagem com a qual se exprime cada coisa. Mas, quando é usada em fábulas e coisas fictícias, é poesia; quando usada em disputas filosóficas e assuntos de grande importância, a linguagem é filosófica e circunspecta;

Por isso Cabrera insiste na necessidade de criar ritmo na frase<sup>77</sup> e os tratadistas da história se referem à narrativa histórica como pintura, tentando recriá-la não apenas através dos já referidos artifícios de expressão, ao nível da elocução<sup>78</sup>, mas da própria ideia da disposição através de suaves digressões ou descrições, pelos convencionais *locus amoenus*, bem ao gosto da tradição literária renascentista.

Se Alberti concebeu a superfície como espaço geométrico, em que os contornos dos vários "membros" se desenhavam proporcionalmente, os retóricos, mormente os barrocos, ensinaram através do verbo<sup>79</sup>, dos nexos<sup>80</sup>, que envolvem e simulam o silogismo retórico, sobretudo o entimema aparente<sup>81</sup>, sistematicamente apresentado através de teses

---

usada em conversação vulgar, é coloquial; usada em narrativas de factos, chama-se histórica."Morcillo, *De Institutione*, p. 80.

<sup>76</sup> La elegancia no está sólo en las palabras, sino en su buen asiento, orden, juntura y composición, frasis, constitución suave y sonoro hilo. En la junta se trabaja, porque no cada dicción propiamente se puede juntar a cada verbo y en la composición para que sea agradable y numerosa; constitución de palabras, con cuyo beneficio corre la oración igual. Consta del número, coagmentación, buen sonido y medida de cláusula, con que toda la arte (...) y es una musica que saca y libra", Cabrera, *Da Historia*, 139-140.

<sup>77</sup> Cabrera, *Da Historia*, cap.25, p.142.

<sup>78</sup> "Este ornato,(...). Hace de componer de tres cosas, de la elegancia de las voces, de su justa disposición, y de ciertas luzes de sentencias, y figuras, que brillan a los ojos del Letor, y dan lustre a la dición. (...) La disposición contribuye a la elegancia, quando tiene numero, y medida; y este numero, y medida causa al oído del espíritu vna cierta armonia, de que los oídos barbaros no son capaces. (...) "García, *Arte de Historia*, pp.218 e 219.

<sup>79</sup> A função do verbo na criação do sentido da frase é assim caracterizada por Gracian, "El nervio del estilo consiste en la intensa profundidad del verbo: Hailos significativos, llenos de alma, que exprimen con doblada énfasi, y la sazónada elección dellos haze perfecto el dezir (...) Preñado ha de ser el verbo, no hinchado [era a característica defeituosa do estilo grave, segundo Cícero] : que signifique, no que resuene: verbos con fondo, donde se engolfe la atención, donde tenga él qué cevarse la comprensión", Agudeza, nº60, cit.por *Historia de La Cultura española. El Siglo del Quijote 1580-1680. Las Letras. Las Artes*, vol.2, Madrid, Espasa-Calpe, 1996, p.128.

<sup>80</sup> Sobre as locuções e ligação de frases diz Cabrera: "Suelen errar en el texer los períodos; su orden, conexión y número se guarda con las particulas (...)", *Da Historia*, 2ª P., cap. 24 e 26.

"Em primeiro lugar, que as palavras sejam (tal como em toda a narração latina) próprias, selectas, de uso corrente e harmoniosas; que não sejam novas ou demasiado obsoletas, ou grosseiras. Essas ocorrem com frequência em Salústio, que parece que teve muita simpatia pela velhice nas palavras.(...)E o nexos das palavras seja também latino, puro, terso, nítido e sempre semelhante ao oratório, e algumas vezes semelhantes ao poético, mas mais raramente.", Morcillo, *De Institutione*, p. 40.

<sup>81</sup> Na aprovação dos Autos de 1677, o censor comenta do seguinte modo a obra de Calderón: "elevó la comédia a ciencia en perfecto silogismo, proponiendo, dificultando y resolviendo", in *Historia de La Cultura española. El Siglo del Quijote 1580-1680. Las Letras. Las Artes.*, vol.2, op.cit., p.110. Calderón, tal como era comum na prosa, introduz nos seus versos a sugestão de raciocínio lógico, quer pelos verbos usados (arguir, inferirse, concluir), quer pelas conjunções com que articula as frases (supuesto que\ luego que\ de suerte que\ la consecuencia\ apriori): "Que arguya desto, no se, ...Esta las premisas son /de la ruina que me espera. (...) Pues desta causa se infiere /que él aborrece, ella la ama". Jerónimo de San José recorre com uma funcionalidade estritamente semântica abundantemente a estes habituais ordenadores lógicos: *probado habemos como ai*, bloco 4731; *de donde se sigue*, 483; *de donde se infiere*, 486; *digo pues*, 4718; *i todo en ello*, 4723; *quedan pues reprobados*, 4707; *que todo esto es, el ser fuera de toda duda*, 4731; etc. Ver apêndice final com excertos de *Genio* por blocos.

metaforizadas em exemplos<sup>82</sup>, da metáfora<sup>83</sup> e outras figuras de estilo<sup>84</sup>, a criar e a mostrar a *ilusão* de *visto* e de *tempo*. Na narração histórica, a narratividade e o sentido que se quer dar a essa duração-acção são introduzidos predominantemente pela expressão verbal, funcionando os advérbios locativos como especificadores do sentido temporal. Os clássicos tinham bem presente a importância do verbo na construção da frase, na criação de viveza e do sentido do enredo, sendo por isso bastante desenvolvida a aprendizagem relacionada com a sua conjugação, não apenas nas Retóricas, mas inclusive nos Exercícios Preparatórios, apresentando através de um enunciado inúmeras possibilidades de com ele interpelar o leitor, de modo a obter o resultado pretendido<sup>85</sup>.

---

<sup>82</sup>Facilmente detectadas pela existência de *como* e/ou *si*, pela extensão e acumulação de vírgulas e copulativas. Cfr. *Genio de la Historia* - ver apêndice final com a transcrição de frases com mais de 6 vírgulas ou de 6 copulativas.

<sup>83</sup>"Metáfora es tropo de dicción en que la voz por similitud de la propia sinificaci3n, passa en la agena, diciendo *pecho de diamante, 3nimo de acero, coraç3n de piedra*. No es vulgar ni humilde, para que aumente los vocablos y manera de bien dezir, con variedad, dignidad y hermosura en la oraci3n. Vsan della, por las cosas celestes, elementos, hombres, brutos, piedras, metales, rios, montes. No ay cosa de cuya sinificaci3n propia en menos propia no se transfiera. P3ssase de los sentidos al 3nimo o a las cosas que caen debaxo de sentido o a las que se perciben con el entendimiento." Cabrera, *Da Historia*, 2ªP., cap. 21, pp.134-135; Fuentes y G3zman, *Preceptos*, pp.31-34 e J.Costa, *Conscribenda*, pp.70-106.

<sup>84</sup> "Los tropos, que tocan a las palabras, y las figuras, que a las cosas y a las sentencias, hermosean y engrandecen la narraci3n. El tropo muda la sinificaci3n propia por naturaleza die la dicci3n en la agena, donde se dessea como propia por necesidad.(...)Toda mudançã de nombre se haze de com3n en propio, deste en fingido, de los efetos en las causas, destas en los efetos, de falso en verdadero, de semejante en semejante, de muchos en vno, de los opuestos en los opuestos, de las cosas comparadas a las comparadas, del todo en la parte, desta en el todo. Las figuras son: *met3fora, alegoria, metalepsis, ep3teto, onomatopeya, sin3doche, metonimia, catacrexis, iron3a, hyp3rbole*; est3n en mudar la sinificaci3n y la dicci3n, en que palabras singulares vnas por otras se ponen. No de todas vsa el historiador, porque desconuienen algunas a su estilo y rigor.", *Da Historia*, p. 133.

<sup>85</sup> Teon exemplifica da seguinte forma os sentidos que se conseguem, expondo os factos por enunciaç3o, interrogaç3o, indagaç3o, d3vida, negaç3o, ordem, s3plica e desejo, jura, comparaç3o, etc: "As3 pues, en lo que respecta a la inversion de la disposici3n hemos de ejercitarnos de ese modo. Puesto que estamos acostumbrados a exponer los hechos unas veces como enunci3ndolos, otras como haciendo algo m3s que enunciarlos, otras como interrogando, a veces como indagando, en algunas ocasiones como dudando, otras veces como ordenando, otras como suplicando, otras como jurando, otras como apelando, otras como suponiendo y otras como conversando, es posible, por tanto, exponer con variedad las narraciones seg3n todos esos modos. Tuc3dides, en efecto, en el comienzo del libro segundo de sus *Historias* expuso la siguiente narraci3n siguiendo el modo de la enunciaci3n : «Poco m3s de trescientos tebanos, en torno al primer sueño, entraron armados en Platea de Beocia, que era aliada de los atenienses». Pero si nosotros quisi3ramos hacer algo m3s que enunciar, diremos como sigue: «La llegada de los tebanos a Platea ha sido, seg3n parece, causa de importantes acontecimientos para atenienses y lacedemonios, asi como para los aliados de unos y otros, pues poco m3s de trescientos tebanos, en torno al primer sueño, entraron armados en Platea de Beocia », y as3 enlazaremos el resto de la narraci3n. Si quisi3ramos interrogar, diremos as3 : «Es, acaso, verdad que poco m3s de trescientos tebanos, en torno al primer sueño, entraron armados en Platea de Beocia?», y as3 exponaremos lo que sigue en modo interrogativo. De la siguiente manera podr3amos indagar: «Qui3nes eran los tebanos que en un n3mero aproximado de trescientos, en torno al primer sueño, entraron armados en Platea de Beocia?», y el resto lo exponaremos indagando. El dudar y el interrogar, en lo que respecta a la entonaci3n, en nada se diferencian entre s3, por lo que nos bastar3

A expressão verbal no barroco sofre ainda maior desenvolvimento e teorização integrando, através dos argumentos verbais, locuções de sentido lógico<sup>86</sup> - *el ser fuera de toda duda, de donde sigue, de donde se infiere, queda respondido, digo pues, quedan pues* (reprobados), *que todo eso es, provado avemos como ai, por supuesto que, desde ya, que ahora, que despues, que despues de, que luego que, assi que* - de modo a provocar uma construção dinâmica de aparência lógico-silogística e cuja conclusão surge como necessária, por simular o raciocínio sobre o verdadeiro. Esta a razão por que será dado tanto desenvolvimento ao estudo do comportamento morfossintáctico do verbo. Por outro lado, as

---

con cualquiera de ellos, pues tanto si interrogamos como si dudamos entonaremos del modo siguiente: *Es, acaso, el insomnio la más charlatana de todas las cosas?*,” Teón, “Ejercicios de Retórica”, in *Teón, Hermógenes e Aftonio, Ejercicios de Retórica*, Madrid, Gredos, 1991, pp.93-94.

Exercício também explícito é o de Hermógenes: “Las modadilidades de los relatos son cinco: enunciativa recta, enunciativa oblicua, demostrativa, asindética y comparativa. Así pues, enunciativa recta, por ej.: «Medea era la hija de Eetes. Ésta entregó traidoramente el vellocino de oro». Se llama «recta» porque en todo el relato o en su mayor parte se mantiene fiel al caso nominativo. Enunciativa oblicua, por exemplo: «Se cuenta que Medea, la hija de Eetes, se enamoró de Jasón», etc. Se llama «oblicua» porque también admite los demás casos. Demostrativa es la siguiente modalidad, por exemplo «Qué acto terrible, pues, no realizó Medea? No se enamoró de Jasón, entregó traidoramente el vellocino de oro y dio muerte a su hermano Apsirto?», etc. Asindética es como sigue: «Medea, la hija de Eetes, se enamoró de Jasón, entregó traidoramente el vellocino de oro, mató a su hermano. Comparativa es la siguiente modalidad: «Medea, la hija de Eetes, en lugar de mantenerse casta, se enamoró; en lugar de guardar el vellocino de oro, lo entregó traidoramente; en lugar de salvar a su hermano Apsirto, lo mató». Así pues, el caso recto es adecuado para las historias, pues resulta más claro; el oblicuo, sobre todo para los debates; el demostrativo conviene a las pruebas y el asindético a los epílogos, puesto que es patético.” Hermógenes, *Ejercicios de Retórica*”, op. cit., p.178.

A forma como o verbo produz efeitos de presença, apelação, etc, será tratada sistematicamente no próximo capítulo. Sobre as formas de cortesia que a expressão verbal transmite ver *La Cortesia Verbal*, de Henk Haverkate, Madrid, Gredos, 1994.

<sup>86</sup> Cabrera considera dever-se usar as seguintes locuções e expressões, que aliás não cita. Com efeito, a contagem de frequência destas expressões no tratado mostrou que muitas delas só uma vez eram referidas, apenas quando as enunciava como norma.

TEXTO	Contagem
no se ha de passar en silencio	1
vna cosa conuiene dexar	1
acabada será la dificultad	1
a esto es cercano	1
por lo qual	1
esto sólo adjuntaré	1
si aquello añadiere	1
al mesmo toca	1
a esto pertenece	1
a esto se allega	1
por esta causa	1

Cabrera, *Da Historia*, p.144

TEXTO	Contagem
es próximo	1
es semejante	2
acaeció esto	1
a estas	2
a esto	7
en parte	4
por esto	10
al extremo	1
la disputa	1
verdaderamente	3
ciertamente	1

metáforas e outras relações de analogia semântica, geralmente associadas a entimemas aparentes, e por isso geralmente portadoras de sentenças, possibilitam, através das linhas paradigmáticas que criam, o reforço da dimensão lógico-temporal marcada pela expressão verbal. Com efeito, o processo comum de apresentação de teses é através de *si*, muitas vezes associada à negativa<sup>87</sup>. *Si* transporta teses, teses-práticas, concretizadas em exemplos, sendo ainda a partícula pronunciativa do processo argumentativo por comparação (*como* é o elemento geralmente usado na analogia metafórica). Conforme *si* for estando associado, e reforçado, por elementos negativos, interrogativos, interjeições, ou outros elementos criadores artificiais de sentido<sup>88</sup>, maior valor argumentativo pretende ter aquela enunciação.

Nos textos em análise, a maioria das frases começadas por *si* não significa uma condição contingente, funcionando essa conjunção como elemento introdutor de juízo, lógico ou factual, cuja argumentação desenvolvida remete para o carácter imperativo da enunciação, que assim tem o valor categórico universal de tese<sup>89</sup>.

Pintura e história criaram no Renascimento artificios visuais que em Seiscentos questionaram os modelos antigos, transfigurando-os. Na língua surge a partir de Góngora, Quevedo e Calderon, um forte movimento em torno da "language nova". Integrando-se nessa controvérsia, Jerónimo de San José, na versão de 1651 de *Genio de la Historia*, e posteriormente Francisco Garcia, na tradução da obra do Pe.Moyne, *Arte de Historia*, comparam Ticiano com Rafael, para

---

<sup>87</sup> "verdad de la tradición no menos emanó de la gracia del Espiritu Santo, que la escritura sacra, (...)¿Qué libros dezimos y confessamos ser dictados por el Espiritu Santo, sino persuadidos por la tradición diuina de la Iglesia? Luego si la autoridad de la escritura sacra cerca de los fieles, supone la de la tradición y se funda en ella, conforme a razón se ha de dezir que la autoridad no es inferior a la firmeza de la escritura sacra y que no vale menos para instruir en la fe y costumbres santas a los fieles, pues haze pie y fuerça en las tradiciones que no tienen menor autoridad que las escrituras sagradas", Cabrera, *Da Historia*, p. 69.

<sup>88</sup> "Auméntase el sentido por auxesin, todas las veces que por ciertos grados se viene, no sólo a lo sumo, sino a lo sobresumo; como dezir, a su madre *mató* Nerón, ¿qué diremos más? *Nerón mató* a su madre que *le engendró, crió, alimentó*. Esto mismo se aumenta por detestaciones y exclamaciones, como: ! *o detestable mal dad, o espectáculo horrendo, o infeliz vientre, o miserable fecundidad de madre miserable, o esterilidad*, cuánto le fueras mejor!" Cabrera, *Da Historia*, p.138. Ver ainda do capítulo 29 ao 33 da 2ª Parte.

Sobre a interrogação e outras figura afectivas ver ainda Perelmann, *Tratado de la Argumentación*, Madrid, Gredos, 1989, p.255.

<sup>89</sup>Se, seguido do verbo no indicativo define uma norma com valor de certeza:"si nadie puede escriuir sino sólo lo que ha visto, condenen con este titulo [a] griegos y latinos(...)Yo digo, *es la historia* ...". "Considerando que no suele ser la narración de vna cosa vniforme, aún entre los que lo vieron, en la aueriguación de los sucessos, en los hechos de armas, tenga gran cuidado e inteligencia el capitán general fiel de la verdad de la historia", Cabrera, *Da Historia*, pp.24 e 72.

Enquanto o pretérito mais que perfeito é o tempo usado para a refutação, que se pretende negar, funcionando semanticamente com valor de conjuntivo, tempo da não-realidade.



concluir sobre as vantagens de uma certa obscuridade no estilo<sup>90</sup>. Tese de difícil defesa, como se verá, para um historiador, já pela associação da história ao género deliberativo, já porque os conceitos de barbarismo e obscuridade se opunham aos de latinidade e pureza da língua, as duas virtudes da elocução, universalizadas desde Cícero. Problema que San José resolve argumentando que a inovação é possível desde que por ela se logrem os princípios de brevidade<sup>91</sup>, clareza, igualdade e proporção<sup>92</sup> (que é, geralmente, nas coisas humanas desproporção<sup>93</sup>), pureza e evidência, sendo, no entanto, permitida a difusão e a novidade, desde que criada por doutos<sup>94</sup>. Ou seja, fundamenta - e defende - a linguagem barroca nos mesmos princípios clássicos de ordem, verosimilhança e decoro, sintetizados em *Genio A*, com as palavras com que o Papa definiu a obra de S. Tomás: brevemente, *copiosamente*, claramente e seguramente<sup>95</sup>.

Mas já foi difícil à história no Renascimento criar um *Ver* analítico, anterior, e que suportasse o ver que as linguagens transmitem. Ao definir-se como narrativa, a história incorpora triplamente a dimensão retórica: no nível conceptual, da definição, formação do seu próprio objecto, e teoria da argumentação, integradas numa teoria realista de conhecimento; formal, da concepção e organização da obra; e estilístico, como já repetidamente se assinalou. Esta excessiva subordinação às estruturas e formas do *pensar* e do *dizer plausível*, e por isso não-necessário, dificultou a conceptualização do objecto histórico como objecto de conhecimento diferenciado de outras artes narrativas. Por exemplo, Morcillo, que introduz na teorização da história a explicação da realidade (especialmente no que aos aspectos político-militares se refere), sugerindo ao leitor um processo de observação e análise semelhante ao método indutivo<sup>96</sup> - assim se diferenciando de Cabrera, para quem os testemunhos e vestígios materiais são elementos

---

<sup>90</sup>“Y es así, que este subir el estilo ha de ser en ciertos grados, y con tal arte y temple, hurtándose al ordinario y vulgar modo de hablar y escribir, que no parezca ignorar y desquiciar el arte, sino engrandecerla y mejorarla.(...)Cansado el Ticiano del ordinario modo de pintar a lo dulce y sutil, inventó aquel otro tan extraño y subido, de pintar a golpes de pincel grosero, casi como borrones al descuido, con que alcanzó nueva gloria dejando con la suya a Miguel Angel, Urbino, Corregio y Parmesano, que en la ordinaria dulzura de pintar fueron excelentes; pero éste, como quien no se digna de andar por el camino ordinario, hizo senda y estrada por cumbres y desvíos. Lo mismo parece pretendieron en este tiempo nuestro Hortensio y Góngora, (...)subiendo ambos el estilo hasta la celsitud del precipicio en el hablar y el escribir.”, *Genio B*, p. 313.

<sup>91</sup> Cfr. *Genio B*, 2ª P, em especial cap.8, pp.341-345

<sup>92</sup> *Genio B*, 2ª P, cap 7.

<sup>93</sup> *Genio B*, pp. 338-339.

<sup>94</sup> *Genio B*, 2ª P., cap 4.

<sup>95</sup> Cfr. *Genio A*, p. 83.

<sup>96</sup> Cfr. Morcillo, *De Institutione*, sequência 5 e 6, em apendice final.

sobre os quais se elabora a história, mas não surgem ainda explicitados no processo de teorização -, fá-lo ainda por meio da narração, ao explicitar como a *invenção histórica* exige um profundo conhecimento dos sucessos, de modo a poder estabelecer-lhes um fio condutor narrativo simultaneamente explicativo e unitário. E será ainda em torno do debate sobre o estilo, defendendo uma escrita "grave" assente na nomeação da "coisa", que exporá a sua concepção de conhecimento histórico - sem lhe questionar a dimensão comunicativo-persuasiva da obra histórica e, por isso, sem invalidar o uso da retórica como instrumento de argumentação. Em Espanha serão Fox Morcillo e Pedro Fernandez del Pulgar os primeiros a enunciar, em tratados historiográficos, este processo de conhecimento. Fox Morcillo, embora sem apresentação de um método, pela defesa de uma constante atitude crítica do historiador-autor, pelo cuidado e sistematização com que enuncia os processos de observação do real, base do entendimento e da explicação das situações vivenciais, pela aparente defesa do estilo simples, e também pela defesa dos juízos-comentários com que o historiador deve ir enriquecendo o relato. Pedro Fernandez del Pulgar, ainda que pela negativa, pelo recurso à explicação do processo de análise a que se devem sujeitar os textos e documentos, de modo a descobri-lhes os falsos vestígios, e pela constante e sistemática atitude de reflexão - embora em irónico diálogo - que marca a busca da Verdade histórica (metaforizada na Virgem, Candida, filha da Sabedoria, representando-se o próprio Pulgar na personagem de Candido)<sup>97</sup>. De facto, é através de um processo narrativo complexo, "jocoserio", entre o julgamento e as fantasias de uma academia literária, em permanente polissemia, de artifícios e ambiguidades linguísticas e conceptuais, em que simultaneamente se enuncia, e se critica a narratividade dos juízos e da história, que é apresentado o texto historiográfico mais crítico e inovador em relação ao processo de conhecimento e ao método de investigação histórica.

Pode sintetizar-se o percurso cultural renascentista dizendo que, se a pintura é ponto, a narrativa, que inclui a narrativa histórica, é metáfora, em que a teia de semelhanças vai criando o conhecimento e a realidade. Metáfora que em Gracián, Pulgar e Velasquez tem como infraestrutura o ponto (entendido como forma de linguagem analítica).

Sabendo-se o valor simbólico-analógico atribuído por Aristóteles à ideia de *Primeiro*, e sabendo o valor atribuído pelo Renascimento a

---

<sup>97</sup>Trata-se de uma irónica representação-comentário à divisa da história, cujo excerto foi reproduzido na capa do apêndice III, com a transição da obra.  
Cfr. Pulgar, *Sigalion*, fl.11.

Aristóteles, facilmente se entende a relevância da metáfora com que ele próprio inicia a *Retórica*: "es una antistrofa [figura de estilo correspondente a um movimento de réplica] da dialéctica, ya que ambas no pertenecen a ninguna ciencia determinada"<sup>98</sup>. Com efeito, a maior dificuldade na compreensão do sentido destes textos historiográficos radica na sua intrínseca ligação à estética e à cosmovisão aristotélicas, que são analógicas e por isso elas próprias também geradoras de juízos metafóricos e de processos argumentativos criadores de sentidos, por relações e ordens de similitude muitas delas actualmente ininteligíveis<sup>99</sup>.

Como se disse, nascendo a reflexão acerca da História no âmbito das Humanidades, ela vai evoluindo da enunciação de atributos genéricos - que quase mais não são do que a aplicação ao caso de aspectos gerais da retórica e da poética, e em que o historiador se concebe como um orador, oscilando entre Mestre do padre, do juiz, do político e do poeta - para uma maior reflexão e especificação do seu próprio processo de análise e de conhecimento, com uma progressiva valorização da prova e das suas possibilidades. A história, sem deixar de se estruturar segundo o *bene dicendi* - argumentar bem, que implica atingir no auditório um fim honesto, útil e prudente, dizer de forma elegante e com decoro, quer na relação das palavras com as coisas, quer internamente, entre palavras, tema, género, estilo e as várias partes da obra, concretizando assim a concepção *virtu* do autor - vai progressivamente concebendo a prova não-técnica como o elemento argumentativo e constitutivo, diferenciador do género, por ser o factor que, pelo juízo do autor, no caso de Cabrera, e do autor e leitor, no de Morcillo, transforma os testemunhos em conhecimento<sup>100</sup>.

Se o recurso a esses testemunhos e ao exemplo retórico, com as inevitáveis comparações, quer apenas como figuras de pensamento<sup>101</sup>,

---

<sup>98</sup> *Retórica*, p.161.

<sup>99</sup> "Alexandro macedónico al dormir ponía a la cabecera la Iliada de Homero y su espada, que no era mala junta", Cabrera, *Da Historia*, p. 21.

<sup>100</sup> "Portanto todas as coisas, em história, hão-de ser ligadas e unidas de tal modo que dependam umas das outras, assim como, quando foram realizadas, não foi por acaso ou fortuitamente que elas sucederam. Por esse motivo, quem tiver indicado correctamente as causas das coisas que se descrevem, as deliberações e os acontecimentos, e os tiver examinado cuidadosamente, se atender à ordem das coisas conforme elas mesmas foram realizadas, terá, de facto, agregado tudo muito apropriadamente. E isto deve conseguir-se não só em história, mas em qualquer narração, para que essa mesma narração não fique insípida e com falta de nexos." Morcillo, *De Institutione*, p. 30 p. 31.

<sup>101</sup> A argumentação recorre a uma comparação, fabulosa ou histórica, de modo a que o exemplo sobre que se está a argumentar saia valorizado: "La comparación es un procedimiento que aplica a alguna cosa un rasgo comparable tomándolo de otra cosa diferente. Se utiliza para embellecer, probar, para expresar más claramente algo o para poner algo ante los ojos. Y como se utiliza por cuatro causas también se presenta de cuatro modos: por contraste, por negación, por confrontación detallada y por comparación abreviada".

quer de forma mais desenvolvida, como exercícios de *comparativo* e de comparação<sup>102</sup>, são elementos essenciais da argumentação, fazendo por isso parte integrante de qualquer género discursivo e tipo de narrativa, a **prova caracterizada e comprovada** (por semelhança, dissemelhança e oposição), ajuizada e explicada isto é, **comparada** internamente, relacionada com outras e avaliada em função da sua articulação com elas e da interacção com o real, recorrendo para isso necessariamente o historiador a elementos exteriores ao texto<sup>103</sup>, sem alterar a dimensão performativa e criadora de realidade que a palavra possibilita, provoca o alargamento da relação autor-texto e texto-leitor à realidade referencial. Assim ganha o discurso um novo poder e eficácia, porque mais adequado à realidade vivencial. Em termos de marcas discursivas, ela surge indiciada através de maior alargamento vocabular e precisão semântica, que se concretiza em maior especificação dos termos relacionados com a temática histórica e com a caracterização das acções e situações. Estes termos foram autonomizados no processo de análise, correspondendo ao nível do vocabulário específico de âmbito histórico (ver subdivisão do nível semântico, na figura 1 Introdução).

É claro que a prova avaliada e comprovada, assentando no processo de observação e comparação, não reduz as marcas do autor, pois a comparação, sendo um processo de conhecimento que exige julgamento de conceitos, introduz o sujeito no objecto. Incorporando-lhe

---

Por outro lado, o próprio exemplo é ainda entendido na teoria da argumentação clássica, como figura de estilo, uma forma de dar autoridade e mais claridade ao dito. A comparação por negação serve para provar "ni el caballo no domado, aunque esté bien formado por naturaleza, puede ser adecuado para los servicios que se esperan de un caballo, ni el hombre indocto, aunque sea ingenioso, puede llegar a la virtud."

Cícero no final do exercício refere-se ao exemplo, imagem, retrato, etopeia e fala como figuras de comparação. Estes exercícios quer para Hermógenes, Aftonio e Teón, quer para os tratadistas espanhóis em análise, são considerados como elementos narrativos, que por isso integram a disposição. Cfr. Cícero, *Rhetorica Ad Herenium*, Barcelona, Bosch, 1991, pp. 342-367, correspondendo as citações à página 342..

<sup>102</sup>O raciocínio analógico é de tal forma importante, que a comparação acabou por ser integrada num dos 12 exercícios preparatórios: "es una composicion opositiva, que deduce por contraste un mayor grado de importancia para el objecto comparada", Hermogenes, *Ejercicios de Retórica*, op.cit., p.246. Cfr. ainda Aftonio, op.cit., p.171, e Teón, op.cit. pp.128-132.

Cabrera também introduz o exercício de comparação na tese: " Como si compitiendo dos capitanes sobre el vastón, como dixe en vna empresa, porque eligió más el Principe a vno que a otro, confiérense capítulos con capítulos, puestos en sus conclusiones, a las singulares partes de la comparación, para que la diferencia de vna y otra cosa parezca claramente, confiriendo patria con patria, familia con familia, etc.; hechos con hechos, profession, persona, edad, condición, opinión, educación, experiencia, seruicios.", Cabrera, *Da Historia*, p.111.

<sup>103</sup>No faltará, la verdad, aunque no diga todas las circunstancias o no las aya visto, como diga lo principal. Esto haze la dessemeyança en los escritores, que no todos dizen de vna manera los atributos y lo que toca a las cosas. Ni tenga en menos al que dexa de escriuir algunas de su tiempo, porque si las dixesse se haría notorio a los súbditos lo que es secreto, viuiendo los que hizieron lo que se escribe: de adonde suelen salir las dissensiones en los pueblos irritados contra su principe.", Cabrera, *Da Historia*, p. 82.

autoria, permite a criação de uma **verdade** que vai dialogando com as regras do **dizer** e os princípios. Da relação de conformidade das ideias com a prova deve-se calar o que não for conveniente, ou seja o que for contra as regras do decoro<sup>104</sup>; e dela (sobretudo pela clareza e verosimilhança) com as regras do texto, resulta a "realidade-verdade" fixada nas histórias<sup>105</sup>. Mas a prova não-técnica comparada e comprovada - que pode significar, como em *Sigalíon*, refutação de provas falsas, ainda segundo o esquema aristotélico de falsas quanto aos factos e aos tempos, ou a criação de abundantes histórias-ficções, como verificou Grafton para o século XVII - implica olhar o passado como objecto de conhecimento e a criação de instrumentos de conhecimento. Por isso Pedro Fernández del Pulgar, em *Sigalíon*, ironiza a concepção de verdade conveniente<sup>106</sup> e de verdade-verosímil e demonstra a necessidade do estabelecimento, para o conhecimento dos tempos antigos, de cronologias, de modo a criar-se um critério universal de

---

<sup>104</sup>"Por esto ha de tener el historiador prudencia en el callar, como en el hablar con buen juicio, como el pintor tiene licencia para hazer sombras, escorços y poner en tal perspectiua la figura, que encubra en el que en ella es representando el ser tuerto, manco, coxo, euitando el parecer mal, quando no quita o muda sentido y acción en el fin con que se pone la imagen, como dize Quintiliano que hizo Timantes, pintor clarissimo, en el retrato del rey Antigono, que era tuerto, y Apeles en el de su padre de Alexandro.(...)Si por ser tuerto Anibal, le huiera dado otro capitán combatiendo en estacada vna herida por el lado del ojo ciego, bien era que pareciesse en la pintura del hecho: porque se ha de preferir el valor y ánimo de tal capitán, a qualquiera defeto natural o accidental corporal, mostrando la habitud de tuerto: más quando no puede ser, encubrir el defeto de tal persona. La pintura descubre y desnuda las personas viles y seruiles para mostrar el arte, mas cubre las nobles con propiedad de vestidos, según arte y decoro suyo. Tucidides no escriuió el genero de muerte infame que dieron a su maestro los atenienses, por la piedad y respeto y no dezimos que erró.", ou "calle las cosas feas y desonestas porque no ofenda los animos y orejas", *Cabrera, Da Historia*, pp.93-94 e 83.

<sup>105</sup> " Heme dilatado algo en este articulo de la verdade, porque la verdade es el alma, y la forma de la Historia (...). Pero no basta que sean verdaderas las cosas,(...) es necessario que sean grandes, y lustrosas, pero con grandeza fundada, y solida, y cõ lustre que les venga del merecimiento. (...) La rasion es, porque siendo la Historia vna Philosophia exemplar, inventada para instruccion de los Grandes, deve tomar por ellos la medida de sus exemplos, y no ofrecerlos, sino de su estatura; porque estimandose ellos, como se estiman, por Gigantes entre los hombres, (...) se agraviaran de que les propusieran Pigmeos para la imitacion. " *Garcia, Arte de Historia*, pp. 100 e 101.

<sup>106</sup>"Pois se a finalidade de se ler história é a recta orientação da vida humana, não só os homens devem ser animados, por bons exemplos, a proceder com rectidão, mas também muitas vezes, parece preferível passar em silêncio o que seja perverso e vicioso, para não prejudicar e, de algum modo, ensinar os pouco conhecedores de muitas coisas", *Morcillo, De Institutione* pp.13-14.

Pulgar ironiza assim o tópico renascentista que associa trabalho de imitação, verdade e conveniência, História e pintura na imagem de Apeles, criticando-o em *Sigalíon*, fl.99 e seg.

Cfr. ainda "Y no me admiro que no tenga fijo Hospicio, que paga mal los Hospedages de los que la abrigan: porq[ue] nada disimula, y a mi me pago el buen hospicio que la hice, con decirme que tenia un ojo tuerto, cuio disimulo procurava para mi consuelo, ya que el tempoavia plegado el cutis de mis mexillas, sin poder ocultar las rugas con quantas mudas aprendi para mis mudanzas". Pulgar, *Sigalíon*, p.11.

Apeles, referido por exemplo João Costa em *Conscribenda*, pp.16 e 35, *Genio B*, p. e *Cabrera, Da Historia*, p.93 simboliza \representa o mestre dos pintores e o modelo de perfeição (que enganava os homens simulando real com os seus quadros), conseguida pelo constante exercício de imitação: " nula dies sine linea".

tempos e, em consequência, dos factos, para além de um profundo conhecimento filológico. Refere ainda a necessidade de uma observação cuidadosa e sistemática dos indícios e não já apenas das similitudes aparentes.<sup>107</sup> Quando o valor da prova se impõe e passa a determinante, a narrativa histórica deixa de ser entendida predominantemente como instrumento de comunicação - mas adquirindo superior valor argumentativo, que advém da sua existência material -, passando as memórias por ela transmitidas a serem aceites pelos historiadores como um conhecimento que se pode ignorar, mas não deve ser adulterado<sup>108</sup>. É o caso pré-sugerido em *Sigalion*, de Pedro Fernández del Pulgar, e que terá o seu desenvolvimento erudito a partir do início do século XVIII, com Feijóo e Pablo Former<sup>109</sup>.

O que significa, sintetizando, que este estudo pretende ver como, ao longo da modernidade, se foi concebendo o objecto histórico como objecto de conhecimento, não exclusivamente elemento de argumentação, tendo-se escolhido em Espanha, como parâmetros, no início deste processo, Morcillo, que em texto latino preconiza o juízo do historiador como elemento determinante, e diferenciador, da narrativa; e, no final, a obra-charneira *Sigalion*, em que a estrutura conceptual do texto histórico é determinada pela capacidade do historiador subordinar a narrativa à *Res*<sup>110</sup>.

A história (representada no nível III da figura 1, apresentada na Introdução) vai-se autonomizando, elaborando regras discursivas próprias, nos diferentes subgéneros, e passando os documentos a ser constitutivos da explicação do real - o que não significa que essa explicação seja explicitada na narrativa, como no caso de Cabrera, nem que se deixe de recorrer aos tradicionais recursos retóricos, como revela

---

<sup>107</sup>De novo se torna evidente a similitude com o processo usado na pintura. A geometrização do espaço, tornando o quadro objecto de conhecimento, não lhe retirou a individualidade, nem a originalidade, não o transformando numa fotografia standard do real. Também não lhe diminuiu força doutrinária ou estética, antes encenou esses valores num espaço vivencial ilusório do real, conseguindo assim comunicar melhor. Porque percepção, expressão e imaginário não estão separados, essa maneira mais objectivada de observar e de captar o real permite a introdução de maior composição no quadro, como se vê nas representações renascentistas, em que a propósito, por exemplo, de um presépio, ou do retrato, se introduz uma figuração naturalista do quotidiano, que deixou assim de se expressar em objectos da natureza de valor simbólico (por exemplo, gruta, céu, árvore), ou mais tarde com a criação barroca.

<sup>108</sup>Sobre a polémica entre antiquários e falsários,

Cfr. Grafton, *Defenders of the Text*, London, Harvard Univ. Press, 1994.

<sup>109</sup>A prova comprovada internamente pelo historiador, e comparada, também pelo historiador, com outras provas, passará a ser a dinamizadora do discurso e das novas formas de persuasão. Inicia-se assim a criação de uma retórica que recorrendo à autoridade do ver e aos elementos mais "racionalis" da argumentação clássica, servirá de base ao raciocínio de comparação científica e mesmo à racionalidade contemporânea.

<sup>110</sup>No sentido de arte, regras de conhecimento e de *coisa*, como já se disse na Introdução.

a observação dos gráficos nº40 e II, III e IV referentes à obra de Morcillo<sup>111</sup>.

Concluindo, a ligação da história, pela narração, às artes de imitação, limitou-lhe, no Renascimento, os processos de observação e de análise. Tratando a retórica de saberes que não investigam a verdade - com excepção, de certo modo, do género jurídico<sup>112</sup>, que a descobre, e por isso, metaforicamente, Pulgar, defensor de uma concepção empírica do real com maiores preocupações pelos problemas relacionados com o conhecimento historiográfico, e querendo defender a Verdade da História de Espanha contra a dos falsos cronicões, o adaptou para modelo do seu discurso - recorre sobretudo à dedução, seja em forma de tese, seja pela máxima e sentença, seja pela via da tese concretizada em exemplo. Apesar de Aristóteles definir o exemplo e a máxima (um juízo que se pretende partilhado pelos leitores) como a indução retórica, a forma como ele os utiliza na argumentação, para reforçar as teses e os juízos, faz com que ambos possam ser considerados ainda duas formas de aplicação concreta dos princípios, com autoridade deduzida do sistema de valores.<sup>113</sup>

O exemplo, a prova *histórica* renascentista mais frequente, ao incluir no seu relato maior descrição do real, fazendo com que, a nível teórico, se introduzam mais processos de caracterização<sup>114</sup>, vai também deixando de ser considerada exclusivamente prova argumentativa.

---

<sup>111</sup>Quanto menos se recorrer aos lugares de argumentação comuns de cada género, assentes em oponentes lógicas, o que não significa romper com essas sedes de argumentação, pois elas, antes de estruturar o dizer, condicionam a observação e a apreensão da realidade, menos se está a utilizar um raciocínio exclusivamente dedutivo, e maior relação se estabelece entre as concepções doutrinárias e a observação da realidade empírica, como se verá a propósito de Fox Morcillo e Cabrera, por oposição a San José.

<sup>112</sup>Desde Aristóteles que o discurso jurídico era considerado o mais exacto. Cfr. Aristóteles, *Retórica*, p.553.

<sup>113</sup> Aliás, esta concepção mantém-se no Renascimento, como se pode verificar pela definição que Cipriano Suarez, em *De Arte Rhetorica*, dá de indução: "que cuando inducimos por semejanza, ésta sea de tal modo que haya de concederse necesariamente la conclusion; que cuando *inducimos para confirmar la conclusion*, tenga lo mismo grado de certeza que lo previamente obtenido, ya por inducción también" cit. por Luis Albuquerque García, *El Arte de Hablar en Público seis Retóricas Famosas*, Madrid, Visor, 1995, p. 128.

<sup>114</sup> " - Mas porque todos os feitos que são como que pontos especiais da história - por causa dos quais se narram os outros, que nós relatámos e hão-de ser ditos sucessivamente - produzem, a partir deles, uma outra série de factos, como acontecimentos e acidentes vários, também eles devem ser descritos nos seus devidos lugares. (...) Eu chamo acontecimentos àquelas coisas que, uma vez feitas, tenham chegado ao seu fim ou às que estão ligadas com elas. Por exemplo: carnificinas feitas nos exércitos, capitulações de fortalezas, conquistas, assolações, devastações, destruições, fugas, triunfos, trofeus, prémios, honras concedidas aos militares e aos chefes, punições de militares poltrões ou malvados, as mudanças de fortuna, os casos de Marte contrários ou ambíguos, a organização da disciplina militar observada por uns e outros, o erro e a negligência de uns ou a prudência dos outros, prodígios vários e

Mas como se avalia da verdade ou da verosimilhança, no discurso, em que apenas se dispõe de frases, escritas segundo os preceitos retóricos do credível, concreto e evidente, e portadoras de sentido através das associações morfossintáticas e semânticas que vão estabelecendo com os leitores? Por serem para os actuais leitores quase invisíveis os processos de construção discursiva, os pensamentos históricos dificilmente se distinguem da ficção verosímil. Por isso, considerou-se que o entendimento da história renascentista exigia a compreensão do diálogo entre a fábula<sup>115</sup>, a narrativa político-moral e de sucessos (relato), a epopeia, o encómio e o elogio, concretizados em *Vidas*, quer na sua expressão literária, quer pictórica. Face às características discursivas das obras em análise, e da ainda não-autonomização do campo historiográfico, considerou-se que uma forma de ultrapassar a distinção textual entre lenda, *argumenta* e história, seria centrar o processo de análise na relação que o discurso vai criando entre *a verdade dos factos*, introduzida assim, no texto, pela ideia de prova<sup>116</sup>, técnica e não-técnica, a verdade a que aquele dizer obriga (narrativa clara, breve e nítida- que provoca *energia*) e a verdade do autor, manifestada sobretudo nos juízos enunciados e latentes - e que se explicará no capítulo seguinte.

Integrando-se as referidas histórias nas artes imitativas, a análise comparativa dos discursos históricos, e em cotejo com as regras enunciadas nas retóricas clássicas (Aristóteles, Teón, Aftónio e Cícero) e espanholas, e nos tratados de história e de pintura renascentistas e de seiscentos, permitem, a partir da verificação das regularidades, das diferenças e das anomalias ao longo do corpo do discurso (disposição) e das formas-tipo de argumentação face aos diferentes agentes e situações, estabelecer princípios organizativos, concepções, valores, imagens,

---

prognósticos de acontecimentos futuros, a descrição de pessoas, da sua natureza, índole, costumes, fama, nome, origem e restantes elementos relativos a essas mesmas pessoas de que se está a tratar.

Quanto estas coisas contribuem para o ornato da história e para a força dos exemplos é o que nos ensinam os próprios escritos dos bons e sagazes historiadores, escritos que são muitíssimo louvados pelo facto de que não narram os feitos despojados de ornato (coisa que não traz nada de útil ou de gostoso) mas acrescentam as suas indispensáveis circunstâncias, sem as quais a narrativa fica sem graça e seguramente inútil.”, Morcillo, *De Institutione*, p.23.

<sup>115</sup>Fábula é aqui considerada no sentido aristotélico, como imitação de acção, entendida numa dimensão intensional (a trama) e como conjunto referencial do texto narrativo, e não no sentido definido pelos formalistas russos e Cesare Segre, como a "ordenación lógica y cronológica de los elementos semánticos esenciales del contenido textual, (...) el macrocomponente semántico[ correspondendo à intriga] el contenido textual en el mismo orden en que aparece microestructuralmente, o sea, el macrocomponente sintáctico. Frente a la fábula y a la intriga, de ámbito macroestructural, el discurso equivale a la microestructura o manifestación textual lineal del texto narrativo”, Francisco Chico Rico, *Pragmática y Construcción Literaria*, Alicante, Universidad Alicante, 1988, pp. 72-73.

Os conceitos de intriga e discurso serão usados no sentido acima enunciado.

<sup>116</sup>Elemento já mediado pelo autor conforme se viu na figura nº 1 da Introdução.



caracterizações e atributos comuns a todas as histórias renascentistas. Revelou-se também como algumas fórmulas e tipos narrativos (como a descrição ou a digressão) até agora entendidas como elementos característicos de história, porque sinónimos de uma caracterização dos factos, tinham uma finalidade sobretudo de *docere*: eram tópicos persuasivos, concretizados através de "lugares comuns de regras de relação", a que todos os géneros discursivos recorriam, e que afinal historiadores que mais consideravam a especificidade histórica desvalorizavam, exactamente por serem elementos neutros que não podiam incorporar juízo (a descrição) e por isso explicação. Morcillo preconiza uma descrição obedecendo não a lugares comuns argumentativos tradicionalmente definidos, mas aos interesses do objecto histórico em análise. Ao contrário, também como se pode observar nos gráficos nº II,V,VIII e XI, a fala, que tanta oposição mereceu à crítica positivista, é dos recursos mais usados, por concretizar o juízo do autor numa personagem ilustre (herói) em situação exemplar, com *evidente* carácter vivencial<sup>117</sup>.

A Retórica aristotélica<sup>118</sup> tinha considerado que o verdadeiro era maior do que o opinativo; que o útil a vários elementos era maior do que o útil a menos, que era mais digno de compaixão o sucedido há pouco do que o ocorrido há muito, por os signos de presença e proximidade comoverem mais o leitor, tendo por isso integrado estes princípios-base da lógica argumentativa na enunciação das formas narrativas (teorizadas particularmente no livro II da *Retórica*) e dos princípios da expressão. Como o eram outros processos de vivificação da narrativa - sobretudo através de figuras de dicção repetitivas, geradoras de efeito de presença no leitor - geralmente associados a juízos opinativos, fundamentados em similitudes, ou mesmo em analogias metafóricas, assentes em valores ou atributos considerados universais, que exercem assim não apenas uma função apelativa da adesão do leitor, mas organizadora da argumentação<sup>119</sup>.

---

<sup>117</sup> Veja-se nos gráficos que visualizam a organização dos tratados em análise a valorização dada ao exercício fala.

<sup>118</sup> *Retórica*, p.253.

<sup>119</sup> "Bien probaremos esto si tendemos los ojos por los ejemplos de esos siglos antiguos, en los cuales, aunque no siempre que reinó la virtud hubo elocuencia; pero siempre que florecio la elegancia, reinó en gran parte la virtud; como al contrario muchas vezes con la groseria del language se acompañò el vicio. Solo un exemplo refiere del siglo Decimo despues de nuestra Redemcion. En el cual, por los anos de treinta, hasta cuarenta, estuvo casi toda la Crisandad contaminada de vicios i costumbres depravadas. Avia en Roma juntamente tres Papas, monstro horrendo. Uno, muchacho de doçe o treçe años, introduçido por violencia de Alberico su Padre, Conde Tusculano: otro, simoniac, que con manifesto escandalo comprò la silla; otro, intruso por antojo del Emperador Enrico, usurpador del derecho de la Iglesia; i todos juntos agarraban de la Tiara i rentas del Papato, despedaçando la Iglesia. Lo restante de la Republica Christiana todo era casi, de la misma forma, en Alemania, Ungria, Francia

Se as essências são apreendidas pelos sentidos, pela captação do ser-análogo, que passa a elemento estruturante na compreensão do mundo não-moderno, por a analogia, entendida como relação entre termos, ser a base do conhecimento das coisas (assentando a pintura na proporcionalidade, metaforicamente representada na cabeça humana a partir do ponto), o processo dificulta-se tratando-se de juízos sobre as actividades e relações humanas, por natureza valorativos. A atribuição do mesmo predicado a vários objectos e a analogia entre objectos e qualidades, muitas vezes estabelecida de modo metafórico - pelo menos para o leitor actual, pois se ser-sol-belo-bem é actualmente uma metáfora, no mundo clássico participavam da mesma essência de Bem - criam pelo discurso, uma sugestão de participação em entidades comuns e uma aquisição de atributos que, sendo a base ontológica da argumentação, dão entidade ao poder fáctico da palavra. O que exige um conhecimento dos sentidos mais comuns provocados por determinadas figuras de dicção, e outras locuções, nomeadamente expressões de repetição, e formas de construção de frases longas, por revelarem não só sobre o sentido que se pretende transmitir, como esclarecerem do processo de construção do sentido global do texto.

A comparação de narrativas históricas, concebidas a partir da sua integração em estruturas argumentativas plausíveis, parece pretender do leitor a obtenção de dois níveis e tipos de significação diferenciados: enquanto grande parte dos relatos, relações de sucessos, registos breves, pretende uma mais directa comunicação referencial, fixação de memória (não deixando no entanto a sua escrita de obedecer às regras do relato, como se torna óbvio da simples verificação da importância que a figura de retórica *evidência* desempenha nessas narrativas), o objectivo da maioria das histórias é o de instruir pelo despertar de encantamento apelativo, de tendência predominantemente afectiva, de beleza e virtude, em que o próprio imaginário é fomentado pelo tradicional efeito recitativo, que lhe advém das suas características literárias, associadas a processos e modelos narrativos de verosimilhança vivencial e valorativa, e em que a integração do leitor no *conto* é uma das provas nucleares de persuasão. Com efeito, esta re-criação do lido, que recorda a longa tradição da epopeia e dos romances de cavalaria, em que o efeito

---

i España, cuyas Naciones ardian en guerra, i vicios igualmente. Entónces, pues, ninguna cultura avia de language, ninguna gallardía; sino barbariedad, como en las costumbres, en la guerra. I asi no ai por que temer, se introduzga con la Elocuencia el vicio; que antes suele desterrarse con ella; Al segundo temor del peligro de la Fe, por la novedad, del language, respondo que es afectado escrupulo, i miedo pueril; pues ni la Fe se funda en el language, ni la cultura del Estilo hizo jamas encuentro a la fe." *Genio A*, 49-50.

catártico desempenha um papel essencial, para além de auxiliar na harmonia inteligência-mundo, acaba por provocar processos de profunda adesão.

A enunciação de formas adequadas de utilização de muitos destes processos nas histórias se é, como se observa pelos gráficos que apresentam a organização da obra, referida com desenvolvimento, é-o de modo não sistemática nos tratados de história renascentista<sup>120</sup>, o que os torna ainda mais herméticos que as obras que deles resultam, por não explicarem as razões dessas regras, nem as integrarem no respectivo corpo teórico que é a Retórica: " Menos diga en la narración las razones y dotrina del arte con que escriue, como amonesta Isócrates en la exortación a Nicocles. El artificio conozcan los maestros, los sabios, los diestros. Fuera muy de reir, si orando en Roma o en Atenas el retórico dixera: *porque después del exordio entra la narración, según el arte oratoria, padres conscriptos, passo a ella y digo*. Aun con ser Titolibio príncipe de la historia, dicen que exedió en el exordio, quando dixo, encareciendo la dificultad de la que auia de escriuir: *Cum bonis potius omnibus, votisque, bus deorum, dearumque, si ut poetis nobis ac precationi quoque mos esset, licentius inciperemus vt or sustanti operis successus prosperos darent*. Tenga suauidad, la qual haze lo que se siente y dize, y dignidad, decoro, magnificencia; no todas las cosas piden vn mismo lustre y esplendor. La amplitud y excelencia de palabras, conuiene a las cosas grandes, no humillándolas, ni leuantando las humildes, que se llama dignidad, con tal propiedad y gala que parezca que se ven y oyen, como muestra Salustio, quando dize con la figura *hypotiposis: Vista y espetaculo horrible, en campos claros y rasos, seguir, huyr, matar, prender, Caualleros y peones*, y que el pincel no lo pintará mejor y delineará, las figuras y afectos de cada vno, con la figura *aposiopesis*.<sup>m21</sup>

Seguindo os princípios aristotélicos, a elegância de expressão baseia-se numa dupla ordem morfossintáctica, natural e artificial,

---

<sup>120</sup>"Declarada la utilidad y naturaleza de la Historia, añadiremos algunos advertimientos en orden a lo que más generalmente y de más importancia se suele en ella ofrecer, sin obligarnos a tratar con largo y menudo discurso de todas las partes que la constituyen, y de las figuras y modos que la adornan, sino sólo de aquello en que más suele tropezar el descuido o afecto, y en que más puede lucir la destreza y talento del que escribe.", *Genio B*, p.273.

Ou Cabrera: "Saberlas el historiador y cómo se hazen y vsa dellas. Y si sabrá: pues ha de ser sabio, como diximos, porque son cosas sin las cuales las grandes no pueden estar bien. Por mayor hablo sin poner exemplos, por no alargarme tanto: pues son estos discursos para las personas aptas y hábiles para historiar. El dezir el método de curar es el de aplicar las medicinas al que es médico y sabe para serlo filosofia y medicina. El enseñar cómo se ha de predicar, como hazen por escrito muchos, es a los que saben filosofia, teología y escritura sagrada." Cabrera, *Da Historia*, p.95.

<sup>121</sup>Cabrera, *Da Historia*, pp.85-86.

considerando también que deve "ocultar que se hace, a fin de que no parezca que se esta hablando artificiosamente, sino con naturalidad (...) el artificio queda muy bien disimulado, si e compone seleccionando las palabras del language usual"<sup>122</sup>, podendo, apenas em situações discursivas que pretendem transmitir o sentido de gravidade, recorrer o texto à ostentação, quer de figuras de dicção e de pensamento, quer de imagens, pois "para las cosas distinguibles si han de buscar otras elevadas"<sup>123</sup>, quer ainda de outras formas de ornamentação, como as falas, antonomásia ou os epítetos<sup>124</sup>.

Estes textos historiográfico-normativos, que ensinam o leitor, pela persuasão, a persuadir de possíveis sentidos históricos, são discursos que, ao falarem sobre a especificidade da sua escrita, estão a reflectir sobre a história, na sua dupla dimensão narrativa e empírica e portanto sobre as possibilidades do seu conhecimento. A aparente preocupação quase exclusiva pela narração tem feito com que estas obras sejam apelidadas de precetistas e por isso de pouco interesse para os historiadores actuais, que apenas nelas analisam os aspectos relacionados com as definições de história e a importância, reconhecimento e prestígio do novo saber e da sua causa eficiente. Neste estudo elas foram consideradas no seu todo tratados sobre história, não apenas porque assim foram concebidos pelos seus autores, mas porque, falando de estilo, de figuras, de metáforas, de palavras, frases, nexos e outras formas de expressão, ao explicitarem como devem ser enunciadas e elaboradas as falas de personagens e as diversas formas de narração, estão a dizer como se deve escrever *história*, a sugerir e a propor diferentes tipos de relações com os factos, e portanto a debater concepções de verdade histórica. Ao discorrerem sobre a especificidade da escrita e do estilo, estão a reflectir sobre os problemas relacionados com o carácter representativo ou *verdadero* da comunicação dos factos.

Do processo que se tem vindo a analisar, sistematizado na figura 1, referiu-se até aqui, sobretudo, o nível de conceptualização da história. Mas ele implica, como se pôde verificar ao longo deste capítulo,

---

<sup>122</sup> *Retórica*, p. 488.

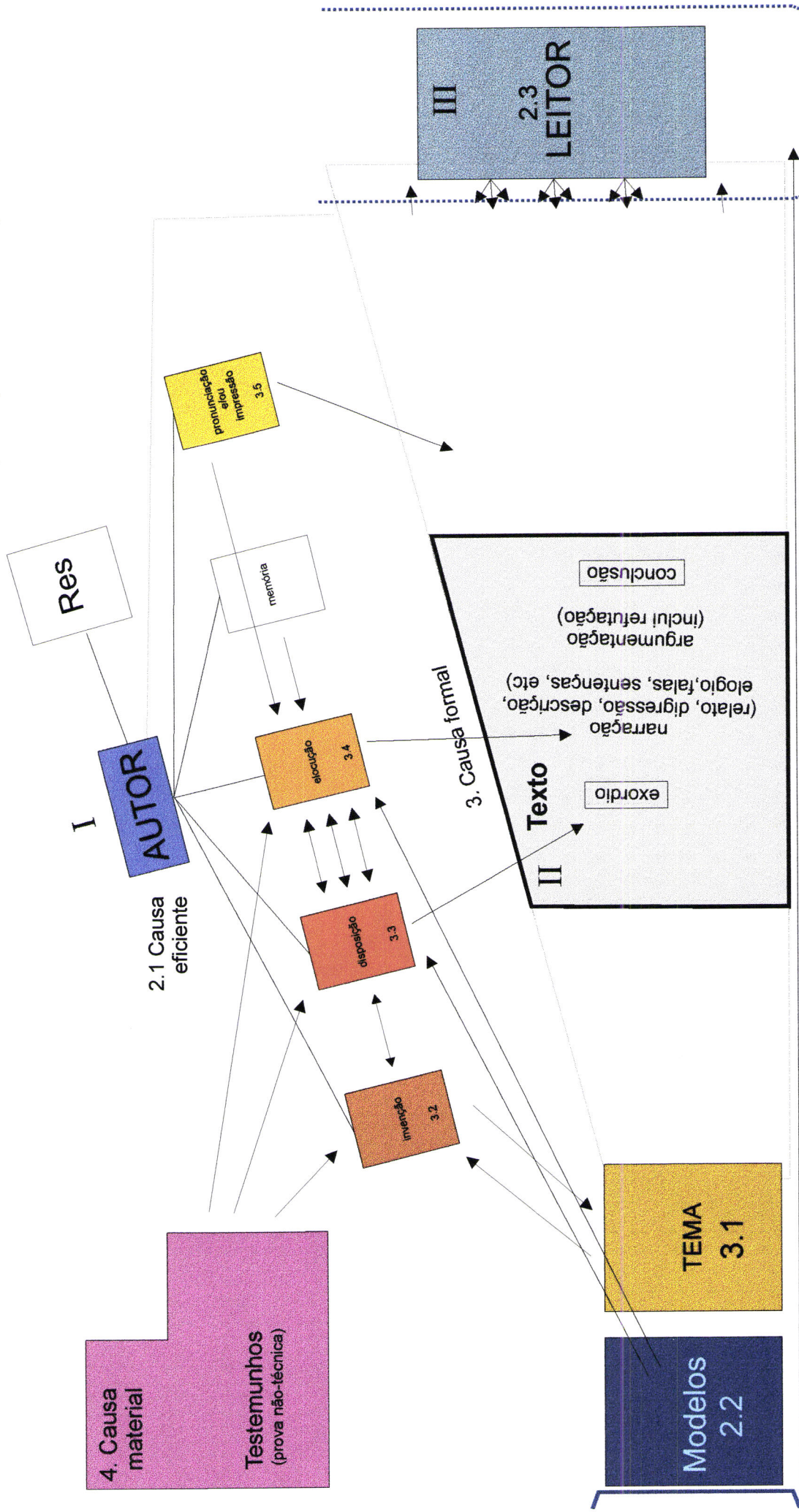
"Em primeiro lugar, que as palavras sejam (tal como em toda a narração latina) próprias, selectas, de uso corrente e harmoniosas; que não sejam novas ou demasiado obsoletas, ou grosseiras. Essas ocorrem com frequência em Salústio, que parece que teve muita simpatia pela velhice nas palavras." Morcillo, *De Institutione*, p. 40.

<sup>123</sup> Cesare Ripa, *Iconologia*, 1 vol, Madrid, Akal, 1987, p.49 e *Arte de Historia*, pp.214-215.

"No resta mas que tratar de la Dicción que es para la Historia lo que el vestido para el cuerpo(...). La Historia es uno de los mas nobles partos de el ingenio humano (...). La Historia no permite en la Dicción nada humilde, desaliñado, o vulgar; antes quiere elegancia, propiedad y ornato. Esta es doctrina de Aristoteles," Garcia, *Arte de Historia*, pp.214-215

<sup>124</sup> Cabrera, *Da Historia*, pp.133-135 e Fuentes y Gúzman, *Preceptos*, pp.25-26.

A ampliação de sentido, com os respectivos efeitos de presença do que se lê, e do seu autor é conseguida pela expressão artificial e pronúncia.



1.1 Causa final (condições prévias ao tema)

A concepção da obra engloba autor, texto e leitor, com o qual se completa a sua realização

1.2 Causa final concretizada com o autor e/ou leitor

Fig. 44 - Concepção de obra ou a *força do dizer*

O processo da constituição da história como saber pode representar-se, como já se disse, integrando na estrutura retórica o conceito de *Res*, e observando como ele vai sendo reorganizador da matriz originária. Tradicionalmente manifestada através de três géneros (demonstrativo, deliberativo e judicial, a cujo uso se recorre sobretudo em função dos distintos objectivos que se pretendem desencadear no leitor), cada faculdade tinha versatilidade para adaptar as regras a cada género, o que facilita a sua assimilação pela história, também género de objectivos diversificados.

Este esquema pretende ainda chamar à atenção para a acção perlocutória e o aumento de sentido que efeitos e regras morfosintacticas e argumentativas conseguem estabelecer, reforçadas por uma arquitectura de obra que, aproximando autor-leitor, os integra no discurso - o sistema de valores e crenças do autor é reproduzido com reforço no texto, por ser transmitido pelas personagens e Modelos de imitação, autor e leitores textuais.



entender a integração da memória na Retórica, isto é, entender como se concebe o passado ou o passado-recente na sua relação com o mundo coevo. Por isso em seguida tratar-se-à do nível II e do I, em que o *pensar e o falar* se integram (através da elocução) *na força do dizer* (esquemática também na figura nº44, *concepção de obra ou a força do Dizer*). Através da Poética - em que a concepção de Uno-Bem-Belo, associada à de movimento, que provoca a passagem da potência ao acto (o historiador), com os evidentes atributos de analogia e verosimilhança, é o núcleo e o fio condutor de todos estes elementos-, integra-se a concepção estética na teoria da Imitação e na cosmovisão renascentista. Sendo a concepção do Homem no Renascimento organizada a partir da relação da Criatura com o Criador, as suas estruturas cognitivas e sistemas de crença vão estabelecer-se em função de valores como a Hierarquia e a Definição, que revela a Ordem (natural), sem espaço para o vazio. Se esta visão valorativa e de arquétipos é reforçada quando se lhe introduzem conteúdos de conhecimento e morais - passando o homem a considerar-se como centro da Criação e a conceber a sua capacidade de conhecer e de agir à semelhança do Criador<sup>125</sup> -, a redescoberta do valor da poética e da retórica clássicas vem prolongar, pelas criações artificiais, a ordem natural, perpetuando-se assim o modelo de Imitação e superando-se a ordem natural, pois, como o Belo é mais que o menos belo, e o Perfeito do que o menos perfeito, progredindo-se no sentido do conhecimento, está-se a progredir no sentido da perfeição.

A Ideia, ou substância, incluídos nela os caracteres aristotélicos, que eram por isso entendidos como atributivos de qualidade ontológica em que se funda o conhecimento humano, transmite ideal de perfeição às criaturas, que passam a ser os princípios organizadores da obra de arte, entendida assim como causa segunda, como já se pôde observar na citação de Jerónimo de San José. O que de novo põe o problema de imitar a natureza pela similitude dos singulares, substância primeira, ou pela substância segunda, pois, se o belo é mais e maior do que o menos belo, o honesto que o menos honesto, e o escrito e o dito mais que o omitido, o autor, porque ao **escrever** está a criar, não deve escrever

<sup>125</sup>"Aunque para que se viese que no fue ignorancia, sino piedad el omitirlos muchas veces, permitió Dios, y fue conveniente que aun de lo más selecto de la erudición profana, quedasen en algunos de sus escritos vestigios tales, que admiran y vencen a los mayores profesores de ella. Debe, pues (porque ciñamos el discurso), el amigo de leer Historias, leer y reller muchas veces lo que pudiere de ésta. Pero ha de ser con tres muy necesarias condiciones: La una, de consultar para esto mismo algún docto expositor; la otra, de llegar a esta lectura con atención y reverencia grande; la tercera y principal, con pureza de vida y de intencuón. Para lo qual todo ayudará mucho el considerar que lee una Historia, cuyo autor es el mismo Dios, escrita para gloria suya y salvación nuestra."

Cfr. *Genio B*, 3ª P., capítulo X, subcap. 4, pp.414 e seguintes.



menos, podendo sempre, devido à lógica argumentativa binária em que assenta o esquema das relações plausíveis, calar o não conveniente, como já se referiu atrás (ver esquema que estrutura o silogismo retórico). Por isso Alberti, Pacheco, como os pintores e os tratadistas em análise, recomendam que a similitude não se sobreponha à beleza, que se escolha a melhor perspectiva para caracterizar os factos, sobretudo os atributos relacionados com pessoas, omitindo quando não seja possível um juízo favorável, e discorrendo largamente sobre o processo de criar harmonia, colorido e formas, no quadro, e de formas e sons, produtores também de variedade e colorido, no texto.

Esta noção de Uno, na sua relação da argumentação do **Dizer** com o **Fazer-do-Ser** e na ligação de analogia, com as coisas, reforça conceptualmente o sentido fáctico da palavra<sup>126</sup> - abrangendo inclusive o acto fonético de **dizer** belo, com ritmo, etc, pela função criativa<sup>127</sup> desses termos, sons, flexões morfológicas. Por isso Deus é nomeado através de palavra longa, aberta e solene: Tetragrammatón<sup>128</sup>.

O modelo de imitação clássica, alargado à história e à pintura no Renascimento, está esquematizado na figura nº45, em que se apresenta a formação "retórica escolar" de um autor, o qual deverá revelar, no final da aprendizagem, engenho, sabedoria e juízo prudente. Pela arte, que amplia a natureza<sup>129</sup>, desenvolvida através de amplos exercícios, com a escolha da obra que servirá de Exemplo - dinamizadora de uma concepção recorrente do passado, pela ideia da ligação da arte humana ao arquétipo, transformando mas mantendo o original, e voltada para o passado -, e pelos modelos de imitação, assegura a reprodução do saber numa ordem de moral social que, inovando, sem romper os códigos, vincula e reforça os padrões culturais herdados. Esta estrutura normativa criadora de sentido, que no Renascimento se alarga a quase todos os domínios - tendo inclusive a Poética sido em grande parte absorvida pela Retórica, integrando-a na *inventio* e *dispositio*<sup>130</sup> - é assim auto-

---

<sup>126</sup> *Retórica*, p. 233.

<sup>127</sup> *Retórica*, p. 133.

<sup>128</sup> Cobarruvias, *Tesoro*, op. cit., p.960.

<sup>129</sup> "Por isso deu-se uma sistematização da arte e do modo de fazer, a fim de que, dado a saber um simples método, aquilo que os homens, com grande esforço, mal podiam conseguir, o alcançassem e o realizassem facilmente.", Morcillo, *De Institutione*, pp. 61 e 62.

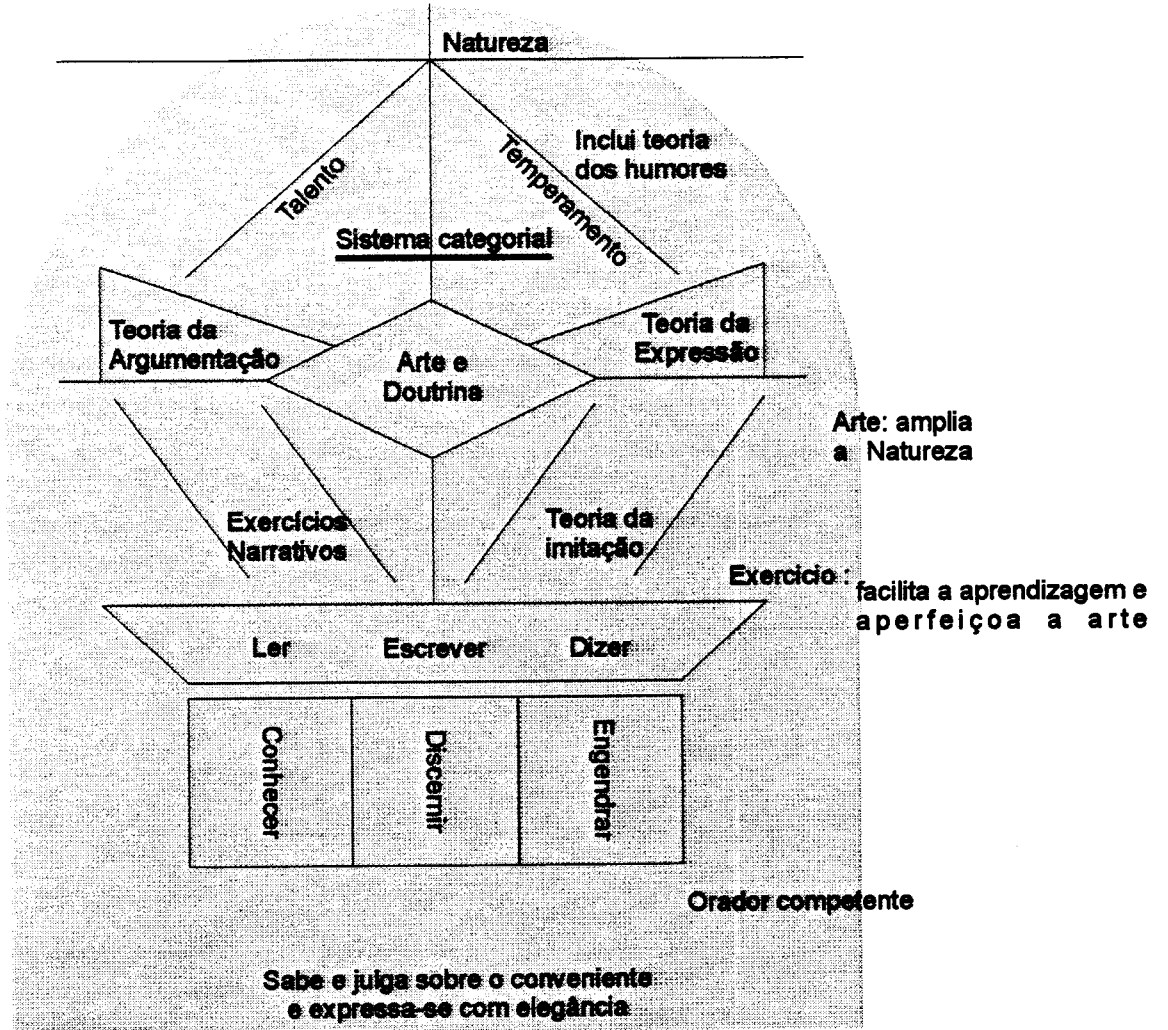
<sup>130</sup> Antonio García Berrio e Teresa Hernandez Fernandez, *Ut Poesis Pictura*, Madrid, Tecnos, 1988, p.17.

Serão os pensadores, e sobretudo os pintores do primeiro Renascimento, com maior inspiração platónica, que pela concepção mental assente numa geometrização do espaço e do objecto, conseguem libertar a pintura das artes da imitação, mantendo assim mais do que qualquer dos outros tipos de humanistas a poética autonomizada da retórica.

Em relação aos tratadistas da história em análise, essa independência só foi encontrada em *Sigalion*, de Pedro Fernandez de Pulgar, que será estudada no último capítulo deste trabalho. Morcillo, apesar de

**AUTOR**

Formação base de um Autor-Orador





reproduzida também pelo modelo de aprendizagem das regras de pensar e argumentar. Ao ensinar a desenvolver um tema, onde e como utilizar a ampliação, ao associar a certos tipos de causas determinados argumentos e expressões, ao estabelecer os lugares-comuns e próprios da argumentação, aplicada a cada tipo de causa, ou narração, e ao definir o quadro e as regras das relações argumentativas plausíveis, aplicadas a casos gerais e específicos, de matérias de diferentes espécies<sup>131</sup> - eliminando assim as inferências espontâneas e individuais - está, a enquadrar e fomentar uma representação unitária. De facto, se o estabelecimento de toda esta estrutura de criação e formas de narração, reforçada pela definição das sedes de argumentação - em que as matérias surgem e se relacionam dentro de um sistema geral de inferências, residindo aí a sua força argumentativa, - pode ser auto-limitativo, pelo dirigismo, na orientação do deduzir e sobretudo do ver e do observar o real, e sobre os caminhos do pensamento e do juízo, não deixa de possibilitar exercícios regulares de observação, como se verifica na breve sistemática com que Aristóteles analisa as formas de governo (*Retórica*, livro II). E que no caso dos tratadistas em análise se concretiza, em Fox Morcillo, com a exaustiva explicação de como observar e descrever as circunstâncias e os factos históricos; e em Sanctayana, com a enumeração dos aspectos que o historiador deve ter presentes para narrar uma acção histórica (também, tal como Aristóteles e Morcillo, uma acção militar). Refira-se que esta obra de Sanctayana é uma adaptação da Gramática de Miguel Salinas<sup>132</sup>, tradução adaptada de partes da *Retórica*, de Aristóteles. E as tábuas das presenças e ausências de Bacon não são a concretização das possibilidades lógicas aristotélicas, resolvidas em situações de opção binária?

Parece ter sido ainda este completo sistema de relações, possibilitador da observação do real e de exaustivos exercícios lógicos dedutivos, que permitiu o surgimento de novas estruturas criativas no barroco, pela alteração da ordem de algum elemento, reforçada por associações semânticas livres, entre ideias, ideais, pessoas, acções, situações, que o próprio sistema aristotélico favorece - lembre-se a importância que o raciocínio por similitudes e analogias metafóricas assume na organização do pensamento aristotélico. Se genericamente a capacidade de observação entrou nos quadros mentais renascentistas, este tipo de *fantasia*, mal suportado pelo imaginário e estética douda dos

---

tradutor-comentador de Aristóteles, com um pensamento de forte inspiração platónica, aproxima a história da poesia e da dialéctica, afastando-a por isso das artes de imitação, enquanto processo de conhecimento.

<sup>131</sup> *Retórica*, p. 190.

<sup>132</sup> Cfr. Elena Artaza, *El ars narrandi en el siglo XVI español*, Bilbao, Deusto, 1988, p. 127.

que se auto-denominavam herdeiros da superior cultura clássica, apenas penetrará nas linguagens estéticas da criação barroca. Poderes (de observação analítica e de fantasia) que parecem ter-se escapado também, embora excepcionalmente, para o discurso historiográfico, como se verá em *Sigalion*.

Sintetizando, a formação essencial de um escritor de história era a Retórica, tal como o era para um orador, profano ou sagrado, pintor ou poeta. E se poucos cursavam Retórica, todos aprendiam nos Progymnasta<sup>133</sup>, os já referidos exercícios preparatórios, as bases de qualquer estrutura normativa (ver em figura anexa (nº47) a inventariação dos exercício).

Ainda entendida durante o Renascimento espanhol no sentido global em que Aristóteles a definiu, como um método de argumentação, composto por uma lógica do pensamento possível, em que a universalidade do juízo se alcança por formas adequadas de expressão, o seu objectivo é estabelecer uma racionalização dos actos e comportamentos humanos, com a respectiva normalização e teorização das formas de os tornar possíveis, impossíveis, ou pelo menos não pertinentes. Através da codificação da linguagem natural, fundada no valor analógico das relações e das palavras (simbólico e referencial), deduz do sistema categorial um conjunto de princípios universais (Bem, Belo, Felicidade, Prazer, com a especificação dos atributos e dos meios necessários e convincentes para o seu alcance) que, passando a fundamentar a finalidade dos discursos-acções, vão ser a base e o critério de selecção dos vários modelos de argumentação “prováveis e possíveis” que parametrizaram a acção pública humana.

Substituindo assim a dialéctica, torna-se o instrumento lógico-argumentativo dos discursos não científicos. Ao transferir o seu objecto da relação da verdade e das preposições para o da comunicação, Aristóteles ultrapassou a questão da verdade da linguagem, mas, ao fundar nos primeiros princípios a base da comunicação (sobre o provável e o possível) e devido ao carácter fáctico-normativo da acção, está ainda a fundamentá-la ontologicamente no quadro dos acidentes, passando assim o sistema de inferência argumentativa (e modelo de acção) a ser

---

<sup>133</sup> Os exercícios de Téon, Hermógenes e Aftónio foram editados pela primeira vez por Aldo Manúcio, em 1508, e em 1520 por Ângelo Barbato, e posteriormente integrados pelos jesuítas nos seus planos de estudo. Existem em Espanha inúmeras referências a estas obras, conhecendo-se actualmente três versões manuscritas (duas na Biblioteca. Escorial, do século XVI e uma na Biblioteca Nacional de Madrid, considerada anterior), Tamayo de Vargas em *Junta* cita *Aphthonio en Español*, tradução de Pedro Simon Abril, que permaneceu manuscrito ID. 5, nº 2772. Cfr. "Introducción", in *Ejercicios de Retórica*, op. cit., p.47.

predefinido. Aplicável a todas as matérias, que deixam de se organizar com base em inferências espontâneas e valores menos determinados e universais, a sua força reside na capacidade de integração da matéria, concreta e particular, num vasto sistema de relações lógicas - pois na ordem do útil o facto particular é mais importante que o universal<sup>134</sup>.

Com efeito, tendo como modelo as fórmulas lógicas e as regras de inferência silogística, enunciadas fundamentalmente em *Tópicos* e *Primeiros Analíticos*, e baseando igualmente a demonstração retórica exclusivamente no silogismo, inferência por indícios, a que chama entimema, integra-a num processo argumentativo muito mais amplo. Tendo uma concepção integral de homem em situação, em que as categorias *habitus*, *acção* e *paixão* dão mais entidade à sua substância, estrutura o raciocínio retórico em três tipos de provas de persuasão, comuns aos vários géneros oratórios, que exigem o conhecimento da matéria em análise, dos processos lógicos do raciocínio e formas de argumentação, e da psicologia e paixões humanas<sup>135</sup>: as relacionadas com o processo de percepção da mensagem; as que despertam entre os leitores a convicção de tratar-se de autor *virtuoso* (*ethos* conseguido e actualizado pelo *habitus*); e as directamente destinadas ao auditório, que desencadeiam afectividade no leitor (*pathos*). Considerando que na adesão face a algo, e à sua necessidade, é determinante o estado de espírito com que é apreendido, recorre-se, em estilo directo e claro, a argumentos exteriores ao discurso, ligados a aspectos emotivos e de sensibilidade, e caracterizam-se as acções discursivas em função das emoções que se pretende desencadear no leitor, de modo a avaliar as situações e deliberar, no sentido do juízo do Autor.

É esta ideia de retórica, incluindo o esquema tripartido de provas de persuasão, constituinte de uma concepção triangular de obra, assimilando autor e leitor ao texto, que se generaliza no Renascimento e que por isso também estrutura as obras dos tratadistas da história em análise - sendo ainda a que Cabrera, Jerónimo de San José e Fr. Francisco Garcia não só reproduzem como preconizam para a elaboração das obras históricas. Com outros nomes, castelhanizados, recorrendo muitas vezes aos mesmos exemplos que os clássicos - como o da apresentação por Cabrera de uma tese simples (se é lícito um rei casar-

---

<sup>134</sup> *Retórica*, p. 422.

<sup>135</sup> Como refere Ch. L. Johnstone "Moral virtue involves both rational and no rational aspects of the soul insofar as both are able to participate in logoi; and this is so because man's rational faculty is capable of influencing - persuading - his irrational tendencies", in "An aristotelian trilogy: Ethic, Rhetoric, Politics and the search for moral truth", *Phil. Rhet.* 13, 1980, p.3, cit. por Quintín Racionero, "Introducción", in *Retórica*, op. cit., p. 149.

se), usando o mesmo exemplo dado por Teon<sup>136</sup> -, são ainda os problemas da narrativa, forma de argumentação, disposição e estilo clássicos que são analisados em cada uma das obras historiográficas, agora na perspectiva de historiadores renascentistas e barrocos, visualizados nos subpontos do grupo 3 (causa formal) dos gráficos nº40,41,42,43,61 e II, V, VIII e XI fora de texto.

Aliás, como de imediato se observa, estes tratadistas querem afastar-se de uma óbvia reprodução do esquema das retóricas<sup>137</sup> e gramáticas, aplicado ao particular da história. Pressupondo-a, apenas explicitam o que consideram relevante, quer por não estar a ser usado, quer por ser específico, quer por o considerarem fundamental para a narrativa histórica. Estes tratados pretendem ensinar, na maior parte das vezes pela prática, sem nomearem a regra, ou a teorizarem<sup>138</sup>, seguindo ainda o preceito clássico de que a *arte* quando descoberta deixa de o ser (Quintiliano), devendo por isso ser entendidos segundo a lógica e a funcionalidade de exercícios preparatórios.

Esta é a estrutura argumentativa-base que os discípulos aprendiam com o progymnasmata e que, sendo a base do ensino médio no Renascimento, é assim usada tanto pelo género deliberativo, como pelo judicial, demonstrativo e histórico, que integra excertos de todos estes tipos de discurso.

Seguir-se-á na análise um processo similar ao lógico argumentativo daqueles exercícios: numa primeira parte, são apresentados os pressupostos e a arquitetura geral das obras, de maneira a entender as regras enunciadas, e, numa segunda, a metodologia de análise dessas regras e enunciações, de modo a, partindo do *dito* e do *não dito*, se deduzirem as diferentes concepções de história em presença, em Espanha, entre finais de quinhentos e finais de seiscentos.

A inovação de Aristóteles foi ter centrado a argumentação retórica referente à matéria do discurso na demonstração, e, em relação a esta, por analogia com os enunciados científicos (cuja verdade se tinha de provar através de inferências demonstrativas), estabelecer com as proposições prováveis uma estrutura similar, pela qual, passando a

---

<sup>136</sup> "si debe casarse un rey...", Téon, *Ejercicios*, op. cit., p. 149.

"Es *simple* este discurso algunas veces, como *si es bien casarse*, que se llama acción", Cabrera, *Da Historia*, p. 109.

<sup>137</sup> Ao contrário, por exemplo, de Espinosa de Sanctayana, que integrando o seu texto historiográfico em *Arte Retorica*, op. cit., aliás uma tradução mais ou menos livre de Aristoteles, o adapta àquele esquema.

<sup>138</sup> Por exemplo Cabrera (*Da Historia*, 2ª parte.) e Fuentes de Gúzman (*Preceptos*, pp.21-48) ensinam, em cerca de metade das suas obras utilizar as diferentes formas narrativas, e das adequadas formas de expressão, exemplificando os vários processos argumentativos, sistematizados por Aristóteles e clássicos latinos, sem no entanto lhes fazer referência.

verdadeiras pela vontade moral (*habitus*, a vontade humana que permite criar uma natureza mais virtuosa, como se disse), convençam da sua verdade, e assim integrar o exemplo no processo demonstrativo. O raciocínio retórico ganha evidência de verdade universal, impondo-se ao auditório, porque envolve a lógica das relações, retiradas do lugar comum, e das sedes de argumentação dos entimemas, em criteriosos argumentos seleccionados especificamente dentro da matéria em análise que agregam o consenso dos valores, porque também esses valores foram previamente estabelecidos como universais, como se pôde observar da figura anexa sobre os exercícios narrativos (nº48).

Em relação à argumentação referente às provas de persuasão estritamente discursivas, desde Aristóteles, como se disse, que se considera assentar a validade do raciocínio em provas próprias, recomendando-se assim que as ideias-base da demonstração sejam seleccionadas dos aspectos nucleares da matéria<sup>139</sup>, tendo em conta o que sobre ela é costume deliberar (mas em que os princípios genéricos da pertinência já estão pré-estabelecidos para cada género discursivo em função da sua finalidade). Esses argumentos serão desenvolvidos por meio de lugares lógicos comuns deduzidos dos Caracteres<sup>140</sup> (meio de seleccionar enunciados e de fixar classes de inferência, discriminando as válidas das aparentes), do possível<sup>141</sup> (não sendo falso, pode ser, ou não ser, verdadeiro), dos factos e do raciocínio por amplificação. Através do percurso argumentativo fundado na lógica binar do impossível (ou falso<sup>142</sup>) ou do possível - de que depende, ontológica e logicamente, a argumentação do facto - estrutura-se todo o raciocínio relacionado com a

---

<sup>139</sup>Morcillo, que defende uma concepção de história menos instrutiva do leitor, no sentido de menos persuasiva, e mais crítica, preconizando ao longo da obra autores e leitores com capacidade de efectuarem juízos, considera que a melhor forma de escolher os argumentos que correspondam ao tema nuclear da matéria é analisá-la como se de uma controvérsia se tratasse.

Cfr. *De Institutione*, p. 45 e seg.

<sup>140</sup>Os lugares comuns da argumentação são as pré-condições gerais a todo o discurso, de modo a criar discursos coerentes e convincentes.

A tópica de cada um dos géneros oratórios estudados por Aristóteles assenta nas referidas noções lógicas gerais, concretizadas posteriormente num quadro de qualidades e condutas definidas a priori, que passaram a ser caracterizadoras de cada um dos géneros de discurso. Os tópicos da virtude, da felicidade e do prazer, bases do discurso demonstrativo, deliberativo e judicial, foram introduzidos respectivamente nos elogios e encómios, tese e lugar-comum, e deles se falará a seguir. O discurso histórico recorre, conforme o seu objectivo, a tópicos específicas de cada um desses géneros, como se exemplificará na terceira parte deste trabalho.

<sup>141</sup>Os lugares essenciais têm a ver com a concepção ontológica de analogia: são os de oposição, oposição relativa (múltiplos e divisão), possível pela semelhança com o semelhante, anterior-posterior, parte-todo, o que surge na natureza, costume, acção ou paixão.

<sup>142</sup>Que não pode ser refutado, nem admite controvérsia, como adverte Cabrera, ao mesmo tempo que recomenda o seu não uso, referindo a doutrina da Igreja sobre o tema.

Cfr. " Del uso de nombres: fortuna, hado, caso, suerte", Cabrera, *Da Historia*, p.111 e Fuentes y Gúzman, *Preceptos*, p.48.



defesa ou refutação de teses e de apresentação dos sucessos (com idêntico sistema de argumentação por comparação), com as respectivas qualidades de mais e de menos, de anterior e de posterior, de potência e de acto, de parte-todo e de magnitude, complementadas com inúmeros desenvolvimentos argumentativos, também por amplificação e comparação, exemplos e máximas, que funcionam como testemunhos concretos e particulares reforçadores dos predicados enunciados nos entimemas, ou sendo eles próprios entimemas, como em muitos juízos e sentenças<sup>143</sup>.

Neste caso trata-se de falsas demonstrações, por analogias semânticas e lógicas falaciosas<sup>144</sup>, especialmente a da generalização, tomando a parte pelo todo, ou a partir da ampliação de algo, concluindo com uma locução ou expressão que está associada à conclusão silogística: "de donde infiero, luego, pues aunque, pues, de donde quiera que, de donde se sigue que, de donde se infere, es asi que, que todo eso es, es a saber", como em muitos dos predicados apresentados por San José como conclusões<sup>145</sup>.

A utilização da amplificação, processo de aumento, ou diminuição dos caracteres (bom, justo, grande, nobre, etc.) - entendida por Aristóteles como um entimema de reforço-valorização das conclusões, podendo assim integrar-se nas lógicas do silogismo por comparação, base do elogio, e por isso típica do género demonstrativo que assenta na caracterização de virtudes concretizadas em belas acções - é um processo argumentativo directamente revelador da concepção de estilo e consequentemente da ideia de história do autor. Assim o uso da amplificação é preconizado por Morcillo como recurso excepcional, de forma moderada por Cabrera, e considerado como o processo característico da narração histórica por Jerónimo de San José<sup>146</sup> e Garcia - ver figura nº 46 com a esquematização das várias formas-tipo de argumentação.

---

<sup>143</sup> "(...) Entimemas; porque la segunda proposicion, puesta despues de la primeira, y enlazada con ella con la particula, que los Dialecticos llaman ilacion, haze un argumento regular, y de justa forma.(...) Como el Avariento goza tan poco de lo que tiene, como de lo que no tiene, le falta tanto lo uno, como lo otro." Garcia, *Arte de Historia*, pp. 146 e 147.

<sup>144</sup> Falsas sedes da argumentação: enunciar algo conciso e em oposição, pela homonímia, dizer em síntese o que estava dividido, ou o contrário, pois parece concluir não o sendo; de um indício concluir algo; ampliar ou desvalorizar algo; concluir pela consequência, apresentar o que não é causa como causa, dizendo que sucedeu "despues de algo", ou "por esto", que se interpreta como a causa, omissão do quando e do como.

<sup>145</sup> *Genio*, blocos 483, 484, 485, 4707. Ver em especial o apêndice final com excertos de *Genio de la Historia* em que surgem associadas *verdad* e *historia*.

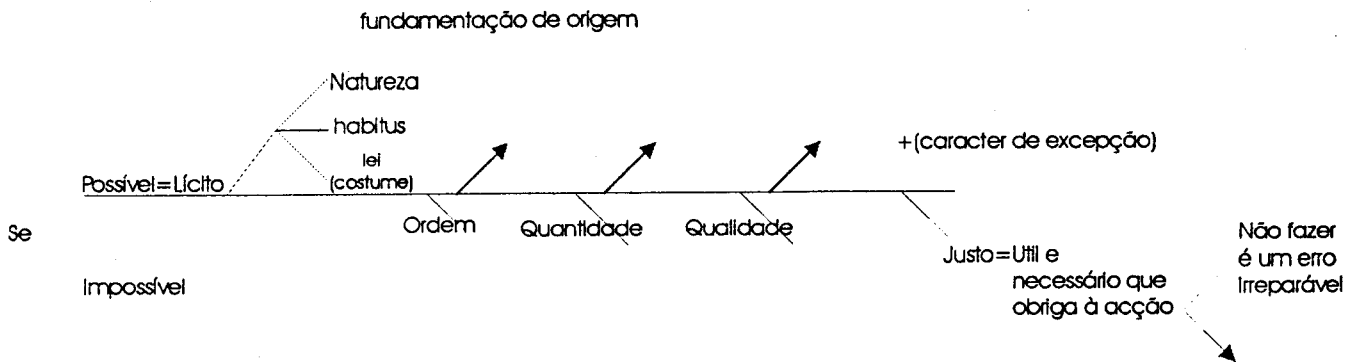
<sup>146</sup> Cfr. em especial toda a 2ª Parte de *Genio A* e *Genio B*.

## Fig. 46 - Formas Tipo de Argumentação

Considerou-se que as formas-tipo de argumentação usadas na criação histórica se podiam sintetizar no exercício da *tese* (argumentação do possível e respectiva refutação), do *relato* (argumentação dos factos, sucedidos, ou possíveis), do *lugar comum* (refutação do facto de tipo demonstrativo, por razões de necessidade e moralidade) e *encómio* (base da argumentação por amplificação). Aliás todos os exercícios, através de alguns dos seus lugares, recorrem à argumentação por amplificação.

# 1. Estrutura da argumentação baseada nos lugares lógicos

A argumentação lógica na defesa de uma tese costuma percorrer os seguintes lugares:



Geralmente os conteúdos são valorados em função de integração em conjuntos de elementos já existentes, segundo os lugares de Ordem, quantidade, qualidade, etc. Se o caracter for único exprime força excepcional.

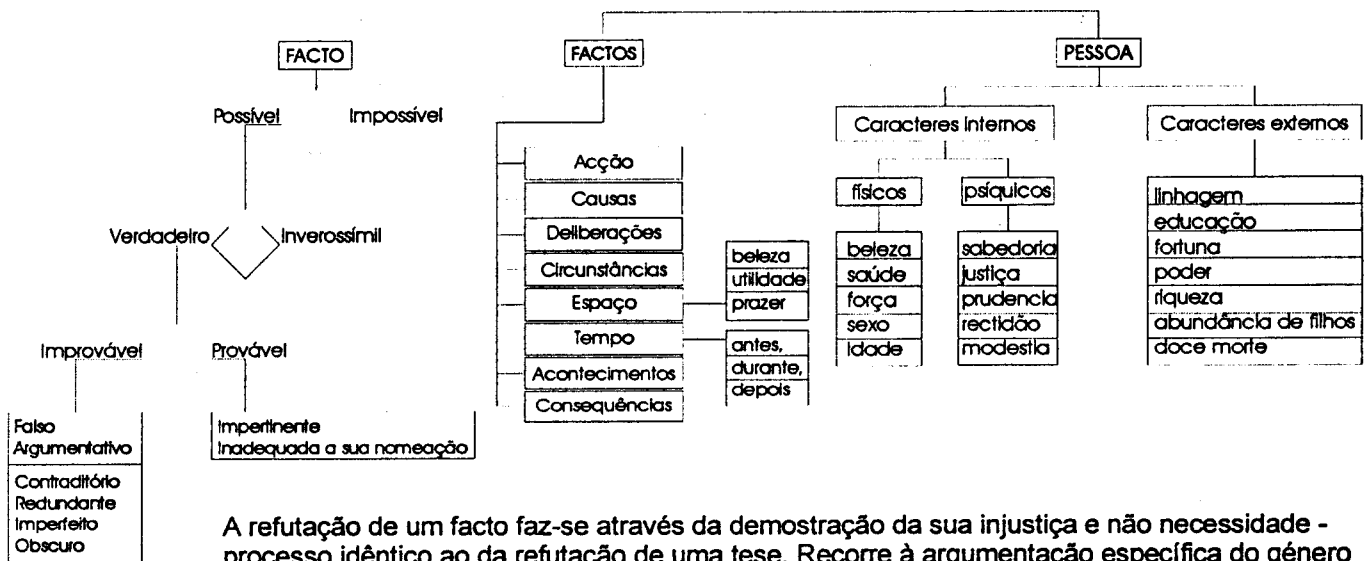
A tese pode ainda desenvolver, por comparação de superioridade, similitude e relação parte-todo, a argumentação nos lugares relacionados com as circunstâncias.

Pode constar de uma segunda parte prática, em que os princípios são concretizados em exemplo, coincidindo nesse caso com a tónica da argumentação dos factos. Aplicando assim os referidos argumentos lógicos de similitude, por analogia e por oposição, de comparação e relação, a vários personagens e acções, logra desdobrar os conteúdos em inúmeros sucessos, de modo a concluir de novo pela utilidade, necessidade e justeza dos factos.

# 2. Estrutura da argumentação baseada em factos

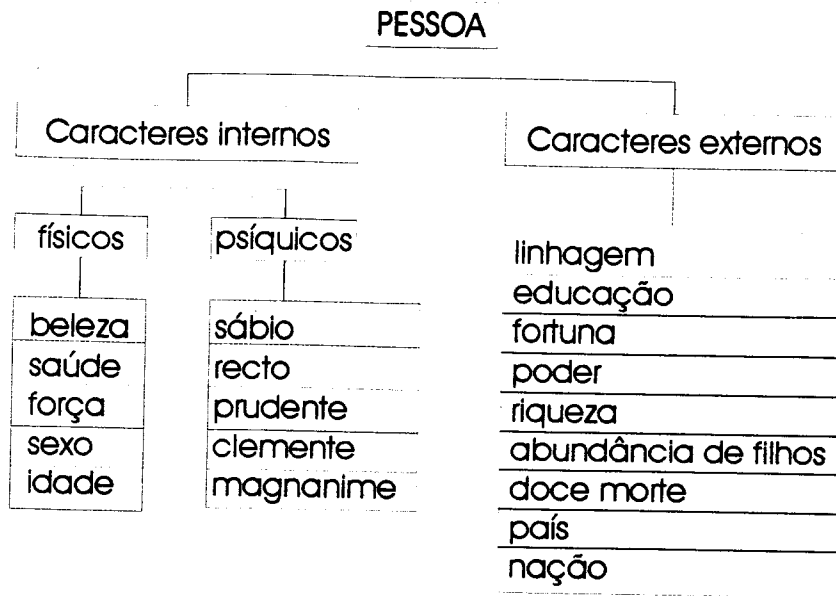
Esta argumentação assenta no princípio de que não sendo falso, pode ser ou não verdadeiro, base do raciocínio plausível, é também a da história.

Vai caracterizando e narrando através dos seguintes atributos:



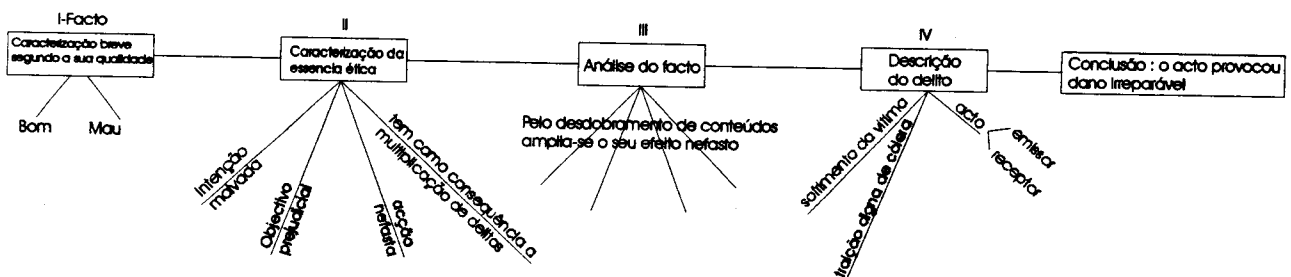
A refutação de um facto faz-se através da demonstração da sua injustiça e não necessidade - processo idêntico ao da refutação de uma tese. Recorre à argumentação específica do género judicial, nomeadamente sobre os caracteres de paixão humana, cujas caracterizações são feitas desenvolvendo, através de grande número de lugares, os princípios de ira-calma; amor-ódio; vergonha-falta de pudor; e ainda favor e compaixão, indignação, inveja, emulação, temor e confiança.

### 3. Estrutura-base da argumentação por amplificação (elogio e comparação)



Partindo dos mesmos atributos que em relação à pessoa são usados na argumentação de tipo relato, os elogios elaboram-se sobre as qualidades do corpo e virtude. O encómio sobre as belas acções, só possíveis devido à virtude do seu autor (por isso este exercício é mais valorizado), sendo consideradas da maior dignidade as realizadas no interesse dos outros e não no seu; as que produzem bem à maioria; e as que se fazem antes que outros se atrevam. Este tipo de exercício narrativo, sem conteúdo específico, nem tese (e em que a prova é sugerida), vai decompondo o conteúdo numa pluralidade de argumentos que percorrem os distintos lugares. Tal alargamento da extensão do relato facilita ainda o discorrer sobre as qualidades mais adequadas ao que se pretende concluir (definidas as personagens em função dos caracteres da paixão).

### 4. Argumentação por amplificação : lugar-comum



Estilo directo e afectivo, associado à argumentação de tipo jurídico, que dá garantias de rigor e assegura fáceis condições de crédito, por combinar o elemento emocional, que desencadeia adesão, com uma estrutura formal que garante segurança.

Amplia-se um facto que se pretende condenar ou invalidar sem necessidade de prova, surgindo assim como um epílogo de algo já demonstrado. A partir dele, seguindo o esquema anexo, facilmente se encontram e aumentam argumentos negativos: depois de uma breve caracterização do facto segundo a sua qualidade, e antes de o analisar, comparando-o com outros semelhantes ou de grau superior, potenciando a gravidade e extensão do erro, caracteriza-se em termos de essência ética, ampliando o conteúdo pela divisão de argumentos e ligação de vários erros: na intenção, nos objectivos, na acção e nas consequências. Finalmente, percorrendo o lugar do contrário, da relação recíproca, da divisão, etc., com tom presencial e pormenorizadamente, descreve o delito, sublinhando o efeito do acto, o sofrimento da vítima e a cólera das testemunhas. A conclusão é a evidência do dano irreparável.



Quanto aos exemplos, inventados ou verdadeiros, são particularmente úteis no discurso histórico, qualquer que seja o género que se tenha como modelo, porque, sendo o passado similar a casos futuros, serve de ilustração concreta, para além de que o testemunho, devido ao seu carácter vivencial<sup>147</sup>, é sempre convincente, sendo por isso forma mais adequada de enunciar teses na narrativa histórica - através dos lugares comuns da sua parte prática.

Podem funcionar ainda como confirmação da tese, apresentada no entimema - como que enlaçando a conclusão com o termo menor do silogismo - ou sugerindo a demonstração, quando não for possível desenvolver silogismo<sup>148</sup>.

Também este recurso é constantemente usado pelos tratadistas, estruturando aliás Jerónimo de S. José assim os capítulos de *Genio B*, pois num primeiro capítulo apresenta a tese e num segundo exemplifica com autoridades - com excepção de quando o exemplo, pela sua importância (v.g. tratando-se de um facto bíblico), serve de tese, sendo por isso seguido de outro exemplo (caso da terceira parte de *Génio*).

Quanto à máxima, o seu carácter experiencial, concreto, mas geral, de certo modo apelativo do leitor, é conseguido porque, sugerindo um juízo pessoal do autor, dá credibilidade e honestidade ao discurso, ao mesmo tempo que é partilhado pela experiência concreta dos leitores. Quando afirmada pela negativa, impõe uma ideia de conclusão necessária: *no debe, nunca hay*, - "No faltará, la verdad, aunque no diga todas las circunstancias (...) ni las aya visto, como diga lo principal. Esto haze la desemejança en los escritores (...)"<sup>149</sup>.

Denominada por Cabrera como juízo, deve seguir-se à conclusão da tese. Estes processos argumentativos, base da construção da narrativa histórica, são enunciados sistematicamente por Cabrera e referidos em San José e Fox Morcillo no exercício referente às falas, que integra a *chria* e a sentença, e sintetizam as várias formas de raciocínio silogístico, simulando verosimilhança e realidade concreta e da autoridade - daí a importância dada por todos os autores a este exercício, como já se disse.

<sup>147</sup> "Del ingenio, juyzio, y disposicion que pide la leccion de la Historia, (...). Es verdade, que la ciencia Civil, y la Historia miran igualmente a la prudencia, (...). La ciencia vâ por las difiniciones, divisiones, y discursos, sacados, y inferidos de los Axiomas universales; y por los sylogismos en forma, que todos son caminos abstraídos fuera de la esfera de nuestra vista, y distantes de los caminos propios de los sentidos, y la imaginacion. La Historia al contrario, sin elevarse al universal, y a la idea; sin alexarse del singular, y de lo sensible, camina a pie llano por los exemplos, que guian sin torcer a la practica, y al uso.(...) no veo nada que les pueda embarazar el tomar los caminos de la Historia, donde todo es sensible, y solido; donde sin descaminarse por los rodeos de la especulaciõ, y por el vacio de la idea, aprenden por las cosas hechas las que se han de hacer, o evitar;" Garcia, *Arte de Historia*, pp. 40, 41 e 42.

<sup>148</sup> *Retórica*, p. 408.

<sup>149</sup> Cabrera, *Da História*, p. 82.

Os juízos, as opiniões, as teses, individuais e contingentes, eram comunicadas com valor universal e força impositiva, porque, associado a esta estrutura, havia um criterioso cuidado na escolha da expressão e na forma de composição do discurso. Como se verá adiante, este processo lógico-argumentativo é enriquecido com ideias, transmitidas por conceitos e juízos, - em que é determinante a posição da expressão verbal e dos nexos, que criam as ligações nas sequências do raciocínio, originando muitas vezes a ilusão de uma conclusão silogística, como já se referiu a propósito de *Genio de la Historia*.

Estes aspectos relacionados com a expressão e estilo - correspondendo à terceira parte da *Retórica* de Aristóteles, e teorizados nas retóricas latinas, por terem sido os menos aperfeiçoados pelo Peripatético - serão amplamente desenvolvidos pelos tratadistas da história renascentistas: pois, sendo através da narrativa que se criava a história, era exactamente através do debate em torno dela que se poderiam ir alterando as formas de a conceber e de sobre ela reflectir <sup>150</sup>.

De facto pelo cuidado e desenvolvimento que os tratadistas de seiscentos deram à elocução, sobretudo à forma de ligar as frases<sup>151</sup> (membros) de estabelecer os períodos<sup>152</sup>, que constituem orações de sentido próprio, percebe-se a consciência que tinham do valor lógico que as palavras possibilitam e da sua importância na construção dos argumentos, na criação dos exemplos e da prova, com a respectiva integração numa intriga cujo resultado é a apresentação da demonstração, seja em forma de relato, de elogio, de descrição ou de tese.

Pela expressão pode apreender-se o nível de construção do texto, a força da narrativa, os nós do pensamento, as marcas do autor na elaboração da intriga e na descrição dos objectos, os apelos que faz aos leitores. E ainda como cria a duração e desenvolve a narrativa, pois a força do relato histórico está também na capacidade de situar as acções e de as explicar, de desenvolver e integrar o tema na história, e a prova no tema e no conjunto da narração. Perceber o papel que a expressão tem na construção da história, é perceber a determinação da narrativa na criação de memórias e na criação-transmissão de um passado presente ao leitor.

---

<sup>150</sup>"Com efeito, se até quando falamos, em conversa vulgar, devemos manter uma decorosa dignidade, por forma a não dizer todas as coisas pelos seus nomes (o que agradava aos estóicos e aos cínicos), muito mais, por certo, isso deve acontecer na história, na qual se tomam em consideração não só o que se fez e o que se disse, mas também as palavras e o próprio discurso". Morcillo, *De Institutione*, p.31.

<sup>151</sup>Cabrera, *Da Historia*, cap. 24.

<sup>152</sup>Cabrera, *Da Historia*, cap. 26.

O que até agora se disse era ensinado através de alguns exercícios-base: relato, descrição, encómio, etc. Narrativas simples, davam a preparação suficiente, quer para as escritas mais elementares, quer para o desenvolvimento de argumentações específicas, como era o caso das dos discursos políticos ou judiciais.

Nas figuras nº 47 e 48 que a seguir se apresentam tenta-se esquematizar a composição desses exercícios (nº47) e a forma como sintetizavam os ensinamentos lógico-argumentativos, de expressão e de composição.

E, se poucos futuros oradores, historiadores, pintores, etc, cursavam retórica, todos aprendiam nos progymnasma - exercícios preparatórios de construções argumentativas de defesa e refutação, baseados por isso sobretudo nos lugares lógicos, e recorrendo às elementares formas de expressão e de composição, em que se desenvolvia a comparação retórica, o juízo valorativo (lugar comum), a *chria* (sentença desenvolvida), descrição, elogio, defesa de uma tese, elaboração de uma fábula, ou de um relato - a escolher e desenvolver um tema, de maneira teórico-prática, utilizando diferentes recursos argumentativos e tipos de narrativa. Tais exercícios eram complementados por uma compilação de textos, que serviam simultaneamente de modelos e como livro de exercícios, pois, como advertia Horácio, e Cícero em *Ad Herennium*, e mais tarde Teon<sup>153</sup>, o método e a teoria dados pela arte só com longa prática e trabalho de imitação poderiam fazer um orador - ideia que se torna própria no Renascimento, pois, através dos *topoi*, trabalho, dificuldade e fadiga, sugeria-se a imagem de arte e portanto saber corporativo, reconhecido socialmente.

Constavam os exercícios desta segunda parte de leitura, audição, tradução<sup>154</sup>, elaboração, réplica, ilustração e reelaboração do original. Será este treino no exercício de imitação do estilo de diferentes autores no desenvolvimento de outro tema que permitirá aos historiadores falsários forjarem tão convincentes provas históricas! É através deste processo defendido e aplicado à história por San José, a propósito da passagem de um texto de prosa para verso<sup>155</sup>, que se ensina a fragmentar textos, integrando excertos noutros processos narrativos.

---

<sup>153</sup> Teón, coevo de Quintiliano, por considerar que os oradores do seu tempo não tinham suficientes conhecimentos, recomendava aos mestres a recompilação de obras antigas, com a transcrição de abundantes exemplos, de modo a poderem exercitar-se convenientemente, imitando os modelos virtuosos.

<sup>154</sup> Cfr. Teón, *Ejercicios*, op. cit., p.38.

<sup>155</sup> San José, *Genio B*, p.329



Estes exercícios retóricos, no Renascimento, pretendiam despertar menos a criatividade e a associação de ideias e de formas do que na época clássica, favorecendo uma memória retórica mais estereotipada. Eram por isso, na tradição do ensino pelo catartismo, completados por uma selecção de frases feitas<sup>156</sup>, associações de imagem e palavra, e um conjunto de fontes de argumentação e lugares comuns, muitas vezes também concretizados em textos e imagens, através dos quais, ensinando-se a pensar e a escrever convenientemente, se vinculavam as normas estéticas e éticas.

Com efeito, a estreita ligação entre pintura e imagem, de que já se falou, é assim reforçada por esta memória artificial, que se baseia na literatura visual renascentista e barroca, tendo o religioso, o pintor, o historiador e todos os curiosos em humanidades acesso, através das *Emblemáticas, Iconologias, Vocabulários, etc.*, a esses elementos que, sendo uma forma de apresentar e transmitir um aparelho conceptual por metáforas, ajudam a reforçar e a padronizar o gosto e a transmitir uma cultura, funcionando como concretização prática da memória artificial retórica<sup>157</sup>.

Através de uma mnemónica conceptual e visual, ela ensina a fixar uma série de representações-base, pela similitude de temas ou de palavras, em imagens claras, concretizando-as em determinado lugar e circunstâncias<sup>158</sup>. É esta associação, pelo artifício, de uma ideia a uma imagem em situação, que vai possibilitar as (porque genéricas e comuns) pormenorizadas descrições e narrações de ilusória presença vivencial. Por isso neste trabalho se consideraram como figuras retóricas,

---

<sup>156</sup>Para além dos catartismos, que eram a compilação do tempo do oral e do manuscrito, em que o discípulo copiava para o caderno frases feitas, flores, etc, e que continuaram a ser o processo base da aprendizagem, surgem com o impresso compilações de ditos e sentenças de carácter geral, quer em latim, quer em castelhano.

Devido aos constantes erros detectados na transcrição das citações latinas em *Genio A*, manuscrito autógrafa, é de supor que San José tenha usado cópias e notas retiradas dos cadernos de estudante. Espanha desde meados de quinhentos que traduziu do latim e criou dicionários, gramáticas e retóricas, vocabulários do humanista, para além dos manuais de pregação, com a técnica sobre a construção do sermão.

Sobre esta extensa memória, ver Artaza, *El Ars Narrandi*, op. cit., pp.125-128.

Cfr. Refira-se no entanto, para além de Iconologia de Ripa, *Hechos y Dichos*, de Valério Máximo, os *Emblemas Morales* e de *Tesoro de la Lengua*, dos irmãos Cobarruvias já inúmeras vezes citado, Palmireno, *Vocabulario del Humanista, de Aves, Peces, animales...* Valencia, 1569, que Tamayo de Vargas em *Junta de Libros* ainda refere como manuscrito (ID 1240-2201), *El latino de repente*, Valencia, P.de Huerte, 1573 (uma tradução de *Elegantiae*, de Aldo Manúcio, que Tamayo indica com o nº 2203).

<sup>157</sup>Definida por Cícero "como cámara del tesoro de las ideas proporcionadas por la invencion y al guardian de todas las partes de la retórica", Ciceron, *Rhetorica Ad Herennium*, op. cit., pp.212-217.

<sup>158</sup>Como se referiu, a Contra-Reforma vai considerar determinante da adesão o apelo sensorial e afectivo ao ver, baseando-se por isso os exercícios espirituais em imagens, que funcionam como mnemónicas.

Fig. 47 - Cotejo dos exercícios narrativos analisados por Teon, Aftónio e Hermógenes com os processos narrativos apresentados pelos tratadistas de história<sup>1</sup>.

Os exercícios narrativos que correspondem ao corpo da história foram estudados, também, como lugares específicos daquele saber, como se disse, por concretizarem em cenas modelo do quotidiano os lugares da argumentação básicos a um enredo de história. Incorporando na disposição a invenção, fixam em esquemas narrativos-tipo, formas de argumentação, concretizadas em processos de desenvolvimento de conteúdos, e de expressão, predefinindo assim os próprios critérios de observação e do conhecimento da realidade.

Se o esquema apresentado na introdução pretendia explicitar os níveis de análise de um discurso histórico, e o esquema sobre a força do dizer apresenta a concepção de obra em que esses discursos se integravam, com as respectivas formas de disposição, a representação nº48 pretende sintetizar os elementos a partir dos quais surge uma história.

O nível da expressão foi representado pela cor rosa (trama que está subjacente a todos os exercícios e que vai alterando a tonalidade de acordo com o modelo argumentativo que estrutura cada exercício: os que assentam em raciocínios de tipo demonstrativo, e que por isso recorrem predominantemente às cores *dicendi* são visualizados em tom vermelho, enquanto a descrição, por não desenvolver argumentação, foi representada a branco; a cor amarela simboliza os raciocínios desenvolvidos a partir de uma argumentação fundada nas categorias do possível, e o tom azul a argumentação baseada em factos.

Do engenho individual dependerá o colorido específico de cada exercício, bem como as suas respectivas combinações, e a selecção dos conteúdos mais convenientes, de tudo resultando histórias, história e cada história.

---

<sup>1</sup>No caso de *De Institutione*, *Genio de la Historia*, *Arte de Historia* e *Da Historia* a numeração na tabela anexa indica a parte ou o capítulo, e subcapítulo, em que a respectiva doutrina é enunciada. No caso de *Conscribenda*, *Preceptos*, e dos *Ejercicios* de Aftonio, Hermógenes e Teón, por estas obras não estarem subdivididas, os números dizem respeito às páginas em que os exercícios são definidos.

Preceptos	De Conscri benda				Arte de Historia	De Institutione	Jerónimo de S. José			
Fuentes y Gúzman	J.Costa	Teon	Aftónio	Hermógenes	FGarcia	Morcilho	Génio A	Génio B	Cabrera	Denominação
21-22	64-70				8,1	7,2			2,7	Exordio
		73-81	175-176	215-218						1. Fábulas
26-27		139-150		259-268		7.5			2.13	2. Tese
17-21	1-38	81-105	177-178	218-219	2,3	7.3	1,7	1,11	2.2 2,3 2,4 2,5	3. Relato
26 28	74-76	105-119	179-184	219-222	3,8 5 4,1				2,12 2,15	4. Chria
26	25-30	124-132	187-193	239-249	4,4				2,11 2,17	5. Encómio/velogio Retrato
		119-123	184-187	232-235	4,1 4,2 4,3					6. Lugar-comum
										7. Comparação
25-26	39-58	132-136	193-194	250-253	7,1 7,2 7,3	7.5	1,9	1,15	2,10	8. Falas
24-25	72-74				7,4	7,4	1.10		2,9	9. Digressão
22-23	10-16	136-139	195-196	253-259	6	7,4	1,8		2,8	10. Descrição

Denominação	Definição
Exordio	Entrada ao que se pretende narrar, com elegante estilo e de forma concisa. "Bastelas a los que escriben, para con sus mecenates, el uso de una atenta cortesania, sin eficacia que persuada, sino con un estilo que no desoblique." <sup>1</sup> Toma-se evidente o objectivo: despertar a benevolência que desencadeia empatia e adesão no leitor.
1. Fábula	Exposição falsa, mas util, de finalidade moral.
2. Tese	Exame lógico que admite controvérsia. A finalidade é persuadir. Pode recorrer-se a ampliações, digressões e comparações. Só admite narração na tese prática (este exercício geralmente inclui o da lei).
3. Relato	Exposição de factos que sucederam ou poderiam ter sucedido é composto por sete elementos básicos: personagem, acção realizada e modo, causa e deliberações, circunstancias espacio-temporais, e suas consequencias. É o exercício fundamental da narrativa (verbal ou pictórica), em que, através de argumentação baseada em factos, se vai caracterizando as referidas personagens, as intenções das acções, as causas, etc, integrando-se por isso nele, facilmente, o modelo Vida <sup>2</sup> .Corresponde ainda muitas vezes à concretização da tese prática, pelos princípios e valores que incorpora e estão na base das caracterizações
4. Chria	Acção breve, remete sempre para evidente sentido útil. Desenvolve-se sobre um particular ou geral, e pode ser graciosa ou grave. Usa-se através da expressão interrogativa e exclamativa para, exprimindo indignação ou interrogação, e através da sugestão de diálogo, poder discorrer mais amplamente sobre os lugares comuns, de modo a concluir da universalidade da tese.
5. Encómio\elogio Retrato	Descrição da personagem, fazendo vê-la "ante os olhos". Necessita, ao contrário do lugar comum, de recorrer a provas, devendo incluir juízos atribuídos a pessoas doudas, que, servindo de exemplos de autoridade, reforçam o valor do dito.
6. Lugar-comum	. Uma composição ampliada de um facto reconhecido, geralmente indigno. Pretendendo elogiar, ou castigar, como não precisa de recurso a provas - e nisso se distingue do encómio - é usado sobretudo na argumentação desfavorável(por esta argumentação utilizar o processo comparativo, recorre abundantemente ao <i>si, ou equivalente</i> , que transporta a tese). Os argumentos são retirados do género judicial, exprimindo-se em estilo directo e vivo.
7. Comparação	Trata-se de um pequeno exercício que liga acções, ou personagens em situações equivalentes, pretendendo realçar o comparado. Utiliza o modelo do encómio, integrando-se assim geralmente na argumentação por amplificação.
8. Falas	Muito valorizado pelo efeito de presença e realidade que permite, facilita a divulgação da doutrina. O discurso de uma personagem tem de ser adequado a quem fala, sobre quem se fala e a quem se fala, nos que diz respeito a todos os caracteres relacionados com a personagem (país, sexo, educação, idade, fortuna, poder, etc), devendo ter ainda cada facto a forma de elocução apropriada. O processo argumentativo organiza-se em função do que se pretende concluir: consolo, clemência, rogo, etc, obedecendo por isso o seu desenvolvimento aos caracteres de paixão pré-definidos.
9. Digressão	Exposição saída da narração para dar ornamento e claridade aos argumentos
10. Descrição	É uma exposição detalhada que apresenta os objectos "ante os olhos". Caracterizando factos inanimados, sem juízo do autor - por isso não aceita refutação, integrando-se nesse caso no relato -, é o unico exercício que explicitamente nao inclui argumentação.

<sup>1</sup>Preceptos, p. 21.

<sup>2</sup>Como é o caso de João Costa, com o retrato de Carlos V e Cabrera de Córdoba, com o Filipe II, baseando-se ambos nas caracterizações definidas por Aristóteles para o *Herói*.



não apenas os elementos estritamente verbais, objecto da elocução, mas também os emblemas, "obra útil para oradores, predicadores, poetas, pintores (...) y para todos los dibujantes en general", englobando genericamente neste termo todas as representações que integram palavra e imagem. Sugerido pela imagem e explicado pela palavra<sup>159</sup>, utilizado pelos historiadores como ornamento<sup>160</sup> e lição, este sistema codificado<sup>161</sup> será subvertido pelos autores barrocos, nomeadamente por Pedro del Pulgar, em *Sigalión*, ao ser fragmentadamente incorporado em argumentação de sentido próprio, muitas vezes contrário ao original.

Correspondendo assim a processos argumentativos adequados, pretende-se verificar como, na construção pessoal de cada obra, a forma de argumentação, de expressão, o estilo do autor, lhe dá distintos graus de especificidade, pois tão importante como a identificação desses lugares de enunciação é a compreensão do grau de coesão com que se integram na estrutura argumentativa, por a sua força persuasivo-doutrinária depender da riqueza e elegância de expressão, do seu carácter próprio, usando a terminologia retórica.

Sintetizando, a análise da primeira e segunda partes dos exercícios preparatórios, correspondendo à formação-base de qualquer curioso nos estudos das humanidades, é fundamental para a compreensão do processo de elaboração da escrita das histórias, por várias razões: tendo-se verificado que as narrativas históricas se concebiam e se organizavam segundo o modelo de obra retórico, e que concretizavam nas suas narrativas esses mesmos preceitos argumentativos e discursivos (formas de expressão e estilo, obedecendo as próprias caracterizações de personagens e de acções ao mesmo esquema e quadro hierarquizado de princípios e valores), verificava-se também que o desenrolar narrativo, com excepção das partes mais directamente relacionadas com as provas de persuasão dos leitores (exórdio, *peroratio* e conclusão), não correspondiam ao esquema de narração, argumentação, refutação, confirmação, etc., próprios do discurso deliberativo e judicial, apesar de

---

<sup>159</sup>"Las imágenes que se realizan al objecto de significar cosa distinta de la que con los ojos directamente se percibe,(...) persuaden muchas veces valiéndose de los ojos, así aquellas por medio de las palabras mueven las voluntades", Cesare Ripa, *Iconologia*, vol.1, op. cit., p.45.

<sup>160</sup>É o caso da utilização do emblema de história de Ripa usada na versão manuscrita de *Genio A*, fl.33-34. Introduzida para ilustrar o que tinha dito sobre os requisitos necessários ao historidor, e por isso situada no início do resumo-síntese da primeira parte, ela não só não se integra particularmente bem na sequência do texto, como a definição de história não se adequa às ideais apresentadas por San José naquela parte do tratado. Essa definição, transcrita no início deste estudo, não foi integrada na versão impressa da obra, fazendo dela Pulgar, uma paráfrase, em *Sigalión*.

<sup>161</sup>Este tipo de informação semântica, bem como palavras integradas em frases e outras expressões, de sentido específico na cultura barroca, cuja inteligibilidade exige o conhecimento do contexto de produção, foi integrado dentro da semântica, no sub-nível das expressões simbólicas (ver figura 1 na Introdução deste trabalho).

muitos dos termos e temas tratados serem coincidentes. O que era aliás compreensível, pois as histórias não defendem (aparentemente) - ou dissuadem - argumentos lógicos, mas registam factos sucedidos, em que as teses e os juízos do autor surgem como que diluídos nas falas e sentenças das personagens, ou mesmo a propósito de alguma sugestiva descrição ou digressão.

A verificação de que as *histórias* articulavam no seu relato os vários exercícios de narração preconizados pelos tratados de história coevos, que explicavam o seu uso, se confirmou o carácter construído e artificial das narrativas históricas cheias de intencionalidade, - em que a sua funcionalidade passa por um complexo conhecimento de códigos de língua, de expressão, de formas de argumentação e de factores psicológicos, de que já se falou, e por isso reveladores de grande elaboração e domínio retórico, punha o problema de encontrar a origem dessas regras, pois pareciam demasiado técnicas (próprias das artes de imitação especificamente literárias) para serem elaboradas pelos tratadistas da história.

A verificação de que os exercícios retóricos que integravam os *Progymnasmata* correspondiam genericamente aos tipos de narração que compunham as histórias, e que esses exercícios, em versão manuscrita e impressa, na tradução de Jorge Trebisonda, anotada por Fr. Alonso de Herrera<sup>162</sup>, eram utilizados desde o século XVI em Espanha, permitiu não apenas esclarecer a origem dos preceitos narrativos preconizados pelos tratadistas da história, como compreender o processo de elaboração das digressões, fábulas, sentenças, etc. Por outro lado, devido ao carácter elementar e prático destes exercícios básicos, o estudo, concretizado em pequenas histórias, daquelas regras, permitiu observar de forma minuciosa os processos de elaboração argumentativa. Permitiu ainda a compreensão de como os princípios da demonstração silogística foram adaptados à história, e de como esses exercícios sintetizam de forma simples e concisa o essencial de toda a doutrina retórica.

E evidenciou como a concepção aristotélica de obra triangular, com a respectiva empatia, estabelecida a partir dos três tipos de provas de persuasão, se generalizou às diferentes formas discursivas, pois, quer o relato, a *chria*, a fábula, o encómio, ou mesmo a tese, fazem referência à necessidade da introdução de exórdio, explicitando que deve ser original e elaborado unicamente em função daquele tema e exercício.

---

<sup>162</sup> Alcalá, 1551. Outros *Progymnasmata* editados também nesta cidade: os de Juan Perez, Alcalá 1539, e *Exercitationes*, de Alfonso Torres, Alcalá 1569. E ainda os de Juan Nuñez, Barcelona, 1569, os de Antonio Lulio, Basileia, 1550, e os de Pontano, referidos por Pulgar, *Sigalion*, fl.11.

Os exercícios que compõe os progymnasmata, e que as histórias integram de forma articulada ao longo da narrativa, podem agrupar-se em quatro grandes tipos: os que por si mesmos constituem elementos discursivos autónomos - caso da fábula e do relato, da fala, da lei e da tese (o único exercício que trata de um lugar lógico, e por isso o único que directamente na argumentação admite controvérsia, e que não desenvolve narração). Os referentes a pessoas e a acções - *chria* e sentenças -, apresentando-se como narrativas-acções atribuídas a personagens. De grande utilidade exemplar, pois todas as suas formas discursivas, quer de diálogo ("segundo a expressão apropriada dos personagens"), quer mistas (falas indirectas), quer demonstrativas, ou em forma de entimema, recorrem a processos artificiais de verosimilhança, criadores de expressividade vivencial, por imitarem situações de oralidade e de observação e participação directa, captando fortemente a atenção do leitor<sup>163</sup>. Encómio, elogio, vitupério e lugar comum, exercícios que produzem argumentação amplificada, cujo objectivo é reforçar enfaticamente factos já referidos ou demonstrados<sup>164</sup>. E finalmente um conjunto de pequenos exercícios, sem autonomia, que são instrumentos, como que recursos argumentativos e ornamentais, que se integram na narrativa, como sejam descrições, digressão, comparação, ou pequenas falas e ditos de personagens.

Em cada um destes exercícios, apresentados muito brevemente, eram definidos e caracterizados os elementos que integravam a narrativa, referidos o estilo e expressão adequados e finalmente, com algum desenvolvimento, explicitados os processos de argumentação, quer na forma de demonstração, quer de refutação.

Em figuras anexas (nº67e 68) esquematizou-se a estrutura e a sua composição<sup>165</sup> de modo a visualizar como sintetizam os ensinamentos lógico-argumentativos, de expressão e de composição, num exercício narrativo concreto. Tendo-se utilizado sobretudo os de Teon, por serem os mais desenvolvidos e explícitos.

---

<sup>163</sup> Como se pode observar no gráfico que esquematiza as obras dos tratadistas, as formas narrativas correspondentes a estes exercícios são muito desenvolvidas na economia delas. De forma completa em Cabrera, e com algum desenvolvimento em Morcillo, sendo o exercício da fala o que merece mais atenção por todos os tratadistas, o que evidencia a importância da construção do relato, por um lado, e do cuidado em argumentar (persuadir) pela verosimilhança, como já se disse.

<sup>164</sup> "Partiendo de él, como de un lugar, fácilmente aportamos argumentos contra quienes confiesan ser culpables; por lo cual, algunos también lo definieron como fuente de argumentos", Aftonio, *Ejercicios*, op.cit., p.119.

<sup>165</sup> Ignorou-se no gráfico a fábula e elogios de animais e figuras mitológicas, para não sobrecarregar o esquema de informação, irrelevante para esta análise.



Algumas conclusões parecem pertinentes: dos doze exercícios, apenas a fábula trata de uma composição falsa, "que simboliza uma verdade" não se fazendo em qualquer dos outros nenhuma distinção entre verosímil e verdadeiro, ou sucedido. O relato (breve) distingue-se da narrativa apenas pela sua extensão<sup>166</sup>

O relato, sinónimo da narração para Aristóteles e Cícero, que pode integrar os outros exercícios, corresponde a "una composición expositiva de hechos que han sucedido o que se admiten como sucedidos"<sup>167</sup>, englobando-se por isso nele, indistintamente, tanto o verosímil, como o sucedido.

Se o relato analisa com pormenor a exposição narrativa de situações, integrando factos e pessoas, todos os outros exercícios tratam com muito desenvolvimento a personagem e suas acções, descrevendo-as cuidadosamente em situação, isto é através de uma caracterização que atravessa ainda o percurso das categorias acidentais. A argumentação a partir dos lugares comuns acima referidos, ampliada através das citadas categorias, associada a um estilo vivo, directo, escrito em tom presente, permite a criação de longos enredos que persuadem da verdade daquelas situações discursivas.

Por isso todos os exercícios, com excepção da descrição, valorizam sobretudo o aspecto relacionado com o desenvolvimento do processo argumentativo, e a forma de apresentar ou refutar provas, que se baseia em juízos de possibilidade, enriquecidos com juízos sobre os factos e amplificações, mas dentro do esquema lógico do impossível-possível. Da leitura destas pequenas narrativas ressalta assim, repita-se, a importância da valoração pessoal e do juízo (do autor), introduzido pela voz das personagens; e as caracterizações do real serem fundadas sobretudo em argumentações opinativas, que se universalizam pelo recurso a formas de raciocínio-tipo.

Finalmente, ressalta ainda, como se disse, a forma sintética como reflectem e exprimem a mensagem retórica: cada um dos principais exercícios incorpora as causas e a finalidade, e por isso os conteúdos de um dos géneros oratórios, trazendo assim, mais uma vez, para a narrativa de sucessos, e para a descrição dos factos "reais", o quadro categorial e o sistema de valores aristotélico.

---

<sup>166</sup>Só Teon, de entre os autores estudados, se refere à narrativa histórica (para Afónio, história é narração antiga), chamando a atenção para a necessidade de não lhe confundir a época, a ordem dos factos, nem utilizar recursos artificiais de expressão.

<sup>167</sup> Teón, *Ejercicios*, p.81.

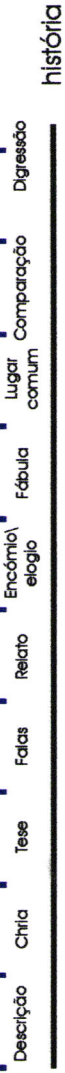
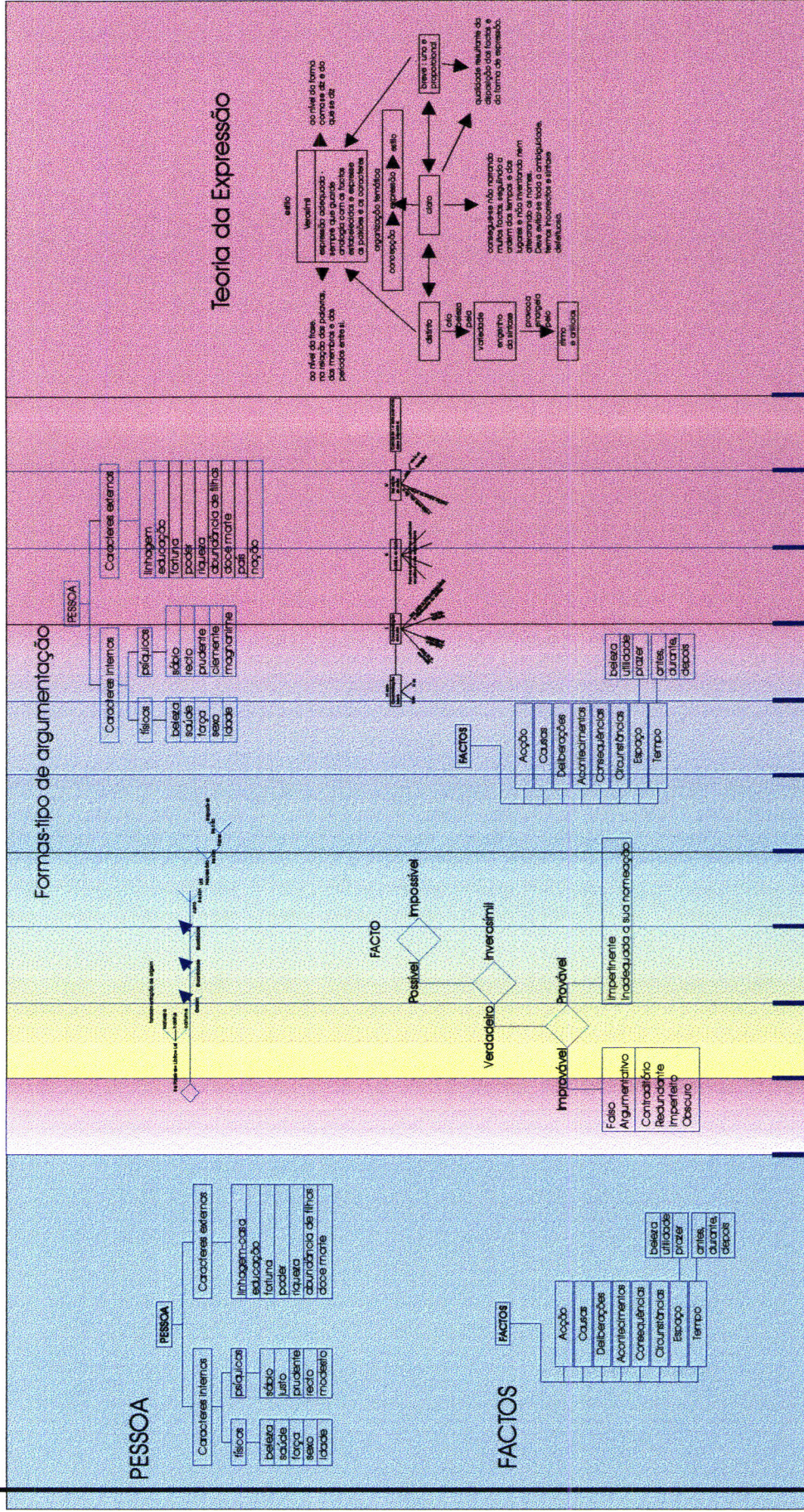
# ESTRUTURA DOS EXERCÍCIOS NARRATIVOS

AUTOR



Condições de conhecimento e conteúdos da narrativa

Caracteres que fundam os lugares de argumentação



LEITOR

Realidade

O relato, mesmo na sua forma sintética, obedece a uma caracterização pormenorizada das situações, com descrição de acções e personagens que se aproxima das caracterizações do discurso forense, inclusive quanto às formas de refutar, mas que com facilidade integra, pela introdução de novas acções e personagens, o demonstrativo - o que em Cabrera se concretiza perfeitamente em *Da História*, no capítulo *sobre as vidas*.

O desenvolvimento da tese corresponde sinteticamente à lógica e argumentação características do género deliberativo e judicial, que pode ser introduzida através de exemplos, e sobretudo de falas (como no caso dado por Morcillo<sup>168</sup>).

O lugar-comum associa a técnica da acusação própria do inquérito judicial com a do demonstrativo, pois na valorização ou condenação da acção utiliza uma forma argumentativa por amplificação, assente num processo de lógica comparativa. Este exercício é o mais corrosivo, pois, como crítica (pretende sobretudo castigar, mais do que persuadir) sem necessitar de provas, conduz a argumentação no sentido mais conveniente ao Autor.

Finalmente, o elogio e o encómio recorrem integralmente aos tópicos definidos por Aristóteles para o género demonstrativo.

A análise destes exercícios revelou ainda ser neles prioritária a elaboração de juízos e o ensino da refutação ou defesa de uma tese. A demonstração de um facto, da sua impertinência, improbabilidade ou necessidade - apesar de recorrerem a exemplos *concretos e particulares* do quotidiano, pelas razões já referidas - baseia-se em critérios argumentativos exclusivamente dedutivos, fundados na lógica do possível-impossível, que não exigem a observação do real exterior.

Este esquema conceptual assente na verosimilhança é reforçado pela valorização de uma linguagem clara - ver figura nº 49, com o esquema das formas de expressão integradas em processos argumentativos.

O estilo puro (*latinitas*), preconizado por Teón, Hermógenes e Aftónio, significando termos depurados (por oposição ao escolástico e ao barroco, caracterizados pela obscuridade), usado em processos narrativos elaborados segundo a ordem natural (cronológica), ou artificial (lógica e

---

<sup>168</sup> "Que há de mais importante do que este discurso? Que coisa mais prudente? Que coisa mais útil? Que coisa mais de acordo com aquele famoso Catão, o Censor, que, na opinião de Fábio Quintiliano, terá sido, ao mesmo tempo, orador e restaurador da história e do direito, e muito competente em trabalhos do campo, e que, no meio de tanta actividade militar e tão grandes problemas na sua pátria, estudou as letras gregas, numa época rude e quando a sua idade já ia avançada. Mas no caso de querermos ver de modo mais expressivo o decoro da linguagem das pessoas, são-nos manifestas, em Platão e Xenofonte," Morcillo, *De Institutione*, p. 36.

recorrendo a figuras de pensamento e de criação), era a forma técnica de conseguir a clareza de expressão necessária à verosimilhança, base da ilusão narrativa assente no artifício da *evidência*. A expressão clara e credível<sup>169</sup>, que significa clareza de concepção, de estilo e de organização temática, faz o leitor ver e participar sensitivamente no enredo, de modo a desencadear um processo emocional de adesão.

A composição de narrativa una e com variedade, em estilo claro, breve e verosímil, conseguia-se, pois, tanto pela concepção e disposição dos factos, como pela forma de os expressar. A clareza temática exigia narrar apenas os acontecimentos essenciais, seguindo os factos a ordem dos tempos e dos lugares. A estilística implicava não usar nomes estrangeiros, nem inventados, nem termos ambíguos, ou homónimos, que alargam o relato, nem recorrer a figuras. Ser conciso no tema consiste em explicar sem relatar todo o sucedido, e, no estilo, em eliminar as palavras e as construções "supérfluas", não recorrendo a obscuridades. Estes princípios, que são os enunciados por Aristóteles e desenvolvidos em *Ad Herenium*, coincidem integralmente com os de clareza, concisão, brevidade, igualdade e proporção preconizados por Cabrera, Fuentes de Guzmán, Fox Morcillo, Jerónimo San José e referidos por Fr. García.

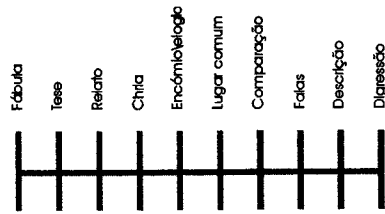
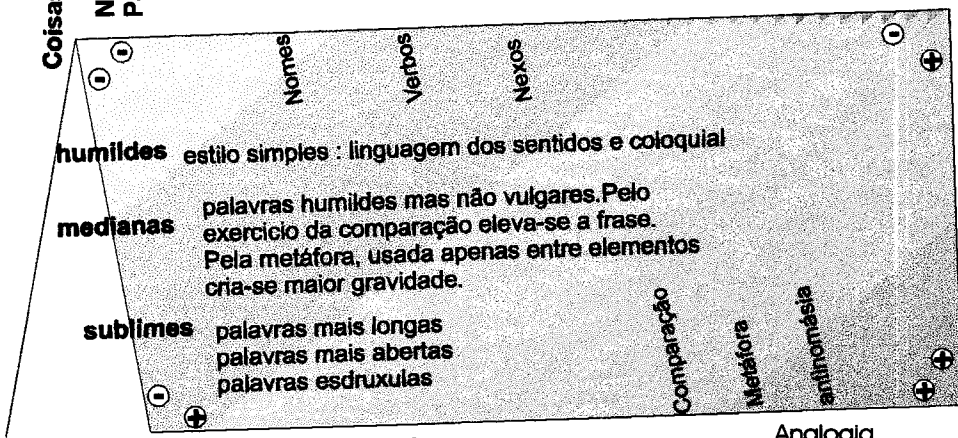
Regra de ouro da retórica aristotélica, que os Latinos desenvolveram, explicitando pormenorizadamente os cambiantes de sentido, que se podem criar através de matizes linguísticos, a que os gramáticos, retóricos e tratadistas de história renascentistas vão dar a maior relevância, adaptando-os às características da língua espanhola e necessidades do momento cultural.

O dizer adequado à verdade significa entendê-la não como passado sucedido, absolutamente desconhecido, mas como verdade discursiva, que é a que fica na memória, sendo através da viveza da expressão que se atinge a verosimilhança e o estilo directo, que, pela credibilidade do discurso, se impõe como verdade, a ser vista, *esquecendo-se* a própria dimensão discursiva.

É ainda com base nesta concepção clara e artificialmente transparente de discurso que se consegue, pela introdução do leitor na obra, reforçar a autoridade persuasiva da mensagem transmitida. Com

---

<sup>169</sup> “- Na verdade, toda a narração - conforme ensinam os oradores - deve ser clara, breve e verdadeira, para que comodamente se entenda o que é narrado. A clareza consiste realmente na luz do discurso e no seu esplendor; a brevidade significa não tanto uma enumeração concisa das coisas quanto uma moderação conveniente e apropriada (segundo Quintiliano refere a respeito da opinião de Isócrates); a verdade está posta na certeza das coisas que se narram. E estas coisas devem ser apresentadas por uma certa ordem dos feitos praticados. Deste modo faz-se a narrativa, de modo que se conheça como as coisas se passaram. Como isto se passa assim na narração, do mesmo modo a história, que é narração, constará ordinariamente das mesmas partes, para que seja, primeiro, clara, breve e verdadeira, e depois convenientemente organizada, com ordem e disposição.” Morcillo, *De Institutione*, p. 26.



**Disposição :**  
Teoria da argumentação fixada em exercícios narrativos

**Verosimilhança**  
A expressão é adequada sempre que guarde analogia com os factos estabelecidos e expresse as paixões e os caracteres

concepção e expressão devem estar subordinadas

brevidade (uno e proporcional)

clareza

qualidades resultantes da disposição dos factos e das formas de expressão; e baseada no análogo que permite similitudes de correspondência (sintetizadas na comparação (como), metáfora, etc)

consegue-se não narrando muitos factos, seguindo a ordem dos tempos e dos lugares e não inventando nem alterando os nomes. Deve evitar-se toda a ambiguidade, termos incorrectos e sintaxe defeituosa.

**Elocução :** sintaxe e semântica engloba : Período, Membro e Palavra Distinguindo

distinção

cria beleza pela variedade engenho da sintaxe

provoca enargela pelo

rítmo e artificios (para além do valor dos nomes)

Analogia

Fig. 49 - Formas de expressão integradas em processos argumentativos

A esquematização anexa sintetiza a forma como os tratadistas em análise ensinam a concretizar nas narrativas históricas os princípios clássicos de verosimilhança, brevidade e clareza, quer ao nível da disposição, quer da elocução, explicitando os elementos que compõem a ordem natural e artificial da frase, bem como processos padrão de ampliação de sentido, através da palavra, do membro ou da frase. Revela também como o ornato (Kosmos<sup>1</sup>, em grego), que é a palavra, ao estabelecer a verosimilhança<sup>2</sup>, tem ainda um efeito criador de realidade exemplar<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Marsilio Ficino, "Comentario al *Simposio o Banquete de Platón*", in *Humanismo y Renacimiento*, Madrid, Alianza, 1986, p.61.

<sup>2</sup>"os acontecimentos são de ínfima categoria, de média categoria, ou de máxima categoria. Assim também as palavras a utilizar serão das mais simples, temperadas e altissonante. Daqui surgem as tres maneiras de escrever: humilde, sublime e temperado.", João Costa, *Conscribenda*, p. 45

<sup>3</sup>"La verdad moral consiste en un ajustamiento y conformidad de las palabras con la mente o concepto e inteligencia de las cosas, como la natural en el justamiento de las palabras y mente con las cosas mismas en la realidad de su ser.", *Genio B*, p.263.

efeito, sendo a obra resultado da causa eficiente (em que o autor se reforça, e fundamenta, na autoridade dos modelos que imita) que se actualiza plenamente com a adesão do leitor<sup>170</sup>, ela é também, quanto à concepção, concebida de forma triangular, integrando hierarquicamente autor(es)-texto e leitor.

Apresentando-se o autor ao leitor (ideal) através da *dedicatória* e do exórdio, dedicando-lhe a obra, explicitando-lhe o sentido e o valor e pedindo-lhe por isso o seu soberano julgamento, introduz, desde o início, a ambos na intriga, como personagens de dupla dimensão, discursiva e vivencial. E, com estilo directo, coloquial, quase sempre no presente histórico<sup>171</sup>, vai dialogando e interpelando o personagem-leitor, que o leitor "ouve", como se lhe falassem - algo parecido com o exercício das falas. Mensagem reforçada pela integração do autor num *Nós*; pelos modelos que lhe serviram de imitação (referência com que todos os tratadistas terminam as suas obras, correspondendo ao 2.2, dos gráficos nº 40,41,42,43,61 e II,V,VIII eXI); e pela credibilidade e virtude evidenciada acerca de si-mesmo, na dedicatória e no exórdio, e subtilmente um pouco ao longo de toda a obra, e *exemplificada* através da linhagem, quando existe; pela autoridade, provada pelos cargos institucionais desempenhados e pelo reconhecimento do seu valor pelo sujeito a quem a obra é dedicada (por aceitação implícita, devido à lógica da comparação pré-moderna, que exige o diálogo entre iguais); pela virtude, revelada através de acções de humildade, geralmente evidenciadas na escrita da própria obra, em sinal de obediência, para benefício dos demais, dando ainda origem a um acto digno de elogio<sup>172</sup>; e pela sabedoria, que, embora *modestamente* apresentada por forma de ausência, é dita através dos atributos negados, e repetidamente afirmada ao longo do texto, não apenas ao estabelecer as regras sobre o fazer da história, mas através de pequenos comentários reveladores da sua superior competência, da enumeração das qualidades necessárias ao historiador, devido à excessiva dificuldade da escrita e à maior relevância, e conseqüente dignidade da sua intervenção na Polis; quer ainda, por exemplo, pelo uso de tempos verbais imperativos, no presente do indicativo, 1ª pessoa, ou no imperativo, reveladores da força simbólica, extra-textual, que o autor considera que pode exercer, ou do

---

<sup>170</sup> Apenas no género demonstrativo é espectador, participando por mimesis nas acções exemplares que o discurso transmite, pois no deliberativo decide e no deliberativo julga.

<sup>171</sup> Morcillo, "Será lícito, por exemplo (...) usemos o infinito narrativo (equivalente ao presente histórico) (...) como em Salústio", *De Institutione*, final da sequência 8.2, pp.42-43.

<sup>172</sup> *Retórica*, p. 245.

carácter "desapaixonado" que se exige ao historiador-autor para analisar e escrever acerca das situações que lhe advêm da sua liberdade e ócio.<sup>173</sup>

De facto todos os tratadistas assumem, à semelhança dos filósofos gregos, a atitude ociosa, investigação desinteressada, que é condição indispensável à busca e encontro da "verdade", caminho único para a persuasão.

A diferença está em que Morcillo e Pulgar defendem também para o leitor semelhante atitude crítica na recepção da "verdade", enquanto Cabrera, Jerónimo de S. José e Francisco García concebem um leitor passivo, que assimile as suas demonstrações, reproduzindo-os portanto.

O (falso) julgamento soberano do leitor fica ainda dificultado pela prática do preceito aristotélico de elaborar a argumentação em forma de controvérsia. Como o princípio-base da refutação assenta no valor analógico entre a qualidade do autor e a obra, o autor, ao criticar e punir as teses, penaliza verbalmente o adversário, estando assim, não apenas a facilitar a si mesmo o processo de argumentação, como a impelir os leitores a aceitarem e a assimilarem as suas demonstrações, pois caso contrário seria o próprio leitor a identificar-se com o oponente. Sentimento favorecido pela interpelação directa ao leitor, através de simples interrogativa, reforçada pela negativa, pela ironia<sup>174</sup> ou por exclamações de indignação devidas à generalizada falta de compreensão, que é entendida pelo leitor como sinal de reprovação pessoal. Estes recursos retóricos<sup>175</sup> são de tal forma correntes e eficazes que deles se socorrem frequentemente todos os autores estudados, especialmente nos momentos de demonstração de teses de maior controvérsia, ou consideradas por eles de maior relevância.

Outro dos processos de criar provas de persuasão é através da caracterização das personagens da intriga, pois, assentando a narrativa numa estrutura de verosimilhança do real, ao descrever as personagens e as acções com qualidades e traços em que os leitores também se revejam, ou a que se oponham, está a estabelecer comunicação entre as personagens, o autor e o leitor<sup>176</sup> - comunicação aliás favorecida pela propositada construção da obra triangular.

---

<sup>173</sup> Cfr. especialmente, Morcillo, *De Institutione*, pp.1-6; e S. José, *Genio B*, pp 349-351.

<sup>174</sup> Sobre a interrogação como figura de estilo com enorme força comunicativa, ver *Retórica*, op. cit., pp. 589-593.

<sup>175</sup> Correspondentes as figuras de argumentação com carácter afectivo.

<sup>176</sup> Por exemplo, a forma como se faz um elogio a uma personagem corresponde à maneira de elogiar o leitor (inclusive indirectamente, através do sujeito da dedicatória) ou ainda à forma por que o autor se pode apresentar como virtuoso, pois, se a virtude é concretizada em belas acções, a feitura daquela obra, de forma desinteressada ou por encargo (sentido da humildade e obediência), tópicos obrigatórios do exórdio, tornam-no sabedor e provido de liberalidade.



Considerando que os caracteres da paixão são universais, e estão definidos<sup>177</sup> (calma ira, amor, ódio, vingança, favor, compaixão, indignação, emulação, etc.), a descrição das acções e das personagens é estabelecida de modo a provocar no leitor os efeitos pretendidos - o que é ainda uma forma de o fazer assimilar o quadro de valores do autor.

Fundada nos mesmos princípios, outra forma de criar no leitor determinados sentimentos é descrever manifestações coerentes com os caracteres, que despertem, como vivência pessoal, os sentimentos de que a manifestação seria consequência. É este processo, comum nas histórias de representação e no tipo de literatura integrado em Rotinas Mundanas (e que tem o seu ponto alto nas Festas que integram representações teatrais), que estrutura a terceira parte de *Genio da la Historia A*, através da apresentação da tese da obra (defesa da Primeira História sobre a Ordem dos Carmelitas), pelo desenvolvimento dos caracteres ira, indignação e amizade, com os respectivos atributos.

Sendo as dedicatórias e os exórdios os elementos que fazem a ligação entre o texto e a realidade existencial<sup>178</sup>, funcionam ainda como elementos de identificação autor na obra, por revelarem sinteticamente a sua concepção de conhecimento, com a respectiva forma de expressão e estilo. No caso dos tratados de história em análise, o exórdio ajuda ainda a enquadrar a obra no contexto coevo, pela referência ao tipo de oposição, política ou historiográfica, a que pretende ser resposta.

Pela analogia entre o que se defende e o que pratica nos exercícios e as concepções narrativas expostas pelos tratadistas da história estudados, e tendo presente o que se tem vindo a referir sobre formas de relato e processos argumentativos, parece não ter relevância para os coevos a distinção entre verdade e credível, devendo assim repor-se o problema da *verdade* da narração histórica e das suas formas de distinção face aos *argumenta*. Os defensores da verdade histórica como narrativa exautiva dos factos (v.g. Jerónimo de San José), conceptualizam-na ainda no quadro tradicional das artes de imitação, como mais uma forma de mimesis. Pelo contrário, Fox Morcillo e Pulgar, sem descurarem os aspectos relacionados com a verosimilhança dos caracteres e a expressão conveniente das situações, com vista à persuasão dos leitores, vão

---

<sup>177</sup> *Retórica*, Livro II, pp. 308-390

<sup>178</sup> Recomendando por isso os clássicos que fosse a sua elaboração, quer fizesse parte do relato, da chria, ou do encómio, tal como a conclusão, específica e própria (única) a cada estado, e por isso a cada obra.

conceber e preconizar a escrita da história como arte que julga e explica situações prováveis ou acontecidas.

Porque as obras de história pretendem fixar sucessos e julgá-los, e através do registo dessa memória divulgar doutrina, os tratados de história vão valorizar a análise das formas de expressão, pois é por meio delas que se estabelece argumentação adequada, de modo a despertar-se a adesão do leitor. Estando todas as correntes de acordo com os princípios organizadores da expressão, apenas vão divergir quanto ao estilo e doutrinas, preconizados para os diferentes tipos de discurso histórico.

Assim, os exercícios narrativos citados, correspondentes às formas de disposição da narrativa histórica, são englobados de novo numa estrutura retórica de obra, que integra agora conteúdos doutrinários universais, porque deduzidos a partir do sistema categorial.

Com efeito, estando subjacentes às narrativas históricas diferentes concepções de conhecimento, de presente e portanto de memória - e dependendo a sua escrita de circunstâncias várias e do gosto, talento e empenho do seu autor, - cada tratadista da história e cada historiador escolherão o género oratório cuja finalidade mais se aproxime do seu objectivo historiográfico.

Assim, partindo de semelhante estrutura lógica argumentativa, de idêntico esquema persuasivo, de uma comum concepção estética, e preconizando os mesmos princípios de clareza, unidade e variedade para organizar a disposição e elaborar a composição da obra, observar-se-á como os diferentes tipos de História seleccionam para modelo distintos géneros oratórios, como os assimilam diferentemente, e como estes géneros se vão modificando ao serem elaborados pelo discurso histórico.

Pretende-se pois apreender o processo de formação e autonomização da disciplina, fundamentalmente através de quatro tipos de tratados próximos no tempo, mas em que o processo de conceptualização não é cronológico, como se disse na introdução, sendo reveladores de concepção e de funções históricas bem diferenciadas: a história-representação, que, valorizando sobretudo a narrativa no que aos recursos estilísticos diz respeito, se aproxima pela sua escrita e finalidade amplificadora do género demonstrativo, de modo a despertar para o Bem-Belo (caso das duas versões de *Genio de la Historia*, em que S. José integra retórica sacra na História, quer numa lógica de representação eclesiástica (*Genio A*); quer de representação política (*Genio B*)); a instrutiva, que se baseia no género deliberativo, apresentando a prova como conhecimento-exemplo que permite prudência nas decisões (*De Institutione...*); e a história-explicação, do passado e do presente, ou só

do presente - conhecimento com posterior utilidade cívica -, em que, ao recorrer, quer na forma de investigação dos factos, quer na argumentação, quer no tipo de discurso, ao género judicial, o autor está deliberadamente a acusar (mas baseando-se em provas cuja verdade demonstra, distinguindo-se assim do encómio), de modo a obrigar o público a julgar, revelando uma prática racional e um juízo próximos da concepção moderna (*Sigalíon*).

Dito de outro modo, pretende-se mostrar como a história, entendida em igualdade de circunstâncias com as outras formas narrativas (literárias ou pictóricas) e elaborada segundo as mesmas regras de concisão, ritmo, unidade, e clareza de expressão, criadoras artificiais de *evidência*, e por isso simuladoras de verdade, vai afirmando a sua especificidade, não apenas como género, mas como disciplina diferenciada das *ars narrandi*.

Concluindo, pretende-se ver como nos distintos tratados, sendo constante a valorização da expressão elegante e clara, se preconizam, em função das diferentes concepções de história, distintos graus de conceptualização; e como neste processo os autores que defendem e praticam a história-representação, cujas características são idênticas à história-ficção, o fazem já a partir da enunciação das novas regras sob as quais ensinam a fazer história-doutrina (como se verá no caso de *Genio de la Historia B*). E pretende-se ver ainda como a mesma estrutura, concepção e expressão retóricas de obra permitem a transição de uma narrativa *verdadeira*, criada pelos artifícios de linguagem, para uma argumentação também de expressão elegante e composição concisa, de atitude crítica e juízo explicativo, em que os aspectos relacionados com a expressão já nem são enunciados.

É o caso de *Sigalíon*, em que o debate sobre a concepção de realidade e de conhecimento histórico deixou de ser feito exclusivamente em torno da linguagem e das formas de narração histórica, para assentar, em primeiro lugar, na valorização do processo de conhecimento específico da história: criação de saber a partir do estudo das fontes, que exige a elaboração de instrumentos de análise. No entanto, devido à força das regras de expressão e persuasão da linguagem barroca - e numa chamada de atenção para a dupla face que a linguagem passa a mostrar, como criadora de conhecimento e de comunicação, não sendo nenhum destes processos naturais, mas obra da racionalidade humana - essa defesa do conhecimento histórico, com indicação do estabelecimento de cronologias, e inclusive a apresentação de extensas tabelas (cerca de quase 100 páginas, como se pode ver na transcrição do texto em anexo),

é ainda feita em linguagem polissémica. Com efeito, este tratado de história surge como um discurso que simula um julgamento, com semelhança às fantasias das Academias Literárias (por ausência de outras academias em Espanha), que num tempo mítico remonta aos deuses e heróis gregos.

A observação de que as suas formas de argumentação assentavam sistematicamente em metáforas e trocadilhos permitiu verificar que, sendo as metáforas e as analogias semânticas recursos estilísticos e instrumentos da língua, desenvolvem distintos níveis de expressão, quer linguístico, quer conceptual, podendo ter sobretudo uma finalidade estético-argumentativa por insinuação, ou serem portadoras, por debaixo dessa linguagem polissémica e sugestiva, de uma densa carga conceptual, sendo neste caso muito distinta a sua funcionalidade, quer na economia do texto, quer na relação estabelecida com o leitor. Com efeito, a análise dos discursos históricos, com a verificação de que grande parte da carga doutrinal era expressa por linguagem metafórico-conceptual, especialmente em *Sigalión*, obriga a reflectir sobre a funcionalidade morfossintática dos vários elementos da frase e a re-equacionar a posição genericamente defendida de que a metáfora e os jogos de pluralidade semântica são contrários ao pensamento racional, ou não podem implicar uma prévia racionalidade analítica<sup>179</sup>. Se, de facto, palavras de sugestão múltipla ligadas por frouxos laços morfológicos, como sejam as copulativas, as disjuntivas, ou os pronomes determinativos, neste trabalho denominados difusos (outro, uns, todos, mesmos, etc.), associadas a verbos conjugados na forma simples, sobretudo em tempos do imperfeito, permitem uma liberdade de pensamento pouco compatível com o rigor exigido na compreensão e descrição de uma acção militar, ou de um cálculo geométrico, a metáfora conceptual e todo o jogo analógico, entre similitudes aparentes e dessimilitudes reais - com que Pulgar, e Gracián, em *Oráculo Manual*, por exemplo, caracterizam o homem barroco, e em que, nesse jogo, o *No* é simultaneamente um signo e uma metáfora nuclear, tal como a pintura de ilusão que é a obra de Velásquez, ou como, embora de nível mais alegórico, os sermões do Pe António Vieira - só logra transmitir mensagem tão articuladamente densa, sugestiva e de doutrina

---

<sup>179</sup>Na excelente obra que é *O Discurso Engenhoso*, António José Saraiva, comparando *Arte de Ingenio* (1642), de Gracián, com o *Delle Acutezze*, (1639) de Pelligrini, e analisando como cada um trata o conceito, ou teoriza uma nova estética, conclui que ambos pertencem a mundos culturais distintos, pois, enquanto a metáfora em Gracián não distingue a palavra da coisa, para Pelligrini há um rigor de expressão "em que as palavras-chave são empregadas num determinado sentido e sempre o mesmo". Haveria que ver até que ponto a linguagem polissémica de Gracián não é apenas uma ilusória forma de exprimir um sentido, só possível de estabelecer pelo sólido conhecimento do real-coisa. Cfr. *O Discurso Engenhoso. Ensaio Sobre Vieira*, Lisboa, Gradiva, 1996, pp. 153-179.

direccionada, porque previamente assentou a relação das imagens com as coisas numa sólida estrutura racional, em que cada elemento apresentado é uma parte que tem as qualidades essenciais do todo. Esta análise fez verificar como o sentido semântico era construído a partir de uma forte estrutura sintáctica, que não passava apenas pelos elementos de distinção. Se a compreensão de fenómenos simbólicos exige a análise das suas formas de expressão, assentando a estrutura argumentativa e persuasiva destes tratados em formas metafóricas e processos artificiais distintos dos actuais, tornou-se essencial o entendimento do sentido provocado por essas expressões. Com efeito, assentando para os tratadistas em estudo, genericamente denominados precetistas, a força argumentativa e performativa de um texto historiográfico na sua capacidade de expressão, correspondendo por isso a enunciação das suas regras a uma parte relevante na economia dos tratados, tornou-se fundamental para o entendimento desses discursos, da sua eficácia, e da possível reprodução dessa eficácia, a compreensão dos mecanismos linguísticos subjacentes àquelas argumentações. É sobretudo pela análise da elocução - concretizada hierarquicamente através dos vários exercícios que compõem a disposição - que se podem observar as diferentes formas de criar sentido histórico, o que obriga à necessidade do cotejo das regras de expressão e de concepção da obra histórica, consideradas pelo autor, com o estilo e as formas de argumentação por ele praticadas.

Ao considerarem os tratadistas que a expressão elegante incluía a *distinção* - figuras de estilo, agrupadas neste trabalho sob a denominação de *Elementos de distinção*, que desempenhavam na Retórica clássica parte essencial na atracção do leitor, por tornar *os factos* concretos e evidentes, ligando leitor e autor - estavam a dar relevância argumentativa excepcional a esses artificios, por os conceberem como elementos condutores determinantes de uma melhor persuasão (ver figuras nº49 e 50).

Da análise dos tratados de história ressalta a conclusão de que, para os seus autores, saber o que se quer dizer é também saber dizer como *se deve*, e *onde*, devendo as provas de persuasão - quer as directamente referentes ao tema, quer as respeitantes ao *ethos* e ao *pathos*, ou seja a todo o processo argumentativo - serem expressas de forma clara, concisa (no tema e no estilo) e sobretudo adequada<sup>180</sup>. Ressalta ainda da interpretação dessas regras de expressão, e

---

<sup>180</sup>"Pois la expression será adecuada siempre que exprese las pasiones y los caracteres y guarde analogia con los hechos establecidos", *Retórica*, p. 512.

especialmente das figuras<sup>181</sup>, elas serem sobretudo processos subtis de estabelecer juízos, de disfarçar conceitos, e criar uma forte densidade argumentativa, que reforcem as demonstrações dos silogismos e dos exemplos históricos.

Como se pode observar no esquema anexo nº50, várias das figuras de repetição latinas, e que foram usadas e preconizadas também pelos renascentistas espanhóis, sendo o seu uso explicitado por Cabrera, são a adaptação a uma norma estilística de entimemas falaciosos. Esta parece ser a razão por que o estilo longo, com o período composto por vários membros, a divisão de uma ideia em partes, ou a sua repetição de diferentes formas e modos, de maneira a fixar a atenção do leitor (figura de dicção denominada *commoratio*, e amplamente usada em *Genio B*) eram consideradas forma superior de linguagem. Correspondendo a maioria dos processos de distinção a figuras de repetição e de alongamento da frase, elas reforçam a lógica da estrutura argumentativa, quer pela autoridade do dizer repetido, quer porque o dizer *mais* é entitativamente superior, e por isso o difuso é superior ao conciso<sup>182</sup> - recorde-se que em Cabrera e Jerónimo de San José as teses, as teses exemplificadas, as falas (em que se ensina a transmitir doutrina de forma convincente através da fala ou da caracterização de outras personagens) ou os capítulos de maior carga valorativa são, não apenas os mais longos, como os que têm as frases mais extensas - ver gráficos referentes a *Genio e Da Historia* em Anexo II com a representação do número de palavras por frase nos vários capítulos.

Esta lista, organizada de forma a fazer ressaltar os sentidos semânticos latentes que aqueles artificios sintácticos pretendiam criar<sup>183</sup>, foi estabelecida a partir da tipologia de tropos indicada por Cícero em *Ad Herennium* (que Murphy considera serem conhecidos e utilizados na Europa desde a Idade Média tardia), por estarem sistematizados na

---

<sup>181</sup>Cujo uso os tratadistas retóricos justificam devido à necessidade de persuadir o público, de sua natureza rude.

<sup>182</sup>San José considera que o difuso é melhor em história, *Genio B*, 2ª P, cap.8 e 6, pp. 345-347, e Cabrera, que a língua espanhola é por natureza difusa, contrariamente à latina.

<sup>183</sup>A aplicação da tipologia a cada texto permite ver o tipo e o grau de recursos utilizados com carácter regular, qual o tipo de figuras constante, as *irregularidades* e quais as usadas excepcionalmente. A partir da tendência própria ao estilo do autor no texto - na época considerado dependente dos humores que determinavam o temperamento -, é fácil compreender as situações anómalas. Em Cabrera de Córdoba e Jerónimo de San José as frases de maior acumulação de artifício são enunciações doutrinárias que se pretende transmitir como universais, recorrendo-se para isso a grandes explicitações, com um reforço de exemplos, que se concretiza em extensas frases, unidas por conjunções, ou em associação de *membros*, facilmente detectados através de vírgulas ou copulativas - ver gráfico anexo com a variação do número de palavras por frase de *Genio de la Historia*, e *Da História* e os textos transcritos em anexo final.

Fig. 50 - Esquema caracterizador e formas de distribuição dos elementos de distinção<sup>1</sup>

Intensificadores (repetição e alongamento)	Modos de presença (particular, concreto e proximidade)	Efeito de presença e de evidência particular concreto	Elementos de concisão	Ordenadores lógicos
<p><b>Repetição</b> A funcionalidade da repetição é sobretudo intensificar ( aplica-se sobretudo em enunciados que pretendam despertar afectividade) De palavras iguais, em que a primeira informa e a segunda apela: 1.1.Na mesma oração -geminatio (repetição da mesma palavra ou de grupo de palavras num lugar da frase) -reduplicatio (repetição do ultimo membro da frase, no inicio da seguinte) (uma variação deste artificio é a anadiplosis, nome, nome+ .que) -Gradatio corresponde a uma anadiplosis progressiva (x. y. y. ...z. z. .c.c.) reditio - repetição com parentesis A distancia -anáfora, repetição intemmente do começo de um membro ou de um inciso -epiphora, repetição intemmente do final de um membro ou de um inciso. -complexio, combinação das duas anteriores 1.2. de membros diferentes 1.2.1. com variação de forma -polyptoton - a palavra igual está ao serviço de diferentes funções sintacticas, o que permite um sentido muito vivo. -anonomatio, repetição da raiz da palavra na frase -synonymia - repetição de palavras sinonimas ( gera o efeito da ampliação) Sem variação de forma -traductio, repetição da mesma palavra (ou som fonetico) -acumulacion, palavras semanticamente complementarias, nao iguais -coordenacao, congerie -adição a um dos membros de orações coordenadas -enumeratio, os membros da enumeración sao as partes coordenadas de um todo. -distributio, acumulación com distancia (nao tao facil de detectar) -polysyndeton, repetição de pontuação -asindeton, repetição de conjugações, provoca intensificação -homocoteton, igualdade dos sons -paranocosis, é a suprema intensificação do isocolon , reune homocoteton, -homocoteton, entendendo-os a varios membros, incisos, quer por elementos completos da frase, quer incompleto ( o mais comum é a repetição do verbo) -adivinctio, ordenação complexiva de um predicado a vários membros, quer por anteposição, posposição, ou interposição.</p>	<p>Figuras de pensamento (Dirigir-se ao publico no caso dos textos em análise é figura) -alocução, dirigir-se ao publico -obsecratio - uma suplica muitas vezes introduzida " em nome de" -licentia, é uma reprovación feita directamente ao publico -apostrophe, afasta-se do publico real e escolhe um segundo publico para quem fala (na dedicatória, ao rei) -interrogación, pergunta sem esperar resposta -subiectio, dialogo ficticio, monologo para animar o raciocinio -dubitatio, a orador pede ajuda ao publico na argumentação, aumentando assim a sua credibilidade -communicatio, pede um conselho</p>	<p>PPD PD</p>	<p>-clipse, falta uma concção semantica -zeugna, omisao de um membro das frase (a-x b-y)= a(x y)</p>	<p>-anastrofe, inversao da ordem normal de palavras sucessiva: nomes, proposições, adverbios. -hiperbaton (hiperbaton é a separação de duas palavras unidas, com a introdução de um inciso no meio, de uma tmesis, ou apenas de palavras -inciso, um membro, até 12 sílabas -tmesis, introdução de uma oração -isocolon, justaposição coordenada de 2 ou mais membros, mostrando a mesma ordem entre si. -paranocosis, a suprema intensificação do isocolon, reune homocoteton e homocoteton, entendendo-os a varios membros, incisos, quer por elementos completos da frase, quer incompleto ( o mais comum é a repetição do verbo)</p>

<sup>1</sup> Esta tabela foi sistematizada com base, sobretudo, em *Retórica Ad Herennium*, Madrid, Bosch, 1991 e no *Manual de Retórica Literária*, de Lausberg, 2 vol., Madrid, Gredos, 1983-1991.





primera parte de *La Rhetorica*<sup>184</sup>, de Juan de Guzman, e em *Rhetorica en Lengua Castellana*<sup>185</sup>, de Fr. Miguel de Salinas, entre outras retóricas castelhanas coevas<sup>186</sup>.

Finalmente, considerou-se que as formas de caracterização, efectuadas através dos contextualizadores (pronomes, advérbios, conjunções) e das partículas (locuções, bigramas, interjeições e outras fórmulas de ligação), estruturadores sintácticos da frase, por estabelecerem o sentido lógico do texto, ao ligarem-nas entre si, eram sinais fundamentais na detecção do grau lógico de construção e do sentido próprio de cada narrativa, por serem os elementos<sup>187</sup> que permitem a cada engenho a manifestação do seu "genio genial"<sup>188</sup>. Os pronomes pessoais associados aos locativos, e por vezes a identificadores universais funcionam ainda como recurso artificial de criação de *evidência*, através de sugestão de sentido concreto.

Mas, se se tornaram de fácil identificação, pela simples leitura, as marcas de forte oralidade, ou elementos de directa apelação ao leitor, evidentes sentidos metafóricos, expressos através da preposição *como*, ou *tan*, ou recorrendo a palavras tão simbolicamente conotativas como sol, verdade, luz, de hipérbolos, com o recurso a superlativos absolutos, simples ou negativos, e a imperativos, já se torna mais difícil detectar expressões retóricas conseguidas através de específicas construções sintácticas, e sobretudo fazer-se uma verificação sistemática dos processos utilizados ao longo do texto. A identificação de frases que continham grande número destas expressões - tendo sido nelas incluídas as já referidas locuções e elementos habitualmente considerados ordenadores lógicos, mas com funcionalidade semântica, por se verificar serem todos eles instrumentos morfossintácticos de reforço de sentido - mostrou que eram elementos essenciais na apresentação de teses.

<sup>184</sup> Ioan Yníguez de Lequerica, 1589.

<sup>185</sup> Editado por Guillermo de Brocar, em 1541. Salinas acrescenta referências a Trebisonda e Hermógenes, adaptando ainda o *corpus* às necessidades da predicação.

<sup>186</sup> Luis Albuquerque Garcia faz uma breve tradução-resumo dos tratados retóricos latinos de Garcia Matamoros, Nebrija, Cipriano Suarez e Martin de Segura. Todos estes autores, incluindo Salinas e Guzman, professores da Universidade Complutense no século XVI, referem, com algumas diferenças de nomes, as figuras sistematizadas por Cícero e Quintiliano.

Cfr. *El Arte de Hablar en Público seis Retóricas Famosas*, op. cit., pp. 149-168.

<sup>187</sup> Estes elementos, denominados morfemas gramaticais, são habitualmente desvalorizados pelos linguístas e semióticos, por vazios de sentido, e por isso não introduzidos comumente nas metodologias de análise textual.

<sup>188</sup> "cada vno los refiere a su modo, son variedad de la lengua, por lo que tienen los Génios y los in Génios, fuere y calidad natural, casi inimitable y no se acomodan los vocablos al término recebido y admitido(...) con que los de vna prouincia hablando vn mismo lenguaje, siendo de diferentes partes della se conocen distintos entre sí por las diuersas formas de dezir, en que se habla diuersamente en cada lengua, aunque sea toda vna", Cabrera, *Da Historia*, p. 87-88.

Revelou no entanto, pelo cuidado que nessa análise foi dado ao verbo, aos elementos de ligação (locução) e formas de caracterização, que o sentido resultava de uma construção contínua integradora de todos os elementos morfossintáticos da frase.

E observou-se ainda a existência de associações morfológicas simuladoras de relevantes efeitos reais de presença, não consideradas figuras de distinção, sendo a mais importante - e por isso considerada nesta análise também como elemento de distinção - a que resulta da associação de pronomes possessivos, determinativos, pessoais e advérbios locativos, muitas vezes associados a verbos de percepção - ver figura nº51.

Esta verificação de que os sentidos conotativos sugeridos pela mensagem eram também resultados de complexas associações sintáctico-semânticas exigiu a elaboração de um processo de análise sistemático, só possível por meio de tratamento estatístico.

Tendo por base a estrutura categorial e conceptual aristotélica subjacente aos textos históricos e historiográficos da modernidade, estabeleceram-se os princípios de uma gramática e algumas técnicas de análise que, aplicadas ao texto entendido como narratividade hierárquica, permitem captar o seu sentido geral e entender o processo de construção argumentativa, evidenciando sentidos primários, e por isso latentes, e associações de forte carga simbólica.

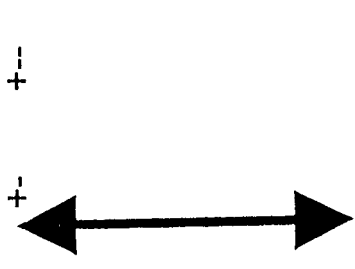
Assim, baseando ainda a análise no princípio retórico de que persuadir é demonstrar, resultando do uso de artifícios sintácticos maior demonstração (cuja melhor forma é a da evidência), considerou-se que a aplicação da tipologia dos elementos de distinção anexa ao texto permitiria captar o seu grau de elaboração e artificialidade, concretizado nas seguintes situações: ligação autor-leitor, intensificadores (figuras de repetição e alongamento) e modos de presença (particular, concreto e proximidade). Estas frases, de autoridade textual reforçada, seriam assinaladas e integradas de novo nas respectivas sequências narrativas.

Num segundo momento, pretende-se ver como estes elementos são confirmados pela análise morfossintáctica do texto na sua integralidade. A avaliação do sentido da frase seria feita a partir do sintagma nominal, sendo cada elemento sintagmático considerado de forma ponderada em função do valor semântico do nome e do tipo de caracterização definido pelas categorias anteriores. Considerando de novo o princípio retórico-aristotélico de que o estado do autor desempenha um papel fundamental na criação do sentido histórico, e que ele tem uma concepção do objecto de acordo com os elementos fundamentais da persuasão do leitor, pretende-se apreender o tipo, e grau, de presença do autor no texto,

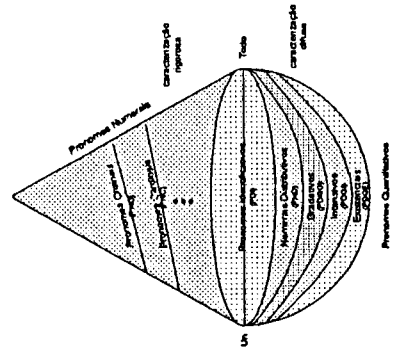
nada  
nadie  
ninguno, etc

Negativo

PPD	este	ese	aquel
espaço	acá aqui	ahá	allá
passado	ontem antes		
presente	agora		
futuro	depois amanhã, etc		



Pronomes determinativos



Pronome pessoal possessivo	nuestro	mio	suyo
Pronome pessoal atónico	nos	me	se
Pronome pessoal tónico	nosotros	mi	si
Pronome tratamento		Usted	V.R. etc
Pronome pessoal recto	nos	yo	tu



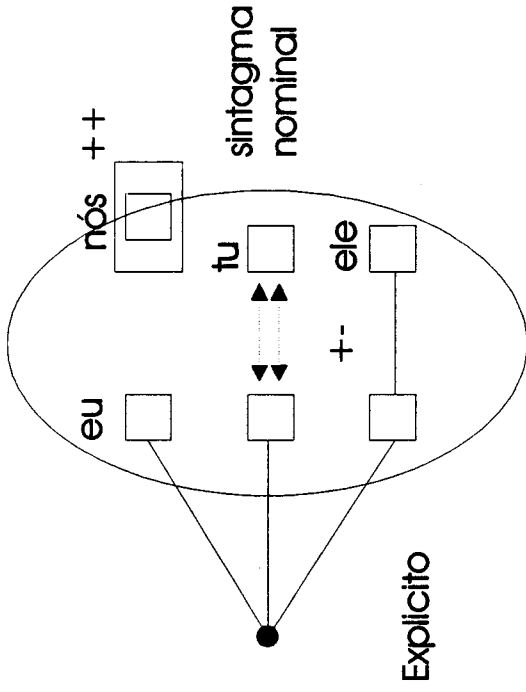
Fig. 51 - Esquema caracterizador e formas de distribuição dos pronomes criadores de sentido identificativo, concreto e particular.

Tendo-se verificado uma muito repetida frequência, na mesma frase, da associação de pronomes pessoais com demonstrativos e locativos, provocando sentido identificativo, concreto e particular do que está a ser enunciado, considerou-se que este tipo de caracterização funcionava sobretudo como processo expressivo de forte significação vivencial - recorrendo-se por isso muito mais a pronomes relacionados com o campo do *eu* (eu-este-meu...) do que ao do *outro* (ver tabela anexa com a frequência da utilização destes pronomes em *Genio A* e *B*).

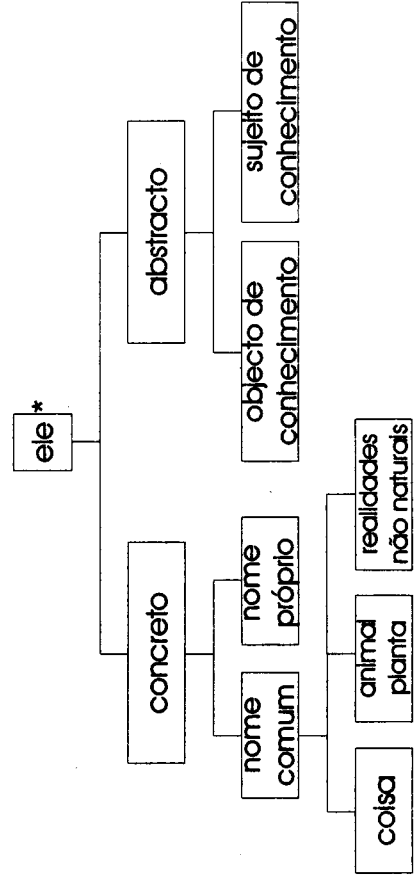
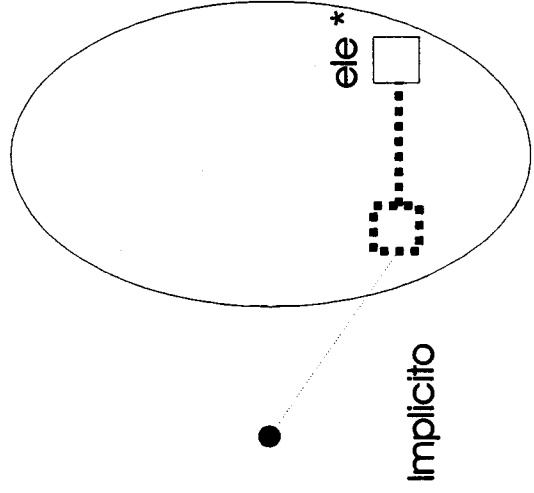
A figuração anexa procura esquematizar as formas de relação possíveis, com as respectivas intensidades, tendo os pronomes e os advérbios sido escalonados em função da presença-autoridade e força que a sua aplicação produz.

A primeira pessoa do plural foi diferenciada, porque ao seu uso corresponde uma maior atribuição da autoridade de quem diz. Finalmente, os pronomes determinativos foram associados na esquematização porque, exigindo o particular caracterização pela diferença, a forma como ela é estabelecida (rigorosa, difusa ou universal) indica acerca do rigor da caracterização. Por exemplo, nos casos de S. José e de Cabrera, a alta frequência de pronomes determinativos *otro*, *nada*, *ninguno*, associada a *este*, evidencia o sinal de difuso da caracterização, reforçando assim o seu valor como efeito artificial de presença.

# Campo Sujeito



# Campo Objecto





através da relação que vai estabelecendo com as outras personagens e com o sintagma nominal. Sendo este elemento determinante do sentido narrativo, o tipo de conceito usado é indicador do grau de conceptualização do saber histórico. Com efeito, corresponde a valorações e sentidos diferentes o autor assumir-se explicitamente, numa relação de sujeito, quer coincidindo com o sujeito da enunciação ou integrado num *nós* fáctico, quer dialogando com o *tu* ou relacionado com um *ele*; ou, implicitamente, numa relação de objecto com a terceira pessoa verbal, que pode concretizar-se em nomes concretos ou abstractos - estes referentes a objectos ou sujeitos de conhecimento e aqueles a nomes próprios e comuns (ver figura nº52). Em seguida, articulando com o sintagma nominal, pretende-se verificar que tipo de acções e juízos são estabelecidos, através de que modos verbais, e com que formas de caracterização, dando-se a maior relevância aos verbos subjectivos integrados no sub-grupo dos denominados *doxa*, ou de crença<sup>189</sup>, por indicarem, em associação da pessoa e tempo verbal, o tipo de autoridade que se pretende inculcar. Face ao tipo de discursos em análise, sobre conhecimento e processos de conhecimento, considerou-se fundamental a observação das frases cujos juízos são expressos através de verbos do referido tipo, com o estudo minucioso do seu comportamento, por serem os verbos que, organizando a lógica do saber, ao caracterizarem o real, estão a manifestar o juízo do autor e a imposição desse juízo ao leitor, e, portanto a exprimir qual a sua concepção de objecto de conhecimento. Progressivamente, o discurso racional moderno vai passando a caracterizar os objectos de conhecimento, entendidos agora estritamente como realidade de conhecimento, como se fossem autónomos, com características essenciais imanentes, universalizadas pelo sujeito que os enuncia). Ainda pela mesma razão, por revelar a intenção-juízo do sujeito-emissor, dá-se particular atenção à expressão modal do verbo, que, associada a um verbo volitivo, afirmativo (digo, confesso, quero, etc.), muitas vezes reforçado pela negativa, introduz a *necessidade* no enunciado<sup>190</sup>, sendo por isso esses verbos os mais usados nas frases que enunciam teses.

---

<sup>189</sup>Os verbos cognitivos, volitivos e de definição essencial, que serão analisados no capítulo referente à expressão verbal, foram integrados nos verbos de *doxa*, que Hintika denominou de crença, por caracterizarem as acções através da apreciação pessoal, muitas vezes de forma impositiva, embora pretendendo simular a expressão da realidade

<sup>190</sup>Sobre frases aléticas

Cfr. A.J. Greimas, *Semiótica*, Madrid, Gredos, 1990, pp. 21, 31-33, 1101-102, 108-109.

Sobre o não como signo-juízo, revelador do sistema de crenças.

Cfr. Perelmann, *Tratado*, op.cit., p.449

e a ligação do es ao não, es no-es

Cfr. Joako Hintika, *Knowledge and Belief. An Introduction to the logic of the two Notions*, 1962

O processo que se vai analisar está sintetizado na figura anexa, nº53:  
Esquema dos elementos constituintes da *Frase*.

Tendo-se considerado, tal como os retóricos clássicos e os tratadistas em análise, que a oração era o elemento-base de sentido, ela foi analisada segundo dois níveis de construção: o da ordem natural e o da artificial, que geralmente agrega inúmeros membros, podendo englobar vários períodos.

Depois de se terem detectado tipos de artificialidades utilizados, e fixada essa informação nos respectivos nomes, analisa-se a frase a partir das categorias sintagma nominal, expressão verbal, argumentos verbais e nexos. Pelo sintagma nominal apreende-se a relação que ela pretende estabelecer entre o autor e o sujeito da enunciação (e, portanto também com o leitor) e os termos sobre os quais vai recair o sentido. A caracterização da situação, o tipo de juízo e o modo, são estabelecidos pela expressão verbal, que muitas vezes integra os argumentos verbais e os nexos (elementos com função sintáctico-lógica, que permitem os saltos semânticos, de modo a ir-se criando um enredo com evolução de sentido). Finalmente, os modificadores sem função sintáctica própria são elementos morfológicos adjuvantes de sentido, que se podem integrar em qualquer das categorias.

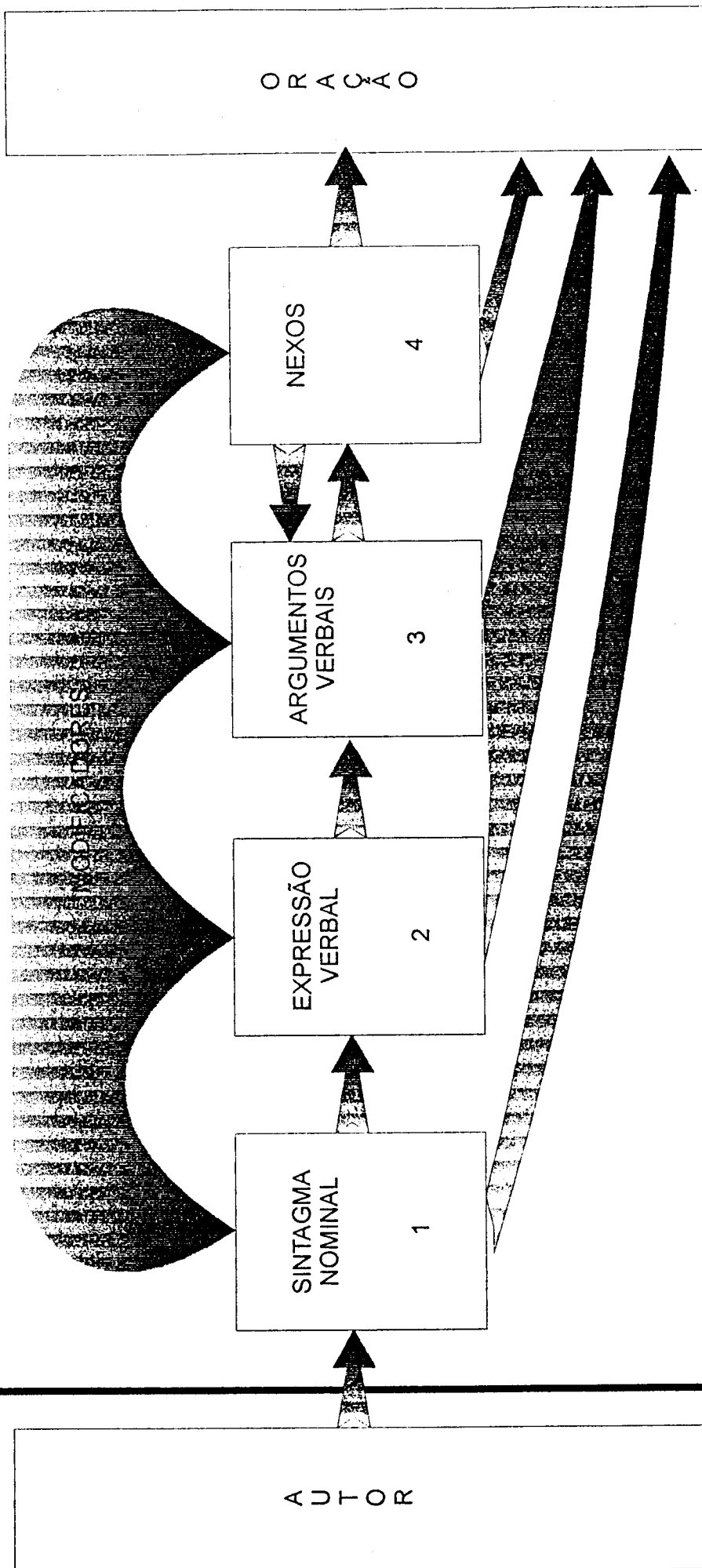
No esquema seguinte, com o desenho da base de dados, estão já indicados os elementos que integram cada uma das referidas categorias.

Foi segundo esta concepção que se desenhou a base de dados de *Genio de la Historia*, cujo texto, por não se ter conseguido implementar um processo de análise automática do discurso, teve de ser previamente, e através de identificação manual, decomposto em blocos iguais, parecidos, exclusivos e novos, estabelecendo-se assim dois elementos de ligação entre *Genio A* e *Genio B*: a frase e, a um nível mais geral de análise, o tipo de bloco em que ela é integrada.



TEXTO

Elementos de distinção



ORACÃO

NEXOS

4

ARGUMENTOS  
VERBAIS

3

EXPRESSÃO  
VERBAL

2

SINTAGMA  
NOMINAL

1

AUTOR

LEITOR



## 2. FONTES COMO INSTRUMENTO CRIADOR DE METODOLOGIA

Mas, rapidamente se verificou que um estudo deste tipo, que requer uma análise ao nível micro do discurso, implica ferramentas metodológicas novas: a necessidade de identificação dos sentidos textuais de cada palavra integrada na sua unidade morfosintáctica, e a sua posterior quantificação, exigem o recurso a um tratamento probabilístico só possível através da inteligência artificial.

No entanto, quando se iniciou esta investigação, não existiam esses meios para o espanhol: nem dicionário<sup>194</sup>, nem qualquer léxico em suporte informático, gramática<sup>195</sup>, lematizador, analisador morfo-sintático<sup>196</sup>, regras para a elaboração de um *Corpus* de espanhol antigo em hipertexto, e muito menos um *Corpus* codificado que servisse de campo experimental.

Sem programa, nem algoritmo, optou-se por elaborar uma aplicação em linguagem C, a funcionar em sistema Unix, que identificaria a maior parte do vocabulário. O processo era absolutamente elementar: considerando que a fala é composta por morfemas sinsemânticos (verbos e nomes) que têm correspondência com as coisas, e por isso são em número infinito; e por morfemas gramaticais<sup>197</sup> (grupo finito, sem correspondência com a realidade dos factos, operadores exclusivamente gramaticais e lógicos, inventados para possibilitarem o pensamento e a comunicação, dando inteligibilidade às palavras sinsemânticas), elaborou-se uma lista dos morfemas gramaticais, com as respectivas variações em género e número, e dos afixos, derivações verbais, "nomes" e expressões simbólicas mais frequentes<sup>198</sup>, criando-se

<sup>194</sup>Só em Outubro de 1995 foi posto à venda em suporte informático o *Diccionario de la Lengua Española*, elaborado pela Real Academia Española (comercializado por Espasa-Calpe, Madrid).

<sup>195</sup>Em 1994 surgiu um projecto de elaboração de um analisador morfológico.

Cfr. F. Javier SANCHEZ PEREZ, "De la Desambiguisation Assistée par Ordinateur à l'elaboration des Grammaires Textuelles", *Literary and Linguistic Computing*, 1994, 3, pp.379-385.

<sup>196</sup>Em finais de 1993, no âmbito do projecto comunitário Eurotra, iniciou-se a construção de um analisador morfo-sintático do espanhol, que seria integrado no projecto EAGLES (Application to European Languages).

<sup>197</sup>Pronomes, alguns advérbios, preposições, conjunções, locuções e interjeições.

<sup>198</sup>O processo de detecção e marcação semi-mecânica dos sintagmas verbais no CHEA correspondeu às seguintes fases: 1. Introduziram-se as terminações das 59 formas verbais regulares de cada uma das conjugações, tratando-as como sufixos. Em relação aos irregulares, introduziram-se integralmente as conjugações do verbo haver (o auxiliar usado nos tempos compostos), do tener (muitas vezes, no discurso literário, para dar mais ênfase à expressão, o auxiliar haver é substituído por este verbo), do ser (na época dos textos em análise usava-se como auxiliar da conjugação perifrástica, para além deste verbo, também otener), do parecer e estar (os auxiliares da voz passiva), os modais mais usados (saber, deber (de), poder, soler, querer, decir, venir(a), ir, seguir, andar, echar(se) a, poner(se) a, romper a, comenzar a, resolverse a, decidirse a, acabar (de) ) e algumas das formas verbais irregulares mais frequentes nos textos do corpus.

assim um léxico, que se chamou dicionário essencial<sup>199</sup> (exemplificado em apêndice). A sua aplicação ao texto conseguiria identificar mecanicamente a quase totalidade das palavras.

O facto de o *Corpus* em análise (CHEA) ser composto por textos em espanhol arcaico, ainda sem padronização ortográfica, sem um sistema de regras morfológicas definido, com a agravante de se tratar de

---

Cada uma destas formas verbais foi categorizada com a seguinte informação: categoria morfológica, conjugação, característica do verbo (subjectivo ou objectivo), pessoa, número, modo, tempo e características modais, - segundo as normas de codificação definidas pelo SGML e TEI. A regra básica da codificação consiste na marcação dos elementos, sem alteração do texto-base. Par isso cria-se uma sobreestrutura em que os códigos são introduzidos entre <> como se explica em anexo final.

<CAT>V</CAT><CONJ></CONJ><RAD></RAD><SUBCAT>SUBJECTIVO|OBJECTIVO|</SUBCAT><PES></PES><NUM></NUM><MODO></MODO><TEMPO></TEMPO><MODAL></MODAL>

O critério usado foi o estabelecido por Monica MONACHINI, e Nicoletta CALZOLARI, *Synopsis and Comparison of Morphosyntactic Phenomena Encoded in Lexicons and Corpora. A Common Proposal and Applications to European Languages*, Istituto di Linguistica Computazionale - ILC - Pisa, 1994, (policop.), p. 15.

2. Em seguida, estabeleceu-se a regra de que as formas verbais enunciadas, no caso dos verbos irregulares, ou dos sufixos, no caso dos regulares, ou formas compostas, podiam estar associados a um ou dois enclíticos PPOA (Pronome Pessoal Átono). Também estes enclíticos foram tratados como afixos. A língua espanhola, ou a italiana, tal como o português arcaico, não utilizam o hífen na separação do verbo com o pronome pessoal átono enclítico; o que significa que o morfema correspondente ao complemento directo ou ao complemento indirecto surge ligado à terminação verbal. É o caso de, por exemplo, *digame lo*, em que as duas funções do pronome pessoal átono são integradas na terminação verbal. Este sistema de enclítico, sem hífen, aumentando o campo das combinações, dificulta a marcação mecânica dos morfemas verbais, tornando a tarefa de validação manual muito mais morosa. (O participio passado e as formas negativas são as únicas formas que não usam o enclítico). O PPOA enclítico indirecto associado ao directo funciona como intensivo de reforço.

3. Em relação às formas compostas, considerou-se Verbo (V) a associação de palavras composta por qualquer das pessoas verbais dos verbos tener ou haver, seguido de uma palavra terminada em -ado -ando - (1º conjugação), -endo - indo - ido (participio passado, 2º e 3º). tendo-se recorrido a idêntico processo para com os verbos auxiliares da passiva (ser, estar e parecer); e com querer, soler, saber e decir, os verbos modais mais usados em perífrases.

O critério e a ordem de aplicação destas rotinas ao texto foi o seguinte:

0. Identificação e separação das frases com expressão verbal;

1º identificação das locuções e expressões regulares compostas por mais de um morfema, e dos comparativos, considerados com uma funcionalidade semelhante à daquelas expressões regulares;

2º - aplicação e identificação da lista com a conjugação perifrástica e as formas verbais compostas;

3º - identificação dos morfemas gramaticais definidos no dicionário anexo;

4º - identificação das formas verbais e sufixos conjugados nas formas simples;

5º - listagem anterior, mas com a associação dos PPOA enclíticos, em todas as formas, na sua dupla possibilidade de associação (de complemento directo e indirecto), com excepção do participio passado, que permanece invariável.

<sup>199</sup> Com base na lista de morfemas e no vocabulário do CHEA (previamente já tinha sido feita a reconversão dos textos para uma base de dados textual, com a sua posterior decomposição em morfemas), hierarquizado pela frequência decrescente das palavras, elaborou-se o primeiro dicionário, tendo-se classificado manualmente a categoria morfológica dos 100 morfemas lexicais mais frequentes. O processo é recorrente, o que significa que os novos morfemas e expressões regulares identificados são introduzidos no dicionário, alargando-se assim o léxico, que regularmente é aplicado ao *corpus*. Posteriormente, com a edição do *Diccionario de la Lengua*, este processo ficou simplificado, introduzindo-se apenas a informação com valor distinto no século XVII, recorrendo-se para isso, sobretudo ao *Tesoro de la Lengua Española* e aos *Emblemas Morales*, já citados.

textos manuscritos, sem critérios de acentuação e com deturpações ortográficas e erros dos copistas, inviabilizou a sua aplicação - a correcção tornou-se tão morosa quanto a marcação manual.

A segunda tentativa baseou-se no processo de identificação automática do discurso. A partir de uma larga extensão de *Corpus* marcado manualmente, e tendo por base o modelo estatístico de Brill<sup>200</sup>, desenvolvido, por Meirato<sup>201</sup> para o idioma inglês, e pela escola de Utrecht<sup>202</sup>, a máquina reconheceria, com uma pequena percentagem de erro (entre 4 e 8%), os morfemas, marcando morfo-sintacticamente todo o *Corpus*. Este processo está a ser implementado para a língua francesa por Evelyne Tzoukermann<sup>203</sup> e, numa aplicação a textos jurídicos, para a língua espanhola por León<sup>204</sup>, no âmbito do programa Creator.

Com base em idêntica fórmula estatística e utilizando semelhante sistema de marcação "tagging", codificaram-se morfologicamente todas as palavras de uma das obras do Chea<sup>205</sup> e de partes de outras<sup>206</sup>. Pelas razões já expostas, acrescidas da variedade vocabular, de a pontuação ainda assentar num sistema fonético, e de os discursos não serem predominantemente de nível referencial (tendo como modelo a linguagem clássica, enriquecida pela tópica barroca), a margem de erro foi da ordem dos 50%<sup>207</sup>.

---

<sup>200</sup>Eric BRILL, *A simple rule-based part of speech tagger. In Third Conference on Applied Natural Language Processing*, Italy, Trento, 1992, pp. 152-155.

<sup>201</sup>B. Merialdo, "Tagging English text with a Probabilistic Model, *Computational Linguistics*, 20(2), 1994, 155-171. Rens BOD, *Data oriented parsing as a general framework for stochastic language processing*, Amsterdam, OTS, University of Utrecht, ILLC, University of Amsterdam, (policop.), e *A Computational model of language performance: data oriented parsing*, Amsterdam, University of Amsterdam, Department of Computational Linguistics, (policop). Emmanuel ROCHE, e Yves SCHABES, *Deterministic Part-of-Speech Tagging with Finite State Transducers*, Cambridge, Mitsubishi Electric Research Laboratories, 1994, (policop).

<sup>202</sup>Steve YOUNG, *Experiments in HMM-based Speech Recognition using the HTK Hidden Markov Model Toolkit*, Cambridge, Cambridge University Engineering Department, ELSNET Summer School on Corpus-based Methods, 1994, (policop). Hermann NEY, *Fundamentals of Statistics and Pattern Recognition*, Germany, University of Technology, European Summer School Utrecht, 1994, (policop).

<sup>203</sup>Agradeço à Professora Evelyne Tzoukermann a gentileza de ter posto à minha disposição o software que elaborou - Tagger for French, de .Evelyne Tzoukermann, AT&T Bell Laboratories, Evelyne@RESEARCH.ATT.COM. e todas as sugestões dadas em relação ao modelo que aqui se apresenta. Emmanuel ROCHE, , *Analyse Syntaxique Transformationelle du Français par Transducteurs et Lexique-Grammaire*, Ph.D.thesis, Université Paris 7, 1993.

<sup>204</sup>Fernando Sánchez León e Amalio Neto Serrano, "Development of a Spanish Version of Xerox Tagger", Creator /WP6/FR1 (no âmbito do projecto) fpt from parcftp.xeroxx.com\directorio pub\tagger.

<sup>205</sup>*Genio da História*, texto manuscrito, correspondendo à primeira versão da obra.

<sup>206</sup>*Genio da História*, em versão impressa, 1651; *Da História...*, de Cabrera de Córdoba, e *Sigalón*, de Pedro Fernandez del Pulgar.

<sup>207</sup>O desambiguador disponível, POLARIS, construído para ser aplicado às actuais regras de concordância, não corrigiu percentagens significativas de texto. Era necessária maior quantidade de texto marcado, de diferentes estilos e subgéneros, de forma a conseguir operar automaticamente a aprendizagem.

Tornou-se evidente a necessidade de construir um autómato linguístico com robustez suficiente<sup>208</sup> para suportar uma língua em processo de constituição. Era necessário criar um conjunto de regras gramaticais de transformação e de derivação<sup>209</sup> representativas da estrutura da Língua, suportando assim as especificidades do espanhol ou português antigo. Este programa seria formalizado em Prolog, e suportado por um versátil modelo probabilístico. A ideia original foi aplicar o protótipo POLARIS<sup>210</sup> (inicialmente criado em linguagem C) a todos os níveis morfossintácticos da frase, para a sua posterior adaptação ao espanhol antigo.

Para isso elaborou-se um conjunto de regras morfológicas e retóricas respeitantes ao espanhol antigo<sup>211</sup> e completou-se a lista dos

---

Sobre o processo de codificar e de detectar sentidos latentes literários de estrutura dramática recorreu-se sobretudo a William C. Mann e Sandra A. Thompson, "Rhetorical Structure Theory: a theory of Text Organization", *Information Sciences Institute*, Univ.Southern California, 1987, pp.2-87 e Johanna Moore "Planning text for Advisory dialogues: capturing intentional and Rhetorical informaton", *Computacional Linguistics*, 1993, 19, (4), pp. 651-694.

Lisa Lena Opas e Pekka Kujamaki, "A Cross-linguistic Study of Stream-of-Consciousness Techniques"

*Literary and Linguistic Computing*, 1995, 10, (4), pp. 287-291.

<sup>208</sup>J. M. KUPIEC, "Robust part-of-speech tagging using a hidden markov model", *Computer Speech and Language*, 1992;

Douglas BIBER, "Co-occurrence Patterns among Collocations: A Tool for Corpus-Based Lexical Knowledge Acquisition.", *Computational Linguistics*, 1993, vol. 19, nº3, pp. 531-538 e Michael R. BRENT, "From Grammar to Lexicon: Unsupervised Learning of Lexical Syntax.", in *Computational Linguistics*, 1993, vol.19, nº2, pp. 243-262.

<sup>209</sup> A concepção destas regras (de geração) assenta em parte na ideia da gramática construtivista de Chomsky, a partir da sua teoria de estruturas ideias inatas, competência e regras de transformação. CHOMSKY, N., *Cartesian Linguistics. A Chapter in the History of Rationalist Thought*, New York, Harper & Row, 1966. Yves SCHABES, e Stuart M. SHIEBER, "An Alternative Conception of Tree-Adjoining Derivation.", *Computational Linguistics*, 1994, vol.20, nº1, pp.91-124. Pretende-se com o recurso à inteligência artificial criar uma gramática generativa, estabelecendo algumas regras básicas de transformação, que no caso deste estudo, têm um objectivo semântico-pragmático, de inspiração em Searle.

<sup>210</sup>Gabriel Pereira LOPES POLARIS: *A Portuguese Lexicon Acquisition and Retrieval Interactive System*, Dep. informatica, gpl@fct.unl.pt Este programa já incorpora um lematizador, que domina as regras de derivação elementares, decompõe em género e número e responde a estruturas sintácticas básicas.

Ver ainda:

Gabriel Pereira LOPES, *Reconhecimento de neologismos*, Dep. informática, gpl@fct.unl.pt,

Gabriel Pereira LOPES e Paulo Quaresma "Abdução de planos e intenções em Diálogos", in *Actas do 10º Simpósio Brasileiro de Inteligência Artificial*, Porto Alegre, 1993, pp. 377-388.

<sup>211</sup> Para a elaboração da gramática essencial do espanhol antigo recorreu-se às seguintes obras: Juan Alcina.Franch e J. Blecua, *Gramática Española*, Barcelona, Ariel,1994; Emilio Alarcos Llorach, *Gramática de la Lengua Española*, Madrid, Espasa-Calpe1994 ; Emilio Juan Luis Onieva Morales, *La Gramática de la Real Academia Española*, Madrid, Playor,1993; Angel López Garcia, *Gramática del Español.I. La Oración Compuesta*, Madrid, Arco, 1994, Andrés Bello, *Gramática de la Lengua Castellana destinada al uso de los americanos* (notas de R. J. Cuervo), Bogotá,1874; e ainda, de Sebastian de Cobarruvias, *Tesoro de la Lengua Castellana o Espanõla*, Madrid, Turner, 1984 e o *Diccionario de la Lengua Espanõla*, elaborado pela Real Academia Española, Madrid, Espasa Calpe,1992.

morfemas. Esta pequena gramática foi definida em função de regras e objectivos semânticos, e por isso construída para revelar sentidos latentes<sup>212</sup>. O seu objectivo inicial era apenas o de detectar formas verbais simples e compostas, expressões verbais que abrangessem vários membros da oração (isto é a elipse, figura de dicção, fundamental no estabelecimento do juízo e na criação de sentidos analógicos entre elementos sem relação semântica) e frases que integrassem *si*, *como*, locuções, biagramas, expressões regulares e redundâncias morfosintácticas, correspondentes às figuras de estilo já referidas, portadoras sobretudo de uma funcionalidade semântico-argumentativa. Estas expressões seriam agregadas ao analisador sintáctico, por a verificação de anomalias e de irregularidades na ordem da frase ser reveladora do seu carácter artificialmente elaborado e portanto indicador de sentido performativo. Posteriormente decidiu-se aperfeiçoá-lo, incluindo-lhe um nível de análise pragmática, o que implicou o processo de elaboração de um dicionário com informação semântica básica ainda em curso, e o reforço do modelo estatístico de análise multivariada. A integração dessas ferramentas na construção de um programa que decomponha automaticamente a estrutura discursiva a nível da frase, e caracterize o sentido do texto, está ainda em desenvolvimento, não sendo por isso possível apresentar resultados definitivos<sup>213</sup>.

Porque já se tinha codificado manualmente uma parte do CHEA, segundo as regras de tagger do SGML e do TEI<sup>214</sup> e se pretendia, neste trabalho, apresentar o projecto com alguns resultados, decidiu-se, sem recorrer à inteligência artificial, utilizando a base de dados Acess, com programações específicas em ambiente Visor Basic, fazer manualmente,

<sup>212</sup> Esta a razão porque neste capítulo apenas se irão referir aspectos omissos nas gramáticas clássicas, ou que foram tratados e classificados diferentemente, em função dos objectivos já referidos. A caracterização destas categorias, as diferentes funções, finalidades morfológicas e sua relação com as outras, é feita em apêndice, bem como a indicação dos códigos estabelecidos, para não sobrecarregar este texto introdutório.

<sup>213</sup> Requer a adaptação do analisador morfosintáctico ao espanhol antigo, com a posterior arquitectura de um *part-of-speech tagging* que inclua regras semânticas, e a introdução de semântica no dicionário electrónico existente (Dicionário da Real Academia da Língua).

Cfr. Patrick Hanks e Kenneth Ward Church, *Word Association Norms, Mutual Information, and lexicography*, Collins Publishers Glasgow, (pol.), e M. Ostendorf, e N. Veilleux, "A Hierarchical Stochastic Model for Automatic Prediction of Prosodic Boundary Location.", in *Computational Linguistics*, 1994, vol.20, nº1, pp.27-54.

<sup>214</sup> Da extensa obra de C.M.Sperberg Mc-Queen e Lou Burnard, "*Guidelines for Electronic Text Encoding and Interchange*", Chicago, April, 1994, ver em especial os seguintes capítulos: 3- "Structure of the TEI Document type definition"; 5- "The TEI Header, 6- " Elements available in all TEI documents"; 8- "Base Tag set for prose", 10- "Base Tag set for drama"; 11- "Transcriptions of speech"; 18- "Transcription of Primary sources"; e 12- "Critical apparatus".

Ver ainda *A Manual of Manuscript Transcription for the Dictionary of the old Spanish Language*, elaborado no âmbito do Hispanic Seminary of Medieval Studies da Universidade de Madison, referido em anexo final.

numa pequena amostra do *Corpus* (cotejo dos dois textos de Jerónimo de S.José) uma aplicação simulada.

De seguida apresentar-se-ão resumidamente as principais ideias subjacentes ao modelo, esquematizado nos fluxogramas anexos, não se desenvolvendo a explicitação da análise gramatical por ser árida e não parecer justificar-se no âmbito do presente trabalho. Elementos considerados relevantes na compreensão deste capítulo, ou que o explicitem, foram remetidos para apêndice.

Veja-se esquematicamente os princípios-base do modelo elaborado, que pretende detectar o processo de construção lógico-argumentativa da frase, com a respectiva valoração, de modo a posteriormente avaliar o sentido do texto.

A unidade parágrafo, inicialmente codificada, acabou por não ser considerada, por um lado, por serem quase todos os manuscritos cópias e por isso ela não ser reveladora de nenhuma funcionalidade semântica, e porque em relação aos impressos quinhentistas o critério, definido pelo tipógrafo, obedecia sobretudo a questões relacionadas com o tamanho do livro.

Os textos foram assim divididos em orações compostas<sup>215</sup> (a que os retóricos chamam períodos), por serem por eles consideradas o elemento organizador do raciocínio, dando coerência a fragmentos sintácticos (a que chamam membros ou incisos). Foi tendo-as como unidade, polarizadas em torno de dois núcleos (a expressão verbal e os nexos, muitas vezes integrados naquela, criando assim expressões densas e complexas, quer do ponto de vista morfossintáctico, quer semântico) que se aprofundou a análise correspondente ao nível morfosintáctico elementar (ver figura nº53).

Como já se disse, sendo a causa final a adesão do leitor, o sentido do discurso constrói-se primordialmente na relação que o autor pretende criar com o leitor, e por isso o primeiro passo no processo de análise sintáctica foi o de definir as relações, ao nível do sintagma nominal, do emissor com o leitor, ao longo das diferentes partes da obra, de modo a

---

<sup>215</sup>Tendo-se, no entanto, definido e codificado três tipos de frases: uma sequência sem núcleo verbal que, incompleta do ponto de vista morfológico, é geralmente muito expressiva semanticamente, codificada como frase semântica<FS>; a oração simples, composta por um único verbo e sem nexos - pobre, do ponto de vista literário, quase sempre associada semanticamente a outras frases, e que foi marcada como oração simples <OS>; e as frases compostas por várias orações, codificadas com o símbolo genérico de <F>.







compreender o enredo extralinguístico que o discurso pretende estabelecer com o auditório, ou com diferentes auditórios<sup>216</sup>.

As categorias<sup>217</sup> sintagma nominal, expressão verbal e argumentos verbais, que sintetizam a estrutura básica morfosintáctica - e que em termos da lógica contemporânea se podem agrupar em argumentos e predicados - foram modelizadas segundo os três grandes aspectos considerados relevantes na criação do sentido historiográfico ou na conceptualização da história moderna: marcas do Autor (implícitas e explícitas), tipos de juízo e de valorações, e formas de caracterização (negativa, universal, difusa ou rigorosa de presença).

1. Posição que o autor-emissor vai manifestando face aos outros personagens e ao sintagma nominal (já representada no capítulo anterior).

2. Formas de juízo, tipo de verbos e modo de caracterização da acção. (Esquema apresentado na alínea expressão verbal).

3. Caracterizadores:

3.1. rigorosos: (pronomes indicadores de campo, determinativos quantitativos e existenciais, e alguns advérbios);

3.2. difusos: (pronomes determinativos, alguns advérbios e adjectivos);

3.3. qualificadores universais;

3.4. intensivos e\ou redundantes;

3.5. negativos.

4. Modificadores

4.1. Negativos.

4.2. Intensivos.

---

<sup>216</sup>Para isso é fundamental, para além da observação dos pronomes usados no sintagma nominal, (neste caso o *nós* é a pessoa gramatical que maior comunhão estabelece entre o nível discursivo e o extra-discursivo) registar também as interjeições, e outras frases sem expressão verbal, bem como o uso da interrogativa e exclamativa.

Os pronomes indicadores de campo, nomeadamente os pessoais rectos, delimitam o campo de actuação dos conhecimentos. Os autores estudados jogam, e não apenas no prólogo, com o "tu" discursivo, criando ambiguidade, pela indefinição de fronteira entre o "tu" textual, muitas vezes apresentado como co-autor, pela censura que o autor lhe pede que faça (cfr. *Génio...*), e o "tu" do leitor, provocando sempre forte sentido emocional ou apelativo no "eu do leitor", que naquele momento conhece a enunciação.

<sup>217</sup>Com excepção dos nexos, que são primordialmente reveladores do sentido lógico-argumentativo do enredo, e que por isso foram classificados com base num critério lógico. E dos modificadores, que revelam sobretudo o seu grau de artificialismo.

## 5. Nexos

5.1. Elementos organizadores da frase e de ligação elementar: preposições e conjunções de tipo alter (conectores simples: adversativa, disjuntiva, ou copulativa).

5.2. Elementos constructores do enredo, ou morfemas de ligação dos argumentos.

5.2.1. Conjunções e locuções de tipo *allius*.

(Coordenadas causais, temporais e finais).

5.2.2. Comparativas e condicionais (si).

5.3. Organizadores lógico-sintácticos, para além dos nexos com função de *Elementos de distinção* já referidos no capítulo anterior.

5.3.1. Locuções e expressões regulares com habitual valor lógico, de inferência silogística, utilizadas como elementos de ligação de frases.

5.3.2. Pontuação

Através do apelo do emissor à participação ou envolvimento do auditório: interjeições e vocativos; locuções apelativas que funcionam como marcas intensivas do sujeito; interrogação e exclamação.

5.3.3. As figuras inciso e tmesis introduzem maior concretização, ou rigor na caracterização. Sendo um comentário do autor ao objecto, estas frases podem ser consideradas, do ponto de vista argumentativo, equivalentes à funcionalidade semântica das orações adjectivas - figura típica da narrativa de *Genio B*.

A observação dos textos, ainda que de forma não sistemática, segundo estas características nas diferentes categorias, revelou serem um razoável indiciador do grau de autoria incorporado no discurso e nível de construção, evidenciando assim a função determinante que os elementos morfossintácticos têm no despertar de sentidos (uma ideia é transmitida ao leitor com mais ou menos valor acrescentado, conforme está incrustada na estrutura morfossintáctica - o que se verificará na análise cotejada das duas versões de *Génio*). Isto torna-se bem visível nos discursos de controvérsia historiográfica: a resposta de dois autores<sup>218</sup> perante o mesmo tipo de auditório a uma questão específica, utilizando exactamente as mesmas ideias na resposta, pode ser viva, dinâmica e

---

<sup>218</sup>É o caso das respostas de Tamayo de Vargas e Deza, na defesa da *História de Espanha*, de Mariana, contra a crítica feita por Mantuano. Uma das razões por que o texto de Tamayo de Vargas se sobrepõe ao de Deza, na capacidade de convencer o leitor, é porque aquele organizou o discurso com base em frases concessivas e no conjuntivo: ao decidir construir a argumentação iniciando-a por um *se*, reforçado por um tempo verbal de não-realidade, Tamayo de Vargas está, em primeiro lugar, e antes de o negar em termos de argumentos, ao mostrar o seu erro, a recusar-lhe valor entitativo. É inexistente do ponto de vista discursivo e falso quanto às ideias. A controvérsia, o "diálogo", não se vai estabelecer entre iguais, mas entre mim e algo que não é.

apelativa, ou expositiva e enunciativa, isto é, quase nula do ponto de vista da persuasão do leitor, em função da estrutura morfossintáctica (que integra a argumentação retórica). Este entendimento sobre o processo de construir o texto a partir da integração dos conceitos numa organização morfossintáctica de carácter fluido, que lhe dá simultaneamente sentido pragmático, não pretende eliminar<sup>219</sup> a subjectividade, ou desvalorizar nele as marcas do sujeito, mas chamar a atenção para o facto de a complexidade do texto, a multiplicidade de sentido, e portanto a maior objectividade da enunciação, implicar maior **autoria**, significando a introdução de maiores marcas de subjectividade ou de juízos valorativos, que vão transitando da autoria explícita para o nível das explicações e caracterizações, visível nos argumentos verbais.

Através de uma técnica que permita diferenciar um raciocínio ou discurso mais transparente, explicitamente subjectivo, de um texto de objectividade fingida, ou que ajude a desmontar um texto complexo, pretende-se compreender melhor o processo de elaboração do discurso histórico moderno. De forma simplista, pode dizer-se que o discurso dos humanistas, neste caso concretizado na obra de Morcillo, Cabrera e S. José, se caracteriza pela clareza e simplicidade (conhecendo-se previamente os códigos), revelando de forma transparente a descoberta do poder da palavra e o seu uso segundo as regras de imitação clássica-evidenciando os traços de uma cultura erudita, em que a oralidade predomina - e por isso a linguagem escrita ainda é construída segundo o sentido da palavra dita. Quanto à poética barroca, pretende criar também a ilusão do ver e dizer quase transparentes, praticando a palavra como poder, mas usando-a já de modo a ter de ser lida, como se pode observar em *Sigalión*.

Embora sem nenhum tratamento estatístico, nem apresentação de uma métrica ordinária definitiva<sup>220</sup>, segundo a terminologia de Krippendorf, vão apresentar-se os elementos a partir dos quais se estabeleceram as relações de inferência a nível morfosintáctico.

---

<sup>219</sup>Numa análise automática do discurso este esquema pode ser aplicado separadamente às várias partes do texto, de modo a detectar o grau de autonomia das partes, e a função de cada parte na economia do todo.

<sup>220</sup> "Una métrica se define por la clase de operaciones matemáticas aplicadas a las variables que no deforman las diferencias representadas ni introducen cantidades falsas. (...) La métrica ordinal proviene de efectuar, entre las unidades de registro, comparaciones del tipo de "mayor que", "más que", "antecede a", "causa" (...)", Krippendorf, *Metodología da Análisis del Contenido*, op.cit., p. 141.

## 1. Sintagma nominal, ou a palavra realista: o Nome.

Na Península Ibérica, nos séculos XVI e XVII, o *nome* não correspondia apenas a uma definição, a uma denominação eficiente mas arbitrária, antes era a nomeação da substância, a verdade "escondida" nos objectos, pois as categorias aristotélicas, com os atributos de substância, qualidade, quantidade, proporção, relação, etc, continuavam a ser o sistema explicativo e caracterizador da realidade. A primeira origem das coisas é o verbo, é a ideia em Deus expressa no acto da Criação e por isso o nome original era realidade ontológica, absolutamente verdadeiro e certo. Esta comunhão de nome e coisa foi-se perdendo ao longo dos tempos, com a corrupção da língua primitiva, supostamente o hebraico, e com a evolução das Línguas e da fala. Os humanistas, filólogos, gramáticos, oradores e historiadores, fundamentados ainda nesta concepção realista de conhecimento, investigavam a etimologia original (hebraica) e a sua evolução grega e latina na busca da "verdade" do objecto<sup>221</sup>, desenvolvendo-se a noção empírica de coisas e de conhecimento.

Por isso nas definições gramaticais espanholas dos séculos XVI e XVII<sup>222</sup> persiste a distinção aristotélica entre nome, revelador da substância, e verbo, caracterizador da situação. Assim se confirma, pela linguagem, o domínio da concepção aristotélica de conhecimento, em que os acidentes não são adjectivos, só podendo os epítetos e os superlativos ser atribuídos a nomes que correspondessem a realidades qualitativamente superiores. Como na frase só se podem associar palavras de valor analógico, a identificação daquelas permite a atribuição de valor aos outros nomes da frase. Por isso se integraram na categoria *Nome* os morfemas lexicais que actualmente são definidos como substantivo e adjectivo, tendo-se definido como qualificadores de carácter universal as caracterizações plenas das categorias (primeiro,

---

<sup>221</sup>"Si se huvieran conservado los nombres que Adán puso a las cosas, supieramos sus essencias, sus calidades y propiedades; ya que esto no nos consta, es cierto que los nombres que ponemos a las cosas les vienen a quadrar por alguna razon, (...) de donde rastreamos sus etimologias.", Covarrubias, *Tesoro de la Lengua...*, op.cit., p.830. Esta concepção fundamentou o método dos arqueólogos e dos historiadores eruditos, que se baseava, também, na busca dos nomes originais, verificando-se assim, em Espanha, até aos fins do século XVII, uma quase coincidência entre crítica filológica e método histórico. A investigação dos factos a partir da sua datação, a crítica e o método pela cronologia só se começam a afirmar com Nicolau Antonio, Pedro de Pulgar e o Marquês de Montejár (Ibañez de Segóvia).

<sup>222</sup>J. Franch e J. Blecua consideram que, em Espanha, a ideia de adjectivo só a partir do século XVIII se torna independente do nome, ganhando definição. Cfr. *Gramática Española*, op.cit., p.498.

maior, etc.) e valores gerados pela sua actualização (verdade, bem, felicidade, justiça, etc.).

A noção de "adjectivo", de acidente em termos linguísticos, ou de qualificador de frase, não constitui objecto de artigo, nem sequer é termo referido no *Tesoro de la Lengua*, de 1611. Só no final do século passado a Real Academia de la Lengua o considera como categoria autónoma, com propriedades e características diferentes das do substantivo. Tendo em conta esta indiferenciação na identidade do Nome, no período em que foram redigidos os textos do *Corpus*, decidiu-se integrar as funções adjectiva<sup>223</sup> e substantiva num mesmo grupo, designado por *Nome*, que, conjuntamente com os verbos, constituirá o universo infinito e aberto dos morfemas sinsemânticos: as palavras "realistas" de uma língua<sup>224</sup>. Estas palavras são introduzidas no dicionário com a indicação do grau de valor que lhes era atribuído, segundo a escala ascendente: *humilde* ou *simples*, *média*, *sublime*, sendo todas as expressões metafóricas, e nomes associados na frase, considerados necessariamente não-humildes.

Em relação à associação de nomes, formando um núcleo nominal de dois ou mais morfemas, pretende-se verificar, em primeiro lugar, como foi definida a sua sequência: se o que actualmente mais qualifica antecede o nome-substantivo, ou o segue, e em que situação se recorre a uma qualificação composta, utilizando que tipo de atributos. Considerou-se que estas relações são reveladoras de funcionalidade semântica: se o adjectivo antecede o nome, funciona como caracterizador, sobrevalorizando-se assim o atributo face ao "objecto". O facto de a qualificação ser apresentada antes do conceito condiciona inevitavelmente mais o sentido da leitura do que quando é atribuída depois da definição, estabelecendo, neste caso, sobretudo uma acção

---

<sup>223</sup> O nome com função adjectiva é usado, mas não é o elemento que determina o juízo do sujeito no texto. Esta é conseguida sobretudo pela expressão verbal - recorrendo a extensas perífrases construídas, maioritariamente, a partir de verbos modais - forma mais rica semanticamente e provocadora (porque subtil) de maior efeito de adesão.

<sup>224</sup> Como se disse, a conceptualização de um texto e o seu grau de elaboração e de desenvolvimento não se apreende através de frequência de palavras, mas os substantivos podem funcionar como útil indiciador da pluralidade, generalização e particularismo do vocabulário. Trata-se de um indiciador evidente no caso de textos de construção "transparente" e de forte sentido locutório-descritivo; (ver apêndice final com a frequência de palavras de *Genio A*); e de um indiciador mais obscuro quando o enunciado é fortemente perlocutivo, ou irónico, como é o caso de *Sigalion*. No entanto, mesmo neste caso, como surgem associadas aos nomes dos cronistas e das crónicas as qualificações de *falsários*, *fantasias* ou *erro*, fica-se com uma ideia de que se trata de uma obra de contestação a essas crónicas, pois se fosse em sua defesa a argumentação recorreria a termos situados no paradigma do verdadeiro e do necessário.

restringidora, ou particularizadora, acrescentando assim informação específica<sup>225</sup>.

Não se partilha, por isto, a ideia defendida pela maioria dos gramáticos de que o atributo antes do substantivo tem um mero valor explicativo, não introduzindo novo conhecimento na frase, por se considerar que condiciona a informação num sentido, o do autor. Ao definir primeiro a qualificação e só depois revelar ao leitor a que "entidade" esse atributo se refere, está a introduzir-se um valor acrescentado de subjectividade. Ao contrário, quando se anuncia inicialmente o objecto, o leitor parte de uma primeira distinção intelectual, sendo mais condicionado pela sua própria ideia "mental" da coisa, atribuindo à valoração do autor um efeito específico, mais associado àquele particular objecto, naquele contexto (linguístico ou extra-linguístico).

Outra forma de associar nomes, reveladora do modelo mental e dos referentes de quem fala, é a sua junção, separada pela adversativa *pero*. A adversativa não funciona como a apresentação de um facto, mas como uma opinião comparativa, e por isso fortemente valorativa. Com efeito, um modo subtil de transmitir informação, carregada de forte sentido valorativo, é o exercício da comparação<sup>226</sup>, que desempenha no discurso, como já se disse no capítulo anterior, uma função simultaneamente semântica e lógica por, ao caracterizar e explicar, estabelecer os saltos argumentativos.

A detecção das formas utilizadas nos textos torna-se essencial, pois entendendo esses enunciados como juízos carregados de valor, eles revelam a transmissão dos factos *reais* em função da norma e das preferências do autor, distinguindo-se pelo tipo de verbo se é uma expressão fundamentalmente afectiva ou cognitiva - induzindo, mais uma vez subtilmente, mas com enorme força argumentativa, o leitor a concluir no sentido sugerido pela comparação - (de semelhança ou de superioridade, de forma absoluta, ou absolutamente negativa, presente em todos os textos em análise e determinante da estrutura argumentativa no caso de *Sigalión*).

A comparação de uma qualidade-atributo com outra implica sempre uma relação e, portanto, um contraste, pois a *neutra* apresentação

---

<sup>225</sup>Cfr. J. Franch e J. Bleca, *Gramática Española*, op.cit., pp. 510-511, e Emilio Juan Luis Onieva Morales, *La Gramática de la Real Academia Española*, op.cit., pp. 107-109.

Pulgar usa muitos atributos valorativos, sobretudo de forma intensiva, em comparativos de superioridade.

<sup>226</sup>"La construcción comparativa es una sobreestructura montada sobre el adjetivo mediante la cual se fija la intensidad con que se da el adjetivo por contraste con un término que se llama segundo término de la comparación", J. Franch e J. Bleca, *Gramática Española*, op.cit., p. 582.



do, ou dos adjectivos, é estabelecida em função do referente que se escolheu como unidade - e por isso supostamente transmitido como referencial neutro - correspondendo, em termos textuais, ao segundo termo da comparação.

Esta a razão por que se considerou "*tan*", sem o segundo termo, como um elemento de comparação, não com o valor de igualdade, ou de ponderativo, mas indicador de um significado de excepção, de desvio à norma<sup>227</sup>.

Com efeito, sendo a comparação apenas possível entre similares, como salientou Aristóteles, Teón, Cícero e Cabrera de Córdoba, ela permite, pela metáfora, associar ideias, e ideais a coisas, sem que disso o leitor se aperceba<sup>228</sup>, por apenas necessitar de um singelo *como, tan, asi, tanto como, ou es como*. Sendo a metáfora<sup>229</sup> uma figura de pensamento de difícil apreensão, por a sua elaboração pertencer ao génio individual (advertindo os tratadistas que a ela apenas se pode recorrer em excertos narrativos de sentido grave, ou em discursos de estilo médio), a identificação das frases em que é utilizada, com a respectiva observação dos nomes com que se relaciona, permite a imediata captação da qualidade do que se pretende transmitir e de uma parte relevante dos princípios e do quadro de valoração que o discurso transporta.<sup>230</sup> A leitura sequencial das frases com os elementos referidos possibilita apreender a forma argumentativa, o sentido profundo que se pretende transmitir e o processo lógico escolhido. A comparação semântica destas palavras com o total de palavras do texto, nomeadamente com os nomes e verbos, permite ainda verificar se essa mensagem é reforçada pelo sentido denotativo do texto, no seu todo, ou se surge esbatida pela informação quantitativa.

A prática estilístico-argumentativa até aqui verificada, comparada com as ideias expressas no mesmo texto acerca das convenientes formas

---

<sup>227</sup>A valoração pode ser ainda apresentada de forma absoluta, pelo seu carácter singular e excepcional, recorrendo-se ao superlativo, absoluto ou relativo.

<sup>228</sup>"La claridad, el placer y la extrañeza los proporciona, sobre todo, la metáfora(...) habrá de sacarse de lo que hay mejor dentro del mismo género; y de censurar lo que hay de peor. (...) hay que obtenerlas de cosas apropiadas, pero no evidentes, igual que en filosofía es propio del sagaz establecer la semejanza (de dos cosas) aunque sean muchas sus diferencias", Aristóteles, *Retórica*, p. 541.

<sup>229</sup>Refrão, hipérbole e imagem, são formas de metáfora.

Cfr. Aristóteles, *Retórica*, pp. 501-504 e 545-546.

<sup>230</sup>O sentido hierárquico dos nomes, para além de ser referido, embora não sistematicamente, em *Tesoro*, de Covarrubias, pode ser encontrado nas Emblemáticas, pelas relações de coisas que compõem a imagem, e nas próprias retóricas, a propósito do estilo e da ordem das palavras.

Cfr. Juan de Guzmán, *Rhetorica* fol.39 op. cit., p.40, refere as seguintes palavras sublimes: dios, angel, sol, luna, mundo; trompa, campo, ronco, relacionando estilos, humores e engenhos.

de escrita da história, permite uma primeira comparação entre o enunciado e a enunciação historiográfica do autor.

Depois de caracterizado o *Nome*, veja-se como foi modelizado este elemento e quais as funções mais representativas que exerce no sintagma nominal.

O primeiro aspecto, como já se referiu sinteticamente no capítulo anterior (figura nº52), será o de compreender a relação que o *emissor* assume no texto: o **eu** Autor pode relacionar-se com o **eu**<sup>231</sup> ou com o **nós** (máximo da autoridade transmitida e geralmente associada a argumentos considerados relevantes na persuasão<sup>232</sup>), com o **tu** (estrutura de diálogo visível e marca explícita do sujeito), com o **ele-objecto**, ou **ele-sujeito**, ainda numa relação de diálogo; ou já de autor-narrador ausente (nesse caso como sujeito-implícito, como em *Sigalion*). Nos textos em análise, tratados literário-historiográficos da primeira modernidade, o sujeito da enunciação está centrado na figura do historiador, com excepção de Pulgar, que utiliza o recurso estilístico *fumus*, comum no barroco<sup>233</sup>, de parafrasear a autoria, de modo a o leitor sentir prazer, e por isso maior atracção, na descoberta da real autoria (*lux*).

Quanto ao *ele-objecto*, pode ser abstracto, referente a sujeitos de conhecimento (por exemplo, historiador e nomeação das suas virtudes), ou objectos de conhecimento (por exemplo, atributos relacionados com o âmbito da história), ou concreto<sup>234</sup>. Em relação a este tipo de nomes diferenciou-se flora e fauna (por os seus atributos e caracteres terem na literatura emblemática e na cultura renascentista valor analógico com as qualidade dos seres humanos) de coisas, realidades não-naturais. Esta semântica tem de ser introduzida manualmente no dicionário, com a indicação do valor inerente a cada nome, sendo ainda necessária para cada texto a especificação dos nomes considerados próprios e dos seus valores específicos (figura nº55).

Sendo o sintagma nominal o vector que determina o sentido do discurso, ele ser composto por conceitos abstractos ou concretos é um indicador, neste caso, do grau de conceptualização atribuído ao saber

---

<sup>231</sup>Nesta relação do autor-emissor com o sujeito da enunciação devem considerar-se quatro situações possíveis: eu-eu; eu-tu; eu-ele (o texto tem uma estrutura de discurso, em que o autor dialoga com os agentes, ou, pelo menos, intervem na acção) e eu-ele (o texto é uma narrativa em que o autor está ausente). Se é o tempo da narrativa, recorre-se ao passado; se é do discurso, ao indicativo presente.

<sup>232</sup>Cfr. *Genio A*: "Confieso con S. Agostinho" e S. Jerónimo (p50), San José, Génio A, S. Bernardo (p.78), "Probado vemos como(...) un Basilio, un Geronimo, un Agustino, un Bernardo, un Tomas, un Buenaventura..." p.79.

<sup>233</sup> É o caso, também, por exemplo de Gracian que publica *Oraculo Manual* sob o nome de seu irmão.

<sup>234</sup> Considera-se que todos os seres não ideais são concretos, independentemente de terem existência verdadeira, verosímil, ou fabulosa.

Fig. 55 - Esquema de formas de organização do Nome.

A informação semântica correspondente à classificação apresentada no esquema anexo, com a respectiva valoração, tem de ser introduzida manualmente, elaborando-se assim um dicionário, que contém uma componente de informação fixa - sobretudo estabelecida a partir da classificação coeva apresentada em *Tesoro e Emblemas Morales*, da *Iconologia*, de Ripa e da tradução de Valerio Maximo (*Hechos y dichos de romanos y griegos*, objecto de inúmeras cópias<sup>1</sup>, reedições e traduções ao longo do séculos XV, XVI e XVII ) e outra, variável, própria de cada texto, em que alguns desses conceitos, são definidos e classificados em função da sua significação específica.

A indicação dos nomes próprios deverá ser prévia à análise do texto, bem como a distinção entre objectos e sujeitos de conhecimento, classificando-se ainda os termos que surgem especificamente associados ao âmbito historiográfico. Apesar de ser um trabalho moroso, considerou-se que face ao sistema altamente codificado e simbólico dos textos da época, e ao nascimento do discurso historiográfico, com certa indiferenciação entre qualidades do sujeito e atributos do objecto de conhecimento, esta classificação se tornava necessária para melhor apreensão do seu sentido e nível de caracterização.

Uma vez que esse sentido também se faz na horizontal, pela similitude, torna-se possível a detecção de valores semânticos pela identificação, na frase, de um nome de valor indiscutível<sup>2</sup>, como se verá a propósito de *Genio de la Historia*.

Finalmente, considerou-se que todos os seres não ideais eram concretos, independentemente de terem existência real, verosímil ou fabulosa; e individualizaram-se os animais e plantas, pelo peso simbólico que eles representam na cultura renascentista, em que os seus atributos são analógicos com caracteres humanos.

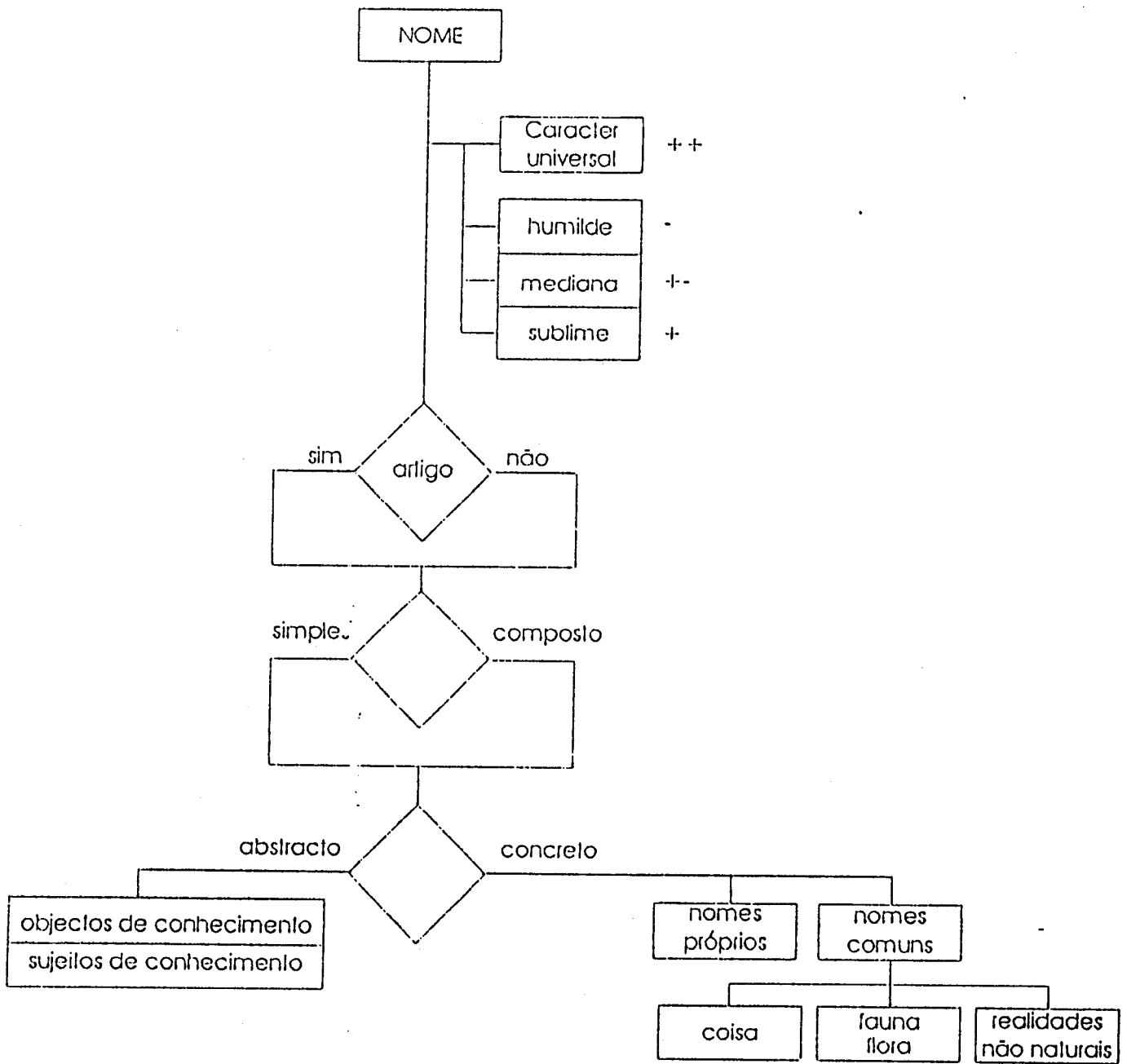
---

<sup>1</sup>F. Acera, citando Menéndez Pelayo e Nicolau António, refere cinco códices do século XV com a obra em latim e uma tradução para valenciano feita por Antoni Canals, 4 edições no século XVII, e 4 traduções impressas entre 1466 e 1529, da autoria de Hugo de Urries.

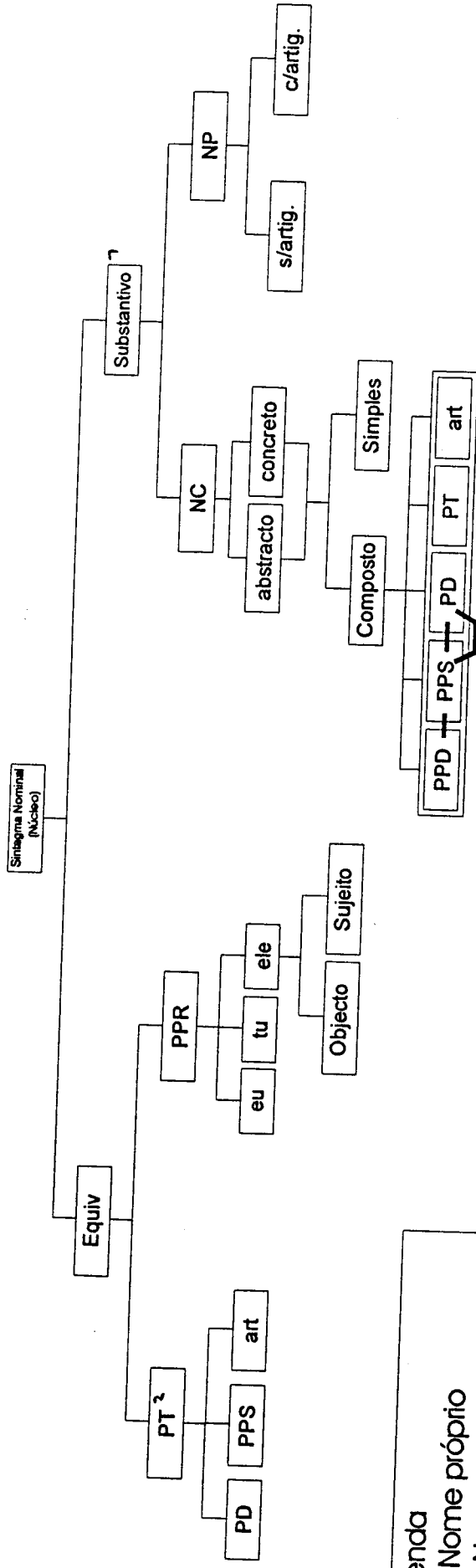
Cfr. Fernando Maria Acera, "Introducción", in *Los Nueve Libros de Hechos y Dichos Memorables*, Madrid, Akal, 1988, pp.30-43.

Na Biblioteca Nacional de Madrid existe ainda uma edição com data anterior (1445, Çaragoça, P. Hurus, com a cota 1\2342).

<sup>2</sup>" Para lograr los símiles más aptos y que mejor concuerden con cada propósito, se ha de advertir lo que avisan los Retóricos, es decir, que para las cosas distinguidas se han de buscar otras elevadas; para las laudables, espléndidas; para las vituperables, viles...", C. Ripa, *Iconologia*, vol.1, op.cit., p.49.



# Esquema de formas de organização nominal



- Legenda
- NP - Nome próprio
  - NC - Nome comum
  - Art - Artigo
  - PT - Pronome tratamento
  - PPD - Pronome demonstrativo
  - PD - Pronome determinativos
  - PPR - Pronome pessoal recto
  - PPS - Pronome possessivo

O sintagma nominal pode tornar-se mais complexo, em associação múltipla, pela introdução de outros nomes, de pronomes, ou de modificadores.

- 1 - O núcleo torna-se mais complexo se acrescido de modificadores
- 2 - O Pronome de tratamento, tem funcionalidade morfosintáctica idêntica ao nome, na segunda ou terceira pessoas (ele-sujeito).



histórico. Como o é ainda a distinção entre nomes referentes a objectos de conhecimento e sujeitos de conhecimento (apesar de muitas vezes, devido ao peso que a causa eficiente, exerce nos discursos seiscentistas, sem haver ainda uma referência como sujeito da nomeação, existir já um corpo conceptual, relacionado com o saber histórico, que surge concretizado nos argumentos verbais).

Conforme o sentido da frase se for tornando mais complexo, maior importância recai sobre o sintagma nominal. E, como se disse, conforme se for conceptualizando em função do historiador ou da história, maior ou menor grau tem a disciplina como área do saber e como objecto em desenvolvimento.

Quer seja composto exclusivamente pelo nome (ou por um seu equivalente, geralmente um pronome pessoal recto, ou pronome de tratamento), quer por mais morfemas, o nome é o núcleo organizador do sintagma nominal, funcionando os elementos a ele agregados como caracterizadores.

O sintagma pode ser constituído:

1. Na sua forma mais simples, pela omissão, sendo determinado pela pessoa verbal.
2. Pelo nome, ou morfemas gramaticais que o indiciam (pronomes pessoais rectos) ou
3. Morfema equivalente: pronomes de tratamento. Estes, funcionando como elementos de distinção, usados de modo a realçar e sobrevalorizar a qualidade e a autoridade da pessoa a que se destinam<sup>235</sup>, foram considerados pronomes pessoais de prestígio, com comportamento morfológico semelhante ao dos pronomes pessoais rectos.
4. Por combinação (simples ou múltipla) de nomes, contextualizadores e modificadores (artigos, pronomes, adjectivos, advérbios, etc.)<sup>236</sup> - ver figura nº56 .

Exemplos de diferentes concretizações:

---

<sup>235</sup>Os morfemas como *vos* (espanhol arcaico), *vuestra merced*, *usted*, *ustedes*, *Padre*, *Fray*, *Vuestra Reverencia*, *Vuestra Señoría*, *Usía Ilustrísima*, etc, foram designados como Pronomes de Tratamento (PT). Na codificação do dicionário consideraram-se equivalentes os morfemas *vos*, *vuestra merced*, e *usted*, por ser esse o sentido que tinham no séculos XVI e XVII. *Vos* correspondia a uma forma cortês de tratamento, apelando apenas a um interlocutor, e por isso o verbo era usado frequentemente na 2ª pessoa do singular.

<sup>236</sup>Um dos maiores efeitos de presença é conseguido através da justaposição de pronomes pessoais com locativos.

Art+ PPS = caracterizador preciso.

PD+Nome= caracterizador preciso.

PD+PPS= efeito de presença e intensivo, apresentação de algo como um facto concreto.

PI + Nome= caracterizador difuso.

Assim como um substantivo abstracto, - em especial os definidores de carácter - precedido de artigo funciona como potencial valor universal, também os substantivos abstractos ou comuns precedidos por pronomes possessivos (PPS) ou pronomes determinativos (PD), criam uma imagem de presença e da proximidade daquele particular concreto no leitor.

Os nomes que pretendem transmitir valores universais não apresentam qualificadores. Por outro lado a identificação dos "Nomes" associados a palavras sublimes, de forte carga conotativa e fáctica (verdade, sol, luz, nobreza, antiguidade, etc.) revela o que se quer qualificar, pois esses "nomes" são o núcleo semântico da argumentação que se está a desenvolver, e portanto a finalidade da adesão.

Finalmente, se existir um modificador negativo, quer no sintagma nominal, quer associado a verbos englobados no grupo dos subjectivos - subgrupos lógica da crença (cognitivos, afectivos e de vontade) e volitivos afirmativos (digo, quero, afirmo, confesso, etc)- ele deve ser entendido como elemento retórico revelador do princípio organizador do raciocínio, e por isso uma marca relevante do sujeito. Tendo na maior parte das vezes um segundo sentido (pretende-se atingir a pessoa através da caracterização da acção), a antífrase corresponde a uma das figuras de pensamento mais usadas pela retórica barroca<sup>237</sup>.

Quase sempre o *não* discursivo não é um não lógico, é um não impositivo. Podendo a realidade dizer-se afirmativamente em frases asservativas, na análise foram diferenciados os negativos não lógicos, com valor enfático, dos negativos. A funcionalidade do modificador *não* será desenvolvida na categoria respeitante à expressão verbal.

---

<sup>237</sup> Por exemplo Gracian, em *Oráculo Manual*, inicia 72 dos seus aforismos com a expressão *No*, seguida do verbo no infinito, 19 de *Nunca*, mais verbo no infinito, 125 por verbos no infinito e 72 títulos que correspondem a sintagmas nominais. Cfr. "Introducción" de Emilio Blanco, in *Oráculo Manual*, Madrid, Catedra, 1995, p.44.



## 2. EXPRESSÃO VERBAL<sup>238</sup>

Para Platão a palavra, entendendo por palavra o verbo e o nome, é a expressão de uma ideia, e nessa ideia radica o começo do nosso conhecimento<sup>239</sup>. Aristóteles chama a atenção para as noções de tempo que o verbo pode criar e introduz a conjunção na frase (surgindo assim a expressão verbal). E, no período em análise, o gramático Francisco Sanchez - Sanctius (1601) já referido em *Junta de Libros*, elaborou a sua gramática baseando-se no Nome e no Verbo, considerando haver uma construção verdadeira (a regular, correspondente à ordem *natural* da frase) e uma falsa, irregular (a criada mediante artifícios retóricos)<sup>240</sup>.

O verbo é o dinamizador e polarizador semântico da frase - havendo, na oração composta, uma bipolarização do sentido pela expressão verbal e pelos elementos de enlace, ou nexos.

Só quando se iniciou a análise do núcleo verbal nas frases do Corpus, sem suporte de um programa, nos apercebemos do sentido e do **peso** que desde a antiguidade tem sido dado ao verbo<sup>241</sup>: ao conjugar, exprimindo número, pessoa, tempo e modo, através de múltiplas formas simples, negativas, compostas, modais ou de perífrase, na voz passiva ou activa, de tonalidade afirmativa, negativa, ou interrogativa (num total de 59 combinações por modo), cria uma versatilidade possibilitadora de múltiplos matizes de sentido e de tempos de acção, que subtilmente condicionam o entendimento e a vontade do leitor. Este, inconscientemente, tem tendência para aderir às ideias, aos próprios actos de julgamento do emissor (ou fica por elas condicionado). Com efeito, o grau de conceptualização da obra, com a transição de uma argumentação mais centrada no *ethos* e no apelo ao *pathos*, para a

<sup>238</sup> A expressão verbal não foi decomposta em todos os seus elementos, mas apenas naqueles que se considerou integrarem maior subjectividade ou trabalho de construção, sendo por isso mais reveladores de sentido.

<sup>239</sup> E por isso Martinet denomina oração mínima à oração constituída apenas pelo nome e verbo.

<sup>240</sup> Cfr. Guy Serbat, *Casos y Funciones*, Madrid, Gredos, 1988, p. 46.

<sup>241</sup> "Una classe de palabras que significan el atributo de la proposición, indicando juntamente la persona y número del sujeto, el tiempo y el modo del atributo", Andrés Bello, *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*, (notas de R. J. Cuervo), Bogotá, 1874, pp.35. Bello foi o primeiro, no caso da língua espanhola, a chamar a atenção para a importância do comportamento sintáctico da expressão verbal, tendo-o, por isso, estudado em articulação com as conjunções e locuções. Foi com base nesse estudo que estabeleceu uma nova terminologia para as formas verbais (ainda usada actualmente, sobretudo, na América Latina). Neste Dicionário, foi utilizada a terminologia da Academia, por ser a mais conhecida e estar generalizado o seu uso. Apenas se alterou o nome de dois tempos: o potencial composto, que será denominado potencial perfeito, por analogia com a designação dada a todas as formas que exprimem o aspecto verbal como concluído; e o pretérito indefinido, que foi apenas nomeado pretérito, de modo a não se confundir com a abreviatura do pretérito imperfeito. Para confrontar as terminologias de Bello, de Gili e da Academia, cfr. J. Franch e J. Blecua, *Gramática Española*, op. cit., p.757.

própria estrutura conceptual do *logos* historiográfico, com a criação de um discurso mais conciso e *neutro*, característico da historiografia pós-cartesiana, em que o poder da *coisa-palavra* se impõe como a evidência da verdade - sobretudo pela integração da expressão verbal e dos nexos nos argumentos verbais - é visível na conjugação verbal, no tipo de modais e verbos integrados na lógica do *doxa*, a valoração sobre o tipo de juízo, e a forma de caracterização da acção.

Como a versatilidade e matizes de sentido que caracterizam a expressão verbal advêm de um comportamento morfológico específico, considerou-se que esta categoria deveria ser valorada a partir dos elementos esquematizados na figura anexa nº57.

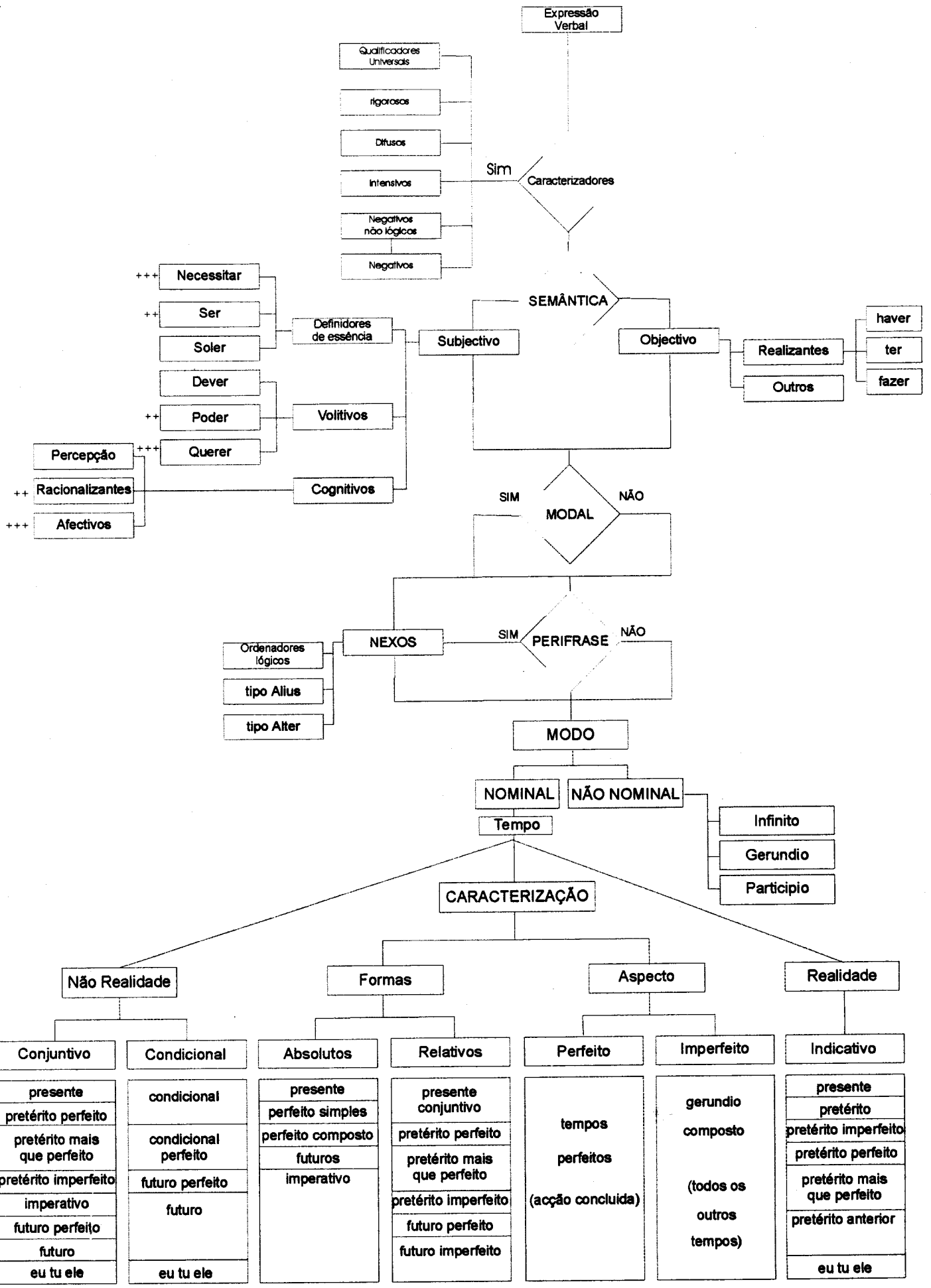
Em relação à figura nº57 as fases do processo de análise são as seguintes:

Verificação da existência de um caracterizador (pronome, ou equivalente sintáctico advérbio) que, associado à expressão verbal, lhe provoca alteração de sentido. Foram agrupados em (seis) categoriais: atributivos de qualidades universais; especificadores rigorosos, difusos, intensivos, negativos e negativos não lógicos. Consideraram-se: *no*, *nunca*, *si*, e expressões adverbiais, *como*, *como que*, os modificadores semânticos mais importantes porque os mais frequentes. Será dada particular relevância, pelo seu valor semântico, ao advérbio *não*. Não por dele resultar um sentido oposto, mas porque o *não* associado à expressão verbal num verbo subjectivo revela a posição do emissor, sendo por isso considerado uma importante marca do sujeito (seja apresentado em frase assertiva, interrogativa, ou exclamativa)<sup>242</sup>.

Quando associado a verbos subjectivos quase sempre este *não*, que não é um *não-lógico*, como já se disse, significa pela afirmativa. Negar, que é dizer negando, proibir negando, ou desvalorizar pela negação, revela ainda a autoridade sobre um *tu*. Há uma suposta prévia intenção de vontade do "*tu*" que foi contrariada pela vontade superior do "*eu*", revelando desobediência, afastamento do referente, rebeldia à ordem, que o emissor está a nomear. É uma norma imposta, tendo por isso o conjuntivo negativo um valor imperativo. Uma ordem dada afirmativamente, neste caso sem significar desvio de norma, teria um efeito mais passivo, revelando, assim, uma maior autoridade da pessoa do emissor e não da forma como ele o diz.

---

<sup>242</sup>Como já se referiu, quando se diz "não..." muitas vezes está-se a ter a ideia do que deveria ser "sim", e o dever é um juízo do emissor que se apresenta como necessário e universal.



Não Realidade		Formas		Aspecto		Realidade
Conjuntivo	Condicional	Absolutos	Relativos	Perfeito	Imperfeito	Indicativo
presente	condicional	presente	presente conjuntivo	tempos perfeitos (acção concluída)	gerundio composto  (todos os outros tempos)	presente
pretérito perfeito		perfeito simples	pretérito perfeito			pretérito
pretérito mais que perfeito	condicional perfeito	perfeito composto	pretérito mais que perfeito			pretérito imperfeito
pretérito imperfeito	futuro perfeito	futuros	pretérito imperfeito			pretérito mais que perfeito
imperativo	futuro	imperativo	futuro perfeito			pretérito anterior
futuro perfeito			futuro imperfeito			
futuro						
eu tu ele	eu tu ele				eu tu ele	



Fig. 57 - Esquema de formas de organização do sintagma verbal.

A primeira conclusão que ressalta da observação do esquema anexo - organizado de modo a evidenciar os efeitos ilocutórios e perlocutórios para que o verbo remete, bem como os juízos e valores nele implicados - é a da complexidade do elemento verbal. Quanto mais o verbo preencher condições enunciadas à esquerda do esquema, maior densidade significativa contém, tendo-lhe sido por isso atribuído maior valor neste modelo.

O processo de análise é o seguinte:

1. Antes da definição semântica e morfológica do verbo, verificar da existência de caracterizadores na expressão verbal (pronomes ou advérbios), que reforçam ou especificam o sentido. Dentro deles atribuiu-se maior valor aos qualificadores universais e aos negativos não lógicos. Quanto aos primeiros, por remeterem ou reforçarem o carácter geral da acção, e quanto aos negativos não-lógicos, por serem morfemas sem sentido negativo, que desempenham na frase uma função de reforço do dito, apelando simultaneamente para o juízo da enunciação.

2. Em relação à caracterização semântica, não se considerou o verbo *ser* realizante, em conjunto com o *ter*, *estar*, *haver* e *fazer*, por na época, segundo ainda o modelo aristotélico, ter uma função entitativa. Foi por isso integrado com *necessitar* (actuar segundo a natureza) e *soler* (actuar segundo o costume, que se torna lei) no grupo dos definidores de essência.

Privilegiaram-se os volitivos sobre os cognitivos, por aqueles integrarem os dois valores que melhor correspondem aos objectivos do dizer retórico: vontade e entendimento. Dentro dos volitivos, organizados de forma crescente - *dever*, *querer*, *poder* -, foi dada aos de *querer* afirmativo (*confesso*, *digo*) valorização equivalente aos de *poder*.

Pelas mesmas razões, em relação aos cognitivos, hierarquizaram-se os afectivos sobre os racionalizantes porque, na época, o saber advindo por verbos do tipo *crença* era um conhecimento indiscutível, apelando à adesão. Dentro dos racionalizantes, o mais perfeito conhecimento é obtido através do verbo *entender*, que significa a compreensão das causas<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Por exemplo, para Jerónimo de S. José o entendimento é luz e olhos da mente. Cfr. *Genio B*, p.325.

Será sobre esta desigual valoração semântica que se irá efectuar a avaliação morfológica correspondente aos restantes elementos do esquema, que são explicados ao longo do texto.

No casos dos textos em análise é superabundantemente usado, pois, para além de ser fundamental na argumentação por refutação, funciona ainda como efeito estético no barroco a referência à **norma** e ao **desvio**. Além de que a afirmação do *meu* poder em proibir e mandar fazer passa pela obediência do *outro*.

## 2. Características

1. Em termos das suas características internas, a primeira distinção situa-se no nível semântico, da diferenciação entre verbos de sujeito objectivo e subjectivo, tendo para isso sido introduzida previamente no dicionário a respectiva informação.

2. A segunda é estabelecida entre verbos modais e não-modais - tendo-se seleccionado alguns tempos que, associados a modais, reforçam as marcas do sujeito na valoração da acção. Verbos modais são aqueles que, sem perder o significado próprio, e por isso sem formar perífrases (mas podendo funcionar como auxiliares em expressões verbais de sentido perifrástico<sup>243</sup>, sobretudo com os verbos cognitivos, volitivos, ou definidores de essência<sup>244</sup>), se unem a um infinitivo. Acrescentam a este uma modificação que indica a atitude do emissor perante a acção (o *modus*), enquanto o infinitivo indica o *dictum*, (supostamente) o conteúdo essencial da enunciação. Acrescentam assim ao significado do infinitivo ou da oração substantiva, o juízo do autor, com uma função semelhante à do conjuntivo, muitas vezes associada a um valor ilocutório.

Os textos historiográficos em análise recorrem sobretudo à perífrase e aos verbos modais, assentes na bipredicação. Correspondendo a níveis complexos de expressão verbal (onde se articulam locuções e bigramas com tempos verbais, como se disse) esta forma é apelativa do tu-leitor, obrigando-o a uma nova predicação (ou pelo menos a um reforço da sua presença no enunciado), que se expressa numa nova ideia verbal, dando assim dinamismo ao discurso e um crescendo à argumentação. Por outro lado, um tempo verbal no indicativo e outro no

---

<sup>243</sup>Os verbos *soler*, *creer*, *saber*, *decir*, *querer*, *poder*, *deber*, são os auxiliares de maior uso na conjugação perifrástica.

A esta lista há que acrescentar, embora com valor inferior ao dos verbos acima referidos, os que denotam intenção e comportamento.

<sup>244</sup>Os verbos cognitivos foram sub-divididos hierarquicamente em perceptivo-sensoriais, racionais e afectivos (de crença) e os volitivos, em de poder, querer e dever, todos integrados no grupo dos denominados de *doxa*, e tendo-se dado particular valoração ao volitivos afirmativos.

conjuntivo, criam subordinação, por justaposição, reforçando a marca implícita de ordem-vontade do sujeito.<sup>245</sup>

### 3. ASPECTO

Quando o núcleo verbal é constituído por dois verbos, funcionando com valor unitário e em que a significação do auxiliar<sup>246</sup> modifica o sentido do auxiliado, ou conceptual<sup>247</sup>, denomina-se perífrase. Esta modificação é de carácter semântico (não sintáctico)<sup>248</sup>, podendo a alteração introduzida respeitar ao *aspecto temporal* (vai chover), indicando o tempo da acção; ou ao aspecto *modal*, revelando a atitude do emissor perante o *dictum*.

O *modus* pretende convencer e o *dictum* indica o que convence.

A perífrase com *haber*, verbo auxiliar, já existia no latim, com idêntico significado ao de "ter" + participio. Este, considerado portuguesismo, alternou com o auxiliar "ser" até ao século XVI-XVII - os auxiliares *ter* e *estar* realçam, tal como os tempos compostos, a ideia de conclusão da acção.

As formas perifrásticas mais usadas são: *deber*, *haber de*, *hay que*, *tener que*; e a forma hipotética "deber de"<sup>249</sup>.

Perífrase pode ser construída com uma destas 4 características (e todas acumuláveis<sup>250</sup>): infinitivo, pronome pessoal átono, auxiliar composto e *que*.

Formas-tipo de perífrase:

1. Verbo: auxiliar (pode ser composto)+que+verbo.

2. verbo auxiliar (em tempo finito) + prep., ou "que" + infinitivo (gerúndio, ou participio, este sem o elemento de nexos).

2.1. Verbo auxiliar + infinitivo (inf): As mais frequentes remetem para o futuro da acção, sugerindo por isso um efeito de progresso. Podem ser :

---

<sup>245</sup>Com o verbo no conjuntivo o enunciado passa a subordinado (de causa hipotética, concessão, circunstância, etc.). A regra de identificação é a seguinte: frase com "que", ou "como" + verbo conjuntivo = valor hipotético.

<sup>246</sup>Verbo diz-se auxiliar quando, ao associar-se, perde o seu significado original.

<sup>247</sup>Verbo conceptual é o que acrescenta e aperfeiçoa a ideia do verbo conjugado (o auxiliar).

<sup>248</sup> Por exemplo, *devo estudar\queria que estudasses*.

<sup>249</sup>Deber, no caso da forma hipotética, usa-se como verbo auxiliar, não perdendo o sentido original.

<sup>250</sup>Os tipos que se enunciam não correspondem aos grupos possíveis de forma perifrástica, mas apenas aos mais frequentes nos textos em análise.



2.1.1. **aspectuais**: informando do desenvolvimento da acção - ir a + inf; echar a + inf.; ponerse a + inf.; venir a + inf.; llegar a + inf.; acabar de + inf- (significa a acção terminada); volver a + inf. - (voltar, repetir, funcionam como reiterativos de acção e por isso não são valorados nesta tipologia) .

2.1.2. **modais**:

2.1.2.1. obrigação: haber de + inf.

haber que + inf.

tener que + inf.

deber + inf.

2.1.2.2. dúvida: deber de + inf.;

2.1.1.2.3. aproximação ou dúvida: venir a + inf..

2.2. Verbo auxiliar + gerúndio, provoca efeito de duração.

2.2.1 De sentido reiterativo - com verbos de acção momentânea, confirmando a acção.

2.2.2. De sentido durativo -com verbos de movimento (ir, venir e andar), acrescentam à acção temporal do gerúndio a ideia de movimento, iniciando o progresso.

O auxiliar mais frequente é o estar, mas também é comum nos textos antigos o uso de *andar, ir, salir, seguir, venir*.

2.3. Verbo auxiliar + participío, que remete para a ideia de acção concluída.

2.3.1. O verbo ser, conjugado nas diferentes formas+ para + participío, provoca um sentido algo equivalente a obrigação.

2.3.2 voz passiva: perífrase ser + participío; e estar + participío = sentido de significado passivo.

O sujeito não é o agente da acção verbal, mas quem a sofre, valorizando-se não o estado final, mas a situação ou a posição (*situs*) e o processo que a originou, considerando-se a acção como uma finalidade para o sujeito, em que as qualidades acidentais são valoradas. O novo sujeito, que recebe assim o atributo de qualidade, tem, simultaneamente com o predicado que originou, mais força, por o novo estado ser um processo que, em termos discursivos, se concretiza também numa expressão verbal mais longa.

Na época em estudo, devido ao maior efeito sensibilizador que provoca, a passiva *perifrástica* era muito mais usada do que actualmente, estendendo-se aos verbos intransitivos. Também podem ser usadas como passivas as formas *perifrásticas* com *estar, quedar* e participío.

O gosto da frase elegante e que faça *saltar à vista*, significando que as expressões sejam "signos de cosas en acto", como se disse, associada à valorização dos acidentes das substâncias primeiras - exprimindo ainda uma manifestação de uma sensibilidade metafórica e emblemática - faz com que a língua barroca, também em relação à expressão verbal, preferisse iniciar o sintagma nominal com a apresentação do agente que "sofre" a acção e só depois nomear o sujeito desencadeador do processo.

Os sentidos mais comuns criados pela perífrase são: forma aproximativa, *causativa* (dar a conocer un ratón), *hipotética* (deber de - debe de haber pasado algo; debia de estar lloviendo), *incoativa* (usa-se o verbo darse) a (utilizando-se sempre a preposição a), e *impositiva* (deber, haber de, hay que, hacer mandar, meter a, obligar a, ser de, tener de, que).

Verbos que exprimem esta noção de obrigação:

Regra: 1 - Forma simples

1. Haber de -- Com sentido de autodeterminação, tem valor impositivo pelo seu carácter exemplar na 1ª pessoa; na 2ª e 3ª expressa também necessidade e obrigação, desejo e vontade de quem fala.
2. Hay que -- obrigação e necessidade, pela forma persuasiva.
3. Tener que -- obrigação e necessidade, com carácter fortemente impositivo.
4. Hacer + inf (com ou sem PPOA) -- forma obrigativa<sup>251</sup>.
5. Mandar
6. Meter a -- usada quase sempre em frases interrogativas, com sentido de reprovação.
7. Obligar a.
8. Ser de.
9. Tener de.
10. tener que -- determinação ou necessidade.

Regra 2: Forma Completa.

Todos estes verbos, com excepção de "haber de" nas formas de obrigação, podem ter uma frase incisa entre o verbo auxiliar e o principal-recurso característico de *Genio B*.

Efeitos conseguidos pela perífrase mais usados nos textos em análise:

<sup>251</sup> Expressões diferentes que adquirem um sentido temporal: hacer (poco\mucho\etc)+ que.

1. Forma optativa, com desejar ou qualquer verbo equivalente: querer, ansiar, suspirar.
2. Forma permissiva: poder, dejar, permitir.
3. Forma reiterativa: com o verbo volver ou com o gerúndio.
4. Forma resolutiva: acabar por, atreverse a, decidirse a, lanzarse a, terminar por.
5. Forma terminativa: exprime um resultado, depois de se passar por certas vicissitudes: ir a, com o verbo dar en, ou parar, que completa o sentido de "paradero"; llegar a, venir a.

Conclusão: as acções verbais assim enunciadas, construídas com base num processo sintáctico artificial, reveladoras da lógica da crença do Autor (que inclui saber cognitivo, afectivo e vontade), associadas a expressões e figuras que provocam maior sentido de duração, criam um enredo não apenas impositivo, como afectivamente mais apelativo, porque mais próximo das situações vivenciais particulares, provocando no leitor os pretendidos efeitos de obrigação de fazer, ou de saber. Situação que se complexiza, originando difusos argumentos verbais, se na perífrase forem integrados nexos.

#### 4. Modo

A gramática estrutural considera que o modo indicativo exprime o tempo (e o espaço) das acções reais, portanto, da *realidade*, enquanto o conjuntivo o da *não-realidade*, do provável, da valoração e do desejo. Esta distinção é fundamental, pois a forma como um autor usa um modo ou outro é reveladora da sua relação com o que está a exprimir. O modo revela assim a dupla perspectiva pelo qual o emissor "vê" o real: o real exterior, correspondendo aos factos e aos "factos históricos"; e o mental (que inclui a vontade e o desejo do emissor), detectáveis através do tempo verbal - ver esquema anexo nº 2.

O indicativo exprime a realidade exterior, presente ou passada, o exemplar, e portanto o universal, o tempo das máximas e sentenças, do conhecimento. O condicional, se se cumprirem determinadas condições, representa o possível; o conjuntivo, cuja eventual realidade se ignora ou cuja irrealidade parece evidente, representa o fictício; e o imperativo, a ordem.

Com excepção do indicativo (que também o é em determinadas circunstâncias, e quase sempre quando usado na primeira pessoa), todos

os outros modos são reveladores de intenções do sujeito. O imperativo foi integrado no conjuntivo por se considerar ter a mesma funcionalidade que aquele modo: ao ordenar, estou a desejar, a esperar, a querer. Semanticamente, é uma forma explícita do mandato do emissor, enquanto no conjuntivo o é implicitamente. Também se integrou o condicional no modo da "não-realidade", por exprimir sempre uma acção eventual ou hipotética, tendo sobretudo o valor de verbo modal. Como se pode ver pela figura anexa nº58 foi considerado nos textos do *corpus* como um modo-charneira.

## INDICATIVO - TEMPO DA REALIDADE

### 1. Realidade

Significado e uso dos tempos do modo indicativo:

0. Forma indicativa, assertiva, enunciativa ou expositiva, declarativa, ou eventual: expõe-se afirmativamente, ou negativamente, um facto, sem submeter a sua realização a uma condição, ou mostrar dúvida em relação a ela.

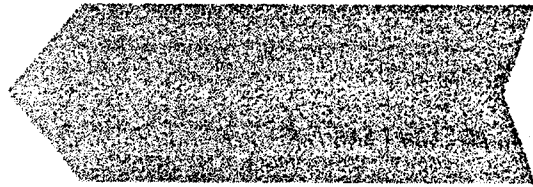
1. **Presente** discursivo, é um tempo omnipresente ligando passado, presente discursivo e presente de leitura. Nos textos em análise, entre o passado e o futuro, exprime valor universal de conhecimento e de exemplo, sendo neste caso profundamente valorativo, pois apresenta como inquestionável a realidade que enuncia - a qual ganha assim uma função futura (absoluta) e imperativa, como já se referiu a propósito da maneira como Pellicer apresenta a Rainha como a forma natural, e por isso necessária, da Restauração.

2. **Pretérito indefinido**, é o tempo da narração.

3.3.1 **Pretérito imperfeito**, caracteriza o passado, de forma ampla, com certa dimensão intemporal: pode descrever do passado ao presente, sem estabelecer fronteira, nem delimitar o tempo da acção. Pode ainda exprimir acções idealizadas, mas não realizadas.

3.3.2. **Pretérito perfeito**, fixo e determinado, remete para uma acção concluída, sendo por isso usado em pequenas partes do texto, sobretudo descrições ou digressões, elementos secundários na estrutura narrativa, de modo a não encerrar o sentido do texto no passado.

4. **Condicional**, é o tempo da sugestão, da acção provável ou possível. Nos autores estudados é sobretudo usado para transmitir uma imagem de sentido negativo. Admite-se uma suposta acção que fica desmentida,



FUTURO

PASSADO

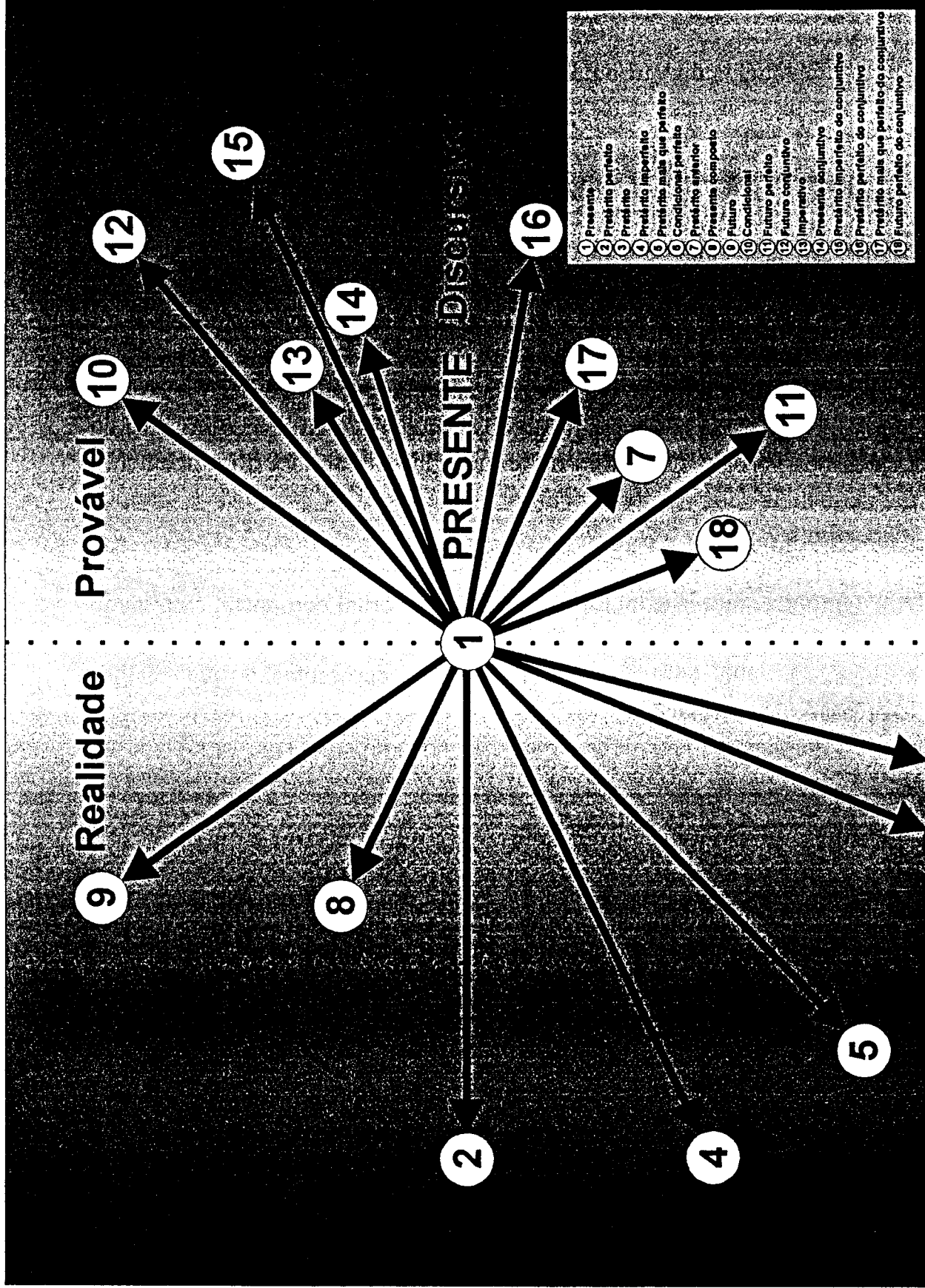
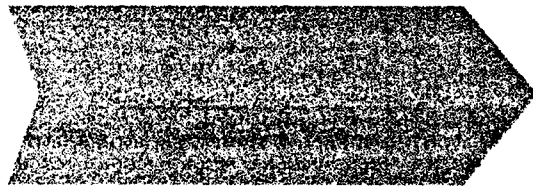


Fig. 58 - Esquema do verbo no modo nominal.

Considerou-se que a representação, anexa, do modo nominal do verbo explicita o sentido da parte correspondente do esquema anterior, porque permite uma mais fácil visualização, a partir do tempo presente, do passado e do futuro, do real e do provável, evidenciando como a maior parte dos tempos verbais exprimem intenções, desejos e possibilidades.

Cada um destes tempos tem associada uma pessoa verbal, pelo que, numa frase, terá de haver repetição dos esquemas conforme o número de expressões verbais. O sentido da leitura global resultará do cruzamento da sequência dos tempos com a sequência das pessoas e tempos respectivos.

Aos tempos compostos, incluindo a perífrase verbal composta, é aplicado o mesmo modelo, com a indicação da respectiva pessoa ou pessoas verbais. O cubo tetradimensional seria a representação que melhor expressaria estas relações<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Cfr. Krippendorf, *Metodologia da Análisis del Contenido*, op.cit., pp. 124-145.

iniciando-se a 2ª oração com *pero*. É ainda usado no 2º termo da oração condicional.

O condicional simples ou composto dos verbos **deber, poder, tener que, + infinitivo**, exprime a opinião sobre a conveniência em fazer algo. São, neste estudo, considerados com valor equivalente a modais.

5. **Futuro**: é o tempo (ideal) de uma acção a realizar-se. O futuro tem apenas dimensão linguística, por a sua enunciação ser presente, sendo, nos textos em análise pouco usado, pois a ordem natural e o futuro fundam-se no presente, que é recorrente do passado - uma das maiores diferenças face ao discurso iluminista e positivista.

## 2. CONJUNTIVO - TEMPO DE NÃO-REALIDADE

Conjuntivo significa subordinado. Por isso geralmente o conjuntivo depende de outro verbo dominante, tendo características modais e funcionalidade semântica de sentido perifrástico: também o primeiro verbo indica a perspectiva do sujeito face ao que é dito. O conjuntivo e o imperativo remetem para o ilocutório, e menos para o perlocutório, pois a persuasão está sobretudo relacionada com a semântica dos tipos de verbos. Expressam o desejo definido no presente, face a alguém, ou alguma coisa, provocando sempre efeito ilocutório: implicitamente e de forma quase sempre subtil no conjuntivo, absolutamente explícito no imperativo, ordenando directamente, no caso da 2ª pessoa (ao tu da enunciação que se confunde com tu-leitor<sup>252</sup>).

O futuro usa-se para exprimir, na oração subordinada<sup>253</sup>, uma acção presente ou futura. Expressando a vontade e intenção do emissor<sup>254</sup>, explicita-na: trata-se de uma normativa a aplicar num tempo próximo, mas de (ou relacionado com um) valor hipotético, possível, mas algo indefinido (venga lo que venga...sea lo que fuera), surgindo por isso, sobretudo no texto historiográfico, com mais características da linguagem barroca (*Sigalion*).

---

<sup>252</sup> O imperativo negativo recorre ao conjuntivo, apesar de no espanhol antigo se poder usar o imperativo negativo. Razão por que o conjuntivo foi codificado com valor normativo.

<sup>253</sup> Para exprimir o desejo, presente ou futuro, nas orações subordinadas utiliza-se o conjuntivo presente, simultaneamente com valor de tempo presente e futuro.

<sup>254</sup> Surgindo de novo a relação entre modais e conjuntivo, com os verbos que exprimem subjectividade: vontade, desejo, ordem, conselho, consentimento, rogo, proibição, temor, verbos de sentimento, de valoração e de exortação.

Se as orações não exprimirem desejo, ou vontade, mas percepções ou enunciações, recorre-se ao modo indicativo.

Associando à vontade, expressa no verbo, advérbios de dúvida, interjeições (ojalá), orações com valor condicional<sup>255</sup>, ou concessivo (que recorrem obrigatoriamente ao conjuntivo) manifesta a força e a presença de quem fala. A facilidade de ligações semânticas, mas de caracterização temporal imprecisa e dependente do contexto, deve-se à incorporação, no verbo dos elementos de ligação (conjunções e locuções), coincidindo assim a expressão verbal com o núcleo argumentativo do sintagma.

As características verbais até agora enunciadas revelam as marcas do sujeito e do objecto, com valor implícito e explícito. Em seguida, ver-se-ão os aspectos relacionados com a definição e desenvolvimento da acção.

### 3. Caracterizadores

#### 3.1. Características dos tempos: absolutos e relativos

O acto verbal de enunciação é ordenado em função do tempo que se considerou como referente:

3.1.1. Os **tempos** são **absolutos** quando não precisam de contexto para se situarem, definindo, em função do emissor, com rigor, o tempo da acção - é o caso do presente, perfeito simples, perfeito composto, futuro e imperativo.

3.1.2. Os restantes são **relativos**, pois a sua situação na linha da representação temporal do leitor é fixada pelo contexto, especialmente por meio de outro verbo (ou advérbio, com o qual se relaciona), criando maior envolvimento do leitor na acção e aumentando o efeito de presença (os tempos do conjuntivo são todos relativos).

#### 3.2. Aspecto: Perfeitos e imperfeitos.

A acção pode ser apresentada como realidade histórica (narrativa concluída) ou trazida até ao presente.

3.2.1. A acção concluída (tempos perfeitos ou compostos) distancia o leitor da informação, como já se disse.

Modo pretérito perfeito: conclusão da acção antes do momento da enunciação, com determinação precisa do *eu* naquele tempo. Usa-se em acções que já não pertencem ao passado recente.

---

<sup>255</sup> Uma expressão com valor condicional, muito utilizada, era a construída com o morfema "donde" + verbo conjuntivo, ou "doquier", "doquiera" e dondequiera, sem "que" - nos séculos XVII e XVIII não era obrigatório o uso do 2º termo.



Modo pretérito mais que perfeito, enuncia uma acção passada, anterior a outra, revelando maior complexidade na articulação do raciocínio, pois articula duas enunciações.

3.2.2. Imperfeitos, criam duração. Prolongando o evento, trazem-no até ao presente, discursivo e da leitura, envolvendo assim autor e leitor. O máximo prolongamento do sentido de duração é conseguido através do gerúndio composto.

Finalmente, as pessoas verbais, para além de explicitarem os papéis que os protagonistas desempenham no enredo, indicam a relação de presença, implícita ou explícita, do autor-emissor na acção - nos verbos subjectivos o uso da terceira pessoa aumenta a presença do sujeito implícito. Ligadas aos pronomes pessoais, permitem verificar do seu valor gramatical ou fundamentalmente argumentativo. A existência conjunta do pronome pessoal, explicitando a informação já dada pela pessoa verbal, enfatiza o sujeito do sintagma nominal - reforçando sempre a autoridade do emissor no caso de ser usada a 1ª pessoa do singular.

Não introduzidas na esquematização anexa, foram consideradas ainda as seguintes situações de redundância, provocando aumento do efeito de presença:

1. Repetição do verbo, ou da sua raiz, com *que* intercalar.
2. Uso da expressão enfática *lo que*, a anteceder o verbo.
3. Uso da expressão *veo que, estoy vendo que*, com o significado de dizer.
4. Recurso aos verbos *tener, ser, hacer, decir + que*, como enfatizadores e especificadores da enunciação,  
ou
5. *particípio + que + verbo auxiliar* - esta expressão, de efeito estilístico, é empregue sobretudo em narrações e contos.

### 3. Argumentos Verbais (ou apenas contextualizadores).

Devido ao sistema de pontuação fonética, que dificulta ao analisador a identificação sintáctica, à extensão e complexidade da frase dos textos em análise, e ao grau de variabilidade na ordem morfo-sintáctica dos seus vários elementos - é característica dos discursos poéticos e retóricos não apresentarem sujeito, predicado, complemento directo e indirecto, de tempo, espaço, etc. pela ordem considerada pela actual gramática como "*natural*", alterando-a propositadamente -, acrescida de uma excessiva combinação dos diferentes complementos (caracterização que chega a abranger seis das categorias aristotélicas, muitas vezes completadas por morfemas modificadores), os analisadores sintácticos disponíveis identificam os vários argumentos verbais com grande percentagem de erro. Como o modelo estatístico de base probabilística que auxiliará o analisador a identificar os diferentes complementos ainda está em fase de elaboração, apenas se referirá a organização dos argumentos verbais ao nível dos seus elementos morfológicos.

Já apresentado o *Nome*, na relação substantivo-adjectivo, far-se-á apenas uma descrição da função dos morfemas gramaticais<sup>256</sup>, que podem também ser usados na elaboração do sintagma verbal (como se pode observar na esquematização feita na figura nº56 referente ao sintagma nominal).

Os pronomes e os advérbios situam e definem espaço-temporalmente (locativos) e caracterizam em relação ao modo, ordem e qualidade. Estes últimos, considerados por Aristóteles como os portadores de caracteres, e aqui denominados *atributivos de qualidades universais*, são entendidos como elementos reveladores do sentido entitativo do juízo.

E, como já se disse, os pronomes e os advérbios diferenciam-se genericamente (com excepção dos de modo terminados em *mente*) das palavras sinsemânticas, por não terem significação própria ao constituírem a frase, dependendo o seu sentido da relação que estabelecem com os contextos linguístico e extra-linguístico.

Em relação aos pronomes, considera-se que a maior distinção semântica se situa entre os que caracterizam de **forma difusa** (pronomes quantitativos e alguns indicadores de campo) e os de forma **rigorosa**

---

<sup>256</sup> Os advérbios e os pronomes, sobretudo os determinativos, podem funcionar simultaneamente como contextualizadores do sintagma nominal e da expressão verbal. E os advérbios ainda como modificadores.

(identificativos universais e pronomes numéricos, com exceção dos distributivos).

### 1. Pronomes

Foram divididos em dois grandes grupos<sup>257</sup>: os que desenvolvem pessoa gramatical, chamados indicadores de campo, por nomearem os actuates<sup>258</sup> e caracterizarem assim os sujeitos da enunciação, e os determinativos, divididos em caracterizadores de forma difusa, rigorosa ou de identificação universal, que já não indicam o campo do emissor, mas contextualizam as acções, categorizando apenas em género e número. Os pronomes relativos são considerados como locativos, e por isso analisados com uma funcionalidade próxima do modo adverbial<sup>259</sup>, com exceção dos interrogativos e exclamativos, que nos textos em análise (sobretudo nos impressos) são o primeiro elemento anunciador de uma expressão retórica- figura nº 59.

Os pronomes com pessoa gramatical definem o campo dos sujeitos de conhecimento, correspondendo estes, quer aos agentes da enunciação, quer a pessoas extralinguísticas, especialmente ao leitor: a referência ao "tu", ou nós discursivo, cria grande ambiguidade, pela indefinição de fronteira entre o "tu" textual e o "tu" apelativo do "Eu-leitor", criando assim um fácil efeito de imposição, pela aproximação e sentido do concreto.

Estes pronomes serão analisados, não na particularidade de cada um dos tipos, e das diferentes funções que podem ter na frase, mas numa

---

<sup>257</sup>Os pronomes constituem um sistema morfológicamente definido e delimitado. Para além destas duas características, têm comportamentos heterogéneos, não havendo por isso acordo entre os gramáticos acerca da melhor nomeação.

<sup>258</sup>Os pronomes indicadores do campo dos agentes da enunciação, se não forem antecidos por determinativos, são de caracterização rigorosa, provocando efeito mais ou menos intensivo, de acordo com o somatório de morfemas que agreguem.

<sup>259</sup>Os Pronomes Relativos (PR), dividem-se em: 3.1. Enunciativos (PREN); 3.2. Interrogativos (PRINT); e 3.3. Exclamativos (PREXC).

Como já foi referido, devido às características ortográficas dos manuscritos em análise, não é possível diferenciar os átonos dos tónicos, pelo que, quando não existem sinais auxiliares de pontuação, apenas se distinguem os interrogativos e exclamativos dos enunciativos quando correspondem à primeira palavra da frase simples ou oração.

Os pronomes relativos constituem um grupo homogéneo sem relevante interesse semântico, excepto os interrogativos e exclamativos, que funcionam nestes textos como figuras de retórica, a que já se fez abundante referência.

Foram ainda englobados nos pronomes relativos os morfemas arcaicos: *cuan* e *quiera*, que por permanência latina se associa ao querer no conjunto, "quiera", reforçando o modo do conjuntivo, ou as formas caracterizadoras na subordinação (comoquiera, dondequiera, doquiera, quienquiera, cualquiera, siquiera), acrescido de *que*.

relação de horizontalidade: ligados pela pessoa gramatical, permitem detectar a presença global de cada pessoa no texto, e o seu respectivo papel no enredo narrativo. Desta forma ainda facilmente se visualizam as redundâncias pronominais, sobressaindo o efeito de presença, em que, e a quem, se quer atribuir autoridade<sup>260</sup>, e portanto a relevância semântica correspondente a essa expressão.

Sendo por isso os morfemas pronominais (figura nº51 apresentada no capítulo anterior), e alguns locativos (aqui\hoje\este,etc) indiciadores privilegiados do campo [detectável pelas pessoas verbais] em que, em cada momento, se está a mover a enunciação, pretendeu-se articulá-los com as palavras sinsemânticas, dando particular valor ao aparecimento repetido, na mesma frase, de nomes<sup>261</sup>, pronomes, pronomes pessoais referentes à mesma pessoa verbal, visualizando-se assim a força das respectivas pessoas na acção.

Num segundo momento, torna-se deste modo possível relacioná-las, também globalmente, entre si, de modo a evidenciar as diferentes relações que os agentes vão desencadeando ao longo do processo argumentativo.

Considerou-se que os quantificadores determinativos, quer de forma definida (numerais), quer de forma indefinida (quantitativos); quer os identificadores de qualidades (identificativos), se organizam a partir da noção de unidade: um- todo.

Este eixo, envolvido pelos pronomes identificativos, separa o sub-grupo dos quantitativos<sup>262</sup>, de caracterização difusa, dos numerais<sup>263</sup>, de caracterização rigorosa - ver figura nº60.

---

<sup>260</sup> " Vuelvo a mi Intento, i digo; que aunque me he visto no menos embaraçado, que obligado en lo que V. M. ultimamente no manda: aviendole de obedecer i buscando algun papel que oliese a Erudicion topé con este, a que la obligacion, del Ministerio, en que mi Religion me ocupa, dio forçoso motivo, i da bastante escusa de averme puesto en materia i Asunto mas proprio de otra pluma. La de Vm. andara sobre el (si hace oficio de Hermano) ilustrandolo con borriones muchos, si ya no con solo uno, pero universal, como lo merece el papel.

I pues me obliga aquele sirva con mi ignorancia alla se avenga con su paciencia: que bien la avra menester, i todas los afectos i vinculos estrechisimos, con que V. M. me hace caridad para supirme el rato que se dignare de tomarle en las manos.

En las de Dios pongo yo cada dia (aun que indigno) su alma, vida, i salud de V. m. suplicandole se sirva de tenerle en ellas mui guardado, i amparado contra las tempestades i peligros deste siglo; i que, despues de largos i bien logrados años, le llebe agoçar de si mismo en la eternidad, como lo espero en el Señor." *Genio A*, p.2.

<sup>261</sup> Os substantivos próprios e as personagens, depois de identificada a pessoa verbal, são introduzidos no respectivo campo e essas referências somadas com valor multiplicativo.

<sup>262</sup> Os que indicam uma ordem de grandeza, mas nunca a nomeiam, distribuem-se por intensivos, gradativos e existenciais.

<sup>263</sup> Os numerais, por ordinais, cardinais, distributivos, múltiplos e fraccionários.

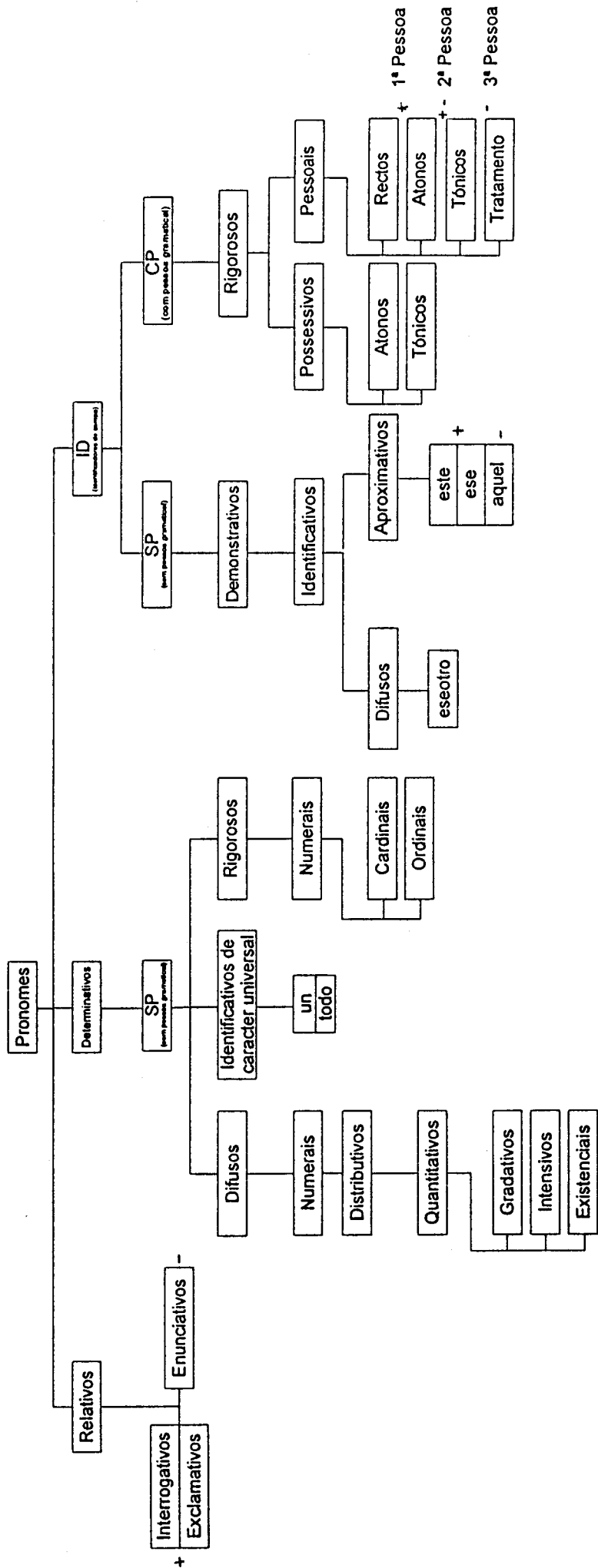


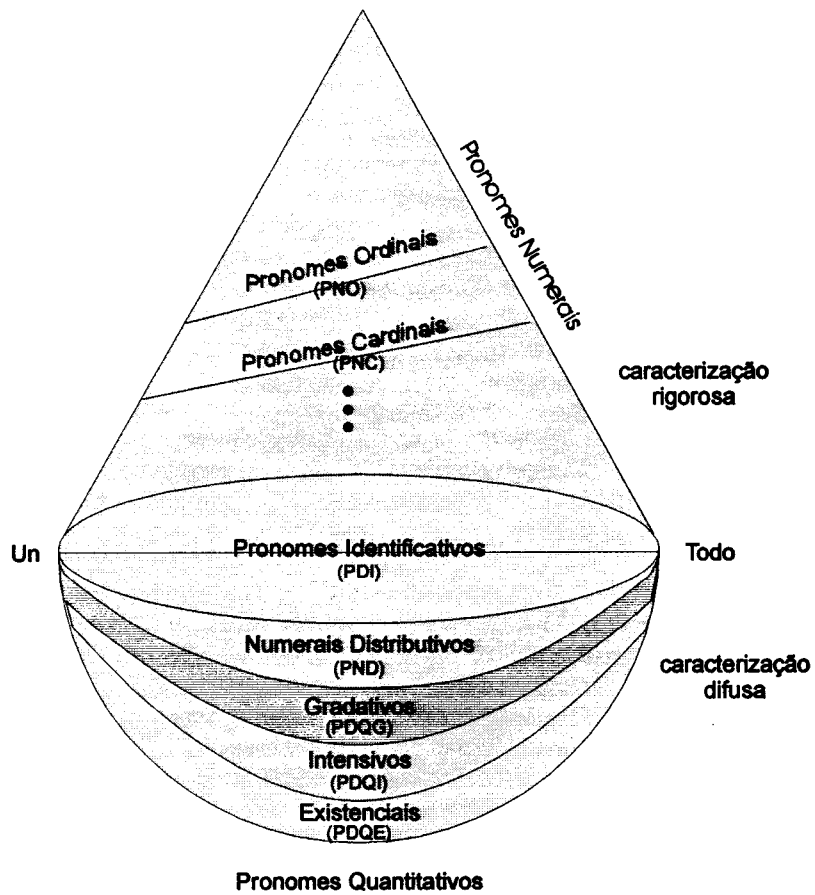
Fig. 59 - Esquema de formas de organização dos pronomes.

Como se disse, valem sobretudo pela caracterização que estabelecem na relação com os outros pronomes, tendo-lhe sido atribuído valor em função dos efeitos de distinção ou de maior identidade. A relação entre as distintas associações do tipo de pronome ao nome que caracteriza ajuda a entender a representação mental, com a inerente valoração do que está a dizer-se.

Os pronomes determinativos foram organizados em função do *un-**todo*, unidade simbólica e efectiva, sendo a partir desses identificativos de carácter universal que se caracteriza de forma precisa e rigorosa (numeral) ou imprecisa, informando sem explicitar.

Finalmente, como já se observou no capítulo anterior, face aos textos em análise, quer os locativos, quando associados a difusos ou a pronomes pessoais, quer os interrogativos e exclamativos, funcionam como elementos de distinção.

**Pronomes determinativos**







Alguns exemplos de comportamentos morfológicos com relevante funcionalidade semântica:

## 1. Pronomes Pessoais

1.1. Os pronomes pessoais tónicos (PPOT) são sempre precedidos de uma preposição, funcionando assim, sintacticamente, como indicadores preposicionais.

1.2. Quando associados a uma forma átona (PREP + PPOT+ PPOA) são vazios de valor morfológico, funcionando como intensivos, enfatizando a pessoa gramatical a que se referem - e por isso funcionam como modificadores, e foram integrados nos elementos de distinção.

1.3. Os pronomes de companhia (commigo, contigo, connsigo), associados a "mismo" e "solo", foram integrados nos PPOT<sup>264</sup>, comportando-se também como elementos intensificadores.

2. Pronomes Possessivos (PPS), quer morfológica, quer semanticamente, têm uma funcionalidade próxima dos pronomes pessoais. Também diferentemente do português, apresentam duas formas, apocopada, se antecede o nome, e tónica se o segue, tendo neste caso valor substantivo e sendo acentuado.

2.1. Átono - o PPS apocopado monossilábico funciona como intensificador, antecedendo vários pronomes de tratamento "mi\su ilustrísimo amigo", ou o pronome demonstrativo, expressão hoje em desuso, mas muito frequente no século XVII.

3. Os pronomes demonstrativos (PPD)-identificadores de campo, situam os objectos, delimitando o seu âmbito. Dividem-se em:

### 3.1. Identificativos

Poderosos informadores do campo do sujeito da frase, são dos mais reveladores de efeito de presença.

3.1.1. *este* situa objectos no presente e no campo do eu e do tu.; *ese*, no campo do "ele".

No século XVII usava-se frequentemente associado ao PPS, funcionando como figura de repetição (reforçador), quer intensificando o valor do substantivo, quer aproximando o sujeito do substantivo. Esta forma caiu em desuso, aliás, como todas as formas intensificadoras de pronomes, por terem uma funcionalidade exclusivamente artificial.

---

<sup>264</sup> J.Franch e J. Blecua, *Gramática Española*, op.cit., p. .598.

3.1.2. Aquello, pertence ao campo da 3ª pessoa gramatical e remete para situações mais longínquas e menos definidas. Tem uma força gramatical demarcativa e, por vezes, desvalorizadora, mesmo depreciativa.

### 3.2. Caracterizadores difusos

3.2.1. Apesar de serem pronomes determinativos (*otro* e o seu negativo *ninguno*) foram introduzidos nos identificadores de campo por serem os elementos usados na caracterização de situações contrárias. Ainda mais distante e indefinido do campo semântico do "eu" e do "tu" do que "aquele", caracterizam-se por distinguir de forma depreciativa, e portanto imprecisa, ou por negarem a existência de algo.

Contraí com outros PPS (*esotro*), ou com outros determinativos (*ninguno*, com valor negativo), e agrupa com unidade específica e única de sentido<sup>265</sup>.

A ligação com "dia" tinha no século XVII sentido distinto do actual: *otro dia* (amanhã); *el otro dia, desde el otro dia* (dia passado); *a\para\hasta el otro dia* (dia seguinte).

## 2. Determinativos (PI)

Estes morfemas são heterogéneos, morfológica e sintacticamente, desempenhando todas as funções dos lexemas (substantiva, adjectiva e adverbial). Nesta análise, a sua maior importância radica na divisão entre difusos e identificadores rigorosos.

### 2.0. Identificadores universais.

#### 2.1.FORMAS RIGOROSAS

O Pronomes Identificativos (PDI): *un, todo, mismo, igual proprio*,

Pronomes Numerais (PN)

Pronomes Cardinais (PNC)

Pronomes Ordinais (PNO)

#### 2.2. Formas difusas

Pronomes Numerais

Pronomes Distributivos (PND): têm um valor de indiferenciação, não são especificadas as particularidades, subentendendo-se que cada grupo é igual ao outro. Têm ainda um sentido tipificador, como representante e protótipo do grupo (*sendo, cada, cada uno*).

---

<sup>265</sup> *algunos otros, este otro, muchos otros, cualquier otro, tantos otros, otro mas, otro cualquiera, esto...otro*

O Numeral 1 pode funcionar como numeral cardinal, como distributivo, ou como identificador quantitativo não preciso. Por isso considerou-se que *un* e *todo* se podiam integrar, correspondendo à unidade agregadora de todos os determinativos. *Todo* funciona ainda como intensificador e redundante.

### Pronomes Quantitativos (PDQ)

Todos categorizam género e número, excepto *más*, *menos*, *algo* e *nada*.

Gradativos (PDQG): *mucho* e *muy* (com valor adverbial, no séc. XVII).

Intensivos (PDQI): grupo coerente *más*, *menos*, *tan*, *tanto*, que se relacionam com *mucho* e *poco*, *bien*, *mal*.

Existenciais (PDQE):

São semânticamente muito importantes no estudo dos textos em análise, por nomearem o que existe (mas não se quer nomear), o que não pode ter nome<sup>266</sup>.

## 2. ADVÉRBIOS

Compostos por um conjunto de morfemas gramaticais, e por outros de base lexemática, impossível de pre-determinar, por a sua categorização ser feita na frase a partir de cada caso linguístico, desempenham sintacticamente um papel terciário. Podem ainda funcionar como modificadores do verbo, do adjectivo, ou de outro advérbio (ou locução adverbial<sup>267</sup>).

Apesar de a tradicional classificação morfológica com base na funcionalidade semântica ser objecto de críticas pela maioria dos gramáticos, por se fundar em critérios externos, reunindo num mesmo grupo "unidades de natureza e comportamento diferentes"<sup>268</sup>, optou-se por utilizar essa "transparente" classificação (de espaço, tempo, modo, quantidade, ordem, afirmação, negação e dúvida), por os objectivos serem de natureza semântica, permitindo assim uma distribuição por

<sup>266</sup> Formas fixas: *de ninguna manera*, *en modo alguno*, *de ningun modo*, *alguien/nada*; *alguno/ninguno*, *algo/nada* (ambos com valor neutro). *Algo*, *un/otro/cualquier* + *cual* + *quiera* (pode ter valor distributivo ou relativo).

<sup>267</sup> Podem ser antecidos de todas as preposições, não perdendo o sentido original. Associados a outro advérbio, precisam o sentido.

<sup>268</sup> A classificação estabelecida por J. Franch e J. Blecua, subdividindo-os em três grandes grupos, os de base lexical (que podem desenvolver grau, distribuindo-se por qualificativos e proporcionais); os gramaticais (preposicionais, pronominais e outros); e os modos adverbiais (locuções) homogeniza-os, do ponto de vista morfológico. Cfr. *Gramática Española*, op.cit., p. 701.

grandes grupos de sentido, com a identificação imediata da maioria dos referentes espaço-temporais<sup>269</sup> e circunstanciais<sup>270</sup>. A partir dela agregaram-se os advérbios em três grandes grupos:

- 1) - Locativos (espaço e tempo);
- 2)-Atributivos de caracteres (circunstanciais, de modo, ordem, quantidade, etc).
- 3) - Definidores de Essência (afirmativos e negativos<sup>271</sup>)

Devido à extensão dos morfemas que integram cada uma destas subcategorias remete-se o leitor para o dicionário em apêndice<sup>272</sup>.

---

<sup>269</sup>Como se viu na figura referente aos pronomes os advérbios locativos foram integrados com os pronomes, constituindo os identificadores de campo, que funcionam como suportes dos "nomes".

<sup>270</sup>Regra: Adj + PREP(de) + ADV.loc = podem funcionar como complemento prepositivo, mas situado no espaço ou no tempo.

<sup>271</sup>Os advérbios de dúvida foram integrados nos afirmativos, uma vez que, na maior parte dos casos *Corpus* funcionavam como afirmativos atenuativos.

<sup>272</sup>Advérbios usados na época e que foram introduzidos no analisador morfológico: ende, de acá para allá \ aquí\ allá, allá + PP, ahí, aquí, acá, ahí, allí, allá, aquende (do lado de cá), allende (do lado de lá), acullá (por oposição a outros lugares mencionados), tarde Prep + (la) tarde, temprano Prep + temprano, pronto e Prep + pronto, hogaño (hoje, no sentido de presente), antaño (no sentido de passado).

#### 4. Nexos

A maior implicação lógica e o maior sentido de progressão do discurso escrito face à oralidade radica na construção das orações compostas e na forma de as encadear. Organizadas em torno do verbo e dos nexos, podem integrar ambos os núcleos numa complexa expressão verbal, composta por verbos modais ou em conjugação perifrástica; e por locuções, bigramas, trigramas, ou outras expressões regulares<sup>273</sup>.

A sucessão de enunciados, para além das frases simples que estabelecem relações lógicas exclusivamente pelo seu conteúdo, faz-se por ordenadores léxicos, agrupamentos pré-definidos de palavras específicas em determinadas orientações de sentido, como já se referiu no capítulo anterior. Organizadores do sentido do texto pela junção de membros da frase, das frases simples e orações compostas, revelam assim o nível lógico de construção do enredo e o tipo de valoração usada nessa estrutura lógica.

Morfologicamente, integram preposições, conjunções (coordenativas e subordinativas), locuções (de expressão simples e composta) e elementos de pontuação. Como criadores de sentido, têm dois grandes tipos de usos: um, a nível da ligação interna da frase, enlaçando morfemas (desempenham esta função sobretudo as preposições e as conjunções coordenativas); outro, estabelecendo ligações lógicas e sintácticas entre as frases.

#### Classificação dos tipos de ligação sintáctico-lógica:

Na frase simples: preposições e conjunções, de tipo *alter* (conectores simples: adversativa, disjuntiva, ou copulativa), vírgula e locuções apelativas.

As preposições e estas conjunções têm uma função primordialmente morfológica. Estabelecendo internamente a primeira ligação de palavras, na frase (entre os elementos de cada categoria e entre as categorias), situam-nas num primeiro contexto sintáctico e semântico, correspondente ao da oração simples.

As conjunções de tipo *allius*, as locuções, as interjeições, as tonalidades interrogativas e exclamativas, ao integrarem mais do que

---

<sup>273</sup> Nestas expressões verbais, as marcas de maior subjectividade são detectadas através da acumulação de, pelo menos, dois dos seguintes elementos: modo conjuntivo, verbo modal, ou perifrástico, partícula "si" e condicional. Em complemento, através da comparação, detecta-se qual o sentido referencial do autor e alguns dos traços do seu sistema de preferências.

uma frase no mesmo enunciado estão a subordinar estruturas argumentativas, desempenhando por isso já uma função morfossintáctica e lógica.

A gramática tradicional definiu as regras da língua em função da oração (unidade gramatical e não natural), considerando as preposições e as conjunções (que estabelecem um nível mais complexo de relação, apesar de ainda transparente) elementos específicos de ligação, e entendendo as locuções e outras expressões regulares como um agregado de morfemas já morfologicamente definido.

Sendo o presente objectivo a análise de textos literários, de *falas*, enformadas por regras estilísticas e de argumentação, transparentes e opacas, de resultado (sempre) complexo, considerou-se dever esta categoria integrar também locuções<sup>274</sup>, bigramas e outras expressões regulares independentes e autónomas de sentido, elementos muito utilizados pelos autores na construção do enredo, pois o sentido progride pela captação dessa unidade global e não pelo somatório dos "pequenos" morfemas.

Por isso, e apesar de só muito recentemente serem consideradas pelos linguistas computacionais, o que cria novos problemas ao analisador semântico<sup>275</sup>, optou-se por integrar essas expressões regulares nas unidades mínimas de significação semântica. O critério de reconhecimento baseia-se na prévia aplicação do dicionário, em que se introduziram as locuções mais usadas e na identificação a partir da geração de uma das seguintes regras:

1.1.(LOC|CONJ)+que

1.2.(ADV|ADJ) +que

1.3. (PREP)+(que)

Cada um destes conjuntos pode associar-se entre si, no todo ou na parte.

2. Verbo no particípio +conjuntivo+ preposição+gerúndio.

3. Todas estas combinações podem ser seguidas ou antecedidas por "no".

#### 4.0. Preposição

Como no século XVII se desenvolvia ainda o morfema de concordância com o substantivo, o analisador sintáctico identifica as preposições com alta percentagem de erro, tendo-se por isso optado por

---

<sup>274</sup>As locuções são frases feitas, expressões pre-determinadas, compostas por associação, ou combinação, de conjunções, preposições, advérbios. Geralmente em articulação com o verbo, exprimindo a mesma acção verbal, formam pequenas unidades semanticas (com maior intensidade comunitativa e densidade expressiva), que funcionam como orientadoras de sentidos.

<sup>275</sup>Introduzir estas expressões como unidades de significação trouxe dificuldades acrescidas, pois exigiu a sua identificação antes da aplicação do analisador.

introduzir no dicionário as formas ortográficas mais frequentes, bem como as das contracções.

Elementos de ligação, sem valor autónomo, foram divididas em vazias<sup>276</sup>, transportadoras de enlaces sem sentido, e plena<sup>277</sup>, com sentido por si, ou pela natureza do que associam.

Podem agrupar-se em conjuntos<sup>278</sup>, relacionando-se assim com outras preposições<sup>279</sup>.

#### 4.1. Pontuação

Considera-se o sistema de pontuação relevante na constituição de sentido, pois, num texto literário, ele não corresponde apenas ao nível da expressão "referencial". Por exemplo, a vírgula substituidora de morfemas de ligação, pode funcionar como figura de pensamento. Em frases curtas, pela concisão estilística e temática criadas, exige ao leitor maior esforço conceptual. Em frases longas, a justaposição, criada pelas orações independentes e assindéticas ao impor uma cadência sincopada, geralmente associada a outras figuras de repetição, desperta a atenção no leitor, envolvendo-o no discurso. Em termos semânticos, nestas orações, o comentário (*modus*) é desvalorizado, pois aquela especificação, ao ganhar independência gramatical através da frase incisa (considerada subordinada relativa) ou oração simples, assume valor de *dictum*<sup>280</sup>, de que resulta maior sentido caracterizador - este recurso é abundantemente usado por Jerónimo de S. José na 2ª versão de *Genio*, pois é a forma a que recorre, quer para repetir a mesma ideia de muitos modos, quer para discorrer sobre os lugares comuns.

No entanto este tipo de frases, que dá maior importância e aparente autonomia ao objecto, por desenvolver mais a sua argumentação, exige a verificação de que a elas não estão associadas a elipse verbal, a observação do tipo de verbo nuclear, pois sendo modal é uma forma reforçada de transmitir e sugerir a vontade do Autor, e de que não integra nenhum elemento criador de entimema falacioso.

Em *Sigalíon*, obra em diálogo, recriação de um julgamento, em que um "tu" comunica com outros tu(s), Pulgar recorre, na construção do enredo, frequentemente a frases assertivas, curtas, de grande

<sup>276</sup> "a, con, de, en," por, funciona como transportador com e sem sentido.

<sup>277</sup> " ante, bajo, contra, desde, entre, hacia, hasta, para, por, según, sin, sobre, tras".

<sup>278</sup> de + (a, entre, hacia, por, sobre); desde + por; hasta + (con, de, en, para, sin, sobre); para + (con, de, desde, en, entre, sin, sobre); por + (ante, bajo, de, entre).

<sup>279</sup> Além das actuais, consideraram-se ainda as seguintes formas arcaicas: so, cabe, obstante e embargante (ordenadoras de frase, sobretudo com sentido negativo); salvo, excepto, incluso e inclusive, com valor restritivo.

<sup>280</sup> Cfr. J. Franch e J. Blecua, *Gramática Española*, op.cit., p. 1151.

expressividade e efeito presentista e sentido imperativo<sup>281</sup>: quer pela imposição de acções, quer de conhecimentos, que funcionam assim com o valor de máximas e sentenças. Recorre ainda à interrogação<sup>282</sup>, exclamação (que se manifesta frequentemente através de frase simples, iniciada por "Que", e terminando com o sinal de ponto), e interjeições várias<sup>283</sup>, como já se disse, simulando através de todos estes artificios uma situação de directa oralidade, de manifestação espontânea, não premeditada e por isso de forte emotividade - aliás simula a própria situação de entoação oral através da apresentação de frases incompletas, a maioria das vezes interrompidas pela interpelação de outro interlocutor - o que muito dificultou a marcação manual dos diálogos deste longo julgamento para a posterior análise informática.

---

<sup>281</sup>O seu forte sentido resulta de que uma enunciação assente em frase curta e seca (estrutura característica da máxima e da sentença) remete para referentes extralinguísticos: de acção, de crítica ou ironia, em tom assumidamente pessoal e em diálogo com um Tu.

<sup>282</sup>Através da função apelativa, obriga-se o "tu" a entrar no campo do "eu": antes de o leitor ouvir o conteúdo, já o emissor o pressiona, subtilmente, implicitamente, a responder, no sentido do eu-emissor.

<sup>283</sup>Para além de recorrer abundantemente a verbos sensitivos (ver, mirar, oir, decir).



## 4.2. Conjunções e Locuções

As conjunções estabelecem um nível de relação mais complexo do que as preposições, como se disse.

Quanto às expressões regulares, locuções, conjunções, no que se refere às formas de apresentação e progressão do raciocínio, estabeleceu-se uma grande divisão entre coordenativas, nexos de tipo *alter*, e correlativas de tipo *allius*<sup>284</sup>. Aristóteles definiu as primeiras como não tendo objectivo, não provocando, pela sua indeterminação, prazer no auditório, por ser próprio do carácter humano o estabelecimento de um desenlace. Por isso valoriza a correlativa, que se distribui por vários membros, dando vida à frase. Aristóteles chama assim pela primeira vez a atenção para a densidade lógica dos nexos, e sua função na construção do sentido do texto.

### 4.2.1. Tipo *Alter*

#### *Coordenadas*

Genericamente, as coordenadas podem caracterizar-se por não estabelecerem nenhuma frase com valor predominante, exprimindo ligações enunciativas, sem hierarquia quanto à relação dos seus conteúdos. Nas subordinadas, há uma oração com valor sintáctico superior (podendo as várias enunciações fundir-se num único elemento sintáctico, organizado em torno da referida "mensagem fundamental"), que se torna nuclear, quer em termos semânticos, quer gramaticais.

---

<sup>284</sup> Angel López García considera denominação exterior a distinção entre coordenadas e subordinadas, optando por classificá-las a partir do tipo de dependência que criam com os outros elementos da frase. Define assim dois grupos: os de tipo *alius* (o outro entre dois, do latim, em que há uma fala, que é ouvida, e respondida, e que volta a ser respondida -- a conversa progride, não admite reversibilidade, de um início, vai-se desviando e crescendo) e de tipo *alter* (o outro entre vários, há vários participantes, cada termo afirma algo, a que o outro responde, mas não directamente sobre o que acabou de referir-se. Parte de um geral, que depois particulariza, donde poder ter reversibilidade). *Alter* admite todos os elementos no início e a ordem das sequências pode variar, pois cada participante não responde directamente ao anterior. Em *alius*, a ordem do aparecimento das sequências vai-se desenvolvendo num crescendo único.

De forma simples, pode-se considerar que as causais e as finais têm a ver com pressuposição; as copulativas e comparativas com redundância; as estruturas disjuntivas e condicionais valorizam o subentendido, assentando por isso mais numa sucessão anti-cadência, supra-segmental; e as concessivas e adversativas baseiam-se na preferência discursiva- é apresentada uma situação que implica uma escolha, positiva ou negativa.

Cfr. Angel López García, *Gramática del Español. I. La Oración Compuesta*, Madrid, Arco, 1994, pp. 92-116.

Os segmentos nas orações coordenadas são quase independentes, tendo nexos causais frágeis<sup>285</sup> (*alter*), sem grandes vínculos entre os termos. Por isso as coordenadas são utilizadas no início do período como se fossem um segundo membro autónomo. Esta construção recorre ao modo indicativo, modo que não supõe dependência entre um membro dominante e outro dominado, reforçando as fraquezas dos vínculos na frase, como já se viu a propósito da expressão verbal.

As frases do tipo *alter* acabam por se integrar num processo mais longínquo, numa relação de subordinação, em que as orações se podem suceder por adição, sem a articulação de conteúdos - com excepção da copulativa.

Englobam:

1. Copulativas.

2. Distributivas; marcam uma alternância, estando o seu nexos nas palavras correlativas, ou na repetição (foram considerados com valor de distributivas: uno-otro, este...aquele, cerca..lejos, aqui...alli, tal..tal, ora..ora, bien..bien, ya...ya..).

3. Restritivas ou disjuntivas, o seu significado é de exclusão parcial<sup>286</sup> das partes.

4. Adversativas: enunciam uma contrariedade, exclusiva (*sino* + *que*), situando-se a conjunção no início do elemento adversativo.

*Mas*, do latim *magis*, era ainda frequentemente, usado com valor adversativo.

*Pero* tem função de intensificador do contraste, podendo exprimir sentido concessivo.

*Empero* e *ahora*, arcaísmos, eram de uso frequente, com valor adversativo.

Como recurso retórico, de valor enfatizador, usa-se *no* na primeira frase, e *sino*, ou *sino-que*, na 2ª, para reforçar o que se vai dizer.

Também, *no obstante* e *sin embargo* devem ser entendidos como elementos artificiais de expressão enfática retórica.

Outros matizadores adversativos: *en cambio*, *embargo*, *con todo*, *por contra*, *ademas*.

A adversativa é composta por 2 membros, integrando-se por isso na forma de explicação por comparação<sup>287</sup>. Afirmase A, que é compensado

---

<sup>285</sup> Com excepção das adversativas.

<sup>286</sup> *Pero*, tem função de intensificador do contraste, podendo exprimir sentido concessivo.

<sup>287</sup> Sobre a valoração e os juízos que a comparação incorpora, cfr. Perelmann, *Tratado*, op. cit., pp.129 e 377-388.

com B, porque se está argumentando em favor de uma certa conclusão C, que pode ter sido enunciada antes, sê-lo depois, ou simplesmente manter-se implícita. O característico é que a força argumentativa de B em relação a C é maior do que em relação a A.

#### 5. Disjuntivas-

o ou *u*<sup>288</sup> (*ni* que, correspondendo à adversativa e à copulativa de negação, tem também um valor disjuntivo).

### 4.2. Tipo *Allius*

Há subordinação quando um enunciado tem um verbo que está dominado pelo *modus*. O verbo da oração principal vai condicionar o sentido do *dictum*, da subordinada.

As orações unidas por conjunção subordinante exigem o modo conjuntivo do verbo a que afectam.

Se se exceptuar o "que" precedido de preposição, com valor de oração substantivada, podem considerar-se três grandes grupos: causal, comparativo e condicional.

#### 1.1. causais

Com valor lógico próximo das coordenadas, mas mais complexo, por já subordinarem um enunciado<sup>289</sup>, integram as conjunções e locuções causais<sup>290</sup>, temporais, ilativas e finais<sup>291</sup>. Pobres do ponto de vista sintáctico, não criando uma expressão verbal forte e característica a unir ambos os enunciados<sup>292</sup>, a ligação é estabelecida exclusivamente a partir de conectores predeterminados.

#### 1.2.comparativa

Pode haver comparação explícita, com os dois termos, ou implícita, só com o primeiro, como já se analisou na primeira parte do capítulo.

A estrutura da comparação é a seguinte:

- 1) O intensivo, indicador do que se quer valorar.
- 2) A base da valoração, correspondendo ao 2º termo da comparação.

---

<sup>288</sup>Na época em análise usava-se indiferentemente *o* ou *u*.

<sup>289</sup> Estas orações equivalem a complementos circunstanciais, de causa, fim, de consequência e de modo, sendo compostas pelas seguintes conjunções :*ca* (arcaico), *pues*, *que*, *porque*, *de que*, *ya que*, *como*, *como que* + verbo, em consequência, por conseguinte.

<sup>290</sup> A causal pode passar facilmente a final. O morfema correspondente à negativa é *sin*, ou *sin que*.

Na expressão *alter* a negativa realiza-se segundo expressões específicas: *ni...ni*, *ni que*, *no ...sino*, *sin que*.

<sup>291</sup>Exprime uma acção que foi estabelecida a partir de um objectivo. Mas este pressuposto, de que a oração é consequência lógica, apresenta-se ao leitor de forma directa.

<sup>292</sup>Visível, por exemplo, na utilização do verbo apenas no presente ou condicional.

3) O elemento iniciado por *que* ou *como*, que indica onde deve recair a estrutura valorativa.

A valoração pode assumir maior intensificação se a comparação for precedida pelos valorativos *tan*, *más*.

Comparação negativa

o realce de *más que* transforma-se em restritivo:

- 1) No...*más que*
- 2) Verbo na negativa ...*sino*
- 3) Frase negativa *otro....que, ni...ni nada (nadie), no solo...sino, no..ni*
- 4) (verbo na negativa) e no
5. (no) ir+ a+ infinito+*que no sea*.

1.3.Condicionadas:

O *si* é o morfema organizador do raciocínio de tipo-tese, introduzindo na frase a possibilidade de desenvolvimento da argumentação pela afirmativa e negativa (refutação da tese)<sup>293</sup>. É uma das mais significativas marcas de valor modal, por integrar o sujeito no discurso, englobando verbo (no conjuntivo) e nexos de ligação de frases, como já foi amplamente referido na expressão verbal.

5. Modificadores

São elementos morfológicos que, sem desempenharem função sintáctica autónoma, alteram o sentido da frase.

Foram divididos em dois grupos:

1. os que introduzem sentido oposto - negativos, e
2. os que intensificam o já dito - redundantes.

1. Em relação aos negativos, já se falou do advérbio "não", e no sentido fáctico que o **dizer, negando**, tem<sup>294</sup>.

Não, no início da frase tem uma função retórica de intensidade. O mesmo acontece se integra uma oração interrogativa ou exclamativa.

Na expressão **no...sino que**, *sino que* funciona como reforçador do que vai ser dito.

Remete-se para apêndice a indicação de outros advérbios, pronomes, preposições e conjunções<sup>295</sup>

---

<sup>293</sup> Recorde-se que *si*, explícito ou implícito, seguido da expressão verbal no conjuntivo, é a forma padrão de refutar a tese do adversário. Pois ao refutar a tese, nem que seja pelo argumento da sua não-necessidade, esta-se a recusar o sentido ao argumento do outro.

<sup>294</sup> Sobre a função argumentativa do *não*, e seu valor persuasivo, cfr. Perelmann, *Tratado op. cit.*, pp.249 e 371.

<sup>295</sup> Procurar através da respectiva categoria morfológica e da subcategoria de negação.

2. Em relação aos intensivos e redundantes, para além da sobreposição e da utilização repetida de vários pronomes semanticamente equivalentes e dos elementos de distinção já referidos, apenas se indicam algumas das expressões mais frequentes:

2.1. *Como*, com valor modal, opinativo (a minha opinião, *como* que dormido, como loco, como vestido).

*Como*, *próprio*, *mismo*, *tan + que*

*Como* +(que)+ verbo participípio passado,

*como que* bonito = a minha opinião (funciona como intensivo e valorativo).

Os usos correspondentes à comparação de igualdade devem ser vistos como intensivos (explicações por analogia em que se pretende valorizar o objecto da comparação).

Ao contrário da concepção actual em que à oração subordinada (*como*) corresponde semanticamente o núcleo enunciativo, sendo por isso também o elemento portador do nexos lógico, na lógica argumentativa aristotélica o processo comparativo integrado nos exercícios de demonstração é uma forma de valorizar e de criar mais natureza à entidade que se compara (nomeando mais e fazendo participar em mais qualidades - as dos elementos correspondentes ao termo da comparação).

Assim nesta gramática de aplicação ao CHEA, é considerado como atributo de modo, com uma função explicativa,

No entanto, quando surge no início da frase, tem um valor relativo causal, pois no século XVII, face a uma pergunta com "como?", respondia-se repetindo o morfema (elemento de continuidade discursiva e marca também de oralidade, reforçando-se, pela explicitação, a ideia de que se está a responder).

2.2. *Todo*, *mismo*, *próprio* - podem ainda ser relevantes elementos de redundância, com valor enfatizador da identificação.

2.3. A expressão composta por *advérbio*, *preposição*, ou *artigo* seguido de *que*, utilizada no início da frase, reforça o que vai ser dito.

Conclusão, com esta enunciação pretendeu-se sublinhar como o sentido do texto é estabelecido pela sintaxe e pelas figuras de distinção, verificando-lhe o grau de artificialidade, de concepção e densidade, concretizado na forma semantica e na organização sintáctica do sintagma nominal, expressão verbal e caracterizadores. O artifício avalia-se predominantemente pelos elementos de distinção, pelo tipo de expressão sintagmática e pessoa verbal<sup>296</sup>, e nexos, quer através de locuções e bigramas com funcionalidade de ordenadores lógicos, quer de interjeições e outros elementos apelativos. E também pela presença do autor (implícita ou explícita) associada aos vários tipos de juízos, detectados através das relações que estabelece com as personagens, pessoas do sintagma nominal e respectiva posição sintáctica na frase. Em relação à avaliação dos juízos deu-se particular importância aos verbos integrados no grupo *doxa*, porque, sendo organizadores da realidade, caracterizam os conceitos e as acções através da valoração do agente, revelando também a propriedade com que o conhecimento é comunicado. O seu carácter impositivo e a autoridade do juízo são ainda detectados pela forma como a acção é expressa com recurso à solução modal, sendo esse carácter de necessidade ou de vontade visível através dos tempos de realidade ou não-realidade. Finalmente, verificou-se que elementos lhe estão associados, quais as formas pronominais e caracterizadores, percorrendo que lugares aristotélicos, estabelecendo assim o tipo de ligação lógica entre os complementos e entre as frases.

Cada frase analisada neste conjunto é uma unidade mínima que integrará uma segunda unidade correspondente a um dos exercícios narrativos que compõe a disposição da obra histórica, e cujas características também já foram referidas. É a partir da ligação destas unidades que se constitui o corpo de uma História, alíás a maioria de grande extensão<sup>297</sup>.

Se o entendimento das unidades mínimas de sentido é importante na compreensão de qualquer discurso, torna-se indispensável para as histórias da época, por ser como que a sua meta-linguagem, pois todos os tratadistas preconizam e ensinam a criação de sentido, e de sentidos diversos, a partir dos elementos constitutivos da frase e ritmo por ela criados. Por outro lado, sendo estes tratados simultaneamente arte e exercícios, só a sua análise também como prática discursiva permite

---

<sup>296</sup>Cfr. Confieso con S. Agostinho, S. Bernardo, S. Ambrósio S. Jerónimo, adjuvante da autoridade frequentemente usado em *Genio A. Nós*, que confirma o saber e a autoridade do que o autor diz, reforçada com *confieso*, verbo volitivo de carácter afirmativo.

<sup>297</sup>A história cronológica universal ou tópica é desvalorizada e criticada pelos tratadistas, não pela sua extensão, mas pela ausência de arte narrativa. Cfr. *Genio B*, pp.265 e 273-276 e Cabrera, *Da Historia*, 1º P, capítulo 13, pp.50-54.

entender o significado de muitas das regras que teorizam. Finalmente, baseando-se o critério de argumentação no comentário, e sendo o pensamento do autor avaliado pela forma como o modelo foi fixado, ou recriado em frases, este entendimento é ainda reforçado pela necessidade de compreensão desses elementos mínimos.

Apesar de a concretização deste processo não poder ser aqui apresentada, a sua elaboração, feita a partir da análise dos textos e dos problemas postos para o seu entendimento, possibilitou a compreensão do conceito do sentido histórico clássico, tendo-se verificado como, a partir das mesmas regras, expressões simbólicas e módulos estruturantes, se estabelecem níveis de concepetualização e de significado distintos. Esta observação minuciosa do processo de imitação tornou possível explicar a génese e a formação da narrativa histórica barroca.





### 3. OS SENTIDOS DA LINGUAGEM

Nesta última parte pretende-se compreender como se cria uma obra de história; como, partindo de uma mesma estrutura retórica e de conhecimento, fundada em idêntico sistema categorial, o discurso historiográfico foi desenvolvendo diferentes níveis de conceptualização; e qual a receptividade desses diferentes tipos de discurso na sociedade espanhola.

Partilhando todos os tratadistas em análise de uma comum concepção de obra, e de definição de história, narrativa ornada<sup>298</sup> que transmite doutrina pela lição e exemplo<sup>299</sup>, situando-se as diferenças no nível dos matizes ideológicos e nos pressupostos de conhecimento (aliás quase nunca explicitados), procurou-se entender como diferentes concepções de *Res* concretizam, e ensinam a concretizar, *doutrina*, *verdade* e *narração* em histórias.

Se todos os tratadistas coincidem na utilização das formas de argumentação aristotélicas, considerando-as o processo que permite melhor comunicação, e portanto a melhor forma de criação do real histórico, em Morcillo, Pulgar e Cabrera elas deixam de ser realidade por si-mesmas, havendo deste modo uma progressiva não coincidência entre o nível de expressão do saber histórico e o do conhecimento desse real.

Os tratados em análise representam assim uma concepção estético-argumentativa, que vai concretizar-se em duas grandes tendências discursivas e de conhecimento.

*Sigalión*, de Pulgar, integra-se numa estética barroca, em que as regras do saber e da imitação retóricas, manifestamente presentes, surgem já dominadas pela capacidade de criação original do autor, sendo *Institutione*, de Morcillo, *Da Historia*, de Cabrera, *Arte de Historia*, de Moyne-Garcia, e *Génio de la Historia*, de S. José, obras que ainda reproduzem o modelo retórico clássico. Todos fundam os seus discursos sobre o saber histórico nas quatro causas, no modelo de imitação e no domínio das cinco faculdades; todos organizam a comunicação desse saber na estrutura triangular de obra, concebida como a melhor forma de

---

<sup>298</sup> «ao que parecia, não expunham mal certas coisas, se nos interessarem principalmente os factos em si; mas que não tinham resultado nem elegantes, nem próprias (quanto às palavras), nem metódicas nem conforme exigia a lei da história; e isso tanto mais que a maioria dos autores ou, negligenciando o ornato, se tinham contentado com a simples verdade, ou porque, ignorantes e desconhedores da arte, se entregaram à escrita inconsideradamente», Morcillo, *De Institutione*, p.2.

<sup>299</sup> «Sea agena de odio, no humilde, sino ilustre, graue, abundante de exemplos, de virtude, varios acaecimientos no pensados (...). El que escriue cosas humildes o indignas de saberse, dize Halicarnaseo, descubre mala inclinación: nunca el ánimo grande se abate a lo pequeño y baxo. El escritor no la ha de hazer ni mayor ni más prodigiosa, porque no caiga en el vicio de los griegos.», Cabrera, *Da Historia*, pp.47-48.

persuadir - e que se concretiza na estruturação hierárquica das partes do discurso, cujo tema e objectivo é determinante na escolha do género oratório e nas formas de expressão verosímeis, de deliberada elaboração - reproduzindo ainda todos eles este modelo na conceptualização do novo saber -, como se pode verificar pela observação dos gráficos nºII,V, VIII e XI, com a organização dos respectivos tratados apresentados em anexo.

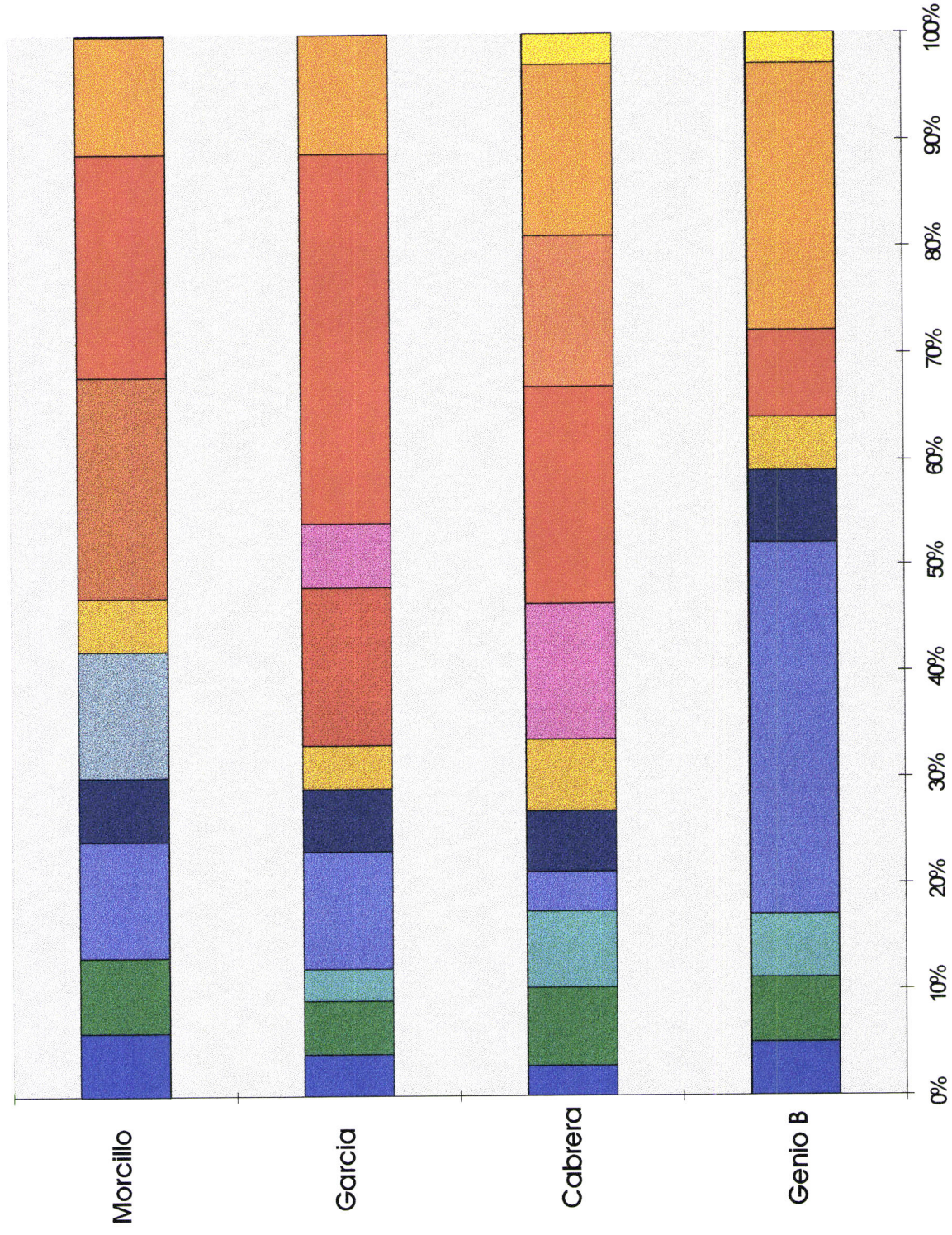
Mesmo quando a ligação da história à retórica é criticada e negado o seu valor, como em de *De Institutione*, de Morcillo, que concebe o seu tratado em diálogo<sup>300</sup> e associa história à filosofia, assentando-a na dialéctica (instrumento do conhecimento verdadeiro e certo, por oposição à retórica, estabelecendo as regras das demonstrações necessárias), o que ele está a questionar e a negar não é a estrutura persuasiva clássica de obra, atrás referida, mas a concepção de conhecimento, fundando assim a história na ciência certa - história que serve e fundamenta a política, pois a caracterização de saber que apresenta e desenvolve corresponde ao discurso deliberativo, referindo-se ao longo do seu tratado exclusivamente a aspectos da observação, compreensão e juízo da realidade presente, cívica laica, relacionados com a acção político-militar.

Aliás Morcillo e Pulgar são os que mais perfeitamente aplicam os princípios retóricos, tanto na forma de argumentação (pois introduzem a matéria histórica na narrativa a partir da *inventio* - correspondendo ao grupo 3. 2. dos gráficos II, III e IV -, retirando dela os argumentos do discurso, que assim são próprios e específicos), como no processo de demonstração, por o diálogo permitir o constante acerto da argumentação e das provas de persuasão à receptividade do auditório. O que Morcillo

---

<sup>300</sup> Aliás o diálogo, considerado forma pedagógica superior (usada exclusivamente por Morcillo e Pulgar, os *críticos*), se é utilizado como meio de crítica à demonstração-refutação retórica, é simultaneamente uma forma de introduzir o leitor na obra, o qual começando por descrever, por não saber, termina sábio, partilhando convicto da doutrina do autor. O diálogo maiêutico aparece assim como a melhor e mais completa forma de argumentar. De facto, em *De Institutione* é utilizado um puro processo retórico porque, sendo o autor o narrador, as intervenções das outras personagens são apenas simbólicas, funcionando como elementos de reforço das ideias de quem escreve o diálogo.

Finalmente, a concepção da obra em diálogo ainda permite iniciar o livro com o habitual tópico da humildade, pois, perante o pedido dos amigos para que elabore um texto sobre a escrita da história, Morcillo argumenta com modéstia, respondendo não ter a necessária competência, mas aceitando, no entanto, perante a insistência do Outro, em *tecer oralmente* algumas considerações. Trata-se ainda, tal como em *Sigallón*, de uma maneira irónica de crítica ao que se escreve e publica em Espanha, parafraseando o tópico horaciano de que quem não sabe escreve e quem sabe, porque é crítico e consciente da gravidade do acto de escrita, não o faz: "Ou estás a pensar que eu publicaria de ânimo tranquilo uma história como a que a maior parte dos estranhos e quase todos os da nossa gente publicaram até agora -sem arte, sem engenho, sem eloquência, sem ordenação, sem agrado, sem a diferenciação ou a variedade dos feitos e das palavras, sem encanto nem graça ?", Morcillo, *Da Institutione*, p.4.



Exórdio

1. Causa Final
  - 1.1 Condições prévias ao tema
  - 1.2 Causa final concretizada com o leitor
2. Causa Eficiente
  - 2.1 Autor
  - 2.2 Modelos
  - 2.3 leitor
3. Causa Formal
  - 3.1 Definição do tema
    - 3.1.1 Critério de Verdade
  - 3.2 Invenção histórica (que integra a matéria)
  - 3.3 Disposição
    - 3.3.1 Relato histórico
  - 3.4 Elocução
  - 3.5 Pronúnciação/Impressão

Causa material

Fig. 61 - Representação comparativa dos tratados segundo a matriz conceptual que os estrutura.

A tabela em anexo mostra, em cada autor, as relações e os desenvolvimentos das várias partes da mesma obra; permitindo a sua leitura horizontal observar uma comum concepção de obra definidora de uma formalização-tipo, sendo a partir dessa matriz que cada autor elabora doutrina específica e\ou desenvolve distintamente os elementos mais directamente relacionados com a conceptualização da história.

Se no primeiro capítulo se valorizaram os elementos constantes, de modo a perceber a estrutura organizativa (conceptual e retórica) que funda os tratados, e funda o saber histórico, neste vai-se privilegiar a análise das variações<sup>1</sup>, tentando verificar quanto elas se manifestam em discursos históricos de sentidos conceptuais distintos.

Essas variações correspondem, como já se referiu, a uma sobrevalorização da elocução e das qualidades do autor, no caso de *Genio B*, de uma valorização do corpo narrativo da história, em Cabrera e Garcia, com grande desenvolvimento no tratamento do relato, no caso do primeiro, e dos exercícios de tipo afectivos (elogios, lugares comuns e arengas), no caso do jesuíta francês; e valorização da invenção e do juízo, por parte de Morcillo.

---

<sup>1</sup>Para efeitos de cálculos percentuais, os subgrupos não foram integrados no grupo, de modo a tornar mais visível a relação da parte específica com as partes de concepção e de doutrina mais comuns.

	Genio B	Da História	Arte de História	De Instituições
0. Exórdio	S. José	Cabrera	Garcia	Morcillo
1. Causa Final	5%	3%	4%	6%
1,1 Condições prévias ao tema	6%	7%	5%	7%
1,2 Causa Final concretizada com o autor e/ou leitor	6%	7%	3%	
2. Causa Eficiente				
2,1 Autor	35%	4%	11%	11%
2,2 Modelos	7%	6%	6%	6%
2,3 Leitor				12%
3. Causa Formal				
3,1 Definição do tema	5%	7%	4%	5%
3,1,1 Critério de verdade			15%	
3,2 Invenção histórica (que integra a matéria)				21%
4. Causa material				
3,3 Disposição	8%	13%	6%	
3,3,1 Relato histórico		20%	35%	21%
3,4 Elocução	25%	14%		
3,5 Critérios de Impressão	3%	16%	11%	11%
		3%		

crítica, afastando-se dos seus companheiros renascentistas, e ligando-se pela concepção de conhecimento a Pulgar, é que o instrumento de criação de real-comunicação e doutrina que é a linguagem, usada segundo determinadas regras - instrumento que considera necessário e a que recorrem todos os saberes, - seja, só por si, meio de apreensão da realidade. Por outras palavras, considera que a teoria da argumentação aristotélica serve para transmitir o real e criar doutrina, não para o processo da sua criação como conhecimento. Preconizando em *De Institutione*, tal como os outros tratadistas, uma ideia de conhecimento em que os nomes devem representar a gravidade da coisa<sup>301</sup>, alicerça a teorização da história em dois níveis: o do conhecimento do real e o da sua representação escrita.

Morcillo pretende ensinar a observar o presente<sup>302</sup>, na perspectiva político-militar, de modo a entender as situações, pois a *verdade*, sendo útil ao viver e à prudência, é o entendimento (observação, compreensão e juízo) dos factos, dando origem à sua narração, com a respectiva enunciação de normas<sup>303</sup>. A qual para ser usada eficazmente, exige um novo juízo do leitor, que deve avaliar do seu valor, recorrendo para isso à reescrita, não para aprender a copiar, mas ainda num processo de aprendizagem, de modo a estabelecer o juízo conveniente e saber retirar-lhe a lição - o que é uma forma astuciosa e profundamente eficaz de fazer o leitor assimilar a doutrina. Quer para Morcillo, quer, mais de cem anos depois, para Pulgar, a obra, a criação de história, com uma directa finalidade pragmática, gira em torno da ideia da necessidade de haver autor e leitores críticos, sendo a partir destes tópicos que Morcillo apresenta a sua doutrina. Considerando base do domínio do real a observação e o juízo, escreve um tratado não apenas para os autores de história, mas para os leitores, generalizando assim ainda mais o efeito reprodutor da arte histórico-política - aliás é o único tratadista a introduzir os leitores no corpo na obra, dedicando-lhes várias páginas a ensinar como obter utilidade da história (respectivamente sequência 10., e grupo 2.3. dos gráficos nºII, III e IV referentes a *De Institutione*). A

<sup>301</sup> Aliás, ao defender o estilo mediano, em que as palavras sejam nomeadas sem ornato poético, Morcillo fá-lo ainda seguindo o preceito enunciado por Séneca de que a verdade é simples, como forma de preconizar uma concepção de real anterior à linguagem, que esta apenas deve expressar, pois o estilo usado em *De Institutione* é profundamente elaborado, recorrendo a inúmeras formas de artifício.

<sup>302</sup> Porque o seu interesse pela história é de carácter político-militar, como repetidamente menciona, e reforçando assim a crítica à cultura espanhola coeva, não menciona qualquer tipo de material que possa servir à escrita da história, omitindo ainda referências a arquivos. Como modelos, apenas cita excertos de obras de historiadores políticos latinos, como Tito Lívio, Tácito, César, Salústio - ver tabela anexa com a indicação completa dos autores citados.

<sup>303</sup> " Como considero a história uma Lei ou regra de vida, e julgo que quem a escreve é uma espécie de legislador prudente e honesto ...", Morcillo, *De Institutione*, p.46. Refere cerca de 25 vezes a palavra lei, a maioria delas no excerto narrativo correspondente à fala.

teorização sobre a articulação entre autor, texto e leitor é feita de modo a que a causa final seja apresentada como um *fin* que exige a intervenção do leitor, o qual surge portanto como elemento integrante dela<sup>304</sup>. (Nos outros tratados o autor representa-se de forma mais passiva, de modo a que, dominando as regras, fique sabedor, tal como o leitor, lendo-o, se tornará conhecedor).

Aliás esta integração do leitor no *logos* textual é ainda uma concretização do esquema triangular de obra, mas agora simulando não ser organizado segundo algum carácter de paixão, antes a partir do princípio da verdade-autoridade do real, em que o sujeito pelos sentidos consegue "o entendimento da realidade, que na realidade existe"<sup>305</sup>. Pré-anunciada em Morcillo e desenvolvida com Pulgar, a autoridade na *coisa-nome*, como entendimento do real, continua a obrigar o leitor a participar emotivamente na obra, mas motivado pela ideia de saber, que tem no referido conceito de entendimento, também por parte do sujeito-leitor, o seu expoente final. Assentando a base do saber, e da persuasão, no nomear de forma simples a *coisa*, ou mesmo *mostrá-la*, pois a demonstração e o sentir-se demonstrado continuam a fazer-se pela *evidência* racional, a maior novidade surge pela exigência da explicação e necessidade do juízo.

Se esta persuasão, baseada na simples nomeação da *coisa*, começou por significar uma matização na visão aristotélica do mundo, com valorização da realidade empírica - surgindo por isso na história, pela voz dos curiosos da antiguidade, dos historiadores-militares (criticados por Fr. Garcia) e dos denominados cronistas de experiências, que registavam e relatavam as novas realidades observadas<sup>306</sup>, alargando-se depois às memórias, relações, gazetas - como poucas Histórias pretendem exclusivamente perpetuar sucessos, a partir do início de seiscentos surgem em Espanha, inúmeras histórias baseadas quer em documentos inventados, que transcrevem, quer em *hallazgos*, recém descobertos e pormenorizadamente descritos, inclusivé com desenhos - sobretudo ligadas às memórias de origens, e por isso valorizando o Herói e a sua glorificação. No entanto estas narrativas, cuja escrita e organização obedece ainda à tradicional ideia de conhecimento como

---

<sup>304</sup>Por isso, nas partes sobre a utilidade da leitura da história, trata simultaneamente da finalidade da história, integrando na doutrina sobre o *leitor* os aspectos relacionados com a finalidade da história.

<sup>305</sup>"Abri los ojos por ver si la potencia sensitiva experimentava lo que la intelectual tenia asegurado, que la verdad era adecuacion del entendimiento a la realidad, que en realidad existe", *Sigalion*, fl 11.

<sup>306</sup>Como já se disse na primeira parte deste trabalho, quer ligadas à realidades do Novo Mundo, quer aos inquéritos e registos topográficos de Espanha, como é o caso de Paez de Castro ou Ambrosio de Morales, já referidos em *Junta de Libros*. E do próprio Pinelo, António Herrera e Pulgar, cronistas das Índias.

clareza e imposição pelo *ver* (em que o *visto* e o *fazer ver* pela palavra são reforçados por apresentarem também a "coisa", através de vestígios materiais, ao Outro), são manifestações do aparecimento de uma nova autoridade, que é o objecto, como sinónimo de conhecimento verdadeiro do real.

O preconizar o estilo simples como signo de valorização da autoridade do real, surgindo por isso, em quinhentos, igualmente associado à defesa do juízo e da narrativa explicativa, rapidamente se transforma em símbolo, passando aquele estilo, como elemento de representação, a ser usado quer como manifestação simulada de um real-verdadeiro, quer como instrumento de captação mais objectiva. O confronto destas perspectivas será o objecto da análise, irónica, de Pulgar, em *Sigalíon* - o que, embora confundindo mais o emaranhado de alusões, de subentendidos e de pressupostos, alivia e facilita (porque extremiza) a compreensão de tão árido debate.

Verifica-se assim, por um lado, como todos os tratados em análise concretizam a reflexão sobre o conhecimento histórico na discussão sobre o problema do estilo e, por outro, como a história-conhecimento, integrando observação da realidade e escrita, que exige análise e erudição, teve pouca ressonância em Espanha, como já se disse, havendo sobretudo receptividade para histórias-representação (relembre-se que apenas as obras de Cabrera, de S. José e à tradução de Fr. Garcia serão editadas). Por isso, dentro dos tratados que estudámos, *De Institutione* e *Sigalíon* são os únicos que referem e indiciam sobre a decadência cultural espanhola<sup>307</sup>, simulando, tanto Pulgar como Morcillo, estarem entre espanhóis, mas fora da Espanha peninsular, integrados na verdadeira cultura hispânica - Pulgar, apresenta o manuscrito como editado em Antuérpia. Nenhum deles tem por modelo historiadores espanhóis, referindo expressamente Morcillo inspirar-se na história feita em *Itália* e não imitar nenhum compatriota, por inexistência (assumindo-se assim não apenas como o Modelo, mas ainda como o único com competência para escrever a História de Espanha, ideia aliás decorosamente sugerida por uma das *outras* personagens no final da obra); e Pulgar, ainda de forma mais crítica, demonstra não só a falsidade dos modelos existentes (Histórias de Espanha), como as vantagens com que o Poder parece beneficiar os impostores, inclusive nomeando-os cronistas Mayores como é o caso de Pellicer<sup>308</sup>. Recorrendo ao esquema

<sup>307</sup> Já Cabrera e S. José (ignora-se a tradução de Fr. Francisco Garcia, por *Arte de Historia* se referir à realidade francesa) integram as suas obras no panorama historiográfico espanhol impresso, surgindo como continuidade de uma situação próspera, que as suas obras farão progredir.

<sup>308</sup> Cfr. Toda a 2ª parte de *Sigalíon*, os gráficos (sequências 379 a 610) ou tábuas com a respectiva sequência do diálogo em anexo final.



do género judicial - usando como juiz um herói grego, *Sigalion*, que dá título à obra, dedicada à Verdade por não encontrar pessoa digna - comprova, através de extensa argumentação (prova técnica), em que introduz provas de carácter filológico e cronológico<sup>309</sup> (provas não-técnicas) na lógica aristotélica a falsidade das *Falsas crónicas*, absolvendo no entanto os falsários, ao considerar que a autoria-intenção era da responsabilidade de coevos. E, ao ensinar, exemplificando, vai descobrindo novos falsários - objecto da segunda parte da obra. Trata-se de um discurso profundamente moderno, pois, ao ensinar factos, ensina, pelo recurso à cronologia, a criar novas realidades de conhecimento, podendo aplicar-se os seus ensinamentos a essas novas realidades, originando novos conhecimentos. Este tipo de discurso, actualmente denominado *heurístico* por criar ele próprio um procedimento de descoberta, que uma vez formulada pode facilitar a constituição de novas hipóteses<sup>310</sup>, assenta no tipo de raciocínio do saber científico, em que a informação sobre novos conhecimentos é coincidente com o ensino de instrumentos de análise e fórmulas de criação de novos saberes.

Aliás o tipo de saber histórico que cada autor defende, as doutrinas a ele associadas e a sua adequação à realidade cultural-política espanhola, surgem indicados, desde o início dos tratados, através da representação da autoridade a quem é dedicada a obra, da sua integração no conjunto dos modelos que fundam o saber e lhe dão tradição e do modo como o autor situa a história na causa final, com os respectivos atributos dados ao historiador<sup>311</sup>. O surgir do presente (neste caso espanhol) como continuidade melhorada da ordem natural (Cabrera e S. José), ou como ruptura, e por isso decadência, é desde o exórdio um indicador preciso da perspectiva do tipo de história que se vai narrar.

Ignorando a divina e a natural, Morcillo funda a história - entendida ainda como registo de memória [considera, tal como Cabrera e Fr. Garcia, que a etimologia de história significa deter o fluxo, isto é, fixar] - em necessidade da natureza humana,<sup>312</sup> existindo por isso antes da

---

<sup>309</sup>As Cronologias, que são já instrumento de análise elaborado pelo sujeito e não vestígio material, são apresentadas como as provas não-técnicas fundamentais em que se baseou para "repor" a verdade.

<sup>310</sup>A. J. Greimas e J. Courtès, *Semiótica*, Madrid, Gredos, 1990, p.206.

<sup>311</sup>Todos os autores são coincidentes na caracterização do historiador como douto e recto. A diferença está em que para Moyne-Garcia e S. José estes atributos, que implicam conhecimento da eloquência, são suficientes, enquanto para Morcillo e Cabrera ele tem de também ser experimentado nas coisas da *polis*.

<sup>312</sup>«Vedes, senhores, que útil, que aprazível, que necessária, certamente, é a história e a sua utilização, ao ponto de quase se seguir que nós nem sequer somos homens se carecermos dela, pois que é extremamente próprio do homem saber e conhecer não apenas aquelas coisas que se apresentem aos sentidos, mas também as que se ofereçam à reflexão, ao entendimento, à memória. E essas mesmas que entrem na memória e nela estiverem esculpidas, sejam como que abarcadas pela história. Conhecer e

escrita, e mesmo nos povos bárbaros, tendo sido *encontrada* na América<sup>313</sup>. Pela diferença de situação, é reforçada a crítica ao poder político coevo, que não sente a necessidade de uma História de Espanha, erro irreparável contra a natureza e a sociedade,<sup>314</sup> - crítica acrescida ainda com a referência ao facto de serem estrangeiros a narrarem os feitos espanhóis<sup>315</sup>. Este reparo ao poder político existente é ampliado pela quase ausência de menção, nem sequer na antiguidade, à história de temática religiosa, referindo apenas às tábuas de Moisés, marco obrigatório nas fundamentações das origens deste saber - aliás, não há, ao longo do tratado, uma única referência a tema religioso, citando Morcillo quase exclusivamente historiadores e pensadores clássicos, o que revela uma deliberada omissão, pois as matérias que desenvolve estão relacionadas com a realidade presente - ver anexo 2.4. com a lista de autores citados, e gráficos III e IV, fora de texto, com a indicação das citações de outros autores.

Com esta breve introdução pretendeu-se referir como, perante uma comum estrutura e organização de obra, de fundamentação do saber e da palavra criadora de conhecimento que enforma os tratados - pois todos eles definem o tema e o objecto, associando-os ao hieróglifo e à poesia, ligando assim musas, palavra-comunicação e representação visual<sup>316</sup> -,

---

perceber as artes liberais que outra coisa é senão conhecer a história do entendimento delas?» Morcillo, *De Institutione*, p.57.

<sup>313</sup>Morcillo, *De Institutione*, p.8.

<sup>314</sup>«Realmente, muitas vezes, quando medito na ambição dos príncipes do nosso século e na grandeza do seu ânimo, admiro-me de como é que acontece (embora tanto desejem engradecer os impérios com armas e riquezas, embora queiram tornar-se conhecidos de todas, embora nada mais procurem do que chegar à glória, procurá-la, consolidá-la) que sejam, no entanto, tão desinteressados de escrever eles mesmos os seus feitos - até pelo exemplo de César - ou darem a outros o encargo de escrever. Deste modo parecem nada querer conseguir além desta vulgar e presente popularidade, sem cuidados nem providência alguma a respeito dos tempos futuros.» Morcillo, *De Institutione*, p.44.

<sup>315</sup>Morcillo, *De Institutione*, p.1. Esta afirmação da existência da história entre os bárbaros, forte crítica ao poder político espanhol, leva-o a sentir a necessidade de apoiar o que afirma, socorrendo-se quer da seu próprio conhecimento, quer da autoridade de Francisco Mendonza, um dos três autores da época que refere ao longo da obra - Os outros são Vaseu (um historiador belga professor de Salamanca, autor de *Chronici Rerum memorabilium Hispanial*, tomus prior, Salamanca, 1552, que baseia a sua história na *falsa* Crónica de Annio) e Vicencio (pintor que trabalhou com Murcillo). Refere ainda o historiador italiano Biondo, que aparece assim como o seu modelo-imagem de historiador vivo.

<sup>316</sup>Cfr. Jerónimo S. José, *Genio B*, pp.251-252; Morcillo, *De Institutione*, pp.37-43 e Cabrera, *Da Historia*, cap. IV, p.27-28 : " *En qué conuienen la poesía y la historia. Son semejantes la historia y la poesía en que cada vna propone lo que ha de escriuir y la causa. Ambas vsan del género demonstratiuo y deliberatiuo en que algunas veces incluye al judicial, condenando los vicios, alabando las virtudes, e introduzen los paramentos y consultas. Ambas con su a industria atienden a la guardia de la prudencia y del decoro, enseñan, delectan, niueuen, ayudan, y más la historia. Toca a los dos hazer mención de las cosas antiguas y las descripciones, con varios accidentes súbitos, muchos y varios casos inciertos, llenos*

fundando-os como saber na causa final e eficiente, terminando sempre a obra com a explicitação dos modelos, se manifestam as variações quanto ao grau de conceptualização do saber histórico, visualizadas pela ligação que os diferentes tratadistas vão estabelecendo, ou criando, entre a causa formal e material e respectivos conteúdos.

Se para todos a verdade é a alma, a narração o corpo e o estilo o adorno, ou a coloração, sendo por isso escrever história uma actividade de conhecimento e de criação de realidade, a forma como estes elementos são apresentados e especificados esclarece sobre a concepção de história que lhes está subjacente.

Se a alma não tem matéria, ou a matéria é apenas dita e não explicitada, considerou-se que se tratava de uma narrativa do tipo história-representação; se a alma se integra numa matéria, que também tem corpo e adornos, considerou-se tratar-se de uma história também meio de conhecimento, ou explicativa, quer de sucessos políticos presentes, quer de passados e presentes, pois o real histórico é concebido como algo já seleccionado, a que se deu inteligibilidade, e por isso com relevância que excede a do particular. Torna-se exemplo histórico, no sentido restrito, atrás referido, de prova comprovada e conceptual.

História-representação, entendida representação como "manifestação pública de dignidade"<sup>317</sup>, imitação-encenação do real, que é considerado ainda por Jerónimo de S. José<sup>318</sup>, ou Fr. Garcia, no capítulo "De los expectaculos (sic), representaciones, festines, y otros placeres

---

aora de temor, aora de esperança, aora de alegria, aora de dolor(...) La vna y la otra es vaga, en las digresiones, amplificaciones, en la variedad, en el escoger las cosas y las palabras y en su buena disposición y asiento ponen trabajo. Tienen sus números, sus figuras para dezir, aunque por diuersas razones, para salir adornada.

La historia tiene más de lo honesto, graue, exemplar, como matrona ilustre y sabia. La poesia jouen y gentil, alguna vez con gala y hermosura, lasciua, con licencia y diferencia entre la noble y la plebea."

Moyné-Garcia, começa o tratado com o desenvolvimento da analogia entre os dois saberes, concluindo, na linha horaciana, que a diferença se situa na exigência de maior trabalho e de um corpo de regras mais definidas para a história. Cfr D.I. & I, "La Historia y poesia son Cōpañeras(...) que conviene ser poeta para ser historiador", *Arte de Historia*, pp. 1-9.

<sup>317</sup>D. Trigo, cit. por A. Hespanha "La Corte", in *La Gracia del Derecho. Economia de la Cultura en la Edad Moderna*, Madrid, C.E.C., 1993, p.175.

<sup>318</sup>"(...)asi, que la verdadera i pura Historia no es mas de una pura i verdadera relacion decentemente ornada; de la cual toma el Orador exemplos para su argumento, i el Poeta argumentos para sus ficciones; pintando ambos mas, o menos licenciosamente, lo que el Historiador retrata i copia al vivo, representã(n)do el proprio original. (...) Lo mismo es en todas las Republicas i Religiones Santas; cuyo gobierno pende en gran parte de la notiçia de lo pasado; cuyo aumento se alienta con los exemplos en la memoria que nos da presentes; i cuyos lustre i fama creçe con la fama de sus grandezas. Lo cual todo, o, se pierde, o se entibia, o se deslustra, sin esta Prevencion. Por que sin ella verdaderamente lo pasado, es como si, no, uviera sido, ni tuvieramos mas de lo que vemos; mas por el contrario la Historia, lo representa i eterna todo siempre vivo. Ô que gran campo se nos descubria aqui, para discurir en las alabanças i excelencias de la Historia!" *Genio A*, 1ªP., p.22 e 28.

E, em *Genio B*, 1ªP., cap. 2 "Prosiegue la misma materia de las utilidades que se siguen de la Historia", &2, "Representación de quanto hay y pasa en el mundo", p. 238.

que da la Historia,"<sup>319</sup> correspondente à Imagem-arquétipo aristotélica, por estes autores se referirem ao real-histórico por eles construído, quase ignorando na sua conceptualização referências a documentos, vestígios e às realidades materiais que consideram estar na base da elaboração narrativa histórica - o que se visualiza facilmente observando os gráficos com a organização das respectivas obras, em que a *inventio* na especificidade histórica não integra a narrativa<sup>320</sup>. É essa a maior diferença que separa Fr. Garcia de Cabrera, pois em termos de conteúdo ambos defendem uma história doutrina e de legitimação política, que tem na Corte o seu núcleo e objectivo. Considerando-a centro de artifício e simulação, exige ao historiador vivência próxima<sup>321</sup> e, no caso de Cabrera, prévio conhecimento político e prudência, pois só estas qualidades são requisitos necessários ao entendimento dos enredos e do saber narrar, de forma a escrever uma história legitimadora (ainda aqui a presença do autor na Corte é sinal de autoridade, amizade e prestígio, advindo do público reconhecimento).

Finalmente a história explicativa de Morcillo como instrumento da acção política, aclara os fenómenos políticos presentes e permite retirar leis, desemboca quase cem anos depois no tacitismo.

---

<sup>319</sup>Garcia, *Historia*, D.I, &.8, p.37.

<sup>320</sup>Considera-se que há *invenção histórica* quando a causa material surge integrada no processo de análise, sendo assim a *Res* introduzida desde o início da definição do tema na narrativa histórica, como se disse na legenda dos gráficos..

<sup>321</sup>"Para escriuir bien vna materia nueua el autor assista en la corte de los príncipes, fauorecido dellos.(...)Llegan a la corte las verdaderas narraciones de las cosas más señaladas, apréndese en ella los manejos de los negocios de estado; conócense las dependencias de los potentados, disignios, trato, progressos; los secretos de los príncipes. Bien que sea esto peligroso, no pudiendo ser sino viuiendo ellos o sus herederos, en cuyo tiempo se han de escriuir sus historias. Pueden saberse de los efectos y del modo de las execuciones, de las más aparentes y verisímiles. **No es difícil al que no es torpe ni nueuo en el conocer y saber las acciones heroicas y generosas: no apartándose de lo que vniuersalmente se cree.** Los consejos se saben algunas vezes de los que interuine en ellos, decisiua o consultiuamente, o de sus amigos o adherentes, que entienden las causas de los eféctos, o al cabo el tiempo los descubre. **Aduirtiendo que en tal sazón llegará que aunque se canse y desuele no los penetrará y se le representará lo verdadero embuelto en verisímiles apariencias. El que tiene más de curioso en inquirir lo que está en lo arcano de los secretos de los príncipes, más tiene de temerario.**

También se embían relaciones por, el mundo, assí de vna como de otra parte, de dos naciones enemigas o reyes encontrados y competidores, de cuya verdad conferidas y examinadas saque lo más prouable. No está obligado a escriuir sino lo que se tiene comúnmente por verdadero. Deste modo sabrá lo que toca a los amigos y a los enemigos, para escriuir perfeta y cumplidamente. Abra el ojo en el estudiar los papeles que le dieren, porque he leído muchos para lo que escriuo en el Filipe Segundo, que saldrá en público después deste metodo de historiar y en el Carlos V, en que voy trabajando, y cartas en gran número de ilustres varones, en que diuersamente escriuen y dizen vna misma cosa(...)**El sentir de los hombres es diuerso.(...)Considerando que no suele ser la narración de vna cosa vniforme, aún entre los que lo vieron, en la aueriguación de los sucessos, en los hechos de armas, tenga gran cuidado e inteligencia el capitán general fiel de la verdad de la historia";Cabrera, *Da Historia*, p.70-73**



## I. ENTRE EL ORADOR Y EL POETA ... UNA HERMOZA I HONESTA DONCELLA - HISTÓRIA DEMONSTRATIVA.

*Victurus genium debet habere liber*<sup>322</sup> - Marcial

Como já se referiu na introdução, conhecem-se dois tratados de história, ambos denominados *Génio de la Historia*, de Jerónimo de S. José, nome de religião de carmelita descalço. Com este título o cronista simultaneamente pede proteção e perenidade para a sua obra, e faz realçar a especificidade daquele saber, pois génio sugeria o humor (segundo a explicação de Galeno), gosto e inclinação natural que cada homem tem para uma actividade<sup>323</sup>. Conceito latino, significando tutela e conservação<sup>324</sup>, sobretudo usado por Horácio, em *Arte Poética*, Plutarco e Marcial<sup>325</sup>, entrara no uso renascentista através de *Iconologia* de Ripa, tornando-se corrente em Espanha a partir das obras de Gracian, sobretudo *Discreto*, *Oráculo Manual* e *Agudeza y Arte del Ingénio*<sup>326</sup>, pelo jogo *génio-ingénio* - "no hay cosa en el mundo tan oculta y escondida que la Agudeza del humano ingenio no pueda descubrir" (representando-se a face de Minerva como a de uma esfinge). Conceito que, sintetizando a reflexão sobre o modo de conciliar o alento individual

<sup>322</sup>"Victurus genium debet habere liber ...un libro destinado a vencer debe tener su Génio", Cesare Ripa, *Iconologia*, vol.1, op. cit., p.576.

<sup>323</sup>Cobarruvias, *Tesoro*, p.639.

<sup>324</sup> Por isso era atribuído um a cada cidade, assim como às coisas, lugares, zonas terrestres e celestes, etc.

Ripa refere várias descrições clássicas sobre os génios, que se podem sintetizar nas palavras de Catena em Monumentos Latinos: "*Quien eres tu, feliz niño? El génio. Por qué tu derecha tiene una espiga, tu izquierda uvas, o tu cabeza adormidera? Estas tres cosas son regalos de los dioses Ceres, Baco, y Sopor, pues los mortales vivís con éstos y con el Génio*(...). Dicho Génio simbolizaba entre los antiguos Gentiles tutela y conservación, por cuya razon asignaban uno a cada ciudad, así como otro para cada una de las cosas,(...) inluyendo bajo su amparo y protección hasta los libros, cuando sus autores deseaban que fueran tenidos por mucho tiempo en el mayor aplauso y estima, por eso dice Marcial", Ripa, vol. 1, op.cit., vol., p.456-8.

<sup>325</sup> Gracian vai introduzir na versão de 1648 de *Arte del Ingenio* os Epigramas de Marcial, na tradução de Miguel Salinas. Estes Epigramas estavam de tal modo divulgados que não apenas Ripa como Covarrubias os cita repetidas vezes em *Tesoro*. S. José vai também várias vezes referir-se a eles, embora, sem nomear o seu autor.

<sup>326</sup> Aforismo 79; " Si con templança, prenda es, que no defecto. Un grano de donosidad todo sazona. Los mayores hombres juegan también la pieza del donaire, que concilia la gracia universal; pero guardando siempre los aires a la cordura, y haziendo la salva al decoro".  
cfr. Ramón Menendez Pidal, "La lengua castellana en el siglo XVII", in *El siglo del Quijote (1580-1680)*..., Vol.2, op. cit., máxima 273, pp.247.

Gracian em *Agudeza*, considerada também antologia da poesia antiga e moderna, elogia Marcial sobre todos os outros poetas e prosadores.

Cfr. Emilio Blanco, "Introducción", in *Obras*, Madrid, Turner, 1996, p. XXVI.

que cada um manifesta, em fenómenos criativos únicos<sup>327</sup>, com um engenho excelente, vai requestionando a relação clássica entre natureza, arte e exercício, pois o *gênio-ingénio* (que não é já o equilíbrio dos cânones estéticos vigentes, mas criação) não pode sobrepor-se à prudência.

No caso do tratado de história de Jerónimo de S. José, gênio não é um apelo à criatividade, nem a introdução de uma perspectiva inovadora de história<sup>328</sup>, pois, como se pôde observar pelos títulos dos capítulos (ver gráficos VIII e XII com a estrutura da obra), este tratado não apresenta doutrina e concepção histórica próprias, nem pretende ensinar a escrever histórias em que haja juízo individual (como por exemplo Morcillo explicitou), antes é uma aplicação à escrita historiográfica das regras (retóricas) clássicas, que definem a organização de qualquer relato e a elaboração de uma obra. No entanto o título mostra a sugestiva capacidade de expressão do autor, situando-a no limiar do classicismo e evidenciando uma certa criatividade e desenvolvimento da linguagem própria do barroco espanhol.

Se pelo título, pela defesa da linguagem nova e do estilo levantado, Menendez Pidal<sup>329</sup> e Montero Diaz<sup>330</sup> consideram *Genio* um tratado barroco, pela simplicidade das regras enunciadas, e pela organização da obra, parece poder considerar-se antes reprodução do saber próprio da retórica renascentista. A diferença situa-se na defesa de uma expressão sublime, mas não metafórico-conceptual, apenas eloquente, própria do panegírico ou sermão, no sentido de dar magnanimidade, *realce*, ao representado.

Voltando às obras, *Genio A*, manuscrito<sup>331</sup> autógrafo, datado de 1639 (mas redigido anteriormente), foi oferecido a D. Fernando Ezquerria

---

<sup>327</sup>Potência do espírito, que o faz sempre pronto e capaz para aquelas ciências, às quais se aplica de intenção e de obra, nunca envelhece (por isso se pinta jovem, pois a potência intelectual não se gasta) e é veloz no pensar, variado no discurso e agudo na invenção simbolizada na flecha, Ripa, *Iconologia*, op.cit., vol.1, p.525.

<sup>328</sup>"He discurrido, Georgio mío, según lo poco que yo alcanzo acerca de los puntos y requisitos principales para escribir Historia, delineando la naturaleza, propiedades y como Genio propio suyo, ora en las condiciones que la obra requiere, ora en las que se piden al historiador, para que así tenga alguna manera de noticia y mayor gusto, y aun provecho, el que se aplicare a esta lectura o escritura.", *Genio B*, p.422

<sup>329</sup>Ramón Menendez Pidal, "La lengua castellana en el siglo XVII", op. cit., pp.118-120

<sup>330</sup>"Introducción", in *Da Historia*, de Luis Cabrera de Cordoba, Madrid, I.E.P.,1948, p.XXVII.

<sup>331</sup>A primeira versão de *Genio de la História* foi escrita, pelos inícios dos anos 30, a pedido de Fr. Francisco de Santa Maria (Fernando Pulgar y Sandoval de Cepeda, filho de Jerónima Cepeda, irmã de S. Tereza). Tendo este frade publicado em 1630 a História da Ordem - *História Profética de la Orden de Nuestra Señora del Carmen*, dedicada a Filipe IV, com segunda impressão em 1641, terceira em 1649, e continuada por sucessivos carmelitas até meados do século XVIII - ela foi objecto de refutação e mesmo crítica dentro da própria Ordem, chegando a ser proibida pela Inquisição, que exigiu a correção de partes (existe um exemplar na Bib. Nac. de Madrid, sem emendas - cota: 3\72741), tendo sido encarregado

de Roças<sup>332</sup>, irmão do Historiador da Ordem<sup>333</sup>; e *Genio B*, impresso ainda em vida do autor (Çaragoça, Diego Dormer, 1651), foi publicado à custa do Marquês de Torre<sup>334</sup>, a quem *oferecera* esta última versão.

---

Jerónimo de S. José de tomar a sua defesa. Por isso o Autor, na dedicatória da obra a seu irmão, escreve: "aviendole de obedecer i buscando algun papel que oliese a Erudicion topé con este, a que la obligacion, del Ministerio, en que mi Religion me ocupa, dio forçoso motivo, i da bastante escusa de averme puesto en materia i Asunto mas proprio de otra pluma", *Génio A*, pg. 2, dialogando simultaneamente ao longo do prólogo e na introdução a cada uma das partes, com Francisco de Santa Maria.

<sup>332</sup>Este manuscrito encontra-se na biblioteca particular da Fundação Severa March, que adquiriu grande parte dos fundos da Casa de Medina Sidónia e à qual agradeço as facilidades que me foram dadas.

Uma outra epístola sobre preceitos literário-morais, "De virtute cum litterarum studiis conjungenda", dedicada a seu irmão, e escrita em latim, encontra-se na Biblioteca Nacional de Madrid, também em duas versões, a segunda mais ampliada.

Cfr. Biblioteca Nacional de Madrid, Mss.6.632, fl.111.

<sup>333</sup>O cargo de historiador Geral da Ordem, atribuído a Jerónimo de S. José em 1626, tinha sido instituído em 1597. Sobre a bio-bibliografia deste cronista: cfr.Fr.Higinio de Santa Tereza, "Ensayo Bio-Bibliografico sobre Fr. Jerónimo", in *Génio de la História*, Vitoria, El Carmen, 1957, pp.1-201. Este estudo foi publicado conjuntamente com a edição crítica de *Génio de la História*, feita pelo mesmo religioso. As citações de *Genio B* serão feitas sobre esta edição.

Jerónimo de S. José, aragonês, estudou leis e cânones em Salamanca. Em 1640, sendo o seu irmão regente em Nápoles (e pertencendo ao Conselho de Itália) vai a Itália, de onde refere a escrita de *Génio de la História* (segunda versão, dedicada agora não ao irmão, mas ao sobrinho, e que em 1643, em carta a Uztarroz, diz estar praticamente concluída).

Sendo sobretudo um historiador religioso, publica em 1629 *Dibujo del Venerable Varon Fr. Ioan de la Cruz*, numa pequena versão de 69 folios, ampliando-o (e corrigindo-o, pois foi objecto de críticas pelo censor) para *História del Venerable padre Fr. Iuan de la Cruz*, de 906 páginas (1641). Em 1637, publica *História del Carmen Descalzo*, tendo escrito uma *História del Pilar*, que permaneceu manuscrita (trata-se da Igreja do Pilar em Zaragoza, um dos mitos das origens do cristianismo no Reino de Aragão). O seu nome fica ligado à cultura espanhola através de *Génio de la História*, pois pela sua estrutura retórica de perspectiva clássico-cristianizada, de forte pendor moralizante, voltará a ser editada em 1768 (Madrid, Imprenta de Don Antoni Munoz del Valle) e em 1886 (Barcelona, Dirección y Administración), sendo o único tratado historiográfico espanhol que teve mais de uma edição até ao século XX. S. José, sem relevante actividade religiosa, política, ou literário-cultural, manteve correspondência com os cronistas de Aragão, Argensola e Francisco Andrés de Uztarroz. Grande parte destas últimas cartas foram publicadas (as que integram o manuscrito 8389, *Coleccion de cartas de eruditos españoles del siglo XVII*) por José M. Blecua, "*Cartas de Fray Jerónimo de San José Al Cronista Juan F. Andrés de Ustarroz*", in *Archivo de Filologia Aragonesa*, série B, 11, 1945, pp.1-124.

Além do manuscrito *Genio de la Historia*, até à data ignorado, encontram-se na Biblioteca Nacional de Madrid outras obras por ele referidas: *Escapulario del Carmen*, dedicado a Don Luis de Haro, a quem *Génio da História* será semi-dedicado, pois é por seu intermédio que a obra será oferecida a Filipe IV, como indica na prólogo.

Cfr. *Devocion del Santo Escapulario de Nra. Señora del Carmen*, estando no Monte de Carmelo, pelo ano de 1624, Biblioteca Nacional Madrid, Mss20.305, (também autógrafa).

No códice 6632 com vários textos do autor, existe um excerto de um tratado sobre o *Modo de hacer una plática o exortacion*, fl.278-296 com muitas semelhanças (nos tópicos lugares comuns e estrutura) com a primeira versão de *Génio de la Historia*. Escrito a pedido de Fr. Martin de la Madre Dios, prior de Cardon, segundo informa em carta a Argensola, estaria concluído em 1624. Este tratado foi quase integralmente publicado, embora com alteração da sua ordem por Fr. Eduardo se St. Tereza "Fragmentos Inéditos de Fr. Jerónimo de San José. Modo de hacer una platica", *El Monte Carmelo*, 1911, nº 258, pp.241-244; nº 259, pp.281-286; 260, pp.321-326; 261, pp.361-366; 262, pp.401-404, p.264, pp.481-485.

<sup>334</sup>Don Luis Abarca de Bolea y Castro Fernandez de Hijar (Senhor, entre outras, da Villa de Maella, local de nascimento de Gerónimo de S. José).



Apesar de se verificar, com alguma frequência, no período barroco espanhol a transformação de textos, conforme as diferentes edições - Gracián faria algo semelhante, quer entre o texto manuscrito de *El Heroe* e o publicado em 1639, quer nas duas versões impressas de *Arte de Ingeniería*, transformando a pequena obra editada em 1642 num grosso volume, de 1648, em que para além de introduzir os referidos Epigramas de Marcial, amplia e glosa o texto primitivo - a descoberta do manuscrito de *Genio A*, feita pelo Professor Fernando Bouza Alvarez<sup>335</sup>, permitiu evidenciar a importância da linguagem e do desenvolvimento dos processos argumentativos na criação de sentido, e portanto evidenciar uma série de fórmulas constitutivas do discurso, concebido ainda segundo o modelo de imitação clássica.

No entanto, esta comparação de duas versões de um texto, o primeiro elaborado com intuito de menor divulgação, datado no início da década de 30, e o segundo com um pensamento já explicitamente limado para a impressão, cerca de 20 anos depois, no qual se pretende apresentar as regras gerais do fazer da história e os modelos subjacentes a esse mesmo fazer, revela crescimento no domínio da ideia de História, obrigando a simular maior conceptualização, mesmo que vazia de conteúdo específico. E mostra (como se viu na primeira parte da *Bibliotheca*) que manuscrito e impresso não são suportes equivalentes no condicionamento e criação de sentido. No caso do impresso, vê-se como vai impondo e fixando sentidos ao texto, ajudando a estabelecer maior autoria ao discurso, inclusive criando ajustamentos nas próprias faculdades retóricas, nomeadamente na referente à pronúncia e expressão corporal do orador (com temperamento, voz, sentimentos), face a um público concreto que deve dominar.

A comparação desta duas versões de *Genio de la Historia* explicitou ainda modelos e referentes culturais renascentistas, e suas formas de aprendizagem e divulgação em Espanha, revelando também o modo como o discurso historiográfico pós-tridentino incorpora autores clássicos numa retórica sacra - ver lista anexa com os autores citados e referidos por S. José e cotejo com as autoridades referidas pelos outros tratadistas.

Neste sentido, completou-se o estudo destes dois textos com um terceiro tratado de Jerónimo de S. José, sobre a arte de compor sermões<sup>336</sup>,

---

<sup>335</sup>Ao Senhor Professor, que nos indicou o manuscrito, oferecendo-nos a possibilidade de o transcrever e estudar, os nossos reconhecidos agradecimentos bem como ao Senhor Professor José Luis Santos Díez, que nos ajudou na leitura e tradução das notas.

<sup>336</sup>O tratado, que será nomeado como *Arte de Pregar*, formalmente organizado como exercício, apresenta-se dividido numa parte teórica (em que enuncia as regras base da retórica e explica a funcionalidade de cada uma das faculdades que a constituem, com aplicação ao sermão) e numa

manuscrito elaborado anteriormente, datável de 1624, em que largos excertos e a maior parte das ideias transitam para *Genio de la Historia*. Esta comparação de *Arte de Prégar* com *Genio de la Historia* mostra idêntica apologia de uma narração grave dos factos, de uma mesma atitude na valorização do estilo sublime (altissonante) como forma de entender e expressar a verdade e de conceber a autoridade dos testemunhos, quer antigos, quer coevos, na elaboração da doutrina e na representação do real. Tal indiferenciação entre o nível da representação sacra e o da história religiosa confirma-se com a análise de ambas as versões de *Vida de Juan de la Cruz*<sup>337</sup>, mantendo-se assim, no nível do estudo das práticas discursivas a posição assumida em *Junta de Libros*: que a Igreja tem o mesmo tipo de actuação, quer no campo do sacro, quer no do religioso. Falar de Deus, no templo, lugar de Deus, pelo sermão, ou falar de vidas de Homens e obras exemplares, através sobretudo da história religiosa, predominantemente em lugares não sagrados, correspondendo ao mesmo objectivo de criar uma memória de ideais moralizantes e legitimadora das novas instituições, fundada na representação-criação de factos, assenta numa comum concepção de história entendida como concretização de princípios e valores, que utilizando a escrita como meio de ampliá-los, através de uma encenação *evidente*, os reforça e divulga. Mas estas pormenorizadas narrativas, cheias de falas e exemplos, descrições e pequenos relatos do quotidiano, elogios ou lugares comuns, escritas em estilo sensorialmente rico e

---

prática, com sentenças de autores, autoridades de provas testemunhos, mnemónicas, lugares de argumentação, etc., actualmente perdida.

A comparação de *Génios* com este tratado permite entender a ideia que Jerónimo de S. José tinha da formação-base de um historiador e de um padre, verificando-se que considerava a formação deste muito mais reduzida, pois apresenta um resumo sintético da retórica, indicando como já se viu, figuras elementares de dicção, e explicando a função dos elementos artificiais, etc., enquanto em ambos os *Genio de la Historia* considera estar a aprendizagem-base de um orador já adquirida pelo historiador, explicitando apenas os aspectos que considera relevantes para criar sentido histórico.

<sup>337</sup>Esta obra segue na estrutura, na argumentação e no desenvolvimento dos caracteres de personalidade e de acção o definido para uma narrativa de vida. Assim, os sucessos da personagem vão sendo narrados segundo os lugares tradicionalmente estabelecidos (local de origem e pais humildes, mas nobres -, pequeno lugar e pouca riqueza, e por isso maior valor, reforçado pela humildade e virtude posta ao serviço dos pobres, com a respectiva recompensa divina), revelando a virtude, concretizada através da fundação e consolidação dos carmelitas. S. Teresa pede-lhe ajuda na reforma da Ordem e assim cria o primeiro convento, em Ávila. S. José narra a prisão de S. João da Cruz, devida ao conflito entre observantes e descalços, os dissabores dessa prisão, o seu sacrifício e oração, com visita da Virgem e de Jesus e Sua ajuda na libertação e fundação de novos conventos, e dos milagres que consagraram a sua santidade. O autor recorre a documentos e cartas, que transcreve, para evidenciar a verdade (pp.339-343) do que diz e comprovar a virtude heróica do *descalço*.

Toda a argumentação é feita por meio de exemplos e comparações - e por isso a primeira versão pode ser tão aumentada - através dos quais a institucionalização da Ordem é narrada em ligação com o caminho de perfeição e virtude, do seu fundador, que exige por sofrimento - "levantase contra el venerable padre una persecucion doméstica, en que se declaró mas su inocencia y santidad", *Vida de Juan de la Cruz*, op. cit., fl.719-736,

apelativo, assentam exclusivamente numa lógica argumentativa de carácter dedutivo. Os exemplos, as comparações, as máximas e os casos singulares apresentados não podem ser vistos, por si-mesmos, como factos históricos, mas como fontes de argumentação próprias, enunciadas em casos-modelo que, funcionando como exemplos normativos, ou deduções exemplificadas, se tornam imperativos de conduta (ensinando ainda os modos de transmitir doutrina).

Este tipo de narrativas, baseadas em argumentos fundados na estrutura da realidade, mas em que os factos funcionam sobretudo como representações, pois o seu valor radica na capacidade de transmitirem ideais, não corresponde apenas a histórias de temática religiosa, mas também de representação-legitimação política (história pragmática, na terminologia de Cabrera)<sup>338</sup>, de Vidas, histórias de corte e de verosimilhança, e ainda relatos de cerimoniais vários. Não tendo o leitor de retirar a lição, mas de receber o exemplo, sobretudo pela adesão afectiva, é determinante na construção da obra a relação entre as verdades do *eu* e as verdades da *escrita*. Os testemunhos, concretizados em falas e exemplos, funcionam como autoridade de inquestionável valor argumentativo, pois a associação e valorização do particular e concreto com a transmissão de doutrina, feita através de uma expressão quotidiana de oralidade, adequada à personagem e situação, é a melhor forma de persuadir o ser humano: “no pone, ni la quita, mas narra la verdad del hecho, bien que con ornamento y gala, como le toca y no de otra manera. Introduce personas hablando de diuersas naciones y modos de viuir, de que son exemplo los griegos y latinos, con sus oraciones rectas. Cesar porque las vsó obliquas, dixo que escriuia comentarios tan capaces por juizio de Cicerón y bien acabados y perfetos por todas las partes do la historia, que no les falta lugar que toque a ella, sino las oraciones para su amplificación.”<sup>339</sup>

Portanto, pelo particular concreto ensina-se a lição e fornece-se a doutrina. Por isso todos os autores consideram que o estilo difuso é processo superior de comunicação, e a sentença e as orações, rectas ou oblíquas, são recursos tão amplamente usados e valorados. Morcillo integra no exercício da fala o ensino do exercício do juízo, da sentença e da apresentação da lei<sup>340</sup>, tendo Moyne-Garcia contestado, cem anos mais tarde, aos que afirmavam ser a utilização da fala contra o sentido da verdade: “...se explica de vna manera tan decorosa, y con terminos tan

---

<sup>338</sup> Com regras teorizadas, em *Da Historia*, de Cabrera de Córdoba, Preceptos de Fuentes y Gúzman, ou *Arte de Historia*, dos jesuítas Moyne-Francisco Garcia.

<sup>339</sup> Cabrera, *Da Historia*, 2ª P, cap.10, pp.104-105.

<sup>340</sup> Cfr. toda a sequência 7.5 de *De Institutione*, pp.35-40.

verisimiles, (...). Es, pues, calumnia dezir que la verdad de la Historia es violada por la virisimilitud de las Arengas. (...) Si le quitan a la Historia la virisimilitud de la parte de las Arengas, será necesario tambien quitarsela de la parte de los juizios, reflexiones, Y congecturas, que le son partes tan essenciais a la Historia, que dexara de ser Historia, si le fueran quitadas.”<sup>341</sup>.

É esta quase total preocupação pela escrita, e seu estilo, no fazer da história, que sobressai, quer da leitura de *Genio de la Historia A* - tratado que pretende ser também resposta (de defesa) a uma polémica -, quer de *Genio de la Historia B*, sistematização da teoria geral, em que o cronista apresenta, desenvolvidamente e com melhor organização, as mesmas ideias sobre o valor da língua e idêntica argumentação, perfilando assim o núcleo da sua concepção historiográfica. Elaborados aparentemente com distintos objectivos, mas com idêntico título, formalmente divididos em três partes, escritos em castelhano, com sentido e estilo normativo<sup>342</sup>, tratam o mesmo tema: a escrita da História,

---

<sup>341</sup> Garcia, *Arte de Historia*, pp.184-185.

<sup>342</sup> Em *Genio A*, Jerónimo de S. José estabelece um duplo diálogo com o irmão - a quem oferece a obra, em resposta a um seu pedido - que assume assim a personagem de tu-extralinguístico; e de co-autoria, com Francisco de Santa Maria, seu Superior, que o encarregou de elaborar um discurso de resposta às críticas de que tinha sido alvo. Assim, na introdução a cada uma das partes, Jerónimo de S. José interpela-o, assinalando os aspectos que tratou e vai analisar, contextualizando-os face às críticas feitas à obra de Fr. Francisco. Desta forma envolve o autor e a obra na resposta, demonstrando a virtude e rectidão do autor e, por isso, também a perfeição e utilidade da sua obra:

"He discurrido (mi Padre Frai Francisco) segu(n) lo poco que yo alcanço, acerca de los puntos, que en su Historia de V. R. han advertido algunos. A lo que ellos reparan se ha respondido; lo que yo siento he significado: i universalmente, para remate de mi censura i todo este discurso, concluyo con verificar en este su tomo de V. R. un breve pero grande Elogio que Sixto Senense escribio de Santo Tomas con solas estas quatro palabras Scripsit.1. breviter.2. copiosè.3. clarè et securè. (...) se diçe i prueba es manifiesta: porque todo ella, o, es texto de la sagrada escritura, o, doctrina, de los Santos, o, tesoro de los mejores Eranios de la Historia; que todo esta lleno de Verdad i seguridad. **Escriba**, pues, V. R. muchos libros i tomos como el presente, sin temor de la Emulaçion, o, Envidia: que ambas daran mayor testimonio dela excelencia dellos, i seran pregoneras de tan ilustre Escritor" *Genio A*, pp.83-84.

Temos assim que a versão A é duplamente oferecida a um irmão de religião e de sangue (a seu sobrinho na B), por razões não de ambição ou vaidade, mas de modéstia e obediência (tópicos essenciais à boa *anima*).

Esta estrutura dialogal, se está latente no texto, mas só se manifestando na dedicatória, nas três introduções e no final da obra, cruza com um tom normativo.

Tal coexistência de níveis, mantendo na íntegra uma resposta que é uma resposta também a outro, e oferecê-la com introdução a um irmão (leigo), faz com que ele se apresente ainda como o legislador universal, cujos princípios devem ser aplicados por todos.

Sobre a existência de várias dedicatórias numa obra, preceito com algum uso no renascimento e barroco, ver por exemplo o tratado *Da Pictura*, de Alberti, e manuscrito Norte de Principes, atribuido a Alamos de Barrientos, e existente na Biblioteca Nacional de Madrid, Mss. 10.953, cit. por J. A. Fernández de Santamaria, " Estudio Preliminar", in *Aforismos al tacito Español*, vol. 1, Madrid, C.E.C, 1987, p.CXLVII.

assumindo-se Jerónimo de S. José<sup>343</sup> como censor-modelo dos historiadores<sup>344</sup>.

Sendo a finalidade do texto impresso ensinar a escrever história, e portanto a enunciação de princípios, e a do manuscrito a defesa de uma história da Ordem, este pôde ser incorporado naquele, além do mais, porque Jerónimo de S. José escolheu como processo argumentativo de ilibação a enunciação de regras. Considerada forma superior de refutação, não caindo nas armadilhas da casuística, muitas vezes sem

---

<sup>343</sup>Mesmo que afirme o contrário na dedicatória. O tópico obrigatório de falsa modéstia no exórdio necessita ser imediatamente negado, com a demonstração da capacidade e valor do autor, reforçando-se assim a sua competência e virtude, que no caso de Jerónimo reúne saber, arte, engenho, modéstia, obediência e voto. O voto confere-lhe superioridade sobre o irmão leigo, protegendo-o pela oração na vida temporal e para a eternidade, acabando a dedicatória com estas palavras: "(...)hallo en la peticion i mandato de V. M. que su voluntad i deseo se estiende a más; gustando, de que, en esta mi obediencia le sirva, no solo atendiendo a la Devocion de su Volu(n)t(a)d sino tambien a la Erudicion de su alto Ingenio. Bien conozco, (Señor) i se dexa ver, que en ninguna de ambas cosas podre yo satisfacer a tan gran deseo: pero mucho menos en la postrera, por ser tan ajena de mi Profesion i Caudal; quanto propia del Estado i Talento de V. m. cultivado siempre, desde sus primeros años i letras, en las mejores de toda grave i florida Erudicion.(...)I pues me obliga aquele sirva con mi ignorancia alla se avenga con su paciencia: que bien la avra menester, i todas los afectos i vínculos estrechisimos, con que V. M. me hace caridad para supirme el rato que se dignare de tomarle en las manos. En las de Dios pongo yo cada día (aun que indigno) su alma, vida, i salud de V. m. suplicandole se sirva de tenerle en ellas mui guardado, i amparado contra las tempestades i peligros deste siglo (...) llebe agoçar de si mismo en la eternidad", *Genio*, pp.1-2.

Este mesmo tópico apenas com o reforço da ideia de dependência, manifestada pelas virtudes de obediência e humildade já tinha sido usado por S. José na dedicatória da *Arte de Pregar*: Este mesmo tópico já tinha sido usado por S. José na dedicatória da *Arte de Pregar*: "Sola la obediencia pudiera excusar de temeraria y vana pretensión la de mi intento en este tratado, la cual es hacer un breve, claro y distinto modelo, para que uno, con mediano talento, pueda hacer una exhortación espiritual. Empresa mayor de lo que parece y tan ajena de mis fuerzas quanto propia de quien con sumo trabajo, feliz ingenio, larga experiencia y aventajado espíritu hubiera ejercitado el suyo en este ministerio. Yo, falto de todo eso, me habré de acoger al puerto de la obediencia, la cual, si en mí fuera tanta cuanta la humildad del que me la intimó, fácilmente esperara acertar, pues en fe de ella podemos quanto abalanzamos; y así lo aquí hubiere de cierto, se debe todo á aquella humildad y lo que de falta, á la de mi poca obediencia. (...) La obediencia religiosa da con el mandato la virtud para su ejecución" S. José, *Arte de Pregar*, op. cit., p.241.

Também as imagens usadas correspondem a lugares de memória comuns na época. É o caso do borrão único "La [pluma] de Vm. andara sobre el (si hace oficio de Hermano) ilustrandolo con borrones muchos, si ya no con solo uno, pero universal, como lo merece el papel ", *Genio A*, p.2 que Gracian vai transfigurar em *Oráculo*, retirado do clássico aragonês Marcial " No con muchos borrones enmendarse podrán mis versos, uno solo basta, por ser todos tan dignos de borrarse", e que S. José citará em *Genio B*, quando discorrer sobre os atributos necessários do censor, Cfr. *Genio B*, pp. 369-370.

<sup>344</sup>"Docto le quiero en primer lugar: porque seria ridicula i absurda censura la de un Ignorante: debiendo el Censor de una Obra ser, por lo menos, tan versado i docto en la materia della, como su Autor. I digo por lo menos: porque de buena razón, debiera serlo más: pues quien ha de advertirlo que al Artifice en su propia arte se le pasó por alto, i notar las imperfecciones, que se escondiero(n) a su mayor desvelo, mucho mayor desvelo i noticia, que el hade tener.", *Genio A*, p.13.

Auto-elogio. Eu digo porque tu , meu superior me pediste, digo de forma que é uma ordem e uma norma, sendo a minha autoridade reforçada pelo teu pedido, e valorizada pela minha obra, que evidencia a minha obediência.

O valor da obra é ainda reforçado pela oferta ao regente de Nápoles.

contestação plausível<sup>345</sup>, permite a integração da resposta no conjunto das normas historiográficas que vai estabelecendo. Assim, elaborando outra obra a partir dos princípios contestados pelo adversário, que não são explicitamente referidos<sup>346</sup>, está, usando ainda a argumentação por refutação, a descontextualizar os argumentos apresentados, seleccionando e isolando o Outro e o seu pensamento, e a reforçar o pensamento próprio, quer pela sua moderação, quer pela universalidade dos princípios que voltam a ser, ou são agora, enunciados. É o caso de *Genio A*, em que Jerónimo, estabelecendo as regras a que deve obedecer o fazer da história, revela como, na generalidade, todas elas são respeitadas por Fr. Francisco de Santa Maria, reforçando, através da figura de dicção *conciliatio*, a ideia de bem-fazer, com a inversão das críticas em elogios:<sup>347</sup>

Assim, a refutação do adversário é feita através de uma argumentação que simultaneamente o desqualifica, pela nomeação da sua incompetência, e revaloriza a competência do superior de S. José, acabando por funcionar ainda como forma de auto-elogio, pois Jerónimo assume-se como o juiz (ou censor<sup>348</sup>), com autoridade para julgar da qualidade das obras e seus autores, ao mesmo tempo que teoriza as qualidades requeridas ao censor (douto e recto, virtude que sintetiza os atributos de sabedoria, diligência, autoridade e nobreza), cabendo ainda

<sup>345</sup>Para não poder ser criticado por omitir os *particulares*, esclarece que de pormenores e pequenas críticas não tratará, desvalorizando assim (pelo recurso ao tópico da brevidade, que é dizer o adequado) a argúcia, as pertinências e os objectivos dos oponentes. Aliás, será com este mesmo tipo de argumentação que responderá ao censor que lhe envia 24 questões a propósito da sua obra *Vida de Juan de la Cruz*.

<sup>346</sup>Aliás, como é o caso de Luis Cabrera de Cordoba, em *Da Historia para entenderla y escribirla*, de que já se falou em *Junta de Libros*, a propósito da polémica gerada pelas relíquias de Granada e do falso *Cronicón* de Annio, que elogia como grande erudito e antiquário: "Por esto dicen algunos que los escritos de Beroso, Megástenes, y Maneton, y de otros autores antiquissimos, que fray Iuan de Viterbo, gran antiquario, declara con profunda erudición, los inuentó de si mismo, por mas que le acreditan Gueuara sobre Abacue y Leandro Alberto Boloñés en su descripción de Italia en el capitulo de la Etruria mediterranea de los Faliscos, diciendo que él leyó en la pública librería de la ciudad de Viteruo los autores dichos y que eran antiguos y autorizados y por no los auer visto le condena la malicia" *Da Historia*, p.61.

<sup>347</sup>Escriba, pues, V.R. muchos libros i tomos como el presente, sin temor de la Emulacion, o, Envidia: que ambas daran mayor testimonio dela excelencia dellos, i seran pregoneras de tan ilustre Escritor. "citação" *Genio A*, p.85.

<sup>348</sup>No parágrafo 7 e 8 da 1º P. de *Genio A* e repetido no capítulo III e IV da 3º P. de *Genio B*, discorre sobre as qualidades necessárias ao censor, sintetizando-as nos termos clássicos de virtude: Docto e recto, parafraseando, como era comum na época Horácio, na parte da *Arte Poética* em que defende a ideia de uma academia competente para julgar da qualidade das obras e critica o exagerado número de autores. Cfr. Horácio, *Arte Poética*, Lisboa, Inquérito, 1984, pp.112 e seguintes

Esta defesa da distinção, através de uma corporação competente - excluindo todos os que passaram a saber ler e podem ter acesso à leitura e escrita -, com reconhecida autoridade para julgar as obras, correspondendo à prática das academias de lerem as obras dos amigos, é uma ideia comum no Renascimento, tipificada no próprio emblema de Academia, Cfr. *Iconologia*, vol. 1., op. cit., pp.54-61.

ao historiador ser diligente, brando e dócil, isto é, sujeitar-se à emenda com humildade.

Legislador que define a lei universal, que se aplica à história religiosa (sintetizada em *Genio A* na dedicatória a Fr. Francisco de Santa Maria) e à profana (com expressão directa também em *Genio A*, na dedicatória ao irmão, regente de Nápoles, com que faz anteceder a primeira dedicatória, que mantém). E, já em forma de enunciação geral, aplicada a todos os tipos de histórias (cronológica, tópica, política, pragmática ou genealógica)<sup>349</sup> e respectivos temas (divina, profanas e eclesiásticas)<sup>350</sup>, em *Genio B*.

Estes tratados sobre o mesmo tema, com partes comuns e partes distintas, parecem pois idênticos e parecem diferentes. E, apesar de *Genio B* ser muito mais extenso que *Genio A*, e revelar maior elaboração, sugerindo os títulos dos capítulos tratamento mais desenvolvido de matérias, e mesmo defesa de perspectivas diferentes, a ideia final, resultado da leitura de um e de outro texto, é idêntica.

Ambas as obras integram a doutrina sobre a escrita da história nas quatro causas, mas em *Genio A* o autor fá-lo ainda de forma breve e pouco sistematizada. Na primeira parte do tratado começa por apresentar as qualidades necessárias à causa eficiente (seq.1e 2, 8 e 9) para atingir a verdade (alma da história, seq.3), que integra narração (causa formal, seq.4) e matéria (seq.5), surgindo o valor do documento pela voz de reconhecidas autoridades em que o historiador necessita confiar, (seq. 6 e 7) e não por processo de investigação do historiador, que deve ter o atributo de ouvir as censuras doutas (seq.7). Da sequência 10 à 15 caracteriza os aspectos relacionados com a disposição, valorizando o exercício da fala (seq.10 e 15) e a elocução, terminando com o reconhecimento da dificuldade, mas necessidade, da sua lição, para o melhor governo da república.

Apresenta assim, na primeira parte da obra, a síntese do seu modo de fazer história, sendo por isso a mais extensa do tratado (ver não apenas o gráfico nºVIII, com o número de capítulos, como os gráficos apresentados em apêndice final com a representação do conjunto de frases por parte). Esta síntese continua a ocupar o centro do seu pensamento, pois quando ela passa a corresponder à terceira parte de *Genio B* permanece a mais extensa, o que parece confirmar ser a primeira parte de *Genio B* um acrescento, com finalidade sobretudo de carácter formal. Aliás, é na passagem da primeira para a segunda partes que faz a síntese-resumo (*peroratio*) em *Genio A*, especificando na 2ª e

---

<sup>349</sup>*Genio B*, 1ªP, cap.5, p.265.

<sup>350</sup>*Genio B*, 1ªP, cap.10, p.412 e seguintes.

3ª como a lição é conseguida, quer em termos de escrita do texto (a utilidade da história obtem-se pela força e empenho do que se narra, correspondendo à 2ª parte do tratado), quer da sua utilidade social, pela capacidade de intervenção das histórias na criação de memórias, sendo fundamental a controvérsia como meio de comunicação de conhecimentos (de defesa ou de combate - 3ª parte). A construção da verdade e a sua utilidade advêm da forma como se narra e dos seus resultados, o que de facto exige pouco aos documentos (omissos) e muito ao historiador.

Em *Genio B*, estas mesmas ideias vão ser explanadas ao longo de toda a obra, mas integradas numa muito mais ampla concepção: as teorias sobre o estilo aparecerão autonomizadas numa segunda parte do tratado, ligadas aos aspectos da elocução, dando assim a ilusão de que desenvolve os temas referentes ao corpo da história, quando na prática os conceitos mal surgem enunciados; finalmente são referidas as qualidades necessárias ao historiador, tendo a terceira parte de *Genio A*, sobre a necessidade de responder a controvérsias, sido aglutinada num único capítulo, integrado na doutrina sobre os atributos do historiador. E faz em *Genio B* o resumo-pausa, da segunda para a terceira parte, neste caso não de síntese doutrinal, mas de leve suspensão, quer pela extensão das duas partes anteriores, quer porque tornaria a repetir no final do tratado as ideias já expostas na parte primeira, agora sob títulos de capítulos referentes ao historiador.

Se *Genio B* parece mais completo em termos de doutrina historiográfica, torna-se difícil concretizar essa impressão. Por um lado encontram-se frases idênticas e capítulos muito parecidos, mas em sequências textuais diferentes. E as citações de autores, que no texto manuscrito estavam incorporadas no discurso, mas quase sempre com a citação latina, ou a referência ao autor e obra na margem lateral - como se pode ver na transcrição do texto em apêndice -, foram eliminadas, surgindo assim a narrativa como um contínuo argumentativo, muito mais sistematizado, da autoria de Jerónimo de San José. Por outro, a apresentação formal de *Genio A*, dividido em três partes, sem títulos explícitos (no início de cada introdução o autor refere o que vai tratar), nem divisão em capítulos, em que cada sequência surge diferenciada apenas por numeração de parágrafo, dá lugar em *Genio B* a uma idêntica



divisão tripartida da obra, mas com títulos de parte<sup>351</sup> e de capítulo, e com a indicação de sub-capítulos, ou parágrafos, em nota lateral como já se disse. *Genio B* tem ainda prólogo e introdução a cada parte, concretizando desta forma o cronista a regra que defende no tratado (capítulo 1 da 2ª Parte de *Genio B*, correspondente à faculdade de pronúncia retórica - grupo 3.5 nos gráficos nº43 e VIII, com a representação percentual das partes de obra) de que a obra impressa deve obedecer a um método de clareza que facilite a compreensão do texto<sup>352</sup>. A explicitação da necessidade de criação de uma nova forma para um texto que se torne obra impressa - aliás tal como Cabrera já preconizara (e Fuentes Gúzman defenderá) também no capítulo final do seu tratado<sup>353</sup>, correspondendo este capítulo em ambos os autores a 3,5% de palavras do total de cada obra - mostra a importância que era dada à escrita impressa como veículo de conhecimento e a capacidade de adaptação das regras e da funcionalidade da pronúncia à nova ordem do *ver*, ficando o texto previamente mais definido pelo autor, que já não tem na oralidade a forma expressiva de *lhe dar* o sentido próprio. As regras de divisão do texto (capítulos, subcapítulos, títulos, etc), consideradas neste estudo com uma funcionalidade equivalente à da pronúncia na oratória clássica,<sup>354</sup> vão permitir não apenas clarificar o tema, mas persuadir de sentidos não explicitados no texto.

---

<sup>351</sup>Na primeira parte trata " De la importancia, dignidad y naturaleza de la historia", na segunda do "Método, estilo, igualdad y brevedad de la historia", e na terceira "de algunos más principales requisitos del historiador".

<sup>352</sup>"hecha comprensión de la materia, se forme la idea de toda la obra, dispuesta en método y orden conveniente. Si fuere muy copiosa y grande, habiendo primero hecho una anticipada recapitulación de toda ella, se divida en tomos, los tomos en libros, los libros en capítulos, los capítulos en párrafos con sus números. Esta división la haga el orden y conveniencia misma de la materia que se trata, según la mayor o menor mudanza y diferencia de los estados y sucesos de las cosas. Aiiádanse a los tomos sus prólogos, procurando que el del primero sea también el general de toda la obra, y los demás particulares, [(...)aquele más dilatado, y éste más breve, en correspondencia del cuerpo de quien es cabeza]; cada uno respecto de la materia de su tomo- y a los libros se les dé a cada uno su proemio breve y ceñido; a los capítulos sus títulos con precisa brevedad cuales deben ser también los sumarios de cada párrafo a la margen. La corriente e hilo de la principal y general narración se pueden interrumpir y cortar con particulares y diversas narraciones, digresiones y descripción. (...) que si esto se acierta a hacer con gracia y destreza, entretiene, deleita y aviva el apetito del que entra a leer, poniéndole deseo de ver ya por extenso y en particular lo que allí se le significa sumariamente y con rebozo", *Genio B*, pp.291-292.

<sup>353</sup>Cfr. cap 29 e 30 da segunda parte de *Da Historia*, de Luis Cabrera de Cordoba.

<sup>354</sup>O efeito perlocutório da linguagem era conseguido pelas técnicas da comunicação: "Es tan necesaria esta parte para el buen decir, que preguntado Demóstenes cuál era la principal de la retórica, dijo que ésta tenía el primeiro, segundo y tercero lugar, porque hay en ella tanta eficacia, que una misma oración ó sermón en boca de uno parece excelente y en boca de otro no vale nada, lo cual nace de la excelencia de la pronunciación; y otros en cambio escriben mejor que dicen, porque les falta la eficacia del pronunciar. Divídese en dos partes: en voz y en acción, porque al oyente sólo le mueve el orador por estos dos sentidos de ver y oír; al ver acude con la acción y á oír con la voz. Mayor viveza y energia hay aún en la acción que en la voz, porque con sola una acción se puede significar más y mover más que con muchas palabras.(...) Acciones mudas, cuando sin acabar el período, en lugar de alguna palabra que significa alguna cosa muy notable y grande, ora sea buena, ora sea mala, tienen

Como se pode observar, comparando *Genio A* e *B* transcritos em anexo, os títulos dos capítulos e dos subcapítulos, em *Genio B*, sugerem a defesa de moderação no uso do estilo sublime no discurso histórico, o que não corresponde ao preconizado ao longo da obra; ou indicam temas não desenvolvidos, ou apenas brevemente referenciados num parágrafo; ou, ainda, são tratados com doutrina tão genérica que poderia ser aplicada a qualquer outro género narrativo que não a história. Mas, ao atribuir estes títulos, faz com que a obra seja considerada como um tratado *ortodoxo* sobre o fazer histórico, com a doutrina e ideias vigentes acerca do assunto e abarcando os temas, as definições, e os aspectos já comumente aceites para este saber - para além de estar a ensinar como fundar a história e legitimar o seu saber e respectivo reconhecimento e valor. Mostrando o óbvio conseguiria que a obra tivesse divulgação, não sendo contestadas as suas doutrinas. Assim se transmitia a sua mensagem, que era inconscientemente assimilada pelos leitores e futuros autores de histórias.

Esta nova organização de sentido, provocada pela mudança de suporte material (que significa também mais autoria incorporada no texto, pois o autor ao pré-definir o sentido está a dar-lhe o *seu* sentido, que passa a ser diferente e mais específico do que o do texto contínuo, organizado em função da sequência de citações), é ainda reforçada pela supressão das citações latinas usadas na obra, cujo pensamento explícito, através da tradução, foi introduzido no texto, em ligação com o pensamento do Autor. Com efeito, todas as notas laterais desapareceram na versão de 1651, havendo apenas, por vezes, alusão ao autor. A causa da eliminação da referência latina talvez esteja no facto de o latim transcrito ser muito deturpado, com omissões e erros gramaticais, obviamente citado não pelos originais, mas de memória, e pelos catarpácios usados durante os anos de aprendizagem, confirmando a deficiente e limitada formação clássica dos espanhóis, quase reduzida aos autores latinos, com exclusão de Aristóteles, que aliás é pouco citado. *Genio B* apresenta-se pois como texto de sentido orientado e único, homogéneo na página, construído e atribuído a um só autor, já entendido como de autoria moderna, mas de facto sendo uma compilação de referências e citações não explicadas.

Concluindo, não sendo claro, nem o processo de construção argumentativa de *Genio B*, nem a forma como a versão manuscrita tinha originado a impressa, não se conseguindo ter uma opinião fundamentada sobre os sentidos globais de cada obra, que pareciam os mesmos, mas em

---

grande gracia, pero requieren mucho arte, porque con ellas significamos lo que se dijera con muchas palabras." S. José, *Arte de Pregar*, op. cit., pp.483-485.

que *Genio B* se revelava muito mais exemplificado e elaborado, resolveu-se fazer um estudo cotejado dos dois discursos

Assim, antes de apresentar os resultados, visualizados no gráfico anexo nº63, indica-se brevemente a forma como os dois textos de *Genio de la Historia* foram cotejados e a metodologia seguida, processo sistematizado na representação da base de dados anexa.

O exercício de paciência que foi necessário realizar, todo ele executado por meios não automáticos, pretende mostrar, por um lado, a viabilidade do processo, pelo recurso à inteligência artificial, e por outro aferir, através dos resultados obtidos, das possibilidades da técnica de análise enunciada.

A versão manuscrita de *Genio A*, transcrita informaticamente em sistema de hipertexto, foi transposta para ficheiro de base de dados (Acess), em duas versões, uma sem notas (usada na construção dos gráficos) e outra completa. Nesta, foram assinaladas no texto, como citação, as transcrições de excertos de obras de outros autores que Jerónimo de San José integrou ao longo do seu discurso e refere transcrevendo<sup>355</sup> (Ver gráfico nº64).

A versão impressa, *Genio B*, introduzida por scanner, utilizou como *software* de reconhecimento de caracteres Omnipage, 2.11 tendo sido muito elevada a percentagem de erros na leitura (da ordem de 35%, pelas razões referidas, em anexo, acrescidas do facto de se tratar de fotocópias de micro-filme, em que a resolução destas é inferior à do *software*)<sup>356</sup>.

O sistema de codificação a que se recorreu foi adaptado do SGML: assenta em marcas introduzidas como que numa sobreestrutura do texto, que, dando-lhe a versatilidade de base de dados, não o altera, nem semântica, nem formalmente. O início do que se pretende delimitar é estabelecido com o signo < >, introduzindo-se dentro dele a sigla referente ao que se pretende assinalar, terminando o código com o signo, </ >.

Todos os códigos referentes a *Genio A* são antecidos da informação da parte e da sequência a que dizem respeito, separada por vírgula <01,08>, enquanto em relação a *Genio B* se anota a letra B, correspondendo à versão impressa, a parte, o capítulo e o subcapítulo ou parágrafo, por serem esses os elementos com que Jerónimo de San José caracterizou ambos textos. Mantendo-se pois a estrutura formal do

---

<sup>355</sup> Ignoraram-se as citações que utiliza sem explicitar o texto ou nomear o autor. As formas como as citações de *Genio A* foram introduzidas em *Genio B* visualiza-se no quadro nº1, entre páginas. Indicando o quadro nº2 os autores apenas nomeados em *Genio A*.

<sup>356</sup> A sua correcção, obviamente morosa, não foi completa, tendo-se detectado na fase final do trabalho ainda algumas palavras com deturpações ortográficas - ver apêndice final.









autor, codificaram-se em seguida as partes <P>, os capítulos <Cap>, as sequências <Seq>, os subcapítulos <Art>, os versos <V>, o texto latino <Lat>, os títulos de parte <TP> e de capítulo <TCap>, as páginas <PP> e as notas <N>. Posteriormente individualizaram-se as frases, que foram marcadas com o signo <F>, as citações <Cit> as referências a outros autores <AUT>. e os parágrafos<sup>357</sup> <Par> de toda a obra, tendo sido com base nesta marcação que se efectuaram os gráficos anexos, referentes ao número de palavras por frase<sup>358</sup> e por capítulo.

Só após a sua delimitação lógica, semântica e sintáctica se iniciou o processo de comparação de *Genio A* com *B*, com a respectiva identificação de blocos iguais <A=B> ou <B=A> (representados graficamente através da cor amarela), semelhantes (entre 95% e 40%) <A:B> ou <B:A> (as frases semelhantes foram representadas com deferenciação de palavras iguais e diferentes, visualizada através da cor azul, no caso das palavras iguais, e castanha, no das diferentes). Finalmente codificaram-se como blocos exclusivos <Ex> (representadas nos gráficos de *Genio B* a cor de rosa) as frases diferentes e como novos <Nv>, sequências apenas existentes num dos textos.

Tratando-se do cotejo entre um texto manuscrito e outro impresso, apesar de ambas as versões serem seiscentistas, não existe igualdade ortográfica entre eles, pelo que se estabeleceu uma lista de palavras idênticas mas graficamente distintas<sup>359</sup> (transcrita em apêndice). A sua feitura (que foi organizada por processo manual e não é exaustiva, tendo-se apenas estabelecido equivalência entre as 1000 palavras mais usadas) tornou-se imprescindível, pois, sem um sistema de equivalência gráfica, grande parte dos blocos semelhantes e iguais eram considerados diferentes, provocando erro na validação percentual de palavras iguais entre os referidos blocos. No entanto as contagens são largamente por

---

<sup>357</sup> O parágrafo é entendido como elemento de grande relevância semântica pelas actuais escolas pragmáticas, por corresponder no discurso escrito à entoação longa da forma oral.

Cfr. Francisco Chico Rico, *Pragmática*, op. cit., p.91.

Esta a razão porque inicialmente também se dividiram os textos em sequências de parágrafo. No entanto, posteriormente ignorou-se essa classificação, por se ter considerado que, estando ainda o impresso numa fase inicial de constituição, o parágrafo (muito pouco usado nos textos manuscritos em análise) estabelecido pelo tipógrafo, ainda não obedecia a um critério semântico padronizado, tal como os outros sistemas de pontuação actualmente bem definidos.

<sup>358</sup> Idêntica marcação foi feita para *Da Historia*, de Cabrera, *De Institutione*, de Fox Morcillo e *Sigalion*, de Pulgar, não se tendo no caso desta obra, devido à complexidade da sua estrutura, obtido resultados, como se explicará no respectivo capítulo.

<sup>359</sup> Várias palavras contraídas, ou aglutinadas no texto A foram separadas na versão impressa, tendo-se nesses casos contabilizado a expressão do texto B como apenas 1 palavra. Esta é a razão pela qual existem algumas diferenças entre as contagens das palavras nos blocos, sem nenhum sistema de correcção, e as dos blocos apresentadas nas tabelas, a partir das quais foram construídos os gráficos.



defeito, pois muitos morfemas idênticos surgem ainda contabilizados de forma diferente, bastando para isso a mudança de um acento.

Como a marcação de blocos foi feita por processo de comparação manual e não calculada automaticamente, fez-se depois a sua validação, e corrigidos os códigos que não se ajustavam aos valores revelados pelo cálculo das palavras de cada bloco.

Em apêndice final apresentam-se os totais de palavras por texto e por sequência, em relação ao texto A; e por capítulo e subcapítulo, no caso de *Genio B*, com a indicação do número de blocos por cada tipo de codificação (igual, parecida, diferente, nova) em cada sequência. Apresenta-se igualmente a tabela com os resultados globais referentes a cada tipo de bloco por sequência, quer na relação do texto A com o B, quer do B com o A - tabela a partir da qual se elaboraram os gráficos que a seguir se anexam. Cada tabela indica as palavras comuns aos dois textos, as palavras que um texto não identificou no outro (por isso os resultados de palavras diferentes não são iguais nas tabelas de comparação de A com B e de B com A), e a percentagem de texto idêntico no conjunto das duas sequências.

Em apêndice à tabela é apresentada, quer a transcrição completa (inclui as notas em latim) de *Genio A*, quer a forma como ele foi desenvolvido em *Genio B*, quer os blocos discursivos que permitiram a constituição da tabela e a posterior análise das obras. Esta comparação possibilita uma rápida e integral visualização do desenvolvimento que os temas sofreram em *Genio B*, verificando-se assim como este segundo texto pode ser visto também como um exercício de composição, *ergasia*, segundo Aftónio e Hermógenes ou *expolitio*, segundo Cícero<sup>360</sup>, formas que consistem em pulir um pensamento pela expressão e pela adição de argumentos secundários à ideia principal. Aliás a observação sequencial destes blocos permite ainda verificar que o sintagma nominal é comum em muitas das frases de *Genio A* e *Genio B*; e que dentro de cada capítulo e bloco são mais desenvolvidas as frases intermédias, mantendo-se praticamente constantes as iniciais e as finais, o que confirma a convicção de que se trata do mesmo tema e da mesma ideia principal, com desenvolvimentos distintos - ver gráfico anexo com a representação da sequência das frases de *Genio A* por sequência e parte, e da forma como posteriormente o tema correspondente a cada sequência foi desenvolvida em *Genio B*. Por isso, da leitura das obras, tanto resulta a impressão de que se diz o mesmo, como de que se dizem coisas distintas e mais elaboradas.

---

<sup>360</sup>Cícero, op. cit., *Ad Herenium*, p.60



Fig. 63 - Análise comparativa da versão manuscrita de *Genio de la Historia* (A) com a versão impressa (B), segundo a ordem sequencial de capítulos<sup>1</sup>.

Nos gráficos seguintes (nº63, 64, 65), tendo-se mantido a organização sequencial de *Genio A*, observa-se como ela dá origem a *Genio B*, e como idênticas matérias foram desenvolvidas na obra impressa.

O gráfico presente, tendo ainda como unidade o capítulo, coteja a organização e a estrutura de *Genio A* com as de *Genio B*.

Verifica-se que quase todo o texto primitivo foi introduzido, mas com grande desenvolvimento. Esta manutenção da estrutura original, por um lado, e do seu alargamento, é possível por *Genio A* ser um texto com uma forma de argumentação de tipo “tese”, como se disse, o que permite elaborar *Genio B* como um texto de tese exemplificada, em que concretiza as ideias em factos pessoais e exemplos, expraiando assim o enredo através de lugares de argumentação pre-definidos.

Com excepção da primeira parte sobre a natureza da História, quase toda redigida de novo, mesmo os capítulos que em *Genio B* surgem representados graficamente como novos são desenvolvimentos de ideias já expressas em *Genio A* - por exemplo, a brevidade como característica necessária a uma obra, já referida em *Genio A* (sequência 11) dará origem ao capítulo 2.08; sobre a necessidade de o historiador ser brando e dócil, mas firme, que corresponde à doutrina do cap. 6 da terceira parte; ou ainda as sequências que servem de conclusão à primeira parte (seq. 16 e 17 de *Genio A*), sobre a autoridade do historiador, dificuldade da escrita e sua importância no governo das repúblicas, em que idênticos temas serão tratados também nos dois capítulos finais de *Genio B*.

Duas grandes verificações ainda, que serão analisadas no corpo do trabalho:

1. A terceira parte, correspondendo à defesa da controvérsia, é aglutinada num só capítulo, numa tendência contrária à lógica de *Genio B*, que é como se disse a da explanação e difusão, dando assim origem a um dos maiores capítulos da obra (conjuntamente com o respeitante à defesa do estilo sublime na história, revelando os dois grandes objectivos

---

<sup>1</sup> A área do gráfico que representa cada capítulo é proporcional ao seu número de palavras.

do livro). Portanto, concisamente, diz o essencial, não parecendo explicar demasiado um tema que surgiria como secundário num tratado de história, preferindo desenvolver doutrina referente às razões morais que exigem do historiador, quer a defesa do ultrajado, quer o silêncio sobre o não conveniente.

2. As falas, o único exercício narrativo referido em *Genio A*, e aliás incluído nas sequências referentes ao estilo e formas de expressão, surge em *Genio B* integrado na disposição, conjuntamente com o relato, descrições e digressões. No entanto estes exercícios não surgem na sequência referente ao "Método...", mas na primeira parte, "en que trata de la importancia, dignidad y naturaleza de la historia", evidenciando como a narração é a natureza da história (1,05), que é assim definida (1,06).

Como já se observou nos gráficos apresentados no primeiro capítulo, a introdução da primeira parte em *Genio B*, não apenas funda na arte retórica a escrita da história, através da referência à definição do tema e da disposição (embora muito reduzida), que passa a anteceder a elocução, como baseia esse saber no sistema causal aristotélico.

Percorrer as tabelas da marcação sequencial em *Genio A* e *B* com informação sobre as características do tipo de bloco (igual, semelhante, diferente e novo), do número de palavras iguais e diferentes por bloco, percentagem de igualdade, totalidade de palavras por bloco<sup>361</sup>, com a respectiva indicação da equivalência encontrada no texto comparado, e do bloco em que se integra a comparação, permite entender o processo de construção de *Genio B*, evidenciando-se assim a fragmentação do manuscrito<sup>362</sup> - as tabelas possibilitam ainda verificar inúmeros pequenos excertos de *Genio A* que são repartidos por diversos capítulos da 2ª e 3ª partes do texto *B*, e que, por serem pequenas frases, não são detectáveis nas representações gráficas.

O gráfico nº63 visualiza, de forma simplificada - por se terem apenas assinalado as grandes relações entre blocos idênticos, iguais, exclusivos e novos por capítulo - a forma como *Genio A* foi desenvolvido e integrado em *Genio B*. Mantiveram-se todas as divisões estabelecidas por S. José, com a respectiva transcrição dos nomes dos capítulos, de modo a reproduzir graficamente o sentido que os textos pretendiam provocar. Uma primeira verificação é a de que o texto *A* foi quase integralmente introduzido em *B*, mas em lógicas sequenciais e temáticas por vezes bastante diferentes, pois apenas, como se disse, a segunda parte das obras, correspondente ao estilo e método da história, se manteve coincidente.

Comparando o gráfico nº63 com o gráfico nº 65 que inclui a indicação dos títulos dados às sequências de *Genio A*, verifica-se que o analisado na primeira parte de *Genio A* corresponde a uma apresentação sintética sobre o âmbito da história e o método de a escrever<sup>363</sup> não se referindo apenas aos atributos do historiador, como na versão de *Genio B* parece querer dar a entender, ao passar toda a primeira, até ao capítulo

---

<sup>361</sup>Pelo que atrás se referiu o número total de palavras por bloco nem sempre coincide com o somatório de palavras iguais e diferentes, pois o cálculo foi feito tendo em conta as equivalências criadas com a lista de sinónimos.

<sup>362</sup>Refere-se a primeira versão conhecida porque Argensola, em carta ao autor, aprecia um prólogo sobre o modo de fazer história, comentando-se em informação lateral ter Geronimo de S. José ampliado esse prólogo, tornando-o epístola.

Por outro lado ainda, Ramón Menéndez Pidal, em estudo inédito recentemente impresso, afirma haver coincidência de frases de *Genio de La Historia* (versão de 1651) e da obra de Antonio Perez, *Relaciones*, Ginebra, 1644, p.874

Cfr. "La lengua castellana en el siglo XVII", in *El siglo del Quijote (1580-1680)*, vol. 2, op. cit., p.181

<sup>363</sup>Como se disse, S. José estabelece fundamentação da história na causa final e eficiente (sequências 17, 1 e 2), definição de história (3), com a especificação do género (4) e espécie (5,6) formas de elaboração, disposição e estilo (10-15), com a respectiva especificação da função desse saber - calar o conveniente (9), quer em termos de utilidade moral individual, quer como lição para a res-publica (17), que exige a demonstração da qualidade e dos necessários atributos do historiador (2,3,7,8,16).

10, para a terceira parte, atribuindo-lhe no entanto títulos de sentidos distintos integrados na matéria sobre "De algunos más principales requisitos del historiador". A razão desta mudança, com a introdução de toda a primeira parte de novo texto, que trata "De la importancia, dignidad y naturaleza de la historia", no fundo o mesmo tema analisado na 1ª P. de *Genio A*, parece dever-se ao facto de, por um lado, o "habitus" cultural coevo legitimador da disciplina exigir que uma obra publicada surgisse enquadrada na causa final e eficiente, com o reconhecimento da dignidade e utilidade desse mesmo saber (cap.1,2-4 de *Genio B*) e a apresentação de Modelos (cap-3,10 *Genio B*); e por outro, o cronista não ter suficiente matéria específica de história para desenvolver. Se tivesse apenas alargado a primeira parte, integrando, como Cabrera, Garcia ou Morcillo, numa unidade história e historiador, teria ficado sem temas sobre o âmbito da história, com excepção do estilo. Assim, dividindo o tratado entre definição de história (causa final e formal), método e estilo (material), historiador e modelos (causa eficiente), está a estruturá-la segundo o sistema das quatro causas, como já se referiu no capítulo anterior, dando maior legitimação e dignidade ao saber que apresenta. Resulta ainda um sentido mais abrangente, que parece integrar todos os aspectos da disciplina, porque, apesar de referir os mesmos temas, dá-lhes, como se disse, diferentes títulos, reforçando a ideia de diversidade com os subtítulos laterais com que vai orientando a leitura, e que sintetizam quase sempre as ideias expostas sobre os assuntos. Surge assim, tal como preconiza no 1º capítulo da 2ª P, um tratado com corpo, com desenvolvimento difuso, abarcando os aspectos mais característicos da história. Apresentando uma teoria geral, comum e desenvolvida, sobre a disciplina e o seu fazer, conseguia comunicar mais facilmente a sua ideia e torná-la assimilada, defendendo na prática para a história algo que não lhe exigia, em termos de saber, nenhum requisito particular. Mas esta construção de discurso implica transmitir uma ideia de autoridade e de poder da disciplina, que se concretiza, por exemplo, nos autores de histórias e nos tratados que refere em a "eleccion de autores de historia para lerla y escribirla". No entanto, nem eles, nem o seu pensamento historiográfico, são mencionados ou integrados ao longo do seu tratado como se pode ver comparando os autores nomeados neste capítulo com os referidos nas outras partes - ver gráfico e lista de autores referidos em anexo. Mas, se nomeasse apenas os historiadores eclesiásticos e oradores a que recorre, não os referindo por isso em *Genio B* - não lhe era reconhecida autoridade como historiador. Se o modelo é indicador da conduta e não apenas do conhecimento, devendo prestigiar o autor, pois a sua referência, tal como a dedicatória, significa ainda a

integração do *eu*, com o seu saber e valores, no *nós* - e por isso Morcillo e Pulgar omitem qualquer nomeação, não deixando de explicitar a razão de tal omissão - as referências a outros historiadores de história laica em *Genio B*<sup>364</sup> devem ser entendidas como forma de lhes ser reconhecida autoridade. (Saliente-se, que, os nomeia quase exclusivamente no exórdio, como se pode comprovar através da lista de autores nomeados pelos tratadistas, apresentada em apêndice final).

E esta é, repita-se a primeira conclusão sobre as características dos tratados: parecem diferentes, mas correspondem aos mesmos temas, apenas melhor elaborados e desenvolvidos em B do que em A - aliás mesmo as sequências que surgem como exclusivas em A ou B<sup>365</sup> correspondem a ideias comuns, apenas expressas por frases diferentes. Observando através dos gráficos nº 64,65,66,67,68 e XII, apresentado fora de texto, com maior pormenor, a estrutura e organização de *Genio A* e *Genio B*, vê-se, capítulo a capítulo, e subcapítulo a subcapítulo, como o cronista alterou e aumentou o texto numa lógica de exemplificação ou de comentário desenvolvido à tese, ainda segundo o esquema de autoria tradicional, verificando-se que as grandes aparentes mudanças de sentido significam apenas dizer o mesmo, mas de forma mais subtil, mais bem caracterizada ou fundamentada - ver o cotejo dos textos em apêndice. As duas maiores diferenças dizem respeito ao enquadramento do estilo numa parte sobre o método, de que já se falou; e da introdução da doutrina acerca da defesa da polémica e da necessidade de controvérsias, no final do tratado, num único capítulo denominado "Pertenece a la entereza del historiador la libertad de la defensa en materias graves". Apenas acrescentando um parágrafo ao escrito em toda a terceira parte de *Genio A* - exactamente onde explicita as motivações que o levaram a escrever esta obra<sup>366</sup> - faz anteceder este oitavo capítulo de "Ha de juntar lo util con lo dulce" e "Entereza y rectitud del historiador". E ao anteceder-lo de um capítulo a que chama "da inteireza do historiador e *rectidão*", termo com grande carga clássica herdado pelo cristianismo, está a predispor o leitor a aceitar a sua doutrina como dever de um cristão, surgindo a argumentação sobre a defesa das controvérsias,

---

<sup>364</sup>Possivelmente conhecidos quando foi a Nápoles, altura em que escrevia a segunda versão, pois não faz qualquer alusão em nenhum dos seus outros manuscritos com excepção de Viperano, cronista ao serviço de Filipe II a esses historiadores, nem tenta evidenciar, erudição histórica através da sua nomeação, sobretudo na correspondência com Argensola.

<sup>365</sup>Caso da importância e dificuldade da escrita da história, cap. 16 da 1ªP., de *Génio A*, que corresponde à ideia defendida no capítulo 9 da 3ªP. de *Genio B*; ou da história como lição, cap.17 da 1ªP. de *Genio A*, que corresponde ao cap. 10 da 3ªP. de *Genio B*; ou ainda o cap 8 da 2ªP., Disposição e igualdade, de *Genio B*, correspondente ao cap.11 da 1ªP de *Genio A*.

<sup>366</sup>Parágrafo 3 " En causas particulares propias o ajenas, cómo se ha de disponer la defensa", do cap. 8 da 3ªP., *Genio B*, p.398.

assente na justa ira, do íntimo da narrativa, e como continuidade conclusiva da acção, pois no final da abordagem do tema apresenta a conclusão do tratado.

O gráfico nº65 representa *Genio A*, e o nº66 tendo ainda como referente a estrutura da obra manuscrita, compara a forma como aquelas sequências foram desenvolvidas em *Genio B* (comparam-se os temas de *Genio A* com os mesmos temas tratados em *B*, observando-se assim não apenas como aquelas temáticas foram desenvolvidas no texto impresso em 1651 mas como os assuntos surgem, muitas vezes com títulos diferentes).

Finalmente o gráfico nº 68, com a indicação das igualdades, semelhanças e diferenças de *Genio B* em relação a *Genio A*, segundo a ordem sequencial de capítulos, e o nºXII, fora de texto (este com a informação discriminada por subcapítulos) permitem verificar com muita nitidez como o texto *A* foi esquartejado e diluído no *B* e como se pretende apresentar-lhe um novo sentido. Nestes gráficos (nº68 e XII) as frases semelhantes são já apresentadas com a distinção entre o conjunto de palavras iguais(azul) e diferentes(castanho), podendo-se portanto observar a especificidade das variações face a *Genio A* nos diferentes capítulos - refira-se no entanto que este registo de semelhanças também é por defeito, pois qualquer anomalia, inclusivé de pontuação, é considerada como diferença.

É possível uma tão grande fragmentação do texto, com a passagem de partes de frases para outras sequências, de aumento de membro e introdução de incisos na frase, porque, por um lado o autor consegue um grande aperfeiçoamento no domínio das regras de expressão e da sua escrita, e por outro essas frases correspondem a um agregado de citações, a tópicos genéricos, lugares de enunciação, ditos e sentenças, argumentação comum passível de ser adaptada a variadas matérias<sup>367</sup> - que no texto *B* surge mais adaptada à especificidade da matéria, porque integrada ou ligada a exemplos relacionados com o momento presente e à experiência concreta de S. José <sup>368</sup>. Aliás o exemplo funciona tanto como milapseses, em que a partir da apresentação de um caso retira conclusão pela universalidade, como actua como forma de amplificação, através da valorização, no presente, de uma situação também exemplificada na antiguidade, havendo assim uma continuidade que o

---

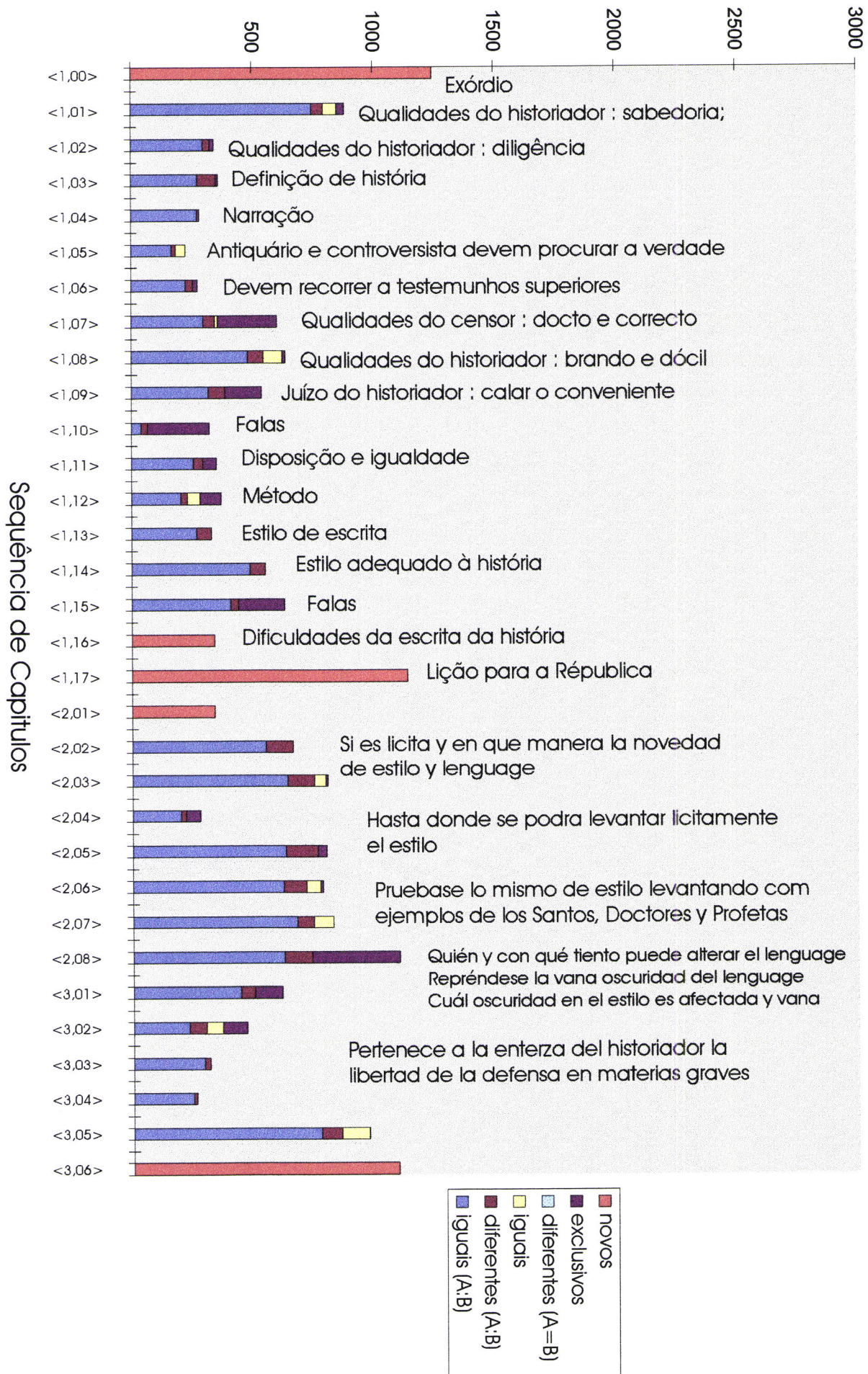
<sup>367</sup>Os capítulos 2, 3, 7 e 8 correspondem quase integralmente a uma paráfrase de *Arte Poética*.

Cfr. tradução de Rosado Fernandes, Lisboa, Inquerito, 1984, pp.51-67.

<sup>368</sup>Em *Génio B* o autor já se considera autoridade moderna, nomeando-se inúmeras vezes entre os coevos: "Conoci en Salamanca(...) Curiel y Cespedes", *Genio B*, p.352.



# Nº de palavras



Genio A, de S. José

Fig. 65 - Representação de *Genio de la Historia A*, de Jerónimo de S. José, segundo a ordem sequencial de capítulos.

*Genio A* é um pequeno texto que, sendo a defesa de uma história, se apresenta simultaneamente como um tratado sobre a sua escrita. O valor e a verdade da obra que defende, e da história que preconiza, prova-se pela qualidade do autor, e dos testemunhos (cap.1 a 9), e pela sua utilidade (cap.17), que a torna assim necessária (toda a terceira parte). Esta argumentação vai provando ainda a não-justeza e por isso não-necessidade, da do adversário - argumentação reforçada pelos capítulos que envolvem as ideias nucleares do texto, em que, pela enunciação das características da obra conveniente e convincente, elogia o amigo, e refuta a má elaboração da do adversário.

História reduz-se à conveniência da escolha do argumento e do estilo, sendo bom uso de linguagem, mais do que narração. E é-o de tal forma, que estando a obra dividida em três partes, tratando a primeira dos requisitos do historiador, a segunda do estilo e a terceira da participação em controvérsias, não se distingue separação da segunda para a terceira-revelando assim a sua concepção de que controvérsia lícita é uso de eloquência com autoridade.

O manuscrito surge dividido em três partes, sendo a diferenciação de sequências apenas indicada por numeração (os títulos foram por nós atribuídos).

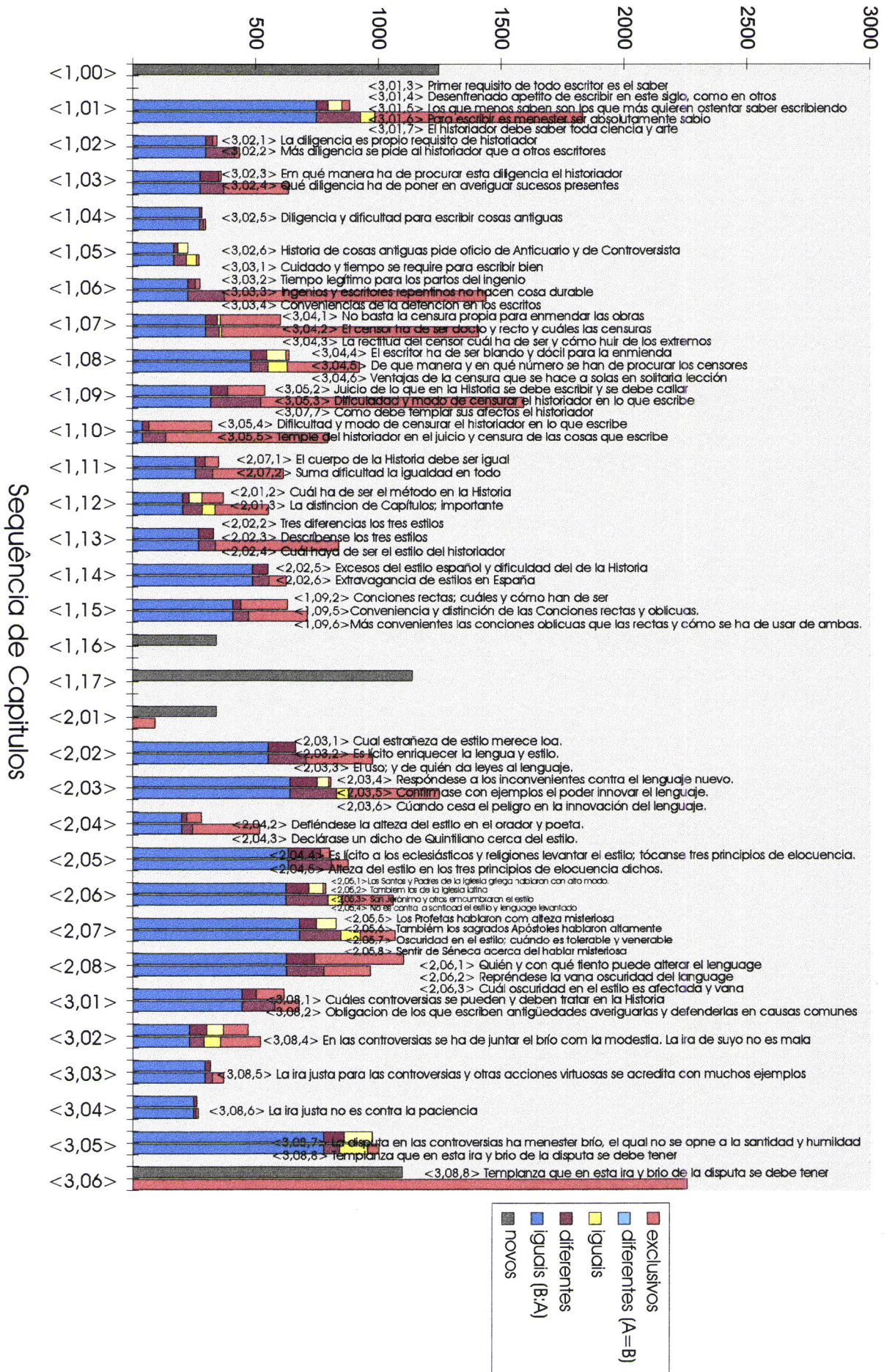
Fig. 66 - Comparação da sequência de *Genio de la Historia A* com matérias equivalentes em *Genio de la Historia B*.

Como se pode observar, *Genio A* é integrado quase totalmente em *Genio B*, sendo nos temas referentes aos atributos do historiador, e à defesa da novidade do estilo, que maior aumento de matéria se verifica. *Genio A* dá origem a *Genio B*, quer pela introdução de novos capítulos, quer pelo aumento dos existentes, sendo ainda o processo de alargamento de sentido sugerido pelo recurso ao desdobramento dos títulos por mais de 150 pequenos subcapítulos, que assim dão à obra uma *pesada* e aparentemente sistemática argumentação, conferindo-lhes maior força impositiva - embora limitando-se, muitas vezes, os conteúdos à enunciação do título, ou não correspondendo à matéria por ele sugerida.

A forma como os capítulos foram desenvolvidos, quer através da introdução de novas frases, quer de incisos, será visualizada no gráfico seguinte.

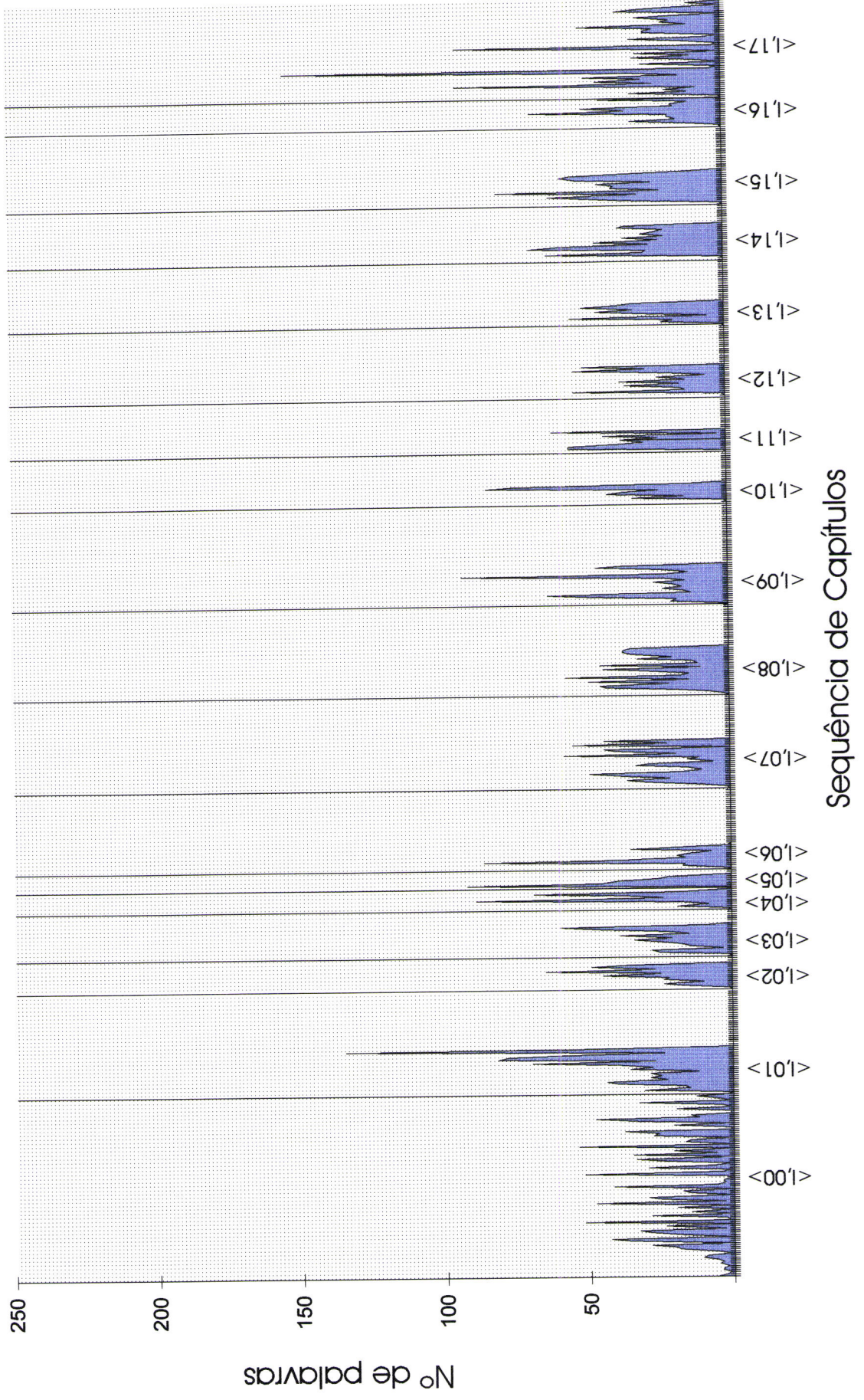
As linhas verticais no corpo do gráfico indicam a separação de sequências, de modo a visualizar-se com maior nitidez as frases que foram aumentadas em cada capítulo. A comparação da sequência de frases, com o respectivo número de palavras, permite observar onde foram introduzidas novas frases, quais as aumentadas e quais os capítulos que maior desenvolvimento tiveram. Pela leitura cotejada das frases transcritas em apêndice verifica-se que o foram geralmente por incisos, que assim alargam a argumentação, sem alterar o sentido essencial.

# Nº de palavras

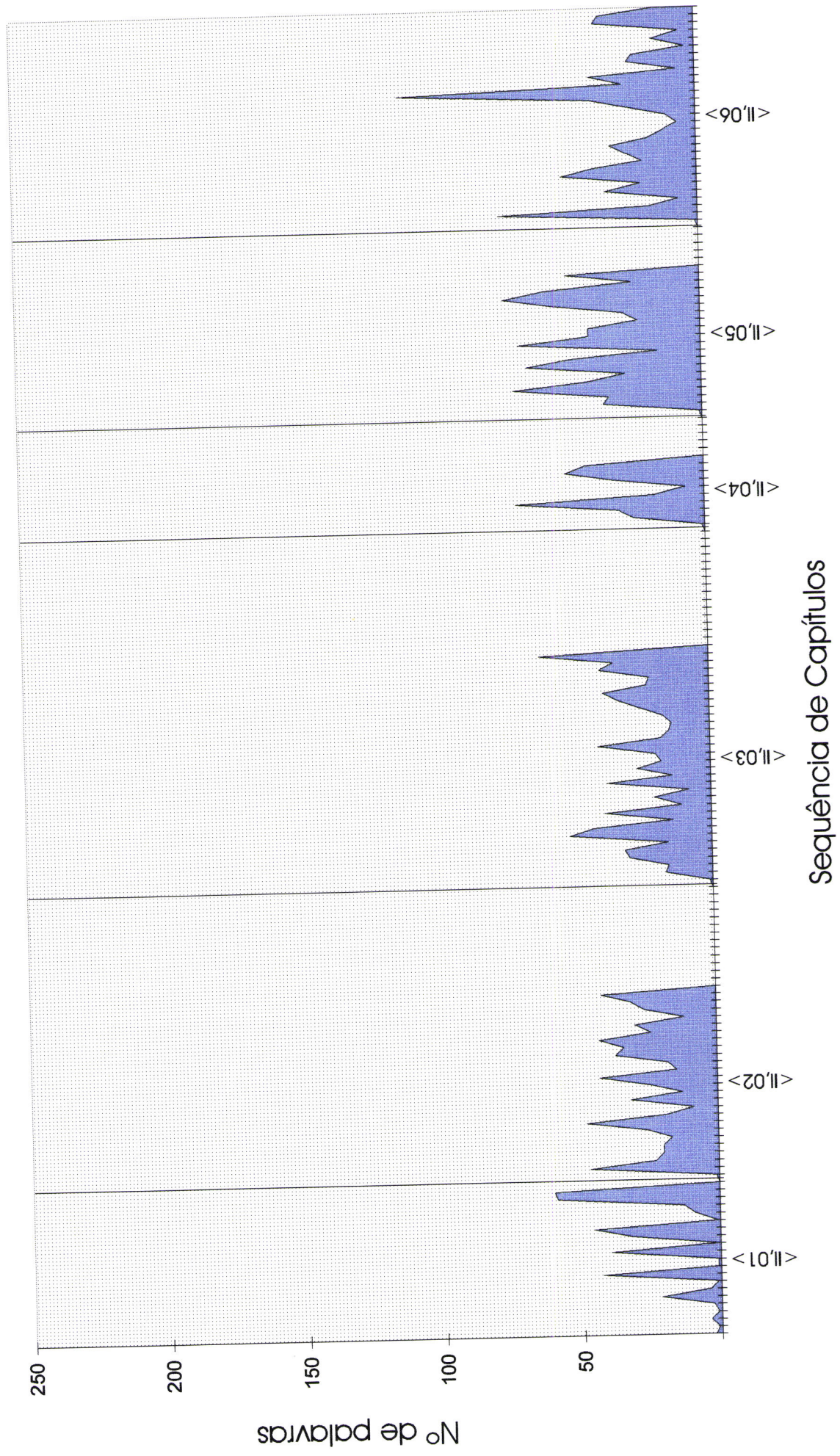


Comparação da sequência de Genio A de la Historia A com matérias equivalentes em Genio de la Historia B

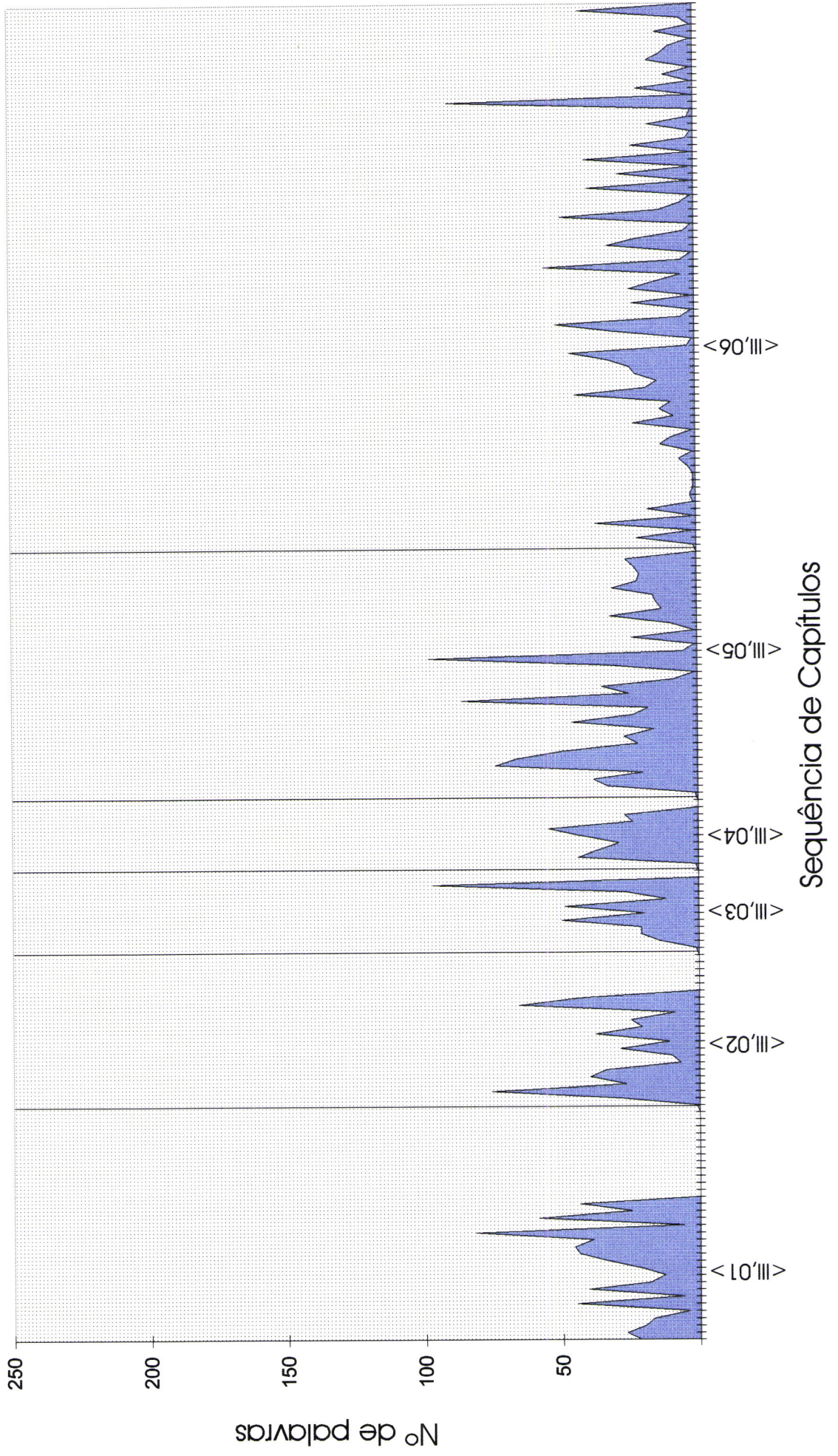
**Genio A, de S.José  
Parte I**



**Genio A, de S.José  
Parte II**



**Genio A, de S.José**  
**Parte III**



reforça, positiva ou negativamente. Ao dar exemplos sobre a realidade recente ou presente de Espanha, incorpora a sua experiência nos antigos, que vai nomeando, e no conhecimento que vai adquirindo, tornando o texto mais vivo, aparentando mais directa utilidade, embora em termos de conteúdos específicos da definição e caracterização do âmbito da história não se vejam diferenças significativas.

Trata-se pois de dois fenómenos conjuntos: o texto é aumentado<sup>369</sup>, quer pelo acrescentamento em cada sequência de novas frases, quer através da introdução de novos membros nas frases existentes; e de qualificativos que especifiquem melhor os nomes. Deste modo, consegue transmitir a ideia de maior conteúdo historiográfico, que advem de uma aumento de frases e de uma precisão de termos, quer através de incisivos, quer de atribuição de qualidades mais precisas às coisas, ou substituindo ainda termos em que se aperfeiçoa o sentido<sup>370</sup> - sendo pouco frequentes<sup>371</sup>

---

<sup>369</sup>O processo mais usado é através da congeries (ampliação horizontal em que a extensão da ideia se consegue pela acumulação de *afirmados*) que, por serem repetições não necessitam estar directamente relacionados com o núcleo da argumentação - ver exemplos na transcrição anexa no final da dissertação.

<sup>370</sup>Os exemplos, constantes ao longo do texto, foram sintetizados em folhas anexas.

"No emperò tan seguida que no la dividan los capítulos, ignorados de los antiguos, los cuales mas pacientes en la lectura, discurrían, sin descansar, por todo un libro" *Genio A*, p.26.

No empero, ha de ser tan seguida esta narración, que no la divide la distinción de capítulos ignorados de los antiguos; los cuales, más pacientes que nosotros en la lectura, discurrían sin descansar por todo un libro." *Genio B*, p.293.

"Solo se permite a su tiempo, una breve sentencia, o advertimiento, como al descuido, para recuerdo del lector embebecido en lo que va leyendo". *Genio A*, p.22.

"Puede también cumplir con esta parte en la misma corriente de la narración, sin cortar el hilo de ella, encajando a su tiempo una breve sentencia que descubra el alma de lo que se va diciendo y sirva como de aviso y recuerdo al lector embebecido en la lectura, para lo cual se requiere gran arte y destreza singular. Pero mucho mayor será la de aquel que de tal manera supiere ordenar la narración, que ella misma sin alterarla, ni añadirla, ni mezclar sentencia diferente de lo que allí se dice, esté representando todo el advertimiento y doctrina que encierra el caso que refiere. A esto sólo llegan los grandes maestros de la Historia y elocuencia, que son ya tan dueños del arte y de las cosas que escriben, que en las mismas palabras con que desnuda y puramente las relatan embeben el documento y la moralidad que allí puede observarse, y lo están representando las mismas palabras. En este género son oráculos, divino, San Ambrosio siempre que algo refiere, y humano, Tácito en su Historia." *Genio B*, p.380.

<sup>371</sup>O exemplo mais relevante é o de crítica, em tom imperativo (no presente do indicativo,) ao poder político por não vigiar a criação de novos termos, crítica atenuada em *Genio B*, com distribuição de responsabilidades (príncipe e magistrados, que estabelecem a norma justa) e inclusive através da utilização do verbo no condicional, agora num sentido apenas de gosto-desejo do autor, e não de necessidade imposta por ele ao Poder político.

"No puede venir; en que la licencia del inventar i alterar la lengua (que siempre debe ser parca i respetosa, i concedida solo a los Doctos[citação de Horacio]), aya de tomarsela cualquiera del pueblo i se haga señor de la lengua el vulgo; desquiciandola con tan libre osar, que cada uno invente a su alvedrio su vocablo, frasi transposicion, i particular Dialecto: i casi lengua nueva. En esto fuera bien que uviera limite i remedio: i que le pusiera alguna lei política, q[ue] con severidad castigara a los que, sin tener la ciencia dignidad, i requisitos necesarios para el magisterio de la lengua, la pretendierá(n) alterar. Pero los que mejor i mas facilmente pueden i deben ocurrir a este daño, son los Principes i los sabios de la Republica, con el advertido uso en el ablar: pues el suyo es quien aprueba, o, reprueba el del pueblo, i a cuyo exemplo en esto, como en todo lo demas, el orbe se compone: la licencia pues contraria siempre la condena. Ni, apoyo la intolerable escuridad de algunos cuyas,(...)" *Genio A*, p.65.



as alterações na construção da frase, no tempo e modo, ou no tipo de conteúdo verbal.

*Genio A* é assim um elo elaborado a partir de um conjunto de excertos de autores que funcionam como modelos-autoridades, retirados dos catarpácios, vocabulários, emblemas, muitos deles usados também pela retórica sacra, como é o caso da própria paráfrase verbal às imagens-símbolo da retórica<sup>372</sup> e da história<sup>373</sup>, transcrita em apêndice, tendo sido com base na identificação dessas citações, traduzidas e incorporadas no texto, que se construíram as tabelas e os gráficos com a representação das citações. A identificação das frases do texto correspondentes ao pensamento explicitamente referido de autores clássicos e da Bíblia, que compara o número de palavras correspondentes à citação com o número total por capítulo, com a posterior verificação de que a ideia subjacente à referida citação é a ideia base dessa sequência, funcionando quer como o tema desenvolvido pelo autor, quer como autoridade que reforça o seu pensamento-tese, conjuntamente com a observação da forma como o texto manuscrito foi integrado na versão impressa, permitiu perceber o processo de desenvolvimento de argumentação pela imitação<sup>374</sup>, e a função(ões) que esse modelo desempenha.

Assim, a primeira verificação é a de que um reduzido excerto de citações pode corresponder à doutrina de um capítulo, usando-se para isso os processos argumentativos já anteriormente enunciados. A complementação de tal processo argumentativo com exemplos (parte prática da tese), que lhe permite ir percorrendo aspectos do tema por inúmeros lugares e uma maior explanação de conteúdos, originará *Genio B*.

---

Genio B: "(...) No puedo, ni es justo venir en el abuso que hay de inventar vocablos, frases y locuciones nuevas; y mucho menos, en que la licencia para esto se la haya de tomar cualquiera del pueblo, haciéndose señor y dueño del lenguaje, desquiciarle todo a su albedrío con tan libre osar que sólo por su antojo invente y nos introduzca un dialecto y casi lengua nueva.(...) En lo cual fuera bien se pusiera algún límite con rigurosa censura, cuya severidad castigara a los que sin tener la ciencia, dignidad y requisitos para el magisterio de la lengua, pretendieran alterarla. Aunque el mejor y más fácil modo de ocurrir a este daño, sería el advertido uso de los príncipes, magistrados y sabios de la República en el hablar, pues el suyo es quien aprueba o reprueba el del pueblo, y a cuyo ejemplo en esto, como en todo lo demás, el Orbe se compone." *Génio B*, p.325.

<sup>372</sup>Em *Genio A*, p.81 parafraseia a imagem de retórica (o soldado defende a verdade com a espada e o orador com a palavra com um colorido próprio da linguagem oral própria do sermão. Ripa caracteriza do seguinte modo a Retórica: " E igualmente se dan como símiles de la Retórica la Espada y el Escudo, pues con estos instrumentos defiende el soldado la propria vida y ataca el enemigo, tal como el Retórico y el Orador con sus argumentos", Ripa, p.48. *Iconologia*, vol. 1, op. cit., p.48.

<sup>373</sup>Também descreve com grande colorido visual a "hermoza e honesta doncella", símbolo da história, como se pode observar na transcrição anexa. Cfr. *Genio A*, p.33.

<sup>374</sup>Aliás este processo argumentativo é o mesmo que Cabrera usa ao longo do tratado, em que reforça constantemente a sua argumentação com citações de outros autores, como se pode observar pelos gráficos anexos.

1ª Parte	< S > <sup>1</sup>	< S S > <sup>2</sup>	< N > <sup>3</sup>
Genio A	31	9	3
2ª Parte			
Genio A	19	22	2
3ª Parte			
Genio A	16	11	1

Quadro nº 1

Autores nomeados no texto sem qualquer referência ao seu pensamento.

1 Parte	2 Parte	3 Parte
Ulpiano I	Mestre Gil Gonçalves de Avila I	Jesus Cristo I
Papiniano I	Tomas Tamayo Vargas II	S. Lourenço I
Ezequiel I	Cicero I	S. Vicente I
Scévola I	Garçilaso I	Bernardo II
Horácio I	Plutarco I	Basilio I
Celestino IV I	Gregórios I	Gerónimo I
	Basilio I	Stº Agostinho II
	Areopagito I	Stº. Tomas d'Aquino II
	Cipriano I	Boaventura I
	Hilário I	
	Ambrósio I	
	Stº Agostinho IV	
	Máximo I	
	S. Gerónimo I	
	Aristóteles I	
	Crisipo I	
	Modesto I	
	Crisostomo I	

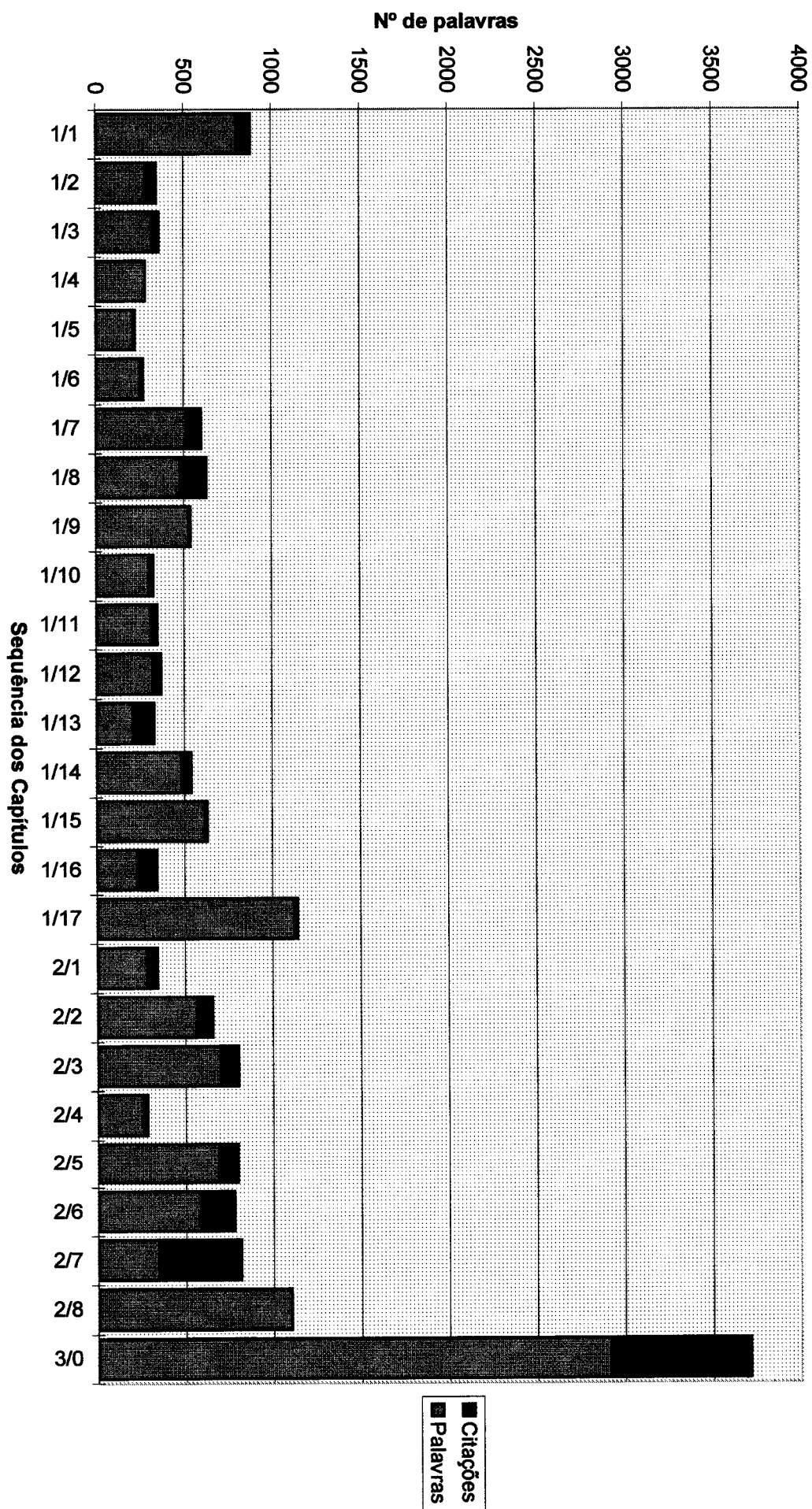
Quadro nº 2

<sup>1</sup> Citações de *Genio A* introduzidas no corpo de *Genio B* sem referência ao Autor.

<sup>2</sup> Citações introduzidas em *Genio B* com referência ao autor.

<sup>3</sup> Citações não introduzidas em *Genio B*.

Genio A, de S.José



Em segundo lugar, as citações de autores usadas por S. José têm dois tipos de funções na elaboração da obra. Referências únicas, como Tácito e outros historiadores Bartolomé Argensola, Blancas, Zurita<sup>375</sup> ou os historiadores estrangeiros referidos no exórdio de *Genio B* (não citando no entanto historiadores seiscentistas, que serão referidos por Moyne-Garcia, v.g. P. Strasa, Mascardi, P. Rappin) funcionam sobretudo como ornamento de valor universal, revelador de autoridade na matéria. Os autores referidos muitas vezes, como S. Jerónimo, Horácio, Plínio, S. Agostinho, S. Ambrósio ou, ainda, a Bíblia, revelam as fontes doutrinárias em que se inspirou, sendo simultaneamente base da sua retórica sacra. Deste modo evidencia também o corpo clássico da Contra-Reforma que, pretendendo assumir-se como herdeira dos clássicos, vai procurar integrá-los no conjunto doutrinal cristão.

Por exemplo, o autor por ele mais citado em *Genio A* é S. Jerónimo. Se este Padre da Igreja tem analogia com o tema (e com o nome de religião do carmelita), pois foi um grande polemista - e esta obra é também ela resposta a uma controvérsia religiosa - é ainda o pai do cronista, por ter absorvido a doutrina clássica que cristianizara (tal como procurou fazer Erasmo no período anterior a Trento). Em S. Jerónimo coexistem o saber, o ascetismo, o classicismo, a exegese bíblica. (Por isso Paulo Orósio lhe pede conselho). Tendo em Espanha a influência já assinalada na primeira parte deste trabalho, S. Jerónimo é considerado como o máximo da sabedoria cristã, do saber desinteressado, que no século XVII já não existe - por isso é também o símbolo elogiado por Cabrera, no que respeita a matérias Sacras<sup>376</sup>.

---

<sup>375</sup>Em *Genio A* cita: 34 vezes a Bíblia, 30 S. Jerónimo, 20 Horácio, Plínio 10, 9 S. Agostinho e Marcia 19. Refere ainda Aldrete, Baronio, Bodin, Cronicon Dextro, Cícero, Viperaum, em *Conscribenda Historia*, Juvenal, Tácito, Seneca, Erasmo, Virgílio, Varrão, S. Tomás 3 vezes e o carmelita Mantuano.

Nestes exemplos é significativo como ele recorre diferentemente às autoridades: para fundamentar a defesa do uso eloquente da língua cita clássicos romanos, enquanto no capítulo da defesa das controvérsias se socorre exclusivamente das autoridades dos doutores da Igreja e da Bíblia (autoridades que repetirá em *Genio B* - ver gráfico com a representação das citações e tabela anexa).

Na primeira parte, que é uma paráfrase de *Arte Poética*, no que se refere à institucionalização do trabalho do orador, cita ainda Plínio, Juvenal S. Agostinho e a Bíblia; na terceira, defesa da controvérsia e da história religiosa, organiza a sua argumentação com base na teoria das paixões cristianizada, e dos caracteres que ela define (aliás nunca cita Aristóteles, e S. Tomás apenas três vezes) servindo os exemplos para comprovarem a virtude e necessidade da teoria que expõe: abundantemente a Bíblia, S. Paulo, S. Jerónimo, S. Tomás, S. Basílio e S. Agostinho. A parte em que defende o estilo alto é a que mais citações contém (cerca de 70). Aí vai introduzir referências a escritores clássicos - Quintiliano, Séneca, Plutarco, Varrão, Cícero, Tácito, Virgílio e também a contemporâneos: Argensola, Mariana, Zurita, Blancas, Aldrete e Sanchez.

Nesta segunda parte, as citações servem como comprovação da sua tese, sendo sobre a defesa da língua e do estilo alto que refere historiadores e gramáticos, que funcionam como adjuvantes das suas ideias.

<sup>376</sup>"Dexo algunos santos muy enseñados del cielo que estimaron en mucho esto, de que algunos hazen asco y dieron reglas para que se sacasse gran fruto de los libros de la antigüedad; no quiero nombrar sino a la luz de la Iglesia, como ilustrador de la escritura sacra, el sapientissimo doctor S. Geronimo, mas aora

Quanto aos *Livros* da Bíblia, os mais referidos pelo cronista são *Eclesiastes* e *Provérbios*, que correspondem ao período helénico. Só em terceiro lugar vêm S. Agostinho, Horácio e Plínio (o panegírico de Trajano tinha sido traduzido por Francisco Barreda, e de novo encontramos inspiração de S. José em Gracian, que no *Heroe* segue Plínio), quase não recorrendo ao pensamento de historiadores.

Finalmente, como já se referiu em nota, os autores citados são escolhidos em função da ideia que se está a defender, de modo a serem autoridades efectivas.

A arte para conseguir este resultado estava em integrar o texto inspirador em argumentação própria, de modo a resultar um novo texto em que os elementos fossem indiferenciados.

Verificou-se ainda como uma série de ideias, que pareciam pensamento próprio, eram enunciações de clássicos que os modernos integravam no seu discurso, existindo muitos exemplos-histórias comuns à memória do orador<sup>377</sup>. Esta verificação confirmou o uso e a circulação de um património cultural comum ao Renascimento e ao Barroco, chamando a atenção para a importância de entender sobretudo o processo de argumentação e o sentido que dele se pretende extrair, pois a narração é ainda feita segundo o esquema dos exercícios preparatórios definidos no capítulo anterior. Partindo-se de um conjunto de frases-tópicos de enunciação, que sendo gerais se podem adaptar a enunciados particulares, desenvolvem-se as ideias concretizadas no caso particular, de modo a irem catalizando a matéria genérica no sentido pretendido. Sendo *Genio A* um texto sintético, em que as ideias são apresentadas através de argumentação expressa em forma de tese, quase sem a comprovação de exemplos - com excepção dos cap. 4 e 5 da 2ª parte, em que recorre a autoridades religiosas para provar a necessidade do uso do estilo sublime na história - a sua elaboração doutrinal funda-se na concepção clássica e cristã sobre o saber e a sua dignidade (1ª parte *Genio A*), na aplicação da teoria das paixões na defesa da controvérsia, (em que a ira e a ira justa é o carácter nuclear<sup>378</sup>), da linguagem

---

se haze menos estudio en esto, como no ay premio ni honra, madre de las ciencias, y pocos estudian solamente por saber". Cabrera, *Da Historia*, p.63.

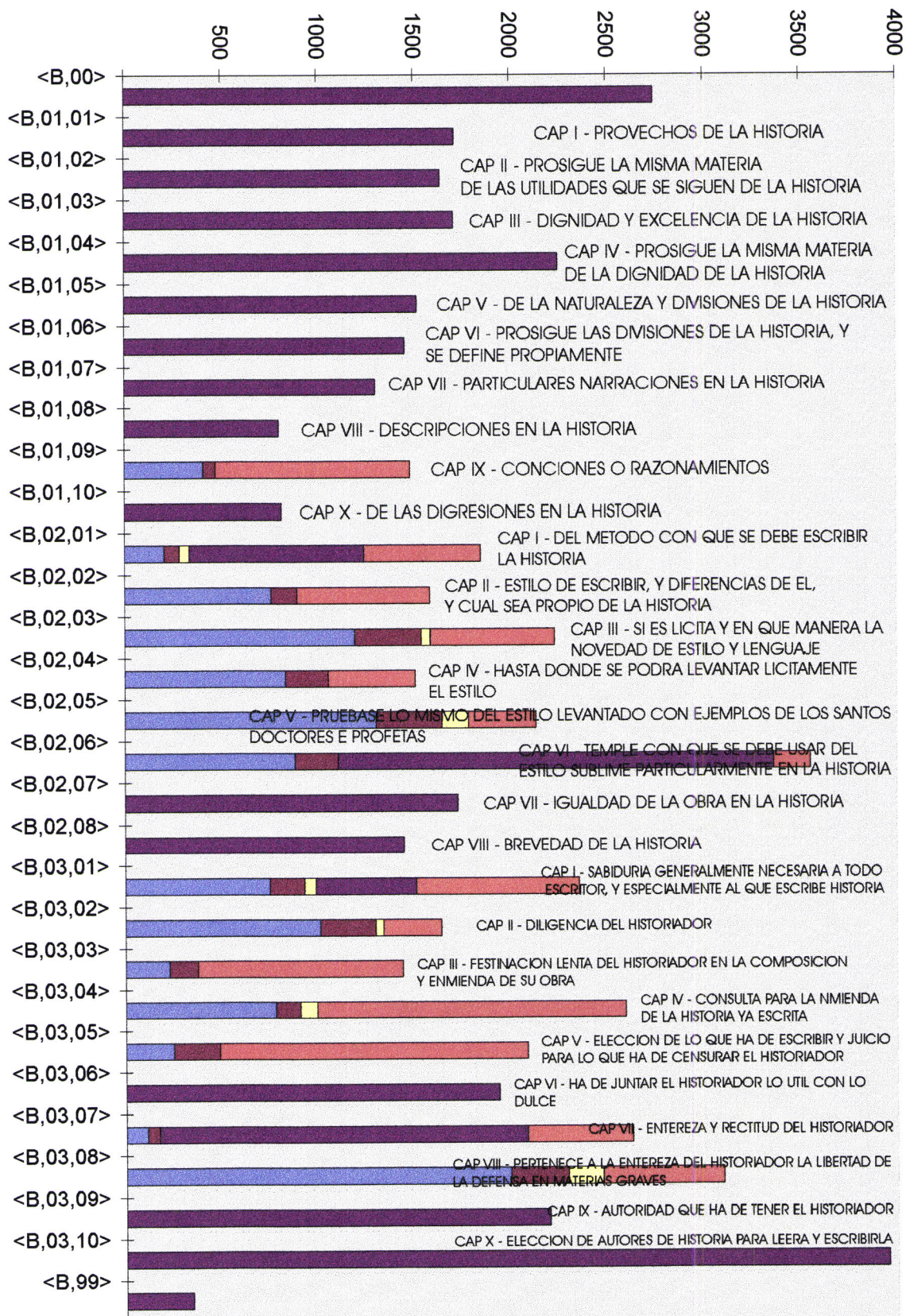
<sup>377</sup>O exemplo de Apeles, sugerindo que se deve escolher a perspectiva, para esconder o olho defeituoso, é usado por todos os autores como já se referiu. Ticiano, como criador de linguagem nova, foi um exemplo dado por Gracian, que Antonio Perez, S. José e o próprio Moyne-Garcia igualmente referem. Também o exemplo de como os reis da Tartária escolhiam o cronista (através de um exercício prático, para assim avaliarem da sua competência) é referido por Cabrera *Da Historia*, p.93 e S. José, em *Genio B*, p.252.

<sup>378</sup> Cervantes, em *Persiles*, refere a ira como a revolução de sangue, que está cerca do coração, não se acalmando até ser vingada

Cfr. Alberto Blecuá, "Cervantes y la Retorica", in *Lecciones Cervantinas*, Zaragoza, Caja Ahorro y Monte de Piedad de Zaragoza, p.131-145.

# Nº de palabras

Sequência de Capítulos



Genio B, de S. José

Fig. 68 - Representação de *Genio de la Historia B*, de Jerónimo de S. José, segundo a ordem sequencial de capítulos, com indicação de igualdades, semelhanças e diferenças em relação a *Genio de la Historia A*.

O primeiro gráfico apresenta a obra globalmente por sequência de capítulos, de modo a visualizar-se, quer a relação que, capítulo a capítulo, se vai estabelecendo entre texto primitivo e texto impresso, quer os capítulos objecto de maiores explanações - a informação apresentada neste gráfico corresponde à do anterior, no que se refere a *Genio B*, apenas acrescida da especificação da quantidade de palavras iguais nos blocos de frases semelhantes.

No gráfico fora de texto nº XII já se visualiza a organização de *Genio B* por parte, por capítulo e subcapítulo, observando-se como a concepção base é pulverizada e introduzida numa estrutura argumentativa (o dizer repetidamente cria mais entidade) e de criação, de matriz retórica: para além dos aspectos referentes à legitimação do tema, sua definição e disposição, agora introduzidos; bem como do capítulo sobre os Modelos a concluir a doutrina sobre o historiador; e de títulos que remetem para caracteres essenciais, de concepção e expressão, de uma obra (igualdade, brevidade), de que já se fez referência, deve salientar-se a preocupação quase constante na introdução de particularismos *concretos* e verosímeis, e do exemplo-prova, necessários ao relato de história e ao estimular dos animos - traduzido geralmente nas barras rosa do gráfico. Pela relação que, em cada subcapítulo, elas estabelecem com a mancha azul e castanha, apercebemo-nos do peso do *novo* em cada sequência de sentido.

*Novo* que foi expresso com duas cores: a que se desenvolve a partir de uma já existente (rosa, sendo o existente muitas vezes imperceptível no gráfico, limitando-se a um ligeiro sombreado na parte inicial da barra); e frases sem nenhuma relação com o texto anterior (arroxeado), sendo o caso mais visível o do capítulo sobre a defesa do estilo sublime na história, em que a primeira parte corresponde quase integralmente às frases da sequência 8, da 2ª parte de *Genio A*, enquanto toda uma segunda parte é integralmente nova (passaram 20 anos e por

isso, se a defesa de uma *language nova e altissonante* é naturalmente mais aceite, a sua prática também pode ser inconveniente, definindo por isso S. José as regras, as condições, e as personalidades que licitamente devem inovar).

Estes gráficos, para ganharem maior inteligibilidade, deverão ser lidos em confronto com a tabela que os originou, e com cotejo dos blocos de *Genio A* e *Genio B* referentes a cada sequência, que se anexa em apendice.



altissonante e estilo sublime na história. Em *Genio A*, Jerónimo de S. José, como se disse, com um pequeno número de citações de autoridades inquestionáveis, desenvolve uma argumentação que parece específica, pois fala constantemente de história, mas através de enunciações genéricas. Em *Genio B*, alarga ainda mais essa argumentação, concretizando-a com exemplos coevos, comparados com os clássicos - como é o caso do que será a ideia-tese da sua obra: que a manifestação do florescimento económico, político e cultural se faz pela elaboração da língua.<sup>379</sup> Por outro lado ainda, como já se disse, a referência, com outros títulos, à mesma matéria, dá ilusão ao leitor de que trata de facto de assuntos novos.

Como se pode observar pelo esquema dos tratados, e comprovar com a leitura dos apêndices, as ideias nucleares de fundamentação da história e da dignificação do historiador são as mesmas, repetem-se, quando o cronista fala de história e do historiador, pois a disciplina é ainda vista como um saber que apenas depende da virtude da sua causa eficiente. Mantendo os dois textos a ideia nuclear de história como representação de carácter doutrinal, moral e condicionadora de valores que se transmitem pela linguagem, elevada, grave, mas também coloquial, de apelação directa e sensitiva (e por isso distante do estilo conceptual ou cultista, de maior dificuldade de entendimento) e pela capacidade, autoridade e prestígio que o orador-historiador conseguir transmitir - por isso S. José valoriza em *Genio B* sobretudo os aspectos relacionados com o historiador e o estilo, correspondentes a 60% da obra, como se pode observar no gráfico nº 68 e XII - a divisão da obra por capítulos e subcapítulos, com títulos tão sistemáticos e complementares, transmite ao leitor uma ideia de perfeição conceptual e coerência que *Genio A* não revelava.

Concluindo, ele consegue triplicar um texto porque, por um lado, desenvolve a ideia-base através do recurso a uma argumentação com conteúdos específicos, subdividindo as matérias, que vão percorrendo vários lugares argumentativos, e referindo inúmeros exemplos; e por outro, pode fragmentá-la e introduzi-la, como peças, noutra excerto narrativo, aparentemente com sentidos distintos, porque essa diferença é criada sobretudo pela indicação sugerida pelos títulos dos subcapítulos e dos capítulos e menos por diferenças de conteúdo. Assim, sendo idêntico o núcleo da doutrina e da sua concepção de história, o sentido final é de

---

Por isso S. José nos capítulos de *Genio A* em que preconiza a defesa da polémica sente a necessidade de referir tantos padres da Igreja e autoridades eclesiásticas, repetindo-as no capítulo em que trata de idêntica matéria em *Genio B*.

<sup>379</sup>Exactamente a mesma comparação de Espanha com Roma servirá a Morcillo para defender a ideia contrária - de que na época de apogeu romano os historiadores e escritores escreviam em estilo simples.

facto distinto, muito mais subtil, sistematizado, autorizado, e mesmo mediatizado, e portanto muito mais convincente, porque o objecto de conhecimento está mais próximo da realidade vivencial coeva.

Este processo obedece escrupulosamente às regras da criação retórica. Com efeito, sendo um dos princípios da disposição que o exórdio<sup>380</sup> e a pausa que apela ao público no meio da obra, sejam próprios e únicos, pois são eles os elementos definidores do sentido individual da argumentação, apelando especificamente para aquele público<sup>381</sup>, e que se termine com conclusão também exclusiva, por corresponder à lição que ficará na memória<sup>382</sup>, observa-se pelos gráficos que S. José cumpre absolutamente este preceito. Não introduz em *Genio B*, como se disse já nenhuma frase destes capítulos de *Genio A*, apesar de os temas tratados no cap. 16 e no 17 de *Genio A* serem os mesmos com que termina *Genio B*.

O que mais uma vez mostra quanto este processo de fragmentação de texto, ainda segundo o esquema de criação-comentário, é consciente e elaborado, para criação de maior sentido e, por isso, de melhor demonstração da doutrina.

Em *Genio B* argumenta com mais perfeição, porque sendo este tratado um texto normativo, que ensina a fazer história<sup>383</sup>, ao argumentar não apenas em forma de tese teórica, mas também com exemplificação, ao desenvolver argumentações baseando-se em factos, usando também abundantes comparações, diversifica as formas, melhora o estilo, sendo a expressão muito mais cuidada. E ainda, como se disse, porque dando mais exemplos, concretizando mais, integra os tópicos retirados dos autores numa argumentação sua, em que os argumentos comuns são

---

<sup>380</sup> Aliás o exórdio é elaborado e enunciado, segundo as regras definidas por Cicero, em *Ad Herenium*: formando um todo com a narração prepara para ela, quer descrevendo ou enquadrando o tema, quer explicando o que se vai tratar, quer ainda dizendo ao leitor porque se escreveu, com o decoro adequado apresentando razões de utilidade publica, amor à verdade, etc. Cfr. *Da Historia*, pp.96-98.

Morcillo por preconizar uma historia explicativa, em que a persuasão sai dos factos, refere que o exordio nao deve ter a finalidade de docilidade, ou benevolência, mas mostrar a qualidade do autor, que escreve pela verdade e utilidade, e explicar as razões da escrita da obra, saindo dele, como enlaçada, a narração (sequência 7.2).

<sup>381</sup> Recomendam-se dois tipos de *peroratio*, um que sintetize a doutrina exposta, como é o apresentado no fim da 1ª parte de *Genio A*, (sequência 17); outro que, fazendo uma pausa, suavize a doutrina, como é o caso de *Genio B*, no início da terceira parte, em que volta a dialogar com Georgio, tal como na dedicatória.

<sup>382</sup> Por isso S. José, seguindo os preceitos, volta a inumerar os aspectos referidos (sobre a autoridade do escritor e a finalidade da escrita da história), amplificando os argumentos sobre o valor moral da história e virtude dos historiadores, fazendo com que se recorde o dito.

<sup>383</sup> "No es fácil escribir un libro que trate del modo de escribir libros, y quanto es fácil disponer un trozo o fragmento, es dificultoso continuar y acabar un volumen, dándole no sólo cuerpo, sino alma. A otros les será todo esto facilísimo, a mí todo muy dificultoso por mi poca o ninguna capacidad.", *Genio B*, p.423.

introduzidos nos argumentos próprios, criando assim um estilo mais homogéneo, característico do autor, com um sentido contínuo, que torna o texto mais original e fala melhor, se não de história, da realidade dos homens<sup>384</sup>. Por outro lado os argumentos, intrínsecos ao texto, não estão apenas a fazer uma melhor argumentação, mas a criar uma obra mais rica do ponto de vista da concepção e organização, por alargarem a faculdade de invenção à elaboração da narrativa. Também em termos de disposição, *Genio B* é mais trabalhado como tratado geral, por seguir o esquema clássico das quatro causas que abrangem as três partes do tratado. Por outro lado, a própria disposição de *Genio B* reproduz nos seus capítulos a concepção de obra retórica, explicitando e concretizando todas as faculdades que o historiador deve dominar, com as respectivas características. Aliás, é de realçar o facto de quase não se referir à causa material, explicitando apenas que o tema é sugerido ao historiador<sup>385</sup>. Não se referindo à realidade e ao modo de a captar, considerando apenas que se deve dizer a *verdade*<sup>386</sup> de modo concreto, para assim criar verosimilhança e se tornar convincente<sup>387</sup>, esta sua perspectiva de

---

<sup>384</sup>O que faz com que Ramirez de Prado diga de Genio B: «Consulta V. P. cómo ha de escribir, y enseña escribiendo; esto sin encarecimientos lisonjeros. Escriba como escribe, y acabe su obra, que en comenzándola será poner la pluma en el fin, de donde pueden pasar pocos, y llegar menos. Asegúrole como hombre de bien, que me parecía cuando lei su carta castellana, que leía la Historia de Mariana, y cuando su carta latina, las Epistolas de Justo Lipsio», *Genio B*, pp.56.

<sup>385</sup>E, caso seja da sua escolha, verifique previamente da sua capacidade para o tratar - o que mostra também como o tratamento do tema histórico para S. José se limitava a conveniente argumentação e expressão -, como se viu no gráfico com a organização do tratado.

<sup>386</sup>"En las demas, aun que sean de las Facultades mas intrincadas, la materia de ordinario es tratada por muchos, el metodo, es vulgar; el estilo es mui sabido, conocidas las mayores dificultades; i arrimado el Autor a su Cuestion, o, al texto que explica, o, a la naturaleza de la cosa, que declara, con argumentos, i soluciones, adelantado algo mas lo que dixerón otros, llena un volumen. La Historia no tiene esos arrimos: sucesos desnudos i varios le ofrece el Mundo, i todo lo que en el aí, i pasa, es su argum(n)to, hasta los pensamientos i juicios de los Hombres. De esto ha de formar Idea el Historiador; i formada, dar cuerpo aun pensamiento vago i abstraído, colorirle, ataviarle, hermostearle temor en el mas valiente pincel, quanto mas en la pluma, que ha de retratar mas al vivo, no solo lo exterior, sino lo interior de lo que pinta. **Por eso el que escribe los hechos ajenos, o, se iguala, o excede al que los hace. Porque aun que el Decir al Haçer ai gran distancia; no la ai menos del Haçer al Escribir.** Hallase aquello en muchos; a esto se atreben mas, lo alcançan menos. Finalmente para otro genero de escrituras se requiere i basta Estudio i Sutileza; para el de la Historia es necesaria **Diligencia i Juicio**, I quanto es mas raro el **Ingenio Prudente**, que el sutil, tanto es mas dificultosa esta ocupacion, que otra cualquiera. De aqui tambien, de lo que avemos (dicho) antes, se colige otra segunda i no menos importante advertencia: es a saber, el gran cuidado, que las Republicas debrian tener en señalar Historiadores." *Génio A*, pp. 34 e 35.

<sup>387</sup>Sobre a importância de criar evidência, sentido de *coisa* com a palavra: "Puede también cumplir con esta parte en la misma corriente de la narración, sin cortar el hilo de ella, encajando **a su tiempo una breve sentencia** que descubra el alma de lo que se va diciendo y sirva como de aviso y **recuerdo al lector embebecido en la lectura**, para lo cual se requiere gran arte y destreza singular. Pero mucho mayor será la de aquel que de tal manera supiere ordenar la narración, que ella misma sin alterarla, ni añadirla, ni mezclar sentencia diferente de lo que allí se dice, esté representando todo el advertimiento y doctrina que encierra el caso que refiere. A esto sólo llegan los grandes maestros de la Historia y elocuencia, que son ya tan dueños del arte y de las cosas que escriben, que en las mismas palabras con que desnuda y puramente las relatan *embeben el documento y la moralidad* que allí puede observarse, y

filosofia moral é confirmada, quer pelo estilo, quer em termos dos exercícios narrativos que compõem a disposição da obra histórica. Assim, à disposição apenas dedica 8% de palavras (contra 21% em Morcillo, 34% em Cabrera e cerca de 50% em Garcia), referindo somente a narrativa (o relato), a descrição, a digressão e as falas (este é o único exercício de *Genio A* desenvolvido em duas sequências, por tratar-se do elemento nuclear de transmissão da doutrina, e por isso fundamental na história-representação) - ver gráficos nº XII e nº65 -, com a caracterização dos vários exercícios que integram a narração.

Da análise dos preceitos enunciados sobressai a recomendação de que eles *façam ver*<sup>388</sup>, que *representem*, de modo a facilitar a demonstração, ensinando ainda a particularizar com inúmeros exemplos<sup>389</sup>, em que as referências às personagens<sup>390</sup>, ao espaço<sup>391</sup> e ao tempo<sup>392</sup> entendidas num

---

lo están representando las mismas palabras. En este género son oráculos, divino, San Ambrosio siempre que algo refiere, y humano, Tácito en su Historia.", *Genio B*, pp.381-382.

<sup>388</sup>"La circunstancia de las personas es la principalísima, porque de ellas toma su mayor energía y representación el suceso, pues la calidad, oficio y estado de los que intervienen en algún caso, dan el ser y principal ponderación a la cosa referida. Importa mucho para la calificación de una hazaña, saber quién la obró, porque unas veces la grandeza del sujeto la ennoblece, otras en la humildad del que la obra se realza; y las condiciones y particulares cualidades de la persona alteran y aun mudan la estimación del hecho. Siempre se ha de procurar se acierte con el propio nombre de la persona, porque además de otras conveniencias se asegura con esto el crédito de lo que se refiere en tanto grado, que sólo el nombre de quien se habla, aunque sea extraño y desconocido, da una cierta calificación, crédito y autoridad al caso que se cuenta. (...)

Pues ya el modo de eiecutarlo o suceder tiene particular énfasis para la inteligencia y cebo para el deleite del que lee. Todo esto se echa de ver y experimentar cada día en las relaciones de cosas y sucesos nuevos, que por avisos de correspondientes y en gacetas se divulgan; que las que dicen más en particular las cosas, hombres, personas, gentes y acaecimientos, son estimadas por más verdaderas, más provechosas y deleitosas. (...) cuando trae especificadas las circunstancias dichas, se quieta la curiosidad, y de ella se pasa a la utilidad.", *Genio B*, pp.273-274.

<sup>389</sup>"Para esto será muy conveniente el señalar las circunstancias que más suelen individuar el caso que se narra, como son las personas, el tiempo, lugar, modo y otras que le acompañan. (...)Algunos juzgan lo muy particular por menudencia, y cansándose de éstas, sólo querrían se dijese la sustancia del suceso. Pero a los tales, además de convencer las razones dichas, se responde que las Historias no se escriben sólo para los presentes, sino también, y muy principalmente para los ausentes y venideros. A los que sabemos y vemos hoy las cosas, y las tocamos y traemos entre manos, nos cansa y parece superfluo el referirlas con mucha particularidad; como si se trata de una ciudad, de una religión y convento en que vivimos, el decir sus ritos y usos ordinarios, y representar sus edificios, (...) todo aquello que a nosotros es muy vulgar, será muy raro, y lo que nos parece poco y pequeño, será para ellos mucho y muy grande. Y si no, por qué andamos con tanto afán buscando en los autores, y en las inscripciones de las piedras y medallas antiguas los más menudos ritos y costumbres de aquel tiempo así en lo sagrado y religioso (...) Y así no se deben mirar estas que parecen evidencias en una Historia, como cosas que se escriben para ahora, sino para después no para los presentes y que vivimos, sino para los ausentes y venideros; y con esto no se tendrán por pequeñas y superfluas, sino por muy grandes y necesarias," Iniciando, de seguida, una serie de frases na interrogativa e na exclamativa, interpelando aos leitores sobre quem duvidasse, pois a defesa de uma narração difusa e demasiado pormenorizada era contrária à ideia geral de história, que necessitava de ter nervo, um fio condutor sólido. Cfr. *Genio B*, pp.275.

<sup>390</sup>A caracterização da personagem segundo um criterio de verosimillança não é apenas preconizada no relato. Também no exercicios das falas, alias o que S. José mais desenvolve, tanto em Génio B, como em Génio A, chama a atenção para a dificuldade em as lograr convincentes "porque como no se acomoda a las personas introducidas, todas hablan de una manera con un mismo estilo y modo, que es el

estrito esquema argumentativo aristotélico<sup>393</sup>, qualificam muitas vezes *a priori* o facto. Mesmo quando preconiza o estilo *llano* no relato, é para não ofuscar o que a narração faz *ver*, iludindo assim, ao leitor, o artificial da sua construção<sup>394</sup>. Não há preocupação, nem referência às realidades do mundo exterior, nem recomendação em conhecê-lo, ou observá-lo.

Mas esta argumentação comum, genérica, sobre a história - coincidindo a sua ideia de história-representação com as concepções gerais de narrativa - deve ser entendida como argumentação própria sobre o tema, evidenciando como essas características muito gerais, aplicáveis a qualquer relato, são os elementos necessários à sua história, que é doutrina moral. Com o peso simbólico e integrador do homem, que tem a força do real, sabendo-se fazer uso da autoridade de quem escreve - o que o carmelita bem ensina - e dos elementos de persuasão do leitor, logra-se neste o sentimento de demonstração da verdade do *dito*.

Por último, se o fim do discurso é ensinar a criar adesão, *Genio B* convence mais e ensina o historiador a fazer melhor demonstração, quer pelo exercício narrativo, quer pelos conteúdos que deve simular, devendo para isso mencioná-los. Ainda aqui se trata de uma obra que consegue lograr melhor o objectivo da persuasão no leitor e concretiza mais perfeitamente a ideia de obra triangular, pois, dizendo uma coisa, pretende levar o leitor a fazer outra, ensinando a produzir a simulação.

---

propio de la persona del historiador. Yerro que el predicador también en sus sermones y el poeta en sus comedias muchas veces cometen, sin acordarse de que hay diferencia de hablar el criado o su amo, el vasallo o el rey, el mozo o el viejo, el español o el alemán...", *Genio B*, p.282.

<sup>391</sup>"La circunstancia del tiempo es del todo necesaria, porque sin ella queda sin luz y seguridad la relación, mayormente para los siglos venideros, en que sólo por los tiempos se aclaran y distinguen las cosas; y cuando falta esta antorcha, todo es andar a oscuras y tropezar en concurso y confusión de nombres y sucesos semejantes, cuya averiguación pende mucho del tiempo", *Genio B* p.274

<sup>392</sup>"El lugar también añade certeza a lo que se refiere, porque de las circunstancias de él se colige no sólo la verdad, sino a las veces la importancia y grandeza del hecho", *Genio B*, p.275.

<sup>393</sup>"Sabidas las fuentes de los argumentos y hecha elección de la materia ó punto particular de ella, para persuadirlo se han de probar estas cinco proposiciones: la primera que es cosa excelente y honesta; la segunda que es útil; la tercera que es deleitable; la cuarta que es necesaria, y la quinta que es fácil de alcanzar (...) Con lo cual se concluye la probanza y persuasión. Porque habiéndole probado á uno que la humildad es cosa buena, honesta y excelente, que es muy provechosa, que trae consigo la deleitación, suavidad y gusto, que es necesarísima para la perfección y finalmente que es fácil de alcanzar y señalándole los medios y ejercicios con que se ha de alcanzar, no parece queda lugar á un entendimiento ni voluntad para poder resistir."S. José, *Arte de Pregar*, op. cit., pp.365-366.

<sup>394</sup><sup>394</sup> Esto es dicho particularmente de las acciones; pero generalmente se advierte que la acción que más al vivo y llanamente y como al natural representase la cosa que se va diciendo ó el afecto que se va declarando, esa será mejor y cuando pareciere más natural, entonces tendrá más arte, advirtiendo que esto se entiende en cosas decentes y honestas, y aun estas no se han de pintar con todas las circunstancias menudas de las mismas cosas ó sucesos, que eso ni pareciera bien, ni fuera arte, ni gravedad, sino mera gesticulación ridícula; sino sólo con aquellas acciones que grave y decentemente signifiquen y repitan lo que se dice."S. José, *Arte de Pregar*, op. cit., p.485.

Com efeito, percorrendo os capítulos de *Genio A*, verifica-se que na sequência 13 da primeira parte se caracterizam os três estilos<sup>395</sup>, considerando na seguinte ser o sublime o mais adequado à escrita da história, ideia desenvolvida em toda a segunda parte da obra, e que corresponde também à segunda parte de *Genio B*, e à teorização apresentada em *Arte de Pregar* - aliás usando o mesmo exemplo dos apóstolos<sup>396</sup>. No entanto, os títulos do cap.3 e do 4 da obra impressa parecem sugerir a defesa do estilo mediano para a narrativa histórica, posição generalizada entre os historiadores e retóricos desde meados do século XVI, segundo a tradição aristotélica. Aliás neste capítulo - o segundo maior de todo o tratado<sup>397</sup>, não apenas no número de palavras, como em subcapítulos - só no último subcapítulo fala da história, desenvolvendo nos oito anteriores teoria geral sobre a linguagem, importância das metáforas e seu uso adequado<sup>398</sup>, inovação de termos, de frases, ou sua colocação (sendo para isso determinantes as locuções), valorizando a invenção de palavras e o seu ornato, por criarem *energia* e fecundidade à língua, desde que criação de douts, utilizada em situações graves (religiosas e divinas). Esta invenção apenas é benéfica se, para além de rara, der inteligibilidade e força à elocução, tornando-a clara - isto é, argumentando com os princípios clássicos que contestavam a obscuridade. E assim, no subcapítulo referente ao estilo da história, conclui pela defesa do estilo médio, que aliás não fundamenta, dando

---

<sup>395</sup>Tema desenvolvido no 2º cap. da 2ªP de GénioB.

<sup>396</sup>Cfr. *Arte de Pregar*, op. cit., pp.283-285.

<sup>397</sup>O maior capítulo é o referente à utilidade pública da história, o último do tratado, sobressaindo o subcapítulo sobre a importância da história religiosa, como se disse e se pode observar nos gráficos.

<sup>398</sup>"Defienden este modo de hablar sus amadores con título de arte y sacramento, dando a entender que aquello es alteza a que no llega la inteligencia vulgar. Pero yo hallo en esto y confieso una distinción muy digna de advertirse. Porque tal vez la cosa es de suyo tan elevada y sublime, que no fácilmente la alcanza la cortedad del ingenio humano, al cual parece oscura; no porque lo sea ella en sí misma, sino antes por la demasiada luz y claridad con que excede la proporción de nuestro entendimiento; como la luz del sol, que siendo en sí clarísima, pero por exceder la proporción de nuestra vista, si se mira de hito en hito en su rueda, deslumbra y oscurece. Y porque lo confirmemos con el mayor ejemplo, el mismo Dios, que por ser infinita claridad, se dice habitar en luz inaccesible, respecto de nosotros se dice también, en frase sagrada, habitar y esconderse en nube, y estar rodeado de tinieblas y ser su más alto y puro conocimiento en esta vida una purísima oscuridad y rayo de tinieblas. Cuando a semejanza, pues, de estos objetos, son oscuros los que rodea y envuelve en sus ambages la elocuencia humana, justo es que se tolere, y aun se venere aquella oscuridad; que al fin no es del objeto, sino del entendimiento, corto de suyo, y desproporcionado para tanta luz; pero cuando siendo el objeto en sí clarísimo, es juntamente proporcionado y perceptible a un mediano ingenio el oscurecerlo y entraparlo, vicio es del que habla, no del que oye al cual es cosa aborreeible y enfadosa topar con un bulto de sombras y tenebrosidad, cargado de una y otra nube de metáforas, alegorías, tropos y figuras; que cuando lo desenvuelve, y desnudándolo de aquellos velos, llega al centro, no halla sino un juguete y conceptillo baladí, sin alma, sin vida, sin sustancia, sin ser, y una eomo figura fantástica, ornada de ropas rozagantes, pero armada sobre palos viles." *Genio B*, pg. 328

como exemplos Tácito e Zurita (exemplos símbolo do simples<sup>399</sup>), que considera serem sublimes. Defendendo a mesma teoria do estilo elevado que em *Genio A*, envolve-a numa roupagem e numa arquitectura que dá a ilusão de a atenuar. E continua a confundir o leitor, terminando a segunda parte do tratado com dois capítulos novos sobre os princípios clássicos da igualdade e da brevidade, embora aceitando a desproporção, se necessária, e o estilo difuso<sup>400</sup>, desde que logre claridade, tal como, vinte anos depois, os jesuítas Moyne-Garcia, em *Arte de Historia*.

Por isso, das primeiras vezes que se leu o texto, concluiu-se pela contradição de *Genio B*, por parecer argumentar num sentido contrário ao que resulta da leitura do discurso. Só posteriormente se percebeu tratar-se de um artifício e se avaliou a sua eficiência e alcance - a inovação atingira não apenas as palavras e as frases, mas a própria estrutura da obra, que é ainda a perfeita aplicação da concepção triangular retórica. É que, se preconizasse abertamente o estilo sublime na história, teria maior dificuldade em ser unanimemente aceite, podendo confrontar-se com uma controvérsia. Apresentando aparentemente concepções mais ou menos agregadoras de unanimidade, tornava mais fácil a aceitação, por parte dos leitores, de outros níveis de significado latentes no texto.

O raciocínio metafórico-analógico, com que vai transmitindo os valores e doutrinas, pode sintetizar-se na argumentação por comparação com que define o génio espanhol: associando prestígio cultural (com a

---

<sup>399</sup> Em todo o capítulo só este excerto, como conclusão, fala do estilo da história: "Resumese la doctrina perteneciente al estilo, aplicada al de la Histona. Ya es tiempo al fin de este capitulo de reducir en breves líneas la doctrina de los pasados perteneciente al estilo, y aplicarla al de la Historia. De los tres géneros, sublime, medio e infimo **habemos dicho ser más conveniente para el ordinario curso de la narración el estilo medio**, esto es, ni muy alto, ni muy bajo, sino con una grave, lisa y corriente medianía, y que tal vez para una descripción o razonamiento se permite más floreo y alteza, y en alguna de estas ocasiones seria lícito usar del estilo sublime. **Añado ahora que también se podrá usar de él en dos maneras de Historia y narración, que es, o cuando se escribe principalmente para dar preceptos políticos, cual es la de Tácito, o para reducir a breve compendio lo que pedía muy prolija narración, como son los índices latinos de Zurita. De aquí se sigue que en todas estas ocasiones, en que al Historiador es lícito el estilo sublime**, esté muy a peligro de incurrir en los vicios de novedad y oscuridad, que le son vecinos y habemos condenado; y así debe cautelarse para ellos, con el temple y moderación que habemos dicho, tanto más que el poeta y orador, cuanto su estilo debe ser más usado y claro. Bien es verdad que no lo podrá en tal caso ser tanto que no tenga algo por lo menos de oscuro; porque lo preceptivo y compendioso de aquel estilo pide concisión, la concisión brevedad; y a ésta se sigue misterio, que trae consigo alguna oscuridad. La destreza, pues, del escritor estará en que la oscuridad sea muy poca, trabajando por aclarar lo breve, y dar luz a lo profundo y misterioso". *Genio B*, pp.333-334.

<sup>400</sup> Aliás como todos os tratadistas, pois como se disse, pelo estilo difuso transmite-se melhor a doutrina, por persuadir melhor. « Mas como este ritmo é vivo, nervoso e ardente, aquele primeiro, que é lento, vagaroso e amplo, é, de longe, o mais conveniente para a história, a qual não deve ser levada nem impelida velozmente, mas antes deve avançar ela mesma com naturalidade, como se brandamente transportasse o leitor. » Morcillo, *De Institutione*, p. 41.

respectiva elevação da língua) ao florescimento económico e político, compara a Roma clássica com a Espanha, mostrando como é do *costume* dos povos a evolução da língua; em seguida, permanecendo na discussão sobre o idioma, introduz, pela analogia semântica de evolução, o conceito de imitação, que lhe permite associar traje, costumes, conquistas e brio espanhóis. Resultando o elogio consequência natural de tal argumentação, possibilita-lhe ainda mostrar o carácter naturalmente *elevado* do génio espanhol, ao mesmo tempo que legitima a novidade, através da introdução da palavra-chave do processo de conhecimento: imitação. Confirma em conclusão, com vários exemplos - seja o da graça, seja o da destreza -, como aquele génio sempre logra melhorar os modelos, transformando a nova obra numa criação mais rica e original, isto é, de que resulta Modelo<sup>401</sup>.

Se do ponto de vista historiográfico estas obras nada vêm ensinar, o facto de *Genio B* ser uma narrativa melhor concretizada, e por isso mais convincente, chama a atenção para o valor da História como realidade assente na narrativa.

Independentemente da verdade histórica possível, a história como criadora de *memórias* preenche uma necessidade essencial do homem: organizar-se à volta do sentimento de acções, de espaço e de tempo.

Esta característica permite-lhe ser elemento fundamental na formação de identidades culturais e sociais dos grupos - o que evidencia a presença do menos-racional na consciência humana.

Concluindo, mostrar como a palavra<sup>402</sup> é muito do nosso real foi uma das grandes contribuições de Aristóteles.

---

<sup>401</sup> Cfr. *Genio A*, pp.46-49 e *Genio B*, pp.306-307.

<sup>402</sup> E não apenas a palavra sacra, pois cerca de 25 anos mais tarde é impressa em Espanha a tradução de *Arte da História*, do jesuíta Moyne, que, defendendo uma história-representação política, -ignorando o censor o tratado de S. José a estabelecendo-lhe no prólogo continuidade com *Da Historia* de Cabrera - vai igualmente preconizar a defesa do estilo sublime concretizando-o por diversos exercícios narrativos.

Tal como Cabrera, que sem defender o estilo eloquente, ensina de modo pormenorizado, como mais nenhum tratadista fará, não apenas a adequar os elementos de distinção à narrativa histórica, como a criar harmonia e clareza, concluindo, *naturalmente*, sobre a existência de um carácter natural na língua espanhola, que a faz ser mais difusa e elevada do que a latina - o que tem algum fundamento, pois o carácter cristalizado e sintético da língua facilita a concisão. «*Del ingenio, juyzio, y disposicion que pide la leccion de la Historia*, (...). Es verdade, que la ciencia Civil, y la Historia miran igualmente a la prudencia, (...). La ciencia va por las difiniciones, divisiones, y discursos, sacados, y inferidos de los Axiomas universales; y por los sylogismos en forma, que todos son caminos abstraídos fuera de la esfera de nuestra vista, y distantes de los caminos propios de los sentidos, y la imaginacion. La Historia al contrario, sin elevarse al universal, y a la idea; sin alexarse del singular, y de lo sensible, camina a pie llano por los exemplos, que guian sin torcer a la practica, y al uso. (...) no veo nada que les pueda embarazar el tomar los caminos de la Historia, donde todo es sensible, y solido; donde sin descaminarse por los rodeos de la especulaciõ, y por el vacio de la idea, aprenden por las cosas hechas las que se han de hacer, o evitar;». p.40, 41 e 42. (...) «El estilo sublime, esto es, el



---

mas elevado, es entre todos los estilos el mas proprio de la Diccion Historica. (...) Todos saben, que la Diccion es como el vestido, y la representacion, assi de las cosas, como de los pensamientos, y todos saben tambien, que deve aver proporcion entre el vestido, y el cuerpo, entre la representacion, y lo representado: por esso no ponen el vestido de un niño a un hombre, (...) Tambien avemos dicho nosotros, que en la Historia solo deven entrar cosas grandes, acciones elevadas, y empressas heroycas: la regla pues de las proporciones, y conveniencias pide» Garcia, *Arte de Historia*, pp.220 e 223.



### 3.2. ENTRE A RAZÃO DE ESTADO E A VERDADE COMO ATAVIAR A DONÇELLA - HISTÓRIA DELIBERTIVA.

«Heme dilatado algo en este articulo la verdade, porque la verdade es el alma, y la forma de la Historia(...). Pero no basta que sean verdaderas las cosas,(...) es necessario que sean grandes, y lustrosas, pero con grandeza fundada, y solida, y cõ lustre que les venga del merecimiento.(...) La razón es, porque siendo la Historia vna *Philosophia exemplar*, inventada para instruccion de los Grandes, deve tomar por ellos la medida de sus exemplos, y no ofrecerlos, sino de su estatura; porque estimandose ellos, como se Estiman, por Gigantes entre los hombres, (...) se agraviaran de que Les propusieran Pigmeos para la imitacion.»<sup>403</sup>.

Em síntese, partindo do princípio de que se discorre mais longamente sobre o que é importante para nós, e aceitando a ideia atrás enunciada, de que as metáforas e as comparações são elementos essenciais e aglutinadores de sentido, da referência por todos os tratadistas à necessidade de ataviar e colorir o corpo da memória (aliás, de grande variedade e desenvolvimentado em Cabrera e Garcia) e da constante ligação dos conceitos de história, corpo e *nervos*<sup>404</sup>, especialmente em *Genio A*, parafraseando, entre outros, Plínio e Ezequiel<sup>405</sup> (significando analogicamente *nervio* a oração

<sup>403</sup>Fr.Francisco Garcia, *Arte de Historia*, pp.100-101.

<sup>404</sup>Exemplos clássicos retirados da Bíblia (Ezequiel) e de Plínio.

"Si bien por otro modo, que el Escolastico, i contencioso enlaçando los nervios de sus argumentos, con lo firme i como huesos de testimonios historicos; i sacando de entre aquellas espinas argumentosas la verdad", *Genio A*, pp. 9-10

Conservanse allí polvos i cenizas frias o (quando mucho) huesos secos de cuerpos enterrados; esto es, de acaecimientos, cuya memoria casi del todo perecio. A los cuales para restituirles vida el Historiador, es menester, como otro Ezequiel, vaticinando sobre ellos, juntarlos, unirlos, engazarlos, dandoles a cada uno su encage, lugar i proprio asiento en la dispoción i cuerpo de la historia; anadirles, para su enlaçamiento i fortaleza, nervios de bien trabadas conjeturas; vestirlos de carne, con raros i notables sucesos, estender, sobre todo este cuerpo asi dispuesto una hermosa piel de varia i bien seguida narracion; i ultimamente infundirle un soplo de vida, con la energia de un tan vivo decir, que parezcan bullir i menearse todas las cosas de que trata, en medio de la pluma i del papel. Que tanto es necesario para dar vida al cuerpo de una Historia, organizado solo de fragmentos antiguos."

Con ambos[orador e poeta] conviene en algo el Historiador,i de ambos tambien en mucho se distingue: que el uno de aquellos imita, el otro arguye; Este arguye e imita, refiriendo desnudamente la verdad. Descubrense en la narracion Historica los huesos nervios i musculos mas distintos, que en la del Poema i Oración, donde se descubre mas el movimiento, brio, i orgullo; i una como erizada crin de la Elocuencia: En aquella, la voz es blanda i sosegada: En estos suena la trompa sonora. Finalmente en las clausulas, cadencias, i numeros, i en todo genio i curso de su estilo, ha de ser el Historiador, aun que tan aseado i corriente, pero no tan alto i brioso, como el Orador i Poeta." *Genio A*, pp.27-28

<sup>405</sup>"Es el decir [de Fr. Francisco] brioso, nervoso, i juntamente suave: tiene sustancia, jugo i desenfado.; corre con pureça i lisura " *Genio A*, pp.31-34.

dinâmica e forte, que logra impor-se ao leitor, persuadindo-o<sup>406</sup>), facilmente se deduziria que, nem a narração é um problema menor na conceptualização da arte dos homens, nem a valorização de determinado género oratório, e correspondente estilo, está relacionada com exclusivos problemas de linguagem.

Comparando as regras enunciadas por Jerónimo de S. José, quanto ao estilo, com as posições defendidas por Francisco Garcia-Moyne, verifica-se que elas são semelhantes, defendendo ambos a linguagem sublime, e assumindo uma organização hierárquica do real, encontrando-se as diferenças nos conteúdos doutrinários a elas associados - os jesuítas preconizam uma história-representação que sirva o poder político e a Corte, defendendo que o historiador<sup>407</sup> o seja de *gabinete*<sup>408</sup>, enquanto o carmelita pretende divulgar o ensino da reprodução de uma história eclesiástica, com os valores morais a ela subjacentes - e, sobretudo, numa muito maior valorização dos aspectos relacionados com o corpo da narração, o que aproxima *Arte de Historia* de *Da Historia*, de Cabrera de Cordoba

Como se viu pelo gráfico nº61 e tabela do início do capítulo, Cabrera e Francisco Garcia são os autores que de forma mais exaustiva e sistemática caracterizam os vários elementos da disposição, explicitando e ensinando através deles não apenas a diversificar o corpo da história, tornando assim o relato mais instrutivo e agradável, mas a usar determinados exercícios em determinadas situações como a melhor forma de transmitir específicos conteúdos, fazendo que matérias de opinião sejam aceites por verdades, não formuladas pelo autor<sup>409</sup>. A valorização que dão ao exórdio, às falas, e às vidas, no caso de Cabrera, e aos juízos, sentenças, falas e exórdio, no de Garcia, tiraria qualquer dúvida sobre o carácter não-elaborado, de intenção não assumidamente doutrinária destes exercícios e do ensino do seu uso pois, como se disse, neles concretizam lei, verosimilhança e doutrina. Composto a narrativa a partir destes elementos, que são os seus elos, a história é marcada pela diferença. Mais pormenorizada, mais densa, porque a diversidade abrange mais situações, simulando e representando

---

<sup>406</sup>Covarrubias, *Tesoro*, op. cit., p.826

<sup>407</sup>Religioso, que se pode tornar político desde que sabedor da eloquência e introduzido nos meandros do espaço político «(...)Pueden hazer de vn simple Religioso,vn excelente Politico.(...) Si han podido hazer de un Cardenal Bentiuglio vn Historiador todo Guerrero(...)» Garcia, *Arte de Historia*, pp.26-27

<sup>408</sup>Garcia, *Arte de Historia*, p.106.

<sup>409</sup>"(...) y trabajadores, en rastrear, hallar, desemboluer, desenredar, y sacar entre tantos monumentos montones de huessos, armas, despojos, y de los fragmentos y zaleos de libros y papeles que dexó el tiempo voraz y consumidor, satisfaciendo al odio, a la imbidia y a la ingratitude del oluido, infinitos casos prodigiosos, hechos notables, grandes en boca de los enemigos, pues entre sus alabanzas nos dan buena parte de la gloria, en la que para si toman las comunes hazañas."Cabrera, *Da Historia*, p.155.

maior realidade, facilita a apreensão das situações, e portanto da doutrina a elas subjacentes. Esta maior definição na marcação da diversidade dos elementos completa mais a história, dando-lhe maior força porque a aproxima de situações verosímeis, ensinando assim a comunicar as doutrinas pelos mais adequados exercícios narrativos. Pela heterogeneidade e matizes define melhor os perfis, ligando no concreto o herói às acções. Ao contrário de Moyne-Garcia, que enuncia brevemente o retrato-elogio, não pretendendo o seu tratado ensinar a caracterizar o perfil do *Herói*, Cabrera como que concretiza no exercício *Vidas*, a figura-fim da sua história doutrinal. Modelo definido segundo os caracteres e nas situações contempladas por Aristóteles, vai ter um desenvolvimento digno da magnificência régia, que concretiza na figura do soberano (Filipe II) a caracterização do poder do Estado e da actividade política - por isso se distancia das histórias que narram matéria única, como a história político-militar (1.<sup>a</sup>P.,cap.12), objecto e modelo da perfilhada por Morcillo, em *De Institutione*.

Se são estas pequenas partes que compõem as extensas, pomposas e por vezes imponentes histórias de seiscentos, correspondendo maior caracterização literária a mais longa narração e doutrina, é pertinente perguntar porque desenvolve Jerónimo de S. José tão circunscrita teoria sobre esses exercícios narrativos. Talvez porque a narrativa-representação de doutrina política, ligada ao ser da acção, exige um relato realista e pormenorizado, e ele pretende reflectir, pela história, acerca do dever-ser moral, para cuja formulação, por se tratar de caracteres e de virtudes, apenas se necessita de palavras, concretas e particulares, que adequadas às circunstâncias, expressem esse ser moral em situações vivenciais genéricas. Por isso enquanto Cabrera, em *Da Historia*, e Filipe II, e Garcia, em *Arte de Historia*, doutrinam através de ideias e ideais concretizados em acções e personagens particulares, S. José recomenda a actuação, através de exemplos-tese e de falas. Se a concretização dos exercícios narrativos de Cabrera ou Garcia pode não dar maior informação "*objectiva*", dá maior representação à realidade, revelando uma comum atitude (talvez por isso o censor espanhol da tradução de *Arte de História*, considerasse aqueles autores como sequentes) na sistematização de uma arte com sólido corpo narrativo-doutrinal - que assegurasse a ordem padronizada, lógica e ideológica, do fazer histórico, menos condicionado pela autoria, ou por especificidades contextuais.

Assim, mesmo em relação aos autores que preconizam um semelhante corpo narrativo, como Cabrera, Garcia e Morcillo, não parecem ser idênticas as concepções de história. Defendendo todos uma

memória presente ou história recente, de finalidade política, como exemplo e lição de prudência<sup>410</sup>, pela forma como estruturaram os tratados e as ideias nele enunciadas, pode considerar-se que Moyne-Garcia o faz sobretudo numa perspectiva de filosofia exemplar<sup>411</sup>, referindo, sem maior explicitação<sup>412</sup>, a realidade exterior como o material base da sua acção escrita<sup>413</sup>. Por isso o historiador - que pode ser religioso, não precisando de ser estadista - é ainda caracterizado com os mesmos atributos horacianos que em *Génio de la Historia*, sendo-lhe apenas exigidos conhecimento de retórica, engenho e prudência<sup>414</sup>. A

<sup>410</sup>"Yo digo, es la historia narración de verdades por hombre sabio, para enseñar a bien vivir." Cabrera, *Da Historia*, p.24.

<sup>411</sup>"Filosofia pratica que ensina por modelos e exemplos, sendo método mais excelente do que o que se faz por argumentos. Cfr. Garcia, *Arte de Historia*, p.101.

<sup>412</sup>Apenas com algum desenvolvimento nas referências à necessidade da permanência da Corte, mas sem explicitar as actividades que nela o historiador deve desempenhar.

<sup>413</sup>Não sendo para ele a história, nem a exclusiva informação dos sucessos, nem a observação das "coisas", mas a sua compreensão, servindo esses documentos e relatos de base à sua escrita, não explicita as matérias que considera objecto da narrativa histórica, com excepção das gazetas e outras memórias - revelando assim estar frontalmente contra os historiadores de memórias e relatos que prosperavam em França em meados de seiscentos, defensores de uma história escrita com simplicidade, para ser entendida como realidade. Garcia, *Arte de História* p. 28.

<sup>414</sup> O historiador precisa juízo esclarecido e recto, moderado e penetrante, bastando-lhe engenho para se torna homem de estado.

Cfr. Garcia, *Arte da Historia*, pp.23-28.

Cabrera caracteriza da seguinte forma o historiador: "(...) muchas cosas el escritor y tener gran cabeça, gran prudencia, gran experiencia, gran juicio, gran paciencia para saber bien distinguir las cosas para ordenarlas, porque la variedad no las confunda ni enrede: mas no es difícil disponer las acciones, quando nacen vnas de otras o preceden en tiempo que las ordena y en lugar que las asienta y dispone. Teniendo la materia delante de los ojos, lo que della para esto ha de elegir o dexar, qué dezir, qué callar, par formar la verdad, materia de su historia, juntando las cosas para saber empear, proseguir y acabar; con tal conueniencia de las partes entre sí, según el estilo y orden, que hagan vn cuerpo gallardo y hermoso, que allí se le representará en figura y manera el sujeto que ha de contener, reduzido en suma a ciertas partes delineadas en el entendimiento, para bosquejarlas en el papel y con el dezir, colorir la pintura con el ornamento de las partes integrantes, de que luego trataremos; y comprendida, explicarla con elegancia: el buen orden en esto es loable: y así es reprehendido Tucídides de que dispuso mal su obra y Dionisio Halicarnaseo también.", *Da Historia*, p.47.

E Morcillo: "Como considero a história uma lei ou regra de vida, e julgo que quem a escreve é uma espécie de legislador prudente e honesto, temos de o configurar muito bom, muito íntegro, muito prudente, e muito bem dotado de todas as boas qualidades, se puder ser.(...) O historiador nem só há-de ser probo e recto por si, mas há-de perceber, com um juízo penetrante, o que nas outras pessoas existe digno de louvor ou de censura. Com efeito, como é que dará uma sentença quem não souber exercer as funções de juiz? Forçoso é que seja enganado e cometa erros a cada passo se não conhecer muito perfeitamente a índole dos homens, os seus costumes e vida, e não os examinar com recto juízo. (...) Além disso, seja o historiador perito em muitos assuntos, como o tempo antigo, exemplos, ditos, feitos, costumes diversos; conhecerá a índole das várias gentes, poderá visitar povos, percorrer regiões, tomar parte em negócios públicos, guerreiros, urbanos, de príncipes, de pessoas privadas, de soldados, de chefes; tenha em consideração as coisas civis e militares. E, se puder, não dê crédito somente ao ouvido, mas ele mesmo tome conhecimento, veja e examine tudo, não apenas o que tiver intenção de escrever, mas o que diga respeito ao modo de vida. A este grande varão, grave, íntegro, severo, sabedor, inteligente, exercitado, cortês, urbano, não ignorante de toda a vida pública e privada, eloquente, douto, expedito a falar e a escrever, diligente, interessado - quem não o ama tanto e o louva que não o convida para a tarefa de escrever história, e não o ponha até à frente da República como seu benfeitor e defensor, por acção do qual ela mesma deve permanecer e ser imortal?" *De Institutione*, p.46- 47.

diferença entre Cabrera e Garcia situa-se sobretudo na valorização mais concreta dada em *Da Historia* à análise do real, visível na especificação com que enuncia o relato<sup>415</sup>, em que, percorrendo os lugares aristotélicos, adverte sobre o cuidado de determinar os tempos e os espaços em que se deram os factos, as pessoas que neles participam, nomeando as verdadeiras linhagens e não deturpando os nomes; na referência ao tipo de matérias que podem ser objecto da narrativa histórica e onde lê-las<sup>416</sup> (antigas, estudadas pelos antiquários, eclesiásticas, pela Bíblia e autoridades sacras, e recentes, entendidas pela experiência vivencial da Corte, estudo de arquivo e leitura de papeis, e na necessidade de o historiador ser estadista, associando prudência e eloquência, de modo a entender as simulações<sup>417</sup>. *Arte de Historia*, de Francisco Garcia, evidencia assim uma concepção de história mais dedutiva. *Da Historia*, de Cabrera, concebe o historiador com duas actividades (num reflexo biográfico)<sup>418</sup>: a de político, necessária para aconselhamento do rei e ao conhecimento do que vai narrar<sup>419</sup>, e a de escritor, que adequando

<sup>415</sup> *Partes esenciales de la historia*", cap.2 a 5, da 2ªP, correspondentes na tabela que visualiza a matriz conceptual da obra aos capítulos agrupados em 3.3.1. a 14% da obra.

<sup>416</sup> Cabrera, ao longo de nove capítulos, refere diversos tipos de documentos e matérias do âmbito da história, advertindo sobre a dificuldade da atribuição de juízo sobre o certo e verdadeiro nas matérias antigas, devendo o historiador escolher o mais provável. No entanto, se critica Mariana por confiar demasiado no ouvido e visto, não deixar de elogiar a crónica de Beroso, como já se referiu.

<sup>417</sup> "Sería pequeña la historia que de lo que vió solamente se hiziesse y forçosamente ha de creer lo que le dizen; no vno sinó muchos, en quienes no hallará la perfecta narración que él presupone vniforme. Antes porque es ordinario y cierto el variar, aurá de argumentar sobre prouables en la diuersidad de los hechos que le refieren, para sacar en limpio la fineza de la verdad y establecer lo que más verdadero o verisímil le pareciere. Vale más en estas cosas la relación que la presencia." Cabrera, *Da Historia*, p.24

<sup>418</sup> Cabrera percorreu como político e diplomata, França, Flandres, Nápoles e Roma, antes de escrever *Da historia, Historia de Filipe II* (1619), e *Relaciones de Sucesos*, em que narra os movimentos aragoneses de 1591, razão pela qual estas obras não foram publicadas na íntegra.

Cervantes em *Viage del Parnaso*, 1614, refere-se a *Da Historia* "como discursos discretos, tem discretos que a Tácito verás, si te lo enseño", cit. por Cepeda Adam, in *Historia de la Cultura Española Ramón Menéndez Pidal. El siglo del Quijote (1580-1680)*, vol.2, Madrid, Espasa-Calpe, 1996, p.707.

<sup>419</sup> "Llegan a la corte las verdaderas narraciones de las cosas más señaladas, apréndese en ella los manejos de los negocios de estado; conócense las dependencias de los potentados, disinios, trato, progressos; los secretos de los príncipes. Bien que sea esto peligroso, no pudiendo ser sino viuiendo ellos o sus herederos, en cuyo tiempo se han de escriuir sus historias. Pueden saberse de los efectos y del modo de las execuciones, de las más aparentes y verisímiles. No es difícil al que no es torpe ni nueuo en el conocer y saber las acciones heroicas y generosas: no apartándose de lo que vniuersalmente se cree. Los consejos se saben algunas vezes de los que interuine en ellos, decisiua o consultiuamente, o de sus amigos o adherentes, que entienden las causas de los efectos, o al cabo el tiempo los descubre. Aduirtiendo que en tal sazón llegará que aunque se canse y desuele no los penetrará y se le representará lo verdadero embuelto en verisímiles apariencias. El que tiene más de curioso en inquirir lo que está en lo areano de los secretos de los príncipes, más tiene de temerario. También se embían relaciones por, el mundo, assí de vna como de otra parte, de dos naciones enemigas o reyes encontrados y competidores, de cuya verdad conferidas y examinadas saque lo más prouable. No está obligado a escriuir sino lo que se tiene comúnmente por verdadero. Deste modo sabrá lo que toca a los amigos y a los enemigos, para escriuir perfeta y cumplidamente. Abra el ojo en el estudiar los papeles que le dieren, porque he leído muchos para lo que escriuo en el Filipe Segundo, que saldrá en público después deste metodo de historiar..." Cabrera, *Da Historia* p.71

eloquência ao seu prudente saber, estabelece a verdade escrita, de utilidade moral e política. No entanto, se adverte da necessidade do conhecimento da trajectória humana, desde o que parece serem intenções até às consequências que provoca - pois é esse conhecimento que permite actos políticos eficientes, devendo os casos singulares ("particulares")<sup>420</sup>, observada e descrita a sua decomposição, delimitação das circunstâncias e comparação com factos semelhantes, serem avaliadas em função dos resultados práticos obtidos, valorizando assim as acções, ou criando representações de acções, enquanto efeitos de uma doutrina -, a actividade do estadista, e os processos de observação e análise dos meandros políticos, quase não são referidos, nem explicitados os meios para alcançar o conhecimento, quer de realidades presentes, quer passadas, normalizando sobretudo na sua obra a tarefa da escrita do historiador. Surge assim o processo de conhecimento histórico como que decomposto em dois sectores, correspondendo aliás às duas partes do tratado, em que na primeira, por indução, se apreende a matéria, que está na segunda subordinada às regras do dizer.

Esta pouco explícita valorização experiencial, da interação historiador-realidade e por isso da actividade crítica, fá-lo igualmente referir escassamente os aspectos que podem significar maior actividade do juízo, seja a invenção, sejam os atributos do historiador, seja ainda a ausência de referência à actividade dos leitores.

*Situação* já explicitada com Morcillo, em *De Institutione*, pois ao introduzir a narração histórica pelo acto de saber observar o *real*, está a incluir no próprio facto da criação do saber a causa material (sendo por isso o único autor que se considerou ter desenvolvido a faculdade de *invenção Histórica*). Apresentando em seguida uma linha definida

---

<sup>420</sup>" - Mas porque todos os feitos que são como que pontos especiais da história - por causa dos quais se narram os outros, que nós relatámos e hão-de ser ditos sucessivamente - produzem, a partir deles, uma outra série de factos, como acontecimentos e acidentes vários, também eles devem ser descritos nos seus devidos lugares. Eu chamo acontecimentos àquelas coisas que, uma vez feitas, tenham chegado ao seu fim ou às que estão ligadas com elas. Por exemplo: carnificinas feitas nos exércitos, capitulações de fortalezas, conquistas, assolações, devastações, destruições, fugas, triunfos, trofeus, prémios, honras concedidas aos militares e aos chefes, punições de militares poltrões ou malvados, as mudanças de fortuna, os acasos de Marte contrários ou ambíguos, a organização da disciplina militar observada por uns e outros, o erro e a negligência de uns ou a prudência dos outros, prodígios vários e prognósticos de acontecimentos futuros, a descrição de pessoas, da sua natureza, índole, costumes, fama, nome, origem, e restantes elementos relativos a essas pessoas de que se está a tratar.

Quanto estas coisas contribuem para o ornato da história e para a força dos exemplos é o que nos ensinam os próprios escritos dos bons e sagazes historiadores, escritos que são muitíssimo louvados pelo facto de que não narram os feitos despojados de ornato (coisa que não traz nada de útil ou de gostoso) mas acrescentam as suas indispensáveis circunstâncias, sem as quais a narrativa fica sem graça e seguramente inútil." Morcillo, *De Institutione*, p.23.

Cfr. Garcia, *Arte de Historia*, pp.107-119, e Cabrera *Da Historia*, pp.50-53.



orientadora da observação, compreensão do que deve ser registado, sua análise e juízo, está a considerar explicitamente a história como realidade de conhecimento, em que o sujeito (autor ou leitor) tem um papel fundamental<sup>421</sup>. Ao condicionar as formas de *disposição*<sup>422</sup> à *invenção histórica*, ambas desenvolvidas em cerca de 21% da obra, e fazendo depender o sentido dessa narrativa da capacidade do leitor,<sup>423</sup> está a concretizar a valorização do juízo, considerando-o algo que constrói e alarga o entendimento do real histórico<sup>424</sup>.

<sup>421</sup>"Quer aquela única guerra, quer a narração de todos os feitos da cidade ou do povo, ou então de alguém importante,(...) é assumido pelo historiador como tema considerado principal em toda a obra, na qual se deve fazer uma selecção (...); e isso para se aceitarem coisas, todas elas, verdadeiras, e não as falsas, as simuladas ou inventadas, as exageradas por parcialidade ou por algum sentimento, nem as vergonhosas, nem as prodigiosas, nem as inúteis e frívolas.(...). Embora a maneira de apresentar as coisas pareça ser a mesma, quer os factos sigam os tempos, quer, ao contrário, os tempos sigam os factos, porque(ou se façam anais, ou crónicas, ou comentários) o que se procura é a relação dos tempos e o conhecimento das coisas que neles sucederam, no entanto deve considerar-se que uma é a forma da perfeita história -que aqui queremos descrever -outra a dos anais ou das crónicas. (...) Portanto, bem ordenados os feitos e delineados de modo que se perceba que coisa aconteceu em cada tempo (mas por forma que os tempos, um a um, não sejam recordados secamente nem escassamente, a não ser quando o assunto o exija), deve também prestar-se atenção à natureza dos lugares onde a coisa se passou, pois que para a memória e conhecimento das coisas isso é muitíssimo útil, tal como, para uma mais fácil lembrança, costumamos utilizar imagens e sinais colocados em determinados lugares. Portanto, se a história há-de ser bem ordenada e esclarecida, os factos hão-de distinguir-se não só pelos tempos mas também pelos lugares, Morcillo, *De Institutione*, pp.15-16.

<sup>422</sup>"Com efeito, como normas para viver e agir e falar e, afinal, para tudo conhecer, preciso é que tome, de preferência, os exemplos das histórias aquele que as ler; assim não perderá o fruto e a própria utilidade, satisfeito com uma narração inútil e frívola de acções realizadas. Tal como um pintor, se, quando lhe apresentam alguma egrégia forma para que a imite, ele apenas se deleitar com o brilho e a elegância, e não pensar na sua arte, nem executar a imitação nem procurar reproduzi-la imitando-a. Como a história deve ser lida, não por divertimento ou para passar o tempo inutilmente, mas **para conhecer e imitar uma lei e regra de vida**, então a sua leitura deve ser preparada de forma que não só se procurem exemplos de factos, mas também se procure a notícia de ditos, de decisões, de casos e lugares diversos, de muitas gentes e nações, de costumes, de formas de governo, de instituições, tempos, enfim, o curso de toda a vida humana e a plena descrição das vicissitudes.(...) Por isso se deve anotar cuidadosamente que é que foi dito com acerto ou com indignidade, para fugirmos de um e abraçarmos o outro. E depois, o que aconteceu e em que tempo nos diversos lugares, cidades e nações. E qual é a posição de muitos lugares, qual a forma do território, qual a natureza do céu e do ar, qual a forma das cidades, dos edifícios, das fortificações, das máquinas, dos estratagemas, dos planos, deliberações, campanhas, exortações, como se manifestou a organização da disciplina militar. Acontecerá assim que quem se ocupar de assuntos civis pode saber e dizer a forma de uma cidade, de fazer construções, de instruir os cidadãos, de criar leis, de as fortalecer, de as revogar, e conceber rectamente a totalidade da república. E quem cultivar estudos doutrinários dispõe dos exemplos de muitos varões que pode imitar quando aprende, quando lê, quando ensina, quando escreve.", Morcillo, *De Institutione*, p.53.

<sup>423</sup>" Por essa razão a leitura da história será extremamente útil a todos, desde que sigam esta maneira e método de a ler; isso porque basta a sua visão e a sua matéria para ensinar com muita clareza. Assim como nas outras coisas que são investigadas pelo engenho e pela diligência dos homens, eles mesmos andam em busca do que é proveitoso para as necessidades da natureza, como são, em geral, todas as artes que se cultivam à mão, os utensílios, as máquinas, as construções, as cidades, a lavoura, o vestuário, os edifícios e outras coisas deste género) **assim também a história...**", Morcillo, *De Institutione*, p.53.

<sup>424</sup>: "a história foi inventada e cultivada e conservada, não para uma comemoração vazia e fútil de coisas pretéritas e presentes - pois dessas ela se ocupa e não das futuras - **mas para instrução da vida humana, tal como as leis e a disciplina dos costumes, e também outras artes boas e dignas do**

Sendo a história uma actividade natural, funciona como matéria informativa que dá exemplo ao homem<sup>425</sup>, podendo-lhe este, pela aplicação da razão, retirar valor exemplar e sentido universal, através do uso da dialéctica: " **Portanto, não só será um orador dialéctico, para que possa expressar-se com propriedade, com ornato, com distinção e conveniência, mas também será um fisico e douto na ciência dos costumes.**" É com base nesta argumentação que estabelece as leis da *ciência política*<sup>426</sup>, que passa a estar fundada numa necessidade natural, conhecida por ciência certa, reforçada pela fundamentação da actividade do historiador na filosofia e no conhecimento dos homens - assumindo Morcillo desde o início do tratado ter como modelos Platão, Aristóteles, Teofrasto e Tito Lívio.

---

homem bem educado. Pois, como as leis foram estabelecidas para a boa ordem e maneira de viver daqueles cidadãos que(...), e tal como a ciência dos costumes foi descoberta para a moderação de todos os homens, a medicina para a sua saúde, e as artes liberais para ornamento da educação, assim foi descoberta a história para incitar os homens à virtude, com ilustres exemplos como se fossem leis". Morcillo, *De Institutione*, p.53.

<sup>425</sup>Ou para os afastar dos vícios, pela analogia de efeitos contrários; para acalmar e debelar as paixões da alma, e ainda para o cuidado do espírito e para ornato de conhecimentos distintos. Se os mestres consideram que ao orador é necessário, para a sua eloquência, o conhecimento da história, para tratar de causas forenses, de modo que possa usar muitos exemplos como que assegurados pela boa consciência dos antigos - como diz Quintiliano - quanto mais havemos nós de crer que ela concorre para a boa formação da vida humana? É que é, de longe, mais útil e de melhor efeito encaminhar os homens para a honradez por meio de exemplos de vida, do que persuadi-los a uma coisa qualquer que alguém deseja. Os exemplos, na verdade, movem tanto os ânimos dos homens que chegam a imitar os vícios e as más acções alheias, porque são de natureza tal que aquilo que os outros fazem lhes parece que também eles hão-de fazer. (...) Se algo deve ser feito ou deve ser dito não apenas por cada homem mas pela totalidade da república, será que nasceram todos tão prudentes e doutos que não precisem de exemplos alheios, que possam imitar? "Morcillo, *De Institutione*, p.54.

<sup>426</sup>"Que é que ensinou ou confirmou as leis, as artes, a organização da república, a disciplina militar, e todas as outras notáveis coisas que se inventaram, a não ser os muitos exemplos de coisas semelhantes? Desse modo, porque os homens observam, repetidas vezes, que muitos erros se cometiam por determinado motivo, propuseram leis em contrário; porque, por uma só experiência, sabiam que certas coisas se faziam com proveito, levados por esse exemplo, criaram uma espécie de sistema comum; porque, na própria guerra, percebiam que uma coisa era sempre útil e que outra era sempre nociva, descobriram também a forma e a arte de guerrear. E então, porque os exemplos mostravam o que se fazia a propósito, o que se fazia em contrário, o que se fazia com precaução, com imprudência ou ao acaso, o que se fazia com falta de ânimo ou corajosamente, enfim, o que era bem feito ou mal feito, foram criadas todas as artes, foram concebidos planos e instituições, foram introduzidos cálculos e experiências. Todo o trato da vida humana, os seus cuidados, a sua utilidade foram assim descobertos e aperfeiçoados. E porque os exemplos são de tão grande importância quanta dissemos, para qualquer lado da vida que alguém se volte, também assim deve ser considerado que o conhecimento da história contribui para que seja julgado como senhor de muito grande conhecimento das coisas, e de muito grande ciência e prudência aquela que estiver imbuída e mergulhada nela. Pois o que uma viagem a países estrangeiros, uma vida de longa duração, o conhecimento de muitas coisas, a experiência, os pareceres, a prática, a subtilidade e a perícia poderão operar em qualquer homem nada negligente, sensato, que compreenda tudo pela força do seu juízo, e tudo note e guarde na memória, isso mesmo, sem dúvida, produzirá a história, melhor e com mais verdade, ela, que abraça todas aquelas coisas e é apresentada como registo e espelho de toda a vida humana, para fins de prudência e informação, "Morcillo, *De Institutione*, p.54.

Se a história que preconiza instruiu triplamente - porque incentiva a acção<sup>427</sup>, explica as situações (políticas e militares), mostrando como agir e evitar erros, alternando com este "sentido realista das provas" a enunciação de máximas doutrinárias e leis, reforçadas pelo testemunho de exemplos -, ao retirar às informações o carácter de incerteza, dá ainda legitimidade e maior dignidade à *ciência* e à própria prática política. Esta legitimação da doutrina política integrada numa filosofia natural, com a respectiva observação, entendimento e juízo dos sucessos, valoriza ainda a capacidade criadora e o espírito crítico.

Ensinar a compreender e avaliar os meandros da política, e a escrever história político-militar, exigiu ainda o conhecimento rigoroso das situações presentes e passadas, que favoreceu o desenvolvimento de meios de conhecimento, estudo de fontes e organização de arquivos. Se estas ideias não tiveram consequências próximas na história, vieram contudo no segundo quartel de seiscentos a manifestar-se através do tacitismo, como já se disse na primeira parte deste estudo.

Finalmente, que intervenção tiveram estes tratados, criadores-reprodutores de saber (considerando que funcionam como modelo das narrativas históricas que integram cada subgénero) no desenvolvimento da História moderna? Todos ensinam a elaborar histórias que são meios de conhecimento, ensinando ainda Fox Morcillo a estabelecer leis de acção e Pulgar regras de conhecimento. Se só os dois últimos tipos de tratados ajudaram a constituir conceptualmente a história como saber moderno, por indicarem como escrever histórias com adequação ao real e simultaneamente processos de conhecimento da realidade (não tendo encontrado receptividade cultural, ficando por isso sem divulgação impressa em Espanha), os tratados que ensinam a escrever história-representação ilustram bem sobre as outras dimensões da história como criadora de memórias, evidenciando os papéis que desempenharam na

---

<sup>427</sup>"A história, porém, não é só útil ou aprazível pelo facto de nos dar estes frutos que eu disse, também é precisa, não tanto para aqueles cujos feitos ou ditos são celebrados, mas mais ainda para os negócios públicos e para as cidades.

Pois que coisa alguém faria com perfeição se estivesse persuadido de que isso passaria despercebido? Então os bons chefes, nas batalhas, correriam para uma morte certa, se dali não lhes resultasse nenhuma glória futura, nenhuma menção de louvor?

A que propósito as pessoas melhores e de nascimento preclaro procuram levar vantagem às outras nos feitos, nos ditos, na erudição, no desejo de excelência, na dignidade, nas honras, no louvor, nas riquezas? Acaso tratam disso sem mais? Certamente que não, mas com o desejo da imortalidade, a qual, pela recordação deles junto dos vindouros, esperam que será duradoura na terra", Morcillo, *De Institutione*, p.56.

criação da arquitectura da ordem social - sendo portanto também pilar do outro marco da modernidade .

### 3.3. HISTÓRIA JUDICIAL OU A EXPLICAÇÃO BARROCA

- Sigalíon, de Pedro Fernández del Pulgar

Este diálogo exige pela sua originalidade e complexidade algumas considerações introductórias. É um manuscrito datado de 1683, que simula ser cópia impressa, quer pela inicial apresentação de todos os necessários elementos paratextuais, quer pela indicação, na folha de rosto de "nuevamente impresso". Estas características fizeram com que o hipotético original impresso tenha sido até hoje considerado como obra perdida.

Mas os elementos paratextuais, pela sua função irónica, permitem concluir tratar-se de um recurso que pretende, simultaneamente, ridicularizar as edições impressas, com falsos conteúdos, e, valorizar o próprio texto. Sublinhe-se que a palavra *nuevamente*<sup>1</sup> é, na época, usada como sinónimo de recentemente, utilizando ainda Pulgar o termo com a conotação jurídica - o que se ajusta ao diálogo que pretende representar um julgamento.

Esta obra sem formalmente apresentar elementos originais e, quanto ao conteúdo, assumir uma posição negativa em relação ao valor dos *Falsos Cronicões*, que vinha sendo enunciada desde o final do século XVI por vários autores, define, no entanto, uma atitude crítica, que é nova, ao demonstrar que, a existência de falsários é universal porque, para além da falta de instrumentos de análise, os processos de elaboração histórica assentam no *plausível*. Esta concepção é manifestada tanto nas ideias que apresenta ao longo da obra, como pela sua própria estrutura textual, em que integra a sátira. Se o historiador não diferencia tempos nem lugares, nem distingue mitologias, fantasias e factos, Pulgar constroi ironicamente o seu discurso historiográfico sobre essa concepção, levando-a assim ao ponto de ruptura.

Afirmando ser *Sigalíon* uma crítica ao *Cronicao Auberto* e ao seu comentador Gregorio Argáiz, que ele nomeia como Gorigore Cigara, Pulgar concebe as cenas dos dois diálogos numa Academia ateniense, juntando figuras mitológicas com figuras históricas, de épocas diferentes, desde Luciano aos seus contemporaneos Pellicer, Quintanilla, Soto, etc.

---

<sup>1</sup>*Sigalíon*, fl.9

Com esta mistura de figuras fora do tempo e de figuras históricas anacrônicas, mostra o absurdo das concepções em que se pretendia fundar as origens da monarquia espanhola, por escolher, para as personagens não históricas aquelas em que se baseiam as falsas crônicas. (V.G. Sigalón, juiz do tribunal, filho adoptivo de Isis, é uma figura cujas características são idênticas às de Hercules, que, segundo Auberto, fundara Cadiz, na sua viagem à Península Ibérica).

Recorrendo a esta via do absurdo, Pulgar conclui que não há conhecimento, e, portanto, não pode haver história, antes do dilúvio, chamando a este período *adelón* (oculto). De esta fronteira temporal até às primeiras Olimpíadas há um tempo mítico, em consequência da precariedade das cronologias, iniciando-se então o tempo histórico.

Por outro lado, o recurso às figuras míticas reforça a autoridade da sua obra, pela força simbólica que irradia dessas personagens.

Toda esta construção foi possível porque Pulgar, para além de um saber profundo da cultura do seu tempo, e de grande capacidade racional, assimilou perfeitamente as regras da construção retórica, e o espírito que as enforma, dominando ainda a estrutura da língua castelhana. Isto torna-se evidente quando aplica transformadas as próprias regras, subvertendo as formas de tratar os vários géneros discursivos.

Quanto ao entendimento do texto ele é prejudicado pela sua desorganização e lacunas.

A observação dos gráficos anexos com a representação sequencial do diálogo (fig.71 e 73 ) permitiu verificar que Candido - em termos do desenvolvimento da intriga adjuvado por Singalón<sup>2</sup> - vai interpelando um a um os falsários. Tendo-nos o narrador informado de que o julgamento começa com a *cena* de Luciano, seguindo-se Hunnibaldo e finalmente Annio<sup>3</sup>, sendo levados a tribunal, no segundo diálogo, os falsários modernos, a análise do encadeamento lógico e histórico do enredo permitiu sugerir a seguinte ordem de leitura para o primeiro diálogo<sup>4</sup>:

---

<sup>2</sup>Tendo-se por isso escolhido na representação visual para Candido e Singalón cores próximas.

<sup>3</sup>Acção correspondente ao primeiro diálogo - desde a sequência 1 à 363 e da 611 à 917 - ver gráfico nº 71.

<sup>4</sup>Não se detectaram lacuna nem trocas de sequências no segundo diálogo.

- 1º- Exordio e prelúdio, desde fl.2 a fl.53;
- 2º- Diálogo de Candido com Luciano, desde fl. 440 a 480 (seq. 694 a 762, representado no gráfico pela cor amarela);
- 3º- Diálogo de Candido com Hunnibaldo, do fl. 385 a 410, do fl.489 ao 510 e do 543 ao 610 (seq.611 a 649; 763 a 799, 845 a 928 e 114 a 149, representado no gráfico pela cor azul);
- 4º- Diálogo de Candido com Annio, representado no gráfico pela cor verde, desde fl.79 a 101 e de 120 até 143 (seq.113 liga com a 150, terminando na seq.190, correspondendo à cena 1); desde fl. 410 ao fl. 440 (cena II) e desde fl.143 ao início do segundo diálogo 287, correspondendo às cena III<sup>5</sup>, VI,VII e VIII. Surgem truncadas as sequências 800-844, desde fl.511 ao 543, que parecem ser iniciais, pois no folio 511 Singalíon informa que está citado para o dia seguinte Annio.
- 5º- Ficam por integrar as sequencias iniciais do diálogo, desde o fl.53 ao 79, que embora parecendo preambulares não se enquadram em nenhum dos antiloquios.

---

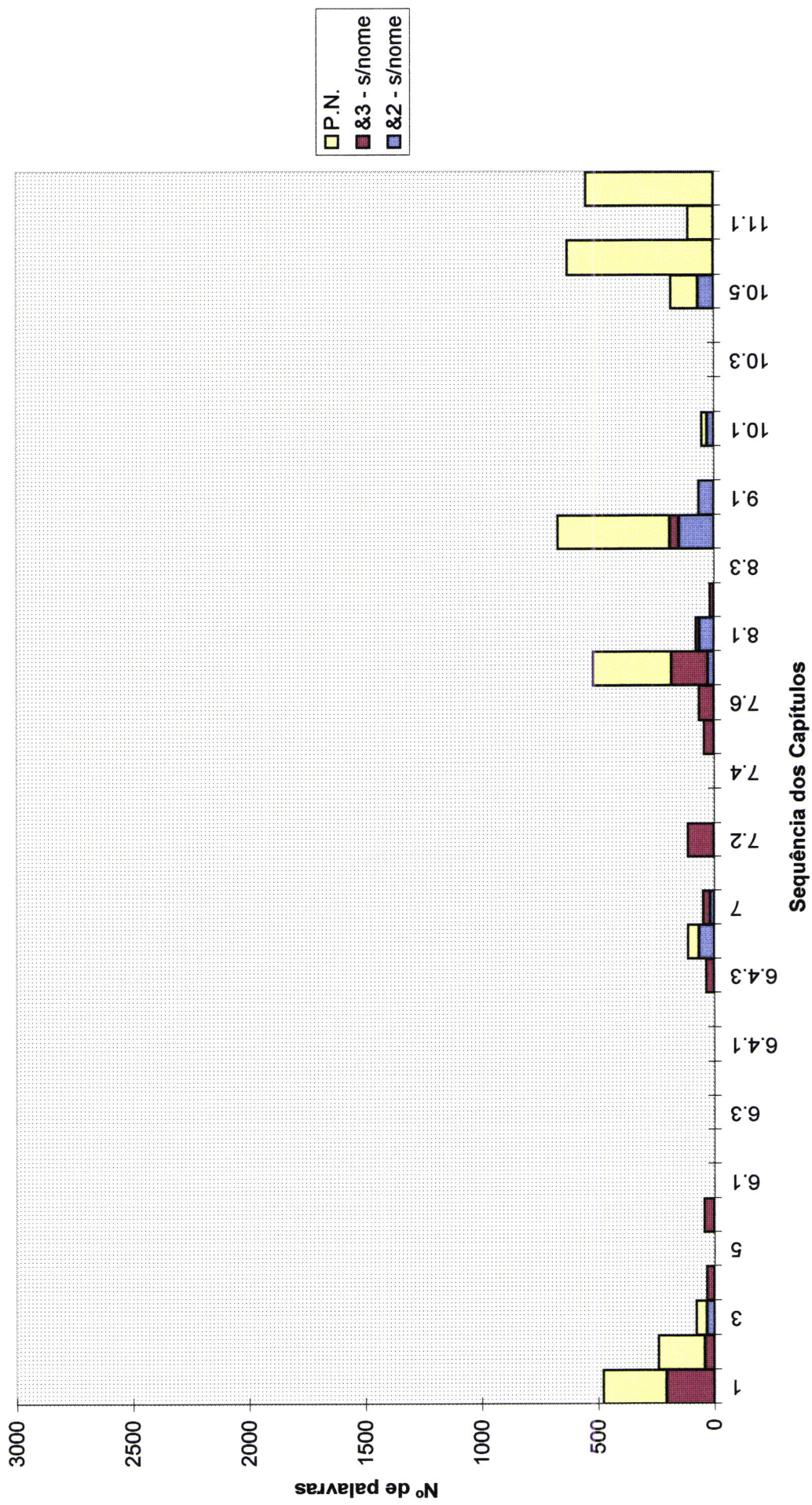
A apreensão da estrutura da obra torna-se mais fácil se a observação dos gráficos for complementada com a análise da tabela 2.5. 3. integrada no Anexo II, vol.II.

<sup>5</sup>Até à cena III Candido considera que refutou os argumentos, iniciando-se a partir daí até ao final do diálogo a prova da verdade das suas teorias.

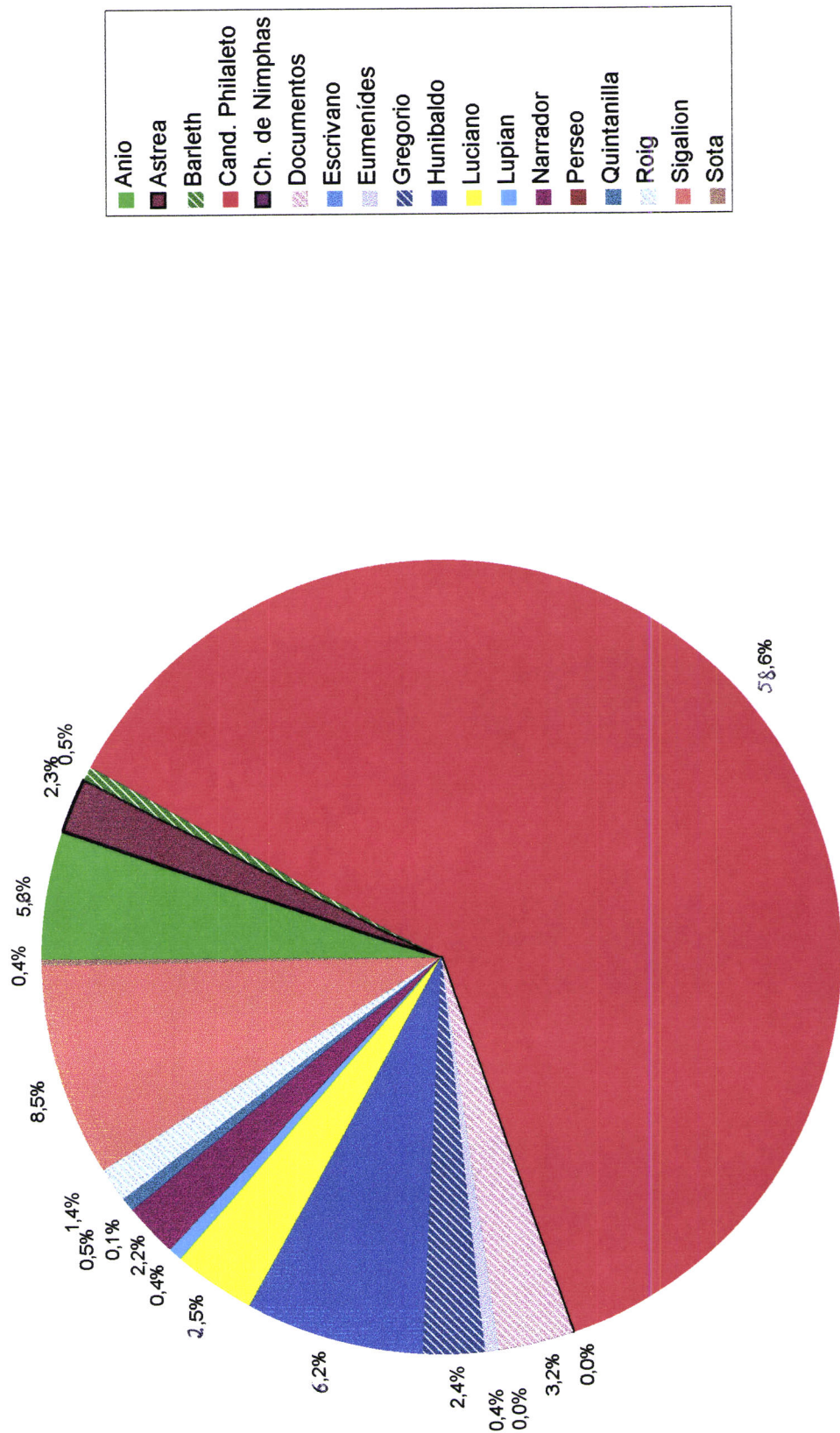




**Representação de De Instituzione, de Morcillo, com indicação dos capítulos que integram diálogos**

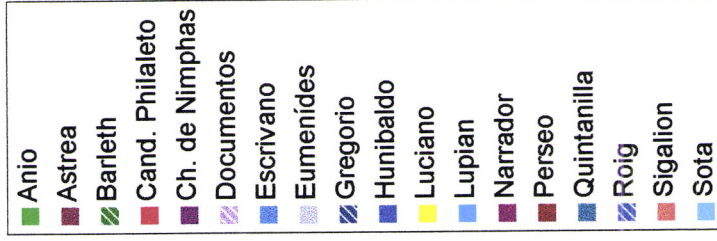
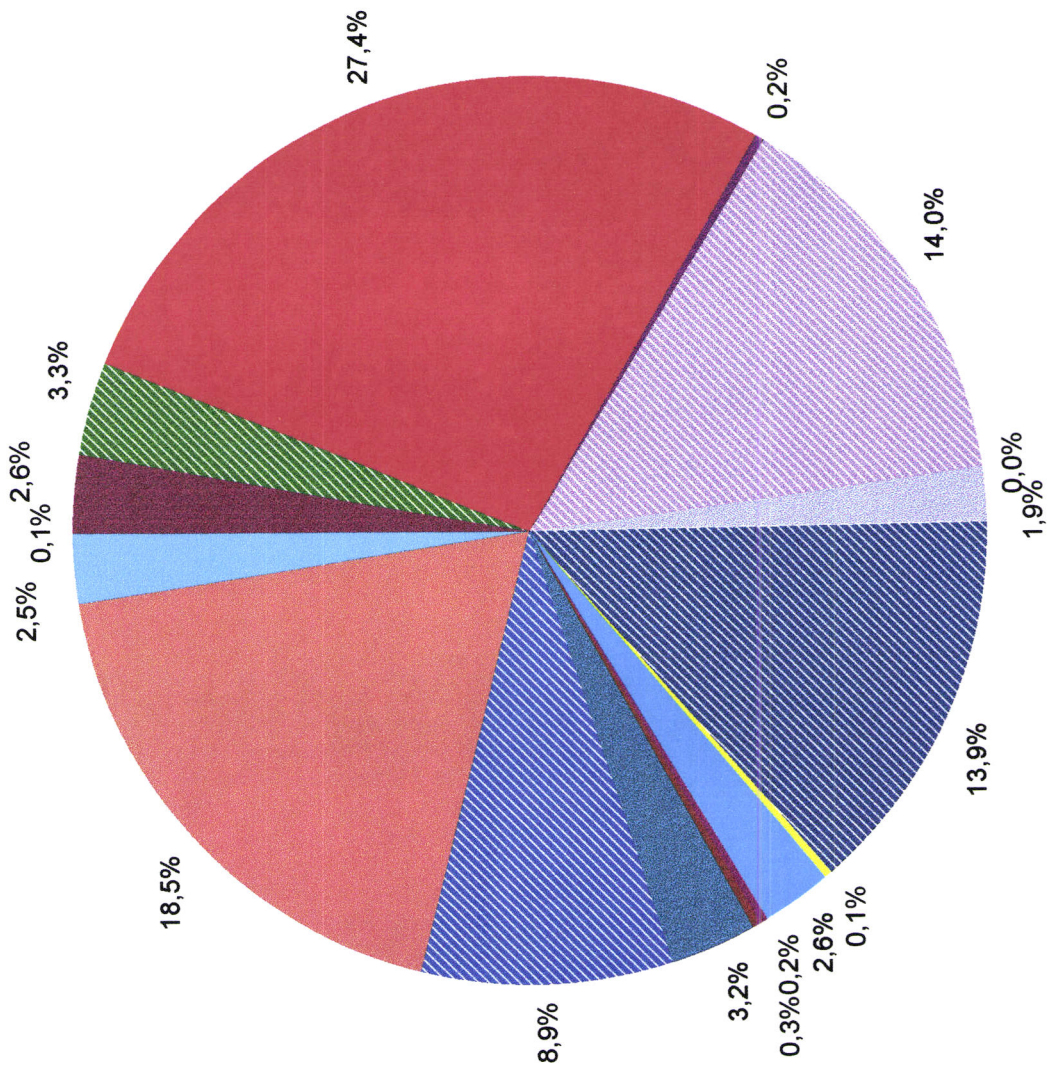


## Sigali3n, de Pulgar

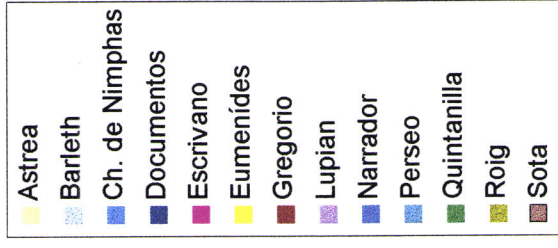




## 2ª Cena



# Sigallón, de Pulgar 2ª Cena



Sequência dos diálogos

## CONCLUSÃO

"Ni tu me entiendes ni yo mi entiendo, pues catate que soy culto".

Este verso de Quevedo a uma dama, que corteja, exprime elementos específicos da cultura barroca, como a ironia, o valor da força da linguagem, com carácter simultaneamente ilusório e hermético, por vezes vazio de significado conceptual, mas rico em sentido comunicativo. Entendida a fala como amplo processo de sedução, ao gerar adesão como consequência intrínseca da sua prática, estabelece uma convicção de conhecimento própria de cada homem e tece um sentimento de relação mais forte que a precaridade do *desengano*.

Irreverente e desconcertante, por vezes rídica, alcança geralmente os seus objectivos: Quevedo pretende o amor e, sobretudo, a admiração da dama, afectos que, ultrapassando o entendimento das circunstâncias, resultam das agudezas, incompreensões e dificuldades, que são manifestação da qualidade do seu autor.

Processo discursivo semelhante parece ser o que seguiu Pulgar ao longo das 1200 páginas do diálogo *Sigalión*, que integra 26 personagens e o narrador em cerca de mil falas. Ele (autor-pessoa) escondido pelo nome de um autor fictício e profundamente simbólico (o hispânico Candido Philaleto<sup>1</sup> - isto é, *amigo puro do saber e da verdade*), que intervem

em cerca de 60% do texto, debruçando-se sobre os falsos cronicões, vai simultaneamente analisando e refutando, quase sempre em linguagem de difícil interpretação, as várias narrativas sobre a história de Espanha, expondo e criticando as principais correntes historiográficas, assentes na verosimilhança, e mesmo na mitologia, e apresentando, a partir da reflexão que essa análise lhe provoca, uma nova concepção de conhecimento histórico. Esta nova concepção, nomeadamente sobre as origens de Espanha - podendo ser assim, inclusivé pela extensão da obra, *Sigalión* entendido como resposta, e alternativa, à *Historia*, do P.e Juan de Mariana - significa uma nova abordagem, em termos de método e de

---

<sup>1</sup>Candido, puro, é uma correspondência a Candida filha de Minerva, que se apresenta como Verdade - sendo caracterizada com identidade similar à da história - que por isso patrocina a escrita do livro, que lhe é dedicado.

noção do tempo, ligada a uma visão laica da história, organizada segundo três períodos (Adelton, Mítico e Histórico), resultando destes elementos uma nova teoria da história. Se esta só se faz com documentos, a sua análise e respectivo cotejo, se pode não permitir descobrir a verdade, possibilita detectar-lhes as falsidades, concluindo assim que nem todos os documentos (quer modernos, quer antigos) têm valor histórico, pois há memórias sem garantia de verdade.

Se a irónica exposição, detalhada e circunstancial, cheia de referentes e alusões às culturas da época e clássica, não é por nós plenamente entendida, essa mostra de grande capacidade erudita e de talento de encenação, associadas ao carácter satírico, pré-dispõe à aceitação da mensagem, nos seus vários níveis: querer saber a verdade e poder descobri-la (que é primeiramente identificação dos erros), enunciar as respectivas leis e suas formas de aplicação (exigindo o desenvolvimento de sucessivas concretizações de linguagem), aderindo-lhes não apenas com a imitação do modelo enunciado<sup>2</sup> mas também com a admiração e reconhecimento do prestígio do seu autor. O diálogo termina, como se disse, com a confissão e sucessivo arrependimento de todos os falsários e a consagração de Candido, ocupando no Museu Atico o lugar da própria Minerva.

Esta integração num contínuo narrativo de um discurso de conhecimento em crítica satírica de costumes contra a razão é o elemento mais original da obra, que confere ao tratado um lugar talvez único na historiografia europeia.

Tomando como modelo Luciano, que também, enquanto historiógrafo e autor de um texto de crítica aos historiógrafos<sup>3</sup>, assume a posição de personagem (acompanhado do galo, símbolo da sabedoria<sup>4</sup>), e inspirando-se na tradição recente criada por Erasmo, Rabelais e

---

<sup>2</sup>*Sigalión* (que significa silêncio), ó *Chitón de los chronicones fabulosos y supuestos*, que significa, segundo Covarrubias: " Dezir a uno que calle e no pronuncie ni salga de su boca ni un chi, que es sondo y no llega a ser voz", *Tesoro*, op. cit., p.437.

Há aqui também uma evidente alusão ao gallo de Luciano, transmigração de Pitágoras, com a alcunha de *Chillón* (demasiado palrador).

<sup>3</sup>"Como debe escribirse la Historia", in *Obras*, de Luciano, vol.2, Madrid, Gregos, 1981, pp.366-408.

<sup>4</sup>É directa a alusão ao diálogo de Luciano " aprende dormido lo que no has discurrido despierto", *Sigalión*, fl.11.

Ver ainda "El sueño o el gallo", in *Obras*, de Luciano, vol.3, Madrid, Gregos, 1981, pp.362-392.

Quevedo, associa a essência do diálogo platónico<sup>5</sup> às formas festivas da sociedade romana (as cenas decorrem durante as festas carnavalescas) o que aparentemente o aproxima mais da literatura de fantasia, moral e picaresca da época (*Sigalión* tem como um dos referentes a obra *D. Quixote*, a que faz sucessivas alusões) do que das enunciações normativas próprias das obras de conhecimento.

Sublinhe-se ainda que com *Sigalión* se continua, e valoriza, a outra tradição do renascimento, com antecedentes medievais, de raiz popular, moralista e dinâmica - portanto mais próxima da realidade humana.

A diferença em relação a Luciano, e aos modelos clássico e coevo, é que neles a sátira está associada a uma predominante perspectiva moral, e quando se preconizam novos princípios de saber, ou se criticam os antigos, ainda se age nessa perspectiva. Já em *Sigalión* a sátira é processo de desenvolvimento do seu discurso de saber, pois é por ela que reflecte sobre o papel da linguagem na elaboração de conhecimento<sup>6</sup>.

A inovação de Pulgar está em que, partindo do princípio de que "*a verdade era adequação do entendimento à realidade que na realidade existe*"<sup>7</sup>, e de que o conhecimento se faz pela relação dos sentidos com o entendimento - "abri los ojos para ver si la potencia sensitiva experimentava lo que la intelectual tenia asegurado"<sup>8</sup>, criticando portanto a concepção de história verosímil e negando a sua fundamentação na retórica, por recusar entender a linguagem como entitativa - elabora e aperfeiçoa métodos e instrumentos que permitem melhor conhecimento desse real, mas integrando os contributos dos filólogos, antiquários e eruditos (que fantasiosamente nomeia, elogiando o seu trabalho<sup>9</sup>,

---

<sup>5</sup>Também obvia é a referência à alegoria da caverna: " Si quieres conocerme [à verdade] sai de tu pesado sueño, y reconocerás con claridad que vengo en tu patrocinio", *Sigalión*, fl.11.

<sup>6</sup>A apresentação das novas técnicas que permitem o conhecer da história é feita ao longo de um extensíssimo julgamento-explanação sobre os erros da história, em que pela perspicaz análise de indícios e capacidade inventiva se descobre o real e se converte o público (neste caso os próprios falsários): pela agudeza do conceito, segundo a nova arte enunciada por Gracian, tornam-se mais lúcidas as ideias, pela agudeza verbal, elabora-se convincente argumentação e se exprime de modo a cumprir à acção (agudeza de acção, ainda segundo Gracian).

Cfr. Baltasar Gracián, *Agudeza y Arte de Ingenio*, vol.2, Madrid, Turner, 1993, p.323.

<sup>7</sup>*Sigalión*, fl.11.

<sup>8</sup>*Sigalión*, fl.11.

<sup>9</sup>A censura do manuscrito, simulando obra impressa, é apresentada como escrita por Daniel Papebrochio autor de *Acta Sanctorum*, em publicação.



evidenciando desta forma também a sua capacidade erudita e actualização, manifestadas no conhecimento das mais recentes doutrinas historiográficas) numa teoria explicativa, em que a linguagem é elemento essencial, evitando assim soluções empiristas primárias.

As cronologias são assim apresentadas como criação do sujeito, organizadoras de um sistema coerente de datação, em que os acontecimentos particulares são englobados num todo e por isso se tornam

relacionáveis; e em que pela filologia, e exégese dos textos se apreendem os objectos, que passam a ser conhecimento por via da linguagem. Qualquer discurso, enquanto teoria aplicável a casos, necessita de construção de argumentos, adequada expressão e exposição, para ser aceite e praticada, pois a comunicação exige um conhecimento mais amplo do que os princípios racionais por elas enunciados (na história as teorias aplicadas à realidade social humana, logram, pela enunciação dos factos, revelar novas realidades).

Ao retirar a história da retórica, Pulgar pode desenvolver reflexão acerca do conhecimento histórico, dando aos cépticos uma resposta alternativa, por considerar elemento referencial a ideia de que existe realidade independente do conhecimento. Mas ao não identificar esse primeiro ser com o conhecimento histórico está a reflectir sobre os limites da história (e do real) para além da palavra, integrando assim os métodos formulados pela erudição seiscentista num processo mais alargado de reflexão sobre o saber humano, em que a Poética é o elemento eficiente e por isso envolvente dos vários saberes e actividades humanas.

Mas como se descobriu este processo em discurso tão metafórico? Como se percepcionou ser uma análise do real e não apenas uma sua deformação exagerada, como nas novelas de Quevedo e Cervantes?

A forma seguida foi a de conhecer o melhor possível os textos historiográficos sobre os falsários, argumentos e explanações dos críticos, quer espanhóis, quer estrangeiros, considerando ainda a

---

Pulgar refere várias vezes a monumental obra, indicando o dia e o mês a que se refere o facto que nomeia, de modo a facilitar a verificação da verdade do que diz (Antuerpiae, Michaelem Cnobarum, 1675)

No prologo o impressor afirmara a excepcional eloquencia e erudição de Candido, conhecimentos confirmados pelo grande erudito francês.

literatura de verosimilhança, como já foi dito. Desta ampla perspectiva resultou verificar-se que Pedro Fernández del Pulgar conseguira uma vastíssima informação, polarizada em torno do velho princípio aristotélico, recuperado pela estética barroca - e alargado aos referidos níveis da invenção, disposição e elocução -, de que se a "*uniformidad limita, la variedad dilata; y tanto es más sublime, cuanto más nobles perfecciones multiplica*"<sup>10</sup>

Esta informação permite-lhe uma análise pela qual selecciona objectos e conceitos que considera elementos síntese do todo, que decompõe em partes operatórias, sintetizadas em conjuntos simbólicos. Estes elementos na nova síntese valem pela "realidade", sendo mais representativos porque depurados.

Este raciocínio analítico-dedutivo, que tem no conceito o seu núcleo organizador, parte da indução e elabora um conjunto sintético de símbolos, imagens parte do real, que no processo narrativo serão referidos, ou ironizados, como *real-real*.

Se a dedução, não acrescentando conhecimento, dá rigor e explícita, a dedução simbólica, participando desse rigor, acaba por enriquecer o real, ao permitir a criação de novos nexos, estabelecendo um original sistema de relações que está para além das que nos são dadas pela observação, embora manifestadas com os caracteres do verosímil.

Temos assim visíveis dois planos na história, estabelecidos em inter-relação: o do conhecimento do real e o da narrativa que exprime e enriquece esse conhecimento.

O melhor modelo, para Pulgar, desta expressão narrativa é o discurso forense, quer pela sua estrutura de raiz geométrica, que permite uma distribuição de funções e uma repartição de matérias de inultrapassável força organizativa e comunicativa; quer pela dignidade que é expressão global dessa estrutura; quer ainda pela flexibilidade, variedade, imprevisibilidade, e riqueza das falas e dos diálogos, articulados ao real que lhes dá origem.

O discurso jurídico dá também a Pulgar o modelo de investigação e elaboração da narrativa histórica: tal como o juiz articula as provas técnicas com as não-técnicas, assim o historiador deve aplicar a sua capacidade inventiva na observação e interpretação dos indícios e provas.

---

<sup>10</sup>Baltasar Gracián, *Agudeza y Arte de Ingenio*, vol.2, Madrid, Turner, 1993, p.321.

Mas o autor de *Sigalión* não esquece, na prática, o princípio aristotélico da similitude. Por isso frente aos cronistas fabulosos, assume a posição lógica de como eles invertem a realidade histórica: onde os falsários apresentam fábulas e fantasias com o nome de história, ele, historiador e Cronista Mayor das Índias, e defensor de uma história que simultaneamente informe e sirva de exemplo, escreve uma "*fantasia en dialogo jocoserio*" para "*defensa de la verdad, y sinceridad de la Historia de España*"<sup>11</sup>. Assim, Pulgar, privilegiando a forma do discurso forense dá-lhe um conteúdo jocoso para castigo dos falsos historiadores, e defesa de género tão nobre, ao mesmo tempo que questiona a essência da verdade histórica: explicar sucessos ou *dizer verosímil*.

Em conclusão se a teoria da imitação dominou as mentalidades do renascentista, passando ao barroco, é neste que começam a manifestar-se as primeiras fissuras na herança cultural recebida. Com efeito, ao autor que vê e vive a Criação submetido ao jogo das grandes forças com que Deus ordenou a máquina do mundo, começa a suceder o fascínio pelo objecto da criação, advindo do domínio das regras.

Como Deus criou o mundo, o artista cria a sua obra que passa a ter valor de Criação. Por isso os objectos de conhecimento têm valor idêntico aos objectos da realidade: Gracián dedica *Agudeza y Arte de Ingenio* à Arte e ao Objecto; Pulgar dedica *Sigalión*, à Verdade (histórica); e Velásquez (representando-se ainda como novo Apeles), *As Meninas*, à pintura<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> *Sigalión*, fl. 19.

<sup>12</sup> Terminando assim com uma alusão a um autor sempre implícito ao longo deste trabalho. Cfr. M. Foulcaut, *As Palavras e as Coisas*, Lisboa, Portugal, s/d, pp. 1-137.

## BIBLIOGRAFIA



## 1. FONTES<sup>d</sup>

"Aparato para el Prologo: cualidades de los que han de escribir historias", in *Sucesos del Año 1621*, B.N.Md.<sup>2</sup>, Mss 2352, fl.1-5.

*Bibliotheca Selecta* (de Olivares), R.A.H., Mss.9\5729.

*Colección de Documentos referentes a la fundación e institución de la Colegiata de Sacromonte de Granada*, B.N.Md., Mss 6437.

*Colección de algunos instrumentos o Diplomas para la formación de la Historia del Señor Felipe IV*, (Séc. XVIII), B.N.Md., Mss 10484.

*[Cópia da Carta do Marques de Estepe ao Arcebispo de Granada]*, B.N.Md., Mss 9405, fl.196-197.

"Cotejo de las Historias de Florián de Ocampo, Esteban de Garibay y Ambrosio de Morales.", in *Misceláneas Históricas y Políticas*, (Séc. XVI-XVII), B.N.Md., Mss 887, fl.119-147.

*Cosas Curiosas del Tiempo y Vida del Rey Phelipo Tercero assi de su Gobierno como de su vida...*, (1652), B.N.Md., Mss 1174.

*[Dos libros del Sacro Monte de Granada, interpretados, y comentados]*, B.N.Md., Mss 6437.

*[De las Reliquias y libros de Granada]*, B.N.Md., Mss 1055.

*[Declaración de autenticidad de las reliquias halladas en el Sacro Monte de Granada, por el Arzobispo D. Pedro Vaca de Castro. 30 de Abril de 1600]*, B.N.Md., Mss 1583, fl.16-20.

*Defensa de los escritos de Flavio Lucio Dextro i Marco Maximo de autor anonimo*, B.N.Md., Mss 6712, fl.111-132.

*Discurso, en Razon de lo que se Debe Hacer, Antes de Entablar Estilo Nuevo en el Gobierno Presente, y las Causas de la Destrucción de le Monarquia [Española]*, Séc. XVII, B.N.Md., Mss 18666/63.

*[Diversos Papeles Referentes a los Falsos Cronicones]*, (Séc. XVII), B.N.Md., Mss 6712, 162 fl.

*[Escritos Varios Referentes al Reino de Portugal en el Siglo XVII]*, Séc. XVII, B.N.Md., Mss 8372.

*Indice de Libros Impresos Relativos à la Historia Geografia y Descripcion de España, en los que se Comprenden las Historias que se Conecen de sus Reinos Provincias, Ciudades, Villas, y Lugares...*, (Séc. XIX), B.N.Md., Mss 18630.

*[Láminas y descubrimientos de Granada.Papeles antiguos y Modernos]*, (Séc. XVII), B.N.Md., Mss 6180.

*[Memorial del Marques de Estepa arçobispo de Granada contando el descubrimiento de las reliquias del Monte S. de Granada y sus libros pidiendolos para traducirlos]*, Granada, B.N.Md., Mss R 24033.

---

<sup>1</sup>Não se seguiu a fórmula clássica de distinguir manuscritos e impressos, por o fio organizador do estudo serem os autores. Nesta perspectiva, o mais importante é a visão conjunta da obra de cada um, sendo essencial o que, nela, ficou manuscrito, foi publicado na época, ou foi reeditado.

<sup>2</sup>B.N.Md. é a abreviatura de Biblioteca Nacional de Madrid e R.A.H. de Real Academia de la Historia, de Madrid.

- Metodo p[ar]a Estudiar la Historia en Italiano*, (Séc. XVIII), B.N.Md., Mss 18723(51).
- Método para hacer un carro triumphal, y explicacion del modo en que se hande colocar las prezas que se compone, conforme à el justo del siglo decimo VI*, B.N.Md., Mss 18190, fl.253.
- Miscelaneas Historicas-Politica Donde se Hallaran Muchos Papeles Originales*, (1680), B.N.Md., Mss 887.
- Papeles de diferentes materias politicas y de buen gobierno...*, B.N.Md., Mss 290, fl.1-12.
- [Papeles varios, historias, fábulas, avisos, cartas y relaciones.]*, (Séc. XVII), B.N.Md., Mss 2341.
- [Papeles varios sobre la Historia General de España de Juan de Mariana]*, B.N.Md., Mss 18662/24.
- Proiecto para escribir un tratado sobre la Historia*, B.N.Md., Mss 11081, fl.48-60.
- Proiecto para escribir una Rhetorica*, B.N.Md., Mss 11081, fl.61-81.
- Real Decreto de S. Mag para que se Informe del Estado de los Papeles [de la] Monarchia...*, (1726), B.N.Md., Mss 4368.
- Relacion de Fuentes para la Historia de Felipe IV desde 1621 a 1665*, B.N.Md., Mss 18581(13).
- Relacion de la entrada que hizo en esta Corte a los 25 de Nouiembre deste año de 1624 el señor Don Carlos Archiduque de Austria , y como le falieron a recibir los señores Infantes, y el Rey nuestro Señor, con el Duque de Neobur, y Clebes. Y el recebi*, Madrid, Diego Flamenco, (1624), B.N.Md., Mss 2355.
- Relación de las sanctas reliquias que se hallaron en la torre de la mezquita... a 18 de marzo de 1588...*, B.N.Md., Mss 1583, fl.49-57.
- [Relación de los libros q[ue] se truxeron de la Capilla R[eal] de Granada, por orden de S.M. à S. Lorenzo]*, B.N.Md., Mss 5734, fl.325-335.
- [Relato de la aparición milagrosa de una cruz en la ciudad de Terni a 7 de Septiembre de 1600]*, B.N.Md., Mss 1583, fl.4-7.
- *[Respuesta que Dio Cierta Ministro al Rey Philipe sobre las cosas de Portugal]*, Séc. XVIII, B.N.Md., Mss VE 48-35.
- *[Sobre el Real Archivo de Simancas]*, B.N.Md., Mss 9094.
- [Traducción latina y castellana de los libros de plomo hallados en el Sacro Monte de Granada con otros textos relacionados con ellos. Al final, folleto impreso (s.l.n.a.) sobre la importancia de estos libros]*, (Séc. XVII), B.N.Md., Mss 6637, fl.169-211.
- Varias Apuntaciones de Historia q[ue] las mas son Latinas, y Sacadas Segun se Advierte de Varios Autores Todos Historiadores*, 1635-1653, B.N.Md., Mss 11146, fl.124-153.
- ALDRETE, Bernardo Jose de, *[Carta a Don Thomas Tamaio sobre las obras de Flavio Dextro. (Jaén, 29 de enero de 1630)]*, (Séc. XVII), B.N.Md., Mss 4033.
- ANDRES DE UZTARROZ, Juan Francisco, *[Relacion de la jura del Príncipe Nuestro Señor en las Cortes de Aragón]*, (1645), B.N.Md., Mss 18723(-39).
- ANDRES DE UZTARROZ, Juan Francisco, *[Memorial a las Cortes de Aragón solicitando el nombramiento de Cronista del Reino]*, s.l., s.n., 1646.

- ANDRES DE UZTARROZ, Juan Francisco, [*Memorial a los Diputados del Reino de Aragón solicitando autorización para continuar los "Anales" de Zurita y datos para su "Biblioteca de Escritores Aragoneses"*], s.l., s.n., 1648.
- ANDRES DE UZTARROZ, Juan Francisco, *Progressos de la Historia en el Reyno de Aragón, y elogios de Geronimo Zurita, su primer coronista...*, Zaragoza, Diego Dormer, 1680.
- ANTONIO, Nicolás, [*Colección de Varios Tratados Coleccionados por ...*], (Séc. XVII), B.N.Md., Mss 7345.
- ANTONIO, Nicolás, *Cartas a Juan Francisco Andrés de Uztarroz*, B.N.Md., Mss 8.391.
- ANTONIO, Nicolás, *Cartas a Diego José Dormer*, 1675-1684, B.N.Md., Mss 8.385.
- ANTONIO, Nicolás, *Copia de Cartas de... escrita al Cavildo del S[acr]jo Monte, en 25 de Agosto de 1673...*, B.N.Md., Mss 1271, fl.23-24.
- ANTONIO, Nicolás, "Aprobacion", in *Historia de Italia de Micer Francisco Gvichardini, ...*, Madrid, Antonio Roman, 1683.
- ANTONIO, Nicolás, *Bibliotheca Nova...*, Mayans I Siscar, Gregorio (ed.), Matriti, Viudam et Heredes Joachimi de Ibarra Typographi Regii, 1788.
- ANTONIO, Nicolás, *Censura de Historias Fabulosas, obra posthuma de...van añadidas algunas cartas del mismo autor, i outros eruditos*, Mayans I Siscar, Gregorio (ed.), Valencia, Antonio Bordazar de Artazu, 1742.
- ARAOZ, Francisco de, *De Bene Disponenda Bibliotheca ad Meliorem. Cognitionem loci e Materiae, Qualitatisque Librorum Litteratis Perutile Opvscvlvm*, Matriti, Francisco Martinez, 1631.
- ARGAIZ, Gregorio de, *Instrvccion Historica y Apologetica, para Religiosos, Ecclesiasticos, y Seglares [sic]*, Madrid, Antonio de Zafra, 1675.
- ARZE FRAYLE, Diego de, *De las librerias: de su antiguedad y prouecho...*, s.d., B.N.Md., Mss 17568.
- AUGUSTINI, Antonio, [*Miscellanea*], Séc. XVI, B.N.Md., Mss 1854, fl.117-140.
- AYALA, Juan, [*Sobre el Real Archivo de Simancas y Diego Dormer*], B.N.Md., Mss 9094.
- BAPTISTA PEREZ, Juan, [*Papeles Vários*], B.N.Md., Mss 13085, fl.17-29.
- BAPTISTA PEREZ, Juan, [*Discurso contra el Pergamino y Relíquias, halladas en 19 de Marzo de 1588, sacado de Arabigo en romanze por mandado del Arzobispo de Granada*], B.N.Md., Mss 6180, fl. 23-32.
- BAPTISTA PEREZ, Juan, *Parecer sobre las planchas de plomo*, (1595), B.N.Md., Mss 7187.
- BENTIVOLLO, *Guerra de Flandes escrita por el...*, Varen, Basilio(ed.), Madrid, Francisco Martinez, 1643.
- BENTIVOLLO, *Gverra de Flandes*, Varen, Basilio (trad.), 3 vol., Madrid, Francisco Martinez, 1643.
- BRANDAN, Antonio, *Directorio Sacado de las Vidas i Hechos de los Esclarecidos Reies de Portugal*, (1634), B.N.Md., Mss 2850, 74 fl..
- CABRERA DE CORDOBA, Luis, *De Historia, para Entenderla y Escribirla*, Madrid, Luis Sanchez, 1611.
- CABRERA DE CORDOBA, Luis, *De Historia, para Entenderla y Escribirla*, (1611), Montero Diaz, Santiago (ed.), Madrid, Instituto de Estudios, 1948.



- CABRERA DE CORDOBA, Luis, *[Sobre la Educacion del Principe]*, Madrid, s.n., 1618.
- CABRERA DE CORDOBA, Luis, *Don Felipe Segundo Rey de España*, Madrid, Luis Sanchez, 1619.
- CABRERA DE CORDOBA, Luis, *Relaciones de las Cosas Sucedidas en la Corte de España, desde 1599 hasta 1614*, Madrid, Juan Martin Alegria, 1857.
- CABRERA DE CORDOBA, Luis, *Historia de Felipe II, Rey de España*, 4 vol., Conde de Toreno (ed.), Madrid, Imprenta, Estereotipia y Galvanoplastia de Aribau y C<sup>a</sup>, 1876-1887.
- CABRERA DE CORDOBA, Luis, *Laurentina*, Perez Blanco, Lucrécio (ed.), Escorial, Bib. "Ciudad de Dios", 1975.
- CAMOS, Marco Antonio de, *Microcosmia, y Gobierno Vniversal del Hombre Christiano, para todos los Estados, y qualquiera de ellos...*, Madrid, Viuda de Alonso Gomez, 1595.
- CARCAMO, Alonso de, *Traslado de la Carta y relacion qve embio a sv magestad...a cerca del Templo que en ella se ha hallado, del señor San Tyrlo...*, s.l., s.n., 1629.
- CARDONA, Juan Baptista, *De Regia S. Lavrentii Bibliotheca. De Pontificia Vaticana. De expungendis haeretic[um] propriis nominib[us]. De diptychis.*, Tarragona, Philippus Mey, 1587.
- CARDONA, Juan Baptista, "Traza de la Libreria de San Lorenzo el Real del Escorial por el Doctor J. Cardona, Canónigo de Valencia", *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1887, n<sup>o</sup>10, pp.364-377.
- CATERINO DAVILA, Enrico, *Historia de las guerras civiles*, Madrid, Imprenta Real, 1675. (Seguido de *Adiciones*, por Basilio Varen, com portada própria, datada de 1686).
- CENTURION, Adan, *[Traducción de los libros en árabe escritos en láminas de plomo que con las reliquias de los santos Cezilio, Hiscio y Thesiphon, dizipulos del Apostol Santiago se hallaron guardados desde aquel tiempo debajo de tierra cerca de Granada año de 1595]*, (Séc. XVII), B.N.Md., Mss 205.
- CENTURION, Adam, *[Relacion de las reliquias, laminas y zenizas que fueron halladas en el Sacro Monte llamado de Valparaiso y antiguamente Hipulitano junto a Granada]*, (Séc. XVII), B.N.Md., Mss 2803.
- CENTURION, Adan, *Informacion para la historia del Sacro Monte...*, Madrid, Juan Lasso de la Vega, 1632.
- CESPEDES, Baltazar de, *Ars Rhetorica*, (1608), B.N.Md., Mss 8075, fl. 1-88.
- CESPEDES, Baltazar de, *Ars Rhetorica*, Manuscrito existente na Biblioteca particular da F. Severo March.
- CESPEDES, Baltazar de, *Discurso de las Letras Humanas, llamado el Humanista...y que sale á luz la primera vez por Don...*, Diez Gonzalez, Santos (ed.), Madrid, Antonio Fernandez, 1784.
- CESPEDES, Baltazar de, *El Maestro Baltasar de Céspedes, Humanista Salmantino y su Discurso de las Letras Humanas. Estudio Biográfico y...* Andrés, Gregorio de (ed.), Escorial, Bib. "Ciudad de Dios", 1965.
- CESPEDES Y MENESES, Gonzalo, *Historias Peregrinas y ejemplares*, FONQUERNE, Yves René (ed.), Madrid, Castalia, 1969.

COSTA, Juan, *Apuntamientos de Sucesos Ocurridos en el Reino de Aragón Durante los años 1591 y 1592*, B.N.Md., Mss 1762, fl.101-116.

COSTA, Juan, *El Regidor o Ciudadano...Trata de como se ha de Regir a si, su casa, y republica*, Salamanca, Antonio de Lorençana, 1578.

COSTA, Juan, *Gobierno del Ciudadano...Agora Nueuamente en esta Tercera Edición por el mismo Auctor y Emendado*, Zaragoza, Juan de Altarach, 1584.

COSTA, Juan, *De Conscribenda rerum historia libri dvo, quibus Continentur totius Historiae Institutionis Breuissima, e Absoluta Praecepta*, s.l., Lorenzo Robles, 1591.

DEZA, Lope de, *Defensa a la Historia General de España que en latín y castellana escribió el P. Iuan de Mariana*, (Séc. XVII), B.N.Md., Mss 6946.

DORMER, Diego Josef, *Memoriales al Reino y Consejo de Aragón sobre las diligencias de reconocer los Archivos de Simancas, Barcelona y otros para escribir sus Anales*, B.N.Md., Mss 9094.

DORMER, Diego Josef, *[Memorial al Rey sobre la necesidad y provecho del Oficio de Coronista]*, B.N.Md., Mss VE 28-74.

DORMER, Diego Josef, *[Varios Papeles]*, B.N.Md., Mss 8380/8381.

DORMER, Diego Josef, *[Memorial elogiando los títulos y servicios del Doctor Dormer]*, s.d., s.l., s.n., B.N.Md., Mss 8380 (impreso).

DORMER, Diego Josef, *[Memorial en que afirma fue nombrado Coronista del Reyno de Aragon por los Diputados]*, Zaragoza, s.n., B.N.Md., Mss 8330 (impreso).

DORMER, Diego Josef, *Informe sobre que el Coronista del Reyno de Aragon no puede continuar los Anales de su Corona sin reconocer los Reales Archivos, y otros puestos donde se hallan las noticias que se requieren para obar de esta calidad*, Zaragoza, s.n., B.N.Md., Mss 8330 (impreso).

DORMER, Diego Josef, *Carta Acordada del Consejo de la Camara de Castilla para el Secreto lo del Archivo de Simancas...[Diego Dormer]*, s.d., s.l. s.n., B.N.Md., Mss 8330 (impreso).

DORMER, Diego Josef, *Sobre que el Coronista del Reyno de Aragon no pvede continvar los anales de sv corona sin reconocer los reales Archivos de Simancas , y Barcelona, la Cancelleria del Consejo Supremo de Aragon, y otros puestos donde se hallan las noticias...*, Zaragoza, (1681), B.N.Md., Mss 9094 (impreso).

DORMER, Diego Josef, *[Memorial al Rey pidiendo para irse ao Archivo de Simancas]*, s.d., s.l., s.n., B.N.Md., Mss 9094 (impreso).

DORMER, Diego Josef, *[Dormer, coronista de Aragon]*, s.d., s.l., s.n., B.N.Md., Mss 9094 (impreso).

DORMER, Diego Josef, *Memorial al Ilmo. Reino de Aragon para que le atienda en la propiedad de la Plaza de Cronistas*, s.l., s.n., 1673.

DORMER, Diego Josef, *Progressos de la Historia en el Reyno de Aragon, y elogios de Geronimo Zvrita, sv primer coronista...*, Zaragoza, Herederos de Diego Dormer, 1680.

DORMER, Diego Josef, *Discursos varios de historias, con muchas escrituras reales antiguas, y notas a algunas dellas*, Zaragoza, Herederos de Diego Dormer, 1683.

ESPINOSA DE SANTAYANA, Rodrigo de, *Arte de Retorica. En el qual se contienen tres libros. El primero enseña el arte generalmente. El segundo particularmente, el arte de Hystoriador. El tercero escriuir Epistolas y Dialogos*, Madrid, Guillermo Drouy, 1578.

- ESTEPA, Marques, *Memorial en que se reduz en apuntos breves las pretensiones, y razon del negocio del Sacro Monte de Granada, que trata el...*, B.N.Md., Mss 6437.
- FEIJOO Y MONTENEGRO, Jeronimo, *Theatro Crítico Universal, o Discursos varios, entodo género de materias, para desengaño de errores comunes...*, 9 vol., Madrid, Lorenzo Francisco Mojados, 1736.
- FEIJOO Y MONTENEGRO, Jeronimo, *Teatro Crítico Universal. Colección de los discursos más notables, que en todo género de materias, para desengaño de errores comunes, escribió el R.P.*, Madrid, Ayguals Izco Hermanos, 1852-1859.
- FERNÁNDEZ DE VELASCO, Juan, *Dos Discursos en que defiende la venida y predicación del Apóstol Santiago en España. Sacados de la Librería de Juan de Velasco, Condestable de Castilla...*, Valladolid, Luis Sanchez, 1605.
- FERNÁNDEZ DEL PULGAR, Pedro, *El Sigalón, o chiton de los Chronicones fabulosos, y supuesto, que se han publicado en España, desde el año 1594, contitulo de Historiadores Antiguos...*, R.A.H., Mss.9-4-1\H-37-560\9-560.
- FERNÁNDEZ DEL PULGAR, Pedro, *Historia General de las Indias Occidentales. Decada nona. Continua la de Antonio de Herrera desde el año 1555 hasta el de 1565 (Séc. XVII) B.N.Md.*, Mss 2796/2799.
- FERNÁNDEZ DEL PULGAR, Pedro, *Tropheos gloriosos de los Reyes Catholicos de España conseguidos en la justa conquista de la America por la qual poseen justamente aquel imperio. Vindicanse sus prinzipales conquistadores de las injurias que les imputan escritores estraños y domesticos*, Séc. XVII, B.N.Md., Mss 2995.
- FERNÁNDEZ DEL PULGAR, Pedro, [*Papel contra la "Historia...de Palencia"*, de Pedro Fernández del Pulgar], (Séc. XVII), R.A.H. Mss, 9/1065 fl.39-42.
- FERNÁNDEZ DEL PULGAR, Pedro, *Vida, y motivos de la comvn aclamacion de santo del venerable siervo de Dios D. Fr. Francisco Ximenez de Cisneros...*, Madrid, Viuda de Melchor Alegre, 1673.
- FERNÁNDEZ DEL PULGAR, Pedro, *Teatro clerical, apostolico, y secvlar, de las Iglesias Catedrales de España...*, 3 vol., 1679-1680, Madrid, Viuda de Francisco Nieto.
- FERNÁNDEZ DEL PULGAR, Pedro, *Tropheos gloriosos de los Reyes Catholicos de España*, 2 vol., Cuesta, Luísa (ed.), Madrid, s.n., 1951.
- FORNER, Juan Pablo, *Reflexiones sobre el modo de escribir la Historia de España*, B.N.Md., Mss 9197.
- FORNER, Juan Pablo, *Reflexiones sobre el modo de escribir la Historia de España. Sátira contra los malos escritores del tiempo presente*, R.A.H. Mss 9-26-7-5007.
- FORNER, Juan Pablo, *Obras de...*, VILLANUEVA, Luis (ed.), Madrid, Amistad, 1844.
- FORNER, Juan Pablo, *Discurso sobre el modo de escribir y mejorar la Historia de España*, LOPEZ, François (ed.), Barcelona, Labor, 1973.
- FOX MORCILLO, S., *De Historiae Institutione. Dialogus*, Paris, s.n., 1557.
- FUENTES Y GUZMÁN, Francisco António, "*Preceptos Historiales que observa, escribe y muestra el capitán*", in *Obras Historicas de Don...*, ed. Santa Maria, Carmelo Sáenz de, Madrid, Atlas, 1969.
- GALINDEZ DE CARVAJAL, Lorenzo, "*Anales breves del reinado de los Reyes Católicos*", in *Papeles tocantes a los Reyes Católicos...*, B.N.Md., Mss 1763, fl.1-10.

GARCIA, Francisco, *Arte de Historia, escrito en lengua francesa por el Padre Pedro Moyne...y traducida por el ...*, Madrid, Imprenta Imperial, 1676.

GARCIA, Francisco, *Sermones Varios*, Madrid, Juan Garcia Infançon, 1682.

GARIBAY, Estevan, *Relacion qve hizo a su magestad...su coronista...*, s.l., s.n., 1629.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de, *Primera parte de las varias epístolas, discursos y tractados de...diversos claros varones...*, (Séc. XVII-XVIII), B.N.Md., Mss 1035.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de, *Diez libros de la razón de Estado...*, Madrid, Luis Sanchez, 1593.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de, *Historia General de los hechos de los castellanos en las Islas i Tierra firme del Mar Oceano...En quatro Decadas desde el Año de 1492 hasta el de 1531*, Madrid, Emplenta Real, 1601-1615.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de, *Primera parte de la Historia general del Mundo, de XVI años del tiempo del señor Rey don Felipe II el Prudente , desde el año de MD.,LIX fasta el de MD.,LXXIII*, Madrid, Luis Sanchez, 1601.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de, *Segunda parte de la Historia general del mundo...desde el año de M.D.LXXV hasta el de M.D.LXXXV*, Madrid, Pedro Madrigal, 1601.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de, *Tratado, Relacion y Discurso historico de los mouimientos de Aragon. Svcedidos en los años de mil y quinientos y nouenta y dos...*, Madrid, Imprenta Real, 1612.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de, *Cinco (Los) primeros libros de los Annales de Cornelio Tacito, qve comienza desde el fin del Imperio de Augusto (sic), hasta la muerte de Tiberio. Tradvcidos de lengva latina en castellana por...*, Madrid, Juan de la Cuesta, 1615.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de, *Discursos morales, políticos e históricos inéditos...*, Zamácola, Antonio de (ed.), Madrid, Imprenta de Ruiz, 1804.

*Historia del Reinado de Filipe IV*, Séc. XIX, B.N.Md., Mss 14613, 133 fl.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Carta de ...a Don Josef Lopez de Aldana canonigo de la Santa Iglesia de Segovia*, B.N.Md., Mss 8378, fl.33-33v.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *[Borradores y apuntamientos originales]*,(Séc. XVII), B.N.Md., Mss 8374.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Discvurso historico por el patronato de San Frvtos. Contra la supuesta Cathedra de San Hierotheo en Segovia. Y pretendida avtoridad de Dextro.*, Zaragoza, Juan de Ibar, 1666.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Dissertaciones eclesiasticas por el honor de los antigvos tutelares, contra las ficciones modernas. Parte primera.*, Zaragoza, Diego Dormer, 1671.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Predicacion de Santiago en España, acreditada contra las dudas del Padre Christiano Lupo; y en desvanecimiento de los argumentos del Padre Nadal Alexandro*, Zaragoza, Domingo de la Puyada, 1682.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Examen chronológico del año en que entraron los moros en España*, Madrid, s.n., 1687.

IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Obras chronologicas... Las publica de orden, i a expensas de la Academia Valenciana*, Mayans y Siscar, Gregorio(ed.), Valencia, Antonio Bordazar de Artazu, 1744.

- IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Advertencias a la Historia del P. Juan de Mariana...Van añadidas algunas cartas: cuyas obras publica de orden, i a expensas de la Academia Valenciana, Don Gregorio Mayàns y Siscàr, Valencia, Viuda de Antonio Bordazar de Artazu, 1746.*
- IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Dissertaciones eclesiásticas por el honor de los antiguos titulares contra las ficciones modernas. Parte I...nuevamente impressas, anadidas, ...por D. D. C., Lisboa, Nueva Imprenta Silviana, 1747.*
- IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Memorias historicas del Rei D. Alonso el Sabio i observaciones a su Chronica...*, Madrid, Joachin Ibarra, 1777.
- IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Noticia y juicio de los mas principales Historiadores de España...Con algunas Cartas al fin, escritas a dicho Señor Marqués,* Madrid, Pantaleón Aznar, 1784.
- IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Cádiz Phenicia, con el examen de varias noticias antiguas de España, que conservan los escritores hebreos, phenicios, griegos, romanos y árabes,* 3 vol.,Madrid, José del Collado, 1805.
- IBAÑEZ DE SEGOVIA, Gaspar, *Explicacion de vn lvgar de Svetonio y examen de la Deidad que consvlto Vespasiano en el Carmelo,* Sevilla, Herederos de Iuan Gomez Blas, 1878.
- IVAN FRANCISCO, Andres, *Panegyrico Sepulcral a la memoria posthuma del doctor D. Thomas Tamayo de Vargas Chronista Mayor de las Indias,* Zaragoza, Pedro Verges, 1624.
- LEDESMA, Francisco de, [*Descubierta en la Ciudad de Granada*], (1617), B.N.Md., Mss 6437.
- LEONARDO DE ARGENSOLA, Bartolomé, "Discurso sobre las Calidades que ha de tener un perfecto Coronista", in *Obras Sueltas. Coleccionadas e ilustradas por el Conde de la Viñaza*, vol.2., Madrid, Imprenta Real, 1899.
- LEONARDO DE ARGENSOLA, Bartolomé, *Relación del Torneo de a Cavallo con que la Imperial Caragoça Solemnizó la Venida de la Serenísima Reyna de Ungría, y de Boemia Infanta de España,* Zaragoza, Juan de Lanaja y Quartanet, 1630.
- LEONARDO DE ARGENSOLA, Lupercio, *Informacion de los Sucesos del Reino de Aragon en los años de 1590 y 1591, en que se advierte los yerros de algunos autores,* Madrid, Imprenta Real, 1808.
- LEONARDO DE ARGENSOLA, Lupercio, *Declaración Svmaria de la Historia de Aragon, para Inteligencia de sv Mapa,* Zaragoza, Juan de Lanaja y Quartanet, 1621.
- LEONARDO DE ARGENSOLA, Lupercio, "Discursos que...pronunció en la Academia de Zaragoza", in *Revista de Archivos*, 1878, vol.VIII, 4, pp.61-64. e 5, pp.89-94.
- LEONARDO DE ARGENSOLA, Lupercio, *Obras Sueltas de Lupercio y Bartolomé Leonardo de Argensola*, Conde de Viñaza (org.), vol. I Madrid, s.n., 1889.
- LOPEZ MADERA, Gregorio, *Discurso sobre las laminas, reliquias y libros que se an descubierto en la ciudad de Granada este año de 1595. Y las reliquias y prophecias que se avia hallado el año passado de 1588,* Granada, Juan René, 1595.
- LOPEZ MADERA, Gregorio, *Excelencias de la Monarchia y Reyno de España (sic),* Valladolid, Diego Fernandez de Cordoba, 1597.

- LOPEZ MADERA, Gregorio, *Discursos de la certidumbre de las reliquias descubiertas en Granada desde el año de 1588 hasta el de 1598*, Granada, Sebastian de Mena, 1601.
- LOPEZ MADERA, Gregorio, *Excelencias de la Monarquía y Reino de España, en que de nuevo con grande aumento se trata de su origen...*, Madrid, Luis Sanchez, 1624.
- MANTUANO, Pedro, [*Memorial de Pedro de Mantuano al rey [Felipe III], sobre la censura que hizo Pedro de Valencia de su libro Advertencias a la Historia del Padre Mariana*], in *Vários de Pedro de Mantuano*, R.A.H. Mss 9/1.065, fl. 108-117.
- MANTUANO, Pedro, [*Memorial de Pedro de Mantuano al rey [Felipe III], en el que razona la no autorización de un libro, cuyo autor era Tomás Tamayo de Vargas*], in *Varios de Pedro de Mantuano*, R.A.H. Mss 9/1.065, fl.124-128.
- MANTUANO, Pedro, [*Memorial a Felipe IV, en que expone sus méritos y servicios, y le pide una pensión eclesiástica en el arzobispado de Sevilla*], R.A.H. Mss 91065, fl. 151.
- MANTUANO, Pedro, *Antirespuesta a lo que escriuio Iuan de Mariana contra las Aduertencias que salieron a su Historia*, s.d., s.l., s.n..
- MANTUANO, Pedro, *Aduertencias a la Historia del Padre Iuan de Mariana*, Milão, s.n., 1611.
- MANTUANO, Pedro, *Advertencias a la Historia del P. Juan de Mariana...*, Madrid, Imprenta Real, 1613.
- MARIANA, Juan de, [*Documentos sobre Juan de Mariana*], B.N.Md., Mss 18662.
- MARIANA, Juan de, [*Carta*] al S.or Arçobispo de Granada, B.N.Md., Mss 6180, fl.33-34.
- MARIANA, Juan de, *Historia General de España. Compuesta Primeiro en Latin, Buelta al Castellano por...*, 2 vol., Toledo, Pedro Rodriguez, 1601.
- MARIANA, Juan de, *Historia General de España. Compuesta Primero en Latin, Buelta al Castellano por...*, 2 vol., Madrid, Luis Sanchez, 1608.
- MARIANA, Juan de, *Historia General de España compvesta, emendada, y añadida por...*, vol. I, Madrid, Luis Sanchez, 1623.
- MARIANA, Juan de, *Historia General de España Compvesta, Emendada, y Añadida por...*, vol. II, Toledo, Diego Rodríguez, 1623.
- MARIANA, Juan de, *Historia General de España. Ahora Nuevamente Añadida...por el P. Fr. Hernando de Camargo*, vol.2, Madrid, Carlos Sánchez, 1649.
- MARIANA, Juan de, *Y añadiola de nuevo en esta 2ª impression, desde el año de 1598 hasta el de 1630...*, Madrid, Andres Garcia de la Iglesia, 1660.
- MARIANA, Juan de, *Historia General de España. Ahora Nuevamente Añadida...por el P.Fr. Hernando de Camargo*, 2 vol., Madrid, Andres Martinez de la Iglesia, 1669.
- MARIANA, Juan de, *Historia General de España, Compvesta, Enmendada, y Añadida por el...Aora Nuevamente Añadido... por Felix Lucio de Espinosa y Malo, todo lo Sucedido desde el Año de 1669 hasta el de 78*, 2 vol., Madrid, Andres Garcia de la Iglesia, 1678.
- MARIANA, Juan de, *Obras*, 2vol., Pi y Margall, Francisco (ed.), Madrid, Rivadeneyra, 1950.
- MARTEL, Geronimo, *Forma de Celebrar Cortes en Aragon*, edondo VEINTEMILLAS (ed.), Zaragoza, Cortes de Aragón, 1984.

- MEDINA, Christoval de, *Informe a los eruditos sobre la Oposicion, que hicieron a los Descubrimientos antiguos de Granada el Famoso Antiq[u]ario Pedro de Valencia, y otros Literatos*, Malaga, (1765), B.N.Md., Mss 1271.
- MENDOZA, Antonio de, *Apuntamientos contra la Historia del P. Juan de Mariana*, Séc. XVII, B.N.Md., Mss 18550/1.
- MOLINA, P., *Relacion de quién fue Lució Dextro y de las obras que escribió*, B.N.Md., Mss 6712, fl.38-42.
- MORA Y CATA, Jose de, *Observaciones sobre los principios elementales de la Historia*, Barcelona, s.n., 1756.
- MORALES, Ambrosio, *[La razon de la enmienda q[ue]...hizo en el asiento de los libros q[ue] havia hecho para S. Lorenzo el R[eal]]*, B.N.Md., Mss 5734, fl. 295-297.
- MORALES, Ambrosio de, *Apologia de...con una informacion al Consejo del Rey nuestro Señor, hecha por su orden y mandamiento en defensa de los Anales de Geronymo Çurita*, Zaragoza, Colegio de S. Vicente, 1610.
- MOYA Y MUNGUIA, Christoval de, *Tratado Apologetico en favor de la Cathedra de San Hierotheo...Contra el Discurso Historico que sacó à luz D. Gaspar Ibañez de Segovia...*, Madrid, Domingo Garcia Morras, 1666.
- NAVARRA, Pedro, *Dialogos muy subtiles y notables...*, Zaragoza, Juan Millan, 1567.
- ORTIZ, Lorenzo, *Memoria, Entendimiento, y voluntad. Empresas, que enseñan, y persuaden su buenuso en lo moral, y en lo Politico...*, Sevilla, Juan Francisco de Blas, 1677.
- ORTIZ, Lorenzo, *Ver, Oir, Oler, Gustar, Tocar Empresas, que enseñan, y persuaden*, Leon, Anisson, Posuel y Rigaud, 1687.
- PAEZ DE CASTRO, Juan, *Apuntes para la historia de Carlos V*, B.N.Md., Mss 6425.
- PAEZ DE CASTRO, Juan, *[Papeles varios sobre personajes y asuntos diversos]*, Séc. XVII- XVIII, B.N.Md., Mss 5578, 131 fl.
- PAEZ DE CASTRO, Juan, *31 Cartas Ineditas de Juan Paez de Castro, Cronista de Carlos V*, Gregorio de Andrés(ed.), Madrid, Imprenta y Editorial Maestre, (1971), B.N.Md., Mss foll 1044.
- PAEZ DE CASTRO, Juan, "Memorial al Rey Don Felipe II sobre la Formación de una Libreria, por el Doctor Juan Páez de Castro", *Revista de Archivos*, 1887,9,pp.164-178.
- PAEZ DE CASTRO, Juan, *Memorial...*, Nassarre, Blas Antonio(ed.), s.d., s.l., s.n..
- PAEZ DE CASTRO, Juan, *Apologia de Ambrosio de Morales, con una informacion de...*, Zaragoza, Colegio de S. Vicente, 1610.
- PELLICER DE OSSAV Y TOVAR, Joseph, *Bibliotheca formada de los libros i obras pvblicas...*, Valencia, Geronimo Villagrasa, 1671.
- PELLICER DE OSSAV Y TOVAR, Joseph, *Tropheo de la verdad de la Historia formado del Auberto para religiosos, eclesiásticos y seglares*, Valencia, Geronimo Villagrasa, 1676.
- PONCE DE LEON, Pedro, *[Indices y Catalogos de los Libros q[ue] se hallaron en la Libreria de D. Pero Ponce de Leon, Obispo de Plasencia, Juan Paez, Coronista de S. Magestad]*, B.N.Md., Mss 5734, fl. 337-448.
- PINELO, António Léon, *Epitome de la Biblioteca Oriental I Ocidental Naútica, Geográfica.*, Capel, Horacio (ed.), Barcelona, PUB,1982.

- RIBEIRO DE MACEDO, Duarte, *Advertencias al adicionador de la Historia de España del P. Iuan de Mariana, impresso en Madrid en el año 1669. Escritas por Mr. Cohon Truel...[Pseudónimo]*, s.l., s.n., 1676.
- SAN JOSE, Geronimo de, *Devocion del Santo Escapulario de Nra. Señora del Carmen), estando no Monte de Carmelo, pelo ano de 1624*, B.N.Md., Mss 20.305.
- SAN JOSE, Geronimo de, *Modo de hacer una platica o exortación*, B.N.Md., Mss 6632, fl.278-296.
- SAN JOSE, Geronimo de, "Fragmentos Inéditos de Fr. Jerónimo de San José. Modo de hacer una platica", *El Monte Carmelo*, 1911, n° 258, pp.241-244; n° 259, pp.281-286; 260, pp.321-326; 261, pp.361-366; 262, pp.401-404, p.264, pp.481-485.  
[*Carta a fray Alonso de la Madre de Dios*], Madrid, (1628), B.N.Md., Mss 274, fl.135-36.
- SAN JOSE, Geronimo de, [*Cartas*], in *Colección de Cartas de eruditos españoles del siglo XVII*, Séc. XVII, B.N.Md., Mss. 8389, fl.258-397.
- SAN JOSE, Geronimo de, *Dibvio del venerable varon F. Ioan de la Crvz Primer Descalço, y Padre de la Reforma de N. S<sup>a</sup> del Carmen*, Madrid, Francisco Martinez, 1629, 69 fl..
- SAN JOSE, Geronimo de, *Historia del venerable Padre Fr. Ivan de la Crvz primer descalzo carmelita...*, Madrid, Diego Diaz de la Carrera, 1641
- SAN JOSE, Geronimo de, *Genio de la Historia*, Manuscrito existente na Biblioteca particular da F. Severo March.
- SAN JOSE, Geronimo de, *Genio de la Historia*, Çaragoça, Diego Dormer, 1651.
- SAN JOSE, Geronimo de, *Genio de la Historia*, 2<sup>a</sup> impresion, Madrid, Antonio Muñoz del Valle, 1768.
- SAN JOSE, Geronimo de, *Genio de la Historia*, Fr. Higinio de S.Tereza (ed), Vitoria, El Carmen, 1957.
- SAN JOSE, Geronimo de, *Cartas de fray Jerónimo de San José al cronista Juan F. Andrés de Ustarroz*, BLECUA, Jose Manuel (ed.), Zaragoza, Archivo de Filologia 1945, pp.33-150.
- SAN MARCO, Francisco, *Anotaciones Historiales*, Séc. XVII, B.N.Md., Mss 12265.
- SANTA MARTA, Benito, [*Carta de Luís F. Viana a Benito Santa Marta relatando los nuevos hallazgos en el Alcazoba de Granada*], B.N.Md., Mss 6180, fl.36-38v.
- SANZ DE VENESA Y ESQUIBEL, Miguel, *Relación de lo que al R. P. M. Iuan de Mariana...pone en consideración... en nombre de la muy noble y leal villa de Fuenterrabía, sobre la enmienda que piden el capítulo 5 del libro 23, y el capítulo 23 del libro 29 de la segunda parte de su Historia*, 1621, s.l., s.n.
- SARMIENTO DE ACUNA, Diego, *Sobre los Coronistas de España. Memorial de ...*, SECO SERRANO, Carlos (ed.), Madrid, 1955.
- SEGURA, Jacinto, *Norte Critico con las reglas mas ciertas para la discrecion en la Historia, y un tratado preliminar para instruccion de historicos principiantes...*, Valencia, Joseph Garcia, 1733.
- SETANTI, Ioachim, *Frvtos de Historia. En qve svmariamente estan contenidos las cosas notadas en la pagina sigviente*, Barcelona, Lorenço Deu, 1610.
- SIGUENZA, José de, *La Vida de San Gerónimo Dotor de la Santa Iglesia*, Madrid, Thomas Iunti, 1595.



- SIGUENZA, José de, *Segvnda parte de la Historia de la Orden de San Geronimo. Dirigida Al Rey nuestro Señor Don Philippe III...*, vol. 2, Madrid, Imprenta Real, 1600.
- SIGUENZA, José de, *Tercera Parte de la Historia de la Orden de San Geronimo. Doctor de la Iglesia. Dirigida, al Rey nuestro señor. Don Philippe III*, Madrid, Imprenta Real, 1605.
- SIGUENZA, José de, *Historia del Rey de los Reyes y Señor de los Señores*, Escorial, Bib. "Ciudad de Dios", 1916.
- SIGUENZA, José de, *Fundación del Monasterio de el Escorial por Felipe II*, Madrid, Apostolado de la Prensa, 1927.
- SIGUENZA, José de, *Historia de la Ordem de San Jerónimo*, Madrid, Bailly Bailliere e Hijos Editores, 1943.
- SIGUENZA, Jose de e Francisco de los Santos, *Quarta parte de la Historia de la Orden de San Jerónimo...*, (escrita e publicada por Francisco de los Santos), Madrid, Imprenta de Villa Diego, 1680.
- TAMAIIO Y VARGAS, Thomas, [*Cédula Real ordenando a...que escreva una história de Espanha*], B.N.Md., Mss1749, fl. 357-376.
- TAMAIIO Y VARGAS, Thomas, *Junta de libros la maior que España a visto en su lengua hasta el año de 1624*, B.N.Md., Mss 9752/9753.
- TAMAIIO Y VARGAS, Thomas, *Historia general de España del P. D. Iuan de Mariana defendida... contra las advertencias de Pedro Mantuano*, Toledo, Diego Rodriguez, 1616.
- TAMAIIO Y VARGAS, Thomas, *Racon de la Historia del P.D.Iuan de Mariana: de las advertencias de Pedro Mantuano contra ella: de la defensa del Doctor Don Thomas Tamaio de Vargas*, Toledo, Diego Rodriguez, 1616.
- TAMAIIO Y VARGAS, Thomas, *Defensa de la Descension de la Virgen N. S. a la S. Iglesia de Toledo a dar la casulla a Sv B. Capellan S. Ilephonso*, Toledo, Diego Rodriguez, 1616.
- TAMAIIO Y VARGAS, Thomas, *Diego Garcia de Paredes y relacion breve de su tiempo al Rei Catholico N. S. Don Phelippe IV*, Madrid, Luiz Sanchez, 1621.
- TAMAIIO Y VARGAS, Thomas, *Novedades Antiguas de España*, Madrid, Pedro Tazo, 1624.
- TAMAIIO Y VARGAS, Thomas, *Restauracion de la Ciudad del Salvador, Ibaia de Todos-Santos, en la Provincia del Brasil por las armas de Don Philippe IV, el Grande Rei Catholico...*, Madrid, Viuda de Alonso Martin, 1628.
- TAMAIIO Y VARGAS, Thomas, *Lvitprandi, sive Evtrandi... Mantvae Carpeyanorum*, Francisco Martinez, 1635.
- TAMAYO SALAZAR, Juan de, *Trivnfos de las Armas Catolicas por intercession de Maria...*, Madrid, Diego Diaz de la Carrera, 1648.
- THAMARIS Y VARGAS, Fernando Joseph, *Promptuario Político, Historico, Cronologico*, (1735), B.N.Md., Mss 11081.
- TRAGGIA, Joaquin, *Reglas de Critica para la historia*, R.A.H. Mss 9/5241, 9
- TRAGGIA, Joaquin, *Aparato a la Historia Ecclesiastica de Aragon*, Madrid, Imprenta de Sancha, 1791, Tomo I.
- TRAGGIA, Joaquin, *Aparato a la Historia Ecclesiastica de Aragon*, Madrid, Imprenta de Sancha, 1792, Tomo II.

TRUEL, Cohon de [Pseud. de Ribeiro Macedo], *Advertencias al Adicionador de la Historia del Padre Ivan de Mariana, Impresa en Madrid, en el año 1669*, Paris, s.n., 1676.

VALCARCEL, Gonçalo de, [*Sucesos Varios*], (Séc. XVI-XVII), B.N.Md., Mss 9198.

VALCARCEL, Gonçalo de, *Sobre Dificultades que ocurren sobre el examen de las láminas y reliquias*, (1595), B.N.Md., Mss 7187.

VALENCIA, Pedro de, *Discurso de ...sobre laminas de Granada*, (Séc. XVII), B.N.Md., Mss 2316.

VALENCIA, Pedro de, *Carta al Inquisidor general D. Bernardo de Sandoval y Rojas sobre el pergamino y láminas de Granada*, (1618), B.N.Md., Mss 7187.

VALENCIA, Pedro de, "Cartas Inéditas...al P. José de Sigüenza", in *La Ciudad de Dios*, vol. 43, 1897, s.n., pp.364-503.

VAREN DE SOTO, Basilio, *Adiciones a la Historia de las Gverras Civiles de Francia de Enrico Caterino Davila...*, Madrid, Andres Garcia de la Iglesia, 1660.

VAREN DE SOTO, Basilio, *Historia Imperial y cesarea en que sumariamente se contienen las vidas, y hechos de todos los Emperadores, desde Julio Cesar, hasta Maximiliano*, por Pedro Mexia, *Prosigvela el Padre Basilio Varen...*, Madrid, Melchor Sanchez, 1655.

VAREN DE SOTO, Basilio, *Y añadiola de nuevo en esta 2ª impresion, desde el año de 1598 hasta el de 1630...*, Madrid, Andres Garcia de la Iglesia, 1660.

VENESA Y ESQUIBEL, Miguel Sanz de, *Relacion de lo qve al Reuerensissimo Padre Maestro Iuã de Mariana...pone en consideracion el Capitan...en nombre de la muy noble y leal villa de Fuenterrabia...*, Madrid, s.n., 1621.

VERGARA GAVIRA, Miguel de, *Verdadera Declaracion de las monedas antiguas que se han hallado en un edificio antiguo, que se ha descubierto debaxo de tierra en el Alcazaua de Granada, por Febrero deste ano de 1624*, Madrid, Juan Gonçalez, (1624), B.N.Md., Mss 2355.

VIVES, Juan Luis, *De Conscribendis Epistolis*, Fantazzi, Charles(ed.), Leiden, E.J.Brill, 1989.

VOSSII, Gerardi Joannis, *Ars Historica*, Lugduni Batavorum, s.n., 1653.

ZURITA, Geronimo, *Anales de la Corona de Aragon*, Zaragoza, C.S.I.C., 1967-1977.

ZURITA, Geronimo, *Gestas de los Reyes de Aragón*, Zaragoza, C.S.I.C., 1984.



## 2. OBRAS DE REFERÊNCIA E ESTUDOS.

A.A.V.V., *Calderón. Actas del Congreso Internacional 1981. Sobre Calderón y el Teatro Español del Siglo de oro*, 3 vol., Madrid, C.S.I.C., 1983.

A.A.V.V., *I Congresso Internacional do Barroco. Actas*, II vol., Porto, Reitoria da Univer. do Porto, 1991.

A.A.V.V., *Edicion y Anotacion de Textos del Siglo de Oro: Actas*, Pamplona, Univer. Navarra, 1987.

A.A.V.V., *Exegeses y Hermeneutica*, Madrid, Cristiandad, 1976.

A.A.V.V., *Guide d'achat 92 en Archivage électronique. Micrographie et archivage papier.*, Paris, 1992.

A.A.V.V., *Hommage Charles Muller*, 2 vol., Geneve, Slatkine, 1986.

A.A.V.V., *Investigaciones Retóricas II*, Barcelona, Buenos Aires, 1982.

A.A.V.V., *La Satira latina*, Madrid, Akal, 1991.

A.A.V.V., *Méthodes Quantitatives et Informatiques dans l'étude des textes. Computers in Literary and Linguistic Research*, Nice, CNRS, 1985.

A.A.V.V., *Symboles de la Renaissance*, 2º vol., Paris, Pres. École Normale Sup., 1976-1982.

AFTONIO, TEON E HERMÓGENES, *Exercicios de Retórica*, Madrid, Gredos, 1991.

AGULLÓY COBO, Mercedes, "Relaciones de sucesos I: años 1477-1619.", *Cuadernos Bibliográficos*, 20, Madrid, C.S.I.C., 1966.

AL-AZMEH, Aziz, "Histoire et narration dans l'historiographie arabe.", *Annales ESC*, 2, Mars-Avril, 1986, pp.411-431.

ALBERTI, *Da Pictura*, Valencia, F. Torres, 1976.

ALBORG, Juan Luis, *Historia de la Literatura Española*, vol.2, Madrid, Gredos, 1977.

ALLO MANERO, Adita, "Honras funebres de Felipe IV en Salamanca.", *Cuadernos de Investigación. Historia*, vol. VIII, fasc. 1, 2, 1982, pp.33-52.

ALLO MANERO, Adita, "Iconografía funeraria de las honras de Felipe IV en España e Hispanoamérica.", *Cuadernos de Investigación. Historia*, vol.VII, fasc.1, 2, 1981, pp.73-96.

ALOCCO-BIANCO, Luciana, "L'Abbé de Mably et sa conception de l'Histoire.", in *L'Histoire au Dix-Huitieme siecle*, Aix-Provence, 1975-80, pp.223-230.

ALONSO, Carlos, "Felipe II envía unas láminas de El Escorial al papa Sixto V.", *La Ciudad de Dios*, J-A, 1, vol. 205, 1992, pp.183-194.

- ALPERS, Svetlana, "L'oeil de l'histoire. L'effet cartographique dans la peinture hollandaise au 17 e siècle.", *Actes de la Recherches en Sciences Sociales*, 49, 1983, pp.71-101.
- ALVAREZ TURIENZO, S., "Alonso de Orozco, moralista. La retórica al servicio de la reforma de las costumbres.", *La Ciudad de Dios*, 1, CCIV, Enero-Abril, 1991, pp.105-138.
- ÁLVAREZ-OSORIO ALVARIÑO, Antonio, "La corte: un espacio abierto para la historia social.", *Siglo XXI*, Madrid, 1991, pp.247-260.
- ALVES, João Lopes, (org.), *Tecnologias da Informação & Society. Teoria, Usos, Impactos*, Lisboa, APDC/SPF, 1992.
- AMALVI, Christian, "L'érudition française face à la révolution d'Étienne Marcel: une histoire mythologique? (1814-1914).", *Bibliothèque de l'École Des Chartes*, 142, 1984, pp.287-311.
- AMÉDÉE, Mas, "La Critique interne des textes.", *Bulletin Hispanique*, LXVI, 1964, pp.17-29.
- ANCESCHI, Luciano, *La Idea del Barroco. Estudios sobre un Problema Estético*, Madrid, Tecnos, 1991.
- ANDLER, Daniel, "Progrès en situation d'incertitude.", *Le Débat*, 47, Nov.-Déc., 1987, pp.5-25.
- ANDRES MARTÍNEZ, Gregorio de, "El primer catalogo de manuscritos de la Biblioteca de el Escorial, 1572.", *Homenaje a Frederico Navarro. Miscelánea de Estudios Dedicados a su Memoria*, ANABA, 1973, pp.15-38.
- ANDRÉS MARTÍNEZ, Gregorio de, "La bibliofilia del Marques de Mondejar (1708), y su biblioteca manuscrita.", *Jornadas Bibliograficas*, Fund. Univer. Española, 1976, pp.583-602.
- ANDRÉS MARTINEZ, Gregorio de, "La biblioteca del Marques de Villena, Don Juan Manuel Fernandez Pacheco, fundador de la Real Academia Española.", *Hispania*, 168, XVVIII, 1988, pp.169-200.
- ANDRES MARTÍNEZ, Gregorio de, "La biblioteca manuscrita del americanista Andres Gonzalez de Barcia (1743) ...", *Revista de Indias*, 181, XLVII, 1987, pp.811-831.
- ANDRES MARTÍNEZ, Gregorio de, "Los manuscritos del academico y erudito Juan Isidro Fajardo en la Biblioteca Nacional.", *Hispania*, 172, XLIX, 1989, pp.525-549.
- ANDRÉS MARTÍNEZ, Gregorio de, *Carta de Pedro Ponce de León, Obispo de Plasencia, a Felipe II, sobre las Reliquias y Librerías de su Obispado y sus Actividades*, Badajoz, Diputación Provincial, 1967.
- ANKERSMIT, F. R., "On Historiographical Progress.", *Storia della Storiografia*, 22, 1992, pp.103-107.
- ANKERSMIT, F. R., "Historical Representation.", *History and Theory*, 27, 1, 1988, pp.205-228.

- ANKERSMIT, F. R., "Historiography and Postmodernism.", *History and Theory*, 28, 1, 1989, pp.137-153.
- ANKERSMIT, F. R., "The Dilemma of contemporary anglo-saxon philosophy of history.", *History and Theory*, 4, Beiheft 25, 1986, pp.1-27.
- ANSCOMBRE, J.-C., DUCROT, O., "L'Argumentation dans la langue.", *Langages*, 42, 1976, pp.5-27.
- ANTONIO MIGUEZ, José, "Séneca en España.", *Arbor*, 1, 1984, pp.15-87.
- APOSTOLIDÈS, Jean-Marie, "Corneille, Tive-Live et la Fondation de Rome.", *Poétique*, 82, 1990, pp.203-222.
- APOSTOLIDÈS, Jean-Marie, *Le Prince Sacrifié. Théâtre et Politique au Temps de Louis XIV*, Paris, Minuit, 1985.
- APOSTOLIDÈS, Jean-Marie, *Le Roi-Machine. Spectacle et Politique au Temps de Louis XIV*, Paris, Minuit, 1988.
- ARCO Y GARAY, Ricardo, *El Genio de la Razon*, I vol, Zaragoza, 1923. [II vol., 1926]
- ARCO Y GARAY, Ricardo, *Repertorio de Manuscritos Referentes a la Historia de Aragón*, Madrid, C.S.I.C., 1942.
- ARCO, Ricardo del, "La estetica en el "Genio de la Historia", de Fray Jeronimo de San Jose.", *Revista de Ideas Estéticas*, 8, 1944, pp.33-59.
- ARISTÒTELES, *Retorica*, Madrid, Gredos, 1995.
- ARMOGATHE, Jean-Robert, "La modernité du discours logique.", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.233-240.
- ARNAUD, Claude, "Le retour de la biographie: d'un tabou à l'autre.", *Le Débat*, 54, Mars-Avril, 1989, pp.40-47.
- AROCENA, L. A., Antonio de Solis, *Cronista Indiano*, Buenos Aires, Univer. Buenos Aires, 1963.
- ARÓSTEGUI SÁNCHEZ, J., "La concepción del tiempo circular en Vico, Spengler y Ortega.", *Sections Chronologiques 2. Organismes Affiliés. Commissions Internes. Tables Rondes*, vol.I, Madrid, Comité Int. Sciences Hist., 1990, pp.168-169.
- AROSTEGUI, António, *Metodologia do Conocimiento Cientifico*, Mexico, Latinoamericana, 1981.
- ARTAZA, Elena, *El Ars Narrandi en el Siglo XVI Español. Teoria y Practica*, Bilbao, Universidad de Deusto, 1989.
- ARTOLA, Miguel, (dir.), "Cultura y Mentalidades.", in *Historia de España*, vol.3, Madrid, Alianza, 1988, pp.371-436.
- AUROUX, Sylvain, "Constitution du fait en Histoire et en Linguistique." ,in *Histoire et Linguistique*, pp.201-209.
- ÁVILA, Affonso, *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*, São Paulo, Perspectiva, 1980.

- AVIS, Paul, *Foundations of Modern Historical Thought From Machiavelli To Vico*, London, Croom Helm, 1986.
- AYALA, Jorge M., "Creacion poetica y creation filosofica.", *Actas del II Seminario de Historia de la Filosofia Española*, vol.2, Univer. Salamanca, 1982, pp.185-198.
- BADALONI, N., "Natura e società in Machiavelli.", *Studi Storici*, 4, 1969, pp.675-707.
- BADIR, Magdy Gabriel, "Humanité et Philosophie de l'Histoire. Le discours historique chez Bossuet, Rollin et Voltaire." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.141-150.
- BALAVOINE, Claude, "Le modele hieroglyphique a la Renaissance." ,in *Le Modele a la Renaissance*, Paris, Vrin, 1986, pp.208-225.
- BALAVOINE, Claudie, "Hiéroglyphes de la mémoire: émergence et métamorphose d'une écriture hiéroglyphique dans les Arts de mémoire du XVIe et du XVIIe." , *XVIIe Siècle*, 158, 1988, pp.51-68.
- BALL, C. N., "Automated Text Analysis: Cautionary Tales.", in *Literary and Linguistic Computing*, vol. 9, 4, 1994, pp. 295-302.
- BALLESTER Y CASTELL, Rafael, *Bibliografia de la Historia de España*, Gerona, 1921.
- BALLESTER Y CASTELL, Rafael, *Las Fuentes Narrativas de la Historia de España durante la Edad Moderna*, Barcelona, 1927.
- BARAT, Mercedes, "Un Texto Arbitrista del Siglo XVII: El memorial de Angel Manrique.", *Cuadernos de Historia Moderna y Contemporánea*, 2, 1981, pp.105-125.
- BARBAGALLO, Francesco, "La storia trapassato e futuro.", *Studi Storici*, 1, 1984, pp.105-117.
- BARBAZZA, Marie-Catherine, "L'épouse chrétienne et les moralistes espagnols des XVIe et XVIIe siècles.", *Melanges de la Casa Velásquez*, XXIV, 1988, pp.99-139.
- BARBUT, Marc, "En marge d'une lecture de Machiavel: L'Art de la Guerre et la praxéologie mathématique.", *Annales ECS*, 3, Mai-Juin, 1970, pp.567-573.
- BARDIN, Laurence, *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 1988.
- BARGE, M. A., "The notion of time as a cognitive principle in historiography.", *Sections Chronologiques 2. Organismes Affiliés. Commissions Internes. Tables Rondes*, vol.I, Madrid, Comité Int. Sciences His., 1990, pp.155-156.
- BARRET-KRIEGEL, Blandine, "Brieves reflections sur quelques regles de l'Histoire." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles* Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.85-96.
- BARRET-KRIEGEL, Blandine, "Histoire et politique ou l'histoire, science des effects.", *Annales ESC*, 6, 1973, pp.1437-1462.
- BARRET-KRIEGEL, Blandine, *Les Historiens et la Monarchie. Jean Mabillon*, vol.1., Paris, P.U.F., 1988.

- BARRET-KRIEGEL, Blandine, *Les Historiens et la Monarchie. La Défaite de L'erudition*, vol.2, Paris, P.U.F., 1988.
- BARRET-KRIEGEL, Blandine, *Les Historiens et la Monarchie. La République Incertaine*, vol.4, Paris, P.U.F., 1988.
- BARRET-KRIEGEL, Blandine, *Les Historiens et la Monarchie. Les Academies de L'histoire*, vol.3, Paris, P.U.F., 1988.
- BARRIOS, Feliciano, *Los Reales Consejos. El Gobierno Central de la Monarquía en los escritores sobre Madrid del Siglo XVII*, Madrid, Univer. Complutense, 1988.
- BARROSO ARAHUETES, Anabella, PAREJA, Aránzazu, "Historia de hoy: balance de los ochenta y el pulso universitario." ,in *Debates por una Historia Viva*, Bilbao, Univer. de Deusto, 1990, pp.123-134.
- BARTHES, Roland, "El análisis estructural del relato. A propósito de hechos 10-11.", *Exegesis y Hermeneutica*, Madrid, Cristiandad, 1976, pp.143-163.
- BARTHES, Roland, "El efecto de realidad.", *Lo Verosimil*, Buenos Aires, Tiempos Contemporáneos, 1970, pp.95-101.
- BARTHES, Roland, "Introducción al análisis estructural.", *Análisis Estructural del Relato*, Buenos Aires, Tiempos Contemporáneos, 1972, pp.9-43.
- BARTHES, Roland, "Le discours de l'histoire.", *Poétique*. 49, 1982, pp.13-21.
- BARTHES, Roland, *Ensayos Criticos*, Barcelona, Barral, 1977.
- BARTHES, Roland, *Investigaciones Retóricas I. La Antigua Retórica. Ayudamemoria*, Buenos Aires, Tiempos Contemporáneos, 1974.
- BASSA, Rosy Perelti, *Le Genre Biographique au XVII Siècle: la Vie des Grands*, Aix Marseille, 1981.
- BASSETT, Paul Merritt, "The use of History in the Chronicon of Isidore of Seville.", *History and Theory*, 15, 3, 1976, pp.278-292.
- BATAILLON, Marcel, ASENSIO, Eugenio, "En torno a Erasmo y España."in, *Historia y Critica de la Literatura Española*, 2 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.71-84.
- BAXANDALL, Michael, *Pintura y vida cotidiana en el Renacimiento*, Barcelona, G.G., 1982.
- BAXANDALL, Michael, *Les Humanistes à la découverte de la composition en feinture (1340-1450)*, Paris, Seuil, 1989.
- BAZÁN DÍAZ, Iñaki, "Historia de las mentalidades: una aproximación metodológica.", *Siglo XXI*, Madrid, 1991, pp.111-113.
- BEACCO, Jean-Claude, *La Rhétorique de l'Historien. Une analyse Linguistique de Discours*, Paris, Peter Lang, 1988.
- BEAUCHAMP, Paul, "La bible et les formes du langage.", *Esprit*, 7-8, 1988, pp.199-212.



- BEAUDE, Joseph, "Le Dialogue d'Orasius Tubero sur le sujet de la Divinité.", *La Mothe le Vayer*, 1970, pp.50-62.
- BEAUJOUR, Michel, "Rhétorique et Littérature.", *De la Métaphysique à la Rhétorique*, Bruxelles, Univer. Bruxelles, 1986, pp.157-174.
- BEAUNE, Colette, "L'Image du fondateur: Vercingétorix et Brennus de 1450 à 1550." ,in *La Monarchie Absolutiste et l'Histoire en France*, Paris, P.U.P., 1986, pp.29-54.
- BECKER, Danièle, "Don Juan et la fiction dramatique. Les fictions dramatiques de Don Juan en Italie et en France au XVII.", in *Mélanges de la Casa De Vélasquez*, 12, 1976, pp.323-355.
- BECKER, Danièle, "Don Juan et la fiction dramatique.", in *Mélanges de la Casa De Vélasquez*, 13, 1977, pp.285-320.
- BECKER, Danièle, "Don Juan et la fiction dramatique.", in *Mélanges de la Casa De Vélasquez*, 16, 1980, pp.273-289.
- BELAID, Abdelwaheb, HATON, Jean-Paul, "La reconnaissance de l'écriture.", in *La Recherche en Intelligence Artificielle*, Paris, Seuil, 1987, pp.99-117.
- BENEYTO PEREZ, J., "Textos políticos inéditos de los siglos XVII y XVIII.", *Revista de Estudios Políticos*, 100, LXIII, 1958, pp.387-455.
- BENITO RUANO, Eloy, *De la alteridad en la historia: discurso leído el día 22 de Mayo de 1988*, Madrid, R.A.H., 1988.
- BENJAMIN, W., "El narrador.", *Revista de Occidente*, 129, 1973, pp.301-333.
- BENNASSAR, Bartolomé, "La théorie de la monarchie dans l'Espagne du Siècle d'Or et son adaptation au système du "Valido".", in *Les Monarchies*, Paris, P.U.F.,1986, pp.63-71.
- BERCÉ, Yves-Marie, "Historiographie des temps modernes. Travaux parus depuis 1950 sur l'histoire français du XVIe au XVIIIe siècle.", *Bibliothèque de L'École des Chartes*, CXXIV, Jan.-Juin, 1966, pp.281-295.
- BERCÉ, Yves-Marie, *Le Roi Caché*, Paris, Fayard, 1990.
- BERG, Martin van den, BOD, Rens, SCHA, Remko, *A Corpus-Based Approach to Semantic Interpretation*, Amsterdam, University of Amsterdam, Institute for Logic, Language and Computation, (policop.).
- BERGER, Philippe, "Quelques observations sur la production imprimée à Valladolid au Siècle d'Or", in *Livres et Libraires en Espagne et au Portugal (XVIe-XXe siècles)*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1989, pp.27-38.
- BERGER, Philippe, "La evolución de la producción editorial española entre 1501 y 1520.", *El Libro Antiguo Español*, Salamanca, Univ.Salamanca, 1992 pp.63-72.
- BERGER, Philippe, *Libro y lectura en Valencia*, 2 vol.,Valencia, 1988.
- BERLIN, I., "The Concept of Scientific History.", *History and Theory*, 1, 1961, pp.1-31.

- BERMEJO BARRERA, José Carlos, "La Historia, entre la razón y la retórica.", *Hispania*, 174, 1990, pp.237-276.
- BERMEJO BARRERA, José Carlos, *El Final de la Historia. Ensayos de Historia Teórica*, I vol., Madrid, Akal, 1987.
- BERMEJO BARRERA, José Carlos, *Replanteamiento de la Historia. Ensayos de Historia Teórica*, Madrid, Akal, 1989.
- BERMEJO CABRERO, José Luís, "Orígenes del oficio de cronista real.", *Hispania*, 145, 40, 1980, pp.395-409.
- BERNSTEIN, H., *Pedro Craesbeeck & Sons, 17th Century Publishers to Portugal and Brazil*, Amsterdam, Adolf M. Hakkert, 1987.
- BERTEAUX, Daniel, *Biography and Society. The Life History Approach in the Social Sciences*, California, Sage, 1981.
- BERTELLI, Sergio, Rebeldes, *Libertinos y Ortodoxos en el Barroco*, Barcelona, Península, 1984.
- BERTELLI, Sergio, *Il Corpo del Re*, Firenze, Ponte alle Grazie, 1995.
- BERTI, Silvia, "Teorie della conoscenza storica e causalità. Osservazioni intorno a un seminario.", *Hist. Historiographie*, 8, 1985, pp.123-132.
- BEUGNOT, Bernard, "L'imaginaire de la retraite: tradition et invention du mythe." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.7-16.
- BEUGNOT, Bernard, "Pour une poétique de l'allégorie classique.", *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, 557, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.409-432.
- BIANCHI, Lorenzo, "Sulla Storiografia di Pierre Bayle.", *Studi Storici*, 2, 1982, pp.415-438.
- BIBER, Douglas, "Co-occurrence Patterns among Collocations: A Tool for Corpus-Based Lexical Knowledge Acquisition.", in *Computational Linguistics*, 1993, vol.19, n°3, pp.531-538.
- BLANCHARD, Joel, "Commynes et la nouvelle histoire.", *Poétique*, 79, 1989, pp.287-298.
- BLANCHARD, Joel, "L'entrée du poète dans le champ politique au XVe siècle.", *Annales ESC*, 1, 1, Janvier-Février, 1986, pp.43-61.
- BLANCO, Mercedes, "L'unité de temps dans le théâtre.", *Temps du Récit*, Madrid, Casa Vel., 1989, pp.33-51.
- BLANCO, Mercedes, *Les Rhétoriques de la Pointe Baltasar Gracián et le Conceptisme en Europe*, Paris, Librairie Honoré Champion, 1992.
- BLASCO CASTIÑEYRA, Selina, "La descripción de El Escorial de fray José de Sigüenza.", *El Escorial: Arte, Poder y Cultura en la Corte de Felipe II*, El Escorial, Univer. Complutense Madrid, 1988, pp.37-62.

BLECUA, Alberto, WHINNOM, Keith, MOLL, Jaime, CRUICKSHANK, Donald W., "Manuscritos, impresos y mercado editorial." ,in *Historia y Critica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.86-94.

BLECUA, José Manuel, "Corrientes poeticas en el siglo XVI." ,in *Historia y Critica de la Literatura Española*, vol.2, Barcelona, Critica, 1980, pp.114-117.

BLEZNICK, Donald W., "Las Instituciones Rhetoricae de Fadrique Furió." , *Nueva Revista de Filología Hispanica*, XIII, 3-4, 1959, pp.334-339.

BOD, Rens, *A Computational model of language performance: data oriented parsing*, Amsterdam, University of Amsterdam, Department of Computational Linguistics, (policop.).

BOD, Rens, *Data oriented parsing as a general framework for stochastic language processing*, Amsterdam, OTS, University of Utrecht, ILLC, University of Amsterdam, (policop.).

BOISSIER, L. Galacteros, GIRAUD, Y., "La Fortune "classique" entre le Mythe et l'Allégorie." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.99-112.

BONNAUD, Robert, *Le Système de l'Histoire*, Paris, Fayard, 1989.

BONNEFOY, Yves, "Y a-t-il une vérité poétique? ", in *Vérité Poétique et Vérité Scientifique*, Paris, P.U.F., 1989, pp.43-61.

BONNOT DE MABLY, Gabriel, "L'historien, le romancier, le poète." , *Poétique*, 49, 1982, pp.5-12.

BORGES, Hermenegildo, "Prolegómenos a uma análise da função da retórica nos domínios jurídico e judiciário da post-modernidade." , *Comunicação e Linguagens*, 14, 1991, pp.69-87.

BORGHERO, Carlo, "Les Philosophes face à l'Histoire. Quelques discussions sur la connaissance historique aux XVIIe et XVIIIe siècles." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.73-83.

BORGHERO, Carlo, *La Certezza e la Storia. Cartesianesimo, Pirronimo e Conoscenza Storica*, Milano, Fanco Angeli, 1983.

BOTTI, Alfonso, "El riesgo de una Historia optimista." ,in *Debates por una Historia Viva*, Bilbao, Univer. de Deusto, 1990, pp.65-68.

BOTTINEAU, Y., "Le méthode historique en histoire de l'art." , *Revue Historique*, 523, 1977, pp.131-139.

BOURCIER, Danièle, "Du droit comme discours." , *Langages*, 53, 1979, pp.3-7.

BOURCIER, Danièle, "Information et signification en droit-Experience d'une explication automatique des concepts." , *Langages*, 53, 1979, pp.9-32.

BOURDIEU, Pierre, "Champ intellectuel et projet créateur." , *Les Temps Modernes*, 246, Nov., 1966, pp.865-904.

BOURDIEU, Pierre, DELSAUT, Yvette, "Pour une sociologie de la perception." , *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 40, 1981, pp.3-9.

- BOURDIEU, Pierre, *La Distinción. Criterio y bases sociales del gusto*, Madrid, Taurus Humanidades, 1991.
- BOURDIEU, Pierre, *Leçon sur la Leçon*, Paris, Minuit, 1986.
- BOURDIEU, Pierre, *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.
- BOUREAU, Alain, "Propositions pour une histoire restreinte des mentalités.", *Annales ESC*, 6, nov.-déc., 1989, pp.1491-1504.
- BOUREAU, Alain, *Le Simple Corps du Roi. L'Impossible Sacralité des Souverains Français XV-XVIIIe Siècles*, Paris, Ed. de Paris, 1988.
- BOUZA ALVAREZ, Fernando Jesús, "La Biblioteca de El Escorial y el orden de los saberes en el siglo XVI", *El Escorial: Arte, Poder y Cultura en la Corte de Felipe II*, El Escorial, Univer. Complutense Madrid, 1988, pp. 85-99.
- BOUZA ALVAREZ, Fernando Jesús, "'Clarins de Iericho". Oratoria sagrada y publicística en la Restauração portuguesa.", *Cuadernos de Historia Moderna y Contemporánea*, VII, Madrid, Univer. Complutense, 1986, pp.13-31.
- BOUZA ALVAREZ, Fernando Jesús, "Gramática de la crisis. Una nota sobre la historiografía del 1640 hispánico ente 1940 y 1990.", *Cuadernos de Historia Moderna*, 11, 1991, pp.223-246.
- BOUZA ÁLVAREZ, Fernando Jesús, "Primero de diciembre de 1640: una revolución desprevénida?", *Manuscrits*, 9, Enero, 1991, pp.205-225.
- BOUZA ÁLVAREZ, Fernando Jesús, "Retórica da imagem real: Portugal e a memória figurada de Filipe II.", *Penélope.Fazer e Desfazer a História*, 4, 1990, pp.19-58.
- BOUZA ÁLVAREZ, Fernando Jesús, "Reverenter absolvit. Nadie ha inventado la historia.", *Manuscrits*, 8, Enero, 1990, pp.87-104.
- BOUZA ÁLVAREZ, *História de Espanha. Los Austrias Mayores. Imperio y Monarquía de Carlos I y Filipe II*, Temas de Hoy, 1996, pp.72-73.
- BOUZA ÁLVAREZ, Fernando Jesús, ALVAR EZQUERRA, Alfredo, "La librería de Don Pedro Juan de Lastanosa en Madrid (1576)", *Archivo Filología Aragonesa*, XXXII-XXXIII, (s.d.), pp.101-175.
- BOUZA ALVAREZ, Fernando, *Del Escribano a la Biblioteca*, Madrid, Síntesis, 1992.
- BRAHIMI, Denise, "Les Leçons d'Histoire de Volney.", in *L'Histoire au Dix-Huitième Siècle*, Aix-Provence, 1975-80, pp.405-427.
- BREISACH, Ernest, *Historiography. Ancient, Medieval and Modern*, Chicago, Chicago Univer.Press., 1983.
- BREMOND, Claude, "Concept et Thème.", *Poétique*, 64, 1985, pp.415-423.
- BREMOND, Claude, "La lógica de los posibles narrativos." *Análisis Estructural del Relato*, Buenos Aires, Tiempos Contemporáneos, 1972, pp.87-109.

- BREMOND, Claude, "Racontant et raconté: les deux temps du récit.", *Temps du Récit*, Madrid, 1989, pp.147-157.
- BRENT, Michael R., "From Grammar to Lexicon: Unsupervised Learning of Lexical Syntax.", in *Computational Linguistics*, 1993, vol.19, n°2, pp.243-262.
- BRESCHI, Riccardo, "Il concetto di "corruzione" nei discorsi sopra la prima deca di Tito Livio.", *Studi Storici*, 3, 1988, pp.707-735.
- BREZZI, Paolo, "Chroniques universelles du Moyen Age et histoire du salut." ,in *L'Historiographie Médiévale en Europe*, Paris, C.N.R.S., 1991, pp.235-245.
- BRIAND, R., "La contestation de la mythologie dans la littérature au nom de la spiritualité chrétienne." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*,Marseille, C.M.R., 1982, pp.57-66.
- BRILL, Eric, *A simple rule-based part of speech tagger. In Third Conference on Applied Natural Language Processing*, Italy, Trento, 1992, pp. 152-155.
- BRINKER, Menachem, "Thème et Interprétation.", *Poétique*, 64, 1985, pp.435-443.
- BRODY, Jules, "Boileau et la critique poétique.", *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.231-250.
- BUC, Philippe, "Pouvoir Royal et commentaires de la Bible.", *Annales ESC*, 3, Mai-Juin, 1989, pp.691-709.
- BUESCU, Ana Isabel, *Imagens do Príncipe. Discurso Normativo e Representação (1525-1549)*, Lisboa, F.C.S.H.-U.N.L., 1994.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão, *Babel ou a Ruptura do Signo*, Lisboa, I.N.-C.M., 1984.
- BUEZO, Catalina, "Las traducciones vernaculas de Valerio Maximo en el cuatrocientos hispano. El codice de la Biblioteca de la Real Academia de la Historia", *Boletin de la Real Academia de la Historia*, CLXXXV, Jan.-Abril, 1988, pp.39-53.
- BUNGE, Mario, "Existe el tiempo?", *Revista de Occidente*, 76, Set., 1987, pp.35-40.
- BUNGE, Mario, *El Problema Mente-Cerebro. Un Enfoque Psicobiologico*, Madrid, Tecnos, 1985.
- BURGUIÈRE, André, "De la compréhension en histoire.", *Annales ESC*, 1, janvier-février, 1990, pp.123-136.
- BURGUIÈRE, André, "Histoire et Structure.", *Annales ESC*, 3, 1, mai-juin, 1971, pp.I-VII.
- BURKE, Peter, "Some seventeenth-century anatomists of revolution.", *Storia della Storiografia*, 22, 1992, pp.23-35.
- BURKE, Peter, "Structural History in the Sixteenth and Seventeenth Centuries.", *Storia della Storiografia*, 10, 1986, pp.71-76.
- BURY, J., *La Idea del Progreso*, Madrid, Alianza, 1971.

- BUTLER, Martin, "Entertaining the Palatine Prince: plays on foreign affairs 1635-1637.", *Renaissance Historicism*, KINNEY, Arthur, (ed.), Amherst, Univ. Massachusetts Press, 1987, pp.265-292.
- CACCIATORE, Giuseppe, "Neue Sozialgeschichte e teoria della storia.", *Studi Storici*, 1, 1984, pp.119-130.
- CALAS, Frédéric, "L'imposture épistolaire ou le roman en quête d'auteur", in *Revue des Sciences Humaines*, 1995, 2, n°238, pp.137-148.
- CAMPILLO, Antonio, *La Fuerza de la Razon. Guerra, Estado y Ciencia en los Tratados Militares del Renacimiento, de Maquiavelo a Galileo*, Murcia, Univer. de Murcia, 1986.
- CAMPO DEL POZO, F., "Importancia del tratado sobre "El Príncipe cristiano" de Alonso de Orozco.", *La Ciudad de Dios*, 1, CCIV, Enero-Abril, 1991, pp.75-88.
- CANAVAGGIO, Jean, "Du refranero a la comedia: quatre personnages en quête d'auteur." ,in *Le Personnage dans la Littérature du Siècle d'Or: Statut et Fonction*, Paris, C.N.R.S., 1984, pp.81-88.
- CAÑEDO, Jesus, ARELLANO, Ignacio, "Observaciones provisionales sobre la edición y anotación de textos del Siglo de Oro.", *Edicion y Anotacion de Textos del Siglo de Oro: Actas*, Pamplona, EUNSA, 1987.
- CANELLAS LOPEZ, Angel, "El historiador Jerónimo Zurita." ,in *Jerónimo Zurita. Su Epoca y su Escuela*, Zaragoza, Inst. Fernando Catolico, 1983, pp.7-22.
- CANFORA, Luciano, "Analogie et Histoire.", *History and Theory*, 22, 1, 1983, pp.22-42.
- CANTIMORI, Delio, *Los Historiadores y la Historia*, Barcelona, Peninsula, 1985.
- CAPEL MARGARITO, Manuel, "Ambrosio de Morales y la moderna investigación histórica.", in *Jerónimo Zurita. Su Epoca y su Escuela*, Zaragoza, Inst. Fernando Catolico, 1983, pp.443-450.
- CARASSO, Viviane, "L'usage du thème du Monde à l'Envers dans la Hora de Todos de Quevedo." ,in *La Contestation de la Societé dans la Litterature Espagnole du Siècle d'Or*, Toulouse, Univer. Toulouse, 1981.
- CARBONELL, Charles-Olivier, "Histoire narrative et histoire structurelle dans l'historiographie positiviste du XIX ème siècle.", *Hist. Historiographie*, 10, 1986, pp.153-161.
- CARBONELL, Charles-Olivier, "Le discours baroque sur la Science de l'histoire" *Baroque*, 12, 1987, pp.131-140 (Montanban)
- CARIDAD, M. e P. MOSCOSO, *Los sistemas de hipertexto e hipermedios: Una nueva aplicación en informática documental*, Madrid, F.G.R.S., 1991.
- CARO BAROJA, Julio, *Las Falsificaciones de la Historia (en relación con la de España)*, Barcelona, Seix Barral, 1992.
- CARR, David, "Narrative and the real world: an argument for continuity.", *History and Theory*, 25, 1, 1986, pp.117-131.

- CARR, David, "Review Essays.", *History and Theory*, 23, 1984, pp.357-370.
- CARRASCO URGOITI, Maria Soledad, "La oralidad del vejamen de Academia.", in *Edad de Oro*, vol.VII, 1988, pp.49-57.
- CARRASCO URGOITI, Maria Soledad, "Notas sobre el vejamen de Academia en la segunda mitad del siglo XVII.", *Revista Hispánica Moderna*, XXXI, 1965, pp.97-111.
- CARRERAS ARES, Juan Jose, "Categorías historiográficas y periodificación histórica.", *Once Ensayos sobre la Historia*, Madrid, Fundación Juan March, 1976, pp.49-66.
- CARTER, Charles, *The Western European Powers 1500-1700*, London, 1971.
- CASSIRER, Ernst, *La Philosophie des Formes Symboliques*, Paris, Minuit, 1972.
- CASTAÑEDA Y ALCOVER, D. Vicente, "Los Cronistas Valencianos.", *Discursos Leídos ante la Real Academia de la Historia*, Madrid, 1920, pp.7-65.
- CASTILLO DURÁN, Fernando del, "De Crónicas y de Cronistas.", *Anthropos*, 1, Barcelona, 1987, pp.3-10.
- CASTRO CUENCA, Jesús, ARANDA PÉREZ, Francisco José, "El análisis del discurso. Una metodología para el estudio de la Historia Social en la Edad Moderna.", *Siglo XXI*, Madrid, 1991, pp.65-86.
- CASTRO, Américo, "La edad conflictiva: castas, honra y actividad intelectual." ,in *Historia y Crítica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Crítica, 1980, pp.60-64.
- CASTRO, Aníbal Pinto de, *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, 1973
- CATEDRA, Pedro (org.), *El Libro Antiguo Español*, Salamanca, Univ. Salamanca,1992.
- CATEDRA, Pedro M., *La Historiografía en Verso en la Epoca de los Reyes Catolicos Juan Barba y su Consolatoria de Castilla*, Salamanca, Univer. Salamanca, 1989.
- CAVAILLES, Roger, "Un nouveau paradigme pour une science nouvelle.", *Philosophie*, 11, 1985, pp.203-225.
- CAVILLAC, Michel, "L'hidalgo-mercador dans la littérature du Siècle d'Or." ,in *Hidalgos & Hidalguia dans l'Espagne des XVI-XVIII Siècles*, Paris, CNRS, 1989, pp.105-124.
- CÉARD, Jean, "Les critères de la vérité scientifique chez les naturalistes de la Renaissance.", in *Vérité Poétique et Vérité Scientifique*, Paris, P.U.F.,1989, pp.227-241.
- CÉARD, Jean, "Les visages de la royauté en France, à la Renaissance.", in *Les Monarchies*, Paris, P.U.F.,1986, pp.73-89.
- CEBIK, L.B., "Understanding Narrative Theory.", *History and Theory*, 4, Beiheft 25, 1986, pp.59-81.

- CELLÉRIER, Guy, "La psychologie génétique et le cognitivisme.", *Le Débat*, 47, nov.-déc., 1987, pp.116-129.
- CEPEDA Adan, José "La Historiografía", in *Historia de la Cultura Española Ramón Menéndez Pidal*, vol.2, Madrid, Espasa -Calpe, 1996, pp.695-835.
- CERDAN, Francisco, "El sermón barroco: um caso de literatura oral.", in *Edad de Oro*, vol.VII, 1988, pp.59-67.
- CERTEAU, Michel de, "L'histoire, science et fiction.", *Philosophica*, 23, Univ. d'Ottawa, 1982, pp.19-40.
- CERVERA VERA, Luis, "Documentos relativos a las Estampas del Monasterio de San Lorenzo el Real de El Escorial dibujadas por Juan de Herrera.", *La Ciudad de Dios*, 164, 1952, pp. 353-381.
- CHALMERS, Alan, *La Ciencia y Cómo se Elabora*, Madrid, Siglo XXI, 1992.
- CHANDERNAGOR, Françoise, GRIMMER, Claude, RUDDER, Orlando, "Quand l'Historien se fait romancier.", *Le Débat*, 56, 1989, pp.17-36.
- CHARTER, Charles, *The Western European Powers 1500-1700*, Cambridge, Cambridge U.P., 1971.
- CHARTIER, Roger, "Espace social et imaginaire social: les intellectuels frustrés au XVIIe siècle.", *Annales ESC*, 2, I, 1982, pp.388-400.
- CHARTIER, Roger, "L'Histoire ou le récit véridique.", *Philosophie et Histoire*, Paris, Pömpidou, 1987.
- CHARTIER, Roger, *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*, Lisboa, Difel, 1988.
- CHARTIER, Roger, *L'Ordre des Livres: Lecteurs, Auteurs, Bibliothèques en Europe entre XlVe et XVIIIe siècle*, Paris, Alinea, 1992.
- CHARTIER, Roger, *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*, Madrid, Alianza, 1993.
- CHARTIER, Roger, RICHER, Denis, *Représentation et Vouloir Politiques aux tour des Etats Généraux de 1614*, Paris, E.H.E.S.S., 1982.
- CHATELAIN, Jean-Marc, "Livres d'emblèmes et livre du monde", in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, 1995, n° 84-85, pp. 2-27.
- CHAUCHADIS, Claude, LASPÉRAS, Jean-Michel, "L'hidalguía au XVIe siècle: cohérence et ambiguïtés." ,in *Hidalgos & Hidalguia dans l'Espagne des XVI-XVIII Siècles*, Paris, CNRS, 1989, pp.47-70.
- CHAUNU, P., "Conscience de la Durée et du temps.", *Bulletin-Histoire et Conscience Historique à l'Époque Moderne*, 1987, pp.7-18.
- CHECA BELTRÁN, José, "Una retórica enciclopedista del siglo XVIII: la filosofía de la eloquencia de Campany.", *Revista Literatura*, 99, L, 1988, pp.61-89.



- CHECA CREMADES, Fernando, "Felipe II en El Escorial: la representación del poder real.", *El Escorial: Arte, Poder y Cultura en la Corte de Felipe II*, El Escorial, Univer. Complutense Madrid., 1988, pp.7-26.
- CHECA CREMADES, Fernando, *Carlos V y la Imagen del Héroe en el Renacimiento*, Madrid, Taurus, 1987.
- CHEVALIER, Maxime, "Les réticences des écrivains espagnols face à l'imprimerie au tournant du XVIIe siècle", in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, 1995, n° 84-85, pp.108-121.
- CHEVALIER, Maxime, "Alonso Quijano, homme du livre." ,in *Hidalgos & Hidalguia dans l'Espagne des XVI-XVIII Siècles*, Paris, CNRS, 1989, pp.95-104.
- CHEVALIER, Maxime, *Lectura y Lectores en la España de los Siglos XVI y XVII*, Madrid, Turner, 1976.
- CHICO RICO, Francisco, *Pragmática y Construcción Literaria. Discurso Retórico y Discurso Narrativo*, Alicante, Univer. de Alicante, 1988.
- CHOMSKY, N., *Cartesian Linguistics. A Chapter in the History of Rationalist Thought*, New York, Harper & Row, 1966.
- CHOMSKY, N., *Syntactic Structures*, Hague, Mouton and Co., 1964.
- CHOMSKY, Noam, PIAGET, Jean, *Teorias da Linguagem. Teorias da Aprendizagem*, Lisboa, Edições 70, 1987.
- CHRIST, Karl, "Arnaldo Momigliano and the history of Historiography.", *History and Theory*, 30, 1, 1991, pp.5-12.
- CHURCH, Kenneth W., MERCER, Robert L., "Introduction to the Special Issue on Computational Linguistics Using Large Corpora.", in *Computational Linguistics*, 1993, vol.19, n°1, pp.1-24.
- CHYDENIUS, Johan, "La théorie du symbolisme médiéval.", *Poétique*, 23, 1975, pp.322-341.
- CÍCERO, *Rhetorica Ad Herenium*, Barcelona, Bosh, 1991.
- CIORANESCU, Alexandre, "Le baroque et la comédie." , *XVIIe Siècle*, 160, ano 40, 3 Julho-Setembro, 1988, pp.289-302.
- CIROT, Georges, "Sur un procédé de style de Francisco de Melo.", *Bulletin Hispanique*, 1902, pp.163-166.
- CIROT, Georges, *Études sur l'Historiographie Espagnole-Les Histoires Générales d'Espagne entre Alphonse X et Philippe II (1284-1556)*, Paris, 1905.
- CIROT, Georges, *Littérature Espagnole Européenne*, Paris, Armand Colin, 1956.
- CIROT, Georges, *Mariana Historien*, Paris, Albert Fontemoing, 1904.
- CIVIL, Pierre, "Portraits du prince dans l'historiographie espagnole du XVIe siècle." ,in *Le Portrait Littéraire*, Lyon, P.U.L., 1988, pp.69-76.

CLAPIER-VALLADON, Simone, "Le récit de vie comme méthode de recherche.", in *L'approche Biographique. Reflexions Epistémologiques sur une Méthode de Recherche*, Nice, C.U.M., s.d.[1983 ], pp.103-108.

COBARRUVIAS, S. ,*Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, Madrid, Turner, 1979.

COCHRANE, Eric, *Historians and Historiography in the Italian Renaissance*, Chicago-London, Univer. Press., 1981.

COCHRANE, Eric, "The transition from renaissance to baroque: the case of italian historiography.", *History and Theory*, 19, 1, 1980, pp.21-38.

COELHO, Hélder, "A origem da inteligência (artificial).", *Vértice*, 47, Março-Abril, 1992, pp.51-59.

COIRAULT, Yves, "Destin des mémorialistes.", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.215-222.

COLLAS, Alain, "Entre la noblesse et la bourgeoisie. Un modele social au XVe siècle: les officiers du Roi." ,in *Le Modele a la Renaissance*, Paris, Vrin, 1986, pp.91-100.

COLLINET, Jean-Pierre, "Le Cabinet de l'érudit: Chapelain", in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, 1979, pp.621-644.

COLLINET, Jean-Pierre, "La Fontaine: de la mythologie dans l'univers poétique de Théophile de Viau." in , *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.265-274.

COLLINET, Jean-Pierre, "Un Triumvirat critique: Rapin, Bouhours, Bussy.", *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, 557, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.261-272.

COLMERAUER, Alain, "Prolog, langage de l'intelligence artificielle.", in *La Recherche en Intelligence Artificielle*, Paris, Seuil, 1987, pp.285-312.

COMELLAS AGUIRREZÁBAL, *El Humanista*, Sevilla, Universidad, 1995.

CONCEPCION, Vicente P., D'AMATO, Donald P., "A String-Matching Algorithm for Assessing the Results of an OCR Process.", in *History and Computing*, vol.5, 2, 1993, pp.82-87.

CONEIN, Bernard, GUILHAUMON, J., MALDIDIER, Denise, "L'analyse de discours comme contexte épistémologique.", *Mots*, 1983, pp.24-30.

CONTAMINE, Philippe, "Traité politique inédit de la fin du XVe siècle.", *Annuaire Bulletin de la Société de l'Histoire de France*, 1983-87, pp.139-171.

CORDIER, Marie-Odile, "Les Systèmes experts.", in *La Recherche en Intelligence Artificielle*, Paris, Seuil, 1987, pp.177-209.

COULET, Henri, "La métaphore de l'architecture dans la critique littéraire au XVIIe Siècle.", *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, 557, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.291-309.

- COURTÈS, Joseph, "Hechos 10,1-11,18 como sistema de representaciones míticas.", in *Exegeses y Hermeneutica*, Madrid, Cristiandad, 1976, pp.164-169.
- CRESPO, Virgilio Pinto, "El aparato de control censorial y las corrientes doctrinales.", *Hispania Sacra*, 36, 1984, pp.3-33.
- CROS, Edmond, "Le Personnage comme catégorie textuelle." ,in *Le Personnage dans la Littérature du Siècle d'Or; Statut et Fonction*, Paris, C.N.R.S., 1984, pp.103-108.
- CROUZET, D., "La représentation du temps à l'époque de la Ligue.", *Revue Historique*, 548, 1983, pp.297-388.
- CRUZ RODRIGUEZ, Manuel, *Narratividad: La Nueva Sintesis*, Barcelona, Peninsula, 1986.
- CURTO, Diogo Ramado, *A cultura Política em Portugal (1578-1642). Comportamentos, ritos e negócios*, Lisboa, F.C.S.H. 1994.
- DADSON, Trevor J., "Un memorial inedito del conde de Salinas en contra de la politica del conde-duque de Olivares?", *Hispania*, 165, XLVII 1987, pp.343-348.
- DALSGAARD, Paul, BAEKGAARD, Anders, *Spoken Language Dialogue Systems*, Denmark, Aalborg University, (policop.).
- DAMIEN, Robert, *Bibliothèque et État. Naissance d'une raison politique dans la France du XVIIe siècle*, Paris, P.U.F., 1995.
- DAMISCH, Hubert, "Figuration et représentation: le problème de l'apparition.", *Annales ESC*, 31, mai-juin, 1971, pp.664-680.
- DANTO, Arthur C., *Historia y Narración. Ensayos de Filosofía Analítica de la Historia*, Barcelona, Paidós, 1989.
- DANVILA, Manuel, "Nuevos datos para escribir la Historia de las Cortes de Castilla en el Reinado de Felipe III.", *Boletín de la Academia de Historia*, vol. VIII Madrid, 1886, pp.84-133, pp. 166-223, pp. 254-295.
- DARBO-PESCHANSKI, Catherine, "La politique de l'histoire: Thucydide historien du présent.", *Annales ESC*, 3, Mai-Juin, 1989, pp.653-675.
- DARST, David H., "El pensamiento historico del Granadino Diego Hurtado de Mendoza.", *Hispania*, 154, XLIII, 1983, pp.281-294.
- DAVIDSON, Hugh M., "Pratique et rhétorique du théâtre: étude sur le vocabulaire et la méthode de d'Aubignac.", *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, 557, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.169-175.
- DAVIES, Tony, "The Ark in flames: science, language and education in seventeenth-century England.", *The Figural and the Literal Problems of Language in the History of Science and Philosophy 1630-1800*, Oxford, Manchester, 1987, pp.83-102.
- DAVIS, Charles, "Tacitean elements in Diego Hurtado de Mendoza's guerra de Granada.", *Dispositio*, 27, vol.X, pp.85-96.

- DAVIS, Natalie Zemon, "Du conte et de l'histoire.", *Le Débat*, 54, Março-Abril, 1989, pp.138-143.
- DE GAUDT, François, "Temps physique et temps mathématique chez Newton.", *Temps et Representations. Mythes et Representations du Temps*, Paris, C.N.R.S., 1985, pp.87-105.
- DE ROSA, Luigi, (org.), *La Storiografia Italiana degli Ultimi Vent'anni*, vol.2, Roma, Laterza, 1989.
- DECLERCQ, Gilles, "Stylistique et rhétorique.", *XVIIe Siècle*, 152, 1986, pp.207-222.
- DECLERCQ, Gilles, "Un adepte de l'histoire éloquente, le père Maimbourg, S.J.", *XVIIe Siècle*, 143, 1984, pp.119-132.
- DELAS, Daniel, "Le texte poétique.", *Poétique*, 30, 1977, pp.211-225
- DELÈGUE, Yves, "Montaigne ou l'auteur impossible", in *Revue des Sciences Humaines*, 1995, 2, n°238, pp.26-34.
- DELVOLVE, Jean, *Religion, Critique et Philosophie Positive chez Pierre Bayle*, Genève, Slatkine Reprints, 1970.
- DENLEY, Peter, "Models, Sources and Users: Historical Database Design in the 1990s.", in *History and Computing*, vol.6, 1, 1994, pp.33-43.
- DENLEY, Peter, HOPKIN, Deian, *History and Computing*, Oxford, Manchester Univ. Press, 1987.
- DEPRUN, J., "Cartésianisme et mythologie." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.17-24.
- DESAN, Philippe, *Naissance de la Méthode*, Paris, Nizet, 1987.
- DESAN, Philippe, *Penser l'Histoire à la Renaissance*, Caen, Paradigme, 1993.
- DESCOTES, Dominique, "Port-Royal ou le "génie" du christianisme.", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.323-332.
- DESFOUGÈRES, Anne-Marie, "Des moralistes à la psychanalyse.", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.241-252.
- DESGRAVES, Louis, "Naissance de la "Science" des Bibliothèques", in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, 1991, pp.11-13.
- DÍEZ BORQUE, José María, "Géneros menores y comedia: el hecho teatral como espectáculo de conjunto.", in *Historia y Critica de la Literatura Española*, vol.3, Barcelona, Critica, 1980, pp.254-259.
- DÍEZ BORQUE, José María, *Los Géneros Dramáticos en el Siglo XVI: el Teatro Hasta Lope de Vega*, Madrid, Taurus, 1987.
- DIMARCO, Chrysanne, HIRST, Graeme, " A Computational Theory of Goal-Directed Style in Syntax.", in *Computational Linguistics*, 1993, vol. 19, n°3, pp.451-500.

DOMÍNGUEZ BORDONA, J., "La Biblioteca del Virrey Don Pedro Antonio de Aragón (1611-1690)", in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 1951, vol. CXXIX, pp.385-416.

DOMÍNGUEZ DE PAZ, Elisa, CARRASCOSA MIGUEL, Pablo, "Notas para la interpretación del "Don Juan" a partir de un fragmento inédito de José Zorrilla.", *Revista Literatura*, 100, L, 1988, pp.521-527.

DOMÍNGUEZ ORTIZ, Antonio, "La sociedad española en el siglo XVII." ,in *Historia y Crítica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.53-59.

DONZELLI, Maria, "Vico ou l'anticartésianisme historique. L'"Affaire Vico" dans l'historiographie italienne contemporaine." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.125-139.

DOTOLI, G., "Mythologie populaire et idéologie baroque au XVIIe Siècle." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.119-126.

DOUAY, Françoise, PINTO, Jean-Jacques, "Analogie/Anomalie. Reflet de nos querelles dans un miroir antique." , *Communications*, 53, 1991, pp.7-16.

DOVER, Kenneth J., "Thucydides "As History" and "As Literature".", *History and Theory*, 22, 1, 1983, pp.54-63.

DRAY, W. H., "Narration, reduction and the uses of history.", *Philosophica*, 23, Univ. d'Ottawa, 1982, pp.197-213.

DROIXHE, Daniel, "Rousseau, Herder: origine des langues et "Violence des Siècles".",in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.151-160.

DRYSDALL, L., "Alciat et le modele de l'emblem." ,in *Le Modele a la Renaissance*, Paris, Vrin, 1986, pp.167-181.

DUBOIS, Alain, "La biographie dans l'histoire médiévale et moderne." , *17e Congrès International des Sciences Historiques*, Madrid, 1990,

DUBOIS, Alain, (org.), *Imaginaire du Changement. Conversations, Modifications, Métamorphoses*, P.U.Bordeaux, 1984.

DUBOIS, Claude-Gilbert, "Conscience et imaginaire historiques en France au XVII Siècle." , *Bulletin-Histoire et Conscience Historique à l'Époque Moderne*, 11, pp.19-40.

DUBOIS, Claude-Gilbert, "L'imaginaire historique et ses manifestations dans l'historiographie du XVIe Siècle." , *Hist. Historiographie*, 14, 1988, pp.68-86.

DUBOIS, Claude-Gilbert, (org.), *L'Invention au XVIe Siècle*, Bordeaux, P.U.B. 1987.

DUBOIS, Claude-Gilbert, *L'imaginaire de la Renaissance*, Paris, P.U.F., 1985.

DUBOIS, Claude-Gilbert, *La Conception de L'Histoire en France au XVIe Siècle (1560-1610)*, Paris, A.G.Nizet, 1977.

- DUBOIS, E.T., "Ingenium et Judicium: quelques réflexions sur la nature de la création poétique.", *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, 557, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.311-324.
- DUBU, J., "Mythologie et allégorie dans les poésies lyriques de Racine.", in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982.
- DUBUIS, Michel, "Les bénédictins d'Espagne devant les fausses chroniques." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.97-123.
- DUBY, Georges, "L'Histoire des Systèmes de Valeurs.", *History and Theory*, 11, 1, 1972, pp.15-25.
- DUCHÉNE, Roger, "Lettre et portrait au XVIIe siècle."in, *Le Portrait Littéraire*, Lyon, P.U.Lyon, 1988, pp.121-129.
- DUCHÈNE, Roger, "Une grande dame et la rhétorique: Madame de Sévigné et le P. le Bossuet.", *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, 557, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.273-285.
- DUCHET, Michèle, "L'Histoire des Deux Indes, une histoire philosophique et politique.", in *L'Histoire au Dix-Huitième Siècle*, Aix-Provence, 1975-80, pp. 79-99.
- DUCROT, Oswald, *Decir y no Decir. Principios de Semántica Lingüística*, Barcelona, Anagrama, 1982.
- DUCROT, Oswald, TODOROV, Tzvetan, *Diccionario Enciclopédico de las Ciencias del Lenguaje*, Madrid, Siglo XXI, 1974.
- DUFAYS, Jean-Michel, "La place du concept de "moyen âge" dans l'historiographie.", *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, 2, 65, 1987, pp.257-273.
- DUFAYS, Jean-Michel, "Théories et pratiques de l'historiographie à l'époque moderne. État de la question." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.9-41.
- DUFEIL, Michel-Marie, "Histoire Classique, Histoire Critique: Reflexions sur le texte et l'objet.", *History and Theory*, 21, 3, 1982, pp.223-233.
- DUFOUR, Alain, "Quelques réflexions sur l'historiographie du XVIe siècle: histoire politique et psychologie historique.", *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, XXV, 1963, pp.7-24.
- DUMONT, J.P., "Les archetypes et l'histoire.", *Les Langages, le Sens et l'Histoire*, III, Lille, P. Univ. Lille, 1977, pp.159-174.
- DUMOUCHEL, Paul, [et.al.] *L'auto-Organisation. De la Physique au Politique*, Paris, Seuil, 1983.
- DUPUIGRENET DESROUSSILLES, Francois, "Le livre à la cour: livres de gentilshommes et de bouffons", in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, 1995, n° 84-85, pp. 28-42.
- DURAND, Gilbert, *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, Lisboa, Presença, 1989.

- DURANTON, Henri, "L'Académicien au miroir: l'historien idéal d'après les éloges de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres.", in *L'Histoire au Dix-Huitième siècle*, Aix-Provence, 1975-80, pp.449-475.
- DURANTON, Henri, "Le métier d'historien au XVIIIe siècle.", *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, XXIII, Oct.-Déc., 1976, pp.481-500.
- DUVIGNAUD, J., "Approches anthropologiques du baroque.", *Questionnement du Baroque*, Paris, Vrin, 1986, pp.164-171.
- EDWARDS, Michael, "La légende Arthurienne et la lecture mythique de l'histoire.", *Hist. Historiographie*, 14, 1988, pp.23-35.
- EGIDO, Aurora, "La hidra bocal. Sobre la palabra poética en el barroco.", in *Edad de Oro*, vol.VI, 1987, pp.79-113.
- EGIDO, Aurora, "Literatura efímera: oralidad y escritura en los certámenes y academias de los siglos de oro." ,in *Edad de Oro*, vol.VII, 1988, pp.69-87.
- EHLERS, Joachim, "L'image de la monarchie française dans l'historiographie de l'Empire (Xe et XIe siècles).", in *L'Historiographie Médiévale en Europe*, Paris, C.N.R.S., 1991, pp.119-127.
- EISENSTEIN, Elizabeth L., *La Revolución de la Imprenta en la Edad Moderna Europea*, Madrid, Akal, 1994.
- ELIADE, Mircea, *Images et Symboles. Essais sur le symbolisme magico-religieux*, Paris, Gallimard, 1989.
- ELIAS, Norbert, *Sobre el Tiempo*, Madrid, F. C. E., 1989.
- ELLIOTT, John, GARCIA SANZ, Angel, (coord.), *La España del Conde Duque de Olivares*, Valladolid, Univer. de Valladolid, 1990.
- ELORZA, Antonio, "Las ideologías políticas y su historia.", *Once Ensayos sobre la Historia*, Madrid, Fundación Juan March, 1976, pp.69-88.
- ENESCO ARANA, Ileana, *El Desarrollo de Conceptos Espaciales. Un Estudio Transcultural*, Madrid, Univer. Complutense, 1983.
- ENGAMMARE, Max, "Les représentations de l'Écriture dans les Bibles illustrées du XVIe siècle. Pour une herméneutique de l'image imprimée dans le texte biblique", in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, 1995, n° 84-85, pp. 43-107.
- ENTRAMBASAGUAS, Joaquín, *La Biblioteca de Ramirez de Prado*, Madrid, C.S.I.C., 2 vol. 1943.
- ESCANDELL VIDAL, María Victoria, "La interrogación retórica.", *Dicenda. Cuadernos de filología hispánica*, 3, 1984, pp.9-37.
- EVANS, Richard J., "Social History in the Postmodern Age.", *Hist. Historiographie*, 18, 1990, pp.36-42.
- FAULHABER, Charles, "Retóricas Clásicas y Medievales en Bibliotecas Castellanas.", *Ábaco*, 4, 1973, pp.151-300.

FAYE, Jean Pierre, *Théorie du Récit. Introduction aux Langages Totalitaires*, Paris, Hermann, 1972.

FERNÁNDEZ ALBALADEJO, Pablo, "Rey Católico": Gestación y metamorfosis de un título" sep. *El tratado de Tordesillas y su Época. Congreso Internacional de Historia.*, 1994, pp.209-216.

FERNÁNDEZ DE LA TORRE, José Luis, "Historia y poesía: algunos ejemplos de lirica "pública" en Cervantes.", in *Edad de Oro*, vol.VI, 1987, pp.115-131.

FERNÁNDEZ DEL CASTILLO, Francisco, *Libros y Libreros en el Siglo XVI*, México, A.G.N.-F.C.E., 1982.

FERNÁNDEZ JIMÉNEZ, Juan, "La Fijación del texto en el caso de manuscritos inéditos.", *La Edición de Textos. Actas del I Congreso Int. de Hispanistas del Siglo de Oro*, London, Tamesis Books Limited, 1990, pp.189-194.

FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Carmen, ROSADO MARTÍN, Delia, MARIN BARRIGUETE, Fermin, "La sociedad del siglo XVIII a través del sermulario. Aproximación a su estudio.", *Cuadernos de Historia Moderna y Contemporánea*, 4, Madrid, Univer. Complutense, 1983, pp.35-57.

FERNÁNDEZ-PACHECO, Juan Ramón Romero, "Teoría de la Historia en Ibn Jaldum.", *Homenaje al Profesor Juan Torres Fontes*, 1987, pp.1459-1471.

FERNÁNDEZ-SANTAMARÍA, José A., "Simulación y disimulación. El problema de la duplicidad en el pensamiento político español del barroco.", *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 1, 177, 1980, pp.741-767.

FERRAROTTI, Franco, *Histoire et Histoires de Vie. La Méthode Biographique dans les Sciences Sociales*, Paris, Meridiens, 1983.

FERREIRA, José de Azevedo, *Afonso X. Foro Real*, Lisboa, I.N.I.C., 1987.

FERRERAS, Jacqueline, "La Contestation de la noblesse dans les Dialogos del arte militar de Bernardino de Escolante (1583).", in *La Contestation de la Société dans la Littérature Espagnole du Siècle d'Or*, Toulouse, Univer. Toulouse, 1981, pp.7-16.

FERRO, M., "Des Annales à la nouvelle histoire. L'histoire, discours ou science expérimentale.", *Philosophie et Histoire*, Paris, Pompidou, 1987, pp.37-46.

FINGER, Mathias, CLAPIER-VALLADON, Simone, *L'approche Biographique: Réflexions Epistemologiques sur une Méthode de Recherches*, Nice, 1983.

FINGER, Matthias, "Sciences humaines ou technologies Sociales? Où de l'herméneutique à la méthode biographique.", in *L'approche Biographique. Réflexions Epistemologiques sur une Méthode de Recherche*, Nice, C.U.M., s.d.[1983], pp.186-210.

FINGER, Matthias, *Biographie et Herméneutique. Les Aspects Epistemologiques et Méthodologiques de la Méthode Biographique*, Montreal, Fac. Education Permanente, 1984.

FIORATO, Adelin Charles, *Discours Littéraires et Pratiques Politiques*, Paris, Pub. Sorbone, 1987.



- FISCHER, Roland, "De la nature mentale du temps. Des fonctions mentales considérées comme des figures du temps.", *Diogène*, 147, Julh.-Set., 1989, pp.56-79.
- FISCHER, Roland, "Du cérébral au mental. Des fondements biologiques du cercle herméneutique.", *Diogène*, 138, 1987, pp.5-29.
- FISCHER, Roland, "L'analyse structurale de la réalité.", *Diogène*, 129, 1985, pp.44-61.
- FLAVELL, John H., *El Desarrollo Cognitivo*, Madrid, Visor, 1984.
- FLOCH, Jean-Marie, "Communication ou Manipulation?", *Introduction à l'Analyse du Discours en Sciences Sociales*, Paris, Hachette Université, 1979, pp.177-192.
- FLOURET, Jean, "La bibliothèque de Richelieu", in *Revue Française d'Histoire de la Langue*, 1979, pp.611-619.
- FONTANIER, *Les Figures du Discours*, Paris, Flammarion, 1977.
- FORT, Carlos Ramon, *Discurso sobre el Estado de los Estudios Historicos en España durante el Reinado de Carlos II*, Madrid, R.A.H., 1860.
- FOSSIER, François, "A propos du titre d'historiographe sous l'ancien régime.", *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, XXXII, J.-Ag., 1985, pp.361-417.
- FOSSIER, François, "La charge d'historiographe du seizième au dix-neuvième siècle.", *Revue Historique*, 523, 1977, pp.73-92.
- FOSSIER, François, "La place de l'erudition nationale dans l'historiographie de l'âge classique.", *Bulletin-Histoire et Conscience Historique à l'Époque Moderne*, 11, 1986, pp.41-57.
- FOSSIER, François, "Permanences et traditions dans l'historiographie nationale sous l'Ancien Régime : l'exemple du règne de Jean le Bon.", in *La Monarchie Absolutiste et l'Histoire en France*, Paris, P.U.P., 1986, pp.155-168.
- FOUCAULT, Michel, *As Palavras e as Coisas. Uma Arqueologia das Ciências Humanas*, Lisboa, Portugal, [1967].
- FOUCAULT, Michel, *L'ordre du Discours*, Paris, Gallimard, 1970.
- FOUCAULT, Michel, *La Arqueología del Saber*, Madrid, Siglo XXI, 1988.
- FOURNEL, Jean-Louis, "I ricordi de François Guichardin: de l'écriture à la politique.", *Mélanges de l'École Française de Rome*, 2, 97, Rome, 1985, pp.897-927.
- FRENK, Margit, "Plenitud literaria de la canción popular." in *Historia y Critica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.95-99.
- FREPPPEL, M., *Bossuet et l'eloquence sacrée au XVIIe siècle*, 1<sup>o</sup>vol., Paris, 1893.
- FRIEDMAN, John B., "Cluster Analysis and the Manuscript Chronology of William du Stiphel, a Fourteenth Century Scribe at Durham.", in *History and Computing*, vol.4, 2, 1992, pp.75-97.
- FRISBY, John P., *Del Ojo a la Visión. Ilusión, Cerebro y Mente*, Madrid, Alianza, 1987.

- FRYDE, E. B., *Humanism and Renaissance Historiography*, London, The Hambledon Press, 1983.
- FUETER, Eduard, *Histoire de l'Historiographie Moderne*, Paris, Félix Alcan, 1914.
- FUMAROLI, Marc, "Aspects de l'humanisme jésuite au début du XVIIe siècle.", *Revue des Sciences Humaines*, 158, XL, Lille III, Avril-Juin, 1975, pp.247-293.
- FUMAROLI, Marc, "Aux origines de la connaissance historique du Moyen Âge: Humanisme, Réforme et Gallicanisme au XVI siècle.", *XVIIe Siècle*, 115, 1977, pp.5-29.
- FUMAROLI, Marc, "Baroque et classicisme: l'Imago Primi Saeculi Societatis Jesu (1640) et ses adversaires.", *Questionnement du Baroque*, Paris, Vrin, 1986, pp.75-110.
- FUMAROLI, Marc, "Der "Vies" à la biographie: le crépuscule du Parnasse.", *Diogène*, 139, 1987, pp.3-30.
- FUMAROLI, Marc, "Hiéroglyphes et Lettres: La "Sagesse Mystérieuse des Anciens" au XVIIe Siècle ." ,in *XVIIe Siècle*, 158, 1988, pp.7-20.
- FUMAROLI, Marc, "La République des Lettres.", *Annuaire du Collège de France*, 1987-88, pp.416-434.
- FUMAROLI, Marc, "Les poètes "scientifiques".", in *Vérité Poétique et Vérité Scientifique*, Paris, P.U.F., 1989, pp.123-135.
- FUMAROLI, Marc, "Preface", *La pointe ou l'art du génie*, (B. Gracian), Paris, UNESCO-Age de l'homme, 1983, pp.7-16.
- FUMAROLI, Marc, "Rhétorique et Société en Europe (XVIe-XVIIe siècles)- La République des Lettres II.", *Annuaire du Collège de France*, 1988-89, pp.383-401.
- FUMAROLI, Marc, *La Diplomatie de l'esprit*, Paris, Hermann, 1994.
- FUMAROLI, Marc, "Rhétorique, dramaturgie, critique littéraire: le recours à l'allégorie dans les querelles littéraires (1578-1630).", *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, 557, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.453-472.
- FUMAROLI, Marc, "Sacerdoce et office civil: la monarchie selon Louis XIV.", in *Les Monarchies*, Paris, P.U.F., 1986, pp.101-114.
- FUMAROLI, Marc, *L'age de l'Eloquence*, Geneve, Droz, 1980.
- FURETIERE, Antoine, *Dictionnaire Universel, contenant generalement tous les mots français, tant vieux que modernes, et les termes de sciences et des arts.*, 4 vol., Haye, 1727.
- GADOFFRE, Gilbert, *Certitudes et Incertitudes de l'Histoire*, Paris, P.U.F., 1987.
- GAILLARD, M. J., "La notion cicéronienne d'historia ornata.", *Colloque Histoire et Historiographie*, CHEVALLIER, R., (org.), Paris, Belles Lettres, 1980, pp.37-45.
- GALE, William A., " A Method for disambiguating word senses in a large corpus.", in *Computers and the Humanities*, vol.26, 5-6, 1992, pp.415-439.

- GALLAIRE, Hervé, "La représentation des connaissances.", *La Recherche en Intelligence Artificielle*, Paris, Seuil, 1987, pp.265-283.
- GALLEGO, André, "Le plan d'études philosophiques de Sebastian Fox Morcillo.", *Philosophie*, I, 1986-87, pp.137-145.
- GAN GIMÉNEZ, Pedro, "Concepciones historiográficas del cronista Herrera.", *Chronica Nova*, 10, 1979, pp.209-229.
- GARCIA BARRIENTOS, José Luís, "Tiempos del teatro y tiempo en el teatro.", *Temps du Récit*, Madrid, 1989, pp.53-65.
- GARCÍA BERRIO, Antonio, "Los debates sobre la licitud del teatro." ,in *Historia y Critica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.276-283.
- GARCÍA BERRIO, Antonio, "Sociocrítica y formalismo a la luz de las tipologías textuales.", *Maraval. Livro Homenagem*, II vol. Madrid, C.I.S., 1985, pp.117-128.
- GARCÍA BERRIO, Antonio, HERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Teresa, *Ut Poesis Pictura. Poética del arte Visual*, Madrid, Tecnos, 1988.
- GARCÍA BERRIO, Antonio, *Teoria de la Literatura*, Madrid, Catedra, 1989.
- GARCIA BERRIO, Antonio, "La prose baroque.", in *XVIIe Siècle. Le Siècle d'Or Espagnol*, 160, 1988, pp.295-302.
- GARCIA CÁRCCEL, Ricardo, "La revolución catalana y su historiografía." ,in *Revueltas y Revoluciones en la Historia*, Salamanca, Univer. Salamanca, 1989, pp.83-89.
- GARCÍA DE CORTAZÁR, José Angel, "Historiographie de l'Espagne Médiévale.", *Theoretische Geschiedenis*, 3, 15, 1988, pp.303-317.
- GARCÍA DE CORTÁZAR, José Angel, "Los nuevos metodos de Investigacion Historica.", *Once Ensayos sobre la Historia*, Madrid, Fundacion Juan March, 1976, pp.29-47.
- GARCIA LORENZO, Luciano, "Estatuto y funcion del personaje dramatico en el teatro del siglo XVII: el soldado pretendiente." ,in *Le Personnage dans la Littérature du Siècle d'Or: Statut et Fonction*, Paris, C.N.R.S., 1984, pp.71-80.
- GARCIA MORALES, Justo, "El libro español en las tipografías de Europa, en el momento de la creacion de la biblioteca de el Escorial.", *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1-2, LXXI, 1963, pp.425-443.
- GARIN, Eugenio, "De las "Tinieblas" a la "luz": La conciencia de una revolución intelectual."in, *Historia y Critica de la Literatura Española*, 2 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.28-34.
- GAUTIER-DALCHÉ, Patrick, "L'espace de l'histoire: le rôle de la géographie dans les chroniques universelles." ,in *L'Historiographie Médiévale en Europe*, Paris, C.N.R.S., 1991, pp.287-300.
- GEERTZ, Clifford, *El Antropologo como Autor*, Barcelona, Paidós, 1989.

- GENDREAU-MASSALOUX, M., LAURENS, Pierre, "Introduction", *La Pointe ou l'Art du Genie*, Paris, UNESCO-Age de l'Homme, 1983, pp.17-34
- GENETTE, Gérard, "Fronteras del Relato.", *Análisis Estructural del Relato*, Buenos Aires, Tiempos Contemporáneos, 1972, pp.193-208.
- GEOLTRAIN, Pierre, "Distanciation et appartenance: la notion de texte.", *Introduction à l'Analyse du Discours en Sciences Sociales*, Paris, Hachette Université, 1979, pp.169-176.
- GIESEY, Ralph E., "Modèles de pouvoir dans les rites royaux en France.", *Annales ESC*, 3, Mai-Juin, 1986, pp.579-599.
- GIESEY, Ralph E., *Ceremonial et puissance souveraine. France, XV-XVIIe siècles*, Paris, A. Colin, 1987, pp.67-86.
- GIL PUJOL, Xavier, "De las alteraciones a la estabilidad. Corona, fueros y política en el reino de Aragón, 1585-1648.", *Pedralbes*, 10, 1990, pp.217-224.
- GILBERT, David, "HyperCard: New Ways of Writing, New Ways of Reading.", in *History and Computing*, vol.3, 3, 1991, pp.186-194.
- GILBERT, Neal Ward, *Renaissance Concepts of Method*, New York, Columbia Univer. Press, 1960.
- GIMENEZ, Antonio., "El problema del género en la "Crónica de Don Álvaro de Luna".", *Boletín de la Real Academia Española*, 55, Oct.-Dez., 1975, pp.531-550.
- GINZBURG, Carlo, "Montrer et citer. La vérité de l'histoire.", *Le Débat*, 5-6, Set.-Oct., 1989, pp.43-54.
- GINZBURG, Carlo, PONI, Carlo, "La micro-histoire.", *Le Débat*, 17, Déc., 1981, pp.133-136.
- GIROUD, Jean-Claude, "Apologie pour l'historien. Analyse d'un article de Lucien Febvre.", *Introduction à l'Analyse du Discours en Sciences Sociales*, Paris, Hachette Université, 1979, pp.129-139.
- GODELIER, Maurice, "Mythe et Histoire: Réflexions sur les fondements de la pensée sauvage.", *Annales ESC*, 3, 1, mai-Juin, 1971, pp.541-558.
- GODOY ALCANTARA, D. Jose, *Historia Critica de los Falsos Cronicones*, Madrid, "Tres Catorce Diecisiete", 1981.
- GODOY Alcántara, José, *Discurso*, Madrid, 1970.
- GOETZ, Hans-Werner, "On the Universality of Universal History.", in *L'Historiographie Médiévale en Europe*, Paris, C.N.R.S., 1991, pp.247-261.
- GOLDSTEIN, Leon J., "History and the Primacy of knowing.", *History and Theory*, 16, 4, Beiheft 16, 1977, pp.29-52.
- GOLDSTEIN, Leon J., "Impediments to Epistemology in the Philosophy of History.", *History and Theory*, 4, Beiheft 25, 1986, pp.82-100.
- GONZÁLEZ BEDOYA, Jesús, *Tratado Histórico de Retórica Filosófica*, 2 vol., Madrid, Nájera, 1990.

- GONZÁLEZ SEARA, Luis, *El Poder y la Palabra*, Madrid, Tecnos, 1995.
- GONZALEZ HERRERO, Manuel, *Cinco Cronistas para un Pueblo*, Segovia, Castellanas, 1986.
- GONZÁLEZ PALENCIA, Angel, "Polemica entre Pedro Mantuano y Tomas Tamayo de Vargas, con motivo de la "Historia" del Padre Mariana.", *Boletín de la Real Academia de la Historia*, LXXXIV, 1924, pp.331-351.
- GORMAN, J.L., "Causal explanation versus Historical significance.", *Storia della Storiografia*, 22, 1992, pp.109-115.
- GOSSMAN, Lionel, "History and literature. Reproduction or Signification.", *The Writing of History. Literary Form and Historical Understanding*, London, U. Wisconsin Press, 1978, pp.3-39.
- GOUBERT, Pierre, "Le XVIIe Siècle existe-t-il?", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.17-22.
- GOUBERT, Pierre, *Clio Parmi les Hommes*, Paris, E.H.E.S.S., 1976.
- GOUHIER, Henri, *L'Anti-Humanisme au XVII Siècle*, Paris, Vrin, 1987.
- GOUVEIA, António Camões, "A linhagem ou o tempo da memória. D. Francisco Manuel de Melo e o nobre seiscentista.", *Ler História*, 18, 1990, pp.3-24.
- GOYET, T., "La mythologie et la conscience. Interrogations et réponses de Bossuet (résumé de l'auteur)." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.73-76.
- GRACIÁN, Baltasar, *Obras completas*, 2 vol., Madrid, Turner, 1993.
- GRAFTON, Anthony T., "Joseph Scaliger and historical chronology: the rise and fall of a discipline.", *History and Theory*, 14, 1, 1975, pp.156-185.
- GRAFTON, Anthony, *Faussaires et Critiques-creativité et duplicité chez les erudits occidentaux*, Paris, Les Belles Lettres, 1993.
- GRAFTON, Anthony, *Defenders of the Text. The Traditions of Scholarship in an Age of Science*, London, Harvard Univer. Press, 1991.
- GRAFTON, Anthony, JARDINE, Lisa, *From Humanism to the Humanities*, Cambridge Mass, Harvard Univer. Press, 1986.
- GREER, Margaret Rich, "De la mano al ordenador: un proyecto mecanijado para la identificación de copistas teatrales del Siglo de Oro.", *La Edición de Textos. Actas del I Congreso Int. de Hispanistas del Siglo de Oro*, London, Tamesis Books Limited, 1990, pp.231-235.
- GREGORIO DE TEJADA, Manuel Teruel, *Vocabulario Básico de la Historia de la Iglesia*, Barcelona, Critica, 1993.
- GREIMAS, A. J., "Structure et Histoire.", *Les Temps Modernes*, 246, Nov., 1966, pp.815-827.
- GREIMAS, A. J., "Un problème de Sémiotique narrative: les objects de valeur.", *Langages*, 31, 1973, pp.12-35.

- GREIMAS, A. J., LANDOWSKI, E., "Introduction: Les parcours du savoir.", *Introduction à l'Analyse du Discours en Sciences Sociales*, Paris, Hachette Univer., 1979, pp.5-27.
- GREISCH, Jean, (org.), *Le Texte Comme Object Philosophique*, Paris, Beauchesne, 1987.
- GREISCH, Jean, *Hermeneutique et Grammatologie*, C.N.R.S., 1977.
- GREISCH, Jean, *L'Age Hermeneutique de la Raison*, Paris, Cerf, 1985.
- GRELL, Chantal, "Conclusion." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.301-307.
- GRELL, Chantal, "L'Histoire grecque et romaine en France au XVIIIe siècle.", *Bulletin-Histoire et Conscience Historique à l'Époque Moderne*, 11, 1986, pp.59-79.
- GRELL, Chantal, "Les origines de Rome: Mythes et critique. Essai sur l'histoire au XVIIe siècle et au XVIIIe siècle.", *Histoire. Economie et Société*, 2, 1983, pp.255-280.
- GRELL, Chantal, "Présentation du sujet et des grandes tendances de la recherche." ,in *La Monarchie Absolutiste et l'Histoire en France*, Paris, P.U.P., 1986, pp.19-28.
- GRELL, Chantal, MICHEL, Christian, *L'École des Princes ou Alexandre Disgracié*, Paris, Les Belles Lettres, 1988.
- GRISCELLI, Paul, "Un Aspect de la Crise de la Rhetorique a la fin du XVII Siècle: le Problème des Passions.", *XVIIIe Siècle*, 143, 1984, pp.141-145.
- GRIZE, Jean-Blaise, "Raisonner en parlant.", *De la Metaphysique a la Rhetorique*, Bruxelles, Univer. Bruxelles, 1986, pp.45-55.
- GRIZE, Jean-Blaise, (ed.), *Semiologie du Raisonnement*, Genève, 9, Peter Lang, 1984.
- GRIZE, Jean-Blaise, *De la Logique à L'Argumentation*, Genève, Droz, 1982.
- GRIZE, Jean-Blaise, PIÉRAUT-LE BONNIEC, G., *La Contradiction. Essai sur les Opérations de la Pensée*, Paris, P.U.F., 1983.
- GUENÉE, Bernard, "'Authentique et Approuvé." Recherches sur les principes de la Critique Historique au Moyen Âge.", *Actes du Colloque Internationale sur la Lexicographie du Latin Médiéval*, Paris, C.N.R.S., pp.215-228.
- GUENÉE, Bernard, "Conclusion à L'historiographie en Occident du Ve au XVe siècles.", *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*, 87, 1980, pp.415-417.
- GUENÉE, Bernard, "Espace et État en France au Moyen Âge.", *Annales ESC*, 1968, pp.744-758.
- GUENÉE, Bernard, "État et nation en France au Moyen Âge.", *Revue Historique*, 481, 1967, pp.17-30.
- GUENÉE, Bernard, "Histoire et Chronique. Nouvelles Réflexions sur les genres historiques au Moyen Âge.", in *La Chronique et l'Histoire au Moyen-Age*, Poirion, Daniel, (org.), Paris, PUP-Sorbonne, 1984, pp.3-12.

- GUENÉE, Bernard, "Histoires, annales, chroniques. Essai sur les genres historiques au Moyen Âge.", *Annales ESC*, 4, 2, 1973, pp.997-1016.
- GUENÉE, Bernard, "Introduction.", in *L'Historiographie Médiévale en Europe*, Paris, C.N.R.S., 1991, pp.13-20.
- GUENÉE, Bernard, "L'historien par les mots.", in *Le Métier d'Historien au Moyen Âge*, Paris, Pub. Sorbonne, 1977, pp.1-17.
- GUENÉE, Bernard, "Temps de l'histoire et temps de la mémoire au Moyen Âge.", *Annuaire-Bulletin de la Société de l'Histoire de France*, 1976-1977, pp.25-35.
- GUENÉE, Bernard, *Histoire et Culture Historique*, Paris, Aubier, 1980.
- GUENÉE, Bernard, "Y-a-t-il une historiographie médiévale?", *Revue Historique*, 258, 1977, pp.261-275.
- GUERCI, Luciano, "Condillac entre Histoire et Politique." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.233-248.
- GUEROULT, Martial, *Histoire de l'Histoire de la Philosophie. En Occident, des Origines jusqu'a Condillac*, vol.1, Paris, Aubier, 1983.
- GUESPIN, L., "Types de discours, ou fonctionnements discursifs?", *Langages*, 41, 1976, pp.3-12.
- GUICCIARDI, J.-Pierre, "La dialectique de la vérité et de l'erreur dans quelques Artes historical (fin XVII-XVIII siècle).", *L'Histoire au XVIII Siècle Colloque*, Aix-Provence, 1975-80, pp.3-27.
- GUILLAUMOU, Jacques, "Corpus et co-texte. Les catégories descriptives de l'histoire sont-elles ou non d'ordre textuel?" ,in *Histoire et Linguistique*, pp.32-42.
- GUSDORF, Georges, *Les Origines de l'Herméneutique*, Paris, Payot, 1988.
- GUTIERREZ LOPEZ, Gilberto A., *Estrutura de lenguaje y conocimiento*, Madrid, Fragua, 1975.
- GUTIERREZ DEL CAÑO, Marcelino, "Ensaio de un catalogo de impresores españoles desde la introducción de la Imprenta, hasta fines del siglo XVIII", *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1899, t.3, pp. 662-671, 1900, t.4, pp.77-85, 267-272, 667-678, 736-738.
- GUTIERREZ NIETO, J. I., "Violencia y sociedad en el pensamiento historiografico de los humanistas españoles.", *Hispania*, 38, 1978, pp.569-594.
- GUY, Alain, *Histoire de la Philosophie Espagnole*, Toulouse, Univer. Toulouse, 1983.
- HABERMAS, Jurgen, "Les sciences humaines démasquées par la critique de la raison: Foucault.", *Le Débat*, 41, set.-nov., 1986, pp.70-92.
- HABERMAS, Jurgen, *O Discurso Filosófico da Modernidade*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1990.
- HALL, A. Rupert, "Le XVIIe Siècle et nous: le cas des sciences physiques.", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.253-260.

- HALLYN, Fernand, *Paradigmes dans les Études Littéraires*, Gent, 1979.
- HARLAN, David, "Intellectual History and the Return of Literature.", *The American Historical Review*, 3, 94, June, 1989, pp.581-609.
- HARTOG, François, "L'oeil de l'historien et la voix de l'histoire.", *Communications*, 46, 1986, pp.55-70.
- HARTOG, François, "L'oeil de Thucydide et l'histoire "véritable".", *Poétique*. 49, 1982, pp.22-30.
- HARTOG, François, *Le Miroir d'Herodote. Essai sur la Représentation de L'autre*, Paris, Gallimard, 1980.
- HASKELL, Thomas L., "Objectivity is not neutrality: Rhetoric vs. Practice in Peter Novick's That Noble Dream.", *History and Theory*, 29, 2. 1990, pp.129-157.
- HATHERLY, Ana, "Introdução.", *A Preciosa de Sórora Maria do Céu*, Lisboa, I.N.I.C., 1990, pp.VII-CXXXV.
- HAY, Denys, LAW, John, *Italy in the Age of the Renaissance 1380-1530*, New York, Longman
- HEERS, Jacques, "Le notaire dans les villes italiennes, témoin de son temps, mémoraliste et chroniqueur." ,in *La Chronique et l'Histoire au Moyen-Age*, Poirion, Daniel (org.), Paris, 1984, pp.73-85.
- HEINICH, Nathalie, "Arts et Sciences à l'age classique. Professions et institutions culturelles.", *Actes de la Recherches en Sciences Sociales*, 67/8, 1987, pp.47-78.
- HEINICH, Nathalie, "La peinture, son statut et ses porte-parole: "le trattato della nobilitá della pittura" de Romano Alberti.", *Mélanges de L'École Française de Roma*, 2, 97, 1985, pp.929-939.
- HEINICH, Nathalie, "La perspective académique. Peinture et tradition lettrée: la référence aux mathématiques dans les théories de l'art au 17e siècle.", *Actes de la Recherches en Sciences Sociales*, 49, 1983, pp.47-70.
- HELSPER, Eric L., SCHOMAKER, Lambert R., TEULINGS, Hans-Leo, "Tools for the Recognition of Handwritten Historical Documents.", in *History and Computing*, vol.5, 2, 1993, pp.88-93.
- HESPANHA, António Manuel, "A emergência da História.", *Penélope. Fazer e Desfazer a História*, 5, 1991, pp.9-25.
- HESPANHA, António Manuel, "Algumas questões estratégicas na utilização da informática pelos historiadores. ", *O Estudo da História*, 5-6, Lisboa, Associação de Prof. Hist., 1986, pp.41-49.
- HESPANHA, António Manuel, *La Gracia del Derecho*, Madrid, C.E.C., 1993.
- HEXTER, J. H., "La retorica de la historia.", *Enciclopedia Internacional de las Ciencias Sociales*, vol.V, Madrid, Aguilar, 1975, pp.451-471.
- HIGGS, Edward, "Machine-Readable Records, Archives and Historical Memory.", in *History and Computing*, vol. 4, 3, 1992, pp.183-190.



- HILLGARTH, J.N., "Spanish Historiography and Iberian reality.", *History and Theory*, 24, 1, 1985, pp.23-43.
- HIMMELFARB, Gertrude, "Some reflections on the New History.", *The American Historical Review*, 3, 94, June, 1989, pp.661-670.
- HINDE, John R., "Emancipation and reason: the critique of historical realism and the rehabilitation of rationality a review essay of Lionel Gossman, between history and literature.", *Storia della Storiografia*, 22, 1992, pp.125-134.
- HINDLE, Donald, ROOTH, Mats, "Structural Ambiguity and Lexical Relations.", in *Computational Linguistics*, 1993, vol.19, n°1, pp.103-120.
- HOBSBAWM, Eric, "Retour au Récit? Réponse à Lawrence Stone.", *Le Débat*, 4, 1982, pp.153-160.
- HOGENRAAD, Robert, "Os retratos de Pessoa.", *Comunicação e Linguagens*, 14, Dezembro, 1991, pp.91-110.
- HOLTON, Gerald, *L'Imagination Scientifique*, Paris, Gallimard, 1981.
- HORACIO, *Arte Poética*, Lisboa, Inquérito, 1989.
- HORIK, René van, "Optical Character Recognition and Historical Documents: Some Programs Reviewed.", in *History and Computing*, vol.4, 3, 1992, pp.211-220.
- HORIK, René van, "Recent Progress in the Automatic Reading of Printed Historical Documents.", in *History and Computing*, vol.5, 2, 1993, pp.68-73.
- HUARTE MORTON, Fernando, "Las bibliotecas particulares españolas de la edad moderna.", *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 2, LXI, 1955, pp.555-576.
- HUERTA CALVO, Javier, *Teatro Breve de los siglos XVI y XVII*, Madrid, Taurus, 1985.
- HULL, David L., "Central subjects and historical narratives.", *History and Theory*, 14, 1, 1975, pp.253-274.
- HUPPERT, George, *After the black death. A social history of Early Modern Europe*, Indianapolis, Indiana Univer. Press, 1986.
- HUPPERT, George, *L'Idée de l'Histoire Parfaite*, Paris, Flammarion, 1973.
- HURST, B. C., "The myth of historical evidence.", *History and Theory*, 20, 3, 1981, pp.278-290.
- HUTTON, Patrick H., "The history of mentalities: the new map of cultural history.", *History and Theory*, 20, 3, 1981, pp.237-259.
- IGLESIAS, M. Carmen, (org.), *Homenaje a Jose Antonio Maravall*, 3 vol., Madrid, C.I.S.C., 1985.
- IGNACIO POZO, Juan, *Aprendizaje de la Ciencia y Pensamiento Causal*, Madrid, Visor, 1987.
- IMBERT, Michel, "Neurosciences et sciences cognitives.", *Le Débat*, 47, nov.-déc., 1987, pp.130-144.

- INGARDEN, R., *Estetica de la Recépcion*, Madrid, Visor, 1989.
- INGRAM, David, "Blumenberg and the Philosophical grounds of Historiography.", *History and Theory*, 29, 1, 1990, pp.1-15.
- IÑIGO MADRIGAL, Luis, (coord.), *Historia de la Literatura Hispanoamericana*, I, Madrid, Catedra, 1982.
- JAEGLE, P., "Modèles et theories.", *Les Langages, le Sens et l'Histoire*, III, Lille, P. Univer. Lille, 1977, pp.47-52.
- JAMMES, Robert, *Historia y creacion poetica: Gongora y el descubrimiento de America*, Lille, 1990.
- JARAUSCH, Konrad H., "The role of quantitative methods in History.", *Hist. Historiographie*, 18, 1990, pp.44-59.
- JAURAL DE POU, Pablo, *Manual de Investigación Literaria. Guía Bibliográfica para el Estudio de la Litteratura Española*, Madrid, Gredos, 1981.
- JAUSS, Hans Robert, "L'usage de la fiction en histoire.", *Le Débat*, 54, Março-Abril, 1989, pp.89-113.
- JEHASSE, Jean, *La Renaissance de la Critique.L'essor de l'Humanisme Érudit de 1560-1614*, Saint-Etienne, Pub. Univ.Saint-Etienne, s.d[1976]
- JOHNSON, Mark, "Computing with Features as Formulae.", in *Computational Linguistics*, 1994, vol.20, n°1, pp.1-26.
- JOHNSON, Neal, "La Théorie et la pratique de l'historiographie dans la France du XVIII ème siècle: le cas du Siècle de Louis XIV de Voltaire.", in *L'Histoire au Dix-Huitieme Siecle*, Aix-Provence, pp.253-269.
- JOLLY, (Dir.), *Histoire des bibliothèques françaises .Les Bibliotheques sous l'ancien regime 1530-1789*, vol. 2, Paris, Promodes, 1988.
- JOUHAUD, Christian, "Histoire et histoire littéraire: Naissance de l'écrivain.", *Annales ESC*, 4, juillet-aout, 1988, pp.849-866.
- JOVANNA, Arlette, *Ordre Social. Mythes et Hiérarchies dans la France du XVIe Siècle*, Paris, Hachette, 1977.
- JOVER ZAMORA, José Maria, "Corrientes historiográficas en la España contemporánea.", *Once Ensayos sobre la Historia*, Madrid, Fundacion Juan March, 1976, pp.215-247.
- JOVER ZAMORA, José Maria, *1635. Historia de una Polemica y Semblanza de una Generación*, Madrid, C.S.I.C., 1949.
- JÚDICE, Nuno, *O Espaço do Conto no Texto Medieval*, Lisboa, Vega, 1991.
- KAGAN, Richard L., "La profecia y la política en la España de Felipe II.", *El Escorial: Arte, Poder y Cultura en la Corte de Felipe II*, El Escorial, Univer. Complutense de Madrid, 1988, pp.63-79.
- KAGAN, Richard L., "La Corografia en la Castilla moderna", *Studia Historica XIII*, 1995, pp.47-59.

- KANTOROWICZ, Ernest H., *Los Dos Cuerpos del Rey. Un Estudio de Teología Política Medieval*, Madrid, Alianza, 1985.
- KAPP, V., "Le Bossuet l'explication allégorique de la mythologie." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.67-72.
- KAY, Martin, *Charts*, Xerox Palo Alto Research Center Stanford University, (policop.).
- KAY, Martin, *Introduction to Computational Linguistics*, Stanford University, Xerox Palo Alto Research Center, (policop.).
- KAYSER, Daniel, "Des machines qui comprennent notre langue.", *La Recherche en Intelligence Artificielle*, Paris, Seuil, 1987, pp.149-176.
- KELLEY, Donald R., "Ancient verses on new ideas: Legal tradition and the french Historical school.", *History and Theory*, 26, 1, 1987, pp.319-338.
- KELLEY, Donald R., "Civil science in the Renaissance: the problem of interpretation." ,in *The Languages of Political Theory in Early-Modern Europe*, London, Cambridge Univer. Press, 1987, pp.57-78.
- KELLEY, Donald R., *History, Law and the Human Sciences*, London, Variorum Reprints, 1984.
- KELLEY, Donald R., *Language, Law, and History in the French Renaissance*, New York, Columbia Univer. Press, 1970.
- KELLNER, Hans D., "Time out: the discontinuity of historical consciousness.", *History and Theory*, 14, 1, 1975, pp.275-296.
- KELLNER, Hans, "Naive and sentimental realism: from advent to event.", *Storia della Storiografia*, 22, 1992, pp.117-123.
- KELLNER, Hans, "Narrativity in History: Post-Structuralism and since.", *History and Theory*, 26, 1, 1987, pp.1-29.
- KELLY, Catriona, "History and post-modernism.", *Past and Present*, 133, Nov., 1991, pp.204-213.
- KERLINGER, Fred N., *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais. Um tratamento conceitual*, S.Paulo, Pedagógica e Univer., 1980.
- KIBÉDI VARGA, A., "L'invention de la Fable.", *Poétique*, VI, 1975, pp.107-115.
- KINNEY, Arthur, *Humanist Poetics. Thought, Rhetoric and Fiction in Sixteenth-Century England*, Massachusetts, Amherst, 1986.
- KIRBY, Carol Bingham, "La verdadera edición crítica de un texto dramático del siglo de oro: teoría, metodologías y aplicación.", *Incipit*, vol.VI, 1986, pp.71-98.
- KIRK, John M., "Corpus-Concordance-Database- VARBRUL.", in *Literary and Linguistic Computing*, vol.9, 4, 1994, pp.259-266.
- KODRATOFF, Yves, "Quand l'ordinateur apprend.", *La Recherche en Intelligence Artificielle*, Paris, Seuil, 1987, pp.211-234.

- KOENIGSBERGER, H. C., *Politicians and virtuosi. Essay in early modern history...*, London, Hambleton Press, 1986.
- KOHUT, Karl, "Retórica, poesía e historiografía en Juan Luis Vives, Sebastián Fox Morcillo y Antonio Lull.", *Revista de Literatura*, 104, LII, Julho-Dez., 1990, pp.345-374.
- KOHUT, Karl, *Las Teorías Literarias en España y Portugal Durante los siglos XV y XVI*, Madrid, C.S.I.C., 1973.
- KOMORNICKA, Anne-M., "Le portrait littéraire de Themistocle présenté par Thucydide et par Plutarque." ,in *Le Portrait Littéraire*, Lyon, P.U.Lyon, 1988, pp.9-13.
- KOSELLECK, Reinhart, "Concepts of historical time and social history.", *La Philosophie de l'Histoire et la Pratique Historienne d'aujourd'hui*, 23, Univ. d'Ottawa, 1982, pp.113-125.
- KOSELLECK, Reinhart, *Futuro Pasado. Para una semántica de los tiempos históricos*, Barcelona, Paidós, 1993.
- KOSSO, Peter, "Historical evidence and epistemic justification: Thucydides as a case study.", *History and Theory*, 32, 1, 1993, pp.1-13.
- KOZICKI, Henry, CANARY, Robert H., (org.), *The Writing of History. Literary form and historical understanding*, London, U.Wisconsin Press, 1978.
- KRAUSS, Werner, "La Vision historique et l'historiographie dans la première moitié du XVIIIème siècle.", in *L'Histoire au Dix-Huitieme siecle*, Aix-Provence, 1975-80, pp.331-338.
- KRIPPENDORFF, Klaus, *Metodología de Análisis de Contenido. Teoria y Practica*, Barcelona, Paidós, 1990.
- KRISTELLER, Paul Oskar, "El territorio del Humanista." ,in *Historia y Critica de la Literatura Española*, 2 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.34-44.
- KRISTEVA, Julia, "La mutation sémiotique.", *Annales ESC*, 6, 2, nov.-déc. 1970, pp.1497-1522
- KRISTEVA, Julia, *Le Langage, cet Inconnu. Une Initiation à la Linguistique*, Paris, Seuil, 1981.
- KRZYSZTOT, Pomian, "La fin de l'histoire n'a pas eu lieu.", *Le Débat*, 60, maio-agost, 1990, pp.258-261.
- KUDRNA, Jaroslav, "Das Narrative und Strukturelle in der Renaissancehistoriographie.", *Storia della Storiografia*, 10, 1986, pp.64-69.
- KUHN, Thomas S., *La Structure des Révolutions Scientifiques*, Paris, Flammarion, 1972.
- KUPIEC, J. M., "Robust part-of-speech tagging using a hidden markov model", *Computer Speech and Language*, 1992.

- KUPISZ, K., PÉROUSE, G.-A., DEBREVILLE, *Le Portrait Littéraire*, Lyon, P.U.Lyon, 1988.
- KUZMINSKI, Adrian, "Review Essays.", *History and Theory*, 28, 1, 1979, pp.61-84.
- LACOTTE, Jacqueline, "La notion de "jeu" dans la Pédagogie des Jésuites au XVIIIe siècle.", *Revue des Sciences Humaines*, 158, XL, Avril-Juin, 1975, pp.251-265.
- LADURIE, Emmanuel le Roy, " Auprès du Roi, la cour.", *Les Monarchies*, Paris, P.U.F., 1986, pp.209-233.
- LAFAYE, Jacques, "Lenguage, estilo, historia, Según Jerónimo de San José, en su Genio de la Historia, Zaragoza, 1651.", in *Homenaje a Alonso Zamora Vicente, III-Literatura española de los siglos XVI-XVII*, vol.2, Madrid, Castalia, 1992, pp.125-130.
- LAFON, Pierre, "Statistiques des localisations des formes d'un texte.", *Mots*, 1981, pp.157-188.
- LAFOND, Jean, "Le notion de modele." ,in *Le Modele a la Renaissance*, Paris, Vrin, 1986, pp.5-19.
- LAFOND, Jean, "Littérature et morale au XVIIe siècle." , *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, 557, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.395-408.
- LAKOFF, George, JOHNSON, Mark, *Les Métaphores dans la Vie Quotidienne*, Paris, Minuit, 1985.
- LALANDE, Denis, "L'Informatique dans l'élaboration du lexique des chroniqueurs de la Guerre de Cent ans.", in *Le Médiéviste et l'ordinateur*, 25, 1992, pp.5-7.
- LAMARCA LANGA, Genaro, *La Cultura del Libro en la Época de la Ilustración Valencia, 1740-1808*, Valencia, Generalitat Valenciana, 1994.
- LAMBERT-GORGES, Martine, "Images de soi et de la noblesse ou un programma iconographique à l'usage des hidalgos?" ,in *Hidalgos & Hidalguia dans l'Espagne des XVI-XVIII Siècles*, Paris, CNRS, 1989, pp.125-148.
- LAPLANCHE, François, "Conclusion générale.", *La Monarchie Absolutiste et l'Histoire en France*, Paris, P.U.P.-Sorbonne, 1986, pp.231-249.
- LAPLASSOTTE, François, "Quelques étapes de la physiologie du cerveau du XVIIIe au XIXe siècle.", *Annales ESC*, 3, mai-juin, 1970, pp.599-613.
- LASPERAS, Jean-Michel, "Personnage et récit dans les "novelas amorosas y ejemplares" de Maria de Zayas y Sotomayor." ,in *Le Personnage dans la Littérature du Siècle d'Or: Statut et Fonction*, Paris, C.N.R.S., 1984, pp.61-70.
- LATOUR, Bruno, FABBRI, Paolo, "La rhétorique de la science. Pouvoir et devoir dans un article de science exacte.", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 13, 1977, pp.81-95.
- LAUDIN, Gerard, "Changements de paradigme dans l'historiographie allemande: Les origines de l'humanité dans les "Histoires Universelles" des années 1760-1820.", in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVII e siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.249-275.

- LAUFER, Romain, "Rhétorique et Politique.", *De la Metaphysique a la Rhetorique*, Bruxelles, Univer. Bruxelles, 1986, pp.189-203.
- LAUSBERG, Heinrich, *Manual de Retórica Literaria*, 2 vol., Madrid, Gredos, 1983-1991.
- LÁZARO CARRETER, Fernando, "Imitación y originalidad en la poética renacentista." ,in *Historia y Critica de la Literatura Española*, 2 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.91-97.
- LÁZARO CARRETER, Fernando, CORREA CALDERÓN, Evaristo, *Como se Comenta un Texto Literario*, Madrid, Catedra, 1985.
- LÁZARO CARRETER, Fernando, *Cronica del Dicciónario de Autoridades (1713-1740)*, Madrid, 1972.
- LÁZARO CARRETER, Fernando, *Estilo Barroco y Personalidad Creadora*, Madrid, Catedra, 1984.
- LÁZARO CARRETER, Fernando, *Estudios de Poetica*, Madrid, Taurus, 1979.
- LÁZARO CARRETER, Fernando, *Las Ideas Linguisticas en España Durante el Siglo XVIII*, Barcelona, Critica, 1985.
- LE FLEM, Jean-Paul, "Étude sérielle des emblèmes de S. de Covarrubais.", *Mélanges de la Casa De Vélasquez*, 12, 1976, pp.271-282.
- LE GOFF, Jacques, "Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?", *Le Débat*, 54, Mars-Avril, 1989, pp.48-53.
- LECOMTE, Alain, LEON, Jacqueline, MARANDIN, Jean-Marie, "Analyses du discours: stratégie de description textuelle.", *Mots*, 9, 1984, pp.143-165.
- LECOQ, Anne Marie, *François I. Imaginaire, Symbolique et Politique à l'aube de la Renaissance Française*, Paris, Macula, 1987.
- LEE, Rensselaer W., *Ut Pictura Poesis. La Teoría Humanística de la Pintura*, Madrid, Cátedra, 1982.
- LEFEBVRE, Henri, *La Production de L'espace*, Paris, Anthropos, 1981.
- LEMIEUX, Monique, "Les Apports d'un logiciel d'analyse de texte à l'étude du changement syntaxique.", in *Le Médiéviste et l'ordinateur*, 25, 1992, pp.17-20.
- LEONARDY, E., "Les fêtes de cour baroques.", *Questionnement du Baroque*, Paris, Vrin, 1986, pp.112-153.
- LEPENIES, Wolf, "Contribution à une histoire des rapports entre la sociologie et la philosophy." *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 47/8, 1983, pp.37-44.
- LEPORE, Ettore, "Storiografia contemporanea e dibattito teorico.", *Studi Storici*, 1, 1984, pp.131-137.
- LERNER, Lia Schwartz, "Formas de la poesia satírica en el siglo XVII: sobre las convenciones del genero." ,in *Edad de Oro*, vol.VI, 1987, pp.215-233.
- LESTRINGANT, Frank, "Représentations et pratiques de l'espace.", *Annales ESC*, 2, mars-avril, 1991, pp.239-260.

- LEVER, Maurice, "Charles Sorel et les problèmes du roman sous Louis XIII.", *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, 557, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.81-89.
- LEVI, Giovanni, "Hermeneutique et rationalité.", *Philosophie et Histoire*, Paris, Pompidou, 1987, pp.67-89.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, "Le temps du mythe.", *Annales ESC*, 3/4 1, mai-juin, 1971, pp.533-540.
- LEVICH, Marvin, "Interpretation in History: or what historians do and philosophers say.", *History and Theory*, 24, 1, 1985, pp.44-61.
- LEYDEN, Wolfgang von, "Categories of Historical Understanding.", *History and Theory*, 23, 1984, pp.53-77.
- LINDBLAD, J. Thomas, "Computer applications in expansion history: a survey.", *Itenerario*, 2, vol.XII, 1988.
- Livres et Libraires en Espagne et au Portugal (XVIe-XXe siècles)*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1989.
- LLEDO, Emilio, *Lenguage e Historia*, Barcelona, Ariel, 1978.
- LOBATO, Maria Luisa, "La edición de textos teatrales breves.", in *La Edición de textos. Actas del I Congreso Int. de Hispanistas del Siglo de Oro*, London, Tamesis Books Limited, 1990, pp.287-294.
- LÓPEZ BUENO, Begonia, "Sobre la práctica de edición de textos poéticos. Dos casos diversos: Gutierre de Cetina y Francisco de Rioja.", *La Edición de Textos. Actas del I Congreso Int. de Hispanistas del Siglo de Oro*, London, Tamesis Books Limited, 1990, pp.295-302.
- LOPEZ DEL TORO, José, *El Primer Tratado de Pedagogia en España (1453)*, Granada, 1935.
- LOPEZ DEL TORO, Jose, *Los "Anales" de Juan Verzosa*, B.A.H., II, CL, 1962, pp. 91-122.
- LÓPEZ ESTRADA, Francisco, "'El arte de poesía castellana" de Juan del Encina.", *L'humanisme dans les Lettres Espagnoles*, Paris, Vrin, 1979, pp.151-165.
- LÓPEZ GAJATE, J., "Período histórico del Real Monasterio.", *La Ciudad de Dios*, 1, vol. 205, Enero-Abril, 1992, pp.149-159.
- LÓPEZ PIÑERO, José María, "Trayectoria de la ciencia moderna en España." ,in *Historia y Critica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.116-121.
- LÓPEZ TORRIJOS, Rosa, *La Mitología en la Pintura Española del Siglo de Oro*, Madrid, Catedra, 1985.
- LOPEZ, François, "La Librairie madrilène du XVIIe au XVIIIe siècle, in *Livres et Libraires en Espagne et au Portugal (XVIe-XXe siècles)*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1989, pp.39-60.

- LÓPEZ-VIDRIERO, María Luisa, CÃATEDRA, Pedro M., (org.), *El Libro Antiguo Español, Actas del primer Coloquio Internacional (Madrid, 18 al 20 de Diciembre de 1986)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1988,
- LORENZO ESPINOSA, José María, "En algún lugar del corazón de la Historia." ,in *Debates por una Historia Viva*, Bilbao, Univer. de Deusto, 1990, pp.95-115.
- LOTMAN, Jurij M., "Algunas consideraciones sobre la tipologia de las culturas.", *Rev. Occidente*, 103, Dezembro, 1989, pp.5-19.
- LOZANO, Jorge, "Entre la historia y la ficción: el discurso histórico.", *Debats*, 27, Marzo, 1989, pp.18-20.
- LOZANO, Jorge, (et.al.), *Analisis del Discurso Hacia una Semiótica de la Interacción Textual*, Madrid, Catedra, 1982.
- LUC PETIT, Jean, "La narrativité et le concept de l'explication en histoire.", *La Narrativité*, Paris, C.N.R.S., 1980, pp.183-202.
- LUCIANO, *Obras*, 4 vol., Madrid, Gredos, 1981.
- LUIS MARTÍNEZ, José, *Biblioteca del Libro.El Libro en Hispanoamérica:origen y desarrollo*, Salamanca, Fundación German Sanchez Ruiperez, 1979.
- LY, Nadine, "Langage dramatique et propagande dans la comedia de Lope de Vega.", *Cahiers de L'Universite.IV Table Ronde sur le Theatre Espagnol (XVIIe-XVIIIe siècle)*, 2, Univer. Pau, s.d. pp.62-71.
- LYNCH, Enrique, "Sobre la estrategia narrativa.", *Revista de Occidente*, 80, jan., 1988, pp.113-123.
- LYNCH, Enrique, "Travesía cartesiana.", *Revista de Occidente*, 93, Fev., 1989, pp.109-129.
- MACCORMACK, S. G., "The concept of historical time in golden age Spain.", *Sections Chronologiques 2. Organismes Affiliés. Commissions Internes. Tables Rondes*, vol.I, Madrid, Comité Int. Sciences Hist., 1990, pp.163-164.
- MAGNE, B., "Le procès de la mythologie dans la querelle des Anciens et des Modernes." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.49-56.
- MAILLARD, J.-F., "Répertoire des érudits de Pétrarque  Peiresc.", in *Le Médiéviste et L'ordinateur*, 23, 1991, pp.23-24.
- MAINGUENEAU, Dominique, "Sémantique "globale" et idéologie. Le discours "doux" de l'humanisme dévot face au jansénisme.", *Mots*, 6, 1983, pp.79-97.
- MAINGUENEAU, Dominique, *Initiation aux Méthodes de l'Analyse du Discours. Problèmes et Perspectives*, Paris, Hachette, 1976.
- MALCLS, L.N., *Les Sources du Travail Bibliographique*, 3 vol., Genève, Droz, 1950-1952
- MALCLS, N. L., *La Bibliographie*, Paris, PUF, 1960.
- MALDIDIER, D., GUILHAUMOU, J., "Effets de l'archive: l'analyse de discours du côte de l'histoire.", *Langages*, 81, 1986, pp.43-55.



- MANDELBAUM, Maurice, "The Presuppositions of Metahistory.", *History and Theory*, 19, 4, Beiheft 19, 1980, pp.39-54.
- MANENT, Pierre, "Les théoriciens de la Monarchie: Bodin et Montesquieu.", in *Les Monarchies*, Paris, P.U.F., 1986, pp.91-99.
- MARANDAIN, J. M., "Analyse du discours", *Langages*, 55, 1979.
- MARAVALL, José António, *A Cultura do Barroco*, Lisboa, I.N.P., 1997.
- MARAVALL, José António, "La diversificación de modelos del Renacimiento: Renacimiento Francés y Renacimiento Español.", *Cuadernos Hispanoamericanos*, 390, 1982, pp.551-614.
- MARAVALL, José António, "La época del Renacimiento." ,in *Historia y Crítica de la Literatura Española*, 2 vol., Barcelona, Crítica, 1980, pp.44-53.
- MARAVALL, José António, "Necesidad y política del escribir.", *Revista Occidente*, 69, Fev. 1987, pp.81-86.
- MARAVALL, José António, BLECUA, Alberto, SALAMON, Noel, "Del rey al villano: ideología, sociedad y doctrina literaria." ,in *Historia y Crítica de la literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Crítica, 1980, pp.265-275.
- MARAVALL, José António, *Estudios de Historia del Pensamiento Español*, vol. 3, Madrid, Ed. Cultura Hispanica, 1984.
- MARCHELLO-NIZIA, Christiane, "L'historien et son prologue: forme littéraire et stratégies discursives." ,in *La Chronique et l'Histoire au Moyen-Age*, Poirion, Daniel, (org.), Paris, PUP-Sorbonne, 1984, pp.13-25.
- MARCHESE, Angelo, *Diccionario de Rétorica, Crítica y Terminología Literaria*, Barcelona, Ariel, 1986.
- MARCOS MARIN, Francisco A., *Informática y Humanidades*, Madrid, Gredos, 1994.
- MARCOS MARÍN, Francisco, "Estudio Crítico.", *Libro de Alexandre*, Madrid, Alianza, 1987, pp.11-89.
- MARGOLIN, Jean-Claude, "Erasme et sa Vision de Rome ou l'Anti-Imaginaire Historique d'Erasme.", *Storia della Storiografia*, 14, 1988, pp.37-67.
- MARIN, Louis, "Ensayo de analisis estructural de hechos 10,1-11,18.", *Exegeses y Hermeneutica*, Madrid, Cristiandad, 1976, pp.170-192.
- MARIN, Louis, "Pouvoir du récit et récit du pouvoir.", *Actes de la Recherches en Sciences Sociales*, 25, 1979, pp.23-43.
- MARIN, Louis, "Signe et représentation: Philippe de Champagne et Port-Royal.", *Annales ESC*, 1, Janvier-Février, 1970, pp.1-29.
- MARIN, Louis, *La Critique du Discours sur la Logique de Port Royal et les "Pensées" de Pascal*, Paris, Minuit, 1975.
- MARIN, Louis, *La Parole Mangée*, Paris, Meridiens-Klincksieck, 1986.
- MARIN, Louis, *Le Portrait du Roi*, Paris, Minuit, 1981.

- MARIN, Louis, *Le Récit est un Piège*, Paris, Minuit, 1978.
- MARIN, Louis, *Opacité de la Peinture. Essai sur la Représentation au Quattrocento*, Paris, Usher, 1989.
- MARIN, Louis, *Utopicas: Juegos de Espacios*, Madrid, Siglo Veintiuno, 1976.
- MARION, Jean-Luc, "L'exactitude de l'"ego".", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.53-60.
- MARQUES, João Francisco, *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, Porto, I.N.I.C., 1986.
- MARQUES, João Francisco, *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1688. A revolta e a mentalidade*, 2 vol., Porto, I.N.I.C., 1989.
- MARQUILHAS, Rita, *Norma Gráfica Setecentista. Do Autógrafo ao Impresso*, Lisboa, I.N.I.C., 1991.
- MARSELLI, Niccola, *La Scienza della Storia. Le Fasi del Pensiero Storico*, 9, Napoli, Giannini, 1987.
- MARTI, Antonio, *La Preceptiva Retórica Española en el Siglo de Oro*, Madrid, Gredos, 1972.
- MARTÍN ABAD, Julián, *La Imprenta en Alcalá de Henares (1502-1600)*, Madrid, Arco/Libros S.A., 1991.
- MARTÍN ACERA, Fernando, "Verdad y objetivismo en la historia de Rebus Hispaniae de Juan de Mariana.", *Durius*, 7-8, vol.4, 1976, pp.15-28.
- MARTIN MARTIN, Teodoro, "Juan Paez de Castro: Aproximación a su vida y obra", *La Ciudad de Dios*, 1, vol.CCI, Enero.- Abril, 1988, pp.35-56.
- MARTIN, Georges, "Contribution à une modélisation de l'événement en fonction du temps dans le récit historique médiéval.", *Temps du Récit*, Madrid, Casa Vel., 1989, pp.9-19.
- MARTIN, Georges, *Cinq Operations Fondamentales de la Compilation*, Paris, C.N.R.S., 1991.
- MARTIN, Giuseppe, "Appunti sul metodo storico.", *Storiografia e Storia. Studi in Onore di Eugenio Duprè Theseider*, Roma, Bulgioni, 1974, pp.467-494.
- MARTIN, Henri-Jean, AQUILON, Pierre (org.), *Le Livre dans l'Europe de la Renaissance*, Tours, Promodis, 1988.
- MARTIN, Jean-Henri, "Pour une histoire de la lecture.", *Le Débat*, 22, Nov. 1982, pp.160-177.
- MARTIN, R., "La logique et le sens.", *Les Langages, le Sens et l'Histoire*, III, Lille, P. Univer. Lille, 1977, pp.109-121.
- MARTIN, Raymond, "Causes, Conditions, and Causal Importance.", *History and Theory*, 21, 1, 1982, pp.53-74.
- MARTIN, Raymond, "Objectivity and Meaning in Historical Studies: Toward a Post-Analytic view.", *History and Theory*, 32, 1, pp.25-50.

- MARTÍNEZ ARNALDOS, Manuel, "La ficción como narración histórica.", *Homenaje al Profesor Juan Torres Fontes*, 1987, pp.975-986.
- MARTINEZ BARA, Jose Antonio, "Los Cabrera de Cordoba, Felipe II y el Escorial.", *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1-2, LXXI, 1963, pp.203-233.
- MARTÍNEZ DEL BARRIO, Javier Ignacio, "Educación y mentalidad de la alta nobleza española en los siglos XVI y XVII: la formación de la Biblioteca de la Casa Ducal de Osuna, *Cuadernos Historia Moderna*, 12, Madrid, 1991, pp.67-81.
- MARTÍNEZ MILLÁN, José, "Elites de Poder en tiempos de Felipe II (1539-1572).", *Hispania*, 171, XLIX, 1989, pp.111-149.
- MARTÍNEZ RUIZ, Adolfo, "Carlos V en la obra de Don Francisco Ramos del Manzano, maestro de Carlos II.", *Chronica Nova*, 10, 1979, pp.249-261.
- MAS, Amédée, "La critique interne des textes.", *Boletin Hispanique*, LXVI, 1964, pp.17-29.
- MAS, Raymond, "Recherches sur les Gaulois et Sentiment National en France au XVIIIe siècle." in, *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.161-221.
- MASH, Roy, "How important for Philosophers is the History of Philosophy?", *History and Theory*, 26, 1, 1987, pp.287-299.
- MATEU IBARS, Maria de los Dolores, "Cartas de Carlos I y Felipe II a Juan y Antonio Viladamor, archiveros de la Corona de Aragón, coetáneos de Zurita(1534-1556-1560)" *Jeronimo Zurita. Su Epoca y su Escuela*, Zaragoza, Inst. Fernando Catolico, 1983, pp.413-423.
- MATEU Y LLOPIS, Felipe, *Los Historiadores de la Corona de Aragón Bajo los Austrias*, Barcelona, Horta, 1944.
- MATHIEU, Michel, "Analyse du récit. La structure des histoires.", *Poétique*, 30, 1977, pp.226-242.
- MATHIEU, Michel, "Analyse du récit. Le discours narratif.", *Poétique*, 30, 1977, pp.243-259.
- MATHIEU-CASTELLANI, G., "Actéon ou la rhétorique du mythe dans la poésie baroque." in, *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.33-42.
- MATHIEU-CASTELLANI, G., "Discours baroque, discours maniériste.", *Questionnement du Baroque*, Paris, Vrin, 1986, pp.51-74.
- MATHIEU-COLAS, Michel, "Récit et Vérité.", *Poétique*, 80, 1989, pp.387-403.
- MATTEI, Rodolfo de, "Storia e Politica in Italia tra il cinque e il seicento.", in *Storiografia e Storia. Studi in Onore di Eugenio Duprè Theseider*, Roma, Bulgoni, vol. 2, 1974, pp.867-878.
- MATTEI, Rodolfo de, *Il Pensiero Politico Italiano Nell'Età della Controriforma*, 2 vol., I, Milano, Riccardo Ricciardi, 1982-1984.

- MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco, *El Arbol del Conocimiento. Las Bases Biológicas del Conocimiento Humano*, Madrid, Debate, 1990.
- MAURICIO, Carlos Coelho, "Na manhã fértil-sondando o milagre de Ourique na cultura portuguesa.", *Ler História*, 16, 1989, pp.3-28.
- MAWDSLEY, Evan, MUNCK, Thomas, *Computing for Historians. An Introductory Guide*, New York, Manchester Univ. Press, 1993.
- MÁXIMO, Valério, *Hechos y dichos memorables*, Madrid, Akal, 1988.
- MC LANGHLIN, Kathleen, "Y-a-t-il une autonomie propre a la connaissance historique. Questions de méthode chez L.O. Mink.", *La Narrativité*, Paris, C.N.R.S., 1980, pp.203-218.
- MCCULLAGH, C. Behan, "Can our understanding of old texts be objective?", *History and Theory*, 30, 1, 1991, pp.304-323.
- MCCULLAGH, C. Behan, "Review Essays.", *History and Theory*, 23, 1984, pp.395-403.
- MCCULLAGH, C. Behan, "The truth of Historical narratives.", *History and Theory*, 26, 1, 1987, pp.30-46.
- MECACCI, Luciano, "Le cerveau et la culture.", *Le Débat*, 47, nov.-déc., 1987, pp.184-191.
- MEGILL, Allan, "AHR Forum. Fragmentation and the future of Historiography.", *American Historical Review*, June, 1991, pp.693-698.
- MEHLER, Jacques, DUPOUX, Emmanuel, "De la psychologie à la science cognitive.", *Le Débat*, 47, nov.-déc., 1987, pp.65-87.
- MENARD, Nathan, *Mesure de la Richesse Lexicale*, Genève., Slatkine, 1983.
- MENDES, Margarida Vieira, *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa, Caminho, 1989.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, "Cartapacios Literarios Salmantinos del Siglo XVI", in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 1914, vol.LXV, pp.43-55, 298-320.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, "El hermetismo barroco: oscuridad y dificultad como ideales estilísticos." ,in *Historia y Crítica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.99-102.
- MENENDEZ Y PELAYO, Marcelino, *Historia de las Ideas Estéticas en España*, vol.2, Madrid, C.S.I.C. 1947.
- MENENDEZ Y PELAYO, Marcelino, *La Ciencia Española*, 3 vol., Santander, C.S.I.C., 1953.
- MERCIER, Roger, "La Méthode Comparative en Histoire: Le P. Lafitau.", in *L'Histoire au Dix-Huitieme siecle*, 1975, pp. 55-78.
- MERIALDO, Bernard, "Tagging English Text with a Probabilistic Model.", in *Computational Linguistics*, 1994, vol.20, n°2, pp. 155-172.
- MERLIN, Hélène, "L'auteur et la figure absolutiste: Richelieu, Balzac et Corneille.", in *Revue des Sciences Humaines*, 1995, 2, n° 238, pp.85-96.

- MERLIN, Pierpaolo, "Il tema della corte nella storiografia italiana ed europea.", *Studi Storici*, 1, 1986, pp.203-244.
- MERRELL, Floyd, "How we perceive texts.", *Dispositio*, 7-8, III, pp.167-173.
- MESTRE, António, "La historiografía española del siglo XVIII.", *Coloquio Internacional Carlos III y su Siglo*, vol.I, Madrid, Univer. Complutense, 1990, pp.21-60.
- MESTRE, Antonio, *Influjo Europeo y Herencia Hispánica. Mayans y la Ilustración Valenciana*, Valencia, Oliva, 1987.
- MEYER, Jean, "Mythes monarchiques: le cas Henri IV aux XVIIe et XVIIIe siècle." ,in *La Monarchie Absolutiste et l'Histoire en France*, Paris, P.U.P., 1986, pp.169-196.
- MEYER, Michel, "Avant-propos-Y a-t-il une modernité rhétorique?", *De la Métaphysique a la Rhetorique*, Bruxelles, Univer. Bruxelles, 1986, pp.7-13.
- MEYER, Michel, *De la problématique. Philosophie, Science et Langage*, Bruxelles, Pierre Mardaga, 1986.
- MEYER, Michel, *Lógica, Linguagem e Argumentação*, Lisboa, Teorema, 1992.
- MIALL, David S., "Estimating changes in collocations of key words across a large text: a case study of Coleridge's notebooks.", in *Computers and the Humanities*, vol.26, 1, 1992, pp.1 - 12.
- MICCOLI, Paolo, "La componente agostiniana nel pensiero di G.B.Vico.", *La Ciudad de Dios*, 386-387, 1987, pp.577-592.
- MICHEL, Christian, "Les enjeux historiographiques de la Querelle des Anciens et des Modernes." ,in *La Monarchie Absolutiste et l'Histoire en France*, Paris, P.U.P., 1986, pp.139-154.
- MICHEL, M. Alain, "Le style de Tacite et la tradition esthétique européenne.", *Colloque Histoire et Historiographie*, CHEVALLIER, R., (org.) Paris, Belles Lettres, 1980, pp.157-163.
- MIGNOLO, Walter, "Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista.", *Historia de la Literatura Hispanoamericana*, I, Madrid, Catedra, 1982, pp.57-116.
- MILLARES CARLO, Agustín, "La Imprenta en Barcelona en el siglo XVI", in *Historia de la Imprenta Hispana*, Madrid, Ed. Nacional,1982.
- MILO, Daniel S., "La fin de siècle n'aura pas lieu.", *Le Débat*, 60, maio-agost, 1990, pp.251-258.
- MILO, Daniel S., "Pour une histoire expérimentale, ou la gaie histoire.", *Annales ESC*, 3, mai-juin, 1990, pp.717-734.
- MINK, Louis O., "Narrative form as a cognitive instrument.", *The Writing of History. Literary Form and Historical Understanding*, London, U. Wiscousin Press, 1978, pp.129-149.

MIYAKE, M., "General comments on the concepts of historical time.", *Sections Chronologiques 2. Organismes Affiliés. Commissions Internes. Tables Rondes*, vol.I, Madrid, Comité Int. Sciences His. ,1990, pp.128-147.

MOLINIE, G., "Mythologie et mythologisme dans les romans baroques." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.113-118.

MOLINO, Jean, "Qu'est-ce que le style au XVIIe siècle?" ,in *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, 557, Paris, C.N.R.S. ,1977, pp.337-359.

MOLINO, Jean, SOUBLIN, F., TAMINE, J., "Presentation: problème de la métaphore." , *Langages*, 54 ,1979.

MOLL, Jaime, "Para el estudio de la edición española del Siglo de Oro", in *Livres et Libraires en Espagne et au Portugal (XVIe-XXe siècles)*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1989, pp.15-26.

MOMIGLIANO, Arnaldo, "L'Histoire à l'âge des idéologies." , *Le Débat*, 52, 1983, pp.129-146.

MONACHINI, Monica, CALZOLARI, Nicoletta, *Synopsis and Comparison of Morphosyntactic Phenomena Encoded in Lexicons and Corpora. A Common Proposal and Applications to European Languages*, Istituto di Linguistica Computazionale - ILC - Pisa, 1994, (policop.).

MONER, Michel, "Técnicas del arte verbal y oralidad residual en los textos cervantinos." ,in *Edad de Oro*, vol.VII, Madrid, Univer. Autonoma, 1988, pp.114-127.

MONTANER LOPEZ, Emília, "La Imagen del Rey. Alternativas y propuestas de lectura." , *Melanges de la Casa Velásquez*, XXIV, 1988, pp.191-208.

MONTERO DÍAZ, Santiago, "La doctrina de la historia en los tratadistas del siglo de oro." , in *De Historia para entenderla y escribirla de Luis Cabrera de Cordoba*, Madrid, Inst. Estudios Politicos, 1948.

MOORE, Johanna D., PARIS, Cécile L., "Planning Text for Advisory Dialogues: Capturing Intentional and Rhetorical Information." , in *Computational Linguistics*, 1993, vol.19, n°4, pp.651-694.

MORALES MOYA, Antonio, "La historiografía en Occidente desde 1945." , *Cuadernos de Historia Moderna y Contemporánea*, Madrid, 1987, pp.291-296.

MORALES MOYA, Antonio, "Sobre la historiografía actual." , *Cuadernos de Historia Moderna y Contemporánea*, 4, Madrid, Univer.Compl. Madrid, 1983, pp.195-226.

MORALES, Antonio, "Algunas consideraciones sobre le situacion actual de los Estudios Historicos." ,in *La(s) Otra(s) Historia(s)*, 1, 1987, pp.7-92.

MOREL, J., "Histoire et mythologie dans la tragédie française du XVIIe Siècle." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.167-176.

MOREL-FATIO, Alfredo, *Historiographie de Charles-Quint*, Paris, Lib. Honore Champion, 1913.

- MOREL-FATIO, Alfredo, *L'Espagne au XVIe et au XVIIe Siècle*, Paris, Heilbronn, 1878.
- MORENO CHACÓN, Manuel, "Visión historiográfica de los viajes por España en la Edad Moderna.", *Revista d'Historia Moderna*, 7, Dez., 1988, pp.189-211.
- MOROCHO GAYO, Gaspar, "Una historia de Felipe III escrita por Pedro de Valencia.", *Homenaje al Profesor Juan Torres Fontes*, 1987, pp.1141-1151
- MORTARA GARAVELLI, Bice, *Manual de Retórica*, Madrid, Catedra, 1991.
- MORTIER, Roland, "L'imaginaire historique du XVIIIe siècle de Voltaire plus particulièrement.", *Storia della Storiografia*, 14, 1988, pp.136-146.
- MOUCHEL, Christian, *Cicéron et Sénèque dans la rhétorique de la Renaissance*, Marburg, 1990, pp.30-32.
- MOULOND, Noel, "Quelques propositions concernant la semantique et l'epistemologie des modèles.", *Les Langages, le Sens et l'Histoire*, III, Lille, P. Univer. Lille, 1977, pp.17-28.
- MOULOU, Noel, "La Formalisation dans les sciences humaines. Remarque Introductive.", *Les Langages, le Sens et l'Histoire*, III, Lille, P.Univer. Lille, 1977, pp.391-394.
- MOULOU, Noel, "Quelques reperes sur l'evolution des themes dans une logique du sens.", *Les Langages, le Sens et l'Histoire*, III, Lille, P.Univer. Lille, 1977, pp.207-223.
- MOUNIN, G., "Du bon usage des structures en litterature.", *Les Langages, le Sens et l'Histoire*, III, Lille, P.Univer.Lille, 1977, pp.413-424.
- MOURÃO, José A. Miranda, "A verdade imperativa. Para uma semiótica da blasfémia nas "Sentenças".", *Comunicação e Linguagens*, 14, Dezembro, 1991, pp.47-54.
- MOUSNIER, Roland, "Que représente le XVIIe siècle pour un homme.", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.61-70.
- MUCCHIELLI, Alex, *Les Mentalités. Compréhension et Analyse*, Paris, E.S.F., 1984.
- MULIER, Eco O.G.Haitsma, "A repertory of dutch early modern historiography. Some considerations on intentions and content.", *Storia della Storiografia*, 20, 1991, pp.113-126.
- MUNZ, Peter, "Review Essays.", *History and Theory*, 28, 1, 1989, pp.236-251.
- MURPHEY, Murray G., "Explanation, Causes, and Covering Laws.", *History and Theory*, 4, Beiheft 25, 1986, pp.43-57.
- MURPHY, John W., "Incidence du postmodernisme sur l'avenir des sciences sociales.", *Diogène*, 143, 1988.
- NAVA RODRÍGUEZ, Maria Teresa, "Logos y frustraciones de la historiografia ilustrada española através de los proyectos de la Real Academia de la Historia.",

- Coloquio Internacional Carlos III y su Siglo*, vol.I, Madrid, Univer. Complutense, 1990, pp.73-90.
- NEY, Hermann, *Fundamentals of Statistics and Pattern Recognition*, Germany, University of Technology, European Summer School Utrecht, 1994, (policop.).
- NEY, Hermann, *Language Modeling*, Germany, University of Technology, European Summer School Utrecht, 1994, (policop.).
- NICOLAIDOU, Silia, "Anthrologie des espaces construits.", *Philosophie*, 11, 1985, pp.185-202.
- NICOLÁS, César, *Estrategias y Lecturas: Las Anamorfosis de Quevedo*, Univer. Extremadura, 1986.
- NIÑO RODRIGUEZ, Antonio, "La historia de la historiografía, una disciplina en construcción.", *Hispania*, 163, XLVI, 1986, pp.395-417.
- NORMAN, Andrew P., "Telling it like it was: Historical narratives on their own terms.", *History and Theory*, 30, 1, 1991, pp.119-135.
- NOWELL-SMITH, P.H., "The Constructionist theory of History.", *History and Theory*, 16, 4, Beiheft 16, 1977, pp.1-28.
- O'GORMAN, Edmundo, *Cuatro Historiadores de Indias*, México, S.E.P., 1972.
- OLÁBARRI GORTÁZAR, Ignacio, "El peso de la historiografía española en el conjunto de la historiografía occidental (1945-1989).", *Hispania*, 175, 1990, pp.417-437.
- OLAFSON, Frederick A., "Hermeneutics: "Analytical" and "Dialectical".", *History and Theory*, 4, Beiheft 25, 1986, pp.28-42.
- OLMI, Giuseppe, *L'inventario del mondo*, Bologna, Il Mulino, 1992.
- ONELLET, Fernand, "La Philosophie de l'histoire et la pratique historique d'hier et d'aujourd'hui .", *Philosophica*, 23, Univer. d'Ottawa, 1982, pp.215-234.
- OPHIR, Adi, "Des ordres dans l'archive.", *Annales ESC*, 3, mai-juin, 1990, pp.735-754.
- ORDUNA, Germán, "Las crónicas del Canciller Ayala. Reintegración del código que Zurita presentó al Real Consejo.", *Cuadernos de Historia de España*, LXV, 1981, pp.456-461.
- OROZCO DÍAZ, Emilio, *Manierismo y Barroco*, Madrid, Cátedra, 1981.
- ORTEGA LÓPEZ, Margarita, "El Consejo Supremo de Aragón y la supervisión de la justicia del reino aragonés durante el siglo XVII.", *Manuscripts*, 8, Enero, 1990, pp.139-162.
- ORTEGA LÓPEZ, Margarita, "La observación del reino de Aragón por el Consejo Supremo de Aragón durante el siglo XVII.", *Revista d'Historia Moderna*, 7, Dez., 1988, pp.51-69.



- OSTENDORF, M., VEILLEUX, N., "A Hierarchical Stochastic Model for Automatic Prediction of Prosodic Boundary Location.", in *Computational Linguistics*, 1994, vol.20, n°1, pp.27-54.
- OSTROWSKI, Donald, "Essai de Typologie des théories de l'histoire.", *Diogenes*, 129, 1985, pp.130-150.
- OSTROWSKI, Donald, "Retour aux sources de l'histoire.", *Diogenes*, 143, 1988.
- PALMA CHAGUACEDA, A., *El Historiador Gonzalo Argote de Molina. Estudio Biografico y Critico*, Madrid, C.S.I.C., 1949.
- PANACCIO, Claude, "L'historien enquête d'un langage.", *Philosophica*, 23, Univer. d'Ottawa, 1982, pp.235-241.
- PAREDES ALONSO, Javier, *Cuatro siglos de Historia de la Hermandad de San Gerónimo*, Madrid, F.G.S.R., 1988.
- PARKER, Alexander A. "Una interpretación del teatro Español del siglo XVII." ,in *Historia y Critica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.259-265.
- PARKER, Alexander A., "Dimensiones del Renacimiento Español." ,in *Historia Y Critica de la Literatura Española*, 2 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.54-70.
- PARRET, Herman, "Os argumentos do sedutor.", *Comunicação e Linguagens*, 14, Dez., 1991, pp.9-22.
- PASSMORE, John, "Narratives and Events.", *History and Theory*, 26, 1, 1987, pp.68-74.
- PASTOUREAU, Michel, *Figures et Couleurs. Etude sur la Symbolique et la Sensibilité Médiévales*, Paris, Le Léopard d'Or, 1986.
- PECHEAUX, Michel, *Analyse Automatique de Discours*, Paris, Dunod, 1975.
- PECHEAUX, Michel, FUCHS, Catherine, "Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours.", *Langages*, 37, 1975, pp.7-80.
- PÊCHEUX, Michel, "Analyses de discours.", *Mots*, 9, 1984, pp.7-17.
- PÊCHEUX, Michel, "L'étrange miroir de l'analyse de discours.", *Langages*, 62, 1981, pp.5-17.
- PÊCHEUX, Michel, FUCHS, C., "Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours.", *Langages*, 37, 1975, pp.3-80.
- PÊCHEUX, Michel, LÉON, Jacqueline, BONNAFOUS, Simone, MARANDIN, Jean-Marie, "Présentation de l'analyse automatique du discours.", *Mots*, 4, 1982, pp.95-123.
- PÉDECH, Paul, "Le paysage comme élément du récit chez les historiens grecs.", *Hist. Historiographie*, 8, 1985, pp.24-36.
- PEDRAZA, Pilar, *Barroco Efémere en Valencia*, Valencia, Ayuntamiento, 1982.
- PELIGRY, Christian, "Un hispanista frances del siglo XVII: Jean Chapelain .", *El Libro Antiguo Español*, Madrid, 1986.

- PELIGRY, Christian, "Un libraire madrilène du siècle d'or: Francisco López le Jeune (1545-1608).", in *Mélanges de la Casa de Velásquez*, 12, 1976, pp.219-250.
- PELLEN, René, "L'Informatisation dans la recherche linguistique et textuelle.", *Les Cahiers du Criar*, 6, pp.147-156.
- PELLEN, René, "Le Repérage des sources et des citations dans les ouvrages historiques d'Alphonse le Savant (Espagne, XIIIe s.).", in *Le Médiéviste et l'ordinateur*, 22, 1990, pp.11-17.
- PENA Y CAMARA, Jose de la, *Un Cronista Desconocido de Carlos V: el Humanista Siciliano Fray Bernardo Gentilli, O.P.*, Madrid, C.S.I.C., 1945.
- PEREIRA, Carlos, "Causalidad y explicación en la historia.", *Zona Abierta*, 48/9, 1988, pp.111-128.
- PEREIRA, José Esteves, *Sobre a História das Ideias...*, Lisboa, C.H.C.-U.N.L., 1992
- PERELMAN, Chaim, "Logique formelle et logique informelle.", *De la Métaphysique a la Rhétorique*, Bruxelles, Univer. Bruxelles, 1986, pp.15-21.
- PERELMAN, Chaim, "Semantique et pragmatique.", *Les Langages, le Sens et l'Histoire*, III, Lille, P.Univer. Lille, 1977, pp.323-325.
- PERELMAN, Chaim, *L'empire Rhétorique*, Paris, Vrin, 1977.
- PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, L., *Tratado de la Argumentación*, Madrid, Gredos, 1989.
- PERELMAN, Chaim, *Rhétoriques*, Bruxelles, Univer. Bruxelles, 1989.
- PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel, *El Teatro de Diego Sánchez de Badajoz*, Cáceres, Univer. de Extremadura, 1982.
- PÉREZ VILLANUEVA, Joaquin, *Felipe IV. Escritor de Cartas*, Salamanca, Caja de Ahorro, 1986.
- PÉREZ, Joseph, "La escuela, una utopía del siglo XVI.", *Maravall. Livro Homenagem*, vol. 3, Madrid, C.I.S.C., 1985, pp.191-195.
- PETIT, Jean-Luc, "La narrativité et le concept de l'explication en Histoire.", *La Narrativité*, Paris, C.N.R.S., 1980, pp.182-202.
- PETIT, Maria, "Une poétique de l'histoire.", *La Narrativité*, Paris, C.N.R.S., 1980, pp.161-181.
- PETRUCCI, Armando, "Pouvoir de l'écriture, pouvoir sur l'écriture dans la renaissance italienne.", *Annales ESC*, 4, Juillet-Aout, 1988, pp.823-847.
- PHILLIPS, Mark, "Representation and Argument in Florentine Historiography.", *Storia della Storiografia*, 10, 1986, pp.48-63.
- PIERROT, Alain, "La référence des énoncés métaphoriques.", *Esprit*, 7-8, 1988, pp.276-296.
- PILLORGET, René, "Le complot papiste dans l'imaginaire anglais au XVIIe siècle.", *Hist. Historiographie*, 14, 1988, pp.119-135.

- PIQUER I JOVER, J. J., "El monasterio cisterciense de Vallbona. Cronica de Miguel-Ramon Zapater.", *Hispania Sacra*, 29, 1976, pp.417-428.
- PITRAT, Jacques, "La naissance de l'intelligence artificielle.", *La Recherche en Intelligence Artificielle*, Paris, Seuil, 1987, pp.19-49.
- PIZARROSO QUINTERO, Alejandro, *Información y Poder - el mundo después de la Imprenta*, Madrid, Eudema, 1993.
- PLINIO, *Textos de Historia de Arte*, Madrid, Visor, 1988
- PLANTE, Pierre, "Le système de programmation Déredec.", *Mots*, 6, 1983, pp.101-133.
- POCOCK, J.G.A., *The Machiavellian Moment. Florentine Political thought and the Atlantic Republican Tradition*, Princeton, P.U.Press, 1975.
- POIRIER, Jean, CLAPIER-VALLADON, Simone, *L'approche Biographique. Reflexions Epistémologiques sur une Méthode de Recherche*, Nice, C.U.M., s.d.[1983].
- POLKA, Brayton, "Vérité et métaphore:l'interprétation comme exercice philosophique et littéraire .", *Diogène*, 143, 1988, pp.114-130.
- POMIAN, Krzysztof, "Histoire et fiction.", *Le Débat*, 54, Março-Abril, 1989, pp.114-137.
- POMIAN, Krzysztof, "L'histoire de la science et l'histoire de l'histoire.", *Annales ESC*, 5, 1975, pp.935-952.
- POMIAN, Krzysztof, "Tiempo, literatura y autonomía de los signos.", *Revista de Occidente*, 76, Set., 1987, pp.76-95.
- POMIAN, Krzysztof, *L'Ordre du Temps*, Paris, Gallimard, 1984.
- POMPA, Leon, "Narrative form, significance and historical knowledge.", *Philosophica*, 23, Univ. d'Ottawa, 1982, pp.143-157.
- PELARD, Marie Dominique, "Texte, langage, communication-Essai de cartographie.", *Le Texte Comme Object Philosophique*, Paris, Beauchesne, 1987, pp.89-109.
- POPPEL, Ernst, *Fronteiras da Consciência. Da Realidade e da Experiência do Mundo*, Lisboa, Edições 70, 1989.
- PORQUERAS MAYO, A., LAURENTI, L., Joseph, *Estudios Bibliograficos sobre la Edad de Oro*, Barcelona, Puvill Libros, [1984].
- POUSIN, Frédéric, "La conscience de l'histoire dans la pensée architecturale en France au XVIIIe siècle." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.278-285.
- POZO, Juan, *Aprendizaje de la Ciencia y Pensamiento Causal*, Madrid, Visor, 1987.
- PRAZ, Mario, *Literatura e Artes Visuais*, São Paulo, Cultrix, 1982.
- PRIGOGINE, Ilya, *O Nascimento do Tempo*, Lisboa, Edições 70, 1990.

- PRINCE, Gerald, "Thématiser.", *Poétique*, 64, 1985, pp.425-433.
- PROUST, Gilles, *Conception et Realisation d'un Logiciel Interactif de Traitement de Textes Litteraires: Litterae Memoire*, (polic).
- PROUST, Gilles, *Memoire. Informatique Option Gestion*, (polic).
- PUDDU, Raffaele, *El Soldado Gentilhombre. Autoretrato de una Sociedad Guerrera: la España del Siglo XVI*, Barcelona, Argos Vergara, 1984.
- PUPO-WALKER, Enrique, *Historia, Creación y Profecía en los Textos del Inca Garcilaso de la Vega*, Madrid, José Porrúa Turanzas, 1982.
- PUPO-WALKER, Enrique, *La Vocacion Literaria del Pensamiento Historico en America. Desarrollo de la prosa de ficción: siglos XVI, XVII, XVIII y XIX*, Madrid, Gredos, 1982.
- PUTNAM, Hilary, *Razon, Verdad e Historia*, Madrid, Tecnos, 1988.
- QUATREFAGES, René, "A la Naissance de l'Armée Moderne.", *Mélanges de la Casa De Vélasquez*, 13, 1977, pp.119-151.
- QUEVEDO, Francisco de, *La Vida del Buscón llamado Don Pablos*, Madrid, Akal, 1996.
- RADAR, Edmond, "L'Europe inventrice de langages au temps de la Renaissance.", *Diogène*, 145, 1989, pp.118-142.
- RALPH ALHAMESE, Jr., *Initiation aux Problèmes Socioculturels de la France au XVII Siècle*, Montpellier, Univer. Paul Valéry, s.d.[1974].
- RAMBAUD, M., "Exemples de déformation historique chez Tite-Live. Le Tessin, la Trébie, Trasimène.", *Colloque Histoire et Historiographie*, CHEVALLIER, R., (org.), Paris, Belles Lettres, 1980, pp.109-126.
- RAMÓN ZAPATER, Miguel, "El monasterio cisterciense de Vallbona.", *Hispania Sacra*, 29, 1976, pp.417-428.
- RAMOS, Rui, "A causa da História do ponto de vista político.", *Penélope. Fazer e Desfazer a História*, 5, 1991, pp.27-47.
- RANUM, Orest, "Les illustres inconnus: services et désintéressement dans les histoires de la Monarchie Française 1630-1660." ,in *La Monarchie Absolutiste et l'Histoire en France*, Paris, P.U.P., 1986, pp.99-112.
- RASERO MACHACÓN, José, *El Campo Semántico 'Salud' en el Siglo de Oro*, Cáceres, Univer. Extremadura, 1985.
- REBOUL, Olivier, "La figure et l'argument.", *De la Métaphysique a la Rhétorique*, Bruxelles, Univer. Bruxelles, 1986, pp.175-187.
- REDDÉ, M. Michel, "Rhétorique et histoire chez Thucydide et Salluste.", *Colloque Histoire et Historiographie*, CHEVALLIER, R., (org.), Paris, Belles Lettres, 1980, pp.11-17.
- REILL, Peter Hanns, "Narration and structure in late eighteenth-century historical thought.", *History and Theory*, 25, 1, 1986, pp.286-298.

- REISCH, George A., "Chaos, History, and Narrative.", *History and Theory*, 30, 1, 1991, pp.1-20.
- REVEL, Jacques, "Histoire et sciences sociales: les paradigmes des annales.", *Les Annales 1929-1979*, 6, 1979, pp.1360-1376
- REVUZ, Dominique, *Dictionnaires et Lexiques, Méthodes et Algorithmes*, Ph.D.thesis, Université Paris 7, 1991.
- REY CASTELAO, Ofelia, *La Historiografía del Voto de Santiago: Recopilación Crítica de una Polémica Histórica*, Santiago de Compostela, Serv. de Pub. Univer., 1985.
- REY CASTELAO, Ofelia, "Las Bibliotecas Institucionales en la Galicia de Fines del Antiguo Régimen", in *Antiguo Régimen y Liberalismo. Homenaje a Miguel Artola*, Pablo Fernández Albadalejo y Margarita Ortega-López (eds), Madrid, Alianza Editorial-Univ.Autónoma de Madrid, 1995, pp.583-617.
- RICARD, Robert, "De la critique humaniste à la critique des "Lumières"- Esquisse d'une évolution. ", *L'humanisme dans les Lettres Espagnoles*, Paris, Vrin, 1979, pp.349-356.
- RICO VERDU, José, *La Innovación literaria del Renacimiento Garciloro de la Vega*, Madrid, Cincel, 1980.
- RICO VERDU, José, *La Retórica Española de los Siglos XVI y XVII*, Madrid, CSIC, 1973.
- RICO, Francisco, "Humanismo y dignidad del hombre en la España del Renacimiento.", in *Historia y Crítica de la Literatura Española*, vol.2, Barcelona, Critica, 1980, pp.85-90.
- RICO, Francisco, "Temas y problemas del Renacimiento Español.", in *Historia y Crítica de la Literatura Española*, vol.2, Barcelona, Critica, 1980, pp.1-27.
- RICO, Francisco, (org.), *Historia Y Crítica de la Literatura Española*, vol.3., Barcelona, Critica, 1983.
- RICO, Francisco, *Lázaro de Tormes y el Lugar de la Novela*, Madrid, 1987.
- RICOEUR, P., LARRE, C., PANIKKAR, R., *Las Culturas y el Tiempo*, Salamanca, Sígueme, 1979.
- RICOEUR, Paul, "L'identité narrative.", *Esprit*, 7-8, 1988, pp.297-318.
- RICOEUR, Paul, "Pour une théorie du discours narratif." , *La Narrativité*, Paris, C.N.R.S., 1980, pp.5-70.
- RICOEUR, Paul, "Qu'est-ce-qu'un texte?", *Hermeneutik and Dialectik*, Tübingen, 1970.
- RICOEUR, Paul, "Recit Fictif-Recit historique.", *La Narrativité*, Paris, C.N.R.S., 1980, pp.251-271.
- RICOEUR, Paul, *A Metáfora Viva*, Porto, Rés, 1983.
- RICOEUR, Paul, *Historia Y Verdad*, Madrid, Encuentro, 1990.

- RICOEUR, Paul, *La Semantique de l'Action*, Paris, C.N.R.S., 1977.
- RICOEUR, Paul, *O Conflito das Interpretações. Ensaio de Hermenêutica*, Lisboa, Rés, [1988].
- RICOEUR, Paul, "Rhétorique-Poétique-Herméneutique," *De la Metaphysique a la Rhetorique*, Bruxelles, Univer. Bruxelles, 1986, pp.143-155.
- RICOEUR, Paul, *Teoria da Interpretação. O Discurso e o Excesso de Significação*, Lisboa, Edições 70, 1987.
- RICOEUR, Paul, *Tiempo y Narracion*, 2 vol., Madrid, Cristiandad, 1987.
- RICOEUR, Paul, "Histoire et rhétorique", *Diogéne*, 168, 1994, pp.9-26.
- RIGNEY, Ann, "Du récit historique. La prise de la Bastille selon Michelet (1847).", *Poétique*, 75, 1988, pp.267-278.
- RIGOLOT, François, "La Renaissance du texte. Histoire et Sémiologie.", *Poétique*, 50, 1982, pp.183-193.
- RINGER, Fritz K., "Causal Analysis in Historical Reasoning.", *History and Theory*, 28, 1, 1989, pp.154-172.
- RIPA, Cesare, *Iconologia*, 2 vol., Madrid, Akal, 1987.
- RIPODAS ARDANAZ, Daisy, *Notas para una Propedeutica a la Historia de la Historiografia*, Buenos Aires, Frigerio, 1968.
- RIVERA DE VENTOSA, Enrique, "El lenguaje filosofico en el siglo XVII Español.", *Actas del II Seminario de Historia de la Filosofia Española*, 1º vol., Univer. Salamanca, 1982, pp.65-80.
- RIVERS, Elias L., "L'humanisme linguistique et poétique dans les lettres espagnoles du XVIe siècle .", *L'humanisme dans les Lettres Espagnoles*, Paris, Vrin, 1979, pp.169-176.
- ROBERT, Jacques-Michel, *Comprendre Notre Cerveau*, Paris, Seuil, 1982.
- ROBERT-LAUSS, Hans, *Pour une Herméneutique Littéraire*, Paris, Gallimard, 1988.
- ROBIN, Regine, "Postface: Analyse du Discours entre la linguistique et les sciences humaines: l'eternel malentendu.", *Langages*, 81, 1986, pp.121-128.
- ROBIN, Regine, *Histoire et Linguistique*, Paris, A. Colin, 1973.
- ROBINET, André (dir.), *Recherches sur le XVIIe Siècle*, Paris, CNRS, 1976.
- ROBINET, André, *Le Langage à L'Age Classique*, Paris, Klincksieck, 1978.
- ROBINET, Andrés, *Mitologia, Filosofia y Cibernetica*, Madrid, Tecnos, 1982.
- ROCCATI, G. Matteo, " A propos de la scansion automatisée des mètres latins: un programme spécialement conçu pour les textes médiévaux et humanistes.", in *Revue, informatique et statistique dans les sciences humaines*, 1990, 1-4, pp.221-231.

- ROCHE, Daniel, "Théâtre et société dans l'Europe du XVI et du XVII Siècle à propos du Colloque Dramaturgie et Société Nancy, 14-21 Avril 1967.", *Revue Historique*, 496, 1970, pp.315-328.
- ROCHE, Emmanuel, *Analyse Syntaxique Transformationnelle du Français par Transducteurs et Lexique-Grammaire*, Ph. D. thesis, Université Paris 7, 1993.
- ROCHE, Emmanuel, SCHABES, Yves, *Deterministic Part-of-Speech Tagging with Finite State Transducers*, Cambridge, Mitsubishi Electric Research Laboratories, 1994, (polycop).
- RODRIGUEZ LOPEZ-VASQUEZ, Alfredo, "Aportaciones críticas a la autoría de El Burlador de Sevilla.", *Criticón*, 40, 1987, pp.5-44.
- RODRÍGUEZ, Juan Carlos, *Teoría e Historia de la Producción Ideológica. Las Primeras Literaturas Burguesas (Siglo XVI)*, Madrid, Akal, 1990.
- RODRÍGUEZ-MOÑINO, Antonio, "La colección de manuscritos del Marqués de Montealegre (1677)", in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 1950, vol.CXXVI, pp.127-192; vol. CXXVII, pp. 307-344.
- ROGER, Jacques, "Actualité de la Science du XVIIe Siècle.", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.261-270.
- ROGUET, Yves, "Le portrait dans les mémoires de Comynes." ,in *Le Portrait Littéraire*, Lyon, P.U.Lyon, 1988, pp.33-38.
- ROJO VEGA, Anastasio, *Impresores, Libreros y Papeleros en Medina del Campo y Valladolid en el Siglo XVII*, León, Junta de Castilla Y León, 1994.
- RORTY, Richard, *El Giro Lingüístico. Dificultades metafísicas de la Filosofía lingüística*, Barcelona, Paidós, 1990.
- ROSSINI, Gigliola, "The criticism of rhetorical historiography and the ideal of scientific method: history, nature and science in the political language of Thomas Hobbes.", *The Languages of Political Theory in Early*, London, Cambridge Univer.Press, 1987, pp.303-324.
- ROTH, Paul A., "Narrative explanations: the case of history.", *History and Theory*, 27, 1, 1988, pp.1-13.
- ROUND, Nicholas G., "The revolution of 1383-84 in the portuguese provinces: causality and style in Fernão Lopes.", *Dispositio*, 27, vol.X, pp.65-84.
- ROZAS, Juan Manuel, "Siglo de oro": Historia y mito.", in *Historia y Crítica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.64-68.
- RUBINSTEIN, Nicolai, "The history of the word politicus in early-modern Europe.", in *The Languages of Political Theory in Early-Modern Europe*, London, Cambridge Univer. Press, 1987, pp.41-56.
- RUBIO GONZÁLEZ, Lorenzo, *Castellanos y Leoneses Cronistas de Indias*, Valladolid, Ambito, 1988.
- RUBIO I BALAGUER, Jordi, *Història i Historiografia*, Montserrat, 1987.

- RUSEN, Jorn, "Historical narration: foundation, types, reason.", *History and Theory*, 26, 1, pp.87-97.
- RUSEN, Jorn, "Rhetoric and aesthetics of History: Leopold von Ranke.", *History and Theory*, 29, 2, 1990, pp.190-204.
- RUSSELL, Gill, "Hypertext", in *History and Computing*, vol. 3, 3, 1991, pp.183-185.
- SAENGER, Paul, "Physiologie de la lecture et séparation des mots.", *Annales ESC*, 4, Juillet-Aout, 1989, pp.939-952.
- SALAZAR, Antonio, "Arias Montano y Pedro de Valencia.", *Estudios Extremeños*, XV, Septiembre-Diciembre, 1959, pp.475-493.
- SALLENAVE, Danièle, "Onze propositions en hommage à "Temps et récits".", *Esprit*, 7-8, 1988, pp.268-275.
- SALOMON, Noel, CHEVALIER, Maxime, "Creación y público: para una sociología literaria de los siglos de oro." ,in *Historia y Crítica de la Literatura Española*, 3 vol. ,Barcelona, Critica, 1980, pp.75-86.
- SANCHEZ ALONSO, B., "La literatura histórica en el siglo XVI.", *Historia General de las Literaturas Hispánicas*, vol.3, Barcelona, Barna, 1953, pp.297-319.
- SANCHEZ ALONSO, B., "La literatura histórica en el siglo XVII.", *Historia General de las Literaturas Hispánicas*, vol.3, Barcelona, Barna, 1953, pp.323-337.
- SANCHEZ ALONSO, Benedito, *Historia de la Historiografía Española*, 3 vol., Madrid, C.S.I.C., 1944.
- SANCHEZ GRANGEL, Luis, *La Medicina española del siglo XVII*, Salamanca, Universidade de Salamanca, 1978.
- SÁNCHEZ MARCOS, Fernando, "Historiographie et pouvoir dans l'Espagne du XVIIIe siècle.", *Storia della Storiografia*, 20, 1991, pp.147-154.
- SÁNCHEZ MARCOS, Fernando, "La historiografía del siglo XVIII como espejo del antiguo régimen y primicias de la historia moderna...", *Coloquio Internacional Carlos III y su Siglo*, vol.I, Madrid, Univer. Complutense, 1990, pp.91-101.
- SÁNCHEZ MARCOS, Fernando, *Invitación a la Historia de Heródoto a Voltaire*, Barcelona, P.P.U., 1988.
- SÁNCHEZ MARCOS, Fernando, PÉREZ LATRE, Miguel, "La historiografía de la época moderna (1474-1808) en la revista "Hispania", 1940-1988.", *Hispania*, 176, 1990, pp.1031-1045
- SÁNCHEZ MARTIN, F., "Historia e historiadores en la Europa de los siglos XVI y XVII: panorámica bibliográfica.", *Revista d'Historia Moderna*, 7, 1987, pp.29-41.
- SANCHO ROYO, Antonio, *Hermógenes. Sobre los tipos de estilo. Sobre el método del tipo Fuerza*, Sevilla, Sec. de Pub. de la Univer. de Sevilla, 1991.
- SANFAÇON, A., "Légendes, histoire et pouvoir à Chartres sous l'Ancien Régime.", *Revue Historique*, 566, 1988, pp.337-357.



- SANSONNET, Jean-Paul, "Les machines de l'intelligence artificielle.", *La Recherche en Intelligence Artificielle*, Paris, Seuil, 1987, pp.235-264.
- SANTOS, Juliá, "Cuestiones de "Historia".", *Zona Abierta*, 33, 1984 ,pp.147-162.
- SARAIVA, António José, *O Discurso Engenhoso*, São Paulo, Perspectiva, 1980.
- SAŠGNIEUX, Joel, (org.), *Foi et Lumière dans l'Espagne du XVIIIe Siècle*, Lyon, P.U.de Lyon, 1985.
- SASSI, Maria Michela, "Natura e storia in Platone.", *Storia della Storiografia*, 9, 1986, pp.104-128.
- SCHABES, Yves, SHIEBER, Stuart M., "An Alternative Conception of Tree-Adjoining Derivation.", in *Computational Linguistics*, 1994, vol.20, n°1, pp.91-124.
- SCHIFFMAN, Zachary Sayre, "Renaissance Historicism Reconsidered.", *History and Theory*, 24, 1, 1985, pp.170-182.
- SCHLANGER, Judith, "Dire et connaître.", *De la Métaphysique a la Rhétorique*, Bruxelles, Univer. Bruxelles, 1986, pp.95-101.
- SCHNEIDER, Monique, "Temporalité, Inconscient et répétition. Du mythe à l'élaboration théorique.", *Temps et Representations. Mythes et Representations du Temps*, Paris, C.N.R.S., 1985, pp.13-35.
- SCHUEREWEGEN, Franc, "Réflexions sur le Narrataire. Quidam et Quilibet.", *Poétique*, 70 ,1987, pp.247-254.
- SCHWARK, Martina, "Turgot philosophe de l'Histoire." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.223-232.
- SCOTT, Joan Wallach, "History in Crisis? The Other's Side of the Story.", *The American Historical Review*, 3, 94, June, 1989, pp.680-692.
- SEARLE, John, *Mente, Cérebro e Ciência*, Lisboa, Edições 70, 1987.
- SEBASTIÁN LÓPEZ, Santiago, "Lectura iconográfica-iconológica del Rito de Baco (Los Borrachos) de Velázquez. ", *Homenaje a Jose Antonio Maravall*, III, Madrid, C.I.S., 1985, pp.359-367.
- SEBASTIÁN LÓPEZ, Santiago, *Iconografía Medieval*, Bilbao, Etor, 1988.
- SEBASTIÁN LÓPEZ, Santiago, *Emblemática y Historia del Arte*, Madrid, Catedra, 1995.
- SECO SERRANO, Carlos, "La biografía como genero historiografico.", *Once Ensayos sobre la Historia*, Madrid, Fund. Juan March, 1976, pp.105-117.
- SEGRE, Cesare, "Líneas estructurales del Quijote.", in *Historia y Critica de la Literatura Española*, 2 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.679-686.
- SEGRE, Cesare, *Las Estructuras y el Tiempo*, Barcelona, Planeta, 1976.
- SEGRE, Cesare, *Principios de análisis del texto literario*, Barcelona, Critica, 1985.
- SEIGEL, Jerrold E., *Rhetoric and Philosophy in Renaissance Humanism*, Princeton, P.U.Press, 1968.

SELLIER, P., "Une catégorie-clé de l'esthétique classique: le "merveilleux vraisemblable"." in, *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.43-48.

SENTAURENS, Jean, "Sur la réception des oeuvres dramatiques dans l'Espagne du "Siècle D'Or": de la clientèle des Corrales au public de la comedia. Problèmes et limites d'une recherche fondamentale nécessaire.", *Cahiers de L'Université. IV Table Ronde sur le Theatre Espagnol*, 2, Univer. Pau, s.d., pp.72-86.

SERBAT, Guy, *Casos y Funciones. Estudio de las Principales Doctrinas Casuales, de la Edad Media a Nuestros Dias*, Madrid, Gredos, 1988.

SGARD, Jean, "Problèmes Théoriques de la Biographie.", in *L'Histoire au Dix-Huitieme Siecle, Aix-Provence*, 1975-80, pp.187-198.

SHAW, David J., "La Publication des Satires de Juvénal en Europe avant 1601", in *Le Livre dans l'Europe de la Renaissance, Actes du XXVIIe Colloque international d'Etudes humaniste de Tours*, Tours, Cercle de la Librairie, 1988, pp.297-303.

SHIOKAWA, Tetsuya, "Persuasion et conversion: essai sur la signification de la rhétorique chez Pascal.", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.311-322.

SIGNORET, Jean-Louis, "Entre cerveau et cognition: la neuropsychologie.", *Le Débat*, 47, nov.-déc., 1987, pp.145-157.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Competência Linguística e Competência Literária*, Coimbra, Livraria Almedina, 1977.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, Coimbra, 1971.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar, *Teoria da Literatura*, vol.I, Coimbra, Livraria Almedina, 1991.

SIMMEL, Georg, *Les Problèmes de la Philosophie de l'Histoire. Une étude d'Epistemologie*, Paris, PUF, 1984.

SIMÓN DÍAZ, José, "El Mecenazgo en la España de las Austrias", in *Le Livre dans l'Europe de la Renaissance, Actes du XXVIIIe Colloque international d'Etudes humanistes de Tours*, Tours, Cercle de la Librairie, 1988, pp.112-121.

SIMON DÍAZ, José, "Autores extranjeros traducidos al castellano en impresos publicados durante los siglos XV-XVII.", *Cuadernos Bibliograficos*, 40, 1980, pp.23-52.

SIMÓN DÍAZ, José, *El Libro Español Antiguo: Analisis de su Estructura*, Kassel, Reichenberger, 1983.

SIMON DIAZ, Jose, *Jesuitas de los siglos XVI*, Madrid, UPS-FUE, 1975.

SIMON, G., "L'interpretation des signes et l'evolution de ses fondements aprioriques.", *Les Langages, le Sens et l'Histoire*, III, Lille, P.Univer. Lille, 1977, pp.175-202.

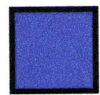
- SIWEK, Ryszard, "Le portrait mythique." ,in *Le Portrait Littéraire*, Lyon, P.U.Lyon, 1988, pp.263-268.
- SOLANO CAMON, Enrique, "Algunos comentarios al capítulo II de los "Anales de J.Josef Porter y Casanate" ." ,in *Jeronimo Zurita. Su Epoca y su Escuela*, Zaragoza, Inst. Fernando Catolico, 1983, pp.173-180.
- SOLANO CAMON, Enrique, "Juan Jose Porter y Casanate: Un cronista aragonés del siglo XVII, y sus Anales del Reino de Aragón." , *Estudios*, 1978, pp.189-211.
- SOUTET, Olivier, THOMASSET, Claude, "Des marques de la subjectivité dans les "mémoires" de Comynnes." ,in *La Chronique et l'Histoire au Moyen-Age*, Paris, PUP\_Sorbonne, 1984, pp.27-43.
- SPERBER, Dan, "Ciencias cognoscitivas, ciencias sociales y materialismo." , *Revista Occidente*, 85, Junis, 1988, pp.39-62.
- SPERBER, Dan, "Les sciences cognitives, les sciences sociales et le matérialisme." , *Le Débat*, 47, nov.-déc., 1987, pp.103-115.
- SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre "Retórica y pertinencia." , *Revista de Occidente*, 115, Dez., 1990, pp.5-26.
- SPERBERG-MACQUEEN, C. M., "Text in the electronic age: textual study and text encoding, with examples form medieval text's." , in *Literary and Linguistic Computing*, vol. 6, 1, 1991, pp.34-46.
- SPIEGEL, Gabrielle M., "Genealogy: Form and function in medieval historical narrative." , *History and Theory*, 22, 1, 1983, pp.43-53.
- STAMBOVSKY, Phillip, "Metaphor and Historical understanding." , *History and Theory*, 27, 1, 1988, pp.125-134.
- STEFANO, Luciana de "El texto bíblico y las crónicas de Indias." , *Anuario de Estudios Medievales*, 15, 1985, pp.589-596.
- STEGMANN, A., "Le modele du prince." , in *Le Modele a la Renaissance*, Paris, Vrin, 1986, pp.117-138.
- STEGMANN, André, "Comment constituer une bibliothèque en France au début du XVIIe siècle: examen méthodologique", in *Le Livre dans l'Europe de la Renaissance, Actes du XXVIIe Colloque international d'Etudes humaniste de Tours*, Tours, Cercle de la Librairie, 1988, pp.467-501.
- STIERLE, Karlheinz, "L'Histoire comme exemple, l'exemple comme Histoire." , *Poétique*, 10, 1972, pp.171-196.
- STONE, Lawrence, "Historia Aberta." , *Debats*, 4, 1982, pp.92-105.
- STONE, Lawrence, "The Revival of Narrative. Reflections on a New Old History." , *Past and Present*, 85, Nov. 1979, pp.3-24.
- STOYANOV, Z. D., "Renaissance historicism: the discovery of historical time." , *Sections Chronologiques 2. Organismes Affiliés. Commissions Internes. Tables Rondes*, vol.I, Madrid, Comité Int. Sciences Hist., 1990, pp.156-157.

- STRUEVER, Nancy S., "Pasquier's recherches de la France: the exemplarity of his Medieval sources.", *History and Theory*, 27, 1, 1988, pp.51-59.
- STRUEVER, Nancy S., "Topics in History.", *History and Theory*, 19, 4, Beiheft 19, 1980, pp.66-79.
- SUAREZ DOBARRIO, Fernando, "Filosofía y humanismo crítico en Pedro de Valencia.", *Revista de Estudios Extremeños*, XLV, 1989, pp.247-268.
- SUÁREZ FERNANDEZ, Luis, "La Exposición en el campo de la Historia. Nuevos temas y nuevas técnicas.", *Once Ensayos sobre la Historia*, Madrid, Fund. Juan March, 1976, pp.13-28.
- SUMPT, "À quoi peut servir l'analyse de discours?", *Langages*, 55, 1979, pp.4-18.
- SVATOŇ, Vladimír, "Lo épico en la novela y el problema de la novela histórica." *Revista de Literatura*, 101, LI, Jan.-Junho, 1989, pp.5-20.
- TATE, Robert B., *Ensayos Sobre la Historiografía Peninsular del Siglo XV*, Madrid, Gredos, 1970.
- TEÓN, HERMÓGENES, AFTONIO, *Ejercicios de Retórica*, Madrid, Gredos, 1991.
- THOIRON, Philippe, LABBE, Dominique, *Études Sur la Richesse et la Structure Lexicales*, Genève, Slatkine, 1988.
- THORVALDSEN, Gunnar, "Making Printed Historical Sources Machine Readable: Some Experiences with Optical Character Recognition.", in *History and Computing*, vol.5, 2, 1993, pp.74-81.
- THUILLIER, Jacques, "La notion d'imitation dans la pensée artistique du XVIIe Siècle.", *Critique et Création Littéraires en France au XVIIe Siècle*, Paris, C.N.R.S., 1977, pp.361-374.
- THUILLIER, Jacques, "La peinture française du XVIIe Siècle: présence et destin.", *Destins et Enjeux du XVIIe Siècle*, Paris, P.U.F., 1985, pp.23-32.
- TINKLER, John F., "The Rhetorical Method of Francis Bacon's History of the Reign of King Henry VII.", *History and Theory*, 26, 1, 1987, pp.32-52.
- TODOROV, Tzvetan, "La Categoría del Relato.", *Análisis Estructural del Relato*, Buenos Aires, Tiempos Contemporáneos, 1972, pp.155-191.
- TODOROV, Tzvetan., "La lecture comme construction.", *Poétique*, 23, 1975, pp.417-425.
- TOMÁS VALIENTE, Francisco, "Las instituciones del Estado y los hombres que las dirigen en la España del siglo XVII.", *Annuari dell'Istituto Storico Italiano per L'eta Moderna e Contemporánea*, vol.XXIX-XXX, 1979, pp.179-196.
- TOMÁS Y VALIENTE, Francisco, *Los Validos en la Monarquía Española del Siglo XVII*, Madrid, Siglo Veintiuno, 1982.
- TOPOLSKI, J., WRZOSEK, W., "Kinds of time in historical narratives.", *Sections Chronologiques 2. Organismes Affiliés. Commissions Internes. Tables Rondes*, vol.I, Madrid, Comité Int. Sciences Hist., 1990, pp.152-153.

- TOPOLSKI, Jerzy, "Conditions of truth of historical narratives.", *History and Theory*, 20, 1, 1981, pp.47-60.
- TOPOLSKI, Jerzy, "Storia sociale e storia generale: il problema della "spiegazione" n'ell'a attuale indirizzo della scienza storica.", *Questioni e Metodi della Storiografia Contemporanea*, Napoli, Guida, 1989, pp.9-24.
- TOPOLSKI, Jerzy, "The concept of theory in Historical research. Theory versus Myth.", *Hist. Historiographie*, 13, 1988, pp.67-79.
- TOPOLSKI, Jerzy, "Towards an Integrated model of Historical Explanation.", *History and Theory*, 30, 1, pp.324-338.
- TORRES, Félix, "L'Histoire revisitée.", in *Encyclopedia Universalis*, Paris, 1984, pp.538-545.
- TORSTENDAHL, Rolf, "Social History at the End of the 1980's with a side-glance at the development in Scandinavia and with a Mainly European Perspective.", *Hist. Historiographie*, 18, 1990, pp.29-42.
- TOURNIER, Maurice, "Spécificité politique et spécificité lexicale.", *Mots*, 2, 1981, pp.5-10.
- TREMBLAY, Florent, "Thesaurus bibliographiae graecae et latinae: an experiment in computerizing data with a scanner and storing them on CD-Rom's.", in *Revue, informatique et statistique dans les sciences humaines*, 1-4, 1991, pp.213-231.
- TRUCHET, J., "Pour un inventaire des problèmes posés par l'étude de la rhétorique au XVIIe siècle.", *XVIIe Siècle*, 80-1, 1968, pp.5-18.
- TRUYOL Y SERRA, Antonio, *História da Filosofia do Direito e do Estado*, Lisboa, NP, 1988.
- TUCK, Richard, "The modern theory of natural law." ,in *The Languages of Political Theory in Early-Modern Europe*, London, Cambridge Univer. Press, 1987, pp.99-122.
- TYVAERT, Michel, "L'image du roi: Légitimité et moralité royales dans les histoires de France au XVIIe siècle.", *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, XXI, 4, 1974, pp.521-547.
- USCATESCU , Jorge, "San Agustin y la Filosofia de la Historia.", *Cuadernos de Investigación Historica*, 8, Madrid, 1984, pp.261-276.
- VAISEY, David, MCKITTERICK, David, *The foundation of scholarship: libraries and collecting 1650-1750: papers presented at a Clark Library Seminar, 9 March 1985*, Los Angeles, William Andrews Clark Memorial Library, 1992.
- VALBUENA PRAT, Ángel, *Historia de la Literatura Española*, vol.2, Barcelona, Gustavo Gili, 1974.
- VALENSI, Lucette, "Le sens du passé.", *Annales ESC*, 2, Mars- Avril, 1986, pp.411-431.
- VALENSISE, Marina, "Le sacre du roi: stratégie symbolique et doctrine politique de la monarchie française.", *Annales ESC*, 3, Mai-Juin, 1986, pp.543-577.

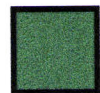
- VAN HALTEREN, Hans, "Efficient storage of ambiguous structures in textual databases.", in *Literary and Linguistic Computing*, vol.6, 4, 1991, pp.233-242.
- VAQUERO, Quintin Aldea, (org.), *España y Europa en el Siglo XVII*, vol.1, Madrid, C.S.I.C., 1986.
- VARELA, Francisco J., *Connaitre les Sciences Cognitives. Tendances et Perspectives*, Paris, Seuil, 1989.
- VAREY, John E., *Cosmovisión y Escenografía: El Teatro Español en el Siglo de Oro*, Madrid, Castalia, 1987.
- VAREY, John E., SHERGOLD, N. D., "La decadencia de los corrales y el florecimiento de la corte: la vida teatral a través de los documentos (1651-1665)." *Historia y Critica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.283-290.
- VEGA GONZALEZ, Jesusa, *La Imprenta en Toledo. Estampas del Renacimiento*, Madrid, Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos, 1983.
- VELLÓN LAHOZ, Javier, "Teoría y práctica de la comedia barroca Apuntes de una disonancia.", *Revista Literatura*, 100, L, 1988, pp.509-520.
- VENTURINO, Diego, "L'Ideologia nobiliare nella Francia di antico regime. Note sul dibattito storiografico recente.", *Studi Storici*, 1, 1988, pp.61-101.
- VERMEYLEN, Alphonse, "Le baroque littéraire hispanique.", in *Questionnement du Baroque*, Paris, Vrin, 1986, pp.154-160.
- VIALA, Alain, *Naissance de L'ecrivain*, Paris, Minuit, 1985.
- VIERA, David J., "El llanto de la infanta Isabel, primogenita de los reyes catolicos, por la muerte de Don Alfonso de Portugal en la literatura peninsular", *Archivo Ibero Americano*, 139, 1975, pp.405-410.
- VIGNE, Eric, "L'intrigue mode d'emploi.", *Esprit*, 7-8, 1988, pp.251-267.
- VIGUERIE, Jean de, "Le roi et le "public". L'exemple de Louis XV.", *Revue Historique*, 563, 1987, pp.23-34.
- VILANOVA, Antonio, "Preceptistas del siglo XVI.", in *Historia General de las Literaturas Hispanicas*, vol.3, Barcelona, Barna, 1953, pp.567-613.
- VILANOVA, Antonio, "Preceptistas del siglo XVII." ,in *Historia General de las Literaturas Hispanicas*, vol.3, Barcelona, Barna, 1953, pp.615-692.
- VILAR, Pierre, "Recuerdos y Reflexiones sobre el oficio de historiador", in *Manuscrits, Revista d'Historia Moderna*, 7, 1988, pp.7-33.
- VILLARI, Rosario, "Appunti sul Seicento.", *Studi Storici*, 4, 1982, pp.739-751.
- VILLARI, Rosario, "Rivolte e coscienza rivoluzionaria nel secolo XVII.", *Studi Storici*, 2, 1971, pp.235-264.
- VIÑAZA, Conde de la, *Los Cronistas de Aragon*, Zaragoza, 1986.
- VINCENT, Bernard, "L'histoire moderne.", *Theoretische Geschiedenis. Historiografie in Spanje*, 3, 15, 1988, pp.319-328.

- VITANOVIC, S., "La place de la mythologie dans la poésie de Boileau." ,in *La Mythologie au XVIIe Siècle*, Marseille, C.M.R., 1982, pp.25-32.
- VITSE, Marc, "Le théâtre Espagnol du XVIIe siècle: quelques repères bibliographiques.", in *XVIIe Siècle*, 160, 3, Julho-Setembro, 1988, pp.317-321.
- VITSE, Marc, *Elements pour une Theorie du Théâtre Espagnol du XVIIe siècle*, Toulouse, Univ. Toulouse, 1988.
- VITSE, Marc, SERRALTA, Frederic, "El teatro en el siglo XVII." ,in *Historia del Teatro en España*, vol. 1, Madrid, Taurus, 1983, pp.473-687.
- VONES, Ludwig, "Historiographie et politique: l'historiographie castillane aux abords du XVe siècle." ,in *L'Historiographie Médiévale en Europe*, Paris, C.N.R.S., 1991, pp.177-188.
- VOSS, Jurgen, "Le Problème du Moyen Age dans la pensée historique en France (XVIe-XIXe siècle).", *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, XXIV, Juillet-Septembre, 1977, pp.321-340.
- WALCH, Jean, *Historiographie Structurale*, Paris, Masson, 1990.
- WALSH, W. H., "Truth and fact in History Reconsidered.", *History and Theory*, 16, 4, Beiheft 16, 1977, pp.53-71.
- WARDROPPER, Bruce W., "Temas y problemas del Barroco Español." ,in *Historia y Critica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.5-48.
- WARDROPPER, Bruce W., PRAT, Ángel Valbuena, "De el burlador de Sevilla al mito de Don Juan." ,in *Historia y Critica de la Literatura Española*, 3 vol., Barcelona, Critica, 1980, pp.875-883.
- WEIL, Françoise, "L'anonymat (imprimés et manuscrits) au XVIIIe siècle", in *Revue des Sciences Humaines*, 1995, 2, n° 238, pp.149-157.
- WEIL, Françoise, "Le dileme de l'histoire.", in *L'Histoire au Dix-Huitieme siecle*,
- WEINRICH, Harald, "Los tiempos y las personas.", *Dispositio*, 7-8, III, pp.21-38.
- WERNER, Karl Ferdinand, "Les "structures" de l'histoire à l'age du christianisme.", *Storia della Storiografia*, 10, 1986, pp.36-47.
- WERUAGA PRIETO, Ángel, *Libros y lectura en Salamanca: Del Barroco a la Ilustración (1650-1725)*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 1993.
- WHELAN, Ruth, "Un travail d'Hercule: Critique et histoire chez Gabriel Naudé (1600-1650)." in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.59-71.
- WHITE, Hayden v., "Historicism, History, and the figurative imagination.", *History and Theory*, 14, 4, Beiheft 14, 1975, pp.48-67.
- WHITE, Hayden, "The historical text as literary artifact.", *The Writing of History. Literary Form and Historical Understanding*, London, U. Wisconsin Press, 1978, pp.41-62.

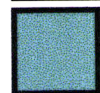


Exórdio

1. Causa Final

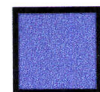


1.1 Condições prévias ao tema

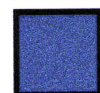


1.2 Causa final concretizada com o leitor

2. Causa Eficiente



2.1 Autor

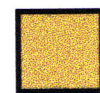


2.2 Modelos

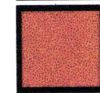


2.3 Leitor

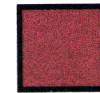
3. Causa Formal



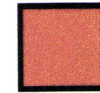
3.1 Definição do tema



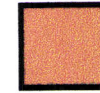
3.1.1 Critério de Verdade



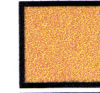
3.2 Invenção histórica (que integra a matéria)



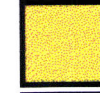
3.3 Disposição



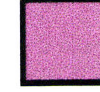
3.3.1 Relato histórico



3.4 Elocução



3.5 Pronúnciação/Impressão



Causa material



Fig. I - Matriz conceptual que estrutura os tratados e elementos que a integram.

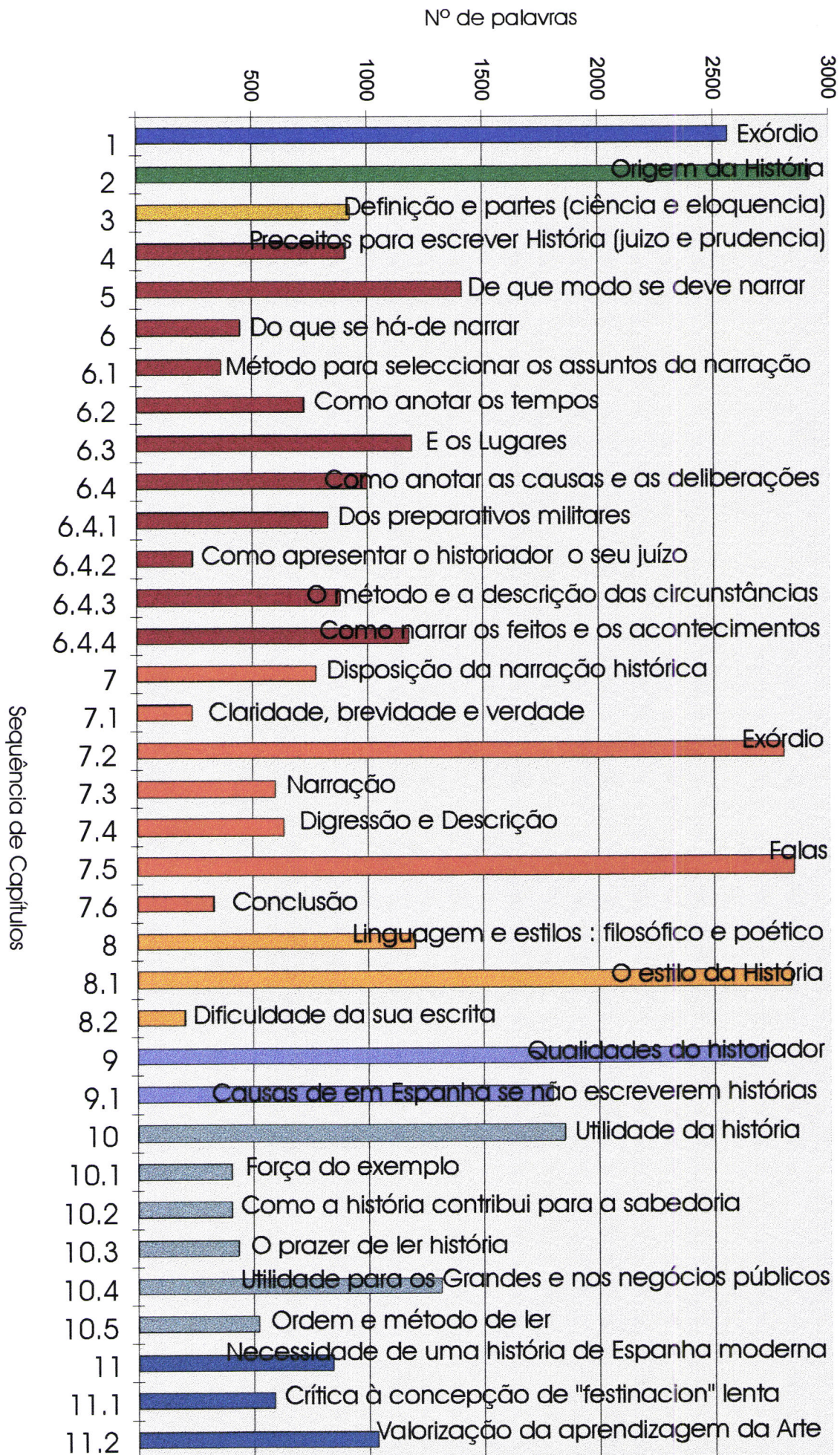
Decidiu-se representar graficamente os tratados de história em análise porque a visualização das obras segundo a ordem sequencial dos capítulos e sua relação quantitativa permite uma mais fácil apreensão da sua estrutura - cada barra corresponde a um capítulo, com o respectivo número de palavras e com a indicação, na íntegra ou sintetizada, do título que lhe atribuiu o autor. Apenas no caso de *De Institutione*, de Morcillo, obra de texto contínuo, em latim, se elaborou o gráfico a partir da tradução previamente feita, tendo-se posteriormente dividido o texto em seqüências, a que também se atribuíram títulos - o tratado, traduzido e subdividido, está em apêndice final, de modo a poder ser avaliada a correção do trabalho.

Desta formulação resultou evidente que todas as obras se fundam nas quatro causas aristotélicas, quase sempre ordenadas segundo o mesmo esquema.

Por ter uma dupla funcionalidade, a causa final foi perspectivada em dois planos: o das condições prévias, em que o tema se integra, e o dos objectivos da História, concretizados com a adesão que as narrativas históricas despertam nos leitores.

A causa eficiente foi considerada nas perspectivas do autor, do leitor e dos modelos (neste particular a representação gráfica (2.2) deve ser completada com a das citações de outros escritores que cada autor explicitamente refere ter introduzido no tratado, e a tabela com a enumeração das autoridades nomeadas na obra).

A forma como nos tratados os elementos materiais são apresentados e conceptualizados fez com que fossem autonomizados em causa material - quando da sua inventariação resulta o conhecimento histórico, que posteriormente será desenvolvido como prova argumentativa e exemplo (prova não-técnica) - ou integrados na causa formal (invenção histórica) - quando a matéria surge formalizada desde a selecção do tema, sendo a partir de condições e processos objectivos a que os sucessos foram sujeitos que se definem as regras de disposição e de elocução, deixando por isso de ser entendida exclusivamente como exemplo de reforço argumentativo.



De Institutione, de Morcillo

Fig. II - Representação de *De Institutione*, de S. Fox Morcillo, segundo a ordem sequencial de capítulos<sup>(1)</sup>.

A observação comparativa dos tratados revela não apenas uma comum matriz retórica no ensino da escrita da história, como mostra quanto essa concepção de escrita e de reprodução do saber surge enquadrada nas quatro causas aristotélicas - visível numa como que divisão dos tratados em duas partes.

Há assim uma comum concepção de obra, e da sua criação, que estes textos pretendem ensinar a reproduzir, a qual adquiriu exigência de necessidade com a integração da disciplina (que pretendem criar e ensinar a legitimar) na ordem da natureza<sup>2</sup> (com base numa antiguidade que, ligando história à poesia, a associa à harmonia das musas). É essa quase perenidade que autoriza o historiador a ser arquitecto do social, que explicita ou aperfeiçoa a ordem do cosmos, integrado na continuidade dos modelos de que emerge. Sublinhe-se que o exórdio se resolve com a referência aos Modelos na conclusão da obra, funcionando como a autoridade que, pelo processo de imitação, dissolve o *Eu* do autor e do leitor em um *Nós*. Estas autoridades, que estão na gênese da obra, e a integram (através das citações, de inúmeras referências, e paráfrases não identificadas), fundam conhecimentos, mas sobretudo normas de conduta.

Morcillo, ao contrário dos outros tratadistas estudados, completa a causa final no leitor (não autonomizando por isso a doutrina sobre leitor e finalidade da história - sequência 10 da obra), que surge como elemento integrante dessa causa<sup>3</sup>. Com efeito, a causa final - cuja concretização se iniciou com a actividade explicitada nas primeiras sequências da obra, correspondentes à invenção histórica -, é apresentada

---

<sup>1</sup> O número à esquerda do ponto indica o capítulo e o à direita o subcapítulo.

<sup>2</sup>A antiguidade, nobreza e valor da história são comprovados pelas inúmeras citações e referências de outras autoridades, a que todos os autores recorrem nestes capítulos, conforme se pode ver nos gráficos e tabelas anexos.

<sup>3</sup>Aliás, por o valor de uma criação estar no que desperta no leitor, o elogio da obra, feito habitualmente no exórdio, através do recurso ao tópico da humildade e modéstia, e pela boca do aprovador, ou de algum amigo a quem o texto foi oferecido é, no caso de *De Institutione*, de Morcillo, expresso por uma das personagens do diálogo, como que em conclusão. Se o exercício amplia a arte, só com ele concluído se poderá avaliar da respectiva qualidade, sendo o melhor encómio o do seu reconhecimento pelo recém convencido adversário.

como um objectivo, último, que exige a articulação entre autor, obra e leitor. Por isso só em *De Institutione* é apresentada doutrina sobre a actividade dos leitores, sendo, como se disse, nessas sequências que simultaneamente surge reflexão sobre a finalidade da História. Esta importância do juízo e do sujeito no processo de conhecimento reforça-se pelo papel que o historiador, "legislador douto na ciência dos costumes", desempenha na inteligibilidade dos sucessos (sequências correspondentes à invenção histórica, com a defesa da subordinação da ordem dos sucessos ao seu entendimento, que exige o domínio de inúmeras ciências). No entanto, a história nunca deixa de ser concebida como narração, ou escrita objectiva, neutra, ou com menos recursos a uma artificialidade de composição e de expressão<sup>4</sup> - aos exercícios narrativos que compõem a disposição correspondem exactamente os mesmos 21% de obra que integram a invenção, sendo sobretudo desenvolvidos aqueles que são caracterizados por maior juízo e subjectividade: o exórdio e a fala (exercício que em Morcillo integra as sentenças e a tese).

Finalmente à elocução corresponde a doutrina com menos originalidade, e talvez por isso menos desenvolvida, sintetizada numa enumeração de regras e preceitos que funcionam também como conclusão dos enunciados referente à causa formal - os 11% da obra correspondentes às normas da elocução são conseguidos pelo recurso a uma digressão, em que através do diálogo entre as personagens (ver representação gráfica com a estrutura dialogal da obra) o autor vai apresentando os princípios de expressão ciceronianos sintetizados em *Ad Herenium*.

---

<sup>4</sup>"Do mesmo modo se diz que os primeiros historiadores dos Gregos foram Ferecides, Helânico, Acasilau, e dos Latinos aqueles mesmos de que já falei antes, Catão, Fábio, Pisão, Sisena e - mais antigos do que eles - os Pontífices Máximos. Estes, do mesmo modo que os sacerdotes entre os Egípcios e os Babilónios, escreviam os acontecimentos de cada ano, mas sem graça nem algum ornamento oratório; e esses, porque estavam organizados por anos, chamaram-se *anais*.", Morcillo, *De Institutione*, p.6

Fig. III - Representação de *De Institutione*, de S. Fox Morcillo, *Da Historia*, de Cabrera e *Genio de la Historia B*, de Jerónimo de S. José, com indicação das citações de outros autores, segundo a ordem sequencial de capítulos<sup>(1)</sup>.

A observação comparativa dos tratados revela igualmente como a nomeação de outros autores e a sua incorporação no corpo da obra, implícita ou explícita, com transcrição, ou não, de excertos dos seus textos, corresponde a uma regra do *fazer*, podendo esse conjunto de referências ser entendido simultaneamente como *causa eficiente* (2.2. modelos) e a parte mais significativa da *memória retórica*.

Assim, da maior relevância para a compreensão tanto da forma de construção de argumentos e do processo de concepção da obra, nomeadamente do sentido de imitação e dos referentes, estéticos e doutrinários, que a norteiam<sup>2</sup>, como dos temas que exigem competência acrescida, necessitando o *eu* de se afirmar integrado num *nós*, ou mesmo pela boca de outros autores, os gráficos nº III, VI e IX<sup>3</sup>, completados com os nº IV<sup>4</sup>, VII<sup>5</sup> e X<sup>6</sup>, e a tabela com os autores nomeados em *Genio de la Historia B*, *Da Historia* e *Institutione*, sem transcrição dos seus textos<sup>7</sup>, organizada também segundo as distintas partes da obra, se não permitem uma conclusão definitiva sobre os autores incorporados e transcritos no corpo do texto, como se verá a propósito da comparação de *Genio de la Historia A* e *Genio de la Historia* ( processo sintetizado na figura nº68 e respectivos quadros<sup>8</sup>), ajudam a definir, pela rede de semelhanças,

<sup>1</sup> O número à esquerda do ponto indica o capítulo e o à direita o subcapítulo.

<sup>2</sup>Por exemplo, Morcillo, enuncia a doutrina sobre as *Falas* recorrendo quase exclusivamente a um extensíssimo discurso de Catão (seq.7.5).

<sup>3</sup>A escala é diferente em cada gráfico por a sua unificação significar a não visualização de várias citações.

<sup>4</sup>A leitura deste gráfico deve ser complementada pela tabela integrada em Anexo II (2.3.1.), com a discriminação dos autores das citações, e indicação do número de palavras por citação e capítulo.

<sup>5</sup>A leitura deste gráfico deve ser complementada pela tabela integrada em Anexo II (2.2.2.), com a discriminação dos autores das citações, e indicação do número de palavras por citação e capítulo.

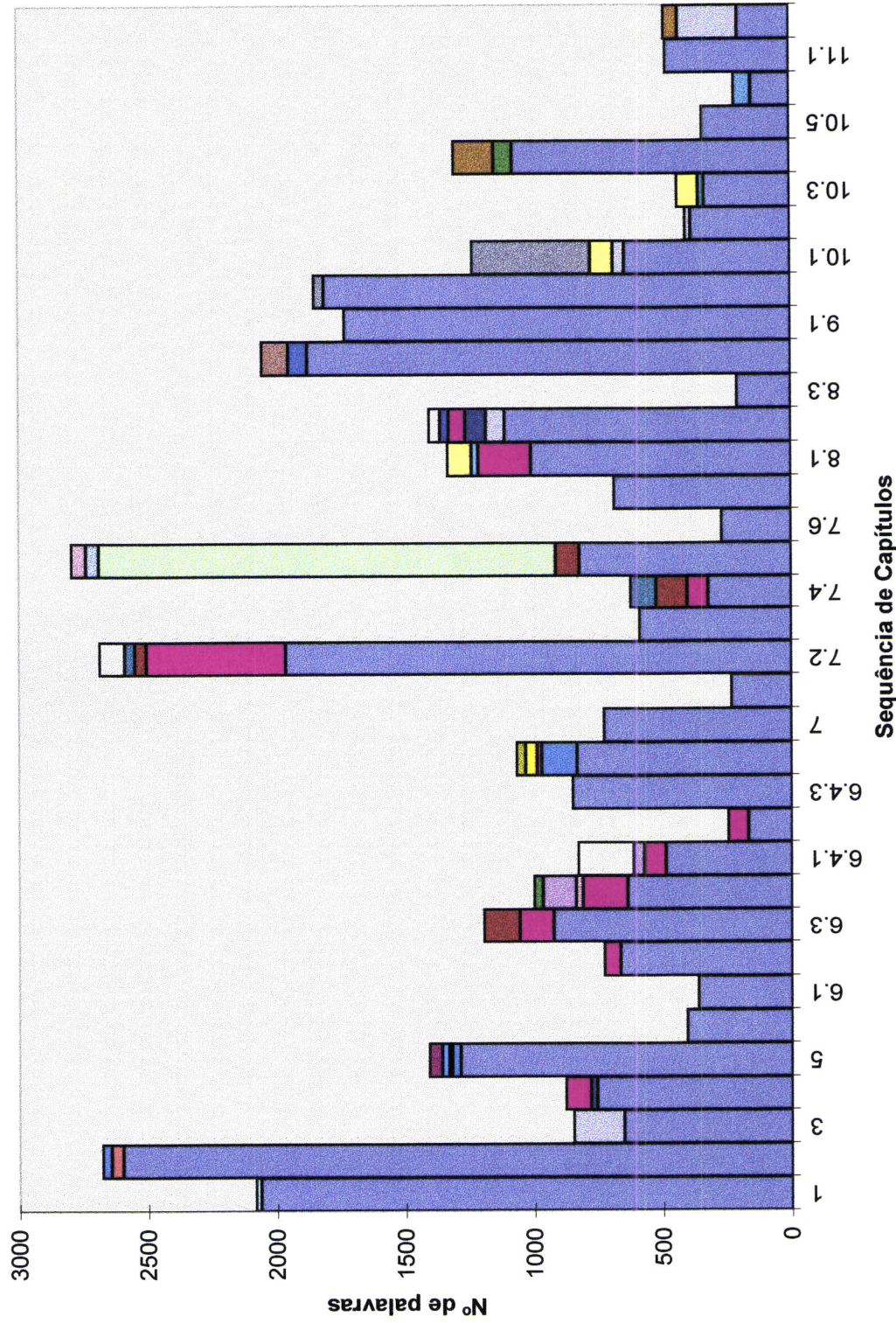
<sup>6</sup>A leitura deste gráfico deve ser complementada pela tabela integrada em Anexo II (2.1.8.), com a discriminação dos autores das citações, e indicação do número de palavras por citação e capítulo.

<sup>7</sup>Cfr.Tabela 2.4. igualmente integrada em Anexo II.

<sup>8</sup>Gráfico e quadro entre as páginas 380 e 381.

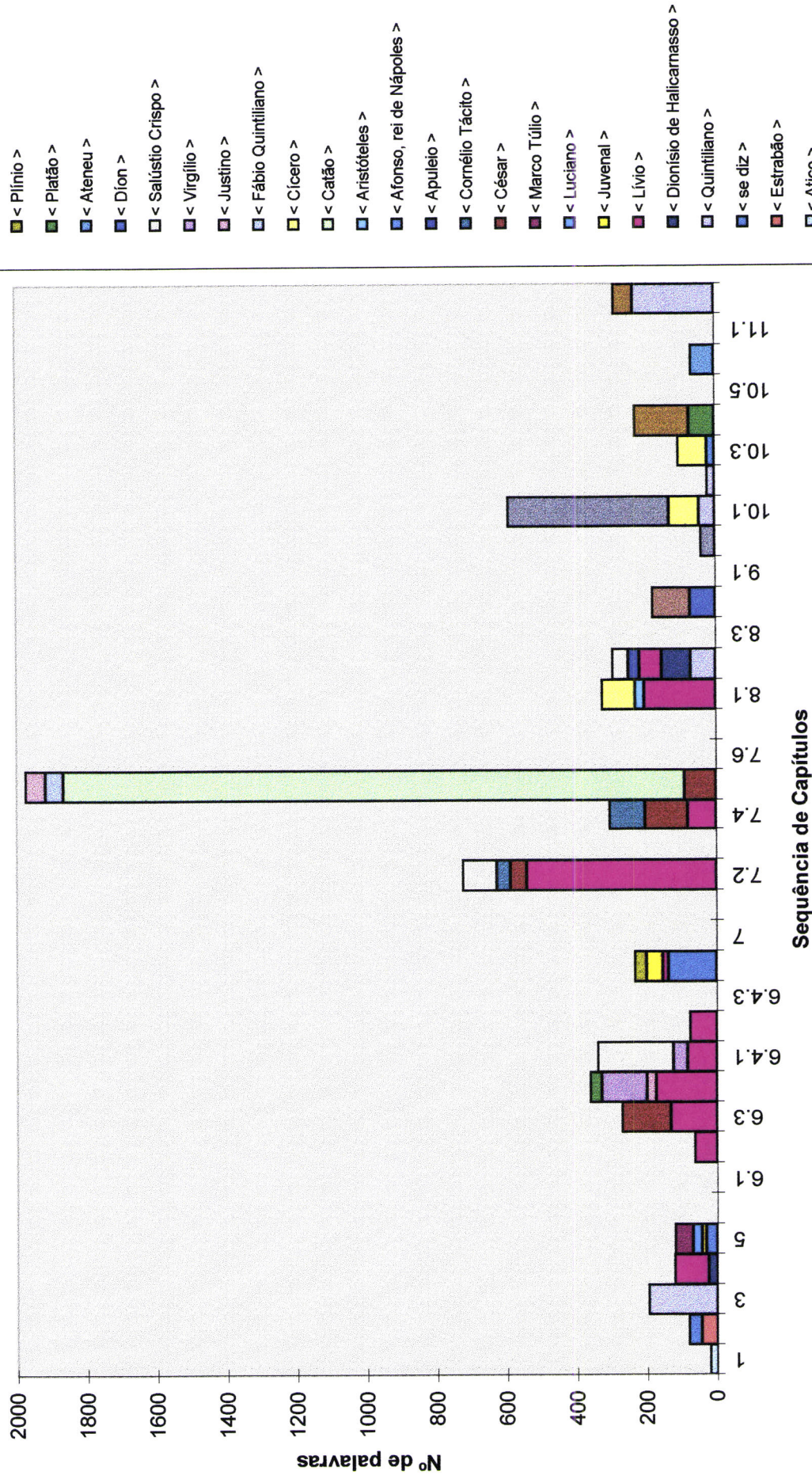
analogias e idêntidades que se podem estabelecer entre as distintas autoridades, em ponderação com o respectivo número de citações e referências, e a sequência do capítulo em que surge, as linhas fundamentais que orientaram a construção do texto, e os *topoi* de determinado tipo de discursos e épocas.

# De Institutione, de Morcillo, com indicação de citações



- < Sinésio >
- < Marco Túlio e Plutarco >
- < Horácio >
- < Plínio >
- < Platão >
- < Ateneu >
- < Díon >
- < Salústio Crispo >
- < Virgílio >
- < Justino >
- < Fábio Quintiliano >
- < Cícero >
- < Catão >
- < Aristóteles >
- < Afonso, rei de Nápoles >
- < Apuleio >
- < Cornélio Tácito >
- < César >
- < Marco Túlio >
- < Luciano >
- < Juvenal >
- < Lívio >
- < Dionísio de Halicarnasso >
- < Quintiliano >
- < se diz >
- < Estrabão >
- < Atico >
- Texto sem indicação de transcrição

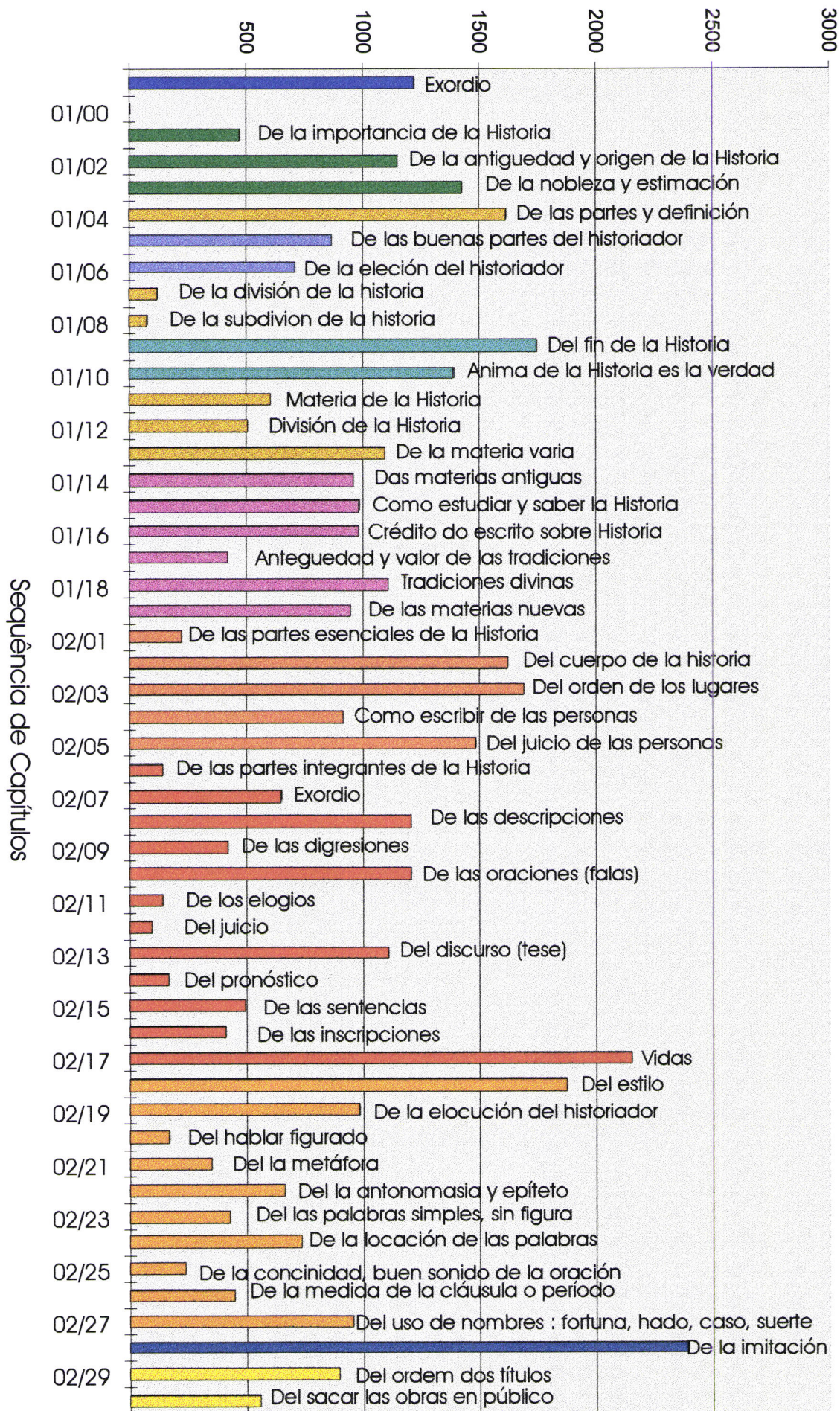
## Discriminação de citações em De Institutione, de Morcillo



- < Sinésio >
- < Marco Túlio e Plutarco >
- < Horácio >
- < Plínio >
- < Platão >
- < Ateneu >
- < Dion >
- < Salústio Crispo >
- < Virgílio >
- < Justino >
- < Fábio Quintiliano >
- < Cícero >
- < Catão >
- < Aristóteles >
- < Afonso, rei de Nápoles >
- < Apuleio >
- < Cornélio Tácito >
- < César >
- < Marco Túlio >
- < Luciano >
- < Juvenal >
- < Lívio >
- < Dionísio de Halicarnasso >
- < Quintiliano >
- < se diz >
- < Estrabão >
- < Atico >



# Nº de palabras



DA HISTORIA, de Cabrera

Fig. V - Representação de *Da Historia*, de L. Cabrera de Cordoba, segundo a ordem sequencial de capítulos<sup>(1)</sup>.

Cabrera divide *Da Historia* em dois livros (a que não dá título), tornando-se no entanto óbvia a sua organização: no primeiro, ao longo de 20 capítulos, desenvolve os aspectos relacionados com as causas final, eficiente e material; tratando no segundo, mais extenso, dos temas relacionados com a causa formal (disposição e elocução), analisando com particular desenvolvimento o relato, que não só surge diferenciado dos outros exercícios narrativos, como explicitado ao longo de 5 capítulos (1 a 5), sendo a personagem (cap.3 e 4) o eixo dinamizador e explicativo da narrativa - concretizada no exercício Vidas (cap.17), tendo como modelo o *Heroi* retratado por Aristóteles<sup>2</sup>.

A sua arte corresponde ao ensino de uma história objectivada, concretizável a partir de um conjunto de regras: este tratado é o que melhor sistematiza as diversas fontes; o que de forma exhaustiva trata dos diferentes exercícios (aproximando-se da doutrina enunciada por Teon e, em Espanha, publicada 20 anos antes em *De Conscribenda Rerum Historia, libri duo*, por Juan Costa), como, também à semelhança do cronista aragonês, enumera os principais aspectos relacionados com a elocução, ensinando quer o bom uso das palavras, quer a sua ordem natural e correcta organização da frase, quer ainda os processos de artificialmente aumentar o sentido das palavras, dos tropos, etc.

Com esta padronização de regras parece tornar-se desnecessária a causa eficiente. Não apenas por os leitores não surgirem integrados na obra, mas por a doutrina sobre o autor (apenas com 4% de tratamento) ser apresentada como caracterizando um político que, tendo já adquirido prudência, só necessita de ser conhecedor dos vários tipos de matérias e respectivas autoridades, das regras da narração e de expressão, para produzir obra exemplar.

---

<sup>1</sup>O algarismo à esquerda da virgula indica a parte e o à sua direita o capítulo.

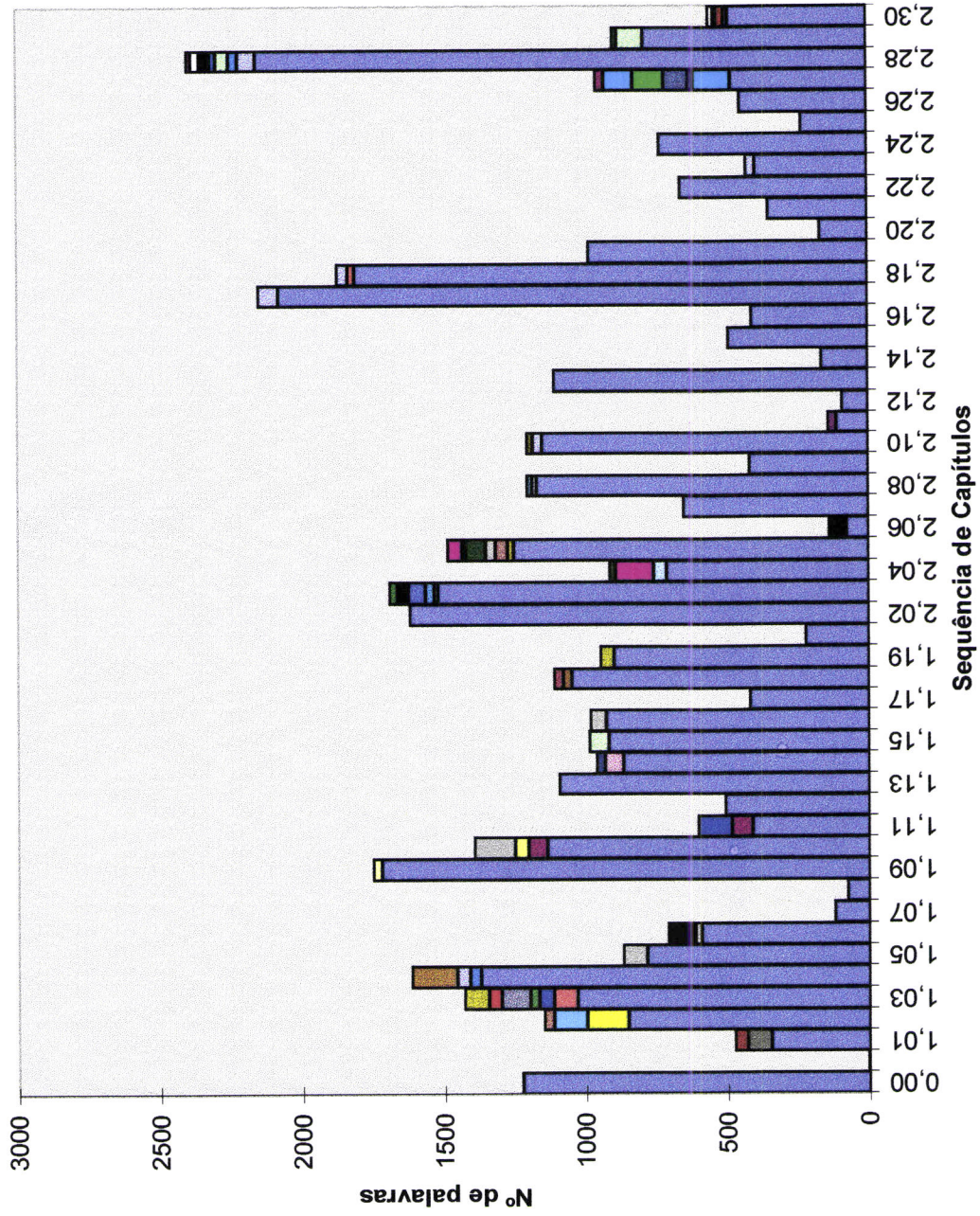
<sup>2</sup>Esquema reproduzido por Fuentes y Gúzman em *Preceptos*, como se pode ver pela organização do tratado. Com efeito, é uma perífrase do texto de Cabrera, já uma adaptação para castelhano do de Juan Costa. Fuentes y Gúzman apenas omite o capítulo referente a matérias religiosas (1ª parte, cap. XVII e XVIII), passando para o final do texto as matérias correspondentes à função do historiador e à finalidade da história - o retrato do rei -, evidenciando assim o objectivo da escrita dos preceitos: a sua nomeação como cronista das Índias, de modo a poder continuar a escrita da História de Guatemala. Tendo o Monarca pedido parecer, em 1691, a Pedro Fernandez del Pulgar, cronista das Índias, sobre a qualidade da referida história.

## PRECEPTOS HISTORIALES QUE OBSERVA, ESCRIBE Y MUESTRA EL CAPITAN

### FRANCISCO FUENTES Y GUZMÁN

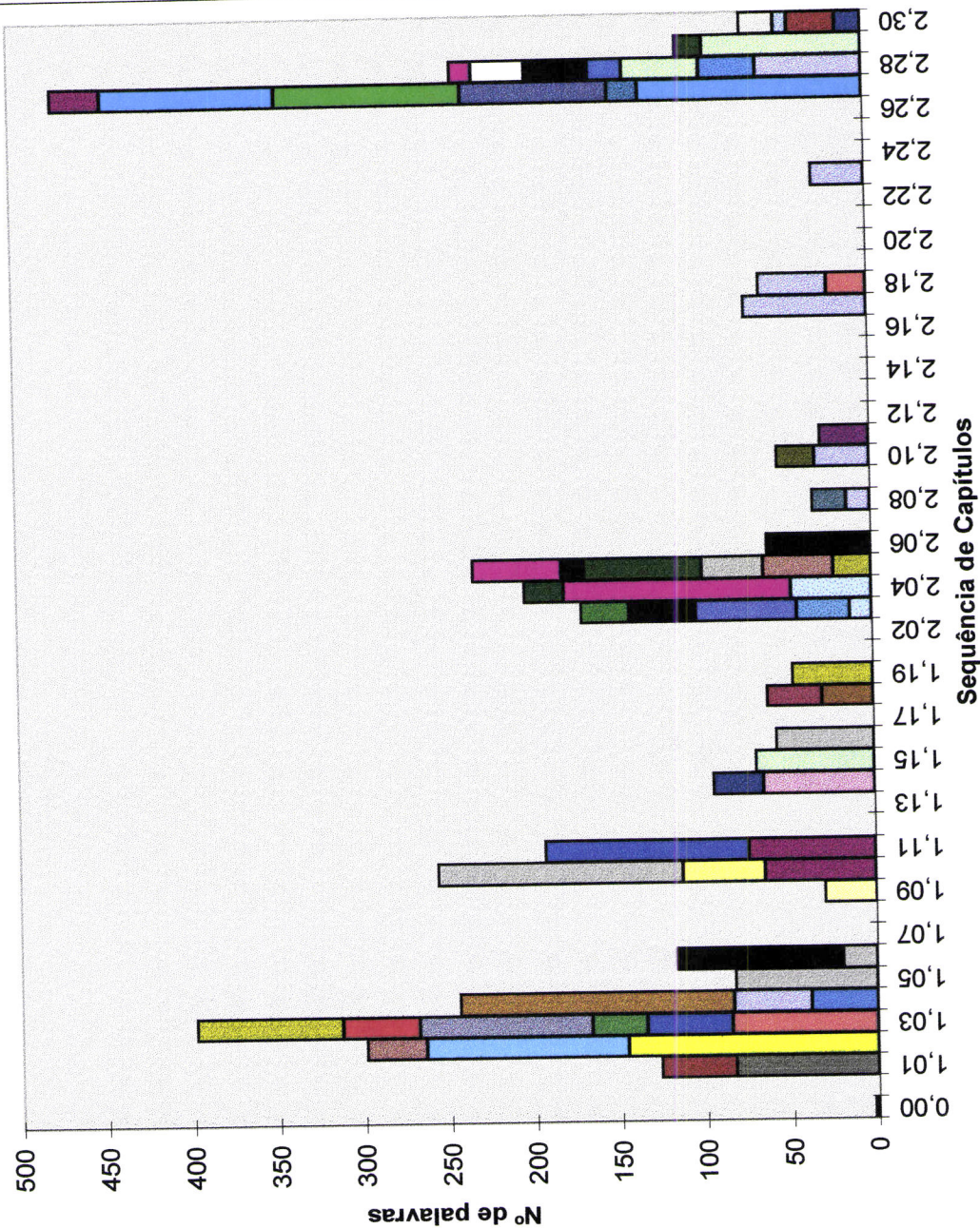
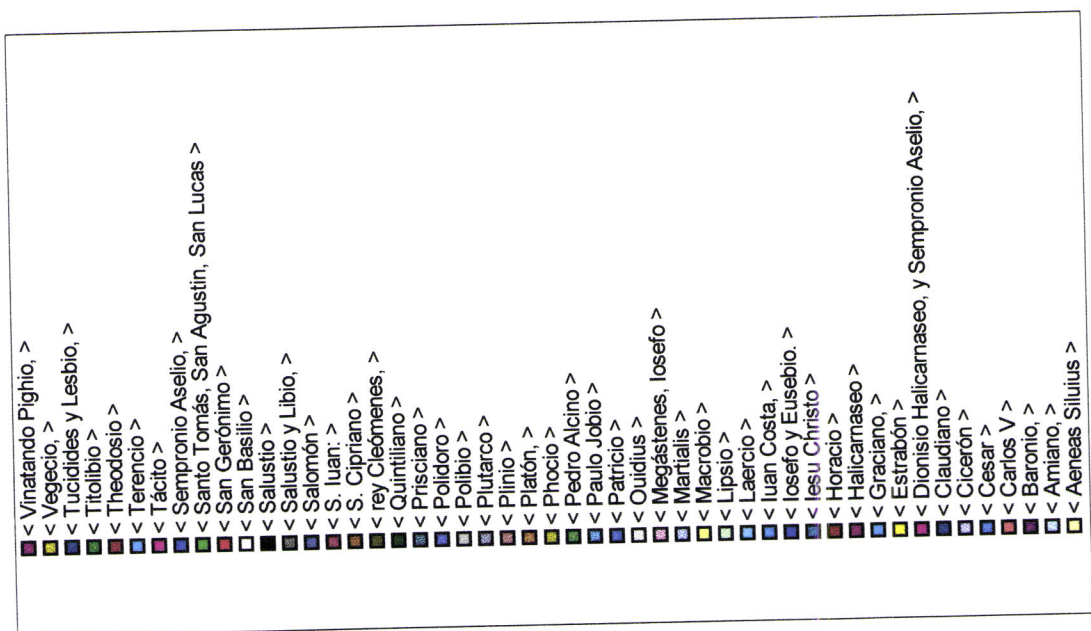
1. - Elogios prohemiales a la historia.
  - Dignidad y provechos de ella.
  - De la grande utilidad de la Historia.
  - Origen preciosa y venerable antigüedad de la historia.
  - Partes definibles de la historia.
2. - Etimología.
  - División.
  - Subdivisión.
  - Objeto.
  - Fin.
  - Ánima.
  - Materia.
  - División de materia.
  - Cuerpo.
3. - De las partes potenciales de la historia.
  - Orden.
  - Las personas.
  - Juicio de las Personas.
  - De las partes integrantes de la historia.
4. - Exhordio.
  - Descripción.
  - Digresión.
  - Oraciones.
  - Encomios.
  - Juicio.
  - Discurso.
4. - Exhordio.
  - Pronóstico.
  - Sentencias.
  - Inscripciones.
5. - Del estilo y elegancia de que debe usar el cronista.
  - Elocución del estilo historial.
  - Oración figurada.
  - Composición metafórica.
  - Composición antonomástica y de epíteto.
  - Composición de palabras simples, sin figura.
  - Locación de palabras.
  - Concinidad y consonancia sonora de la oración.
  - Mensura de cláusula o período.
  - Imitación y ejemplar de autores.
  - Orden de distribuir lo que se escribe y de el titular las obras.
6. - Estilo y orden que se ha de guardar en escribir las vidas de los reyes y de los varones ilustres.
  - De como, de estos nombres fortuna, hado, destino y suerte, debe el historiador usar, y no de otros .
  - Cuan propio sea de los hombres y personas ilustres el escribir historias.

# Da Historia, de Cabrera, com indicação de citações

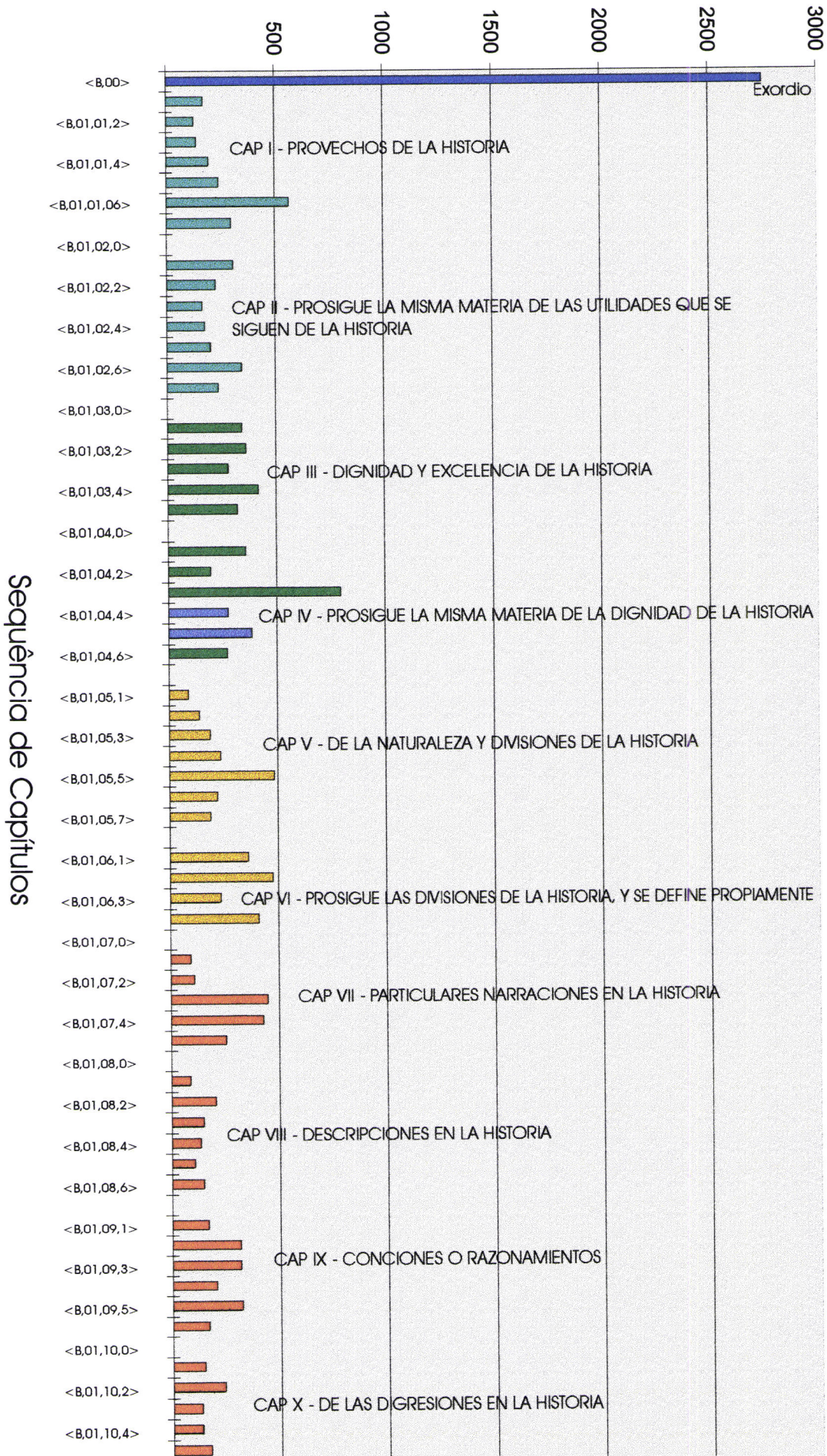


- < Vinatando Pighio, >
- < Vegecio, >
- < Tucídides y Lesbio, >
- < Titolbio >
- < Theodosio >
- < Terencio >
- < Tácito >
- < Sempronio Aselio, >
- < Santo Tomás, San Agustín, San Lucas >
- < San Gerónimo >
- < San Basilio >
- < Salustio >
- < Salustio y Libro, >
- < Salomón >
- < S. Juan, >
- < S. Cipriano >
- < rey Cleómenes, >
- < Quintiliano >
- < Prisciano >
- < Polidoro >
- < Polibio >
- < Plutarco >
- < Plinio >
- < Platón, >
- < Phocio >
- < Pedro Alcino >
- < Paulo Jobio >
- < Patricio >
- < Ouidius >
- < Megástenes, Iosefo >
- < Martialis >
- < Macrobio >
- < Lipsio >
- < Laercio >
- < Iuan Costa, >
- < Iosefo y Eusebio, >
- < Iesu Christo >
- < Horacio >
- < Halicarnaseo >
- < Graciano, >
- < Estrabón >
- < Dionisio Halicarnaseo, y Sempronio Aselio, >
- < Claudioiano >
- < Cicerón >
- < Cesar >
- < Carlos V >
- < Baronio, >
- < Amiano, >
- < Aeneas Silius >
- < Texto sem indicação de transcrição

# Discriminação de citações em Da Historia, de Cabrera



# Nº de palabras

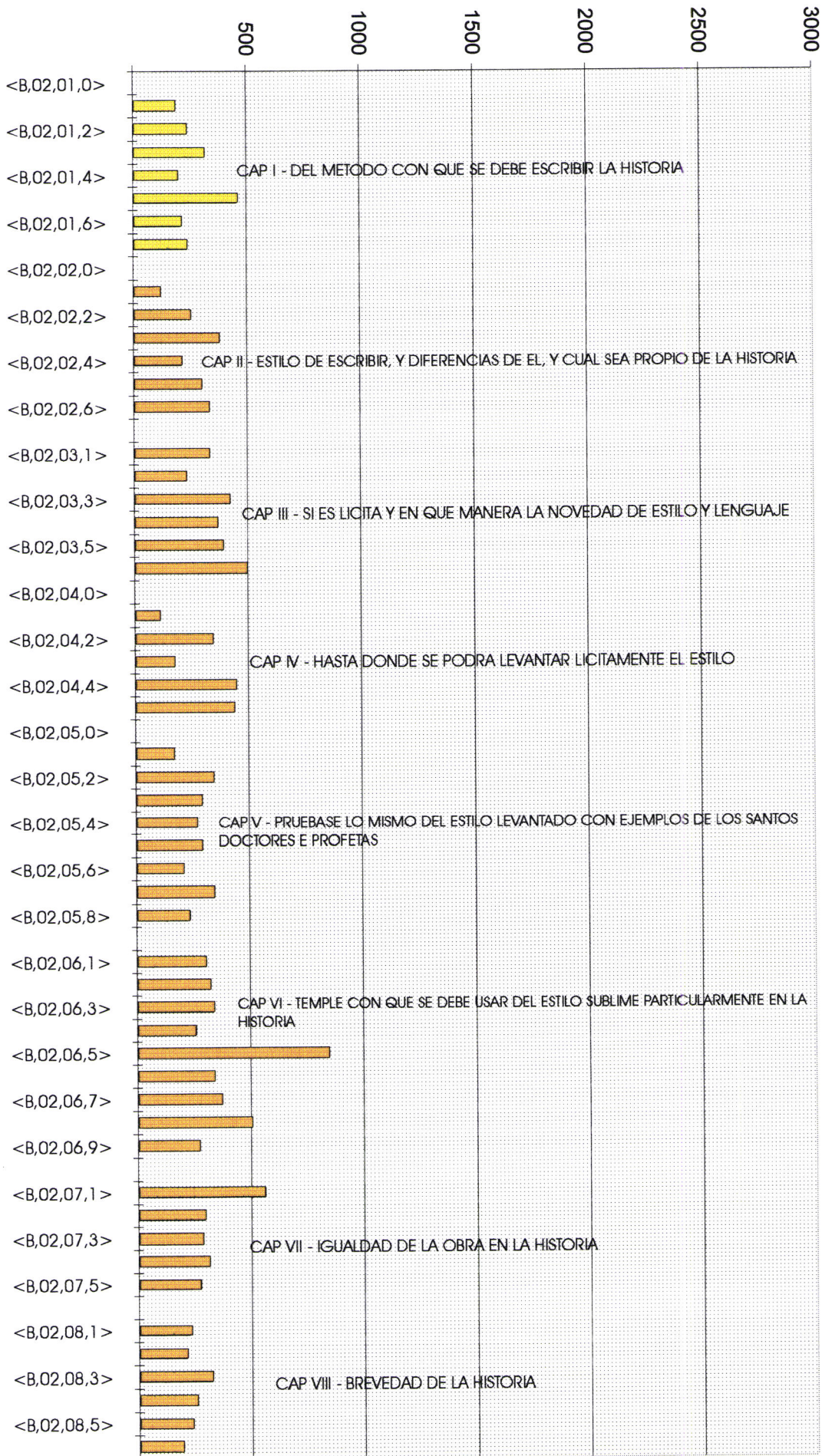


Genio B, de S. José  
Parte I

# Nº de palavras

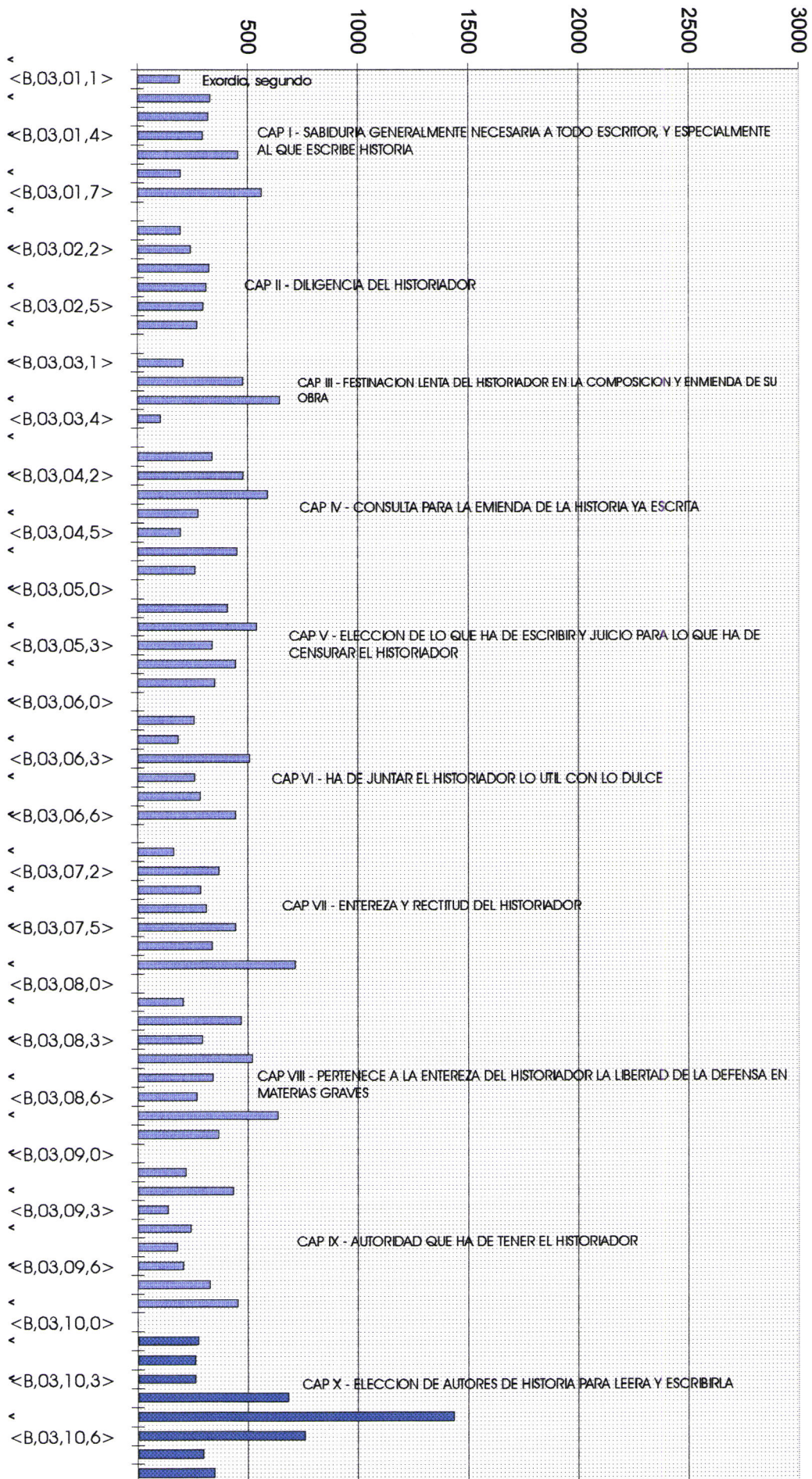
Sequência de Capítulos

Genio B, de S. José  
Parte II



# Nº de palavras

## Sequência de Capítulos



Genio B, de S. José  
Parte III



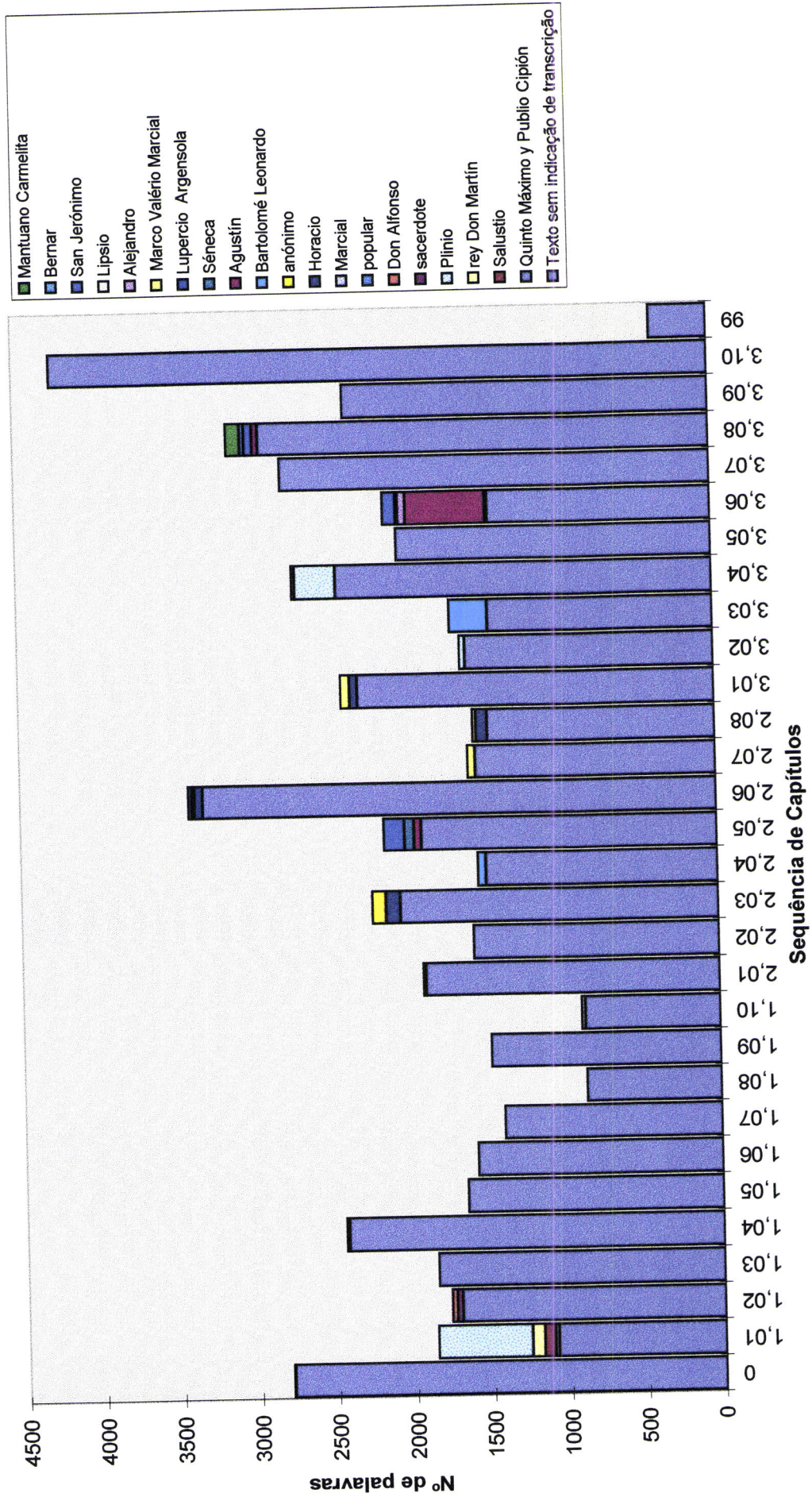
Fig. VIII - Representação de *Genio de la Historia B*, de Jerónimo de S. José, segundo a ordem sequencial de capítulos<sup>(1)</sup>.

*Genio de la Historia* é a obra que mais difusamente, ao longo de cerca de 150 subcapítulos, e recorrendo a múltiplos exemplos, que servem de argumentação e de prova, vai desenvolvendo doutrina sobre a escrita da história, correspondente a atributos genéricos, aplicáveis a qualquer narração integrável no género demonstrativo. E, na conceptualização apresentada, a História não surge diferenciada de outro tipo de narração apenas pelos conteúdos, mas pela própria organização da obra. De estrutura elementar, característica de exercício de aprendizagem, a sequência de capítulos vai, em forma binária, desenvolvendo: causa final, concretizada na dignidade da história no tempo presente, do autor e do leitor, e legitimada pela sua necessidade, valor e qualidade dos autores; causa formal, com definição, apresentação do corpo narrativo (pouco desenvolvido) e extensa argumentação sobre a defesa do estilo sublime também na história (correspondente a toda a segunda parte do tratado); concluindo finalmente com outro longo discurso sobre a causa eficiente, em que, ao longo de 59 subcapítulos, são elogiadas as virtudes e os atributos necessários ao historiador (não havendo referência, no entanto, nem aos diferentes tipos de sucesso, nem ao trabalho específico do historiador na elaboração da narrativa, por o tema ser dado por superior autorizado, e radicando a verdade do dito no bom uso de testemunhos aprovados). Depois de discorrer sobre a necessidade do reconhecimento de autoridade no escritor, termina com a referência aos Modelos, correspondendo o subcapítulo respeitante aos historiadores eclesiásticos (3,10,5) ao dobro da extensão dada ao dos historiadores do divino (3,10,4) ou da história profana (3,10,6) - o que evidencia não apenas a função das histórias que pretende reproduzir, ensinando a escrevê-las, como explicita o sentido da sua conceptualização: palavra como exemplo.

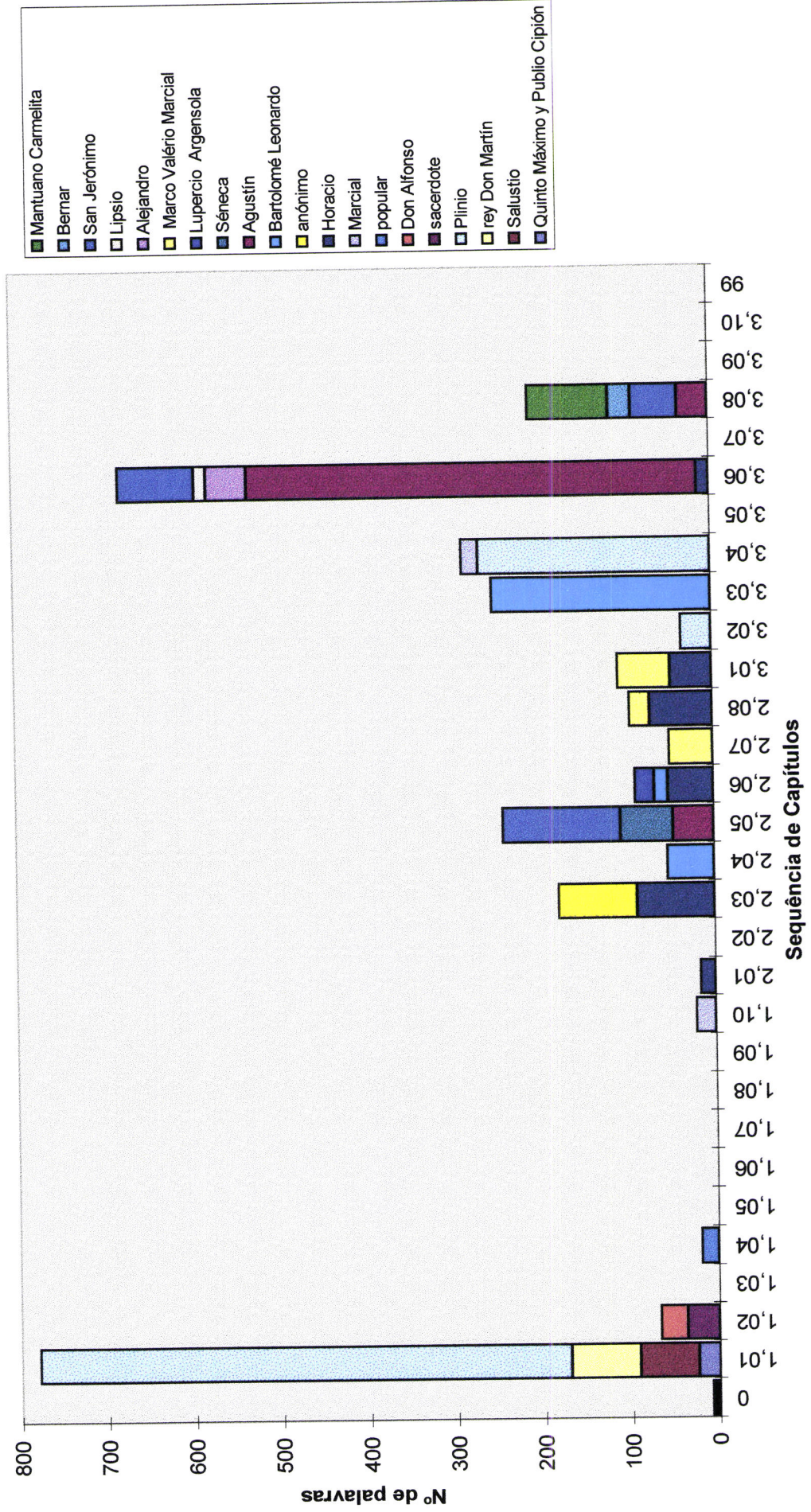
---

<sup>1</sup> A letra indica a versão B da obra, os dois algarismos que a seguem indicam a sua parte, os seguintes o capítulo, e o último o subcapítulo.

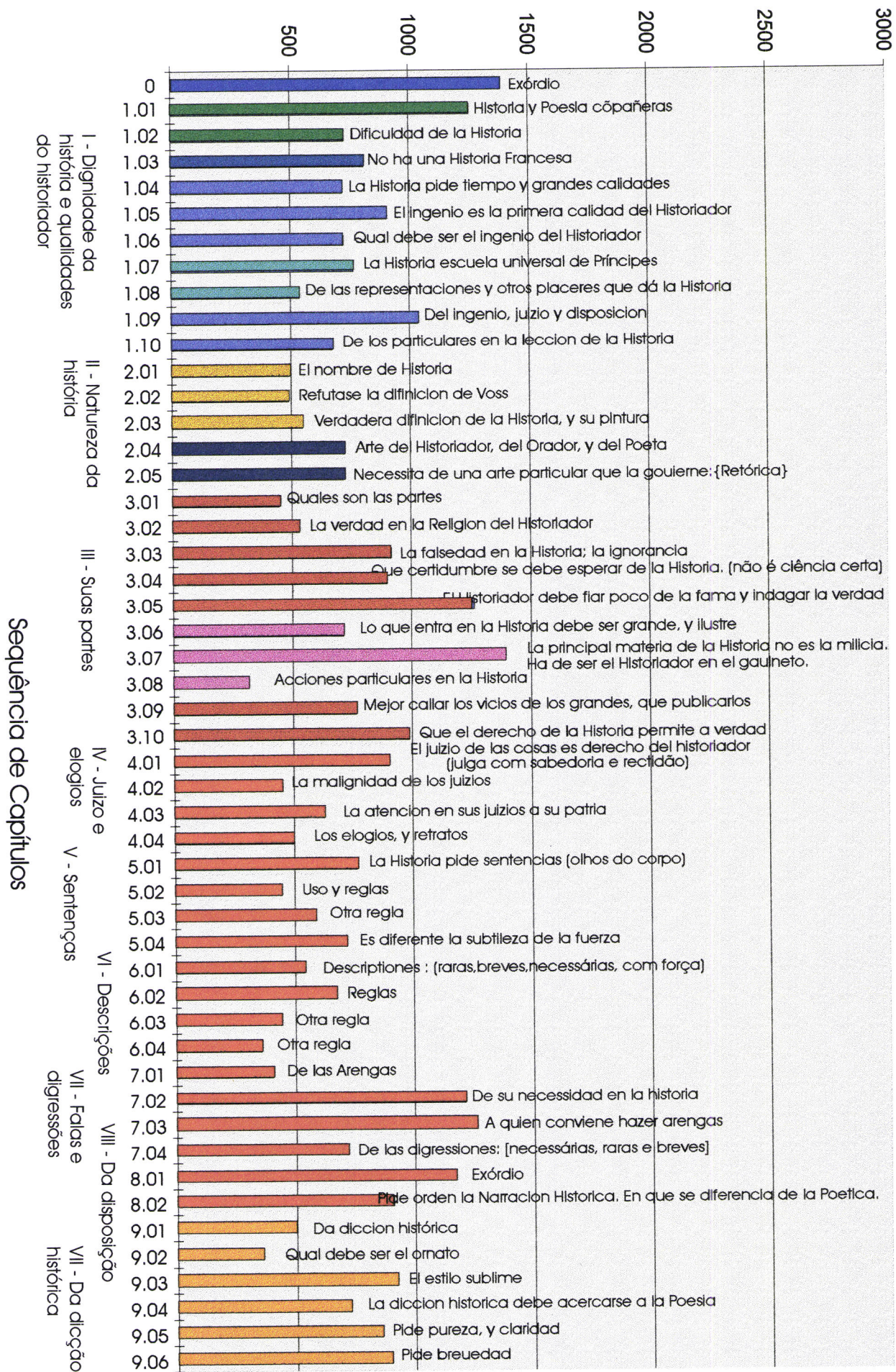
## Genio B, de São José, com indicação de citações



# Discriminação de citações em Genio B, de São José



# Nº de palavras



**Garcia**  
Arte de Historia

Fig. XI - Representação de *Arte de Historia*, de Pierre Moyne & Francisco Garcia, segundo a ordem sequencial de capítulos<sup>(1)</sup>.

*Arte de Historia*, de Moyne, escrita 60 anos depois de *Da Historia*, de Cabrera, surge no contexto cultural francês, parecendo ser uma resposta do autor jesuíta a *De peau de certitude qu'il y a dans l'histoire*, que Mothe le Vayer dois anos antes (1668) havia publicado. Explicitando a ideia-mestra da obra no título do capítulo "Que certidumbre se debe esperar en la historia"<sup>2</sup>, desenvolve uma argumentação em que, depois de fundar a História em ciência certa, "que a governe", - a retórica - discorre difusamente ao longo dos 10 capítulos do discurso quarto sobre as possibilidades do conhecimento da verdade, terminando com a identificação de ignorância a falta de certeza de conhecimento e remetendo para a destruição das bases do cepticismo gnoseológico.

A necessidade de provar a verdade da história, advinda da certeza da ciência que a estrutura, parece fazer ainda com que neste tratado a explicitação das autoridades não surgisse como conclusão natural da obra, mas a anteceder o seu corpo doutrinal, referindo-se como modelos de imitação, não autores, mas explicitamente a própria Arte da retórica.

No entanto, se Cabrera e Moyne&Garcia deram à disposição tratamento percentual idêntico, enquanto aquele apresenta sistematicamente os vários tipos de matérias e os distintos exercícios narrativos, Moyne-Garcia ignora o relato e as Vidas, discorrendo amplamente sobre os que melhor melhor integram o género demonstrativo (elogios, lugar-comum, sentenças<sup>3</sup> e arengas), quase não se referindo nem a sucessos, nem a testemunhos (os capítulos integrados na causa material apenas enunciam do que deve tratar a história, não lhe dando maior especificação). Assim, comparativamente, o sugerido aspecto inovador desta obra, a reflexão sobre o critério de verdade em história e suas condições, surge com valor exclusivamente argumentativo, de polémica, sem relação com a sua conceptualização:

---

<sup>1</sup>O algarismo à esquerda da vírgula corresponde ao número do discurso e os à direita correspondem ao capítulo.

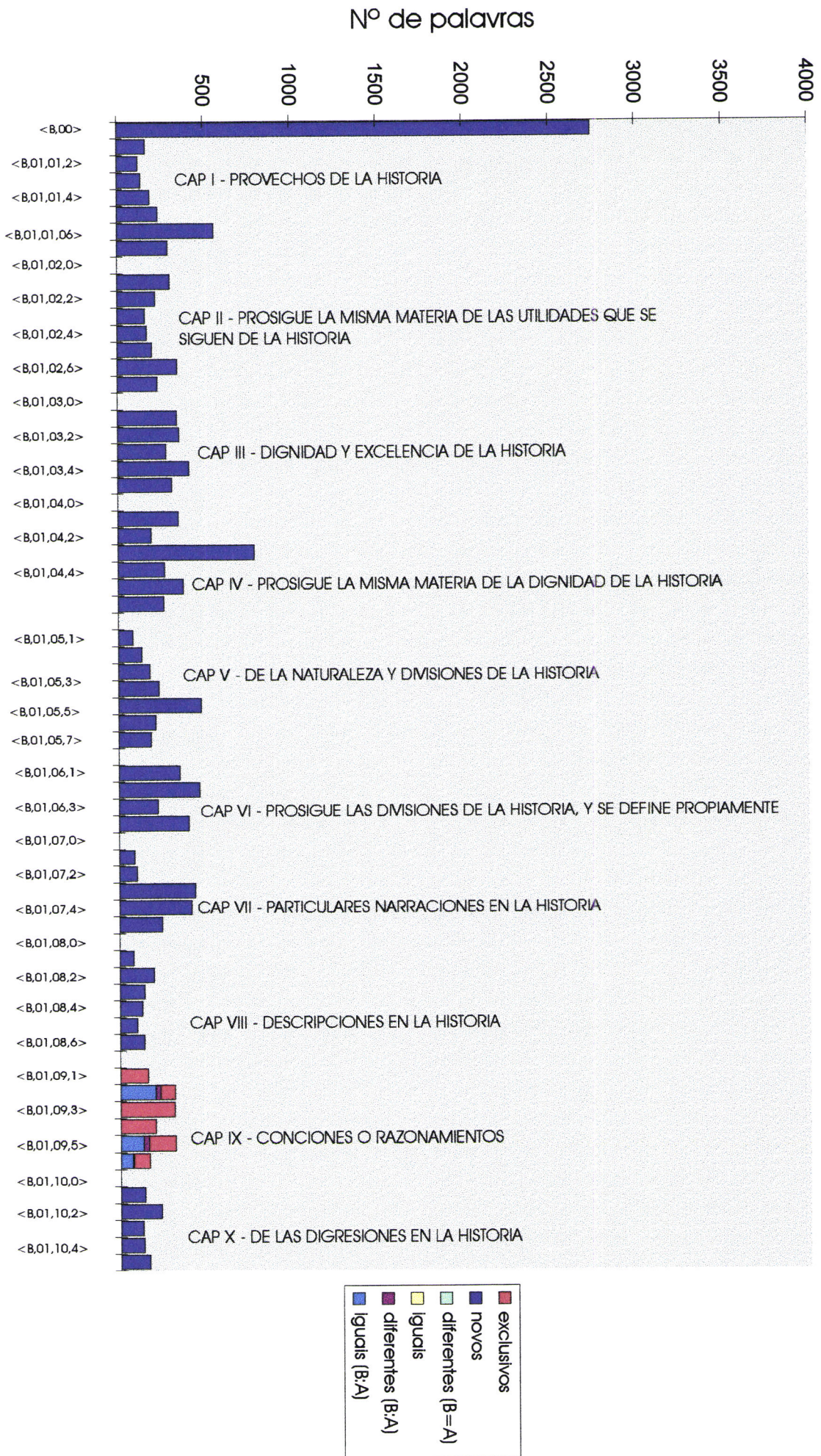
<sup>2</sup>Capítulo 4 do Discurso III -De las partes de la Historia -, *Arte de Historia*, p.86-92.

<sup>3</sup>Juan Costa define-as como uma espécie de argumento, que demonstra pela sua brevidade o que deve fazer-se, ou aquilo que é costuma (cfr. *Conscribenda*, op.cit., p.76), enquanto Garcia as caracteriza de forma definitiva pela metáfora: olhos do corpo.

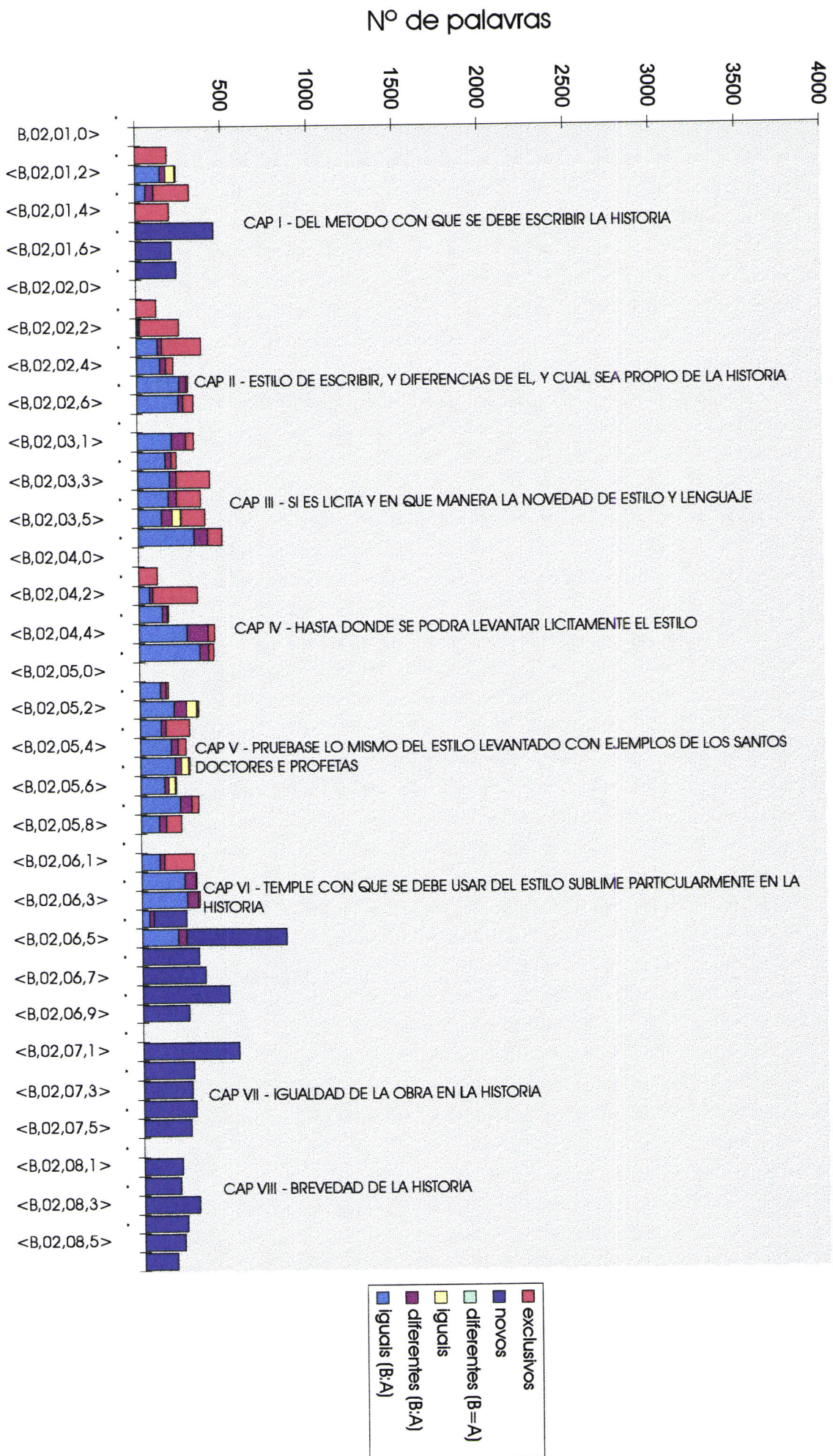
Cfr. *Arte de Historia*, p.143.

conhecimento certo, confirmado pela sua utilidade, a de criar prazer e magnificiência pela representação exemplar, que serve ao príncipe. Exigindo adequado uso da eloquência e conhecimento da realidade política, os historiadores são caracterizados como detentores dessas artes (que Jerónimo de S. José, em *Genio*, ignora), e não enquanto virtuosos. No entanto, pela valorização da história como representação, do estilo sublime, dos exercícios do elogio, juízo, fala e sentenças, pela ausência de doutrina sobre o relato e de referência à especificidade da realidade material, e ainda pela forma de ir discorrendo difusamente, ao longo de inúmeros pequenos capítulos sobre os temas, *Arte de Historia*, de Moyne-Garcia, aproxima-se mais da concepção de *Genio* do que de *Da Historia*.

Sequência de Capítulos



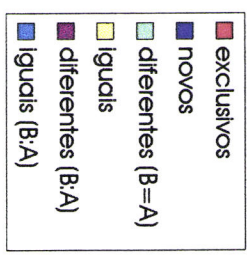
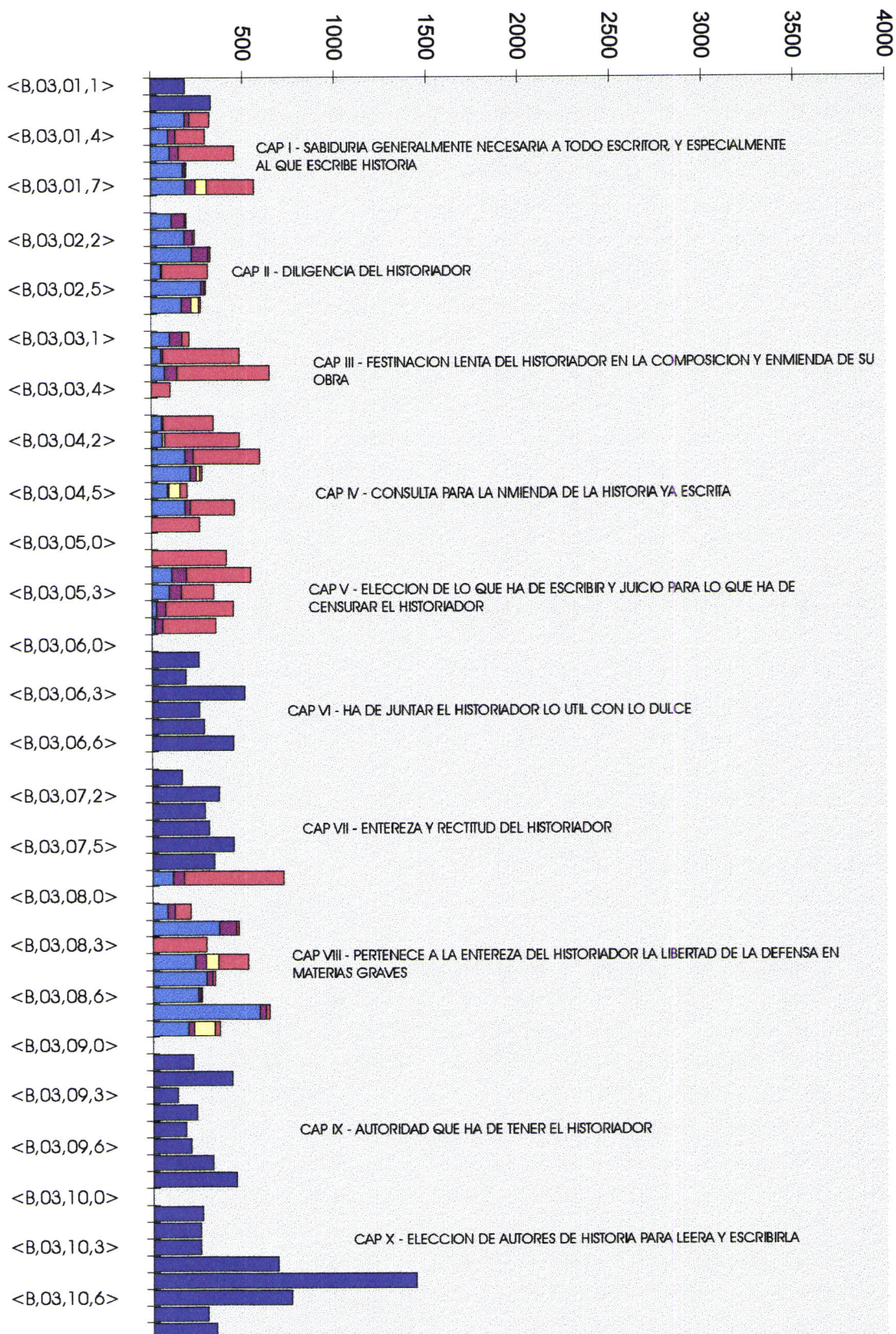
Sequência de Capítulos





# Nº de palabras

Seqüència de Capítulos



Genio B, de S. José  
PARTE III

Código	Descrição	NumLivros
	TOTAL DE OBRAS	3087
1	TOTAL TEMA	894
1.00	ARTE DE MEMÓRIA (s) E IDEAIS	0
1.01	TOTAL	506
1.01.00	HISTÓRIA PROFANA	0
1.01.01	Total	136
1.01.01.00	A VISÃO DO TEMPO: Histórias Gerais e Mitos de Origem	0
1.01.01.01	Historia Universal e Geral do Mundo	28
1.01.01.02	Historia Universal e Geral de Espanha	38
1.01.01.03	História das Antiguidades: Origens, Fundações de Reinos, Províncias e Cidades	39
1.01.01.10	Acerca da Natureza da História: sua escrita, de várias antiguidades e controvérsias	31
1.01.02	Total	276
1.01.02.00	VER NO TEMPO: Crónicas e Relações	0
1.01.02.01	Crónicas: de Reis, Reinos e Províncias	105
1.01.02.02	Corografias, Descrições e Relações de Viagens	32
1.01.02.03	Memórias, Discursos e Relações de Sucessos	100
1.01.02.04	Historiadores Clássicos e Obras de Inspiração Humanista	39
1.01.03	Total	94
1.01.03.00	PERPETUAR O TEMPO: Honra, Calidad e Servicio	0
1.01.03.01	Vidas de Ilustres e Grandes	61
1.01.03.02	Nobiliários ou livros genealógicos	33
1.02	TOTAL	388
1.02.00	HISTÓRIA DO DIVINO	0
1.02.01	Total	83
1.02.01.00	HISTÓRIA DO SAGRADO	0
1.02.01.01	Vida de Maria e Mariologia	26
1.02.01.02	Vida de Cristo e Cristologia	45
1.02.01.03	Vidas de Personagens Bíblicas	12
1.02.02	Total	305
1.02.02.00	HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA	0
1.02.02.01	Vidas de Santos e Religiosos	155
1.02.02.02	Da História Eclesiástica Secular	35
1.02.02.03	Ordens Religiosas e Congregações	98
1.02.02.10	Controvérsias	17
2	TOTAL TEMA	339
2.00	ARTES DE GOVERNAÇÃO	0
2.01	TOTAL	69
2.01.00	POLÍTICA	0
2.01.01	Tratados de Educação, Regras de Cortesão e Corte	25
2.01.02	Do Governo da Res-Pública	44
2.02	MILÍCIA	43
2.03	TOTAL	20
2.03.00	DA RIQUEZA	15
2.03.01	Agricultura	5
2.04	TOTAL	74
2.04.00	DIREITO	0
2.04.01	Direito Canónico	23
2.04.02	Direito Cível	34
2.04.03	Direito Político	17
2.05	RELAÇÕES DE SUCESSOS E DECLARAÇÕES	26
2.07	MEMORIAIS	14
2.08	TOTAL	81
2.08.00	ROTINAS MUNDANAS E RELIGIOSAS	17
2.08.01	Festas	39
2.08.02	Cântico e Música	25
2.10	CONTROVÉRSIAS	12
3	TOTAL TEMA	615
3.00	ARTE: Linguagens e Escrita	0
3.01	POESIA	121
3.02	DO ESTUDO ( e traduções) DOS CLÁSSICOS	119

Código	Descrição	NumLivros
3.03	TOTAL	215
3.03.00	LINGUAGENS DE VEROSIMILHANÇA	0
3.03.01	Literatura Moral: Histórias Fingidas, Novelas e Diálogos	131
3.03.02	Comédia	56
3.03.03	Panegíricos e Orações Fúnebres	28
3.08	EPISTOLÁRIO	16
3.10	MISCELÂNEA VARIA	13
3.19	INSTRUMENTOS DE HUMANIDADES: Dicionários e Gramáticas, Retórica e Poética	131
4	TOTAL TEMA	249
4.00	CIÊNCIAS (De Natureza Humana)	2
4.01	QUADRIVIUM	30
4.02	FILOSOFIA (inclui reflexão moral e metafísica)	23
4.03	MEDICINA, CIRURGIA E FARMÁCIA	130
4.04	FILOSOFIA NATURAL	18
4.05	ARQUITECTURA	10
4.06	COSMOGRAFIA, ASTRONOMIA E NÁUTICA	36
5	TOTAL TEMA	990
5.00	CIÊNCIA DO CULTO E GOVERNO DAS ALMAS	0
5.01	TOTAL	557
5.01.00	TEOLOGIAS	0
5.01.01	Teologia Geral e Doutrina Moral	190
5.01.02	Teologia Dogmática, dos Sacramentos e Catecismo	134
5.01.03	Ascética e Mística	233
5.02	TOTAL	165
5.02.00	TEXTOS SAGRADOS E INTERPRETAÇÕES	0
5.02.01	Bíblia e Comentários	57
5.02.02	Sermonário e Homílias	108
5.03	LITURGIA E ECLESIOLOGIA	268

- WHITE, Hayden, "The question of narrative in contemporary historical theory.", *History and Theory*, 23, 1984, pp.1-33.
- WHITE, Hayden, *El contenido de la Forma. Narrativa, discurso y representación histórica*. Barcelona, Paidós, 1992.
- WHITE, Hayden, *Metahistoria. La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX*, México, F.C.M., 1992.
- WIEBE, Janyce M., "Tracking Point of View in Narrative.", in *Computational Linguistics*, 1994, vol.20, nº2, pp.233-287.
- WISDOM, J. O., "General Explanation in History.", *History and Theory*, 15, 3, 1976, pp.256-266.
- WOTHERSPOON, Irene, "Historical thesaurus database using Ingres.", in *Literary and Linguistic Computing*, vol.7, 3, 1992, pp.218.225.
- YAGUELLO, Marina, *Alice no País da Linguagem. Para Compreender a Linguística*, Lisboa, Estampa, 1991.
- YARDENI, Myriam, "Historiographie et périodisation en France au XVIe Siècle." ,in *Pratiques et Concepts de l'Histoire en Europe, XVIe-XVIIIe Siècles*, Sorbonne, P.U.P., 1990, pp.43-58.
- YARDENI, Myriam, "Journalisme et Histoire Contemporaine a l'epoque de Bayle.", *History and Theory*, 12, 1, 1973, pp.208-229.
- YATES, Frances Amelia, *El Arte de la Memoria*, Madrid, Taurus, 1974.
- YELA, Mariano, *Estudios Sobre Inteligencia y Lenguaje*, Madrid, Pirámide, 1987.
- YELO TEMPLADO, Antonio, "El Cronicón del Pseudo-Dextro proceso de redacción.", *Anales de la Universidad Murcia*, 3-4, XLIII, 1984-85, pp.103-121.
- YELO TEMPLADO, Antonio, "La Rioja en los falsos cronicones.", *Cuadernos de Investigación Historia*, X, 1984, pp.287-294.
- YLLÁN CALDERÓN, Esperanza, "Los estudios del reinado de Felipe IV. La obra historiografica de un hombre de Estado.", *Cuadernos de Historia Moderna Y Contemporánea*, VI, Madrid, Univer. Complutense, 1985, pp.257-279.
- YLLERA, Alicia, *Estilística, Poética y Semiótica Literaria*, Madrid, Alianza, 1974.
- YOUNG, Steve, *Experiments in HMM-based Speech Recognition using the HTK Hidden Markov Model Toolkit*, Cambridge, Cambridge University Engineering Department, ELSNET Summer School on Corpus-based Methods, 1994, (policop.).
- ZAGORIN, Perez, "Historiography and Postmodernism: Reconsiderations.", *History and Theory*, 29, 2, 1990, pp.263-274.
- ZOBERMAN, Pierre, "Voir, savoir, parler: la rhétorique et la vision au XVII et au début du XVIII siècle.", *XVIIe Siècle*, 133, 1981, pp.409-428.
- ZOBERMANN, Pierre, "Généalogie d'une image: l'éloge spéculaire.", *XVIIe Siècle*, 146, 1985, pp.79-91.

ZUMTHOR, Paul, *Le Masque et la Lumière. La Poétique des Grands Rhéteurs*, Paris, Seuil, 1978.

ZUMTHOR, Paul, *La Medida del Mundo*, Madrid, Catedra, 1994.